

Projeto de Pós-Doutorado
Antologia Temática ou Estado da Arte da Literatura

SAÚDE, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE SEGUNDO O ESPIRITISMO

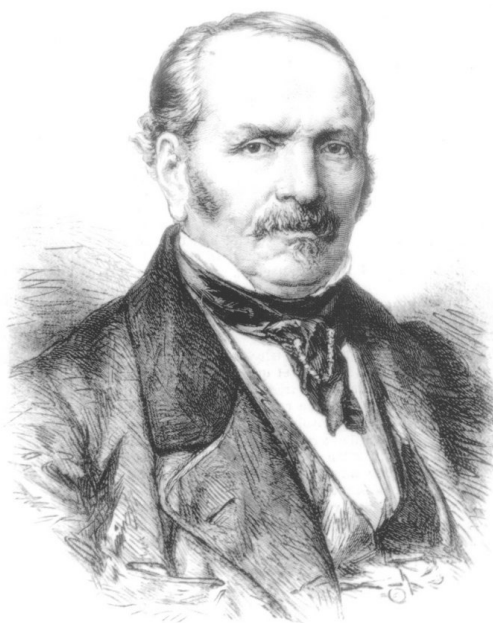


Volume I **Religiosidade segundo o Espiritismo**

Marcus Zulian Teixeira

ihpv

SAÚDE, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE SEGUNDO O ESPIRITISMO



Volume I Religiosidade segundo o Espiritismo

Marcus Zulian Teixeira

São Paulo
Edição do Autor
2025



Copyright © 2025 Marcus Zulian Teixeira (editor)

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Daniela Di Giovanni

A presente obra recebeu os apoios do **IHPV** (editoração) e da **AME-Brasil** (divulgação).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Marcus Zulian.

Religiosidade segundo o espiritismo [livro eletrônico] / Marcus Zulian Teixeira. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2025. -- (Saúde, espiritualidade e religiosidade segundo o espiritismo ; v. 1)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-48905-6

1. Espiritismo 2. Espiritismo - Doutrinas
3. Jesus Cristo - Interpretações espíritas
I. Título. II. Série.

25-274525

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB 8/9427

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023:2018:

TEIXEIRA, Marcus Zulian. **Religiosidade segundo o Espiritismo**. São Paulo: Edição do Autor, 2025. (Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo; v. 1). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1606085>



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Os autores são exclusivamente responsáveis pelas ideias, conceitos, citações e imagens apresentadas neste livro.

Volume I

Religiosidade

segundo o Espiritismo

Marcus Zulian Teixeira

Graduação em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior
de Agricultura “Luiz de Queiróz” (ESALQ-USP)

Graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo (FMUSP)

Pós-Graduação em Medicina Homeopática pela
Associação Paulista de Homeopatia (APH)

Médico Especialista em Homeopatia (AMB-AMHB)

Doutorado em Ciências Médicas pela FMUSP

Pesquisador da FMUSP

Currículo Lattes (CNPQ)

ORCID

www.homeozulian.med.br 

“Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que estudá-la metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das ideias.”
(Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*)

“É indispensável a cada um o esforço próprio no estudo, meditação, cultivo e aplicação da Doutrina, em toda a intimidade de sua vida.”
(Emmanuel, *O Consolador*)

“Todas as aquisições espirituais exigem perseverança no estudo, na observação e no serviço aplicado.”
(André Luiz, *Obreiros da Vida Eterna*)

“Estudar o Espiritismo na sua limpidez cristalina e sabedoria incontestável é dever que não nos é lícito postergar, seja qual for a justificativa a que nos apoiemos. Cada conceito necessariamente examinado reluz e clarifica o entendimento, facultando mais amplas percepções, em torno da vida e dos seus fenômenos.”
(Joanna de Ângelis, *Estudos Espíritas*)

“O estudo sistematizado do Espiritismo é hoje, como foi no passado e será no futuro, uma necessidade que não deve ser postergada sob qual for o motivo que, aparentemente, se apresente como justificado.”
(Manoel Philomeno de Miranda, *Temas da Vida e da Morte*)



Volume I

Espiritualidade segundo o Espiritismo

Sumário

Sumário

Apresentação.....	10
Prefácio	11
Lista de Legendas das Obras Citadas.....	12
Introdução	14
“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou estado da arte da literatura”	
Projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2022-2025)	
Primeira Parte – Religião e Religiosidade	38
I. Deus	39
I.1. Definição, natureza e atributos de Deus	39
I.2. Provas da existência de Deus	41
II. Evolução da atividade religiosa ou religiosidade	43
II.1. Atividade religiosa das raças e dos povos antigos.....	43
II.2. As três revelações religiosas: Moisés, Cristo e Espiritismo	47
III.3. Religião e religiosidade / Religiosidade extrínseca e intrínseca.....	50
III. Jesus e o Evangelho	56
III.1. Provas sobre a natureza (humana e/ou divina) de Jesus Cristo	56
III.2. Importância da vinda de Jesus	59
III.3. O Evangelho de Jesus Cristo (<i>Novo Testamento</i>).....	64
IV. Evolução do Cristianismo após Jesus	70
IV.1. Cristianismo e Catolicismo	70
IV.2. Cristianismo e Idade Média.....	76
IV.3. Cristianismo e Renascimento	81
IV.4. Cristianismo e Espiritismo	87
V. Dogmatismo das religiões	91
V.1. Aliança da religião com a ciência: fé cega ou fé raciocinada?	91
V.2. Ressurreição ou reencarnação?	94
V.3. Causa dos sofrimentos: castigo divino ou justiça universal?	98
V.4. A expulsão do paraíso: queda do homem ou aquisição da consciência? / O pecado original: eternidade das penas ou imperfeição humana?	101
V.5. As penas futuras segundo o Espiritismo	104
VI. Milagres: fenômenos sobrenaturais ou naturais?	108
VI.1. A causa dos fenômenos sobrenaturais está na ação natural do espírito inteligente sobre a matéria	108
VI.2. Explicação racional dos milagres na compreensão dos fenômenos espíritas.....	113
VI.3. Racionalidade dos fenômenos espíritas está fundamentada na natureza semimaterial dos espíritos (envoltório fluídico ou perispírito)	117
VI.4. Explicação para alguns fenômenos “sobrenaturais” específicos	122
VI.5. Mediunidade: fenômeno natural inerente ao ser humano	133
VI.6. Os milagres do Evangelho de Jesus Cristo (<i>Novo Testamento</i>).....	138
VII. Religião após a morte	139

Segunda Parte – Espiritismo 142

I. Histórico do Espiritismo 143

- I.1. Precursores do Espiritismo 143
- I.2. Início, desenvolvimento e constituição do Espiritismo 148
- I.3. Passado, presente e futuro do Espiritismo 156

II. Considerações sobre a revelação espírita.....164

- II.1. Autoridade da revelação espírita: universalidade e concordância dos ensinamentos dos espíritos 164
- II.2. Caráter da revelação espírita: divina e científica, cristã e espiritualista, fenomenológica e experimental, gradativa e progressiva 169
- II.3. Aspectos fundamentais da revelação espírita..... 172

III. Missão do Espiritismo.....178

- III.1. Esclarecer as consciências sobre os aspectos, princípios e valores da vida espiritual (desencarnação e imortalidade da alma, interação entre encarnados e desencarnados, planos espirituais, reencarnação e evolução do espírito) 178
- III.2. Aperfeiçoamento ético-moral da humanidade e evolução do planeta..... 189

VI. Características e atribuições do espírita.....202

- IV.1. Tipos de espíritos: incertos, crentes, experimentadores, imperfeitos, verdadeiros e exaltados.... 202
- IV.2. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação ética-moral..... 204
- IV.3. Resiliência do espírita às vicissitudes da vida e da morte..... 209
- IV.4. Missão e responsabilidades do espírita 210

V. Críticas ao Espiritismo.....225

- V.1. Tipos ou categorias de adversários do Espiritismo..... 225
- V.2. Críticas e preconceitos aos fenômenos espíritos (mediúnicos)..... 226
- V.3. Críticas devidas ao desconhecimento da doutrina espírita 228
- V.4. Críticas oriundas do pensamento materialista (não negacionista)..... 234
- V.5. Críticas aos fenômenos espíritos de efeitos físicos (sistemas de negação)..... 236
- V.6. Críticas aos fenômenos espíritos de efeitos inteligentes (sistemas de negação)..... 239
- V.7. Críticas ao papel ativo dos espíritos nos fenômenos espíritos..... 246
- V.8. Críticas oriundas do preconceito e do orgulho científico 253
- V.9. Críticas ao tipo, forma e conteúdo das manifestações espíritas..... 255
- V.10. Críticas que relacionam a mediunidade a transtornos na saúde 258

Terceira Parte – Morte do Corpo e Imortalidade do Espírito 260

I. Alma ou espírito.....261

- I.1. Definição, natureza, origem e atributos da alma ou espírito 261
- I.2. Espírito e perispírito 265
- I.3. Provas da existência da alma (espírito) após a morte..... 269
- I.4. Reinos da natureza, elementos constituintes e teoria evolutiva: minerais (matéria), plantas (vitalidade), animais (instinto) e homem (inteligência)..... 272
- I.5. Evolução e corpo espiritual..... 283

II. Corpo como instrumento da alma (espírito) durante a encarnação.....285

III. Morte do corpo e sobrevivência da alma (espírito).....287

- III.1. O fenômeno da morte: desagregação do corpo orgânico e desprendimento do espírito 287
- III.2. Sobrevivência da alma (espírito) após a morte..... 294

VI. Incerteza quanto ao futuro e temor da morte 298

- IV.1. Descrença na sobrevivência e na evolução do espírito após morte / Doutrinas negacionistas (materialismo, panteísmo, deísmo e dogmatismo) 298
 - IV.2. Descrença na imortalidade da alma (espírito) e temor da morte 302
 - IV.3. O Espiritismo reitera a crença na sobrevivência da alma e na evolução do espírito, dissipando o medo da morte..... 306
-

Quarta Parte – Evolução, Classificação, Ocupação e Missão dos Espíritos 318

I. Evolução e progressão dos espíritos.....	319
II. Classificação dos espíritos segundo o Espiritismo.....	322
II.1. Escala espírita: ordens e classes de espíritos segundo sua evolução	322
II.2. Terceira ordem – Espíritos imperfeitos (dividida em cinco classes).....	323
II.3. Segunda ordem – Espíritos bons (dividida em quatro classes)	325
II.4. Primeira ordem – Espíritos puros (classe única)	326
III. Anjos e demônios.....	327
III.1. Anjos.....	328
III.2. Demônios.....	333
IV. Influência, ocupação e missão dos espíritos	344
IV.1. Influência dos espíritos em nossos pensamentos.....	344
IV.2. Influência dos espíritos sobre a matéria – Manifestações mediúnicas	346
IV.3. Influência dos espíritos nos acontecimentos da vida.....	352
IV.4. Ocupação e missão dos espíritos	355
V. Anjos de guarda, espíritos protetores ou guias espirituais	358
V.1. Definição	358
V.2. Tarefa dos guias espirituais – Atividades junto aos encarnados.....	360
V.3. Atitudes dos encarnados que favorecem a atuação dos guias espirituais.....	368
V.4. Obstáculos à ajuda.....	371

Quinta Parte – Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais 374

I. Evolução dos mundos segundo a evolução dos espíritos encarnados.....	375
I.1. Evolução e progressão dos mundos.....	375
I.2. Mundos inferiores, intermediários e superiores / Mundos primitivos, de expiação, de regeneração, ditos e celestes.....	376
II. Aspectos da vida dos espíritos desencarnados.....	380
II.1. Espíritos desencarnados, livres ou errantes	380
II.2. Mundo dos espíritos	381
II.3. Percepções, sensações e sofrimentos dos espíritos	385
II.4. Distúrbios e doenças perpetuadas nos espíritos após a morte.....	391
II.5. Alimentação dos espíritos	394
II.6. Linguagem e comunicação entre os espíritos	398
II.7. Locomoção dos espíritos – Volitação	399
II.8. Forma e aparência dos espíritos.....	402
II.9. Relações entre os espíritos desencarnados	403
II.10. Recordações (memórias) do espírito após a morte	407
II.11. Escolha das provas e expiações pelo espírito antes da reencarnação	411
III. Paraíso, inferno e purgatório.....	415
III.1. Paraíso	417
III.2. Inferno.....	421
III.3. Purgatório.....	429
IV. Planos espirituais e sociedades afins.....	432
V. Planos ou esferas espirituais superiores.....	437
V.1. Reinos da natureza nos planos espirituais superiores.....	437
V.2. Vida social, afetiva e sexual dos habitantes das esferas superiores.....	438
V.3. Cidades e colônias nas esferas espirituais superiores.....	441
V.4. Organização administrativa e social de “Nosso Lar”	442
V.5. Organização administrativa e social do “Almas Irmãs”	452
V.6. Organização administrativa e social do “Hospital-Escola Esperança”	453

V.7.	Organização administrativa e social da “Colônia Espiritual Redenção”.....	463
V.8.	Organização administrativa e social do “Santuário da Esperança”	467
VI.	Planos ou esferas espirituais inferiores.....	469
VI.1.	Umbral ou Purgatório – Trevas ou Inferno	469
VI.2.	Características das regiões espirituais inferiores e seus habitantes.....	471
VI.3.	Função de depuração (purgação) do espírito desencarnado	475
VI.4.	Particularidades dos espíritos que habitam as regiões inferiores	479
VI.5.	Agrupamentos do mal e seus habitantes.....	482
VI.6.	Postos de socorro, núcleos de apoio e centros de atendimento aos espíritos necessitados.....	491
VI.7.	Missões de auxílio e socorro aos espíritos sofredores	509
VI.8.	O auxílio é prestado às almas renovadas.....	523
VI.9.	Características e atividades das colônias e organizações do mal.....	532
Sexta Parte –	Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas	582
I.	Sociedades ou centros espíritas.....	583
I.1.	Organização e regulamento das sociedades ou centros espíritas.....	583
I.2.	Finalidades das sociedades espíritas: estudo da doutrina espírita e da mediunidade, assistência espiritual, evangelização, doutrinação e desobsessão	594
I.3.	Férias nas sociedades ou centros espíritas.....	604
II.	Reuniões espíritas gerais	606
II.1.	Finalidades e tipos de reuniões espíritas.....	606
II.2.	Requisitos essenciais para reuniões e comunicações espíritas sérias.....	609
II.3.	Influência do psiquismo e das vibrações mentais dos participantes.....	618
II.4.	Atividades preparatórias para as reuniões espíritas.....	623
II.5.	Mau uso das reuniões espíritas e da mediunidade: busca por interesses pessoais e materiais	628
II.6.	Ataque de entidades perturbadoras às reuniões espíritas.....	633
II.7.	Aparelhagem especializada utilizada nas atividades espirituais.....	643
II.8.	Atitudes desejáveis dos membros da equipe após as reuniões espíritas.....	652
III.	Evangelização cristã – Educação evangélica.....	654
III.1.	Importância do Evangelho de Jesus Cristo (<i>Novo Testamento</i>).....	654
III.2.	Caminho de redenção, melhoramento, felicidade e evolução espiritual.....	659
III.3.	Evangelho e ciência.....	664
IV.	Doutrinação de entidades obsessoras	667
IV.1.	Importância e preparo da tarefa de doutrinador	667
IV.2.	Fracasso na missão de doutrinador.....	668
IV.3.	Requisitos para a nobre tarefa: exemplificação educadora.....	672
IV.4.	Utilização da palavra como fonte de forças transformadoras	676
IV.5.	Emprego do magnetismo humano (ectoplasma) na tarefa de doutrinação	680
V.	Reuniões espíritas de desobsessão.....	683
V.1.	Interação entre encarnados e desencarnados: importância e magnitude	683
V.2.	Obsessão: definição, causas e tipos de obsessão	684
V.3.	Desobsessão: tratamento complexo e de longo curso que demanda o aperfeiçoamento ético-moral do obsidiado	691
V.4.	Requisitos essenciais para reuniões de desobsessão sérias	697
Referências Bibliográficas	713	

Apresentação

Salvador, 18 de fevereiro de 1992.

Meu caro Marcus:

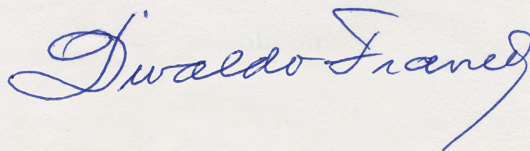
Jesus seja conosco e nos abençoe!

Foi-me um grande prazer estar com você, não obstante rapidamente.

Chegando à Casa onde me encontrava, comecei a folhear o seu trabalho e proseguei fazendo-o com encantamento. A sua inspiração em realizá-lo é muito feliz, porque vem preencher uma lacuna em nossos meios. Às vezes, gostaríamos de encontrar um assunto que lemos e não nos recordamos em que Obra. Tendo esse valioso contributo especializado, já iremos diretamente ao assunto, relendo-o, na síntese maravilhosa que você apresenta.

Conforme lhe disse, Manoel P. de Miranda esteve ao seu lado durante a realização do labor e encontra-se feliz com o resultado, orando, a fim de que logre o destino: chegar aos corações e mentes humanas.

Abraçando-o e desejando-lhe progresso contínuo, seu irmão em Jesus,



(Resenha do médium baiano **Divaldo Pereira Franco** ao “projeto-piloto” dessa série de livros, apresentado em 1992)

Prefácio

É com enorme prazer que escrevo o prefácio desta obra monumental do Dr. Marcus Zulian Teixeira. Trata-se de um trabalho extraordinário, resultado de décadas de dedicação ao cuidado com a saúde humana, à pesquisa científica e ao aprofundamento em questões espirituais e existenciais.

A trajetória de Marcus é singular. Formou-se, inicialmente, em Engenharia Agrônoma pela ESALQ-USP, em 1981, atuando durante cinco anos na área, com foco no desenvolvimento de produtos ecologicamente sustentáveis. No entanto, seu interesse crescente pelos fatores que promovem e restauram a saúde o levou a trilhar um novo caminho: a Medicina. Formou-se médico pela Faculdade de Medicina da USP em 1991 e, em seguida, especializou-se em Homeopatia pela Associação Paulista de Homeopatia (1992–1994), obtendo o título de especialista pela Associação Médica Brasileira (1995).

Além de clínico, Marcus é um pesquisador incansável, movido por curiosidade intelectual e espírito científico. Defendeu seu doutorado pela FMUSP em 2009 e realizou pós-doutorado na mesma instituição em 2017. Foi nesse período que o conheci, quando ele se aproximou do Programa em Saúde, Espiritualidade e Religiosidade do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP (ProSER), demonstrando interesse em desenvolver seus projetos de pesquisa. Desde então, tenho me impressionado com sua seriedade, rigor e comprometimento.

Em 2020, iniciou uma linha de pesquisa original e promissora: investigar os efeitos de preparações homeopáticas isoterápicas de DNA (a chamada “homeopatia genômica”) sobre os telômeros — estruturas fundamentais à integridade do material genético celular — em voluntários saudáveis. Esse estudo piloto, ainda em andamento, poderá trazer importantes contribuições à compreensão da saúde celular sob uma perspectiva inovadora.

Nos últimos anos, tenho-me dedicado ao estudo da relação entre espiritualidade/religiosidade e saúde mental e física, tanto na prevenção quanto na reabilitação de pacientes. A relevância desse campo vem sendo confirmada por um número crescente de estudos científicos robustos — compilados nas edições do *Handbook of Religion and Health* (1998, 2012 e 2024)¹, coordenado pelo Prof. Harold Koenig e colaboradores.

Sabendo desse meu interesse, o Dr. Marcus propôs, em 2022, seu segundo pós-doutorado, com o objetivo de descrever e sistematizar as inter-relações entre saúde, espiritualidade e religiosidade à luz da Doutrina Espírita. A pesquisa, cuidadosamente conduzida, consistiu em um levantamento temático das principais obras da literatura espírita, agrupando os conteúdos conforme sua relação com os três eixos do estudo. O resultado é esta obra grandiosa — um verdadeiro “estado da arte” sobre o tema — que agora se apresenta ao público em três volumes: **Religiosidade segundo o Espiritismo, Espiritualidade segundo o Espiritismo e Saúde segundo o Espiritismo**.

Cada tomo aborda, com profundidade, um dos aspectos centrais da investigação, empregando o método da antologia temática como recurso discursivo.

Este conjunto representa uma contribuição ímpar à compreensão das interfaces entre saúde, espiritualidade e religiosidade sob a ótica espírita, consolidando um campo teórico-prático e oferecendo uma referência essencial para estudiosos e futuros pesquisadores.

Espera-se, ainda, que esta publicação inspire iniciativas semelhantes voltadas a outras tradições religiosas, como o islamismo, judaísmo, hinduísmo e budismo, entre outras — promovendo o diálogo entre ciência, espiritualidade e cultura.

Permito-me, por fim, um comentário pessoal: em mais de 35 anos de vida acadêmica, não conheci alguém tão dedicado, metódico e gentil como Marcus Zulian Teixeira. Além de clínico respeitado e referência internacional em homeopatia — com publicações regulares na principal revista da área, a *Homeopathy* —, destaca-se em rankings de produção científica e mantém um rigor e ética admiráveis.

Em suma, esta obra é singular: fruto do trabalho de um médico e pesquisador reconhecido, profundo conhecedor da Doutrina Espírita, e que oferece ao público uma reflexão densa, generosa e transformadora.

Boa leitura — e boa reflexão!

Homero Vallada

Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da
Faculdade de Medicina da USP

¹ Harold G. Koenig, Tyler VanderWeele, and John R. Peteet, *Handbook of Religion and Health*, 3rd edn (New York, 2024; online edn, Oxford Academic, 23 Nov. 2023). Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190088859.001.0001>.

Lista de Legendas das Obras Citadas

Allan Kardec

AK, *O livro dos espíritos* / Allan Kardec. *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. 1857.

AK, *O livro dos médiuns* / Allan Kardec. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. 1859.

AK, *O evangelho segundo o espiritismo* / Allan Kardec. *O evangelho segundo o espiritismo*. 1863.

AK, *O céu e o inferno* / Allan Kardec. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. 1865.

AK, *A gênese* / Allan Kardec. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. 1868.

AK, *Obras póstumas* / Allan Kardec. *Obras póstumas*. 1890.

Francisco Cândido Xavier

AL, *Nosso lar* / André Luiz (Espírito). *Nosso lar*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1944.

AL, *Os mensageiros* / André Luiz (Espírito). *Os mensageiros*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1944.

AL, *Missionários da luz* / André Luiz (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1945.

AL, *Obreiros da vida eterna* / André Luiz (Espírito). *Obreiros da vida eterna*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1946.

AL, *No mundo maior* / André Luiz (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1947.

AL, *Libertação* / André Luiz (Espírito). *Libertação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1949.

AL, *Entre a terra e o céu* / André Luiz (Espírito). *Entre a terra e o céu*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1957.

AL, *Nos domínios da mediunidade* / André Luiz (Espírito). *Nos domínios da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1955.

AL, *Ação e reação* / André Luiz (Espírito). *Ação e reação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1957.

AL, *Evolução em dois mundos* / André Luiz (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1959.

AL, *Mecanismos da mediunidade* / André Luiz (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1960.

AL, *Sexo e destino* / André Luiz (Espírito). *Sexo e destino*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1963.

AL, *E a vida continua* / André Luiz (Espírito). *E a vida continua...* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1968.

AL, *Desobsessão* / André Luiz (Espírito). *Desobsessão*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1964.

EMM, *Emmanuel* / Emmanuel (Espírito). *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1938.

EMM, *A caminho da luz* / Emmanuel (Espírito). *A caminho da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1939.

EMM, *O consolador* / Emmanuel (Espírito). *O consolador*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1941.

EMM, *Roteiro* / Emmanuel (Espírito). *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1952.

Divaldo Pereira Franco

MPM, *Nos bastidores da obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nos bastidores da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1970.

MPM, *Grilhões partidos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Grilhões partidos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1974.

MPM, *Tramas do destino* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tramas do destino*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1976.

MPM, *Nas fronteiras da loucura* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nas fronteiras da loucura*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1982.

MPM, *Painéis da obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Painéis da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1984.

MPM, *Temas da vida e da morte* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Temas da vida e da morte*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1996.

MPM, *Loucura e obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Loucura e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1988.

MPM, *Trilhas da libertação* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Trilhas de libertação*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1996.

MPM, *Tormentos da obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tormentos da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2001.

MPM, *Sexo e obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Sexo e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2003.

MPM, *Entre os dois mundos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Entre os dois mundos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2006.

MPM, *Reencontro com a vida* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Reencontro com a vida*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2006.

MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2009.

MPM, *Transição planetária* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transição planetária*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2010.

MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Mediunidade: desafios e bênçãos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2012.

MPM, *Amanhecer de uma nova era* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Amanhecer de uma nova era*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2012.

MPM, *Perturbações espirituais* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Perturbações espirituais*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2015.

JA, *Estudos espíritas* / Joanna de Ângelis (Espírito). *Estudos espíritas*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1982.

JA, *O homem integral* / Joanna de Ângelis (Espírito). *O homem integral*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1990.

Yvonne do Amaral Pereira

BM, *Dramas da obsessão* / Bezerra de Menezes (Espírito). *Dramas da obsessão*. Psicografado por Yvonne do Amaral Pereira. 1964.



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Introdução

**“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo
o Espiritismo: antologia temática ou estado da
arte da literatura”**

Projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao
Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo
(2022-2025)

Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou estado da arte da literatura^{1,2}

I Introdução

Em todas as civilizações e culturas, desde épocas mais remotas, o ser humano busca compreender sua essência espiritual, ponto de ligação com a Divindade e subsídio ao entendimento do sentido da vida e do mistério da morte. Denominada, simplificada e, como alma ou espírito, representa a esperança na continuidade do ser e de sua vida de relações afetivas após o desenlace carnal, assumindo posição de destaque no desenvolvimento de diversas filosofias e religiões.

Paralelamente, racionalidades médicas vitalistas seculares (Medicina Tradicional Chinesa, Medicina Tradicional Indiana e Homeopatia, dentre outras) também contribuem à ampliação do entendimento do processo saúde-doença, localizando em instâncias não materiais (força vital, mente, alma e espírito, dentre outras) as possíveis causas do adoecimento humano e correlacionando manifestações subjetivas da individualidade (pensamentos, sentimentos e emoções, dentre outras) ao desequilíbrio dos diversos sistemas fisiológicos (Teixeira, 1996, 2000a, 2000b, 2002, 2017b).

Segundo Harold Koenig (2012), importante pesquisador da interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade, “religião, medicina e saúde têm sido relacionados de uma maneira ou de outra em todas as populações, desde os primórdios da humanidade [...] somente nos últimos tempos esses sistemas de cura foram separados, e esta separação ocorreu em grande parte em países altamente desenvolvidos; em muitos países em desenvolvimento, existe pouca ou nenhuma separação”.

Em 1946, a *Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS)* definia saúde como “um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade” (WHO, 1946). Em 1999, foi sugerida uma emenda à

Constituição da OMS para incluir o aspecto espiritual no conceito multidimensional de saúde: “saúde é um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade” (WHO, 1999).

E dentro dessa mudança conceitual, tem-se observado um número cada vez maior de estudos evidenciando uma associação positiva entre o envolvimento espiritual e religioso a melhores indicadores de saúde física e, principalmente, mental. Nesse contexto, espiritualidade e religiosidade se relacionam a menores taxas de suicídio, depressão, ansiedade e uso de substâncias ilícitas; melhor recuperação nos casos de depressão e maior bem-estar geral, dentre outros benefícios que as caracterizam como fonte de força e resiliência para os pacientes, incluindo aqueles com transtornos mentais graves (Koenig et al, 2012; Bonelli e Koenig, 2013; Pargament e Lomax, 2013).

Diante dessas evidências, a World Psychiatric Association (Moreira-Almeida et al, 2016) e outras associações psiquiátricas de diversos países, tais como a Royal College of Psychiatry (1999), a American Psychiatric Association (1990) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (Cordeiro, 2014) passaram a recomendar a inclusão da espiritualidade e da religiosidade na prática clínica e na formação médica.

Valorizando os aspectos espirituais e religiosos de cada indivíduo no direcionamento da atenção à saúde mental, a American Psychiatric Association (APA) incluiu na quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) os “Problemas Espirituais e Religiosos” como uma nova categoria diagnóstica (Lukoff et al., 1992; Lu et al., 1994), justificando a avaliação de experiências espirituais e religiosas como parte constituinte da investigação psiquiátrica, sem necessariamente julgá-las como psicopatológicas. Nesse contexto, espiritualidade e religiosidade passam a ser valorizadas como importantes contributos na atenção clínica e na promoção à saúde,

1 Teixeira MZ. Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou estado da arte da literatura [Projeto de pós-doutorado]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2022. Disponível em:  <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1400581>.

2 Teixeira MZ. Interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade: importância do ensino, da pesquisa e da assistência na educação médica. Revista de Medicina (São Paulo). 2020; 99(2): 134-147. Disponível em:  <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v99i2p134-147>.

sendo de fundamental importância sua incorporação às atividades de ensino, pesquisa e assistência dos currículos acadêmicos das diversas áreas da saúde (Teixeira, 2020).

Em consonância ao crescimento da educação médica em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), tais como a homeopatia e a acupuntura (Teixeira et al, 2004, 2005; Teixeira, 2013, 2017a), que ampliam o entendimento do processo de adoecimento humano e incrementam a terapêutica das doenças em vista de suas concepções antropológicas vitalistas (Teixeira, 1996, 2000a, 2000b, 2002, 2017b), a disseminação de outras abordagens filosófico-espiritualistas poderia contribuir de forma semelhante na compreensão e no tratamento do binômio doente-doença (Teixeira, 2020).

Analogamente, pela importância crescente dedicada à correlação entre saúde, espiritualidade e religiosidade, profissionais da saúde devem estar preparados para compreender as demandas espirituais e religiosas de seus pacientes, adquirindo informação e treinamento nos diversos aspectos e abordagens desse vasto campo de conhecimento (Teixeira, 2020).

Atendendo a esse objetivo, propomos neste estudo sistematizar e disponibilizar as contribuições da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento dessa correlação, em vista de ser um sistema ideológico de cunho científico, filosófico e religioso, disseminado mundialmente e seguido por 2% da população brasileira (em torno de 3,8 milhões de indivíduos), segundo o último censo demográfico (IBGE, 2010; Somain, 2012).

II Revisão da Literatura

II.1. Saúde, Espiritualidade e Religiosidade

Levantamento realizado na base de dados PubMed (01.02.2022) utilizando as palavras-chave “spirituality” AND “health” indica 15.803 estudos publicados, com importante incremento na última década (2011-2021: 61,9% dos estudos ou 9.783/15.803), demonstrando o interesse crescente das ciências da saúde nessa área do conhecimento. No Banco de Teses e Dissertações da Biblioteca Digital da USP  (<http://www.teses.usp.br/>), encontramos 27 trabalhos (15 dissertações de mestrado e 12 teses de doutorado) que apresentam “espiritualidade ou religiosidade” e “saúde” como palavras-chave. Na Biblioteca Virtual da FAPESP  (<https://bv.fapesp.br/pt/>), ao pesquisarmos as palavras-chave “espiritualidade” ou “religiosidade” na área de “Ciências da Saúde”, encontramos 32 estudos que receberam auxílio à pesquisa ou bolsas da Instituição.

Segundo pesquisadores da área (Koenig, 2008, 2012; King e Koenig, 2009), as definições para os termos “espiritualidade” e “religiosidade” são muito semelhantes e se sobrepõem. De forma simplificada, “espiritualidade” é entendida como uma busca pessoal pela compreensão de questões espirituais/existenciais maiores (por exemplo, o sentido da vida e o mistério da morte) e suas relações com o sagrado e/ou transcendente (Deus, Alá, Brahma, Buddha e Verdade Suprema, dentre outras denominações), o que não ocasiona, necessariamente, o desenvolvimento de práticas ou a formação de comunidades religiosas. Por outro lado, entende-se “religiosidade” como a prática de uma religião, que é definida como um sistema de crenças e atividades realizadas por determinada comunidade, com suporte em rituais que veneram e praticam, com o intuito de entrarem em contato com o sagrado e/ou transcendente; em geral, as religiões também apresentam crenças específicas sobre a vida após a morte (abordada também pela espiritualidade) e regras de conduta e relacionamento dentro de um grupo social.

Inúmeros motivos justificam a inclusão do binômio espiritualidade-religiosidade (E/R) no ensino, na pesquisa e na assistência à saúde: (a) muitos pacientes possuem crenças espirituais/religiosas e apresentam necessidades nessa área quando estão doentes; (b) crenças espirituais/religiosas fornecem subsídios para que os pacientes enfrentem inúmeros aspectos que os afligem (enfrentamento ou *coping* espiritual/religioso); (c) crenças e práticas espirituais/religiosas são promotoras da saúde e da qualidade de vida, incrementando os tratamentos convencionais e diminuindo os custos com a saúde; (d) crenças espirituais/religiosas dos pacientes afetam suas decisões em relação aos tratamentos, podendo entrar em conflito ou influenciar o cumprimento dos mesmos; (e) crenças espirituais/religiosas dos médicos podem influir nas decisões que tomam e o tipo de cuidado que dedicam aos pacientes; (f) estudos demonstram que muitos pacientes gostariam que os profissionais da saúde os vissem como seres integrais (englobando seus aspectos biológicos, psíquicos, espirituais e sociais, segundo o conceito multidimensional de saúde da OMS, citado anteriormente) e incluíssem suas necessidades espirituais/religiosas nos cuidados que recebem, procedimentos que trariam benefícios significativos ao tratamento; dentre outros aspectos (Koenig et al, 1999; Koenig 2001, 2012; Ehman et al, 1999; Sulmasy, 2002; Puchalski, 2007).

Em relação à aceitação das crenças dos pacientes nos cuidados rotineiros da saúde, estudos indicam que grande parte dos médicos se esquivam de sua responsabilidade nessa área (Woll et al, 2008; Verhagen, 2010; Best et al, 2016). Apesar da histórica correlação entre

saúde mental, espiritualidade e religiosidade (Koenig, 2012), endossada na atualidade pela psiquiatria moderna (Moreira-Almeida, 2007), pesquisa nacional americana (EUA) evidenciou que a maioria dos psiquiatras consultados relatou que nunca, ou raramente, indagava os pacientes acerca de suas questões espirituais/religiosas, embora concordassem com a importância do tema no contexto terapêutico (Curlin et al, 2007). Atitude semelhante foi observada em levantamentos realizados com psiquiatras de outros países, que justificaram na falta de tempo e treinamento o principal impedimento para incorporar essas questões à prática clínica (Neeleman e King, 1993; Baetz et al, 2004; Durà-Vilà et al, 2011).

Analogamente, em recente pesquisa realizada com 484 psiquiatras brasileiros membros da Associação Brasileira de Psiquiatria, Menegatti-Chequini et al (2016) constataram que, apesar da maioria dos psiquiatras terem uma filiação religiosa (67,4%), 55,5% não costumava indagar sobre a E/R de seus pacientes, tendo como principais impedimentos o “medo de ultrapassar o papel do médico” (30,2%) e a “falta de treinamento” (22,3%). Replicando o levantamento em 121 psiquiatras do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HC-FMUSP), Menegatti-Chequini et al (2019) encontraram resultados semelhantes: 64,2% consideravam que as crenças religiosas eram influentes em sua prática clínica e 50% relataram que frequentemente perguntavam sobre a E/R de seus pacientes, citando como barreiras mais comuns a “falta de tempo” (27,4%), o “medo de ultrapassar o papel do médico” (25%) e a “falta de treinamento” (19,1%).

Muitas vezes, utilizando-se do Código de Ética Médica (Conselho Federal de Medicina, 2009), médicos alegam que crenças religiosas podem gerar um conflito entre a própria consciência e a do paciente, desrespeitando decisões feitas de antemão pelo paciente no que tange ao seu tratamento de saúde. No entanto, posturas opostas são defendidas por profissionais da saúde e pesquisadores da bioética: “O respeito à autonomia do paciente estende-se aos seus valores religiosos. Tais valores não podem ser desconsiderados ou minimizados por outrem, em particular pelos profissionais da saúde, a despeito dos melhores e mais sinceros interesses destes”, valendo ressaltar que “os valores religiosos podem ser uma força positiva para o conforto e a recuperação do paciente se ele estiver seguro de que os mesmos serão respeitados” (Souza e Moraes, 2009). Esse dilema reforça a importância da inclusão de atividades, disciplinas e debates sobre esses tópicos na educação dos profissionais da saúde e no cuidado dos pacientes nos diversos setores da saúde (Chehaibar, 2010; Braghetta et al, 2011; Teixeira, 2020).

Exemplificando essa conduta, nos EUA, as normas estabelecidas pelo Medicare (CMS Manual System, 2010) e pela Joint Commission on Accreditation of Healthcare Organizations (JCAHO, 2017) exigem que os prestadores de cuidados em saúde mostrem respeito pelos valores culturais e pessoais dos pacientes, crenças e preferências (incluindo as convicções espirituais e religiosas). Em vista disto, se os profissionais da saúde desconhecem essas crenças e preferências, eles não podem mostrar respeito por elas e ajustá-las em conformidade ao cuidado dispensado (Koenig, 2012).

Assim sendo, além da disponibilidade desses temas aos estudantes da área da saúde (d’Ávila, 2010), torna-se imprescindível que os profissionais da saúde integrem os referidos contributos na semiologia e na propedêutica clínica convencional através de histórias ou anamneses espirituais breves (Seyringer et al, 2007; Koenig, 2012; Delgado-Guay, 2014; Moreira-Almeida et al, 2014; Braghetta, 2017), com o intuito de ampliar o entendimento do adoecer humano, incrementar a relação médico-paciente e promover o bem-estar geral do indivíduo. Por outro lado, estimulando a incorporação de práticas espirituais/religiosas à terapêutica convencional, poderiam ampliar a resolutividade das doenças modernas e diminuir os custos com os cuidados na saúde (Koenig et al, 2012; Bonelli e Koenig, 2013; Pargament e Lomax, 2013), como veremos em detalhes adiante.

II.1.1. Educação dos profissionais da saúde em “espiritualidade e saúde” (E/S)

Diversos estudos indicam os benefícios da inclusão da temática “espiritualidade e saúde” (E/S) nos currículos das faculdades de medicina (Puchalski e Larson, 1998; Graves et al, 2002; Guck e Kavan, 2006; Puchalski, 2006; Schonfeld et al, 2016) e de enfermagem (Narayanasamy, 2006; van Leeuwen et al, 2006; Baldacchino, 2008; Timmins e Neill, 2013), dentre outras áreas da saúde.

Levantamento global sobre a educação médica em espiritualidade (Lucchetti et al, 2012a) mostrou predomínio norte-americano perante os demais países, sendo que em 1994 apenas 13% (17/126) das escolas médicas dos EUA ofereciam atividades curriculares ligadas à espiritualidade; em 1998, esse número atingiu 31% (39/126) e, em 2004, 67% (84/126) das faculdades de medicina disponibilizavam essas atividades. Em 2008, 67% (100/150) das escolas médicas norte-americanas continuavam oferecendo alguma atividade ligada à espiritualidade, sendo que em 75% (75/100) delas como prática regular (Fortin e Barnett, 2004). Em 2010, pesquisa nacional indicou que 90% das escolas

médicas dos EUA ministravam atividades relacionadas à E/S, 73% com conteúdo em cursos obrigatórios abordando outros tópicos como Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) ou Medicina Alternativa e Complementar (MAC), e 7% com um curso obrigatório dedicado especificamente ao tema (Koenig et al, 2010).

No Reino Unido, pesquisa respondida por 53% (17/32) das escolas médicas consultadas mostrou que 59% (10/17) dessas instituições forneciam alguma forma de ensino no campo da espiritualidade. A inclusão dessas atividades ocorria na forma de palestras, discussões em grupos, entrevistas de pacientes, acompanhamento de capelães e leituras específicas (Neely e Minford, 2008).

No Brasil, levantamento respondido por 47,7% (86/180) das escolas médicas consultadas (2010-2011) indicou que apenas 10,5% (9/86) ofereciam cursos sobre E/S e 40,7% (35/86) tinham cursos ou algum conteúdo sobre E/S. Apenas duas escolas ofereciam cursos que envolviam treinamento prático e três escolas tinham cursos que ensinavam como conduzir uma anamnese espiritual. A maioria dos diretores médicos (54%) acreditava que E/S deveria ser ensinada em suas escolas (Lucchetti et al, 2012b).

Segundo esse mesmo levantamento (Lucchetti et al, 2012b), o conteúdo curricular desses cursos mostrou-se bastante heterogêneo, abordando tópicos diversos: aspectos intrínsecos às diversas filosofias e religiões, PICS ou MAC, interface entre física quântica e saúde, dentre outras.

Para ampliar a abrangência do ensino acadêmico de temas relacionados ao binômio E/S, Dal-Farra e Geremia (2010) sugerem três possibilidades para operacionalizar este processo junto aos profissionais da saúde: “composição de disciplinas na matriz curricular de tal forma que as inter-relações entre E/S sejam contempladas na formação de profissionais de saúde; oferecimento de cursos de extensão e demais possibilidades, como estágios, que sejam utilizados como atividades complementares, conforme prevêem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Superior; e abordagem na transversalidade, na qual os componentes curriculares abordem as práticas educativas com atenção aos aspectos relativos à espiritualidade e a sua relação com a saúde”.

Além da graduação médica, cursos sobre E/S também são ministrados em programas de residência médica (cuidados paliativos, psiquiatria, medicina interna e medicina de família) nos EUA, Canadá e Europa (Lucchetti et al, 2012a), propiciando aos residentes incrementos na relação médico-paciente, na compreensão da necessidade espiritual do paciente e na satisfação com o trabalho (Wasner et al, 2005).

II.1.2. Emprego da espiritualidade/religiosidade (E/R) no enfrentamento (coping) de problemas de saúde

Espiritualidade e religiosidade (E/R) podem auxiliar os pacientes no enfrentamento (coping) de problemas de saúde. Diversos estudos evidenciam que o enfrentamento espiritual/religioso ajuda as pessoas a lidarem com uma grande variedade de doenças crônicas e situações estressantes: dores crônicas, doenças renais, diabetes, doenças pulmonares, câncer, doenças hematológicas, doenças cardiovasculares, distúrbios neurológicos, HIV/AIDS, lúpus eritematoso sistêmico, síndrome do intestino irritável, doenças musculoesqueléticas, doenças psiquiátricas, terminalidade da vida e estresse pós-traumático, dentre outras (Koenig, 2012).

Em pacientes portadores de câncer, estudos demonstram que o enfrentamento espiritual/religioso está associado a níveis mais baixos de desconforto, ansiedade, hostilidade e isolamento social (Acklin et al, 1983; McCullough et al, 2000; Janiszewska et al, 2008; PDQ Supportive and Palliative Care Editorial Board, 2015, 2016), auxiliando também os cuidadores familiares (Kim et al, 2007; Kim et al, 2015). Características provenientes de crenças ou convicções espirituais/religiosas fortes, tais como esperança, otimismo, ausência de arrependimento e satisfação de vida também estão associadas com melhor adaptação em indivíduos diagnosticados com câncer.

O tipo de enfrentamento religioso também pode influenciar a qualidade de vida dos pacientes. Estudos em pacientes com câncer avançado evidenciam que o emprego de métodos de enfrentamento religioso positivo (tais como ‘apreciações religiosas benevolentes’) está associado à melhor qualidade de vida e maior bem-estar psicológico e existencial. Em contraste, o emprego de métodos de enfrentamento religioso negativo (como ‘raiva de Deus’, por exemplo) piora a qualidade de vida e o bem-estar psicológico e existencial (Tarakeshwar et al, 2006; Hills et al, 2005), assim como aumenta as ideias suicidas (Trevino et al, 2014). Estudo em pacientes com câncer diagnosticado no período de cinco anos mostrou que a espiritualidade estava associada com menos angústia e melhor qualidade de vida, independentemente da ameaça percebida, estando no bem-estar espiritual/existencial (e não no bem-estar religioso) o principal contributo (Laubmeier et al, 2004).

Bem-estar espiritual/existencial, entendido como um “senso de significado para a vida e paz interior” (Brady et al, 1999), está diretamente relacionado à capacidade dos pacientes com câncer em continuarem desfrutando a vida, apesar dos altos níveis de dor ou fadiga. Estudos com pacientes oncológicos indicam que o bem-estar espiritual/existencial está

inversamente relacionado à ansiedade e à depressão (O'Mahony et al, 2005; Whitford et al, 2008; McCoubrie e Davies, 2006) e diretamente relacionado à saúde física e mental (Krupski et al, 2006); por outro lado, medidas de religiosidade podem não se relacionar à depressão (Nelson et al, 2002; McCoubrie e Davies, 2006) ou prever um aumento da depressão e agravamento da doença, particularmente nos casos em que o bem-estar espiritual/existencial era menor (Yanez et al, 2009; Kim et al, 2011).

Pesquisas realizadas em pacientes pediátricos revelam que as crianças possuem uma vida espiritual rica e complexa, a qual muitas vezes ultrapassa a religiosidade no entendimento do contexto e propósito das doenças crônicas, sugerindo que as crenças espirituais as auxiliam no enfrentamento das mesmas (Drutchas e Anandarajah, 2014).

Em suma, o envolvimento religioso positivo e a espiritualidade parecem estar associados a um incremento na saúde e a uma expectativa de vida maior, mesmo após serem controladas outras variáveis como hábitos de vida e apoio social (Mueller et al, 2001).

II.1.3. Influência da espiritualidade/religiosidade (E/R) na saúde mental e física: pesquisas e implicações clínicas

Conforme citado anteriormente, práticas e crenças espirituais/religiosas são comumente usadas por pacientes e médicos para lidar com as doenças e outras mudanças de vida estressantes. Um grande número de pesquisas demonstra que pessoas com mais E/R apresentam mais saúde e se adaptam melhor aos distúrbios mentais e físicos que venham a acometê-los, em comparação com aqueles com menos E/R. Esses possíveis benefícios para o bem-estar mental e físico têm consequências fisiológicas que impactam a saúde, afetam o risco de contrair doenças e influenciam a resposta aos tratamentos. Diversos estudos qualitativos e quantitativos, analisados em revisões sistemáticas e metanálises, descrevem essas evidências científicas.

Em revisão sistemática geral e ampla (1872-2010), Koenig (2012) analisou as pesquisas sobre E/R e suas implicações clínicas em uma grande variedade de distúrbios ou doenças mentais e físicas, cujos resultados iremos descrever abaixo, acrescentando outras revisões recentes.

II.1.3.1. Saúde mental

Em torno de 80% das pesquisas sobre E/R envolvem estudos na área da saúde mental, disponibilizando na literatura um grande número de revisões sistemáticas gerais sobre o assunto (Moreira-Almeida et al, 2006; Rew e Wong, 2006; Yonker et al, 2012; Bonelli e

Koenig, 2013; Unterrainer et al, 2014; Gonçalves et al, 2015; AbdAleati et al, 2016).

Analisando os estudos de alta qualidade metodológica (escore ≥ 7 ; escala de 0-10 pontos), Koenig (2012) descreve as relações da E/R no desenvolvimento de diversos distúrbios e doenças mentais: depressão (178 estudos, relações inversa ou positiva em 68% e direta ou negativa em 7%), ansiedade (67 estudos, relações inversa em 55% e direta em 10%), suicídio (49 estudos, relações inversa em 80% e direta em 4%), esquizofrenia/distúrbios psicóticos (7 estudos, relações inversa em 29%, direta em 29% e mista em 29%), distúrbio bipolar (2 estudos, relações inversa em 50% e mista em 50%), dependência química (álcool, 145 estudos, relações inversa em 90% e direta em apenas 1 estudo; cigarro, 83 estudos, relação inversa em 90%; outras drogas, 112 estudos, relações inversa em 86% e direta em apenas 1 estudo), distúrbios sexuais (50 estudos, relação inversa em 84%), crime/delinquência (60 estudos, relações inversa em 82% e direta em apenas 1 estudo), instabilidade conjugal (38 estudos, relação inversa em 92%), dentre outros.

Outras revisões descreveram relações inversas semelhantes para os seguintes distúrbios: suicídio (Wu et al, 2015), esquizofrenia/distúrbios psicóticos (Gearing et al, 2011; Smolak et al, 2013), dependência química (Yeung et al, 2009; Longshore et al, 2009; Haber et al, 2011; Kub e Solari-Twadell, 2013), distúrbios alimentares (Akrawi et al, 2015) e estresse pós-traumático (Schaefer et al, 2008), dentre outros. Por outro lado, outros estudos também descreveram relações diretas (negativas) entre E/R e ansiedade (Agorastos et al, 2014), distúrbios de personalidade (Bennett et al, 2013) e ilusões/alucinações (Cook, 2015).

II.1.3.2. Saúde física

Segundo Koenig (2012), existe um corpo de evidências crescente de que o estresse e as emoções negativas (depressão e ansiedade, por exemplo) causam efeitos adversos nos sistemas fisiológicos vitais, comprometendo a manutenção da saúde física e a cura; aumentam a susceptibilidade ou agravam os desfechos de uma ampla gama de doenças físicas; e podem diminuir a expectativa de vida. Por outro lado, suporte e apoio social têm sido reconhecidos como um aspecto protetor contra as doenças e propiciador do aumento da longevidade. Reduzindo o estresse e as emoções negativas, E/R também aumentam o suporte social e afetam positivamente os hábitos e os comportamentos de vida e saúde, propiciando impacto favorável sobre uma série de doenças físicas e a resposta ao tratamento das mesmas.

Analisando os estudos de alta qualidade metodológica (escore ≥ 7 ; escala de 0-10 pontos), Koenig (2012) descreve as associações entre E/R e transtornos

ou doenças físicas: doenças coronarianas (13 estudos, associações inversa em 69% e direta em apenas 1 estudo), funções cardiovasculares (16 estudos, 69% associação inversa em 69%), hipertensão (39 estudos, associação inversa em 62%), doenças cerebrovasculares (9 estudos, associação inversa em 44%), doença de Alzheimer e demências (14 estudos, associações inversa em 57% e direta em 21%), funções imunológicas (14 estudos, associação inversa em 71%), suscetibilidade às infecções (12 estudos, associação inversa em 70%), funções endócrinas (13 estudos, associação inversa em 69%), câncer (20 estudos, associação inversa em 60%), dores em geral (18 estudos, associações inversa em 50% e direta em 20%) e mortalidade (63 estudos, associações inversa em 57% e direta em 5%), dentre outros.

Outras revisões sistemáticas descreveram associações inversas semelhantes para câncer (Visser et al, 2010), HIV/AIDS (Doolittle et al, 2016), esclerose lateral amiotrófica (van Groenestijn et al, 2016), dor crônica (Lucchetti et al, 2012b) e mortalidade (McCullough et al, 2000; Powell et al, 2003; Chida et al, 2009; Lucchetti et al, 2011a), sendo que os efeitos sobre a longevidade foram intensos nos indivíduos que frequentavam regularmente serviços religiosos, com um incremento médio de 37%, que corresponde aos efeitos das estatinas e da reabilitação física após infarto do miocárdio (Koenig, 2012).

II.1.3.3. Mecanismos de ação psicofisiológicos

Em linhas gerais, como mecanismo de ação primário, estudos descrevem que E/R incrementa as emoções positivas (bem-estar, felicidade, esperança, otimismo, auto-estima, significado, propósito e senso de controle sobre a vida, dentre outras) e consequentes atitudes (humildade, altruísmo, compaixão, empatia, gentileza, gratidão e perdão, dentre outras), que auxiliam a neutralizar as contrapartidas negativas, propiciando melhor qualidade de vida e um recurso para o enfrentamento das adversidades externas (circunstâncias ambientais difíceis e estressantes) e internas (predisposição genética ou vulnerabilidade aos transtornos mentais e físicos). Além deste contributo psicoemocional, a maioria das religiões possui regras e regulamentos sobre o modo de vida (hábitos saudáveis, ausência de vícios, prática da prece e meditação, dentre outras) e relacionamento social que protegem os indivíduos de possíveis distúrbios e eventos estressores, propiciando também suporte e apoio do grupo em momentos difíceis (Koenig, 2012).

Como mecanismo de ação secundário, emoções positivas advindas de práticas espirituais/religiosas influenciam a saúde humana atuando em diversos sistemas fisiológicos (neurológico, imunológico, endócrino, metabólico e cardiovascular, dentre outros)

e seus mediadores (Seeman et al, 2003; Seybold et al, 2007; Koenig, 2012; Hulett e Armer, 2016).

No sistema nervoso central (SNC), E/R aumenta a atividade (fluxo sanguíneo) bilateral no córtex frontal, giro do cíngulo e tálamo, e diminui no córtex parietal superior, que contém a área somatossensorial primária (representação corporal). Enquanto o aumento da atividade no córtex frontal se relaciona à atenção focada requerida na prece e na meditação, a diminuição no córtex parietal reflete a perda de uma “cognição clara e consistente das limitações físicas do eu”, que pode resultar em relatos subjetivos da “unidade com Deus” (Seybold et al, 2007).

O estado meditativo também aumenta os níveis séricos de neurotransmissores (GABA, melatonina e serotonina, dentre outros) afetando a consciência espiritual e produzindo experiências místicas. Além das regiões anteriormente citadas, E/R pode ativar estruturas do lobo frontal (conexões com sistema límbico, hipotálamo e amígdala) envolvidas na regulação do funcionamento do sistema nervoso autônomo (diminuição da pressão arterial, ritmo cardíaco, respiração e nível de cortisol, dentre outros), reduzindo estresse, ansiedade e pânico. Atuando no córtex pré-frontal, E/R pode regular os níveis de dopamina e os desequilíbrios subsequentes (doença de Parkinson), assim como distúrbios dopaminérgicos podem influenciar na E/R de seus portadores. Neurônios dopaminérgicos também exercem influência regulatória nos sistemas hipotalâmico, autonômico e endócrino (Seybold et al, 2007).

Pela relação bidirecional entre SNC e sistema imunoendócrino, E/R aumenta a resposta imune [aumento nos títulos de imunoglobulinas (Ig), na atividade de células *natural killer* (NK) e alteração no título de interleucinas (IL), dentre outras] e diminui a resposta ao estresse (diminuição do cortisol e das catecolaminas). No sistema cardiovascular, modula o fluxo sanguíneo regional e o metabolismo da glicose, reduzindo os riscos cardiovasculares, quantificados na diminuição da proteína C reativa e do fibrinogênio (Seybold et al, 2007).

Em recente revisão sistemática, Hulett e Armer (2016) analisaram os estudos que correlacionam, em pacientes sobreviventes de câncer de mama, os efeitos de intervenções de cunho espiritualista em desfechos neuroimunoendócrinos, quantificando as alterações em biomarcadores: yoga (diminuição de cortisol, IgA, IL-1, IL-1b, IL-6 e TNF- α ; aumento de CD56); imaginação guiada (diminuição de IL-1 β ; aumento de IL-2, NK e CD4+/CD8+); mindfulness (diminuição de cortisol, IL-4, IL-6 e IL-10; aumento de IL-2, NK, Th1/Th2, CD4+/CD8+ e interferon-gama); dentre outras.

II.1.4. Aspectos fundamentais para integrar a espiritualidade na atenção à saúde

Segundo Koenig (2012), os profissionais da saúde deveriam estar cientes dos motivos para integrar a espiritualidade no atendimento aos pacientes, familiarizados com as evidências científicas existentes e capacitados para fazê-lo de forma sensível e rotineira. Independentemente de uma formação específica dos estudantes e profissionais da saúde, alguns aspectos básicos deveriam ser observados, para que as questões espirituais possam ser abordadas de forma ética e natural na prática clínica diária e no cuidado com os pacientes.

Dentre esses aspectos, destaca que o profissional da saúde deveria: realizar uma história espiritual breve e documentá-la no prontuário do paciente, para que outros profissionais tomem conhecimento; respeitar as crenças espirituais/religiosas dos pacientes levantadas durante a história espiritual, sem preconceitos ou críticas; conduzir a história espiritual e a contemplação de uma possível intervenção espiritual/religiosa sempre de forma isenta e centrada na vontade do paciente, evitando-se qualquer coerção ou imposição pelas suas crenças (ou falta de crença) pessoais; após a administração das intervenções espirituais/religiosas solicitadas pelo paciente, confirmar se suas necessidades foram satisfeitas e observar a evolução do seu estado de saúde; dentre outros (Koenig, 2012).

Finalizando, Koenig (2012) reitera que “os profissionais da saúde devem se inteirar sobre as crenças e práticas de diferentes tradições espirituais e religiosas que se relacionam aos cuidados da saúde, especialmente as tradições de fé dos pacientes passíveis de se encontrar em seu país ou região”, pois estas “terão um impacto direto no tipo de cuidado que deverá ser dispensado, especialmente quando os pacientes estão hospitalizados, gravemente doentes ou perto da morte”.

Seguindo esta indicação, o objetivo e finalidade deste estudo visa disponibilizar aos profissionais da

saúde as particularidades, crenças e práticas da Doutrina Espírita ou Espiritismo, englobando os aspectos que se relacionam aos cuidados e à promoção da saúde, em vista da importância desta abordagem espiritual/religiosa em nosso meio.

II.2. Doutrina Espírita ou Espiritismo

A Doutrina Espírita ou Espiritismo é uma doutrina de cunho científico, filosófico e religioso que surgiu na França em meados do século XIX, a partir dos estudos e observações feitas pelo pedagogo e educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, também conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec (1804-1869).

Dedicando-se inicialmente ao estudo do magnetismo e à investigação científica das chamadas “mesas girantes”, eventos em que se observava o movimento de mesas e outros objetos sem a interferência humana, Kardec passou a se interessar por outros fenômenos paranormais ou experiências anômalas^{3,4} (Cardeña et al, 2014; Daher et al, 2017; Moreira-Almeida e Lotufo-Neto, 2017; Maraldi et al, 2017), constatando que muitos deles não eram ‘patológicos’ e sim causados por espíritos desencarnados ou inteligências incorpóreas que se utilizavam de indivíduos (“médiums”, do latim ‘intermediários’) dotados de uma propriedade peculiar (“mediunidade” ou ‘capacidade de intermediar’) para se manifestar perante o mundo corpóreo (Moreira-Almeida, 2013).

Após o estudo sistemático de centenas de médiums e suas diversas manifestações, comparando e analisando as informações obtidas (premissas do método experimental e científico), Kardec reconhece na mediunidade uma característica peculiar e inerente ao ser humano, propriedade evidenciada em estudos neurológicos modernos (Peres et al, 2012; Beischel et al, 2015; Hove et al, 2016; Mainieri et al, 2017). Classificou os fenômenos mediúnicos segundo seus efeitos: a) de efeitos materiais, físicos ou objetivos, em que o médium participa passivamente do fenômeno fornecendo

3 Atualmente, esses fenômenos paranormais são estudados pela Psicologia Anomalística segundo a denominação de “experiências anômalas”: “*Experiências anômalas ou ‘paranormais’ são definidas, ainda, como experiências incomuns, irregulares, ou que, apesar de poderem ser vivenciadas por uma parcela substancial da população, são interpretadas como desviantes da experiência ordinária ou das explicações geralmente aceitas para a compreensão da realidade*” (Cardeña et al, 2014). Dentre essas experiências anômalas destacam-se as experiências fora-do-corpo, as experiências próximas da morte (de quase-morte), as experiências alucinatórias, as experiências sinestésicas, as experiências de sonhos lúcidos, as experiências de percepção extra-sensorial, as experiências extra-motoras e as experiências místicas ou espirituais, dentre outras.

4 Dentre inúmeros institutos de pesquisa nacionais e internacionais existentes, esses fenômenos paranormais, experiências espirituais, estados alterados de consciência ou experiências anômalas são foco de estudo do Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde (NUPES) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais (INTER-PSI) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que desenvolvem atividades de ensino e pesquisa na graduação e na pós-graduação.

o substrato fluídico ou ectoplasma⁵ para que o efeito possa ocorrer (materialização, transfiguração, levitação, transporte, voz direta, escrita direta, tiptologia e sematologia, dentre outros); b) de efeitos inteligentes ou subjetivos, em que o médium participa ativamente do fenômeno captando e transmitindo os aspectos e conteúdos do plano espiritual através de suas próprias capacidades sensitivas (intuição, vidência, audição, psicografia e psicofonia, dentre outros).

Assim sendo, a mediunidade (experiências espirituais ou estados alterados de consciência) é uma faculdade psíquica manifesta de forma mais ou menos intensa e por meio de uma variedade significativa de tipos de manifestações. Kardec utilizou-se de médiuns e suas respectivas mediunidades, principalmente as relacionadas aos fenômenos de efeitos inteligentes (intuição, vidência, audição, psicografia e psicofonia), para captar o conhecimento transmitido pelos espíritos desencarnados ou inteligências incorpóreas, método investigativo e sistemático que permitiu estruturar um amplo corpo doutrinário que aborda diversos aspectos científicos, filosóficos e religiosos que permeiam a humanidade.

Fruto dos questionamentos e diálogos de Kardec com espíritos ou entidades espirituais de alta hierarquia, a Codificação Espírita está fundamentada em cinco obras básicas: *O livro dos espíritos* (1857) (Kardec, 2013a), que aborda a filosofia espiritualista ou princípios da doutrina espírita (a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade); *O livro dos médiuns* (1859) (Kardec, 2013b), que aborda o espiritismo experimental ou mediunidade; *O evangelho segundo o espiritismo* (1863) (Kardec, 2013c), que aborda as máximas éticas e morais de Jesus Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida; *O céu e o inferno* (1865) (Kardec, 2013d), que aborda a Justiça Divina segundo o Espiritismo (situação real da alma durante e depois da morte); e *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868) (Kardec, 2013e), que aborda a visão espírita desses conceitos e conteúdos bíblicos. Citemos ainda a obra publicada após a morte de Kardec, *Obras póstumas* (1890) (Kardec, 2013f), que reúne importantes registros deixados pelo Codificador.

Doutrina fundamentada sobre a existência, as manifestações e o ensino dos espíritos, o Espiritismo busca integrar a ciência, a filosofia e a religião ao entendimento da realidade que nos cerca, trazendo

explicações sobre temas de difícil compreensão segundo os ditames materialistas, tais como: causa e origem dos sofrimentos humanos segundo a lei do carma ou lei de ação e reação; imortalidade e evolução moral e intelectual dos espíritos através de reencarnações sucessivas; pluralidade dos mundos habitados; existência de planos espirituais que servem de moradia aos espíritos desencarnados; possibilidade da comunicação entre espíritos desencarnados e encarnados por intermédio da mediunidade; noção tríplice da natureza humana (espírito, perispírito e corpo físico-princípio vital); causas espirituais e psicoemocionais das doenças físicas e mentais; influência das crenças e práticas espirituais/religiosas no enfrentamento das doenças e na promoção da saúde; dentre outros.

II.2.1. Contribuições do Espiritismo ao tratamento complementar de doenças físicas e mentais

O Espiritismo é a terceira religião mais comum no Brasil (atrás apenas da católica e da protestante) e suas terapias têm sido empregadas por milhões de pessoas em todo o mundo no tratamento adjuvante e complementar de diversas doenças físicas e mentais. Essas práticas terapêuticas incluem prece/oração, imposição de mãos (passe ou fluidoterapia), água fluidificada (magnetizada), prática da caridade/voluntariado, educação espiritual (prática de valores éticos e morais) e desobsessão (terapia de libertação espiritual) (Luchetti et al, 2011b).

No entendimento da gênese dos transtornos mentais, o Espiritismo acrescenta uma causa ‘espiritual’ aos conhecidos fatores sociais, psicológicos e biológicos. Tendo sua origem em encarnações passadas e nas influências negativas de espíritos desencarnados com os quais o paciente se relacionou no pretérito, essa causa espiritual recebe a denominação de “obsessão” ou “possessão”, sendo fruto da interferência psíquica dessas entidades espirituais na saúde física e mental dos indivíduos encarnados. No intuito de dissolver essa simbiose entre espíritos encarnados e desencarnados, o Espiritismo emprega a terapia de desobsessão como prática terapêutica espiritual (Moreira-Almeida e Lotufo Neto, 2005).

No Brasil, assim como em outros países, a tendência a se considerar as experiências anômalas de transe e de obsessão como distúrbios patológicos é histórica. Na segunda metade do século XX, essas experiências foram consideradas pelos psiquiatras brasileiros como

5 O termo “ectoplasma” (do grego *ektós*, ‘por fora’, e *plasma*, ‘molde’ ou ‘substância’: substância ou plasma que sai do corpo), foi introduzido na parapsicologia pelo fisiologista Charles Richet (Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1913) para designar uma espécie de substância esbranquiçada que pode exteriorizar-se para fora do corpo de determinados indivíduos com características especiais (sensitivos ou médiuns), permitindo a ocorrência de fenômenos paranormais.

sintomas de transtornos mentais (Almeida et al, 2007). Mais recentemente, critérios diagnósticos e protocolos específicos foram desenvolvidos para ajudar a diferenciar as manifestações patológicas das manifestações espirituais saudáveis e culturalmente aceitas (Moreira-Almeida et al, 2011; Moreira-Almeida e Lotufo-Neto, 2017), trazendo uma nova compreensão para essas vivências. No entanto, os profissionais da saúde não recebem treinamento adequado para lidar com os aspectos espirituais de seus pacientes, incluindo as experiências anômalas de transe e de obsessão, que seria de suma importância para se evitarem diagnósticos incorretos e condutas terapêuticas iatrogênicas (Maraldi et al, 2017).

Ao longo do século XX, surgiram no Brasil dezenas de hospitais psiquiátricos espíritas que buscam integrar o tratamento médico convencional com o tratamento espiritual ou espírita complementar, com estrutura operacional própria que envolve profissionais da área da saúde e ministrantes das terapias espirituais (passe ou imposição de mãos; água fluidificada; prece intercessória; terapia de desobsessão; educação espiritual através de palestras sobre questões espirituais, morais e éticas; diálogo fraterno). Numa avaliação dessa proposta em seis importantes hospitais psiquiátricos espíritas brasileiros, Lucchetti et al (2012c) concluem que, apesar das terapias espirituais serem oferecidas aos interessados, a ausência de protocolos de tratamento padronizados e estudos científicos que comprovem a eficácia da proposta continuam a ser uma barreira para se avaliar o impacto desta abordagem espiritual integrativa sobre a saúde mental, a qualidade de vida, a aderência e a percepção da qualidade do tratamento pelos pacientes.

Em outro estudo, Lucchetti et al (2016) avaliaram as características do tratamento espiritual oferecido em centros espíritas da cidade de São Paulo, com o intuito de compreender como os problemas de saúde física e mental eram abordados. Dentre os 365 centros espíritas que receberam o questionário, 55 (15,1%) foram incluídos na análise final. Em média, cada centro relatou a existência de 261 pessoas por semana atendendo sessões espirituais, totalizando, aproximadamente, 15.000 participantes por semana na amostra analisada. O tratamento espiritual complementar mais comum era a desobsessão (terapia de libertação espiritual) (92,7%); o menos comum era a cirurgia espiritual, presente em apenas 5,5% dos centros. Os problemas de saúde mais frequentemente relatados pelos participantes eram depressão (45,1%), câncer (43,1%) e doenças em geral (33,3%).

Buscando descrever o modelo de tratamento espiritual para depressão oferecido nos centros espíritas, Lucchetti et al (2015) realizaram um estudo descritivo das atividades desenvolvidas na Federação Espírita do

Estado de São Paulo (FEESP), visitando as seções de intervenção espiritual, observando as terapias oferecidas, ouvindo a comunicação dos espíritos e entrevistando dois pacientes. A assistência consistia em uma sessão de tratamento espiritual de 90 minutos, que incluía palestras de educação espiritual, desobsessão (terapia de libertação espiritual), passe (imposição de mãos) e recomendações individuais de conduta moral/ética (estimulando emoções e atitudes virtuosas e positivas). Ambos os pacientes relataram remissão da depressão quando foram entrevistados.

II.2.2. Eficácia terapêutica do tratamento espírita complementar: evidências científicas

Com o intuito de comprovar a eficácia terapêutica das diversas modalidades do tratamento espírita complementar (prece/oração, imposição de mãos/toque terapêutico, água fluidificada/magnetizada, voluntariado/caridade, educação espírita em valores/conduitas morais e terapia de desobsessão), Lucchetti et al (2011b) desenvolveram uma revisão sistemática das evidências científicas existentes na literatura, selecionando os estudos de melhor qualidade metodológica segundo critérios de inclusão/exclusão e as escalas de escore de Newcastle-Ottawa e Jadad.

Evidenciando a baixa qualidade metodológica dos 1.998 estudos disponíveis na literatura, apenas 50 artigos satisfizeram os critérios mínimos de seleção e foram incluídos na análise final: prece (6/467), imposição de mãos (11/288), água fluidificada (2/16), voluntariado (10/283), desobsessão (0/49) e educação espírita (21/961). Vale destacar que os estudos referentes à educação espírita visam evidenciar o papel de uma vida virtuosa, pautada em valores éticos-morais e emoções/atitudes positivas nos desfechos de saúde.

Segundo a análise, foram encontradas moderadas a fortes evidências de que a prática do voluntariado (prática da caridade) e o cultivo de emoções e atitudes positivas estavam associados a melhores desfechos de saúde. Além disso, imposição de mãos, educação espírita (vida virtuosa) e prática da oração/prece também parecem estar associadas a resultados positivos. No entanto, há uma ausência de estudos sobre água fluidificada e desobsessão.

II.2.3. Critérios para a seleção das referências bibliográficas que serão utilizadas no presente estudo

Do mesmo modo que Kardec, em sua época, fundamentou os ditames científicos, filosóficos e religiosos da Doutrina Espírita ou Espiritismo em conformidade com as informações e os ensinamentos ditados

por espíritos evoluídos e captados por médiuns através da mediunidade, na contemporaneidade, esse conteúdo doutrinário foi reiterado, incrementado e ampliado com centenas de obras espíritas escritas segundo os mesmos processos mediúnicos.

Apesar de a mediunidade ser uma característica psíquica e sensitiva inerente ao ser humano, as manifestações mediúnicas serão mais ou menos confiáveis segundo a interferência menor ou maior, respectivamente, da consciência do médium no conteúdo transmitido pela consciência do espírito desencarnado (fenômeno denominado por “animismo”)⁶. Assim como Kardec selecionou médiuns confiáveis para receber ensinamentos fidedignos que permitissem a estruturação do corpo doutrinário espírita em sua época, esses mesmos cuidados devem ser tomados na atualidade, caso se queira incorporar novos conhecimentos advindos do plano espiritual aos tradicionais e pré-existentes.

Assim sendo, na elaboração desse levantamento literário sobre os diversos contributos da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento das inter-relações entre saúde, espiritualidade e religiosidade, além das obras clássicas de Kardec citadas anteriormente (Kardec, 2013a, 2013b, 2013c, 2013d, 2013e, 2013f), optou-se por incluir outras obras escritas por médiuns contemporâneos fidedignos e consagrados, nos quais a mediunidade se manifesta(ou) segundo premissas éticas, morais e técnicas de excelência, e que se utilizaram, em geral, da mediunidade psicográfica (Rocha et al, 2014) para captar os ensinamentos de espíritos comprometidos com o bem comum e a evolução da humanidade.

Seguindo essas premissas, serão adicionadas ao estudo as obras psicografadas pelos médiuns Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e Divaldo Pereira Franco (1927-) consideradas de importante cunho científico e que discorram sobre aspectos relacionados à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade, perfazendo dezenas de volumes que abordam os mais variados tópicos do tema em estudo.

Dentre as centenas de volumes psicografados pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier, serão incluídas no presente estudo as obras ditadas pelos espíritos Emmanuel (Emmanuel, 1938, 1939, 1941, 1952) e André Luiz (André Luiz, 1944a, 1944b, 1945, 1946, 1947, 1949, 1954, 1955, 1957, 1959, 1960, 1963, 1964, 1968).

Da vasta coleção do médium baiano Divaldo Pereira Franco, serão adicionadas ao estudo as obras ditadas pelos espíritos Manoel Philomeno de Miranda (Manoel Philomeno de Miranda, 1970, 1974, 1976, 1982, 1984,

1988, 1996a, 1996b, 2001, 2003, 2006a, 2006b, 2009, 2010, 2012a, 2012b, 2015) e Joanna de Ângelis (Joanna de Ângelis, 1982, 1990). Em vista de sua importância ao tema, acrescentamos também a obra ditada pelo espírito Bezerra de Menezes e psicografada pela médium Yvonne do Amaral Pereira (Bezerra de Menezes, 1964).

Além dessas importantes obras contemporâneas, outras obras espíritas de cunho filosófico e científico poderão ser incorporadas à proposta em atualizações futuras, ampliando o leque de informações e conhecimentos sobre a interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade.

II.3. Estudos de revisão

Nas diversas áreas do conhecimento literário e científico, o contínuo crescimento quali-quantitativo das publicações suscita a realização de estudos que permitam levantamentos, balanços, mapeamentos, sistematizações e análises, a fim de que se possam avaliar os temas e assuntos focalizados, as abordagens metodológicas empregadas, os procedimentos de interpretação e análise, assim como as lacunas existentes para sugerir novos estudos e pesquisas. Nessa perspectiva, os estudos de revisão respondem a esta demanda, selecionando, organizando, analisando e descrevendo o conteúdo das principais publicações existentes, seja em forma resumida ou fornecendo citações completas que abranjam o espectro da literatura relevante em uma determinada área. As revisões também podem apresentar um panorama histórico sobre determinado tema ou assunto, considerando-se as publicações existentes num campo de estudo (Vosgerau e Romanowski, 2014).

Para atender a essas finalidades, encontramos distintos tipos de revisão de variadas formas literárias (livros, artigos de periódicos ou jornais, revistas e sites, registros históricos, relatórios e consensos, dissertações e teses, dentre outras), que realizam suas pesquisas segundo diferentes métodos e procedimentos, com denominações diversas: revisão bibliográfica, revisão do tipo “estado da arte”, revisão narrativa, revisão sistemática, revisão integrativa e meta-análise, dentre outras.

A primeira etapa de um estudo de revisão consiste no mapeamento da produção literária ou científica, denominado levantamento bibliográfico, em que se arrolam todas as referências bibliográficas sobre o tema a ser estudado. Ao se produzir um ensaio teórico sobre o material levantado, realizamos uma pesquisa ou revisão bibliográfica. O aprofundamento da sistematização e da análise dos dados do levantamento bibliográfico dá origem aos distintos tipos de revisão ou pesquisa bibliográfica existentes.

⁶ Na literatura espírita, o termo ‘animismo’ é usado para designar um tipo de fenômeno produzido pelo próprio espírito encarnado (homem), sem que este seja um instrumento mediúnico da ação espiritual e sim o artífice dos fenômenos em questão.

II.3.1. Revisão do tipo “estado da arte”

Segundo Ferreira (2002), nas últimas décadas, tem-se produzido um conjunto significativo de revisões ou pesquisas bibliográficas denominadas como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, que buscam mapear e discutir uma produção literária e/ou científica através de um método de caráter inventariante e descritivo. Ao utilizarem esta dinâmica, os pesquisadores se propõem a “conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito”, em vista do incremento crescente de publicações nas diversas áreas do conhecimento.

Para inventariar e descrever a produção bibliográfica de uma determinada área do saber, o pesquisador do “estado da arte” trabalha em duas frentes distintas: num primeiro esforço de ordenação dos estudos existentes, busca identificar, quantificar e delimitar as principais referências do assunto num determinado período, local, área ou tipo de produção; posteriormente, para inventariar e descrever o material selecionado segundo determinadas tendências e escolhas, precisa conhecer cada estudo em profundidade, evitando ater-se ao conhecimento limitado das sínteses ou resumos dos trabalhos em questão (Ferreira, 2002).

Segundo Romanowski e Ens (2006), estudos do tipo “estado da arte” têm o objetivo de realizar um levantamento, um mapeamento e uma sistematização dos diferentes aspectos da produção de determinada área do conhecimento, apontando os principais enfoques, os temas mais pesquisados e as possíveis lacunas existentes, contribuindo para a definição, a organização e a análise de um campo de investigação. Consolidando o campo teórico e prático deste saber, essas análises possibilitam examinar as ênfases e os temas abordados nas pesquisas, os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações e as contribuições dessas pesquisas para mudanças e inovações da prática em questão.

Em síntese, dentre os diversos autores que propagam essa dinâmica de estudo, é unânime a concepção de que revisões ou pesquisas bibliográficas “estado da arte” são de fundamental importância no processo de evolução da ciência, pois possibilitam a plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado assunto em determinada época, sua amplitude, tendências teóricas e vertentes metodológicas. Esses aspectos estão claramente exemplificados em recente revisão “estado da arte” sobre autismo, “Autism Spectrum Disorders”, publicada e disponibilizada na forma de livro digital (eBook) de acesso livre (Grabrucker, 2021).

Na descrição do método de trabalho para desenvolver estas pesquisas, Romanowski (2002) destaca os passos e procedimentos a serem seguidos na elaboração do inventário e na descrição dos resultados encontrados na produção literária e/ou científica em estudo:

- (1) definição dos temas e descritores para direcionar as buscas a serem realizadas;
- (2) localização dos bancos de dados ou fontes de informação que permitam acesso à produção bibliográfica sobre os temas a serem estudados;
- (3) estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* do “estado da arte”;
- (4) coleta do material de pesquisa;
- (5) leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando os temas, o objetivo do estudo e a metodologia empregada para a proposta em questão;
- (6) organização do texto final da pesquisa com a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as inter-relações existentes; e
- (7) análise e elaboração das discussões e conclusões.

Conforme explicitam Ens e André (2005), os dados levantados pelas revisões ou pesquisas bibliográficas “estado da arte” proporcionam discussões e questionamentos que possibilitam novas propostas e encaminhamentos para a temática em estudo. Dentre eles, vale ressaltar: Como a produção atual contribui efetivamente para o avanço do conhecimento da área? Qual a relevância e a consistência do conhecimento produzido, considerando-se as categorias e subcategorias analisadas? Quais as contribuições desses estudos para a aplicação prática deste campo de conhecimento? Quais as possibilidades de generalização, a partir de similaridades e integração dos resultados encontrados? Quais as políticas e estratégias públicas, sociais, científicas e educativas executadas a partir da produção diretamente relacionada ao tema? Os estudos levantados podem auxiliar no delineamento de novas propostas? Dentre outras.

Como limitações deste tipo de estudo, os autores destacam o tempo despendido para a realização das leituras completas dos textos e as interpretações e análises pessoais do material explicitadas pelo pesquisador na sistematização das sínteses. Assim como a ausência de descrição detalhada do material em estudo é uma limitação de muitas pesquisas que se intitulam como “estado da arte” e se utilizam exclusivamente de resumos para tecer suas análises e considerações (Ferreira, 2002), a descrição dos resultados finais do “estado da arte” de forma resumida e sintética também pode limitar o conhecimento de toda a riqueza da produção literária e/ou científica de determinado campo de saber: “uma palavra excluída, substituída ou acrescentada a qualquer um dos resumos pode permitir que cada leitor faça uma apropriação diferente daquele texto, pode conduzi-lo a uma direção não prevista, pode confundi-lo na opção por um ou por outro resumo com o objetivo de escrever aspectos da produção acadêmica de certa área do conhecimento, pode ser responsável pela frustração do leitor pesquisador quando buscar o original” (Ferreira, 2002).

Em resposta a essa limitação de expressão do significado do conteúdo estudado, levando em conta as múltiplas possibilidades de construção do “estado da arte”, Freitas e Pires (2015) sugerem uma forma inovadora de análise e descrição dos dados coletados na pesquisa através da Análise Textual Discursiva (ATD), baseados nos estudos de Chartier (1998), “para quem a leitura é sempre uma prática criadora, inventiva e produtora, e que, portanto, a significação dos textos, quaisquer que sejam, serão constituídas, pelo leitor/analista, diferencialmente pelas leituras que se apoderam destes textos”. Segundo Chartier destaca, “não devemos nos esquecer de que o texto produzido não muda enquanto o mundo muda, o que significará a própria mudança do texto por meio de sua leitura, pois os espaços dos livros que serão lidos já estarão diferentes”.

Analogamente ao processo de ATD, que propicia uma pesquisa qualitativa envolvendo análises criteriosas de textos diversos e uma melhor compreensão dos fenômenos investigados, culminando no desenvolvimento de um metatexto representativo e mais complexo, outras formas discursivas mais amplas de apresentação dos resultados da revisão ou pesquisa bibliográfica “estado da arte” também podem ser utilizados, em vista de que “os textos não carregam um significado único a ser identificado; trazem significantes que exigem que o analista construa significados a partir de suas teorias, seu foco de pesquisa e seu ponto de vista” (Freitas e Pires, 2015).

II.3.2. Antologia temática como “estado da arte” da pesquisa bibliográfica

O termo “antologia” deriva do grego ‘anthos’ (flor) e ‘lego’ (escolher), denotando uma ‘coleção de flores’. Como obra literária, a antologia é um gênero discursivo, uma compilação de textos selecionados segundo determinados pré-requisitos, acompanhados ou não de comentários ou observações.

Desde a Grécia antiga, as antologias oferecem compilações de poemas ou composições literárias ordenadas segundo determinado tema, autor ou época na qual foram produzidas. Além de propiciar a disseminação de manuscritos ancestrais publicados em locais diversos, essas coletâneas também foram utilizadas para compilar histórias breves ou romances sintéticos em um único volume.

Nos últimos séculos, as antologias têm assumido importância como ferramenta pedagógica ou didática nas pesquisas sobre determinado autor, gênero literário ou assunto, orientando e facilitando as análises dos estudantes quando existe grande número de obras e escasso período de tempo para o estudo. No entanto, para cumprir este papel, torna-se imprescindível uma escolha correta das obras e passagens que melhor retratam determinada produção literária.

Ao contrário das simples coletâneas, que propiciam leituras breves e desconexas, as antologias convidam a um estudo prolongado, seguindo um levantamento histórico e uma noção de hierarquia e evolução. Para isso, a seleção dos textos deve ser contextualizada segundo critérios cronológicos, importância da publicação e tópicos particulares, dentre outros. Para Serrani (2008), “entender a antologia como discurso requer analisar sempre as condições específicas de sua produção, pois não existe discurso descontextualizado”.

Considerando as antologias como uma importante e atual ferramenta de ensino e estudo, Mujica (1997) descreve os vários tipos existentes, dentre eles as “antologias temáticas”: “antologias temáticas reúnem escritos de um tópico particular, fornecendo diversas perspectivas sobre uma questão e mostrando como diferentes autores retratam este tema”.

Diversas publicações na área da saúde exemplificam o emprego de revisões antológicas temáticas, disseminando o conteúdo existente em distintos campos do conhecimento através da compilação dos melhores textos, escolhidos segundo critérios predeterminados: *Investigaciones sobre servicios de salud: una antología* (White et al, 1992; Buss, 1993), *Antología de textos clásicos de la psiquiatría latinoamericana* (Bayardo et al, 2011; Portilla, 2012), *Best practice strategies to safeguard drug prescribing and drug administration: an anthology of expert views and opinions* (Seidling et al, 2016), *Anthology of Venezuelan psychiatry* (Rojas-Malpica et al, 2016) e *Circulation Research “In This Issue” Anthology* (Williams et al, 2016), dentre outras.

Assim sendo, descrevendo os conteúdos e textos selecionados em sua forma literal (*ipsis litteris*), a antologia temática corresponde ao método discursivo mais amplo e fidedigno para se apresentar os resultados da pesquisa bibliográfica “estado da arte”, permitindo ao leitor acessar toda a riqueza da produção literária e/ou científica em determinado campo do saber.

Se, no passado, a amplitude dos textos das antologias representava uma limitação para a plena divulgação do seu conteúdo em livros e revistas impressos, atualmente, essa dificuldade está dirimida na possibilidade da publicação dos livros em diversas plataformas e suportes digitais (pdf e e-book, dentre outras), permitindo que o conhecimento adquirido seja divulgado sem os vieses interpretativos das descrições resumidas e sintéticas.

III Justificativa do Estudo

Pela importância crescente dedicada à correlação entre saúde, espiritualidade e religiosidade, profissionais da saúde devem estar preparados para atenderem às demandas espirituais e religiosas de seus pacientes, adquirindo

informação e treinamento nos diversos aspectos e abordagens desse vasto campo de conhecimento.

Atendendo a esse objetivo, propomos neste estudo sistematizar e disponibilizar as contribuições da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento dessa correlação, em vista de ser um sistema ideológico de cunho científico, filosófico e religioso, disseminado mundialmente e atingindo relevante parcela da população brasileira através de seus seguidores e simpatizantes.

Até onde vai o nosso conhecimento, não há, até o momento, publicações que procurem abarcar o tema dentro da metodologia proposta de forma sistemática e completa.

IV Objetivo do Estudo

O objetivo desse estudo é descrever os contributos da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento das inter-relações entre saúde, espiritualidade e religiosidade. Para tanto, será realizada uma pesquisa nas principais obras da literatura espírita, agrupando os conteúdos das mesmas segundo os diversos temas relacionados aos três tópicos em questão (saúde, espiritualidade e religiosidade) e em conformidade com os passos e procedimentos da revisão “estado da arte” (Romanowski, 2002).

O resultado dessa investigação será descrito numa série ou coleção composta por três livros (volumes) digitais, cada qual abordando um dos tópicos em estudo (“Religiosidade segundo o Espiritismo”, “Espiritualidade segundo o Espiritismo” e “Saúde segundo o Espiritismo”), seguindo os ditames da antologia temática como método discursivo.

Como objetivo geral, o produto final desse trabalho irá contribuir de forma relevante para uma melhor compreensão da relação entre saúde, espiritualidade e religiosidade segundo os princípios e preceitos do Espiritismo.

Com os dados levantados no *corpus* da pesquisa, consolidando o campo teórico e prático deste saber, poderemos sugerir novas propostas e encaminhamentos para a temática em estudo, seguindo as premissas de Ens e André (2005).

V Método

Valendo-nos da conclusão de Ferreira (2002), que sugere uma ampliação na forma de apresentação final das análises de pesquisas bibliográficas, aplicaremos nessa revisão da literatura uma dinâmica metodológica híbrida associando as premissas da revisão “estado da arte” (Romanowski, 2002; Ens e André, 2005; Romanowski e Ens, 2006; Vosgerau e Romanowski, 2014) às da “antologia temática” (Mujica, 1997; Serrani, 2008), com

o intuito de aproximar o leitor à plena compreensão dos assuntos em estudo.

Seguindo um levantamento histórico e uma perspectiva de hierarquia evolutiva (Serrani, 2008; Vosgerau e Romanowski, 2014), a seleção do material desta antologia temática será contextualizada segundo critérios cronológicos, importância da publicação e tópicos particulares.

Como método de trabalho para o desenvolvimento desta produção literária e científica, destacamos os passos e procedimentos que serão seguidos na realização do inventário, seleção dos textos, descrição dos resultados e elaboração das discussões, conclusões e sugestões: (1) critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* desta antologia temática; (2) levantamento dos temas relacionados à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade; (3) leitura das publicações com elaboração de inventário preliminar, considerando os temas, o objetivo do estudo e a metodologia empregada para a proposta em questão; (4) organização do texto final da pesquisa segundo o método discursivo antológico, com o agrupamento dos textos que se relacionem aos diversos tópicos de cada um dos três tópicos em estudo (saúde, espiritualidade e religiosidade) e a descrição dos conteúdos selecionados em sua forma literal (*ipsis litteris*), identificando as tendências dos temas abordados e as inter-relações existentes; e (5) análise e elaboração das discussões, conclusões e sugestões (propostas e encaminhamentos) para a temática em estudo (Romanowski, 2002; Ens e André, 2005; Romanowski e Ens, 2006; Mujica, 1997).

V.1. Critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* desta antologia temática

Seguindo um levantamento histórico e uma perspectiva de hierarquia evolutiva, selecionando as publicações espíritas de maior importância, fidedignidade e que discorram sobre os tópicos em estudo, o *corpus* desta antologia temática será composto, principalmente, pelas obras de Allan Kardec e as psicografadas pelos médiuns contemporâneos Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco citadas anteriormente (II.2.3. Critérios para a seleção das referências bibliográficas que serão utilizadas no presente estudo).

V.2. Levantamento dos temas relacionados à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade

Considerando as premissas das “antologias temáticas”, que buscam reunir “escritos de um tópico particular, fornecendo diversas perspectivas sobre uma questão e mostrando como diferentes autores retratam este tema” (Mujica, 1997), faz-se necessário um

levantamento dos temas que se relacionam à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade, a fim de que se elabore um inventário preliminar das obras espíritas em estudo e a consequente organização do texto final da pesquisa.

Em relação ao tópico “religiosidade” (Volume I – “Religiosidade segundo o Espiritismo”), serão selecionados os textos espíritas que abordem ‘temas’ relacionados às práticas religiosas (espíritas ou não), ou seja, os sistemas de crenças, atividades e condutas realizadas por determinadas comunidades, com suporte em rituais que veneram e praticam, com o intuito de entrarem em contato com o sagrado e/ou transcendente, tais como: animismo, catolicismo, clarividência, centro espírita, céu/paraíso/inferno, crença, culto, desobsessão, Deus/divindade, dogma, doutrinação, ectoplasma, espiritismo, espírito, ética/moral, evangelho, evolução, fé, fluidoterapia, igreja, imposição de mãos, intuição/percepção, Jesus, magnetismo, materialização, mediunidade, médium, milagre, missa, mundo/plano espiritual, oração, passe, prece, psicofonia, psicografia, psicomетria, religião, reunião espírita, ritual e templo, dentre outros.

Para o tópico “espiritualidade” (Volume II – “Espiritualidade segundo o Espiritismo”), serão selecionados os textos espíritas que abordem ‘temas’ relacionados à busca do homem pela compreensão de questões espirituais/existenciais maiores (sentido da vida, evolução dos seres e dos espíritos, causa dos sofrimentos e provações, evolução espiritual e moral, mistério da morte, vida após a morte, planos espirituais, dentre outros), suas relações com o sagrado e/ou transcendente e demais aspectos filosóficos, tais como: ação/reação, alma, amor/ódio, anjo/demônio, antipatia/simpatia, bem/mal, carma, céu/paraíso/inferno, consciência/razão, defeito/qualidade, Deus/divindade, desencarnação, destino/missão, educação, encarnação, espírito/espiritual, ética/moral, evolução, família, guia espiritual, homem, humanidade, imortalidade, influência espiritual, justiça, livre arbítrio, materialismo, morte, mundo/plano espiritual, nascimento, perturbação espiritual, planeta, povo/raça/nação, purgatório, obsessão/subjugação, purgatório, reencarnação, reforma íntima, sofrimento/provação, Terra, trabalho, umbral e vida, dentre outros.

Quanto ao tópico “saúde” (Volume III – “Saúde segundo o Espiritismo”), serão selecionados os textos espíritas que abordem ‘temas’ relacionados à saúde e à ciência em geral, tais como: alimentação, aura, célula/tecido, centro de força, ciência, corpo imaterial/sutil, doença/enfermidade, dor/sofrimento, droga, embriologia, emoção/sentimento, energia/vibração, estresse, éter, eutanásia, evolução, fases da vida, fecundação, fisiologia, fluido, fobia, genética, gestação, hábito/vício, inconsciente, infecção, infertilidade, inteligência/intelecto, instinto, intuição/percepção, loucura, magnetismo, medicamento, medicina, mediunidade, memória, mente,

metabolismo, microbiologia, molécula/átomo/partícula, natureza, obsessão/subjugação, órgão/sistema, patologia, pensamento/psiquismo, proteína, personalidade, química, reflexo, sangue, saúde, sensibilidade/sentido, sexo/sexualidade, sonho, sono, suicídio, temperamento e terapia/tratamento, dentre outros.

V.3. Leitura das publicações com elaboração de inventário preliminar, considerando os temas, o objetivo do estudo e a metodologia empregada para a proposta em questão

Na elaboração de um inventário preliminar, todas as obras selecionadas serão lidas e os textos relacionados aos ‘temas’ de cada tópico em estudo (saúde, espiritualidade e religiosidade) serão identificados, demarcados e catalogados. Este material servirá de substrato para a organização do texto final.

V.4. Organização do texto final da pesquisa com a descrição dos conteúdos selecionados segundo o método discursivo antológico, identificando as tendências dos temas abordados e as inter-relações existentes

Após a catalogação dos ‘temas’, eles serão agrupados segundo tendências e inter-relações com cada um dos aspectos em estudo, formando capítulos e subcapítulos específicos. Após esse rearranjo de ‘temas’, os conteúdos serão transcritos segundo o método discursivo antológico (*ipsis litteris*), respeitando-se a ordem cronológica das publicações e uma possível hierarquia evolutiva na complexidade dos diversos textos selecionados. Essa será a forma final de apresentação do *corpus* da pesquisa.

V.5. Análise e elaboração das discussões, conclusões e sugestões (propostas e encaminhamentos) para a temática em estudo

Finalizando a pesquisa, os resultados encontrados serão discutidos à luz dos conhecimentos científicos modernos, traçando-se comparações que reiterem ou neguem os dados, além de buscar sugerir estudos e pesquisas futuras nesse campo de atuação.

VI Plano de Trabalho

Este projeto de pós-doutorado tem perspectiva de duração de 36 meses (3 anos), sendo que os 18 meses iniciais serão dedicados à leitura das obras selecionadas e elaboração de inventário preliminar (item V.3); os próximos 12 meses serão empregados para a organização do texto final da pesquisa com a descrição dos conteúdos selecionados segundo o método discursivo antológico (item V.4); os últimos 06 meses serão utilizados para a elaboração das discussões, conclusões e sugestões (item V.5), assim como para a produção da coleção composta pelos três livros (volumes) digitais [diagramação e formatação; depósito legal e registro no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional (FBN); solicitação de ISBN na Agência Brasileira do ISBN da FBN; dentre outras providências].

Tabela 1. Plano de trabalho com fases do projeto e carga horária

Fases do Projeto	Estimativa de tempo a ser utilizado
Leitura das obras selecionadas e elaboração de inventário preliminar	18 meses (com carga horária de 20h semanais ou 1470h totais)
Organização do texto da pesquisa segundo o método discursivo antológico	12 meses (com carga horária de 20h semanais ou 980h totais)
Elaboração das discussões, conclusões e sugestões finais / produção da coleção composta pelos três livros (volumes) digitais	6 meses (com carga horária de 20h semanais ou 490h totais)

VII Referências Bibliográficas

AbdAleati NS, Mohd Zaharim N, Mydin YO. Religiosity and Mental Health: Systematic Review Study. *J Relig Health*. 2016;55(6):1929-37.

Acklin MW, Brown EC, Mauger PA. The role of religious values in coping with cancer. *J Relig Health*. 1983;22(4):322-33.

Agorastos A, Demiralay C, Huber CG. Influence of religious aspects and personal beliefs on psychological

behavior: focus on anxiety disorders. *Psychol Res Behav Manag*. 2014;7:93-101.

Akrawi D, Bartrop R, Potter U, Touyz S. Religiosity, spirituality in relation to disordered eating and body image concerns: A systematic review. *J Eat Disord*. 2015;3:29.

Almeida AAS, Oda AMGR, Dalgallarrondo P. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. *Rev Psiquiatr Clin*. 2007;34(1):34-41.

American Psychiatric Association (APA). Committee on religion and psychiatry. Guidelines regarding possible conflict between psychiatrists' religious commitments and psychiatric practice. *Am J Psychiatry*. 1990;147(4):542.

André Luiz (Espírito). Ação e reação. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

André Luiz (Espírito). Desobsessão. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

André Luiz (Espírito). E a vida continua... Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1968.

André Luiz (Espírito). Entre a terra e o céu. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

André Luiz (Espírito). Evolução em dois mundos. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

André Luiz (Espírito). Liberação. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

André Luiz (Espírito). Mecanismos da mediunidade. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1960.

André Luiz (Espírito). Missionários da luz. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

André Luiz (Espírito). No mundo maior. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1947.

André Luiz (Espírito). Nos domínios da mediunidade. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1955.

André Luiz (Espírito). Nosso lar. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944a.

- André Luiz (Espírito). Obreiros da vida eterna. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1946.
- André Luiz (Espírito). Os mensageiros. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944b.
- André Luiz (Espírito). Sexo e destino. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1963.
- Baetz M, Griffin R, Bowen R, Marcoux G. Spirituality and psychiatry in Canada: Psychiatric practice compared with patient expectations. *Can J Psychiatry*. 2004;49(4):265-71.
- Baldacchino DR. Teaching on the spiritual dimension in care to undergraduate nursing students: the content and teaching methods. *Nurse Educ Today*. 2008;28(5):550-62.
- Bayardo SJV, Malpica CR, Garrabé de Lara J (Eds.). Antología de textos clásicos de la psiquiatría latinoamericana. Guadalajara: GLADET, 2011. 503 p.
- Beischel J, Boccuzzi M, Biuso M, Rock AJ. Anomalous information reception by research mediums under blinded conditions II: replication and extension. *Explore (NY)*. 2015;11(2):136-42.
- Bennett K, Shepherd J, Janca A. Personality disorders and spirituality. *Curr Opin Psychiatry*. 2013;26(1):79-83.
- Best M, Butow P, Olver I. Doctors discussing religion and spirituality: A systematic literature review. *Palliat Med*. 2016;30(4):327-37.
- Bezerra de Menezes. Dramas da obsessão. Psicografado por Yvonne Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: FEB, 1964.
- Bonelli RM, Koenig HG. Mental disorders, religion and spirituality 1990 to 2010: a systematic evidence-based review. *J Relig Health*. 2013;52(2):657-73.
- Brady MJ, Peterman AH, Fitchett G, Mo M, Cella D. A case for including spirituality in quality of life measurement in oncology. *Psychooncology*. 1999;8(5):417-28.
- Braghetta CC, Lucchetti G, Leão FC, Cândido Vallada, Vallada H, Cordeiro Q. Aspectos éticos e legais da assistência religiosa em hospitais psiquiátricos. *Rev Psiquiatr Clin*. 2011;38(5):189-93.
- Braguetta CC. Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliar espiritualidade: Escala de Atitudes Relacionadas à Espiritualidade (ARES). [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2017.
- Buss PM. Investigaciones sobre servicios de salud: una antología. *Cad Saúde Pública*. 1993;9(1):101-3.
- Cardena E, Lynn SJ, Krippner S. Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence. 2 ed. Washington, DC: American Psychological Association, 2014, 452p.
- Chartier R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora Unesp; 1998.
- Chehaibar GZ. Bioética e crença religiosa: estudo da relação médico-paciente Testemunha de Jeová com potencial risco de transfusão de sangue [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2010.
- Chida Y, Steptoe A, Powell LH. Religiosity/spirituality and mortality. A systematic quantitative review. *Psychother Psychosom*. 2009;78(2):81-90.
- CMS Manual System, Centers for Medicare and Medicaid Services, State Operations Manual, Appendix M-Guidance to Surveyors, Hospice; 2010. Disponível em:  <https://www.cms.gov/Regulations-and-Guidance/Guidance/Transmittals/downloads/R65SOMA.pdf>.
- Conselho Federal de Medicina (CFM). Código de ética médica: Resolução CFM no 1.931/09. Brasília: CFM; 2009.
- Cook CC. Religious psychopathology: The prevalence of religious content of delusions and hallucinations in mental disorder. *Int J Soc Psychiatry*. 2015;61(4):404-25.
- Cordeiro Q. Creation of the section on spirituality and mental health at the Brazilian psychiatric association. *Psyche and Spirit*. 2014;3(1):2-3.
- Curlin FA, Lawrence RE, Odell S, et al. Religion, spirituality, and medicine: psychiatrists' and other physicians' differing observations, interpretations, and clinical approaches. *Am J Psychiatry*. 2007;164(12):1825-31.
- d'Avila RL. A ética médica e a bioética como requisitos do ser moral: ensinando habilidades humanitárias em medicina. *Bioética*. 2010;18(2):311-27.

Daher JC Jr, Damiano RF, Lucchetti AL, Moreira-Almeida A, Lucchetti G. Research on Experiences Related to the Possibility of Consciousness Beyond the Brain: A Bibliometric Analysis of Global Scientific Output. *J Nerv Ment Dis.* 2017;205(1):37-47.

Dal-Farra RA, Geremia C. Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas. *Rev Bras Educ Med.* 2010;34(4):587-97.

Delgado-Guay MO. Spirituality and religiosity in supportive and palliative care. *Curr Opin Support Palliat Care.* 2014;8(3):308-13.

Doolittle BR, Justice AC, Fiellin DA. Religion, Spirituality, and HIV Clinical Outcomes: A Systematic Review of the Literature. *AIDS Behav.* 2016 Dec 21. [Epub ahead of print]

Drutchas A, Anandarajah G. Spirituality and coping with chronic disease in pediatrics. *R I Med J.* (2013) 2014;97(3):26-30.

Durà-Vilà G, Hagger M, Dein S, Gerard L. Ethnicity, religion and clinical practice: a qualitative study of beliefs and attitudes of psychiatrists in the United Kingdom. *Ment Health Relig Cult.* 2011;14(01):53-64.

Ehman JW, Ott BB, Short TH, Ciampa RC, Hansen-Flaschen J. Do patients want physicians to inquire about their spiritual or religious beliefs if they become gravely ill? *Arch Intern Med.* 1999;159(15):1803-1806.

Emmanuel (Espírito). *A caminho da luz.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

Emmanuel (Espírito). *Emmanuel.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

Emmanuel (Espírito). *O Consolador.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1941.

Emmanuel (Espírito). *Roteiro.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

Ens RT, André MDA. A formação de professores nas dissertações e teses da área de educação no Brasil: um estudo comparativo. In: *Congresso Internacional de Educação e Trabalho: Representações Sociais, Competências e Trajetórias Profissionais.* Aveiro, 2005. Anais... Aveiro: Editora Universidade de Aveiro; 2005.

Ferreira NSA. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educ Soc.* 2002;23(79):257-72.

Fortin AH, Barnett KG. Medical school curricula in spirituality and medicine. *JAMA.* 2004;291:2883.

Freitas AV, Pires CMC. Estado da arte em educação matemática na EJA: percursos de uma investigação. *Ciênc educ (Bauru).* 2015;21(3):637-54.

Gearing RE, Alonzo D, Smolak A, McHugh K, Harmon S, Baldwin S. Association of religion with delusions and hallucinations in the context of schizophrenia: implications for engagement and adherence. *Schizophr Res.* 2011;126(1-3):150-63.

Gonçalves JP, Lucchetti G, Menezes PR, Vallada H. Religious and spiritual interventions in mental health care: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled clinical trials. *Psychol Med.* 2015;45(14):2937-49.

Grabrucker AM, editor. *Autism Spectrum Disorders* [Internet]. Brisbane (AU): Exon Publications; 2021 Aug 20. Disponível em:  <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK573612>.

Graves DL, Shue CK, Arnold L. The role of spirituality in patient care: incorporating spirituality training into medical school curriculum. *Acad Med.* 2002;77:1167.

Guck TP, Kavan MG. Medical student beliefs: spirituality's relationship to health and place in the medical school curriculum. *Med Teacher.* 2006;28:702-7

Haber JR, Koenig LB, Jacob T. Alcoholism, personality, and religion/spirituality: an integrative review. *Curr Drug Abuse Rev.* 2011;4(4):250-60.

Hills J, Paice JA, Cameron JR, Shott S. Spirituality and distress in palliative care consultation. *J Palliat Med.* 2005;8(4):782-8.

Hove MJ, Stelzer J, Nierhaus T, et al. Brain Network Reconfiguration and Perceptual Decoupling During an Absorptive State of Consciousness. *Cereb Cortex.* 2016;26(7):3116-24.

Hulett JM, Armer JM. A systematic review of spiritually based interventions and psychoneuroimmunological outcomes in breast cancer survivorship. *Integr Cancer Ther.* 2016;15(4):405-423.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.* Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, IBGE, 2010, p. 1-215.

- Janiszewska J, Buss T, de Walden-Gałaszko K, Majkowicz M, Lichodziejewska-Niemierko M, Modlińska A. The religiousness as a way of coping with anxiety in women with breast cancer at different disease stages. *Support Care Cancer*. 2008;16(12):1361-6.
- Joanna de Ângelis (Espírito). *Estudos espíritas*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- Joanna de Ângelis (Espírito). *O homem integral*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- Joint Commission on Accreditation of Healthcare Organizations (JCAHO). *Medical Record - Spiritual Assessment*. 2017. Disponível em:  <https://www.jointcommission.org/search/?keywords=spiritu&f=site-name&site%20name=Joint%20Commission>.
- Kardec A. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* Tradução de Guillon Ribeiro. 53ª ed. Brasília: FEB, 2013e. 409 p.
- Kardec A. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 61ª ed. Brasília: FEB, 2013d. 407 p.
- Kardec A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 131ª ed. Brasília: FEB, 2013c. 410 p.
- Kardec A. *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. Tradução de Guillon Ribeiro. 93ª ed. Brasília: FEB, 2013a. 526 p.
- Kardec A. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Tradução de Guillon Ribeiro. 81ª ed. Brasília: FEB, 2013b. 446 p.
- Kardec A. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 26ª ed. Brasília: FEB, 2013f. 477 p.
- Kim Y, Carver CS, Cannady RS. Caregiving motivation predicts long-term spirituality and quality of life of the caregivers. *Ann Behav Med*. 2015;49(4):500-9.
- Kim Y, Carver CS, Spillers RL, Crammer C, Zhou ES. Individual and dyadic relations between spiritual well-being and quality of life among cancer survivors and their spousal caregivers. *Psychooncology*. 2011;20(7):762-70.
- Kim Y, Wellisch DK, Spillers RL, Crammer C. Psychological distress of female cancer caregivers: effects of type of cancer and caregivers' spirituality. *Support Care Cancer*. 2007;15(12):1367-74.
- King MB, Koenig HG. Conceptualising spirituality for medical research and health service provision. *BMC Health Serv Res*. 2009;9:116.
- Koenig H, King D, Carson V. *Handbook of religion and health*. 2nd ed. New York: Oxford University Press; 2012.
- Koenig HG, Hooten EG, Lindsay-Calkins E, Meador KG. Spirituality in medical school curricula: findings from a National Survey. *Int J Psychiatry Med*. 2010;40:391-8.
- Koenig HG, Idler E, Kasl S, et al. Religion, spirituality, and medicine: a rebuttal to skeptics. *Int J Psychiatry Med*. 1999;29(2):123-31.
- Koenig HG. *Medicine, Religion and Health: where science and spirituality meet*. Pennsylvania: Templeton Foundation Press; 2008.
- Koenig HG. Religion, spirituality and medicine: how are they related and what does it mean. *Mayo Clin Proc*. 2001;76(12):1189-91.
- Koenig HG. Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications. *ISRN Psychiatry*. 2012;2012:278730.
- Krupski TL, Kwan L, Fink A, Sonn GA, Maliski S, Litwin MS. Spirituality influences health related quality of life in men with prostate cancer. *Psychooncology*. 2006;15(2):121-31.
- Kub J, Solari-Twadell PA. Religiosity/spirituality and substance use in adolescence as related to positive development: a literature review. *J Addict Nurs*. 2013;24(4):247-62.
- Laubmeier KK, Zakowski SG, Bair JP. The role of spirituality in the psychological adjustment to cancer: a test of the transactional model of stress and coping. *Int J Behav Med*. 2004;11(1):48-55.
- Longshore D, Anglin MD, Conner BT. Are religiosity and spirituality useful constructs in drug treatment research? *J Behav Health Serv Res*. 2009;36(2):177-88.
- Lu FG, Lukoff D, Turner R. Religious or spiritual problems. In: APA. *DSM-IV Sourcebook*. Washington DC: American Psychiatric Press; 1994.

Lucchetti AL, Lucchetti G, Leão FC, Peres MF, Vallada H. Mental and Physical Health and Spiritual Healing: An Evaluation of Complementary Religious Therapies Provided by Spiritist Centers in the City of São Paulo, Brazil. *Cult Med Psychiatry*. 2016;40(3):404-21.

Lucchetti AL, Peres MF, Vallada HP, Lucchetti G. Spiritual Treatment for Depression in Brazil: An Experience From Spiritism. *Explore (NY)*. 2015;11(5):377-86.

Lucchetti G, Aguiar PR, Braghetta CC, Vallada CP, Moreira-Almeida A, Vallada H. *Cult Med Psychiatry*. 2012c;36(1):124-35.

Lucchetti G, Lucchetti AL, Bassi RM, Nobre MR. Complementary Spiritist Therapy: systematic review of scientific evidence. *Evid Based Complement Alternat Med*. 2011b;2011:835945.

Lucchetti G, Lucchetti AL, Espinha DC, de Oliveira LR, Leite JR, Koenig HG. Spirituality and health in the curricula of medical schools in Brazil. *BMC Med Educ*. 2012b;12:78.

Lucchetti G, Lucchetti AL, Koenig HG. Impact of spirituality/religiosity on mortality: comparison with other health interventions. *Explore (NY)*. 2011a;7(4):234-8.

Lucchetti G, Lucchetti AL, Puchalski CM. Spirituality in medical education: global reality? *J Relig Health*. 2012a;51(1):3-19.

Lucchetti G, Oliveira AB, Mercante JP, Peres MF. Anxiety and fear-avoidance in musculoskeletal pain. *Curr Pain Headache Rep*. 2012b;16(5):399-406.

Lukoff D, Lu F, Turner R. Toward a more culturally sensitive DSM-IV: psychoreligious and psychospiritual problems. *J Nerv Ment Dis*. 1992;180(11):673-82.

Mainieri AG, Peres JFP, Moreira-Almeida A, Mathiak K, Habel U, Kohn N. Neural correlates of psychotic-like experiences during spiritual-trance state. *Psychiatry Res*. 2017 30;266:101-7.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Amanhecer de uma nova era. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012b.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Entre os dois mundos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006a.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Grilhões partidos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1974.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Loucura e obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Mediunidade: desafios e bênçãos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012a.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Nas fronteiras da loucura. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1982.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Nos bastidores da obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1970.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Painéis da obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1984.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Perturbações espirituais. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2015.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Reencontro com a vida. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006b.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Sexo e obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2003.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Temas da vida e da morte. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996a.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Tormentos da obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2001.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Tramas do destino. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Transição planetária. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2010.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Transtornos psiquiátricos e obsessivos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2009.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Trilhas de libertação. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996b.

- Maraldi EO, Krippner S, Barros MCM, Cunha A. Dissociation From a Cross-Cultural Perspective: Implications of Studies in Brazil. *J Nerv Ment Dis.* 2017;205(7):558-67.
- McCoubrie RC, Davies AN. Is there a correlation between spirituality and anxiety and depression in patients with advanced cancer? *Support Care Cancer.* 2006;14(4):379-85.
- McCullough ME, Hoyt WT, Larson DB, Koenig HG, Thoresen C. Religious involvement and mortality: a meta-analytic review. *Health Psychol.* 2000;19(3):211-22.
- Menegatti-Chequini MC, Goncalves JPB, Leao FC, Peres MFP, Vallada H. A preliminary survey on the religious profile of Brazilian psychiatrists and their approach to patients' religiosity in clinical practice. *BJPsych Open.* 2016;2:346-52.
- Menegatti-Chequini MC, Maraldi EO, Peres MFP, Leão FC, Vallada H. How psychiatrists think about religious and spiritual beliefs in clinical practice: findings from a university hospital in São Paulo, Brazil. *Braz J Psychiatry.* 2019;41(1):58-65.
- Moreira-Almeida A, Cardena E. Differential diagnosis between non-pathological psychotic and spiritual experiences and mental disorders: a contribution from Latin American studies to the ICD-11. *Rev Bras Psiquiatr.* 2011;33(01):21-36.
- Moreira-Almeida A, Koenig HG, Lucchetti G. Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. *Rev Bras Psiquiatr.* 2014;36(2):176-82.
- Moreira-Almeida A, Lotufo Neto F. Spiritist views of mental disorders in Brazil. *Transcult Psychiatry.* 2005;42(4):570-95.
- Moreira-Almeida A, Lotufo-Neto F. Methodological guidelines to investigate altered states of consciousness and anomalous experiences. *Int Rev Psychiatry.* 2017;29(3):283-92.
- Moreira-Almeida A, Neto FL, Koenig HG. Religiosity and mental health: a review. *Rev Bras Psiquiatr.* 2006;28(3):242-50.
- Moreira-Almeida A, Sharma A, Rensburg B, Verhagen P, Cook C. WPA Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. *World Psychiatry.* 2016;15(1):87-8.
- Moreira-Almeida A. Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora [editorial]. *Rev Psiquiatr Clin.* 2007;34(suppl1):3-4.
- Moreira-Almeida A. Pesquisa em mediunidade e relação mente-cérebro: revisão das evidências. *Rev Psiquiatr Clin.* 2013;40(6):233-40.
- Mueller PS, Plevak DJ, Rummans TA. Religious involvement, spirituality, and medicine: implications for clinical practice. *Mayo Clin Proc.* 2001;76(12):1225-35.
- Mujica B. Teaching literature: canon, controversy and the literary anthology. *Hispania.* 1997;80(2):203-15.
- Narayanasamy A. The impact of empirical studies of spirituality and culture on nurse education. *J Clin Nurs.* 2006;15(7):840-51.
- Neeleman J, King M. Psychiatrists religious attitudes in relation to their clinical-practice - a survey of 231 psychiatrists. *Acta Psychiatr Scand.* 1993;88(6):420-4.
- Neely D, Minford EJ. Current status of teaching on spirituality in UK medical schools. *Med Educ.* 2008;42(2):176-82.
- Nelson CJ, Rosenfeld B, Breitbart W, Galiotta M. Spirituality, religion, and depression in the terminally ill. *Psychosomatics.* 2002;43(3):213-20.
- O'Mahony S, Goulet J, Kornblith A, et al. Desire for hastened death, cancer pain and depression: report of a longitudinal observational study. *J Pain Symptom Manage.* 2005;29(5):446-57.
- Pargament K, Lomax J. Understanding and addressing religion among people with mental illness. *World Psychiatry.* 2013;12(1):26-32.
- PDQ Supportive and Palliative Care Editorial Board. Spirituality in Cancer Care (PDQ®): Patient Version. 2015 May 18. PDQ Cancer Information Summaries [Internet]. Bethesda (MD): National Cancer Institute (US); 2002-. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK66027/>.
- PDQ Supportive and Palliative Care Editorial Board. Spirituality in Cancer Care (PDQ®): Health Professional Version. 2016 Nov 9. PDQ Cancer Information Summaries [Internet]. Bethesda (MD): National Cancer Institute (US); 2002-. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK66000/>.
- Peres JF, Moreira-Almeida A, Caixeta L, Leao F, Newberg A. Neuroimaging during trance state: a contribution to the study of dissociation. *PLoS One.* 2012;7(11):e49360.
- Portilla Geada N. Antología de textos clásicos de la psiquiatría latinoamericana. *Salud Ment.* 2012;35(3):263-4.

- Powell LH, Shahabi L, Thoresen CE. Religion and spirituality: linkages to physical health. *Am Psychol*. 2003;58(1):36-52.
- Puchalski CM, Larson DB. Developing curricula in spirituality and medicine. *Acad Med*. 1998;73(9):970-4.
- Puchalski CM. Spirituality and medicine: curricula in medical education. *J Cancer Educ*. 2006;21(1):14-8.
- Puchalski CM. Spirituality and the care of patients at the end-of-life: an essential component of care. *Omega (Westport)*. 2007;56(1):33-46.
- Rew L, Wong YJ. A systematic review of associations among religiosity/spirituality and adolescent health attitudes and behaviors. *J Adolesc Health*. 2006;38(4):433-42.
- Rocha AC, Paraná D, Freire ES, Lotufo Neto F, Moreira-Almeida A. Investigating the fit and accuracy of alleged mediumistic writing: a case study of Chico Xavier's letters. *Explore (NY)*. 2014;10(5):300-8.
- Rojas-Malpica C, Portilla-Geadá Nde L, Téllez Pacheco P. Anthology of Venezuelan psychiatry. *Int Rev Psychiatry*. 2016;28(2):207-30.
- Romanowski JP, Ens RT. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. *Dialogo Educ*. 2006;6(19):37-50.
- Romanowski JP. As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2002.
- Royal College of Psychiatric. Spirituality and psychiatry special interest group. RCPSYCH, 1999. Disponível em: www.rcpsych.ac.uk/college/specialinterestgroups/spirituality.aspx.
- Schaefer FC, Blazer DG, Koenig HG. Religious and spiritual factors and the consequences of trauma: a review and model of the interrelationship. *Int J Psychiatry Med*. 2008;38(4):507-24.
- Schonfeld TL, Schmid KK, Boucher-Payne D. Incorporating Spirituality into Health Sciences Education. *J Relig Health*. 2016;55(1):85-96.
- Seeman TE, Dubin LF, Seeman M. Religiosity/spirituality and health. A critical review of the evidence for biological pathways. *Am Psychol*. 2003;58(1):53-63.
- Seidling HM, Stützel M, Hoppe-Tichy T, et al. Best practice strategies to safeguard drug prescribing and drug administration: an anthology of expert views and opinions. *Int J Clin Pharm*. 2016;38:362-73.
- Serrani S. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *Alea*. 2008;10(2):270-87.
- Seybold KS. Physiological mechanisms involved in religiosity/spirituality and health. *J Behav Med*. 2007;30(4):303-9.
- Seyringer ME, Friedrich F, Stompe T, Frottier P, Schrank B, Frühwald S. [The "Gretchen question" for psychiatry--the importance of religion and spirituality in psychiatric treatment]. *Neuropsychiatr*. 2007;21(4):239-47.
- Smolak A, Gearing RE, Alonzo D, Baldwin S, Harmon S, McHugh K. Social support and religion: mental health service use and treatment of schizophrenia. *Community Ment Health J*. 2013;49(4):444-50.
- Somain R. Religiões no Brasil em 2010. *Confins Revue franco-brésilienne de géographie/ Revista franco-brasileira de geografia*: Théry, Hervé; 2012.
- Souza ZS, Moraes MIDM. A ética médica e o respeito às crenças religiosas. *Bioética*. 1998;6(1):89-93.
- Sulmasy DB. A biopsychosocial-spiritual model for the care of patients at the end of life. *Gerontologist*. 2002;42 Spec No 3:24-33.
- Tarakeshwar N, Vanderwerker LC, Paulk E, Pearce MJ, Kasl SV, Prigerson HG. Religious coping is associated with the quality of life of patients with advanced cancer. *J Palliat Med*. 2006;9(3):646-57.
- Teixeira MZ, Lin CA, Martins MA. Homeopathy and acupuncture teaching at Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: the undergraduates' attitudes. *Sao Paulo Med J*. 2005;123(2):77-82.
- Teixeira MZ, Lin CA, Martins MA. O ensino de práticas não-convencionais em saúde nas faculdades de medicina: panorama mundial e perspectivas brasileiras. *Rev Bras Educ Med*. 2004;28(1):51-60.
- Teixeira MZ. A concepção vitalista de Samuel Hahnemann. *Rev Homeopatia (São Paulo)*. 1996;61(3-4):39-44.
- Teixeira MZ. A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as princi-

pais concepções médicas e filosóficas. São Paulo: Editorial Petrus, 2000a.

Teixeira MZ. Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. *Rev Med (São Paulo)*. 2017b;96(3):145-58.

Teixeira MZ. Educação médica em terapêuticas não convencionais. *Rev Med (São Paulo)*. 2013;92(4):224-35.

Teixeira MZ. Interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade: importância do ensino, da pesquisa e da assistência na educação médica. *Rev Med (São Paulo)*. 2020;99(2):134-47.

Teixeira MZ. O vitalismo hahnemanniano na prática clínica homeopática. *Rev Homeopatia (São Paulo)*. 2000b;65(2):22-34.

Teixeira MZ. O vitalismo homeopático ao longo da história da medicina. *Homeopat Bras*. 2002;8(2):109-23.

Teixeira MZ. Panorama mundial da educação médica em terapêuticas não convencionais (homeopatia e acupuntura). *Rev Homeopatia (São Paulo)*. 2017a;80(1/2):18-39.

Timmins F, Neill F. Teaching nursing students about spiritual care - a review of the literature. *Nurse Educ Pract*. 2013;13(6):499-505.

Trevino KM, Balboni M, Zollfrank A, Balboni T, Prigerson HG. Negative religious coping as a correlate of suicidal ideation in patients with advanced cancer. *Psychooncology*. 2014;23(8):936-45.

Unterrainer HF, Lewis AJ, Fink A. Religious/Spiritual Well-being, personality and mental health: a review of results and conceptual issues. *J Relig Health*. 2014;53(2):382-92.

van Groenestijn AC, Kruitwagen-van Reenen ET, Visser-Meily JM, van den Berg LH, Schröder CD. Associations between psychological factors and health-related quality of life and global quality of life in patients with ALS: a systematic review. *Health Qual Life Outcomes*. 2016;14(1):107.

van Leeuwen R, Tiesinga LJ, Post D, Jochemsen H. Spiritual care: implications for nurses' professional responsibility. *J Clin Nurs*. 2006;15(7):875-84

Verhagen PJ. The case for more effective relationships between psychiatry, religion and spirituality. *Curr Opin Psychiatry*. 2010;23(6):550-5.

Visser A, Garssen B, Vingerhoets A. Spirituality and well-being in cancer patients: a review. *Psychooncology*. 2010;19(6):565-72.

Vosgerau DSAR, Romanowski JP. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev Dialogo Educ*. 2014;14(41):165-89.

Wasner M., Longaker C., Fegg MJ, BorasioGD. Effects of spiritual care training for palliative care professionals. *Palliative Medicine*. 2005;19(2):99-104.

White K, Frenk J, Ordóñez C, Paganini JM, Starfield B. Investigaciones sobre servicios de salud: una antología. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud, 1992. 1200 p.

Whitford HS, Olver IN, Peterson MJ. Spirituality as a core domain in the assessment of quality of life in oncology. *Psychooncology*. 2008;17(11):1121-8.

WHO (World Health Organization). Amendments to the Constitution. Fifty-second world health assembly (Provisional agenda item 16). April, 7th; 1999.

WHO (World Health Organization). Constitution of the World Health Organization. Basic Documents. WHO. Genève: 1946.

Williams R, Editors. Circulation Research "In This Issue" Anthology. *Circ Res*. 2016;119(1):e1-e27.

Woll ML, Hinshaw DB, Pawlik TM. Spirituality and religion in the care of surgical oncology patients with life-threatening or advanced illnesses. *Ann Surg Oncol*. 2008;15(11):3048-57.

Wu A, Wang JY, Jia CX. Religion and Completed Suicide: a Meta-Analysis. *PLoS One*. 2015;10(6):e0131715.

Yanez B, Edmondson D, Stanton AL, et al. Facets of spirituality as predictors of adjustment to cancer: relative contributions of having faith and finding meaning. *J Consult Clin Psychol*. 2009;77(4):730-41.

Yeung JW, Chan YC, Lee BL. Youth religiosity and substance use: a meta-analysis from 1995 to 2007. *Psychol Rep*. 2009;105(1):255-66.

Yonker JE, Schnabelrauch CA, Dehaan LG. The relationship between spirituality and religiosity on psychological outcomes in adolescents and emerging adults: a meta-analytic review. *J Adolesc*. 2012;35(2):299-314.

Anexo – Declaração de participação no programa de pós-doutorado do Departamento de Psiquiatria (FMUSP)



Comissão de Pesquisa

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o (a) **Dr (a). Marcus Zulian Teixeira**, matrícula USP nº 1483912 e CPF nº 046.634.948-38, é pós-doutorando (a) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Psiquiatria, sob a supervisão do (a) Prof (a). Dr (a). Homero Pinto Vallada Filho, participando do projeto intitulado *"Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou Estado da Arte da literatura."*, no período de 01/03/2022 a 28/02/2025.

São Paulo, 21 de novembro de 2022.

Profa. Dra. Ana Claudia Latrônico Xavier
Presidente da Comissão de Pesquisa da FMUSP

Comissão de Pesquisa

Prédio anexo da Assistência de Pesquisa e Inovação FMUSP
Av. Dr. Arnaldo, 455 - Cerqueira César - São Paulo - Brasil - 01246 903

www.fm.usp.br



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Primeira Parte

Religião e Religiosidade

I. Deus

II. Evolução da atividade religiosa ou religiosidade

III. Jesus e o Evangelho

IV. Evolução do Cristianismo após Jesus

V. Dogmatismo das religiões

VI. Milagres: fenômenos sobrenaturais ou naturais?

VII. Religião após a morte

I Deus

I.1. Definição, natureza e atributos de Deus

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. Criou o Universo, que abrange todos os seres animados, e inanimados, materiais e imateriais.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução, VI)

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo I)

“**13.** Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos ideia completa de seus atributos? “Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber”. (Deus é *eterno*. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade. É *imutável*. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam. É *imaterial*. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria. É *único*. Se muitos Deuses houvessem, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo. É *onipotente*. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus. É *soberanamente justo e bom*. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus)” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo I)

“**9.** Deus é a suprema e soberana inteligência. [...]”

10. Deus é eterno, isto é, não teve começo e não terá fim. [...] **11.** Deus é imutável. [...] **12.** Deus é imaterial, isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. [...] **13.** Deus é onipotente. [...] **14.** Deus é soberanamente justo e bom. [...] **15.** Deus é infinitamente

perfeito. [...] **16.** Deus é único. [...] **19.** Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso.” (AK, *A gênese*, Capítulo II)

“**20.** A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial. “Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo?” Esta é a interrogação que a si mesmo dirige o incrédulo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que este funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que haja mister a intervenção incessante da Providência. [...] **22.** Impotente para compreender a essência mesma da Divindade, o homem não pode fazer dela mais do que uma ideia aproximativa, mediante comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que, ao menos, servem para lhe mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível. Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. Sendo não inteligente, esse fluido atua mecanicamente, por meio tão-só das forças materiais. Se, porém, o supusermos dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele já não atuará às cegas, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá. [...] **24.** Seja ou não assim no que concerne ao pensamento de Deus, isto é, quer o pensamento de Deus atue diretamente, quer por intermédio de um fluido, para facilitarmos a compreensão à nossa inteligência, figuremo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: *a Natureza inteira mergulhada no fluido divino*. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude. Nenhum ser haverá, por mais ínfimo que o suponhamos, que não esteja saturado dele. Achemo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contato ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos

refolhos do nosso coração. *Estamos nele, como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo.” (AK, *A gênese*, Capítulo II)

“**25.** Longe de nós a ideia de materializar a Divindade. A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação apropriada a dar de Deus uma ideia mais exata do que os quadros que o apresentam debaixo de uma figura humana. Destina-se ela a fazer compreensível a possibilidade que tem Deus de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas. [...] Deus está em toda parte, na Natureza, como o Espírito está em toda parte, no corpo. Todos os elementos da criação se acham em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual. Não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam de maneira idêntica, num e noutro caso. [...] **29.** Nada obsta a que se admita, para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal a irradiar incessantemente, inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde esse foco? É o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto, como não o está a sua ação, sendo também provável que percorra constantemente as regiões do espaço sem-fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus há de ser sem limites essa faculdade. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia ainda admitir, a título de hipótese, que esse foco não precisa transportar-se, por se formar em todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde o poder dizer-se que está em toda parte e em parte nenhuma.” (AK, *A gênese*, Capítulo II)

“**2. Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.** Deus é **eterno**. Se tivesse tido começo, alguma coisa houvera existido antes dele, ou ele teria saído do nada, ou, então, um ser anterior o teria criado. É assim que, de grau a grau, remontamos ao infinito na eternidade. É **imutável**. Se estivesse sujeito à mudança, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo. É **imaterial**. Sua natureza difere de tudo o a que chamamos matéria, pois, do contrário, ele estaria sujeito às flutuações e transformações da matéria e, então, já não seria imutável. É **único**. Se houvesse muitos Deuses, haveria muitas vontades e, nesse caso, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo. É **onipotente**, porque é **único**. Se ele não dispusesse de poder soberano, alguma coisa ou alguém haveria mais poderoso do que ele; não teria feito todas as coisas e as que ele não houvesse feito seriam obra de outro Deus. É **soberanamente justo e bom**. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas mais mínimas coisas como nas maiores e essa

sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“**3. Deus é infinito em todas as suas perfeições.** Se supuséssemos imperfeito um só dos atributos de Deus, se lhe tirássemos a menor parcela de **eternidade**, de **imutabilidade**, de **imaterialidade**, de **unidade**, de **onipotência**, de **justiça** e de **bondade**, poderíamos imaginar um ser que possuísse o que lhe faltasse, e esse ser, mais perfeito do que ele, é que seria Deus.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“**DEUS. CONCEITO.** Toda e qualquer tentativa para elucidar a magna questão da divindade redundava sempre inócua, senão infrutífera, traduzindo esse desejo à vã presunção humana, na incessante faina de tudo definir e entender. Acostumado ao imediatismo da vida física e suas manifestações, o homem ambicionava tudo submeter ao capricho da sua lógica débil, para reduzir à sua ínfima capacidade intelectual a estrutura causal do Universo, bem assim as fontes originárias do Criador. Desde tempos imemoriais, a interpretação da divindade tem recebido os mais preciosos investimentos intelectivos que se possam imaginar. Originariamente confundido com a sua obra, [Deus] mereceu ser temido pelos povos primitivos que legaram às culturas posteriores a sedimentação supersticiosa das credências em que fundamentavam o seu tributo de adoração, transitando mais tarde para a humanização da divindade mesma, eivada pelos sentimentos e paixões transferidos da própria mesquinhez do homem. À medida, porém, que os conceitos éticos e filosóficos evoluíram, a compreensão da sua natureza igualmente experimentou consideráveis alterações. Desde a manifestação feroz à dimensão transcendental, o conceito do Ser Supremo recebeu de pensadores e escolas de pensamento as mais diversas proposições, justificando ou negando-lhe a realidade. Insuficientes todos os arremedos filosóficos e culturais, quanto científicos, posteriormente, para uma perfeita elucidação do tema, concluiu-se pela legitimidade da sua existência, graças a quatro grupos de considerações, capazes de demonstrá-lo de forma irretorquível e definitiva, a saber: a) *cosmológicas*, que o explicam como a Causa Única da sua própria causalidade, portanto real, sendo necessariamente possuidor das condições essenciais para preexistir antes da Criação e sobre existir ao sem-fim dos tempos e do Universo; b) *ontológicas*, que o apresentam perfeito em todos os seus atributos e na própria essência, explicando, por isso mesmo, a sua existência, que, não sendo real, não justificaria sequer a hipótese do conceito, deixando, então, de ser perfeito. Procederam tais argumentações desde Santo Anselmo, dos primeiros a formulá-las, enquanto as de ordem cosmológica foram aplicadas inicialmente

por Aristóteles, que o considerava o “Primeiro motor, o motor não movido, o Ato puro”, consideração posteriormente reformulada por Santo Tomás de Aquino, que nela fundamentou a quase totalidade da teologia católica; c) *teleológicas*, mediante as quais o pensamento humano, penetrando na estrutura e ordem do Universo, não encontra outra resposta além daquela que procede da existência de um Criador. Ante a harmonia cósmica e a beleza, quanto à grandeza matemática e estrutural das galáxias e da vida, uma resultante única surge: tal efeito procede de uma Causa perfeita e harmônica, sábia e infinita; d) *morais*, defendidas por Immanuel Kant, inimigo acérrimo das demais, que, no entanto, eram apoiadas por Spinoza, Bossuet, Descartes e outros gênios da fé e da razão. Deus está presente no homem, mediante a sua responsabilidade moral e a sua própria liberdade, que lhe conferem títulos positivos e negativos, conforme o uso que delas faça, do que decorrem as linhas mestras do dever e da autoridade. Essa presença na inteligência humana, intuitiva, persistente, universal, faz que todos os homens de responsabilidade moral sejam conscientemente responsáveis, atestando assim, inequivocamente, a realidade de um Legislador Absoluto, Suprema Razão da Vida. Olhai o firmamento e vede a obra das suas mãos, proclama o salmista Davi, no canto dezenove, verso primeiro, conduzindo a mente humana à interpretação teleológica, cosmológica e cosmogônica, para entender Deus. Examina a estrutura de uma molécula e o seu finalismo, especialmente diante do ADN, do ARN de recente investigação pela Ciência, que somente pouco a pouco penetra na essência constitutiva da forma, na vida animal, e a própria indagação responde silogisticamente de maneira a conduzir o inquiridor à causa essencial de tudo: Deus! Outros grupos de estudiosos classificam os múltiplos argumentos em ordens diferentes: metafísicos, morais, históricos e físicos, abrangendo toda a gama do existente e do concebível.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 1)

1.2. Provas da existência de Deus

“4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus? “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”. [...] 7. Poder-se-ia achar nas propriedades íntimas da matéria a causa primária da formação das coisas? “Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É indispensável sempre uma causa primária”. 8. Que se deve pensar da opinião dos que atribuem a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, por outra, ao acaso? “Outro absurdo! Que homem de bom-senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, demais, que é o acaso? Nada”. 9. Em que é que, na causa primária, se revela uma inteligência

suprema e superior a todas as inteligências? “Tendes um provérbio que diz: Pela obra se reconhece o autor. Pois bem! Vede a obra e procurai o autor. O orgulho é que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si. Por isso é que ele se denomina a si mesmo de espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo I)

“24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme a ideia que elas dão de Deus*. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas. 25. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei*. Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas, fora possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo. A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de par com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e tinha, por isso mesmo, de reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas consequências, o ponto capital da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, contrista dizê-lo, é também o ponto de que mais a Humanidade se tem afastado, que mais há desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.” (AK, *A gênese*, Capítulo I)

“1. Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa considerarmos antes de tudo. [...] 2. Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta. [...] 3. Outro princípio igualmente elementar e que, de tão verdadeiro, passou a axioma é o de que todo efeito inteligente tem que decorrer de uma causa inteligente. [...] 5. Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a essas obras, reconhece o observador não haver nenhuma que não ultrapasse o limite da mais portentosa inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode produzir, é que elas são produto de uma inteligência superior à

Humanidade, a menos se sustente que há efeitos sem causa. [...] 7. A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos.” (AK, *A gênese*, Capítulo II)

“§ I - DEUS. 1. Há um Deus, inteligência superior, causa primária de todas as coisas. A prova da existência de Deus temo-la neste axioma: **Não há efeito sem causa**. Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. A causa está acima da Humanidade. É a essa causa que se chama **Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-Hi, Grande Espírito**, etc. Tais efeitos absolutamente não se produzem ao acaso, fortuitamente e em desordem. Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no Espaço, tudo atesta uma ideia diretora, uma combinação, uma providência, uma solicitude que ultrapassam todas as combinações humanas. A causa é, pois, soberanamente inteligente.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“Diversas escolas filosóficas do século passado desejaram padronizar as determinações divinas e a própria divindade em linhas de fácil assimilação, na pretensão de limitarem o ilimitado. Outras correntes de pesquisadores aferrados a cruento materialismo, na condição de herdeiros diretos do *Atomismo* greco-romano, do pretérito, descendentes, a seu turno, de Lord Bacon, como dos sensualistas e céticos dos séculos XVIII e XIX, zombando da fé ingênua e primitiva, escravizada nos dogmas ultramontanos dos religiosos do passado, tentaram aniquilar histórica e emocionalmente a existência de Deus, por incompatível com a razão, conforme apregoavam, mediante sistemas sofisticados e conclusões científicas apressadas, como se a própria razão não fosse perfeitamente confluyente com o sentimento de fé, inato em todo homem, como o demonstram os multifários períodos da História. Sócrates já nominava Deus como “A Razão Perfeita”, enquanto Platão o designava por “Ideia do Bem”. O neoplatonismo, com Plotino, propôs o renascimento do *Panteísmo*, fazendo “Deus, o Uno Supremo”, que reviverá em Spinoza, não obstante algumas discussões na forma de *Monismo*, que supera na época o *Dualismo* cartesiano. O monismo recebia entusiástico apoio de Fichte, Hegel, Schelling e outros, enquanto larga faixa de pensadores e místicos religiosos empenhava-se na sobrevivência do *Dualismo*. Mais de uma vez alardeou-se que “Deus havia morrido”, proclamando-se a desnecessidade da fé como da sua paternidade, para, imediatamente, reiteradas vezes, com a mesma precipitação, voltarem esses negadores a aceitar a sua realidade. A personagem concebida por Nietzsche, que sai à rua difundindo haver “matado Deus”,

chamando a atenção dos passantes, após o primeiro choque produzido nos círculos literários e intelectuais do mundo, no passado, estimulou outras mentes à negação sistemática. Fenômeno idêntico acontecera no século anterior, quando os convencionais franceses, supondo destruir Deus, expulsaram os religiosos de Paris e posteriormente de todo o país, entronizando a jovem Candeille, atormentada bailarina do Ópera, como a *Deusa Razão*, que deveria dirigir os destinos do pensamento intelectual de então, ante Robespierre e outros, em Notre-Dame. Logo, porém, depois de múltiplas vicissitudes, o curto período da *Razão* fez que Deus retornasse à França, e muitos dos seus opositores a Ele se renderam, declarando haver voltado ao seu regaço, cabisbaixos, arrependidos, melancólicos. Deus vencia, mais uma vez, a prosápia utopista da ignorância humana! Repetida a experiência no último quartel do “século das luzes”, tornou a ser exilado da Filosofia e da Ciência por uns e reconduzido galhardamente por outros expoentes culturais da Humanidade. Novamente, ante o passo avançado da tecnologia moderna, pela multiplicidade das ciências atuais, pretende-se um Cristianismo sem Deus, uma Teologia não teísta, fundamentada em cogitações apressadas, que pretendem levar o homem à “busca das suas origens”, como desejando reconduzi-lo à fumaça, em vez de situá-lo na Natureza, mantê-lo selvagem por incapacidade de fazê-lo sublime. Tal fenômeno reflete a apressada decadência histórica e moral das velhas instituições, na Terra de hoje, inaugurando uma Nova Era... As construções sociais e econômicas em falência, as arquiteturas religiosas em socorro, as aferições dos valores psicológicos e psicotécnicos negativamente surpreendentes, o descrédito inspirado pelos dominadores, em si mesmos dominados, pelos vencedores lamentavelmente vencidos pela inferioridade das paixões em que se consomem, precipitaram o agoniado espírito humano na “busca do nada”, das formas primeiras, rompendo com tudo, como se fora possível abandonar a herança divina inata indistintamente em todas as criaturas, para tentar esquecer, apagar e confundir a inteligência com os impulsos dos instintos, num contumaz e malsinado esforço de contraditório retorno às experiências primitivistas da forma, quando ainda nas fases longevas de formações e reformações biodinâmicas... Concomitantemente, porém, surgem figurações morais, espirituais, místicas e científicas, sofrendo os embates que a dúvida e o ceticismo impõem, resistindo, todavia, estoicamente, na afirmação da existência de Deus, apoiadas pela Filosofia e Ética espíritas, que são as novas matrizes da Religião do Amor, pregada e vivida por nosso Senhor Jesus Cristo. “Deus é Amor”, afirmava João. “Meu Pai”, dizia reiteradamente Jesus, conceituando-o da forma mais vigorosa e perfeita que se possa imaginar. E Allan Kardec, mergulhando as

nobres inquirições filosóficas nas fontes sublimes da Espiritualidade Superior, recolheu por meio dos Imortais que “*Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*”, em admirável síntese, das mais felizes, completando a argumentação com a asserção de que o homem deve estudar “*as próprias imperfeições a fim de libertar-se delas, o que será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável*”, concordante com o ensino do Cristo, em João: “*Deus é Espírito, e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e verdade*.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 1)

II Evolução da atividade religiosa ou religiosidade

II.1. Atividade religiosa das raças e dos povos antigos

“EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS. 35. No intervalo de suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, desaguam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal. [...] **37.** Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturarem-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Não são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros. **RAÇA ADÂMICA. 38.** De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas *colônias de Espíritos*, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada

raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, *como a América, quando aí chegaram os europeus*. Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A Gênese no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las. [...] **40.** Adão e seus descendentes são apresentados na Gênese como homens sobremaneira inteligentes, pois que, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. São rápidos e duradouros seus progressos nas artes e nas ciências. Não se conceberia, portanto, que esse tronco tenha tido, como ramos, numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade, que hajam perdido todos os traços e, até, a menor lembrança do que faziam seus pais. Tão radical diferença nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com evidência não menor, uma diferença de origem.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“AS GRANDES RELIGIÕES DO PASSADO. AS PRIMEIRAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS. As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, sua origem entre os povos primitivos do Oriente, aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionários. Dada a ausência da escrita, naquelas épocas longínquas, todas as tradições se transmitiam de geração a geração através do mecanismo das palavras. Todavia, com a cooperação dos degredados do sistema da Capela, os rudimentos das artes gráficas receberam os primeiros impulsos, começando a florescer uma nova era de conhecimento espiritual, no campo das concepções religiosas. Os Vedas, que contam mais de seis mil anos, já nos falam da sabedoria dos “Sastras”, ou grandes mestres das ciências hindus, que os antecederam de mais ou menos dois milênios, nas margens dos rios sagrados da Índia. Vê-se, pois, que a ideia religiosa nasceu com a própria Humanidade, constituindo o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terráqueo. **AINDA AS RAÇAS ADÂMICAS.** Não podemos, porém, esquecer que Jesus reunira nos espaços infinitos os seres proscritos que se exilaram na Terra, antes de sua reencarnação geral na vizinhança dos planaltos do Irã e do Pamir. Obedecendo às determinações superiores

do mundo espiritual, eles nunca puderam esquecer a palavra salvadora do Messias e as suas divinas promessas. As belezas do espaço, aliadas à paisagem mirífica do plano que foram obrigados a abandonar, viviam no cerne das suas recordações mais queridas. As exortações confortadoras do Cristo, nas vésperas de sua dolorosa imersão nos fluidos pesados do planeta terrestre, cantavam-lhes no íntimo os mais formosos hosanas de alegria e de esperança. Era por isso que aquelas civilizações antigas possuíam mais fé, colocando a intuição divina acima da razão puramente humana. A crença, como íntima e sagrada aquisição de suas almas, era a força motora de todas as realizações, e todos os degredados, com os mais santos entusiasmos do coração, falaram d'Ele e da sua infinita misericórdia. Suas vozes enchem todo o âmbito das civilizações que passaram no pentagrama dos séculos sem-fim e, apresentado com mil nomes, segundo as mais variadas épocas, o Cordeiro de Deus foi guardado pela compreensão e pela memória do mundo, com todas as suas expressões divinas ou, aliás, como a própria face de Deus, segundo as modalidades dos mistérios religiosos.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo IX)

“A GÊNESE DAS CRENÇAS RELIGIOSAS. A gênese de todas as religiões da Humanidade tem suas origens no seu coração augusto e misericordioso. Não queremos, com as nossas exposições, divinizar, dogmaticamente, a figura luminosa do Cristo, e sim esclarecer a sua gloriosa ascendência na direção do orbe terrestre, considerada a circunstância de que cada mundo, como cada família, tem seu chefe supremo, ante a justiça e a sabedoria do Criador. Fora erro crasso julgar como bárbaros e pagãos os povos terrestres que ainda não conhecem diretamente as lições sublimes do seu Evangelho de redenção, porquanto a sua desvelada assistência acompanhou, como acompanha a todo tempo, a evolução das criaturas em todas as latitudes do orbe. A história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos está alumada pela luz dos seus poderosos emissários. E muitos deles tão bem se houveram, no cumprimento dos seus grandes e abençoados deveres, que foram havidos como sendo Ele próprio, em reencarnações sucessivas e periódicas do seu divinizado amor. No Manava-Darma, encontramos a lição do Cristo; na China encontramos Fo-Hi, Lao-Tsé, Confúcio; nas crenças do Tibete, está a personalidade de Buda e no Pentateuco encontramos Moisés; no Alcorão vemos Maomet. Cada raça recebeu os seus instrutores, como se fosse Ele mesmo, chegando das resplandecências de sua glória divina. Todas elas, conhecendo intuitivamente a palavra das profecias, arquivaram a história dos seus enviados, nos moldes de sua vinda futura, em virtude das lembranças latentes que guardavam no coração, acerca da sua palavra

nos espaços, tocada de esclarecimento e de amor. **A UNIDADE SUBSTANCIAL DAS RELIGIÕES.** A verdade é que todos os livros e tradições religiosas da antiguidade guardam, entre si, a mais estreita unidade substancial. As revelações evoluem numa esfera gradativa de conhecimento. Todas se referem ao Deus impersonificável, que é a essência da vida de todo o Universo, e no tradicionalismo de todas palpita a visão sublimada do Cristo, esperado em todos os pontos do globo. Os vários povos do mundo traziam de longe as suas concepções e as suas esperanças, sem falarmos das grandes coletividades que floresciam na América do Sul, então quase ligada à China pelas extensões da Lemúria, e da América do Norte, que se ligava à Atlântida. Não é, porém, nosso propósito estudar aqui outras questões que se não refiram à superioridade do Cristo e à ascendência do seu Evangelho, nestes apontamentos despretensiosos. Citando, porém, todos os povos antigos do planeta, somos compelidos a recordar, igualmente, as grandes civilizações pré-históricas, que desabrocharam e desapareceram no continente americano, de cujos cataclismos e arrasamentos ficaram ainda as expressões interessantes dos incas e dos astecas que, como todos os outros agrupamentos do mundo, receberam a palavra indireta do Senhor, na sua marcha coletiva através de augustos caminhos.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo IX)

“AS REVELAÇÕES GRADATIVAS. Até a palavra simples e pura do Cristo, a Humanidade terrestre viveu etapas gradativas de conhecimento e de possibilidades, na senda das revelações espirituais. Os milênios, com as suas experiências consecutivas e dolorosas, prepararam os caminhos d'Aquele que vinha, não somente com a sua palavra, mas, principalmente, com a sua exemplificação salvadora. Cada emissário trouxe uma das modalidades da grande lição de que foi teatro a região humilde da Galileia. É por esse motivo que numerosas coletividades asiáticas não conhecem a lição direta do Mestre, mas sabem do conteúdo da sua palavra, em virtude das próprias revelações do seu ambiente, e, se a Boa Nova não se dilatou no curso dos tempos, pelas estradas dos povos, e que os pretensos missionários do Cristo, nos séculos posteriores aos seus ensinamentos, não souberam cultivar a flor da vida e da verdade, do amor e da esperança, que os seus exemplos haviam implantado no mundo: – abafando-a nos templos de uma falsa religiosidade, ou encarcerando-a no silêncio dos claustros, a planta maravilhosa do Evangelho foi sacrificada no seu desenvolvimento e contrariada nos seus mais lúdimos objetivos. **PREPARAÇÃO DO CRISTIANISMO.** As lições da Palestina foram, desse modo, precedidas de laboriosa e longa preparação na intimidade dos milênios. Os sacerdotes de todas as grandes religiões do passado supuseram, nos seus mestres e nos seus mais altos iniciados, a

personalidade do Senhor, mas temos de convir que Jesus foi inconfundível. À luz significativa da história, observamos muitas vezes, nos seus auxiliares ou instrumentos humanos, as características das vulgaridades terrestres. Alguns foram ditadores de consciências, enérgicos e ferozes no sentido de manter e fomentar a fé; outros, traídos em suas forças e desprezando os compromissos sagrados com o Salvador, longe de serem instrumentos do Divino Mestre, abusaram da própria liberdade, dando ouvidos às forças subversivas da Treva, prejudicando a harmonia geral. Mas Jesus assinala a sua passagem pela Terra com o selo constante da mais augusta caridade e do mais abnegado amor. Suas parábolas e advertências estão impregnadas do perfume das verdades eternas e gloriosas. A manjedoura e o calvário são lições maravilhosas, cujas claridades iluminam os caminhos milenários da humanidade inteira e, sobretudo, os seus exemplos e atos constituem um roteiro de todas as grandiosas finalidades, no aperfeiçoamento da vida terrestre. Com esses elementos, fez uma revolução espiritual que permanece no globo há dois milênios. Respeitando as leis do mundo, aludindo à efígie de César, ensinou as criaturas humanas a se elevarem para Deus, na dilatada compreensão das mais santas verdades da vida. Remodelou todos os conceitos da vida social, exemplificando a mais pura fraternidade. Cumprindo a Lei Antiga, encheu-lhe o organismo de tolerância, de piedade e de amor, com as suas lições na praça pública, em frente das criaturas desregradas e infelizes, e somente Ele ensinou o “Amai-vos uns aos outros”, vivendo a situação de quem sabia cumprir-lo. Os Espíritos incapacitados de compreendê-lo podem alegar que as suas fórmulas verbais eram antigas e conhecidas; mas ninguém poderá contestar que a sua exemplificação foi única, até agora, na face da Terra. A maioria dos missionários religiosos da antiguidade se compunha de príncipes, de sábios ou de grandes iniciados, que saíam da intimidade confortável dos palácios e dos templos; mas o Senhor da sementeira e da seara era a personificação de toda a sabedoria, de todo o amor, e o seu único palácio era a tenda humilde de um carpinteiro, onde fazia questão de ensinar à posteridade que a verdadeira aristocracia deve ser a do trabalho, lançando a fórmula sagrada, definida pelo pensamento moderno, como o coletivismo das mãos, aliado ao individualismo dos corações - síntese social para a qual caminham as coletividades dos tempos que passam - e que, desprezando todas as convenções e honrarias terrestres, preferiu não possuir pedra onde repousasse o pensamento dolorido, a fim de que aprendessem os seus irmãos a lição inesquecível do “Caminho, da Verdade e da Vida.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo IX)

“A FÉ RELIGIOSA. Em todos os tempos, o homem sonha com a pátria celestial. As ideias do céu e inferno jazem no pensamento de todos os povos. Os indígenas da América admitem o paraíso de caça abundante e danças permanentes, com reservas inesgotáveis de fumo. Os esquimós localizavam o éden nas cavernas adornadas. As tribos maori, que cultivam a guerra, por estado natural de felicidade, esperam que o céu lhes seja uma rinha eterna, em que se digladiem, indefinidamente. Entre os hindus, as noções de responsabilidade e justiça estão fortemente associadas à ideia da sobrevivência. De conformidade com a crença por eles esposadas, nas eras mais remotas, os desencarnados eram submetidos às apreciações do Juiz dos Mortos. Os bons seriam destinados ao paraíso, a fim de se deliciarem, ante os coros celestes, e os maus desceriam para os despenhadeiros do império de Varuna, o deus das águas, onde se instalariam em câmaras infernais, algemados uns aos outros, por laços vivos de serpentes. Situados, porém, na sementeira da verdade, sempre admitiram que do palácio celeste ou do abismo tormentoso, as almas regressariam à esfera carnal, de modo a se adiantarem na ciência da perfeição. Os assírio-caldeus supunham que os mortos viviam sonolentos em regiões subterrâneas, sob amplo domínio das sombras. Na Grécia, a partir dos mistérios de Orfeu, as concepções de justiça póstuma alcançam grau mais alto. No Hades terrificante de Homero, os Espíritos são julgados por Minos, filho de Zeus. Os gauleses aceitavam a doutrina da transmigração das almas e eram depositários de avançadas revelações da Espiritualidade Superior. Os hebreus localizavam os desencarnados no “scheol”, que Job classifica como sendo “terra de miséria e trevas, onde habitam o pavor e a morte”. Com Virgílio, encontramos princípios mais seguros no que se refere às leis de retribuição. Na entrada do Orco, há divindades infernais para os trabalhos punitivos, quais a Guerra, o Luto, as Doenças, a Velhice, o Medo, a Fome, os Monstros, os Centauros e as Harpias, as Fúrias e a Hidra de Lerna, simbolizando os terríveis suplícios mentais das almas que se fazem presas da ilusão, durante a vida física. Entre esses deuses do abismo, ergue-se o velho olmeiro, em cujos galhos se dependuram os sonhos, aí principiando a senda que desemboca no Aqueronte, enlameado e lodoso, com largos redemoinhos de água fervente. Os egípcios atravessavam a existência consagrando-se aos estudos da morte, inspirados pelo ideal da justiça e da felicidade além-túmulo. Mais recentemente, Maomet estabelece novas linhas à vida espiritual, situando o Céu em sete andares e o inferno em sete subdivisões. Os eleitos respiram em deliciosos jardins, com regatos de água cristalina, leite e mel, e os condenados vivem no território do suplício, onde corre ventania cruel, alimentando estranho fogo que tudo consome, e Dante,

o vidente florentino, apresenta quadros expressivos do Inferno, do Purgatório e do Céu. As realidades da sobrevivência acompanham a alma humana que a vida não se encontra circunscrita às estreitas atividades da Terra. O corpo é uma casa temporária a que se recolhe nossa alma em aprendizado. Por isso mesmo, quando atingido pelas farpas da desilusão e do cansaço, o espírito humano recorda instintivamente algo intangível que se lhe afigura ao pensamento angustiado como sendo o paraíso perdido. Desajustado na Terra, pede ao Além a mensagem de reconforto e harmonia. Semelhante momento, porém, é profundamente expressivo no destino de cada alma, porque, se o coração que pede é portador da boa vontade, a resposta da vida superior não se faz esperar e um novo caminho se desdobra à frente da alma oprimida e fatigada que se volta para o Além, cheia de amor, sofrimento e esperança.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 11)

“**O SERVIÇO RELIGIOSO.** Desde quando começou na Terra o serviço de adoração a Deus? Perde-se o alicerce da fé na sombra de evos insondáveis. Dir-se-ia que o primeiro impulso da planta e do verme, à procura da luz, não é senão anseio religioso da vida, em busca do Criador que lhes instila o ser. Considerando, porém, as escolas religiosas dos povos mais antigos, vemos no sistema egípcio a ideia central da imortalidade, com avançadas concepções da Grandeza Divina, mas enclausurada nos templos do sacerdócio ou no palácio dos faraós, sem ligação com o espírito popular, muita vez relegado à superstição e ao abandono. Na Índia, identificando o culto da sabedoria. Instrutores eminentes aí ensinam que a bondade deve ser a raiz de nossas relações com os semelhantes, que as nossas virtudes e vícios são as forças que nos seguirão, além do túmulo, propagando-se abençoadas lições de aperfeiçoamento moral e compreensão humana; entretanto, o espírito das castas aí sufocou os santuários, impedindo a desejável extensão dos benefícios espirituais aos círculos do povo. Na Pérsia, temos no zoroastrismo a consagração do nosso dever para com o Bem; todavia, as comunidades felicitadas por seus respeitáveis ensinamentos se confiam a guerras de conquista e destruição. Entre os Judeus, sentimos o sopro da revelação do Deus Único, estabelecendo o reino da justiça na Terra, mas, apesar da glória sublime que coroa a frente de Moisés e dos profetas que o sucederam, o orgulho racial é uma chaga viva no coração do Povo Escolhido. Na China, possuímos a exaltação da simplicidade, através de lições que fulguram em todas as suas linhas sociais, destacando o equilíbrio e a solidariedade, contudo, o grande povo chinês não consegue superar as perturbações do separatismo e do cativeiro. Na Grécia, encontramos o culto da Beleza. Os mistérios de Orfeu traçam formosos ideais e constroem maravilhosos santuários. O aprimoramento

da arte e da cultura, porém, não consegue criar no espírito helênico a noção do Amor Universal. Generais e filósofos usam a inteligência para a dominação e, de modo algum, se furtam às tentações do campo bélico, acendendo a abominável fogueira da discórdia e do arrasamento. Em Roma, surpreendemos o Direito ensinando que o patrimônio e a liberdade do próximo devem ser respeitados, no entanto, em nenhuma civilização do mundo observamos juntos tantos gênios da flagelação e da morte. Hermes é a Sabedoria. Buda é a Renúncia. Zoroastro é o Dever. Moisés é a Justiça. Confúcio é a Harmonia. Orfeu é a Beleza. Numa Pompílio é o Poder. Em todos os grandes períodos da evolução religiosa, antes do Cristo, vemos, porém, as demonstrações incompletas da espiritualidade. Não há padrões absolutos de perfeição moral, indicando aos homens o caminho regenerador e santificante. Aparecem linhas divisórias entre raças e castas, com vários tipos de louvor e humilhação para ricos e pobres, senhores e escravos, vencedores e vencidos. Com Jesus, no entanto, surge no mundo o vitorioso coroamento da fé. No Cristianismo, recebemos as gloriosas sementes de fraternidade que dominarão os séculos. O Divino Fundador da Boa Nova entra em contato com a multidão e o santuário do Amor Universal se abre, iluminado e sublime, para a santificação da Humanidade inteira.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 12)

“**CORPO ESPIRITUAL E RELIGIÕES. Responsabilidade e consciência.** À medida que a responsabilidade se lhe apossou do espírito, iluminou-se a consciência do homem. A centelha da razão converteu-se em chama divina. A inteligência humana entendeu a grandeza do Universo e compreendeu a própria humildade, reconhecendo em suas entranhas a ideia inalienável de Deus. Conduzindo-se, então, de modo racional, experimentou profundas transformações. Percebe, nesse despertar, que, além das operações vulgares da nutrição e da reprodução, da vigília e do repouso, estímulos interiores, inelutáveis, trabalham-lhe o âmago do ser, plasmando-lhe o caráter e o senso moral, em que a intuição se amplia segundo as aquisições de conhecimento e em que a afetividade se converte em amor, com capacidade de sacrifício, atingindo a renúncia completa. Até a época recuada do paleolítico, interferiram as Inteligências Divinas para que se lhe estruturasse o veículo físico, dotando-a com preciosas reservas para o futuro imenso. Envolvendo-a na luz da responsabilidade, conferiam-lhe o dever de conservar e aprimorar o patrimônio recebido e, investindo-a na riqueza do pensamento contínuo, entregaram-lhe a obrigação de atender ao aperfeiçoamento de seu corpo espiritual. Aceitar-se-á, razoavelmente, que até semelhante fase os tremendos conflitos da Natureza, em que se mesclavam a violência e a brutalidade, foram debitados à conta da evolução necessária para a

discriminação de indivíduos e agrupamentos, espécies e raças. **Atividade religiosa.** Estabelecido, porém, o princípio de justiça e aflorando a mentação incessante, o homem começou a examinar em si mesmo o efeito das próprias ações, de modo a crescer, conscientemente, para a sua destinação de filho de Deus, herdeiro e colaborador da Sua Obra Divina. Espicaça-se-lhe, então, a curiosidade construtiva. Faminto de elucidações adequadas quanto ao próprio caminho, ergue as antenas mentais para as estrelas, recolhendo os valores do espírito que lhe consubstanciam o patrimônio de revelações do Céu, através dos tempos. Era necessário satisfazer ao acrisolamento do seu veículo sutil, na essência íntima, assegurar-lhe o transformismo anímico, revesti-lo de luminosidade e beleza e apurar-lhe os princípios para que, além do angusto círculo humano, pudesse retratar a glória dos planos superiores. Para isso, o pensamento reclamava orientação educativa, de modo a despojar-se da espessa sedimentação de animalidade que lhe presidia os impulsos. Exigia-se-lhe a depuração da atmosfera vital, imprescindível à assimilação da influência divina. E a atividade religiosa nasceu por instituto mundial de higiene da alma, traçando ao homem diretrizes à nutrição psíquica, de vez que, pela própria perspiração, exterioriza os produtos que elabora na usina mental, em forma de eflúvios eletromagnéticos nos quais se lhe corporificam, em movimento, os reflexos dominantes, influenciando o ambiente e sendo por ele influenciado. A ciência médica, rica de experimentação e de lógica, surgiria para corresponder às necessidades do corpo físico, mas a tarefa religiosa viria ao encontro das civilizações, plena de inspiração e disciplina, patrocinando a orientação do corpo espiritual, em seu necessário refinamento. **Enxerto revitalizador.** Nesse sentido, a Espiritualidade Sublime, amparando o homem, jamais lhe menosprezou a sede de consolo e esclarecimento. Quando mais angustiosos se lhe esboçavam os problemas da dor, com a guerra íntima entre a razão e a animalidade, grande massa de Espíritos ilustrados, mas decaídos de outro sistema cósmico, renasceu no tronco genealógico das tribos terrestres, qual enxerto revitalizador, embora isso representasse para eles amarga penitência expiatória. Constituiu-se desse modo a raça adâmica, instilando no homem renovadas noções de Deus e da vida. Levantam-se organizações religiosas primordiais. Povos nômades e agrupamentos escravizados ao solo por extremado gregarismo adotaram as mais estranhas formas de fé, a se emoldurarem por barbárie natural, através de intercambio fragmentário com o plano extrafísico. Os Espíritos exilados, presos à rede organogênica em que se lhes tecia o cárcere, no carro biológico, ainda profundamente primitivista, muita vez revoltados e endurecidos, aliavam-se às tabas selvagens, em cultos sanguinários e indescritíveis, desvairando-se nos

mais aviltantes espetáculos de crueldade, em nome dos deuses com que fantasiavam as entidades inferiores do seu convívio doméstico. Alguns deles, no entanto, movidos de compunção, entraram em fervoroso arrependimento das culpas contraídas no mundo aprimorado de que provinham e, não obstante os embaraços que se lhes antepunham aos sonhos de recuperação, começaram instintivamente a formar núcleos isolados para o cultivo de meditações superiores, em sagrados tentames de elevação.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 20)

II.2. As três revelações religiosas: Moisés, Cristo e Espiritismo

“**MOISÉS. 2.** Na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes: *I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. - Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano. II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus. III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado. IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará. V. Não mateis. VI. Não cometais adultério. VII. Não roubeis. VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo. IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo. X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.* É de todos os tempos e de todos os países essa lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas, só a ideia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, em as quais ainda pouco desenvolvidos se encontravam o senso moral e o sentimento de uma justiça reta. É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: “Não matareis; não causareis dano ao vosso próximo”, não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam,

pois, um caráter essencialmente transitório.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“**O CRISTO**¹. **3.** Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso, é que se nos depara, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés, propriamente ditas, ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância, quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-las passar, do que as reduzindo a esta única prescrição: “Amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo”, e acrescentando: *aí estão a lei toda e os profetas*. [...] **4.** Mas, o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra. Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento; a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Ele viera ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que é vivida no reino dos céus; viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, respeito a muitos pontos, a lançar o gérmen de verdades que, segundo ele próprio o declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos implícitos. Para ser apreendido o sentido oculto de algumas palavras suas, mister se fazia que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave indispensável, ideias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais ideias. Importava, pois, dar à Ciência tempo para progredir.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“**O ESPIRITISMO**. **5.** O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem

cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil. **6.** A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera. **7.** Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução”. Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“**CORPO ESPIRITUAL E RELIGIÕES**. [...] **Religião egípcia**. Depois de longos e porfiados milênios de luta espiritual, surgem no mundo, como grupos por eles organizados, a China pré-histórica e a Índia védica, o antigo Egito e civilizações outras que se perderam no abismo das eras, nos quais a religião assume aspecto enobrecido como ciência moral de aperfeiçoamento, para mais alta ascensão da mente humana à Consciência Cósmica. Dentre todos, desempenha o Egito missão especial, organizando escolas de iniciação mais profunda. Em obediência aos requisitos da crença popular, herdeira intransigente das fixações mitológicas, mantém o sacerdócio cultos diversos a deuses vários, nas manifestações esotéricas dos templos descerrados ao povo. O lar e a escola, a agricultura e o comércio, as indústrias e as artes possuem gênios

1 “A anteposição do artigo à palavra **Cristo** (do grego **Cristos**, ungido), empregada em sentido absoluto, é mais correta, atento que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Dir-se-á, pois: Jesus era **Cristo**; era o **Cristo**; era o **Cristo** anunciado; a morte **do Cristo** e não **de Cristo**, ao passo que se diz: a morte **de Jesus** e não **do Jesus**. Em **Jesus-Cristo**, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: **o Buda**; Gautama conquistou a dignidade de **Buda** por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida **do Buda**, do mesmo modo que: o exército **do Faraó** e não **de Faraó**; Henrique IV era **rei**; o título de **rei**; a morte **do rei** e não **de rei**.” (AK, *A gênese*, Capítulo I)

especiais que os presidem, em nome da convicção vulgar, mas, na intimidade do santuário, o monoteísmo dirige a implantação da fé. A unidade de Deus é o alicerce de toda a religião egípcia, em sua feição superior. Para ela, os atributos divinos são a vontade sábia e poderosa, a liberdade, a grandeza, a magnanimidade incansável, o amor infinito e a imortalidade. Em síntese, acredita que Deus plasmou os seus próprios membros, que são os deuses conhecidos. Cada um desses deuses secundários pode ser tomado como sendo análogo ao Deus Único, e cada um deles pode formar um tipo novo do qual se irradiam por sua vez, e pelo mesmo processo, outros tipos de deuses inferiores. Claro está que essa argumentação teológica, distanciada de mais altos roteiros da evolução, imaginava erroneamente potências espirituais centralizadas no Criador Excelso, quando só Deus tem a faculdade de verdadeiramente criar, mas o conceito expressa, em sentido lato, a solidariedade constante e inevitável que existe em todas as vidas de que se constitui a família do Supremo Senhor em todo o Universo. **Missão de Moisés.** Os padres tebanos conheciam, de maneira precisa, a evidência do corpo espiritual que pode exteriorizar-se de cada criatura para ações úteis ou criminosas. Cultivam a mediunidade em grau avançado, atendem a complexas aplicações do magnetismo, traçam disciplinas à vida íntima e comunicam-se com os desencarnados de modo iniludível, consagrando-lhes reverência especial. Nesse campo de conhecimento mais nobre, reencarna-se Moisés como missionário da renovação, para dar à mente do povo a concepção do Deus Único, transferindo-a dos recintos iniciáticos para a praça pública. Entretanto, porque a evolução dos princípios religiosos implica sempre em levantamento dos costumes, com a elevação da alma, o desbravador enfrenta batalhas terríveis do pensamento acomodado aos circuitos da tradição em que as classes se exploram mutuamente, agravando assim os próprios compromissos, para afinal receber os fundamentos da Lei, no Sinai. Desde essa hora, o conhecimento religioso, baseado na Justiça Cósmica, generaliza-se no âmago das nações, porquanto, através da mensagem de Moisés, informa-se o homem comum de que, perante Deus, o Senhor do Universo e da Vida, é obrigado a respeitar o direito dos semelhantes para que seja igualmente respeitado, reconhecendo que ele e o próximo são irmãos entre si, filhos de um Pai Único. A religião passa, desse modo, a atuar, em sentido direto, no acrisolamento do corpo espiritual para a Vida Maior, através da educação dos hábitos humanos a se depurarem no cadinho dos séculos, preparando a chegada do Cristo, o Governador Espiritual da Terra. As ideias da justiça e da solidariedade, dos deveres coletivos e individuais com a higiene do corpo e da mente atingem ampla divulgação. **Os Dez Mandamentos.**

Os dez mandamentos, recebidos mediunicamente pelo profeta, brilham ainda hoje por alicerce de luz na edificação do direito, dentro da ordem social. A palavra da Esfera Superior gravava a lei de causa e efeito para o homem, advertindo-o solenemente: – Consagra amor supremo ao Pai de Bondade Eterna, n'Ele reconhecendo a tua divina origem. Precata-te contra os enganos do antropomorfismo, porque padronizar os atributos divinos absolutos pelos acanhados atributos humanos é cair em perigosas armadilhas da vaidade e do orgulho. Abstém-te de envolver o Julgamento Divino na estreiteza de teus julgamentos. Recorda o impositivo da meditação em teu favor e em benefício daqueles que te atendem na esfera de trabalho, para que possas assimilar com segurança os valores da experiência. Lembra-te de que a dívida para com teus pais terrestres é sempre insolvável por sua natureza sublime. Responsabilizar-te-ás pelas vidas que deliberadamente extinguíres. Foge de obscurecer ou conturbar o sentimento alheio, porque o cálculo delituoso emite ondas de força desorientada que voltarão sobre ti mesmo. Evita a apropriação indébita para que não agrades as próprias dívidas. Desterra de teus lábios toda palavra dolosa a fim de que se não transforme, um dia, em tropeço para os teus pés. Acautela-te contra a inveja e o despeito, a inconformação e o ciúme, aprendendo a conquistar alegria e tranquilidade, ao preço do esforço próprio, porque os teus pensamentos te precedem os passos, plasmando-te, hoje, o caminho de amanhã.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 20)

“CORPO ESPIRITUAL E RELIGIÕES. [...] Jesus e a Religião. Com Jesus, no entanto, a religião, como sistema educativo, alcança eminência inimaginável. Nem templos de pedra, nem rituais. Nem hierarquias efêmeras, nem avanço ao poder humano. O Mestre desferrolha as arcas do conhecimento enobrecido e distribui-lhe os tesouros. Dirige-se aos homens simples de coração, curvados para a gleba do sofrimento e ergue-lhes a cabeça trêmula para o Céu. Aproxima-se de quantos desconhecem a sublimidade dos próprios destinos e assopra-lhes a verdade, vazada em amor, para que o sol da esperança lhes renasça no ser. Abraça os deserdados e fala-lhes da Providência Infinita. Reúne, em torno de sua glória que a humildade escondia, os velhos e os doentes, os cansados e os tristes, os pobres e os oprimidos, as mães sofredoras e as crianças abandonadas e entrega-lhes as bem-aventuranças celestes. Ensina que a felicidade não pode nascer das posses efêmeras que se transferem de mão em mão, e sim da caridade e do entendimento, da modéstia e do trabalho, da tolerância e do perdão. Afirma-lhes que a Casa de Deus está constituída por muitas moradas, nos mundos que enxameiam o firmamento, e que o homem deve nascer de novo para progredir na direção da Sabedoria Divina. Proclama que a morte

não existe e que a Criação é beleza e segurança, alegria e vitória em plena imortalidade. Pelas revelações com que vence a superstição e o crime, a violência e a perversidade, paga na cruz o imposto de extremo sacrifício aos preconceitos humanos que lhe não perdoam a soberana grandeza, mas, reaparecendo redi-vivo, para a mesma Humanidade que o escarnecera e crucificara, desvenda-lhe, em novo cântico de humildade, a excelsitude da vida eterna. **Revivescência do Cristianismo.** Erige-se, desde então, o Evangelho em código de harmonia, inspirando o devotamento ao bem de todos até o sacrifício voluntário, a fraternidade viva, o serviço infatigável aos semelhantes e o perdão sem limites. Iniciam-se em todo o orbe imensas alterações. A crueldade metódica cede lugar à compaixão. Os troféus sanguinolentos da guerra desertam dos santuários. A escravidão de homens livres é sacudida nos fundamentos para que se anule de vez. Levanta-se a mulher da condição de alimária para a dignidade humana. A filosofia e a ciência admitem a caridade no governo dos povos. O ideal da solidariedade pura começa a fulgir sobre a frente do mundo. Moisés instalara o princípio da justiça, coordenando a vida e influenciando-a de fora para dentro. Jesus inaugurou na Terra o princípio do amor, a exteriorizar-se do coração, de dentro para fora, traçando-lhe a rota para Deus. E eis que o Cristianismo grandioso e simples ressurgiu agora no Espiritismo, induzindo-nos à sublimação da vida íntima, para que nossa alma se liberte da sombra que a densifica, encaminhando-se, renovada, para as culminâncias da Luz.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 20)

III.3. Religião e religiosidade / Religiosidade extrínseca e intrínseca

“**RELIGIÃO.** A ciência multiplica as possibilidades dos sentidos e a filosofia aumenta os recursos do raciocínio, mas a religião é a força que alarga os potenciais do sentimento. Por isso mesmo, no coração mora o centro da vida. Dele partem as correntes imperceptíveis do desejo que se substanciam em pensamento no dínamo cerebral, para depois se materializarem nas palavras, nas resoluções, nos atos e nas obras de cada dia. Na luta vulgar, há quem menospreze a atividade religiosa, supondo-a mero artifício do sacerdócio ou da política, entretanto, é na predicação da fé santificante que encontraremos as regras de conduta e perfeição de que necessitamos para o crescimento de nossa vida mental na direção das conquistas divinas. A humanidade, sintetizando o fruto das civilizações, é construção religiosa. Dos nossos antepassados invertebrados e vertebrados caminhamos nos milênios, de reencarnação em reencarnação, adquirindo inteligência, por

intermédio da experimentação incessante, mas não é somente a razão o fruto de nosso aprendizado, no decurso dos séculos, mas também o discernimento ou a luz espiritual, com que pouco a pouco aperfeiçoamos a mente. A religião é a força que está edificando a Humanidade. É a fábrica invisível do caráter e do sentimento. Milhões de criaturas encarnadas guardam, ainda, avançados patrimônios de animalidade. Valem-se da forma humana, como quem aproveita de uma casa nobre para a incorporação de valores educativos. Possuem coração para registrar o bem, contudo, abrigam impulsos de crueldade. O instinto da pantera, a peçonha da serpente, a voracidade do lobo, ainda imperam no psiquismo de inumeráveis inteligências. Só a religião consegue apagar as mais recônditas arestas do ser. Determinando nos centros profundos de elaboração do pensamento, altera, gradativamente, as características da alma, elevando-lhe o padrão vibratório, através da melhoria crescente de suas relações com o mundo e com os semelhantes. Nascida no berço rústico do temor, a fé iniciou o seu apostolado, ensinando às tribos primárias que o Divino Poder guarda as rédeas da suprema justiça, infundindo respeito à vida e aprimorando o intercâmbio das almas. Dela procedem os mananciais da fraternidade realmente sentida e, embora as formas inferiores da religião, na antiguidade, muita vez incentivando a perseguição e a morte, em sacrifícios e flagelações deploráveis, e apesar das lutas de separação e incompreensão que dividem os templos nos dias da atualidade, arregimentando-os para o dissídio em variadas fronteiras dogmáticas, ainda é a religião a escola soberana de formação moral do povo, dotando o espírito de poderes e luzes para a viagem da sublimação. A ciência construirá para o homem o clima do conforto e enriquecê-lo-á com os brasões da cultura superior; a filosofia auxiliá-lo-á com valiosas interpretações dos fenômenos em que a Eterna Sabedoria se manifesta, mas somente a fé, com os seus estatutos de perfeição íntima, consegue preparar nosso espírito imperecível para a ascensão universal.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 10)

“É imprescindível amparar a mente humana na Crosta Planetária, em seus deslocamentos naturais. A vasta escola terrestre exige incessante e complexa colaboração espiritual. Indubitavelmente, a Divina Sabedoria não se descuidou da programação prévia de serviço, neste particular. Se encarregou a Ciência de superintender o desdobramento harmonioso dos fenômenos pertinentes à zona física, se incumbiu a Filosofia de acompanhar essa mesma Ciência, enriquecendo-lhe os valores intelectuais, confiou à Religião a tarefa de velar pelo desenvolvimento da alma, propiciando-lhe abençoadas luzes para a jornada de ascensão. A crença religiosa, todavia, mormente nos últimos anos, tem-se revelado incapaz de tal cometimento:

falta-lhe pessoal adequado. Enquanto a edificação científica no mundo se apresenta qual árvore gigantesca, abrigando, em seus ramos refertos de teorias e raciocínios, as inteligências encarnadas, a Religião, subdividida em numerosos setores, dá a ideia de erva raquítica, a definhando no solo. O Amor Divino, porém, não ignora os obstáculos que asoberbam os círculos da fé. Se à investigação do conhecimento basta o valor intelectual, o problema religioso demanda altas possibilidades de sentimento. A primeira requer observação e persistência; o segundo, todavia, implica vocação para a renúncia.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“Se o patrimônio da fé religiosa representa o indiscutível fator de equilíbrio mental do mundo, que fazeis de vosso tesouro, esquecendo-lhe a utilização, numa época em que a instabilidade e a incerteza vos ameaçam todas as instituições de ordem e de trabalho, de entendimento e de construção? Não vos assombra, porventura, acordando-vos a consciência, a borrasca renovadora que refunde princípios e nações? Supondes possível uma era de paz exterior, sem a preparação interior do homem no espírito de observância e aplicação das Leis Divinas? Por admitir semelhante contrassenso, a máquina, filha de vossa inteligência, vos anula as possibilidades de mais alta incursão no reino do Espírito Eterno. Ser cristão, outrora, simbolizava a escolha da experiência mais nobre, com o dever de exemplificar o padrão de conduta consagrado pelo Mestre Divino. Constituía ininterrupto combate ao mal com as armas do bem, manifestação ativa do amor contra o ódio, segurança de vitória da luz contra as sombras, triunfo incontestado da paz construtiva sobre a discórdia derruidora. Ante o moloque do Estado Romano, convertido em imperialismo e corrupção, os sectários do Evangelho não se expunham a polémicas mordazes, não se enredavam nas teias do personalismo dissolvente, não dilapidavam possibilidades preciosas, a erigir fronteiras dogmáticas... Entreamavam-se em nome do Senhor e ofereciam a própria vida, em penhor de gratidão Àquele que não trepidava em seguir para a Cruz, por amor a todos nós. Erguiam os seus mais sublimes santuários na comunhão com os princípios santificantes que os identificavam com o Salvador do Mundo. Sabiam perder vantagens transitórias, para conquistar os imperecíveis tesouros celestiais. Sacrificavam-se uns pelos outros, na viva demonstração do devotamento fraternal. Repartiam os sofrimentos e multiplicavam os júbilos entre si. Morriam em testemunhos angustiosos, para alcançar a vida eterna. Guerreavam os desequilíbrios de sua época e de seus contemporâneos, não a golpes de maldição, nem a fio de espada, mas pela prática da renúncia, submetendo-se a disciplinas cruéis e revelando, nas palavras, nos pensamentos e nos atos, a mensagem sublime do Mestre que lhes renovara os corações. Entretanto, herdeiros que sois

daqueles heróis anônimos, que transitaram nas aflições, de espírito edificado nas promessas do Cristo, que fizestes vós da esperança transformadora, da confiança sem vacilação? Onde colocastes a fé viva que os vossos patriarcas adquiriram a preço de sangue e de lágrimas? Que é do espírito de fraternidade que assinalava os aprendizes da Boa-Nova? Enriquecidos pelas graças do Céu, pouco a pouco olvidastes as portas da Revelação Divina em troca das comodidades humanas. Construístes, entre vós mesmos, barreiras dificilmente transponíveis. Intoxica-vos o dogmatismo, corrompe-vos a secessão. Estreitas interpretações do plano divino vos obscurecem os horizontes mentais. Abris hostilidade franca, em nome do Reino de Deus que significa amor universal e união eterna. Conspurcais a fonte das bênçãos, amaldiçoando-vos uns aos outros, invocando, para isso, o Príncipe da Paz, que, para ajudar-nos, não hesitou ante a própria morte afrontosa. A que delírio chegastes, estabelecendo mútua concorrência à imaginária obtenção de privilégios divinos? Antigamente, os companheiros do Cristo disputavam a oportunidade de servir; no entanto, na atualidade, procurais as mínimas ocasiões de serdes servidos. Reverenciais do Senhor a Luz dos Séculos e mantendes-vos nas sombras do nefando egoísmo. Proclamais n’Ele a glória da paz e incentivais a guerra fratricida, em que homens e instituições se trucidam reciprocamente. Recorreis ao Divino Mestre, centralizando em sua infinita bondade a fonte inesgotável do amor; entretanto, cultivais a desarmonia no recôndito do ser. Por que estranhas convicções supondes conquistar o paraíso, à força de afirmativas labiais? Esquecesteis que o verbo, divino em seus fundamentos, é sempre criador? Como admitir a redenção ao preço de simples palavras a que nenhum significado objetivo emprestais pelas atitudes? Todavia, é imperioso reconhecer o caráter sublime de vossa tarefa no mundo. Jesus fundou a Religião do Amor Universal, que os sacerdotes políticos dividiram em várias escolas orientadas pelo sectarismo injustificável. Mau grado esse erro lastimável dos homens, a essência dos vossos princípios é aquela mesma que sustentou a coragem e a nobreza dos trabalhadores sacrificados nos primeiros dias do Cristianismo. Porque alguns missionários das verdades religiosas olvidassem a Paternidade Divina e se permitissem desmandos da autoridade, preferindo a opressão e a tirania, não sois menos responsáveis, agora, pelos sagrados depósitos que Jesus nos confiou, destinados aos serviços de elevação humana e de santificação da Terra. O Evangelho, em suas bases, guarda a beleza do primeiro dia. Sofisma algum conseguiu empanar o brilho de amai-vos uns aos outros, como eu vos ameí... Perante os desafios do Céu, credes, acaso, servir a Deus, encarcerando os serviços da fé nos templos suntuosos? A pompa do culto exterior só faz realçar o desatino de vossas perigosas

ilusões acerca da vida espiritual. Infrutífera seria a divina missão do Mestre, se a Boa-Nova permanecesse circunscrita às trincheiras sectárias, onde presunçosamente vos refugiais, com o objetivo de inflamar a execranda fogueira das hostilidades simuladamente cordiais. Não encontrastes outra fórmula de externar a crença, além da concorrência menos digna? Em vão ergueis castelos de opinião para o verbalismo sem obras, porque, se a morte surpreende o materialista revel, descortinando-lhe o realismo da vida, o túmulo abre também o tribunal da reta justiça a quantos se valeram da religião para melhor dissimular a indiferença que lhes povoa o mundo íntimo. Não julgueis esteja a fé consagrada ao menor esforço. Qual ocorre à ciência, a religião tem o seu trabalho específico no mundo. Força equilibrante do pensamento, seus servidores são chamados a colaborar na harmonia da mente humana. Na atuação da fé positiva reside a força reguladora das paixões, dos impulsos irresistíveis da animalidade de que todos emergimos, no processo evolucionário que nos preside à existência. Jesus, por isto, não confinou seus ensinamentos ao círculo estreito dos templos de pedra. Reverenciou, em verdade, os monumentos que recordassem os lugares santos da oração, consagrados às manifestações superiores do espírito; entretanto, não se cristalizou nas atitudes adorativas: viveu conquistando amigos para o Reino do Céu. Não impôs aos seus seguidores normas rígidas de ação: pedia-lhes amor e entendimento, fé sincera e bom ânimo para os serviços edificantes. Aproximando-se de Madalena, não extravagava em baldas conversações: interessa-lhe o coração no sublime apostolado renovador. Visitando Zaqueu, abençoa-lhe o esforço nobre e construtivo. Dirigindo-se à mulher samaritana, não desce às contendas inúteis: impressiona-a pelo contato de sua alma divina, fazendo-a abandonar o velho cântaro da fantasia, para que busque as fontes eternas. Convivendo com cegos e leprosos, loucos e doentes de todos os matizes, exemplificou a vida social, baseada na fraternidade mais pura e nos mais elevados estímulos à santificação. Por fim, imolado na cruz, seus dois últimos companheiros eram ladrões confessos, aos quais não hesitou dirigir a palavra fraterna, inflamada de amor. Como invocar-lhe o nome para justificar os desvarios da separação por motivos de fé? Como apoiar-se no Amigo de Todos para deflagrar embates de opinião, acendendo fogueiras de ódio em prejuízo da solidariedade comum que Ele exemplificou até ao supremo sacrifício? Não será denegrir-lhe a memória, difundir a discórdia em seu nome? [...] Não se vos reclama a transferência do depósito espiritual da crença veneranda. Em todos os setores, onde a sementeira do Cristo desabrocha, é possível honrar a Divina Lei, gravando-lhe os parágrafos sublimes no coração. O que se pede do vosso espírito de crença é o aproveitamento das bênçãos celestiais

esparzidas sobre vós em caudalosas correntes de luz. Não limiteis, portanto, a demonstração da confiança no Altíssimo aos cerimoniais do culto externo. Varrei a indiferença que vos enregela as basílicas suntuosas. Convertamo-nos em verdadeiros irmãos uns dos outros. Transformemos a igreja no doce lar da família cristã, quaisquer que sejam as nossas interpretações. Esqueçamos a falsa afirmativa de que os tempos apostólicos passaram para sempre. Cada aprendiz do Evangelho guarda, na própria vida, um reduto destinado ao culto vivo do Divino Mestre, perante o qual escoia a multidão dos necessitados, todos os dias... Amando e socorrendo, crendo e agindo, Jesus amparou a mente desequilibrada do mundo greco-romano, infundindo-lhe vida nova, em favor da Humanidade mais feliz. Assim, igualmente, cada discípulo da fé redentora pode e deve cooperar no reerguimento dos irmãos frágeis e vacilantes. Fugiu ao farisaísmo dos tempos modernos que se recusa ao auxílio fraternal, em nome do gênio satânico do cisma dogmático. Jesus nunca foi pregador da desarmonia, jamais endossou a vaidade petulante dos que pelos lábios se declaram puros, mantendo o coração atascado no lodo miasmático do orgulho e do egoísmo fatais! Mobilizemos nossa confiança no Todo-Misericordioso, dilatando-lhe o reino bendito de redenção. Aguardar o Céu, menosprezando a Terra, é obra de insensatez. Nenhum de nós peitará a Justiça Divina, embora permaneçais cultivando, muitas vezes, a ideia de um comércio ridículo com a Divindade. Se um lavrador jamais é postado sem obrigações diretas diante do matagal inculto ou do pântano perigoso, como permanecer sem deveres imediatos junto às paisagens de crime e treva, de inquietação e sofrimento?... O irmão caído é nossa carga preciosa, a dificuldade é nosso incentivo santo, a dor nossa escola purificadora. Abracemo-nos, pois, uns aos outros, em nome do Cordeiro de Deus, que nos reformou a mente, alçando-a a planos superiores pela ascensão gloriosa, através do sacrifício. Somente assim, meus amigos, é possível atender à elevada destinação que nos cabe. Diante do mundo periclitante, alucinado por ambições rasteiras e dominado pelo ódio e pela miséria, sequências das guerras incessantes e aniquiladoras, harmonizemo-nos em Jesus-Cristo, a fim de equilibrarmos a esfera carnal. Sombras perturbadoras vagueiam em torno de vossos passos e de vossas instituições, em ronda sinistra. Evitai a subversão dos valores espirituais, afugentai as trevas que vos ameaçam as organizações político-religiosas. Temei a ciência que estadeie sem a sabedoria, livrai-vos do raciocínio que calcula sem amor, revisai a fé para que seus impulsos não se desordenem, à míngua de edificação. A Crosta da Terra é atualmente um campo de batalha mais áspera, mais dolorosa... Despertai a consciência adormecida e afeiçoai-vos à Lei Divina, olvidando o cativo multissecular da ilusão.

A salvação é contínuo trabalho de renovação e de aprimoramento. Ao mundo atormentado proclamemos a nossa fé em Cristo Jesus para sempre!...” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 15)

“A história de gênios satânicos, atacando os devotos de variados matizes, é, no fundo, absolutamente verdadeira. As inteligências pervertidas, incapazes de receber as vantagens celestes, transformam-se em instrumentos passivos das inteligências rebeladas, que se interessam pela ignorância das massas, com lastimável menosprezo pela espiritualidade superior que nos governa os destinos. A aquisição de fé, por isto mesmo, demanda trabalho individual dos mais persistentes. A confiança no bem e o entusiasmo de viver que a luz religiosa nos infunde modificam-nos a tonalidade vibratória. Lucramos infinitamente com a imersão das forças interiores no sublimado idealismo da crença santificante, a que nos afeioamos; todavia, o serviço real que nos cabe não se resume só a palavras. A profissão de fé não é tudo. A experiência da alma no corpo denso destina-se, de maneira fundamental, ao aprimoramento do indivíduo. É nos atritos da marcha que o ser se desenvolve, se apura e ilumina. Não obstante, a tendência dos crentes, em geral, é a de fugir aos conflitos da senda. Pessoas existem que depois de servirem ao ideal religioso, durante dois anos, pretendem o repouso de vinte séculos. Em todas as casas de fé, os mensageiros do Senhor distribuem favores e bênçãos compatíveis com as necessidades de cada um; entretanto, é imprescindível que se prepare o coração nas linhas do mérito, a fim de recolhê-los. Entre emissão e recepção, prevalece o imperativo da sintonia. Sem esforço preparatório, é impossível ambientar o benefício. Embalde imporíamos, de imediato, ao homem selvagem a vida num palácio erguido pela cultura moderna. Aos acordes de nossa música, preferiria ele os ruídos da ventania, e um cabaz de flechas lhe pareceria mais valioso que um dos nossos mais perfeitos parques industriais. Portanto, para que alguém se coloque a caminho das eminências sociais, é indispensável seja educado, de boa vontade, aceitando as sugestões de melhoria e serviço. [...] Em verdade, a missa é um ato religioso tão venerável quanto qualquer outro em que os corações procuram identificar-se com a Proteção Divina; no entanto, raros são aqueles que trazem até aqui o espírito efetivamente inclinado à assimilação do auxílio celestial. E para a formação de semelhante clima interior, cada crente, além do serviço de purificação dos sentimentos, necessitará também combater a influência dispersiva e perturbadora que procede dos companheiros desencarnados que lhes buscam arrefecer o fervor.” (AL, *Libertação*, Capítulo 9)

“LIÇÕES DE ALTA MAGNITUDE. [...] Os atavismos religiosos que lhes ofereciam primícias e estados de glória logo após a morte biológica, mantinham alguns

que se davam conta do fenômeno de que foram objeto, aguardando a chegada dos anjos mitológicos, e desesperavam-se, tombando na blasfêmia e na revolta, reclamando contra o abandono em que supunham encontrar-se. Essa transferência de responsabilidades dos nossos atos para a Divindade, além de ser uma atitude profundamente leviana é muito cômoda, porque proporciona uma visão totalmente distorcida da realidade, transferindo-a para o mundo da fantasia e da mágica, no qual tudo é possível... Somente quando o ser humano desperta realmente para a consciência de si mesmo, das responsabilidades que lhe dizem respeito, é que tem início o processo de descobrimento da verdade e do dever. Enquanto isso não ocorre, a transferência para os outros de tudo quanto lhe diz respeito, seja na ocorrência infeliz, aos demais culpando, ou nas necessidades da evolução, esperando que os anjos da misericórdia por eles operem de maneira sobrenatural e privilegiada, liberando-os do esforço que deve ser empreendido para a auto iluminação. Logo após a peroração do padre Marcos, o nosso mentor acercou-se-nos, e percebendo as interrogações que bailavam na minha mente, socorreu-me com alguns esclarecimentos que são preciosas lições de vida. - O caro Miranda não ignora - começou ele, suavemente - que todas as ocorrências contribuem para o nosso processo de crescimento na direção de Deus. Até agora, infelizmente, as religiões, embora o imenso respeito que lhes devotamos a todas elas, aliás ainda muito necessárias, firmam-se em condutas mágicas e não racionais, não responsabilizando os seus fiéis a respeito dos seus atos, que respondem pelas consequências que sempre os alcançam, normalmente em clima de aflição, por causa dos seus conteúdos morais negativos. “Apresentando os seus deuses ou profetas especiais, alguns dos quais vítimas de transtornos de conduta, que mesclaram as informações superiores com os próprios conflitos, dando lugar a revelações castradoras e perversas, propõem-se como responsáveis pela palavra de Deus, humanizando-O e limitando-O às suas paixões, distante da grandeza imarcescível e infinita do Criador, dando-lhes a aparência de verdades indiscutíveis. Mais preocupadas com o exterior, as fórmulas e preceitos, do que com o sentimento interno dos devotos, laboram pela quantidade de adeptos, sem a maior preocupação de os qualificar para a existência breve na Terra e, a seguir, a imortalidade em que, desde o corpo, se encontram mergulhados. “Incapazes de entender a Causalidade Absoluta do Universo, elaboram os seus conceitos na linguagem pobre das suas necessidades e arrastam as multidões que ainda não sabem pensar, trabalhando-lhes o fanatismo doentio, herança do primarismo espiritual, como mecanismo de salvação imediata, bastando pequenos esforços humanos para a eterna recompensa ou, quando isso não é conseguido,

a terrível punição eterna, sem a mínima possibilidade de receber-se misericórdia ou compaixão. Apesar disso, informam com empáfia que o Pai Todo Amor é também Todo Misericórdia, numa colocação paradoxal absurda... “Cambaleiam, então, no mundo físico, esses autômatos da fé, sendo transferidas para o mundo espiritual as multidões equivocadas e engessadas nas informações equivocadas, assimiladas sem raciocínio e recebidas como herança dos ancestrais que pensam honrar fixando-se nelas, sem a preocupação, porém, da auto iluminação. Os seus dogmas, os seus cerimoniais, todos elaborados com crueldade, amesquinhando o ser humano, escravizam-nos ao temor e mantêm-nos na ignorância em que se encarceram, sendo muito difícil esclarecê-los nos primeiros tentames, após o decesso tumular.” Aquietou-se por um momento, olhando, entristecido, a imensa mole espiritual que estorcegava na alucinação e no desespero sem limite, dando continuidade: “- É nesse estágio do sofrimento que a compaixão dos céus recambia esses sofrendores de volta à abençoada escola terrena para o ministério da reencarnação, em expiações severas ou provações rudes, facultando-lhes o entendimento das leis de justiça e dos deveres que devem constituir a pauta de todas as existências. “Mesmo negando com ferocidade a doutrina dos renascimentos carnaís, isso não impede que ela seja uma lei universal, ocorrendo em toda parte, como bênção de incomparável significado, sem a qual nos manteríamos nas faixas iniciais da evolução, sem chances de desenvolvimento intelecto-moral. “Perfeitamente compatível com a lei de progresso que somente ocorre ao longo do processo das experiências pessoais, a reencarnação, a pouco e pouco, faz que o deus interno desenvolva-se e agigante-se no imo do Espírito, imanando-o a Deus. “Acompanhando as dores acerbadas que dominam esses milhares de Espíritos equivocados na sua maneira de acreditar na Vida Abundante, das suas fixações nos interesses transitórios como se fossem permanentes, mais uma vez damo-nos conta de como ainda vivemos na infância espiritual, as criaturas terrestres habituadas aos caprichos do egoísmo, sem as gratificações sublimes da solidariedade e do amor. “Religiosamente, todos estamos informados de que o túmulo não significa aniquilamento, portanto, sabemos que a vida prossegue. Seria lógico, em consequência, vivermos de maneira compatível com essa convicção, o que realmente não ocorre. As disputas e fixações materiais de tal maneira se fazem dominadoras em nosso mundo íntimo que, conscientemente ou não, postergamos o momento da partida do corpo, indefinidamente. Quando somos jovens, anelamos para que isso ocorra na velhice, e quando a idade provecta se nos instala, ao sentirmos a aproximação do fenômeno da desencarnação, o medo se nos assenhoreia, levando, não poucos de

nós, ao transtorno depressivo, à revolta ou a outro tipo de desequilíbrio. “Bastaria somente alguns momentos de reflexão diária em torno da transitoriedade da vida física, para nos prepararmos e aguardarmos com alegria o momento da desencarnação. Qual o encarcerado que não anela pela liberdade, e que, vendo outro que estava na sua cela partir, não deseja também que lhe soe o momento grandioso? E com que júbilo o enfrenta quando chega! “A metáfora explica bem como nos deveríamos comportar, o que, lamentavelmente, não ocorre. “Dia, não muito distante, porém, surgirá, em que as religiões serão portas de acesso à vida e não cárcere na ignorância e no absurdo. Desse modo, lembremo-nos que todos os profetas e fundadores de religiões, por mais elevados e nobres, não se equiparam a Jesus Cristo que os enviou à Terra, a fim de que diluíssem um pouco as sombras da crueldade, para que Ele instaurasse, nos dias já recuados, as balizas do Reino dos Céus no mundo. Mesmo aqueles que vieram depois do Seu advento, são ministros do Seu reino. Por essa razão, veio o Consolador que Ele prometera, para apressar esses dias, o momento da verdadeira comunhão entre as criaturas e o Criador. “Não desfaleçamos, portanto, e cumpramos com o nosso dever.” Encontrava-me edificado e surpreso, pensando como o nobre médico chegara a essas conclusões, sabendo que ele vivenciara, na sua existência anterior, a convicção anglicana. Percebendo-me a reflexão, o amigo generoso sorriu e completou: - Amigo Miranda, o conhecimento viaja daqui para a Terra e não de lá para cá... Desse modo, participando dos grupos de estudos em nossa comunidade, tomei conhecimento da Revelação Espírita e da sua magnitude para o ser humano. Por isso, estou engajado na tarefa em que nosso grupo se encontra.” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 10)

“Religião e religiosidade. No caleidoscópio do comportamento humano há, quase sempre, uma grande preocupação por mais parecer do que ser, dando origem aos homens espelhos, aqueles que, não tendo identidade própria, refletem os modismos, as imposições, as opiniões alheias. Eles se tornam o que agrada às pessoas com quem convivem, o ambiente que no seu comportamento neurótico se instala. Adota-se uma fórmula religiosa sem que se viva de forma equânime dentro dos cânones da religião. É a experiência da religião sem religiosidade, da aparência social sem o correspondente emocional que trabalha em favor da autorrealização. O conceito de Deus se perde na complexidade das fórmulas vazias do culto externo, e a manifestação da fé íntima desaparece diante das expressões ruidosas, destituídas dos componentes espirituais da meditação, da reflexão, da entrega. Disso resulta uma vida esvaziada de esperança, sem convicção de profundidade, sem maturidade espiritual. A religião se destina ao conforto moral e à preservação dos

valores espirituais do homem, demitizando a morte e abrindo-lhe as portas aparentemente indevassáveis à percepção humana. Desvelar os segredos da vida de ultra tumba, demonstrar-lhe o prosseguimento das aspirações e valores humanos, ora noutra dimensão dentro da mesma realidade da vida, é a finalidade precípua da religião. Ao invés da proibição castradora e do dogmatismo irracional, agressivo à liberdade de pensamento e de opção, a religião deve favorecer a investigação em torno dos fundamentos existenciais, das origens do ser e do destino humano, ao lado dos equipamentos da ciência, igualmente interessada em aprofundar as sondas das pesquisas sobre o mundo, o homem e a vida. A fim de que esse objetivo seja alcançado, faz-se indispensável a coragem de romper com a tradição - rebelar-se contra a mãe religião - libertando-se das fórmulas, para encontrar a forma da mais perfeita identificação com a própria consciência geradora de paz. Tornar-se autêntico é uma decisão definidora que precede a resolução de crescer para dar-se. O desafio consiste na coragem da análise de conteúdo da religião, assim como da lógica, da racionalidade das suas teses e propostas. Somente, desta forma, haverá um relacionamento criativo entre o crente e a fé, a religiosidade emocional e a religião. Essa busca preserva a liberdade íntima do homem perante a vida, facultando-lhe um incessante crescimento, que lhe dará a capacidade para distinguir o em que acredita e por que em tal crê, sustentando as próprias forças na imensa satisfação dos seus descobrimentos e nas possibilidades que lhe surgem de ampliar essas conquistas. Já não se torna, então, importante a religião, formal e circumspecta, fechada e sombria, mas a religiosidade interior que aproxima o indivíduo de Deus em toda a Sua plenitude: no homem, no animal, no vegetal, em a natureza, nas formas viventes ou não, através de um inter-relacionamento integrador que o plenifica e o liberta da ansiedade, da solidão, do medo. As suas aspirações não se fazem atormentadoras; não mais surge a solidão como abandono e desamor, e dilui-se o medo ante uma religiosidade que impregna a vida com esperança, alegria e fé. O germe divino cresce no interior do homem e expande-se, permitindo que se compreenda o conceito paulino, que ele já não vivia, “mas o Cristo” nele vivia. A personalidade conflitante no jogo dos interesses da sociedade cede lugar à individualidade eterna e tranquila, não mais em disputa primária de ambições e sim em realizações nas quais se movimenta. Os outros camuflam a sua realidade e vivem conforme os padrões, às vezes detestados, que lhes são apresentados ou impostos pela sua sociedade. O grupo social, porém, rejeita-os, por sabê-los não autênticos, no entanto os aplaude, porque eles não incomodam os seus membros, fazendo-os mesmistas, iguais, despersonalizados, desestruturados. Por falta

de uma consciência objetiva - conhecimento dos seus valores pessoais, controle das várias funções do seu organismo físico e emocional, definição positiva de atitudes perante a vida -, não têm a coragem ética de ser autênticos, padecendo conflitos a respeito do senso de responsabilidade e de liberdade, característico do amadurecimento, que se poderá denominar como uma virtude de longo curso. Não se trata da coragem de arrostar consequências pela própria temeridade, mas do valor para enfrentar-se a si mesmo, gerando um relacionamento saudável com as demais pessoas, repetindo com entusiasmo a experiência malsucedida, sem ataduras de remorso ou lamentação pelo fracasso. E saber retirar do insucesso os resultados positivos, que se podem transformar em alavancas para futuros empreendimentos, nos quais a decisão de insistir e realizar assumem altos níveis éticos, que se tornam desafios no curso do processo evolutivo. Para que o ânimo robusto possa conduzir às lutas exteriores, faz-se necessária a autoconquista, que torna o indivíduo justo, equilibrado, sem a característica ansiedade neurótica, reveladora do medo do futuro, da solidão, das dificuldades que surgem. É preciso que o homem se arrisque, se aventure, mesmo que esta decisão o faça ansioso quanto ao seu desempenho, aos resultados. Ninguém pode superar a ansiedade natural, que faz parte da realidade humana, desde que não extrapole os limites, passando a conflito neurótico. Por atavismo ancestral o homem nasce vinculado a uma crença religiosa, cujas raízes se fixam no comportamento dos primitivos habitantes da Terra. Do medo decorrente das forças desorganizadas das eras primeiras da vida, surgiram as diferentes formas de apaziguar a fúria dos seus responsáveis, mediante os cultos que se transformariam em religiões com as suas variadas cerimônias, cada vez mais complexas e sofisticadas. Das manifestações primárias com sacrifícios humanos, até as expressões metafísicas, toda uma herança psicológica e sociológica se transferiu através das gerações, produzindo um natural sentimento religioso que permanece em a natureza humana. Ao lado disso, considerando-se a origem espiritual do indivíduo e a Força Criadora do Universo, nele permanece o germe de religiosidade aguardando campo fecundo para desabrochar. Se expressa, esse conteúdo intelecto-moral, em forma de culto à arte, à ciência, à filosofia, à religião, numa busca de afirmação-integração da sua na Consciência Cósmica. A força primitiva e criadora, nele existente como uma fagulha, possui o potencial de uma estrela que se expandirá com as possibilidades que lhe sejam facultadas. Bem direcionada, sua luz vencerá toda a sombra e se transformará na energia vitalizadora para o crescimento dos seus valores intrínsecos, no desdobramento da sua fatalidade, que são a vitória sobre si mesmo, a relativa perfeição que ainda não tem capacidade de apreender. Na

execução do programa religioso, a maioria das pessoas age por convencionalismo e conveniência, sem a coragem de assumir as suas convicções, receosas da rejeição do grupo. Adotam fórmulas do agrado geral, que foram úteis em determinados períodos do processo histórico e evolutivo da sociedade e, não obstante descubram novas expressões de fé e consolação, receiam ser consideradas alienadas, caso assumam as propostas novas que lhes parecem corretas, mas não usuais, e sim de profundidade. Afirmou um monge medieval que todo aquele que vive morrendo, quando morre não morre”, porque o desapego, o despojar das paixões em cada morrer diário, liberta-o, desde já, até que, quando lhe advém a morte, ele se encontra perfeitamente livre, portanto, não morto, equivalente a vivo. A religiosidade é uma conquista que ultrapassa a adoção de uma religião; uma realização interior lúcida, que independe do formalismo, mas que apenas se consegue através da coragem de o homem emergir da rotina e encontrar a própria identidade.” (JA, *O homem integral*, Terceira parte, Capítulo 13)

III Jesus e o Evangelho

III.1. Provas sobre a natureza (humana e/ou divina) de Jesus Cristo

“§ I - FONTES DAS PROVAS SOBRE A NATUREZA DO CRISTO. A questão da natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo e pode-se dizer que ainda não se acha solucionada, pois que continua a ser objeto de discussão. Foi a divergência das opiniões sobre este ponto que deu origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja há dezoito séculos, sendo de notar-se que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros titulados do clero. Eram, por conseguinte, homens esclarecidos, muitos deles escritores de talento, abalizados na ciência teológica, que não achavam concludentes as razões invocadas a favor do dogma da divindade do Cristo. Entretanto, como hoje, as opiniões se firmaram mais sobre abstrações do que sobre fatos. Sobretudo, o que se procurou foi saber o que o dogma continha de plausível, ou de irracional, deixando-se, geralmente, de um lado e de outro, de assinalar os fatos capazes de lançar sobre a questão uma luz decisiva. Mas, onde encontrar esses fatos, senão nos atos e nas palavras de Jesus? Nada tendo Ele escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos que, tampouco escreveram coisa alguma quando o Cristo ainda vivia. Nenhum historiador profano, seu contemporâneo, havendo falado a seu respeito nenhum documento mais existe, além dos Evangelhos, sobre a sua vida e a sua doutrina.

Aí somente é que se há de procurar a chave do problema. Todos os escritos posteriores, sem exclusão dos de S. Paulo, são apenas, e não podem deixar de ser, simples comentários ou apreciações, reflexos de opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias, que, em caso algum, poderiam ter a autoridade da narrativa dos que receberam diretamente do Mestre as instruções. [...] No exame, que vamos fazer, da questão da divindade do Cristo, pondo de lado as sutilezas da escolástica, que unicamente serviram para tudo embaralhar sem esclarecer coisa alguma, apoiar-nos-emos exclusivamente nos fatos que ressaltam do texto do Evangelho e que, examinados friamente, conscienciosamente e sem espírito de partido, facultam em abundância todos os meios de convicção que se possam desejar. Ora, entre esses fatos, outros não há mais preponderantes, nem mais concludentes, do que as próprias palavras do Cristo, palavras que ninguém poderá refutar, sem infirmar a veracidade dos apóstolos. Pode-se interpretar de diferentes maneiras uma parábola, uma alegoria; mas, afirmações precisas, sem ambiguidades, repetidas cem vezes, não poderiam ter duplo sentido. Ninguém pode pretender saber melhor do que Jesus o que ele quis dizer, como ninguém pode pretender estar mais bem informado do que ele sobre a sua própria natureza. Desde que ele comenta suas palavras e as explica para evitar todo equívoco, é a ele que devemos recorrer, a menos lhe neguemos a superioridade que lhe é atribuída e nos sobreponhamos à sua própria inteligência. Se ele foi obscuro em certos pontos, por usar de linguagem figurada, no que concerne à sua pessoa não há equívoco possível. Antes de examinar as palavras, vejamos os atos.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Estudo sobre a natureza do Cristo)

“§ II - OS MILAGRES PROVAM A DIVINDADE DO CRISTO? Segundo a Igreja, a divindade do Cristo está firmada pelos milagres, que testemunham um poder sobrenatural. Esta consideração pode ter tido certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; hoje, porém, que a Ciência levou suas investigações até às leis da Natureza, há mais incrédulos do que crentes nos milagres, para cujo descrédito não contribuíram pouco o abuso das imitações fraudulentas e a exploração que dessas imitações se há feito. A fé nos milagres foi destruída pelo próprio uso que deles fizeram, donde resultou que muitas pessoas consideram agora os do Evangelho como puramente lendários. A própria Igreja, aliás, tira aos milagres todo o alcance como prova da divindade do Cristo, declarando que o demônio os pode operar tão prodigiosos quanto aqueles outros. Se tal poder tem o demônio, evidente se torna que os fatos desse gênero carecem em absoluto de caráter exclusivamente divino. Se ele pode fazer coisas espantosas, capazes até de iludir os eleitos, como poderão simples mortais distinguir os

bons milagres dos maus? Não será de temer que, observando fatos similares, confundam Deus e Satanás? [...] Outra consideração não menos grave é a de que os fatos milagrosos não constituem privilégio exclusivo da religião cristã. Não há, com efeito, religião alguma, idólatra ou pagã, que não tenha seus milagres tão maravilhosos e tão autênticos para os respectivos adeptos, quanto os do Cristianismo. E a Igreja se privou do direito de os contestar, desde que atribuiu às potências infernais o poder de os operar. No sentido teológico, o caráter essencial do milagre é o de ser uma exceção aberta nas leis da Natureza, o que, conseqüentemente, o torna inexplicável mediante essas mesmas leis. Deixa de ser milagre um fato, desde que possa explicar-se e que se ache ligado a uma causa conhecida. Desse modo foi que as descobertas da Ciência colocaram no domínio do natural muitos efeitos que eram qualificados de prodígios, enquanto se lhes desconheciam as causas. Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre a economia geral, do mundo invisível dentro do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, facultou a explicação dos fenômenos de ordem psíquica, provando que esses fenômenos não constituem, mais do que os outros, derrogações das leis da Natureza, que, ao contrário, decorrem quase sempre de aplicações destas leis. Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da dupla vista, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, a presciência, as curas instantâneas, as possessões, as obsessões, as aparições e transfigurações, etc., que formam a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem àquela categoria de fenômenos. Sabe-se agora que tais efeitos resultam de especiais aptidões e disposições psicológicas; que se não produziram em todos os tempos e no seio de todos os povos e que foram considerados sobrenaturais pela mesma razão que todos aqueles cuja causa não se percebia. Isto explica por que todas as religiões tiveram seus milagres, que mais não são que fatos naturais, quase sempre, porém, ampliados até ao absurdo pela credulidade e reduzidos agora ao seu justo valor pelos conhecimentos atuais, que permitem se destaque deles a parte devida à lenda. A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus se acha hoje completamente demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais. Pois que eles se produzem às nossas vistas, quer espontaneamente, quer quando provocados, nada há de anormal em que Jesus possuísse faculdades idênticas às dos nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns, etc. Do momento em que essas mesmas faculdades se encontram, em diferentes graus, numa multidão de indivíduos que nada têm de divino, até em heréticos e idólatras, elas não implicam,

de maneira alguma, a existência de uma natureza sobre-humana. [...] Importa, pois, se risquem os milagres do rol das provas sobre que se pretende fundar a divindade da pessoa do Cristo. Vejamos agora se as encontramos em suas palavras.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Estudo sobre a natureza do Cristo)

“§ III - AS PALAVRAS DE JESUS PROVAM A SUA DIVINDADE? [...] O dogma da divindade de Jesus se baseou na igualdade absoluta entre a sua pessoa e Deus, pois que ele próprio é Deus. É este um artigo de fé. Ora, estas palavras, que Jesus tantas vezes repetiu: **Aquele que me enviou**, não só comprovam uma dualidade de pessoas, mas também, como já o dissemos, excluem a igualdade absoluta entre elas, porquanto aquele que é enviado necessariamente está **subordinado** ao que envia. Com o obedecer, aquele pratica um ato de **submissão**. Um embaixador, falando do seu soberano, dirá: **Meu senhor, aquele que me envia**; mas, se quem vem é o soberano em pessoa, falará em seu próprio nome e não dirá: **Aquele que me enviou**, visto que ele não pode enviar-se a si mesmo. Jesus o disse em termos categóricos: **Não vim de mim mesmo; foi ele quem me enviou**. Estas palavras: **Aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou**, não implicam absolutamente a igualdade, nem, ainda menos, a identidade. Em todos os tempos, o insulto a um embaixador foi considerado como feito ao próprio soberano. Os apóstolos tinham a palavra de Jesus, como este a de Deus. Quando ele lhes diz: **Aquele que vos ouve a mim me ouve**, certamente não queria dizer que seus apóstolos e ele fossem uma só e a mesma pessoa, igual em todas as coisas. [...] Desde que ele **nada diz de si mesmo**; que a doutrina que prega **não é sua**, que ela lhe veio de Deus, que lhe ordenou viesse dá-la a conhecer; que não faz senão o que Deus lhe deu o **poder de fazer**; que a verdade que ensina **ele a aprendeu de Deus**, a cuja vontade se acha sujeito, é que ele não é Deus, mas, apenas, seu enviado, seu messias e seu subordinado. Fora-lhe impossível recusar, de maneira mais positiva, qualquer assimilação sua a Deus, nem determinar o seu papel principal em termos mais precisos. Não há nos trechos acima pensamentos ocultos sob o véu da alegoria, que só à força de interpretações se possam descobrir. São pensamentos expressos em seu sentido próprio, sem ambiguidade. [...] Se Jesus, ao morrer, entrega sua alma às mãos de Deus, é que ele tinha uma alma distinta de Deus, submissa a Deus. **Logo, ele não era Deus.**” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Estudo sobre a natureza do Cristo)

“§ V - DUPLA NATUREZA DE JESUS. Poder-se-ia objetar que, em virtude da dupla natureza de Jesus, suas palavras exprimiam seu sentir como homem e não como Deus. Sem, neste momento, examinarmos por qual encadeamento de circunstâncias chegaram,

muito mais tarde, à hipótese dessa dupla natureza, admitamo-la, por um instante, e vejamos se, em vez de elucidar a questão, ela não a complica ainda mais, ao ponto de torná-la insolúvel. O que, em Jesus, haveria de humano era o corpo, a parte material. Deste ponto de vista, compreende-se que ele haja podido sofrer e tenha mesmo sofrido como homem. A alma, o Espírito, a mente, numa palavra, a parte espiritual do Ser é o que haveria nele de divino. [...] **§ VI - OPINIÃO DOS APÓSTOLOS.** Até aqui, apoiamo-nos exclusivamente nas palavras do Cristo, como único elemento peremptório de convicção, porque, fora daí, somente há opiniões pessoais. [...] Para eles, Jesus era um **homem profeta**, escolhido e abençoado por Deus. Não foi, pois, entre os apóstolos que teve origem a crença na divindade de Jesus. S. Paulo, que não conheceu a Jesus, mas que, de ardoroso perseguidor, se tornou o mais zeloso e o mais eloquente discípulo da nova fé e cujos escritos prepararam os primeiros formulários da religião cristã, não é menos explícito a respeito. Há nele o mesmo sentimento de dois seres distintos e da supremacia do Pai sobre o Filho. [...] **§ VII - PREDIÇÃO DOS PROFETAS, COM RELAÇÃO A JESUS.** Além das afirmações de Jesus e da opinião dos apóstolos, há um testemunho cujo valor os crentes mais ortodoxos não poderiam contestar, pois que o apontam constantemente como artigo de fé: é o do próprio Deus, isto é, o dos profetas falando por inspiração e anunciando a vinda do Messias. [...] A distinção entre Deus e seu futuro enviado se acha aí caracterizada do modo mais formal. Deus o designa por **seu servidor**, conseqüentemente por seu subordinado. Nada há, em suas palavras, que implique a ideia de igualdade de poder, nem de consubstancialidade entre os dois seres. [...] **§ IX - O FILHO DE DEUS E O FILHO DO HOMEM.** O título de **Filho de Deus**, longe de implicar igualdade, é, muito ao contrário, indício de uma submissão. Ora, ninguém é submetido a si mesmo, mas a alguém. Para que Jesus fosse, em absoluto, igual a Deus, fora preciso que ele existisse, como Deus, de toda a eternidade, isto é, que fosse **não criado**. Ora, o dogma diz que Deus o **gerou** desde toda a eternidade; mas quem diz **gerou** diz **criou**. Fosse ou não desde toda a eternidade, ele não deixa por isso de ser uma criatura e de estar, como tal, subordinada ao seu Criador. É a ideia que implicitamente se contém no termo **Filho**. [...] Digamos que Jesus é **Filho de Deus**, como todas as criaturas, que ele chama a Deus Pai, como nós aprendemos a tratá-lo de **nosso Pai**. É o **Filho bem-amado de Deus**, porque, tendo alcançado a perfeição, que aproxima de Deus a criatura, possui toda a confiança e toda a afeição de Deus. Ele se diz **Filho único**, não porque seja o único ser que haja chegado à perfeição, mas porque era o único predestinado a desempenhar aquela missão na Terra. Se pode

parecer que a qualificação de **Filho de Deus** apoia a doutrina da divindade, o mesmo já não se dá com a de **Filho do homem**, que também Jesus deu a si mesmo, em sua missão, e que constituiu objeto de muitos comentários. [...] É evidente que a qualificação de **Filho do homem** quer aqui dizer: **que nasceu do homem**, por oposição ao que está fora da Humanidade. [...] Jesus dá a si mesmo essa qualificação com persistência notável, pois só em circunstâncias muito raras ele se diz **Filho de Deus**. Em sua boca, não pode ter ela outra significação, que não lembrar que também ele pertence à Humanidade, identificando-se desse modo aos profetas que o precederam e aos quais se comparou, aludindo à sua morte, quando disse: **Jerusalém, que matas os profetas!** A insistência com que ele se designa por filho do homem parece um protesto antecipado contra a qualidade que, segundo previa, lhe seria dada mais tarde, a fim de ficar bem determinado que essa qualidade não saíra de seus lábios. [...] É de notar-se que, durante essa interminável polêmica que apaixonou os homens por longa série de séculos e que ainda continua, que acendeu fogueiras e fez correr rios de sangue, o que se discutia era uma abstração, a natureza de Jesus, da qual se fizera a pedra angular do edifício, embora deste não falassem e hajam olvidado uma coisa, a que o Cristo disse ser **toda a lei e os profetas**: o amor de Deus e do próximo e a caridade, que ele estabeleceu como condição expressa da salvação. Aferraram-se à questão da afinidade de Jesus com Deus e emudeceram com relação às virtudes que ele recomendou e exemplificou. O próprio Deus ficou apagado, ante a exaltação da personalidade do Cristo. No símbolo de Nicéia, diz-se apenas: Cremos num só Deus, etc. Mas, como é esse Deus? Nenhuma menção ali há dos seus atributos essenciais: a soberana bondade e a soberana justiça. É que estas palavras teriam sido a condenação dos dogmas que consagram a sua parcialidade para com certas criaturas, a sua inexorabilidade, o seu ciúme, a sua cólera, o seu espírito de vindita, e com que justificaram as crueldades cometidas em seu nome. Se o símbolo de Nicéia, que se tornou o fundamento da fé católica, estava conforme ao espírito do Cristo, por que o anátema com que ele termina? Não está aí uma prova de que ele é obra da paixão dos homens? A que se deve, aliás, a sua adoção? À pressão do imperador Constantino, que dele fez uma questão mais política, do que religiosa. Sem sua ordem, o concílio de Nicéia não se houvera realizado; sem a intimidação que ele exerceu, é mais que provável que o arianismo levasse a melhor. Tudo, pois, dependeu da autoridade soberana de um homem, que não pertence à Igreja, que reconheceu, mais tarde, o erro político que cometera e que inutilmente procurou voltar atrás, conciliando os partidos. Unicamente daquela autoridade dependeu não haver arianos em vez

de católicos e de não ser hoje o arianismo a ortodoxia e o catolicismo a heresia.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Estudo sobre a natureza do Cristo)

III.2. Importância da vinda de Jesus

“**A NOVA ERA. 9.** Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que se serviu Deus para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes por que passou esse povo destinavam-se a chamar a atenção geral e a fazer cair o véu que ocultava aos homens a divindade. Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o germen da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não na teriam então compreendido. Mas, nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser um como frontispício brilhante, qual farol destinado a clarear a estrada que a Humanidade tinha de percorrer. A moral que Moisés ensinou era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se propunha regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar a um inimigo. Notável do ponto de vista da matéria e mesmo do das artes e das ciências, a inteligência deles muito atrasada se achava em moralidade e não se houvera convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, qual a que apresentava então a religião hebraica. Os holocaustos lhes falavam aos sentidos, do mesmo passo que a ideia de Deus lhes falava ao espírito. O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o *Espiritismo* é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance. São chegados os tempos em que se hão de desenvolver as ideias, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Não se acredite, porém, que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraíam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da

moral tocarão os espíritos, que então abraçarão uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e descerra as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá. - *Um Espírito israelita*. (Mulhouse, 1861)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“**MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO. 1.** *Pilatos, tendo entrado de novo no palácio e feito vir Jesus à sua presença, perguntou-lhe: És o rei dos judeus? – Respondeu-lhe Jesus: Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas, o meu reino ainda não é aqui. Disse-lhe então Pilatos: És, pois, rei? – Jesus lhe respondeu: Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz.* (S. JOÃO, 18:33, 36 e 37) **A VIDA FUTURA. 2.** Por essas palavras, Jesus claramente se refere à *vida futura*, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta a que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não creem na vida futura, imaginando que ele apenas falava na vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris. Esse dogma pode, portanto, ser tido como o eixo do ensino do Cristo, pelo que foi colocado num dos primeiros lugares a frente desta obra. É que ele tem de ser o ponto de mira de todos os homens; só ele justifica as anomalias da vida terrena e se mostra de acordo com a justiça de Deus. **3.** Apenas ideias muito imprecisas tinham os judeus acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos, considerando-os seres privilegiados da Criação; não sabiam, porém, que os homens podem um dia tornar-se anjos e partilhar da felicidade destes. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, com a supremacia da nação a que pertenciam, com vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da desobediência àquelas leis. Moisés não pudera dizer mais do que isso a um povo pastor e ignorante, que precisava ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus lhe revelou que há outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso. É esse o mundo que ele promete aos que cumprem os mandamentos de Deus e onde os bons acharão sua recompensa. Aí o seu reino; lá é que ele se encontra na sua glória e para onde voltaria quando deixasse a Terra. Jesus, porém, conformando seu ensino com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não

a compreenderiam. Limitou-se a, de certo modo, apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma lei da Natureza a cuja ação ninguém pode fugir. Todo cristão, pois, necessariamente crê na vida futura; mas, a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, balda de certeza absoluta, donde as dúvidas e mesmo a incredulidade. O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastantes para apreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, facultam à mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como toda gente imagina um país cuja pormenorizada descrição leia. Ora, a descrição da vida futura é tão circunstanciadamente feita, são tão racionais as condições, ditosas ou infortunadas, da existência dos que lá se encontram, quais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu mau grado, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, porquanto, assim sendo, patente fica a verdadeira justiça de Deus. **A REALEZA DE JESUS. 4.** Que não é deste mundo o reino de Jesus todos compreendem, mas, também na Terra não terá ele uma realeza? Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Dá-se esse título, por unânime consenso, a todo aquele que, pelo seu gênio, ascende à primeira plana numa ordem de ideias quaisquer, a todo aquele que domina, o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se costuma dizer: o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores, etc. Essa realeza, oriunda do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela, muitas vezes, preponderância bem maior do que a que cinge a coroa real? Imperecível é a primeira, enquanto esta outra é joguete das vicissitudes; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra. Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto não é Jesus mais poderoso rei do que os potentados da Terra? Razão, pois, lhe assistia para dizer a Pilatos, conforme disse: “Sou rei, mas o meu reino não é deste mundo.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo II)

“UMA REALEZA TERRESTRE. 8. Quem melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de Nosso Senhor: “O meu reino não é deste

mundo”? O orgulho me perdeu na Terra. Quem, pois, compreenderia o nenhum valor dos reinos da Terra, se eu o não compreendia? Que trouxe eu comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar mais terrível a lição, ela nem sequer me acompanhou até o túmulo! Rainha entre os homens, como rainha julguei que penetrasse no reino dos céus! Que decepção! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! como então compreendi a esterilidade das honras e grandezas que com tanta avidez se requestam na Terra! Para se granjear um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se vos pergunta o que fostes, nem que posição ocupastes, mas que bem fizestes, quantas lágrimas enxugastes. Oh! Jesus, tu o disseste, teu reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao céu, de onde os degraus de um trono a ninguém aproximam. A ele só conduzem as veredas mais penosas da vida. Procurai-lhe, pois, o caminho, através das urzes e dos espinhos, não por entre as flores. Correm os homens por alcançar os bens terrestres, como se os houvessem de guardar para sempre. Aqui, porém, todas as ilusões se somem. Cedo se apercebem eles de que apenas apanharam uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem facultar acesso a esta. Compadecei-vos dos que não ganharam o reino dos céus; ajudai-os com as vossas preces, porquanto a prece aproxima do Altíssimo o homem; é o traço de união entre o céu e a Terra: não o esqueçais. - *Uma Rainha de França*. (Havre, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo II)

“A VINDA DE JESUS. A MANJEDOURA. A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes. Começava a era definitiva da maioria espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações. Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizarem o grande acontecimento, ironizando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam. As figuras de Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável. **O CRISTO E OS ESSÊNIOS.** Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o

veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas. O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio. **CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS DE ISRAEL.** Do seu divino apostolado nada nos compete dizer em acréscimo das tradições que a cultura evangélica apresentou em todos os séculos posteriores à sua vinda à Terra, reafirmando, todavia, que a sua lição de amor e de humildade foi única em todos os tempos da Humanidade. Dele asseveraram os profetas de Israel, muito tempo antes da manjedoura e do calvário: – “Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Presumireis na sua figura um homem vergando ao peso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as suas feridas hão de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas, para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o peso das nossas iniquidades. Humilhado e ferido, não soltará o mais leve queixume, deixando-se conduzir como um cordeiro ao sacrifício. O seu túmulo passará como o de um malvado e a sua morte como a de um ímpio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão de prosperar nas suas mãos.” **A GRANDE LIÇÃO.** Sim, o mundo era um imenso rebanho desgarrado. Cada povo fazia da religião uma nova fonte de vaidades, salientando-se que muitos cultos religiosos do Oriente caminhavam para o terreno franco da dissolução e da imoralidade; mas o Cristo vinha trazer ao mundo os fundamentos eternos da verdade e do amor. Sua palavra, mansa e generosa, reunia todos os infortunados e todos os pecadores. Escolheu os ambientes mais pobres e mais desataviados para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário suntuoso dos areópagos, dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações, na praça pública, verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar

que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do amor. Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal, ensinando às criaturas terrestres que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, ao sangue e às leis humanas. Sua palavra profunda, enérgica e misericordiosa, refundiu todas as filosofias, aclarou o caminho das ciências e já teria irmanado todas as religiões da Terra, se a impiedade dos homens não fizesse valer o peso da iniquidade na balança da redenção.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XII)

“JESUS E MEDIUNIDADE. Divina mediunidade. Em nos reportando a qualquer estudo da mediunidade, não podemos olvidar que, em Jesus, ela assume todas as características de exaltação divina. Desde a chegada do Excelso Benfeitor ao Planeta, observa-se-lhe o pensamento sublime penetrando o pensamento da Humanidade. Dir-se-ia que no estábulo se reúnem pedras e arbustos, animais e criaturas humanas, representando os diversos reinos da evolução terrestre, para receber-lhe o primeiro toque mental de aprimoramento e beleza. Casam-se os hinos singelos dos pastores aos cânticos de amor nas vozes dos mensageiros espirituais, saudando Aquele que vinha libertar as nações, não na forma social que sempre lhes será vestimenta às necessidades de ordem coletiva, mas no adito das almas, em função da vida eterna. Antes dele, grandes comandantes da ideia haviam pisado o chão do mundo, influenciando multidões. Guerreiros e políticos, filósofos e profetas alinhavam-se na memória popular, recordados como disciplinadores e heróis, mas todos desfilaram com exércitos e fórmulas, enunciados e avisos, em que se misturam retidão e parcialidade, sombra e luz. Ele chega sem qualquer prestígio de autoridade humana, mas, com a sua magnitude moral, imprime novos rumos à vida, por dirigir-se, acima de tudo, ao espírito, em todos os climas da Terra. Transmitindo as ondas mentais das Esferas Superiores de que procede, transita entre as criaturas, despertando-lhes as energias para a Vida Maior, como que a tanger-lhes as fibras recônditas, de maneira a harmonizá-las com a sinfonia universal do Bem Eterno.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 26)

“A PALAVRA DIVINA. Não nos compete fornecer uma nova interpretação das palavras eternas do Cristo, nos Evangelhos. Semelhante interpretação está feita por quase todas as escolas religiosas do mundo, competindo apenas às suas comunidades e aos seus adeptos a observação do ensino imortal, aplicando-a a si próprios, no mecanismo da vida de relação, de modo que se verifique a renovação geral, na sublime exemplificação, porque, se a manjedoura e a

cruz constituem ensinamento inolvidável, muito mais devem representar, para nós outros, os exemplos do Divino Mestre, no seu trato com as vicissitudes da vida terrestre. De suas lições inesquecíveis, decorrem consequências para todos os departamentos da existência planetária, no sentido de se renovarem os institutos sociais e políticos da Humanidade, com a transformação moral dos homens dentro de uma nova era de justiça econômica e de concórdia universal. Pode parecer que as conquistas do verdadeiro Cristianismo sejam ainda remotas, em face das doutrinas imperialistas da atualidade, mas é preciso reconhecer que dois mil anos já dobaram sobre a palavra divina. Dois mil anos em que os homens se estraçalharam em seu nome, inventando bandeiras de separatividade e destruição. Incendiaram e trucidaram, em nome dos seus ensinamentos de perdão e de amor, massacrando esperanças em todos os corações. Contudo, o século que passa deve assinalar uma transformação visceral nos departamentos da vida. A dor completará as obras generosas da verdade cristã, porque os homens repeliram o amor em suas cogitações de progresso. **CREPÚSCULO DE UMA CIVILIZAÇÃO.** Uma nuvem de fumo vem-se formando, há muito tempo, nos horizontes da Terra cheia de indústrias de morte e destruição. Todos os países são convocados a conferirem os valores da maturação espiritual da Humanidade, verificada no orbe há dois milênios. O progresso científico dos povos e as suas mais nobres e generosas conquistas são reclamados pelo banquete do morticínio e da ambição e, enquanto a política do mundo se sente manietada ante os dolorosos fenômenos do século, registram-se nos espaços novas atividades de trabalho, porque a direção da Terra está nas mãos misericordiosas e augustas do Cordeiro. **O EXEMPLO DO CRISTO.** Sem nos referirmos, porém, aos problemas da política transitória do mundo, lembremos, ainda, que a lição do Cristo ficou para sempre na Terra, como o tesouro de todos os infortunados e de todos os desvalidos. Sua palavra construiu a fé nas almas humanas, fazendo-lhes entrever os seus gloriosos destinos. Haja necessidade e tornaremos a ver a crença e a esperança reunindo-se em novas catacumbas romanas, para reerguerem o sentido cristão da civilização da Humanidade. É, muitas vezes, nos corações humildes e aflitos que vamos encontrar a divina palavra cantando o hino maravilhoso dos bem-aventurados. E, para fechar este capítulo, lembrando a influência do Divino Mestre em todos os corações sofredores da Terra, recordemos o episódio do monge de Manilha, que, acusado de tramar a liberdade de sua pátria contra o jugo dos espanhóis, é condenado à morte e conduzido ao cadafalso. No instante do suplício, soluça desesperadamente o mísero condenado - “Como, pois, será possível que eu morra assim inocente? Onde está a justiça? Que fiz eu para merecer

tão horrendo suplício?” Mas um companheiro corre ao seu encontro e murmura-lhe aos ouvidos: - “Jesus também era inocente!...” Passa, então, pelos olhos da vítima, um clarão de misteriosa beleza. Secam-se as lágrimas e a serenidade lhe volta ao semblante maceado, e, quando o carrasco lhe pede perdão, antes de apertar o parafuso sinistro, ei-lo que responde resignado: - “Meu filho, não só te perdoo como ainda te peço cumpras o teu dever.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XII)

“JESUS. CIRCUNSTÂNCIAS - Após as contínuas vicissitudes experimentadas através dos tempos, a Casa de Israel se mantinha obstinada quanto ao regime de exceção que supunha merecer desfrutar entre as demais nações da Terra. Não obstante os incessantes bafejos da Misericórdia Divina, pela boca dos incontáveis profetas, os hebreus auguravam a plenitude celeste através da rígida ritualística terrena e dos preceitos humanos, granjeando, assim, supremacia para eles próprios de modo a tomarem as rédeas da hegemonia política das mãos arbitrarias dos gentios, assumindo-as depois, não menos arbitrariamente, eles mesmos... Aqueles eram, portanto, sem dúvida dias de contrastes e paradoxos, sob quaisquer aspectos em que fossem considerados. O antigo esplendor se apagava, embora a astúcia de Herodes, que se empenhava, por todos os meios, em manter-se no trono que fora negociado, a pesado tributo, com o Império Romano dominador. Em consequência, os valores éticos, desde há muito sem oportunidade de espriarem o conceito *veneratio vitae*, das antigas tradições, ora renascido, eram manipulados a bel-prazer das circunstâncias, em que o absolutismo da força trabalhava esmagando as diretrizes do direito. O homem, reduzido à expressão mais simples, significava o que valia no jogo arriscado das posições transitórias, cujas peças mudavam de lugar, conforme sopravam os ventos que as intrigas prolongadas produziam nos ouvidos dos astutos governantes. Não apenas em Israel ocorria assim. As cidades vencidas eram disputadas por ambiciosos árbitros argentários que logo as transformavam em espólios inermes, sob as garras da rapina irreversível, até a consumação pelo desfalecimento total. Na Capital do Império, a voz das legiões assustava o Senado e, apesar de as leis elaboradas no período do “divino” César - tão estroina e venal quanto poderoso soldado - permanecerem em vigor, Augusto assumira o poder em circunstâncias muito singulares e complexas... Amante da paz, chegara ao trono após lutas cruentas e sanguinárias. Esteta e frágil, prometera arrancar ao Egito Antônio e arrastá-lo galé até as escadarias do Senado, ante o delírio do povo, demonstrando força e audácia, o que não conseguiu em razão do nefário suicídio duplo que aquele e Cleópatra se impuseram, em fuga espetacular à responsabilidade. Idealista,

esmagara contínuas rebeliões que lavraram por toda parte. Acoimado por enfermidades constritoras, no entanto, estimulou as Artes, a Filosofia, a Literatura, de tal forma que o seu foi o período áureo. Apesar disso, padecia no lar terríveis flagelos morais que o martirizavam, tendo lenidas somente as ulcerações íntimas, quando se empolgava ante as massas deslumbradas que o ovacionavam, na tribuna de ouro a que assomava, nos inesquecíveis espetáculos públicos... O mundo era, então, imensurável caldeira de aflições. Os nobres ideais da Humanidade de todos os tempos vicejavam efemeramente, para logo sucumbirem. O carro da guerra dizimava cidades inteiras e a ferocidade dos homens pouco diferia das expressões selvagens das feras. Ao lado do poder externo destrutivo, o culto do prazer atingia expressões dantes não igualadas, nem sequer sonhadas. O homem fossilizava-se, mantendo-se nos paus da sensualidade, a repetir os espetáculos truanescos do passado com as motivações vis do presente. A ambição do poder e da glória, da fortuna e do mando engendrava as facilidades para as exteriorizações da sensação nunca amainada. Os governos tinham por motivação “dividir para imperar” e “possuir para gozar”. Aumentavam, no entanto, os desaires e frustrações, as penas e injunções da perversidade, porquanto somente as experiências decorrentes do amor e da ordem facultam paz, como propiciam entusiasmo sadio aos que lhe fazem culto de submissão e serviço. O homem, todavia, estimulado pelas conquistas ultrajantes em que predominavam as manifestações do instinto, se permitia continuar nas insanas pelejas do ódio, da astúcia, da intriga, embora os imediatos malogros aos quais sucumbia. De um lado, as inspirações divinas a se manifestarem nos sábios, nos artistas e filósofos conclamando à beleza, à cultura, à fé. E, simultaneamente, o fogo-fátuo da dominação guerreira, a arder por um dia para logo se consumir em treva densa, na qual as sombras do horror chafurdam no desespero inominável. O instinto animal lutando por domínio e a inteligência sonhando pela fixação do sentimento e da razão. O despotismo da força, no entanto, erigia os monumentos que fascinam e despertam a bajulação, o agrado e o engodo das fantasias céleres, mas anestésiantes e absorventes. [...] Então, no fragor de mil angústias e cruentas lutas, no solstício do inverno do ano 1 a.C., nasceu Jesus. **A NOVA ERA** - Incompreendido desde os primeiros instantes, a Sua é a vida dos feitos heroicos, da renúncia, do sacrifício e do supremo amor. Anunciado pelos anjos e por eles assessorado, inaugurou desde o berço o período da humildade, em que a vitória do direito se faz legítima ante a prepotência da força. Elegendo o bucolismo das paisagens verdejantes e a adusta aridez das montanhas, onde o horizonte visual se confunde a distância, entoou o hino mais estoico e nobre que jamais foi

modulado na Terra, de tal modo que nenhum clamor conseguiu abafa-lo, ou qualquer tormenta logrou silenciá-lo. Escolhendo a meditação, em profundos ensimesmamentos, nos quais mergulhava no Oceano do Pensamento Divino, alimentava-se mais da oração de que toda hora se nutria do que do repasto material. Dispondo de todos os recursos imagináveis, preferiu a simplicidade para assinalar a Sua presença e mimetizar os que dele se acercavam, sem que O pudessem esquecer jamais. Utilizando-se das expressões comuns, Suas palavras adquiriram desconhecida vitalidade. Preferindo a solidão, mas podendo arregimentar exércitos de fiéis servidores, apenas chamou doze companheiros de frágil estrutura cultural e moral, na aparência, para o ministério, modificando os conceitos humanos da Terra e reformulando as bases sociais, culturais e artísticas da Humanidade, desde então. Jesus, o Divino Sol! Sem embargo, dialogou e conviveu com aqueles que se deixaram vencer pelos vis miasmas das iniquidades... Não os censurou, nem os executou. Em momento algum os constrangeu ou os magoou. Ofereceu-lhes mãos amigas, generoso concurso. Fê-los entender e desejar o dealbar de novos dias de sol e paz, que passaram a anelar, lutando com acendrado esforço por consegui-los. Sabia que dentre os Seus, os escolhidos, havia o barro da fragilidade humana; entretanto, não os amou menos. Conhecia o travo que deixa na alma as tentações e investiu os que d'Ele se acercavam com recursos poderosos, a fim de pugna-rem contra elas, apesar de não ignorar que nem sempre conseguiriam permanecer imunes sob tal guante. Viveu cercado pela malícia de muitos e experimentou o acicate dos astuciosos, impretéritos, a serviço do Pai. E amou sempre, incessantemente, por ser o amor a fonte inexaurível da vida. Diante dos aparentemente grandes da Terra jamais se apequenou e ao lado dos pequenos não os sombreou com a Sua grandeza, antes os levantou à categoria de amigos, à nobreza de irmãos. Tinha a certeza da necessidade de ser imolado... A Terra exigia holocaustos, ainda. Doou-Se com imperturbável serenidade. Nenhuma queixa. Solicitação alguma fez. Traído, perdoou. Abandonado, ligou-Se ao Pai. Conquanto todas as acres aflições experimentadas, retornou ao seio dos amigos atoleimados, ansiosos, saudosos, atestando para eles a excelência da Imortalidade. Seus ditos, Seus feitos ora recordados e estudados, dão a eloquente dimensão da Nova Era que veio implantar, cujos alicerces são o hálito do amor e o pão da caridade. Libertando as consciências da sombra do egoísmo, conseguiu romper a grillheta dos evos recuados, facultando às criaturas a verdadeira visão do mundo e da vida, o legítimo valor das coisas, dos objetos, das posições. Sua mensagem de fraternidade igualou todos os homens, cujas diferenças estão nas indestrutíveis e inamovíveis conquistas do espírito imortal, em que o

maior se faz servo do menor e o que possui se despoja para socorrer o que não conseguiu reter... Enquanto as crianças, as mulheres, os velhos, os mutilados e os enfermos constituíam carga inútil, pesando na economia social, Ele inaugurou os dias da misericórdia e da esperança para todos. Honrou a mulher, soerguendo-a da escravidão que padecia sob os abusos da masculinidade, sustentando-a nas suas aparentes limitações e santificando-a, graças à maternidade. As crianças foram tomadas como símbolo de pureza. A viuvez e a dor, sob qualquer disfarce, receberam o bálsamo do alento, da alegria e da oportunidade. Não construiu um reino de mendigos - antigos potentados; de enfermos - anteriores estroinas da saúde; de atormentados - passados perseguidores; de vencidos - que vinham de vitórias mentirosas; do expurgo social - que antes ultrajava e corrompia -, mas plantou as bases da família universal legítima sem qualquer limite de fronteira, raça ou posição terrena. Os pródromos da Nova Era nele começaram e se desenvolverão pelo futuro do tempo melhor.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 25)

III.3. O Evangelho de Jesus Cristo (Novo Testamento)

“**A ASCENDÊNCIA DO EVANGELHO.** Nenhuma expressão fornece imagem mais justa do poder d’Aquele a quem todos os espíritos da Terra rendem culto do que a de João, no seu Evangelho - “No princípio era o Verbo...”. Jesus, cuja perfeição se perde na noite imperscrutável das eras, personificando a sabedoria e o amor, tem orientado todo o desenvolvimento da Humanidade terrena, enviando os seus iluminados mensageiros, em todos os tempos, aos agrupamentos humanos e, assim como presidiu à formação do orbe, dirigindo, como Divino Inspirador, a quantos colaboraram na tarefa da elaboração geológica do planeta e da disseminação da vida em todos os laboratórios da Natureza, desde que o homem conquistou a racionalidade, vem-lhe fornecendo as ideias da sua divina origem, o tesouro das concepções de Deus e da imortalidade do espírito, revelando-lhe, em cada época, aquilo que a sua compreensão pode abranger. Em tempos remotos, quando os homens, fisicamente, pouco dessemelhavam dos antropopitecos, suas manifestações de religiosidade eram as mais bizarras, até que, transcorridos os anos, no labirinto dos séculos, vieram entre as populações do orbe os primeiros organizadores do pensamento religioso que, de acordo com a mentalidade geral, não conseguiram escapar das concepções de ferocidade que caracterizavam aqueles seres egresos do egoísmo animalesco da irracionalidade. Começaram aí os primeiros sacrifícios de sangue aos ídolos de cada facção, crueldades mais longínquas que as praticadas nos tempo de Baal, das quais tendes notícia

pela História. **AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS.** Vamos encontrar, historicamente, as concepções mais remotas da organização religiosa na civilização chinesa, nas tradições da Índia védica e bramânica, de onde também se irradiaram as primeiras lições do culto dos mortos, na civilização resplandecente dos faraós, na Grécia com os ensinamentos órficos e com a simbologia mitológica, existindo já grandes mestres, isolados intelectualmente das massas, a quem ofereciam os seus ensinamentos exóticos, conservando o seu saber de iniciados no círculo restrito daqueles que os poderiam compreender devidamente. **OS MISSIONÁRIOS DO CRISTO.** Fo-Hi, os compiladores dos Vedas, Confúcio, Hermes, Pitágoras, Gautama, os seguidores dos mestres da antiguidade, todos foram mensageiros de sabedoria que, encarnando em ambientes diversos, trouxeram ao mundo a ideia de Deus e das leis morais a que os homens se devem submeter para a obtenção de todos os primores da evolução espiritual. Todos foram mensageiros d’Aquele que era o Verbo do Princípio, emissários da sua doutrina de amor. Em afinidade com as características da civilização e dos costumes de cada povo, cada um deles foi portador de uma expressão do “amai-vos uns aos outros”. Compelidos, em razão do obscurantismo dos tempos, a revestir seus pensamentos com os véus misteriosos dos símbolos, como os que se conheciam dentro dos rigores iniciáticos, foram os missionários do Cristo preparadores dos seus gloriosos caminhos. **A LEI MOSAICA.** A lei mosaica foi a precursora direta do Evangelho de Jesus. O protegido de Termutis, depois de se beneficiar com a cultura que o Egito lhe podia prodigalizar, foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião da Justiça e do Direito, se bem que as doutrinas antigas já tivessem arraigado a crença de Deus único, sendo o politeísmo apenas uma questão simbólica, apta a satisfazer à mentalidade geral. A legislação de Moisés está cheia de lendas e de crueldades compatíveis com a época, mas, escoimada de todos os comentários fabulosos a seu respeito, a sua figura é, de fato, a de um homem extraordinário, revestido dos mais elevados poderes espirituais. Foi o primeiro a tornar acessíveis às massas populares os ensinamentos somente conseguidos à custa de longa e penosa iniciação, com a síntese luminosa de grandes verdades. **JESUS.** Com o nascimento de Jesus, há como que uma comunhão direta do Céu com a Terra. Estranhas e admiráveis revelações perfumam as almas e o Enviado oferece aos seres humanos toda a grandeza do seu amor, da sua sabedoria e da sua misericórdia. Aos corações abre-se nova torrente de esperanças e a Humanidade, na Manjedoura, no Tabor e no Calvário,

sente as manifestações da vida celeste, sublime em sua gloriosa espiritualidade. Com o tesouro dos seus exemplos e das suas palavras, deixa o Mestre entre os homens a sua Boa Nova. O Evangelho do Cristo é o transunto de todas as filosofias que procuram aprimorar o espírito, norteando-lhe a vida e as aspirações. Jesus foi a manifestação do amor de Deus, a personificação de sua bondade infinita. **O EVANGELHO E O FUTURO.** Raças e povos ainda existem, que o desconhecem, porém não ignoram a lei de amor da sua doutrina, porque todos os homens receberam, nas mais remotas plagas do orbe, as irradiações do seu espírito misericordioso, através das palavras inspiradas dos seus mensageiros. O Evangelho do Divino Mestre ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas. A má-fé, a ignorância, a simonia, o império da força conspiração contra ele, mas tempo virá em que a sua ascendência será reconhecida. Nos dias de flagelo e de provações coletivas, é para a sua luz eterna que a Humanidade se voltará, tomada de esperança. Então, novamente se ouvirão as palavras benditas do Sermão da Montanha e, através das planícies, dos montes e dos vales, o homem conhecerá o caminho, a verdade, a vida.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo II)

“OS PRIMEIROS CRISTÃOS. Atingindo um período de nova compreensão concernente aos mais graves problemas da vida, a sociedade da época sentia de perto a insuficiência das escolas filosóficas conhecidas, no propósito de solucionar as suas grandes questões. A ideia de uma justiça mais perfeita para as classes oprimidas tornara-se assunto obsedante para as massas anônimas e sofredoras. Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir aquela misericordiosa exortação: – “Vinde a mim, vós todos que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei” - e da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida. A recordação dos exemplos do Mestre não se restringia aos povos da Judéia, que lhe ouviram diretamente os ensinamentos imorredouros. Numerosos centuriões e cidadãos romanos conheceram pessoalmente os fatos culminantes das pregações do Salvador. Em toda a Ásia Menor, na Grécia, na África e mesmo nas Gálias, como em Roma, falava-se d'Ele, da sua filosofia nova que abraçava todos os infelizes, cheia das claridades sacrossantas do reino de Deus e da sua justiça. Sua doutrina de perdão e de amor trazia nova luz aos corações e os seus seguidores destacavam-se do ambiente corrupto do tempo, pela pureza de costumes e por uma conduta retilínea e exemplar. A princípio, as autoridades do Império não ligaram maior importância à doutrina nascente, mas os Apóstolos ensinavam que, por Jesus-Cristo, não mais poderia haver diferença entre os livres e os escravos, entre

patricios e plebeus, porque todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus. O patriciado não podia ver com bons olhos semelhantes doutrinas. Os cristãos foram acusados de feiticeiros e heréticos, iniciando-se o martirólogo com os primeiros editos de proscrição. O Estado não permitia outras associações independentes, além daquelas consideradas como cooperativas funerárias e, aproveitando essa exceção, os seguidores do Crucificado começaram os famosos movimentos das catacumbas. **A PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO.** Na Judéia cresce, então, o número dos prosélitos da nova crença. O hino de esperanças da manjedoura e do calvário espalha nas almas um suave e eterno perfume. É assim que os Apóstolos, cuja tarefa o Cristo abençoara com a sua misericórdia, espalham as claridades da Boa Nova por toda a parte, repartindo o pão milagroso da fé com todos os famintos do coração. A doutrina do Crucificado propaga-se com a rapidez do relâmpago. Fala-se dela, tanto em Roma como nas Gálias e no norte da África. Surgem os advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as ideias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de cada Apóstolo, ou de cada discípulo mais destacado e estudioso. A centralização e a unidade do Império Romano facilitaram o deslocamento dos novos missionários, que podiam levar a palavra de fé ao mais obscuro recanto do globo, sem as exigências e os obstáculos das fronteiras. Doutrina alguma alcançara no mundo semelhante posição, em face da preferência das massas. É que o Divino Mestre selara com exemplos as palavras de suas lições imorredouras. Maior revolucionário de todas as épocas, não empunhou outra arma além daquelas que significam amor e tolerância, educação e esclarecimento. Condenou todas as hipocrisias, insurgiu-se contra todas as violências oficializadas, ensinando simultaneamente aos discípulos o amor incondicional à ordem, ao trabalho e à paz construtiva. É por essa razão que os Evangelhos constituem o livro da Humanidade, por excelência. Sua simplicidade e singeleza transparecem na tradução de todas as línguas da Terra, prendendo a alma dos homens entre as luzes do Céu, ao encanto suave de suas narrativas. **A REDAÇÃO DOS TEXTOS DEFINITIVOS.** Nesse tempo, quando a guerra formidável da crítica procurava minar o edifício imortal da nova doutrina, os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não somente junto aos Apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender. Muitas escolas literárias se formaram nos últimos séculos, dentro da crítica histórica, para o estudo e elucidação

desses documentos. A palavra “apócrifo” generalizou-se como o espantalho de todo o mundo. Histórias numerosas foram escritas. Hipóteses incontáveis foram aventadas, mas os sábios materialistas, no estudo das ideias religiosas, não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam, em sua maioria, na exposição dos princípios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo. A grandeza da doutrina não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações. Não há vantagem nas longas discussões quanto à autenticidade de uma carta de Inácio de Antioquia ou de Paulo de Tarso, quando o raciocínio absoluto não possui elementos para a prova concludente e necessária. A opinião geral rodopiará em torno do crítico mais eminente, segundo as convenções. Todavia, a autoridade literária não poderá apresentar a equação matemática do assunto. É que, portas a dentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos. **A MISSÃO DE PAULO.** No trabalho de redação dos Evangelhos, que constituem, sem dúvida, o portentoso alicerce do Cristianismo, verificavam-se, nessa época, algumas dificuldades para que se lhes desse o precioso caráter universalista. Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos; mas, se esses pescadores valorosos eram elevados Espíritos em missão, precisamos considerar que eles estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influências do meio a que foram conduzidos. Tão logo se verificou o regresso do Cordeiro às regiões da Luz, a comunidade cristã, de modo geral, começou a sofrer a influência do judaísmo, e quase todos os núcleos organizados da doutrina pretenderam guardar feição aristocrática, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo. É então que Jesus resolve chamar o espírito luminoso e enérgico de Paulo de Tarso ao exercício do seu ministério. Essa deliberação foi um acontecimento dos mais significativos na história do Cristianismo. As ações e as epístolas de Paulo tornam-se poderoso elemento de universalização da nova doutrina. De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu enorme prestígio, fala do Mestre, inflamando os corações. A princípio, estabelece-se entre ele e os demais Apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas sua influência providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificável dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesquecíveis de simplicidade e pureza.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XIV)

“EVANGELHO E ALEGRIA. Grande injustiça comete quem afirma encontrar no Evangelho a religião da tristeza e da amargura. Indubitavelmente, o sacerdote muita vez impregnou o horizonte cristão de nuvens sombrias, com certas etiquetas do culto exterior, mas o Cristianismo, em sua essência, é a revelação da profunda alegria do Céu entre as sombras da Terra. A vinda do Mestre é precedida pela visita dos anjos. Maria, jubilosa, conversa com um mensageiro divino que a esclarece sobre a chegada do Embaixador Celestial. Nasce Jesus na manjedoura humilde, que se deslumbra ao clarão de inesperada estrela. Tratadores rústicos são chamados por um emissário espiritual, repentinamente materializado à frente deles, declarando-se portador das “notícias de grande alegria” para todos os povos. No mesmo instante, vozes cristalinas entoam cânticos na Altura, glorificando o Criador e exaltando a paz e a boa-vontade entre os homens. Começam a reinar o contentamento e a esperança... Mais tarde, o Mestre inicia o seu apostolado numa festa nupcial, assinalando os júbilos da família. Como que percebendo limitação e estreiteza em qualquer templo de pedra para a sua palavra no mundo, o Senhor principia as suas pregações à beira do lago, em pleno santuário da natureza. Flores e pássaros, luz e perfume representam a moldura de sua doutrinação. Multidões ouvem-lhe a voz balsamizante. Doentes e aleijados tocam-se de infinitas consolações. Pobres e aflitos entreveem novos horizontes no futuro. Mulheres e crianças acompanham-no, alegremente. O Sermão da Montanha é o hino das bem-aventuranças, suprimindo a aflição e o desespero. Por onde passa o Divino Amigo, estabelece-se o contentamento contagiante. Em pleno campo, multiplica-se o pão destinado aos famintos. O tratamento dispensado pelo Mestre aos sofredores, considerados inúteis ou desprezíveis, cria novos padrões de confiança no mundo. Desdobra-se o apostolado da Boa Nova, no clima da alegria perfeita. Cada criatura que registra as notas consoladoras do Evangelho começa a contemplar o mundo e a vida, através de prisma diferente. Surge-lhe a Terra por bendita escola de preparação espiritual, com serviço santificante para todos. Cada enfermo que se refaz para a saúde é veículo de bom ânimo para a comunidade inteira. Cada sofredor que se reconforta constitui edificação moral para a turba imensa. Madalena, que se engrandece no amor, é a beleza que renasce eterna, e Lázaro, que se ergue do sepulcro, é a vida triunfante que ressurge imortal. E, ainda, do suor sangrento das lágrimas da cruz, o Senhor faz que flua o manancial da vida vitoriosa para o mundo inteiro, com o sol da ressurreição a irradiar-se para a Humanidade, sustentando-lhe o crescimento espiritual na direção dos séculos sem-fim.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 14)

“EVANGELHO E INDIVIDUALIDADE. Efetivamente, as massas acompanhavam o Cristo, de perto, no entanto, não vemos no Mestre a personificação do agitador comum. Em todos os climas políticos, as escolas religiosas, aproximando-se da legalidade humana, de alguma sorte partilham da governança, estabelecendo regras espirituais com que adquirem poder sobre a multidão. Jesus, porém, não transforma o espírito coletivo em terreno explorável. Proclamando as bem-aventuranças à turba no monte, não a induz para a violência, a fim de assaltar o celeiro dos outros. Multiplica, Ele mesmo, o pão que a reconforte e alimente. Não convida o povo a reivindicações. Aconselha respeito aos patrimônios da direção política, na sábia fórmula com que recomendava seja dado “a César o que é de César”. Muitos estudiosos do Cristianismo pretendem identificar no Mestre Divino a personalidade do revolucionário, instigando os seus contemporâneos à rebeldia e à discórdia; entretanto, em nenhuma passagem do seu ministério encontramos qualquer testemunho de indisciplina ou desespero, diante da ordem constituída. Socorreu a turba sofredora e consolou-a; não se mostrou interessado em libertar a comunidade das criaturas, cuja evolução, até hoje, ainda exige lutas acerbadas e provações incessantes, mas ajudou o Homem a libertar-se. Ao apóstolo exclama - “vem e segue-me.” À pecadora exorta - “vai e não peques mais”. Ao paralítico fala, bondoso - “ergue-te e anda”. À mulher sírio-fenícia diz, convincente - “a tua fé te curou”. Por toda parte, vemo-lo interessado em levantar o espírito, buscando erigir o templo da responsabilidade em cada consciência e o altar dos serviços aos semelhantes em cada coração. Demonstrando as preocupações que o tomavam, perante a renovação do mundo individual, não se contentou em sentar-se no trono diretivo, em que os generais e os legisladores costumam ditar determinações... Desceu, Ele próprio, ao seio do povo e entendeu-se pessoalmente com os velhos e os enfermos, com as mulheres e as crianças. Entreteve-se em dilatadas conversações com as criaturas transviadas e reconhecidamente infelizes. Usa a bondade fraternal para com Madalena, a obsidiada, quanto emprega a gentileza no trato com Zaqueu, o rico. Reconhecendo que a tirania e a dor deveriam permanecer, ainda, por largo tempo, na Terra, na condição de males necessários à retificação das inteligências, o Benfeitor Celeste foi, acima de tudo, o orientador da transformação individual, o único movimento de liberação do espírito, com bases no esforço próprio e na renúncia ao próprio “eu”. Para isso, lutou, amou, serviu e sofreu até a cruz, confirmando, com o próprio sacrifício, a sua Doutrina de revolução interior, quando disse: “e aquele que deseja fazer-se o maior no Reino do Céu, seja no mundo o servidor de todos.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 15)

“EVANGELHO E CARIDADE. Antes de Jesus, a caridade é desconhecida. Os monumentos das civilizações antigas não se reportam à divina virtude. Os destroços do palácio de Nabucodonosor, no solo em que ser erguia a grandeza Babilônica falam simplesmente de fausto e poder que os séculos consumiram. Nas lembranças do Egito glorioso, as Pirâmides não se referem à compaixão. Os famosos hipogeus de Persépolis são atestados de orgulho racial. As muralhas da China traduzem a preocupação de defesa. Nos velhos santuários da Índia, o Todo-Poderoso é venerado por milhões de fiéis, indiscutivelmente sinceros, mas deliberadamente afastados dos semelhantes, nascidos na condição de párias desprezíveis. A acrópole de Atenas, com as suas colunas respeitáveis, é louvor à inteligência. O coliseu de Vespasiano, em Roma, é monumento levantado ao triunfo bélico, para as expansões da alegria popular. Por milênios numerosos, o homem admitiu a hegemonia dos mais fortes e consagrou-a através da arte e da cultura que era suscetível de criar e desenvolver. Com Jesus, porém, a paisagem social experimenta decisivas alterações. O Mestre não se limita a ensinar o bem. Desce ao convívio com a multidão e materializa-o com o próprio esforço. Cura os doentes na via pública, sem cerimoniais, e ajuda a milhares de ouvintes, amparando-os na solução dos mais complicados problemas de natureza moral, sem valer-se das etiquetas do culto externo. Lega aos discípulos a parábola do bom samaritano, que exalta a missão sublime da caridade para sempre. A história é simples e expressiva. Transmite Lucas a palavra do Celeste Orientador, explicando que “descia um homem de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que o despojaram, espancando-o e deixando-o semimorto. Ocasionalmente, passava pelo mesmo caminho um sacerdote e, vendo-o, passou de largo. E, de igual modo, também um levita, abordando o mesmo lugar e observando-o, passou a distância. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, reparando-o, moveu-se de íntima piedade. Abeirando-se do infeliz, aliviou-lhe as feridas e, colocando-o sobre sua cavalgadura, cuidadosamente asilou-o numa estalagem”. Vemos, dentro da narrativa, que o Senhor situa no necessitado simplesmente “um homem”. Não lhe identifica a raça, a cor, a posição social ou os pontos de vista. Nele, enxerga a Humanidade sofredora, carente de auxílio das criaturas que acendam a luz da caridade, acima de todos os preconceitos de classe ou de religião. Desde aí, novo movimento de solidariedade humana surge na Terra. No curso do tempo, dispersam-se os apóstolos, ensinando, em variadas regiões do mundo, que “mais vale dar que receber”. E, inspirados na lição do Senhor, os vanguardeiros do bem substituem os vales da imundície pelos hospitais confortáveis; combatem vícios multimilenares, com

orfanatos e creches; instalam escolas, onde a cultura jazia confiada aos escravos; criam institutos de socorro e previdência, onde a sociedade mantinha a mendicância para os mais fracos. E a caridade, como gênio cristão na Terra, continua crescendo com os séculos, através da bondade de um Francisco de Assis, da dedicação de um Vicente de Paulo, da benemerência de um Rockefeller ou da fraternidade do companheiro anônimo da via pública, salientando, valorosa e sublime, que o Espírito do Cristo prossegue agindo conosco e por nós.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 16)

“EVANGELHO E TRABALHO. A glorificação do trabalho é serviço evangélico. Antecedendo a influência do Mestre, a Terra era vasto latifúndio povoado de senhores e escravos. O serviço era considerado desonra. Dominadas pelo princípio da força, as nações guardavam imensa semelhança com as tabas da comunidade primogênita. O destaque social resultava da caça. Erguiam-se os tronos, quase sempre, sobre escuros alicerces de rapinagem. Os favores da vida pertenciam aos mais argutos e aos mais poderosos. Qualquer infelicidade econômica redundava em compulsório cativo. Trabalho era sinônimo de aviltamento. Os espíritos mais nobres, na maioria das vezes, demoravam-se na subalternidade absoluta, suando e gemendo para sustentar o carro purpúreo dos opressores. Em todas as cidades, pululavam escravos de todos os matizes e somente a eles era conferido o dever de servir, como austera punição. Roma imperial jazia repleta de cativos tomados ao Egito e à Grécia, à Gália e ao Ponto. Só na revolução de Espártaco, no ano de 71, antes da era cristã, foram condenados à morte trinta mil escravos na Via Apia, cuja única falta era aspirar ao trabalho digno em liberdade edificante. Com Jesus, no entanto, nova época surge para o mundo. O ministério do Senhor é, sobretudo, de ação e movimento. Levanta-se o Mestre com o dia e devota-se ao bem dos semelhantes pela noite adentro. Médico - não descansa no auxílio efetivo aos doentes. Professor - não se fatiga, repetindo as lições. Juiz - exemplifica a imparcialidade e a tolerância. Benfeitor - espalha, sem cessar, as bênçãos do amor infinito. Sábio - coloca a ciência do bem ao alcance de todos. Advogado - defende os interesses dos fracos e dos humildes. Trabalhador divino - serve a todos, sem reclamação e sem recompensa. O exemplo do Cristo é sublime e contagiante. Cada companheiro de apostolado ausenta-se, mais tarde, do comodismo para ajudar e ensinar em seu nome, raspando horizontes mais vastos à compreensão da vida, em regiões distantes do berço que os vira nascer. Mais tarde, em Roma, o desejo de auxílio mútuo entre os cristãos atinge inconcebíveis realizações no capítulo do trabalho. Pessoas convertidas ao Evangelho se consagram, inteiramente, ao serviço como o objetivo de amparar os companheiros necessitados. Espalham-se

aprendizes da Boa Nova nas atividades da indústria e da agricultura, das artes e das ciências, da instrução e do comércio, da enfermagem e da limpeza pública, disputando recursos para o auxílio aos associados de ideal, na servidão ou na indigência, no sofrimento e nas prisões. Há quem jejue por dois e três dias seguidos, a fim de economizar dinheiro para os serviços de assistência ao próximo, sob a direção do pastor. O trabalho passa, então, a ser interpretado por benção divina. Paulo de Tarso, transferindo-se da dignidade do Sinédrio para o duro labor do tear, confeccionando tapetes para não ser pesado a ninguém e garantindo, por esse modo, a sua liberdade de palavra e de ação, é o símbolo do cristão que educa e realiza, demonstrando que à claridade do ensino deve aliar-se a glória do exemplo. E, até hoje, honrando no trabalho digno a sua norma fundamental de ação, o Cristianismo é a força libertadora da Humanidade, nos quadrantes do mundo inteiro.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 17)

“EVANGELHO E EXCLUSIVISMO. Quase todos os santuários religiosos divididos entre si, na esfera dogmática, isolam-se indebitamente, disputando privilégios e primazias. E até mesmo nos círculos da atividade cristã, o espírito de exclusivismo tem dominado grupos de escol, desde os primeiros séculos de sua constituição. Em nome do Cristo, muitas vezes a tirania política e o despotismo intelectual organizaram guerras, atearam fogueiras, incentivaram a perseguição e entronizaram a morte. Pretendendo representar o Mestre, que não possuía uma pedra onde repousar a cabeça dolorida, o Imperador Focas estabelece o Papado, em 607, exalçando a vaidade romana. Supondo agir na condição de seus defensores, Godofredo de Bulhão e Tancredo de Siracusa organizam, em 1096, um exército de 500.000 homens e estimulam conflitos sangrentos, combatendo pela reivindicação de terras e relíquias que recordam a divina passagem de Jesus pela Terra. Acreditando preservar-lhe os princípios salvadores, Gregório IX, em 1231, consolida o Tribunal da Inquisição, adensando a sombra e fortalecendo criminosas flagelações, no campo da fé religiosa. Convictos de garantir-lhe a Doutrina, os sacerdotes punem com o suplício e com a morte valorosos pioneiros do progresso planetário, quais sejam Giordano Bruno e João Huss. Semelhantes violências, todavia, não passam de manifestações do espírito belicoso que preside as inquietudes humanas. Cristo nunca endossou o dogmatismo e a intransigência por normas de ação. Afirmar não haver nascido para destruir a Lei Antiga, mas para dar-lhe fiel cumprimento. Não hostiliza senão a perversidade deliberada. Não guerreia. Não condena. Não critica. Combate o mal, socorrendo-lhe as vítimas. Dá-se a todos. Ensina com paciência e bondade o caminho real da redenção. Começa o ministério da palavra, conversando com os doutores do Templo,

e termina o apostolado, palestrando com os ladrões. A ninguém desdenha e os transviados infelizes lhe merecem mais calorosa atenção. Prepara o espírito dos pescadores para os grandes cometimentos do Evangelho, com admirável confiança e profunda bondade, sem exigir-lhes qualquer atestado de pureza racial. Auxilia mulheres desventuradas, com serenidade e desassombro, em contraposição com os preconceitos do tempo, trazendo-as, de novo, à dignidade feminina. Não busca títulos e, sim, inclina-se, atencioso, para os corações. Nicodemos, o mestre de Israel, e Bartimeu, o cego desprezado, recebem d'Ele a mesma expressão afetiva. A intolerância jamais compareceu ao lado de Jesus, na propagação da Boa Nova. O isolacionismo orgulhoso, na esfera cristã, é simples criação humana, fadado naturalmente a desaparecer, porque, na realidade, nenhuma doutrina, quanto o Cristianismo, trouxe, até agora, ao mundo atormentado e dividido os elos de amor e luz da verdadeira solidariedade.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 18)

“EVANGELHO E SIMPATIA. Do apostolado de Jesus, destaca-se a simpatia por alicerce da felicidade humana. A violência não consta da sua técnica de conquistar. Ainda hoje, vemos vasta fileira de lidadores do sacerdócio usando, em nome d'Ele, a imposição e a crueldade; todavia, o Mestre, invariavelmente, pautou os seus ensinamentos nas mais amplas normas de respeito aos seus contemporâneos. Jamais faltou com o entendimento justo para com as pessoas e as situações. Divino Semeador, sabia que não basta plantar os bons princípios e sim oferecer, antes de tudo, à semente favoráveis condições, necessários à germinação e ao crescimento. Certo, em se tratando do interesse coletivo, Jesus não menoscaba a energia benéfica. Exprobra o comercialismo desenfreado que humilha o Templo, quanto profliga os erros de sua época. Entretanto, diante das criaturas dominadas pelo mal, enche-se de profunda compaixão e tolerância construtivas. Aos enfermos não indaga quanto à causa das aflições que os vergastam, para irritá-los com reclamações. Auxilia-os e cura-os. Os apontamentos que dirige aos pecadores e transviados são recomendações doces e sutis. Ao doente curado do Tanque de Betesda, explica despretenso: – Vai e não reincidas no erro para que te não aconteça coisa pior. À pobre mulher, apedrejada na praça pública, adverte, bondoso: – Vai e não peques mais. Não indica o inferno às vítimas da sombra. Reergue-as, compassivo, e acende-lhes nova luz. Compreende os problemas e as lutas de cada um. Atrai as crianças a si, compadecidamente, infundindo nova confiança aos corações maternos. Sabe que Pedro é frágil, mas não desespera e confia nele. Contempla o torvo drama do espírito de Judas, no entanto, não o expulsa. Reconhece que a maioria dos beneficiários não se revelam à altura das concessões que solicitam,

contudo, não lhes nega assistência. Preso, recompõe e ouve de Malco, o soldado. À frente de Pilatos e de Antipas, não pede providências suscetíveis de lançar a discórdia, ainda mesmo a título de preservação da justiça. Longe de impacientar-se com a presença dos malfeitores que também sofreram a crucificação, inclina-se amistosamente para eles e busca entendê-los e encorajá-los. Á turba que o rodeia com palavras e cutiladas envia pensamentos de paz e votos de perdão. E, ainda além da morte, não foge aos companheiros que fugiram. Materializa-se, diante deles, induzindo-os ao serviço da regeneração humana, com o incentivo de sua presença e de seu amor, até ao fim da luta. Em todas as passagens do Evangelho, perante o coração humano, sentimos no Senhor o campeão da simpatia, ensinando como sanar o mal e construir o bem. E desde a Manjedoura, sob a sua divina inspiração, um novo caminho redentor se abre aos homens, no rumo da paz e da felicidade, com bases no auxílio mútuo e no espírito de serviço, na bondade e na confraternização.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 19)

“EVANGELHO E DINAMISMO. Desde os primórdios da organização religiosa no mundo, há quem estime a vida contemplativa absoluta por introdução imprescindível às alegrias celestiais. Cristalizado em semelhante atitude, o crente demanda lugares ermos como se a solidão fosse sinônimo de santidade. Poderá, contudo, o diamante fulgurar no mostruário da beleza, fugindo ao lapidário que lhe apura o valor? Com o Cristo, não vemos a ideia de repouso improdutivo como preparação do Céu. Não foge o Mestre ao contato com a luta comum. A Boa Nova em seu coração, em seu verbo e em seus braços é essencialmente dinâmica. Não se contenta em ser procurado para mitigar o sofrimento e socorrer a aflição. Vai, Ele mesmo, ao encontro das necessidades alheias, sem alardear presunção. Instrui a alma do povo, em pleno campo, dando a entender que todo lugar é sagrado para a Divina Manifestação. Não adota posição especial, a fim de receber os doentes e impressioná-los. Na praça pública, limpa os leprosos e restaura a visão dos cegos. À beira do lago, entre pescadores, reergue paráliticos. Em meio da multidão, doutrina entidades da sombra, reequilibrando obsidiados e possessos. Mateus, no capítulo nove, versículo trinta e cinco, informa que Jesus “percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nos templos que encontrava, pregando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades que assediavam o povo”. Em ocasião alguma o encontramos fora de ação. Quando se dirige ao monte ou ao deserto, a fim de orar, não é a fuga que pretende e sim a renovação das energias para poder consagrar-se, mais intensamente, à atividade. Certamente, para exaltar os méritos do Reino de Deus, não se revela pregoeiro barato da rua, mas afirma-se, invariavelmente, pronto a servir.

Atencioso, presta assistência à sogra de Pedro e visita, afetuosamente, a casa de Levi, o publicano, que lhe oferece um banquete. Não impõe condições para o desempenho da missão de bondade que o retém ao lado das criaturas. Não usa roupagens especiais para entender-se com Maria de Magdala, nem se enclausura em preconceitos de religião ou de raça para deixar de atender aos doentes infelizes. Seja onde for, sem subestimar os valores do Céu, ajuda, esclarece, ampara e salva. Com o Evangelho, institui-se entre os homens o culto da verdadeira fraternidade. O Poder Divino não permanece encerrado na simbologia dos templos de pedra. Liberta-se. Volta-se para a esfera pública. Marcha ao encontro da necessidade e da ignorância, da dor e da miséria. Abraça os desventurados e levanta os caídos. Não mais a tirania de Baal, nem o favoritismo de Júpiter, mas Deus, o Pai, que, através de Jesus Cristo, inicia na Terra o serviço da fé renovadora e dinâmica que, sendo êxtase e confiança, é também compreensão e caridade para a ascensão do espírito humano à Luz Universal.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 20)

“**EVANGELHO E EDUCAÇÃO.** Quando o mestre confiou ao mundo a divina mensagem da Boa Nova, a Terra, sem dúvida, não se achava desprovida de sólida cultura. Na Grécia, as artes haviam atingido luminosa culminância e, em Roma, bibliotecas preciosas circulavam por toda parte, divulgando a política e a ciência, a filosofia e a religião. Os escritores possuíam corpos de copistas especializados e professores eméritos conservavam tradições e ensinamentos, preservando o tesouro da inteligência. Prosperava a instituição, em todos os lugares, mas a educação demorava-se em lamentável pobreza. O cativo consagrado por lei era flagelo comum. A mulher, aviltada em quase todas as regiões, recebia tratamento inferior ao que se dispensava aos cavalos. Homens de consciência enobrecida, por infelicidade financeira ou por questiúnculas de raça, eram assinalados a ferro candente e submetidos à penosa servidão, anotados como animais. Os pais podiam vender os filhos. Era razoável cegar os vencidos e aproveitá-los em serviços domésticos. As crianças fracas eram, quase sempre, punidas com a morte. Enfermos eram sentenciados ao abandono. As mulheres infelizes podiam ser apedrejadas com o beneplácito da justiça. Os mutilados deviam perecer nos campos de luta, categorizados à conta de carne inútil. Qualquer tirano desfrutava o direito de reduzir os governados à extrema penúria, sem ser incomodado por ninguém. Feras devoravam homens vivos nos espetáculos e divertimentos públicos, com aplauso geral. Rara a festividade do povo que transcorria sem vasta efusão de sangue humano, como impositivo natural dos costumes. Com Jesus, entretanto, começa uma era nova para o sentimento. Condenado ao supremo sacrifício, sem reclamar, e rogando o perdão celeste para aqueles

que o vergastavam e feriam, instila no ânimo dos seguidores novas disposições espirituais. Iluminados pela Divina Influência, os discípulos do Mestre consagram-se ao serviço dos semelhantes. Simão Pedro e os companheiros dedicam-se aos doentes e infortunados. Instituem-se casas de socorro para os necessitados e escolas de evangelização para o espírito popular. Pouco a pouco, altera-se a paisagem social, no curso dos séculos. Dilacerados e atormentados, entregues ao supremo sacrifício nas demonstrações sanguinolentas dos tribunais e das praças públicas, ou trancafiados nas prisões, os aprendizes do Evangelho ensinam a compaixão e a solidariedade, a bondade e o amor, a fortaleza moral e a esperança. Há grupos de servidores, que se devotam ao trabalho remunerado para a libertação de numerosos cativos. Senhores da fortuna e da terra, tocados nas fibras mais íntimas, devolvem escravos ao mundo livre. Doentes encontram remédio, mendigos acham teto, desesperados se reconfortam, órfãos são recebidos no lar. Nova mentalidade surge na Terra. O coração educado aparece, por abençoada luz, nas sombras da vida. A gentileza e a afabilidade passam a reger o campo das boas maneiras e, sob a inspiração do Mestre Crucificado, homens de pátrias e raças diferentes aprenderam a encontrar-se com alegria, exclamando, felizes: – “meu irmão”. (EMM, *Roteiro*, Capítulo 21)

IV Evolução do Cristianismo após Jesus

IV.1. Cristianismo e Catolicismo

“**ROMA E A HUMANIDADE.** Meus caros amigos, alguns de vós, que aqui vos achais, possuíis dedicação e amor à causa da Luz e da Verdade; é lícito, portanto, procuremos corresponder aos vossos esforços e aspirações de conhecimento, ofertando-vos todas as coisas do espírito, dentro das nossas possibilidades, para que vos sirvam de auxílio na escalada difícil da verdade. Numerosas são as falanges de seres que se entregam à difusão das teorias espiritualistas e que operam, na atualidade, o milagre do ressurgimento da filosofia cristã, em sua pureza de antanho. É que chegados são os dias das explicações racionais de todos os séculos que tendes atravessados com os olhos vendados para os domínios da espiritualidade, devidos aos preconceitos das posições sociais e sentimentos de utilitarismo de vários sistemas religiosos e filosóficos, desvirtuados em suas finalidades, em seus princípios. Nossos desejos seriam os de que a nossa voz fosse ouvida, veiculando-se a palavra da imortalidade sobre toda a Terra; todavia, não serão feitos em vão os nossos apelos.

Por constituir tema de interesse geral para quantos mourejam nas fainas benditas do conhecimento da verdade, subordinei estas palavras à epígrafe “Roma e a Humanidade”, a fim de levar-vos a minha pequena parcela de instrução sobre o Catolicismo que, deturpando nos seus objetivos as lições do Evangelho, se tornou uma organização política em que preponderam as características essencialmente mundanas. **ROMA EM SEUS PRIMÓRDIOS.** Fundada em tempos remotíssimos, por agrupamentos de homens que experimentavam a necessidade de recíproca defesa e proteção mútua, edificou-se Roma, sobre as lendas de Rômulo, do rapto das sabinas e outras. Habitada por indivíduos acostumados à rudeza, tornou-se populosa com os reforços de habitantes que constantemente lhe vinham dos núcleos circunvizinhos, vindo a ser em breve a cidade que se transformaria na célebre república, depois império, e que tão fortemente predomina sobre os destinos humanos. Como, porém, não é objeto da nossa palestra o estudo da História Universal, sintetizemos, para alcançar o nosso desiderato. **O CRISTIANISMO EM SUAS ORIGENS.** Edificante é a investigação, o estudo acerca do Cristianismo nos primeiros tempos de sua história; edificante lembrarmos as apagadas figuras de pescadores humildes, grosseiros e quase analfabetos, a enfrentarem o extraordinário e secular edifício erguido pelos triunfos romanos, objetivando a sua reforma integral. Afrontando a morte em todos os caminhos, reconheceram, em breve, que inúmeros Espíritos oprimidos os aguardavam e com eles se transformavam em anunciadores da causa do Divino Mestre. A história da Igreja cristã nos primitivos séculos está cheia de heroísmos santificantes e de redentoras abnegações. Nas dez principais perseguições aos cristãos, de Nero a Diocleciano, vemos, pelo testemunho da História, gestos de beleza moral, dignos de monumentos imperecíveis. Foi assim que, contando com a animadversão das autoridades da filosofia em voga na época, os seguidores de Cristo sentiram forte amparo na voz esclarecida de Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes e outras sumidades do tempo. **OS BISPOS DE ROMA.** Nos primitivos movimentos de propaganda da nova fé, não possuíam nenhuma supremacia os bispos romanos entre os seus companheiros de episcopado e a Igreja era pura e simples, como nos tempos que se seguiram ao regresso do seu divino fundador às regiões da Luz. As primeiras reformas surgiram no quarto século da vossa era, quando Basílio de Cesaréia e Gregório Nazianzeno instituíram o culto aos santos. Os bispos romanos sempre desejaram exercer injustificável primazia entre os seus coirmãos; todavia, semelhantes pretensões foram sempre profligadas, destacando-se entre os vultos que as combateram a venerável figura de Agostinho, que se tornara adepto fervoroso do Crucificado à força

de ouvir as prédicas de Ambrósia, bispo de Milão, a cujos pés se prosternou Teodósio, o Grande, penitenciando-se das crueldades perpetradas ao reprimir a revolta dos tessalonicenses. Desde o primeiro concílio ecumênico de Nicéia, convocado para condenação do cisma de Ário, continuaram as reuniões desses parlamentos eclesiásticos, onde eram debatidos todos os problemas que interessavam ao movimento cristão. Datam dessas famosas reuniões as inovações desfiguradoras da beleza simples do Evangelho; ainda aí, contudo, nesses primeiros séculos que sucederam à implantação da doutrina de Jesus, destinada a exercer tão acentuada influência na legislação de todos os povos, não se conhecia, em absoluto, a hegemonia da Igreja de Roma entre as outras congêneres. Somente no princípio do século VII a presunção dos prelados romanos encontrou guarida no famigerado imperador Focas, que outorgou a Bonifácio a primazia injustificável de bispo universal. Consumada essa medida, que facilitava ao orgulho e ao egoísmo toda sua nociva expansibilidade, tem-se levado a efeito, até hoje, os maiores atentados, que culminaram, em 1870, na declaração da infalibilidade papal. **INOVAÇÕES E DOGMAS ROMANO.** A doutrina de Jesus, concentrando-se à força na cidade de Césares, aí permaneceu como encarcerada pelo poder humano e, passando por consecutivas reformas, perdeu a simplicidade encantadora das suas origens, transformando-se num edifício de pomposas exterioridades. Após a instituição do culto dos santos, surgiram imediatamente os primeiros ensaios de altares e paramentos para as cerimônias eclesiásticas, medidas aventadas pelos pagãos convertidos, os quais, constantemente, foram adaptando a Igreja a todos os sistemas religiosos do passado. O dogma da trindade é uma adaptação da Trimúrti da antiguidade oriental, que reunia nas doutrinas do bramanismo os três deuses - Brama, Vishu e Siva. É verdade que as coisas inacessíveis ainda à vossa compreensão e que constituem os mistérios celestes, só vos podem ser transmitidas em suas expressões simbólicas; mas, o Catolicismo não pode aproveitar-se desse argumento para impor-se como única doutrina infalível e soberana. Ele era uma escola religiosa, como qualquer outra que busque nortear os homens para o bem e para Deus, mas que perdeu esse objetivo, pecando constantemente por orgulho dos seus dirigentes, os quais raras vezes sabem exemplificar a piedade cristã. A história do papado é a do desvirtuamento dos princípios do Cristianismo, porque, pouco a pouco, o Evangelho quase desapareceu sob as suas despóticas inovações. Criaram os pontífices o latim nos rituais, o culto das imagens, a canonização, a confissão auricular, a adoração da hóstia, o celibato sacerdotal e, atualmente, noventa por cento das instituições são de origem humaníssima, fora de quaisquer características divinas.

AS PRETENSÕES ROMANAS. Perdido o cetro da sua hegemonia na antiguidade, o espírito de supremacia perdurou, entretanto, na grande cidade, outrora teatro de todos os aviltamentos e corrupções da Humanidade. Foi dessa ânsia, de operar um retrospecto da História, que nasceu provavelmente o desejo de o bispo romano arvorar-se em chefe do Cristianismo; o que Roma perdera, com o progresso e com a expansão dos povos, reaveria nos domínios das coisas espirituais. E assim aconteceu. O Vaticano, porém, não soube senão produzir obras de caráter exclusivamente material, tornando-se potência de poder e autoridade temporais. Afogou-se na vaidade, obtendo o que procurava, porquanto tem o seu império na Terra, que ainda não é o reino de Jesus. O seu fastígio, as suas suntuosas basílicas, as suas pomposas solenidades recordam o politeísmo e as dissipações da sociedade romana e, quando o sumo-pontífice aparece em vossos dias na sedia gestatória, é o retrato dos cônsules do antigo senado quando saíam a público, precedidos de litores. O símile é perfeito. Meu objetivo foi mostrar-vos a inexistência do selo divino nas instituições católicas. Toda a força da Igreja, na atualidade, vem da sua organização política, que busca contemporizar com a ignorância. O milagre que se operou nalguns espíritos de eleição, como o divino inspirado da Úmbria, gerou-se da beleza do Evangelho e dos tempos apostólicos, unicamente, porque, entre Jesus e o papa, entre os apóstolos e os clérigos, há uma distância imensurável. O Vaticano conservará seu poderio, enquanto puder adaptar-se a todos os costumes políticos das nacionalidades; mas, quando o Evangelho for integralmente restabelecido, quando a onda de uma reforma visceral purificar o ambiente das democracias com a luminosa mensagem da fraternidade humana, desaparecerá, não podendo ser absolvido na balança da História, porque ao lado dos poucos bens que espalhou está o peso esmagador das suas muitas iniquidades.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo III)

“**A CONFISSÃO AURICULAR.** Interpelado, há dias, a respeito da confissão auricular, nada mais pude fazer que dar uma resposta resumida, de momento, adiando o instante de expender outras considerações atinentes ao assunto. Padre católico que fui, na minha última romagem terrena, sinto-me à vontade para falar com imparcialidade sincera. Não será a minha palavra que vá condenar qualquer religião, todas elas nascidas de uma inspiração superior que os homens viciaram, acomodando as determinações de ordem divina aos seus próprios interesses e conveniências, desvirtuando-lhes os sagrados princípios. Todas as doutrinas religiosas têm a sua razão de ser no seio das coletividades, onde foram chamadas a desempenhar a missão de paz e de concórdia humana. Todos os seus males provêm justamente dos abusos do homem, em amoldá-las ao

abismo de suas materialidades habituais; e, de fato, constitui um desses abusos a instituição da confissão auricular, pela Igreja Católica. **A CONFISSÃO NOS TEMPOS APOSTÓLICOS.** Se é verdade que, na época do Precursor, os novos crentes adotavam o sistema de confessar publicamente as suas faltas e os seus erros, tal costume diferia essencialmente de tudo quanto criou a Igreja Católica, nesse particular, depois da partida, para o Além, dos elevados Espíritos que lançaram, com o sangue dos seus sacrifícios e com a mais sublime renúncia dos bens terrenos, as bases da fé, as quais têm resistido ao bolor dos séculos. A confissão pública dos próprios defeitos, nos tempos apostólicos, constituía para o homem forte barreira, evitando sua reincidência na falta. Um sentimento profundo de verdadeira humildade movia o coração nesses momentos, oferecendo-lhe as melhores possibilidades de resistência ao assédio das tentações, e semelhante princípio representava como que uma vacina contra as úlceras do remorso e das chagas morais. Todavia, os tempos decorreram e, no seu transcurso, observou-se a transformação radical de todas as leis sublimes de fraternidade cristã, anteriormente preconizadas. **A CONFISSÃO AURICULAR E SUA GRANDE VÍTIMA.** A confissão auricular constitui uma aberração, dentro do amontoado das doutrinas desvirtuadas do romanismo. E é justamente a mulher, pelo espírito sensível de religiosidade que caracteriza, a maior vítima do confessionário. Infelizmente, toda a série de absurdos do inqualificável sacramento da penitência é oriunda dos superiores eclesiásticos, dos teólogos e falsos moralistas da Igreja que, perversamente, criaram os longos e indiscretos interrogatórios, aos quais terá a mulher de submeter-se passivamente, diante de um homem solteiro, estranho, que ela, inúmeras vezes, nem conhece. Os padres, geralmente, em virtude do seu desconhecimento dos sagrados deveres da paternidade, não vão interpelá-la no tocante às obrigações austeras do governo da casa; ferem exatamente os problemas mais íntimos e mais delicados da vida do casal, violando o sagrado respeito das questões do lar, dando pasto aos pensamentos mais injustificáveis e, às vezes, repugnantes. E o véu de modestia e de beleza que Deus concedeu à mulher, para que ela pudesse mergulhar qual lírio de espiritualidade nos pântanos deste mundo, é arrancado justamente por esse homem que se inculca ministro das luzes celestes. Muitas vezes, é no confessionário que começa o calvário social da mulher. Dolorosos e pesados tributos são cobrados das católico-romanas, que, confiadas em Deus, se lançam aos pés de um homem cheio das mesmas fraquezas dos outros mortais, na enganosa suposição de que o sacerdote é a imagem da Divindade do Senhor. **REFORMA NECESSÁRIA.** Não podeis calcular a imensidade de crimes perpetrados à sombra

dos confessionários penumbrosos, onde almas aflitas e fervorosas buscam consolação e conforto espiritual. O que se faz necessário em vossos dias é a reforma de semelhantes costumes. Quando essa renovação não parta das autoridades eclesiásticas, que ela possa nascer dos esforços conjugados de todos os esposos e de todos os pais, substituindo eles os confessores junto de suas esposas e de suas filhas. Muitas vezes, quando procurado por consciências polutas, que me vinham fazer o triste relato de suas existências repletas de deslizes, eu nunca me senti com autoridade bastante para ouvi-las. **CONFESSAI-VOS UNS AOS OUTROS.** Todo espírito do Evangelho, legado pelo Mestre à Humanidade sofredora, foi deturpado pelo homem, dentro dos seus interesses mesquinhos e das suas ideias de antropomorfismo. Por isso, nós, que já trazemos o coração trabalhado nas mais penosas experiências, podemos declarar, diante da nossa consciência e diante de Deus que nos ouve, que nenhum bem pode prodigalizar a confissão auricular ao espírito, sendo um costume eminentemente nocivo, com seus característicos de depravação moral, merecendo, portanto, toda a atenção da sociologia moderna. Confessai-vos uns aos outros, buscando de preferência aqueles a quem ofendestes e, quando a vossa imperfeição não vo-lo permita, procurai ouvir a voz de Deus, na voz da vossa própria consciência.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo VIII)

“A EVOLUÇÃO DO CRISTIANISMO. PENOSOS COMPROMISSOS ROMANOS. Debalde tentaram as forças espirituais o aproveitamento dos romanos na direção suprema do mundo. Todos os recursos possíveis foram prodigalizados inutilmente à cidade imperial. A canalização de consideráveis riquezas materiais, possibilitando a consolidação de um Estado único no planeta, não fora esquecida, ao lado de todas as providências que se faziam necessárias, do ponto de vista moral. Em vão, transplantara-se para Roma a extraordinária sabedoria ateniense e a colaboração de todas as experiências dos povos conquistados. Os Espíritos encarnados não conseguiram a eliminação dos laços odiosos da vaidade e da ambição, sentindo-se traídos em suas energias mais profundas, contraindo débitos penosos, perante os tribunais da Justiça Divina. A vinda do Cristo ao cenáculo obscuro do planeta, trazendo a mensagem luminosa da verdade e do amor, assinalara o período da maioridade espiritual da Humanidade. Essa maioridade implicava direitos que, por sua vez, se fariam acompanhar do agravo de responsabilidades e deveres para a solução de grandes problemas educativos do coração. Se ao homem físico rasgavam-se os mais amplos horizontes nos domínios do progresso material, os Evangelhos vinham trazer ao homem espiritual um roteiro de novas atividades, educando-o convenientemente para as suas arrojadas conquistas de ciência e de liberdade, com vistas ao porvir. O

aproveitamento desse processo educativo deveria ser levado a efeito pela capital do mundo, de acordo com os desígnios do plano espiritual. Pesadas forças da Treva, porém, aliaram-se às mais fortes tendências do homem terrestre, constantemente inclinado aos liames do mal que o prendiam à Terra, adstrito aos mais grosseiros instintos de conservação, e, enquanto os Espíritos abnegados, do Alto, choram sobre os abusos de liberdade dos romanos, a cidade dos Césares embriaga-se cada vez mais no vinho do ódio e da ambição, contraindo dívidas penosas, entrelaçando os seus sentimentos com o ódio dos vencidos e dos humilhados, criando negras perspectivas para o longínquo futuro. **CULPAS E RESGATES DOLOROSOS DO HOMEM ESPIRITUAL.** Ao coração misericordioso de Jesus chegam as preces dolorosas de todos os operários da sua bendita sementeira. Seu olhar percuciente, todavia, penetrara o âmago das almas e não fora em vão que recomendara o crescimento do trigo e do joio nas mesmas leiras, somente a Ele competindo a separação, na época da ceifa. A limitada liberdade de ação dos indivíduos e das coletividades é integralmente respeitada. Cada qual é responsável pelos seus atos, recebendo de conformidade com as suas obras. Foi por isso que Roma teve oportunidade de realizar seus propósitos e desígnios políticos; mas a Justiça Divina acompanhou-lhe todos os passos, nos enormes desvios a que se conduziu, comprometendo para sempre o futuro do homem espiritual, que somente agora conhecerá um reajustamento nas amargurosas transições do século que passa. Um laço pesado e tenebroso reuniu a cidade conquistadora aos povos que humilhara. O ódio do verdugo e dos seus inimigos fundiu-se em séculos de provações e de lutas expiatórias, para demonstrar que Jesus é o fundamento da Verdade e só o amor é a sagrada finalidade da vida. Foi por essa razão que o conquistador e os conquistados, unidos pelo ódio como calcetas algemados um ao outro nas galés da amargura, compareceram periodicamente, nos Espaços, ante a misericórdia suprema do Filho de Deus, prometendo a reparação e o resgate recíprocos, nos séculos do porvir, fundando a civilização ocidental, como abençoada oficina dos seus novos trabalhos no esforço da fraternidade e da regeneração. A bondade do Mestre fez florescer cidades valorosas e progressistas, países cultos e fartos, onde as almas decáidas encontrassem todos os elementos de edificação e aprimoramento. O homem físico continuou a linha ascensional de sua evolução nas conquistas e descobrimentos, mas o homem transcendente, a personalidade imortal, teria saído do oceano de lodo onde se mergulhou, voluntariamente, há dois milênios? Respondam por nós as angustiosas expectativas da hora presente. **OS MÁRTIRES.** Antes do movimento de propagação das ideias cristãs no seio da sociedade romana, já os

prepostos de Jesus se preparavam para auxiliar os missionários da nova fé, conhecendo a reação dos patrícios em face dos postulados de fraternidade da nova doutrina. As classes mais abastadas não podiam tolerar semelhantes princípios de igualdade, quais os que preconizavam as lições do Nazareno, considerados como postulados de covardia moral, incompatíveis com a orgulhosa filosofia do Império, e é assim que vemos os cristãos sofrendo os martírios da primeira perseguição, iniciada no reinado de Nero, de tão dolorosas quão terríveis lembranças. Nenhum instrumento de suplício foi esquecido na experimentação da fé e da constância daquelas almas resignadas e heroicas. O açoite, a cruz, o cavalete, as unhas de ferro, o fogo, os leões do circo, tudo foi lembrado para maior eficiência da perseguição aos seguidores do Carpinteiro de Nazaré. Pedro e Paulo entregam a vida na palma dos martírios santificadores e de Nero a Diocleciano uma nuvem pesada, de sangue e de lágrimas, envolve a alma cristã, cheia de confiança na Providência Divina. O próprio Marco Aurélio, cuja elevada estatura espiritual recebera do Alto a missão de paralisar semelhantes desatinos, não conseguiu deter a corrente de forças trevosas, mas o sangue dos cristãos era a seiva da vida lançada às divinas sementes do Cordeiro, e os seus sacrifícios foram bem os reflexos da amorosa vibração do ensinamento do Cristo, atravessando os séculos da Terra para ser compreendido e praticado nos milênios do porvir. **OS APOLOGISTAS.** A doutrina cristã, todavia, encontrara nas perseguições os seus melhores recursos de propaganda e de expansão. Seus princípios generosos encontravam guarida em todos os corações, seduzindo a consciência de todos os estudiosos de alma livre e sincera. Observa-se-lhe a influência no segundo século, em quase todos os departamentos da atividade intelectual, com largos reflexos na legislação e nos costumes. Tertuliano apresenta a sua apologia do Cristianismo, provocando admiração e respeito gerais. Clemente de Alexandria e Orígenes surgem com a sua palavra autorizada, defendendo a filosofia cristã, e com eles levanta-se um verdadeiro exército de vozes que advogam a causa da verdade e da justiça, da redenção e do amor. **O JEJUM E A ORAÇÃO.** Os cristãos, contudo, não tiveram de início uma visão do campo de trabalho que se lhes apresentava. Não atinaram que, se o jejum e a oração constituem uma grande virtude na soledade, mais elevada virtude representam quando levados a efeito no torvelinho das paixões desenfreadas, nas lutas regeneradoras, a fim de aproveitar aos que os contemplam. Não compreenderam imediatamente que esses preceitos evangélicos, acima de tudo, significam sacrifício pelo próximo, perseverança no esforço redentor, serenidade no trabalho ativo, que corrige e edifica simultaneamente. Retirando-se para a vida monástica, povoaram os desertos na suposição de que se

redimiriam mais rapidamente para o Cordeiro. Uma ânsia de fugir das cidades populosas fazia então vibrar todos os crentes, originando os erros da idade medieval, quando o homem supunha encontrar nos conventos as antecâmaras do Céu. O Oriente, com os seus desertos numerosos e os seus lugares sagrados, afigurava-se o caminho de todos quantos desejam fugir dos antros das paixões. Só a grande montanha de Nitria chegou a possuir trinta mil anacoretas, exilados do mundo e dos seus prazeres desastrosos. Entretanto, examinando essa decisão desaconselhável dos primeiros tempos, somos levados a recordar que os cristãos se haviam esquecido de que Jesus não desejava a morte do pecador. **CONSTANTINO.** As forças espirituais que acompanhavam e acompanham todos os movimentos do orbe, sob a égide de Jesus, procuram dispor os alicerces de novos acontecimentos, que devem preparar a sociedade romana para o resgate e para a provação. A invasão dos povos considerados bárbaros é então entrevista. Uma forte anarquia militar dificulta a solução dos problemas de ordem coletiva, elevando e abatendo imperadores de um dia para outro. Sentindo a aproximação de grandes sucessos e antevendo a impossibilidade de manter a unidade imperial, Diocleciano organiza a Tetrarquia, ou governo de quatro soberanos, com quatro grandes capitais. Retirando-se para Salona, exausto da tarefa governativa, ocorre a rebelião militar que aclama Augusto a Constantino, filho de Constâncio Cloro, contrariando as disposições dos dois Césares, sucessores de Diocleciano e Maximiano. A luta se estabelece e Constantino vence Maxêncio às portas de Roma, penetrando a cidade, vitorioso, para ser recebido em triunfo. Junto dele, o Cristianismo ascende à tarefa do Estado, com o edito de Milão. **O PAPADO.** Desde a décima perseguição que o Cristianismo era considerado em Roma como doutrina morta, mas os prepostos do Mestre não descansavam, com o nobre fim de fazer valer os seus generosos princípios. A fatalidade histórica reclamava a sua colaboração nos gabinetes da política do mundo e, ainda uma vez, a indigência dos homens não compreendeu a dádiva do plano espiritual, porque, logo depois da vitória, os bispos romanos solicitavam prerrogativas injustas sobre os seus humildes companheiros de episcopado. O mesmo espírito de ambição e de imperialismo, que de longo tempo trabalhava o organismo do Império, dominou igualmente a igreja de Roma, que se arvorou em suserana e censora de todas as demais do planeta. Cooperando com o Estado, faz sentir a força das suas determinações arbitrárias. Trezentos anos lutaram os mensageiros do Cristo, procurando ampará-la no caminho do amor e da humildade, até que a deixaram enveredar pelas estradas da sombra, para o esforço de salvação e de experiência, e, tão logo a abandonaram ao penoso trabalho de

aperfeiçoar-se a si mesma, eis que o imperador Focas favorece a criação do Papado, no ano de 607. A decisão imperial faculta aos bispos de Roma prerrogativas e direitos até então jamais justificados. Entronizam-se, mais uma vez, o orgulho e a ambição da cidade dos Césares. Em 610, Focas é chamado ao mundo dos invisíveis, deixando no orbe a consolidação do Papado. Dessa data em diante, ia começar um período de 1260 anos de amarguras e violências para a civilização que se fundava.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XV)

“A IGREJA E A INVASÃO DOS BÁRBAROS. VI-TÓRIAS DO CRISTIANISMO. Constantino, no seu caminho de realizações, consegue levar a efeito a nova organização administrativa do Império, começada no governo de Diocleciano, dividindo-o em quatro Prefeituras, que foram as do Oriente, da Ilíria, da Itália e das Gálias, que, por sua vez, eram divididas em dioceses dirigidas respectivamente por prefeitos e vigários. Com a influência do vencedor da ponte Mílvius, efetua-se o Concílio Ecumênico de Nicéia para combater o cisma de Ário, padre de Alexandria, que negara a divindade do Cristo. Os primeiros dogmas católicos saem, com força de lei, desse parlamento eclesiástico de 325. Findo o reinado de Constantino, aparecem os seus filhos, que lhe não seguem as tradições. Em seguida, Juliano, sobrinho do imperador, eleva-se ao poder tentando restaurar os deuses antigos, em detrimento da doutrina cristã, embora compreendesse a ineficácia do seu tentame. Mas, por volta do ano 381, surge a figura de Teodósio, que declara o Cristianismo religião oficial do Estado, decretando, simultaneamente, a extinção dos derradeiros traços do politeísmo romano. É então que todos os povos reconhecem a grande força moral da doutrina do Crucificado, pelo advento da qual milhares de homens haviam dado a própria vida no campo do martírio e do sacrifício, vendo-se o imperador, em 390, ajoelhar-se humildemente aos pés de Ambrósio, bispo de Milão, a penitenciar-se das crueldades com que reprimira a revolta dos tessalonicenses. **PRIMÓR-DIOS DO CATOLICISMO.** O Cristianismo, porém, já não aparecia com aquela mesma humildade de outros tempos. Suas cruzes e cálices deixavam entrever a cooperação do ouro e das pedrarias, mal lembrando a madeira tosca, da época gloriosa das virtudes apostólicas. Seus concílios, como os de Nicéia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia, não eram assembleias que imitassem as reuniões plácidas e humildes da Galileia. A união com o Estado era motivo para grandes espetáculos de riqueza e vaidade orgulhosa, em contraposição com os ensinamentos d’Aquele que não possuía uma pedra para repousar a cabeça dolorida. As autoridades eclesiásticas compreendem que é preciso fanatizar o povo, impondo-lhe suas ideias e suas concepções, e, longe de educarem a alma das massas na sublime lição do Nazareno, entram em acordo com a sua preferência

pelas solenidades exteriores, pelo culto fácil do mundo externo, tão do gosto dos antigos romanos pouco inclinados às indagações transcendentais. **A IGREJA DE ROMA.** A igreja de Roma, que antes da criação oficial do Papado considerava-se a eleita de Jesus, ao arvorar-se em detentora das ordenações de Pedro, não perdia ensejos de firmar a sua injustificável primazia junto às suas congêneres de Antioquia, de Alexandria e dos demais grandes centros da época. Herdando os costumes romanos e suas disposições multisseculares, procurou um acordo com as doutrinas consideradas pagãs, pela posteridade, modificando as tradições puramente cristãs, adaptando textos, improvisando novidades injustificáveis e organizando, finalmente, o Catolicismo sobre os escombros da doutrina deturpada. Os bispos de Roma, abusando do fácil entendimento com as autoridades políticas do Estado, impunham suas inovações arbitrárias, contrariando as sublimes finalidades do ensinamento d’Aquele que preconizara a humildade e o amor como os grandes caminhos da redenção. É assim que aparecem novos dogmas, novas modalidades doutrinárias, o culto dos ídolos nas igrejas, as espetaculosas festas do culto externo, copiados quase todos os costumes da Roma anticristã. **A DESTRUIÇÃO DO IMPÉRIO.** A fraqueza e a impenitência dos homens não lhes deixou compreender que o Cristianismo fora chamado à tarefa do governo tão somente para educar o sentimento dos governantes, preparando-os para levar o esclarecimento e a fraternidade aos outros povos da Terra, então considerados bárbaros pela cultura do Império. Não obstante todos os esforços em contrário, dos mensageiros de Jesus, Bonifácio III cria o Papado em 607, contrapondo-se a todas as disposições de humildade que deveriam reger a vida da Igreja. As forças do mal, aliadas à incúria e vaidade dos homens, haviam obtido um triunfo relativo e transitório. Os gênios do Espaço, todavia, à claridade soberana da misericórdia do Senhor, reúnem-se no Infinito, adotando providências novas, concernentes ao progresso dos homens. Todos os recursos haviam sido prodigalizados a Roma, a fim de que as suas expressões políticas e intelectuais se estendessem pelo orbe, abrangendo todas as gentes no mesmo amplexo de amor e de unidade; sua alma coletiva, no entanto, havia deturpado todas as possibilidades sagradas de edificação e renegado todos os grandes ensinamentos. Advertências penosas não lhe faltaram do Alto, como nos acontecimentos inesquecíveis e dolorosos do Vesúvio, nas cidades da Campânia. Séculos de luta e de ensinamento se haviam escoado, sem que a alma do Império se compenetrasse dos seus deveres necessários. É então que Jesus determina a transformação do Império organizado e poderoso. Suas águias orgulhosas haviam singrado todos os mares, o Mediterrâneo era propriedade sua, todos os

povos se lhe curvavam para a homenagem e para a obediência, mas uma força invisível arrancou-lhe todos os diademas, tirou-lhe as energias e lhe reduziu as glórias a um punhado de cinzas. Até hoje, o espírito que investiga o passado inquire o motivo desses sinistros arrasamentos; mas a verdade é que todos os fundamentos da Terra residem em Jesus-Cristo. **A INVASÃO DOS BÁRBAROS.** Essas determinações do Cristo, verificadas após o reinado de Constantino, foram seguidas das primeiras grandes invasões com os visigodos que, fugindo dos hunos, transpõem o Danúbio e estabelecem-se no oriente do Império, penetrando depois na Grécia e na Itália, espalhando flagelos e devastações. Debalde surgem as vitórias de Estilício, porque, em 410, atingem elas as portas de Roma, que fica entregue ao saque e às mais duras humilhações. Em 405, é Radagásio que parte à frente de duzentos mil soldados, em demanda da cidade imperial, sendo vencido, porém roubando as mais fortes economias romanas. As provas expiatórias do Império prosseguem numa avalanche de dores amargas. Aparecem as correntes bárbaras dos alanos, dos vândalos, dos suevos, dos burgúndios. Em 450, os hunos comandados por Átila atacam as Gálias, perseguindo populações pacíficas e indefesas. A unidade imperial perde a sua tradição, para sempre. Com as suas vitórias, funda Clóvis a monarquia dos francos. Os bretões, oprimidos pela invasão e privados do auxílio dos exércitos romanos, apelam para os saxônios que povoavam o sul da Jutlândia, organizando-se, posteriormente, a Heptarquia Anglo-Saxônia. O que Roma deveria fazer com a educação e o amparo perseverante, aqueles povos rudes e fortes vinham reclamar por si mesmos. A grande cidade dos Césares poderia ter evitado a catástrofe do desmembramento, se levasse a sua cultura a todos os corações, em vez de haver estacionado tantos séculos à mesa farta dos prazeres e das continuadas libações. **RAZÕES DA IDADE MÉDIA.** A queda do Império Romano determinara no mundo extraordinárias modificações. Muitas almas heroicas e valorosas, que se haviam purificado nas lutas depuradoras, não obstante o ambiente pantanoso dos vícios e das paixões desenfreadas, ascenderam definitivamente a planos espirituais mais elevados, apenas voltando às atmosferas do planeta para o cumprimento de enobrecedoras e santificantes missões. A desorganização geral com os movimentos revolucionários dos outros povos do globo terrestre, que em balde esperam o socorro moral do governo dos imperadores, originara um longo estacionamento nos processos evolutivos. É aí, nessa época de transições que agora atinge as suas culminâncias, que vamos encontrar as razões da Idade Média, ou o período escuro da história da Humanidade. Só esse ascendente místico da civilização pôde explicar o porquê das organizações feudais, depois de tão grandes

conquistas da mentalidade humana, nos grandes problemas da unidade e da centralização política do mundo. É que um novo ciclo de civilização começava sob a amorosa proteção do Divino Mestre, e as últimas expressões espirituais do grande Império retiravam-se para o silêncio dos santuários e dos retiros espirituais, para chorar na solidão dos conventos, sobre o cadáver da grande civilização que não soubera prover ao seu glorioso destino. **MESTRES DO AMOR E DA VIRTUDE.** Almas sublimadas e corajosas reencarnam, então, sob a égide de Jesus e para a grande tarefa de orientar as forças políticas da igreja romana, agora organizada à maneira das construções efêmeras do mundo. O Papado era a obra do orgulho e da iniquidade; mas o Cristo não desampara os mais infelizes e os mais desgraçados, e foi assim que surgiram, no seio mesmo da Igreja, alguns mestres do amor e da virtude, ensinando o caminho claro da evolução aos povos invasores, trazendo-os ao pensamento cristão e destinando-os aos tempos luminosos do porvir.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XVI)

IV.2. Cristianismo e Idade Média

“A IDADE MEDIEVAL. OS MENSAGEIROS DE JESUS. Em todo o século VI, de conformidade com as deliberações efetuadas no plano invisível, aparecem grandes vultos de sabedoria e bondade, contrastando a vaidade orgulhosa dos bispos católicos, que em vez de herdarem os tesouros de humildade e amor do Crucificado, reclamaram para si a vida suntuosa, as honrarias e prerrogativas dos imperadores. Os chefes eclesiásticos, guindados à mais alta preponderância política, não se lembravam da pobreza e da simplicidade apostólicas, nem das palavras do Messias, que afirmara não ser o seu reino ainda deste mundo. Todavia, nesse pantanal de ambições floresciam, igualmente, os lírios da misericórdia de Jesus, em sublimadas realizações de sacrifício e bondade. Espíritos heroicos e missionários, cuja maioria não se incorporou aos nomes da galeria histórica terrestre, exerceram a função de novos sacerdotes da ideia sagrada do Cristianismo, conservando-lhe o fogo divino para as futuras gerações do planeta. Subordinados, embora, à disciplina da Igreja romana, eles ouviam, no adito do coração, a palavra eterna e suave do Divino Jardineiro e sabiam, por isso, que a sua missão era a da renúncia, do sacrifício e da humildade. Roma podia negociar os títulos eclesiásticos com a política do mundo e estabelecer a simonia nos templos sagrados, esquecendo os mais severos compromissos; eles, porém, nas suas túnicas rotas, atravessariam o mundo alentando a palavra das promessas evangélicas, edificariam pousos de silêncio e de misericórdia, onde guardassem as tradições escritas da cultura sagrada, para os dias do porvir. Desses exércitos de abnegados que se organizaram com Jesus

e por Jesus, no seio da Igreja, somos levados a destacar os missionários beneditinos, cujo esforço amoroso e paciente conduziu grande número de coletividades dos povos considerados bárbaros, principalmente os germanos, para o seio generoso das ideias do Cristianismo. **O IMPÉRIO BIZANTINO.** Depois da morte do imperador Teodósio, eis que o mundo conhecido se reparte em dois impérios - o do Ocidente e o do Oriente - divididos entre os seus dois filhos, Honório e Arcádio. Com o assalto dos hérulos, em 476 desaparece o império ocidental e com ele, para sempre, os resquícios da integridade do Império Romano, instalando-se depois, em 493, o reino ostrogodo na Itália, tendo Ravena por capital. Constantinopla é então a sucessora legítima da grande cidade imperial. O império bizantino era o depositário da legislação e dos costumes romanos. Um poderoso sopro de latinidade vitaliza as suas instituições. Debalde, porém, as expressões romanas buscam um refúgio nas outras terras, com o objetivo de uma perpetuação. Homens enérgicos, como Justiniano, não conseguem salvá-las. Forças ocultas e poderosas estavam incumbidas de sua visceral renovação, e, não obstante sua resistência milenar, o império bizantino, herdeiro dos Césares, ia cair exânime, em 1453, ao assalto de Maomet II. **O ISLAMISMO.** Antes da fundação do Papado, em 607, as forças espirituais se viram compelidas a um grande esforço no combate contra as sombras que ameaçavam todas as consciências. Muitos emissários do Alto tomam corpo entre as falanges católicas no intuito de regenerar os costumes da Igreja. Embalde, porém, tentam operar o retorno de Roma aos braços do Cristo, conseguindo apenas desenvolver o máximo de seus esforços no penoso trabalho de arquivar experiências para as gerações vindouras. Numerosos Espíritos reencarnam com as mais altas delegações do plano invisível. Entre esses missionários, veio aquele que se chamou Maomet, ao nascer em Meca no ano 570. Filho da tribo dos Coraixitas, sua missão era reunir todas as tribos árabes sob a luz dos ensinamentos cristãos, de modo a organizar-se na Ásia um movimento forte de restauração do Evangelho do Cristo, em oposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa. Maomet, contudo, pobre e humilde no começo de sua vida, que deveria ser de sacrifício e exemplificação, torna-se rico após o casamento com Khadidja e não resiste ao assédio dos Espíritos da Sombra, traindo nobres obrigações espirituais com as suas fraquezas. Dotado de grandes faculdades mediúnicas inerentes ao desempenho dos seus compromissos, muitas vezes foi aconselhado por seus mentores do Alto, nos grandes lances da sua existência, mas não conseguiu triunfar das inferioridades humanas. É por essa razão que o missionário do Islã deixa entrever, nos seus ensinamentos, flagrantes contradições. A par do perfume cristão que

se evola de muitas das suas lições, há um espírito belicoso, de violência e de imposição; junto da doutrina fatalista encerrada no Alcorão, existe a doutrina da responsabilidade individual, divisando-se através de tudo isso uma imaginação superexcitada pelas forças do bem e do mal, num cérebro transviado do seu verdadeiro caminho. Por essa razão o Islamismo, que poderia representar um grande movimento de restauração do ensino de Jesus, corrigindo os desvios do Papado nascente, assinalou mais uma vitória das Trevas contra a Luz e cujas raízes era necessário extirpar. **AS GUERRAS DO ISLÃ.** Maomet, nas recordações do dever que o trazia à Terra, lembrando os trabalhos que lhe competiam na Ásia, a fim de regenerar a Igreja para Jesus, vulgarizou a palavra “infel”, entre as várias famílias do seu povo, designando assim os árabes que lhe, eram insubmissos, quando a expressão se aplicava, perfeitamente, aos sacerdotes transviados do Cristianismo. Com o seu regresso ao plano espiritual, toda a Arábia estava submetida à sua doutrina, pela força da espada; e, todavia, os seus continuadores não se deram por satisfeitos com semelhantes conquistas. Iniciaram no exterior as guerras “santas”, subjugando toda a África setentrional, no fim do século VII. Nos primeiros anos do século imediato, atravessaram o estreito de Gibraltar, estabelecendo-se na Espanha, em vista da escassa resistência dos visigodos atormentados pela separação, e somente não seguiram caminho além dos Pirineus porque o plano espiritual assinalara um limite às suas operações, encaminhando Carlos Martel para as vitórias de 732. **CARLOS MAGNO.** É depois dessa época que Jesus permite a reencarnação de um dos mais nobres imperadores romanos, ansioso de auxiliar o espírito europeu na sua amargurada decadência. Essa entidade renasceu, então, sob o nome de Carlos Magno, o verdadeiro reorganizador dos elementos dispersos para a fundação do mundo ocidental. Quase analfabeto, criou as mais vastas tradições de energia e de bondade, com a superioridade que lhe caracterizava o espírito equilibrado e altamente evoluído. Num reinado de 46 anos consecutivos, Carlos Magno intensificou a cultura, corrigiu defeitos administrativos que imperavam entre os povos desorganizados da Europa, deixando as mais belas perspectivas para a latinidade. Sabe Jesus quanto de lágrimas lhe custou o cumprimento de uma tarefa dessa natureza, cujo desempenho exigia as mais altas qualidades de cérebro e coração. Mas, antecipando as doces comoções que o aguardavam no plano espiritual, numerosos amigos invisíveis, que com ele haviam caminhado na Roma do direito e do dever, cercam-lhe a personalidade na noite do Natal do ano 800, quando o seu pensamento em prece se elevava a Jesus, na basílica de São Pedro. Uma onda de vibrações harmônicas invade o ambiente suntuoso, pouco propício às demonstrações da verdadeira espiritualidade. Leão III,

o papa reinante, sente-se tocado de incompreensível arrebatamento espiritual, e, aproximando-se do grande batalhador do bem, cinge-lhe a fronte com uma coroa de ouro, enquanto a multidão designa-o, em vozes comovidas e entusiásticas, como “imperador dos romanos”. Carlos Magno sente que aquela cidade era também dele. Parece-lhe voltar ao passado longínquo, contemplando a Roma do pretérito, cheia de dignidade e de virtude. Seu coração derrama lágrimas, como Jeremias sobre a Jerusalém das suas dores, agradecendo a Jesus os favores divinos. Decorridos alguns anos sobre esse acontecimento, o grande imperador busca de novo as claridades do Além, para reconhecer que o seu esforço caía sobre as almas qual uma bênção, mas o império por ele organizado teria escassa duração.

O FEUDALISMO. Depois das nobres conquistas atenienses em matéria de política administrativa, depois das grandes jornadas do direito romano à face do mundo, custa-se a entender o porquê do feudalismo, que se estendeu pela Europa, desde o século VIII até o século XII, figurando-se ao estudioso da História um como retrocesso de toda a civilização. Toda a unidade política desaparece nesses tempos de luzidas lembranças para a Humanidade. A propriedade individual jamais alcançou tamanha importância e nunca a servidão moral ganhou tão forte impulso. Com semelhante regime, as lutas fratricidas tiveram campo largo no território europeu, disputando-se uma hegemonia que jamais chegava na equação dos movimentos bélicos. Somente as poucas qualidades cristãs da Igreja Católica conseguiram atenuar o caráter nefasto dessa situação, instituindo-se as chamadas “tréguas de Deus”, obrigando os guerreiros ao repouso em determinados dias da semana, com o objetivo de comemorar as passagens da vida de Jesus-Cristo e defendendo-se a paz com a periódica cessação das hostilidades.

RAZÕES DO FEUDALISMO. Esse regime, todavia, é facilmente explicável. A missão de Carlos Magno houvera sido organizada pelo plano invisível como uma das mais vastas tentativas de reorganização do império do Ocidente, mas, observando-se a inutilidade do tentame, em virtude do endurecimento da maioria dos corações, as autoridades espirituais, sob a égide do Cristo, renovaram os processos educativos do mundo europeu, então no início da civilização atual, chamando todos os homens para a vida do campo, a fim de aprenderem melhor, no trato da terra e no contato da Natureza. Só o feudalismo podia realizar essa obra, e as suas normas, embora grosseiras, foram aproveitadas na escola penosa das aquisições espirituais, onde a reflexão e a sensibilidade iam surgir para a construção do edifício milenar da civilização do Ocidente.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XVII)

“OS ABUSOS DO PODER RELIGIOSO. FASES DA IGREJA CATÓLICA. Apesar dos numerosos

desvios da Igreja romana, que esquecera os princípios cristãos tão logo que chamada aos gabinetes da política do mundo, nunca o Catolicismo foi de todo abandonado pelas potências do bem, no mundo espiritual. Advertências inúmeras lhe foram enviadas em todos os tempos da sua vida histórica, pela misericórdia do Cristo, condoído da impiedade de quantos, sob o seu nome, manchavam o altar dos templos. Enquanto esteve subordinada aos imperadores de Constantinopla, a instituição católica trabalhou para libertar-se de semelhante tutela, procurando a mais ampla independência espiritual, somente conseguida depois do papa Estevão II, em 756, com a organização do chamado Patrimônio de São Pedro. A esse tempo, os vários soberanos da época dispunham da Igreja de acordo com os seus caprichos pessoais, conferindo dignidades eclesiásticas às consciências mais apodrecidas. A sede do Catolicismo se transformara em vasto mercado de títulos nobiliárquicos de toda a espécie. Até depois do século X, semelhante situação de descabro moral marchava para a frente, num crescendo espantoso. Os Apóstolos do Divino Mestre, nas claridades do Infinito, deploram semelhantes espetáculos de indigência espiritual e promovem a reencarnação de numerosos auxiliares da tarefa remissora, nas hostes da regra de São Bento. Estes missionários da verdade e do bem operam a restauração do mosteiro de Cluny, de onde saíam pensamentos novos e energias regeneradoras.

GREGÓRIO VII. Foi nesse movimento de restauração que Hildebrando, conhecido como Gregório VII, ouvindo as inspirações que lhe desciam ao coração, do plano invisível, preparou-se para a missão que o esperava no Vaticano. Sua figura é das mais importantes do século XI, pela fé e pela sinceridade que lhe caracterizaram as atitudes. Eleito papa, após a desencarnação de Alexandre II, reconheceu que as primeiras providências que lhe competiam eram do restabelecimento da autoridade da Igreja, que ele desejou sinceramente reconduzir ao seio do Cristianismo, embora as lutas sustentadas contra Henrique IV façam parecer o contrário. Convocando um concílio em Roma, no ano de 1074, procurou reprimir a enormidade de tantos abusos referentes ao mercado dos sacramentos e às honras eclesiásticas. Filipe I e Henrique IV prometem amparo e auxílio às decisões do pontífice, no sentido de regenerar a organização da Igreja. Henrique IV, porém, prestigiado pelos bispos culpados de simonia, fugiu ao cumprimento da promessa e, depois de exortado por Gregório VII, tenta depô-lo, reunindo em Worms um sínodo de sacerdotes transviados. O papa excomunga o príncipe rebelado, ocorrendo então os célebres acontecimentos de Canossa. A luta ainda não havia terminado, quando Gregório VII se desprende do mundo em 1085, deixando, porém, o caminho preparado para a Concordata de Worms, que se realizaria em 1122 com Henrique

V, com a independência da Igreja e a regeneração aproximada de sua disciplina. **AS ADVERTÊNCIAS DE JESUS.** Instalada nas suas imensas riquezas e dispondo de todo o poder e autoridade, a Igreja poucas vezes compreendeu a tarefa de amor, que competia à sua missão educativa. Habituada a mandar sem restrições, muitas vezes recebeu as advertências de Jesus à conta de heresias condenáveis, que era preciso combater e profligar. As exortações do Alto não se faziam sentir tão somente no seio das ordens religiosas, onde penitentes humildes proporcionavam aos seus orgulhosos superiores eclesiásticos as mais santas lições da piedade cristã. Também na sociedade civil as sementes de luz deixavam entrever os mais esperançosos rebentos de compreensão e de sabedoria, acerca do Evangelho e dos exemplos do Cristo. Neste caso está Pedro de Vaux, que, embora sendo um homem de negócios, em Lião, desligou-se de todos os laços que o prendiam às riquezas humanas, despojando-se de todos os bens em favor dos pobres e necessitados, comovido com a leitura da exemplificação de Jesus no seu Evangelho de amor e redenção. Esse homem extraordinário, a quem fora cometida a missão de instrumento da vontade do Senhor, mandou traduzir os livros sagrados para leitura pública e, junto de outros companheiros que passaram à História com o nome de valdenses, iniciou amplo movimento de pregações evangélicas, à maneira dos tempos apostólicos. Os “Pobres de Lião” foram excomungados, primeiramente pelo arcebispo da cidade e mais tarde, em 1185, pelo pontífice do Vaticano. A Igreja não poderia tolerar outra doutrina que não a sua, feita de orgulho e mal disfarçada ambição. Qualquer lembrança verdadeira e sincera, do seu divino Fundador, era tomada como heresia abominável e suscetível das mais severas punições. A verdade, porém, é que, se os valdenses foram caluniados pelas forças católicas, suas pregações e apelos nunca mais desapareceram do mundo desde o século XI, porque, com vários nomes, as suas organizações subsistiram na Europa até à Reforma, não obstante os guantes de ferro da Inquisição. **FRANCISCO DE ASSIS.** Os apelos do Alto continuaram a solicitar a atenção da Igreja romana em todas as direções. As chamadas “heresias” brotavam por toda parte onde houvesse consciências livres e corações sinceros, mas as autoridades do Catolicismo nunca se mostraram dispostas a receber semelhantes exortações. Havia terminado, em 1229, a guerra contra os hereges, cujos embates atravessaram o espaço de vinte anos, quando alguns chefes da Igreja consideraram a oportunidade da fundação do tribunal da penitência, cujos projetos de há muito preocupavam o pensamento do Vaticano. Mascarar-se-ia o cometimento com o pretexto da necessidade de unificação religiosa, mas a realidade é que a instituição desejava dilatar o seu vasto domínio sobre as consciências. Todavia, se a

Inquisição preocupou longamente as autoridades da Igreja, antes da sua fundação, o negro projeto preocupava igualmente o Espaço, onde se aprestaram providências e medidas de renovação educativa. Por isso, um dos maiores apóstolos de Jesus desceu à carne com o nome de Francisco de Assis. Seu grande e luminoso espírito resplandeceu próximo de Roma, nas regiões da Úmbria desolada. Sua atividade reformista verificou-se sem os atritos próprios da palavra, porque o seu sacerdócio foi o exemplo na pobreza e na mais absoluta humildade. A Igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus. **OS FRANCISCANOS.** O esforço poderoso do missionário, todavia, se não conseguiu mudar a corrente de ambições dos papas romanos, deixou traços fulgurantes da sua passagem pelo planeta. Seu exemplo de simplicidade e de amor, de singeleza e de fé, contagiou numerosas criaturas, que se entregaram ao santo mister de regenerar almas para Jesus. A ordem dos Franciscanos chegou a congregar mais de duzentos mil missionários e seguidores do grande inspirado. Eles repeliavam qualquer auxílio pecuniário, para aceitar tão somente os alimentos mais pobres e mais grosseiros, e o característico que mais os destacava das outras comunidades religiosas era o seu alheamento dos mosteiros. Em vez de repousarem à sombra dos claustros, na tranquilidade e na meditação, esses espíritos abnegados reconheciam que a melhor oração, para Deus, é a do trabalho construtivo, no aperfeiçoamento do mundo e dos corações. **A INQUISIÇÃO.** Muito pouco valera as lições do bem, diante do mal triunfante, porque em 1231 o Tribunal da Inquisição estava consolidado com Gregório IX. Esse instituto, ironicamente, nesse tempo não condenava os supostos Culpados infligidos aos que lhe caíssem nos calabouços -, mas podia aplicar todos os suplícios imagináveis. A repressão das “heresias” foi o pretexto de sua consolidação na Europa, tornando-se o flagelo e a desdita do mundo inteiro. Longo período de sombras invadiu os departamentos da atividade humana. A penumbra dos templos era teatro de cenas amargas e sacrílegas. Crimes tenebrosos foram perpetrados ao pé dos altares, em nome d'Aquele que é amor, perdão e misericórdia. A instituição sinistra da Igreja ia cobrir a estrada evolutiva do homem com um sudário de trevas espessas. **A OBRA DO PAPADO.** Há quem tente justificar esses longos séculos de sombra pelos hábitos e concepções daquele tempo. Mas, a verdade é que o progresso das criaturas poderia dispensar esse mecanismo de crimes monstruosos. Por isso, nos débitos romanos pesam essas responsabilidades tão tremendas quanto dolorosas. A Inquisição foi obra direta do papado, e cada personalidade, como cada instituição, tem o seu processo de contas na Justiça Divina. Eis porque não

podemos justificar a existência desse tribunal espantoso, cuja ação criminosa e perversa entravou a evolução da Humanidade por mais de seis longos séculos.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XVIII)

“AS CRUZADAS E O FIM DA IDADE MÉDIA. AS PRIMEIRAS CRUZADAS. Reportando-nos ao século XI, as Cruzadas nos merecem especial referência, dados os seus movimentos, característicos da época. Desde Constantino que os lugares santos da Palestina haviam adquirido considerável importância para a Europa ocidental. Milhares de peregrinos visitavam anualmente a paisagem triste de Jerusalém, identificando os caminhos da Paixão de Jesus, ou os traços da vida dos Apóstolos. Enquanto dominavam na região os árabes de Bagdá ou do Egito, as correntes do turismo católico podiam buscar, sem receio, as paragens sagradas; mas a Jerusalém do século XI havia caído sob o poder dos turcos, que não mais toleraram a presença dos cristãos, expulsando-os dali com a máxima crueldade. Semelhantes medidas provocam os protestos de todo o mundo católico do Ocidente e, no fim do referido século, prepararam-se as primeiras cruzadas em busca da vitória contra o infiel. A primeira expedição que saiu dos centros mais civilizados, sob o comando de Pedro, o Eremita, não chegou a ausentar-se da Europa, dispersada que foi pelos búlgaros e húngaros. Todavia, em 1096, Godofredo de Bouillon com seus irmãos, Tancredo de Siracusa e outros chefes, depois de se reunirem em Constantinopla, demandaram Nicéia, com um exército de 500.000 homens. Depois da presa de Nicéia, apoderaram-se de Antioquia, penetrando em Jerusalém com a palma do triunfo. Ali quiseram presentear Godofredo de Bouillon com a coroa de rei, mas o duque da Baixa Lorena parecia rever o vulto luminoso do Senhor do Mundo, cuja fronte fora aureolada com a coroa de espinhos, e considerou sacrilégio colocarem-lhe nas mãos um cetro de ouro, quando o Cristo tivera, tão somente, nas mãos augustas e compassivas, uma cana ignominiosa. Depois de muita relutância, aceitou apenas o título de “defensor do Santo Sepulcro”, organizando-se logo em seguida as ordens religiosas de caráter exclusivamente militar, como a dos Templários e a dos Hospitalários. Os turcos, porém, não descansaram. Depois de muitas lutas, apossaram-se de Edessa, obrigando o papa Eugênio III a providenciar a segunda Cruzada, que, chefiada por Luís VII da França e Conrado III da Alemanha, teve os mais desastrosos efeitos. **FIM DAS CRUZADAS.** Em fins do século XII Jerusalém cai em poder de Saladino. Os príncipes cristãos do Ocidente prepararam-se para a terceira Cruzada, assinalando-se as vitórias de S. João d’Acre. As lutas no Oriente sucederam-se anos a fio como furacões periódicos e devastadores. A Palestina possuía, até então, os seus

recantos maravilhosos de verdura abundante. A Galiléia era um vasto jardim, cheio de perfume e de flores. Mas tantos foram os embates dos exércitos inimigos, tantas as lutas de extermínio e de ambição, que a própria Natureza pareceu maldizer para sempre os lugares que mereciam o amor e o carinho dos homens. As últimas Cruzadas foram dirigidas por Luís IX, o rei santo de França que, depois da tomada de Damietta, caiu em poder dos inimigos, pagando fabuloso resgate e vindo a desprender-se da vida terrestre em 1270, defronte de Túnis, vitimado pela peste. Os mensageiros de Jesus, que de todos os acontecimentos sabem extrair os fatores da evolução humana para o bem, buscam aproveitar a utilidade desses acontecimentos dolorosos. Foi por essa razão que as Cruzadas, não obstante o seu caráter anticristão, fizeram-se acompanhar de alguns benefícios de ordem econômica e social para todos os povos. Na Europa a sua influência foi regeneradora, enfraquecendo a tirania dos senhores feudais e renovando a solução dos problemas da propriedade, conjurando muitas lutas isoladas. Além disso, os seus movimentos intensificaram, sobremaneira, as relações do Ocidente com o Oriente, apenas paralisadas mais tarde, em vista da ferocidade dos turcos e dos invasores mongóis. **O ESFORÇO DOS EMISSÁRIOS DO CRISTO.** No Infinito, reúnem-se os emissários do Divino Mestre, em assembleias numerosas, sob a égide do seu pensamento misericordioso, organizando novos trabalhos para a evolução geral de todos os povos do planeta. Lamentam a inabilidade de muitos missionários do bem e do amor, que, partindo dos Espaços, saturados dos melhores e mais santos propósitos, experimentam no orbe a traição das próprias forças, influenciados pela imperfeição rude do meio a que foram conduzidos. Muitos deles se deixavam deslumbrar pelas riquezas efêmeras, mergulhando no oceano das vaidades dominadoras, estacionando nos caminhos evolutivos, e outros, como Luís IX, de França, excediam-se no poder e na autoridade, cometendo atos de quase selvajaria, cumprindo os seus sagrados deveres espirituais com poucos benefícios e amplos prejuízos gerais para as criaturas. Mas, compelidas pelas leis do amor que regem o Universo, essas entidades compassivas jamais negaram do Alto o seu desvelado concurso a favor do progresso dos povos, procurando aperfeiçoar as almas e guiando os missionários do Cristo através dos mais espinhosos caminhos. **POBREZA INTELECTUAL.** No século XIII estava definitivamente instalado o governo real, desaparecendo as mais fortes expressões do feudalismo. Cada região europeia tratava de concatenar todos os elementos precisos à organização de sua unidade política, mas a verdade é que os meios escassos de instrução não permitiam uma existência

intelectual mais avançada. Os Estados que se levantavam, organizavam as suas construções à sombra da Igreja, que tinha interesse em não dilatar os domínios da educação individual, receosa de interpretações que não fossem propriamente dela. Os pergaminhos custavam verdadeiras fortunas e o livro era dificilmente encontrado. Até o século XII as escolas estavam circunscritas ao ambiente dos mosteiros, onde muitos padres se ocupavam de avivar a letra dos manuscritos mais antigos, produzindo outros para a posteridade. A Ciência, cuja linha ascensional guarda o seu ponto de princípio na curiosidade ou na dúvida, bem como a Filosofia, que se constitui das mais altas indagações espirituais, estavam totalmente escravizadas à Teologia, então senhora absoluta de todas as atividades do homem, com poderes de vida e morte sobre as criaturas, considerando-se os direitos absurdos do Tribunal da Inquisição, depois do século XIII, quando, sob a inspiração do Alto, já se haviam fundado universidades importantes como as de Paris e de Bolonha, que serviram de modelo às de Oxford, Coimbra e Salamanca. **RENAASCIMENTO.** A esse tempo opera-se um verdadeiro renascimento na vida intelectual dos povos mais evoluídos do mundo europeu. A universidade se constituía de quatro faculdades - Teologia, Medicina, Direito e Artes - reunindo milhares de inteligências ávidas de ensino, que seriam os grandes elementos de preparação do porvir. Rogério Bacon, franciscano inglês, notável por seus estudos e iniciativas, é um dos pontos culminantes dessa renascença espiritual. A Igreja, contudo, proibindo o exame e a livre opinião, prejudicou esse surto evolutivo, máxime no capítulo da Medicina, que, desprezando a observação atenta de todos os fatos, se entregou à magia, com sérios prejuízos para as coletividades. Favorecida pela necessidade dos panoramas imponentes do culto externo da religião e pela fortuna particular, a Arquitetura foi a mais cultivada de todas as artes, em vista das grandes e numerosas construções então em voga. Com a influência indireta dos Guias espirituais dos vários agrupamentos de povos, consolidam-se as expressões linguísticas de cada país, formando-se as grandes tradições literárias de cada região. **TRANSMIGRAÇÃO DE POVOS.** É então que inúmeros mensageiros de Jesus, sob a sua orientação, iniciam largo trabalho de associação dos Espíritos, de acordo com as tendências e afinidades, a fim de formarem as nações do futuro, com a sua personalidade coletiva. A cada uma dessas nacionalidades seria cometida determinada missão no concerto dos povos futuros, segundo as determinações sábias do Cristo, erguendo-se as bases de um mundo novo, depois de tantos e tão continuados desastres da fraqueza humana. Constroem-se os alicerces dos grandes países como a Inglaterra, que, em 1258,

organiza os Estatutos de Oxford, limitando os poderes de Henrique III, e em 1265 erige a Câmara dos Comuns, onde a burguesia e as classes menos favorecidas têm a palavra com a Câmara dos Lordes. A Itália prepara-se para a sua missão de latinidade. A Alemanha se organiza. A Península Ibérica é imensa oficina de trabalho e a França ensaia os passos definitivos para a sabedoria e para a beleza. A atuação do mundo espiritual proporciona à história humana a perfeita caracterização da alma coletiva dos povos. Como os indivíduos, as coletividades também voltam ao mundo pelo caminho da reencarnação. É assim que vamos encontrar antigos fenícios na Espanha e em Portugal, entregando-se de novo às suas predileções pelo mar. Na antiga Lutécia, que se transformou na famosa Paris do Ocidente, vamos achar a alma ateniense nas suas elevadas indagações filosóficas e científicas, abrindo caminhos claros ao direito dos homens e dos povos. Andemos mais um pouco e acharemos na Prússia o espírito belicoso de Esparta, cuja educação defeituosa e transviada construiu o espírito detestável do pangermanismo na Alemanha da atualidade. Atravessemos a Mancha e deparar-se-nos-á na Grã-Bretanha a edibilidade romana, com a sua educação e a sua prudência, retomando de novo as rédeas perdidas do Império Romano, para beneficiar as almas que aguardaram, por tantos séculos, a sua proteção e o seu auxílio. **FIM DA IDADE MEDIEVAL.** Do plano invisível e em todos os tempos, os Espíritos abnegados acompanharam a Humanidade em seus dias de martírio e glorificação, lutando sempre pela paz e pelo bem de todas as criaturas. Referindo-nos, de escantilhão, à nobre figura de Joana d'Arc, que cumpriu elevada missão adstrita aos princípios de justiça e de fraternidade na Terra, e às guerras dolorosas que assinalaram o fim da idade medieval, registramos aqui, que, com as conquistas tenebrosas de Gêngis Khan e de Tamerlão e com a queda de Constantinopla, em 1453, que ficou para sempre em poder dos turcos, verificava-se o término da época medieval. Uma nova era despontava para a Humanidade terrestre, com a assistência contínua do Cristo, cujos olhos misericordiosos acompanham a evolução dos homens, lá dos arcanos do Infinito." (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XIX)

IV.3. Cristianismo e Renascimento

“RENAASCENÇA DO MUNDO. MOVIMENTOS REGENERADORES. Nos albores do século XV, quando a idade medieval estava prestes a extinguir-se, grandes assembleias espirituais se reúnem nas proximidades do planeta, orientando os movimentos renovadores que, em virtude das determinações do Cristo, deveriam encaminhar o mundo para uma nova era. Todo esse esforço de regeneração efetuava-se sob o

seu olhar misericordioso e compassivo, derramando sua luz em todos os corações. Mensageiros devotados reencarnam no orbe, para desempenho de missões carinhosas e redentoras. Na Península Ibérica, sob a orientação da personalidade de Henrique de Sagres, incumbido de grandes e proveitosas realizações, fundam-se escolas de navegadores que se fazem ao grande oceano, em busca de terras desconhecidas. Numerosos precursores da Reforma surgem por toda a parte, combatendo os abusos de natureza religiosa. Antigos mestres de Atenas reencarnaram na Itália, espalhando nos departamentos da pintura e da escultura as mais belas joias do gênio e do sentimento. A Inglaterra e a França preparam-se para a grande missão democrática que o Cristo lhes conferira. O comércio se desloca das águas estreitas do Mediterrâneo para as grandes correntes do Atlântico, procurando as estradas esquecidas para o Oriente. Jesus dirige essa renascença de todas as atividades humanas, definindo a posição dos vários países europeus, e investindo cada qual com determinada responsabilidade na estrutura da evolução coletiva do planeta. Para facilitar a obra extraordinária dessa imensa tarefa de renovação, os auxiliares do Divino Mestre conseguem ambientar na Europa antigas invenções e utilidades do Oriente, como a bússola para as experiências marítimas e o papel para a divulgação do pensamento. **MISSÃO DA AMÉRICA.** O Cristo localiza, então, na América as suas fecundas esperanças. O século XVI alvorece com a descoberta do novo continente, sem que os europeus, de modo geral, compreendessem, na época, a importância de semelhante acontecimento. As riquezas fabulosas da Índia deslumbram o espírito aventureiro daquele tempo, e as testas coroadas do Velho Mundo não entenderam a significação moral do continente americano. Os operários de Jesus, porém, abstraídos da crítica ou do aplauso do mundo, cumprem os seus grandes deveres no âmbito das novas terras. Sob a determinação superior, organizam as linhas evolutivas das nacionalidades que aí teriam de florescer no porvir. Nesse campo de lutas novas e regeneradoras, todos os espíritos de boa-vontade poderiam trabalhar pelo advento da paz e da fraternidade do futuro humano, e foi por isso que, laborando para os séculos porvindouros, definiram o papel de cada região no continente, localizando o cérebro da nova civilização no ponto onde hoje se alinham os Estados Unidos da América do Norte, e o seu coração nas extensões da terra farta e acolhedora onde floresce o Brasil, na América do Sul. Os primeiros guardam os poderes materiais; o segundo detém as primícias dos poderes espirituais, destinadas à civilização planetária do futuro. **O PLANO INVISÍVEL E A COLONIZAÇÃO DO NOVO MUNDO.** Após a descoberta da América, grande esforço de seleção espiritual foi levado a efeito no

seio das lutas europeias, no intuito de criar no Novo Mundo um outro sentido de evolução. Se os colonizadores da região americana, nos primeiros tempos, eram os degredados ou os proscritos das sociedades europeias, importa considerar que esses colonos não vinham tão somente das grandes capitais do antigo continente, na exclusiva observância do plano material. Do mundo invisível, igualmente, partiram caravanas inúmeras de almas de boa-vontade, que encarnaram nas terras novas, como filhos daqueles degredados muitas vezes perseguidos pela iniquidade da justiça dos homens. A esses Espíritos mais ou menos adiantados, aliaram-se numerosas entidades da Europa, cansadas das lutas inglórias de hegemonia e de ambição, buscando a redenção no esforço construtivo de uma nova pátria em bases sólidas de fraternidade e amor, originando-se, desse modo, entre os povos americanos, sentimentos mais elevados, quanto à compreensão da comunidade continental. Se reconhecemos na América a projeção espiritual da Europa, temos de convir que se trata de uma Europa mais sábia e mais experiente, não só quanto aos problemas da concórdia internacional e da solidariedade humana, como também em todas as questões que significam os verdadeiros bens da vida. **APOGEU DA RENASCENÇA.** Essa renascença, iniciada do Alto, clareou a Terra em todas as direções. A invenção da imprensa facultava o mais alto progresso no mundo das ideias, criando as mais belas expressões de vida intelectual. A literatura apresenta uma vida nova e as artes atingem culminâncias que a posteridade não poderia alcançar. Numerosos artífices da Grécia antiga, reencarnados na Itália, deixam traços indelévels da sua passagem, nos mármore preciosos. Há mesmo, em todos os departamentos das atividades artísticas, um pronunciado sabor da vida grega, anterior às disciplinas austeras do Catolicismo na idade medieval, cujas regras, aliás, atingiam rigorosamente apenas quem não fosse parte integrante do quadro das autoridades eclesiásticas. **RENASCENÇA RELIGIOSA.** A essas atividades reformadoras não poderia escapar a Igreja, desviada do caminho cristão. O plano invisível determina, assim, a vinda ao mundo de numerosos missionários com o objetivo de levar a efeito a renascença da religião, de maneira a regenerar os seus relaxados centros de força. Assim, no século XVI, aparecem as figuras veneráveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melancton e outros vultos notáveis da Reforma, na Europa Central e nos Países Baixos. Por ocasião dos primeiros protestos contra o fausto desmedido dos príncipes da Igreja, ocupava a cadeira pontifícia Leão X, cuja vida mundana impressionava desagradavelmente os espíritos sinceramente religiosos. Sob a sua direção criara-se, em 1518, o célebre “Livro das Taxas da Sagrada Chancelaria e da Sagrada Penitenciária Apostólica”, onde se encontrava estipulado o preço de

absolvição para todos os pecados, para todos os adultos, inclusive os crimes mais hediondos. Tais rebaiamentos da dignidade eclesiástica ambientaram as pregações de Lutero e seus companheiros de apostolado. De nada valeram as Perseguições e ameaças ao eminente frade agostiniano. Alguns historiadores enxergaram na sua missão uma simples expressão de despeito dos seus companheiros de comunidade, em face da preferência de Leão X encarregando os Dominicanos da pregação das indulgências. A verdade, contudo, é que o humilde filho de Eisleben tornara-se órgão da repulsa geral aos abusos da Igreja, no capítulo da imposição dogmática e da extorsão pecuniária. Os postulados de Lutero constituíram, antes de tudo, modalidade de combate aos absurdos romanos, sem representarem o caminho ideal para as verdades religiosas. Ao extremismo do abuso, respondia com o extremismo da intolerância, prejudicando a sua própria doutrina. Mas o seu esforço se coroou de notável importância para os caminhos do porvir. **A COMPANHIA DE JESUS.** Uma onda de claridades novas felicitava todas as consciências, mas os Espíritos tenebrosos e perversos, que mostraram ao europeu outras aplicações da pólvora, além daquelas que os chineses haviam enxergado na beleza dos fogos de artifício, inspiraram ao cérebro obcecado e doentio de Inácio de Loiola a fundação do jesuitismo, em 1534, colimando reprimir a liberdade das consciências. A Igreja, estendendo mão forte a essa ideia, inaugurava um dos períodos mais tristes da história ocidental. O Tribunal da Inquisição, com poderes de vida e morte nos países católicos, fez milhares e milhares de vítimas, ensombrando o caminho dos povos. Espetáculos sangrentos e detestáveis verificaram-se em quase todas as grandes cidades da Europa, os autos de fé acenderam horrendas fogueiras do Santo-Ofício, por toda parte onde existissem cérebros que pensassem e corações que sentissem. Instituiu-se a devassa de todos os institutos sociais e a violação de todos os lares. Na Espanha, queimavam o infeliz na praça pública; na França, tétrica noite causava pesadelos coletivos em matéria de fé; na Irlanda, muitos “fiéis” faziam questão de levar ao altar de Jesus a vela feita da gordura dos protestantes. **AÇÃO DO JESUITISMO.** A Companhia de Jesus, de nefasta memória, não procurava conhecer os meios, para cogitar tão somente dos fins imorais a que se propunha. Sua ação desdobrou-se por largos anos de treva, nos domínios da civilização ocidental, contribuindo amplamente para o atraso moral em que se encontra o “homem científico” dos tempos modernos. Suas hordas de predomínio, de cupidez e de ambição não martirizaram apenas o mundo secular. Também os padres sinceros sofreram largamente sob a sua preponderância nefasta. Tanto assim que, quando o papa Clemente XIV tentou extingui-la, em 1773, com

o seu breve “Dominus ac Redemptor”, exclamava desolado: – “Assino minha sentença de morte, mas obedeço à minha consciência”. Com efeito, em setembro de 1774, o grande pontífice entregava a alma a Deus, no meio dos mais horrorosos padecimentos, vitimado por um veneno letal que lhe apodreceu lentamente o corpo.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XX)

“ÉPOCA DE TRANSIÇÃO. AS LUTAS DA REFORMA. Debalde a Dieta de Worms, em 1521, condenara Lutero como herege, levando-o a refugiar-se em Wartburgo, porque as suas ideias libertárias acenderam uma nova luz, propagando-se com a rapidez de um incêndio. A Igreja começou a sofrer os golpes mais fortes e mais dolorosos, porque alguns príncipes ambiciosos se aproveitaram do movimento das massas, confiscando-lhe bens preciosos. Numerosos camponeses, empolgados pelos direitos do pensamento livre, iniciaram grande campanha contra a Igreja usurpadora, exigindo reformas agrárias e sociais, em nome do Evangelho. De 1521 a 1555, os centros cultos europeus viveram momentos de angustiosas expectativas nos bastidores da tragédia religiosa, mas, depois da Concordata de Augsburg, instituiu-se um regime da mais larga tolerância recíproca. O direito do exame livre, porém, dividiu a Reforma em vários departamentos religiosos, de acordo com a orientação pessoal de seus pregadores, ou das conveniências políticas do meio em que viviam. Na Alemanha era o Protestantismo, com os partidários dos princípios de Martinho Lutero; na Suíça e na França era o Calvinismo e, na Escócia, a Igreja Presbiteriana. Na Inglaterra, a questão veio a tornar-se mais grave. Henrique VIII, defensor extremado da fé católica, a princípio, por conveniência de caprichos pessoais tornou-se o chefe do poder político, assumindo a direção da Igreja Anglicana. Na França, os huguenotes se encontravam muito bem organizados, mas surgem as complicações de natureza política, e o gênio despótico de Catarina de Médicis ordena a matança de São Bartolomeu, no intuito de eliminar o almirante Coligny. O movimento sinistro, que durou 48 horas, começou em 24 de agosto de 1572, sofrendo a “Reforma” um dos seus mais amargos reveses. Somente em Paris e subúrbios, foram eliminadas três mil pessoas. Os mensageiros do Cristo deploram tão dolorosos acontecimentos, trabalhando por despertar a consciência geral, arrancando-a daquela alucinação de morticínio e sangue, mas precisamos considerar que cada homem, como cada coletividade, pode cumprir seus deveres ou agravar suas responsabilidades próprias, na esfera de sua liberdade relativa. **A INVENCÍVEL ARMADA.** As lutas na Europa, em todo o século XVI, longe de colimar um fim, dilatavam-se em guerras tenebrosas, mergulhando os povos do Velho Mundo num terrível círculo vicioso de reencarnações e resgates dolorosos. Como

se não bastassem as guerras religiosas, que trabalhavam o organismo europeu desde muitos anos, surge a figura de um príncipe fanático e cruel, na poderosa Espanha de então, complicando a existência política das coletividades europeias. As lutas de Filipe II, sucessor de Carlos V, prendiam-se, de algum modo, aos problemas da Reforma protestante; mas, acima de tudo, colocava ele a sua ambição e o seu despotismo. Animado com as vitórias sobre os turcos e os muçulmanos, procurou reprimir a liberdade política dos Países Baixos, encontrando a mais heroica resistência. Suas atividades maléficas, mascaradas com a defesa do Catolicismo, espalhavam-se por toda a parte, obrigando o plano espiritual a coibir-lhe os imensuráveis abusos do poder. Foi assim que, havendo organizado a Invencível Armada, no ano de 1588, composta de mais de uma centena de navios equipados com 2.000 canhões e 35.000 homens, a fim de atacar a Inglaterra sem motivo que justificasse semelhante agressão, viu essa poderosa esquadra destruída totalmente por uma tempestade aniquiladora. De conformidade com as providências do plano invisível, apenas aportaram às costas inglesas os espíritos pacíficos, compelidos pela força a participarem da armada destruída, e que foram lá recebidos generosamente, encontrando uma nova pátria. Se Henrique VIII havia errado como homem, o povo inglês estava preparado para o cumprimento de uma grande missão, e ao mundo espiritual competia trabalhar pela preservação dos seus patrimônios de liberdade política. **GUERRAS RELIGIOSAS.** A Europa, não obstante o amparo e a assistência dos abnegados mensageiros do Cristo, transportou-se ao século XVII no meio de lutas espantosas, agora agravadas com as tenebrosas criações do Tribunal da Penitência. Quase se pode afirmar que os únicos jesuítas dignos do nome de sacerdotes de Jesus foram aqueles que vieram para as regiões desconhecidas da América, no cumprimento dos mais nobres deveres de fraternidade humana, porque a quase totalidade da Companhia, no Velho Mundo, mergulhou num oceano de tricas políticas, muitas vezes rematadas em tragédias criminosas. As guerras de natureza religiosa estavam longe de terminar, dada a rebeldia de todos os elementos, e foi com penosos esforços que os emissários do Alto conduziram as coletividades europeias ao Tratado de Westphalia, em 1648, consolidando as vitórias do protestantismo, em face das imposições injustificáveis do jesuitismo. **A FRANÇA E A INGLATERRA.** A esse tempo, a França já se encontrava preparada para o cumprimento da sua grande missão junto aos povos, e, sob a influência do plano invisível, criavam-se os serviços benéficos da diplomacia. Nos bastidores da sua política administrativa, firmavam-se os princípios do absolutismo no trono, mas a sua grande alma coletiva, cheia de sentimento e generosidade, já

vislumbrava o precioso esforço que lhe competia no porvir. Ao seu lado, a Grã-Bretanha caminhava, a passos largos, para as mais nobres conquistas humanas. Extinta, em 1603, a dinastia dos Túdores, eleva-se ao trono o rei da Escócia, Jaime I. Desejando reviver os princípios absolutistas, o descendente dos Stuarts inaugurou um período de nefastas perseguições, o qual foi intensificado por seu filho Carlos I, cujas disposições políticas se constituíam das mais avançadas tendências para a tirania. Rompendo com o Parlamento e dissolvendo-o, vezes consecutivas, viu o povo da capital inglesa de armas na mão, em defesa dos seus representantes, ensejando uma guerra civil que durou vários anos e só terminada com a ação de Cromwell, que, de acordo com o Parlamento, estabelece a República da qual se torna o “Lorde Protetor”. Cromwell era um espírito valoroso, mas, embriagado com o vinho sinistro do despotismo, foi também um ditador vingativo, fanático e cruel. Depois da sua morte, em face da incapacidade política do filho, verifica-se a restauração do trono com os Stuarts. O governo destes teria, porém, pouca duração, porque os ingleses, desgostosos com a administração de Jaime II, e no seu tradicional amor à liberdade, chamam Guilherme de Orange ao poder. O Parlamento redige a famosa declaração de direitos, definindo a emancipação do povo e limitando os poderes reais, elevando-se ao trono Guilherme III com a revolução de 1688. A Inglaterra havia cumprido um dos seus mais nobres deveres, consolidando as fórmulas do parlamentarismo, porque assim todas as classes eram chamadas à cooperação e fiscalização dos governos. **REFÚGIO DA AMÉRICA.** Considerando o movimento das responsabilidades gerais e isoladas, o plano invisível, sob a orientação de Jesus, conduzia para a América todos os Espíritos sinceros e trabalhadores, que não necessitassem de reencarnações no mundo europeu, onde indivíduos e coletividades se prendiam, cada vez mais, na cadeia das existências de provações expiatórias. Para o hemisfério do Novo Mundo afluíam todas as entidades conclamadas à organização do progresso futuro. Muitas dessas personalidades haviam adquirido o senso da fraternidade e da paz, depois de muitas lutas no antigo continente. Exaustas de procurar a felicidade nos limites estreitos dos sentimentos exclusivistas, sentiam no íntimo as generosas florações de reformas edificantes, compreendendo a verdadeira solidariedade, na comunidade universal. Foi por essa razão que, desde os seus primórdios, as organizações políticas do continente americano se tornaram, baluartes de paz e de fraternidade para o orbe inteiro. É que a permanência no seu solo e nas luzes ocultas do seu clima social era considerada por todos os Espíritos como uma bênção de Deus, em face das sucessivas inquietações europeias. **OS ENCICLOPEDISTAS.**

O século XVIII iniciou-se entre lutas igualmente renovadoras, mas elevados Espíritos da Filosofia e da Ciência, reencarnados particularmente na França, iam combater os erros da sociedade e da política, fazendo soçobrar os princípios do direito divino, em nome do qual se cometiam todas as barbaridades. Vamos encontrar nessa plêiade de reformadores os vultos veneráveis de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, D'Alembert, Diderot, Quesnay. Suas lições generosas repercutem na América do Norte, como em todo o mundo. Entre cintilações do sentimento e do gênio, foram eles os instrumentos ativos do mundo espiritual, para regeneração das coletividades terrestres. Historiadores há que, numa característica mania de sensacionalismo, não se pejam de vir a público asseverar que esses espíritos estudiosos e sábios se encontravam a soldo de Catarina II da Rússia, e dos príncipes da Prússia, contra a integridade da França; mas, semelhantes afirmativas representam injúrias caluniosas que apenas afetam os que as proferem, porque foi dos sacrifícios desses corações generosos que se fez a fagulha divina do pensamento e da liberdade, substância de todas as conquistas sociais de que se orgulham os povos modernos. **A INDEPENDÊNCIA AMERICANA.** As ideias nobilitantes dos autores da Enciclopédia e das novas teorias sociais haviam encontrado o mais franco acolhimento nas colônias inglesas da América do Norte, organizadas e educadas no espírito de liberdade da pátria do parlamentarismo. O mundo invisível aproveita, desse modo, a grande oportunidade, deliberando executar nas terras novas os grandes princípios democráticos pregados pelos filósofos e pensadores do século XVIII. E enquanto a Inglaterra desrespeita, para com as suas colônias, o grande princípio por ela próprio firmado, de que “ninguém deve pagar contribuições sem as ter votado”, os americanos resolvem proclamar a sua independência política. Depois de alguns incidentes com a metrópole, celebram a sua emancipação em 4 de julho de 1776, organizando-se, posteriormente, a Constituição de Filadélfia, modelo dos códigos democráticos do porvir.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XXI)

“A REVOLUÇÃO FRANCESA. A FRANÇA NO SÉCULO XVIII. A independência americana acendera o mais vivo entusiasmo no ânimo dos franceses, humilhados pelas mais prementes dificuldades, depois do extravagante reinado de Luís XV. O luxo desenfreado e os abusos do clero e da nobreza, em proporções espantosas, haviam ambientado todas as ideias livres e nobres dos enciclopedistas e dos filósofos, no coração torturado do povo. A situação das classes proletárias e dos lavradores caracterizava-se pela mais hedionda miséria. Os impostos aniquilavam todos os centros de produção, salientando-se que os nobres e os padres estavam isentos desses deveres. Desde 1614, não mais

se haviam reunido os Estados-Gerais, fortalecendo-se, cada vez mais, o absolutismo monárquico. De nada valera o esforço de Luís XVI convidando os espíritos mais práticos e eminentes para colaborar na sua administração, como Turgot e Malesherbes. O bondoso monarca, que tudo fazia para reerguer a realza de sua queda lamentável, em virtude dos excessos do seu antecessor no trono, mal sabia, na sua pouca experiência dos homens e da vida, que uma era nova começava para o mundo político do Ocidente, com transformações dolorosas que lhe exigiriam a própria vida. Reunidos em maio de 1789 os Estados-Gerais, em Paris, explodiram os maiores desentendimentos entre os seus membros, não obstante a boa vontade e a cooperação de Necker, em nome do Rei. Transformada a reunião em Assembleia Constituinte, precedida de numerosos incidentes, inicia-se a revolução instigada pela palavra de Mirabeau. **ÉPOCA DE SOMBRAS.** Derrubada a Bastilha em 14 de julho de 1789 e após a célebre Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, uma série de reformas se verifica em todos os departamentos da vida social e política da França. Aquelas renovações, todavia, preludiavam os mais dolorosos acontecimentos. Famílias numerosas aproveitavam a trégua, buscando o acolhimento de países vizinhos, e o próprio Luís XVI tentou atravessar a fronteira, sendo preso em Varenas e reconduzido a Paris. Um mundo de sombras invadia as consciências da França generosa, chamada, naquela época, pelo plano espiritual, ao cumprimento de sagrada missão junto à Humanidade sofredora. Cabia-lhe tão somente aproveitar as conquistas inglesas, no sentido de quebrar o cetro da realza absoluta, organizando um novo processo administrativo na renovação dos organismos políticos do orbe, de acordo com as sábias lições dos seus filósofos e pensadores. Todavia, se alguns Espíritos se encontravam preparados para a jornada heroica daquele fim de século, muitas outras personalidades, infelizmente, espreitavam na treva o momento psicológico para saciar a sede de sangue e de poder. Foi assim que, depois de muitas figuras notáveis dos primórdios revolucionários, surgiram espíritos tenebrosos, como Robespierre e Marat. A volúpia da vitória generalizou uma forte embriaguez de morticínio no ânimo das massas, conduzindo-as aos mais nefastos acontecimentos. **CONTRA OS EXCESSOS DA REVOLUÇÃO.** A Revolução Francesa, desse modo, foi combatida imediatamente pelas outras nacionalidades da Europa, que, sob a orientação de Pitt, Ministro da Inglaterra, sustentaram contra ela, e por largos anos, uma luta de morte. A Convenção Nacional, apesar das garantias que a Constituição de 1791 oferecia à pessoa do Rei, decretou-lhe a morte na guilhotina, verificando-se a execução aos 21 de janeiro de 1793, no local da atual Praça da Concórdia. Em vão, tenta Luís XVI justificar sua inocência ao povo de Paris, antes que o carrasco

lhe decepasse a cabeça. As palavras mais sinceras afluem-lhe aos lábios, suplicando a atenção dos súditos, numa onda de lágrimas e de sentimentos que lhe burburinhavam no coração, não obstante a sua calma aparente. Renovam-se as ordens aos guardas do cadafalso e rufam os tambores com estrépito, abafando as suas afirmativas. A França atraía para si as mais dolorosas provações coletivas nessa torrente de desastrosos. Com a influência inglesa, organiza-se a primeira coligação europeia contra o nobre país. Mas, não somente nos gabinetes administrativos da Europa se processavam providências reparadoras. Também no mundo espiritual reúnem-se os gênios da latinidade, sob a bênção de Jesus, implorando a sua proteção e misericórdia para a grande nação transviada. Aquela que fora a corajosa e singela filha de Domrémy volta ao ambiente da antiga pátria, à frente de grandes exércitos de Espíritos consoladores, confortando as almas aflitas e aclarando novos caminhos. Numerosas caravanas de seres flagelados, fora do cárcere material, são por ela conduzidos às plagas da América, para as reencarnações regeneradoras, de paz e de liberdade. **O PERÍODO DO TERROR.** A lei das compensações é uma das maiores e mais vivas realidades do Universo. Sob as suas disposições sábias e justas, a cidade de Paris teria de ser, ainda por muito tempo, o teatro de trágicos acontecimentos. Foi assim que se instalou o hediondo tribunal revolucionário e a chamada junta de salvação pública, com os mais sinistros espetáculos do patíbulo. A consciência da França viu-se envolvida em trevas espessas. A tirania de Robespierre ordenou a matança de numerosos companheiros e de muitos homens honestos e dignos. Erradamente, Carlota Corday entregou-se ao crime na residência de Marat, com o propósito de restituir a liberdade ao povo de sua terra e expiando o seu ato extremo com a própria vida. Ocasionalmente houve em que subiram ao cadafalso mais de vinte pessoas por dia, mas Robespierre e seus sequazes não tardaram muito a subir igualmente os degraus do patíbulo, em face da reação das massas anônimas e sofredoras. **A CONSTITUIÇÃO.** Depois de grandes lutas com o predomínio das sombras, conseguem os gênios da França inspirar aos seus homens públicos a Constituição de 1795. Os poderes legislativos ficavam entregues ao “Conselho dos quinhentos” e ao “Conselho dos anciãos”, ficando o poder executivo confiado a um Diretório composto de cinco membros. Estabelece-se dessa forma uma trégua de paz, aproveitada na reconstrução de obras notáveis do pensamento. Os centros militares lutavam contra os propósitos de invasão de outras potências europeias, cujos tronos se sentiam ameaçados na sua estabilidade, em face do advento das novas ideias do liberalismo, e os políticos se entregavam a uma vasta operosidade de edificação, vingando nesse esforço as mais nobres realizações. Contudo, a França,

depois dos seus desvarios de liberdade, estava ameaçada de invasão e desmembramento. Povos existem, porém, que se fazem credores da assistência do Alto, no cumprimento de suas elevadas obrigações junto de outras coletividades do planeta. Assim, com atribuições de missionário, foi Napoleão Bonaparte, filho de obscura família corsa, chamado às culminâncias do poder. **NAPOLEÃO BONAPARTE.** O humilde soldado corso, destinado a uma grande tarefa na organização social do século XIX, não soube compreender as finalidades da sua grandiosa missão. Bastaram as vitórias de Árcole e de Rívoli, com a paz de Campoformio, em 1797, para que a vaidade e a ambição lhe ensombrassem o pensamento. A expedição ao Egito, muito antes de Waterloo, assinalava para o mundo espiritual a pouca eficácia do seu esforço, considerado o espírito de orgulho e de imperialismo que predominou nas suas energias transformadoras. Assediado pelo sonho de domínio absoluto, Napoleão foi uma espécie de Maomet transviado, da França do liberalismo. Assim como o profeta do Islã pouco se aproximara do Evangelho, que a sua ação deveria validar, também as atividades de Napoleão pouco se aproximaram das ideias generosas que haviam conduzido o povo francês à revolução. Sua história está igualmente cheia de traços brilhantes e escuros, demonstrando que a sua personalidade de general se manteve oscilante entre as forças do mal e do bem. Com as suas vitórias, garantia a integridade do solo francês, mas espalhava a miséria e a ruína no seio de outros povos. No cumprimento da sua tarefa, organizava-se o Código Civil, estabelecendo as mais belas fórmulas do direito, mas difundiam-se a pilhagem e o insulto à sagrada emancipação de outros, com o movimento dos seus exércitos na absorção e anexação de vários povos. Sua frente de soldado pode ficar laureada, para o mundo, de tradições gloriosas, e verdade é que ele foi um missionário do Alto, embora traído em suas próprias forças; mas, no Além, seu coração sentiu melhor a amplitude das suas obras, considerando providencial a pouca piedade da Inglaterra que o exilou em Santa Helena após o seu pedido de amparo e proteção. Santa Helena representou para o seu espírito o prólogo das mais dolorosas e mais tristes meditações, na vida do Infinito. **ALLAN KARDEC.** A ação de Bonaparte, invadindo as searas alheias com o seu movimento de transformação e conquistas, fugindo à finalidade de missionário da reorganização do povo francês, compeliu o mundo espiritual a tomar enérgicas providências contra o seu despotismo e vaidade orgulhosa. Aproximavam-se os tempos em que Jesus deveria enviar ao mundo o Consolador, de acordo com as suas auspiciosas promessas. Apelos ardentes são dirigidos ao Divino Mestre, pelos gênios tutelares dos povos terrestres. Assembleias numerosas se reúnem e confraternizam nos espaços, nas esferas mais próximas da

Terra. Um dos mais lúcidos discípulos do Cristo baixa ao planeta, compenetrado de sua missão consoladora, e, dois meses antes de Napoleão Bonaparte sagrar-se imperador, obrigando o papa Pio VII a coroá-lo na igreja de Notre Dame, em Paris, nascia Allan Kardec, aos 3 de outubro de 1804, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus-Cristo.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XXII)

IV.4. Cristianismo e Espiritismo

“O SÉCULO XIX. DEPOIS DA REVOLUÇÃO.

Afastado Napoleão dos movimentos políticos da Europa, adotam-se no Congresso de Viena, em 1815, as mais vastas providências para o ressurgimento dos povos europeus. A diplomacia realiza memoráveis feitos, aproveitando as dolorosas experiências daqueles anos de extermínio e de revolução. Luís XVIII, conde de Provença, irmão de Luís XVI, é reposto no trono francês, restabelecendo-se naquela mesma época antigas dinastias. Também a Igreja é contemplada no grande inventário, restituindo-se-lhe os Estados onde fundara o seu reino perecível. Um sopro de paz reanima aquelas coletividades esgotadas na luta fratricida, ensinando a intervenção indireta das forças invisíveis na reconstrução patrimonial dos grandes povos. Muitas reformas, porém, se haviam verificado após os movimentos sanguinolentos iniciados em 89. Mormente na França, semelhantes renovações foram mais vastas e numerosas. Além de se beneficiar o governo de Luís XVIII com as imitações do sistema inglês, vários princípios liberais da Revolução foram adotados, tais como a igualdade dos cidadãos perante a lei, a liberdade de cultos, estabelecendo-se, a par de todas as conquistas políticas e sociais, um regime de responsabilidade individual no mecanismo de todos os departamentos do Estado. A própria Igreja, habituada a todas as arbitrariedades na sua feição dogmática, reconheceu a limitação dos seus poderes junto das massas, resignando-se com a nova situação. **INDEPENDÊNCIA POLÍTICA DA AMÉRICA.** A maioria dos povos do planeta, acompanhando o curso dos acontecimentos, procurou eliminar os últimos resquícios do absolutismo dos tronos, aproximando-se dos ideais republicanos ou instituindo o regime constitucional, com a restrição de poderes dos soberanos. A América, destinada a receber as sagradas experiências da Europa, para a civilização do futuro, busca aplicar os grandes princípios dos filósofos franceses à sua vida política, caminhando para a mais perfeita emancipação. Seguindo o exemplo das colônias inglesas, os quatro vice-reinados da Espanha procuraram lutar pela sua independência. No México os patriotas não toleraram outra soberania além da própria e, no Sul, com a ação de Bolívar e com as deliberações do Congresso de Tucumã, em

1816, proclamava-se a liberdade política das províncias da América Meridional. O Brasil, em 1822, erguia igualmente o seu brado de emancipação com Pedro I, sendo digno de notar-se o esforço do plano invisível na manutenção da sua integridade territorial, quando toda a zona sul do continente se fracionava em pequenas repúblicas, atento à missão do povo brasileiro na civilização do porvir. **ALLAN KARDEC E OS SEUS COLABORADORES.** O século XIX desenrolava uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para as reformas úteis e preciosas. As lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela Humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações. Allan Kardec, todavia, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma plêiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX. A Ciência, nessa época, desfere os voos soberanos que a conduziram às culminâncias do século XX. O progresso da arte tipográfica consegue interessar todos os núcleos de trabalho humano, fundando-se bibliotecas circulantes, revistas e jornais numerosos. A facilidade de comunicações, com o telégrafo e as vias férreas, estabelece o intercâmbio direto dos povos. A literatura enche-se de expressões notáveis e imorredouras. O laboratório afasta-se definitivamente da sacristia, intensificando as comodidades da civilização. Constrói-se a pilha de coluna, descobre-se a indução magnética, surgem o telefone e o fonógrafo. Aparecem os primeiros sulcos no campo da radiotelegrafia, encontra-se a análise espectral e a unidade das energias físicas da Natureza. Estuda-se a teoria atômica e a fisiologia assenta bases definitivas com a anatomia comparada. As artes atestam uma vida nova. A pintura e a música denunciam elevado sabor de espiritualidade avançada. A dádiva celestial do intercâmbio entre o mundo visível e o invisível chegou ao planeta nessa onda de claridades inexprimíveis. Consolador da Humanidade, segundo as promessas do Cristo, o Espiritismo vinha esclarecer os homens, preparando-lhes o coração para o perfeito aproveitamento de tantas riquezas do Céu. **AS CIÊNCIAS SOCIAIS.** O campo da Filosofia não escapou a essa torrente renovadora. Aliando-se às ciências físicas, não toleraram as ciências da alma o ascendente dos dogmas absurdos da Igreja. As confissões cristãs, atormentadas e divididas, viviam nos seus templos um combate de morte. Longe de exemplificarem aquela fraternidade do Divino Mestre, entregavam-se a todos os excessos do espírito de seita. A Filosofia recolheu-se, então, no seu negativismo transcendente, aplicando às suas manifestações os mesmos princípios da ciência racional e materialista.

Schopenhauer é uma demonstração eloquente do seu pessimismo e as teorias de Spencer e de Comte esclarecem as nossas assertivas, não obstante a sinceridade com que foram lançadas no vasto campo das ideias. A Igreja Romana era culpada de semelhantes desvios. Dominando a ferro e fogo, conchegada aos príncipes do mundo, não tratara de fundar o império espiritual dos corações à sua sombra acolhedora. Longe da exemplificação do Nazareno, amontoara todos os tesouros inúteis, intensificando as necessidades das massas sofredoras. Exortava, antes de dar, conservando a ignorância em vez de espalhar a luz do conhecimento.

A TAREFA DO MISSIONÁRIO. A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas. Atento à missão de concórdia e fraternidade da América, o plano invisível localizou aí as primeiras manifestações tangíveis do mundo espiritual, no famoso lugarejo de Hydesville, provocando os mais largos movimentos de opinião. A fagulha partira das plagas americanas, como partira igualmente delas a consolidação das conquistas democráticas. A Europa busca ambientar as ideias novas e generosas, que encontram o discípulo no seu posto de oração e vigilância, pronto a atender aos chamamentos do Senhor. Numerosos cooperadores diretos da sua tarefa auxiliam-lhe o esforço sagrado, desdobrando-lhe as sínteses em gloriosos complementos. O orbe, com as suas instituições sociais e políticas, havia atingido um período de grandiosas transformações, que requeriam mais de um século de lutas dolorosas e remissoras, e o Espiritismo seria a essência dessas conquistas novas, reconduzindo os corações ao Evangelho suave do Cristianismo. **PROVAÇÕES COLETIVAS NA FRANÇA.** Cumpre-nos assinalar as dolorosas provas da França, depois dos seus excessos na Revolução e nas campanhas napoleônicas. Depois das revoluções de 1830 e 1848, mediante as quais se efetuam penosos resgates por parte dos indivíduos e das coletividades, surge a guerra franco-prussiana de 1870. A grande nação latina, por causas somente conhecidas no plano espiritual, é esmagada e vencida pela orgulhosa Alemanha de Bismarck, que, por sua vez, embriagada e cega no triunfo, ia fazer jus às dores amargas de 1914 -1918. Paris, que assistira com certa indiferença às dores dos condenados do Terror, comparando aos espetáculos tenebrosos do cadafalso e aplaudindo os opressores, sofre miséria e janeiro de 1871. As imposições políticas do imperador Guilherme, em Versalhes, e as amarguras coletivas do povo francês nos dias da derrota, significam o resgate dos desvios da grande nação latina. **PROVAÇÕES DA IGREJA.** Aproximando-se o ano de 1870, que assinalaria a falência da Igreja com a declaração da infalibilidade papal, o Catolicismo experimenta provações

amargas e dolorosas. Exaustos de suas imposições, todos os povos cultos da Europa não enxergaram nas suas instituições senão escolas religiosas, limitando-se-lhes as finalidades educativas e controlando-se-lhes o mecanismo de atividades. Compreendendo que o Cristo não tratara de açambarcar nenhum território do Globo, os italianos, naturalmente, reclamaram os seus direitos no capítulo das reivindicações, procurando organizar a unidade da Itália sem a tutela do Vaticano. Desde 1859, estabelecera-se a luta, que foi por muito tempo prolongada em vista da decisão da França, que manteve todo um exército em Roma para garantia do pontífice da Igreja. Mas a situação de 1870 obrigara o povo francês a reclamar a presença dos guardas do Vaticano, triunfando as ideias de Cavour e privando-se o papa de todos os poderes temporais, restringindo-se a sua posse material. Começa, com Pio IX, a grande lição da Igreja. O período das grandes transformações estava iniciado, e ela, que sempre ditara ordens aos príncipes do mundo, na sua sede de domínio, iria tornar-se instrumento de opressão nas mãos dos poderosos. Observava-se um fenômeno interessante. A Igreja, que nunca se lembrara de dar um título real à figura do Cristo, assim que viu desmoronarem-se os tronos do absolutismo com as vitórias da República e do Direito, construiu a imagem do Cristo-Rei para o cume dos seus altares.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XXIII)

“O ESPIRITISMO E AS GRANDES TRANSIÇÕES. A EXTINÇÃO DO CATIVEIRO. O século XIX caracteriza-se por suas numerosas conquistas. A par dos grandes fenômenos de evolução científica e industrial que o abalaram, observam-se igualmente acontecimentos políticos de suma importância, renovando as concepções sociais de todos os povos da raça branca. Um desses grandes acontecimentos é a extinção do cativo. Cumprindo as determinações do Divino Mestre, seus mensageiros do plano invisível laboram junto aos gabinetes administrativos, de modo a facilitar a vitória da liberdade. As decisões do Congresso de Viena, reprovando o tráfico de homens livres, encontrara funda repercussão em todos os países. Em 1834, o parlamento inglês resolve abolir a escravidão em todas as colônias da Grã-Bretanha. Em 1850, o Brasil suprime o tráfico africano. Na revolta de 1848, a França delibera a extinção do cativo em seus territórios. Em 1861, Alexandre II da Rússia declarava livres todos os camponeses que trabalhavam sob o regime da escravidão, e, de 1861 a 1865, uma guerra nefanda devasta o solo hospitaleiro dos Estados Americanos do Norte, na luta da secessão, que termina com a vitória da liberdade e das ideias progressistas da grande nação da América. **O SOCIALISMO.** Grandes ideias florescem na mentalidade de então. Ressurgem, aí, as antigas doutrinas da igualdade absoluta. Aparece o socialismo propondo

reformas viscerais e imediatas. Alguns idealistas tocam a Utopia de Thomas More, ou a República perfeita, idealizada por Platão. Fundam-se as alianças de anarquismo, as sociedades de caráter universal. Uma revolução sociológica de consequências imprevisíveis ameaça a estabilidade da própria civilização, condenando-a à destruição mais completa. O fim do século que passou é o cenário vastíssimo dessas lutas inglórias. Todas as ciências sociais são chamadas aos grandes debates levados a efeito entre o capitalismo e o trabalho. Onde se encontram, porém, as forças morais capazes de realizar o grande milagre da elucidação de todos os espíritos? A Igreja Romana, que nutria a civilização ocidental desde o seu berço, era, por força das circunstâncias, a entidade indicada para resolver o grande problema. Todavia, após as afirmativas do Silabo e depois do famoso discurso do bispo Strossmayer, em 1870, no Vaticano, quando Pio IX decretava a infalibilidade pontifícia, semelhante equação era muito difícil por parte da Igreja. Entretanto, Leão XIII vem ao campo da luta com a encíclica “Rerum Novarum”, tentando conciliar o braço e o capital, apontando a cada qual os seus mais sagrados deveres. Se o efeito desse documento teve considerável importância para as classes mais cultas do Velho e do Novo Mundo, tanto não se deu com as classes mais desfavorecidas, fartas de palavras. **RESTABELECENDO A VERDADE.** O Espiritismo vinha, desse modo, na hora psicológica das grandes transformações, alentando o espírito humano para que se não perdesse o fruto sagrado de quantos trabalharam e sofreram no esforço penoso da civilização. Com as provas da sobrevivência, vinha reabilitar o Cristianismo que a Igreja deturpara, semeando, de novo, os eternos ensinamentos do Cristo no coração dos homens. Com as verdades da reencarnação, veio explicar o absurdo das teorias igualitárias absolutas, cooperando na restauração do verdadeiro caminho do progresso humano. Enquadrando o socialismo nos postulados cristãos, não se ilude com as reformas exteriores, para concluir que a única renovação apreciável é a do homem íntimo, célula viva do organismo social de todos os tempos, pugnando pela intensificação dos movimentos educativos da criatura, à luz eterna do Evangelho do Cristo. Ensinando a lei das compensações no caminho da redenção e das provas do indivíduo e da coletividade, estabelece o regime da responsabilidade, em que cada espírito deve enriquecer a catalogação dos seus próprios valores. Não se engana com as utopias da igualdade absoluta, em vista dos conhecimentos da lei do esforço e do trabalho individual, e não se transforma em instrumento de opressão dos magnatas da economia e do poder, por consciente dos imperativos da solidariedade humana. Despreocupado de todas as revoluções, porque somente a evolução é o seu campo de atividade e de

experiência, distante de todas as guerras pela compreensão dos laços fraternos que reúnem a comunidade universal, ensina a fraternidade legítima dos homens e das pátrias, das famílias e dos grupos, alargando as concepções da justiça econômica e corrigindo o espírito exaltado das ideologias extremistas. Nestes tempos dolorosos em que as mais penosas transições se anunciam ao espírito do homem, só o Espiritismo pode representar o valor moral onde se encontre o apoio necessário à edificação do porvir. Enquanto os utopistas da reforma exterior se entregam à tutela de ditadores impiedosos, como os da Rússia e da Alemanha, em suas sinistras aventuras revolucionárias, prossegue ele, o Espiritismo, a sua obra educativa junto das classes intelectuais e das massas anônimas e sofredoras, preparando o mundo de amanhã com as luzes imorredouras da lição do Cristo. **DEFECÇÃO DA IGREJA CATÓLICA.** Desde 1870, ano que assinalou para o homem a decadência da Igreja, em virtude da sua defecção espiritual no cumprimento dos grandes deveres que lhe foram confiados pelo Senhor, nos tempos apostólicos, um período de transições profundas marca todas as atividades humanas. Em vão o mundo esperou as realizações cristãs, iniciadas no império de Constantino. Aliada do Estado e vivendo à mesa dos seus interesses econômicos, a Igreja não cuidou de outra coisa que não fosse o seu reino perecível. Esquecida de Deus, nunca procurou equiparar a evolução do homem físico à do homem espiritual, prendendo-se a interesses rasteiros e mesquinhos da política temporal. É por isso que agora lhe pairam sobre a frente os mais sinistros vaticínios. **LUTAS RENOVADORAS.** O século XX surgiu no horizonte do Globo, qual arena ampla de lutas renovadoras. As teorias sociais continuam seu caminho, tocando muitas vezes a curva tenebrosa do extremismo, mas as revelações do além-túmulo descem às almas, como orvalho imaterial, preludiando a paz e a luz de uma nova era. Numerosas transformações são aguardadas e o Espiritismo esclarece os corações, renovando a personalidade espiritual das criaturas para o futuro que se aproxima. As guerras russo-japonesa e a europeia de 1914-1918 foram pródromos de uma luta maior, que não vem muito longe, e dentro da qual o planeta alijará todos os Espíritos rebeldes e galvanizados no crime, que não souberam aproveitar a dádiva de numerosos milênios, no patrimônio sagrado do tempo. Então a Terra, como aquele mundo longínquo da Capela, ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal, porque o homem da radiotelegrafia e do transatlântico precisa de alma e sentimento, a fim de não perverter as sagradas conquistas do progresso. Ficarão no mundo os que puderem compreender a lição do amor e da fraternidade sob a égide de Jesus, cuja misericórdia é o verbo de vida e luz, desde o princípio. Época de lutas amargas,

desde os primeiros anos deste século a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre. **A AMÉRICA E O FUTURO.** Embora compelida a participar das lutas próximas, pelo determinismo das circunstâncias de sua vida política, a América está destinada a receber o cetro da civilização e da cultura, na orientação dos povos porvindouros. Em torno dos seus celeiros econômicos, reunir-se-ão as experiências europeias, aproveitando o esforço penoso dos que tombaram na obra da civilização do Ocidente para a edificação do homem espiritual, que há de sobrepor-se ao homem físico do planeta, no pleno conhecimento dos grandes problemas do ser e do destino. Para esse desiderato grandioso, apresta-se o plano espiritual, no afã de elucidação dos nobres deveres continentais. O esforço sincero de cooperação no trabalho e de construção da paz não é aí uma utopia, como na Europa saturada de preconceitos multisseculares. Nos campos exuberantes do continente americano estão plantadas as sementes de luz da árvore maravilhosa da civilização do futuro. **JESUS.** Há no mundo um movimento inédito de armamentos e munições. Teria começado neste momento? Não. A corrida armamentista do século XX começou antes da luta de Porto Artur, em 1904. As indústrias bélicas atingem culminâncias imprevistas. Os campos estão despovoados. Os homens se recolheram às zonas de concentração militar, esperando o inimigo, sem saber que o adversário está em seu próprio espírito. A Europa e o Oriente constituem um campo vasto de agressão e terrorismo, com exceção das Repúblicas Democráticas, que se veem obrigadas a grandes programas de rearmamento, em face do Moloque do extremismo. Onde os valores morais da Humanidade? As igrejas estão amordaçadas pelas injunções de ordem econômica e política. Somente o Espiritismo, prescindindo de todas as garantias terrenas, executa o esforço tremendo de manter acesa a luz da crença, nesse barco frágil do homem ignorante do seu glorioso destino, barco que ameaça voltar às correntes da força e da violência, longe das plagas iluminadas da Razão, da Cultura e do Direito. Convenhamos em que o esforço do Espiritismo é quase superior às suas próprias forças, mas o mundo não está à disposição dos ditadores terrestres. Jesus é o seu único diretor no plano das realidades imortais, e agora que o mundo se entrega a todas as expectativas angustiosas, os espaços mais próximos da Terra se movimentam a favor do restabelecimento da verdade e da paz, a caminho de uma nova era. Espíritos abnegados e esclarecidos falam-nos de uma nova

reunião da comunidade das potências angélicas do sistema solar, da qual é Jesus um dos membros divinos. Reunir-se-á, de novo, a sociedade celeste, pela terceira vez, na atmosfera terrestre, desde que o Cristo recebeu a sagrada missão de abraçar e redimir a nossa Humanidade, decidindo novamente sobre os destinos do nosso mundo. Que resultará desse conclave dos Anjos do Infinito? Deus o sabe. Nas grandes transições do século que passa, aguardemos o seu amor e a sua misericórdia.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XXIV)

“O EVANGELHO E O FUTURO. Um modesto esboço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta. Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição d’Aquele que é a Luz do princípio. Nos primórdios da Humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a sua maioria espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas. Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliares do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos. O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas. Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada. Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade. Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento. É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelefonia, que ligam todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis da solidariedade humana, vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento,

enquanto os povos se preparam para o extermínio e para a destruição. É ainda por isso que, em nome do Evangelho, se perpetram todos os absurdos nos países ditos cristãos. A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar. Na França temos a guilhotina, a força na Inglaterra, o machado na Alemanha e a cadeira elétrica na própria América da fraternidade e da concórdia, isto para nos referirmos tão somente às nações supercivilizadas do planeta. A Itália não realizou a sua agressão à Abissínia, em nome da civilização cristã do Ocidente? Não foi em nome do Evangelho que os padres italianos abençoaram os canhões e as metralhadoras da conquista? Em nome do Cristo espalharam-se, nestes vinte séculos, todas as discórdias e todas as amarguras do mundo. Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos “ais” do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade. O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível. Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo. A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício. Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça. O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor. Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que reberarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas. Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir. Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e

ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos. Todavia, os operários humildes do Cristo ouçamos a sua voz no âmago de nossa alma: “Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus!” Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado. Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências. Todos somos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido. Revendo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.” (EMM, *A caminho da luz*, Capítulo XXV)

V Dogmatismo das religiões

V.1. Aliança da religião com a ciência: fé cega ou fé raciocinada?

“ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO. 8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus*, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância. São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de

ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos. A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo. Mas, nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. Fáceis são de prever as consequências: acarretará para as relações sociais inevitáveis modificações, às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e derivam da lei do progresso, que é lei de Deus.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS. PODER DA FÉ. 1. *Quando ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar. - Jesus respondeu, dizendo: Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui esse menino. - E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. - Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio? - Respondeu-lhes Jesus: Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível.* (S. MATEUS, 17:14 a 20) **2.** No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Aqui, porém, unicamente no sentido moral se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé desloca são as

dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer. **3.** Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Num como noutro caso, pode ela dar lugar a que se executem grandes coisas. A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo. **4.** Cumpre não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos. **5.** O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XIX)

“A FÉ RELIGIOSA. CONDIÇÃO DA FÉ INABALÁVEL. 6. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser *raciocinada* ou *cega*. Nada

examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Em assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que *o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana*. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; *preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*.

7. Diz-se vulgarmente que *a fé não se prescreve*, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, *nem*, o que ainda é mais certo, *se impõe*. Não; ela se adquire e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que cumpre ir-lhe ao encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la. Tende, pois, como certo que os que dizem: “Nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos”, apenas de lábios o dizem e não do íntimo, porquanto, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, chovem-lhes ao redor; por que fogem de observá-las? Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela. Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias. As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao *renascerem*, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra. A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira porque se lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século,* tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá

nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*. A esse resultado conduz o Espiritismo, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada. (* Kardec escreveu essas palavras no século XIX. Hoje, o espírito humano tornou-se ainda mais exigente: a fé cega está abandonada; reina descrença nas Igrejas que a impunham. As massas humanas vivem sem ideal, sem esperança em outra vida e tentam transformar o mundo pela violência. As lutas econômicas engendraram as mais exóticas doutrinas de ação e reação. Duas guerras mundiais assolaram o planeta, numa ânsia furiosa de domínio econômico. Toda a esperança da Humanidade hoje se apoia no Espiritismo, na restauração do Cristianismo, baseada em fatos que demonstram os princípios básicos da Doutrina cristã: eternidade da vida, responsabilidade ilimitada de pensamentos, palavras e atos.)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XIX)

“A FÉ: MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE. 11. Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou. A esperança e a caridade são corolários da fé e formam com esta uma trindade inseparável. Não é a fé que faculta a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Se não tendes fé, qual será o vosso reconhecimento e, portanto, o vosso amor? Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração. Preciso é, pois, que essa base seja forte e durável, porquanto, se a mais ligeira dúvida a abalar, que será do edifício que sobre ela construirdes? Levantai, conseqüentemente, esse edifício sobre alicerces inamovíveis. Seja mais forte a vossa fé do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, visto que a fé que não afronta o ridículo dos homens não é fé verdadeira. A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma, ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta. Pregai pelo exemplo da vossa fé, para a incutirdes nos homens. Pregai pelo exemplo das vossas obras para lhes demonstrardes o merecimento da fé. Pregai pela vossa esperança firme, para lhes dardes a ver a confiança que fortifica e põe a criatura em condições de enfrentar todas as vicissitudes da vida. Tende, pois, a fé, com o que ela contém de belo e de bom, com a sua pureza, com a

sua racionalidade. Não admitais a fé sem comprovação, cega filha da cegueira. Amai a Deus, mas sabendo porque o amais; crede nas suas promessas, mas sabendo porque acreditais nelas; segui os nossos conselhos, mas compenetrados do fim que vos apontamos e dos meios que vos trazemos para o atingirdes. Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé. - *José, Espírito protetor.* (Bordéus, 1862) **A FÉ HUMANA E A DIVINA. 12.** No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade. Até ao presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a exaltou como poderosa alavanca e porque o têm considerado apenas como chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem, quando tem fé, isto é, *a vontade de querer* e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação. Também os apóstolos não operaram milagres, seguindo-lhe o exemplo? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais, cujas causas os homens de então desconheciam, mas que, hoje, em grande parte se explicam e que pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo se tornarão completamente compreensíveis? A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou das suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe faculta imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendores que se não chegue a vencer. O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres. Repito: a fé é *humana* e *divina*. Se todos os encarnados se achassem bem persuadidos da força que em si trazem, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o a que, até hoje, eles chamaram prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas. - *Um Espírito Protetor.* (Paris, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XIX)

“Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo,

pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma lei da Natureza que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreender a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que, por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho. Mas, para isso, é-lhe necessária a fé, sem a qual permanecerá na rotina do presente, não a fé cega, que foge à luz, restringe as ideias e, em consequência, alimenta o egoísmo. É-lhe necessária a fé inteligente, racional, que procura a clareza e não as trevas, que ousadamente rasga o véu dos mistérios e alarga o horizonte. Essa fé, elemento básico de todo progresso, é que o Espiritismo lhe proporciona, fé robusta, porque assente na experiência e nos fatos, porque lhe fornece provas palpáveis da imortalidade da sua alma, lhe mostra donde ele vem, para onde vai e por que está na Terra e, finalmente, lhe firma as ideias, ainda incertas, sobre o seu passado e sobre o seu futuro.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, O egoísmo e o orgulho)

V.2. Ressurreição ou reencarnação?

“RESSURREIÇÃO DA CARNE. 1010. O dogma da ressurreição da carne será a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos? “Como quereríeis que fosse de outro modo? Conforme sucede com tantas outras, estas palavras só parecem despropositadas, no entender de algumas pessoas, porque as tomam ao pé da letra. Levam, por isso, à incredulidade. Dai-lhes uma interpretação lógica e os que chamais livres pensadores as admitirão sem dificuldades, precisamente pela razão de que refletem. Porque, não vos enganeis, esses livres pensadores o que mais pedem e desejam é crer. Têm, como os outros, ou, talvez, mais que os outros, a sede do futuro, mas não podem admitir o que a ciência desmente. A doutrina da pluralidade das existências é consentânea com a justiça de Deus; só ela explica o que, sem ela, é inexplicável. Como haviéis de pretender que o seu princípio não estivesse na própria religião?” - Assim, pelo dogma da ressurreição da carne, a própria Igreja ensina a doutrina da reencarnação? “É evidente. Demais, essa doutrina decorre de muitas coisas que têm passado despercebidas e que dentro em pouco se compreenderão neste sentido. Reconhecer-se-á em breve que o Espiritismo ressalta a cada passo do texto mesmo das Escrituras sagradas. Os Espíritos, portanto, não vêm subverter a religião, como

alguns o pretendem. Vêm, ao contrário, confirmá-la, sancioná-la por provas irrecusáveis. Como, porém, são chegados os tempos de não mais empregarem linguagem figurada, eles se exprimem sem alegorias e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a qualquer interpretação falsa. Eis por que, daqui a algum tempo, muito maior será do que é hoje o número de pessoas sinceramente religiosas e crentes.” SÃO LUÍS. Efetivamente, a Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se conceberia que pudessem reunir-se em dado momento. As coisas, porém, não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que uma mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem ter em conta os dos animais); que um indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens das primitivas idades do mundo; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos alimentos provêm, possivelmente, do corpo de tal outro indivíduo que conhecestes e assim por diante. Existindo em quantidade definida a matéria e sendo indefinidas as suas combinações, como poderia cada um daqueles corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Há aí impossibilidade material. Racionalmente, pois, não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação. E, então, nada mais há que aberre da razão, que esteja em contradição com os dados da Ciência. É exato que, segundo o dogma, essa ressurreição só no fim dos tempos se dará, ao passo que, segundo a Doutrina Espírita, ocorre todos os dias. Mas, nesse quadro do julgamento final, não haverá uma grande e bela imagem a ocultar, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis, em presença das quais deixará de haver cépticos, desde que lhes seja restituída a verdadeira significação? Dignem-se de meditar a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre a sorte que lhes cabe, por efeito das diferentes provas que lhes cumpre sofrer, e verão que, exceção feita da simultaneidade, o juízo que as condena ou absolve não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Notemos mais que aquela teoria é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto que, segundo a doutrina do juízo final, a Terra passa por ser o único mundo habitado.” (AK, *O livro dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo II)

“NINGUÉM PODERÁ VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO. 1. *Jesus, tendo vindo às*

*cercanias de Cesaréia de Filipe, interrogou assim seus discípulos: “Que dizem os homens, com relação ao Filho do Homem? Quem dizem que eu sou?” – Eles lhe responderam: “Dizem uns que és João Batista; outros, que Elias; outros, que Jeremias, ou algum dos profetas.” – Perguntou-lhes Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?” – Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” – Replicou-lhe Jesus: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.” (S. MATEUS, 16:13 a 17; S. MARCOS, 8:27 a 30) 2. Nesse ínterim, Herodes, o Tetrarca, ouvira falar de tudo o que fazia Jesus e seu espírito se achava em suspenso – porque uns diziam que João Batista ressuscitara dentre os mortos; outros que aparecera Elias; e outros que um dos antigos profetas ressuscitara. – Disse então Herodes: “Mandeí cortar a cabeça a João Batista; quem é então esse de quem ouço dizer tão grandes coisas?” E ardia por vê-lo. (S. MARCOS, 6:14 a 16; S. LUCAS, 9:7 a 9) 3. (Após a transfiguração) Seus discípulos então o interrogaram desta forma: “Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?” – Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas: – mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o reconheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem.” – Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara. (S. MATEUS, 17:10 a 13; S. MARCOS, 9:11 a 13) **RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO. 4.** A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*. 5. Ora, entre os fariseus,*

havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus - que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.” Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.” Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?” Retorquiu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. - O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. - Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. - O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.” Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” - Jesus lhe observou: “Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. - Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me credeis, quando vos fale das coisas do céu?” (S. JOÃO, 3:1 a 12) **6.** A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (nos 1, 2, 3) Se fosse errônea essa crença, Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. E insiste, acrescentando: Não te admires de que eu te haja dito ser preciso nasças de novo.” [...]. **9.** O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai: pode-se entender que se trata do Espírito de Deus, que dá vida a quem ele quer, ou da alma do homem. Nesta última acepção - “não sabes donde ele vem, nem para onde vai” - significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências. **10.** “Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; - pois que assim o profetizaram todos os profetas até João, e também a lei. - Se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. - Ouça-o aquele que tiver ouvidos de ouvir.” (S. MATEUS, 11:12 a 15) **11.** Se o princípio

da reencarnação, conforme se acha expresso em S. João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de S. Mateus, que não permite equívoco: *ELE MESMO é o Elias que há de vir.* Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. - “Desde o tempo de João Batista até o presente o reino dos céus é tomado pela violência.” Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: “Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir.” Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. “Até ao presente o reino dos céus é tomado pela violência”: outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura. E acrescentou: “Ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir”. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades. [...] **16.** Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros. **17.** A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem *donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra*, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta. Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que hão dado lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo IV)

“**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS. 222.** Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a

origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja, porém, como for, o que não padece dúvida é que uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente. Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até aos nossos dias. Simplesmente, eles a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais acorde com as leis progressivas da Natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, despindo-a de todos os acessórios da superstição. [...] Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos: 1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir? 2º Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda? 3º Onde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem? 4º Onde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram? 5º Por que, abstraindo-se da

educação, uns homens são mais adiantados do que outros? 6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton? Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, brinquedo da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas as suas criaturas? Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. [...] Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades. 1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba? 2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor? 3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele? 4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros? 5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma haja feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida? Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus.

O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento *real* e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que toquem no caminho. Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porquanto inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral. Como quer que seja, alegar-se-á talvez que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Não temos o intuito de tratar dessa questão neste momento. Basta-nos o havermos demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode estar em oposição a uma religião que proclama ser Deus a bondade e a razão por excelência. Que teria sido da religião, se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, se houvesse obstinadamente recusado a render-se à evidência e expulsado de seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol ou nos seis dias da criação? Que crédito houvera merecido e que autoridade teria tido, entre povos cultos, uma religião fundada em erros manifestos e que os impusesse como artigos de fé? Logo que a evidência se patenteou, a Igreja, criteriosamente, se colocou do lado da evidência. Uma vez provado que certas coisas existentes seriam impossíveis sem a reencarnação, que, a não ser por esse meio, não se consegue explicar alguns pontos do dogma, cumpre admiti-lo e reconhecer meramente aparente o antagonismo entre esta doutrina e a dogmática. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo V)

V.3. Causa dos sofrimentos: castigo divino ou justiça universal?

“JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO. 171. Em que se funda o dogma da reencarnação? “Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.” Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provas da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, *o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova*. Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez haja encontrado,

oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa. A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgataremos os nossos erros por novas provas. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam. O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustem-no, porém, e lhe reanima a coragem a ideia de que aquela inferioridade não o deserdará eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IV)

“BEM AVENTURADOS OS AFLITOS. 1. *“Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. - Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. - Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que é deles o reino dos céus.”* (S. MATEUS, 5:4, 6 e 10) **2.** *“Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino dos céus. - Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. - Ditosos sois, vós que agora chorais, porque rireis.”* (S. LUCAS, 6:20 e 21) *“Mas, ai de vós, ricos! que tendes no mundo a vossa consolação. - Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. - Ai de vós que agora rides, porque sereis constrangidos a gemer e a chorar.”* (S. LUCAS, 6:24 e 25) **JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES. 3.** Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. É, dizem, para se ter maior mérito. Mas, então, pergunta-se: por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o

vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. *Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa.* Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do *Espiritismo*, isto é, pela *palavra dos Espíritos*. **CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES. 4.** De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Uma tem sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição! Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos! Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma! Quantas dissensões e funestas disputas se teriam evitado com um pouco de moderação e menos suscetibilidade! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se desenvolvessem os germens do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração; depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de deferência com que são tratados e da ingratidão deles. Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: *Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição.* A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a

má estrela é apenas a sua incúria. Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar por se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente. **5.** A lei humana atinge certas faltas e as pune. Pode, então, o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura. Entretanto, a experiência, algumas vezes, chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal. Põe-se então o homem a dizer: “Se no começo dos meus dias eu soubesse o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! *Se houvesse de recommençar*, conduzir-me-ia de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!” Como o obreiro preguiçoso, que diz: “Perdi o meu dia”, também ele diz: “Perdi a minha vida”. Contudo, assim como para o obreiro o Sol se levanta no dia seguinte, permitindo-lhe neste reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o Sol de uma nova vida, em que lhe será possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro. **CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES. 6.** Mas, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo, etc. Os que nascem nessas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que

são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiserção pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos? Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para se verem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não hão podido praticar nem o bem, nem o mal? Todavia, por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus. O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infelício que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei.” **7.** Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos, etc. Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque

considerada tão só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a justiça de Deus nunca se interrompe. Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada vicissitude, cumpre-lhe lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar. **8.** As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos *penitentes*, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede que a deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta. **9.** Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus. Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação; mas, é indício de que foi buscada voluntariamente, antes que imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de progresso. **10.** Os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade, enquanto não se tenham tornado puros: qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos ditosos. São como os passageiros de um navio onde há pestilentos, aos quais se veda o acesso à

cidade a que aportem, até que se hajam expurgado. Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente. Quanto mais grave é o mal, tanto mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que muito sofre deve reconhecer que muito tinha a expiar e deve regozijar-se à ideia da sua próxima cura. Dele depende, pela resignação, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas impaciências, visto que, do contrário, terá de recomeçar.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo V)

V.4. A expulsão do paraíso: queda do homem ou aquisição da consciência? / O pecado original: eternidade das penas ou imperfeição humana?

“PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS. [...] 122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra? “O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“1019. Poderá jamais implantar-se na Terra o reinado do bem? “O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo. “Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhaís do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que temem deter a marcha das coisas serão daí excluídos,

pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões *penosas*, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão pelo de seus irmãos ainda mais atrasados. Neste banimento de Espíritos da Terra transformada, não percebeis a sublime alegoria do *Paraíso perdido* e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o gérmen de suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, não descobris a não menos sublime alegoria do *pecado original*? Considerado deste ponto de vista, o pecado original se prende à natureza ainda imperfeita do homem que, assim, só é responsável por si mesmo, pelas suas próprias faltas e não pelas de seus pais. “Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! Preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias”. (SÃO LUÍS)” (AK, *O livros dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo II)

“DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS. ORIGEM DA DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS. 1.

A crença na eternidade das penas perde terreno dia a dia, de modo que, sem ser profeta, pode prever-se-lhe o fim próximo. Tais e de tal ordem poderosos e peremptórios têm sido os argumentos a ela opostos, que nos parece quase supérfluo ocuparmo-nos de tal doutrina de ora em diante, deixando que por si mesma se extinga. Mas não se pode contestar que, apesar de caduca, ainda constitui a tecla dos adversários das ideias novas, o ponto que defendem com mais obstinação, convictos aliás da vulnerabilidade que ela apresenta, e não menos convictos das consequências dessa queda. Por este lado, a questão merece sério exame. **2.** A doutrina das penas eternas teve sua razão de ser, como a do inferno material, enquanto o temor podia constituir um freio para os homens pouco adiantados intelectual e moralmente. Na impossibilidade de apreenderem as nuances tantas vezes delicadas do bem e do mal, bem como o valor relativo das atenuantes e agravantes, os homens não se impressionariam, então, a não ser pouco ou mesmo nada com a ideia das penas morais. Tampouco compreenderiam a temporalidade dessas penas e a justiça decorrente das suas gradações e proporções. **3.** Quanto mais próximo do estado primitivo, mais material é o homem. O senso moral é o que de mais tardio nele se desenvolve, razão pela qual também não pode fazer de Deus, dos seus atributos e da

vida futura, senão uma ideia muito imperfeita e vaga. Assimilando-o à sua própria natureza, Deus não passa para ele de um soberano absoluto, tanto mais terrível quanto invisível, como um rei despótico que, fechado no seu palácio, jamais se mostrasse aos súditos. Sem compreenderem o seu poder moral, só o aceitam pela força material. Não o veem senão armado com o raio, ou no meio de coriscos e tempestades, semeando de passagem a destruição, a ruína, semelhantemente aos guerreiros invencíveis. Um Deus de mansuetude e cordialidade não seria um Deus, porém um ser fraco e sem meios de se fazer obedecer. A vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, nada tinham de incompatíveis com a ideia que se fazia de Deus, não lhes repugnavam à razão. Implacável também ele, homem, nos seus ressentimentos, cruel para os inimigos e inexorável para os vencidos, Deus, que lhe era superior, deveria ser ainda mais terrível. Para tais homens eram precisas crenças religiosas assimiladas à sua natureza rústica. Uma religião toda espiritual, toda amor e caridade não podia aliar-se à brutalidade dos costumes e das paixões. Não censuremos, pois, a Moisés sua legislação draconiana, apenas bastante para conter o povo indócil, nem o haver feito de Deus um Deus vingativo. A época assim o exigia, essa época em que a doutrina de Jesus não encontraria eco e até se anularia. **4.** À medida que o Espírito se desenvolvia, o véu material ia-se-lhe dissipando pouco a pouco, e os homens habilitavam-se a compreender as coisas espirituais. Mas isso não aconteceu senão lenta e gradualmente. Por ocasião de sua vinda, já Jesus pôde proclamar um Deus clemente, falando do seu reino, não deste mundo, e acrescentando: – *Amai-vos uns aos outros e fazei bem aos que vos odeiam*, ao passo que os antigos diziam: *olho por olho, dente por dente*. [...] O caráter essencial das penas irrevogáveis é a *ineficácia do arrependimento*, e Jesus nunca disse que o arrependimento não mereceria a graça do Pai. Ao contrário, sempre que se lhe deparou ensejo, ele falou de um Deus clemente, misericordioso, solícito em receber o filho pródigo que voltasse ao lar paterno; inflexível, sim, para o pecador obstinado, porém, pronto sempre a trocar o castigo pelo perdão do culpado sinceramente arrependido. Este não é, por certo, o traço de um Deus sem piedade. Também convém assinalar que Jesus nunca pronunciou contra quem quer que fosse, mesmo contra os maiores culpados, a condenação irremissível. [...] **13.** Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é inexorável absolutamente, nem leva a complacência ao ponto de deixar impunes todas as faltas; ao contrário, pondera rigorosamente o bem e o mal, recompensando um e punindo outro equitativa e proporcionalmente, sem se enganar jamais na aplicação. Se por uma falta passageira, resultante sempre da natureza imperfeita do homem e muitas

vezes do meio em que vive, a alma pode ser castigada eternamente sem esperança de clemência ou de perdão, não há proporção entre a falta e o castigo - não há justiça. Reconciliando-se com Deus, arrependendo-se, e pedindo para reparar o mal praticado, o culpado deve subsistir para o bem, para os bons sentimentos. Mas, se o castigo é irrevogável, esta subsistência para o bem não frutifica, e um bem não considerado no mal, de modo que Deus não só o condena a sofrer perpetuamente, mas ainda a permanecer no mal por toda a eternidade. Nisso não há nem bondade nem Justiça. **15.** Consequentemente, a doutrina das penas eternas absolutas conduz à negação, ou, pelo menos, ao enfraquecimento de alguns atributos de Deus, sendo incompatível com a perfeição absoluta, donde resulta este dilema: Ou Deus é perfeito, e não há penas eternas, ou há penas eternas, e Deus não é perfeito. Entre os homens, o condenado que se corrige tem por comutada e às vezes mesmo perdoada a sua pena; e, assim, haveria mais equidade na justiça humana que na divina. Se a pena é irrevogável, inútil será o arrependimento, e o culpado, nada tendo a esperar de sua correção, persiste.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VI)

“IMPOSSIBILIDADE MATERIAL DAS PENAS ETERNAS. 18. Até aqui, só temos combatido o dogma das penas eternas com o raciocínio. Demonstremo-lo agora em contradição com os fatos positivos que observamos, provando-lhe a impossibilidade. Por este dogma a sorte das almas, irrevogavelmente fixada depois da morte, é, como tal, um travão definitivo aplicado ao progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis a questão: – Se progride, a eternidade das penas é impossível. E poder-se-á duvidar desse progresso, vendo a variedade enorme de aptidões morais e intelectuais existentes sobre a Terra, desde o selvagem ao homem civilizado, aferindo a diferença apresentada por um povo de um a outro século? Se se admite não ser das mesmas almas, é força admitir que Deus criou almas em todos os graus de adiantamento, segundo os tempos e lugares, favorecendo umas e destinando outras a perpétua inferioridade - o que seria incompatível com a justiça, que, aliás, deve ser igual para todas as criaturas. **19.** É incontestável que a alma atrasada moral e intelectualmente, como a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para gozar dos esplendores do Infinito, como a alma cujas faculdades estão largamente desenvolvidas. Se, portanto, estas almas não progredirem, não podem em condições mais favoráveis gozar na eternidade senão de uma felicidade, por assim dizer, negativa. Para estar de acordo com a rigorosa justiça, chegaremos, pois, à conclusão de que as almas mais adiantadas são as atrasadas de outro tempo, com progressos posteriormente realizados. Mas, aqui atingimos

a questão magna da *pluralidade das existências* como meio único e racional de resolver a dificuldade. [...] **21.** O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Esses dois princípios destroem-se, e a condição indeclinável da existência de um é o aniquilamento do outro. Qual dos dois existe de fato? A lei do progresso é evidente: não é uma teoria, é um fato corroborado pela experiência: é uma lei da Natureza, divina, imprescritível. E, pois, que esta lei existe inconciliável com a outra, é porque a outra não existe. [...] Segundo a Doutrina Espírita, de acordo mesmo com as palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa justiça, o homem é o filho de suas obras, durante esta vida e depois da morte, nada devendo ao favoritismo: Deus o recompensa pelos esforços e pune pela negligência, isto por tanto tempo quanto nela persistir.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VI)

“**38.** Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contrassenso, e tanto menos justificável quanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. Com a preexistência, o homem traz, *ao renascer*, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outrem; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada. Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. Existe, pois, a *virtude original*, como existe o *saber original*, e o *pecado* ou, antes, o *vício original*.” (AK, *A gênese*, Capítulo I)

“**DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DA PERDA DO PARAÍSO. 43.** Os mundos progredem, fisicamente, pela elaboração da matéria e, moralmente, pela purificação dos Espíritos que os habitam. A

felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a predominância do bem resulta do adiantamento moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência podem eles fazer o mal. Logo que um mundo tem chegado a um de seus períodos de transformação, a fim de ascender na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada. É quando se dão as grandes emigrações e imigrações. Os que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, sempre revoltados contra Deus e suas leis, se tornariam daí em diante um embaraço ao ulterior progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos da humanidade a que até então pertenceram e tangidos para mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram ao progresso daqueles entre os quais passam a viver, ao mesmo tempo que expiarão, por uma série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas passadas faltas e seu *voluntário* endurecimento. Que serão tais seres, entre essas outras populações, para eles novas, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos, ali vindos em expiação? Não é, precisamente, para eles, um *paraíso perdido* a terra *donde foram expulsos*? Essa terra não lhes era um lugar de delícias, em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados por milhares de séculos, até que hajam merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que guardam da terra donde vieram é uma como longínqua miragem a lhes recordar o que *perderam por culpa própria*. **44.** Mas, ao mesmo tempo que os maus se afastam do mundo em que habitavam, Espíritos melhores aí os substituem, vindos quer da erraticidade, concernente a esse mundo, quer de um mundo menos adiantado, que mereceram abandonar; Espíritos esses para os quais a nova habitação é uma recompensa. Assim renovada e depurada a população espiritual dos seus piores elementos, ao cabo de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado. São às vezes parciais essas mutações, isto é, circunscritas a um povo, a uma raça; doutras vezes, são gerais, quando chega para o globo o período de renovação. **45.** A raça adâmica apresenta todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, que aqueles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, com efeito, o papel que essa raça há desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo donde vieram, os Espíritos que a compõem, era mais adiantado do que a Terra. Havendo entrado esse mundo

numa nova fase de progresso e não tendo tais Espíritos querido, pela sua obstinação, colocar-se à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas. Foram, em consequência, desterrados de lá e substituídos por outros que isso mereceram. Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, teve Deus razão para lhe dizer: “Dela tirarás o alimento com o suor da tua fronte”. Na sua mansuetude, prometeu-lhe que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, um que a esclareceria sobre o caminho que lhe cumpria tomar, para sair desse lugar de miséria, desse *inferno*, e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador Ele, com efeito, lho enviou, na pessoa do Cristo, que lhe ensinou a lei de amor e de caridade que ela desconhecia e que seria a verdadeira âncora de salvação. É igualmente com o objetivo de fazer que a Humanidade se adiante em determinado sentido que Espíritos superiores, embora sem as qualidades do Cristo, encarnam de tempos em tempos na Terra para desempenhar missões especiais, proveitosas, simultaneamente, ao adiantamento pessoal deles, se as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

46. Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do corpo e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus-Cristo, nem entre as que vieram depois; todas são estranhas umas às outras. A promessa que Deus fez de um Salvador não poderia entender-se com os descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, fora mister se aplicassem às mesmas almas. Se estas são novas, não podem estar maculadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual. A não ser assim, Deus houvera *criado* almas com a mácula de uma falta que não podia deixar nelas vestígio, pois que elas não existiam. A doutrina vulgar do pecado original implica, consequentemente, a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão; implica, portanto, a reencarnação. Dizei que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão e que se achavam manchadas dos vícios que lhes acarretaram ser excluídas de um mundo melhor e tereis a única interpretação racional do pecado original, pecado peculiar a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de outrem a quem ele jamais conheceu. Dizei que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea, a fim de progredirem, depurando-se; que o Cristo veio esclarecer *essas mesmas almas*, não

só acerca de suas vidas passadas, como também com relação às suas vidas ulteriores e então, mas só então, lhe dareis à missão um sentido real e sério, que a razão pode aceitar. [...] **48.** À primeira vista, a ideia de decaimento parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante. **49.** Será crível, perguntamos agora, que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se de súbito em modelos de virtude? Que vão abjurar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, fora necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados para a terra do exílio, não se despojaram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências que traziam, um resto da velha levedura. Ora, não é esse o pecado original?” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

V.5. As penas futuras segundo o Espiritismo

“PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA SOBRE AS PENAS FUTURAS. A Doutrina Espírita, no que respeita às penas futuras, não se baseia numa teoria preconcebida; não é um sistema substituindo outro sistema: em tudo ela se apóia nas observações, e são estas que lhe dão plena autoridade. Ninguém jamais imaginou que as almas, depois da morte, se encontrariam em tais ou quais condições; são elas, essas mesmas almas, partidas da Terra, que nos vem hoje iniciar nos mistérios da vida futura, descrever-nos sua situação feliz ou desgraçada, as impressões, a transformação pela morte do corpo, completando, em uma palavra, os ensinamentos do Cristo sobre este ponto. Preciso é afirmar que se não trata neste caso das revelações de um só Espírito, o qual poderia ver as coisas do seu ponto de vista, sob um só aspecto, ainda dominado por terrenos prejuízos. Tampouco se trata de uma revelação feita exclusivamente a um indivíduo que pudesse deixar-se levar pelas aparências, ou de uma *visão extática* suscetível de ilusões, e não passando muitas vezes de reflexo de uma imaginação exaltada. Trata-se, sim, de inúmeros exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, desde os mais elevados aos mais inferiores da escala, por intermédio de

outros tantos auxiliares (médiuns) disseminados pelo mundo, de sorte que a revelação deixa de ser privilégio de alguém, pois todos podem prová-la, observando-a, sem obrigar-se à crença pela crença de outrem.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VII)

“CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA. O Espiritismo não vem, pois, com sua autoridade privada, formular um código de fantasia; a sua lei, no que respeita ao futuro da alma, deduzida das observações do fato, pode resumir-se nos seguintes pontos: 1º - A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal. O seu estado, feliz ou desgraçado, é inerente ao seu grau de pureza ou impureza. 2º - A completa felicidade prende-se à perfeição, isto é, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é, por sua vez, causa de sofrimento e de privação de gozo, do mesmo modo que toda perfeição adquirida é fonte de gozo e atenuante de sofrimentos. 3º - *Não há uma única imperfeição da alma que não importe funestas e inevitáveis consequências, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de um gozo.* A soma das penas é, assim, proporcionada à soma das imperfeições, como a dos gozos à das qualidades. A alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que a que tem três ou quatro; e quando dessas dez imperfeições não lhe restar mais que metade ou um quarto, menos sofrerá. De todo extintas, então a alma será perfeitamente feliz. Também na Terra, quem tem muitas moléstias, sofre mais do que quem tenha apenas uma ou nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez perfeições, tem mais gozos do que outra menos rica de boas qualidades. 4º - Em virtude da lei do progresso que dá a toda alma a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta, como de despojar-se do que tem de mau, conforme o esforço e vontade próprios, temos que o futuro é aberto a todas as criaturas. Deus não repudia nenhum de seus filhos, antes recebe-os em seu seio à medida que atingem a perfeição, deixando a cada qual o mérito das suas obras. 5º - Dependendo o sofrimento da imperfeição, como o gozo da perfeição, a alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito. O inferno está por toda parte em que haja almas sofredoras, e o céu igualmente onde houver almas felizes. 6º - O bem e o mal que fazemos decorrem das qualidades que possuímos. Não fazer o bem quando podemos é, portanto, o resultado de uma imperfeição. Se toda imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não somente pelo mal que fez como pelo bem que deixou de fazer na vida terrestre. 7º - O Espírito sofre pelo mal que fez, de maneira que, *sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal*, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se. 8º - Sendo

infinita a justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca, *mesmo para os mais perversos, por isso que constituem tais ações um começo de progresso.* 9º - Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar segunda vez. 10º - O Espírito sofre, quer no mundo corporal, quer no espiritual, a consequência das suas imperfeições. As misérias, as vicissitudes padecidas na vida corpórea, são oriundas das nossas imperfeições, são expiações de faltas cometidas na presente ou em precedentes existências. Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea, pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anterior existência, e das imperfeições que as originaram. 11º - A expiação varia segundo a natureza e gravidade da falta, podendo, portanto, a mesma falta determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, em que for cometida. 12º - Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo: – a única lei geral é que toda falta terá punição, e terá recompensa todo ato meritório, *segundo o seu valor.* 13º - A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige por termo de sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao bem. Deste modo, o Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar os sofrimentos pela pertinácia no mal, ou suavizá-los e anulá-los pela prática do bem. Uma condenação por tempo predeterminado teria o duplo inconveniente de continuar o martírio do Espírito renegado, ou de libertá-lo do sofrimento quando ainda permanecesse no mal. Ora, Deus, que é justo, só pune o mal *enquanto existe*, e deixa de puni-lo *quando não existe mais*; por outra, o mal moral, sendo por si mesmo causa de sofrimento, fará este durar enquanto subsistir aquele, ou diminuirá de intensidade à medida que ele decresça. 14º - Dependendo da melhoria do Espírito a duração do castigo, o culpado que jamais melhorasse sofreria sempre, e, para ele, a pena seria eterna. 15º - Uma condição inerente à inferioridade dos Espíritos é não lobrigarem o termo da provação, acreditando-a eterna, como eterno lhes parece deva ser tal castigo. 16º - O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a *expiação* e a *reparação*. *Arrependimento, expiação e reparação* constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas

consequências. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça, não uma anulação. 17º - O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo. Até que os últimos vestígios da falta desapareçam, a expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que lhe são consequentes, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal. A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contato com as mesmas pessoas que de si tiverem queixas, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito. Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo; em tais casos a reparação se opera, fazendo-se o que se deveria fazer e foi descurado; cumprindo os deveres desprezados, as missões não preenchidas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde caso tenha sido orgulhoso, amável caso tenha sido austero, caridoso caso tenha sido egoísta, benigno caso tenha sido perverso, laborioso caso tenha sido ocioso, útil caso tenha sido inútil, frugal caso tenha sido intemperante, trocando, em suma, por bons os maus exemplos perpetrados. E desse modo progride o Espírito, aproveitando-se do próprio passado. 18º - Os Espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes, cuja harmonia perturbariam. Ficam nos mundos inferiores a expiarem as suas faltas pelas tribulações da vida, e purificando-se das suas imperfeições até que mereçam a encarnação em mundos mais elevados, mais adiantados moral e fisicamente. Caso se possa conceber um lugar circunscrito de castigo, tal lugar é, sem dúvida, nesses mundos de expiação, em torno dos quais pululam Espíritos desencarnados imperfeitos à espera de novas existências que lhes permitam reparar o mal, auxiliando-os no progresso. 19º - Como o Espírito tem sempre o livre-arbítrio, o progresso por vezes se lhe torna lento, e tenaz a sua obstinação no mal. Nesse estado pode persistir anos e séculos, vindo por fim um momento em que a sua contumácia se modifica pelo sofrimento e, a despeito da sua jactância, reconhece o poder superior que o domina. Então, desde que se manifestam os primeiros vislumbres de arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança. Nem há Espírito incapaz de nunca progredir, votado a eterna inferioridade, o que seria a negação da lei de progresso, que providencialmente rege todas as criaturas. 20º - Quaisquer que sejam a inferioridade e perversidade dos Espíritos, *Deus jamais os abandona.*

Todos têm seu anjo de guarda (guia) que por eles vela, na persuasão de suscitar-lhes bons pensamentos, desejos de progredir e, bem assim, de espreitar-lhes os movimentos da alma, com o que se esforçam por reparar em uma nova existência o mal que praticaram. Contudo, essa interferência do guia faz-se quase sempre ocultamente e de modo a não haver pressão, pois que o Espírito deve progredir por *impulso da própria vontade*, nunca por qualquer sujeição. O bem e o mal são praticados em virtude do livre-arbítrio e, conseguintemente, sem que o Espírito seja *fatalmente* impelido para um ou outro sentido. Persistindo no mal, sofrerá as consequências por tanto tempo quanto durar a persistência, do mesmo modo que, dando um passo para o bem, sente imediatamente benéficos efeitos. 21º - A responsabilidade das faltas é toda pessoal, ninguém sofre por erros alheios, salvo se a eles deu origem, quer provocando-os pelo exemplo, quer não os impedindo quando poderia fazê-lo. Assim, o suicida é sempre punido; mas aquele que por maldade impele outro a cometê-lo, esse sofre ainda maior pena. 22º - Conquanto infinita a diversidade de punições, algumas há inerentes à inferioridade dos Espíritos, e cujas consequências, salvo pormenores, são pouco mais ou menos idênticas. A punição mais imediata, sobretudo, entre os que se acham ligados à vida material em detrimento do progresso espiritual, faz-se sentir pela lentidão do desprendimento da alma; nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na consequente perturbação que pode dilatar-se por meses e anos. Naqueles que, ao contrário, têm pura a consciência e na vida material já se acham identificados com a vida espiritual, o trespasse é rápido, sem abalos, quase nula a turbação de um pacífico despertar. 23º - Um fenômeno mui frequente entre os Espíritos de certa inferioridade moral é o acreditarem-se ainda vivos, podendo esta ilusão prolongar-se por muitos anos, durante os quais eles experimentarão todas as necessidades, todos os tormentos e perplexidades da vida. 24º - Para o criminoso, a presença incessante das vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel. 25º - Espíritos há mergulhados em densa treva; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço, atormentados pela ignorância da própria posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados padecem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo. Alguns são privados de ver os seres queridos, e todos, geralmente, passam com intensidade relativa pelos males, pelas dores e privações que a outrem ocasionaram. Esta situação perdura até que o desejo de *reparação* pelo *arrependimento* lhes traga a calma para entrever a possibilidade de, por eles mesmos, pôr um termo à sua situação. 26º - Para o orgulhoso relegado às classes inferiores, é suplício ver acima dele colocados, cheios

de glória e bem-estar, os que na Terra desprezara. O hipócrita vê desvendados, penetrados e lidos por todo o mundo os seus mais secretos pensamentos, sem que os possa ocultar ou dissimular; o sátiro, na impotência de os saciar, tem na exaltação dos bestiais desejos o mais atroz tormento; vê o avaro o esbanjamento inevitável do seu tesouro, enquanto que o egoísta, desamparado de todos, sofre as consequências da sua atitude terrena; nem a sede nem a fome lhe serão mitigadas, nem amigas mãos se lhe estenderão às suas mãos súplices; e pois que em vida só de si cuidara, ninguém dele se compadecerá na morte. 27º - O único meio de evitar ou atenuar as consequências futuras de uma falta, está no repará-la, desfazendo-a no presente. Quanto mais nos demormos na reparação de uma falta, tanto mais penosas e rigorosas serão, no futuro, as suas consequências. 28º - A situação do Espírito, no mundo espiritual, não é outra senão a por si mesmo preparada na vida corpórea. Mais tarde, outra encarnação se lhe faculta para novas provas de expiação e reparação, com maior ou menor proveito, dependentes do seu livre-arbítrio; e se ele não se corrige, terá sempre uma missão a recomençar, sempre e sempre mais acerba, de sorte que pode dizer-se que *aquele que muito sofre na Terra, muito tinha a expiar*; e os que gozam uma felicidade aparente, em que pesem aos seus vícios e inutilidades, pagá-la-ão mui caro em ulterior existência. Nesse sentido foi que Jesus disse: – “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Capítulo V) 29º - Certo, a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega. O culpado que ela atinge não fica exonerado, e, enquanto não houver satisfeito à justiça, sofre a consequência dos seus erros. Por infinita misericórdia, devemos ter que Deus não é inexorável, deixando sempre viável o caminho da redenção. 30º - Subordinadas ao arrependimento e reparação dependentes da vontade humana, as penas, por temporárias, constituem concomitantemente, castigos e *remédios* auxiliares à cura do mal. Os Espíritos em prova, não são, pois, quais galés por certo tempo condenados, mas como doentes de hospital sofrendo de moléstias resultantes da própria incúria, a compadecerem-se com meios curativos mais ou menos dolorosos que a moléstia reclama, esperando alta tanto mais pronta quanto mais estritamente observadas as prescrições do solícito médico assistente. Se os doentes, pelo próprio descuido de si mesmos, prolongam a enfermidade, o médico nada tem que ver com isso. 31º - Às penas que o Espírito experimenta na vida espiritual ajuntam-se as da vida corpórea, que são consequentes às imperfeições do homem, às suas paixões, ao mau uso das suas faculdades e à expiação de presentes e passadas faltas. É na vida corpórea que o Espírito repara o mal de anteriores existências, pondo em prática resoluções

tomadas na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e vicissitudes mundanas que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser. Justas são elas, no entanto, como espólio do passado - herança que serve à nossa romagem para a perfectibilidade. 32º - Deus, diz-se, não daria prova maior de amor às suas criaturas, criando-as infalíveis e, por conseguinte, isentas dos vícios inerentes à imperfeição? Para tanto fora preciso que Ele criasse seres perfeitos, nada mais tendo a adquirir, quer em conhecimentos, quer em moralidade. Certo, porém, Deus poderia fazê-lo, e se não o fez é que em sua sabedoria quis que o progresso constituísse lei geral. Os homens são imperfeitos, e, como tais, sujeitos a vicissitudes mais ou menos penosas. E, pois, que o fato existe, devemos aceitá-lo. Inferir dele que Deus não é bom nem justo, fora insensata revolta contra a lei. Injustiça haveria, sim, na criação de seres privilegiados, mais ou menos favorecidos, fruindo gozos que outros, porventura, não atingem senão pelo trabalho, ou que jamais pudessem atingir. Ao contrário, a justiça divina patenteia-se na igualdade absoluta que preside à criação dos Espíritos; todos têm o mesmo ponto de partida e nenhum se distingue em sua formação por melhor aquinhado; nenhum cuja marcha progressiva se facilite por exceção: os que chegam ao fim têm passado, como quaisquer outros, pelas fases de inferioridade e respectivas provas. Isto posto, nada mais justo que a liberdade de ação a cada qual concedida. O caminho da felicidade a todos se abre amplo, como a todos as mesmas condições para atingi-la. A lei, gravada em todas as consciências, a todos é ensinada. *Deus fez da felicidade o prêmio do trabalho e não do favoritismo*, para que cada qual tivesse seu mérito. Todos somos livres no trabalho do próprio progresso, e o que muito e depressa trabalha, mais cedo recebe a recompensa. O romeiro que se desgarrar, ou em caminho perde tempo, retarda a marcha e não pode queixar-se senão de si mesmo. O bem como o mal são voluntários e facultativos: livre, o homem não é fatalmente impelido para um nem para outro. 33º - Em que pese à diversidade de gêneros e graus de sofrimentos dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode resumir-se nestes três princípios: 1º - O sofrimento é inerente à imperfeição. 2º - Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que haja mister de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo. 3º - Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade. A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra: – tal é a lei da Justiça Divina.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VII)

VI Milagres: fenômenos sobrenaturais ou naturais?

VI.1. A causa dos fenômenos sobrenaturais está na ação natural do espírito inteligente sobre a matéria

“II. O Espiritismo é o mais terrível antagonista do materialismo. Não é, pois, de admirar que tenha por adversários os materialistas. Mas, como o materialismo é uma doutrina cujos adeptos mal ousam confessar que o são (prova de que não se consideram muito fortes e têm a dominância a consciência), eles se acobertam com o manto da razão e da ciência. E, coisa estranha, os mais cépticos chegam a falar em nome da religião, que não conhecem e não compreendem melhor que ao Espiritismo. Por ponto de mira tomam o maravilhoso e o *sobrenatural*, que não admitem. Ora, dizem, pois que o Espiritismo se funda no maravilhoso, não pode deixar de ser uma suposição ridícula. Não refletem que, condenando, sem restrições, o maravilhoso e o sobrenatural, também condenam a religião. Com efeito, a religião se funda na revelação e nos milagres. Ora, que é a revelação, senão um conjunto de comunicações extraterrenas? Todos os autores sagrados, desde Moisés, têm falado dessa espécie de comunicações. Que são os milagres, senão fatos maravilhosos e sobrenaturais, por excelência, visto que, no sentido litúrgico, constituem derrogações das leis da Natureza? Logo, rejeitando o maravilhoso e o sobrenatural, eles rejeitam as bases mesmas da religião. Não é deste ponto de vista, porém, que devemos encarar a questão. Ao Espiritismo não compete examinar se há ou não milagres, isto é, se em certos casos houve Deus por bem derrogar as leis eternas que regem o Universo. Permite, a este respeito, inteira liberdade de crença. Diz e prova que os fenômenos em que se baseia, de sobrenaturais só têm a aparência. E parecem tais a algumas pessoas, apenas porque são insólitos e diferentes dos fatos conhecidos. Não são, contudo, mais sobrenaturais do que todos os fenômenos, cuja explicação a Ciência hoje dá e que pareceram maravilhosos noutra época. Todos os fenômenos espíritos, *sem exceção*, resultam de leis gerais. Revelam-nos uma das forças da Natureza, força desconhecida, ou, por melhor dizer, incompreendida até agora, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas. Assim, pois, o Espiritismo se apoia menos no maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião.

Consequentemente, os que o atacam por esse lado mostram que não o conhecem e, ainda quando fossem os maiores sábios, lhes diríamos: se a vossa ciência, que vos instruiu em tantas coisas, não vos ensinou que o domínio da Natureza é infinito, sois apenas meio sábios.” (AK, *O livro dos espíritos*, Conclusão)

“DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL.

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações representasse uma concepção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com visos de razão, merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparemos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. - Mas, que entendeis por maravilhoso? - O que é sobrenatural. - Que entendeis por sobrenatural? - O que é contrário às leis da Natureza. - Conheceis, porventura, tão bem essas leis, que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver. O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade, que eles têm, de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da constituição fisiológica que lhes é própria. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso. Tornar um homem a viver depois de morto e bem morto, reunirem-se seus membros dispersos para lhe formarem de novo o corpo, sim, seria maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Haveria aí uma verdadeira derrogação da lei, o que somente por um milagre poderia Deus praticar. Coisa alguma, porém, de semelhante há na Doutrina Espírita. 8. Entretanto, objetarão, admitis que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não constitui isto uma derrogação da lei de gravidade? - Constitui, mas da lei conhecida; porém, já a Natureza disse a sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, carregando muitos homens, fosse capaz de triunfar da força de atração? Aos olhos do vulgo, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Por louco houvera passado aquele que, há um século, se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta, alguns minutos depois. Se o fizesse, toda gente creria ter ele o diabo às suas ordens, pois que, àquela época, só ao diabo era possível andar tão depressa. Por que, então,

um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que não fazemos uma assimilação, mas apenas uma comparação e, unicamente, para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi exatamente por quererem, ao observar estas espécies de fenômenos, proceder por assimilação que os sábios se transviaram. Em suma, o fato aí está. Não há, nem haverá negação que possa fazer não seja ele real, porquanto negar não é provar. Para nós, não há coisa alguma sobrenatural. É tudo o que, por agora, podemos dizer.

9. Se o fato ficar comprovado, dirão, aceitá-lo-emos; aceitaríamos mesmo a causa a que o atribuí, a de um fluido desconhecido. Mas, quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural. Far-se-ia mister aqui uma demonstração completa, que, no entanto, estaria deslocada e, ao demais, constituiria uma repetição, visto que ressalta de todas as outras partes do ensino. Todavia, resumindo-a em algumas palavras, diremos que, em teoria, ela se funda neste princípio: todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente e, do ponto de vista prático, na observação de que, tendo os fenômenos ditos espíritas dado provas de inteligência, fora da matéria havia de estar a causa que os produzia e de que, não sendo essa inteligência a dos assistentes - o que a experiência atesta - havia de lhes ser exterior. Pois que não se via o ser que atuava, necessariamente era um ser invisível. Assim foi que, de observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão. Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório fluídico que os reveste. É inteligente essa ação, porque, ao morrerem, eles perderam tão somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a essência mesma. Aí está a chave de todos esses fenômenos tidos erradamente por sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, ou uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Dignem-se de apresentá-la os que pensem em poder dar desses efeitos inteligentes uma explicação mais racional e, sobretudo, de apontar a causa de *todos os fatos*, e então será possível discutir-se o mérito de cada uma.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo II)

“10. Para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso, ou sobrenatural*, e, para eles, maravilhoso é sinônimo de *superstição*. Se assim fosse, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um tecido de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas dizem-no baixinho e julgam salvar as aparências concedendo que uma religião é necessária ao povo e às crianças, para que se tornem ajuizados. Ora, uma de duas, ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se é verdadeiro, ele o é para toda gente, se falso, não tem maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

11. Os que atacam o Espiritismo, em nome do maravilhoso, se apoiam geralmente no princípio materialista, porquanto, negando qualquer efeito extra material, negam, *ipso facto*, a existência da alma. Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências, perscrutai bem o sentido de suas palavras e descobrireis quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, germinando por baixo da capa com que o cobrem, a de uma pretensa filosofia racional. Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, pois, consequentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida, que os torna impróprios para julgar lisamente do Espiritismo, visto que o princípio donde partem é o da negação de tudo o que não seja material. Quanto a nós, dar-se-á aceitemos todos os fatos qualificados de maravilhosos, pela simples razão de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma? Dar-se-á sejamos campeões de todos os sonhadores, adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Quem o supuser, demonstrará bem minguado conhecimento do Espiritismo. Mas, os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. O de que menos cuidam é da necessidade de conhecerem aquilo de que falam. Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos, logo o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação esta sentença. Achar que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem procedido a eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos fanáticos de Cevenas, ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de patentes embustes, que ninguém contesta. Semelhantes histórias, porém, serão o evangelho do Espiritismo? Terão seus adeptos negado que o charlatanismo há explorado, em proveito próprio, alguns fatos? Que outros sejam frutos da imaginação? Que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Tão solidário é ele com as extravagâncias que se cometam em seu nome, quanto a verdadeira ciência com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião com os excessos do sectarismo.

Muitos críticos se limitam a julgar do Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares que lhe são as facções. O mesmo fora julgar da História pelos romances históricos, ou pelas tragédias. **12.** Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, preciso se faz conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor, quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Então, somente, sua opinião, embora errônea, poderá ser tomada em consideração. Que peso, porém, terá quando ele trata do que não conhece? A legítima crítica deve demonstrar, não só erudição, mas também profundo conhecimento do objeto que versa, juízo reto e imparcialidade a toda prova, sem o que, qualquer menestrel poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um pinta-monos o de censurar Rafael. **13.** Assim, o Espiritismo não aceita todos os fatos considerados maravilhosos, ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças, que constituem a superstição propriamente dita. É exato que, no que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso, ou por outra, da superstição. Seja. Mas, ao menos, discuti apenas esses pontos, porquanto, com relação aos demais, nada há que dizer e pregais em vão. Atendo-vos ao que ele próprio refuta, provais ignorar o assunto e os vossos argumentos erram o alvo. Porém, perguntarão, até onde vai a crença do Espiritismo? Lede, observai e sabê-lo-eis. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo, que entende com as mais graves questões de filosofia, com todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não podem ser aprendidas em algumas horas, como nenhuma outra ciência. Tanta puerilidade haveria em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a física em alguns brinquedos de criança. A quem não se limite a ficar na superfície, são necessárias não algumas horas somente, mas meses e anos, para lhe sondar todos os arcanos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, as mais das vezes por distração ou divertimento. Dirão eles com certeza que não lhes sobram lazes para consagrarem a tais estudos todo o tempo que reclamam. Está bem; nada a isso os constrange. Mas, quem não tem tempo de aprender uma coisa não se mete a discorrer sobre ela e, ainda menos, a julgá-la, se não quiser que o acoimem de leviano. Ora, quanto mais elevada seja a posição que ocupemos na ciência, tanto menos escusável é que digamos, levianamente, de um assunto que desconhecemos. **14.** Resumimos nas proposições seguintes o que havemos expendido: 1º Todos os fenômenos espíritos têm por princípio

a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações. 2º Fundamentando-se numa lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhosos*, nem de *sobrenaturais*, no sentido vulgar dessas palavras. 3º Muitos fatos são tidos por sobrenaturais, porque não se lhes conhece a causa; atribuindo-lhes uma causa, o Espiritismo os repõe no domínio dos fenômenos naturais. 4º Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, muitos há cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, incluindo-os em o número das crenças supersticiosas. 5º Se bem reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo de modo algum dá sua solidariedade a todas as histórias fantásticas que a imaginação há criado. 6º Julgar do Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo valor à opinião emitida. 7º A explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e consequências morais, forma toda uma ciência e toda uma filosofia, que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado. 8º O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo II)

“CARACTERES DOS MILAGRES. OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO. 1. Na acepção etimológica, a palavra *milagre* (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia definiu-a deste modo: *Um ato do poder divino contrário às leis da Natureza, conhecidas*. Na acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a significação primitiva. De geral, que era, se tornou de aplicação restrita a uma ordem particular de fatos. No entender das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato extranatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. Tal, com efeito, a acepção vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que só por comparação e por metáfora a palavra se aplica às circunstâncias ordinárias da vida. Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o ser inexplicável, por isso mesmo que se realiza com exclusão das leis naturais. É tanto essa a ideia que se lhe associa, que, se um fato milagroso vem a encontrar explicação, se diz que

já não constitui milagre, por muito espantoso que seja. O que, para a Igreja, dá valor aos milagres é, precisamente, a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. Ela se firmou tão bem sobre esse ponto, que o assimilarem-se os milagres aos fenômenos da Natureza constitui para ela uma heresia, um atentado contra a fé, tanto assim que excomungou e até queimou muita gente por não ter querido crer em certos milagres. Outro caráter do milagre é o ser insólito, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, quer espontânea, quer voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode haver milagres. **2.** Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Se um homem, que se ache realmente morto, for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por ser esse um fato contrário às leis da Natureza. Mas, se em tal homem houver apenas aparências de morte, se lhe restar uma *vitalidade latente* e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um fenômeno natural, mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu será tido por armado de diabólico poder. Houvesse, porém, Josué detido o movimento do Sol, ou, antes, da Terra e teríamos aí o verdadeiro milagre, porquanto nenhum magnetizador existe dotado de bastante poder para operar semelhante prodígio. Foram fecundos em milagres os séculos de ignorância, porque se considerava sobrenatural tudo aquilo cuja causa não se conhecia. À proporção que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso se foi restringindo; mas, como a Ciência ainda não explorara todo o vasto campo da Natureza, larga parte dele ficou reservada para o maravilhoso. **3.** Expulso do domínio da materialidade, pela Ciência, o maravilhoso se encastelou no da espiritualidade, onde encontrou o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, força que incessantemente atua em concorrência com a força material, o Espiritismo faz que voltem ao rol dos efeitos naturais os que dele haviam saído, porque, como os outros, também tais efeitos se acham sujeitos a leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que passou o tempo dos milagres. (Cap. I, nº 18)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIII)

“O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES. 4. O Espiritismo, pois, vem, a seu turno, fazer o que cada ciência fez no seu advento: revelar novas leis e explicar, conseqüentemente, os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis. Esses fenômenos, é certo, se prendem à existência dos Espíritos e à intervenção deles no

mundo material e isso é, dizem, o em que consiste o sobrenatural. Mas, então, fora mister se provasse que os Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que aí não há, nem pode haver, a ação de uma dessas leis. O Espírito mais não é do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal, pois que não morre, ao passo que o corpo é simples acessório sujeito à destruição. Sua existência, portanto, é tão natural depois, como durante a encarnação; está submetido às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo o está às que regem o princípio material; mas, como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas. **5.** Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como homem; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado, que vem a ser o a que se chama *médium*. Procede então como um que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. **6.** Já não sendo o mesmo que no estado de encarnação o meio em que atuam os Espíritos e os modos por que atuam, diferentes são os efeitos, que parecem sobrenaturais unicamente porque se produzem com o auxílio de agentes que não são os de que nos servimos. Desde, porém, que esses agentes estão na Natureza e as manifestações se dão em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural, ou de maravilhoso. Antes de se conhecerem as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios para certa gente; desde que se tornou conhecida a causa, desapareceu o maravilhoso. O mesmo ocorre com os fenômenos espíritas, que não são mais aberrantes das leis naturais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que serviram de fundamento a uma imensidade de crenças supersticiosas. **7.** Entretanto, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade? – Sim, da lei conhecida. Conhecem-se, porém, todas as leis? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando muitos homens, poderia triunfar da força de atração? Ao vulgo, isso não pareceria

maravilhoso, diabólico? Aquele que se houvera proposto, há um século, a transmitir uma mensagem a 500 léguas e receber a resposta dentro de alguns minutos, teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado estar o diabo às suas ordens, porquanto, então, só o diabo era capaz de andar tão depressa. Hoje, no entanto, não só se reconhece possível o fato, como ele parece naturalíssimo. Por que, pois, um fluido desconhecido careceria da propriedade de contrabalançar, em dadas circunstâncias, o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É, efetivamente, o que sucede, no caso de que se trata.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIII)

“**FAZ DEUS MILAGRES? 15.** Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus, visto que nada lhe é impossível, pode fazê-los. Mas, fá-los? Ou, por outras palavras; derroga as leis que dele próprio emanaram? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento. Contudo, em face das coisas divinas, temos, para critério do nosso juízo, os atributos mesmos de Deus. Ao poder soberano reúne ele a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil. Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem. Mas, o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia providência que essa criação revela, assim nas partes mais gigantescas, como nas mais mínimas, e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do Universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestímanos sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que fizera? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua obra? Não é, pois, da alçada do Espiritismo a questão dos milagres; mas, ponderando que Deus não faz coisas inúteis, ele emite a seguinte opinião: *Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derogá-las.* Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários. **16.** Admitido que Deus houvesse alguma vez, por motivos que nos escapam, derogado acidentalmente leis por ele estabelecidas, tais leis já não seriam imutáveis. Mesmo, porém, que semelhante derrogação seja possível, ter-se-á, pelo menos, de reconhecer que só ele, Deus, dispõe desse poder; sem se negar ao Espírito do mal a onipotência, não se pode admitir lhe seja dado desfazer a obra divina, operando, de seu lado, prodígios capazes de

seduzir até os eleitos, pois que isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus. É, no entanto, o que ensinam. Se Satanás tem o poder de sustar o curso das leis naturais, que são obra de Deus, sem a permissão deste, mais poderoso é ele do que a Divindade. Logo, Deus não possui a onipotência e se, como pretendem, delega poderes a Satanás, para mais facilmente induzir os homens ao mal, falta-lhe a soberana bondade. Em ambos os casos, há negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus. Daí vem a Igreja distinguir os bons milagres, que procedem de Deus, dos maus milagres, que procedem de Satanás. Mas, como diferenciá-los? Seja satânico ou divino um milagre, haverá sempre uma derrogação de leis emanadas unicamente de Deus. Se um indivíduo é curado por suposto milagre, quer seja Deus quem o opere, quer Satanás, não deixará por isso de ter havido a cura. Forçoso se torna fazer pobríssima ideia da inteligência humana para se pretender que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje. Reconhecida a possibilidade de alguns fatos considerados miraculosos, há-se de concluir que, seja qual for a origem que se lhes atribua, eles são efeitos naturais de que se podem utilizar *Espíritos desencarnados* ou *encarnados*, como de tudo, como da própria inteligência e dos conhecimentos científicos de que disponham, para o bem ou para o mal, conforme neles preponderem a bondade ou a perversidade. Valendo-se do saber que haja adquirido, pode um ser perverso fazer coisas que passem por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas, quando tais efeitos dão em resultado um bem qualquer, fora ilógico atribuir-se-lhes uma origem diabólica. **17.** Mas, a religião, dizem, se apoia em fatos que nem explicados, nem explicáveis são. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é questão muito outra. Que sabe o homem das descobertas e dos conhecimentos que o futuro lhe reserva? Sem falar do milagre da criação, o maior de todos sem contestação possível, já pertencente ao domínio da lei universal, não vemos reproduzirem-se hoje, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, as percepções a distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos esses conhecidos desde tempos imemoráveis, tidos outrora por maravilhosos e que presentemente se demonstra pertencerem à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão cheios de fatos desse gênero, qualificados de sobrenaturais; como, porém, outros análogos e ainda mais maravilhosos se encontram em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não se saberia dizer qual a que devesse prevalecer.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIII)

“O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES. 18. Prender-se que o sobrenatural é o fundamento de toda religião, que ele é o fecho de abóbada do edifício cristão, é sustentar perigosa tese. Assentar exclusivamente as verdades do Cristianismo sobre a base do maravilhoso é dar-lhe fraco alicerce, cujas pedras facilmente se soltam. Essa tese, de que se constituíram defensores eminentes teólogos, leva direito à conclusão de que, em breve tempo, já não haverá religião possível, nem mesmo a cristã, desde que se chegue a demonstrar que é natural o que se considerava sobrenatural, visto que, por mais que se acumulem argumentos, não se logrará sustentar a crença de que um fato é miraculoso, depois de se haver provado que não o é. Ora, a prova existe de que um fato não constitui exceção às leis naturais, logo que pode ser explicado por essas mesmas leis e que, podendo reproduzir-se por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. O de que necessitam as religiões não é do *sobrenatural*, mas do *princípio espiritual*, que erradamente costumam confundir com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível. O Espiritismo considera de um ponto mais elevado a religião cristã; dá-lhe base mais sólida do que a dos milagres: as imutáveis leis de Deus, a que obedecem assim o princípio espiritual, como o princípio material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, pois que o tempo e a Ciência virão sancioná-la. Deus não se torna menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento, do nosso respeito, por não haver derogado suas leis, grandiosas, sobretudo, pela imutabilidade que as caracteriza. Não se faz mister o sobrenatural, para que se preste a Deus o culto que lhe é devido. A Natureza não é de si mesma tão imponente, que dispense se lhe acrescente seja o que for para provar a suprema potestade? Tanto menos incrédulos topará a religião, quanto mais a razão a sancionar em todos os pontos. O Cristianismo nada tem que perder com semelhante sanção; ao contrário, só tem que ganhar. Se alguma coisa o há prejudicado na opinião de muitas pessoas, foi precisamente o abuso do sobrenatural e do maravilhoso. **19.** Se tomarmos a palavra *milagre* em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres incessantemente sob as vistas. Aspiramo-los no ar e calcamo-los aos pés, porque tudo então é milagre em a Natureza. Querem dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito uma ideia do poder de Deus? Mostrem-no na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, de acordo com o meio onde ele é posto a viver. Mostrem-lhes a ação de Deus na vergôntea de um arbusto, na flor que desabrocha, no Sol que tudo vivifica. Mostrem-lhes a sua bondade na solicitude que dispensa a

todas as criaturas, por mais ínfimas que sejam, a sua providência, na razão de ser de todas as coisas, entre as quais nenhuma inútil se conta, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam-lhes compreender, principalmente, que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem espavori-los com o quadro das penas eternas, em que acabam não mais crendo e que os levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem-lhes coragem, mediante a certeza de poderem um dia redimir-se e reparar o mal que hajam praticado. Apontem-lhes as descobertas da Ciência como revelações das leis divinas e não como obras de Satanás. Ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza, constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável, em cada uma de cujas páginas se acham inscritas a sabedoria e a bondade do Criador. Eles, então, compreenderão que um Ser tão grande, que com tudo se ocupa, que por tudo vela, que tudo prevê, forçosamente dispõe do poder supremo. Vê-lo-á o lavrador, ao sulcar o seu campo; e o desditoso, nas suas aflições, o bendirá dizendo: Se sou infeliz, é por culpa minha. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo, muito mais do que acreditando em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIII)

VI.2. Explicação racional dos milagres na compreensão dos fenômenos espíritos

“15. Pronunciamos há pouco a palavra *milagre*; uma ligeira observação sobre isso não virá fora de propósito, neste capítulo que trata do maravilhoso. Na sua acepção primitiva e pela sua etimologia, o termo *milagre* significa coisa *extraordinária*, *coisa admirável de se ver*. Mas como tantas outras, essa palavra se afastou do seu sentido originário e hoje, por milagre, se entende (segundo a Academia) *um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza*. Tal, com efeito, a sua acepção usual e apenas por comparação e por metáfora é ela aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa se desconhece. De nenhuma forma entra em nossas cogitações indagar se Deus há julgado útil, em certas circunstâncias, derogar as leis que Ele próprio estabelecera; nosso fim é, unicamente, demonstrar que os fenômenos espíritos, por mais extraordinários que sejam, de maneira alguma derogam essas leis, que nenhum caráter tem de miraculosos, do mesmo modo que não são maravilhosos, ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritos, ao contrário, se explicam racionalmente. Não são, pois, milagres, mas simples efeitos, cuja razão de ser se encontra nas leis gerais. O milagre apresenta ainda outro caráter, o de ser insólito e isolado. Ora, desde que

um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre. Todos os dias a ciência opera milagres aos olhos dos ignorantes. Por isso é que, outrora, os que sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como se entendia, então, que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, queimavam-nos. Hoje, que já estamos muito mais civilizados, eles apenas são mandados para os hospícios. Se um homem realmente morto, como dissemos em começo, ressuscitar por intervenção divina, haverá aí verdadeiro milagre, porque isso é contrário às leis da Natureza. Se, porém, tal homem só aparentemente está morto, se ainda há nele um resto de *vitalidade latente* e a ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-lo, um fenômeno natural é o que isso será para pessoas instruídas. Todavia, aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por milagroso, e o autor se verá perseguido a pedradas, ou venerado, conforme o caráter dos indivíduos. Solte um físico, em campo de certa natureza, um papagaio elétrico e faça, por esse meio, cair um raio sobre uma árvore e o novo Prometeu será tido certamente como senhor de um poder diabólico. E, seja dito de passagem, Prometeu nos parece, muito singularmente, ter sido um precursor de Franklin; mas, Josué, detendo o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, esse teria operado verdadeiro milagre, porquanto não conhecemos magnetizador algum dotado de tão grande poder, para realizar tal prodígio. De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, incontestavelmente, o da escrita direta e um dos que demonstram de modo mais patente a ação das inteligências ocultas. Mas, da circunstância de ser esse fenômeno produzido por seres ocultos, não se segue que seja mais miraculoso do que qualquer dos outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos, que povoam os espaços, são uma das potências da Natureza, potências cuja ação é incessante, assim sobre o mundo material, como sobre o mundo moral. Esclarecendo-nos com relação a essa potência, o Espiritismo nos dá a explicação de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, à falta de toda explicação, passaram por prodígios, nos tempos antigos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, mais acertadamente, de uma lei que se desconhecia, embora se lhe conhecessem os efeitos, visto que estes sempre se produziram em todos os tempos, tendo a ignorância da lei gerado a superstição. Conhecida ela, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que, fazendo que uma mesa se mova, ou que os mortos escrevam, os espíritas não operam maior milagre do que opera o médico que restitui à vida um moribundo, ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, por meio

desta ciência, *realizar milagres*, seria ou ignorante do assunto, ou embusteiro.” (AK, *O livro dos médiums*, Primeira parte, Capítulo II)

“**16.** Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, tiveram que passar por prodígios. Ora, como os cépticos, os espíritos fortes, isto é, os que gozam do privilégio exclusivo da razão e do bom-senso, não admitem que uma coisa seja possível, desde que não a compreendam, de todos os fatos considerados prodigiosos fazem objeto de suas zombarias. Pois que a religião conta grande número de fatos desse gênero, não creem na religião e daí à incredulidade absoluta o passo é curto. Explicando a maior parte deles, o Espiritismo lhes assina uma razão de ser. Vem, pois, em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de muitos que, por perderem o caráter de miraculosos, não deixam, contudo, de ser extraordinários, e Deus não fica sendo menor, nem menos poderoso, por não haver derogado suas leis. De quantas graçolas não foi objeto o fato de São Cupertino se erguer nos ares! Ora, a suspensão etérea dos corpos graves é um fenômeno que a lei espírita explica. Fomos dele *pessoalmente testemunha ocular*, e o Sr. Home, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Logo, este fenômeno pertence à ordem das coisas naturais. **17.** Entre os deste gênero, devem figurar na primeira linha as aparições, porque são as mais frequentes. A de Salette, sobre a qual divergem as opiniões no seio do próprio clero, nada tem para nós de insólita. Certamente não podemos afirmar que o fato se deu, porque não temos disso prova material; mas, consideramo-lo possível, atendendo a que conhecemos milhares de outros análogos, *recentemente ocorridos*. Damos-lhes crédito não só porque lhes verificamos a realidade, como, sobretudo, porque sabemos perfeitamente de que maneira se produzem. Quem se reportar à teoria, que adiante expomos, das aparições, reconhecerá que este fenômeno se mostra tão simples e plausível, como um sem-número de fenômenos físicos, que só parecem prodigiosos por falta de uma chave que permita explicá-los. Quanto à personagem que se apresentou na Salette, é outra questão. Sua identidade não nos foi absolutamente demonstrada. Apenas reconhecemos que pode ter havido uma aparição; quanto ao mais, escapa à nossa competência. A esse respeito, cada um está no direito de manter suas convicções, nada tendo o Espiritismo que ver com isso. Dizemos tão somente que os fatos que o Espiritismo produz nos revelam leis novas e nos dão a explicação de um mundo de coisas que pareciam sobrenaturais. Desde que alguns dos que passavam por miraculosos encontram, assim, explicação lógica, motivo é este bastante para que ninguém se apresse a negar o que não compreende. Algumas pessoas contestam os fenômenos espíritas precisamente

porque tais fenômenos lhes parecem estar fora da lei comum e porque não logram achar-lhes qualquer explicação. Dai-lhes uma base racional e a dúvida desaparecerá. A explicação, neste século em que ninguém se contenta com palavras, constitui, pois, poderoso motivo de convicção. Daí o vemos, todos os dias, pessoas que nenhum fato testemunharam, que não observaram uma mesa agitar-se, ou um médium escrever, se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se houvéssemos de somente acreditar no que vemos com os nossos olhos, a bem pouco se reduziriam as nossas convicções.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo II)

“**PRODÍGIOS DOS FALSOS PROFETAS. 5.** “Levantar-se-ão falsos Cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzirem os próprios escolhidos.” Estas palavras dão o verdadeiro sentido do termo prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da Natureza. Sendo estas, *exclusivamente*, obras de Deus, pode ele, sem dúvida, derogá-las, se lhe apraz; o simples bom-senso, porém, diz que não é possível haja ele dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, nem, ainda menos, o direito de desfazer o que ele tenha feito. Semelhante princípio não no pode Jesus ter consagrado. Se, portanto, de acordo com o sentido que se atribui a essas palavras, o Espírito do mal tem o poder de fazer prodígios tais que os próprios escolhidos se deixem enganar, o resultado seria que, podendo fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus e nada provam, pois que nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. Necessário, então, se torna procurar um sentido mais racional para aquelas palavras. Para o vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por muito extraordinário que pareça, mais não é do que aplicação de uma lei da Natureza. Assim, o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da Ciência se alarga. Em todos os tempos, homens houve que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um pseudo poder sobre-humano, ou de uma pretendida missão divina. São esses os falsos Cristos e falsos profetas. A difusão das luzes lhes aniquila o crédito, donde resulta que o número deles diminui à proporção que os homens se esclarecem. O fato de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui, pois, sinal de uma missão divina, visto que pode resultar de conhecimento cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais

indigno não se acha inibido de possuir, tanto quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por mais sérios caracteres e exclusivamente morais. **NÃO CREAIS EM TODOS OS ESPÍRITOS. 6.** *Meus bem-amados, não creais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.* (S. JOÃO, Epístola 1a, 4:1) **7.** Os fenômenos espíritas, longe de abonarem os falsos Cristos e os falsos profetas, como a algumas pessoas apraz dizer, golpe mortal desferem neles. Não peçais ao Espiritismo prodígios, nem milagres, porquanto ele formalmente declara que não os opera. Do mesmo modo que a Física, a Química, a Astronomia e a Geologia revelaram as leis do mundo material, ele revela outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são leis da Natureza. Facultando a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até o presente, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Quem, portanto, se sentisse tentado a lhe explorar em proveito próprio os fenômenos, fazendo-se passar por messias de Deus, não conseguiria abusar por muito tempo da credulidade alheia e seria logo desmascarado. Aliás, como já se tem dito, tais fenômenos, por si sós, nada provam: a missão se prova por efeitos morais, o que não é dado a qualquer um produzir. Esse um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, levanta ela o véu de sobre muitos mistérios. Só os que preferem a obscuridade à luz, têm interesse em combatê-la; mas, a verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros. [...]” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXI)

“**8.** Uma vez que estão no quadro dos da Natureza, os fenômenos espíritas se hão produzido em todos os tempos; mas, precisamente, porque não podiam ser estudados pelos meios materiais de que dispõe a ciência vulgar, permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo agora os tira. Baseado em aparências inexplicadas, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, a vagar pelo desconhecido, gera as crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos transviamentos da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até aos seus limites extremos e lhe arrebatou o último refúgio. Se é certo que ele faz crer na possibilidade de alguns fatos, não menos certo é que, por outro lado, impede a crença em diversos outros, porque demonstra, no campo da espiritualidade, a exemplo da Ciência no da materialidade, o que é possível e o que não o é. Todavia, como não alimenta a pretensão de haver dito a última palavra

seja sobre o que for, nem mesmo sobre o que é da sua competência, ele não se apresenta como absoluto regulador do possível e deixa de parte os conhecimentos reservados ao futuro. **9.** Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, quer durante a encarnação, quer no estado de erraticidade. É pelas manifestações que produz que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; julga-se dela pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também o é. São esses efeitos que constituem objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegar-se a um conhecimento tão completo quanto possível, assim da natureza e dos atributos da alma, como das leis que regem o princípio espiritual. **10.** Para os que negam a existência do princípio espiritual independente, que negam, por conseguinte, a da alma individual e sobrevivente, a Natureza toda está na matéria tangível; todos os fenômenos que concernem à espiritualidade são, para esses negadores, sobrenaturais e, portanto, quiméricos. Não admitindo a causa não podem eles admitir os efeitos e, quando estes são patentes, os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação e se negam a aprofundá-los. Daí a opinião preconcebida em que se acastelam e que os torna inaptos a apreciar judiciosamente o Espiritismo, porque parte do princípio de negação de tudo o que não seja material. [...] **13.** A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral. Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo faculta a elucidação de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, por isso, passaram por prodígios nos tempos idos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles em todos os tempos se produziram, porém não se conhecia a lei e foi o desconhecimento desta que gerou a superstição. Conhecida essa lei, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que tanto operam um milagre os espíritas quando fazem que uma mesa se mova sozinha, ou que os mortos escrevam, como um milagre opera o médico, quando faz que um moribundo reviva, ou o físico, quando faz que o raio caia. Aquele que pretendesse, com o auxílio desta ciência, *fazer milagres* seria ou um ignorante do assunto, ou um enganador de tolos.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIII)

“CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. 1. As almas ou Espíritos dos que aqui viveram constituem o

mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos. Daí resulta que, desde que há homens, há Espíritos e que, se estes últimos têm o poder de manifestar-se, devem tê-lo tido em todas as épocas. É o que comprovam a história e as religiões de todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos assumiram grande desenvolvimento e tomaram um caráter mais acentuado de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo que os que deixaram a Terra viessem atestar sua existência e revelar-nos a situação ditosa ou infeliz em que se encontravam. **2.** Vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contato perpétuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por se não lhes conhecer a causa. A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente é uma das leis, uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração. Se ela cessasse, a harmonia estaria perturbada, conforme sucede num maquinismo, donde se suprime uma peça. Derivando de uma lei da natureza semelhante ação, nada têm, evidentemente, de sobrenaturais os fenômenos que ela opera. Pareciam tais, porque desconhecida era a causa que os produzia. O mesmo se deu com alguns efeitos da eletricidade, da luz, etc. **3.** Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de capital interesse para a criatura, se acha necessariamente ligado à existência do mundo invisível, pelo que o conhecimento desse mundo há constituído, desde todos os tempos, objeto de suas pesquisas e preocupações. A atenção do homem foi naturalmente atraída pelos fenômenos que tendem a provar a existência daquele mundo e nenhuns houve jamais tão concludentes, como os das manifestações dos Espíritos por meio das quais os próprios habitantes de tal mundo revelaram suas existências. Por isso foi que esses fenômenos se tornaram básicos para a maior parte dos dogmas de todas as religiões. **4.** Tendo instintivamente a intuição de uma potência superior, o homem foi sempre levado, em todos os tempos, a atribuir à ação **direta** dessa potência os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida e que passavam, a seus olhos, por prodígios e efeitos sobrenaturais. Os incrédulos consideram essa tendência uma consequência da predileção que tem o homem pelo maravilhoso; não procuram, porém, a origem desse amor do maravilhoso. Ela, no entanto, reside muito simplesmente na intuição mal definida de uma ordem de coisas extracorpóreas. Com o progresso da Ciência e o conhecimento das leis da Natureza, esses fenômenos passaram pouco a pouco do domínio do maravilhoso para o dos efeitos naturais, de

sorte que o que outrora parecia sobrenatural já não o é hoje e o que ainda o é hoje não mais o será amanhã. Os fenômenos decorrentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua natureza mesma, larga contribuição aos fatos reputados maravilhosos. Tempo, contudo, viria em que, conhecida a lei que os rege, eles entrariam, como os outros, na ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo, dando a conhecer essa lei, apresentou a chave para a interpretação da maior parte das passagens incompreendidas das Escrituras sagradas que a isso aludem e dos fatos tidos por miraculosos. **5.** O caráter do fato miraculoso é ser insólito e excepcional; é uma derrogação das leis da Natureza. Desde, pois, que um fenômeno se reproduz em condições idênticas, segue-se que está submetido a uma lei e, então, já não é miraculoso. Pode essa lei ser desconhecida, mas, por isso, não é menos real a sua existência. O tempo se encarregará de revelá-la. O movimento do Sol, ou, melhor, da Terra, sustado por Josué, seria um verdadeiro milagre, porquanto implicaria a derrogação manifesta da lei que rege o movimento dos astros. Mas, se o fato pudesse reproduzir-se em dadas condições, é que estaria sujeito a uma lei e deixaria, conseqüentemente, de ser milagre. **6.** É errôneo assustar-se a Igreja com o fato de restringir-se o círculo dos fatos miraculosos, porquanto Deus prova melhor o seu poder e a sua grandeza por meio do admirável conjunto de suas leis, do que por algumas infrações dessas mesmas leis. E tanto mais errôneo é o seu temor, quanto ela atribui ao demônio o poder de operar prodígios, donde resultaria que, podendo interromper o curso das leis divinas, o demônio seria tão poderoso quanto Deus. Ousar dizer que o Espírito do mal pode suspender o curso das leis de Deus é blasfêmia e sacrilégio. Longe de perder qualquer coisa de sua autoridade por passarem os fatos qualificados de milagrosos à ordem dos fatos naturais, a religião somente pode ganhar com isso; primeiramente, porque, se um fato é tido falsamente por miraculoso, há aí um erro e a religião somente pode perder ao se apoiar num erro, sobretudo ao se obstinar em considerar milagre o que não o seja; em segundo lugar, porque, não admitindo a possibilidade dos milagres, muitas pessoas negam os fatos qualificados de milagrosos, negando, conseqüentemente, a religião que em tais fatos

se estriba. Se, ao contrário, a possibilidade dos mesmos fatos for demonstrada como efeitos das leis naturais, já não haverá cabimento para que alguém os repila, nem repila a religião que os proclame. **7.** Nenhuma crença religiosa, por lhes ser contrária, pode infirmar os fatos que a Ciência comprova de modo peremptório. Não pode a religião deixar de ganhar em autoridade acompanhando o progresso dos conhecimentos científicos, como não pode deixar de perder, ao se conservar retardatária, ou a protestar contra esses mesmos conhecimentos em nome dos seus dogmas, visto que nenhum dogma poderá prevalecer contra as leis da Natureza, ou anulá-las. Um dogma que se funde na negação de uma lei da Natureza não pode exprimir a verdade. O Espiritismo, que se funda no conhecimento de leis até agora incompreendidas, não vem destruir os fatos religiosos, porém sancioná-los, dando-lhes uma explicação racional. Vem destruir apenas as falsas conseqüências que deles foram deduzidas, em virtude da ignorância daquelas leis, ou de as terem interpretado erradamente. **8.** A ignorância das leis da Natureza, com o levar o homem a procurar causas fantásticas para fenômenos que ele não compreende, é a origem das ideias supersticiosas, algumas das quais são devidas aos fenômenos espíritas mal compreendidos. O conhecimento das leis que regem os fenômenos destrói essas ideias supersticiosas, encaminhando as coisas para a realidade e demonstrando, com relação a elas, o limite do possível e do impossível.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

VI.3. Racionalidade dos fenômenos espíritas está fundamentada na natureza semimaterial dos espíritos (envoltório fluídico ou perispírito)^{2,3}

“DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA. 52. Posta de lado a opinião materialista, porque condenada pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode manifestar-se aos vivos. Reduzida assim à sua expressão mais

- 2** Por ser um tema de fundamental importância ao entendimento dos fenômenos espíritas e do adoecimento humano (binômio saúde-doença e correlação saúde-espiritualidade), estudado em todas as racionalidades médicas vitalistas (Medicina Tradicional Chinesa, Medicina Tradicional Indiana e Medicina Homeopática, dentre outras) iremos abordá-lo em detalhes em outros volumes da Série “Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”. Para maiores esclarecimentos sobre o assunto, sugerimos a leitura do livro  “A Natureza Imaterial do Homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” e do artigo  “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano”, dentre outras publicações citadas nas referências dos mesmos.
- 3** Vide Subcapítulo I.4 (“Reinos da natureza, elementos constituintes e teoria evolutiva”), Capítulo I (“Alma ou Espírito”), Terceira Parte (“Morte do Corpo e Imortalidade do Espírito”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

singela, a questão fica extraordinariamente desembarrada. Caberia, antes de tudo, perguntar por que não poderiam seres inteligentes, que de certo modo vivem no nosso meio, se bem que invisíveis por natureza, atestar-nos de qualquer forma sua presença. A simples razão diz que nisto nada absolutamente há de impossível, o que já é alguma coisa. Demais, esta crença tem a seu favor o assentimento de todos os povos, porquanto com ela deparamos em toda parte e em todas as épocas. Ora, nenhuma intuição pode mostrar-se tão generalizada, nem sobreviver ao tempo, se não tiver algum fundamento. Acresce que se acha sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelo dos Pais da Igreja, tendo sido preciso o ceticismo e o materialismo do nosso século para que fosse lançada ao rol das ideias supersticiosas. Se estamos em erro, aquelas autoridades o estão igualmente. Mas, isso não passa de considerações de ordem moral. Uma causa, especialmente, há contribuído para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que toda gente faz questão de se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas. Essa causa é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais se podem manifestar. Adquirindo o conhecimento daquela natureza e destes meios, as manifestações nada mais apresentam de espantosas e entram no cômputo dos fatos naturais. **53.** A ideia que geralmente se faz dos Espíritos torna à primeira vista incompreensível o fenômeno das manifestações. Como estas não podem dar-se, senão exercendo o Espírito ação sobre a matéria, os que julgam que a ideia de Espírito implica a de ausência completa de tudo o que seja matéria perguntam, com certa aparência de razão, como pode ele obrar materialmente. Ora, aí o erro, pois que o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos. Observemo-los atentamente, no instante em que acabem de deixar a vida; acham-se em estado de perturbação; tudo se lhes apresenta confuso, em torno; veem perfeito ou mutilado, conforme o gênero da morte, o corpo que tiveram; por outro lado se reconhecem e sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crerem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de

perturbação, o corpo se lhes torna uma veste imperscrutável de que se despiram e de que não guardam saudades. Sentem-se mais leves e como que aliviados de um fardo. Não mais experimentam as dores físicas e se consideram felizes por poderem elevar-se, transpor o espaço, como tantas vezes o fizeram em sonho, quando vivos. Entretanto, malgrado à falta do corpo, comprovam suas personalidades; têm uma forma, mas que os não importuna nem os embaraça; têm, finalmente, a consciência de seu *eu* e de sua individualidade. Que devemos concluir daí? Que a alma não deixa tudo no túmulo, que leva consigo alguma coisa.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo II)

“**54.** Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise. Esse segundo invólucro da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. **Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação.**”⁴ Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis. O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para a explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e por nos não anteciparmos,

⁴ Grifo nosso, para destacar a importância dada por Kardec à  “Antropologia Médica Vitalista”, citada anteriormente.

no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito. **55.** Hão dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação. **56.** Ele tem a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Daí se poderia supor que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se modela, de certa maneira, por este e lhe conserva o tipo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio em o qual o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos. Essa igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a com que, em todos os tempos, se representaram os anjos, ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência. Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. Os Espíritos, portanto, são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso derredor, toda

uma população, invisível no estado normal. Dizemos - no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo II)

“**57.** Voltemos à natureza do perispírito, pois que isto é essencial para a explicação que temos de dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que decorre do fato das aparições tangíveis, a que volveremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, desconhecemo-la por completo. Apenas pelos seus atos ele se nos revela e seus atos não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre que ele atua, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações. Considerada deste modo, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se, desde então, que todos os efeitos que daí resultam cabem na ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhosos. Só pareceram sobrenaturais, porque se lhes não conhecia a causa. Conhecida esta, desaparece o maravilhoso e essa causa se inclui toda nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma ordem nova de fatos que uma nova lei vem explicar e dos quais, dentro de algum tempo, ninguém mais se admirará como ninguém se admira hoje de se corresponder com outra pessoa, a grande distância, em alguns minutos, por meio da eletricidade. **59.** Perguntar-se-á, talvez, como pode o Espírito, com o auxílio de matéria tão sutil, atuar sobre corpos pesados e compactos, suspender mesas, etc.

Semelhante objeção certa que não será formulada por um homem de ciência, visto que, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode possuir, não temos exemplos análogos sob as vistas? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra os seus mais possantes motores? Quando vemos o ar abater edifícios, o vapor deslocar enormes massas, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade lascar árvores e fender paredes, que dificuldades acharemos em admitir que o Espírito, com o auxílio do seu perispírito, possa levantar uma mesa, sobretudo sabendo que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e comportar-se como um corpo sólido?” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“**39.** O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suscitado desde a antiguidade e designado por S. Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é *inseparável da alma*, forma um dos elementos constitutivos do *ser humano*, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia. **40.** O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege - fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.” (AK, *A gênese*, Capítulo I)

“OS FLUIDOS. I. NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS. ELEMENTOS FLUÍDICOS. 1. A Ciência resolveu a questão dos milagres que mais particularmente derivam do elemento material, quer

explicando-os, quer lhes demonstrando a impossibilidade, em face das leis que regem a matéria. Mas, os fenômenos em que prepondera o elemento espiritual, esses, não podendo ser explicados unicamente por meio das leis da Natureza, escapam às investigações da Ciência. Tal a razão por que eles, mais do que os outros, apresentam os caracteres *aparentes* do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a explicação dos milagres dessa categoria. **2.** O fluido cósmico universal é, como já foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. (Cap. X) Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. (Cap. IV, nos 10 e seguintes) Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de *fenômenos espirituais* ou *psíquicos*, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito. **3.** No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível. Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes. [...] **4.** Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria

tangível e não a matéria etérea. Alguns há, pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer ideia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores. Mas, entre tais fluidos, há os tão intimamente ligados à vida corporal, que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de observação direta, seus efeitos podem observar-se, como se observam os do fluido do ímã, fluido que jamais se viu, podendo-se adquirir sobre a natureza deles conhecimentos de alguma precisão. É essencial esse estudo, porque está nele a chave de uma imensidade de fenômenos que não se conseguem explicar unicamente com as leis da matéria.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“FORMAÇÃO E PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO. 7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispíritico e o corpo carnal têm, pois, origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes. **8.** Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. [...] **9.** A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros um pouco mais desmaterializados não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres. Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores, e, até, encarnar neles. Tiram, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontrem. Fazem como o nobre que despe temporariamente suas vestes, para envergar os trajes plebeus, sem deixar por

isso de ser nobre. [...] Resulta disso este fato capital: *a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda*. O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, são os mesmos os efeitos que o corpo produz, semelhantes às necessidades, ao passo que diferem em tudo o que respeita ao perispírito. Também resulta que: *o envoltório perispíritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo*.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FLUIDOS. CRIAÇÕES FLUÍDICAS. FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO. 13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som. **14.** Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinada; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera. É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. [...] **15.** Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos,

ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros. Há mais: criando *imagens fluídicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispíritico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo se *fotografa*. [...] Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ I - O PERISPÍRITO COMO PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES. 9. Os Espíritos, como já foi dito, têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de **perispírito**. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta. **10.** Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito, sendo-lhe o corpo apenas um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado aos fenômenos a que tem de prestar-se e do qual o Espírito se despoja por ocasião da morte. O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa. **11.** O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contato corporal, podem achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição. **12.** Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las. **13.** Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. Sua natureza etérea não é que a isso obstaria, pois se sabe que os mais poderosos motores se nos deparam nos fluidos mais rarefeitos e nos mais

imponderáveis. Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca, os Espíritos produzem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de toda espécie, levantamento, transporte ou lançamento de objetos. Para explicarem-se esses fatos, não há porque recorrer ao maravilhoso, nem ao sobrenatural. **14.** Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens. **15.** Podem ser espontâneas ou provocadas as manifestações dos Espíritos. As primeiras dão-se inopinadamente e de improviso. Produzem-se, muitas vezes, entre pessoas de todo estranhas às ideias espíritas. Nalguns casos e sob o império de certas circunstâncias, pode a vontade provocar as manifestações, sob a influência de pessoas dotadas, para tal efeito, de faculdades especiais. As manifestações espontâneas sempre se produziram, em todas as épocas e em todos os países. Sem dúvida, já na antiguidade se conhecia o meio de as provocar; mas, esse meio constituía privilégio de certas castas que somente a raros iniciados o revelavam, sob condições rigorosas, escondendo-o ao vulgo, a fim de o dominar pelo prestígio de um poder oculto. Ele, contudo, se perpetuou, através das idades até aos nossos dias, entre alguns indivíduos, mas quase sempre desfigurado pela superstição, ou de mistura com as práticas ridículas da magia, o que contribuiu para o desacreditar. Nada mais fora até então senão germens lançados aqui e ali. A Providência reservara para a nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos, para os expurgar das ligas impuras e torná-los úteis ao melhoramento da Humanidade, madura agora para os compreender e lhes tirar as consequências.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

VI.4. Explicação para alguns fenômenos “sobrenaturais” específicos

“II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS. VISTA ESPIRITUAL OU PSÍQUICA. DUPLA VISTA. SONAMBULISMO. SONHOS. 22. O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual. É por seu intermédio que o Espírito encarnado se acha em relação contínua com os desencarnados; é, em suma, por seu intermédio, que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais. É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispíritico que se tem de procurar

a causa da *dupla vista*, ou *vista espiritual*, a que também se pode chamar *vista psíquica*, da qual muitas pessoas são dotadas, frequentemente a seu mau grado, assim como da vista sonambúlica. O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou *psíquico*, elas se generalizam: o Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico. No homem, tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma a atuar fora do organismo. Na dupla vista ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê com os olhos do corpo, embora, muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que lhe chama a atenção. Vê com os olhos da alma e a prova está em que vê perfeitamente bem com os olhos fechados e vê o que está muito além do alcance do raio visual. Lê o pensamento figurado no raio fluídico (nº 15) **23**. Embora, durante a vida, o Espírito se encontre preso ao corpo pelo perispírito, não se lhe acha tão escravizado, que não possa alongar a cadeia que o prende e transportar-se a um ponto distante, quer sobre a Terra, quer do espaço. Repugna ao Espírito estar ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade e a vida corporal é a do servo preso à gleba. Ele, por conseguinte, se sente feliz em deixar o corpo, como o pássaro em se encontrar fora da gaiola, pelo que aproveita todas as ocasiões que se lhe oferecem para dela se escapar, de todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Tem-se então o fenômeno a que se dá o nome de *emancipação da alma*, fenômeno que se produz sempre durante o sono. De todas as vezes que o corpo repousa, que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende. (O *Livro dos Espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII) Nesses momentos ele vive da vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas da vida vegetativa; acha-se, em parte, no estado em que se achará após a morte: percorre o espaço, confabula com os amigos e outros Espíritos, livres ou *encarnados* também. O laço fluídico que o prende ao corpo só por ocasião da morte se rompe definitivamente; a separação completa somente se dá por efeito da extinção absoluta da atividade vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é instantaneamente chamado à sua prisão, desde que a sua presença aí se torne necessária. Ele, então, retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva das suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho. Quando nada, traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira.

Assim igualmente se explicam certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., e que mais não são do que manifestações da vida espiritual. [...] **25**. Assim, envolta no seu perispírito, a alma tem consigo o seu princípio luminoso. Penetrando a matéria por virtude da sua essência etérea, não há, para a sua visão, corpos opacos. Entretanto, a vista espiritual não é idêntica, quer em extensão, quer em penetração, para todos os Espíritos. Somente os Espíritos puros a possuem em todo o seu poder. Nos inferiores ela se acha enfraquecida pela relativa grosseria do perispírito, que se lhe interpõe qual nevoeiro. Manifesta-se em diferentes graus, nos Espíritos encarnados, pelo fenômeno da segunda vista, tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado de vigília. Conforme o grau de poder da faculdade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. Com o auxílio dessa faculdade é que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem as causas das enfermidades. [...] **27**. Necessariamente incompleta e imperfeita é a vista espiritual nos Espíritos encarnados e, por conseguinte, sujeita a aberrações. Tendo por sede a própria alma, o estado desta há de influir nas percepções que aquela vista faculta. Segundo o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, pode ela dar, quer durante o sono, quer no estado de vigília: 1º a percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns que ocorram a grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma enfermidade e os remédios convenientes; 2º a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a presença dos Espíritos; 3º imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento (veja-se, acima, o nº 14) Estas criações se acham sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tais quais essas pessoas os imaginam. Às vezes, é toda uma epopeia. Os pagãos viam o Olímpio e o Tártaro, como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertarem, ou ao saírem do êxtase, conservam lembrança exata de suas visões, os que as tiveram tomam-nas como realidades confirmativas de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos. Cumpre, pois, se faça uma distinção muito rigorosa nas visões extáticas, antes que se lhes dê crédito. A tal propósito, o remédio para a excessiva credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual. **28**. Os sonhos propriamente ditos apresentam os três caracteres das visões acima descritas. Às duas primeiras categorias dessas visões pertencem os sonhos de previsões, pressentimentos

e avisos. Na terceira, isto é, nas criações fluídicas do pensamento, é que se pode deparar com a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real, com relação à vida corpórea, mas que apresentam às vezes, para o Espírito, uma realidade tal, que o corpo lhe sente o contrachoque, havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Podem essas criações ser provocadas: pela exaltação das crenças; por lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um embaraço nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ IV - EMANCIPAÇÃO DA ALMA. 24. Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, esse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que a sua presença não é necessária para atuar isoladamente e ir onde quiser, no gozo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades. Durante a encarnação, o Espírito jamais se acha completamente separado do corpo; qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se preso sempre àquele por um laço fluídico que serve para fazê-lo voltar à prisão corpórea, desde que a sua presença ali se torne necessária. Esse laço só a morte o rompe. “Durante o sono, a alma se liberta parcialmente do corpo. Quando dormimos, ficamos, temporariamente, no estado em que nos acharemos de maneira definitiva após a morte. Os Espíritos que depois da morte de seus corpos se desligaram da matéria, tiveram sonos inteligentes; aqueles, quando dormem, juntam-se à sociedade de outros seres que lhes são superiores; viajam, conversam e se instruem com eles, trabalham mesmo em obras que, quando morrem, acham inteiramente acabadas. Isto deve ensinar-vos a não temer a morte, pois que morreis todos os dias, como o disse um santo. “Assim é com relação aos Espíritos elevados. Quanto à massa geral dos homens que, por ocasião da morte, têm de passar por aquela perturbação, por aquela incerteza de que eles próprios vos hão falado, esses vão ou a mundos inferiores à Terra, aonde os chamam antigas afeições, ou em busca de prazeres ainda mais degradantes, talvez, do que os de sua predileção neste mundo. Vão à cata de doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que entre vós professam. O que gera na Terra a simpatia é apenas o fato de que o Espírito, ao despertar, se sente vinculado, pelo coração, àqueles em cuja companhia acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Por outro lado, o que também explica essas invencíveis antipatias que uma criatura às vezes experimenta é que ela sente, dentro do seu coração, que os que lhe são antipáticos possuem uma consciência diversa da sua, pois que ela os conhece sem jamais os

ter visto. É também o que explica a indiferença, que nasce da circunstância de não nos interessar o granjeio de novos amigos, quando sabemos que outros contamos que nos amam e nos querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida. “Por meio do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos e é isso o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Deus quer que, enquanto se achem em contato com o vício, eles possam ir retemperar-se na fonte do bem, para não suceder que também venham a falir, quando o que lhes cabe é instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para irem ter com seus amigos do céu; é o recreio após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a libertação final que os restituirá ao meio que lhes é próprio. “O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais, pois que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que vistes. É que a vossa alma não se acha em todo o desenvolvimento de suas faculdades; não é, muitas vezes, mais do que a lembrança da perturbação que experimenta à partida ou à volta, à qual se junta a do que fizestes ou do que vos preocupa no estado de vigília. Se assim não fosse, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os mais sábios, como os mais simples têm? Também os maus Espíritos se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas ou pusilânimes. “A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas resultantes da recordação incompleta do que durante eles foi visto. Dá-se então o que se daria com uma narrativa da qual se truncassem frases ao acaso: reunidos, os fragmentos que restassem nenhuma significação racional apresentariam. “Em suma, dentro em pouco vereis desenvolver-se outra espécie de sonhos, tão antigos como os que conheceis, mas que ainda ignorais. O sonho de Joana d’Arc, o sonho de Jacob, os sonhos dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos são lembranças que a alma, inteiramente desprendida do corpo, conserva dessa outra vida de que eu ainda há pouco vos falava.” (*O Livro dos Espíritos*, Segunda parte, cap. VIII)

25. A independência e a emancipação da alma se manifestam, de maneira evidente, sobretudo no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia. A lucidez sonambúlica não é senão a faculdade, que a alma tem, de ver e sentir sem o concurso dos órgãos materiais. É um de seus atributos essa faculdade e reside em todo o seu ser, não passando os órgãos do corpo de estreitos canais por onde lhe chegam certas percepções. A visão à distância, que alguns sonâmbulos possuem, provém de um deslocamento da alma, que então vê o que se passa nos lugares a que se transporta. Em suas peregrinações, ela se acha sempre revestida do seu perispírito, agente de suas

sensações, mas que nunca se desliga completamente do corpo, como já ficou dito. O afastamento da alma produz a inércia do corpo, que às vezes parece sem vida. **26.** Esse afastamento ou desprendimento pode também operar-se, em graus diversos, no estado de vigília. Mas, então, jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres. O corpo não dorme, caminha, age, mas os olhos olham sem ver, dando a compreender que a alma está algures. Como no sonambulismo, ela vê as coisas distantes; tem percepções e sensações que desconhecemos; às vezes, tem a presciência de alguns acontecimentos futuros pela ligação que percebe existir entre eles e os fatos presentes. Penetrando no mundo invisível, vê os Espíritos com quem lhe é possível entabular conversa e cujos pensamentos lhe é dado transmitir. À sua volta ao estado normal, de ordinário sobrevém o esquecimento do que se passou. Algumas vezes, porém, ela conserva uma lembrança mais ou menos vaga do ocorrido, como se tivesse tido um sonho. **27.** Não raro, a emancipação da alma amortece tanto as sensações físicas, que chega a produzir verdadeira insensibilidade que, nos momentos de exaltação, lhe possibilita suportar com indiferença as mais vivas dores. Provém essa insensibilidade do desprendimento do perispírito, agente transmissor das sensações corporais. Ausente, o Espírito não sente as feridas feitas no corpo. **28.** Em sua manifestação mais simples, a faculdade que a alma tem de emancipar-se produz o que se denomina o devaneio em vigília. A algumas pessoas, essa emancipação também dá a presciência, que se traduz pelos pressentimentos; em grau mais avançado de desprendimento, produz o fenômeno conhecido pelo nome de “segunda vista”, “vista dupla”, ou “sonambulismo vígil”. **29.** O **êxtase** é a emancipação da alma no grau máximo. “No sonho e no sonambulismo, a alma erra pelos mundos terrestres; no êxtase, penetra num mundo desconhecido, no mundo dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites, que ela não poderia transpor sem quebrar totalmente os laços que a prendem ao corpo. Cercam-na um brilho resplandecente e desusado fulgor, elevam-na harmonias que na Terra se desconhecem, invade-a indefinível bem-estar; dado lhe é gozar antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que põe um pé no limiar da eternidade. No êxtase, é quase completo o aniquilamento do corpo; já não resta, por assim dizer, senão a vida orgânica e percebe-se que a alma lhe está presa apenas por um fio, que mais um pequeno esforço faria partir-se.” (*O Livro dos Espíritos*, nº 455) **30.** Como em nenhum dos outros graus de emancipação da alma, o êxtase não é isento de erros, pelo que as revelações dos extáticos longe estão de

exprimir sempre a verdade absoluta. A razão disso reside na imperfeição do espírito humano; somente quando ele há, chegado ao cume da escala pode julgar das coisas lucidamente; antes não lhe é dado ver tudo, nem tudo compreender. Se, após o fenômeno da morte, quando o desprendimento é completo, ele nem sempre vê com justeza; se muitos hão que se conservam imbuídos dos prejuízos da vida, que não compreendem as coisas do mundo visível, onde se encontram, com mais forte razão o mesmo há de suceder com o Espírito ainda retido na carne. Há por vezes, nos extáticos, mais exaltação que verdadeira lucidez, ou, melhor, a exaltação lhes prejudica a lucidez, razão por que suas revelações são com frequência mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e outras ridículas. Também Espíritos inferiores se aproveitam dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não há quem saiba governá-la, para dominar o extático, e, para conseguirem seus fins, assumem aos olhos deste **aparências** que o aferram às suas ideias e preconceitos, de modo que suas visões e revelações não vêm a ser mais do que reflexos de suas crenças. É um escolho a que só escapam os Espíritos de ordem elevada, escolho diante do qual o observador deve manter-se em guarda. **31.** Pessoas há cujo perispírito se identifica de tal maneira com o corpo, que só com extrema dificuldade se opera o desprendimento da alma, mesmo por ocasião da morte; são, em geral, as que viveram mais para a matéria; são também aquelas para as quais a morte é mais penosa, mais cheia de angústias, mais longa e dolorosa a agonia. Outras há, porém, cujas almas, ao contrário, se acham presas ao corpo por liames tão frágeis, que a separação se efetua sem abalos, com a maior facilidade e frequentemente antes que se dê a morte do corpo. Ao aproximar-se-lhes o termo da vida, essas almas entreveem o mundo onde vão penetrar e pelo qual aspiram no momento da libertação completa.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“§ V - APARIÇÃO DE PESSOAS VIVAS. BICORPOREIDADE. 32. A faculdade, que a alma possui, de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília. Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência tão idêntica à realidade, que possível se torna a muitas pessoas estar com a verdade, ao afirmarem tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se no outro o Espírito. Foi este fenômeno, aliás muito raro, que deu origem

à crença nos homens duplos e que se denomina de **bicorporeidade**. Por muito extraordinário que seja, tal fenômeno, como todos os outros, se compreende na ordem dos fenômenos naturais, pois que decorre das propriedades de perispírito e de uma lei natural.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“**CATALEPSIA. RESSURREIÇÕES. 29.** A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritico igualmente o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no Espírito, qual choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, que parece ter nos nervos os seus fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam achar explicação para todos os efeitos. A interrupção pode dar-se pela separação de um membro, ou pela secção de um nervo, mas, também, parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande sobre-excitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa no corpo e, em sua febril atividade, atrai a si, por assim dizer, o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poder-se-ia também admitir que, em certas circunstâncias, no próprio fluido perispiritual uma modificação molecular se opera, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É por isso que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa, cuja atenção se acha concentrada num trabalho, não ouve o ruído que se lhe faz em torno. Efeito análogo, porém, mais pronunciado, se verifica nalguns sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. Finalmente, do mesmo modo também se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de muitos mártires. (*Revue Spirite*, janeiro, de 1868: “Estudo sobre os Aissaouas”) A paralisia já não tem absolutamente a mesma causa: aí o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores que se tornam inaptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram. **30.** Em certos estados patológicos, quando o Espírito há deixado o corpo e o perispírito só por alguns pontos se lhe acha aderido, apresenta ele, o corpo, todas as aparências da morte e enuncia-se uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Semelhante estado pode durar mais ou menos tempo; podem mesmo algumas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, pode o Espírito, quer por uma ação enérgica, da sua *própria* vontade, quer por *um influxo fluídico estranho*, igualmente forte, ser chamado a volver ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as

probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta a renascer, como às vezes se dá, de uma só fibrila da raiz. Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico se têm destacado do corpo carnal, ou quando este último há chegado a um estado irreparável de degradação, impossível se torna todo regresso à vida. (Exemplos: *Revue Spirite*, “O doutor Cardon”, agosto de 1863, pág. 251; __, “A mulher corsa”, maio de 1866, pág. 134)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“**CURAS. 31.** Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula *malsã* por uma molécula *sã*. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, *seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas. **32.** São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas em alguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais. **33.** A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras: 1º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido; 2º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito (Exemplos: *Revue Spirite*, fevereiro de 1863, pág. 64; __, abril de 1865, pág. 113; __, setembro de 1865, pág. 264); 3º pelos

fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o *magnetismo misto, semi-espiritual*, ou, se o preferirem, *humano-espiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador. **34.** É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional. No entanto, em épocas diversas e no seio de quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero assentam num princípio natural e que o poder de operá-las não constitui privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da Natureza e que só são miraculosas na aparência. (Casos de curas instantâneas relatados na *Revue Spirite*, “O príncipe de Hohenlohe”, dezembro de 1866, pág. 368; ___, “Jacob”, outubro e novembro de 1866, págs. 312 e 345; outubro e novembro de 1867, págs. 306 e 339; ___, “Simonet”, agosto de 1867, página 232; ___, “Caid Hassan”, outubro de 1867, pág. 303; ___, “O cura Gassner”, novembro de 1867, pág. 331)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“APARIÇÕES. TRANSFIGURAÇÕES. 35. Para nós, o perispírito, no seu estado normal, é invisível; mas, como é formado de substância etérea, o Espírito, em certos casos, pode, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as *aparições*, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da Natureza. Nada tem esse de mais extraordinário, do que o do vapor que, quando muito rarefeito, é invisível, mas que se torna visível, quando condensado. Conforme o grau de condensação do fluido perispirítico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; doutras vezes, mais nitidamente definida; doutras, enfim, com todas as aparências da matéria tangível. Pode, mesmo, chegar, até, à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si. São frequentes as aparições vaporosas, forma sob a qual muitos indivíduos, depois de terem morrido, se apresentam às pessoas que lhes são afeiçoadas. As aparições tangíveis são mais raras, se bem haja delas numerosíssimos casos, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprime ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo. (*O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, caps. VI e VII) **36.** É de notar-se que as aparições tangíveis só têm da matéria carnal as aparências; não poderiam

ter dela as qualidades. Em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a coesão da matéria, porque, em realidade, não há nelas carne. Formam-se instantaneamente e instantaneamente desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. (*Nota da Editora:* As materializações prolongadas, quais as verificadas por William Crookes, não eram, então, conhecidas) Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem, como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba donde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto carecerem de corpo carnal. Atingiriam o vácuo os golpes que se lhes desferissem. Tal o caráter dos *agêneres*, com os quais se pode confabular, sem suspeitar de que eles o sejam, mas que não demoram longo tempo entre os humanos e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família. (*Nota da Editora:* Segundo a Bíblia, este fato se deu na família de Tobias; Ver *O Livro de Tobias*) Ao demais, denotam sempre, em suas atitudes, qualquer coisa de estranho e de insólito que deriva ao mesmo tempo da materialidade e da espiritualidade: neles, o olhar é simultaneamente vaporoso e brilhante, carece da nitidez do olhar através dos olhos da carne; a linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação singular e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor; e quem com eles se põem em contato, embora os tomem por indivíduos quais todos os outros, são levados a dizer involuntariamente: Ali está uma criatura singular. (Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revue Spirite*, janeiro de 1858, pág. 24; ___, outubro de 1858, pág. 291; ___, fevereiro de 1859, pág. 38; ___, março de 1859, pág. 80; ___, janeiro de 1859, pág. 11; ___, novembro de 1859, pág. 303; ___, agosto de 1859, pág. 210; ___, abril de 1860, pág. 117; ___, maio de 1860, pág. 150; ___, julho de 1861, pág. 199; ___, abril de 1866, pág. 120; ___, “O lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos”, dezembro de 1866, pág. 353) **37.** Sendo o mesmo o perispírito, assim nos encarnados, como nos desencarnados, um Espírito encarnado, por efeito completamente idêntico, pode, num momento de liberdade, aparecer em ponto diverso do em que repousa seu corpo, com os traços que lhe são habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos. (Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revue Spirite*, de dezembro de 1858, págs. 329 e 331; ___, fevereiro de 1859, pág. 41; ___, agosto de 1859, pág. 197; ___, novembro de 1860, pág. 356) **38.** Um efeito peculiar aos fenômenos dessa espécie consiste em que

as aparições vaporosas e, mesmo, tangíveis, não são perceptíveis a toda gente, indistintamente. Os Espíritos só se mostram quando o querem e a quem também o querem. Um Espírito, pois, poderia aparecer, numa assembleia, a um ou a muitos dos presentes e não ser visto pelos demais. Dá-se isso, porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não por intermédio da vista carnal; pois não só aquela não é dada a toda gente, como pode, se for conveniente, ser retirada, pela só vontade do Espírito, àquele a quem ele não queira mostrar-se, como pode dá-la, momentaneamente, se entender necessário. À condensação do fluido perispirítico nas aparições, indo mesmo até à tangibilidade, faltam as propriedades da matéria ordinária: se tal não se desse, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo e, então, todas as pessoas presentes as perceberiam. **39.** Podendo o Espírito operar transformações na textura do seu envoltório perispirítico e irradiando-se esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno análogo ao das aparições. Pode a imagem real do corpo apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, e assumir outra aparência; ou, então, vistos através da camada fluídica modificada, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se, saindo do terra-a-terra, o Espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual, pode a expressão de um semblante feio tornar-se bela, radiosa e até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é presa de paixões más, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo. Assim se operam as *transfigurações*, que refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito. O fenômeno resulta, portanto, de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispirítica, que se produz sobre o próprio corpo do vivo e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o serem, geralmente, perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, precisamente por se basearem na matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível. (Exemplo e teoria da transfiguração: *Revue Spirite*, março de 1859, pág. 62; *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, Capítulo VII)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ II - MANIFESTAÇÕES VISUAIS. **16.** Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, tendo isso em comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, mas que nunca vimos. Pode também, como alguns fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, quer por uma espécie de condensação, quer por uma mudança na disposição molecular. Pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível e retomar

instantaneamente seu estado etéreo e invisível. É possível fazer-se ideia desse efeito pelo que acontece com o vapor, que passa do estado de invisibilidade ao estado brumoso, depois ao líquido, em seguida ao sólido e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como se dá com os gases. Quando um Espírito aparece, é que ele põe seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Entretanto, nem sempre basta a vontade para fazê-lo visível: é preciso, para que se opere a modificação do perispírito, o concurso de umas tantas circunstâncias que dele independem. É, preciso, ao demais, que ao Espírito seja permitido fazer-se visível a tal pessoa, permissão que nem sempre lhe é concedida, ou somente o é em determinadas circunstâncias, por motivos que nos escapam. (Veja-se: *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, capítulo VI) Outra propriedade do perispírito, peculiar essa à sua natureza etérea, é a **penetrabilidade**. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado. Eles visitam o preso no seu cárcere tão facilmente como visitam a um que está no campo a trabalhar.

17. As manifestações visuais ocorrem ordinariamente durante o sono, por meio dos sonhos: são as **visões**. As **aparições** propriamente ditas dão-se no estado de vigília, estando aqueles que as percebem no gozo pleno de suas faculdades e da liberdade de usar delas. Apresentam-se, em geral, sob forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e imprecisa. Frequentemente, não passam, à primeira vista, de um clarão esbranquiçado, cujos contornos pouco a pouco se acentuam. Doutras vezes, as formas se apresentam nitidamente desenhadas, distinguindo-se os menores traços do rosto, ao ponto de poder-se descrevê-lo com precisão. Os ademanos e o aspecto assemelham-se aos que o Espírito tinha quando vivo. **18.** Podendo assumir todas as aparências, o Espírito se apresenta debaixo daquela que mais reconhecível o possa tornar, se o quiser. É assim que, embora como Espírito nenhuma enfermidade corpórea lhe reste, ele se mostrará estropiado, coxo, ferido com cicatrizes, se isso for necessário a lhe comprovar a identidade. O mesmo se observa com relação ao traje. O dos Espíritos que nada conservam das fraquezas terrenas, aquele de ordinário consta de amplos panos flutuantes e de uma cabeleira ondulante e graciosa. Amiúde os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação, como: uma auréola, asas os que podem ser considerados anjos, resplandecente aspecto luminoso, enquanto que outros trajam as que recordam suas ocupações terrestres. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com

livros, um assassino com um punhal, etc. A figura dos Espíritos superiores é bela, nobre e serena; os mais inferiores têm qualquer coisa de feroz e bestial e, por vezes, ainda mostram vestígios dos crimes que cometeram ou dos suplícios por que passaram, sendo-lhes essas aparências uma realidade, isto é, julgam-se quais aparecem, o que é para eles um castigo. **19.** O Espírito que quer ou pode realizar uma aparição toma por vezes uma forma ainda mais precisa, de semelhança perfeita com um sólido corpo humano, de sorte a causar ilusão completa e dar a crer que está ali um ser corpóreo. Nalguns casos e dadas certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, pode-se tocar, apalpar a aparição, senti-la resistente como um corpo vivo e com o calor que se observa neste, o que não impede que ela se desvança com a rapidez do relâmpago. Pode, pois, uma pessoa estar em presença de um Espírito, trocar com ele palavras e gestos ordinários e supor que se trata de um simples mortal, sem suspeitar sequer que tem diante de si um Espírito. **20.** Qualquer que seja o aspecto sob que se apresente um Espírito, ainda que sob forma tangível, pode ele, no instante em que isso se dê, somente ser visível para algumas pessoas. Pode, pois, numa reunião, mostrar-se, apenas, a um ou a diversos dos que nela estejam. De dois indivíduos que se achem lado a lado, pode acontecer que um o veja e toque e o outro nem o veja, nem o sinta. O fenómeno da aparição a uma só pessoa, entre muitas que se encontrem reunidas, explica-se por ser necessária, para que ele se produza, uma combinação do fluido perispiritual do Espírito com o da pessoa. E, para que isso se dê, é preciso que haja entre esses fluidos uma espécie de afinidade que permita a combinação. Se o Espírito não encontra a necessária aptidão orgânica, o fenómeno da aparição não pode reproduzir-se; se existe a aptidão, o Espírito tem a liberdade de aproveitá-la ou não. Daí resulta que, se duas pessoas igualmente dotadas quanto a essa aptidão se encontram juntas, pode o Espírito operar a combinação fluídica apenas com aquela das duas a quem ele queira mostrar-se. Se não a operar com a outra, esta não o verá. É como se tratasse de dois indivíduos cujos olhos estivessem vendados: se um terceiro quisesse mostrar-se a um dos dois apenas, somente dos olhos desse retirará a venda. A um, porém, que fosse cego, nada adiantaria a retirada da venda: ele, por isso, não adquiriria a faculdade de ver. **21.** São muito raras as aparições tangíveis, sendo, no entanto, frequentes as vaporosas. São-no, sobretudo, no momento da morte. O Espírito que se libertou como que tem pressa de ir rever seus parentes e amigos, quicá para avisá-los de que acaba de deixar a Terra e dizer-lhes que continua a viver. Recorra cada um às suas lembranças e verificará que muitos fatos autênticos desse gênero, aos quais não

foi dada a devida atenção, ocorreram, não somente à noite, mas em pleno dia e em completo estado de vigília.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“§ III - TRANSFIGURAÇÃO. INVISIBILIDADE.

22. O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos Espíritos. Como já foi dito, o daquelas não se acha confinado no corpo: irradia e forma em torno deste uma espécie de atmosfera fluídica. Ora, pode suceder que, em certos casos e dadas as mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação análoga à já descrita: a forma real e material do corpo se desvanece sob aquela camada fluídica, se assim nos podemos exprimir, e toma por momentos uma aparência inteiramente diversa, mesmo a de outra pessoa ou a do Espírito que combina seus fluidos com os do indivíduo, podendo também dar a um semblante feio um aspecto bonito e radioso. Tal o fenómeno que se designa pelo nome de “transfiguração”, bastante frequente e que se produz, principalmente, quando as circunstâncias ocorrentes provocam mais abundante expansão de fluido. O fenómeno da transfiguração pode operar-se com intensidades muito diferentes, conforme o grau de depuração do perispírito, grau que sempre corresponde ao da elevação moral do Espírito. Cinge-se às vezes a uma simples mudança no aspecto geral da fisionomia, enquanto que outras vezes dá ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida. A forma material pode conseqüentemente desaparecer sob o fluido perispirítico, sem que se faça para isso necessário que o fluido assuma outro aspecto. Por vezes, apenas oculta um corpo inerte ou vivo, tornando-o invisível para uma ou para muitas pessoas, como o faria uma camada de vapor. Tomamos as coisas atuais unicamente como termos de comparação, sem pretendermos uma analogia absoluta, que não existe. **23.** Estes fenómenos talvez pareçam singulares, mas somente por não se conhecerem ainda as propriedades do fluido perispirítico. Este é, para nós, um novo corpo, que há de possuir propriedades novas e que não se podem estudar senão pelos processos ordinários da Ciência, mas que não deixam, por isso, de ser propriedades naturais, só tendo de maravilhosa a novidade.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“**OBSESSÕES E POSSESSÕES. 45.** Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfeiza desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter. Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um

indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade audiente e psicográfica, traduz-se pela obstinação de um Espírito em querer manifestar-se, com exclusão de qualquer outro. **46.** Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para garanti-la contra a obsessão, tem-se que fortalecer a alma; donde, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar por se melhorar a si próprio, o que as mais das vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de terceiros. Necessário se torna este socorro, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio. Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência. Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareis e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.* Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso se pos-sua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela. Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da

fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII) Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor. **47.** Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18) De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia. **48.** Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo. Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatá-o, se este não possui bastante *força moral para lhe resistir*. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já o atirando ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa. São numerosos os fatos deste gênero, em diferentes graus de intensidade, e não derivam de outra causa muitos casos de loucura. Amiúde, há também desordens patológicas, que são meras conseqüências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. Dando a conhecer essa fonte donde

provém uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência. (Casos de cura de obsessões e de possessões: *Revue Spirite*, dezembro de 1863, pág. 373; ___, janeiro de 1864, pág. 11; ___, junho de 1864, pág. 168; ___, janeiro de 1865, pág. 5; ___, junho de 1865, pág. 172; ___, fevereiro de 1868, pág. 38; ___, junho de 1867, pág. 174.) 49. São as mais das vezes individuais a obsessão e a possessão; mas, não raro são epidêmicas. Quando sobre uma localidade se lança uma revoada de maus Espíritos, é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Pode então ser muito considerável o número dos indivíduos atacados. (Foi exatamente desse gênero a epidemia que, faz alguns anos, atacou a aldeia de Morzine na Sabóia. Veja-se o relato completo dessa epidemia na *Revue Spirite* de dezembro de 1862, pág. 353; ___, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, págs. 1, 33, 101 e 133)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ VII - DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO. 56.

A obsessão consiste no domínio que os maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de as escravizar e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal. Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. Se o Espírito é bom, sua atuação é suave, benfazeja, não impele o indivíduo senão à prática de atos bons; se é mau, força-o a ações más. Se é perverso e malfazejo, aperta-o como numa teia, paralisa-lhe até a vontade e mesmo o juízo, que ele abafa com o seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada d'água. Fã-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade. À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de **possessão**. É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua. 57. Pois que os Espíritos existiram em todos os tempos, também desde todos os tempos representaram o mesmo papel, porque esse papel é da natureza e a prova está no grande número que sempre houve de pessoas obsidiadas ou possessas, se o preferirem, antes que se falasse

de Espíritos, ou que, nos dias atuais, se ouvisse falar de Espiritismo, nem de médiuns. É, pois, espontânea a ação dos Espíritos, bons ou maus; a destes produz uma imensidade de perturbações na economia moral e mesmo física, perturbações que, por ignorância da verdadeira causa, atribuíam a causas errôneas. Os Espíritos maus são inimigos invisíveis, tanto mais perigosos, quanto da ação deles não se suspeitava. Desmascarando-os, o Espiritismo revela uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não mais se procurará combater o mal por meios que já se sabem inúteis; procurar-se-ão outros mais eficazes. Ora, que foi o que fez se descobrisse aquela causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram a sua presença; ela foi para eles o que o microscópio foi para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos: desvendou-os e forneceu os meios de se lhes paralisar a ação e, por conseguinte, de afastá-los. Não foi ele quem trouxe o mal, visto que o mal existe desde todos os tempos; ele, ao contrário, dá remédio ao mal, apontando-lhe a causa. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a explicação de um sem-número de fenômenos incompreendidos e a Ciência, enriquecida com o conhecimento dessa nova lei, verá abrir-se diante de si novos horizontes. **Quando chegará ela a isso? Quando deixar de professar o materialismo**, porquanto o materialismo lhe detém o voo, opondo-lhe intransponível barreira. 58. Pois que há Espíritos maus que obsidiam e Espíritos bons que protegem, perguntam muitos se os primeiros são mais poderosos do que os segundos. Não é que o bom Espírito seja mais fraco; o médium é que não tem força bastante para alijar de si o manto que lhe atiraram em cima, para se desprender dos braços que o enlaçam e nos quais, cumpre dizê-lo, às vezes se compraz. Neste caso, compreende-se que o bom Espírito não possa levar vantagem, pois que o outro é preferido. Admitamos, porém, que a vítima deseje desembaraçar-se do envoltório fluídico que penetra o seu, como a umidade penetra as roupas. Esse desejo nem sempre bastará. A própria vontade nem sempre é suficiente. Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, aquele que dispõe de mais fortes músculos é que abate o outro. Com um Espírito tem-se de lutar, não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito e é ainda o mais forte que triunfa. Aqui, a força reside na autoridade que se possa exercer sobre o obsessivo e essa autoridade está subordinada à superioridade moral. Esta é como o Sol que dissipa o nevoeiro pela potencialidade dos seus raios. Esforçar-se por ser bom, por se tornar melhor se já é bom, por purificar-se de suas imperfeições, por, numa palavra, elevar-se moralmente o mais possível, tal o meio de o encarnado adquirir o poder

de mandar sobre os Espíritos inferiores, para os afastar. De outro modo estes zombarão das suas injunções. (*O Livro dos Médiuns*, nos 252 e 279) Entretanto, objetar-se-á, por que os Espíritos protetores não lhes ordenam que se retirem? Sem dúvida, podem fazê-lo e algumas vezes o fazem. Mas, permitindo a luta, deixam ao atacado o mérito da vitória. Se consentem que se debatam criaturas que, sob certos aspectos, têm seus merecimentos, é para lhes experimentar a perseverança e para levá-las a adquirir **mais força** no campo do bem. A luta é uma espécie de **ginástica moral**. Muitas pessoas prefeririam certamente outra receita mais fácil para repelirem os maus Espíritos: por exemplo, algumas palavras que se proferissem, ou alguns sinais que se fizessem, o que seria mais simples do que corrigir-se alguém de seus defeitos. Sentimos muito; porém, nenhum meio eficaz conhecemos de **vencer-se um inimigo, senão o fazer-se mais forte que ele**. Quando estamos doentes, temos que resignar-nos a tomar um medicamento, por muito amargo que seja; mas, também, se tivermos tido a coragem de bebê-lo, como nos sentimos bem e fortes! Temos, pois, que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. De tudo isso riem-se os maus Espíritos e não raro se comprazem em indicar alguns, tendo sempre o cuidado de afirmá-los infalíveis, para melhor captarem a confiança daqueles a quem querem iludir, porque, então, estes, confiantes nas virtudes do processo aconselhado, se entregam sem receio. Antes de pretender, quem quer que seja, domar um Espírito mau, precisa cuidar de domar-se a si mesmo. De todos os meios de adquirir-se força para chegar a isso, o mais eficiente é a vontade secundada pela prece, a prece do coração, entenda-se, e não a de palavras, das quais a boca participa mais do que o pensamento. Precisamos pedir ao nosso anjo guardião e aos bons Espíritos que nos assistam na luta; não basta, porém, lhes peçamos que afastem o Espírito mau; devemos lembrar-nos desta máxima: **ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará** e rogar-lhes, sobretudo, a força que nos falta para vencermos os nossos maus pendores, que são, para nós, piores que os maus Espíritos, porquanto são esses pendores que os atraem, como a podridão atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessivo, retribuir-lhe-emos com o bem o mal que nos queira e nos mostraremos melhores do que ele, o que já é uma superioridade. Com perseverança, acaba-se as mais das vezes por induzi-lo à posse de melhores sentimentos e a transformá-lo de perseguidor em amigo grato. Em resumo: a prece fervorosa e os esforços sérios que a criatura faça por melhorar-se constituem os únicos meios de ela afastar os maus Espíritos, que reconhecem como seus senhores aqueles que praticam o bem,

enquanto que as fórmulas lhes provocam o riso, do mesmo modo que a cólera e a impaciência os excitam. Precisa o perseguido cansá-los, demonstrando-se mais paciente do que eles. Por vezes acontece que a subjugação avulta até ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, do qual nenhum concurso sério se pode esperar. Aí, principalmente, é que a intervenção de terceiros se torna necessária, quer por meio da prece, quer pela ação magnética. Mas, também a força dessa intervenção depende do ascendente moral que os interventores possam ter sobre os Espíritos; se não valem mais do que estes, improficua será a ação que desenvolvam. A ação magnética, no caso, tem por efeito introduzir no fluido do obsidiado um fluido melhor e eliminar o do mau Espírito. Ao operar, deve o magnetizador objetivar duplo fim: o de opor a uma força moral outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expelindo um fluido com o auxílio de outro fluido. Dessa forma, não só opera um desprendimento salutar, como igualmente fortalece os órgãos enfraquecidos por longa e vigorosa constrição. Compreende-se, em suma, que o poder da ação fluídica está na razão direta não somente da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, segundo o que deixamos dito, que essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um magnetizador ordinário, que atuasse maquinalmente, apenas por magnetizar, fraco ou nenhum efeito produziria. É de toda a necessidade um magnetizador **espírita**, que atue com conhecimento de causa, com a intenção de obter, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, porém, os resultados que vimos de descrever. É, além disso, evidente que uma ação magnética dirigida neste sentido não pode deixar de ser muito proveitosa nos casos de obsessão ordinária, porque, então, se o magnetizador tem a auxiliá-lo a vontade do obsidiado, o Espírito se vê combatido por dois adversários em lugar de um. Cumpre também dizer que amiúde se atribuem aos Espíritos maldades de que eles são inocentes. Alguns estados doentes e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com frequência, a atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessivo de si mesmo. Acrescentemos, por fim, que algumas obsessões tenazes, sobretudo em pessoas de mérito, fazem às vezes parte das provas a que essas pessoas estão sujeitas. Acontece mesmo que a obsessão, quando simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, qual a de trabalhar pela regeneração do obsessivo, como um pai pela de um filho vicioso. (Para maiores

particularidades, veja-se *O Livro dos Médiuns*) Em geral, a prece é poderoso meio auxiliar da libertação dos obsidiados; nunca, porém, a prece só de palavras, dita com indiferença e como uma fórmula banal, será eficaz em semelhante caso. Faz-se mister uma prece ardente, que seja ao mesmo tempo uma como magnetização mental. Pelo pensamento, pode-se encaminhar para o paciente uma corrente fluídica salutar, cuja potência guarda relação com a intenção. A prece, pois, não tem apenas por efeito invocar um auxílio estranho, mas exercer uma ação fluídica. O que uma pessoa, só, não pode fazer, podem-no, quase sempre, muitas pessoas unidas pela intenção numa prece coletiva e reiterada, visto que o número aumenta a potencialidade da ação. **59.** A experiência comprova a ineficácia do exorcismo, nos casos de possessão, e provado está que quase sempre aumenta o mal, em vez de atenuá-lo. A razão se encontra em que a influência está toda no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos e não num ato exterior, na virtude das palavras e dos gestos. O exorcismo consiste em cerimônias e fórmulas de que zombam os maus Espíritos que, entretanto, cedem à autoridade moral que se lhes impõe. Eles veem que os querem dominar por meios impotentes, que pensam intimidá-los por um vão aparato e, então, se empenham em mostrarem-se mais fortes e para isso redobram de esforços. São quais cavalos espantadiços que dão em terra com o cavaleiro inábil e que obedecem quando tocam com um que os governa. Ora, aqui, quem realmente manda é o homem de coração mais puro, porque é a ele que os bons Espíritos de preferência atendem. **60.** O que pode um Espírito fazer com um indivíduo, podem-no muitos Espíritos com muitos indivíduos simultaneamente e dar à obsessão caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos invade uma localidade e aí se manifestam de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que se abateu sobre a Judéia ao tempo do Cristo. Ora, o Cristo, pela sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios ou maus Espíritos tal autoridade, que bastava lhes ordenasse que se retirassem para que eles o fizessem e, para isso, não empregava fórmulas nem gestos ou sinais. **61.** O Espiritismo se funda na observação dos fatos que resultam das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Estando na ordem dos da natureza, esses fatos se produziram em todas as épocas e abundam principalmente nos livros sagrados de todas as religiões, pois que serviram de base à maioria das crenças. Por não os terem os homens compreendido, é que a Bíblia e os Evangelhos apresentam tantas passagens obscuras e que foram interpretadas em sentidos diferentes. O Espiritismo traz a chave que lhes facilitará a inteligência.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

VI.5. Mediunidade: fenômeno natural inerente ao ser humano

“**DOS MÉDIUNS. 159.** Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: *a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressiônáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos.*” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XIV)

“**12.** Os fenômenos espíritos são as mais das vezes espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia preconcebida da parte das pessoas com quem eles se dão e que, em regra, são as que neles menos pensam. Alguns há que, em certas circunstâncias, podem ser provocados pelos agentes denominados *médiuns*. No primeiro caso, o médium é *inconsciente* do que se produz por seu intermédio; no segundo, age com conhecimento de causa, donde a classificação de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os mais obstinados incrédulos que, assim, praticam o Espiritismo sem o saberem, nem quererem. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos revestem capital importância, visto não se poder suspeitar da boa-fé dos que os obtêm. Dá-se aqui o que se dá com o sonambulismo que, em certos indivíduos, é natural e involuntário, enquanto que noutros é provocado pela ação magnética. Resultem, porém, ou não esses fenômenos de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta uma linha das leis naturais. Os médiuns, portanto, nada absolutamente produzem de sobrenatural; por conseguinte, *nenhum milagre* fazem. As próprias curas instantâneas não são mais milagrosas, do que os outros efeitos, dado que resultam da ação de um agente fluídico, que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não deixam de ser naturais por terem sido ignoradas até agora. É, pois, totalmente impróprio o epíteto de *taumaturgos* que a crítica ignorante dos princípios do

Espiritismo há dado a certos médiuns. A qualificação de *milagres* emprestada, por comparação, a esta espécie de fenômenos, somente pode induzir em erro sobre o verdadeiro caráter deles.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIII)

“MANIFESTAÇÕES FÍSICAS. MEDIUNIDADE.

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica, tão antigos quanto o mundo, porém vulgares hoje, facultam a explicação de alguns outros, análogos e espontâneos, aos quais, pela ignorância da lei que os rege, se atribuía caráter sobrenatural e miraculoso. Tais fenômenos têm por base as propriedades do fluido perispírico, quer dos encarnados, quer dos Espíritos livres. **41.** Por meio do seu perispírito é que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta; atuando sobre a matéria inerte é que produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que os levanta, derruba ou transporta. Nada tem de surpreendente esse fenômeno, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade. É igualmente com o concurso do seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem, desenhem. Já não dispondo de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, corpo ao qual faz que atue como se fora o seu próprio, mediante o eflúvio fluídico que verte sobre ele. **42.** Pelo mesmo processo atua o Espírito sobre a mesa, quer para que esta se mova, sem que o seu movimento tenha significação determinada, quer para que dê pancadas inteligentes, indicativas das letras do alfabeto, a fim de formarem palavras e frases, fenômeno esse denominado *tipologia*. A mesa não passa de um instrumento de que o Espírito se utiliza, como se utiliza do lápis para escrever. Para esse efeito, dá-lhe ele uma vitalidade momentânea, por meio do fluido que lhe inocula, porém *absolutamente não se identifica com ela*. Praticam um ato ridículo as pessoas que, tomadas de emoção ao manifestar-se um ser que lhes é caro, abraçam a mesa; é exatamente como se abraçassem a bengala de que um amigo se sirva para bater no chão. O mesmo faz os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito se achasse metido na madeira, ou como se a madeira se houvesse tornado Espírito. Quando comunicações são transmitidas por esse meio, deve-se imaginar que o Espírito está, não na mesa, mas ao lado, *tal qual estaria se vivo se achasse* e como seria visto, se no momento pudesse tornar-se visível. O mesmo ocorre nas comunicações pela escrita: ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou transmitindo-lhe pensamentos por meio de uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de um braço; envolve-a e penetra-a de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como faz o ar com os balões e papagaios. O fluido que se infiltra na mesa dá-lhe momentaneamente maior leveza específica. Quando fica pregada ao solo, ela se acha numa situação análoga à da câmpula pneumática sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais que simples comparações destinadas a mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas. (*O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. IV) Compreende-se, depois do que fica dito, que não há para o Espírito, maior dificuldade em arrebatrar uma pessoa, do que em arrebatrar uma mesa, em transportar um objeto de um lugar para outro, ou em atirá-lo seja onde for. Todos esses fenômenos se produzem em virtude da mesma lei. Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou algures, não é que o Espírito esteja a bater com a mão, ou com qualquer objeto. Ele apenas dirige sobre o ponto donde vem o ruído um jato de fluido e este produz o efeito de um choque elétrico. Tão possível lhe é modificar o ruído, como a qualquer pessoa modificar os sons produzidos pelo ar. (Casos de manifestações materiais e de perturbações operadas pelos Espíritos: *Revue Spirite*, “A moça dos panoramas”, janeiro de 1858, pág. 13; ___, “Senhorita Clairon”, fevereiro de 1858, pág. 44; ___, “Espírito batedor de Bergzabern” (narração completa), maio, junho e julho de 1858, págs. 125, 153 e 184; ___, “Dibbelsdorf”, agosto de 1858, pág. 219; ___, “Padeiro de Dieppe”, março de 1860, pág. 77; ___, “Fabricante de S. Petersburgo”, abril de 1860, pág. 115; ___, “Rua das Nogueiras”, agosto de 1860, pág. 235; ___, “Espírito batedor do Aube”, janeiro de 1861, pág. 23; ___, “Flagelo do século dezesseis”, janeiro de 1864, pág. 32; ___, “Poitiers”, maio de 1864, pág. 156 e maio de 1865, pág. 134; ___, “Irmã Maria”, junho de 1864, pág. 185; ___, “Marselha”, abril de 1865, pág. 121; ___, “Fives”, agosto de 1865, pág. 225; ___, “Os ratos de Equihem”, fevereiro de 1866, pág. 55) **44.** Fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em língua que lhes é estranha; a explanar, oralmente ou por escrito, assuntos que lhes estão fora do alcance da instrução recebida. Não é raro o caso de alguns que escrevem correntemente sem nunca terem aprendido a escrever; de outros que compõem poesias, sem jamais na vida terem sabido fazer um verso; de outros que desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem desenho, pintura, escultura, ou a arte musical. Ocorre frequentemente o fato de um médium escrevente reproduzir com perfeição a grafia e a assinatura que os Espíritos, que por ele se comunicam, tinham quando vivos, se bem não as haja ele conhecido. Nada, porém, apresenta esse fenômeno de

mais maravilhoso, do que o de se fazer que uma criança escreva, guiando-se-lhe a mão; pode-se, dessa maneira, conseguir que ela execute tudo o que se queira. Pode-se fazer que qualquer pessoa escreva num idioma que ela ignore, ditando-se-lhe as palavras letra por letra. Compreende-se que o mesmo se possa dar com a mediunidade, desde que se atente na maneira porque os Espíritos se comunicam com os médiuns que, para eles, mais não são do que instrumentos passivos. Se, porém, o médium tem o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se lhe são familiares as expressões, se, finalmente, possui no cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele se acha na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho se torna mais fácil e mais rápido; ao Espírito já não resta senão transmitir seus pensamentos ao intérprete, para que este os reproduza pelos meios de que dispõe. A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas também tem frequentemente suas raízes nos conhecimentos que ele possuiu noutra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, mais facilidade encontrará para assimilar o pensamento poético ou musical que um Espírito queira fazê-lo expressar. A língua que ele hoje ignora pode ter-lhe sido familiar noutra existência, donde maior aptidão sua para escrever mediunicamente nessa língua.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ VI - DOS MÉDIUNS. 33. Médiuns são pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes. Toda pessoa que, num grau qualquer, experimente a influência dos Espíritos é, por esse simples fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui privilégio exclusivo, donde se segue que poucos são os que não possuam um rudimento de tal faculdade. Pode-se, pois, dizer que toda gente, mais ou menos, é médium. Contudo, segundo o uso, esse qualificativo só se aplica àqueles em quem a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos, de certa intensidade. 34. O fluido perispíritico é o agente de todos os fenômenos espíritos, que só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansiva do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista. A predisposição mediúnica independe do sexo, da idade e do temperamento. Há médiuns em todas as categorias de indivíduos, desde a mais tenra idade, até a mais avançada. 35. As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a

facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos. Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior.

36. Por meio da combinação dos fluidos perispíriticos o Espírito, por assim dizer, se identifica com a pessoa que ele deseja influenciar; não só lhe transmite o seu pensamento, como também chega a exercer sobre ela uma influência física, fazê-la agir ou falar à sua vontade, obrigá-la a dizer o que ele queira, servir-se, numa palavra, dos órgãos do médium, como se seus próprios fossem. Pode, enfim, neutralizar a ação do próprio Espírito da pessoa influenciada e paralisar-lhe o livre-arbítrio. Os bons Espíritos se servem dessa influência para o bem, e os maus para o mal. 37. Podem os Espíritos manifestar-se de uma infinidade de maneiras, mas não o podem senão com a condição de acharem uma pessoa apta a receber e transmitir impressões deste ou daquele gênero, segundo as aptidões que possua. Ora, como não há nenhuma que possua no mesmo grau todas as aptidões, resulta que umas obtêm efeitos que a outras são impossíveis. Dessa diversidade de aptidões decorre que há diferentes espécies de médiuns. 38. Nem sempre é necessária a intervenção da vontade do médium. O Espírito que quer manifestar-se procura o indivíduo apto a receber-lhe a impressão e dele se serve, muitas vezes a seu mau grado. Outras pessoas, ao contrário, conscientes de suas faculdades, podem provocar certas manifestações. Daí duas categorias de médiuns: **médiuns inconscientes** e **médiuns facultativos**. No caso dos primeiros, a iniciativa é dos Espíritos; no segundo, é dos médiuns. 39. Os **médiuns facultativos** só se encontram entre pessoas que têm conhecimento mais ou menos completo dos meios de comunicação com os Espíritos, o que lhes possibilita servir-se, por vontade própria, de suas faculdades; os **médiuns inconscientes**, ao contrário, existem entre as que nenhuma ideia fazem do Espiritismo, nem dos Espíritos, até mesmo entre as mais incrédulas e que servem de instrumento, sem o saberem e sem o quererem. Os fenômenos espíritos de todos os gêneros podem operar-se por influência destes últimos, que sempre existiram, em todas as épocas e no seio de todos os povos. A ignorância e a credulidade lhes atribuíram um poder sobrenatural e, conforme os tempos e os lugares, fizeram deles santos, feiticeiros, loucos ou visionários. O Espiritismo mostra que com eles apenas se dá a manifestação espontânea de uma faculdade natural. 40. Entre as diferentes espécies de médiuns, distinguem-se principalmente: os **de efeitos**

físicos; os **sensitivos** ou **impressivos;** os **audientes, falantes, videntes, inspirados, sonambúlicos, curadores, escreventes** ou **psicógrafos.** Aqui unicamente trataremos das espécies essenciais.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“41. Médiuns de efeitos físicos - São os mais aptos, especialmente, à produção de fenômenos materiais, como o movimento de corpos inertes, os ruídos, a deslocação, o levantamento e a translação de objetos, etc. Estes fenômenos podem ser espontâneos ou provocados. Em todos os casos, exigem o concurso voluntário ou involuntário de médiuns dotados de faculdades especiais. Em geral, têm por agentes Espíritos de ordem inferior, uma vez que os espíritos elevados só se preocupam com comunicações inteligentes e instrutivas. **42. Médiuns sensitivos ou impressivos** - Dá-se esta denominação às pessoas suscetíveis de pressentir a presença dos Espíritos, por impressão vaga, um como ligeiro atrito em todos os membros, fato que não logram explicar. Tal sutileza pode essa faculdade adquirir, que aquele que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não só a natureza, boa ou má, do Espírito que lhe está ao lado, mas também a sua individualidade, como o cego reconhece instintivamente a aproximação de tal ou tal pessoa. Um Espírito bom causa sempre uma impressão branda e agradável; a de um Espírito mau, ao contrário, é penosa, aflitiva e desagradável: há um como cheiro de impureza. **43. Médiuns audientes** - Esses ouvem os Espíritos; é, algumas vezes, como se escutassem uma voz interna que lhes ressoasse no foro íntimo; doutras vezes é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes também podem conversar com os Espíritos. Quando se habituam a comunicar-se com certos Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pelo som da voz. Aquele que não é médium audiente pode comunicar-se com um Espírito por via de um médium audiente que lhe transmite as palavras. **44. Médiuns falantes** - Os médiuns audientes, que nada mais fazem do que transmitir o que ouvem, não são propriamente **médiuns falantes**, os quais, as mais das vezes, nada ouvem. Com eles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atuam sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, o Espírito se serve do órgão que acha mais maleável: de um, utiliza-se da mão, de outro da palavra, de um terceiro da audição. Em geral, o médium falante se exprime sem ter consciência do que diz e diz amiúde coisas inteiramente fora do âmbito de suas ideias habituais, de seus conhecimentos e, até, fora do alcance da sua inteligência. Não é raro verem-se pessoas iletradas e de inteligência vulgar expressar-se, em tais momentos, com verdadeira eloquência e tratar, com incontestável superioridade, de questões sobre as quais seriam incapazes de emitir, no estado ordinário,

uma opinião. Se bem esteja perfeitamente acordado quando exerce a sua faculdade, raro é que o médium falante guarde lembrança do que disse. Nem sempre, porém, é integral a sua passividade. Alguns há que têm intuição do que dizem, no próprio instante em que proferem as palavras. Estas, no médium falante, são o instrumento de que se serve o Espírito com quem uma pessoa estranha pode entrar em comunicação, do mesmo modo que o pode fazer com o concurso de um médium audiente. Entre o médium falante e o médium audiente, há a diferença de que este fala voluntariamente para repetir o que ouve, ao passo que o outro fala involuntariamente. **45. Médiuns videntes** - Dá-se esta qualificação às pessoas que, em estado normal e perfeitamente despertas, gozam da faculdade de ver os Espíritos. A possibilidade de vê-los em sonho resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não são médiuns videntes, propriamente ditos. Expusemos a teoria deste fenômeno no capítulo: “Visões e Aparições” de *O Livro dos Médiuns*. São muito frequentes as aparições dos Espíritos às pessoas que os amam, ou os conheceram na Terra. Conquanto os que costumam tê-las possam ser considerados médiuns videntes, esta denominação, em regra, só é dada aos que gozam, de modo mais ou menos permanente, da faculdade de ver quase que todos os Espíritos. Nesse número, há os que apenas veem os Espíritos que são evocados e que eles conseguem descrever com minuciosa exatidão. Descrevem-lhes os gestos com todos os pormenores, os traços fisionômicos, o vestuário e até os sentimentos de que parecem animados. Há outros em quem essa faculdade revela caráter ainda mais geral: são os que veem toda a população espírita ambiente a movimentar-se, como se tratasse, poder-se-ia dizer, de seus negócios. Esses médiuns nunca estão sós; cerca-os sempre uma sociedade a cuja escolha podem proceder, livremente, porquanto podem, pela ação da vontade própria, afastar os Espíritos que lhes não convenha ter próximos de si, ou atrair os que lhes são simpáticos. **46. Médiuns sonambúlicos** - Pode-se considerar o sonambulismo como uma variedade da faculdade mediúnica ou, antes, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se encontram ligados. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; sua própria alma é que, em momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos. O que ele exprime haure-o de si mesmo; suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal, mais extensos os seus conhecimentos, porque livre se lhe acha a alma. Em suma, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem do seu próprio eu. Em resumo: o sonâmbulo externa seus próprios pensamentos e o médium exprime os de outrem. Mas, o Espírito que se

comunica com um médium qualquer também pode comunicar-se com um sonambúlico. É até frequente o estado de emancipação da alma, durante o sonambulismo, tornar mais fácil essa comunicação. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes; podem conversar com eles e transmitir-nos seus pensamentos; se o que dizem está fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, é que outros Espíritos lho sugerem. **47. Médiuns inspirados** - Nestes médiuns, muito menos aparentes são do que nos outros os sinais exteriores da mediunidade; é toda intelectual e moral a ação que os Espíritos exercem sobre eles e se revela nas menores circunstâncias da vida, como nas maiores concepções. Sobretudo debaixo desse aspecto é que se pode dizer que todos são médiuns, porquanto ninguém há que não tenha Espíritos protetores e familiares a empregar todos os esforços por lhe sugerir salutares ideias. No inspirado, difícil muitas vezes se torna distinguir as ideias que lhe são próprias do que lhe é sugerido. A espontaneidade é principalmente o que caracteriza esta última. Nos grandes trabalhos da inteligência é onde mais se evidencia a inspiração. Os homens de gênio, de todas as categorias, artistas, sábios, literatos, oradores, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes, por si mesmos, de compreender e conhecer grandes coisas; ora, precisamente porque são considerados capazes, é que os Espíritos que visam à execução de certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias, de sorte que na maioria dos casos eles são **médiuns sem o saberem**. Têm, contudo, vaga intuição de uma assistência estranha, porquanto aquele que apela para a inspiração nada mais faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, como tão amiúde sucede: Meu bom gênio, vem em meu auxílio!" (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

"48. Médiuns de pressentimentos - Pessoas há que, em dadas circunstâncias, têm uma imprecisa intuição das coisas futuras. Essa intuição pode provir de uma espécie de dupla vista, que faculta se entrevejam as consequências das coisas presentes; mas, doutras vezes, resulta de comunicações ocultas, que fazem de tais pessoas uma variedade dos **médiuns inspirados**. **49. Médiuns proféticos** - É igualmente uma variedade dos médiuns inspirados. Recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras, de interesse geral, que eles recebem o encargo de tornar conhecidas aos homens, para lhes servir de ensinamento. De certo modo, o pressentimento é dado à maioria dos homens, para uso pessoal deles; o dom de profecia, ao contrário, é excepcional e implica a ideia de uma missão na Terra. Todavia, se há verdadeiros profetas, maior é o número dos falsos, que tomam os

devaneios da sua imaginação como revelações, quando não são velhacos que por ambição se fazem passar como profetas. O profeta verdadeiro é **um homem de bem, inspirado por Deus**; pode ser reconhecido pelas suas palavras e pelas suas ações. Não é possível que Deus se sirva da boca do mentiroso para ensinar a verdade. (*O Livro dos Espíritos*, nº 624) **50. Médiuns escreventes ou psicógrafos** - Essa denominação é dada às pessoas que escrevem sob a influência dos Espíritos. Assim como um Espírito pode atuar sobre os órgãos vocais de um médium falante e fazê-lo pronunciar palavras, também pode servir-se da sua mão para fazê-lo escrever. A mediunidade psicográfica apresenta três variedades bem distintas: os médiuns **mecânicos**, os **intuitivos** e os **semimecânicos**. Com o **médium mecânico**, o Espírito lhe atua diretamente sobre a mão, impulsionando-a. O que caracteriza este gênero de mediunidade é a inconsciência absoluta, por parte do médium, do que sua mão escreve. O movimento desta independe da vontade do escrevente; movimenta-se sem interrupção, a despeito do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer, e para desde que este último haja concluído. Com o **médium intuitivo**, à transmissão do pensamento serve de intermediário o Espírito do médium. O outro Espírito, nesse caso, não atua sobre a mão para movê-la, atua sobre a alma, identificando-se com ela e imprimindo-lhe sua vontade e suas ideias. A alma recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transcreve. Nesta situação, o médium escreve voluntariamente e tem consciência do que escreve, embora não grafe seus próprios pensamentos. Torna-se frequentemente difícil distinguir o pensamento do médium do que lhe é sugerido, o que leva **muitos médiuns deste gênero a duvidar da sua faculdade**. Podem reconhecer-se os pensamentos sugeridos pelo fato de não serem nunca preconcebidos; eles surgem à proporção que o médium vai escrevendo e não raro são opostos à ideia que este previamente concebera. Podem mesmo estar fora dos conhecimentos e da capacidade do médium. Há grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração; a diferença consiste em que a primeira se restringe quase sempre a questões de atualidade e pode aplicar-se ao que esteja fora das capacidades intelectuais do médium; por intuição pode este último tratar de um assunto que lhe seja completamente estranho. A inspiração se estende por um campo mais vasto e geralmente vem em auxílio das capacidades e das preocupações do Espírito encarnado. Os traços da mediunidade são, de regra, menos evidentes. O médium **semimecânico**, ou **semi-intuitivo** participa dos outros dois gêneros. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da sua vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico sente na mão uma

impulsão dada mau grado seu, mas ao mesmo tempo tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. Com o primeiro, o pensamento vem depois do ato de escrever; com o segundo, precede-o; com o terceiro, acompanha-o. **51.** Não sendo o médium mais do que um instrumento que recebe e transmite o pensamento de um Espírito estranho, que obedece à impulsão mecânica que lhe é dada, nada há que ele não possa fazer fora do campo de seus conhecimentos, se possui a maleabilidade e a aptidão mediúnicas necessárias. Assim é que há médiuns **desenhistas, pintores, músicos, versejadores**, embora estranhos às artes do desenho, da pintura, da música e da poesia; médiuns iletrados, que escrevem sem saber ler, nem escrever; médiuns **polígrafos**, que reproduzem escritas de diversos gêneros e, algumas vezes, com perfeita exatidão, a que o Espírito tinha quando encarnado; médiuns **políglotas**, que escrevem ou falam em línguas que lhes são desconhecidas, etc. **52. Médiuns curadores** - Consiste a mediunidade desta espécie na faculdade que certas pessoas possuem de curar pelo simples contato, pela imposição das mãos, pelo olhar, por um gesto, mesmo sem o concurso de qualquer medicamento. Semelhante faculdade incontestavelmente tem o seu princípio na força magnética; difere desta, entretanto, pela energia e instantaneidade da ação ao passo que as curas magnéticas exigem um tratamento metódico, mais ou menos longo. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se sabem proceder convenientemente; dispõem da ciência que adquiriram. Nos médiuns curadores, a faculdade é espontânea e alguns a possuem sem nunca ter ouvido falar de magnetismo. A faculdade de curar pela imposição das mãos deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la, entre as quais são de colocar-se, na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais. A força magnética é puramente orgânica; pode, como a força muscular, ser partilha de toda gente, mesmo do homem perverso; mas, só o homem de bem se serve dela exclusivamente para o bem, sem ideias ocultas de interesse pessoal, nem de satisfação de orgulho ou de vaidade. Mais depurado, o seu fluido possui propriedades benfazejas e reparadoras, que não pode ter o do homem vicioso ou interesseiro. Todo efeito mediúnico, como já foi dito, resulta da combinação dos fluidos que emitem um Espírito e um médium. Pela sua conjugação esses fluidos adquirem propriedades novas, que separadamente não teriam, ou, pelo menos, não teriam no mesmo grau. A prece, que é uma verdadeira evocação, atrai os bons Espíritos sempre solícitos em secundar os esforços do

homem bem-intencionado; o fluido benéfico dos primeiros se casa facilmente com o do segundo, ao passo que o do homem vicioso se junta ao dos maus Espíritos que o cercam. O homem de bem, que não dispusesse da força fluídica, pouca coisa conseguiria fazer por si mesmo, só lhe restando apelar para a assistência dos Espíritos bons, pois quase nula seria a sua ação pessoal; uma grande força fluídica, aliada à maior soma possível de qualidades morais, pode operar, em matéria de curas, verdadeiros prodígios. **53.** A ação fluídica, ao demais, é poderosamente secundada pela confiança do doente, e Deus quase sempre lhe recompensa a fé, concedendo-lhe o bom êxito. **54.** Somente a superstição pode emprestar qualquer virtude a certas palavras e unicamente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de uma fórmula de prece ou de determinada prática contribua a lhes infundir confiança. Nesse caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia e sim na fé que aumentou com a ideia ligada ao emprego da fórmula. **55.** Não se devem confundir os **médiuns curadores** com os **médiuns receitistas**, que são simples médiuns escreventes, cuja especialidade consiste em servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas; absolutamente mais não fazem que transmitir o pensamento do Espírito, sem exercerem, de si mesmos, nenhuma influência.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

VI.6. Os milagres do Evangelho de Jesus Cristo (Novo Testamento)

“OS MILAGRES DO EVANGELHO. SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS. 1. Os fatos que o Evangelho relata e que foram até hoje considerados milagrosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, dos que têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que ficaram descritos e explicados no capítulo precedente, reconhecer-se-á, sem dificuldade, que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História registra outros análogos, em todos os tempos e no seio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos forçosamente se produziram. Pode-se, é certo, contestar, no que concerne a este ponto, a veracidade da História; mas, hoje, eles se produzem às nossas vistas e, por assim dizer, à vontade e por indivíduos que nada têm de excepcionais. O só fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, basta para provar que ele é possível e se acha submetido a uma lei, não sendo, portanto, miraculoso. O princípio

dos fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da Natureza. Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem-se, como consequência, de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural. **2.** Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo, natureza cujo exame não entra no quadro desta obra, considerando-o apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo um dos de ordem mais elevada e colocado, por suas virtudes, muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade confia somente a seus mensageiros diretos para cumprimento de seus desígnios. Mesmo sem supor que ele fosse o próprio Deus, mas unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, seria mais do que um profeta, porquanto seria um Messias divino. Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9) Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava *dupla vista*, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que de ordinário possuem os homens comuns. O mesmo havia de dar-se, nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem. Agiria como *médium* nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de transmiti-los? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era *médium de Deus*.” (AK, *A gênese*, Capítulo XV)

VII Religião após a morte

“29 - ALÉM DA MORTE. O reino da vida, além da morte, não é domicílio do milagre. Passa o corpo, em trânsito para a natureza inferior que lhe atrai os componentes, entretanto, a alma continua na posição evolutiva em que se encontra. Cada inteligência apenas consegue alcançar a periferia do círculo de valores e imagens dos quais se faz o centro gerador. Ninguém pode viver em situação que ainda não concebe. Dentro da nossa capacidade de auto projeção, erguem-se os nossos limites. Em suma, cada ser apenas atinge a vida, até onde possa chegar a onda do pensamento que lhe é próprio. A mente primitivista de um mono, transposto o limiar da morte, continua presa aos interesses da fumaça que lhe consolidou os hábitos instintivos. O índio desencarnado dificilmente ultrapassa o âmbito da floresta que lhe acariciou a existência. Assim, também, na vastíssima fauna social das nações, cada criatura dita civilizada, além do sepulcro, circunscreve-se ao círculo das concepções que, mentalmente, pode abranger. A residência da alma permanece situada no manancial de seus próprios pensamentos. Estamos naturalmente ligados às nossas criações. Demoramo-nos onde supomos o centro de nossos interesses. Facilmente explicável, assim, a continuidade dos nossos hábitos e tendências, além da morte. A escravidão ou a liberdade residem no ímo de nosso próprio ser. Corre a fonte, sob a emanção de vapores da sua própria corrente. Vive a árvore rodeada pelos fluidos sutis que ela mesma exterioriza, através das folhas e das resinas que lhe pendem dos galhos e do tronco. Permanece o charco debaixo da atmosfera pestilencial que ele mesmo alimenta, e brilha o jardim, sob as vagas do perfume que produz. Assim também a Terra, com o seu corpo ciclópico, arrasta consigo, na infinita paisagem cósmica, o ambiente espiritual de seus filhos. Atravessado o grande umbral do túmulo, o homem deseducado prossegue reclamando aprimoramento. A criatura viciada continua exigindo satisfação aos apetites baixos. O cérebro desvairado, entre indagações descabidas, não foge, de imediato, ao poço de obscuridades em que se submergiu. E a alma de boa-vontade encontra mil recursos para adiantar-se na senda evolutiva, amparando o próximo e descobrindo na felicidade dos outros a própria felicidade. Em razão das leis que nos governam a vida, nem sempre o mensageiro que regressa do país da morte procede de planos superiores e nem a mediunidade será sinônimo de sublimação. Determinadas inteligências desencarnadas se comunicam com determinados instrumentos mediúnicos. Os habitantes de outras esferas buscam no mundo aqueles com os quais simpatizam e a mente encarnada aceita a visita das entidades com as quais se afina. A necessidade do Evangelho, portanto, como

estatuto de edificação moral dos fenômenos espíritos, é impositivo inadiável. Com a Boa Nova, no mundo abençoado e fértil da nossa Doutrina de luz e amor, possuímos a estrada reta para a nossa romagem de elevação.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 29)

“VIDA SOCIAL DOS DESENCARNADOS. - *Como se apresenta a vida social dos Espíritos desencarnados?* – No Plano Espiritual imediato à experiência física, as sociedades humanas desencarnadas, em quase dois terços, permanecem naturalmente jungidas, de alguma sorte, aos interesses terrenos. Egressas do próprio mundo em que se lhes tramam os elos da retaguarda, quando não se desvairam nas faixas infernais, igualmente imanizadas ao Planeta de que se originam, trabalham com ardor, não só pelo próprio adiantamento, como também no auxílio aos que ficaram. Naturalmente as almas que constituem a percentagem a que nos referimos, distanciadas ainda do aprimoramento ideal, procuram aperfeiçoar em si mesmas as qualidades nobres menos desenvolvidas, buscando clima adequado que lhes favoreça o trabalho. Convictas de que tornarão à Terra para a solução dos problemas que lhes enevoam ou afligem o campo íntimo, situam-se em tarefas obscuras, junto aos semelhantes, encarnados ou desencarnados, quando se reconhecem vitimadas pela vaidade ou pelo orgulho que ainda lhes medram no seio, e localizam-se em aprendizados valiosos da inteligência, em se vendo inábeis para os serviços especializados do pensamento, não obstante os talentos sentimentais que já entesourem consigo. Quase todas, no entanto, obedecem aos ditames do amor ou do ideal que lhes inspiram a consciência. Aglutinam-se em verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados, como acontece aos burgos terrestres, característicos da metrópole ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e a benefício dos outros. As regiões purgativas ou simplesmente infernais são por elas amparadas, quanto possível, organizando-se aí, sob o seu patrocínio, extensa obra assistencial. No plano físico, a equipe doméstica atende à consanguinidade em que o vínculo é obrigatório, mas, no plano extrafísico, o grupo familiar obedece à afinidade em que o liame é espontâneo. Por isso mesmo, na esfera seguinte à condição humana, temos o espaço das nações, com as suas comunidades, idiomas, experiências e inclinações, inclusive organizações religiosas típicas, junto das quais funcionam missionários de libertação mental, operando com caridade e discrição para que as ideias renovadoras se expandam sem dilaceração e sem choque. Com esses dois terços de criaturas ainda ligadas, desse ou daquele modo, aos núcleos terrenos, encontramos um terço de Espíritos relativamente enobrecidos que se transformam em condutores da marcha ascensional dos companheiros, pelos méritos

com que se fazem segura instrumentação das Esferas Superiores. Uberaba, 14/5/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 7)

“– Irmão Cláudio, não posso duvidar de suas afirmações, embora me custe a crer que estamos na posição de pessoas desencarnadas, conforme as suas expressões. Esteja certo de que não desejo perder, de modo algum, a sua orientação; contudo, gostaria de tomar contato com um sacerdote, um padre católico, por exemplo... Ficaria feliz se pudesse entregar-me à prática da confissão, permutar ideias livremente com um diretor da fé que me formou o caráter, sem qualquer constrangimento da vida social... O amigo bondoso sorriu compreensivo e esclareceu: – A Igreja aqui está positivamente renovada, posto que possamos encontrar representantes de todas as religiões terrestres, aferrados a dogmas, concepções estreitas, preconceitos e tiranias diversas do fanatismo, nas áreas vizinhas em que se congregam milhares e milhares de inteligências rebeldes e perturbadas. Aqui, propriamente, os sacerdotes não a ouviriam em confissão de natureza religiosa. Enviá-la-iam a um dos nossos institutos de psiquiatria protetora, em que a irmã pode e deve ter a sua ficha para receber a assistência necessária...” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 9)

“Transfiramos a questão para a área espiritual. Apesar da claridade mental que domina grande número de pessoas nas várias escolas do Espiritualismo em todas as suas expressões e do Espiritismo em particular, são escassos os homens dispostos ao serviço da vera fraternidade e da caridade em ação libertadora. Discute-se muito e realiza-se pouco. Perde-se largo tempo em verbalismo inoperante, em detrimento da iluminação e do esclarecimento de consciências. Fracionam-se os grupos, vencidos pelas vaidades culturais e paixões pessoais, em prejuízo da solidariedade muito apregoada e pouco vivida... Nenhuma censura, porém, de nossa parte. A citação é para ilustrar que, enquanto muitos discutem como distribuir víveres, em banquetes faustosos, numa época de fome, milhares morrem por total escassez de alimentos. E o que sucede neste setor espiritual. Aprendemos com Allan Kardec, e a experiência o demonstra, especialmente para nós outros desencarnados, quanto à ineficácia de certas práticas fetichistas e quejandos. Como a morte não muda a ninguém, sabemos que aqueles que conviviam com determinados cultos a que se afervoravam ou cujas práticas temiam mais do que respeitavam, ante a desencarnação não alteraram a forma íntima de ser, permanecendo vinculados aos atavismos que lhes dizem respeito. Católicos, protestantes e outros religiosos, após a morte, não se tornam espiritistas ou conhecedores da realidade ultra tumular; ao revés, dão curso aos seus credos, reunindo-se em grupos e igrejas afins. É natural, portanto, que os originados das crenças

derivadas do sincretismo afro-brasileiro continuem ligados às suas ideias religiosas. Enquanto não luz a verdade em mais amplos círculos de libertação espiritual, valorizemos o esforço de abnegados seareiros do amor, na ampliação dos horizontes da saúde, da paz e da fraternidade entre os homens, “onde quer que se encontrem.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 3)

“Após breve período, ambas me identificaram, demonstrando satisfação e surpresa. - Já se encontra por cá, em definitivo? – indagou-me uma delas, a senhora Frida. - Sim - retruquei, alegre -, há quase trinta anos. As senhoras demonstraram admiração e responderam, quase simultaneamente: – Nós o ignorávamos... Aliás, todo dia somos surpreendidas por ocorrências semelhantes, que procedem da Terra... Velhos amigos são reencontrados e outros ali permanecem, sem que tenhamos deles qualquer notícia. Como o amigo se recordará, aqui nos encontramos há quase quatro décadas e só muito lentamente vamos tomando conhecimento da realidade que nos envolve. - Agora mesmo - acrescentou a senhora Frida - fui informada de que o meu filho Henrique está na fase final do processo que precede a morte, devendo chegar a nosso plano depois de amanhã. Isto é, se for aprovado para viver neste Núcleo, onde nos demoramos. Vimos à igreja orar, de modo a nos prepararmos para acompanhar-lhe o processo final. Estamos rumando ao seu lar e ali ficaremos participando das atividades concernentes à sua separação do corpo. Preocupamo-nos com o seu estado, porque o filho, que havia recebido orientação religiosa na infância, após o meu retomo passou por várias vicissitudes e, em razão do segundo matrimônio de Victor, meu marido, com uma jovem sem formação cristã, o menino terminou por abandonar a fé e, na idade adulta, aderiu ao materialismo, deixando que nele se desenvolvessem os sentimentos ateus, agressivos e amargos. Um câncer recente minou-lhe o organismo e, agora, sem qualquer apoio de ordem íntima, por falta de estrutura espiritual, debate-se na revolta, percebendo a chegada da hora final no corpo... - E a senhora não tem intercedido por ele, buscando ajudá-lo? – indaguei, solidário à sua preocupação. - Certamente que sim - elucidou-me, com expressão triste. - Todavia, somente podemos ajudar com êxito a quem se ajuda com interesse, não é verdade? Temos orado, buscado socorrê-lo e, graças a essas providências a situação não se lhe fez pior. O nosso sacerdote explicou-nos, por diversas vezes, questões que me fizeram recordar

do amigo Miranda, quando nos falava de Espiritismo, de reencarnação. Lembra-se? – E a senhora constatou a legitimidade desses conceitos? – indaguei, satisfeito. - Ainda não - respondeu com naturalidade. - Estamos informadas, nós ambas e muitos que aqui estagiamos, que algumas almas são promovidas ao reino e que outras voltam a repetir o estágio terreno, mas, confessamos que não o compreendemos totalmente. De nossa parte, estamos completando o nosso período purgatorial, que, francamente, é melhor do que supúnhamos, a fim de sermos transferidas, como aconteceu com vários amigos, que foram mudados de nossa região por determinação superior. Fiquei surpreendido ante o desconhecimento da realidade espiritual de que davam mostras as amigas. É verdade que não fora aquela a primeira constatação de fato àquela semelhante. No entanto, quarenta anos de desencarnação eram tempo suficiente para uma mudança de atitude mental. Confirmavam-se as palavras de Felinto, que ainda me ressoavam na acústica da alma. Olhei-as, ingênuas e confiantes, seguras nas suas convicções, e nada lhes disse. Augurei-lhes resultados felizes e abracei-as, informando à senhora Frida que iria orar pelo feliz despertar do filho, após o transe da desencarnação. Ela agradeceu e despedimo-nos, fraternalmente. Felinto, que acompanhara o nosso diálogo, compreendendo-me o embaraço, socorreu-me, completando: – Não há violência, como esclareci há pouco, no processo evolutivo de ninguém. Cada ser galga o degrau do progresso com as próprias forças, embora os estímulos e auxílios que receba. Nossas irmãs, como se pôde constatar, vêm de um passado espiritual com profundas fixações católicas. Apesar dos largos anos que lhes assinalam a desencarnação, mantêm-se vinculadas aos antigos conceitos, que irão superando através do tempo. Poder-se-á argumentar que, em se considerando a situação de Espíritos sem o envoltório material, seria fácil explicar-lhes, com clareza, a realidade na qual ora se movimentam. Todavia, se assim se procedesse, antigas ocorrências que lhes marcaram o estágio na Erraticidade seriam recordadas a prejuízo delas mesmas e da sua paz. Como são diligentes e operosas, devotadas ao bem e assinaladas por uma fé honesta, adquirem títulos de enobrecimento e maturidade para as experiências mais felizes na área da renovação espiritual, no futuro.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 21)



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Segunda Parte

Espiritismo

- I. Histórico do Espiritismo
 - II. Considerações sobre a revelação espírita
 - III. Missão do Espiritismo
 - IV. Características e atribuições do espírita
 - V. Críticas ao Espiritismo
-

I Histórico do Espiritismo

I.1. Precursores do Espiritismo

“IV. SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO. Do fato de haver Jesus conhecido a seita dos essênios, fora errôneo concluir-se que a sua doutrina ele a hauriu dessa seita e que, se houvera vivido noutro meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão. Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, nenhum escrito deixou. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também ele foi acusado, pelos fariseus do seu tempo, visto que sempre os houve em todas as épocas, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão. Julgamos conveniente resumir aqui os pontos de maior relevo, para mostrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo. Aos que considerarem esse paralelo uma profanação e pretendam que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, diremos que não era pagã a de Sócrates, pois que objetivava combater o paganismo; que a de Jesus, mais completa e mais depurada do que aquela, nada tem que perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída; que, ao demais, trata-se de um fato da História, que a ninguém será possível apagar. O homem há chegado a um ponto em que a luz emerge por si mesma de sob o alqueire. Ele se acha maduro bastante para encará-la de frente; tanto pior para os que não ousem abrir os olhos. Chegou o tempo de se considerarem as coisas de modo amplo e elevado, não mais do ponto de vista mesquinho e aca-nhado dos interesses de seitas e de castas. Além disso,

estas citações provarão que, se Sócrates e Platão apresentaram a ideia cristã, em seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução)

“RESUMO DA DOCTRINA DE SÓCRATES E DE PLATÃO. I. O homem é uma alma encarnada.

Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais das ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando, e, recordando o seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele. Não se pode enunciar mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de um outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o gérmen da doutrina dos Anjos decaídos. II. A alma se transvia e perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem, como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela dessa natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama sabedoria. Assim, ilude a si mesmo o homem que considera as coisas de modo terra-a-terra, do ponto de vista material. Para as apreciar com justeza, tem de as ver do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. Aquele, pois, que está de posse da verdadeira sabedoria, tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, nº 5) III. Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Ao demais, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, impossível se nos torna ser ajuizados, sequer por um instante. Mas, se não nos é possível conhecer puramente coisa alguma, enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas uma: ou jamais conheceremos a verdade, ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, lícito é esperá-lo, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Essa a razão por que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer e a morte não se lhes afigura, de modo nenhum, temível. Está aí o princípio das faculdades da alma obscurecidas por motivo dos órgãos corporais e o da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas trata-se apenas de almas já

depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (*O Céu e o Inferno*, 1ª Parte, cap. II; 2ª Parte, cap. I) IV. *A alma impura, nesse estado, se encontra oprimida e se vê de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Erra, então, diz-se, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto tenebrosos fantasmas, quais devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz que a vista humana possa percebê-las. Não são as almas dos bons; são, porém, as dos maus, que se veem forçadas a vagar por esses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo. Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíam objeto de suas predileções.* Não somente o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que se mantêm sob o jugo da matéria é descrito qual o mostra o Espiritismo nas evocações. Mais ainda: no tópico acima se diz que a reencarnação num corpo material é consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. Outra coisa não diz o Espiritismo, acrescentando apenas que a alma, que boas resoluções tomou na erradicidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas do que tinha na sua existência precedente. Assim, cada existência lhe marca um progresso intelectual e moral. (*O Céu e o Inferno*, 2ª Parte: Exemplos) V. *Após a nossa morte, o gênio (daimon, demônio), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos.* É a doutrina dos Anjos guardiães, ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, em seguida a intervalos mais ou menos longos de erradicidade. VI. *Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em comércio e se entretêm com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.* A palavra *daimon*, da qual fizeram o termo *demônio*, não era, na antiguidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o

Espiritismo diz que os Espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os incumbidos de lhe transmitir as vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Ponde, em lugar da palavra *demônio*, a palavra *Espírito* e tereis a doutrina espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã. VII. *A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?* O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa. VIII. *Se a alma é imaterial, tem de passar, após essa vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua estada na Terra.* Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua *maior ou menor* pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo o prova com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas. (*O Céu e o Inferno*, 2ª Parte) IX. *Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de ornatos estranhos, mas com os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.* Equivale isso a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula toda responsabilidade moral ulterior, sendo, consequentemente, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresenta, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (*O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, cap. I) X. *O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despida do corpo, ela guarda, evidentes, os traços do seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devemos levar outra*

vida que nos seja útil quando estejamos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que mais vale receber do que cometer uma injustiça e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas de ser homem de bem. (Colóquios de Sócrates com seus discípulos, na prisão) Depara-se-nos aqui outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Não é inteiramente cristã esta máxima: *mais vale receber do que cometer uma injustiça?* O mesmo pensamento exprimiu Jesus, usando desta figura: “Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra.” (Cap. XII, nº 7 e 8) XI. *De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar. Se tudo tem de extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para o lugar onde os mortos se têm de reunir; que felicidade a de encontrarmos lá aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não o são. Mas, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes.* (Sócrates aos seus juízes.) Segundo Sócrates, os que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram, de tal maneira que a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade. Houvesse Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que o Cristo difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha, e não teriam falado de outro modo. Não há nisso, entretanto, o que surpreenda, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados hão de tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que secundaram o Cristo na sua missão divina, escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se façam eles agora parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades. XII. *Nunca se deve retribuir com outra uma injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o dano que nos hajam causado. Poucos, no entanto, serão os que admitam esse princípio, e os que se desentenderem a tal respeito nada mais farão, sem dúvida, do que se votarem uns aos outros mútuos desprezos.* Não está aí o princípio de caridade, que prescreve não se retribua o mal com o mal e se perdoe aos inimigos? XIII. *É pelos frutos que se conhece a*

árvore. Toda ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la de má, quando dela provenha mal; de boa, quando dê origem ao bem. Esta máxima: “Pelos frutos é que se conhece a árvore”, se encontra muitas vezes repetida textualmente no Evangelho. XIV. *A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence.* (Cap. XVI) XV. *As mais belas preces e os mais belos sacrifícios prazem menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços por se lhe assemelhar. Grave coisa fora que os deuses dispensassem mais atenção às nossas oferendas, do que à nossa alma; se tal se desse, poderiam os mais culpados conseguir que eles se lhes tornassem propícios. Mas, não: verdadeiramente justos e retos só o são os que, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres para com os deuses e para com os homens.* (Cap. X, nº 7 e 8) XVI. *Chamo homem vicioso a esse amante vulgar, que mais ama o corpo do que a alma. O amor está por toda parte em a Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência; até no movimento dos astros o encontramos. É o amor que orna a Natureza de seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa morada onde se lhe depa-rem flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.* O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que “o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demônio”, isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, essa proposição lhe foi imputada como crime. XVII. *A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.* É quase a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, carece de mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força que Deus faculta ao homem de boa vontade para se expungir do mal e praticar o bem. XVIII. *É disposição natural em todos nós a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos, do que dos de outrem.* Diz o Evangelho: “Vedes a palha que está no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso.” (Cap. X, nº 9 e 10) XIX. *Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.* O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre,

assim, nova senda para a Ciência. Com o lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, faculto-lhe os meios de combatê-las. Quando a Ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos frequentes serão os seus maus êxitos. XX. *Todos os homens, a partir da infância, muito mais fazem de mal, do que de bem.* Essa sentença de Sócrates fere a grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação do planeta terreno, habitado apenas por uma fração mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo resolve essa questão, que se encontra explanada aqui adiante, nos capítulos II, III e V. XXI. *Ajuizado serás, não supondo que sabes o que ignoras.* Isso vai com vistas aos que criticam aquilo de que desconhecem até mesmo os primeiros termos. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: “Tentemos, primeiro, torná-los, se for possível, mais honestos nas palavras; se não o forem, não nos preocupemos com eles e não procuremos senão a verdade. Cuidemos de instruir-nos, mas não nos injuriemos.” É assim que devem proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Revivesse hoje Platão e acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates toparia criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como ao seu discípulo Platão. Foi por haver professado esses princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tão certo é que, levantando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas não se podem firmar sem luta e sem fazer mártires.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução)

“21. Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra. 22. O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte. (Vede: *Revue Spirite*, 1861, págs. 90 e 280) 23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade. [...] 24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas dão de Deus.* As religiões que fazem de Deus

um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas. 25. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.* Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas, fora possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo. A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de par com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e tinha, por isso mesmo, de reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas consequências, o ponto capital da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, contrista dizê-lo, é também o ponto de que mais a Humanidade se tem afastado, que mais há desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos. 26. Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.*” (S. João, 14,16; S. Mateus, 17) Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito. 27. Por que chama ele *Consolador* ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambiguidade, encerra toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético. [...] 30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este

partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. [...]” (AK, *A gênese*, Capítulo I, Caráter da revelação espírita)

“O FENÔMENO ESPÍRITA. Em todas as civilizações, o culto dos desencarnados aparece como facho aceso de sublime esperança. Rápido exame nos costumes e tradições de todos os remanescentes da vida primitiva, entre os selvagens da atualidade, nos dará conhecimento de que as mais rudimentares organizações humanas guardam no intercâmbio com os “mortos” suas elementares noções de fé religiosa. Aparições e vozes, fenômenos e revelações do mundo espiritual assinalam a marcha das tribos e das povoações do princípio. No Egito, os assuntos ligados à morte assumem especial importância para a civilização. Anúbis, o deus dos sarcófagos, era o guardião das sombras e presidia à viagem das almas para o julgamento que lhes competia no Além. Na China multimilenária, os antepassados vivem nos alicerces da fé. Em todas as circunstâncias da vida, os Espíritos dos avoengos são consultados pelos descendentes, recebendo orações e promessas, flores e sacrifícios. Na Índia encontram nos “rakchasas”, Espíritos maléficos que residem nos sepulcros, os portadores invisíveis de moléstias e aflições. Os gregos acreditavam-se cercados pelas entidades que nomeavam por “demônios” ou familiares intangíveis, as quais os inspiram na execução de tarefas habituais. Em Roma, os Espíritos amigos recebem o culto constante da intimidade doméstica, onde são interpretados como divindades menores. Para a antiga comunidade latina, as almas bem-intencionadas, que haviam deixado, na Terra, os traços da sabedoria e da virtude eram os “deuses lares”, com recursos de auxiliar amplamente, enquanto que os fantasmas das criaturas perversas eram conhecidos habitualmente por “larvas”, cuja aproximação causava dissabores e enfermidades. Os feiticeiros das tabas primitivas eram nas civilizações recuadas substituídos por magos, cujo poder imperava sobre a espada dos guerreiros e sobre a coroa dos príncipes. E ainda, em todos os acontecimentos religiosos que precederam a vinda do Cristo, a manifestação dos desencarnados ou o fenômeno espírita comparece por vívido clarão da verdade, orientando os sucessos e guiando as supremas realizações do esforço coletivo. Com a supervisão de Jesus, porém, a marcha da espiritualidade na Terra adquire novos característicos. Ele é o disciplinador dos sentimentos, o grande construtor da Humanidade legítima. Por trezentos anos, os discípulos do Senhor sofrem, lutam, sonham e morrem para doar ao mundo a doutrina de luz e amor, com a plena vitória sobre a morte, mas a política do Império Romano reduz, por dezesseis séculos consecutivos, o movimento libertador. Os séculos, contudo, na eternidade, são simples minutos e, em seguida às sombras da grande noite, o evangelismo puro

surge, de novo. Cristianismo - doutrina do Cristo... Espiritismo - doutrina dos Espíritos... Volta a influência do Mestre sobre a imensa coletividade humana, constituída por mentes de infinita gradação. Homens por homens, inteligências por inteligências, incorreríamos talvez no perigo de comprometermos o progresso do mundo, isolados em nossos pontos de vista e em nossas concepções deficitárias, mas, regidos pela Infinita Sabedoria, rumaremos para a perfeição espiritual, a fim de que, um dia, despojados em definitivo das escamas educativas da carne, possamos compreender a excelsa palavra da celeste advertência: – “vós sois deuses”...” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 24)

“Luz nas sombras. - Sim - afirmava-nos o Instrutor Druso, sabiamente -, o estudo da situação espiritual da criatura humana, após a morte do corpo, não pode ser relegado a plano secundário. Todas as civilizações que antecederam a glória ocidental nos tempos modernos consagraram especial atenção aos problemas de além-túmulo. O Egito mantinha incessante intercâmbio com os trespassados e ensinava que os mortos sofriam rigoroso julgamento entre Anúbis, o gênio com cabeça de chacal, e Hórus, o gênio com cabeça de gavião, diante de Maât, a deusa da justiça, decidindo se as almas deveriam ascender ao esplendor solar ou se deveriam voltar aos labirintos da provação, na própria Terra, em corpos deformados e vis; os hindus admitiam que os desencarnados, conforme as resoluções do Juiz dos Mortos, subiriam ao Paraíso ou desceriam aos precipícios do reino de Varuna, o gênio das águas, para serem insulados em câmaras de tortura, amarrados uns aos outros por serpentes infernais; hebreus, gregos, gauleses e romanos sustentavam crenças mais ou menos semelhantes, convictos de que a elevação celeste se reservava aos Espíritos retos e bons, puros e nobres, guardando-se os tormentos do inferno para quantos se rebaixavam na perversidade e no crime, nas regiões de suplício, fora do mundo ou no próprio mundo, através da reencarnação em formas envilecidas pela expiação e pelo sofrimento.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 1)

“– O Espiritismo é a Doutrina de Jesus, em Espírito e verdade, sem fórmulas nem ritos, sem aparências nem representantes, sem ministros. É a religião do amor e da verdade, na qual cada um é responsável pelos próprios atos, respondendo por eles, conforme o conhecimento que tenha da Imortalidade, dos deveres. «É a religião da Filosofia, a Filosofia da Ciência e a Ciência da Religião, conforme predicou Vianna de Carvalho em nossa Casa, com justas razões. Não se firma em enunciados estranhos à Boa Nova e tudo quanto os Espíritos informaram ao Missionário Allan Kardec se encontra fundamentado nos Evangelhos. Alguns adversários gratuitos dizem que os Espíritos nada trouxeram de novo. E me permito indagar, repetindo o filósofo antigo: Que há de novo sob o Sol? Novidade

é também sinal de leviandade. O que nos parece novo é atualização do que acontecia e ignorávamos. «Os Espíritos sempre se comunicaram e falaram dos renascimentos, das Leis de Causa e Efeito, conhecidas desde remotíssimas civilizações, sob a designação sânscrita de Carma. Em todos os tempos encontramos os chamados “mortos” falando aos chamados “vivos”... O que os sábios conseguiram nestes tempos foi constatar a legitimidade da existência *post-mortem* e comprovarem a preexistência do Espírito, antes do corpo, com a consequente sobrevivência após a morte do corpo. Allan Kardec, o Enviado para os tempos modernos, teve o incomparável mérito de codificar os ensinamentos esparsos, dando-lhes uma ordem filosófica, extraindo o significado moral e eterno das lições contínuas dos Imortais. Dotado de raras faculdades de inteligência e razão, acolitado por Legião de Benfeitores e por eles fortemente inspirado, propõe questões do conhecimento, indagou sobre assuntos não devidamente esclarecidos até então. Não há, porém, em toda a Codificação um só item que se não alicerce nos ensinamentos do Cristo, ora confirmados universalmente pelos Espíritos. O próprio Mestre, na sua assertiva da promessa do Consolador, informou claro e conciso que o Paracleto diria muito mais do que Ele dissera.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 16)

“JESUS E ESPIRITISMO - Em face da decadência do pensamento cristão, mediante as naturais injunções humanas através do tempo, deturpações estas esperadas e compreensíveis, em considerando o estágio evolutivo em que se encontrava o homem, Jesus prometeu o Consolador, que se encarregaria de restabelecer os ensinamentos na sua pureza primitiva e completar as necessidades intelectuais das criaturas, no período das investigações científicas e culturais. Sob a Sua direção, as “Vozes dos Céus” voltariam à Terra, a fim de consolar os homens e consolidar neles as aspirações libertadoras. Sem o perigo de novas injunções negativas, porque o advento do Espírito de Verdade facultaria mais amplas possibilidades de intercâmbio entre as duas esferas da vida, a material e a espiritual, os Espíritos impediriam, no momento propício, as chãs turbacões humanas que ameaçassem a sua inteireza doutrinária e moral. O Espiritismo, portanto, veio restaurar o Cristianismo e o fato espírita fundamentou a existência de Jesus, repetindo na atualidade as realizações do pretérito, enquanto despiu das fantasias do miraculoso e do sobrenatural os eventos e realizações normais, inusitadas quanto legítimas. Ao tempo em que sondas e naves espaciais se adentram pelo Sistema Solar, tentando decifrar-lhe alguns enigmas, e os observatórios radio astronômicos escutam o pulsar das estrelas, buscando a linguagem da vida nelas existente; enquanto instrumentos sensíveis penetram nas partículas infinitesimais, estudando-as e compreendendo

a sua constituição, os Espíritos retornam, proclamando a experiência imortalista além da sepultura e a vida inteligente precedente ao berço, em sublime epopeia de inigualável grandeza para o ser humano. Nem extinção do ser nem sofrimento perene para o Espírito. Vida estuante, sim, meta-felicidade, vida total! Confirmando Jesus, Kardec consubstanciou o Paracleto. Afirmando Kardec, Jesus, pelos Espíritos, voltou à Terra, a ampliar-lhe infinitamente os horizontes na direção das galáxias. Jesus, o Excelso Rei Solar! Espiritismo, estrela fulgurante e sempre luminescente no Mundo!” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 25)

“[...] O Espiritismo é uma conquista recente que a Humanidade logrou, mas que ainda não tem sabido valorizar e compreender plenamente. Doutrina antiga, presente nas mais variadas culturas do passado, avança com o progresso dos povos, hoje revelada na sua beleza e profundidade mais expressivas sem que, no entanto, se constitua a “última palavra”, já que evoluirá com a cultura e o conhecimento, na direção do infinito. Nem todos os povos, porém, em seu tempo, penetraram com segurança no âmago da revelação espiritual, adaptando-a à sua capacidade de entendimento e de aplicação, o que deu origem aos mais variados quanto esdrúxulos cultos e religiões de que se tem notícia. Através de Allan Kardec, todavia, as informações dos imortais alcançaram o máximo da lógica pelo crivo da razão, tornando-se fator decisivo para o comportamento feliz dos homens, por encerrarem a síntese do saber e do sentir que constituem as duas asas que alçam o Espírito à angelitude. [...] - Entre Jesus e Kardec estão quase dezenove séculos, de modo que o pensamento iluminado do Nazareno pudesse alcançar toda a sua eloquência filosófica e ético-moral para o benefício das criaturas. Kardec é o homem do futuro e o Espiritismo é a lição imperecível que os tempos irão auxiliando os indivíduos a assimilar, penetrando-se da sua sabedoria, que um dia conduzirá os destinos da Terra. Confiemos, e, até esse momento, sirvamos onde e como a Providência nos permita para o nosso progresso e felicidade. Há muito por fazer, nesta hora grave, investindo todos os nossos valores intelecto morais em prol do futuro. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 21)

I.2. Início, desenvolvimento e constituição do Espiritismo

“A MINHA PRIMEIRA INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO. Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: “Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem

magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade.” - “É, com efeito, muito singular, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam.” Os relatos, que os jornais publicaram, de experiências feitas em Nantes, em Marselha e em algumas outras cidades, não permitiam dúvidas acerca da realidade do fenômeno. Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: “Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde.” - “Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé.” Era lógico este raciocínio: eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-se-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas veem um fato que não compreendem. Há 50 anos, se a alguém dissessem, pura e simplesmente, que se podia transmitir um despacho telegráfico a 500 léguas e receber a resposta dentro de uma hora, esse alguém se riria e não teriam faltado excelentes razões científicas para provar que semelhante coisa era materialmente impossível. Hoje, quando já se conhece a lei da eletricidade, isso a ninguém espanta, nem sequer ao camponês. O mesmo se dá com todos os fenômenos espíritos. Para quem quer que não conheça a lei que os rege, eles parecem sobrenaturais, maravilhosos e, por conseguinte, impossíveis e ridículos. Uma vez conhecida a lei, desaparece a maravilha, o fato deixa de ter o que repugne à razão, porque se prende à possibilidade de ele produzir-se. Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a ideia, porém, de uma mesa **falante** ainda não me entrara na mente. No ano seguinte, estávamos em começo de 1855, encontrei-me com o Sr. Carloti, amigo de 25 anos, que me falou daqueles fenômenos durante cerca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a todas as ideias novas. Ele era corso, de temperamento ardoroso e enérgico e eu sempre lhe apreciava as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, porém desconfiava da sua exaltação. Foi o primeiro que me falou na intervenção dos Espíritos e me

contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentou-me as dúvidas. “Um dia, o senhor será dos nossos, concluiu.” “Não direi que não, respondi-lhe; veremos isso mais tarde.” Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carloti se pronunciara, mas em tom muito diverso. O Sr. Pâtier era funcionário público, já de certa idade, muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, aceitei imediatamente. A reunião foi marcada para terça-feira 1 de maio às oito horas da noite. Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo. Bem depressa, ocasião se me ofereceu de observar mais atentamente os fatos, como ainda o não fizera. Numa das reuniões da Sra. Plainemaison, travei conhecimento com a família Baudin, que residia então à rua Rochechouart. O Sr. Baudin me convidou para assistir às sessões hebdomadárias que se realizavam em sua casa e às quais me tornei desde logo muito assíduo. Eram bastante numerosas essas reuniões; além dos frequentadores habituais, admitiam-se todos os que solicitavam permissão para assistir a elas. Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada **carra-peta** e que se encontra descrita em *O Livro dos Médiuns*. Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das ideias do médium. Aí, tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha. Eram geralmente frívolos os assuntos tratados. Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério; a curiosidade e o divertimento eram os móveis capitais de todos. Dava o nome de Zéfiro o Espírito que costumava manifestar-se, nome perfeitamente acorde com o seu caráter e com o da reunião. Entretanto, era muito

bom e se dissera protetor da família. Se com frequência fazia rir, também sabia, quando preciso, dar ponderados conselhos e manejar, se ensejo se apresentava, o epigrama, espirituoso e mordaz. Relacionamo-nos de pronto e ele me ofereceu constantes provas de grande simpatia. Não era um **Espírito** muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos superiores, me auxiliou nos meus trabalhos. Depois, disse que tinha de reencarnar e dele não mais ouvi falar. Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir. Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles. O simples fato da comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto essencial, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação permitia se conhecessem o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de todas as classes, não podendo um só, individualmente, informar-nos de tudo. Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de

diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não **reveladores predestinados**. Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui. Até ali, as sessões em casa do Sr. Baudin nenhuns fins determinados tinham tido. Tentei lá obter a resolução dos problemas que me interessavam, do ponto de vista da Filosofia, da Psicologia e da natureza do mundo invisível. Levava para cada sessão uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica. A partir de então, as sessões assumiram caráter muito diverso. Entre os assistentes contavam-se pessoas sérias, que tomaram por elas vivo interesse e, se me acontecia faltar, ficavam sem saberem o que fazer. As perguntas fúteis haviam perdido, para a maioria, todo atrativo. Eu, a princípio, cuidara apenas de instruir-me; mais tarde, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a ideia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente. Foram aquelas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, constituíram a base de *O Livro dos Espíritos*. No ano seguinte, em 1856, frequentei, ao mesmo tempo, as reuniões espíritas que se celebravam à rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, sonâmbula. Eram sérias essas reuniões e se realizavam com ordem. As comunicações eram transmitidas por intermédio da Srta. Japhet, médium, com auxílio da cesta de bico. Estava concluído, em grande parte, o meu trabalho e tinha as proporções de um livro. Eu, porém, fazia questão de submetê-lo ao exame de outros Espíritos, com o auxílio de diferentes médiuns. Lembrei-me de fazer dele objeto de estudo nas reuniões do Sr. Roustan. Ao cabo de algumas sessões, disseram os Espíritos que preferiam revê-lo na intimidade e marcaram para tal efeito certos dias nos quais eu trabalharia em particular com a Srta. Japhet, a fim de fazê-lo com mais calma e também de evitar as indiscrições e os comentários prematuros do público. Não me contentei, entretanto, com essa verificação; os Espíritos assim me haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857. Pelos fins desse mesmo ano, as duas Srtas. Baudin se

casaram; as reuniões cessaram e a família se dispersou. Mas, então, já as minhas relações começavam a dilatar-se e os Espíritos me multiplicaram os meios de instrução, tendo em vista meus ulteriores trabalhos.” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, A minha primeira iniciação no Espiritismo)

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS. *Prolegômenos.* Fenômenos alheios às leis da ciência humana se dão por toda parte, revelando na causa que os produz a ação de uma vontade livre e inteligente. A razão diz que um efeito inteligente há de ter como causa uma força inteligente e os fatos hão provado que essa força é capaz de entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais. Interrogada acerca da sua natureza, essa força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corporal do homem. Assim é que foi revelada a Doutrina dos Espíritos. As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e tornaram patentes a todos. Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade. Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar. Em o número dos Espíritos que concorreram para a execução desta obra, muitos se contam que viveram, em épocas diversas, na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros, pelos seus nomes, não pertencem a nenhuma personagem, cuja lembrança a História guarde, mas cuja elevação é atestada pela pureza de seus ensinamentos e pela união em que se acham com os que usam de nomes venerados. Eis em que termos nos deram, por escrito e por muitos médiuns, a missão de escrever este livro: “Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Mas, antes de o divulgares, revê-lo-emos juntos, a fim de lhe verificarmos todas as minúcias. “Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudarmos nos

teus trabalhos, porquanto esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que já um de nós te revelou. “Entre os ensinamentos que te são dados, alguns há que deves guardar para ti somente, até nova ordem. Quando chegar o momento de os publicares, nós te diremos. Enquanto esperas, medita sobre eles, a fim de estares pronto quando te dissermos. “Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos, porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessência o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos. “Não te deixes desanimar pela crítica. Encontrarás contraditores encarniçados, sobretudo entre os que têm interesse nos abusos. Encontrá-los-ás mesmo entre os Espíritos, por isso que os que ainda não estão completamente desmaterializados procuram frequentemente semear a dúvida por malícia ou ignorância. Prossegue sempre. Crê em Deus e caminha com confiança: aqui estaremos para te amparar e vem próximo o tempo em que a Verdade brilhará de todos os lados. “A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes. Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor do bem e se unirão por um laço fraterno, que prenderá o mundo inteiro. Estes deixarão de lado as miseráveis questões de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores. “Com a perseverança é que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a doutrina propagar-se e bem compreendida, será uma recompensa, cujo valor integral conhecerás, talvez mais no futuro do que no presente. Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus acumularão no teu caminho. Conserva a confiança: com ela chegarás ao fim e merecerás ser sempre ajudado. “Lembra-te de que os Bons Espíritos só dispensam assistência aos que servem a Deus com humildade e desinteresse e que repudiam a todo aquele que busca na senda do Céu um degrau para conquistar as coisas da Terra; que se afastam do orgulho e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus. São um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer perceptível a luz.” *São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, O Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc., etc.*” (AK, *O livro dos espíritos*, Prolegômenos)

“CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS. § I - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.

O Espiritismo teve, como todas as coisas, o seu período de gestação e, enquanto todas as questões, principais e acessórias, que dele derivam não se acharem resolvidas, somente pode dar resultados incompletos. Entreviu-se-lhe a finalidade, pressentiram-se-lhe as consequências, mas apenas de modo vago. Da incerteza sobre pontos ainda não determinados haviam forçosamente de nascer divergências sobre a maneira de os considerar; a unificação tinha que ser obra do tempo e se efetuou gradualmente à medida que os princípios se foram elucidando. Unicamente quando tiver desenvolvido todas as partes em que se desdobra é que a Doutrina formará um todo harmônico e só então se poderá julgar do que é o Espiritismo. Enquanto ele não passava de uma opinião filosófica, não podia contar, da parte de seus adeptos, senão com a simpatia natural que a comunhão de ideias produz; nenhum laço sério podia existir entre eles, por falta de um programa claramente traçado. Esta, evidentemente, a causa fundamental da débil coesão e da instabilidade dos grupos e sociedades que logo se formaram. Por isso mesmo, constantemente procuramos, e com todas as nossas forças, afastar os espíritos do propósito de fundarem prematuramente qualquer instituição especial com base na Doutrina, antes que esta assentasse em alicerces sólidos. Fora exporem-se a fracassos inevitáveis, cujo efeito teria sido desastroso, pela impressão que produziriam no público e pelo desânimo em que lançariam os adeptos. Semelhantes fracassos talvez retardassem de um século o progresso definitivo da Doutrina, a cuja impotência se imputaria um insucesso devido, na realidade, à imprevidência. Por não saberem esperar, a fim de chegarem no momento exato, os muito apressados e os impacientes, em todos os tempos, hão comprometido as melhores causas. Não se deve pedir às coisas senão o que elas podem dar, à medida que se vão pondo em estado de produzir. Não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore que acaba de ser plantada o que ela dará quando estiver em toda a sua pujança. O Espiritismo, em via de elaboração, somente resultados individuais podia dar; os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá. Se bem não haja ele dito ainda sua última palavra sobre todos os pontos, aproxima-se do seu complemento e soou a hora de se lhe oferecer uma base forte e durável, suscetível, contudo, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportem e que ofereça toda a segurança aos que inquiram quem lhe tomará as rédeas, depois daquele que lhe dirigiu os primeiros passos. A Doutrina é, sem dúvida, imperecível, porque repousa nas leis da Natureza e porque, melhor do que

qualquer outra, corresponde às legítimas aspirações dos homens. Entretanto, a sua difusão e a sua instalação definitiva podem ser adiantadas ou retardadas por circunstâncias várias, algumas das quais subordinadas à marcha geral das coisas, outras inerentes à própria doutrina, à sua constituição e à sua organização. Conquanto a questão de substância seja preponderante em tudo e acabe sempre por prevalecer, a questão de forma tem aqui importância capital; poderia mesmo sobrepujar momentaneamente e suscitar embaraços e atrasos, conforme a maneira por que fosse resolvida. Houvéramos, pois, feito coisa incompleta e deixado grandes dificuldades para o futuro, se não prevíssemos as que podem surgir. Com o intuito de evitá-las foi que elaboramos um plano de organização, pondo em jogo a experiência do passado, a fim de evitar os escolhos contra que se chocaram a maioria das doutrinas que apareceram no mundo. O plano aqui exposto concebemo-lo há longo tempo, porque sempre nos preocupamos com o futuro do Espiritismo. Fazemo-lo pressentir, em diversas ocasiões, vagamente, é certo, mas o bastante para mostrar que não é esta, hoje, uma concepção nova e que, trabalhando na parte teórica da obra, não nos descuidávamos do lado prático. **§ II - DOS CISMAS.** Uma questão que desde logo se apresenta é a dos cismas que poderão nascer no seio da Doutrina. Estará preservado deles o Espiritismo? Não, certamente, porque terá, sobretudo no começo, de lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, refratárias a se amalgamarem com as ideias dos demais; e contra a ambição dos que, a despeito de tudo, se empenham por ligar seus nomes a uma inovação qualquer; dos que criam novidades só para poderem dizer que não pensam ou agem como os outros, pois lhes sofre o amor-próprio por ocuparem uma posição secundária. Se, porém, o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre, pode, todavia, neutralizar-lhes as consequências e isto é o essencial. É de notar-se que os vários sistemas divergentes, surgidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicarem-se os fatos, foram desaparecendo à medida que a Doutrina se completou por meio da observação e de uma teoria racional. Hoje, raros partidários ainda contam esses primitivos sistemas. É este um fato notório, do qual se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a elucidação integral de todas as partes da Doutrina. Mas, haverá sempre os dissidentes, de ânimo prevenido e interessados, por um motivo ou outro, a constituir bando à parte. Contra a pretensão desses é que cumpre se premunam os demais. Para assegurar-se, no futuro, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma fique imprecisa. Para isso, procedemos

de maneira que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. Quando for dito peremptoriamente e sem ambiguidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois fazem cinco. [...] O segundo ponto está em não se sair do âmbito das ideias práticas. Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos. O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade. [...]” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Constituição do Espiritismo)

“CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS. § IV - COMISSÃO CENTRAL.

Durante o período de elaboração, a direção do Espiritismo teve que ser individual; era necessário que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos, no estado de embriões, de uma multidão de focos, se dirigissem para um centro comum, a fim de serem aí examinados e cotejados, de sorte que um só pensamento presidisse à coordenação deles, a fim de estabelecer-se a unidade no conjunto e a harmonia entre todas as partes. Se não fosse assim, a Doutrina se teria assemelhado a um mecanismo cujas rodas não se engrenam com precisão umas nas outras. Já o temos dito, por ser verdade incontestável, hoje claramente demonstrada: a Doutrina não podia sair, de um único centro, completamente estruturada, da mesma maneira que toda a ciência astronômica não poderia sair, inteiramente constituída, de um único observatório. Qualquer centro que tentasse erguê-la exclusivamente sobre as suas observações faria coisa incompleta e se acharia, com relação a uma infinidade de pontos, em contradição com os outros. Se mil centros quisessem fazer cada um a sua doutrina, não haveria duas iguais em todos os pontos. Se estivessem de acordo quanto aos fundamentos, difeririam inevitavelmente quanto à forma. Ora, como há muita gente que atenta mais na forma do que na substância, tantas seriam as seitas quantas as formas diferentes. Somente do conjunto e da comparação de todos os resultados parciais poderia resultar a unidade. Por isso é que era necessária a

concentração dos trabalhos. (*A Gênese*, cap. I: “Caráter da revelação espírita”, nº 51 e seguintes) Mas, o que era de vantagem por um certo tempo mais tarde se tornaria inconveniente. Hoje, que o trabalho de elaboração se acha concluído, no que concerne às questões fundamentais; que estabelecidos se encontram os princípios gerais da Ciência, a direção, de individual que houve de ser em começo, tem que se tornar coletiva, primeiramente, porque um momento há de vir em que o seu peso excederá as forças de um homem e, em segundo lugar, porque maior garantia apresenta um conjunto de indivíduos, a cada um dos quais caiba apenas um voto e que nada podem sem o concurso mútuo, do que um só indivíduo, capaz de abusar da sua autoridade e de querer que predominem as suas ideias pessoais. Em vez de um chefe único, a direção será confiada a uma **comissão central** permanente, cuja organização e atribuições se definam de maneira a não dar azo ao arbítrio. Essa comissão se comporá, no máximo, de doze membros titulares, que deverão, para tal efeito, preencher certas condições indispensáveis, e de igual número de conselheiros. Ela se completará a si mesma, segundo regras igualmente determinadas, à medida que em seu seio se derem vagas por falecimentos ou por outras causas. Uma disposição especial estabelecerá o modo por que serão nomeados os doze primeiros. A comissão nomeará o seu presidente por um ano. Puramente administrativa será a autoridade do presidente. Ele dirigirá as deliberações da comissão, velará pela execução dos trabalhos e pelo expediente; mas, fora das atribuições que os estatutos constitutivos lhe conferirem, nenhuma decisão poderá tomar sem o concurso da comissão. Portanto, não haverá possibilidade de abusos, nem alimentos para a ambição, nem pretextos para intrigas ou ciúmes, nem supremacia chocante. A comissão central será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o assentimento da maioria. Suficientemente numeroso para se esclarecer por meio da discussão, não o será bastante para que haja confusão. A autoridade da comissão central será temperada e seus atos fiscalizados pelos congressos ou assembleias gerais, de que adiante falaremos. [...] A fiscalização dos atos da administração pertencerá aos congressos, que poderão decretar a censura ou uma acusação contra a comissão central, por infração do seu mandato, por violação dos princípios estabelecidos, ou por medidas prejudiciais à Doutrina. Por isso é que se apelará da comissão para o congresso, nas circunstâncias em que se julgue que a responsabilidade da primeira está gravemente comprometida. Sendo os congressos um freio para a comissão, na aprovação deles haure esta última novas forças. É assim que o chefe coletivo depende, em definitivo, da opinião geral e não pode, sem risco para si próprio, afastar-se do

caminho reto. Serão estas as atribuições principais da comissão central: 1º Cuidar dos interesses da Doutrina e da sua propagação; manter-lhe a utilidade, pela conservação da integridade dos princípios firmados; prover ao desenvolvimento de suas consequências; 2º O estudo dos novos princípios, suscetíveis de entrar no corpo da Doutrina; 3º A concentração, em seu poder, de todos os documentos e informações que interessem ao Espiritismo; 4º A correspondência; 5º A manutenção, a consolidação e a extensão dos laços de fraternidade entre os adeptos e as sociedades particulares dos diversos países; 6º A direção da *Revista*, que será o jornal oficial do Espiritismo e à qual se poderá juntar outra publicação periódica; 7º O exame e apreciação das obras, dos artigos de jornais e de todos os escritos que interessem à Doutrina: a refutação dos ataques, se aparecerem; 8º A publicação das obras fundamentais da Doutrina, nas condições mais favoráveis à sua vulgarização; a elaboração e publicação das de que daremos o plano e que não teremos tempo de executar em nossa atual existência; a animação de que precisem as publicações que sejam de proveito para a causa; 9º A fundação e conservação da biblioteca, dos arquivos e do museu; 10º A administração da caixa de socorros, do dispensário e do retiro; 11º A administração dos negócios materiais; 12º A direção das sessões da Sociedade; 13º O ensino oral; 14º As visitas e instruções às reuniões e sociedades particulares que se colocarem sob o seu patrocínio; 15º A convocação dos congressos e assembleias gerais. Estas atribuições os membros da comissão as distribuirão entre si, conforme a especialidade de cada um, sendo eles, se for preciso, assistidos por certo número de auxiliares ou de simples empregados.” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Constituição do Espiritismo)

“CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS. § VI - AMPLITUDE DE AÇÃO DA COMISSÃO CENTRAL. No princípio, um centro de elaboração das ideias espíritas se formou por si mesmo, sem desígnio premeditado, pela força das coisas, mas sem nenhum caráter oficial. Ele era necessário, porquanto, se não existira, qual seria o ponto de ligação dos espíritas disseminados por diferentes países? Não podendo comunicar suas ideias, suas impressões, suas observações a todos os outros centros particulares, esparsos a seu turno e não raro sem consistência, ficariam insulados, com o que a difusão da Doutrina sofreria. Era, pois, indispensável um ponto de concentração, donde tudo se irradiasse. O desenvolvimento das ideias espíritas, longe de tornar inútil esse centro, ainda melhor fará sentir a sua necessidade, porque tanto maior será a dos espíritas se aproximarem e formarem feixe, quanto mais considerável for o número deles. A constituição do Espiritismo, regularizando o estado das coisas, terá por efeito fazê-lo

produzir maiores vantagens e preencher as lacunas que apresente. O centro que essa organização criará não será uma individualidade, mas um foco de atividade coletiva, atuando no interesse geral e onde se apaga toda autoridade pessoal. Mas, qual será a amplitude do círculo de atividade desse centro? Destinar-se-á a reger o mundo e a tornar-se árbitro universal da verdade? Alimentar semelhante pretensão fora compreender mal o espírito do Espiritismo que, pela razão mesma de proclamar os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repele a ideia de arvorar-se em autocracia; logo que o fizesse, teria enveredado por uma senda fatal. O Espiritismo sustenta princípios que, por se fundarem nas leis da Natureza e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e um dia certamente o serão, os da universalidade dos homens; todos os aceitarão, porque encontrarão neles verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas, pretender-se que o Espiritismo chegue a estar, por toda parte, organizado da mesma forma; que os espíritas do mundo inteiro se sujeitarão a um regime uniforme, a uma mesma forma de proceder; que terão de esperar lhes venha de um ponto fixo a luz, ponto em que deverão fixar os olhos, fora utopia tão absurda como a de pretender-se que todos os povos da Terra formem um dia uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetida aos mesmos usos. Há, é certo, leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, mas que sempre, quanto às minúcias da aplicação e da forma, serão apropriadas aos costumes, aos caracteres, aos climas de cada um. Outro tanto se dará com o Espiritismo organizado. Os espíritas do mundo todo terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão segundo as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa; sem que se formem seitas dissidentes a atirar pedras e lançar anátemas umas às outras, o que seria absolutamente anti-espírita. Poderão, pois, formar-se, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em diferentes países, ligados apenas pela comunidade da crença e pela solidariedade moral, sem subordinação de uns aos outros, sem que o da França, por exemplo, nutra a pretensão de impor-se aos espíritas americanos e vice-versa. É perfeitamente justa a comparação, de que acima nos valem, com os observatórios. Há-os em diferentes pontos do globo; todos, seja qual for a nação a que pertençam, se fundam em princípios gerais firmados pela Astronomia, o que, entretanto, não os torna tributários uns dos outros. Cada um regula como entende os respectivos trabalhos. Permutam suas observações e cada um se utiliza da Ciência e das descobertas dos outros. Assim acontecerá com os centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do mundo invisível,

que permutarão entre si o que obtiverem de bom e de aplicável aos costumes dos países onde funcionarem, uma vez que o objetivo que eles colimam é o bem da Humanidade e não a satisfação de ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Constituição do Espiritismo)

“CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS. § VII — OS ESTATUTOS CONSTITUTIVOS. A redação dos estatutos constitutivos deve preceder a toda execução. Se for confiada a uma assembleia, preciso é que antecipadamente se determinem as condições que devam preencher os que sejam encarregados do trabalho. A falta de base prévia, a divergência de pontos de vista, possivelmente as pretensões individuais, sem falar das intrigas dos adversários, poderiam produzir dissídios. Trabalho de tão grande alcance não pode improvisar-se; demanda longa elaboração, conhecimento das necessidades reais da Doutrina, conhecimento esse adquirido por meio da experiência e de sérias meditações. Para que haja unidade de vistas, harmonia e coordenação de todas as partes do conjunto, tem ele que promanar da iniciativa individual, ressalvada a possibilidade de receber mais tarde a sanção dos interessados. De princípio, porém, será necessária uma regra, um rumo traçado, um objetivo determinado. Estabelecida a regra, caminha-se com segurança, sem tateamentos, nem hesitações. Todavia, como a ninguém é dado possuir a luz universal, nem fazer perfeito o que quer que seja; como um homem pode equivocar-se acerca de suas próprias ideias, enquanto que outros podem ver o que ele não vê; como seria abusiva a pretensão de quem quisesse impor-se por qualquer título, os estatutos serão submetidos à revisão do congresso que haja de reunir-se mais proximamente, o qual poderá fazer-lhe as retificações que pareçam convenientes. Mas, uma constituição, por muito boa que seja, não poderia ser perpétua. O que é bom para certa época pode tornar-se deficiente em época posterior. As necessidades variam com as épocas e com o desenvolvimento das ideias. Se não se quiser que com o tempo ela caia em desuso, ou que venha a ser postergada pelas ideias progressistas, será necessário caminhar com essas ideias. Dá-se com as doutrinas filosóficas e com as sociedades particulares o que acontece em política e em religião: acompanhar ou não o movimento propulsivo é uma questão de vida ou de morte. No caso de que aqui se trata, fora grave erro acorrentar o futuro por meio de uma regra que se declarasse

inflexível. Não menos grave erro seria introduzir com muita frequência, na constituição orgânica, modificações que acabariam por privá-la de estabilidade. Faz-se mister proceder com ponderação e circunspeção. Só uma experiência de certa duração pode permitir se julgue da utilidade real das modificações. Ora, quem pode em tal caso ser juiz? Não será um único homem, que geralmente só do seu ponto de vista vê as coisas; tampouco será o autor do trabalho primitivo, porque poderá ser demasiado complacente na apreciação da sua obra. Serão os próprios interessados, porque experimentam de modo direto e permanente os efeitos da instituição e podem perceber por onde ela peca. A revisão dos estatutos constitutivos se fará pelos **congressos ordinários**, transformados para esse efeito em **congressos orgânicos**, em determinadas épocas, e assim se prosseguirá indefinidamente, de maneira a conservá-los, sem interrupção, ao nível das necessidades e do progresso das ideias, ainda que a mil anos daqui. Sendo periódicas e conhecidas antecipadamente as épocas de revisão, não haverá cabimento para se fazerem apelos, nem convocações especiais. A revisão constituirá não apenas um direito, mas também um dever do congresso da época indicada; inscrever-se-á, de antemão, na sua ordem do dia, de sorte que não estará subordinada à boa vontade de quem quer que seja e ninguém poderá arrogar-se o direito de decidir, firmado na sua autoridade particular, se a revisão é ou não oportuna. Se, depois de lidos os estatutos, o congresso julgar desnecessária qualquer modificação, declará-los-á mantidos na íntegra. Sendo forçosamente limitado o número dos membros dos congressos, atenta a impossibilidade material de reunir neles todos os interessados, para que os que se reúnam não fiquem privados das luzes dos ausentes, todos estes poderão, qualquer que seja o lugar do mundo onde se encontrem, enviar à comissão central, no intervalo de dois congressos orgânicos, suas observações, que serão postas em ordem do dia do congresso vindouro. Nenhum movimento apreciável das ideias se esboça em período menor do que um quarto de século. De vinte cinco em vinte cinco anos, pois, é que a constituição orgânica do Espiritismo será submetida à revisão. Sem ser demasiado longo, esse lapso de tempo é suficiente a permitir se apreciem as necessidades novas e não se causem perturbações por efeito de modificações muito frequentes. Contudo, como nos primeiros anos é que se verificará o maior trabalho de elaboração; é que o movimento a se operar nessa ocasião pode fazer surjam necessidades imprevistas, até que a sociedade haja firmado seus passos; e é que importa se aproveitem, sem grande demora, as lições da experiência, mais aproximadas serão as épocas de revisão, porém sempre determinadas previamente, até ao fim do século atual. No intervalo dos trinta primeiros anos, a

constituição se terá completado e retificado suficientemente, para gozar de relativa estabilidade. Então é que, sem inconveniente, poderão começar os períodos de vinte cinco anos. Desta maneira, a obra individual primitiva, que abrisse o caminho, se tornará obra coletiva de todos os interessados, com as vantagens inerentes a esses dois modos, sem os seus inconvenientes. Ela se modificará sob o império das ideias progressivas e da experiência, mas sem abalos, sem precipitações, porque obedecerá ao princípio estabelecido na própria constituição.” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Constituição do Espiritismo)

“CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS. § X — ALLAN KARDEC E A NOVA CONSTITUIÇÃO. [...] O primeiro período do Espiritismo foi consagrado ao estudo dos princípios e das leis, que em seu conjunto tinham de constituir a Doutrina; numa palavra: a preparar os materiais, ao mesmo tempo que à vulgarização da ideia. Foi o do plantio da semente que, semelhante à da parábola do Evangelho, não frutificaria igualmente por toda parte. A criança cresceu; tornou-se adulto e chegou é o momento em que, amparado por adeptos sinceros e devotos, tem que avançar para o objetivo que lhe está posto, sem ser obstado pelos retardatários. Mas, como fazer essa seleção? Quem ousaria assumir a responsabilidade de um julgamento a incidir sobre as consciências individuais? O melhor seria que a seleção se fizesse por si mesma e o meio era bem simples: bastava desfraldar um estandarte e dizer — sigam-no os que o adotem. Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum, o que todo homem tem de completar, como o entender, a obra que haja começado e de ser juiz da oportunidade. Desde o instante em que cada um é livre de aderir ou não a essa obra, ninguém se pode queixar de sofrer uma pressão arbitrária. Criamos a palavra **Espiritismo**, para atender às necessidades da causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita. (*Revista Espírita*, de abril de 1866, pág. 111) Depois de tudo o que fica dito, facilmente se compreenderá quão impossível e prematuro fora estabelecer essa constituição logo no princípio. Se a Doutrina Espírita se houvera formado em conjunto, como toda concepção pessoal, teria sido completada desde o primeiro dia e, então, nada mais simples do que constituí-la. Mas, tendo ela surgido gradualmente, em consequência de aquisições sucessivas, a sua constituição teria congregado todos os amantes de novidades; em breve, porém, estaria abandonado pelos que não lhe aceitassem todas as consequências. Entretanto, alguns porventura dirão: não estais assim provocando uma cisão entre os adeptos? Abrindo dois campos, não enfraqueceis a falange? Nem todos os que se dizem espíritas

pensam do mesmo modo sobre todos os pontos; a divisão existe, de fato, e é muito mais prejudicial, porque pode acontecer que não se saiba se, num espírita, está um aliado ou um antagonista. O que faz a força é a universalidade: ora, uma união franca não poderia existir entre pessoas interessadas, moral ou materialmente, em não seguir o mesmo caminho e que não objetivam o mesmo fim. Dez homens unidos por um pensamento comum são mais fortes do que cem que não se entendam. Em tal caso, a miscelânea de vistas divergentes tira a força de coesão entre os que desejariam andar juntos, exatamente como um líquido que, infiltrando-se num corpo, ergue obstáculo à agregação das moléculas desse corpo. Se a constituição tem por efeito diminuir momentaneamente o número aparente dos espíritas, terá, por outro lado, como consequência, dar mais força aos que caminharem de comum acordo para a realização do grande objetivo humanitário que o Espiritismo há de alcançar. Eles se conhecerão e se estenderão mutuamente as mãos, de um extremo a outro do mundo. Terá, além disso, por efeito opor barreira às ambições que, caso se impusessem, tentariam desviá-lo em proveito próprio. Tudo está calculado, visando esse resultado, pela supressão de toda autocracia ou supremacia pessoal.” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Constituição do Espiritismo)

I.3. Passado, presente e futuro do Espiritismo

“INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO. 798. O Espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo partilhado, como crença, apenas por algumas pessoas? “Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse, do que contra a convicção, porquanto não há como dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar insulados, seus contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos.” As ideias só com o tempo se transformam; nunca de súbito. De geração em geração, elas se enfraquecem e acabam por desaparecer, paulatinamente, com os que as professavam, os quais vêm a ser substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como sucede com as ideias políticas. Vede o paganismo. Não há hoje mais quem professe as ideias religiosas dos tempos pagãos. Todavia, muitos séculos após o advento do Cristianismo, delas ainda restavam vestígios, que somente a completa

renovação das raças conseguiu apagar. Assim será com o Espiritismo. Ele progride muito; mas, durante duas ou três gerações, ainda haverá um fermento de incredulidade, que unicamente o tempo aniquilará. Sua marcha, porém, será mais célere que a do Cristianismo, porque o próprio Cristianismo é quem lhe abre o caminho e serve de apoio. O Cristianismo tinha que destruir; o Espiritismo só tem que edificar.

799. De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso? “Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.” **800.** Não será de temer que o Espiritismo não consiga triunfar da negligência dos homens e do seu apego às coisas materiais? “Conhece bem pouco os homens quem imagine que uma causa qualquer os possa transformar como que por encanto. As ideias só pouco a pouco se modificam, conforme os indivíduos, e preciso é que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, pois, somente com o tempo, gradual e progressivamente, se pode operar. Para cada geração uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo vem rasgá-lo de alto a baixo. Entretanto, conseguisse ele unicamente corrigir num homem um único defeito que fosse e já o haveria forçado a dar um passo. Ter-lhe-ia feito, só com isso, grande bem, pois esse primeiro passo lhe facilitará os outros.” **801.** Por que não ensinaram os Espíritos, em todos os tempos, o que ensinam hoje? “Não ensinai às crianças o que ensinai aos adultos e não dais ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir. Cada coisa tem seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou adulteraram, mas que podem compreender agora. Com seus ensinamentos, embora incompletos, prepararam o terreno para receber a semente que vai frutificar.”

802. Visto que o Espiritismo tem que marcar um progresso da Humanidade, por que não apressam os Espíritos esse progresso, por meio de manifestações tão generalizadas e patentes, que a convicção penetre até nos mais incrédulos? “Desejáveis milagres; mas, Deus os espalha a mancheias diante dos vossos passos e, no entanto, ainda há homens que o negam. Conseguiu, porventura, o próprio Cristo convencer os seus contemporâneos, mediante os prodígios que operou? Não conheceis presentemente alguns que negam os fatos mais patentes, ocorridos às suas vistas? Não há os que dizem que não acreditariam, mesmo que vissem? Não; não é por meio de prodígios

que Deus quer encaminhar os homens. Em sua bondade, ele lhes deixa o mérito de se convencerem pela razão.” (AK, *O livro dos espíritos*, Terceira parte, Capítulo VIII)

“O progresso da Humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade, lei que se funda na certeza do futuro. Tirai-lhe essa certeza e lhe tirareis a pedra fundamental. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade do homem. Só ela pode curar as chagas da sociedade. Comparando as idades e os povos, pode ele avaliar quanto a sua condição melhora, à medida que essa lei vai sendo mais bem compreendida e praticada. Ora, se, aplicando-a parcial e incompletamente, auferir o homem tanto bem, que não conseguirá quando fizer dela a base de todas as suas instituições sociais! Será isso possível? Certo, porquanto, desde que ele já deu dez passos, possível lhe é dar vinte e assim por diante. Do futuro se pode, pois, julgar pelo passado. Já vemos que pouco a pouco se extinguem as antipatias de povo para povo. Diante da civilização, diminuem as barreiras que os separavam. De um extremo a outro do mundo, eles se estendem as mãos. Maior justiça preside à elaboração das leis internacionais. As guerras se tornam cada vez mais raras e não excluem os sentimentos de humanidade. Nas relações, a uniformidade se vai estabelecendo. Apagam-se as distinções de raças e de castas e os que professam crenças diversas impõem silêncio aos prejuízos de seita, para se confundirem na adoração de um único Deus. Falamos dos povos que marcham à testa da civilização. (789-793) A todos estes respeitos, no entanto, longe ainda estamos da perfeição e muitas ruínas antigas ainda se têm que abater, até que não restem mais vestígios da barbaria. Poderão acaso essas ruínas sustentar-se contra a força irresistível do progresso, contra essa força viva que é, em si mesma, uma lei da Natureza? Sendo a geração atual mais adiantada do que a anterior, por que não o será mais do que a presente a que lhe há de suceder? Sê-lo-á, pela força das coisas. Primeiro, porque, com as gerações, todos os dias se extinguem alguns campeões dos velhos abusos, o que permite à sociedade formar-se de elementos novos, livres dos velhos preconceitos. Em segundo lugar, porque, desejando o progresso, o homem estuda os obstáculos e se aplica a removê-los. Desde que é incontestável o movimento progressivo, não há que duvidar do progresso vindouro. O homem quer ser feliz e é natural esse desejo. Ora, buscando progredir, o que ele procura é aumentar a soma da sua felicidade, sem o que o progresso careceria de objeto. Em que consistiria para ele o progresso, se lhe não devesse melhorar a posição? Quando, porém, conseguir a soma de gozos que o progresso intelectual lhe pode proporcionar, verificará que não está completa a sua

felicidade. Reconhecerá ser esta impossível, sem a segurança nas relações sociais, segurança que somente no progresso moral lhe será dado achar. Logo, pela força mesma das coisas, ele próprio dirigirá o progresso para essa senda e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para alcançar tal objetivo.” (AK, *O livros dos espíritos*, Conclusão)

“**45.** A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos.” (Atos, 2:17-18) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação. **46.** As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo. [...] **49.** As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre. Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das ideias, se bem que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não desdenhava de discutir com os seus adversários. **50.** A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem

nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa - tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. Os *Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo*, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe-lhe a ele aproveitá-los e pô-los em obra (nº 15). [...]” (AK, *A gênese*, Capítulo I, Caráter da revelação espírita)

“**MARCA GRADATIVA DO ESPIRITISMO. DISSIDÊNCIAS E OBSTÁCULOS.** Caros condiscípulos, o que é verdade tem que ser; nada pode opor-se à irradiação de uma verdade; às vezes, podem encobri-la, torturá-la e fazer com ela o que fazem os teredens nos diques holandeses; mas, uma verdade não assenta sobre estacarias: ela percorre o espaço; está no ar ambiente e, se foi possível cegarem uma geração, há sempre novas encarnações, há recrutas da erraticidade que trazem germens fecundos, e outros elementos, e que sabem atrair a si todas as grandes coisas desconhecidas. Não vos apresseis, amigos. Muitos dentre vós desejariam ir a vapor e, nestes tempos de eletricidade, correr tanto quanto esta. Esquecidos das leis da Natureza, quereriam andar mais depressa do que o tempo. Refleti, porém, e vereis quão sábio é Deus em tudo. Os elementos que constituem o vosso planeta sofreram longa e laboriosa elaboração; antes que pudessem existir, foi preciso que tudo se constituísse de acordo com a aptidão dos vossos órgãos. A matéria, os minerais, fundidos e refundidos, os gases, os vegetais, pouco a pouco se harmonizaram e condensaram, a fim de permitirem que surgíssem na Terra. É a eterna lei do trabalho, que nunca cessou de reger os seres inorgânicos, como os seres inteligentes. O Espiritismo não pode fugir a essa lei, à lei da elaboração. Plantado num solo ingrato, forçoso é que o cerquem as ervas más e os maus frutos. Mas, também, todos os dias o terreno é desbravado, os maus ramos são arrancados ou cortados; o campo se destorroa insensivelmente e, quando o viajante, fatigado das lutas da vida, encontrar a fartura e a paz à sombra de um fresco oásis, se densedentará e enxugará o suor, nesse reino lento e sabiamente preparado. Aí o rei é Deus, o dispensador generoso, o igualitário judicioso, que bem sabe ser doloroso, mas fecundo, o trajeto que o viajor seguirá; penoso, mas necessário. O Espírito formado na escola do trabalho dela sai mais forte e mais apto para as grandes coisas. Aos que desfalecem, ele diz: coragem e, como suprema esperança, lhes deixa entrever, mesmo aos mais ingratos, um ponto de chegada, ponto salutar, caminho assinalado pelas reencarnações. Ride

das declamações vãs; deixai que falem os dissidentes, que berrem os que não podem consolar-se de não serem os primeiros; todo esse arruído não impedirá que o Espiritismo prossiga imperturbavelmente o seu caminho. Ele é uma verdade e, qual rio, toda verdade tem que seguir seu curso. (Paris, 27 de abril de 1866 - *Em casa do Sr. Leymarie; médium: Sr. L...*)” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, A minha primeira iniciação no Espiritismo)

“FUTURO DO ESPIRITISMO. O Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel na Terra. Ele reformará a legislação ainda tão frequentemente contrária às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo, que se tornou, nas mãos dos padres, objeto de comércio e de tráfico vil; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma sotaina, ou nos degraus de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos dos que se dizem ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada em cada mão, sacrificam às suas ambições e ao espírito de dominação os mais sagrados direitos da Humanidade. *Um Espírito* (15 de abril de 1860 - *Marselha; médium: Sr. Jorge Genouillat* - Comunicação transmitida pelo Sr. Brion Dorgeval)” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, A minha primeira iniciação no Espiritismo)

“A NOVA GERAÇÃO. A Terra freme de alegria; aproxima-se o dia do Senhor; todos os que entre nós estão à frente disputam porfiadamente por entrar na liça. Já o Espírito de algumas valorosas almas encarnadas agitam seus corpos até quase despedaçá-los. A carne interdita não sabe o que há de pensar, desconhecido fogo a devora. Elas serão libertadas, porque chegaram os tempos. Uma eternidade está a ponto de expirar, uma eternidade gloriosa vai despontar em breve e Deus conta seus filhos. O reinado do ouro cederá lugar a um reinado mais puro; o pensamento será dentro em pouco soberano e os Espíritos de escol, que hão vindo desde remotas eras iluminar os séculos em que viveram e servir de balizas aos séculos vindouros, encarnarão entre vós. Que digo? Muitos se acham encarnados. A sábia palavra deles será uma chama destruidora, que causará devastações irreparáveis no seio dos velhos abusos. Quantos prejuízos antigos vão desmoronar em bloco, quando o Espírito, como uma acha de duplo gume, vier decepá-los pelos fundamentos. Sim, os pais do progresso do espírito humano deixaram, uns, as suas moradas radiosas; outros, grandes trabalhos, em que a felicidade se junta ao prazer de instruir-se, para retomarem o bastão de peregrinos, que apenas haviam deposto no limiar do templo da Ciência, e daqui a pouco, dos quatro cantos do globo, os sábios oficiais ouvirão, apavorados,

jovens imberbes a lhes retorquir, numa linguagem profunda, aos argumentos que eles julgavam irrefutáveis. O sorriso zombeteiro já não constituirá um escudo que valha e, sob pena de desmoralização, forçoso será responder. Então, o círculo vicioso em que se metem os mestres da vã filosofia mostrar-se-á completamente, porquanto os novos campeões levam consigo não só um facho, que é a inteligência desimpedida dos véus grosseiros, senão também muitos dentre eles gozarão desse estado particular, que é privilégio das grandes almas, como Jesus, e que dá o poder de curar e de operar essas maravilhas chamadas milagres. Diante dos fatos materiais, em que o Espírito se mostra tão superior à matéria, como negar os Espíritos? O materialismo será abatido em seus discursos por uma palavra mais eloquente do que a sua e pelo fato patente, positivo e averiguado por todos, visto que grandes e pequenos, novos Tomés, poderão tocar com o dedo. O velho mundo carcomido estala por toda parte; o velho mundo acaba e com ele todos esses velhos dogmas, que só reluzem ainda pelo dourado que os cobre. Espíritos valorosos, cabe-vos a tarefa de raspar esse ouro falso. Para trás, vós que em vão quereis escorar o velho ídolo. Atingido de todos os lados, ele vai ruir e vos arrastará na sua queda. Para trás, todos vós negadores do progresso; para trás, com as vossas crenças de uma época que se foi. Por que negais o progresso e vos esforçais por detê-lo? É que, desejando sobrepujar, sobrepujar ainda e sempre, condensastes o vosso pensamento em artigos de fé, clamando para a Humanidade: “Serás sempre criança e nós que temos a iluminação do alto, estamos destinados a conduzir-te.” Mas, já tendes visto ficar-vos nas mãos as andadeiras da infância; e a criança salta diante de vós e ainda negais que ela possa caminhar sozinha! Será chicoteando-a com as andadeiras destinadas a sustentá-la que provareis a autoridade dos vossos argumentos? Não, e bem o sentis; mas, é tão agradável, a quem se diz infalível, crer que os outros ainda depositam fé nessa infalibilidade, em que nem vós mesmos acreditais! Ah! Que de gemidos não se soltam no santuário! É aí que, prestando-se ouvido atento, se escutam os cochichos dolorosos. Que dizeis, então, pobres obstinados? Que a mão de Deus se abate sobre a sua Igreja? Que por toda parte a imprensa livre vos ataca e pulveriza os vossos argumentos? Onde estará o novo Crisóstomo, cuja potente palavra reduzirá a nada esse dilúvio de raciocinadores? Em vão o esperais; nada mais podem as vossas mais vigorosas e mais conceituadas penas. Elas se obstinam em agarrar-se ao passado que se vai, quando a nova geração, num impulso irresistível que a impele para a frente, exclama: Não, nada de passado; a nós o futuro; nova aurora se ergue e é para lá que tendem as nossas aspirações! Avante! Diz ela; alargai a estrada, os irmãos nos seguem. Ide com a onda que

nos arrasta; necessitamos do movimento, que é vida, ao passo que vós nos apresentais a imobilidade, que é a morte. Os vossos santos mártires absolutamente não estão mortos, para que lhes imobilizeis o presente. Eles entreviram a nossa época e se lançaram à morte como à estrada que havia de conduzi-los lá. A cada época o seu gênio. Queremos lançar-nos à vida, porquanto os séculos vindouros, que divisamos, têm horror à morte. Eis aí, meus amigos, o que os valerosos Espíritos que presentemente encarnam vão tornar compreensível. Este século não terminará sem que muitos destroços junquem o solo. A guerra mortífera e fratricida desaparecerá em breve diante da discussão; o espírito substituirá a força brutal. Depois que todas essas almas generosas houverem combatido, voltarão ao vosso mundo espiritual, para receberem a coroa do vencedor. Aí está a meta, meus amigos. Por demais aguerridos são os campeões, para que seja duvidoso o êxito. Deus escolheu a nata dos seus combatentes e a vitória é alcançada para a Humanidade. Rejubilai-vos, pois, todos vós que aspirais à felicidade e que desejais participem dela os vossos irmãos, como vós mesmos: o dia chegou! A Terra trepida de alegria, porquanto vai assistir ao começo do reinado da paz que o Cristo, o divino Mestre, prometeu, reinado cujos fundamentos ele desceu a assentar. *Um Espírito* (Lião, 30 de janeiro de 1866 - (*Grupo Villon; médium: Sr. G...*)) (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, A minha primeira iniciação no Espiritismo)

“AOS TRABALHADORES DA VERDADE. Nos tempos atuais, todo o trabalho de quantos se devotam à disseminação das teorias spiritistas deve ser o de colaboração com os estudiosos da Verdade. Não é o desejo de proselitismo ou de publicidade que os deve animar, porém, a boa-vontade em cooperar com os seus atos, palavras e pensamentos, a favor da grande causa. Todos nós objetivamos, com a nossa árdua tarefa, ampliar o conhecimento humano, com respeito às realidades espirituais que constituem a vida em si mesma, a fim de que se organize o ambiente favorável ao estabelecimento da verdadeira solidariedade entre os homens. A FENOMENOLOGIA ESPÍRITA. A fenomenologia, nos domínios do psiquismo, em vosso século, visa ao ensinamento, à formação da profunda consciência espiritual da Humanidade, constituindo, desse modo, um curso propedêutico para as grandes lições do porvir. Por essa razão que necessitamos de operar ativamente para que a Ciência descubra, nos próprios planos físicos, as afirmações de espiritualidade. Pode parecer que o materialismo separou para sempre a Ciência da Fé; isso, porém, não aconteceu, e o nosso trabalho de agora simboliza o esforço para que os investigadores cheguem a compreender o que o Céu tem revelado em todos os tempos. A PSICOLOGIA E A “MENS SANA”. A psicologia antiga pecava

extremamente pela insuficiência dos seus métodos. O ser pensante achava-se, para ela, isolado do corpo, estudando assim os seus fenômenos introspectivos de maneira deficiente e imperfeita. A psicologia moderna vai mais longe. A sua metodologia avançada estuda racionalmente todos os problemas da personalidade humana, unindo os elementos materiais e espirituais, resolvendo uma das grandes questões dos cientistas de antanho. O corpo nada mais é que o instrumento passivo da alma, e da sua condição perfeita depende a perfeita exteriorização das faculdades do espírito. Da cessação da atividade deste ou daquele centro orgânico, resulta o término da manifestação que lhe é correspondente: daí provém toda a verdade da “mens sana” e o grande subsídio que a psicologia moderna fornece aos fisiologistas como guia esclarecedor da patogenia. O corpo não está separado da alma; é a sua representação. As suas células são organizadas segundo as disposições perispiríticas dos indivíduos, e o organismo doente retrata um espírito enfermo. A patologia está orientada por elementos sutis, de ordem espiritual. O PROGRESSO ANÍMICO. Os porquês da evolução anímica devem impressionar a quantos se consagram ao estudo. Os progressos da vida terrestre podem ser verificados pelos geólogos, pelos antropologistas. Há no planeta toda uma escala grandiosa de ascensão. No fundo de vossos oceanos ainda existem os infusórios, os organismos unicelulares, que remontam a um passado multimilenário e cujo aparecimento é contemporâneo dos princípios da vida organizada do orbe. A TRAJETÓRIA DAS ALMAS. Que longa tem sido a trajetória das almas!... A origem do princípio anímico perde-se dentro de uma noite de labirintos; tudo, porém, dentro do dinamismo do Universo, se encadeia numa ordem equânime e absoluta. Da irritabilidade à sensação, da sensação à percepção, da percepção ao raciocínio, quantas distâncias preenchidas de lutas, dores e sofrimentos!... Todavia, desses combates necessários promana o cabedal de experiências do Espírito em sua evolução gloriosa. A racionalidade do homem é a suprema expressão do progresso anímico que a Terra lhe pode prodigalizar; ela simboliza uma auréola de poder e de liberdade que aumenta naturalmente os seus deveres e responsabilidades. A conquista do livre-arbítrio compreende as mais nobres obrigações. Chegado a esse ponto, o homem se encontra no limiar da existência em outras esferas, onde a matéria rarefeita oferece novas modalidades de vida, em outras mais sublimes manifestações, as quais escapam naturalmente à insuficiência dos vossos sentidos. AS REALIDADES DO FUTURO. Os Espíritos se regozijam a cada novo passo de progresso da ciência humana, porque dos seus labores, das suas dedicações, brotará o conhecimento superior, que felicitará os núcleos de criaturas, porquanto

ficará patente, plenamente evidenciada, a grande missão do Espírito como elemento criador, organizador e conservador de todos os fenômenos que regulam a vida material. Quanto mais avançam os cientistas, mais se convencem das realidades de ordem subjetiva, nos fenômenos universais. As palavras natureza, fatalismo, tônus vital não bastam para elucidar a alma humana, quanto aos enigmas da sua existência: faz-se mister a intervenção das sínteses espirituais, reveladoras das mais elevadas verdades. É para essas grandiosas afirmações que trabalhamos em comum, e esse desiderato constituirá a luminosa coroa da Ciência do porvir.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXXVI)

“O ESPIRITISMO NA ATUALIDADE. O Espiritismo, nos tempos modernos, é, sem dúvida, a revivescência do Cristianismo em seus fundamentos mais simples. Descerrando a cortina densa, postada entre os dois mundos, nos domínios vibratórios em que a vida se manifesta, mereceu, desde a primeira hora de suas arregimentações doutrinárias, o interesse da ciência investigadora que procura escravizá-lo ao gabinete ou ao laboratório, qual se fora mera descoberta de energias ocultas da natureza, como a da eletricidade, que o homem submete a seu bel-prazer, na extensão de vantagens ao comodismo físico. Interessada no fenômeno, a especulação analisa-lhe os componentes, acreditando encontrar, no intercâmbio entre as duas esferas, nada mais que respostas a velhas questões de filosofia, sem qualquer consequência de ordem moral, na experiência humana. Erra, todavia, quem se norteia por essas normas, de vez que o Espiritismo, positivando a sobrevivência além da morte, envolve em si mesmo vasto quadro de ilações, no campo da ética religiosa, constrangendo o homem as mais largas reflexões no campo da justiça. Não cogitamos aqui de dogmática, de apologética ou de qualquer outro ramo das escolas de fé em seus aspectos sectários. Não nos reportamos a religiões, mas à Religião, propriamente considerada como sistema de crescimento da alma para celeste comunhão com o Espírito Divino. Desdobrando o painel das responsabilidades que a vida nos confere, o novo movimento de revelação implica abençoado e compulsório desenvolvimento mental. A permuta com os círculos de ação dos desencarnados compele a criatura a pensar com mais amplitude, dentro da vida. Novos aspectos da evolução se lhe descortinam e mais rico material de pensamento lhe enriquece os celeiros do raciocínio e da observação. Entretanto, como cada recipiente guarda o conteúdo dessa ou daquela substância, segundo a conformação e a situação que lhe são próprias, a Doutrina Renovadora, com os seus benefícios, passa despercebida ou escassamente aproveitada pelos que se inclinam às discussões sem utilidade, pelos que se demoram no êxtase improdutivo ou pelos que se arrojam aos despenhadeiros da

sombra, companheiros ainda inaptos para os conhecimentos de ordem superior, trazidos à Terra, não para a defesa do egoísmo ou da animalidade, mas sim para a espiritualização de todos os seres. De que nos valeria a prodigiosa descoberta de Watt, se o vapor não fosse disciplinado, a benefício da civilização? Que faríamos da eletricidade, sem os elementos de contenção e transformação que lhe controlam os impulsos? No Espiritismo fenomênico, somos constantemente defrontados por aluviões de forças inteligentes, mas nem sempre sublimadas, que nos assediam e nos reclamam. Aprendemos que a morte é questão de sequência nos serviços da natureza. Reconhecemos que a vida estua, ao redor de nossos passos, nos mais variados graus de evolução. Daí o impositivo da força disciplinar. Urge o estabelecimento de recursos para a ordenação justa das manifestações que dizem respeito à nova ordem de princípios que se instalam vitoriosos na mente de cada um. E, para cumprir essa grande missão, o Evangelho é chamado a orientar os aprendizes da ciência do espírito, para que, levianos ou desavisados, não se precipitem a imensos resvaladouros de amargura ou desilusão.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 22)

“ANTE O INFINITO. Amadurecida a compreensão na maioridade mental, percebe o homem a sua própria pequenez, à frente do Infinito. Reconhece que a vida divina palpita soberana, desde os princípios magnéticos do mundo subatômico até as mais remotas constelações. Observa que o planeta, grande e sublime pelas oportunidades de elevação que nos oferece, é simples grão de areia, quando comparado ao imenso universo. Cercado por sóis e mundos incontáveis, ergue-se, dentro de si mesmo, para indagar, quanto aos problemas da morte, do destino, da dor... Suas perguntas silenciosas atravessam o Espaço incomensurável, em busca das eternas revelações... Para o coração alimentado pela fé e elevado à glória do ideal superior, o Espiritismo com Jesus traz a sua mensagem iluminada de esperança. Interrogando o infinito, que se estende triunfante, no Estado e no Tempo, os homens ouvem a palavra dos vivos que os antecederam, na grande viagem do túmulo, afirmando com imponente beleza: – Irmãos, a vida não cessa!... Tudo é renovação e eternidade. Tanto quanto as leis cósmicas nos governam a experiência física, indefectíveis leis morais nos dirigem o espírito. Abstende-vos do mal. Os compromissos da alma com os planos inferiores constituem aumento de densidade em seu veículo de manifestação. Nosso corpo espiritual, em qualquer parte, refletirá a luz ou a treva, o céu ou o inferno que trazemos em nós mesmos. Cultivai a fraternidade e o bem, porque, hoje e amanhã, colheremos da própria sementeira. Além das fronteiras de sombra e cinza, onde se esfriam e se desintegram os derradeiros farrapos da carne, a vida continua, impondo-nos o resultado de nossas próprias

ações. Amai o trabalho e engrandecei-o! É por ele que a civilização se levanta, que a educação se realiza e que a nossa felicidade se perpetua. Na Pátria das Almas, chora amargamente o espírito que lhe esqueceu a riqueza oculta, olvidando que somente pelo serviço conseguimos desenvolver as nossas possibilidades de crescimento interior para a imortalidade. Aceitai o ato de servir a ajudar, não como castigo, mas sim como preciosa honra que o Divino Poder nos confere. Não vos inquietem no mundo o orgulho coroado de louros e o vício com a iniquidade, aparentemente vitoriosos!... A Justiça reina, imperecível. Quem humilha os outros será humilhado pela própria consciência e o instituto universal das reencarnações funciona igualmente para todos, premiando os justos e corrigindo os culpados. Cada falta exige reparação. Cada desequilíbrio reclama reajuste. Os padecimentos coletivos da sociedade humana constituem a redenção de séculos ensanguentados pela guerra e pela violência. As aflições individuais são remédios proveitosos à cura e refazimento das almas. Anexai os desejos do reino de vosso “eu” aos sábios desígnios do Reino de Deus. O egoísmo e a vaidade nos encarceram na lama da Terra. Lede as páginas vivas da Natureza e buscai a vida sã e pura, usando a boa vontade para com todos. Simplificai vossos hábitos e reduzi as vossas necessidades. Tende confiança, sede benevolentes, instruí-vos, amai e esperai!... Crescei no conhecimento e na virtude para serdes mais fortes e mais úteis. Além dos horizontes que o nosso olhar pode abranger, outros mundos e outras humanidades evoluem no rumo da perfeição!... Todos somos irmãos, filhos de um só Pai, que nos aguarda sempre, de braços abertos, para a suprema felicidade no eterno bem!... E, ouvindo os sagrados apelos de Cima, o coração que desperta para a vida superior compreende, enfim, que Deus é a Verdade Soberana, que o trabalho é a nossa bênção, que o amor e a sabedoria representam a nossa destinação e que a alma é imortal.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 40)

“Programação de alto significado espiritual.

[...] Encaminhamo-nos, à hora aprazada, na direção do Centro de Comunicações onde o dedicado irmão Hildebrando nos aguardava com o encanto da sua personalidade gentil. [...] Nesse ínterim, adentraram-se no recinto o diretor Aurélio, responsável pelo Centro de Comunicações, que fora, na Terra, um devotado trabalhador na área da engenharia elétrica, havendo deixado um patrimônio valioso em favor da sociedade, que acompanhava nobre e veneranda entidade que irradiava ímpar simpatia. O semblante aureolado por um sorriso encantador, sem qualquer ruído, exteriorizava significativo magnetismo que a todos nos impregnou de imediata afabilidade. Podíamos perceber-lhe a grandeza moral, embora a discrição e a simplicidade com que se movimentava. Mais alguns conselheiros do

mesmo setor formavam o séquito fraterno que conduziu o visitante ao lugar de destaque à mesa diretora. O silêncio fez-se natural, enquanto penetrante harmonia vibrava no recinto inundado de suave claridade. Aroma delicado espalhava-se agradável e, após a prece emotiva proferida pelo nosso irmão diretor, teve início a solenidade. Depois de algumas palavras convencionais, o respeitável benfeitor elucidou-nos, sem retórica bombástica nem elogios habituais dispensáveis, como ocorre na Terra: — Temos a imensa alegria de apresentar-vos o irmão Evandro, que nos traz oportuno convite revestido de certa gravidade. Nosso benévolo amigo elegeu a nossa comunidade para a execução de um complexo programa de socorro a uma instituição respeitável dedicada a Jesus, sob o patrocínio do Cantor de Deus, que se encontra sob forte ameaça das Trevas... Sem mais delongas, ouçamo-lo. Dirigindo-se à tribuna, o amável amigo saudou-nos com voz musical em nome de Jesus, explicando-nos: - Não ignoreis o momento delicado que vivem os nossos irmãos terrestres, particularmente os servidores do Mestre nas hostes do Espiritismo contemporâneo. Depois da longa noite de perseguições que sofreram os seus pioneiros e apóstolos, assim como dos significativos testemunhos, o movimento expande-se de forma surpreendente, oferecendo, no Brasil, em especial, a concretização da promessa do amável Mestre a respeito de o Consolador. Inúmeros fatores vêm contribuindo para que a mensagem kardequiana encontre aceitação nos diversos veículos de divulgação da grande mídia, desfrutando de respeito e de consideração. E um momento muito significativo, porquanto algumas autoridades da cultura científica de várias áreas do pensamento aderem à convicção em torno da existência de Deus e da imortalidade do espírito. Declarações respeitadas são divulgadas, sofrendo o bombardeio do ateísmo sem conseguir intimidar aqueles que se encorajam à definição das suas crenças. Alguns aquinhoados com o prêmio Nobel, por exemplo, afirmam acreditar na Causalidade inteligente do Universo e na realidade da vida de ultra tumba... Depois de haverem penetrado nos arcanos das micropartículas, assim como do macrocosmo, concluíram pela não existência de qualquer explicação racional, que não seja a do Criador... Concomitantemente, porém, a onda de desrespeito à vida, aos princípios éticos e morais, a avassaladora vulgaridade dos costumes em crescente desenvolvimento, apoiam-se na violência e uma vaga de loucura varre o orbe, ameaçando-lhe a estrutura moral e espiritual. As aberrações multiplicam-se e os ídolos da alucinação e do despautério arrebanham as multidões hipnotizadas que se entregam às mais estranhas e assustadoras condutas. Compreensivelmente, hordas de entidades primitivas misturam-se com os equivocados e estabelecem-se os terríveis e

assustadores processos de obsessão que produzem consideráveis prejuízos sociológicos, psicológicos e morais à sociedade aturdida, que perdeu o conceito sobre os valores espirituais já não mais aceitos... Nesse momento, o mensageiro do amor silenciou, facultando-nos absorver as suas considerações, de imediato prosseguindo: - O destempero da cultura é alarmante, enquanto o culto do prazer sob todos os aspectos considerados ultrapassa tudo quanto sucedeu nesse gênero até o momento nos diferentes períodos da História. Pais intercambiam licenças morais com os parceiros dos filhos, os lares, na sua grande maioria, converteram-se em bordéis e o desrespeito ao santuário familiar alcança elevados índices de cinismo e degradação que derrapam na criminalidade de vários portes. Autoridades insanas entregam-se à corrupção, enquanto os cidadãos estorcegem na miséria de todo tipo, sem esperança nem alegria de viver, fugindo pelas armadilhas da depressão, do suicídio, das drogas ilícitas... Sem qualquer sentido masoquista, é lamentável a situação moral dos viandantes carnavais, com as exceções naturais, que alcançaram, pela tecnologia, os astros, embora com os pés nos charcos das paixões mais vis. É neste momento que a mensagem de Jesus, desvelada pelos imortais, apresenta-se com caráter terapêutico e libertador. Eis aqui o grande paradoxo: à medida que os profanos se fascinam pela doutrina iluminativa, não poucos trabalhadores do Evangelho restaurado resvalam para os comportamentos infelizes, demonstrando a própria fragilidade moral e a não real absorção dos sublimes ensinamentos do Senhor. As defecções sucedem-se de contínuo e as quedas pessoais alarmam os neófitos que se estão aproximando com expectativas inumeráveis, aguardando apoio e orientação, especialmente por meio do vigor do exemplo pessoal. Os desencarnados que exploram os torvos no intercâmbio doentio, desfrutam dos espaços mentais desses desavisados, para impedir que se cumpram as sublimes promessas de Jesus. Quando não podem alcançar os missionários do bem na atividade divulgativa e vivencial da verdade, tomam os distraídos e presunçosos, os soberbos e autossuficientes, para os transformar em pedra de tropeço, formando grupos que se combatem mutuamente, criando cismas e derivativos falsamente científicos, que atendem a sua vaidade e perturbam a boa marcha da saudável divulgação da fé renovada. Infelizmente, as diversas correntes, filhas da perturbação e do orgulho, esgrimem o ódio e a calúnia, transformando o campo de trabalho edificante em sítio de combate destrutivo. Novamente silenciou e pudemos perceber-lhe a emoção na voz e no pranto prestes a escorrer da comporta dos olhos. Prosseguindo, expôs: — Todos nos rejubilamos com o crescimento e a aceitação do Espiritismo pelas massas. Nada obstante, um perigo natural ameaça a lavoura do Bem. Trata-se de

muitos daqueles que lhe aderem aos postulados, por não se encontrarem em condições emocionais de assumir as responsabilidades que lhes são conferidas pelas circunstâncias e pessoas desprovidas de bom senso, facultam que surjam problemas de comportamento e dificuldades que poderiam ser evitados. É natural que muitos dos aderentes à mensagem sintam entusiasmo e entreguem-se com ardor à sua divulgação e vivência das novas propostas libertadoras, no entanto, como é compreensível, advêm os enfrentamentos, os desafios que se mesclam com as problemáticas pessoais e logo esmaece o júbilo e surgem as observações negativas a respeito do próximo, surgindo contrariedades quando não são aceitas algumas das suas sugestões ou diretrizes, não poucas vezes inspiradas pelos inimigos desencarnados do ideal, e aparecem os partidos na grei, as dissensões infelizes, as deserções... Pior ainda, quando ocorrem pensamentos a que atribuem alta magnitude e surge a tentação de corrigir o pensamento exposto na Codificação Espírita, de alterá-lo, de adaptá-lo aos tempos modernos, de criar correntes que se comprazem com o frívolo, o social ou pretensamente afirmam ser um passo adiante, numa falsa conquista de complementação... Esse perigo já se manifesta e cresce como escalracho que se fixa nas raízes da planta boa, e que, ao ser arrancado, extirpa-a do solo também... Torna-se urgente que providências sejam tomadas, a fim de que não ocorra o mesmo que sucedeu ao Cristianismo nascente quando subiu ao trono imperial de Roma expulsando Jesus de sua companhia, ou como aconteceu com Lutero e sua doutrina, quando outros que se fizeram reformadores passaram a adaptar ao seu modo de entender o Evangelho de amor que deveriam seguir sem excessos de formalismos ou de complicações teológicas, disfarçando a própria vaidade e acreditando-se fundadores de religiões... Esse combate é de longo tempo, remontando aos primórdios do pensamento, muito bem exarado na rebeldia de Lúcifer contra Deus, conforme o mito bíblico. Sucede que as paixões inferiores em predomínio no espírito durante o seu desenvolvimento intelectual e moral, não cedem às sublimes conquistas do amor sem grandes embates e sacrifícios. Neste momento, instalando-se as anomalias morais do prazer exorbitante, o intercâmbio doentio entre as falanges do mal e as criaturas humanas distraídas predomina em contínuas vitórias... Houve uma nova pausa nas reflexões, de modo que pudéssemos perceber a gravidade do programa, a seguir, enunciando: - Certamente, a transição planetária opera-se inexoravelmente, mas poderia caracterizar-se por menos contributo de dores conforme vem ocorrendo por opção humana. Os missionários do amor e do conhecimento que vêm envergando a indumentária carnal, e aqueles outros que logo mais os seguirão necessitam de encontrar

joeirado o terreno humano, a fim de ser acelerada a realização sublime... De certo modo, todos conhecemos esse labor sacrificial e estamos relativamente acostumados à faina da paciência e do trabalho. [...] Uma programação está elaborada, incluindo-vos a todos que ireis a diferentes sociedades espíritas auxiliar os abnegados servidores do Messias nazareno, enquanto que nós outro e pequeno grupo iremos, inicialmente, atender à nau em quase soçobro e outras tarefas posteriores... Mais tarde, após esta reunião, o nosso irmão Hildebrando enunciará os nomes dos nossos companheiros e serão formadas as demais equipes que seguirão conosco à Terra para o trabalho de amor e de proteção aos queridos servidores fiéis à verdade. Que o Senhor nos abençoe o empreendimento fraternal e nos ajude a servir conforme Ele o fez em relação a todos nós. Paz sempre em nossas vidas com Jesus!” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 2)

II Considerações sobre a revelação espírita

II.1. Autoridade da revelação espírita: universalidade e concordância dos ensinamentos dos espíritos

“II. AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA. CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINO DOS ESPÍRITOS. Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não ofereceria por penhor senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto fora mister acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, de sua parte, sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo. Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem

queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela. Falem os homens para difundir-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir. São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete houvesse sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, a todos os povos, a todas as seitas, a todos os partidos, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Cumpra-se assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las. Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não haja deserdados. É uma vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as subversões físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos. Não é essa, porém, a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há negar, são um escolho; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal. Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e sofômanos, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada,

os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulos em tomar nomes que não lhes pertencem, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas. O primeiro exame comprovativo é, pois, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo. A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência. *Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.* Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo. Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas ideias e com exclusão da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema conservar-se-á *circunscrito* e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos exemplos que já

se conhecem. Foi essa unanimidade que pôs por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: “Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos.” A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância. Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando atentamente as comunicações vindas tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para diante. Essas revelações, feitas muitas vezes com palavras veladas, hão frequentemente passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros se julgaram os únicos a possuí-las. Tomadas insuladamente, elas, para nós, nenhum valor teria; somente a coincidência lhes imprime gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa. Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, já de há muito haveriam aquelas obras experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram de abrir caminho e de avançar celeremente. É que tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como

também sobrepujou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as ideias que, emanando quer dos Espíritos, quer dos homens, não possam suportar a prova desse confronto, cuja força a ninguém é lícito contestar. Suponhamos praza a alguns Espíritos ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, objetivando desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais escritos, desde que de todos os lados os desmentissem os Espíritos? É com a adesão destes que se deve garantir aquele que queira lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, medeia a distância que vai da unidade ao infinito. Que poderão conseguir os argumentos dos detratores, sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, provindas do Espaço, se façam ouvir em todos os recantos do Universo e no seio das famílias, a infirmá-los? A esse respeito já não foi a teoria confirmada pela experiência? Que é feito das inúmeras publicações que traziam a pretensão de arrasar o Espiritismo? Qual a que, sequer, lhe retardou a marcha? Até agora, não se considera a questão desse ponto de vista, sem contestação um dos mais graves. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos. O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que poderiam sujeitar o Espiritismo às seitas que se propusessem apoderar-se dele em proveito próprio e acomodá-lo à vontade. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu providencial objetivo, malsucedido se veria, pela razão muito simples de que os Espíritos, em virtude da universalidade de seus ensinamentos, farão cair por terra qualquer modificação que se divorcie da verdade. De tudo isso ressalta uma verdade capital: a de que aquele que quisesse opor-se à corrente de ideias estabelecida e sancionada poderia, é certo, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, nem, ainda menos, no futuro. Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem insuladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de esclarecimento. Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, importa não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, porém, carecendo sempre de confirmação. Essa confirmação é que se precisa aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida. Com extrema sabedoria procedem os Espíritos superiores em suas revelações. Não atacam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida

que a inteligência se mostra apta a compreender verdade de ordem mais elevada e quando as circunstâncias se revelam propícias à emissão de uma ideia nova. Por isso é que logo de princípio não disseram tudo, e tudo ainda hoje não disseram, jamais cedendo à impaciência dos muito afoitos, que querem os frutos antes de estarem maduros. Fora, pois, supérfluo pretender adiantar-se ao tempo que a Providência assinou para cada coisa, porque, então, os Espíritos verdadeiramente sérios negariam o seu concurso. Os Espíritos levianos, pouco se preocupando com a verdade, a tudo respondem; daí vem que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias. Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são consequência forçada das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de outros dizem o contrário algures, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único de tal parecer. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte dos Espíritos, quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente ponderados, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, *nunca* a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se aguarde a confirmação. Por grande, bela e justa que seja uma ideia, impossível é que desde o primeiro momento congregue todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para maior realce da verdade e convém se produzam desde logo, para que as ideias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritas que a esse respeito alimentassem qualquer temor podem ficar perfeitamente tranquilos: todas as pretensões insuladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do enorme e poderoso critério da concordância universal. *Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros*, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, *nem nós*, *nem qualquer outro* que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só. Diante de tão poderoso areópago, onde não se conhecem corrilhos, nem rivalidades ciosas, nem seitas, nem nações, é que virão quebrarem-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; *é que nos quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias ideias*. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá

silêncio às dissidências e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas *as vozes do Céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota d'água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa. A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Formam-na todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano. Já se desenha o harmonioso conjunto. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, porquanto daqui até lá potentes vozes terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso não se dá, aquele que flutue entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral; essa será a indicação certa do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução)

“57. Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: Que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que emana de seres de limitadas luzes e não infalíveis? A objeção seria ponderosa, se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se deles exclusivamente a devêssemos receber e houvêssemos de aceitá-la de olhos fechados. Perde, porém, todo valor, desde que o homem concorra para a revelação com o seu raciocínio e o seu critério; desde que os Espíritos se limitam a pô-lo no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações, nas suas inumeráveis modalidades, são fatos que o homem estuda para lhes deduzir a lei, auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, de tal modo, são mais *colaboradores* seus do que *reveladores*, no sentido usual do termo. Ele lhes submete os dizeres ao cadinho da lógica e do bom-senso: desta maneira se beneficia dos conhecimentos especiais de que os Espíritos dispõem pela posição em que se acham, sem abdicar o uso da própria razão. Sendo os Espíritos unicamente as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saímos de fora da Humanidade*, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram fachos da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Dado que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o

fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, em vez de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos, somente por estarem no mundo dos Espíritos. 58. Mas, nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexão entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos deem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos. 59. Os grandes Espíritos encarnados são, sem contradita, individualidades poderosas, mas de ação restrita e de lenta propagação. Viesse um só dentre eles, embora fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, revelar, nos tempos modernos, aos homens, as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas asserções, nesta época de ceticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as ideias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de que aqueles convencessem da sua existência a estes últimos e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio. 60. Os Espíritos não se manifestam para libertar do estudo e das pesquisas o homem, nem para lhe transmitirem, inteiramente pronta, nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas. De há muito, a experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supor-se que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano

invisível também os há superiores e vulgares; muitos, pois, que, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. *Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele.* Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo. **61.** Qual, então, a utilidade dessas manifestações, ou, se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem? Primeiramente, como já o declaramos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais são; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos prejuízos humanos. É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas que ignoramos relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o nadismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só *eles o podiam fazer*. Suas manifestações, conseqüentemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar-nos. Se fordes a um país que ainda não conheceis, recusareis as informações que vos dê o mais humilde camponês que encontrardes? Deixareis de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um

camponês? Certamente não esperareis obter, por seu intermédio, esclarecimentos de grande alcance, mas, de acordo com o que ele é na sua esfera, poderá, sobre alguns pontos, informar-vos melhor do que um sábio, que não conheça o país. Tirareis das suas indicações deduções que ele próprio não tiraria, sem que por isso deixe de ser um instrumento útil às vossas observações, embora apenas servisse para vos informar acerca dos costumes dos camponeses. Outro tanto se dá no que concerne às nossas relações com os Espíritos, entre os quais o menos qualificado pode servir para nos ensinar alguma coisa. [...] Mas, outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a Humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar, a sangue-frio, novas maravilhas, permitiu Deus fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. Nada têm de extra-humanas as manifestações; *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal* e dizer-lhe: “Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro; andais ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era, para vós, tudo, porque nada víeis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus. O bem nenhum fruto aparente produzia para o futuro. Doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: “Cada um por si.” Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: “Um por todos e todos por um.” Enfim, ao termo da vida, dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora, dir-lhes-eis: ‘Até breve!’” Tais, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Nem só, entretanto, à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por

consequente, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus, anunciado pelo Cristo.” (AK, *A gênese*, Capítulo I, Caráter da revelação espírita)

II.2. Caráter da revelação espírita: divina e científica, cristã e espiritualista, fenomenológica e experimental, gradativa e progressiva

“**12.** O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra. **13.** Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.* **14.** Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou

como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas. [...]

16. Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. *O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente*; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo. **17.** Todas as ciências se encaixam e sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância, até ao momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas. **18.** A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas, foi o primeiro a demonstrar-lhe, por provas inconcussas, a existência;

estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. Ao *elemento material*, juntou ele o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis. O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria.” (AK, *A gênese*, Capítulo I, Caráter da revelação espírita)

“30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade. Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras. [...] 34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem,

todavia, defini-lo como a muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela antiguidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (nº 5). [...] 36. Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. [...] 38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contrassenso, e tanto menos justificável quanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. Com a preexistência, o homem traz, *ao renascer*, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outrem; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada. Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. Existe, pois, a *virtude original*, como existe o *saber original*, e o *pecado* ou, antes, o *vício original*. 39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades

dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a antiguidade e designado por S. Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é *inseparável da alma*, forma um dos elementos constitutivos do *ser humano*, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia. **40.** O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege - fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. [...] **41.** O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; veem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino. [...]” (AK, *A gênese*, Capítulo I, Caráter da revelação espírita)

“56. Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, uma vez que não difere da do Cristo? Precisa o homem de uma revelação? Não pode achar em si próprio tudo o que lhe é necessário para conduzir-se? Do ponto de vista moral, é fora de dúvida que Deus outorgou ao homem um guia, dando-lhe a consciência, que lhe diz: “Não faças a outrem o que não quererias te fizessem.” A moral natural está positivamente inscrita no coração dos homens; porém, sabem todos lê-la nesse livro? Nunca lhe desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam mesmo aqueles que a ensinam? Reprovareis que um pai repita a seus filhos dez vezes, cem vezes as mesmas instruções, desde que eles não as sigam? Por que haveria Deus de fazer menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lhes lembrar os deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam; para abrir os olhos da inteligência aos que os trazem fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros? A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então,

de que serve o ensino deles, se apenas repisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também das de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! *Os Espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana, como no palácio, assim pelos ignorantes, como pelos instruídos. O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espargem, o homem se reconhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor. Somente quando praticarem a moral do Cristo, poderão os homens dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas, também, Deus, então, já não lhes enviará.” (AK, *A gênese*, Capítulo I, Caráter da revelação espírita)

“52. Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários. A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a *doutrina espírita*. Era, pois, necessário agrupar os fatos espalhados, para se lhes apreender a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhes as analogias e as diferenças. Vindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas, afastar as

que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo. Era preciso, numa palavra, um centro de elaboração, independentemente de qualquer ideia preconcebida, de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente*, embora *contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem desígnio premeditado*. [...]

54. Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí ser gradativo o ensino que ministram. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e a opinião esteja bastante amadurecida para os assimilar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros. [...]

55. Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. *As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que formaram de Deus.* O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.* (AK, *A gênese*, Capítulo I, Caráter da revelação espírita)

II.3. Aspectos fundamentais da revelação espírita

“INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA. [...] Vamos resumir, em poucas palavras, os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções. “Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. “Criou o Universo, que abrange todos os seres animados, e inanimados, materiais e imateriais. “Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos. “O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. “O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita. “Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. “Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras. “A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório. “Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. “Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos. “O laço ou *perispírito*, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições. “O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de se conceber pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável *pela vista, pelo ouvido e pelo tato*. “Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor ao bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. Comprazem-se no mal.

Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, antes perturbadores e enredadores, do que perversos. A malícia e as inconsequências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos. “Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral. “Deixando o corpo, a alma volve ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante. “Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos. “A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal. “As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição. “As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, o homem perverso a de um Espírito impuro. “A alma possuía sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se haver separado do corpo. “Na sua volta ao mundo dos Espíritos, encontra ela todos aqueles que conhecera na Terra, e todas as suas existências anteriores se lhe desenhavam na memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez. “O Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal. “Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. “Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós. “Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo. “As relações dos

Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles. “As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos. “Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. “Podem evocar-se todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos. “Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro. “Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, onde reine íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem. “A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os

outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações. “Ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, já neste mundo, se desliga da matéria, desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se avizinha da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para experimentá-lo; que o Forte e o Poderoso devem amparo e proteção ao Fraco, porquanto transgredir a Lei de Deus aquele que abusa da força e do poder para oprimir o seu semelhante. Ensinam, finalmente, que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e patenteadas todas as suas torpezas; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem houvermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos desconhecidos na Terra. “Mas, ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, em conformidade aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.” Este o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores. [...]” (AK, *O livros dos espíritos*, Introdução)

“A Doutrina, para ele, fora alento e vida, descerrando os painéis da Imortalidade e armando-o da sabedoria que propicia forças para a superação de si mesmo e vitória sobre as conjunturas difíceis. Lamentavelmente, não são poucas as pessoas que se acercam do Movimento Espírita, desinformadas, e pretendem submeter a Doutrina ao talante das suas opiniões, teimando por fazê-la parecer equacionador mágico de problemas secundários, que a cada um cumpre solucionar, ou à cata de prodígios, ou sustentado por superstições e quejandos... Negam-se ao estudo sistemático do Espiritismo, preferindo leituras rápidas, nas quais não se aprofundam, mesmo quando leem, dizendo-se decepcionadas com facilidade leviana, apressadas apenas pelas cogitações socioeconômicas e materiais de outros gêneros. O Espiritismo, graças ao seu tríplice aspecto, atende a todos os tipos de necessidade do homem terreno, oferecendo campo de reflexões e respostas em todas as áreas do conhecimento. Numa síntese perfeita, as facetas, sob as quais se revela, abrangem o campo da investigação científica, projetando luz nas causas das problemáticas e dirimindo suposições e sofismas em torno do *milagre*, do *desconhecido*, do *sobrenatural*, que passam a ocupar os lugares próprios. Sua sonda vem sendo aprofundada, desde Allan Kardec, na

gênese das realidades humanas e nas causas espirituais da vida, contribuindo eficazmente para a eliminação dos mitos e tabus contra os quais luta a ciência, verdadeiro coadjutor desta, que nele encontra a razão fundamental de que necessita. Ao mesmo tempo, o seu conteúdo filosófico sustenta o edifício de uma lógica irretorquível, decorrência natural dos fatos examinados, em proposições vigorosas, possuindo conteúdo idealista insuperável. Como efeito imediato, a sua ética se estrutura na moral do Cristo e dos Seus apóstolos, sendo religião de amor e caridade, que a fé racional sustenta e conduz. Separá-lo de qualquer uma das suas faces é o mesmo que o desfigurar, não obstante possa ser vivenciado conforme a capacidade e evolução de cada um, que afina com este ou aquele ângulo, sem prejuízo das demais partes, que lhe formam o corpo doutrinal, harmônico e completo.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 8)

“Acompanhando a renovação que se processava naquele Núcleo de ação espírita, o Dr. Carneiro explicou-me, espontaneamente: — O Espiritismo é uma Doutrina que sintetiza o conhecimento humano em uma abrangência admirável. Nem poderia ser diferente, pois que foi revelado pelos Espíritos que se tornaram pioneiros do saber na Terra, e que, com a visão da vida ampliada no Além, ofereceram tudo quanto se faz imprescindível à felicidade dos seres. Tem a ver, portanto, com todos os ramos da cultura em uma expressão holística da realidade, que se faz indispensável para o entendimento integral do homem e da vida. As doutrinas secretas ressurgem nele desvestidas dos mitos e rituais, facilitando o intercâmbio entre as inteligências encarnadas e desencarnadas, ampliando o quadro de informações por meio das Ciências, na sua faina de tudo explicar e submeter. “Com esse arsenal de instrumentos próprios, o Espiritismo liberta as consciências das sombras e as conclama às escaladas desafiadoras do progresso. “Por tal razão, a Casa Espírita avança para a condição de Educandário, fornecendo os contributos para o estudo e a análise das criaturas, libertando-as das crendices e superstições, ao tempo em que lhes oferece os recursos para a ação com liberdade sem medos, com responsabilidade sem retentivas, perfeitamente lúcidas a respeito do destino que lhes está reservado, ele próprio resultado das suas opções e atitudes. “Uma sociedade que se conduza fiel a esses conceitos e determinações torna-se justa, equânime e os membros que a constituam serão, sem dúvida, felizes. “Tudo marcha na direção da Unidade, pois que dela partem todos os rumos. No afã de penetrar a sonda da investigação no organismo universal, os cientistas constatarem a interdependência das informações que detectam, umas em relação às outras, tão interpenetradas estão. A análise de qualquer conteúdo exige uma ampla malha de conhecimentos, a fim

de bem captá-lo. “O homem, em razão do seu largo processo de evolução, das suas vinculações ancestrais e experiências, não deve ser examinado apenas por um dos seus ângulos, seja físico, psíquico, emocional, social... Cada faceta da sua realidade traz embutidos outros aspectos e contributos que respondem pela manifestação e aparência daquela focalizada. Assim, na área da saúde, são muitos os fatores que respondem pelo equilíbrio ou desarmonia do indivíduo, e, no que tange à de ordem espiritual, mais complexos se fazem os fatores que lhes dão origem ou os desarticulam. Nesse painel, a consciência exerce um papel preponderante por ser o árbitro da vida, a responsável por todos os acontecimentos, o Deus em nós das antigas tradições de nossos antepassados.” Fazendo uma pausa oportuna, o amigo relanceou o olhar pelo recinto da Instituição que nos albergava e, ante a simplicidade de tudo, a ausência de ganchos e bengalas psicológicas para a fé, arrematou: — O homem realmente livre é consciente das suas responsabilidades, não necessitando de nada externo para os logros elevados a que se propõe. Torna-se-lhe condição essencial o conhecimento real, defluente da meditação e da vivência dos seus estatutos para seguir a marcha com a elevação indispensável à vitória. Certamente foi esta a ideia de Jesus ao preconizar-nos buscar a Verdade que nos torna livres.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Serviços de desobsessão)

“Convites à reflexão e ao testemunho. [...] – Queridos irmãos no ideal espírita – iniciou o médium com doce vibração. “Paz seja conosco! “Alargam-se os horizontes do serviço de iluminação de consciências, a que fomos chamados pela Doutrina Espírita que liberta o ser humano das algemas da ignorância e da perversidade. As suas propostas edificantes enriquecem as criaturas com a esperança de felicidade próxima e oportunidades de construção do bem em toda parte. Transforma-se a paisagem terrestre ante as perspectivas que se abrem, ampliando o discernimento de todos e a sua faculdade de pensar. Como consequência, caem as muralhas do servilismo e do medo, enquanto a coragem da fé racional dignifica e estimula ao cumprimento dos deveres elevados todos aqueles que se deixam penetrar pelos seus incomparáveis ensinamentos. “Programada para renovar a Terra e oferecer os elementos da lógica e da experimentação, que faltam a todas as religiões, o Espiritismo, neste momento, é o cumprimento da promessa de Jesus, em torno de O Consolador que Ele enviaria aos Seus discípulos, de forma que pudessem ser recordadas Suas lições, que seriam esquecidas, conforme aconteceu, e ditas coisas novas que (então) não se podiam suportar, e que tem cabido à Ciência desvendar-lhes os conteúdos profundos, qual vem sucedendo. “Sem alarde nem utilização de artifícios mentirosos, o Espiritismo implanta-se com

vigor nas mentes e nos corações, favorecendo a Humanidade com o archote luminoso da verdade que dilui as sombras que vêm predominando no Orbe, gerando loucuras e destruição. “Graças à sua lógica robusta e aos fatos que demonstram a imortalidade da alma, sua comunicação com os homens e a justiça das reencarnações, convence, comove e arrebatam as pessoas sinceramente interessadas na compreensão dos fenômenos da vida e na interpretação dos enigmas que se vêm arrastando, sem explicação, através dos milênios, nos campos da filosofia, da psicologia, da cultura em geral... “Face aos seus ensinamentos lúcidos, o homem deixa de ser o herdeiro do pecado de Adão e Eva, ou o Lúcifer das tradições judaico-cristãs do passado. Através da revelação dos Espíritos, o processo de evolução é muito mais complexo do que apresentado no arquétipo bíblico, resultando no avanço antropossociopsicológico, etapa a etapa, pelos incontáveis mecanismos da vida até atingir a sua humanidade atual, etapa que o prepara para seguir no rumo do infinito. “Diante dele encontram-se as complexas possibilidades de conquistas incomparáveis, em si mesmo e no mundo externo onde se encontra, de modo a alcançar as metas da felicidade que o aguarda, e da plenitude a que está destinado. “Portador do sublime fanal de erradicar da Terra o mal que nela predomina, porque os Espíritos que aqui nos encontramos reencarnados, salvadas algumas exceções, ainda somos primitivos e ignorantes, vítimas do egoísmo e das paixões mais grosseiras, estamos convocados ao esforço de transformação pessoal para melhor, modificando impulsos que se tornam sentimentos e estes emoções elevadas que nos conduzirão às intuições de que desfrutaremos como seres noéticos que iremos ser. Todavia, para alcançarmos esse sublime objetivo, quantas lutas e entraves teremos que vencer?! “Porque se encontrem em vigor o domínio da astúcia e da crueldade, o poder da força e dos expedientes da traição, que geram amargura e desdita, o Espiritismo, na sua condição de adversário natural do materialismo, constitui-lhes grave ameaça que deve ser combatido com denodo e sem cessar. “Em perfeita vinculação com a Erraticidade inferior, essas mentes que se refestelam na grandeza ilusória e esses sentimentos que se nutrem dos vapores mefíticos das Entidades odientas que os dominam, diante dos avanços do pensamento espírita armam-se de violência e de maldade para tentarem impedir que se consuma o objetivo da renovação do planeta, fadado a alcançar o nível de mundo de regeneração. “Os Espíritos, desditosos e falsamente felizes, que se comprazem no campeonato da insensatez e no intercâmbio contínuo com aqueles que lhes são afins, temem as conquistas da Doutrina Espírita e levantam-se agora para o grande enfrentamento, no qual esperam o triunfo, em razão dos instrumentos de combate

com que se equipam para a batalha que já deflagram. Planos escusos e métodos arbitrários vêm sendo colocados em prática, objetivando aqueles que se entregaram à Causa do Bem e se tornaram seguidores do Mestre de Nazaré, a Quem eles detestam e buscam vencer, nas suas alucinadas programações de doentias perseguições. Tem sido assim através da História essa luta que resultou na adulteração, interpolação e alteração das palavras de Jesus, na criação de rituais e hierarquias humanas, em guerras lamentáveis que foram declaradas em Seu nome, predominando a arrogância e o despudor que os caracterizava, de forma que a Sua mensagem chegou até os nossos dias profundamente alterada e os Seus exemplos suspeitos de legitimidade, como decorrência daqueles que se disseram seus herdeiros históricos... Interferindo psiquicamente nos bastiões da fé tradicional, deturparam-na, afastando-a das raízes em que pareciam fincar-se, constituindo-se uma doutrina mais humana que divina, com objetivos mais terrestres que espirituais... “De outras vezes, reencarnando-se em massa e adotando a crença religiosa tradicional, que envergonharam e degradaram mediante conduta obscena e vulgar, agressiva e anárquica, deixaram marcas de decadência e despudor que ferem os princípios éticos em que se assentam as verdadeiras construções da dignidade e do progresso humano. “Na atualidade, em decorrência de a mensagem provir do Mundo espiritual, e não dos homens, não possuindo depositários terrestres infalíveis e sendo examinada pela sua linguagem universal, jamais pelo despautério de arrogantes e presunçosos líderes que gostariam de ser reconhecidos como os seus representantes, a luta é mais cruel, porque mais sórdida, de maneira sutil mas também frontal, de forma que os trabalhadores abnegados não tenham outra alternativa senão a opção pela perseverança no dever e pelo prosseguimento na ação libertadora.” O orador fez uma pausa muito oportuna, para a renovação do interesse dos ouvintes. O auditório vibrava de emoção acompanhando o raciocínio do expositor. Os Espíritos desencarnados, mesmo o grande número de turbulentos e infelizes que foram recambiados e recebiam assistência conveniente, deixavam-se magnetizar pelo conteúdo da mensagem e experimentavam as vibrações das palavras impregnadas de segurança e de reflexões sábias. A Mentora da Casa, visivelmente concentrada e conduzindo o pensamento do seu médium, estava resplandecente em razão da sua vinculação com Esferas mais elevadas. Logo após, no mesmo ritmo, o orador prosseguiu: – Ante a total impossibilidade de adulterar-se os excelentes conteúdos da Doutrina Espírita, não faltam em muitos indivíduos presunção e prosápia para informações incorretas, assacando acusações de que a mesma se encontra superada ante as conquistas do pensamento contemporâneo, em lastimável desconhecimento dos

seus postulados que vêm sendo confirmados pelas Ciências, demonstrando a sua superior qualidade filosófico-científica ao par dos relevantes ensinamentos ético-morais-religiosos. Outras tentativas vêm sendo feitas, mediante pretensiosas anexações de ideias ou postulados pseudocientíficos, que a estariam completando, ou ainda pela diversificação de pensadores e praticantes, que dariam margem ao surgimento de correntes personalistas, à maneira de Fulano ou Beltrano. Simultaneamente, não cessam as tentativas de desfigurá-lo, retirando-lhe a feição religiosa que o vincula a Jesus, no qual se haurem a esperança e a paz que constituem elementos basilares para a felicidade. Olvidam-se, todos esses insensatos, que somente existe o Espiritismo, e que o mesmo é aquele que se encontra exarado na Codificação, nas Obras complementares e na Revista Espírita, enquanto a dirigiu e editou o insigne mestre Allan Kardec. “Essas investidas, porém, normalmente, não encontram amparo no pensamento espírita, e após o brilho momentâneo do entusiasmo dos seus criadores e adeptos fascinados, cedem lugar a novas propostas, qual ocorre em outras áreas da cultura humana. E o Espiritismo avança conquistando as criaturas para as suas hostes, tornando-as lúcidas, trabalhadoras do bem e cumpridoras do dever, avançando na aquisição da felicidade. “Há, igualmente, uma outra forma de investida contra a Mensagem e os seus obreiros, que não tem sido deixada à margem pelas falanges do mal. Inspirando esses grupos referidos, voltam-se, sobretudo, contra os espíritas sinceros e operosos, que lhes constituem barreira à sementeira da perversidade e da luxúria, do desequilíbrio e da perversão, do ódio e dos seus sequazes... Em todas as épocas da Humanidade, os idealistas verdadeiros, os heróis, os santos, os mártires, os cientistas e pensadores sofreram-lhes a perseguição, experimentaram-lhes a refrega, que culminava com o seu martírio, o afastamento das nobres lides a que se dedicavam. Agora reinvestem com vigor, considerando o desenvolvimento da Doutrina de amor e de libertação, desejosos de erradicá-la da Terra, mediante o combate aos seus adeptos. Armadilhas soezes, instrumentos cruéis, técnicas refinadas, aparatos complexos são utilizados para vencê-los, atraindo-os e dizimando-os nos seus propósitos mais sadios, ou vencendo-os com as suas sortidas infelizes, mediante intercâmbio doentio e obsessivo, para os desanimar ou perverter. “Utilizando-se das próprias falhas do caráter de cada um, das suas dificuldades morais, dos conflitos e das heranças da conduta pregressa, estimulam-nos ao retorno às paixões, intensificando o cerco e atirando-lhes pessoas desequilibradas, que passam a aturdi-los com os seus apelos vis, a sua psicofera mórbida, a sua presença desagradável e tóxica. Infelizmente, não têm sido poucos aqueles que se vêm comprometendo com os

distúrbios que se permitem, para logo tombarem no remorso, no despertamento tardio e de consequências nefastas. Todo o cuidado, pois, é pouco, exigindo maior vigilância dos sinceros obreiros da Era Nova, que se devem revestir de paciência e de coragem para enfrentar os desafios perversos que se apresentam, dourados uns, afligentes outros, sempre com a mesma finalidade de distraí-los e afastá-los das fileiras do dever. Qualquer comprometimento negativo, na conjuntura, significa ameaça à reencarnação que marcha exitosa e pode periclitar nos seus resultados, face à aceitação desses programas de desvirtuamento dos propósitos abraçados. “Discussões inoperantes, rixas e impertinências, queixas e intrigas, maledicências soezes e calúnias bem elaboradas, vinganças covardes e mentiras que surgem da fantasia dos mais sonhadores e frívolos, são recursos utilizados pelos técnicos das Legiões das Trevas, aplicados nos Núcleos humanos e, especialmente, nas Entidades da Fé libertadora. Mais do que nunca se fazem necessários a compreensão fraternal, a solidariedade dignificadora, o trabalho de renovação interior, o concurso do perdão e da compreensão das falhas do próximo, a necessidade da oração e da paciência. Trata-se de uma guerra, cujas batalhas esses Espíritos pretendem vencer, uma a uma até o momento final. Olvidam-se, porém, que uma ou outra luta conquistada, não consegue dar-lhes a palma da vitória, porque, por outro lado, Jesus vela, e as Entidades nobres, os Guias espirituais da Terra e dos seus filhos encontram-se vigilantes e operando também. Se ocorrem deslizos e delitos, quedas e defecções, é porque aqueles que incidem ou repetem os erros, distraem-se, não valorizando os deveres conforme lhes compete. Como não há violência na governança do amor, todos têm o direito de utilizar-se do livre-arbítrio, até mesmo para comprometer-se, mas terão ensejo de reparar, recomeçar e libertar-se. Novamente o expositor, que se apresentava pálido e mediunizado, silenciou, a fim de permitir que as palavras ressoassem na acústica das almas e ficassem registradas com segurança, dando prosseguimento: – Nossa Instituição vem hospedando nobres Espíritos dedicados à terapia em torno dos problemas espirituais do sexo e da obsessão através das forças genésicas, e eles vêm conseguindo desbaratar uma Organização no Além Túmulo dedicada à degradação e à obscenidade, onde se homiziam centenas de milhares de seres enlouquecidos pelas arbitrarias condutas morais, que se vêm refletindo no comportamento humano. Outrossim, estão trazendo à reencarnação alguns daqueles que se tornaram líderes e vítimas das situações mais lamentáveis, ao tempo em que um grande número de atormentados irão volver ao prosaico terreno com as marcas do vício e dos deslantes íntimos, que espocarão no futuro na conduta da nova geração, que se dedicará ao culto do

corpo e do sexo, em desprezo às demais faculdades orgânicas e mensagens da vida. No momento, dá-se uma reação em cadeia na área espiritual inferior em que se encontram os Chefes que, sentindo-se prejudicados, tomaram providências para vingar-se, atacando-nos a todos de forma cruenta, tramando planos de destruição do nosso trabalho e interrupção das nossas tarefas. Não serão medidos esforços para conseguirem os resultados que esperam, competindo-nos advertir a todos, convidando os corações amigos à reflexão, à prece, à paz. “Certamente, somente nos sucede aquilo que merecemos ou que é de melhor para o nosso crescimento espiritual. Como ignoramos a própria fragilidade e os débitos que nos assinalam o passado espiritual, mesmo sob a tutela dos Anjos da caridade e do amor, que são os nossos Benfeitores espirituais, poderemos deixar-nos seduzir pelos ardis e provocações colocados em pauta. Em razão da predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual, tornamo-nos alvos de fácil alcance para as flechas da sua maldade, que certamente nos atingirão e poderão levar-nos à debacle. Somente conseguiremos o êxito dos nossos compromissos se permanecermos unidos, se dialogarmos quando algo não estiver correspondendo à expectativa, se discutirmos nossos propósitos, se nos ampararmos uns nos outros, se conseguirmos desculpar-nos sinceramente e distendermos mãos amigas, porque uma vara só é fácil de ser arrebatada, não porém, um feixe delas, conforme nos disse Jesus. “Teremos momentos de muitas dificuldades e de dores morais que estão inscritos em nossos mapas reencarnacionistas como recurso para o nosso equilíbrio e em favor da nossa transformação moral para melhor, se soubermos bem administrar as ocorrências desagradáveis e angustiantes. Simultaneamente também, experimentaremos a ufanía e o êxtase, toda vez que nos vencermos, que superarmos os impulsos do mal, que ultrapassarmos as barreiras da dificuldade e que nos dispusermos a socorrer e construir o bem em toda parte, não obstante as lutas renhidas. Enquanto nos encontramos no corpo físico somos viajantes em perigo. A vitória somente poderá ser considerada após conquistado todo o percurso e chegarmos à meta para onde nos dirigimos. “Assim, não estranhemos problemas nem testemunhos, antes enfrentemo-los alegres pela honra de estarmos a serviço de Jesus no mundo, construindo a Era Melhor do Espírito Imortal. “Os nossos resgates são impostergáveis. Desse modo, rejubilemo-nos pela oportunidade de nos reabilitarmos através da ação benéfica, ao invés de ser por meio de enfermidades dilaceradoras ou degenerativas, que nos poderiam reter no leito em processo de recuperação necessária. Mediante o amor e a caridade, o auxílio mútuo e o trabalho em favor do progresso, desalgar-mar-nos-emos do ontem escravizador e avançaremos

com pés ligeiros em direção do futuro abençoado. “Nunca temamos! Jesus está no comando e espera apenas que Lhe sejamos dóceis à voz, atendendo-Lhe ao chamado, que nos chega por intermédio dos Seus elevados mensageiros espirituais. Confiantes no triunfo que nos espera, demo-nos as mãos, continuemos no labor que nos dignifica e que dá sentido às nossas existências corporais. “Brilhe a vossa luz, propôs-nos o Mestre. Acendamos a claridade do amor incondicional em nosso mundo íntimo e deixemos que brilhe a luz da misericórdia em toda parte, irradiando-se de nós como bênção da vida em favor de todas as vidas. “Que o Senhor da Vida a todos nos abençoe!” Um suave perfume de rosas em sucessivas ondas invadiu o salão, sendo percebido pelos presentes de ambos os planos, que se encontravam emocionados, reconhecidos a Deus.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 23)

III Missão do Espiritismo

III.1. Esclarecer as consciências sobre os aspectos, princípios e valores da vida espiritual (desencarnação e imortalidade da alma, interação entre encarnados e desencarnados, planos espirituais, reencarnação e evolução do espírito)

“**982.** Será necessário que professemos o Espiritismo e creiamos nas manifestações espíritas, para termos assegurada a nossa sorte na vida futura? “Se assim fosse, seguir-se-ia que estariam deserdados todos os que não creem, ou que não tiveram ensejo de esclarecer-se, o que seria absurdo. Só o bem assegura a sorte futura. Ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele conduza.” (165-799) A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar, firmando-lhe as ideias sobre certos pontos do futuro. Apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas, porque faculta nos inteiremos do que seremos um dia. É um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina o homem a suportar as provas com paciência e resignação; afasta-o dos atos que possam retardar-lhe a felicidade, mas ninguém diz que, sem ele, não possa ela ser conseguida.” (AK, *O livro dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo II)

“**V.** Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo, proclamam, *ipso facto*, a força do Espiritismo, porque jamais poderia tornar-se universal uma ideia sem fundamento e destituída de lógica.

Assim, se o Espiritismo se implanta por toda parte, se, principalmente nas classes cultas, recruta adeptos, como todos facilmente reconhecerão, é que tem um fundo de verdade. Baldados, contra essa tendência, serão todos os esforços dos seus detratores e a prova é que o próprio ridículo, de que procuram cobri-lo, longe de lhe amortecer o ímpeto, parece ter-lhe dado novo vigor, resultado que plenamente justifica o que repetidas vezes os Espíritos hão dito: “Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que contra vós fizerem se tornará a vosso favor e *os vossos maiores adversários, sem o quererem, servirão à vossa causa.* Contra a vontade de Deus não poderá prevalecer a má vontade dos homens.” Por meio do Espiritismo, a Humanidade tem que entrar numa nova fase, a do progresso moral que lhe é consequência inevitável. Não mais, pois, vos espanteis da rapidez com que as ideias espíritas se propagam. A causa dessa celeridade reside na satisfação que trazem a todos os que as aprofundam e que nelas veem alguma coisa mais do que fútil passatempo. Ora, como cada um o que acima de tudo quer é a sua felicidade, nada há de surpreendente em que cada um se apegue a uma ideia que faz ditosos os que a esposam. Três períodos distintos apresenta o desenvolvimento dessas ideias: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade passou; a curiosidade dura pouco. Uma vez satisfeita, muda de objeto. O mesmo não acontece com o que desafia a meditação séria e o raciocínio. Começou o segundo período, o terceiro virá inevitavelmente. O Espiritismo progrediu principalmente depois que foi sendo mais bem compreendido na sua essência íntima, depois que lhe perceberam o alcance, porque tange a corda mais sensível do homem: a da sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí a causa da sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Enquanto a sua influência não atinge as massas, ele vai felicitando os que o compreendem. Mesmo os que nenhum fenômeno tenham testemunhado, dizem: à parte esses fenômenos, há a filosofia, que me explica o que NENHUMA OUTRA me havia explicado. Nela encontro, por meio unicamente do raciocínio, uma solução *racional* para os problemas que no mais alto grau interessam ao meu futuro. Ela me dá calma, firmeza, confiança; livra-me do tormento da incerteza. Ao lado de tudo isto, secundária se torna a questão dos fatos materiais. Quereis, vós todos que o atacais, um meio de combatê-lo com êxito? Aqui o tendes. Substituí-o por alguma coisa melhor; indicai solução MAIS FILOSÓFICA para todas as questões que ele resolveu; dai ao homem OUTRA CERTEZA que o faça mais feliz, porém compreendei bem o alcance desta palavra *certeza*, porquanto o homem não aceita, como *certo*, senão o que lhe parece *lógico*. Não vos

contentes com dizer: isto não é assim; demasiado fácil é semelhante afirmativa. Provai, não por negação, mas por fatos, que isto não é real, nunca o foi e NÃO PODE ser. Se não é, dizei o que o é, em seu lugar. Provai, finalmente, que as consequências do Espiritismo não são tornar melhor o homem e, portanto, mais feliz, pela prática da mais pura moral evangélica, moral a que se tecem muitos louvores, mas que muito pouco se pratica. Quando houverdes feito isso, tereis o direito de o atacar. O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; sobretudo, porque mostra que essas penas e recompensas são corolários naturais da vida terrestre e, ainda, porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. Que compensação oferecis aos sofrimentos deste mundo, vós cuja doutrina consiste unicamente na negação do futuro? Enquanto vos apoiais na incredulidade, ele se apoia na confiança em Deus; ao passo que convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vós lhes oferecis o *nada* por perspectiva e o *egoísmo* por consolação. Ele tudo explica, vós nada explicais. Ele prova pelos fatos, vós nada provais. Como quereis que se hesite entre as duas doutrinas?” (AK, *O livro dos espíritos*, Conclusão)

“VI. Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom-senso. Na antiguidade, era objeto de estudos misteriosos, que cuidadosamente se ocultavam do vulgo. Hoje, para ninguém tem segredos. Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade. Longe de se opor à difusão da luz, deseja-a para todo o mundo. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada. Os obstáculos que tentassem oferecer à liberdade das manifestações poderiam pôr-lhe fim? Não, porque produziriam o efeito de todas as perseguições: o de excitar a curiosidade e o desejo de conhecer o que foi proibido. De outro lado, se as manifestações espíritas fossem privilégio de um único homem, sem dúvida que, segregado esse homem, as manifestações cessariam. Infelizmente para os seus adversários, elas estão ao alcance de toda gente e todos a elas recorrem, desde o mais pequenino até o mais graduado, desde o palácio até a mansarda. Poderão proibir que sejam obtidas em público. Sabe-se, porém, precisamente que em público não é onde melhor se dão e sim na intimidade. Ora, podendo todos ser médiuns, quem poderá

impedir que uma família, no seu lar; um indivíduo, no silêncio de seu gabinete; o prisioneiro, no seu cubículo, entre em comunicação com os Espíritos, a despeito dos esbirros e mesmo na presença deles? Se as proibirem num país, poderão obstar a que se verifiquem nos países vizinhos, no mundo inteiro, uma vez que nos dois hemisférios não há lugar onde não existam médiuns? Para se encarcerarem todos os médiuns, preciso fora que se encarcerasse a metade do gênero humano. Chegasse mesmo, o que não seria mais fácil, a queimar todos os livros espíritas e no dia seguinte estariam reproduzidos, porque inatacável é a fonte donde dimanam e porque ninguém pode encarcerar ou queimar os Espíritos, seus verdadeiros autores. O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode inculcar-se como seu criador, pois tão antigo é ele quanto a criação. Encontramo-lo por toda parte, em todas as religiões, principalmente na religião Católica e aí com mais autoridade do que em todas as outras, porquanto nela se nos depara o princípio de tudo que há nele: os Espíritos em todos os graus de elevação, suas relações ocultas e ostensivas com os homens, os anjos guardiães, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, todos os gêneros de manifestações, as aparições e até as aparições tangíveis. Quanto aos demônios, esses não são senão os maus Espíritos e, salvo a crença de que aqueles foram destinados a permanecer perpetuamente no mal, ao passo que a senda do progresso se conserva aberta aos segundos, não há entre uns e outros mais do que simples diferença de nomes. Que faz a moderna ciência espírita? Reúne em corpo de doutrina o que estava esparso; explica, com os termos próprios, o que só era dito em linguagem alegórica; poda o que a superstição e a ignorância engendraram, para só deixar o que é real e positivo. Esse o seu papel. O de fundadora não lhe pertence. Mostra o que existe, coordena, porém não cria, por isso que suas bases são de todos os tempos e de todos os lugares. Quem, pois, ousaria considerar-se bastante forte para abafa-la com sarcasmos, ou, ainda, com perseguições? Se a proscreverem de um lado, renascerá noutras partes, no próprio terreno donde a tenham banido, porque ela está em a Natureza e ao homem não é dado aniquilar uma força da Natureza, nem opor *veto* aos decretos de Deus. Que interesse, ao demais, haveria em obstar-se a propagação das ideias espíritas? É exato que elas se erguem contra os abusos que nascem do orgulho e do egoísmo. Mas, se é certo que desses abusos há quem aproveite, à coletividade humana eles prejudicam. A coletividade, portanto, será favorável a tais ideias, contando-se-lhes por adversários sérios apenas os interessados em manter aqueles abusos. As ideias espíritas, ao contrário, são um penhor de ordem e tranquilidade, porque, pela sua influência, os homens se tornam melhores uns para com

os outros, menos ávidos das coisas materiais e mais resignados aos decretos da Providência.” (AK, *O livro dos espíritos*, Conclusão)

“**15.** Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos terá compreendido que ele abre à Humanidade uma estrada nova e lhe desvenda os horizontes do infinito. Iniciando-a nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe o seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual, como no estado corporal. O homem já não caminha às cegas: sabe donde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se lhe revela em sua realidade, despojado dos prejuízos da ignorância e da superstição. Já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável, tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência transitória; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que nada se perde do que haja ganho em perfeição; em suas existências anteriores depara com a razão do que é hoje e reconhece que: *do que ele é hoje, qual se fez a si mesmo, poderá deduzir o que virá a ser um dia.* **16.** Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização se limitam à vida presente, que, antes, a criatura nada foi e nada será depois, em que interessa ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais ditosos, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Não fica perdido para ele todo o progresso, pois que deste nenhum proveito tirará? De que lhe serve trabalhar para os que hão de vir depois, se nunca lhe será dado conhecê-los, se os seus pósteros serão criaturas novas, que pouco depois voltarão por sua vez ao nada? Sob o domínio da negação do futuro individual, tudo forçosamente se amesquinha às insignificantes proporções do momento e da personalidade. Entretanto, que amplitude, ao contrário, dá ao pensamento do homem *a certeza* da perpetuidade do seu ser espiritual! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a ideia de estarem os mesmos seres a progredir incessantemente, primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, de mundo em mundo depois, até à perfeição, *sem solução de continuidade!* Todas as ações têm, então, uma finalidade, porquanto, trabalhando para todos cada um trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se podem considerar infecundos nem o progresso individual, nem o progresso coletivo. De ambos esses progressos aproveitarão as gerações e as

individualidades porvindouras, que outras não virão a ser senão as gerações e as individualidades passadas, em mais alto grau de adiantamento. **17.** A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, não há fraternidade real, sólida, efetiva, senão assente em base inabalável e essa base é *a fé*, não a fé em tais ou tais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, porquanto, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que toda a gente pode aceitar e aceitará: *Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinito, a perpetuidade das relações entre os seres.* Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada de injusto pode querer; que não dele, porém dos homens vem o mal, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros. Essa a fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.” (AK, *A gênese*, Capítulo XVIII)

“**28.** O Espiritismo, igualmente, pelo bem que faz é que prova a sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas cura, sobretudo, as doenças morais e são esses os maiores prodígios que lhe atestam a procedência. Seus mais sinceros adeptos não são os que se sentem tocados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que dele recebem a consolação para suas almas; os a quem liberta das torturas da dúvida; aqueles a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza, que lhes trouxe, acerca do futuro, no conhecimento do seu ser espiritual e de seus destinos. Esses os de fé inabalável, porque sentem e compreendem. Os que no Espiritismo unicamente procuram efeitos materiais, não lhe podem compreender a força moral. Daí vem que os incrédulos, que apenas o conhecem através de fenômenos cuja causa primária não admitem, consideram os espíritas meros prestidigitadores e charlatães. Não será, pois, por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará da incredulidade será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porquanto, se é certo que os incrédulos não admitem os prodígios, não menos certo é que conhecem, como toda gente, o sofrimento e as aflições e ninguém recusa alívio e consolação.” (AK, *A gênese*, Capítulo XV)

“**AS ALMAS ENFRAQUECIDAS.** Minhas palavras de hoje são dirigidas aos que ingressam nos estudos espíritas, tangidos pelos azoragues impiedosos do sofrimento; no auge das suas dores, recorreram ao amparo moral que lhes oferecia a doutrina e sentiram que as tempestades amainavam... Seus corações reconhecidos voltaram-se então para as coisas espirituais; todavia, os tormentos não desapareceram. Passada uma

trégua ligeira, houve recrudescência de prantos amargos. Experimentando as mesmas torturas, sentem-se vacilantes na fé e baldas do entusiasmo das primeiras horas e é comum ouvirem-se as suas exclamações: – “Já não tenho mais fé, já não tenho mais esperanças...” Invencível abatimento invade-lhes os corações tíbios e enfraquecidos na luta, desamparados na sua vontade titubeante e na sua inércia espiritual. Essas almas não puderam penetrar o espírito da doutrina, vogando apenas entre as águas das superficialidades.

O QUE É O MODERNO ESPIRITUALISMO. O moderno Espiritualismo não vem revogar as leis diretoras da evolução coletiva. As suas concepções avançadas representam um surto evolutivo da Humanidade, uma época de mais compreensão dos problemas da vida, sem oferecer talismãs ou artes mágicas, com a pretensão de derrogar os estatutos da Natureza. Desvenda ao homem um fragmento dos véus que encobrem o destino do ser imortal e ensina-lhe que a luta é o veículo do seu progresso e da sua redenção. Traz consigo o nobre objetivo de enriquecer, com as suas benditas claridades, os homens que as aceitam, longe da vaidade de prometer-lhes fortunas e gozos terrestres, bens temporais que apenas servem para fortificar as raízes do egoísmo em seus corações, agrilhoando-os ao potro das gerações dolorosas.

NECESSIDADE DO ESFORÇO PRÓPRIO. Pergunta-se, às vezes, por que razão não obstem os Espíritos esclarecidos, que em todos os tempos acompanham carinhosamente a marcha dos acontecimentos do orbe, as guerras que dizimam milhões de existências e empobrecem as coletividades, influenciando os diretores de movimentos subversivos nos seus planos de gabinete; inquire-se o porquê das existências amarguradas e aflitas de muitos dos que se dedicam ao Espiritismo, dando-lhes o melhor de suas forças e sempre torturados pelas provas mais amargas e pelos mais acerbos desgostos. Daqui, contemplamos melancolicamente essas almas desesperadas e desiludidas, que nada sabem encontrar além das puerilidades da vida. Em desencarnando, não entra o Espírito na posse de poderes absolutos. A morte significa apenas uma nova modalidade de existência, que continua, sem milagres e sem saltos. É necessário encarar-se a situação dos desencarnados com a precisa naturalidade. Não há forças miraculosas para os seres humanos, como não existem igualmente para nós. O livre-arbítrio relativo nunca é ab-rogado em todos nós; em conjunto, somos obrigados, em qualquer plano da vida, a trabalhar pelo nosso próprio adiantamento. A PRECE. Faz-se preciso que o homem reconheça a necessidade da luta como a do pão cotidiano. A crença deve ser a bússola, o farol nas obscuridades que o rodeiem na existência passageira e a prece deve ser cultivada, não para que sejam revogadas as disposições da lei divina, mas a fim de que a coragem e a

paciência inundem o coração de fortaleza nas lutas ásperas, porém necessárias. A alma, em se voltando para Deus, não deve ter em mente senão a humildade sincera na aceitação de sua vontade superior.

AOS ENFRAQUECIDOS NA LUTA. Almas enfraquecidas, que tendes muitas vezes sentido sobre a fronte o sopro frio da adversidade, que tendes vertido muitos prantos nas jornadas difíceis em estradas de sofrimentos rudes, buscai na fé, os vossos imperecíveis tesouros. Bem sei a intensidade da vossa angústia e sei de vossa resistência ao desespero. Ânimo e coragem! No fim de todas as dores, abre-se uma aurora de ventura imortal; dos amargores experimentados, das lições recebidas, dos ensinamentos conquistados à custa de insano esforço e de penoso labor, tece a alma sua auréola de eternidade gloriosa; eis que os túmulos se quebram e da paz cheia de cinzas e sombras, dos jazigos, emergem as vazes comovedoras dos mortos. Escutai-as!... Elas vos dizem da felicidade do dever cumprido, dos tormentos da consciência nos desvios das obrigações necessárias. Orai, trabalhai e esperai. Palmilhai todos os caminhos da prova com destemor e serenidade. As lágrimas que dilaceram, as mágoas que pungem, as desilusões que fustigam o coração, constituem elementos atenuantes da vossa imperfeição, no tribunal augusto, onde pontifica o mais justo, magnânimo e íntegro dos juízes. Sofrei e confiai, que o silêncio da morte é o ingresso para uma outra vida, onde todas as ações estão contadas e gravadas as menores expressões dos nossos pensamentos. Amai muito, embora com amargos sacrifícios, porque o amor é a única moeda que assegura a paz e a felicidade no Universo.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo I)

“O PROPÓSITO DOS ESPÍRITOS. O nosso propósito, na atualidade, é cooperar convosco pela obtenção da paz e da concórdia no seio da coletividade humana. Agora, filhos, já não são mais os homens os donos do trabalho, os senhores absolutos da tarefa. Tomando por seus companheiros os de boa-vontade que se acham aí no planeta, buscando o aprimoramento anímico e psíquico onde aí se encontrem, são os gênios do Espaço que, sob a égide do Divino Mestre, vêm proclamar, por entre as sociedades terrenas, as consoladoras verdades, as grandiosas verdades. Já agora, não mais se poderá abafar o ensinamento no silêncio escuro dos calabouços, porquanto uma nova concepção do direito e da liberdade felicita as criaturas. É em razão disso que os túmulos falam, que os mortos voltam da sombra e do amontoado das cinzas, para dizer-vos que a vida é o eterno presente e que a imortalidade, dentro dos institutos da justiça incorruptível, que nos observa e julga, é um fato incontestável. Conclamando os homens, nossos irmãos, trazemos a todos o fruto abençoado de nossas penosas existências, asseverando a cada um que o problema da paz

e da felicidade está solucionado no estatuto divino. Todas as nossas atividades objetivam a revivescência do Cristianismo na Terra, de modo que um templo se levante em cada lar e um hostiário em cada coração. Auxiliai-nos, trazendo-nos o concurso da vossa boa-vontade, de vosso querer; ajudai-nos em nossos propósitos benditos de reedificação do Templo de Jesus, de cujos altares os maus sacerdotes se descuidaram, levados pelos cantos de sereia da vaidade e dos interesses do mundo. Que o Mestre abençoe a cada um de vós, fortalecendo-vos a fé, para que possamos com Ele, com a sua proteção e a sua misericórdia, vencer na luta em que nos achamos empenhados.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo VI)

“OS TEMPOS DO CONSOLADOR. A permissão de Deus para que nos manifestássemos ostensivamente, entre os agrupamentos dos nossos irmãos encarnados, chegou, justamente, a seu tempo, quando o espírito humano despido das vestes da puberdade, com o juízo amadurecido para assimilar algo da Verdade, tateava entre vacilações e incertezas, estabelecidas pela investigação da Ciência, sem conseguir adaptar-se ao demasiado simbolismo das ideias religiosas, latentes na alma humana, desde os tempos primevos dos trogloditas. Justamente na época requerida, consoante as profecias do Divino Mestre, derramou-se da sua luz sobre toda a carne, e os emissários do Alto, segundo as suas possibilidades e aos méritos individuais, têm auxiliado a ascensão dos conhecimentos humanos para os planos elevados da espiritualidade. A CONCEPÇÃO DA DIVINDADE. Desde as eras primárias da Civilização, a ideia de um poder superior, interferindo nas questões mundanas, vem guiando o homem através dos seus caminhos e a Religião sempre constituiu o maior fator da moral social, se bem que apresentasse a divindade à semelhança do homem, em seus ensinamentos exotéricos. O Cristianismo, inaugurando um novo ciclo de progresso espiritual, renovou as concepções de Deus no seio das ideias religiosas; todavia, após a sua propagação, várias foram as interpretações escriturísticas, dado azo a que as facções sectaristas tentassem isoladamente, ser as suas únicas representantes; a Igreja Católica e as numerosas seitas protestantes, nascidas do ambiente por ela formado, têm levado longe a luta religiosa, esquecidas de que a Providência Divina é Amor. Estabeleceram com a sua acanhada hermenêutica os dogmas de fé, nutrindo-se das fortunas iníquas a que se referem os Evangelhos, prejudicando os necessitados e os infelizes. A FÉ ANTE A CIÊNCIA. Mas, como o progresso não conhece obstáculos, os artigos de fé equivaleram a estagnações isoladas. Se conseguiram satisfazer à Humanidade em um período mais ou menos remoto da sua evolução, caducaram desde que o laboratório obscureceu a sacristia. A

Ciência desvendou o espírito humano às perspectivas inconcebíveis do Infinito; o telescópio descortinou a grandeza do Universo e os novos conhecimentos cosmogônicos demandaram outra concepção do Criador. Desvendando, paulatinamente, as sublimes grandiosidades da natureza invisível, a Ciência embriagou-se com a beleza de tão lindos mistérios e estabeleceu o caminho positivo para encontrar Deus, como descobrira o mundo microbiano, ao preço de acuradas perquirições. É que a Divindade das religiões vigentes era defeituosa e deformada pelos seus atributos exclusivamente humanos; as igrejas estavam acorrentadas ao dogmatismo e escravizadas aos interesses do mundo. A confusão estabeleceu-se. Foi quando o Espiritismo fez sentir mais claramente a grandeza descerrou um fragmento do seu mistério e a voz dos Espaços se fez ouvir. OS ESCLARECIMENTOS DO ESPIRITISMO. Foi assim que a religião da verdade surgiu na Terra, no momento oportuno. As Igrejas estagnadas encontravam-se no obsoletismo, incapazes de sancionar as ideias novas, vivendo quase que exclusivamente das suas características de materialidade e do seu simbolismo, terminado o tempo de sua necessária influência no mundo. As conquistas científicas não se coadunavam com o espírito dogmático, e o Espiritismo, com as suas lições magníficas, alargou infinitamente a perspectiva da vida universal. Explicando e provando que a existência não se observa somente na face da Terra opaca e cheia de dores. Há céus inumeráveis e inumeráveis mundos onde a vida palpita numa eterna mocidade; todos eles se encadeiam, se abraçam dentro do magnetismo universal, vivificados pela luz, imagem real da alma Divina, presente em toda parte. A carne é uma vestimenta temporária, organizada segundo a vibração espiritual, e essa mesma vibração esclarece todos os enigmas da matéria. NÓS VIVEREMOS ETERNAMENTE. A Doutrina dos Espíritos, pois, veio desvendar ao homem o panorama da sua evolução e esclarecê-lo no problema das suas responsabilidades, porque a vida não é privilégio da Terra obscura, mas a manifestação do Criador em todos os recantos do Universo. Nós viveremos eternamente, através do Infinito e o conhecimento da imortalidade expõe os nossos deveres de solidariedade para com todos os seres, em nosso caminho; por esta razão, a Doutrina Espiritista é uma síntese gloriosa de fraternidade e de amor. O seu grande objeto é esclarecer a inteligência humana. Oxalá possam os homens compreender a excelssitude do ensinamento dos Espíritos e aproveitar o fruto bendito das suas experiências; com o entendimento esclarecido, interpretarão com fidelidade o “Amai-vos uns aos outros”, em sua profunda significação. Os instrutores dos planos espirituais, em que nos achamos, regozijam-se com todos os triunfos da vossa ciência, porque toda conquista importa em grande e

abençoado esforço e, pelo trabalho perseverante, o homem conhecerá todas as leis que lhe presidem ao destino.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXVI)

“MISSÃO DO ESPIRITISMO. A missão do Espiritismo, tanto quanto o ministério do Cristianismo, não será destruir as escolas de fé, até agora existentes. Cristo acolheu a revelação de Moisés. A Doutrina dos Espíritos apoia os princípios superiores de todos os sistemas religiosos. Jesus não critica a nenhum dos Profetas do Velho Testamento. O Consolador Prometido não vem para censurar os pioneiros dessa ou daquela forma de crer em Deus. O Espiritismo é, acima de tudo, o processo libertador das consciências, a fim de que a visão do homem alcance horizontes mais altos. Há milênios, a mente humana gravita em derredor de patrimônios efêmeros, quais sejam os da precária posse física, atormentada por pesadelos carnis de variada espécie. Guerras de todos os matizes consomem-lhe as forças. Flagelos de múltiplas expressões situam-lhe a existência em limitações aflitivas e dolorosas. Com a morte do corpo, não atinge a liberação. Além-túmulo, prossegue atenta às imagens que a ilusão lhe armou no caminho, escravizada a interesses inconfessáveis. Em plena vida livre, guarda, ordinariamente, a posição da criatura que venda os olhos e marcha, impermeável e cega, sob pesadas cargas a lhe dobrarem os ombros. A obstinação em disputar satisfações egoísticas, entre os companheiros da carne, constitui-lhe deplorável inibição e os preconceitos ruinosos, os terríveis enganos do sentimento, os pontos de vista pessoais, as opiniões preconcebidas, as paixões desvairadas, os laços enfermigos, as concepções cristalizadas, os propósitos menos dignos, a imaginação intoxicada e os hábitos perniciosos representam fardos enormes que constroem a alma ao passo vacilante, de atenção voltada para as experiências inferiores. A nova fé vem alargar-lhe a senda para mais elevadas formas de evolução. Chave de luz para os ensinamentos do Cristo, explica o Evangelho não como um tratado de regras disciplinares, nascidas do capricho humano, mas como a salvadora mensagem de fraternidade e alegria, comunhão e entendimento, abrangendo as leis mais simples da vida. Aparece-nos, então, Jesus, em maior extensão de sua glória. Não mais como um varão de angústia, insinuando a necessidade de amarguras e lágrimas e sim na altura do herói da bondade e do amor, educando para a felicidade integral, entre o serviço e a compreensão, entre a boa-vontade e o júbilo de viver. Nesse aspecto, vemo-lo como o maior padrão de solidiedade e gentileza, apagando-se na manjedoura, irmanando-se com todos na praça pública e amparando os malfeitores, na cruz, à extrema hora, de passagem para a divina ressurreição. O Espiritismo será, pois, indiscutivelmente, a força do Cristianismo em ação para reerguer a alma humana e sublimar a vida. O Espaço

Infinito, pátria universal das constelações e dos mundos, é, sem dúvida, o clima natural de nossas almas, entretanto, não podemos esquecer que somos filhos, devedores, operários ou companheiros da Terra, cujo aperfeiçoamento constitui o nosso trabalho mais imediato e mais digno. Esqueçamos, por agora, o paraíso distante para ajudar na construção do nosso próprio Céu. Interfiramos menos na regeneração dos outros e cogitemos mais de nosso próprio reajuste, perante a Lei do Bem Eterno, e, servindo incessantemente com a nossa fé à vida que nos rodeia, a vida, por sua vez, nos servirá, infatigável, convertendo a Terra em estação celestial de harmonia e luz para o acesso de nosso espírito à Vida Superior.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 38)

“RENOVAÇÃO. As revelações dos Espíritos convidam naturalmente a ideais mais elevados, a propósitos mais edificantes. Para as inteligências realmente dispostas à renúncia da animalidade, são elas sublime incentivo à renovação interior, modificando a estrutura fluídica do ambiente mental que lhes é próprio. Se a civilização exige o desbravamento da mata virgem, para que cidades educadas surjam sobre o solo e para que estradas se rasguem soberanas, é indispensável a eliminação de todos os obstáculos, à custa do sacrifício daqueles que devotam ao apostolado do progresso. A Humanidade atual, em seu aspecto coletivo, considerada mentalmente, ainda é a floresta escura, povoada de monstruosidades. Se nos fundamentos evolutivos da organização planetária encontramos os animais pré-históricos, oferecendo a predominância do peso e da ferocidade sobre quaisquer outros característicos, nos alicerces da civilização do espírito ainda perseveram os grandes monstros do pensamento, constituídos por energias fluídicas, emanadas dos centros de inteligência que lhes oferecem origem. Temos, assim, dominando ainda a formação sentimental do mundo, os mamutes da ignorância, os megatérios da usura, os iguanodontes da vaidade ou os dinossauros da vingança, da barbárie, da inveja ou da ira. As energias mentais dos habitantes da Terra tecem o envoltório que os retém à superfície do Globo. Raros são aqueles cuja mente vara o teto sombrio com os raios de luz dos sentimentos sublimados que lhes fulguram no templo íntimo. O pensamento é o gerador dos infra corpúsculos ou das linhas de força do mundo subatômico, criador de correntes de bem ou de mal, grandeza ou decadência, vida ou morte, segundo a vontade que o exterioriza e dirige. E a moradia dos homens ainda está mergulhada em fluidos ou em pensamentos vivos e semicondensados de estreiteza espiritual, brutalidade, angústia, incompreensão, rudeza, preguiça, má vontade, egoísmo, injustiça, crueldade, separação, discórdia, indiferença, ódio, sombra e miséria... Com a demonstração da sobrevivência da alma, porém, a consciência humana adquire domínio sobre as trevas do instinto,

controlando a corrente dos desejos e dos impulsos, soerguendo as aspirações da criatura para níveis mais altos. Os corações despertados para a verdade começam a entender as linhas eternas da justiça e do bem. A voz do Cristo é ouvida sob nova expressão na mais profunda acústica da alma. Quem acorda converte-se num ponto de luz no serro denso da Humanidade, passando a produzir fluidos ou forças de regeneração e redenção, iluminando o plano mental da Terra para a conquista da vida cósmica no grande futuro. Em verdade, pois, nobre é a missão do Espiritismo, descortinando a grandeza da universalidade divina à acanhada visão terrestre; no entanto, muito maior é muito mais sublime é a missão do nosso ideal santificante com Jesus para o engrandecimento da própria Terra, a fim de que o Planeta se divinize para o Reino do Amor Universal.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 30)

“**INDIVIDUALISMO.** Em contato com os ideais da Revelação Nova, o homem, sentindo dilatar-se-lhe naturalmente a visão, começa a perceber, com mais amplitude, os problemas que o cercam. Aguça-se-lhe a sensibilidade, intensifica-se-lhe a capacidade de amar. Converte-se-lhe o coração em profundo estuário espiritual, em que todas as dores humanas encontram eco. Por isso mesmo, acentuam-se-lhe os sofrimentos, de vez que as suas aspirações não surpreendem qualquer sintonia nos planos inferiores em que ainda respira. Desejaria o aprendiz acompanhar-se por todos aqueles que ama, na caminhada para a vida superior, entretanto, à medida que se adianta em conhecimentos e se sutilha em sensações, reconhece quase sempre que os amados se fazem dele mais distantes. Aqui, é a companheira que persevera em rumo diferente, além, é o coração paternal que, por afetividade mal dirigida, dificulta a ascensão para a luz... Ontem, era um filho a golpear-lhe as fibras mais íntimas; hoje, é um amigo que deserta... Se o discípulo não se rende à perturbação e ao desânimo, gradativamente começa a compreender que está sozinho, em si mesmo, para aprender e ajudar, entendendo, outrossim, que na boa-vontade e no sacrifício adquire valores eternos para si próprio. Quanto mais cede a favor de todos, mais é compensado pela Lei Divina que o enriquece de força e alegria no grande silêncio. Na marcha diária, chega à conclusão de que o individualismo ajustado aos princípios inelutáveis do bem é a base do engrandecimento da coletividade. Reconhece que o espírito foi criado para viver em comunhão com os semelhantes, que é a unidade de um todo em processo de aperfeiçoamento e que não pode fugir sem danos à cooperação, mas, à maneira da árvore no reino vegetal, precisa crescer e auxiliar com eficiência para garantir a estabilidade do campo e fazer-se respeitável. Ninguém vive só, mas chega sempre um momento para a alma em que é imprescindível

saber lutar em solidão para viver bem. Para valorizar o celeiro e enriquecer a mesa, a semente descansa entre milhões de outras que com ela se identificam; todavia, quando chamada a produzir com a vida para o conforto geral, deve aprender a estar isolada no seio frio da terra, desvencilhando-se dos envoltórios inferiores, como se estivesse reduzida a lodo e morte, a fim de estender novos ramos e elevar-se para o Sol. Sem o indivíduo forte e sábio, a multidão agitar-se-á sempre entre a ignorância e a miséria. Esforço e melhoria da unidade, para o progresso e sublimação do todo, é uma lei. A navegação a vapor, atualmente, é patrimônio geral, mas devemos-la ao trabalho de Fulton. A imprensa de hoje é força direcional de primeira ordem, contudo, não podemos olvidar o devotamento de Gutenberg, que lhe amparou os passos iniciantes. A luz elétrica, nos dias que passam, é questão resolvida, no entanto, a Edison coube a honra de sofrer para que semelhante bênção desintegrasse as noites do mundo. A locomotiva, agora, é máquina vulgar, mas no princípio dela temos a dedicação de Stephenson. Na Terra, surgira Newton, invariável, à frente de todos os conhecimentos alusivos à gravitação universal e o nome de Marconi jamais será apagado na base das comunicações sem fio. Cada flor irradia perfume característico. Cada estrela possui brilho próprio. Cada um de nós é portador de determinada missão. O Espiritismo, confirmando o Evangelho, vem amparar os homens e convidar o homem a aprimorar-se e engrandecer-se, consoante a sabedoria da Lei que determina: “a cada um, segundo as suas obras.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 33)

“Aniceto, sempre amável, sorriu docemente e respondeu: – Todo este mundo que vemos é continuação de nossa Terra. Os olhos humanos veem apenas algumas expressões do vale em que se exercitam para a verdadeira visão espiritual, como nós outros que, observando agora alguma coisa, não estamos igualmente vendo tudo. Este, André, é um domínio diferente. A percepção humana não consegue apreender senão determinado número de vibrações. Comparando as restritas possibilidades humanas com as grandezas do Universo Infinito, os sentidos físicos são muitíssimos limitados. O homem recebe reduzido noticiário do mundo que lhe é moradia. É verdade que tem devassado com a sua ciência problemas profundos. A astronomia terrena conhece que o Sol, por medidas aproximadas, é 1.300.000 vezes maior que a Terra e que a estrela Capela é 5.800 vezes maior que o nosso Sol; sabe que Arcturo equivale a milhares de sóis, iguais ao que nos ilumina; está informada de que Canópus corresponde a 8.760 sóis idênticos ao nosso, reunidos; mediu as distâncias entre o nosso planeta e a Lua; acompanha certos fenômenos em Marte, Saturno, Vênus e Júpiter; sonda os milhões de sóis aglomerados na Via-Láctea;

conhece as estrelas variáveis, as nebulosas espirais e difusas. E não param as observações humanas na grandeza ilimitada do Macrocosmo. A Ciência vai, igualmente, aos círculos atômicos analisa a materialização da energia, o movimento dos elétrons, estuda o bombardeio de átomos e esquadrinha corpúsculos diversos. Mas todo esse trabalho, com a colaboração das lunetas de alta potência e dos geradores de milhões de volts, ainda é serviço que apenas identifica os aspectos exteriores da vida. Há, porém, André, outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. O olho humano sofre variadas limitações e todas as lentes físicas reunidas não conseguiriam surpreender o campo da alma, que exige o desenvolvimento das faculdades espirituais para tornar-se perceptível. A eletricidade e o magnetismo são duas correntes poderosas que começam a descortinar aos nossos irmãos encarnados alguma coisa dos infinitos potenciais do invisível, mas ainda é cedo para cogitarmos de êxito completo. Somente ao homem de sentidos espirituais desenvolvidos é possível revelar alguns pormenores das paisagens sob nossos olhos. A maioria das criaturas ligadas à Crosta não entende estas verdades, senão após perderem os laços físicos mais grosseiros. É da lei, que não devemos ver senão o que possamos observar com proveito.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 15)

“**Ante os tempos novos.** Enquanto a história relaciona a intervenção de fadas, referindo-se aos gênios tutelares, aos palácios ocultos e às maravilhas da floresta desconhecida, as crianças escutam atentas, estampando alegria e interesse no semblante feliz. Todavia, quando o narrador modifica a palavra, fixando-a nas realidades educativas, retrai-se à mente infantil, contrafeita, cansada... Não compreende a promessa da vida futura, com os seus trabalhos e responsabilidades. Os corações, ainda tenros, amam o sonho, aguardam heroísmo fácil, estimam o menor esforço, não entendem, de pronto, o labor divino da perfeição eterna e, por isso, afastam-se do ensinamento real, admirados, espantadiços. A vida, porém, espera-os com as suas leis imutáveis e revela-lhes a verdade, gradativamente, sem ruídos espetaculares, com serenidade de mãe. As páginas de André Luiz recordam essa imagem. Enquanto os Espíritos Sábios e Benevolentes trazem a visão celeste, alargando o campo das esperanças humanas, todos os companheiros encarnados nos ouvem, extáticos, venturosos. É a consolação sublime, o conforto desejado. Congregam-se os corações para receber as mensagens do céu. Mas, se os emissários do plano superior revelam alguns ângulos da vida espiritual, falando-lhes do trabalho, do esforço próprio, da responsabilidade pessoal, da luta edificante, do estudo necessário, do auto aperfeiçoamento, não ocultam a desagradável impressão. Contrariamente às suposições da primeira

hora, não enxergam o céu das facilidades, nem a região dos favores, não divisam acontecimentos milagrosos nem observam a beatitude repousante. Ao invés do paraíso próximo, sente-se nas vizinhanças de uma oficina incansável, onde o trabalhador não se elevará pela mão beijada do protecionismo e sim à custa de si mesmo, para que deva à própria consciência a vitória ou a derrota. Percebem a lei imperecível que estabelece o controle da vida, em nome do Eterno, sem falsos julgamentos. Compreendem que as praias de beleza divina e os palácios encantados da paz aguardam o Espírito noutros continentes vibratórios do Universo, reconhecendo, no entanto, que lhes compete suar e lutar, esforçar-se e aprimorar-se por alcançá-los, bracejando no imenso mar das experiências. A maioria espanta-se e tenta o recuo. Pretende um céu fácil, depois da morte do corpo, que seja conquistado por meras afirmativas doutrinárias. Ninguém, contudo, perturbará a lei divina; a verdade vencerá sempre e a vida eterna continuará ensinando, devagarzinho, com paciência maternal. Ao Espiritismo cristão cabe, atualmente, no mundo, grandiosa e sublime tarefa. Não basta definir-lhe as características veneráveis de Consolador da Humanidade, são precisos também lhe revelar a feição de movimento libertador de consciências e corações. A morte física não é o fim. É pura mudança de capítulo no livro da evolução e do aperfeiçoamento. Ao seu influxo, ninguém deve esperar soluções finais e definitivas, quando sabemos que cem anos de atividade no mundo representa uma fração relativamente curta de tempo para qualquer edificação na vida eterna. Infinito campo de serviço aguarda a dedicação dos trabalhadores da verdade e do bem. Problemas gigantescos desafiam os Espíritos valorosos, encarnados na época presente, com a gloriosa missão de preparar a nova era, contribuindo na restauração da fé viva e na extensão do entendimento humano. Urge socorrer a Religião, sepultada nos arquivos teológicos dos templos de pedra, e amparar a Ciência, transformada em gênio satânico da destruição. A espiritualidade vitoriosa percorre o mundo, regenerando-lhe as fontes morais, despertando a criatura no quadro realista de suas aquisições. Há chamamentos novos para o homem descrente, do século 20, indicando-lhe horizontes mais vastos, a demonstrar-lhe que o Espírito vive acima das civilizações que a guerra transforma ou consome na sua voracidade de dragão multimilenário. Ante os tempos novos e considerando o esforço grandioso da renovação, requisita-se o concurso de todos os servidores fiéis da verdade e do bem para que, antes de tudo, vivam a nova fé, melhorando-se e elevando-se cada um, a caminho do mundo melhor, a fim de que a edificação do Cristo prevaleça sobre as meras palavras das ideologias brilhantes. Na consecução da tarefa superior, congregam-se encarnados e desencarnados de

boa vontade, construindo a ponte de luz, através da qual a Humanidade transporá o abismo da ignorância e da morte. É por este motivo, leitor amigo, que André Luiz vem, uma vez mais, ao teu encontro, para dizer-te algo do serviço divino dos “Missionários da Luz”, esclarecendo, ainda, que o homem é um Espírito Eterno habitando temporariamente o templo vivo da carne terrestre, que o perispírito não é um corpo de vaga neblina e sim organização viva a que se amoldam às células materiais; que a alma, em qualquer parte, recebe segundo as suas criações individuais; que os laços do amor e do ódio nos acompanham em qualquer círculo da vida; que outras atividades são desempenhadas pela consciência encarnada, além da luta vulgar de cada dia; que a reencarnação é orientada por sublimes ascendentes espirituais e que, além do sepulcro, a alma continua lutando e aprendendo, aperfeiçoando-se e servindo aos desígnios do Senhor, crescendo sempre para a glória imortal a que o Pai nos destinou. Se a leitura te assombra, se as afirmativas do Mensageiro te parecem revolucionárias, recorre à oração e agradece ao Senhor o aprendizado, pedindo-lhe te esclareça e ilumine, para que a ilusão não te retenha em suas malhas. Lembra-te de que a revelação da verdade é progressiva e, rogando o socorro divino para o teu coração, atende aos sagrados deveres que a Terra te designou para cada dia, consciente de que a morte do corpo não te conduzirá à estagnação e sim a novos campos de aperfeiçoamento e trabalho, de renovação e luta bendita, onde viverás muito mais, e mais intensamente. EMMANUEL. Pedro Leopoldo, 13 de maio de 1945.” (AL, *Missionários da luz*, Ante os tempos novos)

“– Permanecemos, porém, noutros domínios vibratórios e não podemos ter grandes surpresas. As leis da matéria densa, nossas velhas conhecidas da Crosta Planetária, não são as que presidem aos fenômenos da matéria quintessenciada que nos serve de base às manifestações também transitórias. O homem encarnado somente agora começa a perceber certos problemas inerentes à energia atômica do plano grosseiro em que situa, temporariamente, a personalidade. Como você não ignora, as descargas elétricas do átomo etérico, em nossa esfera de ação, ensejam realizações quase inconcebíveis à mente humana. Nos círculos carnaís, para atendermos aos nossos enigmas evolutivos ou redentores, somos fracos prisioneiros do campo sensorial, prisioneiros que se comunicam com a vida infinita pelas estreitas janelas dos cinco sentidos. Não obstante o progresso da investigação científica entre as criaturas terrenas, o homem comum apenas conhece, por enquanto, uma oitava parte do plano onde passa a existência. A vidência e a audição, as duas portas que lhe podem dilatar a pesquisa intelectual, permanecem excessivamente limitadas. Vejamos, por exemplo, a luz solar, que condensa as cores básicas, suscetíveis de

serem assinaladas pelo nosso olho, quando na Terra. Percebemos, tão somente, as cores que vão do vermelho ao violeta, salientando-se que a maioria das pessoas nada enxerga além das últimas cinco, que são o azul, o verde, o amarelo, o laranja e o vermelho, não registrando o índigo e o violeta. Existem, porém, outras cores no espectro, correspondentes a vibrações para as quais o olho humano não possui capacidade de sintonia. Manifestam-se raios infravermelhos e ultravioletas que o pesquisador humano consegue identificar imperfeitamente, mas que não pode ver. Ocorre o mesmo com a potência auditiva. O ouvido da mente encarnada assinala apenas os sons que se enquadram na tabela de “16 vibrações sonoras a 40.000 por segundo”. As ondas mais lentas ou mais rápidas escapam-lhe totalmente. Há que obedecer às leis da gravitação e da estrutura das formas, na zona de matéria densa, para que a vida atinja seus divinos objetivos espirituais.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 10)

“Aí estão, todavia, claras e puras as lições do Cristianismo, ora revividas na Doutrina Espírita, clamando quanto às responsabilidades de cada um em relação a si mesmo e ao próximo; vibram os pensamentos de Jesus, arrancados do silêncio dos séculos, convidando ao amor, à santificação da vida; sublimes vozes da Imortalidade proclamam a Era da Luz combatente contra a treva; venerandos desencarnados retornam e revivem os conceitos imortalistas da verdade, cantando a excelência dos Mandamentos; ilações excelentes quanto às causas e aos efeitos dos sofrimentos e das ações são apresentadas por antigas celebrações que dignificariam a existência entre os homens; *mortos* queridos ressuscitam do sepulcro vazio para consolar e animarem, levantando o moral e estimulando ao dever; guias e condutores da Humanidade reassumem a direção do pensamento da Terra, pregando esperanças, dirimindo dúvidas, plasmando diretrizes de paz; obreiros da compaixão retornam e tomam das mãos dos homens, com mãos intangíveis, para os conduzirem a retas atitudes, e uma sinfonia de bênçãos em forma de melodia de justiça, amor e caridade, envolve a Humanidade como se os anjos da noite santa do Natal voltassem a repetir: «Glória a Deus nas alturas e paz na Terra entre os homens de boa vontade!» [...] O triunfo do Consolador prometido por Jesus, ora entre nós, ainda não atingiu o clímax. Ele, porém, repetindo as «vozes dos Céus», prosseguirá no desiderato da verdade, semeando bênçãos, embora as pequenas colheitas de amor, e ficará até o «fim dos tempos». A missão do Espiritismo é a mesma do Cristianismo das primeiras e refulgentes horas do caminho e das arenas: levantar o homem do abismo do «eu» e alçá-lo às culminâncias da fraternidade, após galgado o monte da sublimação evangélica redentora. Transitório o período das trevas, prepara ele as consciências para o despertamento da

verdade. Saturado das vibrações ultrajantes, o espírito humano buscará, invadido por incomparável sede de renovação, as fontes inefáveis do bem, mergulhando demoradamente nas suas águas refrescantes...” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 8)

“Esse, sem dúvida, é o ministério do Espiritismo: trazer de volta Jesus-Cristo aos corações sofridos da Terra; repetir as experiências memoráveis de quando Ele esteve entre nós; consolar os infelizes do Além-Túmulo, libertando-os da suprema ignorância das realidades espirituais; desatar os laços constritores que ligam desencarnados em perturbação a encarnados que se perturbam; cuidar dos obsessos e iluminar a consciência de obsidiados e obsessores; semear o amor em todas as modalidades, através das mãos da caridade, em todas as dimensões.... Por ser o Espiritismo o CONSOLADOR prometido por Jesus.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 14)

“Muito maior do que se pode supor é o número dos obsidiados na Terra. Estão em soledade, em grupos e em coletividades inteiras... Estes são dias graves para o destino do homem e da Humanidade. Ao Espiritismo compete gigantesca missão: restaurar o Evangelho de Jesus para as criaturas, clarificar o pensamento filosófico da Humanidade e ajudar a ciência, concitando-a ao estudo das causas nos recessos do espírito, antes que nos seus efeitos. Consolador, cumpre-lhe não somente enxugar as lágrimas e os suores, mas erradicar em definitivo os fulcros do sofrimento onde se encontrem. Não é de origem divina a dor, portanto, possui caráter transitório com função específica e de fácil superação, desde que o homem se obstine atingir as finalidades legítimas da existência. No trato, portanto, com obsidiados e ante as obsessões, armemo-nos com os recursos do amor, a fim de que consigamos o êxito de ver os grilhões partidos e os espíritos livres para os cometimentos da felicidade.” (MPM, *Grilhões Partidos*, Grilhões Partidos - 1º)

[...] A falta de visão a respeito da vida, como um todo harmonioso, responde por muitas insânias a que se entregam os homens. Quando se compreenda que o corpo é efeito e não causa da vida, no qual se estabelecem as bases da elevação; quando se conscientizem os seres de que o berço é porta que se descerra para o corpo quanto o túmulo é a que se fecha, sem que ninguém entre ou saia da vida; quando se estabeleçam metas que transponham os limites de uma breve existência corporal, será diversa a atitude a assumir-se ante as ocorrências e circunstâncias do dia-a-dia. “Somente a visão reencarnacionista responde pela forma de uma perfeita integração do Espírito no processo da ascensão.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 2)

– Como o Irmão Miranda não ignora - retrucou, serena - todos nós somos o resultado das experiências adquiridas pela vivência no campo da evolução.

Há uma larga estrada que ficou para trás, percorrida a penates de dor e sombra, no entanto, desdobra-se à frente um imenso trecho virgem a percorrer. Ninguém logra avançar com êxito, se não rompe as cadeias com a retaguarda, na qual estão as marcas do nosso trânsito... Esquecidos de viver desde ontem as leis de amor estabelecidas pelos Códigos da Vida, fizemo-nos verdugos do próximo, na caça ao prazer exorbitante e ao poder alucinado, oferecendo culto ao personalismo e às viciações em que estagiamos largamente, sem intentarmos vencer os instintos mais primários. Para conseguir o que nos aprazia, conforme muitos ainda o fazem, não trepidávamos em ferir, chocar, destruir, infelicitar. Renovando a paisagem mental, porém com as almas mutiladas pelos delitos praticados, mudamos a forma de pensar, mas não a de agir. A arrogância e a presunção, geradoras da prepotência, não se subordinam à lídima humildade nem ao serviço fraternal desinteressado. Os que se reencarnam, olvidam aqueles que lhes padeceram a impiedade e arrojam-se em novas aventuras constrangedoras, mais se comprometendo e atirando débitos para a frente, que os surpreenderão no futuro, mesmo quando pareçam esquecidos... Considerando que a Revelação Espírita vem hoje conscientizando os homens sobre a sua realidade espiritual, as leis cármicas que regem a vida, os deveres morais que devem ser levados em conta, a vivência evangélica como pauta de comportamento, ainda assim defrontamos criaturas distraídas que esperam receber sem dar, merecer sem qualquer esforço para conquistar valores íntimos. Contam com o perdão para as faltas, mas não as desculpam no próximo; esperam carinho, que não gostam de retribuir; admiram o trabalho, todavia somente em palavras, desde que não se dedicam a ele; teorizam sobre muita coisa, não indo além do verbalismo... Como é compreensível, iludem-se, mas não convencem a ninguém.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 6)

“O estudo sistematizado do Espiritismo é hoje, como foi no passado e será no futuro, uma necessidade que não deve ser postergada sob qual for o motivo que, aparentemente, se apresente como justificado. Ciência experimental e de observação, utiliza-se o Espiritismo de metodologia especial para penetrar no mecanismo dos fenômenos mediúnicos e da reencarnação, “fenômenos naturais e universais”, desse modo equacionando um sem número de questões que aturdem e envolvem incontáveis criaturas. Filosofia otimista, que resulta do estudo do “fato em si”, estrutura-se em postulados nobres, ensejando larga cópia de conhecimentos, que podem ser aplicados no comportamento do homem, alterando para melhor a sua existência, ao mesmo tempo em que o prepara para os cometimentos futuros, todos de sabor

eterno. Fundamentado, moralmente, na ética sublime do Cristo, é a religião do amor e da caridade, que se converte em superior conduta pessoal, reaproximando a criatura do Seu Criador, nesse inexorável fatalismo para o qual ruma, que é a felicidade. Simples, nas suas colocações e esclarecimentos, exige meditação e análise, a fim de que o aprendiz adquira segurança de fé e lógica decorrente da razão, de modo a compreender as problemáticas da vida, desafiadoras, complexas, vencendo-as com equilíbrio, discernimento e paz. Viajor de mil etapas, nas quais adquire sabedoria e amor, o Espírito necessita de armar-se de experiências iluminativas, graças à reencarnação, para, quando delinquir, retornar expiando e reparando, e, quando lograr vitória, avançar adquirindo mais amplos valores que se lhe tornam fonte de inextinguíveis alegrias e satisfações íntimas. Identificando as elevadas finalidades da vida, o Espiritismo conscientiza-o da necessidade do esforço pessoal constante, assim superando as más inclinações que lhe remanescem no eu interior, emulando em trabalhar as aspirações nobres que devem ser transformadas em realidades. O Espiritismo preenche todas as lacunas do conhecimento, apresentando oportunas propostas de renovação e de esclarecimento libertador. Sempre remontando às “causas”, oferece a meridiana luz que aclara os enigmas do pensamento e preenche os espaços deixados pelas ciências, que “estudam os efeitos”, tudo num processo natural de penetração nas realidades da vida. Eis o porquê deste pequeno livro despretensioso. É ele modesta contribuição para o estudo de várias questões palpitantes do cotidiano. [...] Sempre atual, a Doutrina Espírita “jamais será ultrapassada”, porquanto, sendo um filão aurífero inesgotável, cada vez oferece mais amplos recursos de libertação e felicidade. “Se o Espiritismo - elucida Allan Kardec -, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará geralmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária. Tais, porém, não são os desígnios de Deus. (...) A bandeira que desfraldamos bem alto é a do Espiritismo cristão e humanitário, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do Globo, congregados tantos homens, por compreenderem que aí

é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade.” (O “Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, Questão 350) Esperando que as nossas considerações espíritas facultem lições ou sugestões felizes, rogamos ao Mestre por excelência que nos abençoe, guarde e inspire sempre no desiderato da nossa evolução. MANOEL P. DE MIRANDA (Salvador, 26 de março de 1986)” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Considerações espíritas)

“Não se surpreenda, a irmã, com esta informação. Jesus não disse tudo no seu tempo, já que não havia entendimento para as suas palavras. Muitas verdades Ele velou com alegorias e símbolos, e outras deixou para que fossem ditas no momento próprio, pelo Espírito Consolador, que prometeu enviar e que já chegou, estando a libertar as consciências da ignorância e do erro...” - E quem é esse Espírito Consolador? - indagou, interessada, a mãe de Carlos. - E o Espiritismo, que se encontra na Terra para moralizar os homens, através do esclarecimento da verdade que liberta e salva. Quando se entender a missão verdadeira do Espiritismo, mudar-se-ão as paisagens morais, sociais e evolutivas do Planeta, graças à transformação dos seus habitantes para melhor.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 4)

“A Revelação Espírita é alta concessão que chega ao homem moderno, auxiliando-o a apressar a marcha. Ainda não compreendida na sua grandeza intrínseca, é a mais alta expressão da verdade ao homem dirigida. Não obstante, são muitas as concessões de Deus, que constituem as diversas Religiões, Doutrinas de filosofia ético-moral, seitas e crenças, como não poderia deixar de ser. Uma coisa não invalida a outra. Quem alcança o planalto, de forma alguma pode desconsiderar a planície e o vale onde esteve e de onde saiu. Se é um homem sábio, envidará esforços para auxiliar os que por lá ainda transitam. Se, porém, a presunção o ensoberbece, não conseguiu outros valores éticos senão os que lhe granjearam a posição externa, a do corpo físico, sem a correspondente altura espiritual para entender o profundo significado da conquista realizada. “Da mesma forma, não nos cabe subestimar o esforço nobre dos militantes nas diferentes escolas e igrejas do Espiritualismo, especialmente, naquelas em que o mediunismo realiza logros muito positivos com a comunicabilidade do Espírito, os esclarecimentos sobre a reencarnação e a justiça de Deus apresentada mediante as “Leis de Causa e Efeito”. É do nosso dever alfabetizar o ignorante, esclarecê-lo e auxiliá-lo no seu desenvolvimento intelecto-moral. Todavia, indo a ele, não é pedagógico nem proveitoso falar-lhe de coisas extraordinárias, embora verdadeiras, de forma que as não entenda, gerando antipatia e

animosidade. Jesus veio ter com os homens e utilizou-se da linguagem deles, das expressões que lhes eram familiares e dos temas que os interessavam, apresentando “o reino de Deus” com tal psicologia de amor, que passou a suplantar as outras cogitações, vindo a tornar-se a questão mais palpitante, quando puderam entender a sua magnitude e permanência. “Nossos apontamentos causarão surpresa e até desgosto, senão acirrado combate e acusações descabidas, por parte de companheiros muito ortodoxos e que se consideram defensores da verdade, achando que sem eles e sua ação a verdade correria sérios perigos, não se dando conta de que tal atitude empresta aos que a defendem uma fragilidade e inconsistência muito graves. Queira-se ou não, os fatos são imbatíveis, e eles aí sucedem chamando a atenção e criando raízes. Ignorá-los, por presunção, não os anula. Faz-se necessário conhecê-los, penetrando na sua gênese e retirando deles o melhor, como preceituava o Apóstolo: “Examinai tudo e retende o que é bom.” “Nesta faixa da evolução, na qual transitam bilhões de Espíritos, todo o empenho deve ser dirigido no sentido de auxiliá-los, entendendo-lhes a situação e ajudando-os a crescer, conforme, por sua vez, fazem conosco os Mentores da Humanidade.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 10)

“A verdade é universal e não é patrimônio que saibamos, de ninguém. Allan Kardec foi o missionário escolhido para trazer “O Consolador”, unir a Ciência à Religião, colocar a ponte entre a Razão e a Fé, legando à Humanidade essa Obra ímpar, que é o Espiritismo. Ora, da mesma forma que os homens - Espíritos encarnados - o estudam, na Terra, **nós outros - Espíritos desencarnados - compulsamos os seus livros para aprender**, como você também o faz, e aprofundar observações e estudos maiores, em razão de nos encontrarmos no mundo das causas, vivenciando experiências mais especiais. “A Benfeitora assim procedeu porque conhece essa Fonte inexaurível, que é o Espiritismo, e encaminha, quantos lhes podem assimilar e viver o conteúdo, a Instituições Espíritas fiéis à Codificação, aplicando a caridade maior, que é a de **iluminar as consciências humanas**, a fim de não mais se comprometerem. “Aqui são realizados trabalhos muito úteis, numa primeira fase dos problemas humanos e espirituais. Todavia, para uma **aprendizagem libertadora** e geratriz do cabedal de luz, o **conhecimento espírita constitui o repositório de sabedoria que ampara o indivíduo** e o impulsiona montanha acima, no rumo dos acumes.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 17)

III.2. Aperfeiçoamento ético-moral da humanidade e evolução do planeta¹

“**MUNDOS INFERIORES E MUNDOS SUPERIORES. 8.** A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores nada tem de absoluta; é, antes, muito relativa. Tal mundo é inferior ou superior com referência aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva. Tomada a Terra por termo de comparação, pode-se fazer ideia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda entre nós se encontram, restos do estado primitivo do nosso orbe. Nos mais atrasados, são de certo modo rudimentares os seres que os habitam. Revestem a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não têm a abrandá-los qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem as noções do justo e do injusto. A força bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos. Deus, entretanto, a nenhuma de suas criaturas abandona; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente, a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida, de um Ente supremo. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros e para lhes preparar a ascensão a uma vida mais completa, porquanto eles não são seres degradados, mas crianças que estão a crescer. Entre os degraus inferiores e os mais elevados, inúmeros outros há, e difícil é reconhecer-se nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, os que foram esses seres primitivos, do mesmo modo que no homem adulto se custa a reconhecer o embrião. **9.** Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimas diversas das da vida na Terra. Como por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e não está, conseqüentemente, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações que a predominância da matéria provoca. Mais apurados, os sentidos são aptos a percepções a que neste mundo a grosseria da matéria obsta. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos. Os homens conservam, a seu grado, os traços de suas passadas migrações e se

1 Vide Capítulo II (“A evolução material de um mundo acompanha a evolução espiritual de seus habitantes”), Primeira Parte (“Evolução Material e Evolução Espiritual”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de três de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

mostram a seus amigos tais quais estes os conheceram, porém, irradiando uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, então sempre elevadas. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida cintilam com o fulgor que os pintores hão figurado no nimbo ou auréola dos santos. A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir. Durante a vida, a alma, já não tendo a restringi-la a matéria compacta, expande-se e goza de uma lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação e lhe consente a livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos venturosos, as relações, sempre amistosas entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho, nem pela guerra que daí decorre. Não há senhores, nem escravos, nem privilegiados pelo nascimento; só a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a supremacia. A autoridade merece o respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. *O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se.* Seu objetivo é galgar a categoria dos Espíritos puros, não lhe constituindo um tormento esse desejo, porém, uma ambição nobre, que o induz a estudar com ardor para os igualar. Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; desconhecem-se os ódios, os mesquinhos ciúmes, as baixas cobiças da inveja; um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens, ajudando os mais fortes aos mais fracos. Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre, por lhe faltar o necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação. Numa palavra: o mal, nesses mundos, não existe.

11. No vosso, precisais do mal para sentirdes o bem; da noite, para admirardes a luz; da doença, para apreciardes a saúde. Naqueles outros não há necessidade desses contrastes. A eterna luz, a eterna beleza e a eterna serenidade da alma proporcionam uma alegria eterna, livre de ser perturbada pelas angústias da vida material, ou pelo contato dos maus, que lá não têm acesso. Isso o que o espírito humano maior dificuldade encontra para compreender. Ele foi bastante engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde imaginar as

alegrias do céu. Por quê? Porque, sendo inferior, só há experimentado dores e misérias, jamais entreviu as claridades celestes; não pode, pois, falar do que não conhece. À medida, porém, que se eleva e depura, o horizonte se lhe dilata e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que lhe está atrás.

12. Entretanto, os mundos felizes não são orbes privilegiados, visto que Deus não é parcial para qualquer de seus filhos; a todos dá os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem a tais mundos. Fá-los partir todos do mesmo ponto e a nenhum dota melhor do que aos outros; a todos são acessíveis as mais altas categorias: apenas lhes cumpre a eles conquistá-las pelo seu trabalho, alcançá-las mais depressa, ou permanecer inativos por séculos de séculos no lodaçal da Humanidade. (*Resumo do ensino de todos os Espíritos superiores*)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS. 13. Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibais, pois basta observeis o em que habitais? A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso.

14. Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais hão podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos. Os Espíritos em expiação, se nós podemos exprimir dessa forma, são exóticos, na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais

inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado. **15.** A Terra, conseguintemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito. - *Santo Agostinho*. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“**MUNDOS REGENERADORES. 16.** Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas, também os há mais miseráveis e melhores, como os há de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! Há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada. **17.** Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis. Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos

são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanções do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam. **18.** Mas, ah! Nesses mundos, ainda falível é o homem e o Espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam. Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra. - *Santo Agostinho*. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“**SINAIS DOS TEMPOS. [...] 10.** Do que precede resulta que, em consequência do movimento de translação que executam no espaço, os corpos celestes exercem, uns sobre os outros, maior ou menor influência, conforme a proximidade em que se achem entre si e as suas respectivas posições; que essa influência pode acarretar uma perturbação momentânea aos seus elementos constitutivos e modificar as condições de vitalidade dos seus habitantes; que a regularidade dos movimentos determina a volta periódica das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que, se demasiado curta é a duração de certos períodos para que os homens os apreciem, outros veem passar gerações e raças que deles não se apercebem e às quais se afigura normal o estado de coisas que observam. Ao contrário, as gerações contemporâneas da transição lhe sofrem o contrachoque e tudo lhes parece fora das leis ordinárias. Essas gerações veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa no que, em realidade, mais não é do que a execução das leis da Natureza. Se, pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovação moral da Humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo, podem os referidos períodos ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais, insólitos para os que com eles não se acham familiarizados, de meteoros que parecem estranhos, de recrudescência e intensificação desusadas dos flagelos destruidores, que não

são nem causa, nem presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral. Anunciando a época de renovação que se havia de abrir para a Humanidade e determinar o fim do velho mundo, a Jesus, pois, foi lícito dizer que ela se assinalaria por fenômenos extraordinários, tremores de terra, flagelos diversos, sinais no céu, que mais não são do que meteoros, sem ab-rogação das leis naturais. O vulgo, porém, ignorante, viu nessas palavras a predição de fatos miraculosos. **11.** A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada apresenta de surpreendente, quando feita por seres desmaterializados, que veem o fim a que tendem todas as coisas, tendo alguns deles conhecimento direto do pensamento de Deus. Pelos movimentos parciais, esses seres veem em que época poderá operar-se um movimento geral, do mesmo modo que o homem pode calcular de antemão o tempo que uma árvore levará para dar frutos, do mesmo modo que os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico, pelo tempo que um astro gasta para efetuar a sua revolução. **12.** A Humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais por que passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhe-se a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia especial. **13.** De duas maneiras se opera, como já o dissemos, a marcha progressiva da Humanidade: uma, gradual, lenta, imperceptível, ao se considerarem as épocas consecutivas, a traduzir-se por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, melhoras que só com a continuação se podem perceber, como as mudanças que as correntes d'água ocasionam na superfície do globo; a outra, por movimentos relativamente bruscos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, transpõe nalguns anos o espaço que levaria séculos a percorrer. É, então, um cataclismo moral que traga em breves instantes as instituições do passado e ao qual sobrevém uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se estabiliza, à medida que se restabelece a calma, e que acaba por se tornar definitiva. Àquele que viva bastante para abranger com a vista as duas vertentes da nova fase, parecerá que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo. O caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado. É que, com efeito, surgiram homens novos, ou, melhor, regenerados. As ideias, que a geração que se extinguiu levou consigo, cederam lugar a ideias novas que desabrocham com a geração que se ergue. **14.** Tornada adulta, a Humanidade tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas;

compreende o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade; já não encontra no estado das coisas as satisfações legítimas a que se sente com direito. Despoja-se, em consequência, das faixas infantis e se lança, impelida por irresistível força, para as margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados. É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de *crescimento moral*, que ora chega a Humanidade. Da adolescência chega ao estado viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões, nem fantasmagorias; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciosos. É demasiado efêmero o presente; ela sente que mais amplo é o seu destino e que a vida corpórea é excessivamente restrita para encerrá-lo inteiramente. Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir num ou noutro o mistério da sua existência e de adquirir uma consoladora certeza. E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transbordante se encontra de vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio, que homens que se dizem filósofos pretendem encher o vazio com as doutrinas do nadismo e do materialismo! Singular aberração! Esses mesmos homens, que intentam impelir para frente a Humanidade, se esforçam por circunscrevê-la no acanhado círculo da matéria, donde ela anseia por escapar-se. Velam-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: *Nec plus ultra!* [...] **18.** O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Humanidade; impotente, porém, ele é para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo o dominarem, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão porque os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de destruí-los. **19.** Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caíam os preconceitos de casta e se caíem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros. Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência,

aceitáveis por todos. A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns os dissidentes vistos pelos outros como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados. **20.** Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que não se podia realizar senão fora do círculo das ideias acanhadas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a Humanidade por esse caminho; mas, ainda muito jovem, ela se conservou surda e os ensinamentos que eles ministraram foram como a boa semente caída no pedregulho. Hoje, a Humanidade está madura para lançar o olhar a alturas que nunca tentou divisar, a fim de nutrir-se de ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia. A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana. **21.** Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais para as justas pacíficas da inteligência. Falta, porém, a essas reformas uma base que permita se desenvolvam, completem e consolidem; falta uma predisposição moral mais generalizada, para fazer que elas frutifiquem e que as massas as acolham. Ainda aí há um sinal característico da época, porque há o prelúdio do que se efetuará em mais larga escala, à proporção que o terreno se for tornando mais favorável. **22.** Outro sinal não menos característico do período em que entramos encontra-se na reação que se opera no sentido das ideias espiritualistas; na repulsa instintiva que se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade, que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a substância mesma de toda crença, parece ter sido um sono, a cujo despertar se sente a necessidade de respirar um ar mais

vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se fizesse, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio. **23.** Se supusermos possuída desses sentimentos a maioria dos homens, poderemos facilmente imaginar as modificações que daí decorrerá para as relações sociais; todos terão por divisa: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para todas as crenças. É a meta para que tende evidentemente a Humanidade; esse o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que, entretanto, ela perceba claramente por que meio as há de realizar. Ensaia, tateia, mas é detida por muitas resistências ativas, ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. Faz-se-lhe mister vencer tais resistências e essa será a obra da nova geração. Quem acompanhar o curso atual das coisas reconhecerá que tudo parece predestinado a lhe abrir caminho. Ela terá por si a dupla força do número e das ideias e, de acréscimo, a experiência do passado. **24.** A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que houver chegado. Avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, o Espiritismo se encontrará com ela no mesmo terreno. Aos homens progressistas se deparará nas ideias espíritas poderosa alavanca e o Espiritismo achará, nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Dado esse estado de coisas, que poderão fazer os que entendam de opor-se-lhe? **25.** O Espiritismo não cria a renovação social; a madureza da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto, do que qualquer outra doutrina, a secundar o movimento de regeneração; por isso, é ele contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser de utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados. Se viera mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis; houvera inevitavelmente sucumbido, porque, satisfeitos com o que tinham, os homens ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as ideias que fermentam, encontra preparado o terreno para recebê-lo. Os espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se lhes abre à frente, o acolhem como âncora de salvação e consolação suprema. **26.** Grande, por certo, é ainda o número dos retardatários; mas, que podem eles contra a onda que se alteia, senão atirar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, ao passo que eles se somem com a geração que vai desaparecendo todos os dias a passos largos. Até lá, porém, eles defenderão palmo a palmo o terreno. Haverá, portanto, uma luta inevitável, mas luta desigual,

porque é a do passado decrépito, a cair em frangalhos, contra o futuro juvenil. Será a luta da estagnação contra o progresso, da criatura contra a vontade do Criador, uma vez que chegados são os tempos por ele determinados.” (AK, *A gênese*, Capítulo XVIII)

“**REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE.** Precipitam-se com rapidez os acontecimentos, pelo que já não vos dizemos, como outrora: “Aproximam-se os tempos.” Agora, dizemos: “Os tempos são chegados.” Não suponhais que as nossas palavras se referem a um novo dilúvio, nem a um cataclismo, nem a um revolvimento geral. Revoluções parciais do globo se hão produzido em todas as épocas e ainda se produzem, porque decorrem da sua constituição, mas não representam os sinais dos tempos. Entretanto, tudo o que está predito no Evangelho tem de cumprir-se e neste momento se cumpre, conforme o reconheceréis mais tarde. Não tomeis, porém, os sinais anunciados senão como figuras, que precisam ser compreendidas segundo o espírito e não segundo a letra. Todas as **Escrituras** encerram grandes verdades sob o véu da alegoria e, por se terem apegado à letra é que os comentadores se transviaram. Faltou-lhes a chave para lhes compreenderem o verdadeiro sentido. Essa chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do mundo invisível que o Espiritismo vem revelar. Daqui em diante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível. Tudo segue a ordem natural das coisas e as leis imutáveis de Deus não serão subvertidas. Não vereis milagres, nem prodígios, nem fatos sobrenaturais, no sentido vulgarmente dado a essas palavras. Não olheis para o céu em busca dos sinais precursores, porquanto nenhum vereis, e os que vo-los anunciarem estarão a enganar-vos. Olhai em torno de vós, entre os homens: aí é que os descobrireis. Não sentis que um como vento sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo se acha na expectativa e como que presa de um vago pressentimento de que a tempestade se aproxima. Não acrediteis, porém, no fim do mundo material. A Terra tem progredido, desde a sua transformação; tem ainda que progredir e não que ser destruída. A Humanidade, entretanto, chegou a um dos períodos de sua transformação e o mundo terreno vai elevar-se na hierarquia dos mundos. O que se prepara não é, pois, o fim do mundo material, mas o fim do mundo moral. É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do orgulho, do egoísmo e do fanatismo que se esboroa. Cada dia leva consigo alguns destroços. Tudo dele acabará com a geração que se vai e a geração nova erguerá o novo edifício, que as gerações seguintes consolidarão e completarão. De mundo de expiação, a Terra se mudará um dia em mundo ditoso e habitá-lo será uma recompensa, em vez de ser uma punição. O reinado do bem sucederá ao reinado do mal. Para que na Terra

sejam felizes os homens, preciso se faz que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que unicamente ao bem aspirem. Como já chegou esse tempo, uma grande emigração neste momento se opera entre os que a habitam. Os que praticam o mal pelo mal, **alheios** ao sentimento do bem, dela se verão excluídos, porque lhe acarretariam novamente perturbações e confusões que constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento em mundos inferiores, aos quais levarão os conhecimentos que adquiriram, tendo por missão fazê-los adiantar-se. Substituí-los-ão na Terra Espíritos melhores que farão reinem entre si a justiça, a paz, a fraternidade. A Terra, dissemo-lo, não será transformada por um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança na ordem natural das coisas. Tudo, pois, exteriormente, se passará como de costume, com uma única diferença, embora capital: a de que uma parte dos Espíritos que nela encarnam não mais encarnarão. Em cada criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e propenso ao mal, encarnará um Espírito mais adiantado e propenso ao bem. Trata-se, portanto, muito menos de uma nova geração corporal, do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, desapontados ficarão os que contem que a transformação resulte de efeitos sobrenaturais e maravilhosos. A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermédio, assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo pelos caracteres que lhe são próprios. As duas gerações que sucedem uma à outra têm ideias e modos de ver inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, porém, sobretudo pelas disposições **intuitivas** e **inatas**, torna-se fácil distinguir à qual das duas pertence cada indivíduo. Tendo de fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão, em geral, precoces, juntas ao sentimento **inato** do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá tão só de Espíritos eminentemente superiores, mas de Espíritos que, já tendo progredido, estão predispostos a assimilar as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador. O que, ao contrário, distingue os Espíritos atrasados é, primeiramente, a revolta contra Deus, pela negação da Providência e de qualquer poder acima da Humanidade; depois, pela propensão **instintiva** para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternais do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância de apego a tudo o que é material. Desses vícios é que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que recalcitram em emendar-se, visto que são incompatíveis com o reino da

fraternidade e os homens de bem sofreriam sempre com o contato dessas criaturas. Estando a Terra livre deles, os outros caminharão desembaraçadamente para o futuro melhor, que lhes está reservado neste mundo, em recompensa de seus esforços e da sua perseverança, enquanto uma depuração ainda mais completa não lhes abre o pórtico dos mundos superiores. Com referência a essa emigração de Espíritos, ninguém pretenda que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aí hão de voltar, porque muitos cederão ao império das circunstâncias e do exemplo; neles, a casca está mais estragada do que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corporal, eles, em sua maioria, verão as coisas de maneira inteiramente diversa da que as viam quando vivos, conforme os numerosos casos que já tendes apreciado. Para isso, terão a ajudá-los os Espíritos bons, que por eles se interessam e que se esforçam por esclarecê-los e por lhes mostrar que errado era o caminho que trilhavam. Pelas vossas preces e exortações, podeis contribuir muito para que se melhorem, porque há perpétua solidariedade entre os mortos e os vivos. Aqueles, conseqüentemente, poderão voltar e se sentirão felizes, porque isso lhes será uma recompensa. Que importa o que tenham sido e feito, se animados de melhores sentimentos se encontram? Longe de se mostrarem hostis à sociedade, serão seus auxiliares úteis, porquanto pertencerão à geração nova. Não haverá, pois, exclusão definitiva, senão dos Espíritos substancialmente rebeldes, daqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornaram surdos aos apelos do bem e da razão. Esses mesmos, porém, não estarão votados a perene inferioridade. Dia virá em que repudiarão o passado e abrirão os olhos para a luz. Assim, orai por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto ainda é tempo, visto que se aproxima o dia da expiação. Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá na sua cegueira e a resistência que virá a opor mascarará, por meio de terríveis lutas, o fim do reinado dos que a constituem. Desvairados, correrão à sua própria perda; provocarão destruições que darão origem a um sem número de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem o quererem, apressarão o advento da era de renovação. E, como se não se operasse com bastante rapidez a destruição, os suicídios se multiplicarão em proporções inauditas, até entre as crianças. A loucura jamais terá atingido tão grande quantidade de homens que, antes mesmo de morrerem, estarão riscados do número dos vivos. São esses os verdadeiros sinais dos tempos e tudo isso se cumprirá pelo encadeamento das circunstâncias, como já o dissemos, sem que haja a mais ligeira derrogação das leis da Natureza. Contudo, através da escura

nuvem que vos envolve e em cujo seio ronca a tempestade, já podeis ver despontando os primeiros raios da era nova. A fraternidade lança seus fundamentos em todos os pontos do globo e os povos estendem uns aos outros as mãos; a barbárie se familiariza no contato com a civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que causaram o derramamento de ondas de sangue, se vão extinguindo; o fanatismo e a intolerância perdem terreno, ao passo que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. Por toda parte fermentam as ideias; percebe-se o mal e experimentam-se remédios para debelá-lo, mas muitos caminham sem bússola e se perdem em utopias. O mundo se acha empenhado num imenso trabalho de gestação que já dura um século; nesse trabalho, ainda confuso, nota-se, todavia, que predomina a tendência para determinado fim: o da unidade e da uniformidade, que predispõem à confraternização. Também aí tendes sinais dos tempos. Mas, enquanto que os outros são os das agonias do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que o próximo século verá despontar, pois que, então, a geração nova estará em toda a sua pujança. Tanto a fisionomia do século dezenove difere da do décimo oitavo, sob certos pontos de vista, quanto a do vigésimo diferirá da do século dezenove, sob outros pontos de vista. A fé **inata** será um dos caracteres distintivos da nova geração, não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada, que esclarece e fortifica, que os une e confunde num sentimento comum de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social. O Espiritismo é a senda que conduz à renovação, porque destrói os dois maiores obstáculos que se opõem a essa renovação: a incredulidade e o fanatismo; porque faculta uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as ideias que correspondem aos modos de ver da nova geração, pelo que, no coração dos representantes desta, ele se achará inato e em estado de intuição. Assim, pois, a era nova vê-lo-á engrandecer-se e prosperar pela força mesma das coisas. Tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições. Mas, daqui até lá, que de lutas terá ainda de sustentar contra os seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo que - coisa singular! - se dão as mãos para abatê-lo. É que os dois lhe pressentem o futuro e, em consequência, a ruína de ambos. Essa a razão por que o temem; já o veem erguendo, sobre os destroços do velho mundo egoísta, a bandeira em torno da qual se reunirão todos os povos. Na divina máxima: **Fora da caridade não há salvação**, eles leem a sua própria condenação, porquanto essa máxima é o símbolo da nova aliança

fraternal proclamada pelo Cristo. Ela se lhes apresenta como as palavras fatais do festim de Baltazar. Entretanto, deveriam bendizer essa máxima, porquanto os defende de todas as represálias da parte dos que os perseguem. Tal, porém, não se dá: uma força cega os impele a rejeitar a única coisa capaz de salvá-los. Que poderão contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, ficai certos, porquanto ele está nas leis da Natureza, não podendo, por isso mesmo, perecer. Observai a multiplicidade de meios por que a ideia se espalha e penetra em toda parte; crede que esses meios não são fortuitos, mas providenciais. O que, à primeira vista, devera ser-lhe prejudicial é exatamente o que lhe auxilia a propagação. Dentro em breve, surgirão campeões que em voz alta se proclamarão tais, entre os de maior consideração e mais acreditados, os quais, com a autoridade de seus nomes e de seus exemplos o apoiarão, impondo silêncio aos que o detratem, pois ninguém ousará tratá-los de loucos. Esses homens o estudam em silêncio e aparecerão quando for chegado o momento oportuno. Até lá, bom é que se conservem afastados. Dentro em pouco, também vereis as artes se acercarem dele, como de uma mina riquíssima, e traduzirem os pensamentos e os horizontes que ele patenteia, por meio da pintura, da música, da poesia e da literatura. Já se vos disse que haverá um dia a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã. É uma grande verdade, pois os maiores gênios se inspirarão nele. Em breve, vereis os primeiros esboços da arte espírita, que mais tarde ocupará o lugar que lhe compete. Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e devotados. Não vos assustem os obstáculos, porquanto nenhum há que possa embarçar os desígnios da Providência. Trabalhai sem descanso e agradecei a Deus o ter-vos colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos solicitastes e do qual é preciso vos mostreis dignos pela vossa coragem, pela vossa perseverança e pelo vosso devotamento. Felizes dos que sucumbirem nessa luta contra a força; a vergonha, ao contrário, esperará, no mundo dos Espíritos, os que sucumbirem por fraqueza ou pusilanimidade. As lutas, aliás, são necessárias para fortalecer a alma; o contato com o mal faz que melhor se apreciem as vantagens do bem. Sem as lutas, que estimulam as faculdades, o Espírito se entregaria a uma despreocupação funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais. Paris, 25 de abril de 1866. (*Resumo das comunicações dadas pelas Sras. M... e T... em estado sonambúlico*)” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, A minha primeira iniciação no Espiritismo)

“**OS ESPÍRITOS DA TERRA.** Está cheio o vosso mundo de Espíritos atrasados em sua evolução,

encarnados e desencarnados, em cujas mentes ainda não se fixaram nitidamente as noções do dever em todos os seus prismas. Admirai-vos, às vezes, os que vos acolheis sob a bandeira da paz da consoladora Doutrina dos Espíritos, da incompreensão que lavra no mundo e da teimosia de muitas consciências rebeldes à luz e refratárias à Verdade; a Terra está cheia de dores, oriundas dos abusos levados a efeito por elevado número dos seus habitantes que, aliás, constituem considerável maioria. Vós, porém, que estudais e vos sentis possuídos da aspiração de melhorar, procurai ponderar todas as questões que se vos apresentem, com acurada atenção, procurando resolver todos os problemas à luz de esclarecido entendimento. ESPÍRITOS DA TERRA. A Terra está povoada, em quase todas as latitudes, de seres que se desenvolveram com ela própria e que se afinam perfeitamente às suas condições fluídicas. Pequena percentagem de homens é constituída de elementos espirituais de outros orbes mais elevados que o vosso; daí a enorme diferença de avanço moral entre os seres humanos e os abnegados apóstolos da luz que, em todos os tempos, tentam clarear-lhes as estradas do progresso. É comum conhecerem-se pessoas que nutrem perfeita adoração a todos os prazeres que o mundo lhes oferece. Por minuto de voluptuosidade, pela contemplação dos seus haveres efêmeros, por uma hora de contato com as suas ilusões, jamais procurariam o conhecimento das verdades da eterna vida do espírito; procuram toda casta de gozos, evitam qualquer estudo ou meditação e se entregam, freneticamente, ao bem-estar que a carne lhes oferta. Essas criaturas, invariavelmente, são espíritos estritamente terrenos, que não saem dos âmbitos da existência mesquinha do planeta; esta afirmação, porém, não implica, de modo geral, a origem desses seres em vosso próprio orbe, mas, sim, a verdade de que muitos deles, pelas suas condições psíquicas, mereceram viver em sua superfície, como prova, expiação ou meio de progresso. Apegam-se com fervor a tudo quanto seja carnal e experimentam o pavor da morte, inseguros na sua fé e falhos de conhecimentos quanto à sua vida futura. COMO SE OPERA O PROGRESSO GERAL. O progresso espiritual dessas criaturas verifica-se com a vinda incessante, ao planeta, de almas esclarecidas, que já tiveram a ventura de conhecer outros planos mais elevados do Universo, e que deles vêm mais ricas em conhecimento e virtude, derramando lições preciosas nos ambientes em que encarnam. Quando notardes, em meio de uma coletividade, certas almas que dela se distanciam por suas elevadas qualidades morais, mais adiantadas que seus irmãos em noções dignificadoras do espírito, podeis crer que esses seres estão na Terra temporariamente, isto é, por tempo breve, resgatando desvios de pretérito longínquo ou desempenhando o elevado papel de

missionários. Trazem sempre exemplos nobilitantes, que obrigam os seus semelhantes à imitação ou realizam reformas nos domínios das atividades a que se dedicam, com o conhecimento inato de que são portadores, em razão da sua permanência em outras esferas. É assim que se observa a evolução moral e intelectual do homem terreno, que vem adaptando, através dos evos, o que tem recebido dos nobres mensageiros das mansões iluminadas do Universo, corporificados em seu meio ambiente. OS PERÍODOS DE RENOVAÇÃO. Quando se verifica um “status quo” nas correntes evolutivas, que parecem, às vezes, estagnar, grandes conjuntos de almas evolvidas combinam entre si uma vinda coletiva ao orbe terreno, e ativamente abrem novas portas à Arte, à Ciência, à Virtude e à Inteligência da Humanidade. Conheceis, em vossa História, desses períodos de ressurreição espiritual! Tendes exemplos relevantes no século de Péricles, na antiga Hélade e no movimento de renovação que se operou na Europa, com os artistas inspirados que encheram de luz os dias da Renascença. MISSÃO DO ESPIRITISMO. Em vossos dias, o Espiritismo, que representa o Consolador prometido pelo Cristo aos séculos posteriores à sua vinda ao mundo, é uma extraordinária mensagem do Céu à Terra, e faz-se necessário aquilatar-lhe o valor. Inda existem multidões de Espíritos rebeldes, porém, a consciência terrena, em suas características gerais, está agora apta a receber, depois de tantos anos de lutas, o conhecimento espiritual que lhe fará desprezar os últimos resquícios da materialidade inconsciente, aprendendo a discernir os seus erros. Espalhando a boa nova da imortalidade a doutrina de amor abrirá novos horizontes à esperança dos homens, conduzindo-os à aquisição do tesouro espiritual, reservado por Deus a todas as suas criaturas. Quando todos os homens compreenderem o sentido de suas magníficas lições, o vosso planeta terá atingido uma nova fase evolutiva e o Espiritismo terá concluído, entre vós, a sua sagrada e gloriosa missão.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXXI)

“Lutas e provações acerbadas. [...] Aproximava-se a hora que deveríamos dedicar a outras atividades e, desse modo, retornamos à Instituição Espírita, a fim de acompanharmos o atendimento fraternal sob a responsabilidade do médium Ricardo. Era dia de atividade doutrinária. A ampla sala encontrava-se repleta. No momento próprio, o médium dissertou com facilidade e beleza sobre o tema Conquista da consciência ante o conhecimento espírita. As pessoas acompanhavam o raciocínio do expositor, extasiadas umas, comovidas outras... e cochilando algumas vinculadas a Entidades que as anestesiavam para que, embora presentes, não participassem do aprendizado, não fruísem as energias salutares que mantinham a psicosfera ambiente. Transcorrida uma hora, mais ou menos, após o encerramento da reunião doutrinária, as pessoas passaram a

conversar fraternalmente, preservando o ambiente de simpatia e de bem-estar, enquanto os candidatos ao atendimento com o médium acomodavam-se em lugares adrede reservados, facultando um pouco de refazimento ao amigo expositor. Ato contínuo, começou a atividade espiritual relevante. Alguém se encarregava de convidar a adentrar-se em pequena sala cada um daqueles que haviam sido selecionados. Jovial e de bom humor, o médium recebia-os, amparado pela sua Mentora, e conversava com tranquilidade, transferindo energias saudáveis aos aflitos, que se acalmavam, esperança aos alucinados e cépticos, paz aos desesperados que saíam com outras disposições, bendizendo a Deus a oportunidade da breve convivência. [...] Aqueles corações, antes despedaçados, experimentavam agora um pulsar diferente, renovador, e, vitalizados, com palavras de profunda gratidão, saíram, sorrindo de felicidade, em retorno ao lar. O irmão Anacleto, sempre generoso, veio em meu socorro com as suas lúcidas explicações: – A mediunidade com Jesus é uma ponte de duas mãos que facultam a viagem de ida na direção do Senhor e traz a mensagem de volta em Seu nome. Por mais se deseje encarcerar o Espiritismo nas facetas científica e filosófica, dissociando-o dos seus conteúdos ético-morais-religiosos, ele sobreviverá como O Consolador que Jesus nos prometeu, conforme bem o definiu Allan Kardec sob a segura orientação dos Guias da Humanidade. Como vemos, aqui não há qualquer culto ou cerimonial, intrujice ou igrejismo, superstição ou sacerdócio que caracterizam outras religiões. Verificamos nesta e em milhares de Instituições iluminadas pela Doutrina Espírita a ausência de qualquer símbolo ou motivo de sugestão, que induzam o interessado em crer sem compreender e aceitar sem raciocinar nos seus conteúdos. A dor, que despedaça as multidões, aguarda fatos e não discussões infrutíferas, socorro imediato e consolação antes da alucinação, ao invés de aguerridos combates silogísticos críticos, enquanto se cruzam os braços distantes da ação recomendada pelo Codificador e os Espíritos nobres para a caridade nas suas múltiplas expressões, sem a qual de nada adiantam os debates intelectuais presunçosos e vazios de conteúdos moral e espiritual... Após reflexionar por breves momentos, chamou-nos a atenção, apontando as pessoas que se adentravam na sala modesta em grande desespero e saíam renovadas, qual ocorrera durante o atendimento fraterno e a exposição doutrinária. – Essa é a melhor parte – aduziu ainda gentil conforme o ensinamento do Mestre a Marta, aquela que não será tirada. [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 9)

“Decisões felizes. [...] O domingo estuava de Sol. O Astro-Rei espraiava-se dominador, dourando a Natureza em festa. Após desfazer-se o grupo, permanecemos, somente nós, Dilermando e o Benfeitor, enquanto os

demais amigos e a nobre Senhora seguiram no rumo dos compromissos que lhes diziam respeito. Depois de algum breve repouso, o irmão Anacleto convidou-nos a rumar à Igreja, onde o senhor Bispo estaria celebrando o sacrifício da Missa, para logo atender à entrevista concertada com a professora Eutímia e o seu esposo, logo após o ato litúrgico. Encontramos a catedral abarrotada de fiéis, os mais diferentes. Alguns ali se encontravam, sem qualquer vinculação com o culto religioso que estava tendo lugar. Tratava-se, para eles, de um convencionalismo sem sentido, porém, de muito agrado social, em razão dos encontros pessoais e das conveniências deles resultantes; para outros, era um motivo para exibição de roupas, adereços e joias; para alguns poucos, no entanto, era o momento de comungar com Deus, de sentir-lhe mais direto o contato, de experimentar paz e dialogar com a consciência. Chegamos no momento em que Sua Eminência lia recente homilia papal, distribuída a todas as igrejas do mundo, advertindo os fiéis quanto ao comportamento aberrante, às extravagâncias do século, aos tormentos e facilidades da luxúria. Admirei-me, constatando que providências espirituais estavam sendo tomadas nos diversos segmentos religiosos para que a avalanche do despudor e da licenciosidade que tomava conta da sociedade fosse detida, preservando-se os valores do matrimônio, da família, dos grupos sociais, dos princípios morais e cristãos, sacudidos pelo vendaval das paixões mais primitivas e perversas. Sua Eminência enfatizava cada frase, apresentando pontes evangélicas com os ensinamentos de Jesus, e advertindo os ouvintes a respeito da responsabilidade dos pais e dos educadores na formação da consciência humana desde os seus primórdios, na infância e na juventude. O que enunciava e propunha era perfeitamente compatível com o labor que estava sendo realizado em nossa esfera espiritual de ação. O objetivo era o mesmo: libertar a criatura humana da servidão dos desejos nefastos e asselvajados. Cada qual, no seu campo de trabalho, laborava em favor da sociedade feliz pela qual todos anelamos. Terminada a leitura muito bem apresentada, tomou do Evangelho de São Mateus, no Capítulo VI, versículo trinta e três, e leu, comovido: “Mas buscai primeiro o reino de Deus e Sua justiça, e tudo mais vos será acrescentado”. Tratava-se de comentários do Mestre em decorrência do Sermão das Bem-aventuranças, essa fonte inexaurível de onde a criatura pode retirar o pão nutriente da coragem para o enfrentamento das vicissitudes, mantendo-se otimista e feliz. Depois de reflexionar por breve momento, ergueu a voz expressiva e exortou os ouvintes à mudança de comportamento, em relação a Deus, a si mesmos e à convivência com o seu próximo. Procurou estabelecer paralelos entre o que se pode, mas não é lícito realizar, e aquilo que se deve, porém, não é oportuno fazer. Essa tomada de

consciência, leva o indivíduo relutante entre os valores do mundo e os de Deus, a eleger primeiro aqueles que conduzem ao reino dos Céus, porque de sabor eterno, enquanto que, os outros, mesmo quando aparentemente importantes, têm o valor que lhes é atribuído, não merecendo mais do que a consideração relativa de que se revestem. Procurou evidenciar a necessidade da renúncia ao secundário – o mundo físico – ante o primordial – o mundo espiritual –, assim optando pelas questões superiores do Espírito imortal na sua busca de plenitude. Concluiu, informando que aqueles que sabem escolher, sempre logram receber além do que foi buscado, recebendo, por acréscimo de misericórdia, muito mais, tudo quanto lhes é acrescentado. Concluído o sermão ante a emoção de alguns sinceros ouvintes, que procuraram introjetar os ensinamentos, ao tempo em que se harmonizavam interiormente, o Bispo deu prosseguimento ao ato litúrgico, logo encerrando-o, e recolhendo-se à sacristia.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 13)

“Reminiscências e reflexões. Habitualmente, quando as atividades espirituais me permitem e o zimbório da noite pulsa de astros estelares, derramando abençoada luminosidade, e o brilho de Selene em suave tom de prata veste a natureza, deixo-me arrebatado pelas reminiscências terrenas... Uma saudade mansa, feita de afeto, ternura e gratidão toma-me os sentimentos enquanto as reminiscências terrenas assomam, levando-me, às vezes, às lágrimas dulcificadoras... Não cesso de agradecer a Deus as bênçãos de que sou enriquecido, especialmente em razão da última experiência carnal, quando a sublime dádiva do conhecimento espírita vestiu-me o pensamento, iluminando-o, e o coração, dulcificando-o. Repasso, por meio do caleidoscópio mágico da memória, as in comuns experiências que me tornaram a caminhada física favorecida pela alegria e pela esperança de liberdade, que busquei alcançar sem qualquer conflito ou solução de continuidade. Diante dos desafios e ressarcimentos necessários, a confiança decorrente da fé racional, adquirida no conhecimento do Espiritismo, enrijecia-me o ânimo, vitalizando me para o prosseguimento, mesmo quando sob chuva de calhaus e pisando em abrolhos... A reencarnação é sublime concessão de amor, ensejando aprendizado e crescimento íntimo, de maneira que sejam descobertos os inabordáveis tesouros de sabedoria que jazem adormecidos no imo, aguardando o momento propício para a finalidade que lhes está destinada por Deus. Embalado pela musicalidade superior que perpassa carregada por brisas perfumadas, sempre retorno às lembranças das lutas contra as paixões perversas, que o archote do esclarecimento facultava-me superar, saindo-lhes dos dédalos escuros e enfermiços. Quando as emoções me alcançam o máximo,

o afeto ao querido planeta convida-me a envolvê-lo em vibrações de ternura, orando pelos seus habitantes, especialmente por aqueles que ainda não tiveram a honra nem a felicidade de inserir na mente a incomparável proposta da revelação espírita. Em face dessa ignorância, compreendo as razões por que prosseguem iludidos e intoxicados pelos vapores morbíficos do desequilíbrio, distantes de quaisquer contribuições imortalistas. Eles ainda não despertaram para os valores indiscutíveis da sublimação dos sentimentos. Assim equivocados, convertem a existência numa tormentosa viagem em busca de coisa nenhuma, em ânsias inquietadoras de prazeres e gozos anestésiantes, singrando as águas agitadas da fantasia. Quando, porém, sacudidos pelas inevitáveis tormentas que sucedem na travessia do processo evolutivo, sem estrutura moral para os enfrentamentos, sem motivações seguras para prosseguirem, deixam-se escorregar na direção do fosso profundo da revolta e da loucura. Incapazes de discernir o que lhes acontece, anulam a capacidade de raciocinar e perdem a oportunidade valiosa, complicando mais ainda as angústias e aflições. Desconhecendo o intercâmbio entre os seres humanos e os espirituais, tornam-se vítimas espontâneas de mentes perversas ou viciosas que os exploram em contínuo processo obsessivo. São dignos de compreensão e merecem nosso melhor carinho, aguardando o momento em que estejam receptivos ao esclarecimento espírita, a fim de começarem a viagem do autodescobrimento. Nessas ocasiões, tomado pelas evocações espontâneas, sempre penso na possibilidade de pedir e suplicar aos navegantes do corpo físico que amem a Terra, descobrindo as suas potencialidades de inimaginável beleza, passando a amar-se mais, mediante o aprimoramento moral, de maneira que lhes seja possível amar também ao próximo e, por consequência, a Deus, refletido no cosmo de cada ser tanto quanto no universal. A Terra é planeta ricamente dotado de valores inquestionáveis para a felicidade pessoal e grupal. Escola bendita, é ninho de esperança e oficina de crescimento interior, tanto quanto hospital de almas que se encontram enfermas, necessitadas por enquanto do ferrete do sofrimento para melhor entenderem a finalidade da existência. Construída pelo inefável amor do Pai, faz parte das infinitas moradas espalhadas na sua casa, e que nos é concedida como colo de mãe, a fim de que possamos conhecer a vida e conquistá-la mediante o esforço pelo trabalho e pelas reflexões interiores, ao mesmo tempo auxiliando-a no crescimento e na transformação que lhe estão fadados. Seus amanheceres de sol e os seus entardeceres de sombra e luz, quando surgem as primeiras estrelas, são convites à meditação e à alegria propiciadoras de ventura e espiritualização. As suas

paisagens, portadoras de fascinante estesia, são musicadas pelas onomatopeias da natureza sempre em festa. O majestoso poema de vida estuante em toda parte, é invitation permanente à meditação em torno da realidade, que não pode ficar desconhecida ou empanada pelas nuvens da ignorância. Mesmo quando as catástrofes naturais, em forma de sismos e erupções vulcânicas, tornados e furacões, incêndios vorazes e chuvas torrenciais avassalam tudo, em decorrência uns da acomodação das placas tectônicas, outros como frutos amargos do efeito estufa, do aquecimento do ar ou da explosão de gases internos, bem como de matéria ígnea, são espetáculos de incomparável fascínio, que mesmo arrebatando corpos, não conseguem ceifar a vida. Exercem a função depuradora, convidando o pensamento às considerações em torno da Divina Justiça que encerra existências comprometidas, de maneira que não se tornem necessários para o seu refazimento moral os processos comuns dos desforços humanos de uns contra outros indivíduos. Adstritas à lei natural, essas tragédias convertem-se em dádivas para a evolução humana, que não depende exclusivamente de uma existência física, mas de todo um largo investimento de experiências próprias para a iluminação íntima de cada ser. Logo passadas as forças tiranizantes e tudo se renova, se ajusta aos padrões da evolução, avançando, o próprio planeta, para mundo de regeneração, quando as condições geológicas forem propícias à ventura e ao prolongamento existencial. O ser humano, embora a inteligência que o conduz a conquistas fabulosas, não se permitiu a realização interior nem o entendimento das causas que o geraram, acomodando-se ao conceito espúrio do acaso improcedente, por cujo meio evade-se das responsabilidades para consigo mesmo, o próximo e a natureza. Sua flora, sua fauna, seus minérios extraordinários, tudo constitui na Terra um conjunto de perfeito equilíbrio e de programação superior, obedecendo a uma ordem preestabelecida, que vige soberana. Quando perturbada, interrompida ou vilipendiada, abre campo para efeitos semelhantes que se voltam na direção de quem agiu incorretamente. É necessário, portanto, que haja na criatura humana o despertar moral, a fim de que a Terra seja respeitada pelo menos, quando não amada, o que constitui um dever impostergável. Nessa grandiosa epopeia, aquele que ainda não se entregou a Deus avança triste, desalentado, sem rumo ou encharcado de excessos pelo desvario que se permite, despertando, mais tarde, no Além-túmulo, arrependido e tumultuado, ansioso e desiludido. Como, porém, o Amor de Deus é infinito, recondu-lo ao mesmo prosclênio, no qual se comprometeu lamentavelmente, a fim de que recomece, reconstitua o programa iluminativo e reencontre-se,

descobrimos o Criador, ínsito nele mesmo. Este querido planeta necessita do amor e do respeito humano, a fim de que o futuro não se apresente severo em demasia para os seus futuros habitantes, que seremos nós mesmos de retorno. O homem e a mulher contemporâneos alcançaram o Cosmos e hoje estudam Marte, graças aos robôs, um dos quais lhe analisa a constituição material, na tentativa de encontrar água, o que significaria nele ter havido ou existir vida, enquanto o outro se encarrega de tarefas especiais, fotografando-o e estudando-o, desde há mais de sessenta milhões de quilômetros de distância do centro de controle... Ao mesmo tempo, o telescópio Hubble envia fotografias de galáxias jamais concebidas, umas sendo devoradas pelos buracos negros e outras surgindo da poeira cósmica. Embora marchem para a desativação por problemas técnicos ou desgaste de material de manutenção, ampliam a compreensão em torno do Universo e oferecem recursos extraordinários para o entendimento da sua origem e das possibilidades de vida em alguma parte, conforme a ainda pobre concepção humana. Simultaneamente devassaram o infinitamente pequeno, interpretando a matéria como energia condensada, o que os leva a conceituações audaciosas em torno da sua realidade como ser quântico. No entanto, no que diz respeito aos valores do Espírito, embora as incontáveis confirmações da sua realidade, obstinadamente detêm-se em conceitos passadistas e utilitaristas, evitando comprometimentos profundos e libertadores. Há, mesmo que inconscientemente, um latente medo da verdade, que produz alteração profunda na conduta, modificando conceitos e paradigmas em que têm sido estruturadas as suas existências. E muito mais cômodo e aceitável a permanência nas convenções e conclusões estabelecidas do que a audácia de nadar contra a correnteza do que está definido e aceito pelos interesses que predominam em todos os setores de atividade. Por isso, é necessário ser-se grato e generoso para com o planeta, contribuindo para a sua finalidade superior, que transcende a imensa massa de que se constitui. [...]” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 1)

“A mensagem de convocação. No clima de alta espiritualidade em que nos encontrávamos, fomos tomados de incontida alegria, quando assomou, da parte posterior do cenáculo deslumbrante, o venerando mensageiro. Acompanhado por um grupo de entidades de alta estirpe, colocaram-se à sua volta em semicírculo, enquanto ele, usando a tribuna, ressumando beleza e, visivelmente comovido, saudou-nos a todos, augurando-nos: - Eu vos desejo a paz incomparável de Jesus de Nazaré! A sua voz penetrou-nos a acústica do ser, e eu não saberia explicar se a escutara com os ouvidos atentos ou se a percebera com a mente

vigilante. Era doce sem ser melíflua, clara sem preocupação de uma dicção convencional, impregnando-nos de maneira inabitual. Logo após, deu continuidade: - Vivemos, na Terra e nas esferas espirituais que a circundam, o momento histórico aguardado por todos aqueles que estamos vinculados ao Consolador prometido por Jesus. Cumprindo a tarefa para a qual veio ao planeta — atualizar os ensinamentos do Mestre, repetir-lhe as lições, dizer coisas novas que no Seu tempo não seriam compreendidas — expande-se como formosa primavera de bênçãos após invernia calamitosa e antes do verão devastador. Avançando com o ritmo do conhecimento nas mais diversas áreas, predispõe-se a enfrentar as rudes batalhas que se multiplicarão destruidoras. Como se pode observar, a criatura humana aturde-se no torvelinho da matéria, em face da loucura que toma as massas e envilece os Espíritos. Tresvariadas, a ética e a moral são substituídas por novos códigos de conduta, que se atêm ao gozo extenuante e ao prazer fugaz. Sucodem-se os volumosos caudais de existências arrebatadas pela ilusão, numa volúpia de imediatismo corporal, como se a vida estivesse apenas reduzida ao fenômeno orgânico. Calou-se, por um momento, a fim de facultar-nos a absorção plena dos conceitos enunciados, dando prosseguimento: — As doutrinas derivadas do pensamento do Mestre, que viveu todos os ensinamentos que transmitiu, nas suas variadas denominações, comportam-se presas aos interesses das aparências e aos compromissos materiais, quase que indiferentes aos objetivos essenciais de iluminação das consciências, a que se destina a mensagem libertadora. O dinheiro exerce fascínio nos seus altares e palcos de exibição das misérias orgânicas, emocionais e espirituais dos seus fiéis, apresentando espetáculos esdrúxulos, de forma que atraíam desatentos e ansiosos pelo poder, pela solução dos problemas externos, sem respeito pela criatura humana em si mesma. Nenhuma consideração demonstra pela miséria, distanciando-se da caridade e do amor aos infelizes, deles utilizando-se apenas para exibir as caricatas demonstrações milagreiras, sem sentido, nem finalidade... Os templos religiosos da Terra encontram-se abarrotados de devotos aparentes, em negociações incessantes em favor do bezerro de ouro cultuado no século, deixando, à margem, a responsabilidade e o dever para consigo mesmo, para com o próximo e para com Deus, embora o seu nome seja enunciado a cada momento, numa atordoante competição com o de Satanás. Um olvido proposital a respeito das graves problemáticas humanas abre espaço para a manutenção da frivolidade e do bem-estar existencial, sob o empenho do valioso patrimônio espiritual. A intoxicação mental pelos vapores dos vícios arrasta milhões de incautos aos porões da angústia e da depressão, da ansiedade e da rebeldia, enquanto

outros, alucinados, envolvem-se em crimes hediondos, legalizados pelas guerras oficiais, ou marginalizados pelas legislações igualmente incapazes de detê-los ou, pelo menos, de evitá-los. Há uma sensação de horror na Terra, que sensibiliza os céus... Novamente silenciou, percorrendo o imenso auditório com os olhos brilhantes de emoção, dando continuidade: - Pais, desolados ou enfurecidos, assassinam filhos toxi-cômanos ou estes trucidam genitores e familiares outros, consumidos pelos monstros da drogadição. O sexo desvairado é o novo deus, o Moloch (deus dos Amonitas) ressuscitado, que arrebatava e consome ao som estridente das músicas primitivas e dos embalos furiosos, tornando os seus fanáticos vítimas de si mesmos até quando se deixam devorar pela morte, obscura ou nos espetáculos aberrantes. Corpos bem delineados sob os impositivos da herança genética ou trabalhados por ginásticas severas, dietas rigorosas, anabolizantes e implementos artificiais em favor da estética, tornaram-se a nova religião, o seu culto, o altar da nova mentalidade, sob o terrível flagelo do medo da decadência, da degradação orgânica, das enfermidades inevitáveis e da velhice implacável. O esforço hercúleo para manter a juventude que se esfuma, desgasta as emoções que se comburem no extenuante anelo de preservá-la indefinidamente... Trata-se de verdadeiro transtorno psicológico, que pretende ignorar as inexoráveis leis da vida e dos fenômenos biológicos. Um grande número desses aficionados do corpo e do prazer diz-se cristão, cataloga-se em diferentes grupos religiosos que se derivaram do Cristianismo primitivo, sem responsabilidade nem respeito pela fé que dizem esposar. Seria de perguntar-se: que foi feito de Jesus? Em que contexto Ele se encontra inserido? Qual o significado da sua mensagem para esses equivocados? Obreiros partem diariamente da espiritualidade comprometidos com a renovação da humanidade e com a tarefa libertadora de vidas. Bem equipados, reencarnam sob vigilante e amorosa custódia dos seus guias espirituais, todavia, passado o período inicial do anonimato e das lutas necessárias, assim que se destacam no prosaetório humano, entorpecem as lembranças e acompanham a caravana de desassisados, fugindo aos deveres assumidos e propondo esfuziantes alegria, prazer, e... irresponsabilidade! Momento muito grave é este que toma conta dos homens e das mulheres terrestres. Em face da transição programada para o planeta, anunciando a nova era, vêm renascendo em corpos belos Espíritos primitivos que estiveram retidos por séculos em regiões de sofrimento, a fim de que não retardassem o progresso geral, para que, na atualidade, avancem e tenham chance de iluminar-se. Ao mesmo tempo, constituem prova para aqueles outros que se encontram em nível moral mais elevado que, desse modo, são

convocados a ajudá-los no crescimento interior e no desenvolvimento dos valores adormecidos. Nada obstante, estão impondo-se, a repetir as tribos de onde procedem, na prática do canibalismo, ferindo-se e adornando-se de objetos dilaceradores, de forma que demonstrem o primitivismo que neles vige, ao tempo em que se comprazem em chocar a cultura e os hábitos sadios que desconsideram, preferindo o descaso e o cinismo em que se demoram, em lamentável promiscuidade e desrespeito pela vida. Com esse comportamento provocam o confronto entre o ético e o banal, o saudável e o sórdido, o promocional e o rebaixamento. Dores acerbadas são acumuladas, em consequência, sobre os próprios destinos que escrevem com insensatez e crueldade, ameaçando a sociedade com o caos em que se alegrariam mergulhar. Apesar disso, o Mestre vigilante tem programada a renovação geral e, para tanto, espera que todos aqueles que o amamos, candidatem-nos à ação edificante com objetivos socorristas, educativos, libertadores desses irmãos deambulantes no corpo físico. A fim de que nosso esforço seja considerado e aceito por eles, torna-se-nos necessário repetir o período do martírio, por cuja demonstração de amor, à semelhança do que aconteceu no passado, possamos sensibilizá-los, arrancando-os da frieza emocional e da perversidade, despertando-os para a compreensão de outros valores mais significativos. Como não mais existem as terríveis injunções políticas e religiosas do ontem, serão o sacrifício pessoal e a renúncia aos encantadores recursos da mentira e da fantasia, a compaixão e a paciência, a ação de misericórdia e a pulcra fraternidade que os sensibilizarão, arrebatando-os do vazio existencial em que estorcegam para se deixarem preencher pelo amor, iniciando a recuperação moral. De diferentes esferas próximas do orbe, a cada momento, repetimos, mergulham nas sombras do mundo físico missionários da ciência e da tecnologia, do pensamento e das artes, da fé religiosa e da caridade, a fim de modificarem a sociedade, instaurando, ainda neste século, o período da beleza, da religiosidade, da cultura plenificadora, da harmonia. Entrementes, a fim de que logrem êxito no cometimento audacioso, aqueles que permanecerem em nossos núcleos de atividades espirituais, deveremos formar grupos de assistência e de apoio, auxiliando-os nos combates que travarão com os inimigos do progresso, reencarnados ou despidos da organização fisiológica. Utilizando-me do proposital silêncio que fez, percorri o auditório imenso com os olhos úmidos pelas lágrimas e constatei que todos ali éramos voluntários naturais para a delicada e gigantesca tarefa, qual seja, a de cooperar com os apóstolos do Evangelho, que deverão acender as luzes da felicidade na imensa noite terrestre. Captao o pensamento geral de anuência, o nobre

Policarpo adiu: — Quem ama Jesus não conhece barreiras impeditivas, ignora desafios perturbadores e está sempre a postos para servi-lo. Neste mesmo momento, em outras comunidades espirituais próximas, ouve-se idêntico apelo apresentado por antigos mártires da fé cristã, que se propõem retornar ao mundo físico, a fim de novamente imolar-se pelo Amor não amado. Irmãos queridos: não hesitemos em amar, nem nos escusemos de servir. Os corações da Terra, que oram afervorados, rogando ao Pai pelo Seu amparo, necessitam de nós, convocados para o ministério da construção do Reino de Deus. Ao primeiro ensejo, serão organizadas equipes socorristas de emergência, aumentando os contingentes daqueles que já operam em nome de Deus sob a tutela de Jesus. Escutai o coração e oferecei-vos aos novos holocaustos pela fé sublime que se sustenta nas bases da razão e do sentimento de amor. Que Jesus nos abençoe as tentativas de servir e dê-nos sua paz! Ao calar-se, ergueu-se o coro de vozes angélicas e as dúcidas melodias transformaram-se em vibrações de luz cambiante em cores diferentes, que se tornavam tônico revigorante penetrando-nos o Espírito. O silêncio não foi interrompido, senão quando o mestre de cerimônia nos liberou, facultando aos interessados acercarmos-nos do amigo de Jesus.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 3)

VI Características e atribuições do espírita

IV.1. Tipos de espíritas: incertos, crentes, experimentadores, imperfeitos, verdadeiros e exaltados

“**26.** Uma classe muito numerosa, a mais numerosa mesmo de todas, mas que não poderia ser incluída entre as dos opositores, é a *dos incertos*. São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles, há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de qualquer coisa que não podem definir. Não lhes falta aos pensamentos, necessitando apenas serem coordenados e formulados. O Espiritismo lhes é como que um traço de luz: a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem pressurosos, porque ele os livra das angústias da incerteza. **27.** Se, daí, projetarmos o olhar sobre as diversas categorias de *crentes*, depararemos primeiro com os que *são espíritas sem o saberem*. Propriamente falando, estes constituem uma variedade, ou um matiz da classe precedente. Sem jamais terem ouvido tratar da Doutrina Espírita,

possuem o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a ponto de suporem, os que os ouvem, que eles são completamente iniciados. Numerosos exemplos de tal fato se encontram nos escritores profanos e sagrados, nos poetas, oradores, moralistas e filósofos, antigos e modernos. **28.** Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se: 1º Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamar-lhes-emos *espíritas experimentadores*. 2º Os que no Espiritismo veem mais do que fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. O avarento continua a sê-lo, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o cioso sempre hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*. 3º Os que não se contentam com admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as consequências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e coibir seus maus pendores. As relações com eles sempre oferecem segurança, porque a convicção que nutrem os preserva de pensarem praticar o mal. A caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem. São os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*. 4º Há, finalmente, os espíritas *exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo, ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim, por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a credulidade. Meio mal apenas haveria, se só eles tivessem que sofrer as consequências. O pior é que, sem o quererem, dão armas aos incrédulos, que antes buscam ocasião de zombar, do que se convencerem e que não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Sem dúvida que isto não é justo, nem racional; mas, como se sabe, os adversários do Espiritismo só consideram de bom quilate a razão de

que desfrutam, e conhecer a fundo aquilo sobre que discorrem é o que menos cuidado lhes dá.” (AK, *O livros dos médiums*, Primeira parte, Capítulo III)

“Se é certo que todas as grandes ideias contam apóstolos fervorosos e dedicados, não menos certo é que mesmo as melhores dentre elas têm seus desertores. O Espiritismo não podia escapar aos efeitos da fraqueza humana. Ele também teve os seus e a esse respeito não serão inúteis algumas observações. Nos primeiros tempos, muitos se equivocaram sobre a natureza e os fins do Espiritismo e não lhe perceberam o alcance. Antes de tudo mais, excitou a curiosidade; muitos eram os que não viam nas manifestações espíritas mais do que simples objeto de diversão; divertiram-se com os Espíritos, enquanto estes quiseram diverti-los. Constituíam um passatempo, muitas vezes complementar das reuniões familiares. Esta maneira por que a princípio a coisa se apresentou foi uma tática hábil dos Espíritos. Sob a forma de divertimento, a ideia penetrou por toda parte e semeou germens, sem espavorir as consciências timoratas. Brincaram com a criança, mas a criança tinha de crescer. Quando aos Espíritos facetos sucederam os Espíritos sérios, moralizadores; quando o Espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais deixaram de achá-lo divertido; para os que se preocupam sobretudo com a vida material, era um censor importuno e embaraçoso, pelo que não poucos o puseram de lado. Não há que deplorar a existência desses desertores, porquanto as criaturas frívolas não passam de pobres auxiliares, seja no que for. Todavia, essa primeira fase não se pode considerar tempo perdido. Graças àquele disfarce, a ideia se popularizou cem vezes mais do que se houvera, desde o primeiro momento, revestido severa forma, e daqueles meios levianos e displicentes saíram graves pensadores. Postos em moda pelo atrativo da curiosidade, constituindo um engodo, os fenômenos tentaram a cupidez dos que andam à cata do que surge como novidade, na esperança de encontrar aí uma porta aberta. As manifestações pareceram coisa maravilhosamente explorável e não faltou quem pensasse em fazer delas um auxiliar de seus negócios; para outros, eram uma variante da arte da adivinhação, um processo, talvez mais seguro do que a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, etc., etc., para se conhecer o futuro e descobrir coisas ocultas, uma vez que, segundo a opinião então corrente, os Espíritos tudo sabiam. Vendo, afinal, essas pessoas que a especulação lhes escapava dentre os dedos e dava em mistificação, que os Espíritos não vinham ajudá-las a enriquecer, nem lhes indicar números que seriam premiados nas loterias, ou revelar-lhes a boa sorte, ou levá-las a descobrir tesouros, ou a receber heranças, nem ainda facultar-lhes uma invenção frutuosa de que tirassem patente, suprir-lhes em suma a ignorância e

dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos para nada serviam e suas manifestações não passavam de ilusões. Tanto essas pessoas deferiram louvores ao Espiritismo, durante todo o tempo em que esperaram auferir dele algum proveito, quanto o denegriram desde que chegou a decepção. Mais de um dos críticos que o vituperam tê-lo-iam elevado às nuvens, se ele houvesse feito que descobrissem um tio rico na América, ou que ganhassem na Bolsa. Das categorias dos desertores, é essa a mais numerosa; mas, compreende-se que os que a formam não podem ser qualificados de espíritas. [...] Se passarmos à categoria dos espíritas propriamente ditos, ainda aí depararemos com certas fraquezas humanas, das quais a doutrina não triunfa imediatamente. As mais difíceis de vencer-se são o egoísmo e o orgulho, as duas paixões originárias do homem. Entre os adeptos convictos, não há deserções, na lídima acepção do termo, visto como aquele que desertasse, por motivo de interesse ou qualquer outro, nunca teria sido sinceramente espírita; pode, entretanto, haver desfalecimentos. Pode dar-se que a coragem e a perseverança fraqueiem diante de uma decepção, de uma ambição frustrada, de uma preeminência não alcançada, de uma ferida no amor-próprio, de uma prova difícil. Há o recuo ante o sacrifício do bem-estar, ante o receio de comprometer os interesses materiais, ante o medo do “que dirão?”; há o ser-se abatido por uma mistificação, tendo como consequência, não o afastamento, mas o esfriamento; há o querer viver para si e não para os outros, o beneficiar-se da crença, mas sob a condição de que isso nada custe. Sem dúvida, podem os que assim procedem ser crentes, mas, sem contestação, crentes egoístas, nos quais a fé não ateou o fogo sagrado do devotamento e da abnegação; às suas almas custa o desprenderem-se da matéria. Fazem nominalmente número, porém não há contar com eles. Todos os outros são espíritas que em verdade merecem esse qualificativo. Aceitam por si mesmos todas as consequências da doutrina e são reconhecíveis pelos esforços que empregam por melhorar-se. Sem desprezarem, além dos limites do razoável, os interesses materiais, estes são, para eles, o acessório e não o principal; não consideram a vida terrena senão como travessia mais ou menos penosa; estão certos de que do emprego útil ou inútil que lhe derem depende o futuro; têm por mesquinhos os gozos que ela proporciona, em face do objetivo esplêndido que entrevem no além; não se intimidam com os obstáculos com que topem no caminho; veem nas vicissitudes e decepções provas que não lhes causam desânimo, porque sabem que o repouso será o prêmio do trabalho. Daí vem que não se verificam entre eles deserções, nem falências. Por isso mesmo, os bons Espíritos protegem manifestamente os que lutam com coragem e perseverança, aqueles cujo devotamente

é sincero e sem ideias preconcebidas; ajudam-nos a vencer os obstáculos e suavizam as provas que não possam evitar-lhes, ao passo que, não menos manifestamente, abandonam os que se afastam deles e sacrificam a causa da verdade às suas ambições pessoais. [...] *Allan Kardec*.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Os desertores)

“Assim foi sempre, até ao advento do Espiritismo. Formado gradativamente, como todas as ciências, em consequência de observações sucessivas, sua aceitação tem ganhado pouco a pouco maior amplitude. O qualificativo de espírita, aplicado sucessivamente a todos os graus de crença, comporta uma infinidade de matizes, desde o da simples crença nas manifestações, até as mais altas deduções morais e filosóficas; desde aquele que, detendo-se na superfície, não vê nas manifestações mais do que um passatempo, até aquele que procura a concordância dos seus princípios com as leis universais e a aplicação dos mesmos princípios aos interesses gerais da Humanidade; enfim, desde aquele que não vê nas manifestações senão um meio de exploração em proveito próprio, até o que haure delas elementos para seu próprio melhoramento moral. Dizer-se alguém espírita, mesmo espírita convicto, não indica, pois, de modo algum, a medida da crença, essa palavra exprime muito, com relação a uns, e muito pouco, relativamente a outros.” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Constituição do espiritismo)

IV.2. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação ética-moral

“**350.** Se o Espiritismo, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária. Tais, porém, não são os desígnios de Deus. Para o objetivo providencial, portanto, é que devem tender todas as Sociedades espíritas sérias, grupando todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos. Então, haverá união entre elas, simpatia, fraternidade, em vez de vão e pueril antagonismo, nascido do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e poderosas, porque assentarão em inabalável

alicerce: o bem para todos; então, serão respeitadas e imporão silêncio à zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, que todos respeitam.” (AK, *O livros dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIX)

“FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

10. Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na fronte dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que a apresentando como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as consequências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação. Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam. - *Paulo*, o apóstolo. (Paris, 1860)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XV)

“**O HOMEM DE BEM. 3.** O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem *que podia*, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem. Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua

permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas. Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais. Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar. Possuindo do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça. Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa. O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção *de raças, nem de crenças*, porque em todos os homens vê irmãos seus. Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam. Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor. Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado. É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado.” Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal. Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera. Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros. Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado. Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões. Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus;

usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram. O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus. Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XV)

“OS BONS ESPÍRITAS. 4. Bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam. Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as consequências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo. Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. Provém isso de que a parte por assim dizer *material* da ciência somente requer olhos que observem, enquanto a parte *essencial* exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar *maturidade do senso moral*, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado. Nalguns, ainda muito tenazes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com os seus pendores, nem com seus hábitos, não percebendo haja qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados. Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas. Numa palavra: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente

a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações. Atêm-se mais aos fenômenos do que à moral, que se lhes afigura cediça e monótona. Pedem aos Espíritos que incessantemente os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os arcanos do Criador. Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções. Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência. Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: *é tocado no coração*, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.* Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme a vontade.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XV)

“A VIRTUDE. 8. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas. S. Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno cura d’Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse, completo e inteiro esquecimento de si mesmos. À virtude assim compreendida e praticada é que vos convido, meus filhos; a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que vos concito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imiteis o homem que se apresenta

como modelo e trombeta, ele próprio, suas qualidades a todos os ouvidos complacentes. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma imensidade de pequenas torpezas e de odiosas covardias. Em princípio, o homem que se exalça, que ergue uma estátua à sua própria virtude, anula, por esse simples fato, todo mérito real que possa ter. Entretanto, que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito de boa mente que o homem que pratica o bem experimenta uma satisfação íntima em seu coração; mas, desde que tal satisfação se exteriorize, para colher elogios, degenera em amor-próprio. Ó vós todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabeis quão longe da perfeição está o homem, jamais esbarreis em semelhante escolho. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros. Contudo, dir-lhes-ei: Mais vale pouca virtude com modéstia, do que muita com orgulho. Pelo orgulho é que as Humanidades sucessivamente se hão perdido; pela humildade é que um dia elas se hão de redimir. - *François-Nicolas-Madeleine.* (Paris, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XV)

“INDAGAÇÕES ESCLARECEDORAS. Logo nos afastamos do apartamento aconchegante, indaguei ao preclaro Alberto: — Sem desejar envolver-me em julgamento apressado, gostaria de entender como pôde o amigo Leôncio, portador de tantos recursos de elevação e conhecimentos profundos da Doutrina da razão, envolver-se nessa teia de prejuízos graves? Lúcido e ponderado, sem qualquer expressão de censura, explicou-nos: — Caro Miranda a existência terrestre, como sabemos, é sempre inçada de perigos, que repontam do passado delituoso e das atrações que se multiplicam exuberantes ao calor das paixões que remanescem dos instintos e são imperiosas no seu cerco à lógica, à razão. Reencarnado, o Espírito perde temporariamente parte da lucidez que possui, a fim de que aprimore os sentimentos e engrandeça-se nos testemunhos. Não obstante, no fragor das lutas renhidas, envolve-se com entusiasmo ou desinteressa-se de levar adiante os objetivos para os quais retornou ao prosclênio terrestre, quando sofre injunções difíceis. Invariavelmente, os primeiros tentames de crescimento se fazem com relativa facilidade, tornando-se desafiadores à medida que se expande o campo de ação e se dá o reencontro com as experiências pretéritas que ficaram interrompidas, mas as personagens que delas participaram continuam vivas e atuantes... É nessa fase que irrompem as lembranças, agora transformadas em sentimentos e emoções, sem clareza de entendimento, conduzindo a comportamentos que surpreendem pelo inesperado da circunstância. Nosso caro Leôncio experimentou a dádiva do conhecimento espírita, mas lhe faltaram os recursos morais, que embora vicejassem no íntimo e

o orientassem de alguma forma, não eram suficientes para superar as tendências em predomínio no ego: a vaidade exacerbada, o temperamento agressivo e soberbo, a presunção do conhecimento acadêmico, a ambição por exercer um ministério missionário... Foi nessa deficiência do Espírito, que se abriram as brechas para as agressões imprudentes dos seus adversários pessoais, bem como aqueles do ideal libertador. Facultando-me tempo para reflexão, calou-se por breve momento, para logo dar seguimento aos comentários: — O conhecimento intelectual nem sempre oferece discernimento emocional, e não são poucos aqueles que, possuidores de grande cultura, falham em questões pertinentes ao sentimento, ensoberbecendo-se e mantendo distância mental das pessoas que consideram inferiores. Infelizmente, os preconceitos de toda ordem sempre surgem na utópica superioridade daqueles que se atribuem valores que realmente não possuem. Afirma-se, com certa sabedoria, que Deus pôs o conhecimento na cabeça, para bem conduzir o indivíduo através da razão, porém o sentimento foi colocado no coração, para que a ardência das emoções possa derreter o gelo da inteligência. Há, desse modo, uma distância significativa entre conhecer e vivenciar, ensinar e sentir, compreender e amar em profundidade, ajudando sempre e sem cessar. O Espiritismo é dirigido à lógica e à razão, porém, tem as suas raízes fincadas no amor, o que permite que todos os indivíduos o assimilem pelo entendimento e pelo sentimento, quando desvestido das linguagens complexas que, não poucas vezes, alguns dos seus profíctos o revestem, em exibicionismos literários desnecessários e de resultados negativos. Há muita facilidade em dizer coisas simples de maneira interpolada, mas é muito difícil exprimir temas complexos de forma fácil, o que resulta em possuir mais do que o conhecimento, mas sim, a sabedoria. “O nosso confrade tornou-se duelista da palavra, esgrimindo o verbo com terminologia aguçada como lâmina para ferir, esquecendo-se de que a nossa é a proposta de ajudar sempre, porquanto Jesus e Allan Kardec sempre se conduziram dessa forma. Mesmo quando assumiram postura austera, jamais recorreram à violência ou ao desrespeito acusador em relação aos seus adversários, O Espiritismo é a grande luz que predominará um dia no arquipélago de estrelas do conhecimento, orientando e iluminando mentes e corações para o auto encontro e a plenitude.” [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 8)

“EXPERIÊNCIAS GRATIFICADORAS. Hospedado em agradável apartamento situado no Pavilhão por onde caminhamos pela manhã, atendendo à gentileza do seu diretor que no-lo ofereceu para o período reservado ao nosso estágio, quando retornamos e despedimo-nos, fomos conduzidos por Almério ao

novo domicílio. Ficando a sós, após agradecer ao dedicado companheiro, não me pude furtar a reflexões oportunas. Para onde dirigisse o pensamento encontrava presente a misericórdia de Deus através dos Seus Embaixadores. O amor desse Espírito superior, o venerável Eurípedes, conseguira edificar um ninho de paz para alguns dos naufragos da jornada terrestre, especialmente aqueles que não deveriam fracassar ante o fragor das marés bravias que se sucedem na sociedade terrestre, e, não obstante, sucumbiram... Honrados pelo conhecimento da Revelação Espírita, como se houverssem enganado, a ponto de retornarem em situação calamitosa! Os esclarecimentos e as advertências oferecidos pelo Espiritismo constituem um barco de segurança para a travessia orgânica no processo evolutivo. No entanto, fazia-se expressivo o número daqueles que, mesmo informados da realidade da vida, optaram pelas enganosas paixões de breve duração, entorpecendo a consciência nos vapores do egoísmo e dos desejos infrenes que os conduziram ao malogro. Não são poucas as pessoas que, ignorando a Doutrina Espírita e respeitando-a, acreditam que o fato de alguém esposar as lições que defluem das páginas luminosas da Codificação e das Obras que lhe são subsidiárias, de imediato o torna um ser renovado e imbatível. Isso deveria ocorrer, sem dúvida; no entanto, em razão das heranças ancestrais negativas e das múltiplas vinculações com o vício, cujos resíduos permanecem por longo período impregnando o perispírito, nem sempre o candidato à edificação de si mesmo consegue o objetivo a que se propõe. Para que isso aconteça, torna-se imprescindível todo o empenho e sacrifício pessoal, renunciando às fortes tendências perturbadoras, a fim de realizar a transformação moral imprescindível à felicidade. O expositor, o escritor, o médium espírita, melhor do que qualquer outro adepto da Doutrina do Consolador, são portadores de altas responsabilidades, devendo insculpir na conduta os conteúdos que oferecem aos demais. Com destaque, porém, o médium esclarecido, por sentir e manter contato direto com o mundo extrafísico, tornando-se instrumento das comunicações dos imortais, está consciente do significado dos valores morais que deve cultivar, a fim de não se deixar dominar pelas fantasias e fanfarronices do gozo exorbitante, do egoísmo, do orgulho e da presunção que o tentam constantemente, mas não dispõem de recursos mais valiosos e profundos para o convencerem. Sucede, no entanto, que o conhecimento apenas não basta para oferecer resistência a pessoa alguma ante as inclinações para o mal e para a desordem interior. Após consegui-lo, faz-se imprescindível vivenciá-lo, passo a passo, momento a momento, mantendo vigilância e coerência na conduta, a fim de não se comprometer negativamente,

desviando-se do caminho da retidão. Simultaneamente, e não podemos olvidar, há um adversário traiçoeiro e perverso, sempre alerta, para torpedear as aspirações de soerguimento daqueles que se encontram comprometidos com a retaguarda. São os inimigos espirituais, que devem merecer muita atenção. Testemunhas e acompanhantes dos homens terrestres inspiram-nos, participam das suas atividades, tornam-se companheiros inseparáveis do seu comportamento. E, no entanto, graças ao livre-arbítrio de que cada qual dispõe, que conseguem interferir nas vidas com as quais se associam, materializando os seus intentos malsãos em razão da predominância das inclinações vinculadas ao egotismo, ao orgulho, à soberba, aos interesses mesquinhos, que permanecem com as suas sequelas tormentosas naqueles que lhes tombam nas armadilhas. Por outro lado, os bons Espíritos não cessam de inspirar, de interceder, de oferecer proteção a todos quantos se lhes facultam a ajuda, utilizando-se de todos os recursos possíveis para que os seus afeiçoados consigam desobrigar-se dos compromissos assumidos, alcançando o patamar da vitória. Preca-tem-se, portanto, aqueles que aspiram pela felicidade e por alcançar êxito nos empreendimentos que realizam, com os recursos da oração, da paciência e do trabalho elevado, a fim de manter o pensamento em faixa superior de reflexões, evitando, desse modo, ser alcançados pelos petardos mentais e hipnoses dos seus comparsas de ontem, hoje investidos de propósitos doentios e vingativos. Encontrava-me, desse modo, extasiado com os providenciais recursos de atendimento aos que tombaram nos fundos abismos da insensatez durante a jornada humana.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 10)

“PROVA E FRACASSO. [...] — Visitaremos — elucidou o diretor — o irmão Gustavo Ribeiro, que foi recolhido em nossa Clínica após dois anos da desencarnação, quando recambiado do lar e da família a que se fixava em terrível perturbação psíquica. Sob tratamento especializado, há mais de seis meses, reajusta-se e readquire, mui lentamente, o equilíbrio da consciência. Quando nos adentramos no agradável apartamento, encontramos sob a carinhosa vigilância de dois enfermeiros, que nos saudaram jovialmente, um cavalheiro com aproximadamente cinquenta e cinco anos, com as cãs embranquecidas e acentuado desgaste orgânico de que fora vítima na Terra, com uma fâcies desfigurada e macilenta. O olhar desviado fitava um ponto vago, e agitava-se com regularidade, bracejando no ar e chorando copiosamente. Os dedicados assistentes acalmavam-no com palavras repassadas de carinho e de lucidez, auxiliando-o a retornar à postura anterior. Observando-o com cuidado, não detectei vinculação direta com qualquer Entidade perversa, que fosse responsável pelo seu

desequilíbrio, o que me surpreendeu, sobremaneira. Olhando o médico interrogativamente, o amigo atento percebeu a minha perplexidade e acorreu em meu auxílio, explicando-me: — Não se trata de perturbação obsessiva, mas de transtorno mental, ocasionado pela rebeldia e insensatez do próprio paciente. O nosso caro Gustavo é o protótipo do indivíduo que, da Vida, somente se atribui méritos, tomado sempre de altas doses de presunção e rico de cultura vazia. Atraído ao Espiritismo, faz mais de vinte anos, quando contava pouco mais de trinta e cinco janeiros, portador então de delicado problema de saúde, pareceu descobrir as respostas para os enigmas teológicos e existenciais que o aturdiavam. Advogado de profissão, com família constituída, abraçou as ideias novas com o entusiasmo que resultava também da recuperação da saúde. “Beneficiado pela fluidoterapia, enquanto recebia conveniente ajuda médica, seus mentores trabalharam com afinco para auxiliá-lo na liberação de altas cargas de energia deletéria que absorvia dos inimigos desencarnados, que o perseguiam com crueldade e pertinácia. Havia, portanto, no seu problema orgânico significativa contribuição espiritual negativa, que o ameaçava no transcurso dos dias. Lentamente, graças aos recursos combinados da Ciência médica e do auxílio espiritual, o amigo recompôs o quadro da saúde, tornando-se um entusiasta simpatizante do Espiritismo. Possuidor de temperamento forte e autoritário, logo começou a discordar da administração da Entidade, apresentando sugestões descabidas e referindo-se desagradavelmente, com a arrogância que lhe era habitual, a algumas atividades que ali se desenvolviam. “Amiúde ocorre nos comportamentos humanos atitudes dessa natureza. Os indivíduos são atraídos a qualquer tipo de realização e, sem estrutura nem experiência, imaturos e um tanto irresponsáveis, começam a atirar petardos destruidores em todas as direções, acreditando-se detentores do conhecimento pleno, que pode ser muito expressivo na teoria mas inoperante na prática. Ao invés de auxiliarem sem imposição, corrigindo, quando necessário, após haverem adquirido a confiança do grupo e dado provas de sinceridade, de lealdade ao dever, agem de maneira inversa, cuidando mais das prerrogativas do ego do que da edificação de todos. Muito sensíveis, são severos com os demais e muito melindrosos, sentindo-se magoados por qualquer coisa, ou pelo simples fato de não serem aceitas suas ideias estapafúrdias. No caso em tela, o amigo, não sendo atendido, como realmente não deveria ser, face às suas descabidas exigências, abandonou a Instituição onde se beneficiara e começou a peregrinação para encontrar uma que fosse modelar, isto é, dentro dos ângulos estreitos da sua convicção. Passou a estudar a Doutrina e logo começou a detectar erros e conceitos

que atribuía estarem superados, preocupando-se em corrigir o que ignorava, ao invés de autocorrigir-se, o que é certamente mais difícil. “Não demorou muito tempo e transformou-se no que se denominava como espírita de gabinete, eufemismo bem elaborado para justificar-se a preguiça, a inutilidade pessoal, distanciando-se do trabalho e quedando-se na postura de atirador de pedras. A família não lhe recebeu a orientação espiritual conveniente, os filhos cresceram sem formação religiosa e sem a necessária assistência paterna em razão das dificuldades de relacionamento, quando foi acometido de pertinaz enfermidade que o consumiu lentamente. Nesses comenos, procurou apoio espiritual na antiga Instituição onde anteriormente se beneficiara, mas, não obstante a abnegação dos seareiros de boa vontade, o processo cancerígeno prostático era irreversível e o caro confrade desencarnou em situação penosa, assinalada pela revolta surda contra a Vida... Calou-se o bondoso médico e olhou demoradamente para o enfermo em novo episódio de alucinação. Logo após, acentuou: - Miranda, somos o que cultivamos em nosso pensamento. Semeamos ventos mentais e colhemos tempestades morais avassaladoras. Enquanto não nos resolvamos pela solução dos problemas íntimos, alterando nossa conduta mental, adquirindo lúcida compreensão das Leis de Deus para vivenciá-las, estaremos cercados pelos tesouros da felicidade sem nos apercebermos, antes, barafustando-nos pelos lugares onde nos encontrarmos. “Porque a sua não fosse uma fé trabalhada na razão e no sentimento, sua lógica era também anárquica, que deveria funcionar em seu favor, desejando submeter a Lei de Causa e Efeito ao seu talante, esquecido de que, afinal, a vida é do Espírito e não do corpo transitório. A função da Doutrina Espírita é preparar o ser humano para a compreensão da sua imortalidade, jamais para ajudá-lo a conquistar coisas e posições terrenas que o destacam no grupo social, mas não o dignificam nem o engrandecem moralmente. Ainda permanece em muitos simpatizantes do pensamento espírita a falsa ideia de coletar benefícios pessoais e sociais, quando aderindo aos postulados kardequianos, tendo a vida modificada para mais prazer e maior soma de comodidades. Outros, igualmente mantêm a respeito do Espiritismo a falsa ideia mitológica em torno das Entidades Nobres, que deverão estar às suas ordens, solucionando-lhes os problemas que engendram, atendendo-os nas suas questionculas e necessidades do processo evolutivo. “O amigo Gustavo é mais um naufrago, que teve oportunidade de encontrar a embarcação segura, a bússola para conduzi-lo no oceano imenso, o timão de equilíbrio e, não obstante, resolveu guiar-se pelos instrumentos equivocados das próprias paixões.” [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 16)

IV.3. Resiliência do espírita às vicissitudes da vida e da morte

“Digo, pois, que o Espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito. Vou mais longe: digo que, bem compreendido, ele é um preservativo contra a loucura. Entre as causas mais comuns de sobre-excitação cerebral, devem contar-se as decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que, ao mesmo tempo, são as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, a par do futuro que o aguarda; a vida se lhe mostra tão curta, tão fugaz, que, aos seus olhos, as tribulações não passam de incidentes desagradáveis, no curso de uma viagem. O que, em outro, produziria violenta emoção, mediocrementemente o afeta. Demais, ele sabe que as amarguras da vida são provas úteis ao seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado na medida da coragem com que as houver suportado. Suas convicções lhe dão, assim, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa permanente de loucura e suicídio. Conhece também, pelo espetáculo que as comunicações com os Espíritos lhe proporcionam, qual a sorte dos que voluntariamente abreviam seus dias e esse quadro é bem de molde a fazê-lo refletir, tanto que a cifra muito considerável já ascende o número dos que foram detidos em meio desse declive funesto. Este é um dos resultados do Espiritismo. Riam quanto queiram os incrédulos. Desejo-lhes as consolações que ele prodigaliza a todos os que se hão dado ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundezas. Cumpre também colocar entre as causas da loucura o pavor, sendo que o do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Quantas vítimas não têm feito os que abalam imaginações fracas com esse quadro, que cada vez mais pavoroso se esforçam por tornar, mediante horríveis pormenores? O diabo, dizem, só mete medo a crianças, é um freio para fazê-las ajuizadas. Sim, é, do mesmo modo que o papão e o lobisomem. Quando, porém, elas deixam de ter medo, estão piores do que dantes. E, para alcançar-se tão belo resultado, não se levam em conta as inúmeras epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. Bem frágil seria a religião se, por não infundir terror, sua força pudesse ficar comprometida. Felizmente, assim não é. De outros meios dispõe ela para atuar sobre as almas. Mais eficazes e mais sérios são os que o Espiritismo lhe faculta, desde que ela os saiba utilizar. Ele mostra a realidade das coisas e só com isso neutraliza os funestos efeitos de um temor exagerado.” (AK, *O livros dos espíritos*, Introdução)

“Por que os espíritas não temem a morte.
10. A Doutrina Espírita transforma completamente a

perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Eis aí por que os espíritas encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem, outrossim, dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade. Para os espíritas, a alma não é uma abstração; ela tem um corpo etéreo que a define ao pensamento, o que muito é para fixar as ideias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se nos apresentam mais como chamas fugitivas que nada falam ao pensamento, porém sob uma forma concreta que antes no-los mostra como seres vivos. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporal e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente. Não mais permissível sendo a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“**13.** O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo. **14.** Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que *abduque das vantagens imediatas em prol do futuro*, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom-senso e

ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência. O espírita *sério* não se limita a crer, *porque compreende*, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo, a sua nova situação.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo I)

IV.4. Missão e responsabilidades do espírita

“OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA. 1.

O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de assalarar trabalhadores para a sua vinha. - Tendo convencido com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. - Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma - disse-lhes: Ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável. Eles foram. - Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. - Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: Por que permaneceis aí o dia inteiro sem trabalhar? - É, disseram eles, que ninguém nos assalariou. Ele então lhes disse: Ide vós também para a minha vinha. Ao cair da tarde disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios: Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até aos primeiros. - Aproximando-se então os que só à undécima hora haviam chegado, receberam um denário cada um. - Vindo a seu turno os que tinham sido encontrados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. - Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família - dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós que suportamos o peso do dia e do calor.

*Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: Meu amigo, não te causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a mim dar a este último tanto quanto a ti. - Não me é então lícito fazer o que quero? Tens mau olho, porque sou bom? Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (S. MATEUS, 20:1 a 16. Ver também: “Parábola do festim das bodas”, cap. XVIII, nº1)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XX)*

“OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS. 2. O obreiro da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o haja conservado à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Tem ele direito ao salário, porque desde a alvorada esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho. Laborioso, apenas lhe faltava o labor. Se, porém, se houvesse negado ao trabalho a qualquer hora do dia; se houvesse dito: “tenhamos paciência, o repouso me é agradável; quando soar a última hora é que será tempo de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! Quanto mais tarde, melhor”; esse tal, meus amigos, não teria tido o salário do obreiro, mas o da preguiça. Que dizer, então, daquele que, em vez de apenas se conservar inativo, haja empregado as horas destinadas ao labor do dia em praticar atos culposos; que haja blasfemado de Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado a perturbação nas famílias, arruinado os que nele confiaram, abusado da inocência, que, enfim, se haja cevado em todas as ignomínias da Humanidade? Que será desse? Bastar-lhe-á dizer à última hora: Senhor, empreguei mal o meu tempo; toma-me até ao fim do dia, para que eu execute um pouco, embora bem pouco, da minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não; o Senhor lhe dirá: “Não tenho presentemente trabalho para te dar; malbarataste o teu tempo; esqueceste o que havias aprendido; já não sabes trabalhar na minha vinha. Recomeça, portanto, a aprender e, quando te aches mais bem-disposto, vem ter comigo e eu te franquearei o meu vasto campo, onde poderás trabalhar a qualquer hora do dia. Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminarei ao anoitecer. Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grillhões arrastais; mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha, sem que quisésseis penetrar nela! Eis-vos no momento de embolsar o salário; empregai bem a hora que vos resta e não esqueçais nunca que

a vossa existência, por longa que vos pareça, mais não é do que um instante fugitivo na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade. - Constantino, Espírito Protetor. (Bordéus, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XX)

“3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem máscula, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser assinaladas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que por último vieram, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? Recompensa maior. Últimos chegados, eles aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque coletivos são os trabalhos humanos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre aqueles revivem hoje, ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram no meio deles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não já na base e sim na cumeeira do edifício. Receberão, pois, salário proporcionado ao valor da obra. O belo dogma da reencarnação eterniza e precisa a filiação espiritual. Chamado a prestar contas do seu mandato terreno, o Espírito se apercebe da continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, sente que apanhou, de passagem, o pensamento dos que o precederam. Entra de novo na liça, amadurecido pela experiência, para avançar mais. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos bem abertos sobre a profunda justiça de Deus, não mais murmuram: adoram. Tal um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as de que Jesus se utilizou falando ao povo, o gérmen do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação da magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, da solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. - Henri Heine. (Paris, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XX)

“MISSÃO DOS ESPÍRITAS. 4. Não escutais já o ruído da tempestade que há de arrebatar o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah! Bendizeis o Senhor, vós que haveis posto a vossa fé na sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas proféticas vozes superiores, ides pregar o novo dogma da *reencarnação* e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres. Não mais vos assusteis! As línguas de fogo

estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo!... Sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os Espíritos elevados. Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as exorta incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se mister regueis com os vossos suores o terreno onde tendes de semear, porquanto ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai! Ó todos vós, homens de boa-fé, conscientes da vossa inferioridade em face dos mundos disseminados pelo Infinito!... Lançai-vos em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e proscreei esse culto do bezerro de ouro, que cada dia mais se alastra. Ide, Deus vos guia! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, que as populações atentas recolherão ditosas as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz. Que importam as emboscadas que vos armem pelo caminho! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, porquanto o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras. Ide, homens, que, grandes diante de Deus, mais ditosos do que Tomé, credes sem fazerdes questão de ver e aceitais os fatos da mediunidade, mesmo quando não tendes conseguido obtê-los por vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz. Marcha, pois, avante, falange imponente pela tua fé! Diante de ti os grandes batalhões dos incrédulos se dissiparão, como a bruma da manhã aos primeiros raios do Sol nascente. A fé é a virtude que desloca montanhas, disse Jesus. Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, jazem depositados nos corações dos homens a impureza e todos os vícios que derivam da impureza. Parti, então, cheios de coragem, para removerdes essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda, do mesmo modo que vós, que só muito imperfeitamente conheceis os tempos que antecederam a civilização pagã. Sim, em todos os pontos do Globo vão produzir-se as subversões morais e filosóficas; aproxima-se a hora em que a luz divina se espargirá sobre os dois mundos. Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão; porque, principalmente entre os mártires do trabalho, desta provação terrena, encontrareis fervor e fé. Ide; estes receberão com hinos de gratidão e louvores a Deus a santa consolação que lhes levareis, e baixarão a fronte, rendendo-lhe graças pelas aflições que

a Terra lhes destina. Arme-se a vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! o arado está pronto; a terra espera; arai! Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou; mas, atenção! Entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparai, pois, vosso caminho e segui a verdade. *Pergunta.* - Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho? *Resposta.* - Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei; os que seguem Sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição. - *Erasto*, anjo da guarda do médium. (Paris, 1863)" (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XX)

"OS OBREIROS DO SENHOR. 5. Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: "Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra", porquanto o Senhor lhes dirá: "Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!" Mas, ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão! Clamarão: "Graça! Graça!" O Senhor, porém, lhes dirá: "Como implorais graças, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos e que vos negastes a estender-lhes as mãos, que esmagastes o fraco, em vez de o amparardes? Como suplicais graças, vós que buscastes a vossa recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal qual a quisestes. Nada mais vos cabe pedir; as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra." Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: "Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus." - *O Espírito*

de Verdade. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XX)

“362 - Poderemos receber um novo ensino sobre os deveres que competem aos espiritistas? – Não devemos especificar os deveres do espiritista cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida. Que o espiritista, nas suas atividades comuns, dispense o máximo de indulgência para com os seus semelhantes, sem nenhuma para consigo mesmo, porque antes de cogitar da iluminação dos outros, deverá buscar a iluminação de si mesmo, no cumprimento de suas obrigações. 363 - Como se justifica a existência de certas lutas antifraternas dentro dos grupos espiritistas? – Os agrupamentos espiritistas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas. Um grêmio espírita-cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos. Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas. Nesses núcleos de estudo, nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros entre si vigiem na boa-vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência do seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento. 364 - O espiritista para evoluir na Doutrina necessita estudar e meditar por si mesmo, ou será suficiente frequentar as organizações doutrinárias, esperando a palavra dos guias? – É indispensável a cada um o esforço próprio no estudo, meditação, cultivo e aplicação da Doutrina, em toda a intimidade de sua vida. A frequência às sessões ou o fato de presenciar esse ou aquele fenômeno, aceitando-lhe a veracidade, não traduz aquisição de conhecimentos. Um guia espiritual pode ser um bom amigo, mas nunca poderá desempenhar os vossos deveres próprios, nem vos arrancar das provas e das experiências imprescindíveis à vossa iluminação. Daí surge a necessidade de vos preparardes individualmente, na Doutrina, para viverdes tais experiências com dignidade espiritual, no instante oportuno. 365 - Como deveremos receber os ataques da crítica? – Os espiritistas devem receber a crítica dos campos de opinião contrária com o máximo de serenidade moral, reconhecendo-lhe a utilidade essencial. Essas críticas se apresentam, quase sempre, com finalidade preciosa, qual a de selecionar, naturalmente, as contribuições da propaganda doutrinária, afastando os elementos perturbadores e confusos, e valorizando a cooperação legítima e sincera, porque

todo ataque à verdade pura serve apenas para destacar e exaltar essa mesma verdade. 366 - Como deverá agir o espírita sincero, quando se encontre diante de certas extravagâncias doutrinárias? – À luz da fraternidade pura, jamais neguemos o concurso da boa palavra e da contribuição direta, sempre que oportuno, em benefício do esclarecimento de todos. Guardemos, todavia, o cuidado de nunca transigir com os verdadeiros princípios evangélicos, sem, contudo, ferir os sentimentos das pessoas. E se as pessoas perseverarem na incompreensão, cuide cada trabalhador da sua tarefa, porque Jesus afirmou que o trigo crescerá ao lado do joio, em sua seara santa, mas Ele, o Cultivador da Verdade Divina, saberia escolher o bom grão na época da ceifa. 367 - É justo que, a propósito de tudo, busque o espiritista tanger os assuntos do Espiritismo nas suas conversações comuns? – O crente sincero precisa compenetrar-se da oportunidade, no tempo e no ambiente, com relação aos assuntos doutrinários, porquanto, qualquer inconsideração nesse particular, pode conduzir a fanatismo detestável, sem nenhum caráter construtivo. De modo algum se deverão provocar as manifestações mediúnicas, cuja legitimidade reside nas suas características de espontaneidade, mesmo porque o programa espiritual das sessões está com os mentores que as orientam do plano invisível, exigindo-se de cada estudioso a mais elevada porcentagem de esforço próprio na aquisição do conhecimento, porquanto o plano espiritual distribuirá sempre de acordo com as necessidades e os méritos de cada um. Forçar o fenômeno mediúnico é tisonar uma fonte de água pura com a vasa das paixões egoísticas da Terra, ou com as suas injustificáveis inquietações.” (EMM, *O consolador*, Terceira parte - Religião, Capítulo 4)

– “Por essa razão, a vitalização de ideias edificantes constrói o céu generoso da felicidade, tanto quanto a mentalização deprimente gera o inferno da aflição que passa a governar o comportamento do espírito. «É nesse particular que se avultam as lições soberanas do Mestre Galileu, conclamando o homem ao ajustamento à vida, respeitando-lhe as diretrizes abençoadas, através das medidas da mansuetude, da compaixão, da misericórdia, do amor indistinto e do perdão incessante. «Reverenciamos hoje na Terra, felizmente, o Espiritismo com Jesus, verdadeira fonte de ideias superiores e enobrecidas que libertam o espírito e o conduzem às verdadeiras causas em que devem residir os seus legítimos interesses, fazendo que a dúvida seja banida, no que diz respeito à vida verdadeira, e trabalhando contra o egoísmo, fator infeliz de quase todos os males que afligem a Humanidade. «Se alguém incide em erro, que se levante do equívoco e recomece o trabalho da própria dignificação. O erro representa lição que não pode constituir látego, mas ensejo de enobrecimento pela oportunidade que faculta para a reparação e o

refazimento. «O intercâmbio permanente dos Espíritos de uma com outra esfera da vida objetiva, seguramente, oferece ao homem a visão porvindoura do que, desde já, lhe está reservado. No entanto, para dizer-se alguém espírita não basta que se tenha adentrado nos conceitos espiritistas ou participado de algumas experiências práticas da mediunidade... É imprescindível incorporar ao modo de vida os ensinamentos dos Espíritos da Luz, tomando parte ativa na jornada de redenção do homem, por todos os modos e por todos os meios ao alcance, para que triunfem os postulados da paz, da justiça e do amor entre todas as criaturas. «Nesse particular, o amor, conforme nos legou Jesus-Cristo, possui a força sublime capaz de nos preservar de nós mesmos, ainda jornaleiros do instinto, ensinando-nos que a felicidade tem as suas bases na renúncia e na abnegação, ensejando-nos mais ampla visão de responsabilidade e dever na direção do futuro. «Dia virá, não muito longe, em que a dor baterá em retirada, definitivamente, e o intercâmbio do bem, pela força criadora do amor que se origina nos Dínamos Mentais da Divina Providência, envolverá vigorosamente todos os seres e os conduzirá à direção da tranquilidade plena, em cujo caminho já nos encontramos desde agora... «Confiemos, pois, na vitória final do bem e desde logo nos entreguemos ao Sumo Bem que cuidará do nosso próprio bem.».” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

“Para o espírita decidido, a tranquilidade de consciência, ante o dever retamente cumprido, é o melhor prêmio que ele pode oferecer a si mesmo. Esse era o estado que nos dominava, enquanto estavam em curso as tarefas a que os problemas da família Soares nos convocaram e que, por mercê de Deus, fôramos honrados pela oportunidade de servir. Não poucas vezes nos surpreendíamos empolgados pelas evocações, que, conquanto não tivessem toda a clareza que gostaríamos de experimentar, se nos apresentavam em painéis de recordação agradável. Mesmo quando a memória registrava os fatos com as tintas sombrias de pesadelos, em que à receio assomava incontrolável, lembrávamo-nos do Mestre Inconfundível, do que Lhe custara descer aos homens e experimentar sem queixa a convivência com as paixões humanas, suportando o fardo pesado das incompreensões dos que O cercavam, acostumados conforme viviam com as questões do imediatismo. O estoicismo do amor de Jesus dava-nos forças e coragem para prosseguir, sentindo a felicidade de viver entre os dois mundos que se interpenetram e cujas fronteiras mais não são do que uma fimbria divisória, um claro-escuro de tênues colorações difíceis de definir e delimitar. Nesse sentido e sob outros vários aspectos, o Espiritismo se nos apresenta como o roteiro de segurança para o equilíbrio do espírito do homem. Desfazendo as ilusões da matéria e

vencendo as sombras transitórias que vedam as visões do Mundo Espiritual, apresenta-nos as causas reais de cujos efeitos e somente neles, até agora, se há detido o pensamento da pesquisa tecnológica; suas asseverações rigorosamente filosóficas conseguiram avançar além da própria Filosofia no seu conjunto classicista, porque, em saindo da interrogação pura e simples, da indagação meramente vazia e das conjunturas das hipóteses, traz das realidades metafísicas as soluções morais e vitais para o *enigma-homem*, que se deixa de quedar perturbado pelas incógnitas diversas, para palmilhar a senda dos fatos, de cujo contexto extrai a realidade ontológica legítima que o capacita a avançar intimorato, embora as circunstâncias, condições e climas morais sob cuja constrição evolua na direção do Infinito. Sim, porque não são os homens apenas que realizam espontaneamente incursões no além-túmulo, mas, e principalmente, os vitoriosos da sepultura vencida que retornam, cantando a ressurreição da vida após a lama e a cinza do corpo, a repetirem incessantemente a lição imorredoura do Cristo, na manhã gloriosa do domingo, logo após a sua morte, como Astro fulgurante, atestando desse modo a indestrutibilidade do espírito e, conseqüentemente, as sucessivas transformações da vida para atingir a sublimação. Religião do amor e da esperança, pábulo eucarístico pelo qual o homem pode comungar com a imortalidade, é o lenitivo para a saudade do desconforto ante a ausência dos seres amados que o túmulo arrebatou, mas não lhes conseguiu silenciar a voz; esperança dos padecentes que sofrem as ácidas angústias de hoje, compreendendo serem elas o resultado da própria insânia do passado, porém, com os olhos fitos na esplendorosa visão do amanhã, que lhes está nas mãos apressar e construir; praia de paz, na qual repousam em dinâmica feliz os nautas aflitos e cansados do trânsito difícil no mar das lutas carnavais; santuário de refazimento através da prece edificante; escola de almas, que aprendem no estudo das suas informações preciosas e das suas lições insuperáveis a técnica de viver para fruírem a bênção de morrer nobremente; hospital de refazimento para os transfugas do dever, que nele encontram o bálsamo para a chaga física, mental ou moral; todavia, recebem a diretriz para amar e perdoar, a fim de serem perdoados e amados pelos que feriram e infelicitaram; “colo de mãe” generosa é o amparo da orfandade, preparando-a para o porvir luminoso, já que ninguém é órfão do amor do Nosso Pai; abrigo da velhice, portal que logo abrirá de par-em-par a aduana da Imortalidade; oficina de reeducação onde a miséria desta ou daquela natureza encontra a experiência do trabalho modelador de caracteres a serviço das fortunas do amor; traço de união entre a criatura e o Criador, religando-os e reaproximando-os, até que a plenitude da paz possa cantar em cada criatura, à

semelhança do que o Apóstolo das Gentes afirmava: *«Já não sou eu o que vivo, mas é o Cristo que vive em mim...»* (Gálatas, capítulo 2, versículo 20). As altas responsabilidades consequentes do conhecimento do Espiritismo forjam homens verazes, cristãos legítimos. Neles não há campo para a coexistência pacífica do erro com a retidão, da mentira com a verdade, da dissimulação com a honestidade, da lealdade com a hipocrisia, da maledicência com a piedade fraternal, da ira com o amor... Compreendendo que ser espírita é traçar na própria conduta o comportamento do Cristo, a exemplo de todos aqueles que O seguiram, e consoante preceitua o eminente apóstolo Allan Kardec, o aprendiz da lição espírita é alguém em combate permanente pela própria transformação moral, elevação espiritual e renovação mental, com vistas à perfeição que a todos nos acena e espera.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 11)

“[...] Sem dar-me conta, eu guardava alguns preconceitos trazidos da experiência carnal, em relação a diversos cultos e seitas religiosas que se multiplicam na Terra. Não obstante reconhecesse a necessidade de todos eles, em face da variedade de comportamentos evolutivos entre as criaturas, não me detive a examinar a questão com o carinho e a relevância de que se revestem. Abraçando o Espiritismo com enternecimento e dedicação, anelava por apressar o progresso humano através da divulgação e vivência desta Doutrina libertadora, que tem a ver com “todos os ramos do conhecimento”, e restaura, plenamente, o Evangelho de Jesus, na sua parte moral de sabor perene. Acompanhando e vivendo estas novas experiências, enriqueço-me de recursos inesperados. Todavia, o culto externo, as práticas mais violentas, ainda me produzem, não o posso negar, algum choque, em face da formação doutrinária a que me permiti, por várias décadas. - É compreensível esse comportamento - anuiu o companheiro experiente. - As leis que regem o progresso são de crescimento paulatino, quando aplicados na vida e no homem. Embora “Deus tenha pressa” em relação à nossa evolução, não nos apressa, através da violência, impondo-nos os Soberanos Códigos, antes auxilia-nos a entendê-los. O Espiritismo é uma conquista recente que a Humanidade logrou, mas que ainda não tem sabido valorizar e compreender plenamente. Doutrina antiga, presente nas mais variadas culturas do passado, avança com o progresso dos povos, hoje revelada na sua beleza e profundidade mais expressivas sem que, no entanto, se constitua a “última palavra”, já que evoluirá com a cultura e o conhecimento, na direção do infinito. Nem todos os povos, porém, em seu tempo, penetraram com segurança no âmago da revelação espiritual, adaptando-a à sua capacidade de entendimento e de aplicação, o que deu origem aos mais variados quanto esdrúxulos cultos e religiões de que se tem

notícia. Através de Allan Kardec, todavia, as informações dos imortais alcançaram o máximo da lógica pelo crivo da razão, tornando-se fator decisivo para o comportamento feliz dos homens, por encerrarem a síntese do saber e do sentir que constituem as duas asas que alçam o Espírito à angelitude. No entanto, nem todos estamos em condições de incorporar estes ensinamentos à nossa conduta. Como constata, são bem poucos entre nós os Espíritos-espíritas, apesar dos grandes esforços dos Benfeitores mais elevados, que nos reúnem para conferências, cursos e explicações em nossa esfera de ação. Os longos atavismos aqui permanecem, demorando em ser superados. É natural, portanto, que os fluxos e refluxos das reencarnações estejam sujeitos aos hábitos e fixações de cada qual. Ora, o amor de Deus não é partidário, abençoando uns, em detrimento de outros filhos, conforme se apegou por largos séculos de intolerância e fanatismo. Além disso, considerando-se os bilhões de Espíritos, hoje reencarnados na Terra, não nos seria lícito classificá-los e atendê-los apenas através das crenças que esposam, mas assisti-los consoante as necessidades que apresentam. [...] - “Jesus foi censurado por conviver com os pecadores e as gentes que não seguiam as prescrições da Lei, em razão da ignorância em que se debatiam e dos limites emocionais em que se movimentavam. Esteve no lar do cobrador de impostos, detestável, dialogando com samaritanos e tomando um deles como símbolo para elucidar quem seria o próximo do padecente agredido e abandonado... Jamais se escusou, atendendo a todos e visitando-os nos seus redutos quando possível. Allan Kardec, seguindo-lhe o exemplo, jamais agrediu, elucidando com sabedoria e retirando de cada fato e experiência, sem preconceito ou presunção, o ensinamento capaz de servir de guia para os seus discípulos e leitores. Da mesma forma, em todos os Instrutores da Humanidade, o exemplo é dado por eles, que iluminam os da retaguarda, buscando-os sem a acidez da censura ou do reproche e os impulsionando para cima, atraindo-os da sombra para a luz. É compreensível, portanto, que atendamos as várias faixas da compreensão humana, utilizando-nos do idioma que nos faça entendidos e apresentando a excelência da linguagem do bem desvestida de modismos e aparatos dispensáveis, mas que se faziam, até ali, necessários para a comunicação... Isto não quer significar que estejamos de acordo com tais práticas, assim permitindo-nos um posicionamento particular, que é aquele de não estar contra... Utilizando-nos do material que encontramos, buscamos realizar a tarefa de socorro e iluminação que nos compete. Já imaginou, o amigo, se Jesus tivesse os nossos pruridos e se negasse a vir ter conosco, em razão do nosso atraso e das nossas superstições? No entanto, participou do nosso dia-a-dia, interessou-se pelos nossos hábitos e

viveu tão próximo, que se pareceu confundido conosco, elegendo-se, no entanto, o testemunho, a sós, na grande lição de vida, mediante a doação total da sua vida, para que melhor o sigamos. “Sem a pretensão de nos considerarmos mais bem aquinhoados do que nossos irmãos, ainda necessitados das expressões mais materiais pelas quais revelam sua fé e realizam o seu culto a Deus, vamos, lentamente, auxiliando-os na libertação das crendices, na superação das fórmulas e na conquista dos títulos de benemerência pelo amor e pela caridade, estruturando o comportamento na sadia moral, isto sim, requisitos estes mais importantes, conforme aprendemos no trato com a Doutrina Espírita.” [...] - Entre Jesus e Kardec estão quase dezenove séculos, de modo que o pensamento iluminado do Nazareno pudesse alcançar toda a sua eloquência filosófica e ético-moral para o benefício das criaturas. Kardec é o homem do futuro e o Espiritismo é a lição imperecível que os tempos irão auxiliando os indivíduos a assimilar, penetrando-se da sua sabedoria, que um dia conduzirá os destinos da Terra. Confiemos, e, até esse momento, sirvamos onde e como a Providência nos permita para o nosso progresso e felicidade. Há muito por fazer, nesta hora grave, investindo todos os nossos valores intelecto morais em prol do futuro. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 21)

“Reflexões e expectativas. No dia seguinte, à hora convencional, da qual eu fora informado pela manhã, o Dr. Carneiro de Campos e outro Amigo vieram ter comigo, a fim de seguirmos à cidade X..., que seria sede das nossas atividades. Antes de iniciarmos a jornada, o benfeitor que se responsabilizava pela tarefa apresentou-nos, o seu acompanhante e nós, facilitando-nos imediato intercâmbio de ideias e um saudável relacionamento. — O nosso Fernando — esclareceu-me o médico baiano — foi dedicado espírita, na Terra, havendo exercido o ministério mediúnico com significativa abnegação. Participa da presente jornada, a que está acostumado, para cooperar com a sua faculdade colocada a serviço do bem em próximas necessidades. Sem aparência de preocupação para impressionar-me, portanto, com naturalidade, porque chamado nominalmente à conversação, ele explicou: — Durante algumas décadas entreguei-me ao serviço da mediunidade curativa, embora a psicofonia e a clarividência me fossem habituais. Por esse tempo, o preconceito contra o Espiritismo e a mediunidade era muito forte, e não obstante as pessoas procurassem os benefícios que ambos proporcionam, mantinham suas ideias equivocadas e prejudiciais. Apesar disso, pude atender ao compromisso que assumira antes da reencarnação com relativa facilidade. Àquela época, as pessoas que se inclinavam à pesquisa mediúnica e ao estudo da Doutrina Espírita afeiçoavam-se a ambos os mistérios com espírito de dedicação. Havia, certamente,

menos recreios e diversões, menos necessidade de esparecimento, e os veículos de comunicação eram mais comedidos, não estando no ar ainda os valiosos recursos da televisão. As dificuldades, que eram muitas, qual hoje ainda acontece, tornavam os interessados mais maleáveis à consolação e à fidelidade doutrinária, à vivência dos postulados aceitos e à ação da caridade ao próximo com maior entrega pessoal. Houve, suponho, uma alteração de comportamento psicológico — cujas causas não vêm ao caso examinar — que parece haver tornado os indivíduos mais instáveis, inseguros, áridos e ansiosos por novidades. Com a escassez de tempo para aprofundamento do estudo espírita, tendo-se em vista as grandes exceções, observo que as adesões, apesar de numerosas, são sucedidas por deserções expressivas e variações de buscas espiritualistas e de prazeres que impedem a autodoação, a dedicação. A mediunidade vem-se tornando instrumento de autopromoção, a prejuízo da qualidade ética e espiritual do fenômeno, e diversos companheiros, impressionados com eles mesmos, narcisisticamente arrojam-se às disputas, ao campeonato da projeção pessoal, perseguindo o aplauso da Terra, os primeiros lugares, as competições insensatas, distantes dos sentimentos de renúncia, de vera humildade, de legítimo amor. Interrompeu-se por alguns instantes e deu prosseguimento aos seus oportunos apontamentos: — Naturalmente, no passado, ocorriam também esses fenômenos, porém, em menor escala, razão por que não devemos estranhar a sua atual manifestação. Sucede que as frivolidades campeiam, os disfarces e simulações aumentam nesta área, e a indústria dos presentes, isto é, a retribuição aos favores mediúnicos mediante doações de objetos e vestuário de uso pessoal, vem-se tornando uma motivação sub-reptícia para o envolvimento dos trabalhadores distraídos, com esquecimento do carinho e devotamento àqueles que os não podem recompensar e são, como é óbvio, os mais necessitados. Não é do nosso interesse censurar ou lamentar o fato, cuja responsabilidade é individual e intransferível, senão examinar e advertir os sinceros obreiros que, na mediunidade, encontram o abençoado instrumento para o serviço da autoiluminação, bem como a do seu próximo, tanto quanto para expandir a Verdade entre os homens. “Somos daqueles que consideram úteis todas as religiões dignas e filosofias espiritualistas, necessárias e portadoras de elevadas contribuições para o bem da sociedade. Entretanto, a viagem de retorno de um espírita a uma outra denominação religiosa surpreende-me, ao tempo em que lhe compreendo a conduta. A surpresa decorre do fato de identificar no Espiritismo o Consolador prometido por Jesus, a Ciência que abarca o conhecimento sob diversos matizes, e a Filosofia esclarecedora, lógica, otimista, que propicia uma vivência ideal,

seja sob o ponto de vista pessoal ou pelo inter-relacionamento social que proporciona, não havendo razão para quem a conhece desprezá-la. Sucede, porém, que ela impõe, como é natural, uma vida saudável, sem oferecer recursos para o escapismo insano, o que é um compromisso grave. E compreendo a atitude daqueles que desertam, por acreditar que eles preferem uma religião que faculta menores responsabilidades, ou filosofias espiritualistas que se mesclam umas nas outras, apresentando propostas bizarras, variantes, compatíveis com os modismos vigentes em toda parte. Todavia, respeito toda forma de crença e de não crença, de comportamento e de vida, buscando aprender com as criaturas e suas experiências, vinculado, cada vez mais, à Doutrina Espírita, que me concedeu paz e liberdade, ocasião de trabalho renovador e mais amor ao meu próximo. Quando o caro Fernando concluiu o seu pensamento, dei-me conta de que também eu assim reflexionava diante de muitos sucessos que acompanhava no Movimento Espírita em particular, e, por extensão, na sociedade em geral. O Espiritismo, pela sua simplicidade, possui todas as condições propostas por Jesus a respeito do Consolador, ao tempo que se fundamenta em uma filosofia de excelente qualidade, cujos postulados têm suas raízes no idealismo de Sócrates e Platão, sem entrar em choque com o pensamento oriental antigo, do qual se derivaram o Bramanismo, o Budismo, o Taoísmo... Considerando o homem um ser integral na sua complexidade, faculto-lhe a conquista da plenitude mediante o esforço pessoal, intransferível, acenando-lhe sempre com a possibilidade de conquista de novos e mais elevados patamares na escala da evolução que o aguarda. Em nossas conversações frequentes com os mentores, sempre lhes percebíamos a natural preocupação com os companheiros encarnados, portadores de responsabilidades na área espírita, que se deixam distrair pelas querelas inúteis e debates injustificáveis na defesa de pontos de vista doutrinário, tomando rumos estranhos pelos desvios de rota, descuidando-se do essencial em favor do secundário. Por outro lado, observo que esse comportamento apaixonado, na área espiritual e num grupo reduzido de profíctes, torna-se mais expressivo e grave no comportamento social que envolve as massas, e os jogos de interesses assumem proporções imprevisíveis, levando os indivíduos à agressividade, à violência, assim liberando as altas cargas das paixões inferiores, filhas diletas do egoísmo. A dedicação com fidelidade e firmeza de caráter a qualquer causa é sempre um grande desafio ao homem, especialmente por exigir-lhe vivência do ideal esposado com tolerância para com todos quantos lhe compartilham ou não a opinião. É de considerar-se, entretanto, que na atual conjuntura do planeta, em face da paisagem moral daqueles que o habitam, essa ocorrência se faça normal,

até que o próprio mecanismo do progresso impulsione as criaturas pelo roteiro correto.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Reflexões e expectativas)

“LIÇÕES DE SABEDORIA. [...] Deixando-me inteiramente à vontade, convidou-nos a sentar e, com a naturalidade que lhe era habitual, explicou-nos a todos que o encontro tinha por objetivo agradecer a nossa visita e entretecer breves comentários em torno do cristão no mundo, especialmente do cristão-espírita enriquecido pela Terceira Revelação. Todos concentramos os olhos e a atenção no emérito trabalhador de Jesus que, sem mais delonga, considerou: — Todo conhecimento superior que se adquire visa ao desenvolvimento moral e espiritual do ser. No que diz respeito às conquistas imortais, a responsabilidade cresce na razão direta daquilo que se assimila. Ninguém tem o direito de acender uma candeia e ocultá-la sob o alqueire, quando há o predomínio de sombras solicitando claridade. A consciência esclarecida, portanto, não se pode omitir quando convidada ao serviço de libertação da ignorância de outras em aturdimiento. Somos células pulsantes do organismo universal, e quando alguém está enfermo, debilitado, detido no cárcere do desconhecimento, o seu estado se reflete no conjunto solicitando cooperação. Jesus é o exemplo dessa solidariedade, porque jamais se escusou, nunca se deteve, avançando sempre e convidando todos aqueles que permaneciam na retaguarda para segui-Lo. Esse é o compromisso do ser inteligente na Terra e no Espaço: socorrer em nome do amor os irmãos que se detêm ergastulados no erro, no desconhecimento, na dor... “A Humanidade, desde priscas Eras, tem recebido a iluminação que verte do Alto. Nunca faltaram os missionários do Bem e da Verdade conclamando à ascensão, à superação das imperfeições morais. Em época alguma e em lugar nenhum deixou de brilhar a chama da esperança em nome de Nosso Pai, que enviou os Seus apóstolos ao Planeta, a fim de que todas as criaturas tivessem as mesmas chances de autorrealização e de crescimento interior. Todos eles, os nobres Mensageiros da Luz, desempenharam as suas atividades em elevados climas de enobrecimento e de abnegação, que deles fizeram líderes do pensamento de cada povo, de todos os povos. “Foi, no entanto, Jesus, quem melhor se doou à Humanidade, ensinando, pelo exemplo, dedicação até à morte, e oferecendo carinho até hoje, aguardando com paciência infinita que as Suas ovelhas retornem ao aprisco. Apesar das Suas magníficas lições, o ser humano alterou o rumo da Sua proposta de lúdima fraternidade, promovendo guerras de extermínio, elaborando castas separatistas, elegendo ilusões para a conquista do reino terrestre... Sabendo, por antecipação, dessa peculiaridade da alma humana, o Mestre prometeu o Consolador que viria para erguer em definitivo os combalidos na luta, permanecendo

com as criaturas até o fim dos tempos... “E o Consolador veio. Ao ser apresentado no Espiritismo, surgiram incontáveis possibilidades de edificação humana, pelo fato de a Doutrina abarcar os vários segmentos complexos e profundos da Ciência, da Filosofia e da Religião, contribuindo em todas as áreas do conhecimento e da emoção para o desenvolvimento dos valores eternos e a consequente consolidação do reino de Deus na Terra. Expandindo-se a Codificação kardequiana, as multidões esfaimadas de paz e atormentadas por vários fatores, acercaram-se e continuam abeberando-se na fonte generosa e rica, para serem atendidas, sorvendo os seus sábios ensinamentos. “Quando, porém, deveriam estar modificados os rumos convencionais e estabelecidos a fraternidade, a solidariedade, a tolerância, o trabalho de amor na família que se expande, começam a surgir desavenças, ressentimentos, conflitos, campanhas de perturbação e ataques grosseiros, repetindo-se as infelizes disputas geradas pelo egoísmo e pela vã cegueira das paixões dissolventes, conforme ocorreu no passado com o Cristianismo, destruindo a sementeira ainda não concluída e ameaçando a ceifa que prometia bênçãos. Espíritos uns, possuídos pelo desejo de servir, mergulham no corpo conduzindo expectativas felizes para ampliar os horizontes do trabalho digno, mas, vítimas de si mesmos e do seu passado sombrio, restabelecem as vinculações enfermizas, tombando nas malhas bem urdidas de obsessões cruéis, vitimados e perdidos... Outros mais, que deveriam ser as pontes luminosas para o intercâmbio entre as duas esferas vibratórias, açodados na inferioridade moral, comprometem-se com os vícios dominantes no mundo e desertam das tarefas redentoras... Diversos outros ainda, preparados para divulgar o pensamento libertador, deixam-se vencer pelo bafio do egoísmo e do orgulho que deveriam combater, tornando-se elementos perturbadores, devorados pela ira fácil e dominados pela presunção geradora de ressentimentos e de ódios... A paisagem, que deveria apresentar-se irisada pela luz do amor, torna-se sombreada pelos vapores da soberba e do despautério, tornando-se palco de disputas vis e de promoções doentias do personalismo, longe das seguras diretrizes do legítimo pensamento espírita... Que estão fazendo aqueles que se comprometeram amar, ajudar-se reciprocamente, fornecendo as certezas da imortalidade do Espírito e da Justiça Divina? Enleados pelos vigorosos fios da soberba e da presunção, creem-se especiais e dotados com poderes de a tudo e a todos agredir e malsinar. “Como consequência dessa atitude enferma, estão desencarnando muito mal, incontáveis trabalhadores das lides espíritas que, ao inverso, deveriam estar em condições felizes. O retorno de expressivo número deles ao Grande Lar tem sido doloroso e angustiante, conforme constatamos nas experiências vivenciadas em

nossa Esfera de atividade fraternal e caridosa. O silêncio em torno da questão já não é mais possível. Por essa razão, anuímos que sejam trombeteadas as informações em torno da desencarnação atormentada de muitos servidores da Era Nova em direção aos demais combatentes que se encontram no mundo, para que se deem conta de que desencarnar é desvestir-se da carne, libertar-se dela e das suas vinculações, porém, é realidade totalmente diversa e de mais difícil realização.” O digno missionário silenciou por breves segundos, logo dando curso aos seus enunciados: — Felizmente, nos confortam o testemunho de inúmeros heróis do trabalho, os permanentes exemplificadores de caridade, a constância no bem pelos vanguardeiros do serviço dignificante, os ativos operários da mediunidade enobrecida e dedicada ao socorro espiritual, os incansáveis divulgadores da verdade sem jaça e sem prepotência que continuam no ministério abraçado em perfeita sintonia com as Esferas Elevadas de onde procedem. “Quem assume compromisso com Jesus através da Revelação Espírita, não se pode permitir o luxo de O abandonar na curva do caminho e seguir a sós, soberbo quão dominador, porque a morte o aguarda no próximo trecho da viagem e o surpreenderá conforme se encontra, e não, como se dará conta do quanto deveria estar melhor mais tarde. “A transitoriedade da indumentária física é convite à reflexão em torno dos objetivos essenciais da vida que, a cada momento, altera o rumo do viajante de acordo com o comportamento a que se entrega. Ninguém se iluda, nem tampouco iluda aos demais. A consciência, por mais se demore anestesiada, sempre desperta com rigor, convidando o ser ao ajustamento moral e à regularização dos equívocos deixados no trajeto percorrido. Todos quantos aqui nos encontramos reunidos, conhecemos a dificuldade do trânsito físico, porque já o vivenciamos diversas vezes, e ainda o temos vivo na memória e nos testemunhos a que fomos convocados. Ninguém esteve na Terra em regime de exceção. Apesar disso, bendizemos as dificuldades e as provas que nos estimularam ao avanço e à conquista da paz. “Provavelmente, estas informações, quando forem conhecidas por muitos correligionários, serão contraditadas e mesmo combatidas. Nunca faltam aqueles que se entregam à zombaria e à aguerrida oposição. Os seus estímulos funcionam melhor quando estão contra algo ou alguém. Não nos preocupamos com isso. Cumpre-nos, porém, o dever de informar com segurança, e o fazemos com o pensamento e a emoção direcionados para a Verdade. Como os reencontrados de hoje serão os desencarnados de amanhã e, certamente, o inverso acontecerá, os companheiros terrestres constatarão e se cientificarão de visu. Jamais nos cansaremos de amar e de servir, tentando seguir as luminosas pegadas de Jesus, que nos assinalou com

sabedoria: — “Muitos serão chamados e poucos serão escolhidos”. Sem a pretensão de sermos escolhidos, por enquanto apenas pretendemos atender-lhe ao sublime chamado para o Seu serviço entre as criaturas humanas de ambos os planos da vida.” (MPM, *Tórmantos da obsessão*, Capítulo 22)

“Despedidas. [...] “O conhecimento do Espiritismo aumenta a responsabilidade do indivíduo, porque dá-lhe os instrumentos hábeis para a transformação íntima para melhor, demonstrando-lhe a continuidade da vida após a morte física e os resultados que advêm da conduta mantida antes da desencarnação. Dessa maneira, a Doutrina tem por meta libertar o ser humano da ignorância e do mal, abrindo espaços para a instalação do bem e do conhecimento que felicita, ao tempo que impulsiona à ação dignificadora, através da qual é possível a paz com a própria consciência. Não basta saber, torna-se imprescindível aplicar de maneira útil o conhecimento que possa auxiliar o próprio como o progresso da sociedade. Reflexionei um pouco, arrematando ideias, e continuei: – Também penso que a maioria de nós, os espíritas, encarnados ou desencarnados, transitamos tanto pela Igreja de Roma como por aquelas que se originaram na Reforma Luterana, nas quais deveríamos dignificar a mensagem de Jesus, havendo agido de maneira totalmente contrária. Utilizamos-nos da expansão da fé católica, assim como da protestante, para impor as nossas paixões pessoais e perseguir aqueles que tinham o direito e a liberdade de pensar diferente, acusando-os de hereges ou de adversários da fé, apenas para conseguirmos mais poder, que o túmulo consumiu. Não pequeno número de Espíritos, ao inverso, ali encontraram a oportunidade de crescimento e de iluminação, deixando marcas sublimes na História, vivendo incomparáveis lições de beleza, renúncia e amor, com que conquistaram a Humanidade. Aqueles que tombaram nos delitos foram vítimas de si mesmos, das suas arbitrárias posturas e falácias que nos enovelaram ao despotismo e à loucura que projetaram para o seu futuro espiritual efeitos dolorosos que hoje carpimos e sofremos, embora desejando realmente servir e acertar. “Acredito também, que os companheiros mais empedernidos e exigentes, ainda enganados quanto à função do Espiritismo, que tem por meta prioritária iluminar aquele que lhe adere às proposituras, antes que cuidar de salvar os outros, são fracassados religiosos que se destacaram na Cúria ou na paróquia, no templo de fé que dirigiram e retornam com a ilusão de que ainda se encontram dominando as mesmas. Somente o tempo, esse trabalhador infatigável, para fazê-los despertar sob os camartelos do sofrimento purificador que a todos nos alcança. “Merecendo-nos, todos eles, o melhor carinho e respeito, apenas lamentamos o fato de não se estarem beneficiando realmente da Doutrina Espírita, que é o Sol

da Nova Era. Bem-aventurado, portanto, todo aquele que, tomando da charrua não olha para trás, conforme o ensinamento do Mestre. Envolvamo-los, a todos, em paz e confiança em Deus, aguardando o momento do despertar de cada um, qual ocorreu conosco mesmos, agora conscientes das responsabilidades que abraçamos em lúcido aproveitamento do tempo que urge...” No silêncio, que se fez natural, comecei a repassar mentalmente a recente experiência terrena, quando, militando no Movimento Espírita, pude vivenciar as observações apresentadas pelo caro Dilermando. Aqueles eram dias heroicos, que denomino os dias das catacumbas, quando a adoção da Doutrina constituía um verdadeiro desafio às denominadas regras da sociedade, devendo-se pagar um alto preço de renúncia, de silêncio e de abnegação... Mesmo naqueles já distantes dias, em número reduzido que éramos, ao invés de uma legítima união grassava entre nós o escalracho destruidor e perigoso, as suspeitas e acusações infundadas, exigindo serenidade e amor em relação aos irmãos invigilantes. É o ônus que o ser humano paga pela honra de abraçar ideais de enobrecimento e de dignificação espiritual. Hoje, mudaram, sim, os tempos, sob um aspecto, já não se sofrendo pública discriminação nem perseguição ostensiva, quando se abraça o Espiritismo, no entanto prosseguem os mesmos desafios, e torna-se indispensável a contribuição do testemunho, da fidelidade, por parte daqueles que, tocados pelo Espírito do Cristo e fascinados pela mensagem espírita, adotam a fé racional e pura que os comove e arrebatava. Ainda, durante muito tempo, serão necessários os exemplos de coragem e de abnegação em todos os segmentos sociais e áreas do pensamento, por parte dos heróis e dos idealistas, para que as mensagens nobres se implantem nos corações humanos e transformem a sociedade que necessita de diretriz e de segurança para alcançar o objetivo da harmonia e do equilíbrio, da justiça e da paz.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 24)

“INTERCESSÃO PROVIDENCIAL. [...] Fôramos informados que nobre mensageira de Estância superior viria comunicar-se conosco, obedecendo a uma programação adrede organizada, para socorrer algumas Instituições Espíritas terrenas, seriamente sitiadas por tenebrosa organização do Mal. Labores antes realizados com abnegação, agora sofriam sórdida perseguição de inimigos do progresso já desencarnados, que se comprazem em semear intranquilidade entre as criaturas, em perversa conspiração contra a ordem e o desenvolvimento moral. [...] De imediato, apresentou a venerável senhora desencarnada cuja aura refulgia em tonalidades diamantinas, demonstrando o seu estágio evolutivo. Referiu-se o irmão Ovídio que se tratava de servidora cristã, desde há muitos séculos, mas que durante a existência do Santo de Assis sacrificara-se na

Ordem das clarissas, a fim de manter a pulcritude dos seus ensinamentos, preservando os votos de caridade, de pobreza, de humildade, de entrega total a Jesus e de virgindade... Sem os encômios constrangedores muito comuns na convivência terrena, a biografia era destituída dos elogios dispensáveis, sendo fiel à estatura moral da abençoada Entidade. Ao silenciar, a visitante ergueu-se e, com um leve sorriso no rosto angelical, saudou-nos com simplicidade, dizendo-nos: - A paz de Jesus seja convosco! - Venho, em nome do Amor não amado, rogar-vos ajuda para a comunidade cristã-espírita que, neste momento, experimenta severos testemunhos. “O amor a Jesus em todas as épocas da Humanidade sempre tem provocado a ira dos adversários da Verdade que O temem, investindo com ferocidade contra os seus vexilários, na ilusão de que, ao destruírem os seus corpos, aniquilam os seus ideais libertadores. “Não ignoramos que as forças do Mal, ensandecidas e furiosas, ante o crescimento dos adeptos do Consolador, que vem recuperar os Espíritos enfermos, desertores e extraviados, a fim de trazê-los de volta ao Cordeiro de Deus, sentem-se ameaçadas e, após reorganizações bem-urdidas, atacam-nos com inclemência, tanto de forma sutil como em enfrentamentos dolorosos. “Utilizando-se da debilidade moral de muitos conversos que não amadureceram psicologicamente nos estudos sérios do Espiritismo, deles se utilizam como insatisfeitos e agressivos, perturbadores das hostes doutrinárias, de modo a criarem situações embaraçosas, de difícil solução pelos arrastamentos de outros invigilantes que a ação maléfica proporciona. “A intriga e a infâmia - armas mortíferas e de grande alcance - são utilizadas para denegrir os companheiros, lançá-los uns contra os outros, com desgastes de energia e de tempo malbaratados inutilmente. “Embora pregando-se a tolerância, não a praticam, antes mantêm injustificáveis ressentimentos, filhos do orgulho em predomínio e da presunção doentia. “Por mais se exore a necessidade da prática do perdão, da gentileza, da caridade no trato com todos, comportam-se armados e muito sensíveis a qualquer palavra de admoestação que interpretam conforme sua doentia situação, de modo a abrir feridas nos sentimentos debilitados. “Atormentados pelas paixões servis, transformam os núcleos espíritas, que devem ser dedicados ao estudo, à oração, ao recolhimento dos sofredores, a santuário de comunhão com o Mundo Espiritual superior, em clubes de futilidades, de divertimentos, de comentários desairosos, de Convívio para o prazer e de lancharias comuns... “Lentamente, substitui-se a seriedade da mensagem por anedotário chulo e vulgar de duplo sentido, o que deixa doridas frustrações naqueles que os buscam amargurados, sofredores, com o coração ferido e a mente atormentada. “Se não bastasse essa conduta reprochável, o desrespeito aumenta e a

desconsideração pelos humildes faz-se natural comportamento, sem qualquer atitude de compreensão e de misericórdia para com os filhos do Calvário, que o Mestre nos confiou para que deles cuidássemos... “Derrapa-se em relacionamentos de ocasião, que terminam em rupturas abruptas com mágoas e afastamentos das atividades, olvidados do altíssimo significado da responsabilidade abraçada e dos compromissos firmados antes do berço.” Fez silêncio oportuno, como se o auditório cativado guardasse as palavras e as reflexões, e se permitisse impregnar pelo conteúdo da mensagem. Com o semblante assinalado por leve melancolia resultante da análise grave, a veneranda mensageira prosseguiu: - Iniciada a grande transição planetária, reencarnam-se, na atualidade, embora haja fruído de outras benéficas ocasiões, que desrespeitaram, antigos déspotas e criminosos, genocidas e bárbaros, fanáticos religiosos, odientos e zombeiros espirituais que têm estado retidos em regiões inferiores, a fim de que disponham da sublime oportunidade de reparação e de crescimento na direção do Bem. “Calcetas e alucinados promovem contendas e produzem justas ferozes, transformando as Instituições em campos de batalhas destrutivas, sem dar-se conta do prejuízo moral e doutrinário que ocasionam. “Para contê-los, amorosos benfeitores da Humanidade vestem-se de matéria para os socorrer e os amar. Entre esses, a comunidade franciscana, que revolucionou o fim do século XII e o começo do XIII, está renascendo para repetir a incomparável tarefa de reconstruir a igreja do amor, conforme Jesus havia solicitado a São Francisco, em São Damiano... “Têm a tarefa de preparar as mentes e os corações para o restabelecimento dos incomparáveis milagres do amor, conforme Jesus o fez, antecipado por missionários do conhecimento que, em Roma e em todo o Império, diminuíram o clamor das contínuas guerras, dando lugar às manifestações de justiça e de misericórdia de que foi rico o Seu ministério na Terra. “Depois virá, ele mesmo, o inesquecível Cantor de Deus, para apascentar o rebanho e levá-lo a Jesus. “Tratar-se-á de um ministério de alta abnegação, qual aconteceu nos inolvidáveis dias do passado, quando modificou totalmente a estrutura da fé cristã, embora as tremendas adulterações que vieram após a sua desencarnação. “Infelizmente, ainda é da natureza humana o vício de adaptar o conhecimento libertador à estreiteza da sua compreensão, de submeter a lição sublime aos impositivos das paixões e dependências, hábitos doentios e conformistas, geradores do alucinado e equivocado prazer. “Em o novo programa, no entanto, não deverão ocorrer os riscos que se apresentaram no pretérito, porque aqueles que se negarem a seguir corretamente, ou criarem impedimentos à sua divulgação e vivência serão exilados automaticamente, por meio da sintonia mental e moral

com planeta inferior, para onde se transferirão em estágio forçado até que lhes ocorra a renovação indispensável, capaz de fazê-los ascender em retorno à Terra, mãe generosa que lhes é o berço feliz. “A soberba e o falso intelectualismo, a necessidade de variações de comportamento, vêm conduzindo expressivo número de adeptos da Revelação dos guias da Humanidade; as propostas agressivas conforme a sua maneira de entender e alguns se atrevem a dar nova interpretação às obras da Codificação, num alucinado projeto de atualizar a Verdade, as reflexões do codificador inspirado pelo Senhor e vaso escolhido para a construção do mundo melhor. “Dominados pela vaidade, deixam-se outros dominar por Entidades intelectualizadas e de baixo nível moral, que os mistificam, assacando acusações indébitas contra tudo e todos que lhes não compartilhem as ideias esdrúxulas e extravagantes. “Graças à comunicação virtual, divulgam-se acusações sórdidas contra os servidores fiéis a Jesus, que não estão à cata de promoção pessoal nem de exibicionismo egóico, semeando espinhos pela senda que eles devem percorrer. Intimoratos, entanto, esses discípulos da última hora, prosseguem inatingidos, ignorando o mal para somente construir o bem. “Esse ultraje, ora sutil, noutros momentos, agressivo e direto, tem desanimado indivíduos frágeis que se fascinam com a beleza da Doutrina e se decepcionam com a conduta de alguns daqueles que se apresentam como seus seguidores. “Piorando o quadro, no entanto, as disputas por cargos administrativos, a fim de imporem suas maneiras especiais de governança das consciências, em lamentáveis ressonâncias do passado, quando, em outros credos, foram impiedosos e dominadores, vêm-se tornando triviais, sempre em olvido das diretrizes do Mestre ao afirmar: - Quem desejar ser o maior, seja o servidor de todos... “Muito tormento por exibição pessoal tem induzido os descontentes à criação de esquemas de trabalho que violam a simplicidade da mensagem de Jesus, enquanto outros se autodenominam inspirados pelo próprio Senhor ou se apresentam como reencarnantes famosos, cujas existências foram de sacrifício e de abnegação, como se pudesse haver retrocesso no programa da evolução... “Misturam-se, em consequência, os interesses vis de encarnados com desencarnados, aumentando as dissensões e gerando os ódios que já deveriam estar ultrapassados pelas relevantes conquistas das ciências psicológicas que demonstram os malefícios que causam a todos quantos lhes permitem guarida na mente e no sentimento. “É momento muito grave, porque há urgente necessidade de consolação aos que se sentem deserdados, aturridos com as ocorrências afligentes que os surpreendem nos mais diversos segmentos da sociedade. “A hora exige atenção e cuidado, ante o número expressivo de lobos disfarçados de ovelhas, com vozes mansas e

venenos nas palavras, que aparentam humildade forçada e são possuidores de ira incontrolável. “Urge que os servidores do Evangelho restaurado reconsiderem condutas e voltem a trilhar a difícil estrada pedregosa por onde peregrinou o Mestre, sem as lisonjas e os destaques sociais, nem as honrarias humanas que muito agradam a inferioridade moral e pervertem os sentimentos que se deveriam ornar de simplicidade e renúncia. “A tribuna espírita não é pódio para disputas de exaltação do personalismo nem instrumento de projeção da mesquinha necessidade de aplauso. Antes, é área de compromissos graves com o ensinamento exposto, de forma que valham mais os atos do que as palavras memorizadas em exórdios brilhantes. Isto porque, conhecendo as debilidades morais dos que ali se apresentam, os adversários espirituais seguem-nos, empurram-nos a compromissos afetivos ilusórios e desgastes sexuais resultantes do fascínio que exercem em pessoas viciadas e de mente pervertida. Dominados pela vã cultura e pelo entusiasmo dos insensatos, abrem espaços emocionais muito amplos para a instalação de conflitos que os atormentarão, que os levarão ao abandono das tarefas, quando contrariados ou simplesmente entediados, a caminho de desditosas depressões e obsessões soezes. “A Instituição Espírita de hoje deve evocar a Casa do Caminho, onde Pedro, Tiago e João viveram os ensinamentos de Jesus e mantiveram a continuação do contato com o Mestre, a fim de que tivessem forças para o testemunho, o sublime holocausto da própria vida.” Novamente silenciou com a voz suavemente assinalada pela emoção que lhe invadia o ser angelical. Todos nos encontrávamos dominados pelo magnetismo vigoroso que dela e de suas palavras se exteriorizava. Momentos após, prosseguiu tomada de júbilo e de esperança: - É chegado o momento de intensificarmos o intercâmbio feliz com os companheiros mergulhados na indumentária carnal, que se têm mantido fiéis e padecem as injunções difíceis do momento turbulento. “De todo lado apresenta-se o sofrimento em multifaces, cada hora alcançando uns e outros, sem qualquer exceção, porque o momento é de seleção de valores, no qual, aqueles que estiverem com Jesus, definir-se-ão pela permanência na batalha, enquanto outros optarão pelos prazeres com que se comprazem. “Necessário que intervenhamos nos programas de obsessão em massa que vêm ocorrendo, num arrastamento alarmante, a ponto de constarmos que, em quase todos os quadros de patologias variadas, estão presentes os adversários espirituais do paciente, explorando-lhe as paisagens mentais e emocionais. Sabemos que, na raiz de toda enfermidade, o problema é o próprio doente, que se torna predisposto à instalação dos distúrbios na saúde, à contaminação pelos agentes destrutivos, pelos trans-tornos que nele se fixam. Além disso, verificamos

também a instalação das matrizes psíquicas que facultam as obsessões perversas. “Vozes espirituais, em momentosos intercâmbios mediúnicos, vêm conclamando os trabalhadores do Bem à vigilância e à oração, em exórdios e discursos comovedores. Mensagens de admoestação carinhosa são transmitidas nas células espíritas enobrecidas pela caridade, enquanto servidores sinceros percebem a gravidade do momento, e médiuns sinceros, fiéis, constatarem as ocorrências infelizes na psicofera pesada que se abate sobre todos. “As orações ungidas de amor suplicam amparo para a seara visitada pelas pragas perigosas e a inclemência da situação perturbadora, e a sua ressonância alcançou elevadas regiões espirituais que sediam os responsáveis pelo progresso do planeta em nome de Jesus. Como efeito, soa o clarim anunciador de perigo e movimentam-se legiões de obreiros desencarnados, concitados à campanha de defesa que se faz de emergência. “Em várias comunidades espirituais próximas da Terra instalam-se grupos de auxílio e servidores especializados nesse mister são destacados para o enfrentamento que já vem ocorrendo.” Houve uma pausa natural como corolário da dissertação, para que pudéssemos avaliar a gravidade do acontecimento. Logo após, com a mesma tonalidade de voz, dúlcida e enérgica, o anjo visitante continuou: -Vimos solicitar o apoio de todos os membros da Comunidade Redenção, para que sejam organizados grupos de vibrações em favor dos irmãos em testemunho, a fim de que as Instituições Espíritas e os seus trabalhadores, especialmente os portadores de mediunidade dignificada, sejam enriquecidos de bênçãos em forma de coragem e mantenham um padrão de ondas mentais como um canal por onde fluam as energias do amor e da abnegação, como acontecia nos gloriosos dias do martírio... “Em razão das facilidades de divulgação do Espiritismo na atualidade e da sua relativamente fácil aceitação por indivíduos de todas as procedências e pelas massas ansiosas, não se creia que os testemunhos já não se façam necessários. “São eles agora de outra ordem, com características mais sutis e mais perigosas, porque são entretecidas habilmente malhas fortes que envolvem, aprisionam os invigilantes e alcançam também os bons servidores. “Que ninguém se escuse às provações de amor e de fidelidade na seara da luz! Que ninguém tema os hábeis conciliábulos dos maus e suas façanhas, porque, acima deles, brilha a luz da verdade! “O Mestre não deixa aqueles que O amam ao abandono ou ao esquecimento. “Mantende-vos confiantes! “Para o feliz desiderato, além dos grupos de vigilantes e encarregados de orações intercessórias, de cada comunidade seguirão equipes de técnicos no que diz respeito às obsessões, para o esforço de soerguimento moral dos afetados, despertamento dos adormecidos na indiferença, prosseguimento dos laboriosos

e lutadores devotados. Principalmente, também, com o objetivo de atrair para as falanges do Bem os extraviados, que se permitem o engodo de transformar-se em inimigos de Jesus. “Unidos mental e emocionalmente, seremos como diferente exército que combate com as armas da compaixão e do esclarecimento, da misericórdia e do amor. “O Senhor comanda-nos e convida-nos à grande batalha da luz clareando a treva, do perdão substituindo a vingança, da pureza e da humildade em lugar da luxúria e da prepotência. “Que Ele mesmo nos impulsione e conduza, são os nossos fervorosos votos para todos.” No silêncio natural que se fez, as emoções subiram-nos dos corações aos olhos e lágrimas romperam a comporta de segurança, num misto de júbilo, de gratidão ao Pai e de preocupação pelos dolorosos fenômenos relatados.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 1)

“PERSPICÁCIA DAS TREVAS. Nas áreas infelizes da espiritualidade inferior em que habitavam as Entidades afeiçoadas ao mal, os chefetes dominadores perceberam a mudança que ora se apresentava na Instituição e, por extensão, em outras Sociedades Espíritas. Era o despertar, um renascimento sob o comando superior dos emissários de Jesus, a fim de alterar-lhes as ocorrências lamentáveis que se vinham desdobrando generalizadamente. Aquele período fazia recordar os dias turbulentos em que Santa Teresa de Ávila, saindo do convento da Encarnação sob a inspiração do Mestre, programou a grande reforma, que seriam as carmelitas descalças, libertando os mosteiros da frivolidade e da hediondez que neles predominavam. As religiosas, muitas das quais procedentes de famílias ricas, nobres e distintas, mantinham o comportamento profano, vulgar, sem mudança interior exigível para o serviço de Jesus. Eram preservados os vícios da sociedade sob disfarces de honradez. No entanto, no parlatório, a maledicência e a vida comum faziam parte da existência monacal, na qual servidoras humildes trabalhavam para as damas ricas, que se permitiam condutas reprocháveis e nada lhes era proibido, em razão das doações feitas pelas suas famílias, inclusive as suas heranças pessoais. Santa Teresa, enferma por mais de vinte anos, considerada morta muitas vezes, logo retornando à sanidade física e mental, recebia do seu Senhor as instruções para a manutenção da honorabilidade e dedicação ao bem, à humildade, ao serviço de amor, à igualdade fraternal, resolvendo-se por seguir-Lo com alta fidelidade, substituindo a manutenção da aparência hipócrita e indigna que era permitida pela Igreja em terrível decadência moral. Havia mais preocupação em acumular haveres, em dominação mundana do que em austeridade moral e retorno ao Evangelho em toda a sua pulcritude. Desconsiderada, quase suspeita de heresia, ameaçada pela Inquisição, jamais temeu, escrevendo tudo quanto lhe ocorria, o

que a transformou, no futuro, em pioneira da alta literatura espanhola. De igual maneira, as sociedades espíritas, com as exceções compreensíveis, e graças aos sacrifícios e coragem de alguns servidores do Bem, estavam sendo invadidas pela futilidade, arrogância, presunção e desrespeito às lições exaradas na Codificação, considerada em superação pelo momento presente, e os seus servidores taxados de ortodoxos, que deveriam ceder espaço para os esdrúxulos modernistas, à caça de glórias e de exibicionismo terreno. Muitos deles, portadores de conflitos graves, não conseguindo prestígio na sociedade em que participavam, buscavam no Movimento Espírita situações vantajosas, pela audácia, agressividade e deslantes na maneira de encarar a severidade dos prepostos de Jesus. Inspirados por Espíritos vulgares e cruéis, adversários do Bem e do progresso, davam campo a perturbações na seara, criando psicoferas pesadas em que as lutas pelo poder, pelo destaque, tornaram-se comuns, ao lado da maledicência e da calúnia, da irresponsabilidade e do desprezo às condutas cristãs semelhantes aos primeiros servidores de Jesus. Lentamente dominados pelas mentes perversas, os companheiros presunçosos, olvidavam-se dos sérios compromissos com a Doutrina Espírita, e transformavam-se em servidores do mundo profano, qual ocorreu lentamente com o Cristianismo, após a ascensão de Constantino ao poder em 313. Telecomandados por seres hábeis no manejo do pensamento humano e na maneira de interferir telepaticamente na conduta das pessoas, adotaram teses de aparência científica, mas sem nenhuma estrutura desse gênero, utilizando-se de nomes pomposos para os posicionamentos edificantes com denominações simples, mas que exigem conduta moral saudável e severa para com eles próprios, com ameaças à estrutura inquebrantável da Terceira Revelação, conforme o codificador e os missionários da primeira hora receberam do Alto e transferiram para a posteridade. A seriedade das reuniões, que devem ter como foco a iluminação de consciências mediante os ensinamentos próprios e perfeitamente firmados nas lições de Jesus, cedeu lugar aos espetáculos de oratória vazia e artística, em lamentável imitação dos comunicadores dos veículos da televisão, tornando-se expositores assinalados pela competição de uns em relação aos outros, sem a simplicidade do conforto moral e da certeza da imortalidade, a fim de enxugarem as lágrimas dos filhos do Calvário. O Espiritismo, embora a sua feição investigadora, que o torna uma ciência com sua própria metodologia, é o Consolador prometido por Jesus, que viria restaurar-Lhe os ensinamentos, porque estariam esquecidos, dizer verdades novas que, ao Seu tempo, não poderiam ser enunciadas em razão do atraso cultural da época, e ficaria para sempre em Seu nome. Surgiram os campeonatos de

exposição espírita, em que se fazia mais importante a forma do que o conteúdo, as teologias doutrinárias muito difíceis de ser assimiladas pelas pessoas de cultura modesta, mas de coração ralado pelo sofrimento, de seleção de auditórios pomposos, nos quais os pobres têm constrangimento de entrar, ou são discretamente barrados ao chegarem... Habilmente, esses perturbadores espirituais que conhecem as más inclinações que predominam em a natureza humana, identificadas pela psicologia analítica na condição de sombra, tornaram-se os direcionadores de muitas instituições que se foram afastando do modelo - a Casa do Caminho de Simão Pedro entre Jerusalém e Jope - ou das salas frequentadas por Allan Kardec, quando era convidado a explicar o Espiritismo e a sua finalidade libertadora de vidas... É uma doutrina de cultura, de conhecimento e de educação, mas se buscou transformá-la em uma proposta acadêmica, somente acessível aos portadores de títulos universitários e defensores de querelas inúteis. As páginas sublimes dos ensinamentos foram transformadas em técnicas de cursos que competem com os das universidades, retirou-se a espontaneidade do fenômeno, e assinalou-o com grades de estudos que exaltam a personalidade e deixam à margem, no esquecimento, a simplicidade do amor que ajuda, que consola, que desce ao abismo da miséria humana, a fim de erguer aqueles que lhe tombaram em quedas espetaculares. Alguns estabeleceram a desnecessidade das comunicações espirituais, o que deu lugar à tese de Espiritismo sem Espíritos, enquanto outros franquearam levemente o acesso de pessoas sem condições morais para a participação, em lamentáveis espetáculos apresentados pela mediunidade atormentada, em que ditos mentores tornavam o fenômeno ridículo ou fútil... A necessidade de união, pela unificação dos propósitos doutrinários, foi colocada à margem, em decorrência da presunção dos seus membros em se considerarem superiores aos demais, num terrível olvido da fraternidade, da caridade, da tolerância. Simultaneamente, estabeleceram-se critérios de autoritarismos nas sociedades que deveriam ser acolhedoras e verdadeiramente cristãs, que evocassem as antigas catacumbas ou os redutos de apoio ao sofrimento dos párias espirituais de todos os tempos. Os mentores vigilantes não tergiversaram e passaram a comunicar-se em quase todos os núcleos, com advertências para a revivência da fé racional e fraterna, para a construção da família amorosa, que tem em Jesus o Guia e Modelo, ao mesmo tempo que se referiam aos perigos da projeção do ego, das fanfarras disfarçadas em atividade doutrinária, das festas para angariação de fundos para a manutenção das obras, ao serem adotados métodos infelizes da sociedade decadente, que deveriam ser reformulados. Espetáculos de má qualidade passaram a constituir meios de

conseguir-se dinheiro para manter-se as obras sociais, com olvido da qualidade moral doutrinária, com libações alcoólicas, bailes e comportamentos de nível inferior, livros de conteúdos lamentáveis, mas ditos como psicografados com nomes venerandos que não correspondem à realidade, mas doados para auxiliar o trabalho do Bem. Foram esquecidos os princípios essenciais que preconizam, sem o dinheiro importante para o auxílio aos sofredores, sem lembrar-se que Jesus não tinha uma pedra para repousar a cabeça e que Allan Kardec e os missionários do bem dispunham apenas do necessário para a existência honorável. A futilidade foi ampliada e a palavra médium passou a aureolar pessoas portadoras de conhecimento, porém, sem histórico da faculdade, que se tornaram de um para outro momento famosas com as suas contribuições ditas oportunas, porém, triviais e repetitivas, sem as marcas da qualidade recomendada pela doutrina. A perspicácia dos Espíritos das Trevas é muito maior do que imaginam os inadvertidos, pois que viveram na Terra e aprimoraram as suas técnicas de hipnose no Mais além, nas furnas onde se homiziam, e rebeldes contra o Carpinteiro galileu, que dividiu a história da Humanidade pelo amor e pela compaixão misericordiosa, tornaram-se-Lhe, por esta ou aquela razão, se é que exista realmente qualquer motivo, inimigos insensíveis e apaixonados. O Espiritismo é a Doutrina que Ele denominou e estabeleceu na Terra, para liberá-la das injunções penosas; apesar disso, esses ditos adversários organizaram-se para desarticulá-la, não mais de fora para dentro, através dos antigos inimigos sociais e econômicos, religiosos e preconceituosos, mas de maneira sutil e cruel, de dentro para fora, das suas comunidades que se desestruturaram mediante as brigas internas, as disputas vergonhosas, as acusações recíprocas, os orgulhos feridos. Oh! Irmãos da Terra! Que tendes feito do manancial sublime da fé libertadora que Jesus vos oferece como archote iluminativo para a travessia do vale de sombras no rumo da perene madrugada rica de imortalidade?! Meditai em torno das comunicações sérias dos Espíritos felizes que vos advertem, mas, sobretudo, daqueles que são sofredores, porque fracassaram na vilegiatura carnal e retornam de alma dilacerada em busca do consolo que negaram ao próximo, falando-vos do que a todos aguarda após a dissolução da matéria, quando não se comporta conforme os padrões morais do Evangelho. Tende ânimo e estai atentos para as vossas responsabilidades, pois conheceis a vida além do corpo e, por mais se prolongue a viagem orgânica, momento surge em que se dilui e o retorno ao Grande Lar é inevitável. Sereis convidados a prestardes contas de como aplicastes o tempo e o conhecimento, de como agistes em relação ao vosso próximo, em consequência, a vós mesmos, e à vossa consciência, na qual está escrita a Lei de Deus,

que abrirá campo à instalação da culpa e ao sofrimento que poderiam ser evitados, se houvésseis agido de maneira diversa, conforme aprendemos todos com a Revelação espírita. Vigiai as nascentes do coração, de onde procedem tanto o bem quanto o mal, conforme acentuou Jesus em outras palavras. Despertai e reflexionai com mais tento, porque o vosso é compromisso de alta responsabilidade, por tratar-se do seu caráter imortal. Sois Espíritos mergulhados na matéria temporariamente e deveis ter sempre em conta essa questão. Não muitos dão a impressão que viverão no corpo indefinidamente, em caráter de exceção, tão presunçosa é a sua sombra. Estais sob vigilância de ativos mensageiros da Treva, embora vos encontreis amparados pelo amor do Mestre inolvidável. Nada obstante, a questão é de sintonia. Como parece mais fácil tergiversar, divergir, ser original, desfrutar do prazer imediato do ego, do que ser fiel, fraterno, seguir a trilha da verdade, atender as necessidades da renúncia, a sintonia com as Entidades insanas torna-se mais simples e imediata. Jesus não nos solicitou que vencêssemos montanhas e atravessássemos desertos inóspitos ou mergulhássemos nos abismos oceânicos para servi-Lo. Somente nos solicitou que nos amássemos, sem desejar ao irmão tudo aquilo que não anelamos para nós próprios. É tão pequena a quota que Ele nos solicitou, que não deixa de ser estranhável que nos embrenhe-mos pelo matagal das complexidades e desafios, para evitar atender-Lhe o apelo dulçuroso e afável. Não temais a morte nem receeis a vida, porque uma é continuação da outra, já que estais mergulhados no sublime oceano da imortalidade. A perspicácia dos vigilantes da impiedade acompanha-vos. Sede os vencedores do mal, onde quer que ele tente homiziar se, nas paisagens do vosso coração ou nos encantados reservatórios da mente. Cantai a alegria de amar e de servir à doutrina que vos apresenta a bússola de orientação para o porto da plenitude. Jesus conduz a barca terrestre e leva-a com segurança ao seu destino. Após estas reflexões, reunimo-nos na Instituição em reformulação de atividades a fim de prosseguirmos no mister para o qual o grupo foi formado.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 7)

“OS DESAFIOS E AS SOLUÇÕES. [...] Demo-nos conta de que um mês havia transcorrido desde que chegáramos àquela nobre Sociedade para o labor de cristianização dos membros que se haviam desviado da trilha do Evangelho, seduzidos pelas vãs imposições mundanas. Inúmeras outras atividades haviam-nos chamado a atenção fora das que vimos relatando, todas vinculadas ao programa de cristianização das criaturas humanas e de devotamento aos valores éticos propostos pelo Espiritismo. Não raro, após o entusiasmo inicial que toma conta do candidato em qualquer área de idealismo, ocorre uma diminuição da chama vigorosa

da alegria e não poucos se sentem desestimulados, tornam-se críticos amargos, tomam conhecimento da realidade que esmaece os sonhos e as fantasias ou o abandonam. De igual maneira, descuidam-se dos objetivos essenciais e permanecem na superfície da proposta inicial, procurando desvios que atendam aos interesses imediatos, diversões que sirvam de complemento ao trabalho. É nesse período que a vigilância decresce e surgem as influências perturbadoras, tanto do Mais-além como da convivência fraternal. O que antes eram jovialidade e encantamento, agora são rotina e desmotivação, mesclando os compromissos assumidos com os novos comportamentos. Desse modo, as infiltrações perigosas haviam penetrado em venerandas Instituições Espíritas, que passaram a permitir-se assimilações perigosas com a introdução de métodos exóticos, de teorias fantasiosas, de propostas sem bases doutrinárias, algumas chegando ao absurdo de acreditar que a Codificação kardequiana e o Pensamento cristão já se encontram ultrapassados por novas conquistas do conhecimento, mais portadoras de leviandades que de respeito aos elevados deveres da fé raciocinada. O cumprimento do programa espírita exige seriedade e vivência austeras, porque constituem o compromisso que resulta do conhecimento da realidade do Espírito e suas implicações à existência corporal. Nesse caso, os Espíritos que se propunham a dificultar a obra evangélica entre as criaturas, trabalhavam os pontos morais vulneráveis dos adeptos mais frágeis ou mais presunçosos para desviá-los das diretrizes básicas, gerando fanatismos nuns ou comodidades noutros. Ante esse comportamento, não nos eram poupados esforços, em visitas a umas e outras sociedades, promovendo reuniões com os mentores desencarnados e os trabalhadores sinceros, tomando providências para que se voltasse à simplicidade inicial conforme se encontra exarada no Pentateuco kardequiano e no Evangelho de Jesus. Todo o nosso empenho consiste em trazer de volta a vivência do Modelo e Guia da Humanidade, a fim de que se instaure na Terra, quanto antes, o Reino dos Céus por Ele proposto e vivido. Sempre nos reportamos em nossas narrativas, na presente obra, aos labores mais significativos e que possam ser úteis aos sinceros estudiosos do Espiritismo, especialmente àqueles que se dedicam à sua vivência sem apêndices nem bengalas psicológicas desnecessárias. O Espiritismo é uma âncora de segurança para a barca da fé na imortalidade, e fora dela são bem pouco seguros os instrumentos reveladores da continuidade da vida após o túmulo, pois que é, sem dúvida, o Consolador que Jesus prometeu. Ante a perspectiva dos novos serviços, uma radiosa alegria dominou-nos a todos. A expectativa em torno do trabalho específico de desobseção coletiva, sempre desafiador, pôs-nos em atitude propiciatória à sua execução.” (MPM, *Perturbações espírituais*, Capítulo 16)

V Críticas ao Espiritismo

V.1. Tipos ou categorias de adversários do Espiritismo

“**VII.** O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí três classes, ou, antes, três graus de adeptos: 1º os que creem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental; 2º os que lhe percebem as consequências morais; 3º os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem, inteiramente nova de ideias, que surge e da qual não pode deixar de resultar uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem igualmente que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem. Quanto aos adversários, também podemos classificá-los em três categorias. 1ª - A dos que negam sistematicamente tudo o que é novo, ou deles não venha, e que falam sem conhecimento de causa. A esta classe pertence todos os que não admitem senão o que possa ter o testemunho dos sentidos. Nada viram, nada querem ver e ainda menos aprofundar. Ficariam mesmo aborrecidos se vissem as coisas muito claramente, porque forçoso lhes seria convir em que não têm razão. Para eles, o Espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia, não existe: está dito tudo. São os incrédulos de caso pensado. Ao lado desses, podem colocar-se os que não se dignam de dar aos fatos a mínima atenção, sequer por desengano de consciência, a fim de poderem dizer: Quis ver e nada vi. Não compreendem que seja preciso mais de meia hora para alguém se inteirar de uma ciência. 2ª - A dos que, sabendo muito bem o que pensar da realidade dos fatos, os combatem, todavia, por motivos de interesse pessoal. Para estes, o Espiritismo existe, mas lhe receiam as consequências. Atacam-no como a um inimigo. 3ª - A dos que acham na moral espírita uma censura por demais severa aos seus atos ou às suas tendências. Tomado ao sério, o Espiritismo os embaraçaria; não o rejeitam, nem o aprovam: preferem fechar os olhos. Os primeiros são movidos pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Concebe-se que, nenhuma solidez tendo, essas causas de oposição venham a desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, a dos que em patentes provas contrárias se apoiassem demonstrando estudo laborioso e

porfiado da questão. Todos apenas opõem a negação, nenhum aduz demonstração séria e irrefutável. Fora presumir demais da natureza humana supor que ela possa transformar-se de súbito, por efeito das ideias espíritas. A ação que estas exercem não é certamente idêntica, nem do mesmo grau, em todos os que as professam. Mas, o resultado dessa ação, qualquer que seja, ainda que extremamente fraco, representa sempre uma melhora. Será, quando menos, o de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto deriva somente da observação dos fatos, porém, para os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele veem outra coisa, que não somente fenômenos mais ou menos curiosos, diversos são os seus efeitos. O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso até aquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais. Daí lhe advém o desprezo pela morte. Não dizemos o desejo de morrer; longe disso, porquanto o espírita defenderá sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa, nem pesar, uma morte inevitável, como coisa mais de alegrar do que de temer, pela certeza que tem do estado que se lhe segue. O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto, que, perdendo a vida terrena três quartas partes da sua importância, o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos. Daí, também, o banimento da ideia de abreviar os dias da existência, por isso que a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro, que temos a faculdade de tornar feliz, a possibilidade de estabelecermos relações com os entes que nos são caros oferecem ao espírita suprema consolação. O horizonte se lhe dilata ao infinito, graças ao espetáculo, a que assiste incessantemente, da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é facultado sondar. O terceiro efeito é o de estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios. Todavia, cumpre dizê-lo, o princípio egoísta e tudo que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, de mais difícil de desarraigar. Toda gente faz voluntariamente sacrifícios, contanto que nada custem e de nada privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando de suas pessoas se trata. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal de grandíssimo progresso.” (AK, *O livro dos espíritos*, Conclusão)

V.2. Críticas e preconceitos aos fenômenos espíritas (mediúnicos)

“IX. Os adversários do Espiritismo não se esqueceram de armar-se contra ele de algumas divergências de opiniões sobre certos pontos de doutrina. Não é de admirar que, no início de uma ciência, quando ainda são incompletas as observações e cada um a considera do seu ponto de vista, apareçam sistemas contraditórios. Mas, já três quartos desses sistemas caíram diante de um estudo mais aprofundado, a começar pelo que atribuía todas as comunicações ao Espírito do mal, como se a Deus fora impossível enviar bons Espíritos aos homens: doutrina absurda, porque os fatos a desmentem; ímpia, porque importa na negação do poder e da bondade do Criador. Os Espíritos sempre disseram que nos não inquietássemos com essas divergências e que a unidade se estabeleceria. Ora, a unidade já se fez quanto à maioria dos pontos e as divergências tendem cada vez mais a desaparecer. Tendo-se-lhes perguntado: Enquanto se não faz a unidade, sobre que pode o homem, imparcial e desinteressado, basear-se para formar juízo? Eles responderam: “Nuvem alguma obscurece a luz verdadeiramente pura; o diamante sem jaça é o que tem mais valor: julgai, pois, dos Espíritos pela pureza de seus ensinamentos. Não olvideis que, entre eles, há os que ainda se não despojaram das ideias que levaram da vida terrena. Sabei distingui-los pela linguagem de que usam. Julgai-os pelo conjunto do que vos dizem, vede se há encadeamento lógico nas suas ideias; se nestas nada revela ignorância, orgulho ou malevolência; em suma, se suas palavras trazem todas o cunho de sabedoria que a verdadeira superioridade manifesta. Se o vosso mundo fosse inacessível ao erro, seria perfeito, e longe disso se acha ele. Ainda estais aprendendo a distinguir do erro a verdade. Faltam-vos as lições da experiência para exercitar o vosso juízo e fazer-vos avançar. A unidade se produzirá do lado em que o bem jamais esteve de mistura com o mal; desse lado é que os homens se coligarão pela força mesma das coisas, porquanto reconhecerão que aí é que está a verdade. “Aliás, que importam algumas dissidências, mais de forma que de fundo! Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos hão de unir num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Quaisquer que se suponham ser o modo de progressão ou as condições normais da existência futura, o objetivo final é um só: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de fazê-lo.” Se é certo que, entre os adeptos do Espiritismo, se contam os que divergem de opinião sobre alguns pontos da teoria, menos certo não é que todos estão de acordo quanto aos pontos fundamentais. Há, portanto, unidade, excluídos apenas os que, em número muito reduzido, ainda não admitem a intervenção dos Espíritos nas

manifestações; os que as atribuem a causas puramente físicas, o que é contrário a este axioma: Todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente; ou ainda a um reflexo do nosso próprio pensamento, o que os fatos desmentem. Os outros pontos são secundários e em nada comprometem as bases fundamentais. Pode, pois, haver escolas que procurem esclarecer-se acerca das partes ainda controvertidas da ciência; não deve haver seitas rivais umas das outras. Antagonismo só poderia existir entre os que querem o bem e os que quisessem ou praticassem o mal. Ora, não há espírita sincero e compenetrado das grandes máximas morais, ensinadas pelos Espíritos, que possa querer o mal, nem desejar mal ao seu próximo, sem distinção de opiniões. Se errônea for alguma destas, cedo ou tarde a luz para ela brilhará, se a buscar de boa-fé e sem prevenções. Enquanto isso não se dá, um laço comum existe que as deve unir a todos num só pensamento; uma só meta para todas. Pouco, por conseguinte, importa qual seja o caminho, uma vez que conduza a essa meta. Nenhuma deve impor-se por meio do constrangimento material ou moral e em caminho falso estaria unicamente aquela que lançasse anátema sobre outra, porque então procederia evidentemente sob a influência de maus Espíritos. O argumento supremo deve ser a razão. A moderação garantirá melhor a vitória da verdade do que as diatribes envenenadas pela inveja e pelo ciúme. Os bons Espíritos só pregam a união e o amor ao próximo, e nunca um pensamento malévolos ou contrário à caridade pode provir de fonte pura. Ouçamos sobre este assunto, e para terminar, os conselhos do Espírito Santo Agostinho: “Por bem largo tempo, os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de um Deus de paz e misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que um dia os unirá, porque lhes mostrará onde está a verdade, onde o erro. Durante muito tempo, porém, ainda haverá escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Quereis saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que entre si fizeram partilha do mundo? Julgai-o pelas suas obras e pelos seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinio e a violência; jamais estimularam os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses os seus prediletos e prediletos de Jesus, porque seguem a estrada que este lhes indicou para chegarem até ele.” SANTO AGOSTINHO.” (AK, *O livro dos espíritos*, Conclusão)

“**36.** Quando começaram a produzir-se os estranhos fenômenos do Espiritismo, ou, dizendo melhor, quando esses fenômenos se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi

o da dúvida, quanto à realidade deles e, mais ainda, quanto à causa que lhes dava origem. Uma vez certificados, por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que todos não podiam fazer, sucedeu que cada um os interpretou a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças, ou suas prevenções. Daí muitos sistemas, a que uma observação mais atenta viria dar o justo valor. Julgaram os adversários do Espiritismo encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritas não se entendiam entre si. A pobreza de semelhante razão prontamente se patenteia, desde que se reflita que os passos de qualquer ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo haja permitido se colecionem e coordenem os fatos sobre que possa firmar-se a opinião. À medida que os fatos se completam e vão sendo mais bem observados, as ideias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, pelo menos com relação aos pontos fundamentais, senão a todos os pormenores. Foi o que se deu com o Espiritismo, que não podia fugir à lei comum e tinha mesmo, por sua natureza, que se prestar, mais do que qualquer outro assunto, à diversidade das interpretações. Pode-se, aliás, dizer que, a este respeito, ele andou mais depressa do que outras ciências mais antigas, do que a medicina, por exemplo, que ainda traz divididos os maiores sábios.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**DAS CONTRADIÇÕES. 297.** Os adversários do Espiritismo não deixam de objetar que seus adeptos não se acham entre si de acordo; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra: que se contradizem. Ponderam eles: se o ensino vos é dado pelos espíritos, como não se apresenta idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor. Apressememo-nos em dizer desde logo que essas contradições, de que algumas pessoas fazem grande cabedal, são, em regra, mais aparentes que reais; que elas quase sempre existem mais na superfície do que no fundo mesmo das coisas e que, por consequência, carecem de importância. De duas fontes provêm: dos homens e dos Espíritos. **298.** As contradições de origem humana já foram suficientemente explicadas no capítulo referente aos *Sistemas*, nº 36, ao qual nos reportamos. Todos compreenderão que, no princípio, quando as observações ainda eram incompletas, hajam surgido opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas, opiniões cujos três quartos já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado. Com poucas exceções e postas de lado certas pessoas que não se desprendem facilmente das ideias que têm acariciado ou engendrado, pode dizer-se que hoje há unidade de vistas na imensa maioria dos espíritas, ao menos quanto aos princípios gerais, salvo pequenos detalhes insignificantes. **299.** Para se compreenderem

a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar-se identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado por todas as suas faces. À primeira vista, parecerá talvez estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem quer que se haja compenetrado de que infinitos são os degraus que eles têm de percorrer antes de chegarem ao alto da escada. Supor-lhes igual apreciação das coisas fora imaginá-los todos no mesmo nível; pensar que todos devam ver com justeza fora admitir que todos já chegaram à perfeição, o que não é exato e não o pode ser, desde que se considere que eles não são mais do que a Humanidade despida do envoltório corporal. Podendo manifestar-se Espíritos de todas as categorias, resulta que suas comunicações trazem o cunho da ignorância ou do saber que lhes seja peculiar no momento, o da inferioridade, ou da superioridade moral que alcançaram. A distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, é a que devem conduzir as instruções que temos dado. Cumprir não esqueçamos que, entre os Espíritos, há, como entre os homens, falsos sábios e semissábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como só aos Espíritos perfeitos é dado conhecerem tudo, para os outros há, do mesmo modo que para nós, mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo suas ideias, e a cujo respeito podem formar opiniões mais ou menos exatas, que se empenham, levados pelo amor-próprio, por que prevaleçam e que gostam de reproduzir em suas comunicações. O erro está em alguns de seus intérpretes terem esposado muito levemente opiniões contrárias ao bom-senso e se haverem feito os editores responsáveis delas. Assim, as contradições de origem espírita não derivam de outra causa, senão da diversidade, quanto à inteligência, aos conhecimentos, ao juízo e à moralidade, de alguns Espíritos que ainda não estão aptos a tudo conhecerem e a tudo compreenderem.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXVII)

“**300.** De que serve o ensino dos Espíritos, dirão alguns, se não nos oferece mais certeza do que o ensino humano? Fácil é a resposta. Não aceitamos com igual confiança o ensino de todos os homens e, entre duas doutrinas, preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos acessível às paixões. Do mesmo modo se deve proceder com os Espíritos. Se entre eles há os que não estão acima da Humanidade, muitos hão que a ultrapassaram e estes nos podem dar ensinamentos que em vão buscaríamos com os homens mais instruídos. De distingui-los é do que deve tratar com cuidado quem queira esclarecer-se e a fazer essa distinção é o a que conduz o Espiritismo. Porém, mesmo esses ensinamentos têm um limite e, se aos Espíritos não é dado saberem tudo, com mais forte razão isso se verifica

relativamente aos homens. Há coisas, portanto, sobre as quais será inútil interrogar os Espíritos, ou porque lhes seja defeso revelá-las, ou porque eles próprios as ignoram e a cujo respeito apenas podem expender suas opiniões pessoais. Ora, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas. Sobretudo, acerca do que deva permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, é que eles mais insistem, a fim de insinuarem que se acham de posse dos segredos de Deus. Por isso mesmo, sobre esses pontos é que mais contradições se observam.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXVII)

V.3. Críticas devidas ao desconhecimento da doutrina espírita

“**VIII.** Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de preconceitos e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam *a priori*, levemente, sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. Ainda menos saberíamos dá-los a alguns que, para não decaírem da reputação de homens de espírito, se afadigam por achar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas cujo saber, caráter e convicções lhes dão direito à consideração de quem quer que se preze de bem-educado. Abstenham-se, portanto, os que entendem não serem dignos de sua atenção os fatos. Ninguém pensa em lhes violentar a crença; concorrem, pois, em respeitar a dos outros. O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá. Será de admirar que muitas vezes não se obtenha nenhuma resposta sensata a questões de si mesmas graves, quando propostas ao acaso e à queima-roupa, em meio de uma aluvião de outras extravagantes? Demais, sucede frequentemente que, por complexa, uma questão, para ser elucidada, exige a solução de outras preliminares ou complementares. Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Que adiantará àquele que, ao acaso, dirigir a um sábio perguntas acerca de uma ciência cujas primeiras palavras ignore? Poderá o próprio sábio, por maior que seja a sua boa vontade, dar-lhe resposta satisfatória? A resposta isolada, que der, será forçosamente incompleta e quase sempre, por isso mesmo, ininteligível, ou parecerá absurda e contraditória. O mesmo ocorre em

nossas relações com os Espíritos. Quem quiser com eles instruir-se tem que com eles fazer um curso; mas, exatamente como se procede entre nós, deverá escolher seus professores e trabalhar com assiduidade. Dissemos que os Espíritos superiores somente às sessões sérias acorrem, sobretudo às em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem. A leviandade e as questões ociosas os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas criteriosas; o campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de ocasiões propícias para zombarem de nós e se divertirem à nossa custa. Que é o que se dará com uma questão grave em reuniões de tal ordem? Será respondida; mas, por quem? Acontece como se a um bando de levianos, que estejam a divertir-se, propusésseis estas questões: Que é a alma? Que é a morte? e outras tão recreativas quanto essas. Se quereis respostas sisudas, haveis de comportar-vos com toda a sisudez, na mais ampla acepção do termo, e de preencher todas as condições reclamadas. Só assim obtereis grandes coisas. Sede, além do mais, laboriosos e perseverantes nos vossos estudos, sem o que os Espíritos superiores vos abandonarão, como faz um professor com os discípulos negligentes.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**XVII.** O cepticismo, no tocante à Doutrina Espírita, quando não resulta de uma oposição sistemática por interesse, origina-se quase sempre do conhecimento incompleto dos fatos, o que não obsta a que alguns cortem a questão como se a conhecessem a fundo. Pode-se ter muito atilamento, muita instrução mesmo, e carecer-se de bom-senso. Ora, o primeiro indício da falta de bom-senso está em crer alguém infalível o seu juízo. Muita gente também há para quem as manifestações espíritas nada mais são do que objeto de curiosidade. Confiamos em que, lendo este livro, encontrarão nesses extraordinários fenômenos alguma coisa mais do que simples passatempo. A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas haja observado a primeira se acha na posição de quem não conhecesse a Física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado no âmago da ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento. Porque, só dentro desta condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que passam despercebidos ao observador superficial, e firmar opinião. Não produziu este livro outro resultado além do de mostrar o lado sério da questão e de provocar estudos neste sentido e rejubiláramos

por haver sido eleito para executar uma obra em que, aliás, nenhum mérito pessoal pretendemos ter, pois que os princípios nela exarados não são de criação nossa. O mérito que apresenta cabe todo aos Espíritos que a ditaram. Esperamos que dará outro resultado, o de guiar os homens que desejem esclarecer-se, mostrando-lhes, nestes estudos, um fim grande e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o caminho que conduz a esse fim. Concluamos, fazendo uma última consideração. Alguns astrônomos, sondando o espaço, encontraram, na distribuição dos corpos celestes, lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto. Suspeitaram que essas lacunas deviam estar preenchidas por globos que lhes tinham escapado à observação. De outro lado, observaram certos efeitos, cuja causa lhes era desconhecida e disseram: Deve haver ali um mundo, porquanto esta lacuna não pode existir e estes efeitos hão de ter uma causa. Julgando então da causa pelo efeito, conseguiram calcular-lhe os elementos e mais tarde os fatos lhes vieram confirmar as previsões. Apliquemos este raciocínio a outra ordem de ideias. Se se observa a série dos seres, descobre-se que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Porém, entre o homem e Deus, alfa e ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar-se que no homem terminam os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu essa lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega. Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei o vácuo que eles ocupam. E vós, que rides deles, ousai rir das obras de Deus e da sua onipotência!” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**14.** Resumimos nas proposições seguintes o que havemos expendido: 1º Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações. 2º Fundamentando-se numa lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhosos*, nem de *sobrenaturais*, no sentido vulgar dessas palavras. 3º Muitos fatos são tidos por *sobrenaturais*, porque não se lhes conhece a causa; atribuindo-lhes uma causa, o Espiritismo os repõe no domínio dos fenômenos naturais. 4º Entre os fatos qualificados de *sobrenaturais*, muitos há cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, incluindo-os em o número das crenças supersticiosas. 5º Se bem

reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo de modo algum dá sua solidariedade a todas as histórias fantásticas que a imaginação há criado. 6º Julgar do Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo valor à opinião emitida. 7º A explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e consequências morais, forma toda uma ciência e toda uma filosofia, que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado. 8º O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo I)

“**DO MÉTODO. 18.** Muito natural e louvável é, em todos os adeptos, o desejo, que nunca será demais animar, de fazer prosélitos. Visando facilitar-lhes essa tarefa, aqui nos propomos examinar o caminho que nos parece mais seguro para se atingir esse objetivo, a fim de lhes pouparmos inúteis esforços. Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Quem, pois, seriamente queira conhecê-lo deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e persuadir-se de que ele não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido a brincar. O Espiritismo, também já o dissemos, entende com todas as questões que interessam a Humanidade; tem imenso campo, e o que principalmente convém é encará-lo pelas suas consequências. Formar-lhe sem dúvida a base na crença nos Espíritos, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer de quem quer que seja um teólogo. Vejamos, então, de que maneira será melhor se ministre o ensino da Doutrina Espírita, para levar com mais segurança à convicção. Não se espantem os adeptos com esta palavra - ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. O que desejamos é que seu esforço produza frutos e é por isto que julgamos de nosso dever dar alguns conselhos, de que poderão igualmente aproveitar os que queiram instruir-se por si mesmos. Uns e outros, seguindo-os, acharão meio de chegar com mais

segurança e presteza ao fim visado. **19.** É crença geral que, para convencer, basta apresentar os fatos. Esse, com efeito, parece o caminho mais lógico. Entretanto, mostra a experiência que nem sempre é o melhor, pois que a cada passo se encontram pessoas que os mais patentes fatos absolutamente não convenceram. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar. No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não constitui o ponto de partida. Este é precisamente o erro em que caem muitos adeptos e que, amiúde, os leva a insucesso com certas pessoas. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que, fora do mundo material, vivam seres, estando crente de que, em si próprio, tudo é matéria? Como pode crer que, exteriormente à sua pessoa, há Espíritos, quando não acredita ter um dentro de si? Será inútil acumular-lhe diante dos olhos as provas mais palpáveis. Contestá-las-á todas, porque não admite o princípio. Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. Ora, para o materialista, o conhecido é a matéria: parti, pois, da matéria e tratai, antes de tudo, fazendo que ele a observe, de convencê-lo de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria. Numa palavra, *primeiro que o torneis ESPÍRITA, cuidai de torná-lo ESPIRITUALISTA*. Mas, para tal, muito outra é a ordem de fatos a que se há de recorrer, muito especial o ensino cabível e que, por isso mesmo, precisa ser dado por outros processos. Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de ter uma alma, é começar por onde se deve acabar, porquanto não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita as premissas. Antes, pois, de tentarmos convencer um incrédulo, mesmo por meio dos fatos, cumpre nos certifiquemos de sua opinião relativamente à alma, isto é, cumpre verifiquemos se ele crê na existência da alma, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte. Se a resposta for negativa, falar-lhe dos Espíritos seria perder tempo. Eis aí a regra. Não dizemos que não comporte exceções. Neste caso, porém, haverá provavelmente outra causa que o torna menos refratário.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo III)

“**29.** Os meios de convencer variam extremamente, conforme os indivíduos. O que persuade a uns nada produz em outros; este se convenceu observando algumas manifestações materiais, aquele por efeito de comunicações inteligentes, o maior número pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maioria dos que se não preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas maior oposição encontram e isto por uma razão muito simples: é que todos somos

levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional. Cada um a considera do seu ponto de vista e a explica a seu modo: o materialista a atribui a uma causa puramente física ou a embuste; o ignorante e o supersticioso a uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia produz o efeito de destruir as ideias preconcebidas e de mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa, que, assim, é compreendida antes de ser vista. Ora, desde que se reconhece a possibilidade de um fato, três quartos da convicção estão conseguidos. **30.** Convirá se procure convencer a um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, a insistência em querer persuadi-lo o leva a crer em sua importância pessoal, o que, a seu ver, constitui razão para ainda mais se obstinar. Com relação ao que se não convenceu pelo raciocínio, nem pelos fatos, a conclusão a tirar-se é que ainda lhe cumpre sofrer a prova da incredulidade. Deve-se deixar à Providência o encargo de lhe preparar circunstâncias mais favoráveis. Não faltam os que anseiam pelo recebimento da luz, para que se esteja a perder tempo com os que a repelem. Dirigi-vos, portanto, aos de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo de suas conversões, multiplicando-se, mais do que simples palavras, vencerá as resistências. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna feliz os que o professam. Quando o ouvirem repercutir em tomo de si mesmos, entre seus próprios amigos, os que o combatem por sistema compreenderão o insulamento em que se acham e serão forçados a calar-se, ou a render-se. **31.** Para, no ensino do Espiritismo, proceder-se como se procederia com relação ao das ciências ordinárias, preciso fora passar revista a toda a série dos fenômenos que possam produzir-se, começando pelos mais simples, para chegar sucessivamente aos mais complexos. Ora, isso não é possível, porque possível não é fazer-se um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade, tendo-se quase sempre a certeza de poderem regular-se os efeitos. No Espiritismo, temos que lidar com inteligências que gozam de liberdade e que a cada instante nos provam não estar submetidas aos nossos caprichos. Cumpre, pois, observar, aguardar os resultados e colhê-los à passagem. Daí o declararmos abertamente que *quem quer que blasona de obtê-los à vontade não pode deixar de ser ignorante ou impostor*. Daí vem que o *verdadeiro Espiritismo* jamais se dará em espetáculo, nem subirá ao tablado

das feiras. Há mesmo qualquer coisa de ilógico em supor-se que Espíritos venham exhibir-se e submeter-se a investigações, como objetos de curiosidade. Portanto, pode suceder que os fenômenos não se deem quando mais desejados sejam, ou que se apresentem numa ordem muito diversa da que se quereria. Acrescentemos mais que, para serem obtidos, precisa se faz a intervenção de pessoas dotadas de faculdades especiais e que estas faculdades variam ao infinito, de acordo com as aptidões dos indivíduos. Ora, sendo extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, isso constitui uma nova dificuldade, porquanto mister seria ter-se sempre à mão uma coleção completa de médiuns, o que absolutamente não é possível. O meio, aliás, muito simples, de se obviar a este inconveniente, consiste em se começar pela teoria. Aí todos os fenômenos são apreciados, explicados, de modo que o estudante vem a conhecê-los, a lhes compreender a possibilidade, a saber em que condições podem produzir-se e quais os obstáculos que podem encontrar. Então, qualquer que seja a ordem em que se apresentem, nada terão que surpreenda. Este caminho ainda oferece outra vantagem: a de poupar uma imensidade de decepções àquele que queira operar por si mesmo. Precavido contra as dificuldades, ele saberá manter-se em guarda e evitar a conjuntura de adquirir a experiência à sua própria custa. Ser-nos-ia difícil dizer quantas as pessoas que, desde quando começamos a ocupar-nos com o Espiritismo, hão vindo ter conosco e quantas delas vimos que se conservaram indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais positivos e só posteriormente se convenceram, mediante uma explicação racional; quantas outras que se predisuseram à convicção, pelo raciocínio; quantas, enfim, que se persuadiram, sem nada nunca terem visto, unicamente por que haviam compreendido. Falamos, pois, por experiência e, assim, também, é por experiência que dizemos consistir o melhor método de ensino espírita em se dirigir, aquele que ensina, antes à razão do que aos olhos. Esse o método que seguimos em as nossas lições e pelo qual somente temos que nos felicitar.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo III)

“32. Ainda outra vantagem apresenta o estudo prévio da teoria - a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência. Aquele que começa por ver uma mesa a girar, ou a bater, se sente mais inclinado ao gracejo, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da humanidade. Temos notado sempre que os que creem, antes de haver visto, apenas porque leram e compreenderam, longe de se conservarem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem. Dando maior atenção ao fundo do que à forma, veem na parte filosófica o principal, considerando como acessório os fenômenos propriamente ditos. Declaram

então que, mesmo quando estes fenômenos não existissem, ainda ficava uma filosofia que só ela resolve problemas até hoje insolúveis; que só ela apresenta a teoria mais racional do passado do homem e do seu futuro. Ora, como é natural, preferem eles uma doutrina que explica, às que não explicam, ou explicam mal. Quem quer que reflita compreende perfeitamente bem que se poderia abstrair das manifestações, sem que a Doutrina deixasse de subsistir. As manifestações a corroboram, confirmam, porém, não lhe constituem a base essencial. O observador criterioso não as repele; ao contrário, aguarda circunstâncias favoráveis, que lhe permitam testemunhá-las. A prova do que avançamos é que grande número de pessoas, antes de ouvirem falar das manifestações, tinham a intuição desta Doutrina, que não fez mais do que lhes dar corpo, conexão às ideias. **33.** Demais, fora inexato dizer-se que os que começam pela teoria se privam do objeto das observações práticas. Pelo contrário, não só lhes não faltam os fenômenos, como ainda os de que eles dispõem maior peso mesmo têm aos seus olhos, do que os que pudessem vir a operar-se em sua presença. Referimo-nos aos copiosos fatos de *manifestações espontâneas*, de que falaremos nos capítulos seguintes. Raros serão os que delas não tenham conhecimento, quando nada, por ouvir dizer. Outros conhecem algumas, consigo mesmo ocorridas, mas a que não prestaram quase nenhuma atenção. A teoria lhes vem dar a explicação. E afirmamos que esses fatos têm grande peso, quando se apoiam em testemunhos irrecusáveis, porque não se pode supô-los devidos a arranjos, nem a convivências. Mesmo que não houvesse os fenômenos provocados, nem por isso deixaria de haver os espontâneos e já seria muito que ao Espiritismo coubesse apenas lhes oferecer uma solução racional. Assim, os que leem previamente reportam suas recordações a esses fatos, que se lhes apresentam como uma confirmação da teoria. **34.** Singularmente se equivocaria, quanto à nossa maneira de ver, quem supusesse que aconselhamos se desprezem os fatos. Pelos fatos foi que chegamos à teoria. É certo que para isso tivemos de nos consagrar a assíduo trabalho durante muitos anos e de fazer milhares de observações. Mas, pois que os fatos nos serviram e servem todos os dias, seríamos inconsequentes conosco mesmo se lhes contestássemos a importância, sobretudo quando compomos um livro para torná-los conhecidos de todos. Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não bastam para determinar a convicção; que uma explicação prévia, pondo termo às prevenções e mostrando que os fatos em nada são contrários à razão, *dispõe* o indivíduo a aceitá-los. Tão verdade é isto que, em dez pessoas completamente novatas no assunto, que assistam a uma sessão de experimentação, ainda que das mais satisfatórias na opinião dos adeptos, nove sairão

sem estar convencidas e algumas mais incrédulas do que antes, por não terem as experiências correspondido ao que esperavam. O inverso se dará com as que puderem compreender os fatos, mediante antecipado conhecimento teórico. Para estas pessoas, a teoria constitui um meio de verificação, sem que coisa alguma as surpreenda, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fenômenos se produzem e que não se lhes deve pedir o que não podem dar. Assim, pois, a inteligência prévia dos fatos não só as coloca em condições de se aperceberem de todas as anomalias, mas também de apreenderem um sem-número de particularidades, de matizes, às vezes muito delicados, que escapam ao observador ignorante. Tais os motivos que nos forçam a não admitir, em nossas sessões experimentais, senão quem possua suficientes noções preparatórias, para compreender o que ali se faz, persuadido de que os que lá fossem, carentes dessas noções, perderiam o seu tempo, ou nos fariam perder o nosso.” (AK, *O livro dos médiums*, Primeira parte, Capítulo III)

“LIGEIRA RESPOSTA AOS DETRATORES DO ESPIRITISMO. É imprescritível o direito de exame e de crítica e o Espiritismo não alimenta a pretensão de subtrair-se ao exame e à crítica como não tem a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de aprová-lo ou rejeitá-lo; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa. Ora, a crítica tem por demais provado que lhe ignora os mais elementares princípios, fazendo-o dizer precisamente o contrário do que ele diz, atribuindo-lhe o que ele desaprova, confundindo-o com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, enfim, apresentando, como regra de todos, as excentricidades de alguns indivíduos. Também, por demais, a malignidade há querido torná-lo responsável por atos repreensíveis ou ridículos, nos quais o seu nome foi envolvido incidentalmente, e disso se aproveita como arma contra ele. Antes de imputar a uma doutrina a culpa de incitar a um ato condenável qualquer, a razão e a equidade exigem que se examine se essa doutrina contém máximas que justifiquem semelhante ato. Para conhecer-se a parte de responsabilidade que, em dada circunstância, caiba ao Espiritismo, há um meio muito simples: proceder **de boa-fé** a uma perquirição, não entre os adversários, mas na própria fonte, do que ele aprova e do que condena. Isso é tanto mais fácil, quanto ele não tem segredos; seus ensinamentos são patentes e quem quer que seja pode verificá-los. Assim, se os livros da Doutrina Espírita condenam explícita e formalmente um ato justamente reprovável; se, ao contrário, só encerram instruções de natureza a orientar para o bem, segue-se que não foi neles que um indivíduo culpado de malefícios se inspirou, ainda mesmo que os possua. O Espiritismo não é solidário com aqueles a quem

apraza dizerem-se espíritas, do mesmo modo que a Medicina não o é com os que a exploram, nem a sã religião com os abusos e até crimes que se cometam em seu nome. Ele não reconhece como seus adeptos senão os que lhe praticam os ensinamentos, isto é, que trabalham por melhorar-se moralmente, esforçando-se por vencer os maus pendores, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais brandos, mais humildes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em tudo, porque é essa a característica do verdadeiro espírita. Esta breve nota não tem por objeto refutar todas as falsas alegações que se lançam contra o Espiritismo, nem lhe desenvolver e provar todos os princípios, nem, ainda menos, tentar converter a esses princípios os que professam opiniões contrárias; mas, apenas, dizer, em poucas palavras, o que ele é e o que não é, o que admite e o que desaprova. As crenças que propugna, as tendências que manifesta e o fim a que visa se resumem nas proposições seguintes: 1º O **elemento espiritual** e o **elemento material** são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza, as quais se completam uma a outra e reagem incessantemente uma sobre a outra, indispensáveis ambas ao funcionamento do mecanismo do Universo. Da ação recíproca desses dois princípios se originam fenômenos que cada um deles, isoladamente, não tem possibilidade de explicar. À Ciência, propriamente dita, cabe a missão especial de estudar as leis da matéria. O Espiritismo tem por objeto o estudo do **elemento espiritual** em suas relações com o elemento material e aponta na união desses dois princípios a razão de uma imensidade de fatos até então inexplicados. O Espiritismo caminha ao lado da Ciência, no campo da matéria: admite todas as verdades que a Ciência comprova; mas, não se detém onde esta última para: prossegue nas suas pesquisas pelo campo da espiritualidade. 2º Sendo o elemento espiritual um estado ativo da Natureza, os fenômenos em que ele intervém estão submetidos a leis e são por isso mesmo tão naturais quanto os que derivam da matéria neutra. Alguns de tais fenômenos foram reputados **sobrenaturais**, apenas por ignorância das leis que os regem. Em virtude desse princípio, o Espiritismo não admite o caráter de maravilhoso atribuído a certos fatos, embora lhes reconheça a realidade ou a possibilidade. Não há, para ele, milagres, no sentido de derrogação das leis naturais, donde se segue que os espíritas não fazem milagres e que é impróprio o qualificativo de taumaturgos que umas tantas pessoas lhes dão. O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual prende-se de modo direto à questão do passado e do futuro do homem. Cinge-se a sua vida à existência atual? Ao entrar neste mundo, vem ele do nada e volta para o nada ao deixá-lo? Já viveu e ainda viverá? **Como viverá e em que condições?** Numa palavra: donde vem ele e para

onde vai? Por que está na Terra e por que sofre aí? Tais as questões que cada um faz a si mesmo, porque são para toda gente de capital interesse e às quais ainda nenhuma doutrina deu solução racional. A que lhe dá o Espiritismo, baseada em fatos, por satisfazer às exigências da lógica e da mais rigorosa justiça, constitui uma das causas principais da rapidez de sua propagação. O Espiritismo não é uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas sobre todos os pontos do globo e que convergiram para um centro que os coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constitutivos, sem exceção de nenhum, são deduzidos da experiência. Esta precedeu sempre a teoria. Assim, desde o começo, o Espiritismo lançou raízes por toda parte. A História nenhum exemplo oferece de uma doutrina filosófica ou religiosa que, em dez anos, tenha conquistado tão grande número de adeptos. Entretanto, não empregou, para se fazer conhecido, nenhum dos meios vulgarmente em uso; propagou-se por si mesmo, pelas simpatias que inspirou. Outro fato não menos constante é que, em nenhum país, a sua doutrina não surgiu das ínfimas camadas sociais; em todos os lugares ela se propagou de cima para baixo na escala da sociedade e ainda é nas classes esclarecidas que se acha quase exclusivamente espalhada, constituindo insignificante minoria, no seio de seus adeptos, as pessoas letradas. Verifica-se também que a disseminação do Espiritismo seguiu, desde os seus primórdios, marcha sempre ascendente, a despeito de tudo quanto fizeram seus adversários para entravá-la e para lhe desfigurar o caráter, com o fito de desacreditá-lo na opinião pública. É mesmo de notar-se que tudo o que hão tentado com esse propósito lhe favoreceu a difusão; o arruído que provocaram por ocasião do seu advento fez que viessem a conhecê-lo muitas pessoas que antes nunca ouviram falar dele; quanto mais procuraram denegri-lo ou ridicularizá-lo, tanto mais despertaram a curiosidade geral, e, como todo exame só lhe pode ser proveitoso, o resultado foi que seus opositores se constituíram, sem o quererem, ardorosos propagandistas seus. Se as diatribes nenhuns prejuízos lhe acarretaram, é que os que o estudaram em suas legítimas fontes o reconheceram muito diverso do que o tinham figurado. Nas lutas que precisou sustentar, os imparciais lhe testemunharam a moderação; ele nunca usou de represálias com os seus adversários, nem respondeu com injúrias às injúrias. O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de

sumo-sacerdote. Estes qualificativos são de pura invenção da crítica. É-se espírita pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios o proceder. Trata-se de uma opinião como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como têm o de ser judeus, católicos, protestantes, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e, até materialista. O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para os seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade. Da liberdade de consciência decorre o direito de **livre-exame** em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, porque ela impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde o inscrever entre suas máximas: **Não é inabalável, senão a fé que pode encarar de frente a razão em todas as épocas da Humanidade.** Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram. Não cuida de afastar pessoa alguma das suas convicções religiosas; não se dirige aos que possuem uma fé e a quem essa fé basta; dirige-se aos que, insatisfeitos com o que se lhes dá, pedem alguma coisa melhor.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo)

V.4. Críticas oriundas do pensamento materialista (não negacionista)

“**MATERIALISMO. 147.** Por que é que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, os que aprofundam a ciência da Natureza, são, com tanta frequência, levados ao materialismo? “O fisiologista refere tudo ao que vê. Orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem haja coisa alguma que lhes esteja acima do entendimento. A própria ciência que cultivam os enche de presunção. Pensam que a Natureza nada lhes pode conservar oculto.” **148.** Não é de lastimar que o materialismo seja uma consequência de estudos que deveriam, contrariamente, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se daí concluir que são perigosos? “Não é exato que o materialismo seja uma consequência desses estudos. O homem é que deles tira uma consequência falsa, pela razão de lhe ser dado abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. Acresce que o *nada* os amedronta mais do que eles queriam que parecesse, e os espíritos fortes, quase sempre, são antes fanfarrões do que bravos. Na sua maioria, só são materialistas porque não têm com que encher o vazio do abismo que diante deles se abre. Mostrai-lhes uma âncora de salvação e a ela se agarrarão pressurosamente.” Por uma

aberração da inteligência, pessoas há que só veem nos seres orgânicos a ação da matéria e a esta atribuem todos os nossos atos. No corpo humano apenas veem a máquina elétrica; somente pelo funcionamento dos órgãos estudaram o mecanismo da vida, cuja repetida extinção observaram, por efeito da ruptura de um fio, e nada mais enxergaram além desse fio. Procuraram saber se alguma coisa restava e, como nada acharam senão matéria, que se tornara inerte, como não viram a alma escapar-se, como não a puderam apanhar, concluíram que tudo se continha nas propriedades da matéria e que, portanto, à morte se seguia a aniquilação do pensamento. Triste consequência, se fora real, porque então o bem e o mal nada significariam, o homem teria razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação de seus apetites materiais; quebrados estariam os laços sociais e as mais santas afeições se romperiam para sempre. Felizmente, longe estão de ser gerais semelhantes ideias, que se podem mesmo ter por muito circunscritas, constituindo apenas opiniões individuais, pois que em parte alguma ainda formaram doutrina. Uma sociedade que se fundasse sobre tais bases traria em si o gérmen de sua dissolução e seus membros se entre devorariam como animais ferozes. O homem tem, instintivamente, a convicção de que nem tudo se lhe acaba com a vida. O nada lhe infunde horror. É em vão que se obstina contra a ideia da vida futura. Ao soar o momento supremo, poucos são os que não inquirem do que vai ser deles, porque a ideia de deixar a vida para sempre algo oferece de pungente. Quem, de fato, poderia encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que foi objeto de seu amor? Quem poderia ver, sem terror, abrir-se diante si o imensurável abismo do nada, onde se sepultassem para sempre todas as suas faculdades, todas as suas esperanças, e dizer a si mesmo: Pois que! Depois de mim, nada, nada mais, senão o vácuo, tudo definitivamente acabado; mais alguns dias e a minha lembrança se terá apagado da memória dos que me sobreviverem; nenhum vestígio, dentro em pouco, restará da minha passagem pela Terra; até mesmo o bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem beneficiei. E nada, para compensar tudo isto, nenhuma outra perspectiva, além da do meu corpo roído pelos vermes! Não tem este quadro alguma coisa de horrível, de glacial? A religião ensina que não pode ser assim e a razão no-lo confirma. Mas, uma existência futura, vaga e indefinida não apresenta o que satisfaça ao nosso desejo do positivo. Essa, em muitos, a origem da dúvida. Possuímos alma, está bem; mas, que é a nossa alma? Tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado, ou indefinido? Dizem alguns que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parcela do grande Todo, o princípio da vida e da inteligência. Que é, porém, o que de tudo isto ficamos sabendo?

Que nos importa ter uma alma, se, extinguindo-se-nos a vida, ela desaparece na imensidade, como as gotas d'água no Oceano? A perda da nossa individualidade não equivale, para nós, ao nada? Diz-se também que a alma é imaterial. Ora, uma coisa imaterial carece de proporções determinadas. Desde então, nada é, para nós. A religião ainda nos ensina que seremos felizes ou desgraçados, conforme o bem ou o mal que houvermos feito. Que vem a ser, porém, essa felicidade que nos aguarda no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra ocupação mais do que entoar louvores ao Criador? As chamas do inferno serão uma realidade ou um símbolo? A própria Igreja lhes dá esta última significação; mas, então, que são aqueles sofrimentos? Onde esse lugar de suplício? Numa palavra, que é o que se faz, que é o que se vê, nesse outro mundo que a todos nos espera? Dizem que ninguém jamais voltou de lá para nos dar informações. É erro dizê-lo e a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, porém, pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma simples presunção, de uma probabilidade sobre a qual cada um conjecture à vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou cumulem de enganadoras imagens alegóricas. É a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a situação em que se acham, relatar o que fazem, facultando-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da nova vida que lá vivem e mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo com os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de antirreligioso? Muito ao contrário, porquanto os incrédulos encontram aí a fé e os tíbios a renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Se ele aí está, é porque Deus o permite e o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos à senda do bem pela perspectiva do futuro.” (AK, *O livros dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo II)

“20. Entre os materialistas, importa distinguir duas classes: colocamos na primeira os que o são por sistema. Nesses, não há a dúvida, há a negação absoluta, raciocinada a seu modo. O homem, para eles, é simples máquina, que funciona enquanto está montada, que se desarranja e de que, após a morte, só resta a carcaça. Felizmente, são em número restrito e não formam escola abertamente confessada. Não precisamos insistir nos deploráveis efeitos que para a ordem social resultariam da vulgarização de semelhante doutrina. Já nos entendemos bastante sobre esse assunto em *O Livro dos Espíritos* (nº 147 e § III da Conclusão). Quando dissemos

que a dúvida cessa nos incrédulos diante de uma explicação racional, excetuamos os materialistas extremados, os que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria deles se obstina por orgulho na opinião que professa, entendendo que o amor-próprio lhes impõe persistir nela. E persistem, não obstante todas as provas em contrário, porque não querem ficar por baixo. Com tal gente, nada há que fazer; ninguém mesmo se deve deixar iludir pelo falso tom de sinceridade dos que dizem: fazei que eu veja, e acreditarei. Outros são mais francos e dizem sem reboço: ainda que eu visse, não acreditaria.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo III)

“21. A segunda classe de materialistas, muito mais numerosa do que a primeira, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural, compreende os que o são por indiferença, *por falta de coisa melhor*, pode-se dizer. Não o são deliberadamente e o que mais desejam é crer, porquanto a incerteza lhes é um tormento. Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores tais, que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Esta, portanto, não constitui neles um sistema. Assim sendo, se lhes apresentardes alguma coisa racional, aceitam-na pressuroso. Esses, pois, nos podem compreender, visto estarem mais perto de nós do que, por certo, eles próprios o julgam. Aos primeiros não faleis de revelação, nem de anjos, nem do paraíso: não vos compreenderiam. Colocai-vos, porém, no terreno em que eles se encontram e provai-lhes primeiramente que as leis da Fisiologia são impotentes para tudo explicar; o resto virá depois. De outra maneira se passam as coisas, quando a incredulidade não é preconcebida, porque então a crença não é de todo nula; há um gérmen latente, abafado pelas ervas más, e que uma centelha pode reavivar. É o cego a quem se restitui a vista e que se alegra por tornar a ver a luz; é o naufrago a quem se lança uma tábua de salvação. 22. Ao lado da dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão refratários quanto aqueles. Referimo-nos aos *incrédulos de má vontade*. A esses muito aborreceria o terem que crer, porque isso lhes perturbaria a quietude nos gozos materiais. Temem deparar com a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Lamentá-los é tudo o que se pode fazer. 23. Apenas por não deixar de mencioná-la, falaremos de uma quarta categoria, a que chamaremos *incrédulos por interesse* ou *de má-fé*. Os que a compõem sabem muito bem o que devem pensar do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Não há o que

dizer deles, como não há com eles o que fazer. O puro materialista tem para o seu engano a escusa da boa-fé; possível será desenganá-lo, provando-se-lhe o erro em que labora. No outro, há uma determinação assentada, contra a qual todos os argumentos irão chocar-se em vão. O tempo se encarregará de lhe abrir os olhos e de lhe mostrar, quiçá à custa própria, onde estavam seus verdadeiros interesses, porquanto, não podendo impedir que a verdade se expanda, ele será arrastado pela torrente, bem como os interesses que julgava salvar. **24.** Além dessas diversas categorias de opositores, muitos há de uma infinidade de matizes, entre os quais se podem incluir: *os incrédulos por pusilanimidade*, que terão coragem, quando virem que os outros não se queimam; *os incrédulos por escrúpulos religiosos*, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. Depois, vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade, etc., etc. **25.** Não podemos omitir uma categoria a que chamaremos *incrédulos por decepções*. Abrange os que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, porque sofreram desenganos. Então, desanimados, tudo abandonaram, tudo rejeitaram. Estão no caso de um que negasse a boa-fé, por haver sido ludibriado. Ainda aí o que há é o resultado de incompleto estudo do Espiritismo e de falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam, geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto, para distinguir da impostura a verdade. Muitos, aos demais, só veem no Espiritismo um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para predizer a sorte de cada um. Ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem ocasião de se divertirem à custa dos que pensam desse modo. É assim que anunciarão maridos às moças; ao ambicioso, honras, heranças, tesouros ocultos, etc. Daí, muitas vezes, desagradáveis decepções, das quais, entretanto, o homem sério e prudente sempre sabe preservar-se. **26.** Uma classe muito numerosa, a mais numerosa mesmo de todas, mas que não poderia ser incluída entre as dos opositores, é a *dos incertos*. São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles, há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de qualquer coisa que não podem definir. Não lhes falta aos pensamentos senão serem coordenados e formulados. O Espiritismo lhes é como que um traço de luz: a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem pressurosos, porque ele os livra das angústias da incerteza. [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo III)

V.5. Críticas aos fenômenos espíritas de efeitos físicos (sistemas de negação)

“**III.** Como tudo que constitui novidade, a doutrina espírita conta adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam sem alimentarmos, todavia, a pretensão de convencer a todos, pois muitos hão que creem ter sido a luz feita exclusivamente para eles. Dirigimo-nos aos de boa-fé, aos que não trazem ideias preconcebidas ou decididamente firmadas contra tudo e todos, aos que sinceramente desejam instruir-se e lhes demonstraremos que a maior parte das objeções opostas à doutrina promana de incompleta observação dos fatos e de juízo leviano e precipitadamente formado. Lembremos, antes de tudo, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem a esta doutrina. O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Este fenômeno, que parece ter sido notado primeiramente na América, ou, melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que ele remonta à mais alta antiguidade, se produziu rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. Em seguida, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo. A princípio quase que só encontrou incredulidade, porém, ao cabo de pouco tempo, a multiplicidade das experiências não mais permitiu-lhes pusessem em dúvida a realidade. Se tal fenômeno se houvesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza, ou todas as propriedades dos que conhecemos: a eletricidade multiplica diariamente os recursos que proporciona ao homem e parece destinada a iluminar a Ciência com uma nova luz. Nada de impossível haveria, portanto, em que a eletricidade modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa dos movimentos observados. O fato de que a reunião de muitas pessoas aumenta a potencialidade da ação parecia vir em apoio dessa teoria, visto poder-se considerar o conjunto dos assistentes como uma pilha múltipla, com o seu potencial na razão direta do número dos elementos. O movimento circular nada apresentava de extraordinário: está na Natureza. Todos os astros se movem em curvas elipsoides; poderíamos, pois, ter ali, em ponto menor, um reflexo do movimento geral do Universo, ou melhor, uma causa, até então desconhecida, produzindo acidentalmente, com pequenos objetos em dadas condições, uma corrente análoga à que impele os mundos. Mas, o movimento

nem sempre era circular; muitas vezes era brusco e desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derribado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado e mantido em suspensão. Ainda aqui nada havia que se não pudesse explicar pela ação de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade deitar por terra edifícios, desarraigar árvores, atirar longe os mais pesados corpos, atraí-los ou repeli-los? Os ruídos insólitos, as pancadas, ainda que não fosse um dos efeitos ordinários da dilatação da madeira, ou de qualquer outra causa accidental, podiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: a eletricidade não produz formidáveis ruídos? Até aí, como se vê, tudo pode caber no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse âmbito de ideias, já ali havia, no entanto, matéria para estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Por que assim não aconteceu? É penoso dizê-lo, mas o fato deriva de causas que provam, entre mil outros semelhantes, a leviandade do espírito humano. A vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências não foi alheia à indiferença dos sábios. Que influência não tem tido muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves! Sem atenderem a que o movimento podia ser impresso a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida, por ser o objeto mais cômodo e porque, à roda de uma mesa, muito mais naturalmente do que em torno de qualquer outro móvel, se sentam diversas pessoas. Ora, os homens superiores são com frequência tão pueris que não há como ter por impossível que certos espíritos de escol hajam considerado deprimente ocuparem-se com o que se convencionara chamar a *dança das mesas*. É mesmo provável que se o fenômeno observado por Galvani o fora por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado a fazer companhia à varinha mágica. Qual, com efeito, o sábio que não houvera julgado uma indignidade ocupar-se com a *dança das rãs*? Alguns, entretanto, muito modestos para convirem em que bem poderia dar-se não lhes ter ainda a Natureza dito a última palavra, quiseram ver, para tranquilidade de suas consciências. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre lhes correspondeu à expectativa e, do fato de não se haver produzido constantemente à vontade deles e segundo a maneira de se comportarem na experimentação, concluíram pela negativa. Malgrado, porém, ao que decretaram, as mesas - pois que há mesas - continuam a girar e podemos dizer com Galileu: *todavia, elas se movem!* Acrescentaremos que os fatos se multiplicaram de tal modo que desfrutam hoje do direito de cidade, não mais se cogitando senão de lhes achar uma explicação racional. Contra a realidade do fenômeno, poder-se-ia induzir alguma coisa da circunstância de ele não se

produzir de modo sempre idêntico, conformemente à vontade e às exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química não estão subordinados a certas condições? Será lícito negá-los, porque não se produzem fora dessas condições? Que há, pois, de surpreendente em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também se ache sujeito a determinadas condições e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se no seu ponto de vista, pretende fazê-lo seguir a marcha que caprichosamente lhe imponha, ou queira sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para se conhecerem essas leis, preciso é que se estudem as circunstâncias em que os fatos se produzem e esse estudo não pode deixar de ser fruto de observação perseverante, atenta e às vezes muito longa. Objetam, porém, algumas pessoas: há frequentemente fraudes manifestas. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, se estão bem certas de que haja fraudes e se não tomaram por fraude efeitos que não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que tomava por destro escamoteador um sábio professor de Física a fazer experiências. Admitindo-se mesmo que tal coisa tenha podido verificar-se algumas vezes, constituiria isso razão para negar-se o fato? Dever-se-ia negar a Física, porque há prestidigitadores que se exortam com o título de físicos? Cumpre, ao demais, se leve em conta o caráter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Seria tudo, então, mero gracejo? Admite-se que uma pessoa se divirta por algum tempo, mas um gracejo prolongado indefinidamente se tornaria tão fastidioso para o mistificador, como para o mistificado. Acresce que, numa mistificação que se propaga de um extremo a outro do mundo e por entre as mais austeras, veneráveis e esclarecidas personalidades, qualquer coisa há, com certeza, tão extraordinária, pelo menos, quanto o próprio fenômeno.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**37.** Seguindo metódica ordem, para acompanhar a marcha progressiva das ideias, convém sejam colocados na primeira linha dos sistemas os que se podem classificar como *sistemas de negação*, isto é, os dos adversários do Espiritismo. [...] De duas espécies são os fenômenos espíritas: efeitos físicos e efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, por não admitirem coisa alguma fora da matéria, concebe-se que neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os comentam do ponto de vista em que se colocam e seus argumentos se podem resumir nos quatro sistemas seguintes: **38.** *Sistema do charlatanismo*. [...] **39.** *Sistema da loucura*. [...] **40.** *Sistema da alucinação*. [...] **41.** *Sistema do músculo estalante*. [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**38. Sistema do charlatanismo.** - Entre os antagonistas do Espiritismo, muitos atribuem aqueles efeitos ao embuste, pela razão de que alguns puderam ser imitados. Segundo tal suposição, todos os espíritos seriam indivíduos embaídos e todos os médiuns seriam embaidores, de nada valendo a posição, o caráter, o saber e a honradez das pessoas. Se isto merecesse resposta, diríamos que alguns fenômenos da Física também são imitados pelos prestidigitadores, o que nada prova contra a verdadeira ciência. Demais, pessoas há, cujo caráter afasta toda suspeita de fraude e preciso é não saber absolutamente viver e carecer de toda urbanidade, para que alguém ouse vir dizer-lhe na face que são cúmplices de charlatanismo. Num salão muito respeitável, um senhor, que se dizia bem-educado, tendo-se permitido fazer uma reflexão dessa natureza, ouviu da dona da casa o seguinte: “Senhor, pois que não estais satisfeito, à porta vos será restituído o que pagastes.” E, com um gesto, lhe indicou o que de melhor tinha a fazer. Dever-se-á por isso afirmar que nunca houve abuso? Para crê-lo, fora mister admitir-se que os homens são perfeitos. De tudo se abusa, até das coisas mais santas. Por que não abusariam do Espiritismo? Porém, o mau uso que de uma coisa se faça não autoriza que ela seja prejudicada desfavoravelmente. Para chegar-se à verificação, que se pode obter, da boa-fé com que obram as pessoas, deve-se atender aos motivos que lhes determinam o procedimento. O charlatanismo não tem cabimento onde não há especulação.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**39. Sistema da loucura.** - Alguns, por condescendência, concordam em pôr de lado a suspeita de embuste. Pretendem então que os que não iludem são iludidos, o que equivale a qualificá-los de imbecis. Quando os incrédulos se absterem de usar de circunlóquios, declaram, pura e simplesmente, que os que creem são loucos, atribuindo-se a si mesmos, desse modo e sem cerimônias, o privilégio do bom-senso. Esse o argumento formidável dos que nenhuma razão plausível encontra para apresentar. Afinal, semelhante maneira de atacar se tornou ridícula, tal a sua banalidade, e não merece que se perca tempo em refutá-la. Acresce que os espíritos não se alteram com isso; tomam corajosamente o seu partido e se consolam, lembrando-se de que têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas de mérito incontestável. Efetivamente, forçoso será convir em que essa loucura, se loucura existe, apresenta uma característica muito singular: a de atingir de preferência a classe instruída, em cujo seio conta o Espiritismo, até ao presente, a imensa maioria de seus adeptos. Se entre estes algumas excentricidades se manifestam, elas nada provam contra a Doutrina, do mesmo modo que os loucos religiosos nada provam contra a religião, nem os loucos

melômanos contra a música, ou os loucos matemáticos contra a matemática. Todas as ideias sempre tiveram fanáticos exagerados e é preciso se seja dotado de muito obtuso juízo, para confundir a exageração de uma coisa com a coisa mesma. [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**40. Sistema da alucinação.** - Outra opinião, menos ofensiva essa, por trazer um ligeiro colorido científico, consiste em levar os fenômenos à conta de ilusão dos sentidos. Assim, o observador estaria de muita boa-fé; apenas, julgaria ver o que não vê. Quando diz que viu uma mesa levantar-se e manter-se no ar, sem ponto de apoio, a verdade é que a mesa não se moveu. Ele a viu no ar, por efeito de uma espécie de miragem, ou por uma refração, qual a que nos faz ver, na água, um astro, ou um objeto qualquer, fora da sua posição real. Isto, a rigor, seria possível; mas, os que já testemunharam fenômenos espíritos hão podido certificar-se do isolamento da mesa suspensa, passando por debaixo dela, o que parece difícil de se conseguir, caso o móvel não se houvesse despregado do solo. Por outro lado, muitas vezes tem sucedido quebrar-se a mesa ao cair. Dar-se-á que também aí nada mais haja do que simples efeito de ótica? É fora de dúvida que uma causa fisiológica bem conhecida pode fazer que uma pessoa julgue ver em movimento um objeto que não se moveu, ou que suponha estar ela própria a mover-se, quando permanece imóvel. Mas, quando, rodeando uma mesa, muitas pessoas a veem arrastada por um movimento tão rápido que difícil se lhes torna acompanhá-la, ou que mesmo deita algumas delas ao chão, poder-se-á dizer que todas se acham tomadas de vertigem, como o bêbado, que acredita estar vendo a casa em que mora passar-lhe por diante dos olhos?” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**41. Sistema do músculo estalante.** - Sendo assim, pelo que toca à visão, de outro modo não poderia ser, pelo que concerne à audição. Quando as pancadas são ouvidas por todas as pessoas reunidas em determinado lugar, não há como atribuí-las razoavelmente a uma ilusão. Pomos de parte, está claro, toda ideia de fraude e supomos que uma atenta observação tenha verificado não serem as pancadas atribuíveis a qualquer causa fortuita ou material. É certo que um sábio médico deu desse fenômeno uma explicação, ao seu parecer, peremptória. “A causa, disse ele, reside nas contrações voluntárias, ou involuntárias, do tendão do músculo curto-perônio.” A este propósito, desce às mais completas minúcias anatômicas, para demonstrar por qual mecanismo pode esse tendão produzir os ruídos de que se trata, imitar os rufos do tambor e, até, executar árias ritmadas. Conclui daí que os que julgam ouvir pancadas numa mesa são vítimas de uma mistificação, ou de uma ilusão. O fato, em si mesmo, não é novo. Infelizmente para o autor dessa pretendida

descoberta, sua teoria é incapaz de explicar todos os casos. Digamos, antes de tudo, que os que gozam da estranha faculdade de fazer que o seu músculo curto-perônio, ou qualquer outro, estale à vontade, da de executar árias por esse meio, são indivíduos excepcionais, enquanto que muito comum é a de fazer-se que uma mesa dê pancadas e que nem todos, dado que algum exista, dos que gozam desta última faculdade, possuem a primeira. Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel e afastada da mesa pode produzir nesta vibrações sensíveis a quem a toque; como pode esse ruído repercutir, à vontade dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, no forro, etc.; como, finalmente, a ação daquele músculo pode atingir uma mesa em que ninguém toca e fazê-la mover-se. Em suma, a explicação a que nos reportamos, se de fato o fosse, apenas infirmaria o fenômeno das pancadas, nada adiantando com relação a qualquer dos outros muitos modos de comunicação. Reconheçamos, pois, que ele julgou sem ter visto, ou sem ter observado tudo e observado bem. É sempre de lamentar que homens de ciência se afoitem a dar, do que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. O próprio saber que possuem deverá torná-los tanto mais circunspectos em seus juízos, quanto é certo que esse saber afasta deles os limites do desconhecido.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

V.6. Críticas aos fenômenos espíritas de efeitos inteligentes (sistemas de negação)

“IV. Se os fenômenos com que nos estamos ocupando houvessem ficado restritos ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Assim, entretanto, não sucedeu: estava-lhes reservado colocar-nos na pista de fatos de ordem singular. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma força mecânica cega; que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto, esse caminho conduziu a um campo totalmente novo de observações. De sobre muitos mistérios se erguia o véu. Haverá, com efeito, no caso, uma potência inteligente? Tal a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Encontra-se acima da Humanidade? Eis outras questões que decorrem da anterior. As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de pancadas, respondendo desse modo - *sim*, ou - *não*, conforme fora convencionado, a uma pergunta feita. Até aí nada

de convincente havia para os cépticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A precisão das respostas e a correlação que denotavam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era *Espírito* ou *Gênio*, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os *Espíritos* como meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Muitas vezes, em se tratando das ciências exatas, se formulam hipóteses para dar-se uma base ao raciocínio. Não é aqui o caso. Tal meio de correspondência era, porém, demorado e incômodo. O Espírito (e isto constitui nova circunstância digna de nota) indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto. Colocada em cima de uma folha de papel, a cesta é posta em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc., e com tanta rapidez quanta se escrevesse com a mão. O conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos outros países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina e que, havia muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vai buscar, no aposento ao lado, a cestinha; amarra-lhe um lápis; coloca-a sobre o papel; põe-lhe os teus dedos sobre a borda.” Alguns instantes após, a cesta entrou a mover-se e o lápis escreveu, muito legível, esta frase: “Proíbo expressamente que transmitas a quem quer que seja o que acabo de dizer. Da primeira vez que escrever, escreverei melhor.” O objeto a que se adapta o lápis, não passando de mero instrumento, completamente indiferentes são a natureza e a forma que tenha. Daí o haver-se procurado dar-lhe a disposição mais cômoda. Assim é que muita gente se serve de uma prancheta pequena. A cesta ou a prancheta só podem ser postas em movimento debaixo da influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome de *médiuns*, isto é - meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que dão esse poder resultam de causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, porquanto há médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os

graus de desenvolvimento intelectual. É, todavia, uma faculdade que se desenvolve pelo exercício.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“V. Reconheceu-se mais tarde que a cesta e a prancheta não eram, realmente, mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente do lápis, se pôs a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Dessa maneira, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas. Hoje é esse o meio geralmente empregado e com tanto mais razão quanto o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e cresce todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediadora, vindo-se a saber que as comunicações podiam igualmente ser transmitidas pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato, etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis. Obtido o fato, restava comprovar um ponto essencial - o papel do médium nas respostas e a parte que, mecânica e moralmente, pode ter nelas. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, tornam possível resolver-se a questão. A primeira consiste no modo por que a cesta se move sob a influência do médium, apenas lhe impondo este os dedos sobre os bordos. O exame do fato demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer ao movimento daquele objeto. Essa impossibilidade se patenteia, sobretudo, quando duas ou três pessoas colocam juntamente as mãos sobre a cesta. Fora preciso entre elas uma concordância verdadeiramente fenomenal de movimentos. Fora preciso, demais, a concordância dos pensamentos, para que pudessem estar de acordo quanto à resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos singular, ainda vem aumentar a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a de um determinado Espírito todas as vezes que ele volta a escrever. Fora necessário, pois, que o médium se houvesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, principalmente, que pudesse lembrar-se da que corresponde a tal ou tal Espírito. A segunda circunstância resulta da natureza mesma das respostas que, as mais das vezes, especialmente quando se ventilam questões abstratas e científicas, estão notoriamente fora do campo dos conhecimentos e, amiúde, do alcance intelectual do médium, que, além disso, como de ordinário sucede, não tem consciência do que se escreve debaixo da sua influência; que, frequentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, pois que esta o pode ser num idioma que ele desconheça, ou mesmo mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma. Enfim, acontece muito escrever a cesta espontaneamente, sem que se haja feito pergunta alguma, sobre um assunto

qualquer, inteiramente inesperado. Em certos casos, as respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade; exprimem pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem emanar senão de uma Inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. Doutras vezes, são tão levianas, tão frívolas, tão triviais, que a razão recusa admitir derivem da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das Inteligências que se manifestam. E essas Inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este o ponto a esclarecer-se e cuja explicação se encontrará completa nesta obra, como a deram os próprios Espíritos. Eis, pois, efeitos patentes, que se produzem fora do círculo habitual das nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas, ao contrário, à luz meridiana, que toda gente pode ver e comprovar; que não constituem privilégio de um único indivíduo e que milhares de pessoas repetem todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa e, do momento que denotam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico. Muitas teorias foram engendradas a este respeito. Examiná-las-emos dentro em pouco e veremos se são capazes de oferecer a explicação de todos os fatos que se observam. Admitamos, enquanto não chegamos até lá, a existência de seres distintos dos humanos, pois que esta é a explicação ministrada pelas Inteligências que se manifestam, e vejamos o que eles nos dizem.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“IX. O movimento dos objetos é um fato incontestável. A questão está em saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso de afirmativa, qual a origem dessa manifestação. Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem das que o médium escreve diretamente. Este gênero de manifestações, evidente para os que viram e aprofundaram o assunto, não se mostra, à primeira vista, bastante independente da vontade, para firmar a convicção de um observador novato. Não trataremos, portanto, senão da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer munido de um lápis, como cesta, prancheta, etc. A maneira pela qual os dedos do médium repousam sobre os objetos desafia, como atrás dissemos, a mais consumada destreza de sua parte no intervir, de qualquer modo, em o traçar das letras. Mas, admitamos que a alguém, dotado de maravilhosa habilidade, seja isso possível e que esse alguém consiga iludir o olhar do observador; como explicar a natureza das respostas, quando se apresentam fora do quadro das ideias e conhecimentos do médium? E note-se que não se trata de respostas monossilábicas, porém, muitas vezes, de numerosas páginas escritas com admirável rapidez, quer espontaneamente, quer sobre determinado

assunto. De sob os dedos do médium menos versado em literatura, surgem de quando em quando poesias de impecáveis sublimidade e pureza, que os melhores poetas humanos não se dignariam de subscrever. O que ainda torna mais estranhos esses fatos é que ocorrem por toda parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. São eles reais ou não? Para esta pergunta só temos uma resposta: vede e observai; não vos faltarão ocasiões de fazê-lo; mas, sobretudo, observai repetidamente, por longo tempo e de acordo com as condições exigidas. Que respondem a essa evidência os antagonistas? – Sois vítimas do charlatanismo ou joguete de uma ilusão. Diremos, primeiramente, que a palavra *charlatanismo* não cabe onde não há proveito. Os charlatães não fazem grátis o seu ofício. Seria, quando muito, uma mistificação. Mas, por que singular coincidência esses mistificadores se achariam acordes, de um extremo a outro do mundo, para proceder do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos e dar, sobre os mesmos assuntos e em línguas diversas, respostas idênticas, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao sentido? Como compreender-se que pessoas austeras, honradas, instruídas se prestassem a tais manejos? E com que fim? Como achar em crianças a paciência e a habilidade necessárias a tais resultados? Porque, se os médiuns não são instrumentos passivos, indispensáveis se lhes fazem habilidade e conhecimentos incompatíveis com a idade infantil e com certas posições sociais. Dizem então que, se não há fraude, pode haver ilusão de ambos os lados. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas é de alguma importância. Ora, é aqui o caso de perguntarmos se a Doutrina Espírita, que já conta milhões de adeptos, só os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que ela se baseia são tão extraordinários que concebemos a existência da dúvida. O que, porém, não podemos admitir é a pretensão de alguns incrédulos, a de terem o monopólio do bom-senso e que, sem guardarem as conveniências e respeitarem o valor moral de seus adversários, tachem, com desprazer, de ineptos os que lhes não seguem o parecer. Aos olhos de qualquer pessoa judiciosa, a opinião das que, esclarecidas, observaram durante muito tempo, estudaram e meditaram uma coisa, constituirá sempre, quando não uma prova, uma presunção, no mínimo, a seu favor, visto ter logrado prender a atenção de homens respeitáveis, que não tinham interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“42. *Sistema das causas físicas.* - Aqui, estamos fora do sistema da negação absoluta. Averiguada a realidade dos fenômenos, a primeira ideia que naturalmente acudiu ao espírito dos que os verificaram foi a de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade, ou à ação de um fluido qualquer; numa palavra, a uma causa inteiramente física e material. Nada apresentava

de irracional esta opinião e teria prevalecido, se o fenômeno houvera ficado adstrito a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo corroborá-la: a do aumento que, em certos casos, experimentava a força atuante, na razão direta do número das pessoas presentes. Assim, cada uma destas podia ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. Já dissemos que o que caracteriza uma teoria verdadeira é poder dar a razão de tudo. Se, porém, um só fato que seja a contradiz, é que ela é falsa, incompleta, ou por demais absoluta. Ora, foi o que não tardou a reconhecer-se, quanto a esta. Os movimentos e as pancadas deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento. Haviam, pois, de originar-se de uma causa inteligente. Desde que o efeito deixava de ser puramente físico, outra, por isso mesmo, tinha que ser a causa. Tanto assim, que o sistema da ação *exclusiva* de um agente material foi abandonado, para só ser esposado ainda pelos que julgam *a priori*, sem haver visto coisa alguma. O ponto capital, portanto, está em verificar-se a ação inteligente, de cuja realidade se pode convencer quem quiser dar-se ao trabalho de observar.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“43. *Sistema do reflexo.* - Reconhecida a ação inteligente, restava saber donde provinha essa inteligência. Julgou-se que bem podia ser a do médium, ou a dos assistentes, a se refletirem, como a luz ou os raios sonoros. Era possível: só a experiência poderia dizer a última palavra. Mas, notemos, antes de tudo, que este sistema já se afasta por completo da ideia puramente materialista. Para que a inteligência dos assistentes pudesse reproduzir-se por via indireta, preciso era se admitisse existir no homem um princípio exterior do organismo. Se o pensamento externado fora sempre o dos assistentes, a teoria da reflexão estaria confirmada. Mas, embora reduzido a estas proporções, já não seria do mais alto interesse o fenômeno? Já não seria coisa bastante notável o pensamento a repercutir num corpo inerte e a se traduzir pelo movimento e pelo ruído? Já não haveria aí o que excitasse a curiosidade dos sábios? Por que então a desprezaram eles, que se afadigam na pesquisa de uma fibra nervosa? Só a experiência, dizemos, podia confirmar ou condenar essa teoria, e a experiência a condenou, porquanto demonstra a todos os momentos, e com os mais positivos fatos, que o pensamento expresso, não somente pode ser estranho ao dos assistentes, mas que lhes é, muitas vezes, contrário; que contradiz todas as ideias preconcebidas e frustra todas as previsões. Com efeito, difícil me é acreditar que a resposta provenha de mim mesmo, quando, a pensar no branco, se me fala em preto. Em apoio da teoria que apreciamos, costumam invocar certos casos em que são idênticos o pensamento manifestado e o dos assistentes. Mas, que prova isso, senão

que estes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não há por que pretender-se que as duas opiniões devam ser sempre opostas. Quando, no curso de uma conversação, o vosso interlocutor emite um pensamento análogo ao que vos está na mente, direis, por isso, que de vós mesmos vem o seu pensamento? Bastam alguns exemplos em contrário, bem comprovados, para que positivado fique não ser absoluta esta teoria. Como explicar, pela reflexão do pensamento, as escritas feitas por pessoas que não sabem escrever; as respostas do mais alto alcance filosófico, obtidas por indivíduos iletrados; as respostas dadas a perguntas mentais, ou em língua que o médium desconhece e mil outros fatos que não permitem dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião oposta não pode deixar de resultar de falta de observação. Provada, como está, moralmente, pela natureza das respostas, a presença de uma inteligência diversa da do médium e da dos assistentes, provada também o está, materialmente, pelo fato da escrita direta, isto é, da escrita obtida espontaneamente, sem lápis, nem pena, sem contato e malgrado a todas as precauções tomadas contra qualquer subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não pode ser posto em dúvida: logo, há nele mais alguma coisa do que uma ação fluídica. Depois, a espontaneidade do pensamento expresso contra toda expectativa e sem que alguma questão tenha sido formulada, não consente se veja nele um reflexo do dos assistentes. Em alguns casos, o sistema do reflexo é bastante descortês. Quando, numa reunião de pessoas honestas, surge inopinadamente uma dessas comunicações de revoltante grosseria, fora desatencioso, para com os assistentes, pretender-se que ela haja provindo de um deles, sendo provável que cada um se daria pressa em repudiá-la. (Vede *O Livro dos Espíritos*, “Introdução”, § 16)” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“44. *Sistema da alma coletiva*. - Constitui uma variante do precedente. Segundo este sistema, apenas a alma do médium se manifesta, porém, identificada com a de muitos outros vivos, presentes ou ausentes, e formando um *todo coletivo*, em que se acham reunidas as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Conquanto se intitule *A Luz*, a brochura onde esta teoria vem exposta, muito obscuro se nos afigura o seu estilo. Confessamos não ter logrado compreendê-la e dela falamos unicamente de memória. É, em suma, como tantas outras, uma opinião individual, que conta poucos prosélitos. Pelo nome de *Emah Tirpsé*, o autor designa o ser coletivo criado pela sua imaginação. Por epígrafe, tomou a seguinte sentença: *Nada há oculto que não deva ser conhecido*. Esta proposição é evidentemente falsa, porquanto uma imensidade há de coisas que o homem não pode e não tem que saber. Bem presunçoso seria aquele que pretendesse

devassar todos os segredos de Deus.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“45. *Sistema sonambúlico*. - Mais adeptos teve este, que ainda conta alguns. Admite, como o anterior, que todas as comunicações inteligentes provêm da alma ou Espírito do médium. Mas, para explicar o fato de o médium tratar de assuntos que estão fora do âmbito de seus conhecimentos, em vez de supor a existência, nele, de uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma sobre-excitação momentânea de suas faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico, ou extático, que lhe exalta e desenvolve a inteligência. Não há negar, em certos casos, a influência desta causa. Porém, a quem tenha observado como opera a maioria dos médiuns, essa observação basta para lhe tornar evidente que aquela causa não explica todos os fatos, que ela constitui exceção e não regra. Poder-se-ia acreditar que fosse assim, se o médium tivesse sempre ar de inspirado ou de extático, aspecto que, aliás, lhe seria fácil aparentar perfeitamente, se quisesse representar uma comédia. Como, porém, se há de crer na inspiração, quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a mínima consciência do que está obtendo, sem a menor emoção, sem se ocupar com o que faz, distraído, rindo e conversando de uma coisa e de outra? Concebe-se a sobre-excitação das ideias, mas não se compreende possa fazer que uma pessoa escreva sem saber escrever e, ainda menos, quando as comunicações são transmitidas por pancadas, ou com o auxílio de uma prancheta, de uma cesta. No curso desta obra, teremos ocasião de mostrar a parte que se deve atribuir à influência das ideias do médium. Todavia, tão numerosos e evidentes são os fatos em que a inteligência estranha se revela por meio de sinais incontestáveis, que não pode haver dúvida a respeito. O erro da maior parte dos sistemas, que surgiram nos primeiros tempos do Espiritismo, está em haverem deduzido, de fatos insulados, conclusões gerais.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“46. *Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco*. - Entramos aqui numa outra ordem de ideias. Comprovada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber de que natureza era essa inteligência. Sem dúvida que o meio mais simples consistia em lhe perguntar isso. Algumas pessoas, contudo, entenderam que esse processo não oferecia garantias bastantes e assentaram de ver em todas as manifestações, unicamente, uma obra diabólica. Segundo essas pessoas, só o diabo, ou os demônios, podem comunicar-se. Conquanto fraco eco encontre hoje este sistema, é inegável que gozou, por algum tempo, de certo crédito, devido mesmo ao caráter dos que tentaram fazer que ele prevalecesse. Faremos notar, entretanto, que os partidários do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do Espiritismo:

ao contrário. Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir a possibilidade da comunicação do mundo visível com o mundo invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste último. Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios, por muito irracional que seja, não houvesse parecido impossível, quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da humanidade. Mas, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos que hão vivido, ela perdeu todo o seu prestígio e pode-se dizer que toda a verossimilhança, porquanto, admitida, o que se seguiria é que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho, ou de um amigo e que nós mesmos, morrendo, nos tornaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muita gente. Bem difícil será persuadir a uma mãe de que o filho querido, que ela perdeu e que lhe vem dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, é um suposto satanás. Sem dúvida, entre os Espíritos, há os muito maus e que não valem mais do que os chamados *demônios*, por uma razão bem simples: a de que há homens muito maus que, pelo fato de morrerem, não se tornam bons. A questão está em saber se só eles podem comunicar-se conosco. Aos que assim pensem, dirigimos as seguintes perguntas: 1º Há ou não Espíritos bons e maus? 2º Deus é ou não mais poderoso do que os maus Espíritos, ou do que os demônios, se assim lhes quiserdes chamar? 3º Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não o podem fazer. Sendo assim, uma de duas: ou isto se dá pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se contra a Sua vontade, é que os maus Espíritos podem mais do que Ele; se, por vontade Sua, por que, em Sua bondade, não permitiria Ele que os bons fizessem o mesmo, para contrabalançar a influência dos outros? 4º Que provas podeis apresentar da impossibilidade em que estão os bons Espíritos de se comunicarem? 5º Quando se vos opõe a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. Sabemos, com efeito, haver Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um verniz de sabedoria; mas, admitis que a ignorância pode falsificar o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude? 6º Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos submetamos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, numa palavra: que façamos tudo o que é preciso para lhe destruir o império, dele, demônio? Se tais conselhos o demônio é quem os dá,

forçoso será convir em que, por muito manhoso que seja, bastante inábil é ele, fornecendo armas contra si mesmo. 7º Pois que os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite. Em presença das boas e das más comunicações, não será mais lógico admitir-se que umas Deus as permite para nos experimentar e as outras para nos aconselhar ao bem? 8º Que direis de um pai que deixasse o filho à mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que o afastasse de si; que o privasse do contato com as pessoas que o pudessem desviar do mal? Ser-nos-á lícito supor que Deus que procede como um bom pai não procederia, e que, sendo ele a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem? 9º A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais, etc. Essa crença não está em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios? Acreditamos que algumas pessoas hajam professado de boa-fé essa teoria; mas, também cremos que muitas a adotaram unicamente com o fito de fazer que outras fugissem de ocupar-se com tais coisas, pelo temor das comunicações más, a cujo recebimento todos estão sujeitos. Dizendo que só o diabo se manifesta, quiseram aterrorizar, quase como se faz com uma criança a quem se diz: não toques nisto, porque queima. A intenção pode ter sido louvável; porém, o objetivo falhou, porquanto a só proibição basta para excitar a curiosidade e bem poucos são aqueles a quem o medo do diabo tolhe a iniciativa. Todos querem vê-lo, quando mais não seja para saber como é feito e muito espantados ficam por não o acharem tão feio como o imaginavam. E não se poderia achar também outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? Gente há, para quem todos os que não lhe são do mesmo parecer estão em erro. Ora, os que pretendem que todas as comunicações provêm do demônio não serão a isso induzidos pelo receio de que os Espíritos não estejam de acordo com eles sobre todos os pontos, mais ainda sobre os que se referem aos interesses deste mundo, do que sobre os que concernem aos do outro? Não podendo negar os fatos, entenderam de apresentá-los sob forma apavorante. Esse meio, entretanto, não produziu melhor resultado do que os outros. Onde o temor do ridículo se mostre impotente, forçoso é se deixem passar as coisas. O muçulmano, que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do Alcorão, certamente acreditaria tratar-se de um mau Espírito. O mesmo se daria com um judeu, pelo que toca a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, de um ouvimos que o Espírito que se comunica não podia deixar de ser o *diabo*, porque se permitira a liberdade de pensar de modo diverso do dele, acerca do poder temporal, se bem que, em suma, o Espírito não houvesse pregado senão a caridade, a tolerância, o amor do próximo e

a abnegação das coisas deste mundo, preceitos todos ensinados pelo Cristo. Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens e não sendo estes perfeitos, o que se segue é que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujos caracteres se refletem nas suas comunicações. É fato incontestável haver, entre eles, maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais preciso se faz que estejamos em guarda. Mas, porque se encontram no mundo homens perversos, é isto motivo para nos afastarmos de toda a sociedade? Deus nos outorgou a razão e o discernimento para apreciarmos, assim os Espíritos, como os homens. O melhor meio de se obviar aos inconvenientes da prática do Espiritismo não consiste em proibi-la, mas em fazê-lo compreendido. Um receio imaginário apenas por um instante impressiona e não atinge a todos. A realidade claramente demonstrada, todos a compreendem.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**47. Sistema otimista.** - Ao lado dos que nestes fenômenos unicamente veem a ação do demônio, estão outros que tão-somente hão visto a dos bons Espíritos. Supuseram que, estando liberta da matéria a alma, nenhum véu mais lhe encobre coisa alguma, devendo ela, portanto, possuir a ciência e a sabedoria supremas. A confiança cega, nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível, tem sido, para muitos, a causa de não poucas decepções. Esses aprenderão à sua custa a desconfiar de certos Espíritos, quanto de certos homens.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**48. Sistema uniespírita, ou monoespírita.** - Como variedade do sistema otimista, temos o que se baseia na crença de que um único Espírito se comunica com os homens, sendo esse Espírito o *Cristo*, que é o protetor da Terra. Diante das comunicações da mais baixa trivialidade, de revoltante grosseria, impregnadas de malevolência e de maldade, haveria profanação e impiedade em supor-se que pudessem emanar do Espírito do bem por excelência. Se os que assim o creem nunca tivessem obtido senão comunicações inatácáveis, ainda se lhes conceberia a ilusão. A maioria deles, porém, concordam em que têm recebido algumas muito ruins, o que explicam dizendo ser uma prova a que o bom Espírito os sujeita, com o lhes ditar coisas absurdas. Assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer coisas excelentes para tentar, pensam outros que só Jesus se manifesta e que pode dizer coisas detestáveis, para experimentar os homens. Entre estas duas opiniões tão opostas, quem sentenciará? O bom-senso e a experiência. Dizemos: a experiência, por ser impossível que os que professam ideias tão exclusivas tudo tenham visto e visto bem. Quando se lhes objeta com os fatos de identidade, que atestam, por meio de manifestações escritas, visuais, ou outras, a presença de parentes ou

conhecidos dos circunstantes, respondem que é sempre o mesmo Espírito, o diabo, segundo aqueles, o Cristo, segundo estes, que toma todas as formas. Porém, não nos dizem por que motivo os outros Espíritos não se podem comunicar, com que fim o Espírito da Verdade nos viria enganar, apresentando-se sob falsas aparências, iludir uma pobre mãe, fazendo-lhe crer que tem ao seu lado o filho por quem derrama lágrimas. A razão se nega a admitir que o Espírito, entre todos santos, desça a representar semelhante comédia. Demais, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação não importa em subtrair ao Espiritismo o que este tem de mais suave: a consolação dos aflitos? Digamos, pura e simplesmente, que tal sistema é irracional e não suporta exame sério.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**49. Sistema multiespírita ou poliespírita.** - Todos os sistemas a que temos passado revista, sem excetuar os que se orientam no sentido de negar, fundam-se em algumas observações, porém, incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa for vermelha de um lado e branca do outro, aquele que a houver visto apenas por um lado afirmará que ela é branca, outro declarará que é vermelha. Ambos estarão em erro e terão razão. No entanto, aquele que a tenha visto dos dois lados dirá que a casa é branca e vermelha e só ele estará com a verdade. O mesmo sucede com a opinião que se forme do Espiritismo: pode ser verdadeira, a certos respeito, e falsa, ao se generalizar o que é parcial, ao se tomar como regra o que constitui exceção, como o todo o que é apenas a parte. Por isso dizemos que quem deseje estudar esta ciência deve observar muito e durante muito tempo. Só o tempo lhe permitirá apreender os pormenores, notar os matizes delicados, observar uma imensidade de fatos característicos, que lhe serão outros tantos raios de luz. Se, porém, se detiver na superfície, expõe-se a formular juízo prematuro e, conseqüentemente, errôneo. Eis aqui as consequências gerais deduzidas de uma observação completa e que agora formam a crença, pode-se dizer, da universalidade dos espíritas, visto que os sistemas restritivos não passam de opiniões insuladas: 1º Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, às quais também se dá o nome de Espíritos; 2º Os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em toda parte; povoam infinitamente os espaços; temos muitos, de contínuo, em torno de nós, com os quais nos achamos em contato; 3º Os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza; 4º Os Espíritos não são seres à parte, dentro da criação, mas as almas dos que hão vivido na Terra, ou em outros mundos, e que despiram o invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós, morrendo, nos tornamos Espíritos;

5º Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância; 6º Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre-arbítrio, lá chegam em tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e vontade; 7º São felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mescla é partilha unicamente dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição; 8º Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem comunicar-se; 9º Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes; 10º Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem de que usam; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas proveitosas; tudo neles lhes atesta a elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância. Os diferentes graus por que passam os Espíritos se acham indicados na *Escala Espírita* (*O Livro dos Espíritos*, parte II, capítulo I, nº 100). O estudo dessa classificação é indispensável para se apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, assim como suas boas e más qualidades.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“50. *Sistema da alma material.* - Consiste apenas numa opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam distintos uma do outro, ou, melhor, o perispírito seria a própria alma, a se depurar gradualmente por meio de transmigrações diversas, como o álcool se depura por meio de diversas destilações, ao passo que a Doutrina Espírita considera o perispírito simplesmente como o envoltório fluídico da alma, ou do Espírito. Sendo matéria o perispírito, se bem que muito etérea, a alma seria de uma natureza material mais ou menos essencial, de acordo com o grau da sua purificação. Este sistema não infirma qualquer dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, pois que nada altera com relação ao destino da alma; as condições de sua felicidade futura são as mesmas; formando a alma e o perispírito um todo, sob a denominação de Espírito, como o gérmen e o perisperma o formam sob a de fruto, toda a questão se reduz a considerar homogêneo o todo, em vez de considerá-lo formado de duas partes distintas. Como se vê, isto não leva a consequência alguma e de tal opinião não houveramos falado, se não soubéssemos de pessoas inclinadas a ver uma nova escola no que não é, em definitivo, mais do que simples interpretação de palavras. Semelhante opinião, restrita, aliás, mesmo que se achasse mais generalizada, não constituiria uma cisão entre os espíritas, do mesmo modo que as duas teorias da emissão e das ondulações da luz não significam uma cisão entre os

físicos. Os que se decidissem a formar grupo à parte, por uma questão assim pueril, provariam, só com isso, que ligam mais importância ao acessório do que ao principal e que se acham compelidos à desunião por Espíritos que não podem ser bons, visto que os bons Espíritos jamais insuflam a acrimônia, nem a cizânia. Daí o concitarmos todos os verdadeiros espíritas a se manterem em guarda contra tais sugestões e a não darem a certos pormenores mais importância do que merecem. O essencial é o fundo. Julgamo-nos, entretanto, na obrigação de dizer algumas palavras acerca dos fundamentos em que repousa a opinião dos que consideram distintos a alma e o perispírito. Ela se baseia no ensino dos Espíritos, que nunca divergiam a esse respeito. Referimo-nos aos esclarecidos, porquanto, entre os Espíritos em geral, muitos hão que não sabem mais, que sabem mesmo menos do que os homens, ao passo que a teoria contrária é de concepção humana. Não inventamos, nem imaginamos o perispírito, para explicar os fenômenos. Sua existência nos foi revelada pelos Espíritos e a experiência no-la confirmou (*O Livro dos Espíritos*, nº 93). Apoia-se também no estudo das sensações dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, nº 257) e, sobretudo, no fenômeno das aparições tangíveis, fenômeno que, de conformidade com a opinião que estamos apreciando, implicaria a solidificação e a desagregação das partes constitutivas da alma e, pois, a sua desorganização. Fora mister, além disso, admitir-se que esta matéria, que pode ser percebida pelos nossos sentidos, é, ela própria, o princípio inteligente, o que não nos parece mais racional do que confundir o corpo com a alma, ou a roupa com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, essa desconhecemo-la. Quando se diz que a alma é *imaterial*, deve-se entendê-lo em sentido relativo, não em sentido absoluto, por isso que a imaterialidade absoluta seria o nada. Ora, a alma, ou o Espírito, são alguma coisa. Qualificando-a de imaterial, quer-se dizer que sua essência é de tal modo superior, que nenhuma analogia tem com o que chamamos matéria e que, assim, para nós, ela é imaterial. (*O Livro dos Espíritos*, nº 23 e 82)” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

“51. Eis aqui a resposta que, sobre este assunto, deu um Espírito: “O que uns chamam *perispírito* não é senão o que outros chamam envoltório material fluídico. Direi, de modo mais lógico, para me fazer compreendido, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são de todo inerentes; logo, são, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrestres se acham depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Esta, para progredir, necessita sempre de um

agente; sem agente, ela nada é, para vós, ou, melhor, não a podeis conceber. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. “Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito. Isso é outra questão. Compreendi primeiro moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A ciência ainda não sabe bastante, porém lá chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não vades mais longe, por este lado; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Supondes que, como vós, também eu não perquiro? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois.” - *Lamennais*. Assim, Espíritos, que podemos considerar adiantados, ainda não conseguiram sondar a natureza da alma. Como poderíamos nós fazê-lo? É, portanto, perder tempo querer perscrutar o princípio das coisas que, como foi dito em *O Livro dos Espíritos* (nº 17 e 49), está nos segredos de Deus. Pretender esquadrihar, com o auxílio do Espiritismo, o que escapa à alçada da humanidade, é desviá-lo do seu verdadeiro objetivo, é fazer como a criança que quisesse saber tanto quanto o velho. Aplique o homem o Espiritismo em aperfeiçoar-se moralmente, eis o essencial. O mais não passa de curiosidade estéril e muitas vezes orgulhosa, cuja satisfação não o faria adiantar um passo. O único meio de nos adiantarmos consiste em nos tornarmos melhores. Os Espíritos que ditaram o livro que lhes traz o nome demonstraram a sua sabedoria, mantendo-se, pelo que concerne ao princípio das coisas, dentro dos limites que Deus não permite sejam ultrapassados e deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias prematuras e errôneas, mais sedutoras do que sólidas, e que um dia virão a cair, ante a razão, como tantas outras surgidas dos cérebros humanos. Eles, ao justo, só disseram o que era preciso para que o homem compreendesse o futuro que o aguarda e para, por essa maneira, animá-lo à prática do bem.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

V.7. Críticas ao papel ativo dos espíritos nos fenômenos espíritos

“**XVI.** Resta-nos ainda examinar duas objeções, únicas que realmente merecem este nome, porque se baseiam em teorias racionais. Ambas admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos. Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas

aos Espíritos não seriam mais do que efeitos magnéticos. Os médiuns se achariam num estado a que se poderia chamar sonambulismo desperto, fenômeno de que podem dar testemunho todos os que hão estudado o magnetismo. Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das operações intuitivas se amplia para além das raiais da nossa concepção ordinária. Assim sendo, o médium tiraria de si mesmo e por efeito da sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre os assuntos que mais estranhos lhe sejam, quando no estado habitual. Não seremos nós quem conteste o poder do sonambulismo, cujos prodígios observamos, estudando-lhe todas as fases durante mais de trinta e cinco anos. Concordamos em que, efetivamente, muitas manifestações espíritas são explicáveis por esse meio. Contudo, uma observação cuidadosa e prolongada mostra grande cópia de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Aos que partilham dessa opinião, como aos outros, diremos: “Vede e observai, porque certamente ainda não vistes tudo.” Opor-lhes-emos, em seguida, duas considerações tiradas da própria doutrina deles. Donde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem então a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez exalta. Ora, se essa lucidez é tal como a supondes, por que teriam eles atribuído aos Espíritos o que em si mesmos hauriam? Como teriam dado, sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas, as informações precisas, lógicas e tão sublimes, que conhecemos? Uma de duas: ou eles são lúcidos, ou não o são. Se o são e se pode confiar na sua veracidade, não haveria meio de admitir-se, sem contradição, que não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos promanassem do médium, seriam sempre idênticos num determinado indivíduo; jamais se veria a mesma pessoa usar de uma linguagem disparatada, nem exprimir alternativamente as coisas mais contraditórias. Esta falta de unidade nas manifestações obtidas pelo mesmo médium prova a diversidade das fontes. Ora, desde que não as podemos encontrar todas nele, forçoso é que as procuremos fora dele. Segundo outra opinião, o médium é a única fonte produtora de todas as manifestações; mas, em vez de extraí-las de si mesmo, como o pretendem os partidários da teoria sonambúlica, ele as toma ao meio ambiente. O médium será então uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não fosse conhecido, pelo menos, de algumas destas. Não é lícito negar-se, e isso constitui mesmo um princípio da doutrina, a influência que os assistentes exercem sobre a natureza das

manifestações. Esta influência, no entanto, difere muito da que supõem existir, e, dela à que faria do médium um eco dos pensamentos daqueles que o rodeiam, vai grande distância, porquanto milhares de fatos demonstram o contrário. Há, pois, nessa maneira de pensar, grave erro, que uma vez mais prova o perigo das conclusões prematuras. Sendo-lhes impossível negar a realidade de um fenômeno que a ciência vulgar não pode explicar e não querendo admitir a presença dos Espíritos, os que assim opinam o explicam a seu modo. Seria especiosa a teoria que sustentam, se pudesse abranger todos os fatos. Tal, entretanto, não se dá. Quando se lhes demonstra, até à evidência, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, às opiniões mesmo de todos os assistentes, que essas comunicações frequentemente são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, ah! Eles não se embaraçam com tão pouca coisa. Respondem que a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos envolve; o médium é o reflexo de toda a Humanidade, de tal sorte que, se as inspirações não lhe vêm dos que se acham a seu lado, ele as vai beber fora, na cidade, no país, em todo o globo e até nas outras esferas. Não me parece que em semelhante teoria se encontre explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, visto que ela se baseia numa causa bem mais maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços e que, em contato conosco, nos comunicam seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal, vindo, de todos os pontos do Universo, concentrar-se no cérebro de um indivíduo. Ainda uma vez, e este é ponto capital sobre que nunca insistiremos bastante: a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar *refletiva* foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas para explicar um fato, ao passo que a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana. Foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém disso cogitava, quando até a opinião geral a repelia. Ora, perguntamos, onde foram os médiuns beber uma doutrina que não passava pelo pensamento de ninguém na Terra? Perguntamos ainda mais: por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo terráqueo, e que jamais se viram, acordaram em dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por que singularidade foi ele buscá-las a 2.000 léguas além-mar e no seio de um povo tão diferente pelos costumes e pela linguagem, em vez de tomá-las ao seu redor? Também ainda há outra circunstância em que não se tem atentado muito. As primeiras manifestações, na França, como na América, não se verificaram por meio da escrita nem da palavra,

e, sim, por pancadas concordantes com as letras do alfabeto e formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências, autoras das manifestações, se declararam Espíritos. Ora, dado se pudesse supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, outro tanto não seria lícito fazer-se com relação às pancadas, cuja significação não podia ser conhecida de antemão. Poderíamos citar inúmeros fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Recomendamos, portanto, aos dissidentes, observação mais cuidadosa e, se quiserem estudar bem, sem prevenções, e não formular conclusões antes de terem visto tudo, reconhecerão a impotência de sua teoria para tudo explicar. Limitar-nos-emos a propor as questões seguintes: Por que é que a inteligência que se manifesta, qualquer que ela seja, recusa responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interlocutor, sobre o que ele tem na mão, o que fez na véspera, o que pensa fazer no dia seguinte, etc.? Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder. A esse argumento retrucam os adversários, perguntando, a seu turno, por que os Espíritos, que devem saber tudo, não podem dizer coisa tão simples, de acordo com o axioma: *Quem pode o mais pode o menos*, e daí concluem que não são os Espíritos os que respondem. Se um ignorante ou um zombador, apresentando-se a uma douta assembleia, perguntasse, por exemplo, por que é dia às doze horas, acreditará alguém que ela se daria o incômodo de responder seriamente e fora lógico que, do seu silêncio ou das zombarias com que pagasse ao interrogante, se concluísse serem tolos os seus membros? Ora, exatamente porque os Espíritos são superiores, é que não respondem a questões ociosas ou ridículas e não consentem em ir para a berlinda; é por isso que se calam ou declaram que só se ocupam com coisas sérias. Perguntaremos, finalmente, por que é que os Espíritos vêm e vão-se, muitas vezes, em dado momento e, passado este, não há pedidos, nem súplicas que os façam voltar? Se o médium obrasse unicamente por impulsão mental dos assistentes, é claro que, em tal circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas haveria de estimular-lhe a clarividência. Desde, portanto, que não cede ao desejo da assembleia, corroborado pela própria vontade dele, é que o médium obedece a uma influência que lhe é estranha e aos que o cercam, influência que, por esse simples fato, testifica da sua independência e da sua individualidade.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“HÁ ESPÍRITOS? 1. A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles.

Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança. Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação. Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no *Espiritualismo* a sua demonstração teórica e dogmática e, no *Espiritismo*, a demonstração positiva. Abstraíamos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que consequências chegaremos. **2.** Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita: 1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada nos valeria. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. [...] Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes assina por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: formam elas um mundo invisível, em o qual vivemos imersos, que nos cerca e acotovela incessantemente. [...] Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o a que se chama *Espíritos*. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. [...] Esses fatos se nos depa-ram no fenômeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. [...] Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o *ser que pensa e sobrevive*. O corpo não passa de um *acessório* seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de *perispírito*. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um

corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarefeitos fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria? [...]" (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo I)

“5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado? Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? **6.** Abstraíamos, por instante, dos fatos que, ao nosso ver, tornam incontestável a realidade dessa comunicação; admitamo-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas expendendo razões peremptórias, que tal coisa não pode dar-se. Colocando-nos no terreno em que eles se colocam, uma vez que entendem de apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por *a* mais *b*, partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma: 1º que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte; 2º que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou; 3º que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles; 4º que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso

lado; 5º que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco; 6º que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte; 7º que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado; 8º que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever; 9º que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos. Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação a que recorrem se resume nestas palavras: *Não creio, logo isto é impossível*. Dir-nos-ão, com certeza, que nos cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós lhes damos, pelos fatos e pelo raciocínio, a prova de que elas são reais. Mas, se não admitem nem uma, nem outra coisa, se chegam mesmo a negar o que veem, toca-lhes a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo I)

“DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA. 52. Posta de lado a opinião materialista, porque condenada pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode manifestar-se aos vivos. Reduzida assim à sua expressão mais singela, a questão fica extraordinariamente desembaraçada. Caberia, antes de tudo, perguntar por que não poderiam seres inteligentes, que de certo modo vivem no nosso meio, se bem que invisíveis por natureza, atestar-nos de qualquer forma sua presença. A simples razão diz que nisto nada absolutamente há de impossível, o que já é alguma coisa. Demais, esta crença tem a seu favor o assentimento de todos os povos, porquanto com ela deparamos em toda parte e em todas as épocas. Ora, nenhuma intuição pode mostrar-se tão generalizada, nem sobreviver ao tempo, se não tiver algum fundamento. Acresce que se acha sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelo dos Pais da Igreja, tendo sido preciso o cepticismo e o materialismo do nosso século para que fosse lançada ao rol das ideias supersticiosas. Se estamos em erro, aquelas autoridades o estão igualmente. Mas, isso não passa de considerações de ordem moral. Uma causa, especialmente, há contribuído para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que toda gente faz questão de se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas. Essa causa é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais se podem manifestar. Adquirindo o conhecimento daquela natureza e destes meios, as manifestações nada mais apresentam de espantosas

e entram no cômputo dos fatos naturais. **53.** A ideia que geralmente se faz dos Espíritos torna à primeira vista incompreensível o fenômeno das manifestações. Como estas não podem dar-se, senão exercendo o Espírito ação sobre a matéria, os que julgam que a ideia de Espírito implica a de ausência completa de tudo o que seja matéria perguntam, com certa aparência de razão, como pode ele obrar materialmente. Ora, aí o erro, pois que o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos. Observemo-los atentamente, no instante em que acabem de deixar a vida; acham-se em estado de perturbação; tudo se lhes apresenta confuso, em torno; veem perfeito ou mutilado, conforme o gênero da morte, o corpo que tiveram; por outro lado se reconhecem e sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crerem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se lhes torna uma veste impresentável de que se despiram e de que não guardam saudades. Sentem-se mais leves e como que aliviados de um fardo. Não mais experimentam as dores físicas e se consideram felizes por poderem elevar-se, transpor o espaço, como tantas vezes o fizeram em sonho, quando vivos. Entretanto, malgrado à falta do corpo, comprovam suas personalidades; têm uma forma, mas que os não importuna nem os embaraça; têm, finalmente, a consciência de seu *eu* e de sua individualidade. Que devemos concluir daí? Que a alma não deixa tudo no túmulo, que leva consigo alguma coisa.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não

tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise. Esse segundo invólucro da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis. O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para a explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e por não nos anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito. **55.** Hão dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação. **56.** Ele tem a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Daí se poderia supor que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se modela, de certa maneira, por este e lhe conserva o tipo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio no qual o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos. Essa igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a com que, em todos os

tempos, se representaram os anjos, ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência. Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. Os Espíritos, portanto, são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso redor, toda uma população, invisível no estado normal. Dizemos - no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“**57.** Voltemos à natureza do perispírito, pois que isto é essencial para a explicação que temos de dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que decorre do fato das aparições tangíveis, a que volveremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa. **58.** A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, desconhecemo-la por completo. Apenas pelos seus atos ele se nos revela e seus atos não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento

direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre que ele atua, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações. Considerada deste modo, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se, desde então, que todos os efeitos que daí resultam cabem na ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhosos. Só pareceram sobrenaturais, porque se lhes não conhecia a causa. Conhecida esta, desaparece o maravilhoso e essa causa se inclui toda nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma ordem nova de fatos que uma nova lei vem explicar e dos quais, dentro de algum tempo, ninguém mais se admirará como ninguém se admira hoje de se corresponder com outra pessoa, a grande distância, em alguns minutos, por meio da eletricidade. **59.** Perguntar-se-á, talvez, como pode o Espírito, com o auxílio de matéria tão sutil, atuar sobre corpos pesados e compactos, suspender mesas, etc. Semelhante objeção certo que não será formulada por um homem de ciência, visto que, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode possuir, não temos exemplos análogos sob as vistas? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra os seus mais possantes motores? Quando vemos o ar abater edifícios, o vapor deslocar enormes massas, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade lascar árvores e fender paredes, que dificuldades acharemos em admitir que o Espírito, com o auxílio do seu perispírito, possa levantar uma mesa, sobretudo sabendo que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e comportar-se como um corpo sólido?” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. 1. As almas ou Espíritos dos que aqui viveram constituem o mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos. Daí resulta que, desde que há homens, há Espíritos e que, se estes últimos têm o poder de manifestar-se, devem tê-lo tido em todas as épocas. É o que comprovam a história e as religiões de todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos assumiram grande desenvolvimento e tomaram um caráter mais acentuado de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo que os que deixaram a Terra viessem atestar sua existência e revelar-nos a situação ditosa ou infeliz em que se encontravam. **2.** Vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contato

perpétuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por se não lhes conhecer a causa. A ação do mundo invisível sobre o mundo visível, e reciprocamente, é uma das leis, uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração. Se ela cessasse, a harmonia estaria perturbada, conforme sucede num maquinismo, donde se suprima uma peça. Derivando de uma lei da natureza semelhante ação, nada têm, evidentemente, de sobrenaturais os fenômenos que ela opera. Pareciam tais, porque desconhecida era a causa que os produzia. O mesmo se deu com alguns efeitos da eletricidade, da luz, etc. **3.** Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de capital interesse para a criatura, se acha necessariamente ligado à existência do mundo invisível, pelo que o conhecimento desse mundo há constituído, desde todos os tempos, objeto de suas pesquisas e preocupações. A atenção do homem foi naturalmente atraída pelos fenômenos que tendem a provar a existência daquele mundo e nenhuns houve jamais tão concludentes, como os das manifestações dos Espíritos por meio das quais os próprios habitantes de tal mundo revelaram suas existências. Por isso foi que esses fenômenos se tornaram básicos para a maior parte dos dogmas de todas as religiões. **4.** Tendo instintivamente a intuição de uma potência superior, o homem foi sempre levado, em todos os tempos, a atribuir à ação **direta** dessa potência os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida e que passavam, a seus olhos, por prodígios e efeitos sobrenaturais. Os incrédulos consideram essa tendência uma consequência da predileção que tem o homem pelo maravilhoso; não procuram, porém, a origem desse amor do maravilhoso. Ela, no entanto, reside muito simplesmente na intuição mal definida de uma ordem de coisas extracorpóreas. Com o progresso da Ciência e o conhecimento das leis da Natureza, esses fenômenos passaram pouco a pouco do domínio do maravilhoso para o dos efeitos naturais, de sorte que o que outrora parecia sobrenatural já não o é hoje e o que ainda o é hoje não mais o será amanhã. Os fenômenos decorrentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua natureza mesma, larga contribuição aos fatos reputados maravilhosos. Tempo, contudo, viria em que, conhecida a lei que os rege, eles entrariam, como os outros, na ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo, dando a conhecer essa lei, apresentou a chave para a interpretação da maior parte das passagens incompreendidas das Escrituras sagradas que a isso aludem e dos fatos tidos por miraculosos. **5.** O caráter do fato miraculoso é ser insólito e excepcional; é uma derrogação das leis da

Natureza. Desde, pois, que um fenômeno se reproduz em condições idênticas, segue-se que está submetido a uma lei e, então, já não é miraculoso. Pode essa lei ser desconhecida, mas, por isso, não é menos real a sua existência. O tempo se encarregará de revelá-la. O movimento do Sol, ou, melhor, da Terra, sustado por Josué, seria um verdadeiro milagre, porquanto implicaria a derrogação manifesta da lei que rege o movimento dos astros. Mas, se o fato pudesse reproduzir-se em dadas condições, é que estaria sujeito a uma lei e deixaria, conseqüentemente, de ser milagre. **6.** É errôneo assustar-se a Igreja com o fato de restringir-se o círculo dos fatos miraculosos, porquanto Deus prova melhor o seu poder e a sua grandeza por meio do admirável conjunto de suas leis, do que por algumas infrações dessas mesmas leis. E tanto mais errôneo é o seu temor, quanto ela atribui ao demônio o poder de operar prodígios, donde resultaria que, podendo interromper o curso das leis divinas, o demônio seria tão poderoso quanto Deus. Ousar dizer que o Espírito do mal pode suspender o curso das leis de Deus é blasfêmia e sacrilégio. Longe de perder qualquer coisa de sua autoridade por passarem os fatos qualificados de milagrosos à ordem dos fatos naturais, a religião somente pode ganhar com isso; primeiramente, porque, se um fato é tido falsamente por miraculoso, há aí um erro e a religião somente pode perder, caso se apoie num erro, sobretudo ao se obstinar em considerar milagre o que não o seja; em segundo lugar, porque, não admitindo a possibilidade dos milagres, muitas pessoas negam os fatos qualificados de milagrosos, negando, conseqüentemente, a religião que em tais fatos se estriba. Se, ao contrário, a possibilidade dos mesmos fatos for demonstrada como efeitos das leis naturais, já não haverá cabimento para que alguém os repila, nem repila a religião que os proclame. **7.** Nenhuma crença religiosa, por lhes ser contrária, pode infirmar os fatos que a Ciência comprova de modo peremptório. Não pode a religião deixar de ganhar em autoridade acompanhando o progresso dos conhecimentos científicos, como não pode deixar de perder, caso se conserve retardatária, ou a protestar contra esses mesmos conhecimentos em nome dos seus dogmas, visto que nenhum dogma poderá prevalecer contra as leis da Natureza, ou anulá-las. Um dogma que se funde na negação de uma lei da Natureza não pode exprimir a verdade. O Espiritismo, que se funda no conhecimento de leis até agora incompreendidas, não vem destruir os fatos religiosos, porém sancioná-los, dando-lhes uma explicação racional. Vem destruir apenas as falsas conseqüências que deles foram deduzidas, em virtude da ignorância daquelas leis, ou de as terem interpretado erradamente. **8.** A ignorância das leis da Natureza, com o levar o homem a procurar causas fantásticas para fenômenos que ele não compreende, é a origem

das ideias supersticiosas, algumas das quais são devidas aos fenômenos espíritos mal compreendidos. O conhecimento das leis que regem os fenômenos destrói essas ideias supersticiosas, encaminhando as coisas para a realidade e demonstrando, com relação a elas, o limite do possível e do impossível.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“**§ I - O PERISPÍRITO COMO PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES. 9.** Os Espíritos, como já foi dito, têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de **perispírito**. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta. **10.** Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito, sendo-lhe o corpo apenas um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado aos fenômenos a que tem de prestar-se e do qual o Espírito se despoja por ocasião da morte. O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa. **11.** O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contato corporal, podem achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição. **12.** Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las. **13.** Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. Sua natureza etérea não é que a isso obstaria, pois se sabe que os mais poderosos motores se nos deparam nos fluidos mais rarefeitos e nos mais imponderáveis. Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca, os Espíritos produzem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de toda

espécie, levantamento, transporte ou lançamento de objetos. Para explicarem-se esses fatos, não há porque recorrer ao maravilhoso, nem ao sobrenatural. **14.** Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens. **15.** Podem ser espontâneas ou provocadas as manifestações dos Espíritos. As primeiras dão-se inopinadamente e de improviso. Produzem-se, muitas vezes, entre pessoas de todo estranhas às ideias espíritas. Nalguns casos e sob o império de certas circunstâncias, pode a vontade provocar as manifestações, sob a influência de pessoas dotadas, para tal efeito, de faculdades especiais. As manifestações espontâneas sempre se produziram, em todas as épocas e em todos os países. Sem dúvida, já na antiguidade se conhecia o meio de as provocar; mas, esse meio constituía privilégio de certas castas que somente a raros iniciados o revelavam, sob condições rigorosas, escondendo-o ao vulgo, a fim de o dominar pelo prestígio de um poder oculto. Ele, contudo, se perpetuou, através das idades até aos nossos dias, entre alguns indivíduos, mas quase sempre desfigurado pela superstição, ou de mistura com as práticas ridículas da magia, o que contribuiu para o desacreditar. Nada mais fora até então senão germens lançados aqui e ali. A Providência reservara para a nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos, para os expurgar das ligas impuras e torná-los úteis ao melhoramento da Humanidade, madura agora para os compreender e lhes tirar as consequências.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

V.8. Críticas oriundas do preconceito e do orgulho científico

“**VII.** Para muita gente, a oposição das corporações científicas constitui, senão uma prova, pelo menos forte presunção contra o que quer que seja. Não somos dos que se insurgem contra os sábios, pois não queremos dar azo a que de nós digam que escouceamos. Temo-los, ao contrário, em grande apreço e muito honrado nos julgaríamos se fôssemos contado entre eles. Suas opiniões, porém, não podem representar, em todas as circunstâncias, uma sentença irrevogável. Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos, em se tratando de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjecturas. Cada um arquiteta o seu sistemazinho, disposto a sustentá-lo com fervor, para fazê-lo prevalecer. Não vemos todos os dias as mais opostas opiniões serem alternativamente preconizadas

e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos, para logo depois aparecerem proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado. Com relação às coisas notórias, a opinião dos sábios é, com toda razão, fidedigna, porquanto eles sabem mais e melhor do que o vulgo. Mas, no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, essa opinião quase nunca é mais do que hipotética, por isso que eles não se acham, menos que os outros, sujeitos a preconceitos. Direi mesmo que o sábio tem mais preconceitos que qualquer outro, porque uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista donde mais aprofundou os seus conhecimentos: o matemático não vê prova senão numa demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos, etc. Aquele que se fez especialista prende todas as suas ideias à especialidade que adotou. Tirai-o daí e o vereis quase sempre desarrazoar, por querer submeter tudo ao mesmo cadinho: consequência da fraqueza humana. Assim, pois, consultarei, do melhor grado e com a maior confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motriz. Hão de eles, porém, permitir-me, sem que isto afete a estima a que lhes dá direito o seu saber especial, que eu não tenha em melhor conta suas opiniões negativas acerca do Espiritismo, do que o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música. As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da qualidade de sábios. Pretender deferir a questão à Ciência equivaleria a querer que a existência ou não da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou de astrônomos. Com efeito, o Espiritismo está todo na existência da alma e no seu estado depois da morte. Ora, é soberanamente ilógico imaginar-se que um homem deva ser grande psicologista, porque é eminente matemático ou notável anatomista. Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a

encontra, debaixo do seu escalpelo, como encontra um nervo, ou porque não a vê evolir-se como um gás, conclui que ela não existe, colocado num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se que tenha razão contra a opinião universal? Não. Vedes, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência. Quando as crenças espíritas se houverem vulgarizado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas (e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não vem longe), com elas se dará o que tem acontecido a todas as ideias novas que hão encontrado oposição: os sábios se renderão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para obrigá-los a se ocuparem com um assunto estranho, que não lhes está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não se verifica, os que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e escarnecem de quem não lhes subscreve o conceito, esquecem que o mesmo se deu com a maior parte das grandes descobertas que fazem honra à Humanidade. Expõem-se a ver seus nomes alongando a lista dos ilustres proscritores das ideias novas e inscritos a par dos membros da douta assembleia que, em 1752, acolheu com retumbante gargalhada a memória de Franklin sobre os para-raios, julgando-a indigna de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e dos daquela outra que ocasionou perder a França as vantagens da iniciativa da marinha a vapor, declarando o sistema de Fulton um sonho irrealizável. Entretanto, essas eram questões da alçada daquelas corporações. Ora, se tais assembleias, que contavam em seu seio a nata dos sábios do mundo, só tiveram a zombaria e o sarcasmo para ideias que elas não percebiam, ideias que, alguns anos mais tarde, revolucionaram a ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão, alheia aos trabalhos que lhes são habituais, alcance hoje das suas congêneres melhor acolhimento? Esses erros de alguns homens eminentes, se bem que deploráveis, atenta a memória deles, de nenhum modo poderiam privá-los dos títulos que a outros respeitos conquistaram à nossa estima; mas, será precisa a posse de um diploma oficial para se ter bom-senso? Dar-se-á que fora das cátedras acadêmicas só se encontrem tolos e imbecis? Dignem-se de lançar os olhos para os adeptos da Doutrina Espírita e digam se só com ignorantes deparam e se a imensa legião de homens de mérito que a têm abraçado autoriza seja ela atirada ao rol das crendices de simplórios. O caráter e o saber desses homens dão peso a esta proposição: pois que eles afirmam, forçoso é reconhecer que alguma coisa há. Repetimos mais uma vez que, se os fatos a que aludimos se houvesse reduzido ao movimento mecânico dos corpos, a indagação da causa física desse fenômeno caberia no domínio da Ciência; porém,

desde que se trata de uma manifestação que se produz com exclusão das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, visto não poder explicar-se por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não guarda relação com alguma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, tem que abstrair da sua ciência e dizer a si mesmo que o que se lhe oferece constitui um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas. O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas ideias são as mais falsas, se apoiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos endereçavam seus apelos a esse juiz, para repeli-las. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível apresenta-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, aos ponderados, que duvidam do que não viram, mas que, julgando do futuro pelo passado, não creem que o homem haja chegado ao apogeu, nem que a Natureza lhe tenha facultado ler a última página do seu livro.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“A Codificação Kardequiana, como um monumento granítico para os séculos porvindouros, certamente não resolveu o “problema do homem”, pois que este ao próprio homem é pertinente, oferecendo, todavia, as bases e direções seguras para que tenha uma vida feliz, ética e socialmente harmoniosa na família e na comunidade onde foi chamado a viver. Psiquistas de nomeada, advertidos pelos resultados observados na Europa e na América, em torno do fascinante assunto - comunicabilidade dos Espíritos -, empenharam-se, então, em laboriosas experiências, criando, alguns, por mais compatível com as suas investidas acadêmicas, sucedâneos para a alma, que introduziram na genética da Biologia, negando àquela o direito à legitimidade. O Professor Gustavo Geley, por exemplo, criou a designação de “dínamo-psiquismo”, Pauley, a de “consciência profunda”, Hans Driesch a de “enteléquias” e teorias metapsíquicas vieram a lume, em ferrenho antagonismo à imortalidade, esgrimindo as armas do sofisma e da negação, sem conseguirem, no entanto, resultado positivo. O célebre Professor Charles Richet, estimulado pelas experiências eminentemente científicas de Sir William Crookes, elaborou a Metapsíquica e, ao despedir-se da sua Cátedra de Fisiologia, na Universidade de Paris, deixou ao futuro a satisfação de confirmar, de negar ou desdobrar as suas conclusões. Com o advento da moderna Parapsicologia, novos sucedâneos têm sido criados para o espírito imortal e, enquanto os pesquisadores se demoram no problema da designação nominativa que inspira debates e celeumas, a Doutrina Espírita, lecionando amor

e fraternidade, estudo e conhecimento da vida sob a inspiração dos Imortais, distende braços e liberta das malhas vigorosas da obsessão aqueles que, por imprevidência ou provação, se deixaram arrastar aos escuros precipícios da anarquia mental, perturbados ou subjugados por forças ultrizes da Erraticidade, prescrevendo as mesmas diretrizes morais insertas no Evangelho de Jesus-Cristo, vivido em espírito e verdade.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Prolegômenos)

V.9. Críticas ao tipo, forma e conteúdo das manifestações espíritas

“X. Entre as objeções, algumas há das mais especiosas, ao menos na aparência, porque tiradas da observação e feitas por pessoas respeitáveis. A uma delas serve de base a linguagem de certos Espíritos, que não parece digna da elevação atribuída a seres sobrenaturais. Quem se reportar ao resumo da doutrina acima apresentado, verá que os próprios Espíritos nos ensinam não haver entre eles igualdade de conhecimentos nem de qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo quanto dizem. Às pessoas sensatas incumbe separar o bom do mau. Indubitavelmente, os que desse fato deduzem que só se comunicam conosco seres malfazejos, cuja única ocupação consista em nos mistificar, não conhecem as comunicações que se recebem nas reuniões onde só se manifestam Espíritos superiores; do contrário, assim não pensariam. É de lamentar que o acaso os tenha servido tão mal, que apenas lhes haja mostrado o lado mau do mundo espírita, pois nos repugna supor que uma tendência simpática atraia para eles, em vez dos bons Espíritos, os maus, os mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de revoltante grosseria. Poder-se-ia, quando muito, deduzir daí que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para preservá-las do mal e que; achando certo prazer em lhes satisfazerem a curiosidade, os maus Espíritos disso se aproveitam para se aproximar delas, enquanto os bons se afastam. Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico, quanto julgar do caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de desatinados ou de gente de má nota, com os quais não entretêm relações as pessoas circunspectas nem as sensatas. Os que assim julgam se colocam na situação do estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais abjeto dos seus arrabaldes, julgasse de todos os habitantes pelos costumes e linguagem desse bairro ínfimo. No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se, os que daquele modo se pronunciam, de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular. Perguntam eles: os Espíritos de escol descem até nós? Responderemos:

Não fiquéis no subúrbio; vede, observai e julgareis; os fatos aí estão para todo o mundo. A menos que lhes sejam aplicáveis estas palavras de Jesus: *Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem*. Como variante dessa opinião, temos a dos que não veem, nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais a que elas dão lugar, mais do que a intervenção de uma potência diabólica, novo Proteu que revestiria todas as formas, para melhor nos enganar. Não a julgamos suscetível de exame sério, por isso não nos demoramos em considerá-la. Aliás, ela está refutada pelo que acabamos de dizer. Acrescentaremos, tão-somente, que, se assim fosse, forçoso seria convir em que o diabo é às vezes bastante criterioso e ponderado, sobretudo muito moral; ou, então, em que também há bons diabos. Efetivamente, como acreditar que Deus só ao Espírito do mal permita que se manifeste, para perder-nos, sem nos dar por contrapeso os conselhos dos bons Espíritos? Se ele não o pode fazer, não é onipotente; se pode e não o faz, desmente a sua bondade. Ambas as suposições seriam blasfemas. Note-se que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações. Ora, se elas se dão, não pode deixar de ser com a permissão de Deus. Como, então, se há de acreditar, sem impiedade, que Ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom-senso e da Religião.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“XI. Esquisito é, acrescentam, que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas e perguntam por que são eles os únicos a se manifestarem. Há ainda aqui um erro, oriundo, como tantos outros, de superficial observação. Dentre os Espíritos que vêm espontaneamente, muito maiores é, para nós, o número dos desconhecidos do que o dos ilustres, designando-se aqueles por um nome qualquer, muitas vezes por um nome alegórico ou característico. Quanto aos que se evocam, desde que não se trate de parente ou amigo, é muito natural nos dirijamos aos que conhecemos, de preferência a chamar pelos que nos são desconhecidos. O nome das personagens ilustres atrai mais a atenção, por isso é que são notadas. Aham também singular que os Espíritos dos homens eminentes acudam familiarmente ao nosso chamado e se ocupem, às vezes, com coisas insignificantes, comparadas com as de que cogitavam durante a vida. Nada aí há de surpreendente para os que sabem que a autoridade, ou a consideração de que tais homens gozaram neste mundo, nenhuma supremacia lhes dá no mundo espírita. Nisto, os Espíritos confirmam estas palavras do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados”, devendo esta sentença entender-se com relação à categoria em que cada um de nós se achará entre eles. É assim que aquele que foi primeiro na Terra pode vir a ser lá um dos últimos. Aquele

diante de quem curvávamos aqui a cabeça pode, portanto, vir falar-nos como o mais humilde operário, pois que deixou, com a vida terrena, toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca pode achar-se lá muito abaixo do último dos seus soldados.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**XII.** Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é o de que os Espíritos inferiores muitas vezes usurpam nomes conhecidos e respeitados. Quem pode, pois, afirmar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington, etc., tenham realmente animado essas personagens? Esta dúvida existe mesmo entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita, os quais admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas inquirem como se lhes pode comprovar a identidade. Semelhante prova é, de fato, bem difícil de produzir-se. Conquanto, porém, não o possa ser de modo tão autêntico como por uma certidão de registro civil, pode-o ao menos por presunção, segundo certos indícios. Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, mormente se há pouco tempo que morreu, sucede geralmente que sua linguagem se revela de perfeito acordo com o caráter que tinha aos nossos olhos, quando vivo. Já isso constitui indício de identidade. Não mais, entretanto, há lugar para dúvidas, desde que o Espírito fala de coisas particulares, lembra acontecimentos de família, sabidos unicamente do seu interlocutor. Um filho não se enganará, decerto, com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem pais haverá que se equivoquem quanto à de um filho. Neste gênero de evocações, passam-se às vezes coisas íntimas verdadeiramente empolgantes, de natureza a convencerem o maior incrédulo. O mais obstinado céptico fica, não raro, aterrado com as inesperadas revelações que lhe são feitas. Outra circunstância muito característica aco-de em apoio da identidade. Dissemos que a caligrafia do médium muda, em geral, quando outro passa a ser o Espírito evocado e que a caligrafia é sempre a mesma quando o mesmo Espírito se apresenta. Tem-se verificado inúmeras vezes, sobretudo tratando-se de pessoas mortas recentemente, que a escrita denota flagrante semelhança com a dessa pessoa em vida. Assinaturas se hão obtido de exatidão perfeita. Longe estamos, todavia, de querer apontar esse fato como regra e menos ainda como regra constante. Mencionamo-lo apenas como digno de nota. Só os Espíritos que atingiram certo grau de purificação se acham libertos de toda influência corporal. Quando ainda não estão completamente desmaterializados (é a expressão de que usam) conservam a maior parte das ideias, dos pendores e até das *manias* que tinham na Terra, o que também constitui um meio de reconhecimento,

ao qual igualmente se chega por uma imensidade de fatos minuciosos, que só uma observação acurada e detida pode revelar. Veem-se escritores a discutir suas próprias obras ou doutrinas, a aprovar ou condenar certas partes delas; outros a lembrar circunstâncias ignoradas, ou quase desconhecidas de suas vidas ou de suas mortes, toda sorte de particularidades, enfim, que são, quando nada, provas morais de identidade, únicas invocáveis, tratando-se de coisas abstratas. Ora, se a identidade de um Espírito evocado pode, até certo ponto, ser estabelecida em alguns casos, razão não há para que não o seja em outros; e se, com relação a pessoas, cuja morte data de muito tempo, não se têm os mesmos meios de verificação, resta sempre o da linguagem e do caráter, porquanto, inquestionavelmente, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um perverso ou de um devasso. Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, esses se traem logo pela linguagem que empregam e pelas máximas que formulam. Um que se dissesse Fénelon, por exemplo, e que, ainda quando apenas acidentalmente ofendesse o bom-senso e a moral, mostraria, por esse simples fato, o embuste. Se, ao contrário, forem sempre puros os pensamentos que exprima, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivo para que se duvide da sua identidade. De outra forma, havíamos de supor que um Espírito que só prega o bem é capaz de mentir conscientemente e, ainda mais, sem utilidade alguma. A experiência nos ensina que os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e possuídos dos mesmos sentimentos formam grupos e famílias. Ora, incalculável é o número dos Espíritos e longe estamos de conhecê-los a todos; a maior parte deles não tem mesmo nomes para nós. Nada, pois, impede que um Espírito da categoria de Fénelon venha em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com o seu nome, porque lhe é idêntico e pode substituí-lo e ainda porque precisamos de um nome para fixar as nossas ideias. Mas, que importa, afinal, seja um Espírito, realmente ou não, o de Fénelon? Desde que tudo o que ele diz é bom e que fala como o teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito. Indiferente é o nome pelo qual se dá a conhecer, não passando muitas vezes de um meio de que lança mão para nos fixar as ideias. O mesmo, entretanto, não é admissível nas evocações íntimas; mas, aí, como dissemos há pouco, se consegue estabelecer a identidade por provas de certo modo patentes. Inegavelmente, a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma porção de equívocos, ocasionar erros e, amiúde, mistificações. Essa é uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Nunca, porém, dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, o que, aliás, não é possível, qualquer que seja a ciência. Jamais teremos

repetido bastante que ela demanda estudo assíduo e por vezes muito prolongado. Não sendo lícito provocarem-se os fatos, tem-se que esperar que eles se apresentem por si mesmos. Frequentemente ocorrem por efeito de circunstâncias em que se não pensa. Para o observador atento e paciente os fatos abundam, por isso que ele descobre milhares de matizes característicos, que são verdadeiros raios de luz. O mesmo se dá com as ciências comuns. Ao passo que o homem superficial não vê numa flor mais do que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**XIII.** As observações que aí ficam nos levam a dizer alguma coisa acerca de outra dificuldade, a da divergência que se nota na linguagem dos Espíritos. Diferindo estes muito uns dos outros, do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que uma questão pode ser por eles resolvida em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupam, exatamente como sucederia, entre os homens, se a propusessem ora a um sábio, ora a um ignorante, ora a um gracejador de mau gosto. O ponto essencial, temo-lo dito, é sabermos a quem nos dirigimos. Mas, ponderam, como se explica que os tidos por Espíritos de ordem superior nem sempre estejam de acordo? Diremos, em primeiro lugar, que, independentemente da causa que vimos de assinalar, outras há de molde a exercerem certa influência sobre a natureza das respostas, abstração feita da probidade dos Espíritos. Este é um ponto capital, cuja explicação alcançaremos pelo estudo. Por isso é que dizemos que estes estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo, como aliás o exigem todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. Anos são precisos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para chegar-se a ser um sábio. Como pretender-se em algumas horas adquirir a Ciência do Infinito? Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que o efetuar-lo demande tempo, muito tempo mesmo? A contradição, demais, nem sempre é tão real quanto possa parecer. Não vemos todos os dias homens que professam a mesma ciência divergirem na definição que dão de uma coisa, quer empreguem termos diferentes, quer a encarem de pontos de vista diversos, embora seja sempre a mesma a ideia fundamental? Conte quem puder as definições que se têm dado de gramática! Acrescentaremos que a forma da resposta depende muitas vezes da forma da questão. Pueril, portanto, seria apontar contradição onde frequentemente só há diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam absolutamente com a forma. Para eles, o fundo do pensamento é tudo. Tomemos, por exemplo, a definição de alma. Carecendo

este termo de uma aceção invariável, compreende-se que os Espíritos, como nós, divirjam na definição que dela deem: um poderá dizer que é o princípio da vida, outro chamar-lhe centelha anímica, um terceiro afirmar que ela é interna, que é externa, etc., tendo todos razão, cada um do seu ponto de vista. Poder-se-á mesmo crer que alguns deles professem doutrinas materialistas e, todavia, não ser assim. Outro tanto acontece relativamente a *Deus*. Será: o princípio de todas as coisas, o criador do Universo, a inteligência suprema, o infinito, o grande Espírito, etc., etc. Em definitivo, será sempre Deus. Citemos, finalmente, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma série ininterrupta, desde o mais ínfimo grau até o grau superior. A classificação é, pois, arbitrária. Um, grupá-los-á em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que nenhum esteja em erro. Todas as ciências humanas nos oferecem idênticos exemplos. Cada sábio tem o seu sistema; os sistemas mudam, a Ciência, porém, não muda. Aprenda-se a botânica pelo sistema de Linneu, ou pelo de Jussieu, ou pelo de Tournefort, nem por isso se saberá menos botânica. Deixemos, conseqüentemente, de emprestar às coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para só nos atermos ao que é verdadeiramente importante e, não raro, a reflexão fará se descubra, no que pareça disparate, uma similitude que escapara a um primeiro exame.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**XIV.** Passaríamos de longe pela objeção que fazem alguns cépticos, a propósito das faltas ortográficas que certos Espíritos cometem, se ela não oferecesse margem a uma observação essencial. A ortografia deles, cumpre dizê-lo, nem sempre é irreprochável; mas, grande escassez de razões seria mister para se fazer disso objeto de crítica séria, dizendo que, visto sabermos tudo, os Espíritos devem saber ortografia. Poderíamos opor-lhes os múltiplos pecados desse gênero cometidos por mais de um sábio da Terra, o que, entretanto, em nada lhes diminui o mérito. Há, porém, no fato, uma questão mais grave. Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma nada vale. Livres da matéria, a linguagem de que usam entre si é rápida como o pensamento, porquanto são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário. Muitos pouco à vontade hão de eles se sentirem, quando obrigados, para se comunicarem conosco, a utilizarem-se das formas longas e embaraçosas da linguagem humana e a lutarem com a insuficiência e a imperfeição dessa linguagem, para exprimirem todas as ideias. É o que eles próprios declaram. Por isso mesmo, bastante curiosos são os meios de que se servem com frequência para obviarem a esse inconveniente. O mesmo se daria conosco, se houvéssemos de exprimir-nos num idioma de vocábulos e fraseados mais longos e de maior pobreza

de expressões do que o de que usamos. É o embaraço que experimenta o homem de gênio, para quem constitui motivo de impaciência a lentidão da sua pena sempre muito atrasada no lhe acompanhar o pensamento. Compreende-se, diante disto, que os Espíritos liguem pouca importância à puerilidade da ortografia, mormente quando se trata de ensino profundo e grave. Já não é maravilhoso que se expressem indiferentemente em todas as línguas e que as entendam todas? Não se conclua daí, todavia, que desconheçam a correção convencional da linguagem. Observam-na, quando necessário. Assim é, por exemplo, que a poesia por eles ditada desafiaria quase sempre a crítica do mais meticoloso purista, *a despeito da ignorância do médium*.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

V.10. Críticas que relacionam a mediunidade a transtornos na saúde

“**XV.** Há também pessoas que veem perigo por toda parte e em tudo o que não conhecem. Daí a pressa com que, do fato de haverem perdido a razão alguns dos que se entregaram a estes estudos, tiram conclusões desfavoráveis ao Espiritismo. Como é que homens sensatos enxergam nisto uma objeção valiosa? Não se dá o mesmo com todas as preocupações de ordem intelectual que empolguem um cérebro fraco? Quem será capaz de precisar quantos loucos e maníacos os estudos da matemática, da medicina, da música, da filosofia e outros têm produzido? Dever-se-ia, em consequência, banir esses estudos? Que prova isso? Nos trabalhos corporais, estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; nos trabalhos da inteligência, estropeia-se o cérebro, que é o do pensamento. Mas, por se haver quebrado o instrumento, não se segue que o mesmo tenha acontecido ao Espírito. Este permanece intacto e, desde que se liberte da matéria, gozará, tanto quanto qualquer outro, da plenitude das suas faculdades. No seu gênero, ele é, como homem, um mártir do trabalho. Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o caráter de preocupação principal, que então se muda em ideia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. Provavelmente, o louco religioso se houvera tornado um louco espírita, se o Espiritismo fora a sua preocupação dominante, do mesmo modo que o louco espírita o

seria sob outra forma, de acordo com as circunstâncias. Digo, pois, que o Espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**DOS INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE. Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde. Idem sobre o cérebro. Idem sobre as crianças. 221.** 1ª Será a faculdade mediúnica indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anômalo? “Anômalo, às vezes, porém, não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas.” 2ª O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga? “O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso.” 3ª Pode o exercício da mediunidade ter, de si mesmo, inconveniente, do ponto de vista higiênico, abstração feita do abuso? “Há casos em que é prudente, necessária mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral, o médium o sente e, desde que experimente fadiga, deve abster-se.” 4ª Haverá pessoas para quem esse exercício seja mais inconveniente do que para outras? “Já eu disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas relativamente às quais se devem evitar todas as causas de sobre-excitação e o exercício da mediunidade é uma delas.” (Nºs 188 e 194) 5ª Poderia a mediunidade produzir a loucura? “Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém, existindo este, o bom-senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial.” 6ª Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças? “Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que esses organismos débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobre-excitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das consequências morais.” 7ª Há, no entanto, crianças que são médiuns naturalmente, quer de efeitos físicos, quer de escrita e de visões. Apresenta isto o mesmo inconveniente? “Não; quando numa criança a faculdade se mostra espontânea, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece, quando é provocada e sobre-excitada. Nota que a criança, que tem visões, geralmente não se impressiona com estas, que lhe parecem coisa naturalíssima, a que dá muito pouca atenção e quase

sempre esquece. Mais tarde, o fato lhe volta à memória e ela o explica facilmente, se conhece o Espiritismo.” 8ª Em que idade se pode ocupar, sem inconvenientes, de mediunidade? “Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos a quem tal coisa afetará menos do que a algumas pessoas já feitas. Falo da mediunidade, em geral; porém, a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo; a da escrita tem outro inconveniente, derivado da inexperiência da criança, dado o caso de ela querer entregar-se a sós ao exercício da sua faculdade e fazer disso um brinquedo.” **222.** A prática do Espiritismo, como veremos mais adiante, demanda muito tato, para a inutilização das tramas dos Espíritos enganadores. Se estes iludem a homens feitos, claro é que a infância e a juventude mais expostas se acham a ser vítimas deles. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas estouvadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros, ou malfazejos. Ora, não se podendo esperar de uma criança a gravidade necessária a semelhante ato, muito de temer é que ela faça disso um brinquedo, se ficar entregue a si mesma. Ainda nas condições mais favoráveis, é de desejar que uma criança dotada de faculdade mediúnica não a exercite, senão sob a vigilância de pessoas experientes,

que lhe ensinem, pelo exemplo, o respeito devido às almas dos que viveram no mundo. Por aí se vê que a questão de idade está subordinada às circunstâncias, assim de temperamento, como de caráter. Todavia, o que ressalta com clareza das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento dessas faculdades nas crianças, quando não é espontânea, e que, em todos os casos, se deve proceder com grande circunspeção, não convindo nem excitá-las, nem animá-las nas pessoas débeis. Do seu exercício cumpre afastar, por todos os meios possíveis, as que apresentem sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas ideias, ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porquanto, nessas pessoas, há predisposição evidente para a loucura, que se pode manifestar por efeito de qualquer sobre-excitação. As ideias espíritas não têm, a esse respeito, maior influência do que outras, mas, vindo a loucura a declarar-se, tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse em excesso às práticas de devoção, e a responsabilidade seria lançada ao Espiritismo. O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência à ideia fixa é dar outra diretriz às suas preocupações, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos. Chamamos, a propósito deste assunto, a atenção dos nossos leitores para o parágrafo XII da “Introdução” de *O Livro dos Espíritos*.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XVIII)



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Terceira Parte

Morte do Corpo e Imortalidade do Espírito

- I. Alma ou espírito
 - II. Corpo como instrumento da alma (espírito)
durante a encarnação
 - III. Morte do corpo e sobrevivência da alma (espírito)
 - IV. Incerteza quanto ao futuro e temor da morte
-

I Alma ou espírito

1.1. Definição, natureza, origem e atributos da alma ou espírito

“§ II - A ALMA. 4. Há no homem um princípio inteligente a que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar. Se o pensamento fosse propriedade da matéria teríamos a matéria bruta a pensar. Ora, como ninguém nunca viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais; como, quando o corpo morre, não mais pensa, forçoso é se concluir que a alma independe da matéria e que os órgãos não passam de instrumentos com que o homem manifesta seu pensamento.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“II. Há outra palavra acerca da qual importa igualmente que todos se entendam, por constituir um dos fechos de abóbada de toda doutrina moral e ser objeto de inúmeras controvérsias, à minguia de uma aceção bem determinada. É a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um dá a esse termo. Uma língua perfeita, em que cada ideia fosse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões. Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica. Não tem existência própria e se aniquila com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, diz-se de um instrumento rachado, que nenhum som mais emite: não tem alma. De conformidade com essa opinião, a alma seria efeito e não causa. Pensam outros que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma certa porção. Segundo esses, não haveria em todo o Universo senão uma só alma a distribuir centelhas pelos diversos seres inteligentes durante a vida destes, voltando cada centelha, mortos os seres, à fonte comum, a se confundir com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, donde saíram. Essa opinião difere da precedente em que, nesta hipótese, não há em nós somente matéria, subsistindo alguma coisa após a morte. Mas é quase como se nada subsistisse, porquanto, destituídos de individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser um fragmento da divindade. Simples variante do *panteísmo*. Segundo outros, finalmente, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta aceção é, sem contradita, a mais geral, porque, de baixo de um nome ou de outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra, no estado de crença instintiva, não derivada de ensino, entre todos os

povos, qualquer que seja o grau de civilização de cada um. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa* e não *efeito*, é a dos *espiritualistas*. Sem discutir o mérito de tais opiniões e considerando apenas o lado linguístico da questão, diremos que estas três aplicações do termo *alma* correspondem a três ideias distintas, que demandariam, para serem expressas, três vocábulos diferentes. Aquela palavra tem, pois, tríplice aceção e cada um, do seu ponto de vista, pode com razão defini-la como o faz. O mal está em a língua dispor somente de uma palavra para exprimir três ideias. A fim de evitar todo equívoco, seria necessário restringir-se a aceção do termo *alma* a uma daquelas ideias. A escolha é indiferente; o que se faz mister é o entendimento entre todos, reduzindo-se o problema a uma simples questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-lo na sua aceção vulgar e por isso chamamos ALMA *ao ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo*. Mesmo quando esse ser não existisse, não passasse de produto da imaginação, ainda assim fora preciso um termo para designá-lo. Na ausência de um vocábulo especial para tradução de cada uma das duas outras ideias a que corresponde a palavra alma, denominamos: *Princípio vital* o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. A palavra *vitalidade* não daria a mesma ideia. Para uns o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o *fluido vital* que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de *fluido magnético*, *fluido nervoso*, etc. Seja como for, um fato há que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana. Concebe-se que, com uma aceção múltipla, o termo *alma* não exclui o materialismo, nem o panteísmo. O próprio espiritualismo pode entender a alma de acordo com uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do Ser

imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer. Assim, aquela palavra não representa uma opinião: é um Proteu, que cada um ajeita a seu bel-prazer. Daí tantas disputas intermináveis. Evitar-se-ia igualmente a confusão, embora usando-se do termo *alma* nos três casos, desde que se lhe acrescentasse um qualificativo especificando o ponto de vista em que se está colocado, ou a aplicação que se faz da palavra. Esta teria, então, um caráter genérico, designando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, o da inteligência e o do senso moral, que se distinguiriam mediante um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem aditando-se ao termo genérico as palavras *hidrogênio*, *oxigênio*, ou *azoto*. Poder-se-ia, assim, dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* - indicando o princípio da vida material; a *alma intelectual* - o princípio da inteligência, e a *alma espírita* - o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto não passa de uma questão de palavras, mas questão muito importante quando se trata de nos fazermos entendidos. De conformidade com essa maneira de falar, plantas, animais e homens; a *alma intelectual* pertenceria aos animais e aos homens; e a *alma espírita* somente ao homem. Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a doutrina espírita repousa naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. A palavra *alma*, tendo que aparecer com frequência no curso desta obra, cumpria fixássemos bem o sentido que lhe atribuímos, a fim de evitarmos qualquer engano. Passemos agora ao objeto principal desta instrução preliminar.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

[...] “Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos. “O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. “O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita. “Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. “Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras. “A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório. “Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. “Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos.

“O laço ou *perispírito*, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições. “O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de se conceber pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável *pela vista, pelo ouvido e pelo tato*. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

[...] “O Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal. “Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. [...] “Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo. “As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles. “As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS. 76.

Que definição se pode dar dos Espíritos? “Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.” (Nota - A palavra *Espírito* é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo) 77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou serão simples emanções ou porções desta e, por isto, denominados filhos de Deus? “Meu Deus! São obra de Deus, exatamente qual a máquina o é do homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem. Sabes que, quando faz alguma coisa bela, útil, o homem lhe chama sua filha, criação sua. Pois bem! O mesmo se

dá com relação a Deus: somos seus filhos, pois que somos obra sua.” **78.** Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade? “Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável. Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseses com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.” **79.** Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material? “Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.” **80.** A criação dos Espíritos é permanente, ou só se deu na origem dos tempos? “É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar.” **81.** Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros? “Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.” **82.** Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais? “Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois debes compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.” Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação. **83.** Os Espíritos têm fim? Compreende-se que seja eterno o princípio donde eles emanam, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa donde saiu, como sucede com os corpos materiais. É difícil de conceber-se que uma coisa que teve começo possa não ter fim. “Há muitas coisas que não compreendeis, porque

tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que as repilais. O filho não compreende tudo o que a seu pai é compreensível, nem o ignorante tudo o que o sábio apreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**PRINCÍPIO ESPIRITUAL. 1.** A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios. De acordo com este princípio: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente”, ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste. Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se, pois, vivo, o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não há quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência, que faz com que este se mova, está fora dele, ao passo que está no homem a que faz que este obre. **2.** O princípio espiritual é corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a soberana inteligência a reinar, pela eternidade em fora, unicamente sobre a matéria bruta, como não se poderia conceber que um monarca terreno, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Não se podendo admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, inúteis seriam essas qualidades, se ele as houvesse de exercitar somente sobre a matéria. **3.** Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, a criar seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los ao nada, após alguns dias de sofrimento sem compensações, a recrear-se na contemplação dessa sucessão indefinita de seres que nascem, sem que o hajam pedido, pensam por um instante, apenas para conhecerem a dor, e se extinguem para sempre, ao cabo de efêmera existência. Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis porque o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando o efeito, não podem eles admitir a causa. O materialismo é, pois, consequente consigo mesmo, embora não o seja com a razão. **4.** É inata no homem a ideia da perpetuidade do ser espiritual;

essa ideia se acha nele em estado de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente aí está a compensação às misérias da vida. Essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus. À ideia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo junta a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Torna precisa e define o que aquela ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra o ser inteligente a atuar fora da matéria, quer depois, quer durante a vida do corpo. **5.** São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital? Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para que os confundíssemos. Mas, havendo, como há, seres que vivem e não pensam, quais as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual por nenhum sinal exterior se manifesta, é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, nºs 16 a 19) **6.** Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.? Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; momentânea seria, como a do corpo, a existência do ser inteligente que, então, ao morrer, volveria ao nada, ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas. As propriedades *sui generis* que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que se sua origem estivesse na matéria aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. Individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados *Espíritos*, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“**7.** Admitido o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem, seu ponto de partida? Aqui, falecem absolutamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o mais, apenas lhe é dado formular hipóteses e, quer porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, quer porque lhe seja inútil ou prejudicial presentemente, Deus não lhe outorga, nem mesmo pela revelação. O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça, atributo essencial da Divindade, é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta. **8.** Ao mesmo tempo que criou, desde toda a eternidade, mundos materiais, Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais. Se assim não fora, os mundos materiais careceriam de finalidade. Mais fácil seria conceberem-se os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem aqueles. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências. **9.** Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“ESPÍRITO. CONCEITO - Individualidades inteligentes, incorpóreas, que povoam o Universo, criadas por Deus, independente da matéria. Prescindindo do mundo corporal, agem sobre impressões, em intercâmbio expressivo e contínuo. São de todos os tempos, desde que a Criação sendo infinita, sempre existiram e jamais cessarão. Constituem os seres que habitam tudo, no Cosmo, tornando-se uma das potências da Natureza e atuam na Obra Divina como cooperadores, do que resulta a própria evolução e aperfeiçoamento intermínimo. Perdendo-se suas origens no intrincado da complexidade das leis, transcende ao entendimento humano o

mecanismo de seu nascimento e formação, princípio inteligente que são, a glorificar a Obra de Deus em toda parte. Indestrutíveis, jamais terão fim, não obstante possuindo princípio, quando a Excelsa Vontade os criou. Dependendo do grau de seu desenvolvimento são imunes aos obstáculos de qualquer natureza material, por dotados de constituição específica, superior às organizações físicas, podendo irradiar-se em todas as direções e participar, simultaneamente, de inúmeros acontecimentos ele e, corporificando-se através da carne, recebem estímulos, transmitindo de uma só vez, sem qualquer prejuízo para a própria integridade. CONOTAÇÕES - Buscando penetrar na realidade e constituição dos Espíritos, o que desvendaria os enigmas incontáveis da existência, os religiosos de todas as épocas estruturaram neles a base das afirmações éticas, estabelecendo a vida na Terra como consequência da vida espiritual, que sempre houve, mesmo sem a existência deste orbe. Dentro de tal premissa, a vida humana torna-se o resultado que decorre da outra, oportunidade que o Espírito usufrui para o crescimento, através de renascimentos sucessivos no corpo físico. Doutrinas exóticas estabeleceram a concepção panteísta do Universo, através da qual os Espíritos seriam fragmentos de Deus, que a Ele se reintegrariam, desaparecendo, portanto, pela destruição da individualidade, nisto incluindo todas as coisas, como partes mesmas da Divindade. Observações apresadas engendraram teorias outras, igualmente absurdas, tais a metempsicose, mediante a qual os Espíritos que se não houveram com equidade e nobreza na Terra a ela retornam, renascidos como animais inferiores. Não há, porém, retrocesso nem regressão na escala espiritual, mediante a qual adicionam-se experiências da evolução, armazenando-se conquistas, transferindo-se de uma para outra vida aprendizagens e realizações. Sendo infinito o progresso, numa existência o ser aprimora uma qualidade, enquanto dormem determinadas aptidões, e assim, incessantemente. Sem nos reportarmos às augustas fontes da informação mediúnica, na Antiguidade Oriental, que hauriam nos Espíritos desencarnados o conteúdo de muitas das suas doutrinas religiosas e filosóficas, no século V, antes de Cristo, Tales, em Mileto, preocupado com o enigma da constituição da vida e particularmente da vida humana, interrogava sobre o Espírito e a Matéria. Ensejava-se compreender ou decifrar a problemática do ser, inaugurando, a partir de então, o pensamento metafísico que se iria desdobrar, logo depois, nas escolas idealista e atomista, que tentaram colocar balizas demarcatórias nos planos da Criação. Inicialmente considerado o Espírito como princípio vital, sopro de vida, foi-se deslocando entre os gregos

para uma diferenciação da alma, que seria a expressão das manifestações afetivas inferiores, enquanto ele passava à representação das afeições superiores, princípio mais elevado do que o indivíduo. A doutrina aristotélica já apresenta essa conceituação mais ou menos definida, dando origem à formação ideológica entre o caráter metafísico e o psicológico do Espírito. Embora o renascimento da doutrina neoplatônica entre os estudiosos de Alexandria, nos séculos V-VII, formulando judiciosas conceituações perfeitamente cristãs, dentre as quais a reencarnação, o pensamento aristotélico predominaria, sendo desdobrado e aceito por Tomás de Aquino, que apoiava o dogma romano nos seus alicerces, a prejuízo da revelação espiritual do Cristo, por longos séculos, a partir da Idade Média. Com Hegel, o Espírito foi colocado filosoficamente em termos compatíveis, porquanto foram excluídas todas as teorias que o tornavam “fixo e imutável”, apresentando a hipótese da sua evolução, transformações e inter-relacionamentos de todos os fatos que o influenciam. As escolas de pensamento, então surgidas, apresentam confirmações ao conceito hegeliano ou combatem-no por meio do materialismo, que reduz o Espírito a uma conquista da própria matéria que, progredindo das formas mais simples às mais complexas, num momento imprevisível adquiriu consciência. A revolução tecnológica, porém, iniciada no último quartel do século XIX, reduziu a matéria à condição de “energia condensada”, transformando laboratórios e gabinetes científicos de pesquisa material em santuários de investigação em que a mente, o espírito, passam a ocupar lugar de destaque, nos quais, a pouco e pouco, o investigador consciente defronta a realidade do Espírito além da estrutura somática, a esta precedente e a ela sobrevivente. CONCLUSÃO - Com a chegada do Consolador, conforme prometeu Jesus, através de Allan Kardec, o Espírito voltou a ser conceituado e tido na sua legítima acepção, demonstrando, pela insofismável linguagem dos fatos, a sua realidade, em vigoroso apelo ao pensamento e à razão, no sentido de fazer ressurgir a ética religiosa do Cristianismo. Através desse renascimento cristão, opõe-se uma barreira ao materialismo e aponta-se ao que sofre o infinito horizonte do amanhã ditoso que o espera, após vencidas as dificuldades do momento, superadas as limitações, Espírito que é, em marcha na direção da Verdade.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 3)

I.2. Espírito e perispírito¹

“**PERISPÍRITO. 93.** O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

¹ Vide Capítulos III (“Corpo perispíritico, perispírito ou psicossoma”) e IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

“Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.” Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar *perispírito*, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito. **94.** De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? “Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.” **a)** - Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? “É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.” **95.** O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível? “Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

51. Eis aqui a resposta que, sobre este assunto, deu um Espírito: “O que uns chamam *perispírito* não é senão o que outros chamam envoltório material fluídico. Direi, de modo mais lógico, para me fazer compreendido, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são de todo inerentes; logo, são, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrestres se acham depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Esta, para progredir, necessita sempre de um agente; sem agente, ela nada é, para vós, ou, melhor, não a podeis conceber. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. “Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito. Isso é outra questão. Compreendi primeiro moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A ciência ainda não sabe bastante, porém lá chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não vades mais longe, por este lado; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Supondes que, como vós, também eu não perquiro? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois.” - *Lamennais*.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo IV)

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise. Esse segundo invólucro da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis. O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para a explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e por nos não anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito. **55.** Hão dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o

corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação. **56.** Ele tem a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Daí se poderia supor que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se modela, de certa maneira, por este e lhe conserva o tipo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio em que o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos. Essa igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a com que, em todos os tempos, se representaram os anjos, ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolda-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência. Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. Os Espíritos, portanto, são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso redor, toda uma população, invisível no estado normal. Dizemos - no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“**57.** Voltemos à natureza do perispírito, pois que isto é essencial para a explicação que temos de dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que decorre do fato das aparições tangíveis, a que volveremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente

invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, desconhecemo-la por completo. Apenas pelos seus atos ele se nos revela e seus atos não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre que ele atua, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações. Considerada deste modo, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria. [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“**39.** O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suscitado desde a antiguidade e designado por S. Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é *inseparável da alma*, forma um dos elementos constitutivos do *ser humano*, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia. **40.** O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege - fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do

maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.” (AK, *A gênese*, Capítulo I)

“FORMAÇÃO E PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO. 7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispirítico e o corpo carnal têm, pois, origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes. **8.** Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. [...] **9.** A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros um pouco mais desmaterializados não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres. Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores, e, até, encarnar neles. Tiram, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontrem. Fazem como o nobre que despe temporariamente suas vestes, para envergar os trajes plebeus, sem deixar por isso de ser nobre. [...] Resulta disso este fato capital: *a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda*. O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, são os mesmos os efeitos que o corpo produz, semelhantes às necessidades, ao

passo que diferem em tudo o que respeita ao perispírito. Também resulta que: *o envoltório perispirítico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo*.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ I - O PERISPÍRITO COMO PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES. 9. Os Espíritos, como já foi dito, têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de **perispírito**. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta. **10.** Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito, sendo-lhe o corpo apenas um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado aos fenômenos a que tem de prestar-se e do qual o Espírito se despoja por ocasião da morte. O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa. **11.** O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contato corporal, podem achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição. **12.** Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las. [...]” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“PERISPÍRITO. CONCEITO - Parte essencial do complexo humano o perispírito ou psicossoma se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõe cada Orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que

se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico. Graças à sua existência, a dualidade ancestral, Espírito e Matéria, se transformou em organização trina, em considerando a essencialidade de que se faz objeto, na sustentação da vida vegetativa e orgânica, de que depende o soma, como veículo da Alma, e, simultaneamente, pelas impressões que envia à centelha encarnada, que as transforma em aquisição valiosa, decorrente da marcha evolutiva. Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, é tanto mais denso ou sutil, quanto evoluído seja o Espírito que dele se utiliza. Também considerado corpo astral, exterioriza-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se como energia específica ou aura. Por mais complexos cálculos se processem as técnicas para o estudo da irradiação perispiritual ou da sua própria constituição, faltam, no momento, elementos capazes de traduzir aquelas realidades, por serem, por enquanto, de natureza desconhecida, embora existente e atuante. Não é uma condensação de caos elétrico ou de forças magnéticas, antes possui estrutura própria, maleável, em algumas circunstâncias tangível - como nas materializações de desencarnados, nas aparições dos vivos e dos mortos; atuante - nos transportes, nas levitações; ora ponderável, podendo aumentar ou diminuir o volume e o peso do corpo; ora imponderável, como ocorre nas desmaterializações e transfigurações. Informe na sua natureza íntima, adquire a aparência que o Espírito lhe queira imprimir, podendo, desse modo, tornar-se visível em estado de sono ou de vigília, graças às potencialidades de que disponha o Ser que o manipula. Conhecido pelos estudiosos, desde a mais remota antiguidade, há sido identificado numa gama de rica nomenclatura, conforme as funções que lhe foram atribuídas, nos diversos períodos que duravam as investigações. Desde as apreciáveis lições do *Vedanta* quando apareceu como *Manu*, *mâyã* e *Kosha*, era conhecido no *Budismo* esotérico por *Kama-rupa*, enquanto no *Hermetismo* egípcio surgiu na qualidade de *Kha*, para avançar, na *Cabala hebraica*, como manifestação de *Rouach*. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o *carne sutil da alma* e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o *corpo sutil e etéreo*. Os neoplatônicos, de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos *Princípios*, identificava-o como *aura*; Tertuliano, o gigante inspirado da *Apolo-gética*, nele via o *corpo vital da alma*, enquanto Proclo o caracterizava como *veículo da alma*, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido. Na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de *corpo astral*, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química

e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou. Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos “átomos espirituais ou mônadas”, surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de *corpo fluídico*. Outros perquiridores, penetrando a sonda da investigação no passado e no presente, localizam-no na tecedura da vida humana como elemento básico da organização do ser. Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado *corpo bioplásmico*, o Apóstolo Paulo já o chamava *corpo espiritual*, conforme escreveu aos coríntios (I Epístola, 15:44), corpo corruptível, logo depois, na mesma Epístola, verso 53, ou *alma*, na exortação aos companheiros da Tessalônica (I Epístola, 5:23), sobrevivente à *morte*.” (JA, *Estudos Espíritos*, Capítulo 4)

I.3. Provas da existência da alma (espírito) após a morte

“**151.** Que pensar da opinião dos que dizem que após a morte a alma retorna ao todo universal? “O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo completo? Quando estás numa assembleia, és parte integrante dela; mas, não obstante, conservas sempre a tua individualidade.” **152.** Que prova podemos ter da individualidade da alma depois da morte? “Não tendes essa prova nas comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis; pois que muito amiúde uma voz vos fala, reveladora da existência de um ser que está fora de vós.” Os que pensam que, pela morte, a alma reingressa no todo universal estão em erro, se supõem que, semelhante à gota d’água que cai no Oceano, ela perde ali a sua individualidade. Estão certos, se por *todo universal* entendem o conjunto dos seres incorpóreos, conjunto de que cada alma ou Espírito é um elemento. Se as almas se confundissem num amálgama só teriam as qualidades do conjunto, nada as distinguiria umas das outras. Careceriam de inteligência e de qualidades pessoais quando, ao contrário, em todas as comunicações, denotam ter consciência do seu *eu* e vontade própria. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a consequência mesma de constituírem individualidades diversas. Se, após a morte, só houvesse o que se chama o grande Todo, a absorver todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, então, as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Desde que, porém, lá se nos deparam seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados; que lá os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e ponderados, etc., patente se faz que eles são seres distintos. A individualidade ainda mais evidente se torna, quando

esses seres provam a sua identidade por indicações incontestáveis, particularidades individuais verificáveis, referentes às suas vidas terrestres. Também não pode ser posta em dúvida, quando se fazem visíveis nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como artigo de fé. O Espiritismo a torna manifesta e, de certo modo, material.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo III)

“**HÁ ESPÍRITOS? 1.** A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança. Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação. Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no *Espiritualismo* a sua demonstração teórica e dogmática e, no *Espiritismo*, a demonstração positiva. Abstraíamos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüências chegaremos. **2.** Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita: 1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada nos valeria. [...] Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o a que se chamam *Espíritos*. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Mais hipotética lhes seria a existência, se fossem seres à parte. Se, porém, se admitir que há almas, necessário também será se admita que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se se admite que as almas estão por toda parte, ter-se-á que admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda parte. Possível, portanto, não fora negar a existência dos Espíritos, sem negar a das almas. **3.** Isto não passa, é certo, de uma teoria mais

racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão, nem a ciência repelem. Acresce que se os fatos a corroboram tem ela por si a sanção do raciocínio e da experiência. Esses fatos se nos deparam no fenômeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Muitas pessoas hão, entretanto, cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, conseqüentemente, a dos Espíritos, mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem ideia muito falsa, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real. Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o *ser que pensa e sobrevive*. O corpo não passa de um *acessório* seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de *perispírito*. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarefeitos fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria? **4.** A existência da alma e a de Deus, conseqüência uma da outra, constituindo a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita, importa indagarmos se o nosso interlocutor admite essa base. Se a estas questões: Credes em Deus? Credes que tendes uma alma? Credes na sobrevivência da alma após a morte? Responder negativamente, ou, mesmo, se disser simplesmente: *Não sei; desejara que assim fosse, mas não tenho a certeza disso*, o que, quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente o a que ele chama preconceitos respeitáveis, tão inútil seria ir além, como querer demonstrar as propriedades da luz

a um cego que não admitisse a existência da luz. Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma. Com semelhante interlocutor, se não quiser perder tempo, ter-se-á que seguir muito diversa ordem de ideias. Admitida que seja a base, não como simples *probabilidade*, mas como coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo I)

“6. O Espiritismo prova a existência da alma. Provam a existência da alma os atos inteligentes do homem, por isso que eles hão de ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Que ela independe da matéria está demonstrado de modo patente pelos fenômenos espíritas que a mostram agindo por si mesma e o está, sobretudo, pelo seu insulamento **durante a vida**, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir sem o corpo. Pode-se dizer que, se a química separou os elementos da água; se, dessa maneira, pôs a descoberto as propriedades desses elementos e se pode, à sua vontade, fazer e desfazer um corpo composto, o Espiritismo, igualmente, pode isolar os dois elementos constitutivos do homem: **o Espírito e a matéria, a alma e o corpo**, separá-los e reuni-los à vontade, o que não deixa dúvida sobre a independência de uma e outro. **7. A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste.** Se a alma não sobrevivesse ao corpo, o homem só teria por perspectiva o nada, do mesmo modo que se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se não conservasse a sua individualidade, isto é, se se dissolvesse no reservatório comum chamado o **grande todo**, como as gotas d’água no Oceano, seria igualmente, para o homem, o nada do pensamento e as consequências seriam absolutamente as mesmas que se não houvesse alma. A sobrevivência desta à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável, pelas comunicações espíritas. Sua individualidade é demonstrada pelo caráter e pelas qualidades peculiares a cada um. Essas qualidades, que distinguem umas das outras as almas, lhes constituem a personalidade. Se as almas se confundissem num todo comum, uniformes seriam as suas qualidades. Além dessas provas inteligentes, há também a prova material das manifestações visuais, ou aparições, tão frequentes e autênticas, que não é lícito pô-las em dúvida. [...] **9. Deus, alma, sobrevivência e individualidade da alma após a morte do corpo, penas e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de todas as religiões.** O Espiritismo junta às provas morais desses princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação e corta cerce os sofismas do materialismo. Em presença dos fatos, cessa toda razão de ser da incredulidade. É assim que o Espiritismo restitui a fé aos que a

tenham perdido e dissipa as dúvidas dos incrédulos.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. 1. As almas ou Espíritos dos que aqui viveram constituem o mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos. Daí resulta que, desde que há homens, há Espíritos e que, se estes últimos têm o poder de manifestar-se, devem tê-lo tido em todas as épocas. É o que comprovam a história e as religiões de todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos assumiram grande desenvolvimento e tomaram um caráter mais acentuado de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo que os que deixaram a Terra viessem atestar sua existência e revelar-nos a situação ditosa ou infeliz em que se encontravam. **2.** Vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contacto perpétuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por se não lhes conhecer a causa. A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente é uma das leis, uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração. Se ela cessasse, a harmonia estaria perturbada, conforme sucede num maquinismo, donde se suprima uma peça. Derivando de uma lei da natureza semelhante ação, nada têm, evidentemente, de sobrenaturais os fenômenos que ela opera. Pareciam tais, porque desconhecida era a causa que os produzia. O mesmo se deu com alguns efeitos da eletricidade, da luz, etc. **3.** Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de capital interesse para a criatura, se acha necessariamente ligado à existência do mundo invisível, pelo que o conhecimento desse mundo há constituído, desde todos os tempos, objeto de suas pesquisas e preocupações. A atenção do homem foi naturalmente atraída pelos fenômenos que tendem a provar a existência daquele mundo e nenhuns houve jamais tão concludentes, como os das manifestações dos Espíritos por meio das quais os próprios habitantes de tal mundo revelaram suas existências. Por isso foi que esses fenômenos se tornaram básicos para a maior parte dos dogmas de todas as religiões. **4.** Tendo instintivamente a intuição de uma potência superior, o homem foi sempre levado, em todos os tempos, a atribuir à ação **direta** dessa potência os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida e que passavam, a seus olhos, por prodígios e efeitos sobrenaturais. Os incrédulos consideram essa tendência uma consequência da predileção que tem

o homem pelo maravilhoso; não procuram, porém, a origem desse amor do maravilhoso. Ela, no entanto, reside muito simplesmente na intuição mal definida de uma ordem de coisas extracorpóreas. Com o progresso da Ciência e o conhecimento das leis da Natureza, esses fenômenos passaram pouco a pouco do domínio do maravilhoso para o dos efeitos naturais, de sorte que o que outrora parecia sobrenatural já não o é hoje e o que ainda o é hoje não mais o será amanhã. Os fenômenos decorrentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua natureza mesma, larga contribuição aos fatos reputados maravilhosos. Tempo, contudo, viria em que, conhecida a lei que os rege, eles entrariam, como os outros, na ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo, dando a conhecer essa lei, apresentou a chave para a interpretação da maior parte das passagens incompreendidas das Escrituras sagradas que a isso aludem e dos fatos tidos por miraculosos. [...]” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestação dos espíritos)

I.4. Reinos da natureza, elementos constituintes e teoria evolutiva: minerais (matéria), plantas (vitalidade), animais (instinto) e homem (inteligência)^{2,3,4,5}

“ESPÍRITO E MATÉRIA. 21. A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por ele em dado momento? “Só Deus o sabe. Há uma coisa, todavia, que a razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que logreis figurar o início de sua ação, podereis concebê-lo ocioso, um momento que seja?” **22.** Define-se geralmente a matéria como sendo - o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. São exatas estas definições? “Do vosso ponto de vista, elas

o são, porque não falais senão do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria.” **a)** - Que definição podeis dar da matéria? “A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.” Deste ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o espírito. **23.** Que é o espírito? “O princípio inteligente do Universo.” **a)** - Qual a natureza íntima do espírito? “Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.” **24.** É o espírito sinônimo de inteligência? “A inteligência é um atributo essencial do espírito. Uma e outro, porém, se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa.” **25.** O espírito independe da matéria, ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar? “São distintos uma do outro; mas, a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria.” **a)** - Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades que por esse nome se designam) “É necessária a vós outros, porque não tendes organização apta a perceber o espírito sem a matéria. A isto não são apropriados os vossos sentidos.” **26.** Poder-se-á conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito? “Pode-se, é fora de dúvida, pelo pensamento.” **27.** Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito? “Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre

- 2** Vide Subcapítulo I.6 (“Reinos da natureza e evolução dos seres vivos”), Capítulo I (“Universo, formação dos mundos e dos seres vivos”), Primeira Parte (“Evolução Material e Evolução Espiritual”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 3** Vide Subcapítulo I.1 (“Princípios (constituintes) dos seres orgânicos: princípio material (corpo), princípio vital (vitalidade), princípio intelectual (instinto e inteligência) e princípio espiritual (consciência”), Capítulo I (“Consciência”), Terceira Parte (“Consciência, Livre-arbítrio e Destino”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 4** Vide Capítulo II (“Reinos da natureza: princípios, fluidos e corpos constituintes”), Primeira Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 5** Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em: https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizar-livroautor.asp?id=4

o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.” **a)** - Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade? “Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente.” **28.** Pois que o espírito é, em si, alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão dar aos dois elementos gerais as designações de - matéria inerte e matéria inteligente? “As palavras pouco nos importam. Compete-vos a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos.” Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se promanam ou não de uma só fonte; se há pontos de contato entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme à opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos. Elas se nos mostram como sendo distintas; daí o considerarmos-las formando os dois princípios constitutivos do Universo. Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema é que chamamos Deus.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo II)

“DOS TRÊS REINOS. OS MINERAIS E AS PLANTAS. 585. Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível? “Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.” Esses quatro

graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extra materiais e o conhecimento de Deus.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“586. Têm as plantas consciência de que existem? “Não, pois que não pensam; só têm vida orgânica.”

587. Experimentam sensações? Sofrem quando as mutilam? “Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Consequentemente, não têm a sensação da dor.” **588.** Independe da vontade delas a força que as atrai umas para as outras? “Certo, porquanto não pensam. É uma força mecânica da matéria, que atua sobre a matéria, sem que elas possam a isso opor-se.” **589.** Algumas plantas, como a sensitiva e a dionéia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. São dotadas essas plantas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a Natureza vegetal e a Natureza animal? Constituem a transição de uma para outra? “Tudo em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras. As plantas não pensam; por conseguinte carecem de vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.” O organismo humano nos proporciona exemplo de movimentos análogos, sem participação da vontade, nas funções digestivas e circulatórias. O piloro se contrai, ao contato de certos corpos, para lhes negar passagem. O mesmo provavelmente se dá na sensitiva, cujos movimentos de nenhum modo implicam a necessidade de percepção e, ainda menos, da vontade. **590.** Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação, que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo? “Há, se quiserdes, uma espécie de instinto, dependendo disso da extensão que se dê ao significado desta palavra. É, porém, um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, observais que dois corpos se reúnem, é que um ao

outro convém; quer dizer: é que há entre eles afinidade. Ora, a isto não dais o nome de instinto.” **591.** Nos mundos superiores, as plantas são de natureza mais perfeita, como os outros seres? “Tudo é mais perfeito. As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“**PRINCÍPIO VITAL. 16.** Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata. Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o *princípio vital*. Ativo no ser vivo, esse princípio se acha *extinto* no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros. **17.** Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão. (Cap. VI, *Uranografia geral*) Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade. **18.** Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica. A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito produzido* por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira subsiste à extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos,

a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono; mas, não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que possível lhe é reconstituir uma pedra. **19.** Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de compreender-se. Mais exato, no entanto, houveramos sido, dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada *eletricidade animal*, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“**ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS. 24.** Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os *zoófitos* ou *animais-plantas*, cujo nome indica que eles participam de um e outro: serve-lhes de traço de união. Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como aqueles, elas precisam de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, desde que lhes falem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Oferecem como caráter distintivo mais acentuado conservarem-se presas ao solo e tirarem dele a nutrição, sem se deslocarem. O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação. Um degrau acima, o animal é livre e procura o alimento: em primeiro lugar, vêm as inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela faculdade da locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, aos quais a vida assume prodigiosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que

abrange os peixes, os répteis, os pássaros; seguem-se, por fim, os mamíferos cuja organização é a mais completa. **25.** Ao se considerarem apenas os dois pontos extremos da cadeia, nenhuma analogia aparente haverá; mas, ao se passar de um anel a outro sem solução de continuidade, chega-se, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreende-se então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, sucessivamente, até ao primitivo ser elementar. Entre a glândula e o carvalho é grande a diferença; entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da glândula, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos de que este proceda de tão pequena semente. Ora, se a glândula encerra em latência os elementos próprios à formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do ouço ao elefante? (Nº 23) De acordo com o que fica dito, percebe-se que não exista geração espontânea senão para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de reproduzir-se, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germes primitivos donde ela surgiu não desapareceram para sempre, por inúteis? Quem nos diz que o nosso ouço atual seja idêntico ao que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Explicar-se-ia assim porque não há geração espontânea entre os animais de complexa organização. Esta teoria, sem estar admitida ainda, de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar hoje na Ciência. Os observadores sérios aceitam-na como a mais racional.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“INTELIGÊNCIA E INSTINTO. 71. A inteligência é atributo do princípio vital? “Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas, a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.” A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades. Podem distinguir-se assim: 1º, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2º, os seres animados

que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar. **72.** Qual a fonte da inteligência? “Já o dissemos; a inteligência universal.” **a)** - Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material? “Isto não passa de simples comparação, todavia inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Demais, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é desse número.” **73.** O instinto independe da inteligência? “Precisamente, não, por isso que o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres proveem às suas necessidades.” **74.** Pode estabelecer-se uma linha de separação entre instinto e a inteligência, isto é, precisar onde um acaba e começa a outra? “Não, porque muitas vezes se confundem. Mas, muito bem se podem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.” **75.** É acertado dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais? “Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se transvia.” **a)** - Por que nem sempre é guia infalível a razão? “Seria infalível, se não fosse falseada pela má-educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.” O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado. O instinto varia em suas manifestações, conforme às espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA. 11. Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e o outro começa? Será o instinto uma inteligência rudimentar, ou será uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria? *O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles.* Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve

de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas progênies, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar, etc. **12.** *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias.* É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma. *Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é.* O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar. Ao ato instintivo falta o caráter do ato inteligente; revela, entretanto, *uma causa inteligente*, essencialmente apta a prever. Ao se admitir que o instinto procede da matéria, ter-se-á de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e providente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca. Ao se considerar o instinto uma inteligência rudimentar, como se há de explicar que, em certos casos, seja superior à inteligência que raciocina? Como explicar que torne possível se executem atos que esta não pode realizar? Se ele é atributo de um princípio espiritual de especial natureza, qual vem a ser esse princípio? Pois que o instinto se apaga, dar-se-á que esse princípio se destrua? Se os animais são dotados apenas de instinto, não tem solução o destino deles e nenhuma compensação os seus sofrimentos, o que não estaria de acordo nem com a justiça, nem com a bondade de Deus. (Cap. II, 19)” (AK, *A gênese*, Capítulo III)

“**13.** Segundo outros sistemas, o instinto e a inteligência procederiam de um único princípio. Chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que primeiramente apenas tivera as qualidades do instinto, passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre. Se fosse assim, no homem inteligente que perde a razão e entra a ser guiado exclusivamente pelo instinto, a inteligência voltaria ao

seu estado primitivo e, quando o homem recobrasse a razão, o instinto se tornaria inteligência e assim alternativamente, a cada acesso, o que não é admissível. Aliás, é frequente o instinto e a inteligência se revelarem simultaneamente no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o homem põe maquinalmente um pé à frente do outro, sem nisso pensar; quando, porém, ele quer acelerar ou demorar o passo, levantar o pé ou desviar-se de um tropeço, há cálculo, combinação; ele age com deliberado propósito. *A impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a calculada direção do movimento é o ato inteligente.* O animal carnívoro é impelido pelo instinto a se alimentar de carne, mas as precauções que toma e que variam conforme as circunstâncias, para segurar a presa, a sua previdência das eventualidades são atos da inteligência. [...]. **15.** Nesta ordem de ideias, ainda mais longe se pode ir. Por muito racional que seja, essa teoria não resolve todas as dificuldades da questão. Se observarmos os efeitos do instinto, notaremos, em primeiro lugar, uma unidade de vistas e de conjunto, uma segurança de resultados, que cessam logo que a inteligência o substitui. Demais, reconheceremos profunda sabedoria na apropriação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie. Semelhante unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento e esta é incompatível com a diversidade das aptidões individuais; só ela poderia produzir esse conjunto tão harmonioso que se realiza desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade, uma precisão matemática, cuja ausência jamais se nota. A uniformidade no que resulta das faculdades instintivas é um fato característico, que forçosamente implica *a unidade da causa*. Se a causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e previdência há de ter uma causa sábia e providente. Ora, uma causa dessa natureza, sendo por força inteligente, não pode ser exclusivamente material. [...] Tanto mais ativa é essa solicitude, quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência. Por isso é que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores, do que no homem. Segundo essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia seguro. O instinto materno, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, não devia ele ser entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. *Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.* [...]” (AK, *A gênese*, Capítulo III)

“17. Todas essas maneiras de considerar o instinto são forçosamente hipotéticas e nenhuma apresenta caráter seguro de autenticidade, para ser tida como solução definitiva. A questão, sem dúvida, será resolvida um dia, quando se houverem reunido os elementos de observação que ainda faltam. Até lá, temos que limitar-nos a submeter as diversas opiniões ao cadinho da razão e da lógica e esperar que a luz se faça. A solução que mais se aproxima da verdade será decerto a que melhor condiga com os atributos de Deus, isto é, com a bondade suprema e a suprema justiça. (Cap. II, nº 19) 18. Sendo o instinto o guia e as paixões as molas da alma no período inicial do seu desenvolvimento, por vezes aquele e estas se confundem nos efeitos. Há, contudo, entre esses dois princípios, diferenças que muito importa se considerem. O instinto é guia seguro, sempre bom. Pode, ao cabo de certo tempo, tornar-se inútil, porém nunca prejudicial. Enfraquece-se pela predominância da inteligência. As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o serem as criaturas solicitadas por uma força igualmente inconsciente. As paixões nascem principalmente das necessidades do corpo e dependem, mais do que o instinto, do organismo. O que, acima de tudo, as distingue do instinto é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; variam, ao contrário, de intensidade e de natureza, conforme os indivíduos. São úteis, como estimulante, até à eclosão do senso moral, que faz nasça de um ser passivo, um ser racional. Nesse momento, tornam-se não só inúteis, como nocivas ao progresso do Espírito, cuja desmaterialização retardam. Abrandam-se com o desenvolvimento da razão. 19. O homem que só pelo instinto agisse constantemente poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência. Seria qual criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse utilizar-se de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, porém, ao mesmo tempo, muito mau. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões somente pelo esforço da vontade podem domar-se.*” (AK, *A gênese*, Capítulo III)

“OS ANIMAIS E O HOMEM. 592. Se, pelo que toca à inteligência, comparamos o homem e os animais, parece difícil estabelecer-se uma linha de demarcação entre aquele e estes, porquanto alguns animais mostram, sob esse aspecto, notória superioridade sobre certos homens. Pode essa linha de demarcação ser estabelecida de modo preciso? “A este respeito é completo o desacordo entre os vossos filósofos. Querem uns que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos em erro. O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem-dotado do que muitos

destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. Pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos! Não sabeis distinguir-vos deles? Reconhecei o homem pela faculdade de pensar em Deus.” 593. Poder-se-á dizer que os animais só obram por instinto? “Ainda aí há um sistema. É verdade que na maioria dos animais domina o instinto. Mas, não vês que muitos obram denotando acentuada vontade? É que têm inteligência, porém limitada.” Não se poderia negar que, além de possuírem o instinto, alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. Nada, porém, criam, nem melhora alguma realizam. Qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora e o fazem, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. A cria, separada dos de sua espécie, não deixa por isso de construir o seu ninho de perfeita conformidade com os seus maiores, sem que tenha recebido nenhum ensino. O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio. Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a Natureza. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria? “Há e que sobrevive ao corpo.” a) - Será esse princípio uma alma semelhante à do homem? “É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.” 598. Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma? “Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.” 599. À alma dos animais é dado escolher a espécie de animal em que encarne? “Não, pois que lhe falta livre-arbítrio.” 600. Sobrevivendo ao corpo

em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem? “Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.” **601.** Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva? “Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. São sempre, porém, inferiores ao homem e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes.” Nada há nisso de extraordinário. Tomemos os nossos mais inteligentes animais, o cão, o elefante, o cavalo, e imaginemo-los dotados de uma conformação apropriada a trabalhos manuais. Que não fariam sob a direção do homem? **602.** Os animais progridem, como o homem, por ato da própria vontade, ou pela força das coisas? “Pela força das coisas, razão por que não estão sujeitos à expiação.” **603.** Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus? “Não. Para eles o homem é um deus, como outrora os Espíritos eram deuses para o homem.” **604.** Pois que os animais, mesmo os aperfeiçoados, existentes nos mundos superiores, são sempre inferiores ao homem, segue-se que Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam. “Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contato que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, logrará ver claro na obra de Deus. Até lá, suas muito restritas ideias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. Sabei não ser possível que Deus se contradiga e que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que por nenhum de seus pontos deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador.” **a)** - A inteligência é então uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem? “É, porém os animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral.” [...] **606.** Donde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados? “Do elemento inteligente

universal.” **a)** - Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais? “Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“[...] O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas. É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fiera animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme à dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte: As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras, mediante progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo *absoluto*, cada um de cujos indivíduos haure na fonte universal a quantidade do princípio inteligente que lhe seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com o trabalho que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que ele, por sua morte, restitui ao reservatório donde a tirou. Os dos mundos mais adiantados que o nosso (ver nº 188) constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, cujos auxiliares eles são, mas de modo nenhum procedem das da Terra, espiritualmente falando. Outro tanto não se dá com o homem. Do ponto de vista físico, este forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos; porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe confere o senso moral e um alcance intelectual de que carecem os animais e que é nele o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade. Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que fora inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir

sistemas. O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, a progressividade de suas faculdades, seu estado feliz ou desgraçado de acordo com o seu adiantamento na senda do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento *atual* nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“**SOBRE OS ANIMAIS.** Com o desenvolvimento das ideias espiritualistas no mundo, torna-se um estudo obrigatório, e para todos os dias, o grande problema que implica o drama da evolução anímica. Teria sido a alma criada no momento da concepção, na mulher, segundo as teorias antirreencarnacionistas? Como será a preexistência? O espírito já é criado pela potência suprema do Universo, apto a ingressar nas fileiras humanas? E os pensadores se voltam para os vultos eminentes do passado. As autoridades católicas valem-se de Tomás de Aquino, que acreditava na criação da alma no período de tempo que precede o nascimento de um novo ser, esquecendo-se dos grandes padres da antiguidade, como Orígenes, cuja obra é um atestado eterno em favor das verdades da preexistência. Outras doutrinas religiosas buscam a opinião falível da sua ortodoxia e dos seus teólogos, relutando em aceitar as realidades luminosas da reencarnação. Pascal, escrevendo na adolescência o seu tratado sobre os cones, e inúmeros Espíritos de escol, laborando com a sua genialidade precoce nas grandes tarefas para as quais foram chamados à Terra, constituem uma prova eloquente aos olhos dos menos perspicazes e dos estudiosos de mentalidades tardas no raciocínio, a prol da verdade reencarnacionista. O homem atual recorda instintivamente os seus labores e as suas observações do passado. Sua existência de hoje à continuação de quanto efetuou nos dias do pretérito. As conquistas de agora representam a soma dos seus esforços de antanho, e a civilização é a grande oficina onde cada um deixa estereotipada a própria obra. **A SOMBRA DOS PRINCÍPIOS.** Contempla-se, porém, até hoje, a sombra dos princípios como noite insondável sobre abismos. Os desencarnados de minha esfera não se acham indenes, por enquanto, do socorro das hipóteses. A única certeza obtida é a da imortalidade da vida e como não é possível observar a essência da sabedoria, sem iniciativas individuais e sem ardorosos trabalhos, discutimos e estudamos as nobres questões que, na Terra, preocupavam o nosso pensamento. Um desses problemas, que mais assombram pela sua singular transcendência, é o das origens. Se na Terra o progresso humano se verifica, através de dois caminhos, o da

Ciência e o da Revelação espiritual, ainda não encontramos, em identidade de circunstâncias, em nossa evolução relativa, nenhuma estrada estritamente científica para determinar o Alfa do Universo, senão a das hipóteses plausíveis. Contudo, saturada da mais profunda compreensão moral, copiosa é a nossa fonte de revelações, a qual constitui para nós um elemento granítico, servindo de base à sabedoria de amanhã. **OS ANIMAIS, NOSSOS PARENTES PRÓXIMOS.** Se bem haja no próprio círculo dos estudiosos dos espaços o grupo dos opositores das grandes ideias sobre o evolucionismo do princípio espiritual através das espécies, sou dos que o estudam, atenta e carinhosamente. Eminentemente naturalistas do mundo, como Charles Darwin, vislumbram grandiosas verdades, levando a efeito preciosos estudos, os quais, aliás, se prejudicaram pelo excessivo apego à ciência terrena, que se modifica e se transforma, com os próprios homens; e, dentro das minhas experiências, posso afirmar, sem laivos de dogmatismo, que oriundos na flora microbiana, em séculos remotíssimos, não poderemos precisar onde se encontra o acume das espécies ou da escala dos seres no pentagrama universal. E, como o objetivo desta palestra é o estudo dos animais, nossos irmãos inferiores, sinto-me à vontade para declarar que todos nós já nos debatemos no seu acanhado círculo evolutivo. São eles os nossos parentes próximos, apesar da teimosia de quantos persistem em o não reconhecer. Considera-se, às vezes, como afronta ao gênero humano a aceitação dessas verdades. E pergunta-se como poderíamos admitir um princípio espiritual nas arremetidas furiosas das feras indomesticadas, ou como poderíamos crer na existência de um rio de luz divina na serpente venenosa ou na astúcia traiçoeira dos carnívoros. Semelhantes inquirições, contudo, são filhas de entendimento pouco atilado. Atualmente, precisamos modificar todos os nossos conceitos acerca de Deus, porquanto nos falece autoridade para defini-lo ou individualizá-lo. Deus existe. Eis a nossa luminosa afirmação, sem poder, todavia, classificá-lo, em sua essência. Os que nos interpelam por essa forma, olvidam as histórias de calúnias, de homicídios, no seio das perversidades humanas. Para que o homem se conservasse nessa posição especial de perfectibilidade única, deveria apresentar todos os característicos de uma entidade irrepreensível, dentro do orbe onde foi chamado a viver. Tal não se verifica e, diariamente, comentais os dramas dolorosos da Humanidade, os assassinios, os infanticídios nefandos, efetuados em circunstâncias nas quais, muitas vezes, as faculdades imperfeitas dos irracionais agiriam com maior benignidade e clemência, dando testemunho de melhor conhecimento das leis de amor que regem o mecanismo do mundo. **A ALMA DOS ANIMAIS.** Os animais têm a sua linguagem, os seus afetos, a sua inteligência rudimentar, com atributos inumeráveis. São

eles os irmãos mais próximos do homem, merecendo, por isso, a sua proteção e amparo. Seria difícil ao médico legista determinar, nas manchas de sangue, qual o que pertence ao homem ou ao animal, tal a identidade dos elementos que o compõem. A organização óssea de ambos é quase a mesma, variando apenas na sua conformação e observando-se diminuta diferença nas vértebras. O homem está para o animal, simplesmente como um superior hierárquico. Nos irracionais desenvolvem-se igualmente as faculdades intelectuais. O sentimento de curiosidade é, na maioria deles, altamente avançado e muitas espécies nos demonstram as suas elevadas qualidades, exemplificando o amor conjugal, o sentimento da paternidade, o amparo ao próximo, as faculdades de imitação, o gosto da beleza. Para verificar a existência desses fenômenos, basta que se possua um sentimento acurado de observação e de análise. Inúmeros espíritos trouxeram à luz o fruto de suas pacientes indagações, que são para vós elementos de inegável valor. Entre muitos, citaremos Darwin, Gratiolet e vários outros estudiosos dedicados a esses notáveis problemas. Os mais ferozes animais têm para com a prole ilimitada ternura. Aves existem que se deixam matar, quando não se lhes permite a defesa das suas famílias. Os cães, os cavalos, os macacos, os elefantes deixam entrever apreciáveis qualidades de inteligência. É conhecido o caso dos cavalos de um regimento que mastigavam o feno para um de seus companheiros, inutilizado e enfermo. Conta-se que uma fêmea de cinocéfalos, muito conhecida pela sua mansidão, gostava de recolher os macaquinhos, os gatos e os cães, dos quais cuidava com desvelado carinho; certo dia, um gato revoltou-se contra a sua benfeitora, arranhando-lhe o rosto, e a mãe adotiva, revelando a mais refletida inteligência, examinou-lhe as patas, cortando-lhe as unhas pontiagudas com os dentes. Constitui um fato observável a sensibilidade dos cães e dos cavalos ao elogio e às reprimendas. Longe iríamos com as citações. O que podemos assegurar é que, sobre os mundos, laboratórios da vida no Universo, todas as forças naturais contribuem para o nascimento do ser. **TO-DOS SOMOS IRMÃOS.** De milênios remotos. Vimos todos nós, em pesados avatares. Da noite dos grandes princípios, ainda insondável para nós, emergimos para o concerto da vida. A origem constitui, para o nosso relativo entendimento, um profundo mistério, cuja solução ainda não nos foi possível atingir, mas sabemos que todos os seres inferiores e superiores participam do patrimônio da luz universal. Em que esfera estivemos um dia, esperando o desabrochamento de nossa racionalidade? Desconheceis ainda os processos, os modismos dessas transições, etapas percorridas pelas espécies, evoluindo sempre, buscando a perfeição suprema e absoluta, mas sabeis que um laço de amor nos reúne a todos, diante da Entidade Suprema do

Universo. É certo que o Espírito jamais retrograda, constituindo uma infantilidade as teorias da metempsicose dos egípcios, na antiguidade. Mas, se é impossível o regresso da alma humana ao círculo da irracionalidade, recebi como obrigação sagrada o dever de amparar os animais na escala progressiva de suas posições variadas no planeta. Estendei até eles a vossa concepção de solidariedade e o vosso coração compreenderá, mais profundamente, os grandes segredos da evolução, entendendo os maravilhosos e doces mistérios da vida.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XVII)

“79 - *Como interpretar nosso parentesco com os animais?* Considerando que eles igualmente possuem diante do tempo um porvir de fecundas realizações, através de numerosas experiências chegarão, um dia, ao chamado reino hominal, como, por nossa vez, alcançaremos, no escoar dos milênios, a situação de angelitude. A escala do progresso é sublime e infinita. No quadro exíguo dos vossos conhecimentos, busquemos uma figura que nos convoque ao sentimento de solidariedade e de amor que deve imperar em todos os departamentos da natureza visível e invisível. O mineral é atração. O vegetal é sensação. O animal é instinto. O homem é razão. O anjo é divindade. Busquemos reconhecer a infinidade de laços que nos unem nos valores gradativos da evolução e ergamos em nosso íntimo o santuário eterno da fraternidade universal.” (EMM, *O consolador*, Primeira parte - Ciência, Capítulo 3)

“**O HOMEM CORPÓREO. 26.** Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio. **27.** Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Logo abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jockô, têm certos ademais do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: *homens das florestas*. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, com a mão, os alimentos: sinais

característicos. **28.** Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contato com o anel precedente. *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.* Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado. **29.** Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que se resignar a não ver no *seu corpo material* mais do que o último anel da animalidade *na Terra*. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar. Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO. 15. Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem. Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco. **16.** Admitida essa hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (nº 11). Melhorados, os corpos, pela procriação, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do

tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco. Como em a Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos, para se tornar completa a semelhança.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“CORPO SOMÁTICO. [...] Difícil uma análise histórica, em síntese sobre o homem, um exame da sua organização somática pelos milênios incontáveis, desde as formas primárias em que a vida se manifestou no Orbe quando os “fascículos de luz” da Divindade começaram a adensar-se nas manifestações iniciais da matéria viva... O naturalista honesto, no entanto, fixado à complexa documentação paleontológica, embriológica, como a da Anatomia Comparada, apresenta o lêmure como o mais velho espécime conhecido, dentre os símios, do qual surgiu o platirrino, e, posteriormente, o catarrino que, em se bifurcando, deu origem ao antropopiteco, o erectus, que serviu de tronco ao ramo de que nasce o homem. Antes, porém, distintas raças serviram de moldes ascendentes para a formação paulatina da organização do Homo sapiens. Foram elas as de Grimaldi (demonstrada através de dois esqueletos negróides, que foram descobertos na Riviera Italiana, próximo a Grimaldi); as do Cro-Magnon (quando encontraram os ossos de quatro homens, dolícocefalos, com expressiva estatura, que teriam habitado grande parte da Europa. Esse achado ocorreu no ano de 1868, na Dordonha, próximo a Eyzies, na França); e as de Chancelade (consideradas como do período Magdaléniano, que teria dado origem aos esquimós). Não obstante os antropólogos divergirem entre si, apresentando novos grupos e subgrupos em que sustentam as teorias esposadas, são aquelas as melhormente aceitas pela generalidade dos estudiosos do assunto. Em 1950 Mayr sugeriu uma nova classificação para os homínídeos fósseis, simplificando, assim, as anteriores num único Homo, que se distribuiu em 3 classes: transvaalensis, erectus e sapiens, facultando novas pesquisas e valiosas anotações corroboradoras. De Lineu, a Cuvier, a Blumenbach, as classificações se estereotiparam, cabendo ao sábio de Göttingen, baseado na Antropologia Física, poder oferecer maior contribuição ao pensamento moderno, especialmente através dos estudos craniológicos, a que empregou seus melhores

esforços... Simultaneamente, desde os primórdios do pensamento filosófico, o problema da evolução mereceu as mais expressivas contribuições. Com Heráclito, firmou-se o conceito dialético do Mundo, inspirado na filosofia grega, que tudo reduzia a incessantes transformações, mediante as quais as espécies vivas eram mutáveis. Lucrécio, ao apresentar o seu *De Natura Rerum* descreveu poeticamente a Natureza e se tornou o precursor legítimo do Darwinismo, por meio da “seleção natural” e da “luta pela vida”. Mais tarde, Buffon afirmou os princípios evolucionistas em oposição ao flocismo criacionista, facultando a Lamarck estabelecer a teoria dos seres vivos, donde se originou o Transformismo. Darwin, porém, culminou as pesquisas, já iniciadas, tornando-se o grande sistematizador e legítimo expositor da “concepção transformista da Natureza”. Hegel, simultaneamente, estabeleceu uma dialética concorde com tais princípios, em bases idealistas, cabendo a Spencer uma visão mais ampla da evolução, que definiu como sendo “Uma integração da matéria e uma dissipação concomitante do movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente a uma heterogeneidade definida e coerente, sofrendo, ao mesmo tempo, o movimento mantido e uma transformação paralela.” O pensamento hegeliano sustentou a teoria do materialismo dialético, então vigente. Logo depois, a teoria mutacionista propôs conceitos por meio dos quais as mutações, que seriam rápidas transformações, se fariam transmitir por hereditariedade, nunca, porém, provocadas pela ação mesológica, assim podendo facilitar, promover ou impedir as mesmas mutações, fazendo surgir, então, novos caracteres e ensejando a “seleção natural” darwiniana, na qual alguns caracteres sobreviveriam, enquanto outros desapareceriam. Os favoráveis à sobrevivência da espécie seriam, então, mantidos pela hereditariedade... Indubitavelmente que os conceitos evolucionistas não podem hoje ser negados, graças à monumental comprovação da Ciência atual, nos vários campos em que se expressa. Merece examinar, porém, que ao princípio espiritual, nas sucessivas reencarnações, se deve a transmissão às formas mais grosseiras, das necessidades psíquicas, que impõem o surgimento de órgãos e caracteres novos a se transmitirem por hereditariedade e se fixarem, prosseguindo o processo evolutivo incessantemente. A princípio, o Espírito se encontrava em atrasada expressão, utilizando-se da forma símio em transição para fixar-lhe implementos novos, desde que a função precede o órgão e aquela procede do Espírito, que modela as formas próprias, de que precisa para crescer e produzir experiências não conhecidas. À medida que as formas se aprimoravam, Espíritos mais bem credenciados impuseram-lhe atributos outros que constituíram, através dos milênios múltiplos e sucessivos, o corpo que hoje ainda serve

de temporária morada para as edificações das futuras formas, com que a Humanidade progredirá no porvir, sob condições mais felizes, seguras e harmônicas. Ao Espírito, que é o ser, se devem as exteriorizações somáticas que constituem o não ser.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 5)

“**605.** Considerando-se todos os pontos de contato que existem entre o homem e os animais, não seria lícito pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita e que, se esta última não existisse, só como o bruto poderia ele viver? Por outra: que o animal é um ser semelhante ao homem, tendo de menos a alma espírita? Dessa maneira de ver resultaria serem os bons e os maus instintos do homem efeito da predominância de uma ou outra dessas almas? “Não, o homem não tem duas almas. O corpo, porém, tem seus instintos, resultantes da sensação peculiar aos órgãos. Dupla, no homem, só é a natureza. Há nele a natureza animal e a natureza espiritual. Participa, pelo seu corpo, da natureza dos animais e de seus instintos. Por sua alma, participa da dos Espíritos.” **a)** - De modo que, além de suas próprias imperfeições de que cumpre ao Espírito despojar-se, tem ainda o homem que lutar contra a influência da matéria? “Quanto mais inferior é o Espírito, tanto mais apertados são os laços que o ligam à matéria. Não o vedes? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. São distintas uma da outra a alma do animal e a do homem, a tal ponto que a de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas, conquanto não tenha alma animal, que, por suas paixões, o nivele aos animais, o homem tem o corpo que, às vezes, o rebaixa até ao nível deles, por isso que o corpo é um ser dotado de vitalidade e de instintos, porém não inteligente e restrito ao cuidado que a sua conservação requer.” Encarnando no corpo do homem, o Espírito lhe traz o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. As duas naturezas nele existentes dão às suas paixões duas origens diferentes: umas provêm dos instintos da natureza animal, provindo as outras das impurezas do Espírito, de cuja encarnação é ele a imagem e que mais ou menos simpatiza com a grosseria dos apetites animais. Purificando-se, o Espírito se liberta pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, aproxima-se do bruto. Isento dela, eleva-se à sua verdadeira destinação. [...] **607.** Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento? “Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.” **a)** - Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não? “Já não dissemos que tudo em

a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da madureza. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.” **b)** - Esse período de humanização principia na Terra? “A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.” **608.** O Espírito do homem tem, após a morte, consciência de suas existências anteriores ao período de humanidade? “Não, pois não é desse período que começa a sua vida de Espírito. Difícil é mesmo que se lembre de suas primeiras existências humanas, como difícil é que o homem se lembre dos primeiros tempos de sua infância e ainda menos do tempo que passou no seio materno. Essa a razão por que os Espíritos dizem que não sabem como começaram.” **609.** Uma vez no período da humanidade, conserva o Espírito traços do que era precedentemente, quer dizer: do estado em que se achava no período a que se poderia chamar anti-humano? “Conforme a distância que medeia entre os dois períodos e o progresso realizado. Durante algumas gerações, pode ele conservar vestígios mais ou menos pronunciados do estado primitivo, porquanto nada se opera na Natureza por brusca transição. Há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos. Aqueles vestígios, porém,

se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos só muito lentamente se efetuam, porque ainda não têm a secundá-los a vontade. Vão em progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire mais perfeita consciência de si mesmo.” **610.** Ter-se-ão enganado os Espíritos que disseram constituir o homem um ser à parte na ordem da criação? “Não, mas a questão não fora desenvolvida. Demais, há coisas que só a seu tempo podem ser esclarecidas. O homem é, com efeito, um ser à parte, visto possuir faculdades que o distinguem de todos os outros e ter outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres *que podem conhecê-lo*.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

I.5. Evolução e corpo espiritual⁶

“**URANOGRAFIA GERAL.** [...] **19.** Até aqui, porém, temos guardado silêncio sobre o *mundo espiritual*, que também faz parte da criação e cumpre seus destinos conforme as augustas prescrições do Senhor. Acerca do modo da criação dos Espíritos, entretanto, não posso ministrar mais que um ensino muito restrito, em virtude da minha própria ignorância e também porque tenho ainda de calar-me no que concerne a certas questões, se bem já me haja sido dado aprofundá-las. Aos que desejem religiosamente conhecer e se mostrem humildes perante Deus, direi, rogando-lhes, todavia, que nenhum sistema prematuro baseiem nas minhas palavras, o seguinte: O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Unicamente a datar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades. De novo peço: não construais sobre as minhas palavras os vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da Metafísica. Eu preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões, tão acima das nossas meditações ordinárias, a vos expor a desnaturar o sentido de meu ensino e a vos lançar, por culpa minha, nos inextricáveis dédalos do deísmo ou do fatalismo.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“**23.** Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual, como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana. Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora,

6 Vide Subcapítulo I.7 (“Formação do princípio espiritual (espírito): gênese espiritual”), Capítulo I (“Universo, formação dos mundos e dos seres vivos”), Primeira Parte (“Evolução Material e Evolução Espiritual”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal. Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, forçoso convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo. Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo *ao entrar na humanidade*, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“EVOLUÇÃO E CORPO ESPIRITUAL. Primórdios da vida. Procurando fixar ideias seguras acerca do corpo espiritual, será preciso remontarmos, de algum modo, aos primórdios da vida na Terra, quando mal cessavam as convulsões telúricas, pelas quais os Ministros Angélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do Planeta. A matéria elementar, de que o eletrão é um dos corpúsculos base, na faixa de experiência evolutiva sob nossa análise, acumulada sobre si mesma, ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura. A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espalhar-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geleia cósmica verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes

magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído. Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos... **Nascimento do reino vegetal.** Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética. Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início. Milênios e milênios chegam e passam... **Formação das algas.** Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal. O tempo age sem pressa, em vagarosa movimentação no berço da Humanidade, e aparecem as algas nadadoras, quase invisíveis, com as suas caudas flexuosas, circulando no corpo das águas, vestidas em membranas celulósicas, e mantendo-se à custa de resíduos minerais, dotadas de extrema motilidade e sensibilidade, como formas monocelulares em que a mônada já evoluída se ergue a estágio superior. Todavia, são plantas ainda e que até hoje persistem na Terra, como filtros de evolução primária dos princípios inteligentes em constante expansão, mas plantas super-revolvidas nos domínios da sensação e do instinto embrionário, guardando o magnésio da clorofila como atestado da espécie. Sucedendo-as, por ordem, emergem as algas verdes de feição pluricelular, com novo núcleo a salientar-se, inaugurando a reprodução sexuada e estabelecendo vigorosos embates nos quais a morte comparece, na esfera de luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras, em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir. **Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios.** Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exoesqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue - condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma - detém a hemoglobina por pigmento

básico, demonstrando o parentesco inalienável das individuações do Espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina. Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico aos fetos e às licopodiáceas, aos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esquelética. Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arqueossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos. Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência. **Faixas inaugurais da razão.** Estagiando nos marsupiais e cretáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, equídeos, canídeos, proboscídeos e antropóides inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropóides da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão. **Elos desconhecidos da evolução.** Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra. **Evolução no tempo.** É assim que dos

organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, fixando-os na tessitura da própria alma. Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, dependeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. Isso é perfeitamente verificável na desintegração natural de certos elementos radioativos na massa geológica do Globo. E entendendo-se que a civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a bênção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicossomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica. Uberaba, 22/1/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 3)

II Corpo como instrumento da alma (espírito) durante a encarnação

“**10.** A respeito da união da alma com o corpo, o Espiritismo professa uma doutrina infinitamente mais *espiritualista*, para não dizer *menos materialista*, tendo ao demais a seu favor a conformidade com a observação e o destino da alma. Ele ensina-nos que a alma é independente do corpo, não passando este de temporário invólucro: *a espiritualidade é-lhe a essência, e a sua vida normal é a vida espiritual*. O corpo é apenas instrumento da alma para exercício das suas faculdades nas relações com o mundo material; separada desse corpo, goza dessas faculdades mais livre e altamente. **11.** A união da alma com o corpo, em ser necessária aos seus primeiros progressos, só se opera no período que poderemos classificar como da sua

infância e adolescência; atingido, porém, que seja, certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união é prescindível, o progresso faz-se na sua vida de Espírito. Demais, por numerosas que sejam as existências corpóreas, elas são limitadas à existência do corpo, e a sua soma total não compreende, em todos os casos, senão uma parte imperceptível da vida espiritual, que é ilimitada.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VIII)

“UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL À MATÉ-

RIA. 10. Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, no mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos. O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada. **11.** Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo, igualmente, se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: *Alma da Terra*) **12.** Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora, como em todos os tempos, houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal. **13.** Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue

e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável. **14.** O corpo, conseqüentemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. É um ponto este que não sofre contestação. A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a *habitação* e o *habitante*. Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“CUIDAR DO CORPO E DO ESPÍRITO. 11. Consistirá na maceração do corpo a perfeição moral? Para resolver essa questão, apoiar-me-ei em princípios elementares e começarei por demonstrar a necessidade de cuidar-se do corpo que, segundo as alternativas de saúde e de enfermidade, influi de maneira muito importante sobre a alma, que cumpre se considere cativa da carne. Para que essa prisioneira viva se expanda e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar são, disposto, forte. Façamos uma comparação: Eis se acham ambos em perfeito estado; que devem fazer para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes? Inevitável parece a luta entre os dois e difícil achar-se o segredo de como chegarem a equilíbrio. Dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos materialistas, que se baseia no rebaixamento da alma. Duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar. Onde, então, a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por se acharem em dependência mútua, importa cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento daquela. Desatender as necessidades que a própria Natureza indica, é desatender a lei de Deus. Não castigueis o corpo pelas faltas que o

vosso livre-arbítrio o induziu a cometer e pelas quais é ele tão responsável quanto o cavalo mal dirigido, pelos acidentes que causa. Sereis, porventura, mais perfeitos se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, nem menos orgulhosos e mais caritativos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está nisso: está toda nas reformas por que fizerdes passar o vosso Espírito. Dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: esse o meio de o tornardes dócil à vontade de Deus e o único de alcançardes a perfeição. - *Jorge, Espírito Protetor. (Paris, 1863)*” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo VII)

“CONCLUSÃO - Vasilhame sublime, o corpo humano é o depositário das esperanças e o veículo de bênçãos, que não pode ser desconsiderado levemente. Seja cárcere sombrio - na limitação em que retém o Espírito déspota, que dele se vale para a expiação; seja conjunto harmônico de formas - na distinção de traços com que faculta o aproveitamento das oportunidades; seja grabato de meditação - nas constrições paráliticas em que impõe profundas reflexões morais; seja cela de alucinação - nos desvarios da mente ultrajada; seja celeiro de sabedoria - no qual se edificam os monumentos da Cultura, da Arte, do Pensamento, da Ciência, da Fé, do Amor -, é sempre o santuário de recolhimento que o Excelso Criador nos concede, a fim de galgarmos os degraus da escada ascensional, desde as baixadas primeiras aos esplendores espirituais que nos estão destinados. Amá-lo, preservá-lo e utilizá-lo com nobreza é a tarefa que nos cabe desempenhar incessantemente, sem cansaço, para o próprio bem.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 5)

III Morte do corpo e sobrevivência da alma (espírito)⁷

III.1. O fenômeno da morte: desagregação do corpo orgânico e desprendimento do espírito

“**A VIDA E A MORTE. 68.** Qual a causa da morte dos seres orgânicos? “Esgotamento dos órgãos.” **a)** - Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada? “Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.” [...] **70.** Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos,

quando estes morrem? “A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.” Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

⁷ Vide Quinta Parte (“Desencarnação”), do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

“SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO. 154. É dolorosa a separação da alma e do corpo? “Não; o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma nenhuma parte toma nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são *um gozo para o Espírito*, que vê chegar o termo do seu exílio.” Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo. **155.** Como se opera a separação da alma e do corpo? “Rotos os laços que a retinham, ela se desprende.” **a)** - A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte? “Não; a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. *Estes laços se desatam, não se quebram.*” Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica. A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi *toda material e sensual*, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos opera um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo. Tal o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte. Essas observações ainda provam que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e peculiar a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte. Verifica-se com alguns, suicidas. **156.** A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes da cessação completa da vida orgânica? “Na agonia, a alma, algumas

vezes, já tem deixado o corpo; nada mais há que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe, enquanto o coração faz circular nas veias o sangue, para o que não necessita da alma.”

157. No momento da morte, a alma sente, alguma vez, qualquer aspiração ou êxtase que lhe faça entrever o mundo onde vai de novo entrar? “Muitas vezes a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo. *Emprega então todos os esforços para desfazê-los inteiramente.* Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.” [...] **159.** Que sensação experimenta a alma no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos? “Depende. Se praticaste o mal, impelido pelo desejo de o praticar, no primeiro momento te sentirás envergonhado de o haveres praticado. Com a alma do justo as coisas se passam de modo bem diferente. Ela se sente como que aliviada de grande peso, pois que não teme nenhum olhar perscrutador.” **160.** O Espírito se encontra imediatamente com os que conheceu na Terra e que morreram antes dele? “Sim, conforme a afeição que lhes votava e a que eles lhe consagravam. Muitas vezes aqueles seus conhecidos o vêm receber à entrada do mundo dos Espíritos e o *ajudam a desligar-se das faixas da matéria.* Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e os vai visitar.” **161.** Em caso de morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda se não enfraqueceram em consequência da idade ou das moléstias, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente? “Geralmente assim é; mas, em todos os casos, muito breve é o instante que medeia entre uma e outra.” **162.** Após a decapitação, por exemplo, conserva o homem por alguns instantes a consciência de si mesmo? “Não raro a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica se tenha extinguido completamente. Mas, também, quase sempre a apreensão da morte lhe faz perder aquela consciência antes do momento do suplício.” Trata-se aqui da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode conservá-la por alguns breves instantes. Ela, porém, cessa necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não quer dizer que o perispírito esteja inteiramente separado do corpo. Ao contrário: em todos os casos de morte violenta, quando a morte não resulta da extinção gradual das forças vitais mais *tenazes* os laços que prendem o corpo ao perispírito e, portanto, mais lento o desprendimento completo.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo III)

“PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL. 163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo? “Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.”

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos? “Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação? “Influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.” Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos. Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram. Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo

de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo. Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não creem dormir. É que têm o sono por sinônimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e veem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo inopinadamente. Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade. A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranquilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra. Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo III)

“O PASSAMENTO. 1. A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte, em si, mas o momento da transição. Sofremos ou não nessa passagem? Por isso se inquietam, e com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la, e, por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la. **2.** Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas. Quem poderá, no entanto, esclarecer-nos a tal respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo quando a Ciência e a Religião se calam? E calam-se porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito e da matéria, parando uma nos umbrais da vida espiritual e a outra nos da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas, e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas da natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo. O conhecimento do laço fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenômenos. **3.** A insensibilidade da matéria

inerte é um fato, e só a alma experimenta sensações de dor e de prazer. Durante a vida, toda a desagregação material repercute na alma, que por este motivo recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma e não o corpo quem sofre, pois este não é mais que instrumento da dor: – aquela é o paciente. Após a morte, separada a alma, o corpo pode ser impunemente mutilado que nada sentirá; aquela, por insulada, nada experimenta da destruição orgânica. A alma tem sensações próprias cuja fonte não reside na matéria tangível. O perispírito é o envoltório da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte. Ele não forma com ela mais que uma só entidade, e nem mesmo se pode conceber uma sem outro. Durante a vida o fluido perispiritico penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma, do mesmo modo como esta, por seu intermédio, atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos. **4.** A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca. O fluido perispiritico só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo. “A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento.” Não é preciso, portanto, dizer que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Estas circunstâncias é que nos cumpre examinar. **5.** Estabelecamos em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos reputar situações extremas dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes: 1º Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria absolutamente. 2º Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma. 3º Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo. 4º Se após a cessação completa da vida orgânica existir ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfça. Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo I)

6. Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se ainda um outro fenômeno de importância capital - a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos *quase nunca*, porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento, como em breve veremos. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as ideias são confusas, vagas, incertas; a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara, desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma. Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acorda-lhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo. **7.** O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação. Demo-nos pressa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar. **8.** A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento. Posto isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma nos últimos transes. **9.** Em se tratando de morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente; para o homem cuja alma se desmaterializou e

cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração. Nesta contingência o Espírito pode ter já recuperado a sua lucidez, de molde a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado. Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura. No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes, e outras se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebatava com violência, molécula por molécula. **10.** Quanto menos vê o Espírito além da vida corporal, tanto mais se lhe apegava, e, assim, sente que ela lhe foge e quer retê-la; em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e pode mesmo prolongar a luta por dias, semanas e meses inteiros. Certo, nesse momento o Espírito não possui toda a lucidez, visto como a perturbação de muito se antecipou à morte; mas nem por isso sofre menos, e o vácuo em que se acha, e a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias. Dá-se por fim a morte, e nem por isso está tudo terminado; a perturbação continua, ele sente que vive, mas não define se material, se espiritualmente, luta, e luta ainda, até que as últimas ligações do perispírito se tenham de todo rompido. A morte pôs termo à moléstia efetiva, porém, não lhe sustou as consequências, e, enquanto existem pontos de contato do perispírito com o corpo, o Espírito resente-se e sofre com as suas impressões. **11.** Quão diversa é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis! Sendo frágeis os laços fluídicos que o prendem ao corpo, rompem-se suavemente; depois, a confiança do futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, fá-lo encarar a morte qual redenção e as suas consequências como prova, advindo-lhe daí uma calma resignada, que lhe ameniza o sofrimento. Após a morte, rotos os laços, nem uma só reação dolorosa que o afete; o despertar é lépido, desembaraçado; por sensações únicas: o alívio, a alegria! **12.** Na morte violenta as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial há começado previamente à separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente

aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar. Outros há para os quais a situação se prolonga por anos inteiros. É uma situação essa muito frequente até nos casos de morte comum, que nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados. No suicida, principalmente, excede a toda expectativa. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes. **13.** O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo. **14.** Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que *abduca das vantagens imediatas em prol do futuro*, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom-senso e ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência. O espírita *sério* não se limita a crer, *porque compreende*, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas

com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo, a sua nova situação. **15.** Com certeza não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem a pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Força é confessar, porém, que pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, como pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação. Ele dá a mais, e a cada um, os meios de auxiliar o desprendimento *doutros Espíritos* ao deixarem o invólucro material, abreviando-lhes a perturbação pela evocação e pela prece. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela evocação conduzida com sabedoria e prudência, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo, e, se é sofredor, incute-se-lhe o arrependimento - único meio de abreviar seus sofrimentos.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo I)

“A MORTE ESPIRITUAL. A questão da **morte espiritual** é um dos novos princípios que assinalam os progressos da ciência espírita. A maneira por que foi apresentada em certa teoria pessoal determinou, no primeiro momento, a sua rejeição, porque parecia implicar o aniquilamento, em dado tempo, do **eu** individual e assimilar as transformações da alma às da matéria, cujos elementos se desagregam para formar novos corpos. Os seres ditos e aperfeiçoados seriam, na realidade, novos seres, o que é inadmissível. A equidade das penas e dos gozos futuros só se evidencia com a perpetuidade dos seres ascendendo a escala do progresso e depurando-se pelo trabalho e pelos esforços da vontade própria. Tais as consequências que se podiam tirar, *a priori*, daquela teoria. Entretanto, devemos convir em que ela não foi apresentada com a empáfia de um orgulhoso que pretendesse impor o seu sistema. Disse modestamente o autor que apenas desejava lançar uma ideia no terreno da discussão, dado que dessa ideia poderia surgir uma verdade nova. Ao parecer dos nossos eminentes guias espirituais, ele teria pecado menos quanto ao fundo, do que quanto à forma, que se prestou a uma falsa interpretação. Isso nos determina a estudar seriamente a questão. É o que tentaremos fazer, baseando-nos na observação dos fatos que ressaltam da situação do Espírito, em duas épocas, para ele, capitais: a da sua

descida à vida corpórea e a do seu regresso à vida espiritual. Por ocasião da morte corpórea, o Espírito entra em perturbação e perde a consciência de si mesmo, de sorte que jamais testemunha o último suspiro do seu corpo. Pouco a pouco a perturbação se dissipa e o Espírito se recobra, como um homem que desperta de profundo sono. Sua primeira sensação é a de estar livre do fardo carnal; segue-se o espanto, ao reparar no novo meio em que se encontra. Acha-se na situação de um a quem se cloroformiza para uma amputação e que, ainda adormecido, é levado para outro lugar. Ao acordar, ele se sente livre do membro que o fazia sofrer; muitas vezes, procura-o, surpreendido de não mais o possuir. Do mesmo modo, o Espírito, no primeiro momento, procura o corpo que tinha; descobre-o a seu lado; reconhece que é o seu e espanta-se de estar dele separado e só gradativamente se apercebe da sua nova situação. Nesse fenômeno, apenas se operou uma mudança de situação material. Quanto ao moral, o Espírito é exatamente o que era algumas horas antes; por nenhuma modificação sensível passou; suas faculdades, suas ideias, seus gostos, seus pendores, seu caráter são os mesmos e as transformações que possa experimentar só gradativamente se operarão, pela influência do que o cerca. Em resumo, unicamente para o corpo houve morte; para o Espírito, apenas sono houve. [...] No sentido de desorganização, de desagregação das partes, de dispersão dos elementos, não há morte, senão para o invólucro material e o invólucro fluídico; mas, quanto à alma, ou Espírito, esse não pode morrer para progredir; de outro modo, ele perderia a sua individualidade, o que equivaleria ao nada. No sentido de transformação, regeneração, pode dizer-se que o Espírito morre a cada encarnação, para ressuscitar com atributos novos, sem deixar de ser o **eu** que era. Tal, por exemplo, um camponês que enriquece e se torna importante senhor. Trocou a choupana por um palácio, as roupas modestas por vestuários de brocado. Todos os seus hábitos mudaram, seus gostos, sua linguagem, até o seu caráter. Numa palavra, o camponês morreu, enterrou as vestes de grosseiro estofado, para renascer homem de sociedade, sendo sempre, no entanto, o mesmo indivíduo, porém transformado. Cada existência corpórea é, pois, para o Espírito, um meio de progredir mais ou menos sensivelmente. De volta ao mundo dos Espíritos, leva para lá novas ideias; um horizonte moral mais dilatado; percepções mais agudas, mais delicadas. Vê e compreende o que antes não via, nem compreendia; sua visão que, a princípio, não ia além da última existência que tivera, passa a abranger sucessivamente as suas existências pretéritas, como o homem que sobe uma montanha e para quem o nevoeiro se vai dissipando, abrange com o olhar um horizonte cada vez mais vasto. A cada novo estágio na erraticidade, novas

maravilhas do mundo invisível se desdobram diante do seu olhar, porque, em cada um desses estágios, um véu se rasga. Ao mesmo tempo, seu envoltório fluídico se depura; torna-se mais leve, mais brilhante e mais tarde resplandecerá. É quase um novo Espírito; é o camponês desbastado e transformado. Morreu o Espírito velho, mas o **eu** é sempre o mesmo. É assim, cremos, que convém se entenda a morte espiritual.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, A morte espiritual)

“**MORRER. CONCEITO** - A problemática da morte é decorrência do desequilíbrio biológico e físico-químico essenciais à manutenção da vida. Fenômeno de transformação, mediante o qual se modificam as estruturas constitutivas dos corpos que sofrem ação de natureza química, física e microbiana determinantes dos processos cadavéricos e abióticos, a morte é o veículo condutor encarregado de transferir a mecânica da vida de uma para outra vibração. No homem representa a libertação dos implementos orgânicos, facultando ao espírito, responsável pela aglutinação das moléculas constitutivas dos órgãos, a livre ação fora da constrição restritiva do seu campo magnético. Morrer, entretanto, não é consumir-se. Da mesma forma que a matéria se desorganiza sob um aspecto para reassociar-se em outras manifestações, o espírito se ausenta de uma condição - a de encarnado -, para retornar à situação primeira da sua existência - despido do corpo material. A vida carnal é decorrência da existência do princípio espiritual e a vida poderia existir no espírito sem que houvesse aquela. Morrer ou desencarnar, porém, nem sempre pode ser considerado como libertar-se. A perda do casulo celular somente liberta o espírito que estruturou o seu comportamento, quando no corpo, sem a dependência enlouquecedora deste. Os que se imantaram aos vigorosos condicionamentos materiais, utilizando a vestimenta física como veículo apenas para vaso de luxúria ou de egoísmo, qual instrumento de gozo incessante ou do orgulho, na expressão de castelo de força e de paixões, ante a desencarnação prosseguem vinculados aos vapores entorpecentes das emanções cadavéricas em lamentável e demorado estado de perturbação, sitiados pelas visões torpes da destruição dos tecidos, sofrendo a voragem dos vibrões famélicos, enlouquecidos entre as paredes estreitas da paisagem sepulcral. A vida começa a perecer desde o momento em que se agregam as células para a mecânica do viver. Vida e morte, pois, são termos da mesma equação do existir. Não morre aquele que aspira ao amor e sonha com o Ideal da Beleza, entregue ao cultivo da virtude, no exercício da retidão. Não se acaba aquele que se entrega à vida, pois que mediante cíclicas mudanças do tono vibratório o espírito se traslada de corpo a corpo, de estágio a estágio evolutivo até alcançar a plenitude da vida na vitória estuante da Imortalidade. Enquanto os processos abióticos são

substituídos por novas atividades bioquímicas, o cadáver passando à fase da desintegração - autólise e putrefação -, o espírito que se educou para os labores de libertação encontra-se indene à participação do desconcertante fenômeno de transformação celular, não ocorrendo o mesmo com aqueles que transformaram o corpo em reduto de prazer ou catre de paixões de qualquer natureza.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 7)

“**MORTE E DESENCARNAÇÃO.** Etimologicamente, morte significa “cessação completa da vida do homem, do animal, do vegetal”. Genericamente, porém, morte é transformação. Morrer, do ponto de vista espiritual, nem sempre é desencarnar, isto é, liberar-se da matéria e das suas implicações. A desencarnação é o fenômeno de libertação do corpo somático por parte do Espírito, que, por sua vez, se desimanta dos condicionamentos e atavismos materiais, facultando a si mesmo liberdade de ação e de consciência. A morte é o fenômeno biológico, término natural da etapa física, que dá início a novo estado de transformação molecular. A desencarnação real ocorre depois do processo da morte orgânica, diferindo em tempo e circunstância, de indivíduo para indivíduo. A morte é ocorrência inevitável, em relação ao corpo, que, em face dos acontecimentos de vária ordem, tem interrompidos os veículos de preservação e de sustentação do equilíbrio celular, normalmente em consequência da ruptura do fluxo vital que se origina no ser espiritual, anterior, portanto, à forma física. A desencarnação pode ser rápida, logo após a morte, ou se alonga em estado de perturbação, conforme as disposições psíquicas e emocionais do ser espiritual. Consoante a **lei da entropia**, que estabelece a necessidade da energia para a manutenção da vida, a morte é o efeito imediato da carência desse agente, seja a pouco e pouco, pelo envelhecimento dos órgãos, que já não se renovam, ou mediante a violência, de qualquer modalidade, que lhe impede a sustentação das moléculas que se aglutinam sob a sua força de coesão. Tendo-se em vista que o homem procede do mundo espiritual, a morte é o veículo que o reconduz à origem, onde cada qual ressurgirá com as características definidoras das suas conquistas. Morrer é, portanto, muito fácil, isto é, interromper o ciclo orgânico, o que, entretanto, não significa deixar de viver, desde que, indestrutível, a vida ressurgirá sob outro aspecto, sem que haja cessação do seu curso, ou outra forma qualquer de aniquilamento. Porque a vida se encontre submetida a leis invioláveis na sua estrutura íntima, o próprio ato de morrer, não poucas vezes, é precedido de exames e estudos por parte dos Espíritos encarregados de manutenção da vida, que são os Mentores dos homens, dedicados a auxiliar no desenvolvimento intelecto-moral a que todos somos submetidos como

encarnados ou desencarnados. Na faixa em que se encontram os mais simples espiritualmente, cujas vidas se desenvolvem nas áreas das experiências mais instintivas, quais a alimentação, a reprodução, o repouso e o prazer, a ocorrência da morte se dá através de automatismos previstos pelo processo natural da evolução, num ir-e-vir que facultará condições para que sejam atingidas etapas de maior relevância. Nas fases em que ao instinto mais dominador sucedem as aspirações do discernimento, dos ideais e compromissos nobres, o livre-arbítrio, comandando muitos dos mecanismos morais, propicia os cuidados dos Instrutores desencarnados que se encarregam de estabelecer os períodos de aprendizagem no corpo, de acordo com os compromissos pretéritos no campo das conquistas e dos prejuízos adquiridos pelo ser em crescimento. Nas expressões mais relevantes da responsabilidade moral e espiritual dos indivíduos vinculados a tarefas deveras significativas, da mesma forma que a reencarnação exige cuidados e planejamento especiais, a morte e a liberação imediata são conduzidas através de programas mais bem estudados. De acordo com os valores individuais e o efeito que causam suas vidas em outras vidas, a morte pode ser antecipada ou postergada, considerando-se os benefícios que decorrem da interrupção da vilegiatura carnal. Certamente, nas outras faixas do processo evolutivo, a morte pode ser precipitada tanto quanto retardada, graças ao desgaste ou prolongamento das forças vitais mantenedoras do corpo, como resultado do uso que se permitam as criaturas. No suicídio direto, violento, a morte não liberta, produz, ao contrário, o prolongamento das aflições, aumentadas pelas dores morais e pelos fenômenos decorrentes da imantação do Espírito ao corpo, pelas fixações mentais geradoras de sensações novas e rudes, que enlouquecem, quase sempre, todo aquele que planejou fugir, sendo pela vida surpreendido mais adiante. Em proporções menores, não, porém, menos dolorosas, dá-se a mesma agonia nos suicídios indiretos, no desgaste exagerado que decorre do abuso das funções do corpo, cuja finalidade específica é a de ensinar o progresso do Espírito que se deve aprimorar, qual aluno aplicado no educandário que frequenta. A desencarnação dá-se, também, noutras circunstâncias, mesmo antes da ocorrência da morte física, quando o ser, voltado para a realidade maior, a causal, começa a transferir as aspirações e anelos para esta, vivendo e agindo no mundo sem que se deixe aprisionar aos seus grilhões. Nesse sentido, o sofrimento resignado tem papel relevante, porque faculta a superação dos condicionamentos, transformando sensações grosseiras em emoções menos densas que as cargas das paixões primitivas. Em outros casos, a desencarnação se inicia mesmo durante a vida física, através das

atitudes idealistas, missionárias, em que a abnegação, a renúncia, o sacrifício e o amor em dimensões mais amplas sutilizam o **peso específico** da organização material, transformando as correntes de energia que transitam do ser espiritual para o corpo e vice-versa, agindo nos implementos orgânicos de forma menos densa. Biologicamente, começa-se a morrer desde quando se começa a viver, pois que as transformações celulares se dão incessantemente. A morte deve merecer estudos e reflexões por parte de todos os homens, mergulhados que estão nas **correntes** da vida, temporariamente amortecidas a lucidez e as recordações pela **indumentária** carnal. Assim considerando, em muitos casos, para morrer e logo desencarnar e libertar-se é necessário ter merecimento. Permanecer num corpo mutilado e dorido, sob os camartelos das aflições morais e físicas, constitui necessidade inadiável, e essa conduta na dor facultará ou não a libertação, conforme seja vivida. Como cada homem tem a vida de que precisa, na Terra, para crescer e ser feliz, cada qual tem a morte a que faz jus em razão dos atos praticados. Nesta proposta - morrer e desencarnar, termos da mesma equação da vida - o homem de bem opta pela conduta de libertação, graças à qual, tão logo ocorra a interrupção da vida orgânica, ele se desprende dos despojos físicos e de suas implicações escravocratas, ensejando-se-lhe a libertação real, no retomo feliz ao lar que o aguarda após a experiência evolutiva ora concluída.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Morte e desencarnação)

III.2. Sobrevivência da alma (espírito) após a morte

[...] “Deixando o corpo, a alma volve ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante. [...] “As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, o homem perverso a de um Espírito impuro. “A alma possuía sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se haver separado do corpo. “Na sua volta ao mundo dos Espíritos, encontra ela todos aqueles que conhecera na Terra, e todas as suas existências anteriores se lhe desenham na memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez. [...] “Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. “Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“MUNDO NORMAL PRIMITIVO. 84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos? “Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.” **85.** Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas? “O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.” **86.** O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita? “Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem.” **87.** Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço? “Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendentes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“A ALMA APÓS A MORTE. 149. Que sucede à alma no instante da morte? “Volta a ser Espírito, isto é, volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente.” **150.** A alma, após a morte, conserva a sua individualidade? “Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?” **a)** - Como comprova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material? “Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.” [...] **153.** Em que sentido se deve entender a vida eterna? “A vida do Espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo III)

“DEIXAR AOS MORTOS O CUIDADO DE ENTERRAR SEUS MORTOS. 7. Disse a outro: *Segue-me; e o outro respondeu: Senhor, consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai.* - Jesus lhe retrucou: *Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus.* (S. LUCAS, 9:59-60) **8.** Que podem significar estas palavras: “Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos”? As considerações precedentes mostram, em primeiro lugar, que, nas circunstâncias em que foram proferidas, não podiam conter censura àquele que considerava um dever de piedade filial ir sepultar seu pai. Têm, no entanto, um sentido profundo, que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tornar perceptível. A vida espiritual é, com efeito, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade

da outra. O corpo não passa de simples vestimenta grosseira que temporariamente cobre o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual se sente ele feliz em libertar-se. O respeito que aos mortos se consagra não é a matéria que o inspira; é, pela lembrança, o Espírito ausente quem o infunde. Ele é análogo àquele que se vota aos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que lhe são afeiçoadas guardam como relíquias. Era isso o que aquele homem não podia por si mesmo compreender. Jesus lhe ensina, dizendo: Não te preocupes com o corpo, pensa antes no Espírito; vai ensinar o reino de Deus; vai dizer aos homens que a pátria deles não é a Terra, mas o céu, porquanto somente lá transcorre a verdadeira vida.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXIII)

“TRANSIÇÃO. [...] 147 - Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar? – A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados. Imaginai um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida? A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos. Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos. **148 - Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo?** – A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios? O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida

abandonado na Terra, mas tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra. Daí a necessidade de encarmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro. 149 - *Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?* – Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave. Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da separação e da prolongada ausência. Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro. É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofredores e perturbados fornecendo a impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.” (EMM, *O consolador*, Segunda parte - Filosofia, Capítulo 1)

“29 - ALÉM DA MORTE. O reino da vida, além da morte, não é domicílio do milagre. Passa o corpo, em trânsito para a natureza inferior que lhe atrai os componentes, entretanto, a alma continua na posição evolutiva em que se encontra. Cada inteligência apenas consegue alcançar a periferia do círculo de valores e imagens dos quais se faz o centro gerador. Ninguém pode viver em situação que ainda não concebe. Dentro da nossa capacidade de auto projeção, erguem-se os nossos limites. Em suma, cada ser apenas atinge a vida, até onde possa chegar a onda do pensamento que lhe é próprio. A mente primitivista de um mono, transposto o limiar da morte, continua presa aos interesses da fumaça que lhe consolidou os hábitos instintivos. O índio desencarnado dificilmente ultrapassa o âmbito da floresta que lhe acariciou a existência. Assim também, na vastíssima fauna social das nações, cada criatura dita civilizada, além do

sepulcro, circunscreve-se ao círculo das concepções que, mentalmente, pode abranger. A residência da alma permanece situada no manancial de seus próprios pensamentos. Estamos naturalmente ligados às nossas criações. Demoramo-nos onde supomos o centro de nossos interesses. Facilmente explicável, assim, a continuidade dos nossos hábitos e tendências, além da morte. A escravidão ou a liberdade residem no imo de nosso próprio ser. Corre a fonte, sob a emanção de vapores da sua própria corrente. Vive a árvore rodeada pelos fluidos sutis que ela mesma exterioriza, através das folhas e das resinas que lhe pendem dos galhos e do tronco. Permanece o charco debaixo da atmosfera pestilencial que ele mesmo alimenta, e brilha o jardim, sob as vagas do perfume que produz. Assim também a Terra, com o seu corpo ciclópico, arrasta consigo, na infinita paisagem cósmica, o ambiente espiritual de seus filhos. Atravessado o grande umbral do túmulo, o homem deseducado prossegue reclamando aprimoramento. A criatura viciada continua exigindo satisfação aos apetites baixos. O cérebro desvairado, entre indagações descabidas, não foge, de imediato, ao poço de obscuridades em que se submergiu. E a alma de boa-vontade encontra mil recursos para adiantar-se na senda evolutiva, amparando o próximo e descobrindo na felicidade dos outros a própria felicidade. Em razão das leis que nos governam a vida, nem sempre o mensageiro que regressa do país da morte procede de planos superiores e nem a mediunidade será sinônimo de sublimação. Determinadas inteligências desencarnadas se comunicam com determinados instrumentos mediúnicos. Os habitantes de outras esferas buscam no mundo aqueles com os quais simpatizam e a mente encarnada aceita a visita das entidades com as quais se afina. A necessidade do Evangelho, portanto, como estatuto de edificação moral dos fenômenos espíritos, é impositivo inadiável. Com a Boa Nova, no mundo abençoado e fértil da nossa Doutrina de luz e amor, possuímos a estrada reta para a nossa romagem de elevação.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 29)

[...] “O que tenhamos sido no imo do sentimento, enquanto na existência do corpo terrestre, somos aqui. “Neste pouso de luz que o Senhor nos facultou por moradia temporária, percebemos, sem qualquer constrangimento de ordem exterior, que todos os petrechos mantenedores das aparências que nos disfarçavam no mundo, para o desempenho do papel que nos cabia na ribalta humana, nos foram retirados, a fim de que sejamos aqui, na esfera da realidade espiritual, quem nos propusemos ser, com tudo o que tenhamos ajuntado em nós de bem ou de mal, durante o estágio na escola física!... “Muitos de vós outros carregais ainda hábitos e enganos da

experiência carnal que, gradativamente, perdereis por não encontrarem neste meio qualquer significação... “Vossos palácios ou casebres, títulos convencionais ou qualificações pejorativas, privilégios ou cativos, honras familiares ou desconsiderações públicas, vantagens ou prejuízos de superfície, todos os condicionamentos mentais que vos centralizavam na ideia de direitos supostos ou imaginárias reclamações, com o abandono dos deveres naturais de aperfeiçoamento espiritual para a vida eterna, desapareceram no dia em que os homens, por força da desencarnação, vos impuseram ao nome um atestado de óbito no Planeta, senhoreando-vos os patrimônios e analisando-vos os atos, para, ao depois, muitos deles, varrer-vos do pensamento, com a falsa convicção de que vos podem desterrar da memória para sempre!... “Quanto de vós viestes escutar aqui as vozes da verdade para as quais tantas vezes selastes os ouvidos do corpo terreno? “A Divina Providência não pergunta o que fostes, porque nos conhece a cada um em qualquer tempo... Entretanto, é justo investigue sobre o que fizestes dos tesouros do tempo, concedido a nós todos em parcelas iguais... “Sábios, em que aplicastes os dotes do conhecimento superior? Ignorantes, onde colocáveis o talento das horas? Ricos, em que trabalho dignificastes o dinheiro? Irmãos destituídos de reservas douradas, mas tanta vez detentores de bênçãos maiores, que realizastes com as oportunidades de paciência e serviço, compreensão e humildade na esfera da obediência? Jovens, que operastes com a força? Companheiros encanecidos na marcha do cotidiano, em que boas obras convertestes o clarão de vosso entendimento? “Não vos iludais!... “Qual ocorreu a nós outros, os que habitamos atualmente o Plano Espiritual desde longas décadas, trouxestes para cá o que efetuastes de vós mesmos... Aprendestes o que estudastes, mostrais o que fizestes, entesourais o que distribuístes!... “Em suma, atravessada a Grande Fronteira, somos simplesmente o que somos! “Reconheceis, assim, no curso do dia-a-dia, neste domicílio das realidades excelsas, que todos os disfarces que nos encobriam a individualidade real no mundo se extinguem naturalmente, expondo-nos à vista a esfera íntima. “Fora das constrictões carnaís, cada espírito se revela por si. “Mecanicamente, na residência ancestral da alma, estampamos nas atitudes e palavras os sentimentos e pensamentos que nos são peculiares, sem que nos seja mais possível qualquer recurso à simulação. “Patenteando de todo o que somos e o que temos nos recessos do ser, terá chegado para cada um de nós a hora do julgamento, porquanto a Divina Misericórdia do Senhor nos oferece ainda, aqui como em tantas outras estâncias da Espiritualidade, esta cidade-lar, como sendo antecâmara de estudo e serviço, possibilitando-nos valiosos aprestos para a ascensão

à Vida Maior, em cujas províncias nos aplicaremos à conquista de dons inefáveis, na continuação da luta bendita pelo aperfeiçoamento próprio. “Quanto, porém, desprezarem as sublimes oportunidades do tempo, no clima de recomposição a que nos acolhemos agora, decerto que, por eles mesmos, recuarão para os distritos vizinhos, onde se afinam os agentes da perturbação e das trevas – doentes voluntários, sequestrando-se, em lamentável regime de reciprocidade – até que, fatigados de rebeldia, roguem à piedade das Leis Eternas a preciosa dádiva das reencarnações de sofrimento regenerativo para o retorno a estes sítios, Deus sabe quando!... [...] – “Irmãos” – continuou o ministro –, “não vos sintais num tribunal de justiça, quando nos achamos numa casa de fé!... Mãe amorosa dos nossos impulsos de melhoria e sublimação, diz-nos a fé, neste recanto operoso e tranquilo, que não obstante desencarnados é preciso reconhecermos que as nossas ocasiões de trabalho e progresso, retificação e aprendizagem não chegaram a termo!... “Aceitemo-nos quais somos, reconheçamos o montante de nossas dívidas e coloquemos mãos fiéis no arado do serviço ao próximo, sem olhar para trás... A cidade que nos reúne está repleta de instituições beneméritas com as portas descerradas ao voluntariado de quantos queiram colaborar no socorro aos que chegam até nós, em posição de angústia ou necessidade, todos os dias... Na Crosta Planetária, onde as criaturas irmãs da retaguarda travam dura batalha de evolução, entes queridos, ainda encarnados, exigem-nos os mais entranhados testemunhos de ternura humana, através do concurso espiritual que lhes possamos administrar, nos domínios da compreensão e do amor, a fim de que continuem a viver na experiência terrestre que lhes é necessária, tranquilos e felizes, sem nós... Todo um apostolado de renúncia construtiva, abnegação, carinho e entendimento se descortina para a maioria de vós outros, no lar terrestre, onde quase todos estais ainda vinculados de pensamento e coração!... “Além disso, estamos cercados, através de quase todos os flancos, por multidões de companheiros dementados, a nos pedirem amor e paciência para que se refaçam!... Na arena física, multiplicávamos apelos a que se pusessem mesas dedicadas aos famintos e se acumulassem agasalhos para o socorro à nudez... Aqui, somos desafiados à formação e sustentação do devotamento e da tolerância, para que a harmonia e a compreensão se estabeleçam na alma sofrida e conturbada dos nossos irmãos tresmalhados nas sombras de espírito. “Caridade, meus irmãos!... Amor para com o próximo!... “Muitas vezes, o serviço de alguns dias pode endossar-nos valioso empréstimo de energias e meios para as empresas de recuperação e elevação que nos requisitam o esforço de muitos anos. [...]” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 12)

VI Incerteza quanto ao futuro e temor da morte⁸

IV.1. Descrença na sobrevivência e na evolução do espírito após morte / Doutrinas negacionistas (materialismo, panteísmo, deísmo e dogmatismo)

“AS CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE. Bem poucos homens vivem despreocupados do dia seguinte. Ora, se cada um se inquieta pelo que virá após o dia que está transcorrendo, com mais forte razão é natural se preocupe com o que haverá depois do grande dia da vida, pois já não se trata de alguns instantes, mas da eternidade. Viveremos ou não viveremos, findo esse grande dia? Não há meio-termo; é uma questão de vida e de morte; é a suprema alternativa!... Se interrogarmos o sentimento íntimo da quase universalidade dos homens, todos responderão: “Viveremos.” Essa esperança constitui uma consolação. Entretanto, uma pequena minoria se esforça, sobretudo de algum tempo para cá, por lhes provar que não viverão. Fez prosélitos essa escola, força é confessá-lo e, principalmente, entre os que, temendo a responsabilidade do futuro, acham mais cômodo gozar sem constrangimento do presente sem se perturbarem com a perspectiva das consequências. Essa, porém, é a opinião de uma pequena minoria. Se havemos de viver, como viveremos? Em que condições viremos a encontrar-nos? Aqui, os sistemas variam, de acordo com as ideias religiosas e filosóficas. Podem, no entanto, reduzir-se a cinco todas as capitais alternativas, que passamos a resumir, a fim de que se torne mais fácil a comparação e cada um possa escolher a que lhe pareça mais racional e melhor corresponda às suas aspirações pessoais e às exigências da sociedade. As cinco alternativas são as que resultam das doutrinas do **materialismo**, do **panteísmo**, do **deísmo**, do **dogmatismo** e do **Espiritismo**.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, As cinco alternativas da Humanidade)

“§ I - DOCTRINA MATERIALISTA. A inteligência do homem é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O homem **nada é antes, nem depois** da vida corporal. **Consequências.** Sendo o homem apenas matéria, os gozos materiais são as únicas coisas reais e desejáveis; as afeições morais carecem de futuro; os laços morais a morte os quebra

sem remissão e para as misérias da vida não há compensação; o suicídio vem a ser o fim racional e lógico da existência, quando não se pode esperar atenuação para os sofrimentos; inútil qualquer constrangimento para vencer os maus pendores; viver cada um para si o melhor possível, enquanto aqui estiver; estupidez vexar-se e sacrificar o repouso, o bem-estar por causa de outros, isto é, por causa de seres que a seu turno serão aniquilados e que ninguém tornará a ver; deveres sociais sem fundamento, o bem e o mal são meras convenções; por freio social unicamente a força material da lei civil. “O materialismo, dizíamos, estadeando-se, como jamais o fizera em época nenhuma, apresentando-se como regulador supremo dos destinos morais da Humanidade, teve por efeito aterrorizar as massas pelas consequências inevitáveis das suas doutrinas com relação à ordem social. Por isso mesmo, provocou, em favor das ideias espiritualistas, enérgica reação, que lhe há de provar quão longe ele está de possuir simpatias tão gerais quanto supõe e que singularmente se ilude se espera impor um dia suas leis ao mundo. “Certamente, as crenças espiritualistas do passado não satisfazem a este século: já não estão ao nível intelectual da nossa geração; por muitos pontos, acham-se em contradição com os dados positivos da Ciência; deixam no espírito ideias incompatíveis com a necessidade do positivo que predomina na sociedade moderna; cometem, além disso, o erro de se imporem por meio da fé cega e de proscreverem o livre-exame; daí, sem nenhuma dúvida, o desenvolvimento da incredulidade na maioria das criaturas. É de toda a evidência que, se os homens fossem alimentados, desde a infância, com ideias de natureza a serem mais tarde confirmadas pela razão, não haveria incrédulos. Quantos, reconduzidos pelo Espiritismo à crença, nos hão dito: “Se sempre nos houvessem apresentado Deus, a alma e a vida futura de maneira racional, jamais houvéríamos duvidado.” “Do fato de a um princípio dar-se má ou falsa aplicação, seguir-se-á que se deva rejeitá-lo? Ocorre com as coisas espirituais o que se verifica com a legislação e com todas as instituições sociais. Faz-se mister apropriá-las aos tempos, sob pena de sucumbirem. Mas, em vez de apresentar alguma coisa melhor que o velho espiritualismo, o materialismo preferiu suprimir tudo, o que o dispensava de pesquisar e lhe parecia mais cômodo àqueles a quem a ideia de Deus e do futuro importuna. Que se deveria pensar de um médico que, achando não ser bastante substancial o regime de um convalescente, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada? “O que causa espanto na maioria dos materialistas da escola moderna é o espírito de intolerância levado aos últimos limites,

⁸ Vide Quinta Parte (“Desencarnação”), do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

quando ao mesmo tempo reclamam incessantemente o direito à liberdade de consciência!... “...Há, neste momento, em certo partido, um levantar de broqueis contra as ideias espiritualistas em geral, nas quais, naturalmente, as do Espiritismo se acham envolvidas. O que esse partido quer não é um Deus melhor e mais justo, é o Deus matéria, menos embaraçoso, porque não se lhe tem de prestar contas. Ninguém contesta ao mencionado partido o direito de ter sua opinião, de discutir as opiniões contrárias; mas, o que não se lhe poderia conceder é a pretensão, singular, pelo menos, em homens que se dão como apóstolos da liberdade, de impedirem que os outros creiam a seu modo e discutam as doutrinas de que eles não partilham. Intolerância por intolerância, uma não vale mais do que a outra...” [...] (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, As cinco alternativas da Humanidade)

“O NADA. VIDA FUTURA. 958. Por que tem o homem, instintivamente, horror ao nada? “Porque o nada não existe.” **959.** Onde nasce, para o homem, o sentimento instintivo da vida futura? “Já temos dito: antes de encarnar, o Espírito conhecia todas essas coisas e a alma conserva vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual.” (393) Em todos os tempos, o homem se preocupou com o seu futuro para lá do túmulo e isso é muito natural. Qualquer que seja a importância que ligue à vida presente, não pode ele furtar-se a considerar quanto essa vida é curta e, sobretudo, precária, pois que a cada instante está sujeita a interromper-se, nenhuma certeza lhe sendo permitida acerca do dia seguinte. Que será dele, após o instante fatal? Questão grave esta, porquanto não se trata de alguns anos apenas, mas da eternidade. Aquele que tem de passar longo tempo, em país estrangeiro, se preocupa com a situação em que lá se achará. Como, então, não nos havia de preocupar a em que nos veremos, deixando este mundo, uma vez que é para sempre? A ideia do nada tem qualquer coisa que repugna à razão. O homem que mais despreocupado seja durante a vida, em chegando o momento supremo, pergunta a si mesmo o que vai ser dele e, sem o querer, espera. Crer em Deus, sem admitir a vida futura, fora um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens e não é possível que Deus aí o tenha colocado em vão. A vida futura implica a conservação da nossa individualidade, após a morte. Com efeito, que nos importaria sobreviver ao corpo, se a nossa essência moral houvesse de perder-se no oceano do infinito? As consequências, para nós, seriam as mesmas que se tivéssemos de nos sumir no nada.” (AK, *O livro dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo II)

“O PORVIR E O NADA. 1. Vivemos, pensamos e operamos - eis o que é positivo. E que morremos, não é menos certo. Mas, deixando a Terra, para onde

vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? *Ser* ou *não ser*, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada: Vivemos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese, essa, que se impõe. Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz. Dizei ao moribundo que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe, sobretudo, que será mais feliz do que porventura o tenha sido, e o seu coração rejubilará. Mas, de que serviriam essas aspirações de felicidade, se um leve sopro pudesse dissipá-las? Haverá algo de mais desesperador do que esse pensamento da destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquiridos, tudo despedaçado, tudo perdido! De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço no sofrimento das paixões, de fadiga para nos ilustrarmos, de devotamento à causa do progresso, desde que de tudo isso nada aproveitássemos, predominando o pensamento de que amanhã mesmo, talvez, de nada nos serviria tudo isso. Se assim fora, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente na satisfação dos seus apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Diz-nos uma secreta intuição, porém, que isso não é possível.

2. Pela crença em o nada, o homem concentra todos os seus pensamentos, forçosamente, na vida presente. Logicamente não se explicaria a preocupação de um futuro que se não espera. Esta preocupação exclusiva do presente conduz o homem a pensar em si, de preferência a tudo: é, pois, o mais poderoso estímulo ao egoísmo, e o incrédulo é conseqüente quando chega à seguinte conclusão: Gozemos enquanto aqui estamos; gozemos o mais possível, pois que conosco tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos quanto tempo existiremos. Ainda conseqüente é esta outra conclusão, aliás mais grave para a sociedade: Gozemos apesar de tudo, gozemos de qualquer modo, cada qual por si; a felicidade neste mundo é do mais astuto. E se o respeito humano contém a alguns seres, que freio haverá para os que nada temem? Acreditam estes últimos que as leis humanas não atingem senão os ineptos e assim empregam todo o seu engenho no melhor meio de a elas se esquivarem. Se há doutrina insensata e antissocial, é, seguramente, o *nilismo* que rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade, em que se fundam as relações sociais.

3. Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, todo um povo adquira a certeza de que em oito dias, num mês, ou num ano será aniquilado; que nem um só indivíduo lhe sobreviverá, como de sua existência não sobreviverá nem um só traço: Que fará esse povo condenado, aguardando o extermínio? Trabalhará pela causa do seu progresso, da sua instrução? Entregar-se-á ao trabalho para viver? Respeitará os direitos,

os bens, a vida do seu semelhante? Submeter-se-á a qualquer lei ou autoridade por mais legítima que seja, mesmo a paterna? Haverá para ele, nessa emergência, qualquer dever? Certo que não. Pois bem! O que se não dá coletivamente, a doutrina do *nilismo* realiza todos os dias isoladamente, individualmente. E se as consequências não são desastrosas tanto quanto poderiam ser, é, em primeiro lugar, porque na maioria dos incrédulos há mais jactância que verdadeira incredulidade, mais dúvida que convicção - possuindo eles mais medo do nada do que pretendem aparentar - o qualificativo de espíritos fortes lisonjeia-lhes a vaidade e o amor-próprio; em segundo lugar, porque os incrédulos absolutos se contam por ínfima minoria, e sentem a seu pesar os ascendentes da opinião contrária, mantidos por uma força material. Torne-se, não obstante, absoluta a incredulidade da maioria, e a sociedade entrará em dissolução. Eis ao que tende a propagação da doutrina nilista. Fossem, porém, quais fossem as suas consequências, uma vez que se impusesse como verdadeira, seria preciso aceitá-la, e nem sistemas contrários, nem a ideia dos males resultantes poderiam obstar-lhe a existência. Forçoso é dizer que, a despeito dos melhores esforços da religião, o ceticismo, a dúvida, a indiferença ganha terreno dia a dia. Mas, se a religião se mostra impotente para sustar a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa na luta. Se por outro lado a religião se condenasse à imobilidade, estaria, em dado tempo, dissolvida. O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é, sem dúvida, a sanção de suas doutrinas por fatos positivos, assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da Ciência. Dizendo ela ser branco o que os fatos dizem ser negro, é preciso optar entre a evidência e a fé cega. 4. É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura. Todos somos livres na escolha das nossas crenças; podemos crer em alguma coisa ou em nada crer, mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, da juventude principalmente, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e no ascendente da sua posição, semeiam na sociedade germens de perturbação e dissolução, incorrendo em grande responsabilidade.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“5. As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social. Se, conforme pretendem os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a bÍlis o é pelo fÍgado, seguir-se-ia que, morto o corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais recairiam

no nada; que os nossos parentes, os amigos e todos quantos houvessem tido a nossa afeição estariam irremissivelmente perdidos; que o homem de gênio careceria de mérito, pois que somente ao acaso da sua organização seria devedor das faculdades transcendentes que revela; que entre o imbecil e o sábio apenas haveria a diferença de mais ou menos substância cerebral. As consequências dessa doutrina seriam que, nada podendo esperar para depois desta vida, nenhum interesse teria o homem em fazer o bem; que muito natural seria procurasse ele a maior soma possível de gozos, mesmo à custa dos outros; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; que aquele que fosse persistentemente desgraçado na Terra, nada de melhor teria a fazer, do que se matar, porquanto, destinado a mergulhar no nada, isso não lhe seria nem pior, nem melhor, ao passo que de tal forma abreviaria seus sofrimentos. A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade - origem de todas as virtudes e base da ordem social - e seria ainda, a justificação do suicídio.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“§ II - DOUTRINA PANTEÍSTA. O princípio inteligente, ou alma, independente da matéria, é extraído, ao nascer, do todo universal; individualiza-se em cada ser durante a vida e volta, por efeito da morte, à massa comum, como as gotas de chuva ao oceano. **Consequências.** Sem individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As consequências morais desta doutrina são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista. (NOTA - Certo número de panteístas admite que a alma, tirada, ao nascer, do todo universal, conserva a sua individualidade por tempo indefinido e somente volta à massa depois de haver chegado aos últimos degraus da perfeição. As consequências desta variedade de crença são absolutamente as mesmas que as da doutrina panteísta propriamente dita, pois de todo inútil é que alguém se dê ao trabalho de adquirir alguns conhecimentos, cuja consciência terá de perder, pelo aniquilar-se após um tempo relativamente curto. Se a alma, em geral, se nega a admitir semelhante concepção, quão mais penosamente não haveria ela de sentir-se chocada, ponderando que o instante em que alcançasse o conhecimento e a perfeição supremos seria o em que se veria condenada a perder o fruto de todos os seus labores, perdendo a sua individualidade)” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, As cinco alternativas da Humanidade)

“5. Há uma doutrina que se defende da pecha de materialista porque admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria: é a da *absorção no Todo Universal*. Segundo esta doutrina, cada indivíduo assimila ao nascer uma parcela desse princípio, que

constitui sua alma, e dá-lhe vida, inteligência e sentimento. Pela morte, esta alma volta ao foco comum e perde-se no infinito, qual gota d'água no oceano. Incontestavelmente esta doutrina é um passo adiantado sobre o puro materialismo, visto como admite alguma coisa, quando este nada admite. As consequências, porém, são exatamente as mesmas. Ser o homem imerso em o nada ou no reservatório comum é para ele a mesma coisa; aniquilado ou perdendo a sua individualidade, é como se não existisse; as relações sociais nem por isso deixam de romper-se, e para sempre. O que lhe é essencial é a conservação do seu *eu*; sem este, que lhe importa ou não subsistir? O futuro afigura-se-lhe sempre nulo, e a vida presente é a única coisa que o interessa e preocupa. Sob o ponto de vista das consequências morais, esta doutrina é, pois, tão insensata, tão desesperadora, tão subversiva como o materialismo propriamente dito. **6.** Pode-se, além disso, fazer esta objeção: todas as gotas d'água tomadas ao oceano se assemelham e possuem idênticas propriedades como partes de um mesmo todo; por que, pois, as almas tomadas ao grande oceano da inteligência universal tão pouco se assemelham? Por que o gênio e a estupidez, as mais sublimes virtudes e os vícios mais ignóbeis? Por que a bondade, a doçura, a mansuetude ao lado da maldade, da crueldade, da barbaria? Como podem ser tão diferentes entre si as partes de um mesmo todo homogêneo? Dir-se-á que é a educação que a modifica? Neste caso donde vêm as qualidades inatas, as inteligências precoces, os bons e maus instintos independentes de toda a educação e tantas vezes em desarmonia com o meio no qual se desenvolvem? Não resta dúvida de que a educação modifica as qualidades intelectuais e morais da alma; mas aqui ocorre uma outra dificuldade: Quem dá a esta a educação para fazê-la progredir? Outras almas que por sua origem comum não devem ser mais adiantadas. Além disso, reentrando a alma no Todo Universal donde saiu, e havendo progredido durante a vida, leva-lhe um elemento mais perfeito. Daí se infere que esse Todo se encontraria, pela continuação, profundamente modificado e melhorado. Assim, como se explica saírem incessantemente desse Todo almas ignorantes e perversas?" (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

"**7.** Nesta doutrina, a fonte universal de inteligência que abastece as almas humanas é independente da Divindade; não é precisamente o *panteísmo*. O *panteísmo* propriamente dito considera o princípio universal de vida e de inteligência como constituindo a Divindade. Deus é concomitantemente Espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da Natureza compõem a Divindade, da qual são as moléculas e os elementos constitutivos; Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo

uma parte do todo, é Deus ele próprio; nenhum ser superior e independente rege o conjunto; o Universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada qual é chefe com poder absoluto. **8.** A este sistema podem opor-se inumeráveis objeções, das quais são estas as principais: não se podendo conceber divindade sem infinita perfeição, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas, tendo necessidade de progredir? Devendo cada parte ser submetida à lei do progresso, força é convir que o próprio Deus deve progredir; e se Ele progride constantemente, deveria ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito. E como pôde um ser imperfeito, formado de ideias tão divergentes, conceber leis tão harmônicas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e providência quais as que regem o Universo? Se todas as almas são porções da Divindade, todos concorreram para as leis da Natureza; como sucede, pois, que elas murmurem sem cessar contra essas leis que são obra sua? *Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a cláusula de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange; se um só fato lhe trazer um desmentido, é que não contém a verdade absoluta.* **9.** Sob o ponto de vista moral, as consequências são igualmente ilógicas. Em primeiro lugar é para as almas, tal como no sistema precedente, a absorção num todo e a perda da individualidade. Dado que se admita, consoante a opinião de alguns panteístas, que as almas conservem essa individualidade, Deus deixaria de ter vontade única para ser um composto de miríades de vontades divergentes. Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, deixa de ser dominada por um poder superior; não incorre em responsabilidade por seus atos bons ou maus; soberana, não tendo interesse algum na prática do bem, ela pode praticar o mal impunemente. **10.** Demais, estes sistemas não satisfazem nem a razão nem a aspiração humana; deles decorrem dificuldades insuperáveis, pois são impotentes para resolver todas as questões de fato que suscitam. *O homem tem, pois, três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e depois da morte.* É para esta última crença que a lógica nos impele irresistivelmente, crença que tem formado a base de todas as religiões desde que o mundo existe. E se a lógica nos conduz à individualidade da alma, também nos aponta esta outra consequência: a sorte de cada alma deve depender das suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem, como a do homem perverso, estivesse no nível da do sábio, do homem de bem. Segundo os princípios de justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos, mas para haver essa responsabilidade é preciso que elas sejam livres na escolha do bem e do mal; sem

o livre-arbítrio há fatalidade, e com a fatalidade não coexistiria a responsabilidade.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“§ III - **DOUTRINA DEÍSTA**. O deísmo compreende duas categorias bem distintas de crentes: os **deístas independentes** e os **deístas providencialistas**. Os primeiros creem em Deus; admitem todos os seus atributos como criador. Deus, dizem eles, estabeleceu as leis gerais que regem o Universo; mas, uma vez estabelecidas, essas leis funcionam por si sós e aquele que as promulgou de mais nada se ocupa. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que ele se inquiete. Não há providência; não se ocupando Deus conosco, nada temos que lhe agradecer, nem que lhe pedir. Os que negam qualquer intervenção providencial na vida do homem são como crianças que se julgam muito ajuizadas para se libertarem da tutela, dos conselhos e da proteção de seus pais, ou que pensam não deverem estes ocupar-se mais com eles, desde que os puseram no mundo. Sob o pretexto de glorificarem a Deus, demasiado grande, dizem, para se abaixar até às suas criaturas, fazem dele um grande egoísta e o rebaixam até ao nível dos animais que abandonam suas crias à Natureza. Essa crença é resultado do orgulho; é sempre a ideia de que estamos submetidos a um poder superior que fere o amor-próprio e do qual procuram eximir-se. Enquanto uns negam absolutamente esse poder, outros consentem em reconhecer-lhe a existência, embora condenando-a à nulidade. Há uma diferença essencial entre o **deísta independente**, do qual acabamos de falar, e o **deísta providencialista**. Este último, com efeito, crê não só na existência e no poder criador de Deus, na origem das coisas, como também crê na sua intervenção incessante na criação e a ele ora, mas não admite o culto exterior e o dogmatismo atual.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, As cinco alternativas da Humanidade)

“§ IV - **DOUTRINA DOGMÁTICA**. A alma, independente da matéria, é criada por ocasião do nascimento do ser; sobrevive e conserva a individualidade após a morte; desde esse momento, tem irrevogavelmente determinada a sua sorte; nulos lhe são quaisquer progressos ulteriores; ela será, pois, por toda a eternidade, intelectual e moralmente, o que era durante a vida. Sendo os maus condenados a castigos perpétuos e irremissíveis no inferno, completamente inútil lhes resulta todo arrependimento; parece assim que Deus se nega a conceder-lhes a possibilidade de repararem o mal que fizeram. Os bons são recompensados com a visão de Deus e a contemplação perene no céu. Os casos que possam merecer o céu ou o inferno, por toda a eternidade, são deixados à decisão e ao juízo de homens falíveis, aos quais é dada a faculdade de absolver ou condenar. (NOTA - Se a esta proposição final objetassem que Deus julga em última

instância, poder-se-ia perguntar que valor tem a decisão proferida pelos homens, uma vez que ela pode ser infirmada) Separação definitiva e absoluta dos condenados e dos eleitos. Inutilidade dos socorros morais e das consolações para os condenados. Criação de anjos ou almas privilegiadas, isentas de todo trabalho para chegarem à perfeição, etc., etc. **Consequências**. Esta doutrina deixa sem solução os graves problemas seguintes: 1º Donde vêm as disposições inatas, intelectuais e morais, que fazem com que os homens nasçam bons ou maus, inteligentes ou idiotas? 2º Qual a sorte das crianças que morrem em tenra idade? Por que vão elas para uma vida bem-aventurada, sem o trabalho a que os outros ficam sujeitos durante longos anos? Por que são recompensadas sem terem podido fazer o bem, ou são privadas de uma felicidade perfeita, sem terem feito o mal? 3º Qual a sorte dos cretinos e dos idiotas que não têm consciência de seus atos? 4º Onde a justiça das misérias e das enfermidades de nascença, uma vez que não resultam de nenhum ato da vida presente? 5º Qual a sorte dos selvagens e de todos os que forçosamente morrem no estado de inferioridade moral em que foram colocados pela natureza mesma, se não lhes é dado progredirem ulteriormente? 6º Por que cria Deus umas almas mais favorecidas do que outras? 7º Por que chama ele a si prematuramente os que teriam podido melhorar-se, se vivessem mais tempo, visto que não lhes é permitido progredirem depois da morte? 8º Por que criou Deus anjos em estado de perfeição sem trabalho, ao passo que outras criaturas são submetidas às mais rudes provações em que têm maiores probabilidades de sucumbir, do que de sair vitoriosas, etc., etc.?” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, As cinco alternativas da Humanidade)

IV.2. Descrença na imortalidade da alma (espírito) e temor da morte

“**TEMOR DA MORTE 941**. Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perplexidade. Donde lhes vem esse temor, tendo elas diante de si o futuro? “Falece-lhes fundamento para semelhante temor. Mas, que queres! Se procuram persuadi-las, quando crianças, de que há um inferno e um paraíso e que mais certo é irem para o inferno, visto que também lhes disseram que o que está na Natureza constitui pecado mortal para a alma! Sucede então que, tornadas adultas, essas pessoas, se algum juízo tem, não podem admitir tal coisa e se fazem ateias, ou materialistas. São assim levadas a crer que, além da vida presente, nada mais há. Quanto aos que persistiram nas suas crenças da infância, esses temem aquele fogo eterno que os queimará sem os consumir. “Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque, com a fé, tem ele a certeza do futuro. A *esperança* fá-lo contar com uma vida melhor;

e a *caridade*, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que, no mundo para onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.” (730) O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual tem na Terra penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétua. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças. O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.” (AK, *O livro dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo I)

“**CAUSAS DO TEMOR DA MORTE.** 1. O homem, seja qual for a escala de sua posição social, desde selvagem tem o sentimento inato do futuro; diz-lhe a intuição que a morte não é a última fase da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão irremissivelmente perdidos. A crença da imortalidade é intuitiva e muito mais generalizada do que a do nada. Entretanto, a maior parte dos que nela creem apresentam-se-nos possuídos de grande amor às coisas terrenas e temerosos da morte! Por quê? 2. Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os viventes. Ele é necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento. Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza apenas atenuada por secreto apego à vida corporal. 3. À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; uma vez esclarecida a sua missão terrena, aguarda-lhe o fim calma, resignada e serenamente. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às ideias, outro fito ao trabalho; antes dela nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou da má direção deste. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve

existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro. 4. Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma ideia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria. No Espírito atrasado a vida material prevalece sobre a espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, ao contrário, concentrarmos o pensamento, não no corpo, mas na alma, fonte da vida, ser real a tudo sobrevivente, lastimaremos menos a perda do corpo, antes fonte de misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na maturidade. O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio da destruição total; igualmente o estimula secreto anseio pela sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza. Esse temor decresce, à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa. Eis aí o lado providencial da questão. Ao homem não suficientemente esclarecido, cuja razão mal pudesse suportar a perspectiva muito positiva e sedutora de um futuro melhor, prudente seria não o deslumbrar com tal ideia, desde que por ela pudesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual. 5. Este estado de coisas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. A primeira é a feição com que se insinua a vida futura, feição que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer a razão esclarecida dos pensadores refletidos. Assim, dizem estes: “Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades.” Daí, a incredulidade de uns e a crença dúbia de um grande número. A vida futura é-lhes uma ideia vaga, antes uma probabilidade do que certeza absoluta; acreditam, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: “Se todavia assim não for! O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro por sua vez virá.” E depois, acrescentam, definitivamente que é a alma? Um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, vê ou percebe? É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração. Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos no seu modo de pensar, estão perdidos, e não têm mais a seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela

possamos ter. Quanto a si mesmos, ficam mediocrememente satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em mônadas. Justifica-se assim a preferência ao positivismo da vida terrestre, que algo possui de mais substancial. É considerável o número dos dominados por este pensamento.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“6. Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente creem na vida futura, é a impressão do ensino que relativamente a ela se lhes há dado desde a infância. Convenhamos que o quadro pela religião esboçado, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolador. De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, não lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem. Estas duas categorias compõem a maioria imensa da população de além-túmulo. Acima delas, paira a limitada classe dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de uma fastidiosa monotonia. É por isso que se vê nas figuras que retratam os bem-aventurados figuras angélicas onde mais transparece o tédio que a verdadeira felicidade. Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a instintiva ideia de progresso, única que se afigura compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que, só por haver recebido o batismo, o selvagem ignorante - de senso moral obtuso -, esteja ao mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de ciência e moralidade práticas. Menos concebível ainda é que a criança falecida em tenra idade, antes de ter consciência de seus atos, goze dos mesmos privilégios somente por força de uma cerimônia na qual a sua vontade não teve parte alguma. Estes raciocínios não deixam de preocupar os mais fervorosos crentes, por pouco que meditem. 7. Não dependendo a felicidade futura do trabalho progressivo na Terra, a facilidade com que se acredita adquirir essa felicidade, por meio de algumas práticas exteriores, e a possibilidade até de a comprar a dinheiro, sem regeneração de caráter e costumes, dão aos gozos do mundo o melhor valor. Mais de um crente considera, em seu foro íntimo, que assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas ou por dádivas póstumas, que de nada o privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos por outrem, uma vez que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si. Seguramente, nem todos pensam assim, havendo mesmo muitas e

honrosas exceções; mas não se poderia contestar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a ideia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha o apego aos bens deste, acorçoando o egoísmo.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“8. Acrescentemos ainda a circunstância de tudo nas usanças concorrer para lamentar a perda da vida terrestre e temer a passagem da Terra ao céu. A morte é rodeada de cerimônias lúgubres, mais próprias a infundirem terror do que a provocarem a esperança. Se descrevem a morte, é sempre com aspecto repulso e nunca como sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado; nenhum simboliza a alma desembaraçando-se radiosa dos grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só se faz acompanhar do lamento dos sobreviventes, como se imensa desgraça atingira os que partem; dizem-lhes eternos adeuses como se jamais devessem revê-los. Lastima-se por eles a perda dos gozos mundanos, como se não fossem encontrar maiores gozos no além-túmulo. Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico e feliz, tendo a perspectiva de um futuro brilhante! A ideia de um futuro melhor apenas toca de leve o pensamento, porque não tem nele raízes. Tudo concorre, assim, para inspirar o terror da morte, em vez de infundir esperança. Sem dúvida que muito tempo será preciso para o homem se desfazer desses preconceitos, o que não quer dizer que isto não suceda, à medida que a sua fé se for firmando, a ponto de conceber uma ideia mais sensata da vida espiritual. 9. Demais, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos vivos; a própria Igreja põe entre umas e outras uma barreira insuperável, declarando rotas todas as relações e impossível qualquer comunicação. Se as almas estão no inferno, perdida é toda a esperança de as rever, a menos que lá se vá ter também; se estão entre os eleitos, vivem completamente absortas em contemplativa beatitude. Tudo isso interpõe entre mortos e vivos uma distância tal que faz supor eterna a separação, e é por isso que muitos preferem ter junto de si, embora sofrendo, os entes caros, antes que vê-los partir, ainda mesmo que para o céu. E a alma que estiver no céu será realmente feliz vendo, por exemplo, arder eternamente *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos?*” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“A MORTE E SEU PROBLEMA. Fatalidade biológica, a morte é fenômeno habitual da vida. Na engrenagem molecular, associam-se e desagregam-se partículas, transformando-se através do impositivo que as constitui, face à finalidade específica de cada uma. Por efeito, o mesmo ocorre com o corpo, no que resulta o fenômeno conhecido como morte. Desinformado

quanto aos mecanismos da forma e da funcionalidade orgânica, desestruturado psicologicamente, o homem teme a morte, em razão do atavismo representativo do fim da vida, da consumpção do ser. Em variadas culturas primitivas e contemporâneas, para fugir-se à realidade desta inevitável ocorrência, foram criados cerimoniais e cultos religiosos que pretendem diminuir o infausto acontecimento, escamoteando-o, ao tempo em que se adorna o morto de esperança quanto à sobrevivência. Em muitas sociedades do passado, era comum colocar-se entre os dentes dos falecidos uma moeda de ouro, para recompensar o barqueiro encarregado de conduzi-lo à outra margem do rio da Vida. Na Grécia, particularmente, este uso se tornou normal, objetivando compensar a avaria de Caronte, que ameaçava deixar vagando os não-pagantes, quando da travessia do rio Estige, segundo a sua Mitologia. Modernamente, repetindo o embalsamamento em que se notabilizaram os egípcios, nas Casas dos Mortos, busca-se embelezar os defuntos para que deem a impressão de vida e bem-estar, assim liberando os vivos dos temores e das reminiscências amargas. Todavia, por mais se mascare a verdade, chega o momento em que todos a enfrentam sem escapismo, convidados a vivenciá-la. A morte é um fenômeno ínsito da vida, que não pode ser desconsiderado. Neuroses e psicoses graves se estabelecem no indivíduo em razão do medo da morte, paradoxalmente, nas expressões maníaco-depressivas, levando o paciente a suicidar-se ante o temor de aguardá-la. Numa análise psicológica profunda, o homem teme a morte, porque receia a vida. Transfere, inconscientemente, o pavor da existência física para o da destruição ou transformação dos implementos que a constituem. Acostumado a evadir-se das responsabilidades, mediante os mecanismos desculpistas, o inexorável acontecimento da morte se lhe torna um desafio que gostaria de não defrontar, por consciência, quicá, de culpa, passando a detestar esse enfrentamento. Para fugir, mergulha na embriaguez dos sentidos consumidores e das emoções perturbadoras, abreviando o tempo pelo desgaste das energias mantenedoras do corpo físico. O homem, acreditando-se providente e ambicioso, aplica o tempo na preparação do futuro e na preservação do presente. Entretanto, poderia e deveria investir parte dele na reflexão do fenômeno da morte, de modo a considerá-lo natural e aguardá-lo com tranquila disposição emocional. Nem o desejando ou, sequer, evitando driblá-lo. A educação que se lhe ministra desde cedo, face ao mesmo atavismo apavorante da morte, é centrada no prazer, nas delícias do ego, nas vantagens que pode retirar do corpo, sem a correspondente análise de temporalidade e fragilidade de que se revestem. Graças a essa inadvertência escapam-lhe os conflitos, as fobias, a insegurança. Um momento diário de análise, em torno da vida física,

predispõe a criatura a projetar o pensamento para mais além do portal de cinza e de lama em que se deteriora a organização somática. Tudo, no mundo físico, é impermanente, e tal impermanência pode ser vista sob duas formas: a exterior ou grosseira, e a interior ou sutil. Nada é sempre igual, embora a aparência que preserva nos períodos de tempo diferentes. Por isto mesmo, tudo se encontra em incessante alteração no campo das micropartículas até o instante em que a forma se modifica - fase sutil de impermanência. Um objeto que se arreventa e um corpo, vegetal, animal e humano, que morre, passam pela fase da transição exterior grosseira para outra estrutura, experimentando a morte. A morte, todavia, não elimina o continuum da consciência, após a disjunção cadavérica. Se, desde cedo, cria-se o hábito da meditação a respeito da consciência sobrevivente, independente do corpo, a morte perde o seu efeito tabu de aniquiladora, odienta destruidora do ideal, do ser, da vida. O tradicional enigma do que acontece após a morte deve ser de interesse relevante para o homem que, meditando, encontra o caminho para decifrá-lo. Deixar-se arrastar pelo pavor ou não lhe dar qualquer importância constituem comportamentos alienantes. A curiosidade pelo desconhecido, a tendência de investigar os fenômenos novos são atrações para a mente perquiridora, que encontra recursos hábeis para os cometimentos. A intuição da vida, o instinto de preservação da existência, as experiências psíquicas do passado e parapsicológicas do presente atestam que a morte é um veículo de transferência do ser energético pensante, de uma fase ou estágio vibratório para outro, sem expressiva alteração estrutural da sua psicologia. Assim, morre-se como se vive, com os mesmos conteúdos psicológicos que são os alicerces (inconsciência) do eu racional (consciência). Nesta panorâmica da vida (no corpo) e da morte (do corpo) ressalta um fator decisivo no comportamento humano: o apego à matéria, com as consequentes emoções perturbadoras e extratos do comportamento contaminados, jacentes na personalidade. Sob um ponto de vista, a manifestação do instinto de conservação é valiosa, por limitar os tresvarios do homem que, diante de qualquer vicissitude, apelaria para o suicídio, qual acontece com certos psicopatas. De certo modo, frenado, inconscientemente, enfrenta os problemas e supera-os com a ação eficiente do seu esforço dirigido corretamente. Por outro lado, os esclarecimentos religiosos, embora a multiplicidade dos seus enfoques, demonstrando que a morte é período de transição entre duas fases da vida, contribuem para demitizar o pavor do aniquilamento. Definitivamente, as experiências psíquicas, parapsicológicas e mediúnicas, provocadas ou naturais, têm trazido importante contribuição para equacionar o problema da morte, dando sentido à existência. Conscientizando-se, o homem, da

continuidade do ser pensante após as transformações do corpo através da morte da forma, alteram-se-lhe, totalmente, os conceitos sobre a vida e a sua conduta no transcurso da experiência orgânica. De qualquer forma, reservar espaços mentais para o desapego das coisas, das pessoas e das posições, analisando a inevitabilidade da morte, que obriga o indivíduo a tudo deixar, é uma terapia saudável e necessária para um trânsito feliz pelo mundo objetivo.” (JA, *O homem integral*, Nona parte, Capítulo 36)

“**TEMOR DA MORTE.** O temor da morte resulta de vários fatores inerentes à natureza humana e à sua existência corporal. Entre eles ressaltam: a) o instinto de conservação da vida, que lhe constitui força preventiva contra a intemperança, a precipitação e o suicídio, não obstante desconsiderados nos momentos de superlativo desgosto, revolta ou desespero; b) a predominância da natureza animal, que nos Espíritos inferiores comanda as suas aspirações, tendências e necessidades; c) o temporário olvido da vida espiritual donde procede; d) o conteúdo religioso das doutrinas ortodoxas, que oferece uma visão distorcida quanto prejudicial do que sucede após a ruptura dos laços materiais, elaborando um mundo de compensações em graça como em castigo, conforme a imaginação dos homens vitimados por fanatismos e alucinações; e) o receio de aniquilamento da vida, por falta de informações corretas a respeito do futuro da alma e daquilo que lhe está destinado... Programado o corpo para servir de instrumento para o progresso do Espírito, através de cujo cometimento desenvolve todas as aptidões e valores que nele jazem latentes, o **instinto de conservação** é-lhe um elemento de alto valor, para que seja preservada a vida e impulsionada para frente até às últimas resistências. Em face dessa condição, o Espírito se imanta ao corpo e receia perdê-lo, em razão do atavismo ancestral que lhe bloqueia o discernimento a respeito daquilo cujos dados de avaliação não logram impressionar-lhe os sentidos. O predomínio da **natureza animal** desenvolve-lhe o egoísmo e exacerba-lhe a paixão violenta, acentuando a sensualidade que se expande engendrando programas de novos gozos, que terminam por exaurir-lhe as energias mantenedoras dos equipamentos de sustentação orgânica. Assim é que um leve aceno de prolongamento da vida física ao moribundo fá-lo sorrir e aspirar pela sua ocorrência, em injustificável apego aos despojos que lhe não permitem mais largos logros, embora lhe concedam a permanência física. A reencarnação promove o transitório **esquecimento do passado**, que é providencial para poupar ao Espírito a amargura que os seus erros impõem e os seus delitos afligem. Esse esquecimento constitui motivo de receio da morte, em razão da falta de elementos que estructurem a confiança na sobrevivência, com o retomo ao mundo

espiritual. As sensações sobrepõem-se às emoções, fixando-lhe os interesses na vida física, apesar de saber da sua efêmera existência. O estabelecimento de **prêmios e punições** de sabor material, nos quais as religiões do passado firmaram a estrutura da existência espiritual, tomou-a detestável, em se considerando o medo a uma justiça absurda e impiedosa, ou a indiferença por uma felicidade estanque, monótona e perpétua, que tem lugar num céu onde o amor não dispõe de recursos para socorrer o caído, nem a piedade vige em relação aos infelizes... Por fim, o engodo dos sentidos anestesia a razão, levando-a a concluir que a morte deles representa a destruição da vida, arrolando o cérebro como autor do pensamento e os órgãos na condição de causa da existência do ser. Assim, a desinformação e as concepções erradas sobre a vida futura são responsáveis pelo temor da morte, que leva muitos indivíduos a estados neuróticos lamentáveis, como a comportamentos alucinados, nos quais buscam o esquecimento, fugindo da sua contingência enganosa. É inata, todavia, em todos os seres, a ideia da sobrevivência do Espírito à disjunção molecular do corpo cadaverizado. A intuição do futuro sempre esteve presente em todos os povos, desde os mais primitivos, estabelecendo, de alguma forma, um código ético de comportamento, que previne o homem e o prepara para o encontro com a consciência após o traspasse. Nos indivíduos imediatistas, aferrados aos prazeres físicos, o medo da morte é maior, em face das sensações que o escravizam à matéria, fazendo-o recear a perda dos gozos em que se com prazem. [...]” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Temor da morte)

IV.3. O Espiritismo reitera a crença na sobrevivência da alma e na evolução do espírito, dissipando o medo da morte

“**II.** O Espiritismo é o mais terrível antagonista do materialismo. Não é, pois, de admirar que tenha por adversários os materialistas. Mas, como o materialismo é uma doutrina cujos adeptos mal ousam confessar que o são (prova de que não se consideram muito fortes e têm a dominá-los a consciência), eles se acobertam com o manto da razão e da ciência. E, coisa estranha, os mais cépticos chegam a falar em nome da religião, que não conhecem e não compreendem melhor que ao Espiritismo. [...] **III.** Dizeis que desejais curar o vosso século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Preferiríeis que o mundo fosse invadido pela incredulidade que procurais propagar? A que se deve atribuir o relaxamento dos laços de família e a maior parte das desordens que minam a sociedade, senão à ausência de toda crença? Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva

a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Ousaríeis chamar a isto um mal? Duas doutrinas se defrontam: uma, que nega o futuro; outra, que lhe proclama e prova a existência; uma, que nada explica, outra, que explica tudo e que, por isso mesmo, se dirige à razão; uma, que é a sanção do egoísmo; outra, que oferece base à justiça, à caridade e ao amor do próximo. A primeira somente mostra o presente e aniquila toda esperança; a segunda consola e desvenda o vasto campo do futuro. Qual a mais preciosa? Algumas pessoas, dentre as mais cépticas, se fazem apóstolos da fraternidade e do progresso. Mas, a fraternidade pressupõe desinteresse, abnegação da personalidade. Onde há verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia. Com que direito impondes um sacrifício àquele a quem dizeis que, com a morte, tudo se lhe acabará; que amanhã, talvez, ele não será mais do que uma velha máquina dismantelada e atirada ao monturo? Que razões terá ele para impor a si mesmo uma privação qualquer? Não será mais natural que trate de viver o melhor possível, durante os breves instantes que lhe concedeis? Daí o desejo de possuir muito para melhor gozar. Do desejo nasce a inveja dos que possuem mais e, dessa inveja à vontade de apoderar-se do que a estes pertencem, o passo é curto. Que é que o detém? A lei? A lei, porém, não abrange todos os casos. Direis que a consciência, o sentimento do dever. Mas, em que baseais o sentimento do dever? Terá razão de ser esse sentimento, de par com a crença de que tudo se acaba com a vida? Onde essa crença exista, uma só máxima é racional: cada um por si, não passando de vãs palavras as ideias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade, mesmo de progresso. Oh! Vós, que proclamais semelhantes doutrinas, não sabeis quão grande é o mal que fazeis à sociedade, nem de quantos crimes assumis a responsabilidade! Para o céptico, tal coisa não existe. Só à matéria rende ele homenagem.” (AK, *O livro dos espíritos*, Conclusão)

“§ 5º - **DOUTRINA ESPÍRITA.** O princípio inteligente independe da matéria. A alma individual pree-xiste e sobrevive ao corpo. O ponto de partida ou de origem é o mesmo para todas as almas, sem exceção; todas são criadas simples e ignorantes e sujeitas a progresso indefinido. Nada de criaturas privilegiadas e mais favorecidas do que outras. Os anjos são seres que chegaram à perfeição, depois de haverem passado, como todas as outras criaturas, por todos os graus da inferioridade. As almas ou Espíritos progridem mais ou menos rapidamente, mediante o uso do livre-arbítrio, pelo trabalho e pela boa vontade. A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, que durante ela se reveste de um envoltório material, de que se despe por ocasião da morte. O Espírito progride no estado corporal e no

estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito, até que haja galgado certo grau de perfeição. Ele aí se desenvolve pelo trabalho a que é submetido pelas suas próprias necessidades e adquire conhecimentos práticos especiais. Sendo insuficiente uma só existência corporal para que adquira todas as perfeições, retoma um corpo tantas vezes quantas lhe forem necessárias e de cada vez encarna com o progresso que haja realizado em suas existências precedentes e na vida espiritual. Quando, num mundo, alcança tudo o que aí pode obter, deixa-o para ir a outros mundos, intelectual e moralmente mais adiantados, cada vez menos materiais, e assim por diante, até à perfeição de que é suscetível a criatura. O estado ditoso ou inditoso dos Espíritos é inerente ao adiantamento moral deles; a punição que sofrem é consequência do seu endurecimento no mal, de sorte que, com o perseverarem no mal, eles se punem a si mesmos; mas, a porta do arrependimento nunca se lhes fecha e eles podem, desde que o queiram, volver ao caminho do bem e efetuar, com o tempo, todos os progressos. As crianças que morrem em tenra idade podem ser Espíritos mais ou menos adiantados, porquanto já tiveram outras existências em que ou praticaram o bem ou cometeram ações más. A morte não os livra das provas que hajam de sofrer e, em tempo oportuno, eles voltam a uma nova existência na Terra, ou em mundos superiores, conforme o grau de elevação que tenham atingido. A alma dos cretinos e dos idiotas é da mesma natureza que a de qualquer outro encarnado; possuem, muitas vezes, grande inteligência; sofrem pela deficiência dos meios de que dispõem para entrar em relação com os seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não poderem falar. É que abusaram da inteligência em existências pretéritas e aceitaram voluntariamente a situação de impotência para usar dela, a fim de expiarem o mal que praticaram, etc., etc.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, As cinco alternativas da Humanidade)

“11. Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da felicidade ou infelicidade da alma após a morte, ou, por outra, as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno encontrada em toda parte. No que elas diferem essencialmente, é quanto à natureza dessas penas e gozos, *principalmente* sobre as condições determinantes de umas e de outras. Daí os pontos de fé contraditórios dando origem a cultos diferentes, e os deveres impostos por estes, consecutivamente, para honrar a Deus e alcançar por esse meio o céu, evitando o inferno. 12. Todas as religiões houveram de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: estes, assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no

cumprimento de fórmulas exteriores. Por muito tempo essas fórmulas lhes satisfizeram a razão; porém, mais tarde, porque se fizesse a luz em seu espírito, sentindo o vácuo dessas fórmulas, uma vez que a religião não o preenchia, abandonaram-na e tornaram-se filósofos.

13. *Se a religião, apropriada em começo aos conhecimentos limitados do homem, tivesse acompanhado sempre o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque está na própria natureza do homem a necessidade de crer, e ele crerá desde que se lhe dê o pábulo espiritual de harmonia com as suas necessidades intelectuais.* O homem quer saber donde veio e para onde vai. Mostrando-se-lhe um fim que não corresponde às suas aspirações nem à ideia que ele faz de Deus, tampouco aos dados positivos que lhe fornece a Ciência; impondo-se-lhe, ademais, para atingir o seu desiderato, condições cuja utilidade sua razão contesta, ele tudo rejeita; o materialismo e o panteísmo parecem-lhe mais racionais, porque com eles ao menos se raciocina e se discute, falsamente embora. E há razão, porque antes raciocinar em falso do que não raciocinar absolutamente. Apresente-se-lhe, porém, um futuro condicionalmente lógico, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, e ele repudiará o materialismo e o panteísmo, cujo vácuo sente em seu foro íntimo, e que aceitará à falta de melhor crença. O Espiritismo dá coisa melhor; eis por que é acolhido pressurosamente por todos os atormentados da dúvida, os que não encontram nem nas crenças nem nas filosofias vulgares o que procuram. O Espiritismo tem por si a lógica do raciocínio e a sanção dos fatos, e é por isso que inutilmente o têm combatido. **14.** Instintivamente tem o homem a crença no futuro, mas não possuindo até agora nenhuma base certa para defini-lo, a sua imaginação fantasiou os sistemas que originaram a diversidade de crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro - não sendo uma obra de imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista - congraçar-se-á, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou flutuantes e trará gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, não já baseada em simples hipótese, mas na certeza. *A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contato dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.*” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“**Por que os espíritas não temem a morte.** **10.** A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual

aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Eis aí por que os espíritas encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem, outrossim, dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade. Para os espíritas, a alma não é uma abstração; ela tem um corpo etéreo que a define ao pensamento, o que muito é para fixar as ideias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se nos apresentam mais como chamus fugitivas que nada falam ao pensamento, porém sob uma forma concreta que antes no-os mostra como seres vivos. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporal e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente. Não mais permissível sendo a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“**A VIDA FUTURA.** A vida futura já deixou de ser um problema. É um fato apurado pela razão e pela demonstração para a quase totalidade dos homens, porquanto os que a negam formam ínfima minoria, sem embargo do ruído que tentam fazer. Não é, pois, a sua realidade o que nos propomos demonstrar aqui. Fora repetir-nos, sem acrescentarmos coisa alguma à convicção geral. Admitido que está o princípio, como primícias, o a que nos propomos é examinar-lhe a influência sobre a ordem social e a moralização, segundo a maneira por que é encarada. As consequências do princípio contrário, isto é, do nadismo, já são por demais conhecidas e bastante compreendidas, para que se torne necessário desenvolvê-las de novo. Apenas diremos que, se estivesse demonstrada a inexistência da vida futura, nenhum outro fim teria a vida presente, senão o da manutenção de um corpo que, amanhã, dentro de uma hora, poderá deixar de existir, ficando tudo, nesse caso, inteiramente acabado. A consequência lógica de semelhante condição para a

Humanidade seria concentrarem-se todos os pensamentos na incrementação dos gozos materiais, sem atenção aos prejuízos de outrem. Por que, então, haveria alguém de suportar privações, de impor-se sacrifícios? Por que haveria de constranger-se para se melhorar, para se corrigir de defeitos? Seria também a absoluta inutilidade do remorso, do arrependimento, uma vez que nada se deveria esperar. Seria, afinal, a consagração do egoísmo e da máxima: **O mundo pertence aos mais fortes e aos mais espertos.** Sem a vida futura, a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional, arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração. Uma sociedade fundada em tal crença só teria por elo, a prender-lhe os membros, a força e bem depressa cairia em dissolução. Não se objete que, entre os negadores da vida futura, há pessoas honestas, incapazes de ciente-mente causar dano a quem quer que seja e suscetíveis dos maiores devotamentos. Digamos, antes de tudo, que, entre muitos incrédulos, a negação do porvir é mais fanfarronada, jactância, orgulho de passarem por espíritos fortes, do que resultado de uma convicção absoluta. No foro íntimo de suas consciências, há uma dúvida a importuná-los, pelo que procuram eles atordoar-se. Não é, porém, sem dissimulação que pronunciam o terrível nada, que os priva do fruto de todos os trabalhos da inteligência e despedaça para sempre as mais caras afeições. Muitos dos que mais forte debateram são os primeiros a tremer ante a ideia do desconhecido; por isso mesmo, quando se lhes aproxima o momento fatal de entrarem nesse desconhecido, bem poucos são os que adormecem, no derradeiro sono, na firme persuasão de que não despertarão algures, visto que a Natureza jamais abdica dos seus direitos. Afirmamos, pois, que, na maioria dos incrédulos, a incredulidade é muito relativa, isto é, que, não lhes estando satisfeita a razão, nem com os dogmas, nem com as crenças religiosas, e nada tendo encontrado, em parte alguma, com que enchessem o vazio que se lhes fizera no íntimo, eles concluíram que nada há e edificaram sistemas com que justificassem a negação. Não são, consequentemente, incrédulos, senão por falta de coisa melhor. Os absolutamente incrédulos são raríssimos, se é que existem. Uma latente e inconsciente intuição do futuro é, portanto, capaz de deter grande número deles no declive do mal e uma imensidade de atos se poderiam citar, mesmo da parte dos mais endurecidos, testificantes da existência desse sentimento secreto que os domina, a seu mau grado. Cumpre também dizer que, seja qual for o grau da incredulidade, o respeito humano é o que torna reservadas as pessoas de certa condição social. A posição que ocupam os obriga a uma linha de proceder muito discreta; temem acima de tudo a desconsideração e o desdém que, fazendo-os perder, por decaírem da

categoria em que se encontram, as atenções do mundo, os privariam dos gozos de que desfrutam; se carecem de um fundo de virtudes, pelo menos têm destas o verniz. Mas, aos que nenhuma razão se apresenta para se preocuparem com a opinião dos outros, aos que zombam do “que dirão”, e não há contestar que esses formam a maioria, que freio se pode impor ao transbordamento das paixões brutais e dos apetites grosseiros? Em que base assentar a teoria do bem e do mal, a necessidade de eles reformarem seus maus pendores, o dever de respeitarem o que pertence aos outros, quando eles próprios nada possuem? Qual pode ser o estímulo à honradez, para criaturas a quem se haja persuadido que não passam de simples animais? A lei, respondem, aí está para contê-los; mas, a lei não é um código de moral que toque o coração; é uma força cuja ação eles suportam e que iludem, se o podem. Se lhe caem sob o guante, isso é por eles tido como resultado de má sorte ou de inabilidade, a que tratam de remediar na primeira ocasião. Os que pretendem que os incrédulos têm mais mérito em fazer o bem, por não esperarem nenhuma recompensa numa vida futura, em que não creem, se valem de um sofisma igualmente mal fundado. Também os crentes dizem que é pouco meritório o bem praticado com vistas em vantagens que possam colher. Vão mesmo mais longe, porquanto se acham persuadidos de que o mérito pode ser completamente anulado, tal o móvel que determine a ação. A perspectiva da vida futura não exclui o desinteresse nas boas obras, porque a ventura que elas proporcionam está, antes de tudo, subordinada ao grau de adiantamento moral do indivíduo. Ora, os orgulhosos e os ambiciosos se contam entre os menos aquinhoados. Mas, os incrédulos que praticam o bem são tão desinteressados como o pretendem? Será que, nada esperando do outro mundo também deste nada esperem? O amor-próprio não tem no caso a sua parte? Serão eles insensíveis aos aplausos dos homens? Se tal acontecesse, estariam num grau de perfeição rara e não cremos haja muitos que a tanto sejam induzidos unicamente pelo culto da matéria. Objeção mais séria é esta: Se a crença na vida futura é um elemento moralizador, como é que aqueles a quem se prega isso desde que vêm ao mundo são igualmente tão maus? Primeiramente, quem nos diz que sem isso não seriam piores? Não há duvidar, desde que se considerem os resultados inevitáveis da popularização do nadismo. Não se comprova, ao contrário, observando-se as diferentes graduações da Humanidade, desde a selvajaria até a civilização, que o progresso intelectual e moral vai à frente, produzindo o abrandamento dos costumes e uma concepção mais racional da vida futura? Essa concepção, no entanto, por muito imperfeita, ainda não pode exercer a influência que necessariamente terá, à medida que for mais bem

compreendida e que se adquiram noções mais exatas sobre o futuro que nos está reservado. Por muito sólida que seja a crença na imortalidade, o homem não se preocupa com a sua alma, senão de um ponto de vista místico. A vida futura, definida com extrema falta de clareza, só muito vagamente o impressiona; não passa de um objetivo que se perde muito ao longe e não um meio, porque a sorte lhe está irrevogavelmente assinada e em parte alguma lhe apresentam como progressiva, donde se conclui que aquilo que formos, ao sair daqui, sê-lo-emos por toda a eternidade. Aliás, o quadro que traçam da vida futura, as condições determinantes da felicidade ou da desventura que lá se experimentam, longe estão, sobretudo num século de exame, como o nosso, de satisfazer completamente à razão. Acresce que ela não se prende muito diretamente à vida terrestre, nenhuma solidariedade havendo entre as duas, mas, antes, um abismo, de maneira que aquele que se preocupa principalmente com uma das duas quase sempre perde a outra de vista. Sob o império da fé cega, essa crença abstrata bastara às inspirações dos homens que, então, se deixavam conduzir. Hoje, porém, sob o reinado do livre-exame, eles querem conduzir-se por si mesmos, ver com seus próprios olhos e compreender. Aquelas vagas noções da vida futura já não estão à altura das novas ideias e já não correspondem às necessidades que o progresso criou. Com o desenvolvimento das ideias, tudo tem que progredir em torno do homem, porque tudo se liga, tudo é solidário em a Natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, meios de ação. O movimento para frente é irresistível, porque é lei da existência dos seres. O que quer que fique para trás, abaixo do nível social, é posto de lado, como vestuário que se tornou impréstável e, finalmente, arrastado pela onda que se avoluma. O mesmo acontece com as ideias pueris sobre a vida futura, com que os nossos pais se contentavam; persistir hoje em impô-las seria propagar a incredulidade. Para que a opinião geral a aceite e para que ela exerça sua ação moralizadora, a vida futura tem que ser apresentada sob o aspecto de coisa positiva, de certo modo tangível e capaz de suportar qualquer exame, satisfazendo à razão, sem nada deixar na sombra. No momento em que a precariedade das noções sobre o porvir abria a porta à dúvida e à incredulidade, novos meios de investigação foram conferidos ao homem, para penetrar esse mistério e fazer-lhe compreender a vida futura na sua realidade, em seu positivismo, nas suas relações íntimas com a vida corpórea. Por que, em geral, se cuida tão pouco da vida futura? Trata-se, no entanto, de uma atualidade, pois que todos os dias milhares de homens partem para esse destino desconhecido. Tendo cada um de nós de partir por sua vez e podendo a hora da partida soar de um momento para outro, parece natural que todos se

preocupem com o que sucederá. Por que não se dá isso? Precisamente porque é desconhecido o destino e porque, até ao presente, ninguém tinha meio de conhecê-lo. A Ciência, inexorável, o desalojou dos lugares onde o tinham limitado. Está ele perto? Está longe? Acha-se perdido no infinito? As filosofias de antanho nada respondem, porque nada sabem a respeito. Diz-se então: “Será o que for.” Indiferença. Ensinam-nos que seremos felizes ou infelizes, conforme houvermos vivido bem ou mal. Mas, isso é tão vago! Em que consistem essa felicidade e essa infelicidade? O quadro que de uma e outra nos traçam tão em desacordo está com a ideia que fazemos da justiça de Deus, tão cheio de contradições, de inconseqüências, de impossibilidades radicais, que involuntariamente a dúvida se apresenta, senão a incredulidade absoluta. Ao demais, pondera-se que os que se enganaram com relação aos lugares indicados para moradas futuras também podem ter sido induzidos em erro, quanto às condições que estatuem para a felicidade e para o sofrimento. Aliás, como seremos nesse outro mundo? Seremos seres concretos ou abstratos? Teremos uma forma ou uma aparência? Se nada de material tivermos, como poderemos experimentar sofrimentos materiais? Se os ditos nada tiverem que fazer, a ociosidade perpétua, em vez de uma recompensa, será um suplício, a menos que se admita o Nirvana do budismo, que não é mais desejável do que aquela ociosidade. O homem não se preocupará com a vida futura, senão quando vir nela um fim claro e positivamente definido, uma situação lógica, em correspondência com todas as suas aspirações, que resolva todas as dificuldades do presente e em que não se lhe depare coisa alguma que a razão não possa admitir. Se ele se preocupa com o dia seguinte, é porque a vida do dia seguinte se liga intimamente à vida do dia anterior; uma e outra são solidárias; ele sabe que do que fizer hoje depende a sua posição amanhã e que do que fizer amanhã dependerá a sua posição no dia imediato e assim por diante. Tal tem de ser para ele a vida futura, quando esta não mais se achar perdida nas nebulosidades da abstração e for uma atualidade palpável, complemento necessário da vida presente, **uma das fases** da vida geral, como os dias são fases da vida corporal. Quando vir o presente reagir sobre o futuro, pela força das coisas, e, sobretudo, quando compreender a **reação do futuro sobre o presente**; quando, em suma, verificar que o passado, o presente e o futuro se encadeiam por inflexível necessidade, como o ontem, o hoje e o amanhã na vida atual, oh! Então suas ideias mudarão completamente, porque ele verá na vida futura não só um fim, como também um meio; não um efeito distante, mas atual. Então, igualmente, essa crença exercerá sem dúvida, e por uma consequência toda natural, ação preponderante sobre o estado social e sobre a moralização

da Humanidade. Tal o ponto de vista donde o Espiritismo nos faz considerar a vida futura.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, A vida futura)

“**CREDO ESPÍRITA.** [...] O progresso geral é a resultante de todos os progressos individuais; mas, o progresso individual não consiste apenas no desenvolvimento da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos. Nisso mais não há do que uma parte do progresso, que não conduz necessariamente ao bem, pois que há homens que usam mal do seu saber. O progresso consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na extirpação dos maus germens que em nós existem. Esse o verdadeiro progresso, o único que pode garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o oposto mesmo do mal. Muito mal pode fazer o homem de inteligência mais cultivada; aquele que se houver adiantado moralmente só o bem fará. É, pois, do interesse de todos o progresso moral da Humanidade. Mas, que importam a melhora e a felicidade das gerações futuras, àquele que acredita que tudo se acaba com a vida? Que interesse tem ele em se aperfeiçoar, em se constranger, em domar suas paixões inferiores, em se privar do que quer que seja a benefício de outrem? Nenhum. A própria lógica lhe diz que seu interesse está em gozar depressa e por todos os meios possíveis, visto que amanhã, talvez, ele nada mais será. A doutrina do nadismo é a paralisia do progresso humano, porque circunscreve as vistas do homem ao imperceptível ponto da presente existência; porque lhe restringe as ideias e as concentra forçosamente na vida material. Com essa doutrina, o homem nada sendo antes, nem depois, cessando com a vida todas as relações sociais, a solidariedade é vã palavra, a fraternidade uma teoria sem base, a abnegação em favor de outrem mero embuste, o egoísmo, com a sua máxima - cada um por si, um direito natural; a vingança, um ato de razão; a felicidade, privilégio do mais forte e dos mais astuciosos; o suicídio, o fim lógico daquele que, baldo de recursos e de expedientes, nada mais espera e não pode safar-se do tremedal. Uma sociedade fundada sobre o nadismo traria em si o germen de sua próxima dissolução. Outros, porém, são os sentimentos daquele que tem fé no futuro; que sabe que nada do que adquiriu em saber e em moralidade lhe estará perdido; que o trabalho de hoje dará seus frutos amanhã; que ele próprio fará parte das gerações porvindouras, mais adiantadas e mais ditosas. Sabe que, trabalhando para os outros, trabalha para si mesmo. Sua visão não se detém na Terra, abrange a infinidade dos mundos que lhe servirão um dia de morada; entrevê o glorioso lugar que lhe caberá, como o de todos os seres que alcançam a perfeição. Com a fé na vida futura, dilata-se-lhe o círculo das ideias; o porvir lhe pertence; o progresso pessoal tem um fim, uma utilidade **real**. Da continuidade das relações

entre os homens nasce a solidariedade; a fraternidade se funda numa lei da Natureza e no interesse de todos. A crença na vida futura é, pois, elemento de progresso, porque estimula o Espírito; somente ela pode dar ao homem coragem nas suas provas, porque lhe fornece a razão de ser dessas provas, perseverança na luta contra o mal, porque lhe assina um objetivo. A formar essa crença no espírito das massas é, portanto, o em que devem aplicar-se os que a possuem. Entretanto, ela é inata no homem. Todas as religiões a proclamam. Por que, então, não deu, até hoje, os resultados que se deviam esperar? É que, em geral, apresentam-na em condições que a razão não pode aceitar. Conforme a pintam, ela rompe todas as relações com o presente; desde que tenha deixado a Terra, a criatura se torna estranha à Humanidade: nenhuma solidariedade existe entre os mortos e os vivos; o progresso é puramente individual; cada um, trabalhando para o futuro, unicamente para si trabalha, só em si pensa e isso mesmo para uma finalidade vaga, que nada tem de definido, nada de positivo, sobre que o pensamento se firme com segurança; enfim, porque é mais uma esperança que uma certeza material. Daí resulta, para uns, a indiferença, para outros, uma exaltação mística que, isolando da Terra o homem, é essencialmente prejudicial ao progresso real da Humanidade, porquanto negligencia os cuidados que reclama o progresso material, para o qual a Natureza lhe impõe o dever de contribuir. Todavia, por muito incompletos que sejam os resultados, não deixam de ser efetivos. Quantos homens não se sentiram encorajados e sustentados na senda do bem por essa vaga esperança! Quantos não se detiveram no declive do mal, pelo temor de comprometer o seu futuro! Quantas virtudes nobres essa crença não desenvolveu! Não desdenhemos as crenças do passado, por imperfeitas que sejam, quando conduzem ao bem: elas estavam em correspondência com o grau de adiantamento da Humanidade. Mas, tendo progredido, a Humanidade reclama crenças em harmonia com as novas ideias. Se os elementos da fé permanecem estacionários e ficam distanciados pelo espírito, perdem toda influência; e o bem que hajam produzido, em certo tempo, não pode prosseguir, porque aqueles elementos já não se acham à altura das circunstâncias. Para que a doutrina da vida futura doravante dê os frutos que se devem esperar, é preciso, antes de tudo, que satisfaça completamente à razão; que corresponda à ideia que se faz da sabedoria, da justiça e da bondade de Deus; que não possa ser desmentida de modo algum pela Ciência. É preciso que a vida futura não deixe no espírito nem dúvida, nem incerteza; que seja tão positiva quanto a vida presente, que é a sua continuação, do mesmo modo que o amanhã é a continuação do dia anterior. É necessário seja vista, compreendida e, por assim dizer, tocada com o

dedo. Faz-se mister, enfim, que seja evidente a solidariedade entre o passado, o presente e o futuro, através das diversas existências. Tal a ideia que da vida futura apresenta o Espiritismo. O que a essa ideia dá força é que ela absolutamente não é uma concepção humana com o mérito apenas de ser mais racional sem, contudo, oferecer mais certeza do que as outras. É o resultado de estudos feitos sobre os testemunhos oferecidos por Espíritos de diferentes categorias, nas suas manifestações, que permitiram se explorasse a vida extracorpórea em todas as suas fases, desde o extremo superior ao extremo inferior da escala dos seres. As peripécias da vida futura, por conseguinte, já não constituem uma simples teoria, ou uma hipótese mais ou menos provável: decorrem de observações. São os habitantes do mundo invisível que vêm, eles próprios, descrever os seus respectivos estados e há situações que a mais fecunda imaginação não conceberia, se não fossem patenteadas aos olhos do observador. Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis consequências do bem e do mal, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra, põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. Ela não se limita a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão na Terra o reinado da paz e da fraternidade. A Doutrina Espírita é assim o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido. Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e morais. [...]” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Credo espírita)

[...] “A morte, em tais situações, transforma-se em fator preponderante de neuroses e psicoses mais profundas, que conduzem a loucuras, ao suicídio... “Lamentavelmente, as religiões tradicionais, embora o respeito e a consideração que nos merecem todas as Escolas de Fé, não lograram demitificar a morte, tranquilizando os que ficam no mundo, e preparando, por antecipação, os que partem. “Ao Espiritismo, com a sua estrutura ético-religiosa firmada no Evangelho de Jesus, cabe a grandiosa tarefa de diluir das mentes o pavor da morte, educando os homens sobre a maneira de encará-la, ao mesmo tempo ensinando a valorização da vida. “Ressalvadas outras finalidades expressivas, as sessões práticas ou mediúnicas do Espiritismo assumem, igualmente, a função consoladora, pelo lenir de saudades e diminuir de dores que propiciam, através do abençoado intercâmbio espiritual, não somente

das Entidades Veneráveis, como daquelas que sofrem, ensinando pela dor a correta vivência do amor... Mas também, pelo facultar o retorno dos seres amados ao convívio afetoso, pela palavra oral ou escrita, nas materializações ou nas fortes induções mentais de caráter intuitivo. Escola de bênçãos superiores, a sessão de intercâmbio é medicação para os Espíritos de ambos os lados da vida, estímulo e prova da sobrevivência, por cujo valioso concurso assumem-se responsabilidades morais e coragem para vencer as vicissitudes do caminho de ascensão...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 16)

[...] À medida, porém, que se aclaram os enigmas em tomo da realidade **post mortem**, em que os fatos demonstram o seu prosseguimento, oferecendo uma visão correta sobre a sua continuação, o temor cede lugar à confiança e as dúvidas são substituídas pela certeza da perenidade do ser, que se sente estimulado a preparar, desde então, esse futuro, no qual a felicidade possui uma dinâmica que fomenta o progresso incessante, em decorrência do esforço empreendido por quem deseja alcançá-lo. Essa convicção leva o homem a uma mudança de metas, que passa a conquistar, esforçando-se pelo trabalho no presente com os olhos postos no futuro. A saudade dos afetos que o precederam na viagem de volta não mais dilacera, porquanto a certeza do reencontro faz que novos estímulos tomem corpo, executando um programa de promoção para credenciá-lo à convivência ditosa. Graças a esta emulação, todos os esforços são aplicados com direcionamento positivo, ensejando coragem para a luta e ânimo para vencer o cansaço ou quaisquer outras dificuldades que intentem obstaculizar-lhe a marcha. O conhecimento dos objetivos mediatos da vida e a identificação dos valores jacentes no Espírito, mediante a concentração no ser real, fazem que a perda do envoltório físico não signifique quase nada em relação à sobrevivência doadora de todas as bênçãos a que se pode aspirar. Enquanto perdura o fenômeno orgânico, as impressões da vida espiritual são fugazes, incompletas. Na razão, entretanto, em que diminuem os impositivos da matéria sobre a alma, ampliam-se lhe as percepções do mundo causal, dando origem a um secreto desejo de despojar-se do fardo que pesa, às vezes, com altas cargas de miséria e de dor. Aqueles que, na vida física apenas, depositam todas as aspirações e necessidades, temem perdê-la, aferrando-se com desespero às suas exigências em prejuízo da libertação, que se lhes toma penosa e demorada. O exercício mental e o natural desapego das ilusões favorecem a confiança na sobrevivência, anulando o injustificável medo à morte. Para tanto, faz-se mister o amadurecimento íntimo que decorre da vivência equilibrada e do conhecimento que o estudo e a experiência propiciam, ou que resulta do sofrimento, o grande

e oportuno fiador dos que se encontram encarcerados, anelando pela libertação. O homem deve pensar na morte conforme pensa na vida. Cada dia que passa no calendário terrestre, adicionando-lhe tempo à existência física, é-lhe um a menos que o aproxima do portal da morte. Substituir o medo pela expectativa de como será a vida mais tarde, substituir a incerteza pela conscientização do prosseguimento espiritual, deve ser um programa bem elaborado para ser vivido com tranquilidade, no dia-a-dia que faz parte do seu peregrinar evolutivo. A vida espiritual assim perde para ele o seu caráter hipotético para tomar-se uma realidade, na qual penetra desde antes da morte, através dos fenômenos mediúnicos que lhe propiciam essa convicção, especialmente com o intercâmbio dos sempre vivos, que o vêm emular na preparação da equipagem para o inevitável processo de retomo, que se dá através do mecanismo da morte biológica.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Temor da morte)

“**MORRENDO PARA VIVER.** À tradição espiritualista oriental se atribui o conceito de que os pensamentos finais do moribundo, acalentados por hábito natural, se encarregarão de plasmar o seu futuro corpo, no processo da reencarnação, nele fixando, por aspiração livre, os valores e recursos necessários para o progresso. Certamente, as ideias negativas e deprimentes estabeleceriam comportamentos orgânicos e nervosos em padrões de sofrimento, assim como os anelos nobres dariam gênese a formas e funções harmônicas na vida subsequente, embora sujeitas às imposições cármicas decorrentes das ações praticadas. Em face dessa crença, fazia-se necessário que o homem aprendesse a morrer, cogitando de reflexionar a respeito da fatalidade biológica em consonância com a harmonia íntima, responsável pelas futuras experiências carnis. **Aprender a morrer** tomou-se, para a cultura oriental ancestral, uma necessidade ética, filosófica e religiosa, tendo-se em vista a fragilidade e a pequena duração da vida carnal. Aliás, segundo a mesma doutrina, aprendendo-se a morrer, está-se aprendendo a viver em níveis superiores de entendimento e ganhos morais, propiciando-se à criatura humana saúde espiritual, plenitude de vida e realização interior. O apego à sensualidade e aos bens transitórios produz o pavor da morte, redundando em desarmonias internas que de forma alguma impediriam o processo desencarnatório, às vezes apressando-o, em face dos elementos destrutivos que a mente elabora e sustenta. No sentido inverso, a aceitação jubilosa do inevitável facilita a ampliação de tempo nas experiências terrenas, porque o psiquismo compreende que morrer é prosseguir vivendo, apesar da diferença vibratória na qual se expressará a realidade. Ninguém, desse modo, aprenderia a viver, se não fosse lograda a tarefa de aprender a morrer. De fato, o processo da morte real inicia-se

na plenitude das forças, quando a mente se apega e se apaixona por pessoas e coisas, enovelando-se em fixações que pretende permanentes, esquecendo-se da transitoriedade de todas elas enquanto na Terra. Desse modo, o exercício da desidentificação e do desprendimento gerará recursos que facilitam o entendimento a respeito da morte, propiciando, além-túmulo, a continuação dos ideais de sabor eterno. Ajuizando-se a questão sob este ponto de vista, alteram-se as estruturas do comportamento intelecto-moral do homem no mundo. Sem dúvida, apresentam-se-lhe importantes as conquistas do Espaço, a chegada a algum dos planetas do Sistema Solar e até mesmo o intercâmbio com outra Galáxia... Todavia, assume relevância maior o autoconhecimento, a consciente solução dos problemas de comportamento íntimo, as viagens ao cosmo de si mesmo. Embora as vitórias sobre o transitório sejam valiosas, as que se conseguem na transcendência sobre os valores temporais, portanto, do mundo físico, são muito mais significativas, porque acompanham o indivíduo eterno em outros esforços de elevação, no sentido vertical do progresso. A indagação máxima que deveria preocupar o homem seria a de descobrir quem ele é, e, por extensão, qual a finalidade da sua vida na Terra, como consequência do saber de onde veio, a fim de postular de forma equilibrada a identificação do lugar para onde vai. Ao decifrar essas interrogações, ele inicia automaticamente um curso de **psiconáutica**, pela meditação e reforma moral, encontrando-se no ontem e compreendendo o hoje, e graças a esses contributos poderá produzir eficazmente para o amanhã. As aspirações, os desejos fortes produzem o destino futuro do homem. Conforme desejar, sua vontade será posta em ação, do que resultará conquista ou perda no comércio moral e espiritual da vida. Os apegos de qualquer procedência, durante a vida física, impõem que após a morte prossigam interessando com o mesmo vigor com que foram estruturados antes. A instabilidade no dever, tanto quanto as fixações nos desejos primários criam aflições e conjunturas amargas, em razão do seu conteúdo pleno de insatisfação e revolta. Somente a visão correta dos valores terrenos proporciona a sua utilização equilibrada, para posteriores avaliações, aceitação ou recusa do seu prosseguimento. O discernimento, por sua vez, clarifica a mente e liberta o sentimento daquilo que é prejudicial, inspirando as atividades perenes do amor sem posse, responsável pela liberdade. Nos Provérbios, capítulo XXIII, versículo 7, encontra-se registrada essa opção, nos seguintes termos: “O homem é aquilo que pensa no seu coração.” Naturalmente que, os últimos pensamentos não irão definir as futuras engrenagens de que o Espírito se utilizará na porvindoura reencarnação. Todavia, contribuirão de forma acentuada, não por serem os finais, senão porque refletem todos os

hábitos vividos durante a existência, plasmadores dos envoltórios necessários, para a reeducação e aquisição de novos títulos de enobrecimento para o viajor eterno. Os pensamentos são os modeladores do ser, porque são os promotores dos atos. Assim como o homem pensa, naturalmente se comporta. Exceção feita às aparências mascaradas pela compostura social, o indivíduo é, em realidade, aquilo que cultiva na mente. A ação do pensamento na vida do homem que o utiliza é tão vital quanto a do Sol nas células, na vida... O fatalismo biológico estabelecido mediante o nascer, viver e morrer, ou transformar-se, é inexorável. Aprender a utilizar-lhe o ciclo, a fim de formular e conseguir metas iluminativas para o Espírito eterno, eis o que cumpre realizar, todos aqueles que se empenham na conquista da vida em si mesma, além das conjunturas celulares. Em face dessa circunstância, a morte, não raro detestada, se torna uma bênção, em cuja presença a liberdade abre suas asas para o encarcerado, propondo-lhe vôo auspicioso... Não houvesse tal limite estabelecido pela sabedoria das Leis, e o caos surgiria na Terra, apenas se apresentasse de maior duração a fase humana de vida, considerando-se uso inadequado que ainda se faz da existência corporal. Todas as épocas, portanto, da trajetória terrestre, são de magnitude para que se considere a morte e se aprenda a morrer, vivendo-se com sabedoria cada momento, despedindo-se dos fatores infelizes e aspirando-se as conquistas ideais do Espírito. De tal forma procedendo o homem, nos momentos finais, o seu pensamento trabalhará a futura morada e talhará a roupagem formosa para uma nova reencarnação, na qual poderá concluir o ciclo dos renascimentos corporais, assim tomando-se um pleno conquistador.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Morrendo para viver)

“**PROCESSO DESENCARNATÓRIO.** Para desvencilhar-se das amarras do organismo físico, o Espírito necessita de adestramento e habilidade que se desenvolvem desde quando deambula encarcerado no mecanismo da reencarnação. Impressões longamente fixadas e sensações vividas com sofreguidão assinalam profundamente os tecidos sutis do perispírito, impondo **necessidades** e **dependências** que a morte não logra, de imediato, interromper. Da mesma forma que o processo reencarnacionista se alonga desde a concepção até os primeiros momentos da adolescência, num complexo assenhoreamento das células que se submetem aos moldes do **corpo de plasma biológico**, a liberação da clausura exige um período de adaptação à realidade de retomo, dependendo, de certo modo, dos condicionamentos impostos pelo uso das funções fisiopsicológicas que geram amarras fortes ou diluem-nas na sucessão do tempo, em face do teor vibratório de que se revestem as aspirações vividas ou acalentadas. A ruptura dos vínculos

de manutenção do Espírito ao corpo é somente um passo inicial na demorada proposta da desencarnação. Normalmente encharcado de impressões de forte teor material, o Espírito se demora mimetizado pelas vibrações a que se ambientou, prosseguindo sob estados de variadas emoções que o aturdem. Quando aclimatado às experiências psíquicas e mediúnicas, mais fácil se lhe faz o desenovelar-se dos grilhões que o prendem à retaguarda, readquirindo a lucidez, cuja clareza racional apressa o mecanismo de libertação. Mesmo assim, necessita de conveniente adaptação, a fim de readquirir as funções que jaziam bloqueadas pelo corpo ou sem uso conveniente, em razão do comportamento carnal. A mente responde, portanto, por vasta quota de responsabilidade no fenômeno da morte física. Conforme a experiência corporal, assim se fará o desligamento espiritual. Nesse transe, para o qual todos os homens se devem preparar, através de exercícios de renúncia e desapego, toma-se imprescindível o conhecimento da vida espiritual, que estua, atraente, dando curso a quaisquer empreendimentos que, por acaso, fiquem interrompidos... Desimpregnar-se das sensações mortificantes, que anteriormente escravizaram, é o capítulo mais penoso da convalescença **post mortem**. Acostumado a viciações e hábitos perniciosos, que se comprazia em vitalizar com as atitudes físicas e mentais, vê-se o desencarnado subitamente interditado de dar-lhes prosseguimento, o que então lhe constitui tormento inenarrável, levando-o a arrojarse sobre os despojos em decomposição, ávido de gozo impossível, nele próprio produzindo estados umbralinos de perturbação psíquica em que passa a jazer por longo período, ou se atira, por afinidade de gostos, em intercursos obsessivos, em que as suas **vítimas** lhe emprestam o veículo para a nefária dependência... A morte já não é um ponto de interrogação, como antes, graças às informações dos que lhe transpuseram a aduana e retomam para desvelar os aparentes enigmas que a vestiam com o misterioso e o sobrenatural. O Espírito veste-se e despe-se do corpo obedecendo ao automatismo das leis do progresso, que propõem a evolução dos seres, sendo facultado aos que o desejem, pelo esforço e estudo, a aprendizagem e o uso das técnicas de renascer e desencarnar sem choques nem padecimentos perfeitamente evitáveis. Compreendendo que o fenômeno da morte faz parte do compromisso da vida, o homem se arma de valores para o momento da própria como da libertação dos afetos, que voltará a encontrar na grande pátria de onde todos procedemos. Com esse cuidado completa-se o quadro de auxílio aos desencarnados, por parte dos familiares e amigos que permanecerão por mais um pouco no corpo, evitando-se as emissões de ondas mentais de rebeldia e desespero, de mágoa e angústia, que são

verdadeiros **ácidos** que ardem e requeimam naqueles desencarnados em cuja direção se arremessam tais vibrações de desconforto e insatisfação. Morrer é desnudar-se diante da vida, é verdadeira bênção que traz o Espírito de volta ao convívio da família de onde partiu... A experimentação mediúnica desenvolvida pelo Espiritismo é o mais seguro guia destinado a esclarecer o transe da morte e preparar os homens para a inevitável decorrência libertadora. A libertação, todavia, depende de cada criatura que experimenta o **acidente** fisiológico que lhe interrompe o ciclo, propiciando a tranquilidade ou o demorado sofrimento que carpirá. Partindo-se da experiência espírita que elucida o fenômeno da morte, ressuma a filosofia comportamental que se alicerça na moral cristã, lavrada no amor a Deus e ao próximo, a expressar a vivência da caridade sob todas as modalidades e em cuja prática o Espírito evolve, progredindo sem cessar no rumo da plenitude.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Processo desencarnatório)

“Morte e imortalidade. [...] Naquela oportunidade, teríamos a satisfação imensa de reencontrar o respeitável psiquiatra uberabense Dr. Ignácio Ferreira, que fora convidado a entretecer considerações em torno do intercâmbio de consequências enfermigas entre os desencarnados e os transeuntes no carro físico, tendo em vista a imortalidade do espírito. [...] Sereno e consciente da responsabilidade, o respeitável psiquiatra assomou à tribuna, transparecendo alegria e emoções superiores. Após a saudação cristã, evocando os primeiros servidores de Jesus, agradeceu sensibilizado, o convite, passando a considerar: “Não fui orador enquanto na romagem carnal, havendo-me dedicado mais ao estudo e à reflexão em torno da Psiquiatria e do Espiritismo. Isto posto, conto com a compreensão e bondade dos nobres espíritos presentes, tendo em vista a minha incipiência, já que me considero sem as condições mínimas necessárias para cometimento de tal magnitude. Atendo ao convite dos benfeitores espirituais que me facultam esta oportunidade, assim preparando-me para futuros labores em nome da veneranda Doutrina de Jesus. A prevenção ainda hoje mantida por eminentes cientistas e pensadores em relação à imortalidade do espírito é resultado do prolongado ressentimento contra algumas doutrinas religiosas do passado, que impunham a fé distanciada do raciocínio e da lógica. Essa ditadura irracional, que tanto perturbou o processo de desenvolvimento intelectual da sociedade, produziu mais antagonistas do que simpatizantes em relação à proposta espiritualista. A revolução cultural e científica iniciada por Sir Isaac Newton, ensinou que espíritos esclarecidos, como Pedro Gassendi, sustentassem a necessidade dos estudos experimentais nas ciências físicas, no século XVII. Ao mesmo tempo, Thomas Hobbes, depois de profundas investigações médicas e políticas,

declarou a sua convicção materialista e a sua conduta utilitarista, que, posteriormente, muito influenciaram Rousseau e Espinoza, culminando com as propostas de John Locke, lançando as bases do empirismo, que iria estimular fortemente o pensamento francês e inglês a aceitá-lo de imediato, especialmente no período em que o feudalismo se encerrava, no fim do século XVII e logo depois, no século XVIII, quando essas ideias exerceram ação demolidora em relação à fé cega. Foram eles que, de alguma forma, restauraram o conceito do atomismo grego, exposto por Leucipo, Lucrécio e Demócrito, em oposição ao idealismo de Sócrates e Platão, que as futuras investigações integrariam de maneira adequada e profunda quando por ocasião do aparecimento da Física Quântica... Essa atitude, portanto, dos denominados materialistas, era resultado de uma natural aversão à predominância do dogma religioso sobre a razão, da intolerância sobre o desenvolvimento das ciências, fenômeno impossível de ser evitado, por fazer parte da Lei de Progresso. Nada pode fazer estacionar a marcha do conhecimento, mantendo as criaturas na ignorância, no obscurantismo.” O expositor relanceou o olhar sobre a multidão atenta, que absorvia as explicações, logo prosseguindo: “Como consequência imediata, os séculos seguintes caracterizaram-se pela rebeldia dos investigadores positivistas diante das religiões, do espiritualismo em geral, tentando reduzir o ser humano a um amontoado de moléculas, a fenômenos naturais e automatistas, no seu fatalismo biológico em marcha inexorável para a consumção. Logo depois, diante das inabordáveis conquistas dos séculos XVIII e XIX, nos diversos ramos da Ciência, graças às investigações que alcançavam as causas naturais do que antes era considerado miraculoso e sobrenatural, estabeleceu-se, por definitivo, o preconceito contra a fé religiosa, em face da sua incapacidade de oferecer respostas mais seguras àquelas defendidas pelo Iluminismo, logo seguido pelo Positivismo, por fim, pelo materialismo mecanicista acadêmico... Um dos momentos definidores dessas especulações teve lugar no dia 24 de novembro de 1859, quando o eminente naturalista inglês Charles Darwin publicou a sua hoje célebre teoria sobre a origem das espécies pelos processos da seleção natural, que alcançou grande repercussão, em face do poder de desmistificar a ancestral e mitológica informação a respeito da criação da vida, particularmente dos seres vegetais, animais e humanos, demonstrando o inevitável processo evolutivo, confirmado pelas demonstrações paleontológicas... Antes, um pouco, ele recebera do eminente Alfred Russel Wallace, também admirável naturalista, que mais tarde se tornou espírita, um manuscrito, no qual era apresentado, coincidentemente, um resumo completo da sua teoria, sem que ambos houvessem tido qualquer contato ou discussão a esse respeito. Os

fatos foram-se acumulando nas diversas áreas do conhecimento, culminando com as observações irônicas de Karl Vogt, o notável naturalista alemão, partidário e divulgador da doutrina de Darwin, assim como de outros eminentes estudiosos, cujos conhecimentos não eram compatíveis com as doutrinas da ortodoxia religiosa. Logo, os laboratórios de pesquisas anatomopatológicas aprofundaram o bisturi das investigações no organismo humano, zombeteiramente procurando encontrar a alma, nos despojos carnavais de onde se afastara pelo fenômeno da morte biológica. O resultado não poderia ser diferente, tendo-se em vista os camartelos utilizados pelo pensamento filosófico através de espíritos, iluminados ou não, que ora se apoiavam na Ciência, em momentos outros nas próprias reflexões, combatendo com certa ferocidade mesmo, os dogmas e os frágeis postulados da fé irracional, elaborando novos paradigmas em torno da vida, porém, centrados na matéria"... Novamente, o erudito psiquiatra fez um oportuno silêncio, a fim de permitir que fossem absorvidas as suas considerações, dando continuidade: "Nesse bátrio, no qual a fé religiosa estertorava e a Ciência robustecia-se, enquanto a Filosofia ampliava os horizontes do pensamento por meio de diferentes escolas de reflexão, os imortais fizeram-se presentes, aliás, como sempre ocorreu, porém, nesse momento, com maior vigor, em razão de haver chegado o instante próprio para que pudessem ser compreendidas as suas propostas e as criaturas dispusessem dos instrumentos hábeis do conhecimento capazes de comprovar os seus ensinamentos. Os fenômenos mediúnicos, que constituem rutilante página do desenvolvimento espiritual da Humanidade, tornaram-se retumbantes, e o gênio de Allan Kardec, o vaso escolhido, apresentou o Espiritismo, demonstrando, pela experiência positivista, a sobrevivência à morte e a continuidade da vida. Argumentos e teorias complexos foram utilizados pelos adversários naturais do progresso, para anular a tese espírita, todavia, incapazes de demolir a estrutura lógica e demonstrativa em que ela se apoiava. Agressões e diatribes foram lançadas contra Allan Kardec e a Doutrina Espírita, sem sustentação ética para enfrentá-los. Perseguições insanas fizeram-se programadas e executadas, redundando inúteis, diante das adesões de cientistas sinceros e numerosos, ao lado de pensadores, de artistas, de religiosos e do povo em geral que, nos postulados espíritas, encontraram tudo quanto lhes faltava para a consolação pessoal e o esclarecimento em torno dos enigmas existenciais. A imortalidade passou a representar as aspirações conscientes de todos aqueles que pensam e que lutam, sustentada nos inegáveis fenômenos mediúnicos que lhe servem de base. Lentamente, o conceito em torno da morte, com o significado de destruição, de aniquilamento da vida, cedeu lugar à esperança dos reencontros formosos, da continuação

dos sentimentos e das emoções, da possibilidade de fruir-se felicidade... Nada obstante, passou também a significar o despertar da consciência, da lucidez e da responsabilidade em torno dos pensamentos, das palavras e dos atos, da compreensão do significado existencial e do sentido das experiências humanas... Graças à nova Ciência — a espiritista —, passou-se a ter certeza da imortalidade do espírito, não mais mediante a fé tradicional, porém, a lógica racional, dando lugar a uma Filosofia existencial rica de possibilidades para o entendimento, com instrumentos iluminativos para a consciência e a razão, desaguando numa Religião cósmica de amor, em face da sua ética-moral encontrar-se fixada nos ensinamentos de Jesus, conforme Ele e os seus primeiros discípulos os viveram. O fenômeno da morte orgânica, gerador de transtornos de comportamento existencial, que antes significava o encerramento do ciclo mental e emocional, agora assumia a condição de portal de acesso a uma outra dimensão pulsante e real, de onde tudo se origina e para onde tudo retorna. Concomitantemente, as doutrinas biológicas, as psicológicas, as neurociências, em face da formidanda abertura proporcionada pela Física Quântica, pela Biologia Molecular, penetrando mais audaciosamente nas origens dos fenômenos, defrontaram-lhes a grande causa: a imortalidade! Foram constatados pelos investigadores modernos, nos seus laboratórios de perquirição, o ponto de Deus, onde estaria uma das sedes da alma no corpo físico, o gene de Deus, responsável pela crença natural na divindade, a comunicabilidade dos espíritos, a reencarnação, os fenômenos de perturbação emocional e psíquica por intermédio das obsessões... É natural, entretanto, que ainda permaneçam alguns bastiões de intolerância e de resistência em relação às novas conquistas, todavia, o conceito sobre a imortalidade continua ganhando terreno nos corações humanos e contribuindo para o entendimento dos mecanismos existenciais, explicando todas as ocorrências aflitivas, todos os enigmas que inquietam o indivíduo, o seu destino, as suas aflições... O ser humano adquire, com esses sublimes conhecimentos, dignidade e o sentido espiritual que lhe dizem respeito, tornando-se-lhe o grande desafio a vencer." Acompanhá-vamos os raciocínios brilhantes do orador, num misto de júbilo e de gratidão, quando, novamente, ele fez uma pausa oportuna, para, de imediato, continuar: "A questão da imortalidade deixou de ser objeto de reflexões metafísicas, tornando-se fator de análise e de constatações, tendo em vista a tragédia cotidiana da morte dos seres amados e da aparente destruição da vida. No silêncio do santuário doméstico e nos grupamentos espiritistas, o conforto moral defluente da sobrevivência do espírito, a partir de então, vem-se fazendo abençoado, quando retornam aqueles desencarnados queridos confirmando a imortalidade, trazendo inegável documentação

probante de que são eles mesmos, enxugando as lágrimas da saudade, orientando o comportamento dos que ficaram na indumentária carnal, oferecendo esperanças em relação aos futuros reencontros ditosos, auxiliando na preservação dos ideais e na continuação das lutas libertadoras... Vencida pelo sopro da realidade, a morte, na sua feição destruidora e punitiva das religiões do passado, lentamente abandona os arraiais da sociedade, onde imperou soberana por milênios, para tornar-se fenômeno inevitável da constituição orgânica, portal, porém, de acesso à vida plena. O corpo, nesta nova concepção, é um instrumento para a evolução do espírito, uma concessão divina para o desabrochar dos valores que nele dormem ínsitos, aguardando a oportunidade superior do renascimento carnal. Todo um elenco de bênçãos abre-se convidativo, proporcionando a conquista de patamares morais elevados e de realizações interiores inabordáveis, como consequência da contribuição dos espíritos nobres, em momentosas comunicações mediúnicas. A cortina, que parecia densa, interposta entre os dois planos da vida - o físico e o espiritual — vem-se diluindo, facultando uma ampla visão da realidade, ao tempo em que enseja o intercâmbio consciente entre os homens, as mulheres e os espíritos desencarnados, familiar e dignificante, graças ao qual passa-se a ter conhecimento lúcido a respeito da vida real e dos seus objetivos elevados. O aspecto apavorante da morte, os fantasmas medievais em torno desse fenômeno, as punições infernais, o cruel julgamento final, as humanas bênçãos e maldições cederam lugar ao discernimento pessoal em torno dos compromissos morais em favor da autoiluminação e da construção da felicidade futura. A cada dia, mais amplas informações têm sido oferecidas aos seres humanos, a respeito do mundo causal, da Justiça Divina, das responsabilidades pessoais intransferíveis, dos socorros que procedem da espiritualidade, confirmando que ninguém transita a sós durante o carreiro físico. Nenhuma abordagem aparvalhante, muito do gosto dos insensatos, é feita pelos espíritos nobres, nenhuma revelações de natureza mágica, privilegiando uns em detrimento de outros, sendo oferecidas informações sensatas, de acordo com o nível de consciência e de inteligência da sociedade contemporânea, dignificando o cidadão que deve buscar a auto iluminação... Inefável alegria toma conta da existência humana ante as notícias que procedem do mundo espiritual, das informações em favor das terapias libertadoras do sofrimento, do destrinçar das enfermidades de toda ordem, especialmente as de natureza obsessiva - físicas, emocionais e mentais - oferecendo satisfação e coragem para os enfrentamentos inevitáveis. O triunfo da vida sobre a morte é a glória do amor de Deus em nós. Tenhamos em conta o profundo significado deste momento,

quando visitantes do corpo físico e nós outros, desencarnados, estreitamos os laços do afeto e ampliamos o entendimento em torno das questões fundamentais da vida, em exaltação à plena compreensão da imortalidade.” O psiquiatra lúcido, outra vez, silenciou com brevidade, ensejando-nos reflexionar em torno dos seus enunciados. Quase não me dando conta, viajei na direção do passado, revivendo esperanças e aspirações mantidas quando reencarnado, constatando depois, com inexcusável júbilo, o triunfo da vida, que me facultava, como a todos nos oferece, o reencontro com o amor que ilumina e com os erros que nos pedem reparação, impulsionando-nos ao avanço na marcha do progresso. Percebi que tinha lágrimas nos olhos, que não se encorajavam a escorrer das comportas... De imediato, ele prosseguiu: “O seguro caminho a percorrer apresentase-nos como o amor em todas as suas expressões. Ele é o alfa e o ômega do alfabeto divino, que nos cabe conhecer e passar a viver em profundidade. Em toda parte, respiramo-lo, em forma de exteriorização do Divino Psiquismo que nos sustenta e nos impulsiona em direção do futuro. Desse modo, vencedores da morte, avancemos no rumo da perfeição que nos está destinada, sem nos olvidarmos daqueles que nos seguem na retaguarda, nossos irmãos em sofrimento, com os quais mantemos o compromisso da caridade, a fim de estimulá-los ao avanço e ao auto encontro, de forma que compreendam a necessidade do crescimento íntimo apoiado em Jesus, que prossegue amparando-nos sem cansaço nem enfado. Ante a majestade cósmica, contemplando os astros que lucilam ao longe, alguns dos quais por onde transitaremos, exultemos de justo contentamento, em razão de haveremos sido convidados para trabalhar na vinha do Senhor, esforçando-nos para sermos escolhidos para atividades mais amplas e formosas. A hora é esta, sem nenhuma postergação, nem tormento, nem tristeza, antes, com alegria e gratidão a Deus, nosso Pai Generoso. Que permaneça em nossos corações e em nossas mentes a paz que vem de Jesus-Cristo, nosso Mestre e Senhor, são os nossos votos mais efusivos.” Ao silenciar, a emoção era geral. Lágrimas brilhavam nos olhos da multidão. O próprio disertante não conseguira esconder a emotividade. Acolhido, carinhosamente, por Dr. Bezerra de Menezes, que se levantou e acercou-se da tribuna, abraçando-o e levando-o à mesa, ato contínuo, o mestre de cerimônias anunciou o retorno do coral, que entoou, magistralmente, o Aleluia, da célebre obra O Messias, de Handel. Em seguida, após uma prece ungida de emoção e reconhecimento aos céus, a reunião foi encerrada, enquanto delicadas pétalas de rosas cintilantes e perfumadas caíam sobre a multidão, diluindo-se no contato com os espíritos.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 1)



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Quarta Parte

Evolução, Classificação, Ocupação e Missão dos Espíritos

- I. Evolução e progressão dos espíritos**
 - II. Classificação dos espíritos segundo o Espiritismo**
 - III. Anjos e demônios**
 - IV. Influência, ocupação e missão dos espíritos**
 - V. Anjos de guarda, espíritos protetores ou
guias espirituais**
-

I Evolução e progressão dos espíritos

“PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS. 114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram? “São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.” **115.** Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus? “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de fazê-los chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.” **a)** - Segundo o que acabais de dizer, os Espíritos, em sua origem, seriam como as crianças, ignorantes e inexperientes, só adquirindo pouco a pouco os conhecimentos de que carecem com o percorrerem as diferentes fases da vida? “Sim, a comparação é boa. A criança rebelde se conserva ignorante e imperfeita. Seu aproveitamento depende da sua maior ou menor docilidade. Mas, a vida do homem tem termo, ao passo que a dos Espíritos se prolonga ao infinito.” **116.** Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores? “Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?” **117.** Depende dos Espíritos o progredirem mais ou menos rapidamente para a perfeição? “Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que outra recalcitrante?” **118.** Podem os Espíritos degenerar? “Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.” **119.** Não podia Deus isentar os Espíritos das provas que lhes cumpre sofrer para chegarem à primeira ordem? “Se Deus os houvesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Demais, a desigualdade entre eles existente é necessária às suas personalidades. Acresce ainda que

as missões que desempenham nos diferentes graus da escala estão nos desígnios da Providência, para a harmonia do Universo.” Pois que, na vida social, todos os homens podem chegar às mais altas funções, seria o caso de perguntar-se por que o soberano de um país não faz de cada um de seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são funcionários superiores; por que todos os colegiais não são mestres. Ora, entre a vida social e a espiritual há esta diferença: enquanto que a primeira é limitada e nem sempre permite que o homem suba todos os seus degraus, a segunda é indefinida e a todos oferece a possibilidade de se elevarem ao grau supremo. **120.** Todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem? “Pela fieira do mal, não; pela fieira da ignorância.” **121.** Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal? “Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.” **122.** Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra? “O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.” **a)** - Onde vêm as influências que sobre ele se exercem? “Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que rejubilam com o fazê-lo sucumbir. Foi isso o que se intentou simbolizar na figura de Satanás.” **b)** - Tal influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem? “Acompanha-o na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistem de obsidiá-lo.” **123.** Por que há Deus permitido que os Espíritos possam tomar o caminho do mal? “Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios? Podeis, todavia, dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que ele deixa a cada um, porquanto, assim, cada um tem o mérito de suas obras.” **124.** Pois que há Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, deve haver, sem dúvida, gradações entre esses dois extremos. Não? “Sim, certamente, e os que se acham nos graus intermédios constituem a maioria.” **125.** Os Espíritos que enveredaram pela senda do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que

os outros? “Sim; mas as eternidades lhes serão mais longas.” Por estas palavras - as eternidades - se deve entender a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade de seus sofrimentos, cujo termo não lhes é dado ver, ideia que revive todas as vezes que sucumbem numa prova. **126.** Chegados ao grau supremo da perfeição, os Espíritos que andaram pelo caminho do mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros? “Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para os outros e a todos ama com o mesmo coração. Aqueles são chamados maus, porque sucumbiram. Antes, não eram mais que simples Espíritos.” **127.** Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais? “São criados iguais, porém, não sabendo donde vêm, preciso é que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progridem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.” Os Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem nem por isso são Espíritos perfeitos. Não têm, é certo, maus pendores, mas precisam adquirir a experiência e os conhecimentos indispensáveis para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, necessitam de se desenvolver e esclarecer e que não passam, sem transição, da infância à maturidade. Simplesmente, assim como há homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde a origem, com a diferença capital de que a criança tem instintos já inteiramente formados, enquanto que o Espírito, ao formar-se, não é nem bom, nem mau; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção, por efeito do seu livre-arbítrio.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“– Na verdade, não há nisso mistério algum. Voltemos aos ascendentes em evolução. O princípio espiritual acolheu-se no seio tépido das águas, através dos organismos celulares, que se mantinham e se multiplicavam por cissiparidade. Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, impondo-lhes o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas, de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se, aqui e ali, ajudado pela interferência indireta das inteligências superiores? Impossível responder, por enquanto. Sugou o seio farto da Terra, evoluicionando sem parar, através de milênios, até conquistar a região mais alta, onde conseguiu elaborar o próprio alimento. [...] - Por mais esforços que envidemos por simplificar a exposição deste delicado tema, o retrospecto que a respeito fazemos sempre causa perplexidade. Quero

dizer, André, que o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência... Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana. [...] - Em síntese, o homem das últimas dezenas de séculos representa a humanidade vitoriosa, emergindo da bestialidade primária. Desta condição participamos nós, os desencarnados, em número de muitos milhões de espíritos ainda pesados, por não havermos, até o momento, alijado todo o conteúdo de qualidades inferiores de nossa organização perispiritual; tal circunstância nos compele a viver, após a morte física, em formações afins, em sociedades realmente avançadas, mas semelhantes aos agrupamentos terrestres. Oscilamos entre a liberação e a reencarnação, aperfeiçoando-nos, burilando-nos, progredindo, até conseguir, pelo refinamento próprio, o acesso a expressões sublimes da Vida Superior, que ainda não nos é dado compreender. Nos dois lados da existência, em que nos movimentamos e dentro dos quais se encontram o nascimento e a morte do corpo denso, como portas de comunicação, o trabalho construtivo é a nossa bênção, aparelhando-nos para o futuro divino. A atividade, na esfera que ora ocupamos, é, para quantos se conservam quites com a Lei, mais rica de beleza e de felicidade, pois a matéria é mais rarefeita e mais obediente às nossas solicitações de índole superior. Atravessado, contudo, o rio do renascimento, somos surpreendidos pelo duro trabalho de recapitulação para a necessária aprendizagem. Por lá semearmos, para colher aqui, aprimorando, reajustando e embelezando, até atingir a messe perfeita, o celeiro farto de grãos sublimes, de modo a nos transferirmos, aptos e vitoriosos, para outras terras do céu. [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“EVOLUÇÃO E DESTINO. - O mal está determinado no conteúdo do nosso destino? – Ninguém nasce destinado ao mal, porque semelhante disposição derogaria os fundamentos do Bem Eterno sobre os quais se levanta a Obra de Deus. O Espírito renascente no berço terrestre traz consigo a prova expiatória a que deve ser conduzido ou a tarefa redentora que

ele próprio escolheu, de conformidade com os débitos contraídos. Prevalece aí o mesmo princípio que vige para as sociedades terrestres, pelo qual, se o homem é malfeitor confesso, deve ser segregado em estabelecimento correccional adequado para a reeducação precisa e, se é apenas aprendiz no campo da experiência, com dívidas e créditos, sem falta grave a resgatar, é justo possa pedir às autoridades superiores, que lhe presidem os movimentos, o gênero de trabalho ou de luta em que se sinta mais apto ao serviço de auto aperfeiçoamento. Entendamos, porém, que, se perpetrou delito passível de dolorosa punição, não é ele internado na penitenciária ou no trabalho reparador para que se desmande, deliberadamente, em delitos maiores, o que apenas lhe agravaria as culpas já formadas perante a Lei. É natural que o devedor, nessa ou naquela forma de resgate, venha a sofrer fortes impulsos e recidivas no erro em que faliu, tanto maiores quão mais extenso lhe tenha sido o transviamento moral; entretanto, a provação deve ser assimilada como recurso de emenda, nunca por válvula de expansão das dívidas assumidas. Desse modo, ninguém recebe do Plano Superior a determinação de ser relapso ou vicioso, madraço ou delinquente, com passagem justificada no latrocínio ou na dipsomania, no meretrício ou na ociosidade, no homicídio ou no suicídio. Padecemos, sim, nesse ou naquele setor da vida, durante a recapitulação de nossas próprias experiências, o impulso de enveredar por esse ou aquele caminho menos digno, mas isso constitui a influência de nosso passado em nós, instilando-nos a tentação, originariamente toda nossa, de tornar a ser o que já fomos, em contraposição ao que devemos ser.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 18)

“Fez breve silêncio, a fim de dar um curso didático à conversação valiosa, e logo adiu: “Ouspensky, pensador russo, que se fez excelente discípulo de Gurdjieff, dividiu os homens em dois grupos: fisiológicos e psicológicos, para bem os situar na área das suas necessidades e aspirações. Os primeiros seriam aqueles cujo comportamento se submete ao repouso, ao estômago e ao sexo, enquanto os outros são os que vivem conforme o sentimento e a mente. Preferiríamos considerar que há os que ainda transitam sob o comando da sua natureza animal, primitiva, aqueles que vivem sob a predominância da natureza espiritual e os que se encontram na fase intermediária, em caminho do estágio mais grosseiro para o mais sutil. “Os primeiros são homens-instinto, mais dirigidos pelas sensações, enquanto os últimos são homens-razão, comandados pela emoção. Aqueles vivem para comer, gozar e dormir, sem tempo mental para sentir os ideais de beleza e de progresso. Os outros, não obstante se utilizem das sensações que decorrem das imposições fisiológicas, cultivam os sentimentos, e as emoções

sobrepõem-se aos caprichos dos prazeres fugidios e imediatos. O homem, no qual predomina a natureza animal, reage sempre e com violência; detém o que tem e não reparte, em razão do egoísmo que o vitima. Aquele em quem a natureza espiritual se destaca, age, porque pensa com calma nas circunstâncias mais graves, preservando o equilíbrio; possui sem reter, multiplicando a benefício do próximo, promovendo a comunidade onde se encontra e desenvolvendo os sentimentos do altruísmo, que o felicita. “O amor, no período das dependências fisiológicas, é possessivo, arrebatado, físico, enquanto que, no dos anelos espirituais, se compraz, libertando; torna-se, então, amplo, sem condicionamentos, anelando o melhor para o outro, mesmo que isto lhe seja sacrificial. Um parece tomar a vida e retê-la nas suas paixões, enquanto o outro dá a vida e libera para crescer e multiplicar-se em outras vidas. “Os que se encontram em trânsito entre as experiências primevas e as conquistas da razão, apesar dos vínculos fortes com a retaguarda evolutiva, acalentam ideais de enobrecimento, sofrem tédio em relação aos gozos, padecem certas insatisfações e frustrações, porque já não lhes bastam as sensações fortes, exauridoras, tendo necessidade de mais altos valores íntimos, que independam do imediato, do jogo cansativo dos desejos físicos. Ambições mais nobres se lhes desenham nas áreas mentais e os desejos sofrem alteração de estrutura. Pressentem a glória do amor e a dádiva da paz, engajando-se nos movimentos idealistas, apesar das incertezas e dubiedades que os assaltam vez por outra. “Como é natural, há uma prevalência de homens-instinto nos quadros sociais da Terra, em relação a um número menor de homens-razão, que se empenham por criar condições de progresso e realização em favor dos que estão atrás. “Movimentando-se entre os dois contingentes, estão aqueles que despertam para as realidades espirituais, galgando os degraus de ascensão a duras penas.” O Benfeitor novamente silenciou, por breve momento, para logo prosseguir: – “Estagiando uma larga faixa dos Espíritos na primeira fase, suas paixões são agressivas; seus desejos, dominadores; suas aspirações, primitivas, sem as resistências morais que dão valor ético ao ser, partindo para sucessivos revides e cobranças, quando contrariados nos seus gostos ou feridos nos seus falsos brios, ou desagradados nos seus apetites... Porque em idêntica posição vibratória, disputam entre si os espólios infelizes dos interesses de que se nutrem, vivendo em intercâmbio obsessivo, quando o amor é apenas força de desejo, ou no ódio, quando cegos pela revolta e envenenados pela vingança. “Um pouco acima, os intermediários são também fáceis presas das alienações espirituais, por falta da consolidação dos ideais libertários, o que os faz recuar, tombando nos círculos das disputas rudes e alucinadas. “À medida que o

homem suplanta a dependência dos vícios e se eleva, emocionalmente, acima do estômago e do sexo, terá conseguido o valioso recurso terapêutico preventivo em relação a essa parasitose infeliz, que o mantém em círculos viciosos, nas faixas mais primárias das reencarnações reeducativas. “O Espírito não foi criado por Deus para sofrer. O sofrimento é sua opção pessoal, em face da vigência do amor que felicita, em todo lugar, aguardando por ele. Todavia, como decorrência da sensualidade a que se escraviza, retarda a felicidade que lhe está destinada. Damos aqui, à palavra sensualidade, uma abrangência maior: paixão pelo comer, vestir, gozar, viver nos limites dos interesses pessoais, mantendo os sentimentos adstritos aos impositivos orgânicos, dos quais não prescinde, sem espaço mental ou emocional para a renúncia, a abnegação, a fraternidade... Enquanto vigerem aqueles arcabouços primários na personalidade, o intercâmbio com outros semelhantes é inevitável. “O mesmo ocorre, sem dúvida, entre os indivíduos que vivem as emoções da sua natureza espiritual, cuja sintonia é natural com as Fontes da Vida, de onde procede a inspiração do bem, do bom e do belo, atraindo-os para as conquistas gloriosas do amor.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 19)

II Classificação dos espíritos segundo o Espiritismo

II.1. Escala espírita: ordens e classes de espíritos segundo sua evolução

“DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS. 96. São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia? “São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.” **97.** As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número determinado? “São ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais. “Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.” **98.** Os Espíritos da segunda ordem, para os quais o bem constitui a preocupação dominante, têm o poder de praticá-lo?

“Cada um deles dispõe desse poder, de acordo com o grau de perfeição a que chegou. Assim, uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas.” **99.** Os da terceira categoria são todos essencialmente maus? “Não; uns há que não fazem nem o mal nem o bem; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando se lhes depara ocasião de praticá-lo. Há também os levianos ou estouvados, mais perturbadores do que malignos, que se comprazem antes na malícia do que na malvadez e cujo prazer consiste em mistificar e causar pequenas contrariedades, de que se riem.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“ESCALA ESPÍRITA. 100. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. - A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência. Assim, é natural que inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os Espíritos nenhuma importância ligam ao que é puramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo. Deixam a nós a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, os sistemas. Façamos ainda uma consideração que não se deve jamais perder de vista, a de que entre os Espíritos, do mesmo modo que entre os homens, há os muito ignorantes, de maneira que nunca serão demais as cautelas que se tomem contra a tendência a crer que, por serem Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste mundo, os ignorantes, os inaptos a apreender uma síntese, a formular um sistema. Só muito imperfeitamente percebem ou compreendem uma classificação qualquer. Consideram da primeira categoria todos os Espíritos que lhes são superiores, por não poderem apreciar as gradações de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como sucede entre nós a um homem rude com relação aos

civilizados. Mesmo os que sejam capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes, quanto às particularidades, conformemente aos pontos de vista em que se achem, sobretudo ao se tratar de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a Botânica houvesse em consequência experimentado modificação alguma. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também nós procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram. Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição. Esta divisão nos pareceu perfeitamente racional e com caracteres bem positivados. Só nos restava pôr em relevo, mediante subdivisões em número suficiente, os principais matizes do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram. Com o auxílio desse quadro, fácil será determinar-se a ordem, assim como o grau de superioridade ou de inferioridade dos que possam entrar em relações conosco e, por conseguinte, o grau de confiança ou de estima que mereçam. É, de certo modo, a chave da ciência espírita, porquanto só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos acerca das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Faremos, todavia, notar que estes não ficam pertencendo, exclusivamente, a tal ou tal classe. Sendo sempre gradual, o progresso deles é muitas vezes mais acentuado num sentido do que em outro, podendo acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

II.2. Terceira ordem – Espíritos imperfeitos (dividida em cinco classes)

“**TERCEIRA ORDEM. - ESPÍRITOS IMPERFEITOS. 101. CARACTERES GERAIS.** - Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são consequentes. Têm a intuição de Deus, mas não o

compreendem. Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já denotam a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e rejubilam quando uma ocasião se lhes depara de praticá-lo. A inteligência pode achar-se neles aliada à maldade ou à malícia; seja, porém, qual for o grau que tenham alcançado de desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e mais ou menos abjetos seus sentimentos. Restritos conhecimentos têm das coisas do mundo espírita e o pouco que sabem se confunde com as ideias e preconceitos da vida corporal. Não nos podem dar mais do que noções errôneas e incompletas; entretanto, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, o observador atento encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores. Na linguagem de que usam se lhes revela o caráter. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem. Consequentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito desta ordem. Eles veem a felicidade dos bons e esse espetáculo lhes constitui incessante tormento, porque os faz experimentar todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar. Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, verdadeiramente, pelos males de que padeceram em vida e pelos que ocasionam aos outros. E, como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim julguem. Podem compor cinco classes principais.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**102. Décima classe. ESPÍRITOS IMPUROS.** - São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam. Nas manifestações, se dão a conhecer pela linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos, como nos homens, é sempre indício de inferioridade moral, senão também intelectual. Suas comunicações exprimem a baixeza de seus pendores e, se tentam iludir, falando com sensatez, não conseguem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por se traírem. Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal. Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem se mostram

propensos a todos os vícios geradores das paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia, a cupidez, a avareza sórdida. Fazem o mal por prazer, as mais das vezes sem motivo, e, por ódio ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, pouco importando a categoria social a que pertençam, e o verniz da civilização não os forra ao opróbrio e à ignomínia.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**103. Nona classe.** ESPÍRITOS LEVIANOS. - São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertence os Espíritos vulgarmente tratados de *duendes*, *trasgos*, *gnomos*, *diabretes*. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores. Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se servem é, amiúde, espirituosa e faceta, mas quase sempre sem profundidade de ideias. Aproveitam-se das esquisitices e dos ridículos humanos e os apreciam, mordazes e satíricos. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**104. Oitava classe.** ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS. - Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e ideias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais polpudos, através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam despir-se.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**105. Sétima classe.** ESPÍRITOS NEUTROS. - Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**106. Sexta classe.** ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES. - Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as classes da terceira ordem. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do

ar, etc. Afiguram-se, mais do que outros, presos à matéria. Parecem ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros, quer nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses fenômenos não derivam de uma causa fortuita ou física, quando denotam caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir tais fenômenos, mas os de ordem elevada os deixam, de ordinário, como atribuições dos subalternos, mais aptos para as coisas materiais do que para as coisas da inteligência; quando julgam úteis as manifestações desse gênero, lançam mão destes últimos como seus auxiliares.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“[...] Estamos numa colônia purgatorial de vasta expressão. Quem não cumpre aqui dolorosa penitência regenerativa, pode ser considerada inteligência subumana. Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a ideia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. O contanto com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exercermos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas. [...]” (AL, *Libertação*, Capítulo 4)

“Na cultura religiosa do passado e do presente encontraremos esses seres sob a denominação de devas, dementais, fadas, gênios, silfos, elfos, djins, faunos... A senhora Helena Blavatsky fez uma exaustiva pesquisa a tal respeito e os classificou largamente. Os cabalistas também classificaram os Elementais mais evoluídos, encarregados do Ar, da Terra, do Fogo e da Água, respectivamente, Gnomos, Sílides, Salamandras e Ondinas... Referimo-nos a essas anotações, para demonstrar como o assunto prossegue em discussão e pesquisa valiosas. “Não atribuindo a esses seres um critério excepcional na ordem da Criação, sabemos que estão em Trânsito evolutivo, mediante as reencarnações entre o psiquismo do *Primata homini* e o *Homo sapiens*, ainda destituídos de discernimento, ingênuos e simples na sua estrutura espiritual íntima e que são utilizados pelos Espíritos, encarnados ou não, para uma ou outra atividade, conforme nos tem demonstrado a experiência neste campo”. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 9)

II.3. Segunda ordem – Espíritos bons (dividida em quatro classes)

“SEGUNDA ORDEM. - BONS ESPÍRITOS. 107. CARACTERES GERAIS. - Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupem, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos. Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une lhes é fonte de inefável ventura, que não tem a perturbá-la nem a inveja, nem os remorsos, nem nenhuma das más paixões que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Todos, entretanto, ainda têm que passar por provas, até que atinjam a perfeição. Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles a quem não é grato sofrê-la. Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os seus semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem. A esta ordem pertence os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de *bons gênios*, *gênios protetores*, *Espíritos do bem*. Em épocas de superstições e de ignorância, eles hão sido elevados à categoria de divindades benfazejas. Podem ser divididos em quatro grupos principais.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“108. Quinta classe. ESPÍRITOS BENÉVOLOS. - A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Hão progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“109. Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS. - Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“110. Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA. - As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos,

são dotados de uma capacidade intelectual que lhes facultava juízo reto sobre os homens e as coisas.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“111. Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES. - Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemente com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem. Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“Instantes depois, divisei ao longe dois vultos enormes que me impressionaram vivamente. Pareciam dois homens de substância indefinível, semiluminosa. Dos pés e dos braços pendiam filamentos estranhos, e da cabeça como que se escapava um longo fio de singulares proporções. Tive a impressão de identificar dois autênticos fantasmas. Não suportei. Cabelos eriçados, voltei apressadamente ao interior. Inquieto e amedrontado, expus a Narcisa a ocorrência, notando que ela mal continha o riso. – Ora essa, meu amigo - disse, por fim, mostrando bom humor -, não reconheceu aquelas personagens? Fundamente desapontado, nada consegui responder, mas Narcisa continuou: – Também eu, por minha vez, experimentei a mesma surpresa, em outros tempos. Aqueles são os nossos próprios irmãos da Terra. Trata-se de poderosos espíritos que vivem na carne em missão redentora e podem, como nobres iniciados da Eterna Sabedoria, abandonar o veículo corpóreo, transitando livremente em nossos planos. Os filamentos e fios que observou são singularidades que os diferenciam de nós outros. Não se arreceie, portanto. Os encarnados, que conseguem atingir estas paragens, são criaturas extraordinariamente espiritualizadas, apesar de obscuras ou humildes na Terra. E, encorajando-me bondosamente, acentuou: – Vamos até lá. Temos quarenta minutos depois de meia-noite. Os Samaritanos não podem tardar. Satisfeito, voltei com ela ao grande portão. Lobrigava-se, ainda, a enorme distância, os dois vultos que se afastavam de “Nosso Lar”, tranquilamente. A enfermeira contemplou-os, fez um gesto expressivo de reverência e exclamou: – Estão envolvidos em claridade azul. Devem ser dois mensageiros muito elevados na esfera carnal, em tarefa que não podemos conhecer.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 33)

“Irmã Clara, depois de expressivo entendimento com o nosso orientador, solicitou que nos mantivéssemos a pequena distância, e, abeirando-se da genitora de Evelina, que tanto quanto a enferma não nos percebia a presença, alongou os braços em prece. Sob forte emoção, acompanhei o formoso quadro que se desdobrou, divino, ao nosso olhar. Gradativamente, o recinto foi invadido por vasto círculo de luz, do qual se fizera a instrutora o núcleo irradiante. Assemelhava-se nossa amiga a uma estrela repentinamente trazida à Terra, com os dois braços distendidos em forma de asas, prestes a desferir excelso voo... Cercava-a enorme halo de dourado esplendor, como se ouro eterizado e luminescente lhe emoldurasse a forma leve e sublime... Dos revérberos dessa natureza, passavam as irradiações a tonalidades diferentes, em círculos fechados sobre si mesmos, caminhando dos reflexos de ouro e opala ao róseo vivo, do róseo vivo ao azul celeste, do azul celeste ao verde claro e do verde claro ao violeta suave, que se transfundia em outros aspectos a me escaparem da apreciação... Tive a ideia de que a irmã Clara se convertera no centro de milagroso arco-íris, cuja existência nunca pudera vislumbrar. Fizera-se a casa excessivamente estreita para aquela abençoada fonte de raios balsamizantes e indefiníveis. Reparei que a própria Odila se aquietara como que dominada por branda coação. Extático, mal consegui articular alguns monossílabos, procurando esclarecimento em nosso instrutor. - Irmã Clara - informou o Ministro, igualmente enlevado - já atingiu o total equilíbrio dos centros de força que irradiam ondulações luminosas e distintas. Em oração, ao influxo da mente enaltecida, emite as vibrações do seu sentimento purificado, que constituem projeções de harmonia e beleza a lhe fluírem do ser. Se partilhássemos com ela a mesma posição evolutiva, entrariamos agora em relação imediata com o elevado plano de consciência em que se exterioriza e, então, em vez de somente observarmos este deslumbramento de luz e cor, perceberíamos a mensagem glorificada que lhe nasce do coração, de vez que as irradiações sob nossos olhos são música e linguagem, sabedoria e amor do pensamento a expressar-se maravilhoso e vivo... A sintonia espiritual perfeita, porém, só é possível entre aqueles que se confundem na afinidade completa...” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 23)

II.4. Primeira ordem – Espíritos puros (classe única)

“PRIMEIRA ORDEM. - ESPÍRITOS PUROS.

112. CARACTERES GERAIS. - Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**113.** *Primeira classe.* CLASSE ÚNICA. - Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus. Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de *ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins. Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“Impressionado com as informações, adiantei: – Como deve ser respeitável essa benfeitora!... – Você diz muito bem - atalhou Narcisa, com reverência -, é criatura das mais elevadas de nossa colônia espiritual. Os onze Ministros, que com ela atuam na Regeneração, ouvem-na antes de tomar qualquer providência de vulto. Em numerosos processos, a Governadoria se socorre dos seus pareceres. Com exceção do Governador, a Ministra Veneranda é a única entidade, em “Nosso Lar”, que já viu Jesus nas Esferas Resplandescentes, mas nunca comentou esse fato de sua vida espiritual e esquivou-se à menor informação a tal respeito. Além disso, há outra nota interessante, relativamente a ela. Um dia, há quatro anos, “Nosso Lar” amanheceu em festa. As Fraternidades da Luz, que regem os destinos cristãos da América, homenagearam Veneranda conferindo-lhe a medalha do Mérito de Serviço, a primeira entidade da colônia que conseguiu, até hoje, semelhante triunfo, apresentando um milhão de horas de trabalho útil, sem interromper, sem reclamar e sem esmorecer. Generosa comissão veio trazer a honrosa mercê, mas em meio do júbilo geral, reunidos a Governadoria, os Ministérios e a multidão, na praça maior, a Ministra Veneranda apenas chorou em silêncio. Entregou, em seguida, o troféu aos arquivos da cidade, afirmando que não o merecia e transmitindo-o à personalidade coletiva da colônia, apesar dos protestos do Governador. Desistiu de todas as homenagens festivas com que se pretendia comemorar, mais tarde, o acontecimento, jamais comentando a honrosa

conquista. – Extraordinária mulher! - Disse eu - por que não se encaminharia a esferas mais altas? Narcisa baixou o tom de voz e declarou: – Intimamente, ela vive em zonas muito superiores à nossa e permanece em “Nosso Lar” por espírito de amor e sacrifício. Soube que essa benfeitora sublime vem trabalhando, há mais de mil anos, pelo grupo de corações bem-amados que demoram na Terra, e espera com paciência.” (AL, *Nosso lar*; Capítulo 32)

“Nesse instante, sob nossos olhos atônitos, alguém apareceu no gabinete, entre a vegetação e o céu. Semelhava-se a um sacerdote de culto desconhecido, trajando túnica liral. Fisionomia simpática de ancião, apresentava-se nimbado de luz indescritível e seu olhar nos mantinha extasiados e presos, num misto de veneração e encantamento, sem que nos fosse possível qualquer fuga mental de sua presença sublime. Via-se-lhe apenas o busto cheio, parecendo-me que os seus membros inferiores se ocultavam naturalmente na folhagem abundante. Seus braços e mãos, todavia, revelavam-se com todas as minudências anatômicas, porque com a destra nos abençoava num gesto amplo, mantendo na outra mão pequeno rolo de pergaminhos brilhantes, deixando-nos perceber dourado cordão atado à cinta. Visivelmente sensibilizado, o diretor da casa saudou, nominalmente: – Venerável Asclépios, sê conosco! O emissário, em voz clara e sedutora, desejou-nos a Paz do Cristo e, em seguida, dirigiu-nos a palavra em tom inexprimível na linguagem humana (abstenho-me aqui de qualquer tradução incompleta e imperfeita, atendendo a imperativos de consciência). Ouvimo-lo sob infinita emoção, sem que qualquer de nós contivesse as lágrimas. O verbo do admirável mensageiro que chegava de Esferas Superiores, trazendo-nos a bênção divina, caia-nos n’alma de modo intraduzível e acordava-nos o espírito eterno para a infinita glória de Deus e da vida imortal. Não conseguiria descrever o que se passava em mim próprio. Jamais escutara alguém com aquele misterioso e fascinante poder magnético de fixação dos ensinamentos de que se fizera emissário. Ao abençoar-nos, ao término da maravilhosa alocução, irradiavam-se de sua destra muito alva pequeninos focos de luz, em forma de minúsculas estrelas que se projetavam sobre nós, invadindo-nos o tórax e a frente e fazendo-nos experimentar o júbilo inenarrável de quem sorve, feliz, vigorosos e renovadores alentos da vida. [...] - Pertence Asclépios a comunidades redimidas do Plano dos imortais, nas regiões mais elevadas da zona espiritual da Terra. Vive muito acima de nossas noções de forma, em condições inapreciáveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo contato direto com a Crosta Terrestre e só poderia fazer-se sentir, por lá, através de enviados e missionários de grande poder. Apreciable é o sacrifício dele, vindo até nós, embora a melhoria

de nossa posição, em relação aos homens encarnados. Vem aqui raramente. Não obstante, algumas vezes, outros mentores da mesma categoria visitam-nos por piedade fraternal. [...] Não me deixei impressionar e prossegui perguntando: – Asclépios, todavia, não mais reencarnará na Crosta? O instrutor gesticulou, significativamente e esclareceu: – Poderá reencarnar em missão de grande benemerência, se quiser, mas a intervalos de cinco a oito séculos entre as reencarnações. - Oh! Deus - exclamei - como é grandioso semelhante estado de elevação! – Constitui sagrado estímulo para todos nós - ajuntou o mentor atenciosamente. - Devemos acreditar - interoguei, admirado - seja esse o mais alto grau de desenvolvimento espiritual no Universo? O diretor da casa sorriu, compassivo, em face de minha ingenuidade e considerou: – De modo algum. Asclépios relaciona-se entre abnegados mentores da Humanidade Terrestre, partilha da soberana elevação da coletividade a que pertence, mas, efetivamente, é ainda entidade do nosso Planeta, funcionando, embora, em círculos mais altos de vida. Compete-nos peregrinar muito tempo, no campo evolutivo, para lhe atingirmos as pegadas; no entanto, acreditamos que o nosso visitante sublime suspira por integrar-se no quadro de representantes do nosso orbe, junto às gloriosas comunidades que habitam, por exemplo, Júpiter e Saturno. Os componentes dessas, por sua vez, esperam, ansiosos, o instante de serem convocados às divinas assembleias que regem o nosso sistema solar. Entre essas últimas, estão os que aguardam, cuidadosos e vigilantes, o minuto em que serão chamados a colaborar com os que sustentam a constelação de Hércules, a cuja família pertencemos. Os que orientam nosso grupo de estrelas aspiram, naturalmente, a formar, um dia, na coroa de gênios celestiais que amparam a vida e dirigem-na, no sistema galáctico em que nos movimentamos. E sabe meu amigo que a nossa Via-Láctea, viveiro e fonte de milhões de mundos, é somente um detalhe da Criação Divina, uma nesga do Universo!...” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 3)

III Anjos e demônios

“ANJOS E DEMÔNIOS. 128. Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos? “Não; são os Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.” A palavra anjo desperta geralmente a ideia de perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes à designação de todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, o termo é sinônimo de Espírito ou de gênio. Tomamo-lo aqui

na sua melhor acepção. **129.** Os anjos hão percorrido todos os graus da escala? “Percorreram todos os graus, mas do modo que havemos dito: uns, aceitando sem murmurar suas missões, chegaram depressa; outros, gastaram mais ou menos tempo para chegar à perfeição.” **130.** Sendo errônea a opinião dos que admitem a existência de seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas, como se explica que essa crença esteja na tradição de quase todos os povos? “Fica sabendo que o mundo onde te achas não existe de toda a eternidade e que, muito tempo antes que ele existisse, já havia Espíritos que tinham atingido o grau supremo. Acreditaram os homens que eles eram assim desde todos os tempos.” **131.** Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra? “Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvera criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome.” A palavra *demônio* não implica a ideia de Espírito mau, senão na sua acepção moderna, porquanto o termo grego *daímon*, donde ela derivou, significa *gênio, inteligência* e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente. Por demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos. Como todas as coisas, eles teriam sido criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres prepostos, por sua natureza, ao mal e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, como ele, desde toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas. A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, à dos demônios, no sentido absoluto, falta esta base essencial. Concebe-se que povos atrasados, os quais, por desconhecem os atributos de Deus, admitem em suas crenças divindades maléficas, também admitam demônios; mas, é ilógico e contraditório que quem faz da bondade um dos atributos essenciais de Deus suponha haver ele criado seres destinados ao mal e a praticá-lo perpetuamente, porque isso equivale a lhe negar a bondade. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo. Não seremos nós quem conteste a autoridade de seus ensinamentos, que desejáramos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém, estarão aqueles partidários certos do sentido que ele dava a esse vocábulo? Não é sabido que a forma alegórica constitui um dos caracteres distintivos da sua linguagem? Dever-se-á tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova além da que nos fornece esta passagem: “Logo após esses dias de

aflição, o Sol escurecerá e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu se abalarão. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas estas coisas se tenham cumprido.” Não temos visto a Ciência contraditar a *forma* do texto bíblico, no tocante à Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras de que se serviu o Cristo, que tinha de falar de acordo com os tempos e os lugares? Não é possível que ele haja dito conscientemente uma falsidade. Assim, pois, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem, ou as interpretamos mal. Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebelam contra as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, porém que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem. Poder-se-ia, pois, aceitar o termo *demônio* com esta restrição. Como o entendem atualmente, dando-se-lhe um sentido exclusivo, ele induziria em erro, com o fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal. Satanás é evidentemente a personificação do mal sob forma alegórica, visto não se poder admitir que exista um ser mau a lutar, como de potência a potência, com a Divindade e cuja única preocupação consistisse em lhe contrariar os desígnios. Como precisa de figuras e imagens que lhe impressionem a imaginação, o homem pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram as qualidades ou os defeitos humanos. É assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, o pintaram com a figura de um velho munido de uma foice e uma ampulheta. Representá-lo pela figura de um mancebo fora contrassenso. O mesmo se verifica com as alegorias da fortuna, da verdade, etc. Os modernos representaram os anjos, os puros Espíritos, por uma figura radiosa, de asas brancas, emblema da pureza; e Satanás com chifres, garras e os atributos da animalidade, emblema das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como vira outrora Saturno na alegoria do Tempo.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

III.1. Anjos

“**OS ANJOS SEGUNDO A IGREJA. 1.** Todas as religiões têm tido anjos sob vários nomes, isto é, seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. Negando toda a existência espiritual fora

da vida orgânica, o materialismo naturalmente classificou os anjos entre as ficções e alegorias. A crença nos anjos é parte essencial dos dogmas da Igreja, que assim os define: **2.** “Acreditamos firmemente, diz um concílio geral e ecumênico (Concílio de Latrão), que só há um Deus verdadeiro, eterno e infinito, que *no começo dos tempos* tirou *conjuntamente* do nada as duas criaturas - espiritual e corpórea, angélica e mundana - tendo formado depois, como elo entre as duas, a natureza humana, composta de corpo e Espírito.” “Tal é, segundo a fé, o plano divino na obra da criação, plano majestoso e completo como convinha à eterna sabedoria. Assim concebido, ele oferece aos nossos pensamentos o ser em todos os seus graus e condições.” “Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais; na última ordem, uma e outra puramente materiais e, intermediariamente, uma união maravilhosa das duas substâncias, uma vida ao mesmo tempo comum ao Espírito inteligente e ao corpo organizado.” “Nossa alma é de natureza simples e indivisível, porém limitada em suas faculdades. A ideia que temos da perfeição faz-nos compreender que pode haver outros seres simples quanto ela, e superiores por suas qualidades e privilégios.” “A alma é grande e nobre, porém, está associada à matéria, servida por órgãos frágeis e limitada no poder e na ação. Por que não haver outras ainda mais nobres, libertas dessa escravidão, dessas peias e dotadas de uma força e atividade maiores e incomparáveis? Antes que Deus houvesse colocado o homem na Terra, para conhecê-lo, servi-lo, e amá-lo, não teria já chamado outras criaturas, a fim de compor-lhe a corte celeste e adorá-lo no auge da glória? Deus, enfim, recebe das mãos do homem os tributos de honra e homenagem deste universo: é, portanto, de admirar que receba das mãos dos anjos o incenso e as orações do homem? Se, pois, os anjos não existissem, a grande obra do Criador não patentearia o acabamento e a perfeição que lhe são peculiares; este mundo, que atesta a sua onipotência, não fora mais a obra-prima da sabedoria; nesse caso, a nossa razão, posto que fraca, poderia conceber um Deus mais completo e consumado. Em cada página dos sagrados livros, do Velho como do Novo Testamento, se fez menção dessas inteligências sublimes, já em piedosas invocações, já em referências históricas. A sua intervenção aparece manifestamente na vida dos patriarcas e dos profetas. Serve-se Deus de tal ministério, ora para transmitir a sua vontade, ora para anunciar futuros acontecimentos, e os anjos são também quase sempre órgãos de sua justiça e misericórdia. A sua presença ressalta das circunstâncias que acompanham o nascimento, a vida e a paixão do Salvador; a sua lembrança é inseparável da dos grandes homens, como dos fatos mais grandiosos da antiguidade religiosa. A crença nos anjos existe no seio mesmo do politeísmo e nas fábulas da mitologia, porque essa

crença é tão universal e antiga quanto o mundo. O culto que os pagãos prestavam aos bons e maus gênios não era mais que falsa aplicação da verdade, um resto degenerado do primitivo dogma. As palavras do santo concílio de Latrão contêm fundamental distinção entre os anjos e os homens: – ensinam-nos que os primeiros são puros Espíritos, enquanto que os segundos se compõem de um corpo e de uma alma, isto é, que a natureza angélica subsiste por si mesma não só sem mistura como dissociada da matéria, por mais vaporosa e sutil que se suponha, ao passo que a nossa alma, igualmente espiritual, associa-se ao corpo de modo a formar com ele uma só pessoa, *sendo tal e essencialmente o seu destino.*” “Enquanto perdura tão íntima ligação de alma e corpo, as duas substâncias têm vida comum e se exercem recíproca influência; daí o não poder a alma libertar-se completamente das imperfeições de tal condição: as ideias chegam-lhe pelos sentidos na comparação dos objetos externos e sempre debaixo de imagens mais ou menos aparentes. Eis por que a alma não pode contemplar-se a si mesma, nem conceber Deus e os anjos sem atribuir-lhes forma visível e palpável. O mesmo se dá quanto aos anjos, que para se manifestarem aos santos e profetas hão de revestir formas tangíveis e palpáveis. Essas formas, no entanto, não passavam de corpos aéreos que faziam mover-se e identificar-se com eles, ou de atributos simbólicos de acordo com a missão a seu cargo.” “Seu ser e movimentos não são localizados nem circunscritos a limitado e fixo ponto do Espaço. Desligados integralmente do corpo, não ocupam qualquer espaço no vácuo; mas assim como a nossa alma existe integral no corpo e em cada uma de suas partes, assim também os anjos estão, e quase que simultaneamente, em todos os pontos e partes do mundo. Mais rápidos que o pensamento, podem agir em toda parte num dado momento, operando por si mesmos sem outros obstáculos, senão os da vontade do Criador e os da liberdade humana. Enquanto somos condenados a ver lenta e limitadamente as coisas externas; enquanto as verdades sobrenaturais se nos afiguram enigmas num espelho, na frase de S. Paulo, eles, os anjos, veem sem esforço o que lhes importa saber, e estão sempre em relação imediata com o objeto de seus pensamentos. *Os seus conhecimentos são resultantes não da indução e do raciocínio*, mas dessa intuição clara e profunda que abrange de uma só vez o gênero e as espécies deles derivadas, os princípios e as consequências que deles decorrem. A distância das épocas, a diferença de lugares, como a multiplicidade de objetos, confusão alguma podem produzir em seus espíritos.” “Infinita, a essência divina é incompreensível; tem mistérios e profundezas que se não podem penetrar; mas em lhes serem defesos os desígnios particulares da Providência, ela lhes desvenda quando em certas circunstâncias são encarregados de os anunciarem aos homens.

As comunicações de Deus com os anjos e destes entre si, não se fazem como entre nós por meio de sons articulados e de sinais sensíveis. As puras inteligências não têm necessidade nem de olhos para ver, nem de ouvidos para ouvir; tampouco possuem órgão vocal para manifestar seus pensamentos. Este instrumento usual de nossas relações é-lhes desnecessário, pois comunicam seus sentimentos de modo só a eles peculiar, isto é, todo espiritual. Basta-lhes querer para se compreenderem. Unicamente Deus conhece o número dos anjos. Este número não é, sem dúvida, infinito, nem pudera sê-lo; porém, segundo os autores sagrados e os santos doutores, é assaz considerável, verdadeiramente prodigioso. Se se pode proporcionar o número de habitantes de uma cidade à sua grandeza e extensão, e sendo a Terra apenas um átomo comparada ao firmamento e às imensas regiões do Espaço, força é concluir que o número dos habitantes do ar e do céu é muito superior ao dos homens. E se a majestade dos reis se ostenta pelo brilhantismo e número dos vassalos, dos oficiais e dos súditos, que haverá de mais próprio a dar-nos ideia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam céus e Terra, mar e abismos, a dignidade dos que permanecem continuamente prostrados ou de pé ante seu trono?” “Os padres da Igreja e os teólogos ensinam geralmente que os anjos se dividem em três grandes hierarquias ou principados, e cada hierarquia em três companhias ou coros.” “Os da primeira e mais alta hierarquia designam-se conformemente às funções que exercem no céu: – Os *Serafins* são assim designados por serem como que abrasados perante Deus pelos ardores da caridade; outros, os *Querubins*, por isso que refletem luminosamente a divina sabedoria; e finalmente *Tronos* os que proclamam a grandeza do Criador, cujo brilho fazem resplandecer.” “Os anjos da segunda hierarquia recebem nomes consentâneos com as operações que se lhes atribui no governo geral do Universo, e são: as *Dominações*, que determinam aos anjos de classes inferiores suas missões e deveres; as *Virtudes*, que promovem os prodígios reclamados pelos grandes interesses da Igreja e do gênero humano; e as *Potências*, que protegem por sua força e vigilância as leis que regem o mundo físico e moral.” “Os da terceira hierarquia têm por missão a direção das sociedades e das pessoas, e são: os *Principados*, encarregados de reinos, províncias e dioceses; os *Arcanjos*, que transmitem as mensagens de alta importância, e os *Anjos de guarda*, que acompanham as criaturas a fim de velarem pela sua segurança e santificação.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VIII)

“**REFUTAÇÃO. 3.** O princípio geral resultante dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à Humanidade, *criaturas privilegiadas e votadas à felicidade suprema e eterna*

desde a sua formação, dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e conhecimentos, nada tendo feito, aliás, para adquiri-los. Estão, por assim dizer, no primeiro plano da Criação, contrastando com o último onde a vida é puramente material; e, entre os dois, medianamente existe a Humanidade, isto é, as almas, seres inferiores aos anjos e ligados a corpos materiais. De tal sistema decorrem várias dificuldades capitais: – Em primeiro lugar, que vida é essa puramente material? Será a da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida por si mesma. Acaso referir-se-á aos animais e às plantas? Neste suposto seria uma quarta ordem na Criação, pois não se pode negar que no animal inteligente algo há de mais que numa planta, e nesta, que numa simples pedra. Quanto à alma humana, que estabelece a transição, essa fica diretamente unida a um corpo, matéria bruta, aliás; porque sem alma o corpo tem tanta vida como qualquer bloco de terra. Evidentemente, esta divisão é obscura e não se compadece com a observação; assemelha-se à teoria dos quatro elementos, anulada pelos progressos da Ciência. Admitamos, entretanto, estes três termos: – a criatura espiritual, a humana e a corpórea, pois que tal é, dizem, o plano divino, majestoso e completo como convém à Eterna Sabedoria. Notemos, antes de tudo, que não há ligação alguma necessária entre esses três termos, e que são três criações distintas e formadas sucessivamente, ao passo que em a Natureza tudo se encadeia, mostrando-nos uma lei de unidade admirável, cujos elementos, não passando de transformações entre si, têm, contudo, seus laços de união. Mas essa teoria, incompleta embora, é, até certo ponto, verdadeira, quanto à existência dos três termos: faltam-lhe os pontos de contato desses termos, como é fácil demonstrar. **4.** Diz a Igreja que esses três pontos culminantes da Criação são necessários à harmonia do conjunto. Desde que lhe falte um só que seja, a obra incompleta não mais se compadece com a Sabedoria Eterna. Entretanto, um dos dogmas fundamentais diz que a Terra, os animais, as plantas, o Sol e as estrelas e até a luz foram criados do *nada*, há seis mil anos. Antes dessa época não havia, portanto, criatura humana nem corpórea - o que importa dizer que no decurso da eternidade a obra divina jazia imperfeita. É artigo de fé capital a criação do Universo, há seis mil anos, tanto que há pouco ainda era a Ciência anatematizada por destruir a cronologia bíblica, provando maior ancianidade da Terra e de seus habitantes. Apesar disso, o concílio de Latrão, concílio ecumênico que faz lei em matéria ortodoxa, diz: “*Acreditamos firmemente* num Deus único e verdadeiro, eterno e infinito, que *no começo dos tempos* tirou *conjuntamente* do nada as duas criaturas - espiritual e corpórea.” Por *começo dos tempos* só podemos inferir a eternidade transcorrida, visto ser o tempo

infinito como o Espaço, sem começo nem fim. Esta expressão, *começo dos tempos*, é antes uma figura que implica a ideia de uma anterioridade *ilimitada*. O concílio de Latrão acredita, pois, *firmemente*, que as criaturas espirituais como as corpóreas foram simultaneamente formadas e tiradas *em conjunto* do nada, numa época indeterminada, no passado. A que fica reduzido, assim, o texto bíblico que data a Criação de seis mil dos nossos anos? E, ainda que se admita seja tal o começo do Universo visível, esse não é seguramente o começo dos tempos. Em qual crer: – no concílio ou na Bíblia? **5.** O concílio formula, além disso, uma estranha proposição: “Nossa alma, diz, igualmente espiritual, é associada ao corpo de maneira a não formar com ele mais que uma pessoa, e *tal é, essencialmente, o seu destino*.” Ora, se o destino *essencial* da alma é estar unida ao corpo, esta união constitui o estado normal, o desígnio, o fim, por isso que é o seu destino. Entretanto, a alma é imortal e o corpo não; a união daquela com este só se realiza uma vez, segundo a Igreja, e ainda que durasse um século, nada seria em relação à eternidade. E sendo apenas de algumas horas para muitos, que utilidade teria para a alma união tão efêmera? Mas, que se prolongue essa união tanto quanto se pode prolongar uma existência terrena e, ainda assim, poder-se-á afirmar que o *seu destino é estar essencialmente integrada*? Não, essa união mais não é na realidade do que um incidente, um estágio da alma, nunca o seu estado essencial. Se o destino essencial da alma é estar ligada ao corpo humano; se por sua natureza e segundo o fim providencial da Criação, essa união é necessária às manifestações das suas faculdades, forçoso é concluir que, sem corpo, a alma humana é um ser incompleto. Ora, para que a alma preencha os seus desígnios, deixando um corpo preciso se faz que tome um outro - o que nos conduz à pluralidade forçada das existências, ou, por outra, à reencarnação, à perpetuidade. É verdadeiramente estranhável que um concílio, havido por uma das luzes da Igreja, tenha a tal ponto identificado os seres espiritual e material, de modo a não subsistirem por si mesmos, pois que a condição essencial da sua criação é estarem unidos. **6.** O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que várias ordens têm, nas suas atribuições, o governo do mundo físico e da Humanidade, para cujo fim foram criados. Mas, segundo a *Gênese*, o mundo físico e a Humanidade não existem senão há seis mil anos; e o que faziam, pois, tais anjos, anteriormente a essa era, durante a eternidade, quando não existia o objetivo das suas ocupações? E teriam eles sido criados de toda a eternidade? Assim deve ser, uma vez que servem à glorificação do Todo-Poderoso. Mas, criando-os numa época qualquer determinada, Deus ficaria até então, isto é, durante uma eternidade, sem adoradores. **7.** Diz ainda o concílio: “*Enquanto*

dura esta união tão íntima da alma com o corpo.” Há, por conseguinte, um momento em que a união se desfaz? Esta proposição contradita a que sustenta a essencialidade dessa união. E diz mais o concílio: “As ideias lhes chegam pelos sentidos, na comparação dos objetos exteriores.” Eis aí uma doutrina filosófica em parte verdadeira, que não em sentido absoluto. Receber as ideias pelos sentidos é, segundo o eminente teólogo, uma condição inerente à natureza humana; mas ele esquece as ideias inatas, as faculdades por vezes tão transcendentais, a intuição das coisas que a criança traz do berço, não devidas a quaisquer ensinamentos. Por meio de quais sentidos, jovens pastores, naturais calculistas, admiração dos sábios, adquirem ideias necessárias à resolução quase instantânea dos mais complicados problemas? Outro tanto pode dizer-se de músicos, pintores e filólogos precoces. “Os conhecimentos dos anjos não resultam da indução e do raciocínio”; têm-nos porque são anjos, sem necessidade de aprendê-los, pois tais foram criados por Deus: quanto à alma, essa deve aprender. Mas se a alma só recebe as ideias por meio dos órgãos corporais, que ideias pode ter a alma de uma criança morta ao fim de alguns dias, se admitirmos com a Igreja que essa alma não renasce? **8.** Aqui reponta uma questão vital, qual a de saber-se se a alma pode adquirir conhecimentos após a morte do corpo. Se uma vez liberta do corpo não pode adquirir novos conhecimentos, a alma da criança, do selvagem, do imbecil, do idiota ou do ignorante permanecera tal qual era no momento da morte, condenada à nulidade por todo o sempre. Mas se, ao contrário, ela adquire novos conhecimentos depois da vida atual, então, é que pode progredir. Sem progresso ulterior para a alma, chega-se a conclusões absurdas, tanto quanto admitindo-o se conclui pela negação de todos os dogmas fundados sobre o estacionamento, a sorte irrevogável, as penas eternas, etc. Progredindo a alma, qual o limite do progresso? Não há razão para não atingir por ele ao grau dos anjos, ou puros Espíritos. Ora, com tal possibilidade não se justificaria a criação de seres especiais e privilegiados, isentos de qualquer labor, gozando incondicionalmente de eterna felicidade, ao passo que outros seres menos favorecidos só obtêm essa felicidade a troco de longos, de cruéis sofrimentos e rudes provas. Sem dúvida que Deus poderia ter assim determinado, mas, admitindo-lhe o infinito de perfeição sem a qual não fora Deus, força é admitir que coisa alguma criaria inutilmente, desmentindo a sua justiça e bondade soberanas. **9.** “E se a majestade dos reis ostenta o seu brilhantismo pelo número dos vassallos, oficiais e súditos, que haverá de mais próprio a dar-nos ideia da majestade do Rei dos reis do que essa inumerável multidão de anjos que povoam *céu e terra, mar e abismos*, a dignidade dos que permanecem continuamente prostrados ou de pé ante seu trono?” E não

será rebaixar a Divindade confrontá-la com o fausto dos soberanos da Terra? Essa ideia, inculcada no espírito das massas ignorantes, falseia a opinião de sua verdadeira grandeza. Sempre Deus reduzido às mesquinhas proporções da Humanidade! Atribuir-lhe, como necessidade, milhões de adoradores, *perenemente genuflexos*, é emprestar-lhe vaidade e fraqueza próprias dos orgulhosos déspotas do Oriente! E que é que engrandece os soberanos verdadeiramente grandes? É o número e brilho dos cortesãos? Não; é a bondade, é a justiça, é o título merecido de pais do seu povo. Perguntareis se haverá algo de mais próprio a dar-nos a ideia da grandeza e majestade de Deus do que a multidão de anjos que lhe compõem a corte... Mas, certamente que há, e essa coisa melhor é apresentar-se Deus às suas criaturas como soberanamente bom, justo e misericordioso, que não colérico, invejoso, vingativo, exterminador e parcial, criando para sua própria glória esses seres privilegiados, cumulados de todos os dons e nascidos para a felicidade eterna, enquanto a outros impõe condições penosas na aquisição de bens, punindo erros momentâneos com eternos suplícios... **10.** A respeito da união da alma com o corpo, o Espiritismo professa uma doutrina infinitamente mais *espiritualista*, para não dizer *menos materialista*, tendo ao demais a seu favor a conformidade com a observação e o destino da alma. Ele ensina-nos que a alma é independente do corpo, não passando este de temporário invólucro: *a espiritualidade é-lhe a essência, e a sua vida normal é a vida espiritual*. O corpo é apenas instrumento da alma para exercício das suas faculdades nas relações com o mundo material; separada desse corpo, goza dessas faculdades mais livre e altamente. **11.** A união da alma com o corpo, em ser necessária aos seus primeiros progressos, só se opera no período que poderemos classificar como da sua infância e adolescência; atingido, porém, que seja, certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união é prescindível, o progresso faz-se na sua vida de Espírito. Demais, por numerosas que sejam as existências corpóreas, elas são limitadas à existência do corpo, e a sua soma total não compreende, em todos os casos, senão uma parte imperceptível da vida espiritual, que é ilimitada.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VIII)

“OS ANJOS SEGUNDO O ESPIRITISMO. 12.

Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer ao mesmo tempo a origem e natureza de tais seres. As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém, aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim - que é a perfeição - é para todos o mesmo. Conseguem-no mais ou menos prontamente

em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir. Deus não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porquanto é justo, e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções. Ele lhes diz: *Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem; tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte*. Consequentemente, Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem, e foi o homem que criou esse mal, divorciando-se dessas leis; se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho. **13.** Entretanto, a alma, qual criança, é inexperiente nas primeiras fases da existência, e daí o ser falível. Não lhe dá Deus essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Assim, um passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma, que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua custa o que importa evitar. Deste modo, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e adianta na hierarquia espiritual até ao estado de *puro Espírito* ou *anjo*. Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade. Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes, e por cujo desempenho se sentem ditosas, tendo ainda nele um meio de progresso. **14.** A Humanidade não se limita à Terra; habita inúmeros mundos que no Espaço circulam; já habitou os desaparecidos, e habitará os que se formarem. Tendo-a criado de toda a eternidade, Deus jamais cessa de criá-la. Muito antes que a Terra existisse e por mais remota que a suponhamos, outros mundos havia, nos quais Espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que ora percorrem os de mais recente formação, atingindo seu fim antes mesmo que houvéramos saído das mãos do Criador. De toda a eternidade tem havido, pois, puros Espíritos ou anjos; mas, como a sua existência humana se passou num infinito passado, eis que os supomos como se tivessem sido sempre anjos de todos os tempos. **15.** Realiza-se assim a grande lei de unidade da Criação; Deus nunca esteve inativo e sempre teve puros Espíritos, experimentados e esclarecidos, para transmissão de suas ordens e direção do Universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Tampouco teve Deus necessidade de criar seres privilegiados, isentos de obrigações; todos, antigos e novos, adquiriram suas posições na luta e por mérito próprio; todos, enfim, são filhos de suas obras. E, desse modo, completa-se com igualdade a soberana justiça do Criador.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VIII)

III.2. Demônios

“**ORIGEM DA CRENÇA NOS DEMÔNIOS. 1.** Em todos os tempos os demônios representaram papel saliente nas diversas teogonias, e, posto que consideravelmente decaídos no conceito geral, a importância que se lhes atribui, ainda hoje, dá à questão uma tal ou qual gravidade, por tocar o fundo mesmo das crenças religiosas. Eis porque útil se torna examiná-la, com os desenvolvimentos que comporta. A crença num poder superior é instintiva no homem. Encontramo-la, sob diferentes formas, em todas as idades do mundo. Mas, se hoje, dado o grau de cultura atingido, ainda se discute sobre a natureza e atributos desse poder, calcule-se que noções teria o homem a respeito, na infância da Humanidade. **2.** Como prova da sua inocência, o quadro dos homens primitivos extasiados ante a Natureza e admirando nela a bondade do Criador é, sem dúvida, muito poético, mas pouco real. De fato, quanto mais se aproxima do primitivo estado, mais o homem se escraviza ao instinto, como se verifica ainda hoje nos povos bárbaros e selvagens contemporâneos; o que mais o preocupa, ou, antes, o que exclusivamente o preocupa é a satisfação das necessidades materiais, mesmo porque não tem outras. O único sentido que pode torná-lo acessível aos gozos puramente morais não se desenvolve senão gradual e morosamente; a alma tem também a sua infância, a sua adolescência e virilidade como o corpo humano; mas para compreender o abstrato, quantas evoluções não tem ela de experimentar na Humanidade! Por quantas existências não deve ela passar! Sem nos remontarmos aos tempos primitivos, olhemos em torno a gente do campo e perscrutemos os sentimentos de admiração que nela despertam o esplendor do Sol nascente, do firmamento a estrelada abóbada, o trino dos pássaros, o murmúrio das ondas claras, o vergel florido dos prados. Para essa gente o Sol nasce por hábito, e uma vez que desprende o necessário calor para sazonar as searas, não tanto que as creste, está realizado tudo o que ela almejava; olha o céu para saber se bom ou mau tempo sobrevirá; que cantem ou não as aves, tanto se lhe dá, desde que não desbastem da seara os grãos; prefere às melodias do rouxinol, o cacarejar da galinhada e o grunhido dos porcos; o que deseja dos regatos cristalinos, ou lodosos, é que não sequem nem inundem; dos prados, que produzam boa erva, com ou sem flores. Eis aí tudo o que essa gente almeja, ou, o que é mais, tudo o que da Natureza apreende, conquanto muito distanciada já dos primitivos homens. **3.** Se nos remontarmos a estes últimos, então, surpreendê-los-emos mais exclusivamente preocupados com a satisfação de necessidades materiais, resumindo o bem e o mal neste mundo somente no que concerne à satisfação ou prejuízo dessas necessidades. Acreditando num poder extra-humano e porque o prejuízo material é sempre

o que mais de perto lhes importa, atribuem-no a esse poder, do qual fazem, aliás, uma ideia muito vaga. E por nada conceberem fora do mundo visível e tangível, tal poder se lhes afigura identificado nos seres e coisas que os prejudicam. Os animais nocivos não passam para eles de representantes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, veem nas coisas úteis a personificação do bem: daí o culto votado a certas plantas e mesmo a objetos inanimados. Mas o homem é comumente mais sensível ao mal que ao bem; este lhe parece natural, ao passo que aquele mais o afeta. Nem por outra razão se explica, nos cultos primitivos, as cerimônias sempre mais numerosas em honra ao poder maléfico: o temor suplanta o reconhecimento. Durante muito tempo o homem não compreendeu senão o bem e o mal físicos; os sentimentos morais só mais tarde marcaram o progresso da inteligência humana, fazendo-lhe entrever na espiritualidade um poder extra-humano fora do mundo visível e das coisas materiais. Esta obra foi, seguramente, realizada por inteligências de escol, mas que não puderam exceder certos limites. **4.** Provada e patente a luta entre o bem e o mal, triunfante este muitas vezes sobre aquele, e não se podendo racionalmente admitir que o mal derivasse de um benéfico poder, concluiu-se pela existência de dois poderes rivais no governo do mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios, aliás, lógica numa época em que o homem se encontrava incapaz de, raciocinando, penetrar a essência do Ser Supremo. Como compreenderia, então, que o mal não passa de estado transitório do qual pode emanar o bem, conduzindo-o à felicidade pelo sofrimento e auxiliando-lhe o progresso? Os limites do seu horizonte moral, nada lhe permitindo ver para além do seu presente, no passado como no futuro, também não lhe permitia compreender que já houvesse progredido, que progrediria ainda individualmente, e muito menos que as vicissitudes da vida resultavam das imperfeições do ser espiritual nele residente, o qual preexiste e sobrevive ao corpo, na dependência de uma série de existências purificadoras até atingir a perfeição. Para compreender como do mal pode resultar o bem, é preciso considerar não uma, porém, muitas existências; é necessário apreender o conjunto do qual - e só do qual - resultam nítidas as causas e respectivos efeitos. **5.** O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos, e sob vários nomes, a base de todas as crenças religiosas. Vemo-lo assim sintetizado em *Oromase* e *Arimane* entre os persas, em *Jeová* e *Satã* entre os hebreus. Todavia, como todo soberano deve ter ministros, as religiões geralmente admitiram potências secundárias, ou bons e maus gênios. Os pagãos fizeram deles individualidades com a denominação genérica de deuses e deram-lhes atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e

os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios. **6.** A doutrina dos demônios tem, por conseguinte, origem na antiga crença dos dois princípios. Compete-nos examiná-la aqui tão somente no ponto de vista cristão para ver se está de acordo com as noções mais exatas que possuímos hoje dos atributos da Divindade. Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas; os dogmas, o culto, as cerimônias, os usos e a moral, tudo é relativo à ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se forma de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a essência de Deus continua a ser um mistério para as nossas inteligências, compreendemo-la, no entanto, melhor que nunca, mercê dos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo racionalmente ensina-nos que: *Deus é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições.* Foi por isso que algures dissemos - (1ª Parte, cap. VI, "Doutrina das penas eternas"): "Se se tirasse a menor parcela de um só dos seus atributos, não haveria mais Deus, por isso que poderia coexistir um ser mais perfeito." Estes atributos, na sua plenitude absoluta, são, pois, o critério de todas as religiões, estalão da verdade de cada um dos princípios que ensinam. E para que qualquer desses princípios seja verdadeiro, preciso é que não encerre um atentado às divinas perfeições. Vejamos se assim é, de fato, na doutrina vulgar dos demônios." (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IX)

"OS DEMÔNIOS SEGUNDO A IGREJA. 7. *Satanás*, o chefe ou o rei dos demônios, não é, segundo a Igreja, uma personificação alegórica do mal, mas uma *entidade real*, praticando exclusivamente o mal, enquanto que Deus pratica exclusivamente o bem. Tomemo-lo, pois, tal qual no-lo representam. Satanás existe de toda a eternidade, como Deus, ou ser-lhe-á posterior? Existindo de toda a eternidade é *incriado*, e, por consequência, igual a Deus. Este Deus, por sua vez, deixará de ser único, pois haverá um deus do mal. Mas se lhe for posterior? Neste caso passa a ser uma criatura de Deus. Como tal, só praticando o mal por incapaz de fazer o bem e tampouco de arrepender-se, Deus teria criado um ser votado exclusiva e eternamente ao mal. Não sendo o mal obra de Deus, seria, contudo, de uma das suas criaturas, e nem por isso deixava Deus de ser o autor, deixando igualmente de ser profundamente bom. O mesmo se dá, exatamente, em relação aos seres maus chamados demônios. **8.** Tal foi, por muito tempo, a crença neste sentido. Hoje dizem (As citações seguintes são extraídas da pastoral de Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865. Atentos ao mérito pessoal e à posição do autor, podemos considerá-las a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios.): "Deus, que é a bondade e santidade por excelência,

não os havia criado perversos e maus. A mão paternal que se apraz imprimir em todas as suas obras o cunho de infinitas perfeições, cumulava-os de magníficos predicados. Às qualidades eminentíssimas de sua natureza, juntara as liberalidades da sua graça; em tudo os fizera iguais aos Espíritos sublimes de glória e felicidade; subdivididos por todas as suas ordens e adstritos a todas as classes, eles tinham o mesmo fim e idênticos destinos. Foi seu chefe o mais belo dos arcanjos. Eles poderiam até ter alcançado a confirmação de justos para todo o sempre, e serem admitidos ao gozo da bem-aventurança dos céus. Este último favor, que deverá ser o complemento de todos os outros, constituiria o prêmio da sua docilidade, mas dele desmereceram por insensata e audaciosa revolta." "Qual foi o escolho da sua perseverança? Que verdade desconhecaram? Que ato de adoração, de fé, recusaram a Deus? *A Igreja e os anais das santas escrituras não no-lo dizem positivamente, mas certo parece* que não aquiesceram à mediação do Filho de Deus, nem à exaltação da natureza humana em Jesus-Cristo." "O Verbo Divino, criador de todas as coisas, é também o mediador e salvador único, na Terra como no Céu. O fim sobrenatural não foi dado aos anjos e aos homens senão na previsão de sua encarnação e méritos, pois não há proporção alguma entre a obra dos Espíritos eminentes e a recompensa, que é o próprio Deus. Nenhuma criatura poderia alcançar tal fim, sem esta maravilhosa e sublime intervenção da caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a sua essência das suas obras, preciso fora reunisse à sua pessoa os dois extremos, associando à divindade as naturezas ou do anjo, ou do homem: e preferiu então a natureza humana. Esse plano, concebido de toda eternidade, foi manifestado aos anjos muito antes da sua execução: o Homem-Deus foi-lhes mostrado como Aquele que deveria confirmá-los na graça e guiá-los à glória, sob a condição de o adorarem durante a missão terrestre, e para todo o sempre no céu. Revelação inesperada, arrebatadora visão para corações generosos e gratos, mas - mistério profundo - humilhante para espíritos soberbos! Esse fim sobrenatural, essa glória imensa que lhes propunham não seria unicamente a recompensa de seus méritos pessoais. Nunca poderiam atribuir a si próprios os títulos dessa glória! Um mediador entre Deus e eles! Que injúria à sua dignidade! E a preferência espontânea pela natureza humana? Que injustiça! Que afronta aos seus direitos!" "E chegarão eles a ver esta Humanidade, que lhes é tão inferior, deificada pela união com o Verbo, sentada à mão direita de Deus em trono resplandecente? Consentirão enfim que ela ofereça a Deus, eternamente, a homenagem da sua adoração?" "Lúcifer e a terça parte dos anjos sucumbiram a tais pensamentos de inveja e de orgulho. S. Miguel e com ele muitos exclamaram: 'Quem é semelhante a Deus?

Ele é o dono de seus dons, o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro, que tem de ser imolado à salvação do mundo.’ O chefe dos rebeldes, porém, esquecido de que a Deus devia a sua nobreza e prerrogativas, raiando pela temeridade, disse: ‘Sou eu quem ao céu subirá; fixarei residência acima dos astros; sentar-me-ei sobre o monte da aliança, nos flancos do *Aquilão*, dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo.’ Os que de tais sentimentos partilharam, acolheram essas palavras com murmúrios de aprovação, e partidários houve em todas as hierarquias. A sua multidão, contudo, não os preserva do castigo.” **9.** Esta doutrina suscita várias objeções: 1ª - Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade desse Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda se tivessem logrado uma tal eminência gradualmente, depois de haver percorrido a escala da perfeição, poderíamos conceber um triste retrocesso; não, porém, do modo por que no-los apresentam, isto é, perfeitos de origem. A conclusão é esta: – Deus quis criar seres perfeitos, porquanto os favorecera com todos os dons, mas enganou-se: logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível! (Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés, quando diz (Gênesis, 6:6 e 7): “Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, penetrado da mais íntima dor, disse: Exterminarei a criação da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem aos animais, desde os que rastejam sobre a terra até os pássaros do céu, porque **me arrependo** de os ter criado.” Ora, um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível; portanto, não é Deus. E são estas as palavras que a Igreja proclama! Tampouco se percebe o que poderia haver de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que merecessem tal extermínio.) 2ª - Pois que nem a Igreja e nem os sagrados anais explicam a causa da rebelião dos anjos para com Deus e apenas dão como problemática (*quase certa*) a relutância no reconhecimento da futura missão do Cristo, que valor - perguntamos - que valor pode ter o quadro tão preciso e detalhado da cena então ocorrente? A que fonte recorreram, para inferir se de fato foram pronunciadas palavras tão claras e até simples colóquios? De duas uma: ou a cena é verdadeira ou não é. No primeiro caso, não havendo dúvida alguma, por que a Igreja não resolve a questão? Mas se a Igreja e a História se calam, se a coisa apenas parece *certa*, claro, não passa de hipótese, e a cena descritiva é mero fruto da imaginação. (Encontra-se em Isaías, 14:11 e seguintes: “Teu orgulho foi precipitado nos infernos; teu corpo morto baqueou por terra; tua cama verterá podridão, e vermes tua vestimenta. Como caíste do Céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante ao romper do dia? Como foste arrojado sobre a Terra, tu

que ferias as nações com teus golpes; que dizias **de coração**: Subirei aos céus, estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei acima das nuvens mais altas e serei igual ao **Altíssimo**! E todavia foste precipitado dessa glória no inferno, até o mais fundo dos abismos. Os que te virem, aproximando-se, encarar-te-ão, dizendo: “Será **este** o homem que turbou a Terra, que aterrou seus reinos, que fez do mundo um deserto, que destruiu cidades e reteve acorrentados os que se lhe entregaram prisioneiros?” Estas palavras do profeta não se referem à revolta dos anjos; são, sim, uma alusão ao orgulho e à queda do rei de Babilônia, que retinha os judeus em cativeiro, como atestam os últimos versículos. O rei de Babilônia é alegoricamente designado por Lúcifer, mas não se faz aí qualquer menção da cena supra descrita. Essas palavras são do rei que as tinha no coração e se colocava por orgulho acima de Deus, cujo povo escravizara. A profecia da libertação do povo judeu, da rainha de Babilônia e do destroço dos assírios é, ao demais, o assunto exclusivo desse capítulo.) 3ª - As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua natureza e grau atingido, não deve participar, quanto à organização do Universo, dos erros e dos prejuízos que os homens têm professado, até serem pela Ciência esclarecidos. Como poderia, então, dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens?! É sempre a velha crença da Terra como centro do Universo, do céu como que formado de nuvens estendendo-se às estrelas, e da limitada região destas, que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito no infinito espaço! Sabendo-se, como hoje se sabe, que as nuvens não se elevam a mais de duas léguas da superfície terráquea, e falando-se em dominá-las por mais alto, referindo-se a montanhas, preciso fora que a observação partisse da Terra, sendo ela, de fato, a morada dos anjos. Dado, porém, ser esta em região superior, inútil fora alçar-se acima das nuvens. Emprestar aos anjos uma linguagem tisonada de ignorância, é confessar que os homens contemporâneos são mais sábios que os anjos. A Igreja tem caminhado sempre erradamente, não levando em conta os progressos da Ciência. **10.** A resposta à primeira objeção acha-se na seguinte passagem: “A escritura e a tradição denominam céu o lugar no qual se haviam colocado os anjos, no momento da sua criação. Mas esse não era o céu dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra de face aos seus eleitos, que o contemplam claramente e sem esforço, porque aí não há mais possibilidade nem perigo de pecado; a tentação e a dúvida são aí desconhecidas; a justiça, a paz e a alegria reinam imutáveis, a santidade e a glória imperecíveis. Era, portanto, outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, essa em que permaneciam tão nobres criaturas favorecidas pelas

divinas comunicações, que deveriam receber com fé e humildade até serem admitidas no conhecimento da sua realidade - essência do próprio Deus.” Do que precede se infere que os anjos decaídos pertenciam a uma categoria menos elevada e perfeita, não tendo atingido ainda o lugar supremo em que o erro é impossível. Pois seja: mas, então, há manifesta contradição nesta afirmativa: – Deus *em tudo* os tinha criado *semelhantes aos espíritos sublimes* que, subdivididos em todas as ordens e adstritos a todas as classes, tinham o mesmo fim e idênticos destinos, e que seu chefe era o mais belo dos arcanjos. Ora, em tudo semelhantes aos outros, não lhes seriam inferiores em natureza; idênticos em categorias, não podiam permanecer em um lugar especial. Intacta subsiste, portanto, a objeção. **11.** E ainda há outra que é, certamente, a mais séria e a mais grave. Dizem: – “Este plano (a intervenção do Cristo), concebido *desde toda a eternidade*, foi manifestado aos anjos muito antes da sua execução.” Deus sabia, portanto, e de toda a eternidade, que os anjos, tanto quanto os homens, teriam necessidade dessa intervenção. Ainda mais: – o Deus onisciente sabia que alguns dentre esses anjos viriam a falir, arcando com a eterna condenação e arrastando a igual sorte uma parte da Humanidade. E assim, de caso pensado, previamente condenava o gênero humano, a sua própria criação. Deste raciocínio não há fugir, porquanto de outro modo teríamos que admitir a inconsciência divina, apregoando a não presciência de Deus. Para nós é impossível identificar uma tal criação com a soberana bondade. Em ambos os casos vemos a negação de atributos, sem a plenitude absoluta dos quais Deus não seria Deus. **12.** Admitindo a falibilidade dos anjos como a dos homens, a punição é consequência, aliás, justa e natural, da falta; mas se admitirmos concomitantemente a possibilidade do resgate, a regeneração, a graça, após o arrependimento e a expiação, tudo se esclarece e se conforma com a bondade de Deus. Ele sabia que errariam, que seriam punidos, mas sabia igualmente que tal castigo temporário seria um meio de lhes fazer compreender o erro, revertendo ao fim em benefício deles. Eis como se explicam as palavras do profeta Ezequiel: – “Deus não quer a morte, porém a salvação do pecador.” A inutilidade do arrependimento e a impossibilidade de regeneração, isso sim, importaria a negação da divina bondade. Admitida tal hipótese, poder-se-ia mesmo dizer, rigorosa e exatamente, que *estes anjos desde a sua criação, visto Deus não poder ignorá-lo, foram votados à perpetuidade do mal, e predestinados a demônios para arrastarem os homens ao mal.* **13.** Vejamos agora qual a sorte desses tais anjos e o que fazem: “Mal apenas se manifestou a revolta na linguagem dos Espíritos, isto é, no arrojo dos seus pensamentos, foram eles banidos da celestial mansão e precipitados no

abismo. Por estas palavras entendemos que foram arremessados a um lugar de suplícios no qual sofrem a pena de fogo, conforme o texto do Evangelho, que é a palavra mesma do Salvador. ‘Ide, malditos, ao fogo eterno preparado pelo demônio e seus anjos.’ S. Pedro expressamente diz: ‘que Deus os prendeu às cadeias e torturas infernais, sem que lá estejam, contudo, perpetuamente, visto como só no fim do mundo serão para sempre enclausurados com os réprobos. Presentemente, Deus ainda permite que ocupem lugar nesta criação, à qual pertencem, na ordem de coisas idênticas à sua existência, nas relações enfim que deviam ter com os homens, e das quais fazem o mais pernicioso abuso. Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da justiça divina *contra as almas infelizes que seduziram*, outros, em número infinito, formam legiões e residem nas camadas inferiores da atmosfera, percorrendo todo o globo. Envolvem-se em tudo que aqui se passa, tomando mesmo parte muito ativa nos acontecimentos terrenos.’” Quanto ao que diz respeito às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, já nos explanamos no cap. IV, “O Inferno”. **14.** Por esta doutrina, apenas uma parte dos demônios está no inferno; a outra vaga em liberdade, envolvendo-se em tudo que aqui se passa, dando-se ao prazer de praticar o mal e isso até o fim do mundo, cuja época indeterminada não chegará tão cedo, provavelmente. Mas, por que uma tal distinção? Serão estes menos culpados? Certo que não, a menos que se não revezem, como se pode inferir destas palavras: “Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da justiça divina *contra as almas infelizes que seduziram*.” Suas ocupações consistem, pois, em martirizar *as almas que seduziram*. Assim, não se encarregam de punir faltas livre e voluntariamente cometidas, porém as que eles próprios provocaram. São ao mesmo tempo a *causa do erro e o instrumento do castigo*; e, coisa singular, que a justiça humana por imperfeita não admitiria - a vítima que sucumbe por fraqueza, em contingências alheias e porventura superiores à sua vontade, é tanto ou mais severamente punida do que o agente provocador que emprega astúcia e artifício, visto como essa vítima, deixando a Terra, vai para o inferno sofrer sem tréguas, nem favor, eternamente, enquanto que o causador da sua primeira falta, o agente provocador, goza de uma tal ou qual dilação e liberdade até o fim do mundo. Como pode a justiça de Deus ser menos perfeita que a dos homens? **15.** Mas, ainda não é tudo: “Deus permite que ocupem lugar nesta criação, nas relações que com o homem deviam ter e das quais abusam perniciosamente.” Deus podia ignorar, no entanto, o abuso que fariam de uma liberdade por ele mesmo concedida? Então, por que a concedeu? Mas nesse caso é com conhecimento de causa que Deus abandona suas criaturas à mercê delas

mesmas, sabendo, pela sua onisciência, que vão sucumbir, tendo a sorte dos demônios. Não serão elas de si mesmas bastante fracas para falirem, sem a provocação de um inimigo tanto mais perigoso quanto invisível? Ainda se o castigo fora temporário e o culpado pudesse remir-se pela reparação!... Mas não: a condenação é irrevogável, eterna! Arrependimento, regeneração, lamentos, tudo supérfluo! Os demônios não passam, portanto, de agentes provocadores e de ante-mão destinados a recrutar almas para o inferno, isto com a permissão de Deus, que antevia, ao criar estas almas, a sorte que as aguardava. Que se diria na Terra de um juiz que recorresse a tal expediente para abarrotar prisões? Estranha ideia que nos dão da Divindade, de um Deus cujos atributos essenciais são: – justiça e bondade soberanas! E dizer-se que é em nome de Jesus, d'Aquele que só pregou amor, perdão e caridade, que tais doutrinas são ensinadas! Houve um tempo em que tais anomalias passavam despercebidas, porque não eram compreendidas nem sentidas; o homem, curvado ao jugo do despotismo, submetia-se à fé cega, abdicava da razão. Hoje, porém, que a hora da emancipação soou, esse homem compreende a justiça, e, desejando-a tanto na vida quanto na morte, exclama: – Não é, não pode ser tal, ou Deus não fora Deus. **16.** “O castigo segue por toda a parte os seres decaídos: o inferno está neles e com eles: nem paz nem repouso, transformadas em amargores as doçuras da esperança, que se lhes torna odiosa. A mão de Deus desferiu-lhes o castigo no ato mesmo de pecarem, e sua vontade galvanizou-se no mal. “Tornados perversos, obstinam-se em o ser e sê-lo-ão para sempre. “São, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. *A reabilitação dos que caíram torna-se também impossível*; a sua perda é, desde então, irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus, no seu ódio contra o Cristo, na sua inveja contra a Humanidade. “Não tendo podido apropriar-se da glória celeste pelo desmesurado da sua ambição, esforçam-se por implantar seu império na Terra, banindo dela o reino de Deus. O Verbo encarnado cumpriu, apesar disso, os seus desígnios para salvação e glória da Humanidade. Também por isso procuram por todos os meios promover a perda das almas pelo Cristo resgatadas: o artifício e a importunação, a mentira e a sedução, tudo põem em jogo para arrastá-las ao mal e consumir-lhes a perda. “E como são infatigáveis e poderosos, a vida do homem com inimigos tais não pode deixar de ser uma luta sem tréguas, do berço ao túmulo. “Efetivamente esses inimigos são os mesmos que, depois de terem introduzido o mal no mundo, chegaram a cobri-lo com as espessas trevas do erro e do vício; os mesmos que, por longos séculos, se fizeram adorar como deuses e que reinaram em absoluto sobre os povos da antiguidade; os mesmos, enfim, que ainda hoje exercem

tirânica influência nas regiões idólatras, fomentando a desordem e o escândalo até no seio das sociedades cristãs. Para compreender todos os recursos de que dispõem ao serviço da malvadez, basta notar que *nada perderam das prodigiosas faculdades que são o apanágio da natureza angélica*. Certo, o futuro e, sobretudo, a ordem natural têm mistérios que Deus se reservou e que eles não podem penetrar; mas a sua inteligência é bem superior à nossa, porque percebem de um jacto os efeitos nas causas e vice-versa. Esta percepção permite-lhes predizer acontecimentos futuros que escapam às nossas conjeturas. A distância e variedade dos lugares desaparecem ante a sua agilidade. Mais prontos que o raio, mais rápidos que o pensamento, acham-se quase instantaneamente sobre diversos pontos do globo e podem descrever, à distância, os acontecimentos na mesma hora em que ocorrem. “As leis pelas quais Deus rege o Universo não lhes são acessíveis, razão por que não podem interrogá-las, e, por conseguinte, predizer ou operar verdadeiros milagres; possuem, no entanto, a arte de imitar e falsificar, dentro de certos limites, as divinas obras; sabem quais os fenômenos resultantes da combinação dos elementos, predizem com maior ou menor êxito os que sobrevêm naturalmente, assim como os que por si mesmos podem produzir. Daí os numerosos oráculos, os extraordinários vaticínios que sagrados e profanos livros recolheram, baseando e acoçoando tantas e tantas superstições. “A sua substância simples e imaterial subtrai-os às nossas vistas; permanecem ao nosso lado sem que os vejamos, interessam-nos a alma sem que nos firam o ouvido. Acreditando obedecer aos nossos pensamentos, estamos, no entanto, e muitas vezes, debaixo da sua funesta influência. As nossas disposições, ao contrário, são deles conhecidas pelas impressões que delas transparecem em nós, e atacam-nos ordinariamente pelo lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança, costumam servir-se de sugestões e engodos conformes com as nossas inclinações. Modificam a ação segundo as circunstâncias e os traços característicos de cada temperamento. Contudo, suas armas favoritas são a hipocrisia e a mentira.” **17.** Afirmam que o castigo os segue por toda parte; que não sabem o que seja paz nem repouso. Esta asserção de modo algum destrói a observação que fizemos quanto ao privilégio dos que estão fora do inferno, e que reputamos tanto menos justificado por isso que podem fazer, e fazem, maior mal. É de crer que esses demônios extrainfernaes não sejam tão felizes como os bons anjos, mas não se deverá ter em conta a sua relativa liberdade? Eles não possuirão a felicidade moral que a virtude defere, mas são incontestavelmente mais felizes que os seus comparsas do inferno flamífero. Depois, para o mau, sempre há um certo gozo na prática do mal, de mais a mais livremente. Perguntai ao

criminoso o que prefere: se ficar na prisão, ou percorrer livremente os campos, agindo à vontade? Pois o caso é exatamente o mesmo. Afirmam, outrossim, que o remorso os persegue sem tréguas nem misericórdia, esquecidos de que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, quando não é o próprio arrependimento. “Tornados perversos, obstinam-se em o ser, e sê-lo-ão para sempre.” Mas desde que se obstinam em ser perversos, é que não têm remorsos; do contrário, ao menor sentimento de pesar, renunciariam ao mal e pediriam perdão. Logo, o remorso não é para eles um castigo. **18.** “São, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. A reabilitação dos que caíram torna-se, portanto, impossível.” Donde provém essa impossibilidade? Não se compreende que ela seja a consequência de sua similitude com o homem depois da morte, proposição que, ao demais, é muito ambígua. Acaso provirá da própria vontade dos demônios? Porventura da vontade divina? No primeiro caso a pertinácia denota uma extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal, e nem mesmo se compreende que seres tão profundamente perversos pudessem jamais ter sido *anjos de virtude*, conservando por tempo *indefinido*, na convivência destes, todos os traços da sua péssima índole e natureza. No segundo caso, ainda menos se compreende que Deus inflija como castigo a impossibilidade da reparação, após uma primeira falta. O Evangelho nada diz que com isso se pareça. **19.** “A sua perda é desde então irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus.” E de que lhes serviria não manterem tal orgulho, uma vez que é inútil todo o arrependimento? O bem só poderia interessá-los se eles tivessem uma esperança de reabilitação, fosse qual fosse o seu preço. Assim não acontece, no entanto, e pois se perseveram no mal é porque lhes trancaram a porta da esperança. Mas por que lhes trancaria Deus essa porta? Para se vingar da ofensa decorrente da sua insubmissão. E, assim, para saciar o seu ressentimento contra alguns culpados, Deus prefere não somente vê-los sofrer, mas agravar o mal com mal maior; impelir à perdição eterna toda a Humanidade, quando por um simples ato de demência podia evitar tão grande desastre, aliás previsto de toda a eternidade! Trata-se, no caso vertente, de um ato de clemência, de uma graça pura e simples que pudesse transformar-se em estímulo do mal? Não, trata-se de um perdão condicional, subordinado a uma regeneração sincera e completa. Mas, ao invés de uma palavra de esperança e misericórdia, é como se Deus dissesse: “*Pereça toda a raça humana antes que minha vingança.*” E com semelhante doutrina ainda muita gente se admira de que haja incrédulos e ateus! E é assim que Jesus nos representa seu Pai? Ele que nos deu a lei expressa do esquecimento e do perdão das ofensas, que nos manda pagar o mal com o bem, que

prescreve o amor dos nossos inimigos como a primeira das virtudes que nos conduzem ao céu, quereria desse modo que os homens fossem melhores, mais justos, mais indulgentes que o próprio Deus?” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IX)

“OS DEMÔNIOS SEGUNDO O ESPIRITISMO.

20. Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços. Deus criou-os *perfectíveis* e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progredem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingido o apogeu, tornam-se *puros espíritos* ou *anjos* segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso. Do exposto resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso. Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes pode-se denominar *demônios*, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à ideia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem. **21.** Segundo a doutrina da Igreja os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. Segundo o Espiritismo os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se. Os que por apatia, negligência, obstinação ou má vontade persistem em ficar, por mais tempo, nas classes inferiores, sofrem as consequências dessa atitude, e o hábito do mal dificulta-lhes a regeneração. Chega-lhes, porém, um dia a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas consequências; eles comparam a sua situação à dos bons Espíritos e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então melhorarem-se, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisso o mínimo constrangimento. “Submetidos à lei geral do progresso, em virtude da sua aptidão para o mesmo, não progredem, ainda assim, contra a vontade.” Deus fornece-lhes constantemente os meios,

porém, com a faculdade de aceitá-los ou recusá-los. Se o progresso fosse obrigatório não haveria mérito, e Deus quer que todos tenhamos o mérito de nossas obras. Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio; mas o primeiro lugar a todos é franqueado à custa do esforço próprio. Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando, como os demais, pela rota comum. **22.** Chegados a certo grau de pureza, os Espíritos têm missões adequadas ao seu progresso; preenchem assim todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes categorias. E como Deus criou de toda a eternidade, segue-se que de toda a eternidade houve número suficiente para satisfazer às necessidades do governo universal. Deste modo, uma só espécie de seres inteligentes, submetida à lei de progresso, satisfaz todos os fins da Criação. Por fim, a unidade da Criação, aliada à ideia de uma origem comum, tendo o mesmo ponto de partida e trajetória, elevando-se pelo próprio mérito, corresponde melhor à justiça de Deus do que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas de dotes naturais, que seriam outros tantos privilégios. **23.** A doutrina vulgar sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas, não admitindo a lei do progresso, mas vendo, todavia, seres de diversos graus, concluiu que seriam produto de outras tantas criações especiais. E assim foi que chegou a fazer de Deus um pai parcial, tudo concedendo a alguns de seus filhos, e a outros impondo o mais rude trabalho. Não admira que por muito tempo os homens achassem justificação para tais preferências, quando eles próprios delas usavam em relação aos filhos, estabelecendo direitos de primogenitura e outros privilégios de nascimento. Podia tais homens acreditar que andavam mais errados que Deus? Hoje, porém, alargou-se o círculo das ideias: o homem vê mais claro e tem noções mais precisas de justiça; desejando-a para si e nem sempre a encontrando na Terra, ele quer pelo menos encontrá-la mais perfeita no Céu. E aqui está por que lhe repugna à razão toda e qualquer doutrina, na qual não resplenda a Justiça Divina na plenitude integral da sua pureza.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IX)

“– O “bando” a que se refere o informante é a multidão de entidades delinquentes, dedicadas à prática do mal. Embora tenham influência limitada, em virtude das defesas numerosas que rodeiam os núcleos de nossos irmãos encarnados e as nossas próprias esferas de ação, levam a efeito muitas perturbações, concentrando os impulsos de suas forças coletivas. Porque fosse muito grande a minha estranheza, o instrutor aduziu: – Não se surpreenda, meu amigo. A morte física não é banho milagroso, que converta maus em bons e ignorantes em sábios, dum instante para outro. Há desencarnados que se apegam aos ambientes domésticos, à maneira da hera às paredes. Outros, contudo, e em vultoso número, revoltam-se nos círculos da ignorância

que lhes é própria e constituem as chamadas legiões das trevas, que afrontaram o próprio Jesus, por intermédio de obsidiados diversos. Organizam-se diabolicamente, formam cooperativas criminosas e aí daqueles que se transformam em seus companheiros! Os que caem na senda evolutiva, pelo descaso das oportunidades divinas, são escravos sofrendores desses transitórios, mas terríveis poderes das sombras, em cativeiro que pode caracterizar-se por longa duração. [...] Seguindo o prestimoso mentor, aproximei-me também do infeliz. Alexandre alçou a destra sobre a fronte de Raul e envolveu-o em vigoroso influxo magnético. Dentro de poucos instantes, Raul permanecia cercado de luz, que foi vista imediatamente pelos seres da sombra, observando eu que a maioria se afastou, lançando gritos de horror. Vendo a claridade que rodeara a vítima, estavam lívidos, espantados. Um dos algozes mais corajosos replicou em voz alta: – Deixemos este homem entregue à sua sorte. Os “espíritos poderosos” estão interessados nele. Larguemo-lo! Enquanto se retiravam os verdugos, apressadamente, como se temessem algo que eu não podia compreender ainda, em face da aproximação bendita daquela luz que vinha de Mais Alto, perdia-me em dolorosas interrogações íntimas. O quadro era típico das velhas lendas de demônios abandonando as almas prisioneiras de seus propósitos infernais. As palavras “espíritos poderosos” haviam sido pronunciadas com indistigável ironia. Pela claridade que envolvera o suicida, sabiam eles que estávamos presentes e, embora fugissem, medrosos, alvejavam-nos com zombarias. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“Nesse instante, invisível campainha ressoou, estridente, com estranha entonação. Não decorreram cinco segundos e alguém penetrou a sala, rumorosamente. Era determinado servo da vigilância, que anunciou, precipite: – Irmã Zenóbia, aproximam-se entidades cruéis. A agulha de aviso indicou a direção norte. Devem estar a três quilômetros, aproximadamente. A orientadora empalideceu ligeiramente, mas não traiu a emoção com qualquer gesto que denunciasse fraqueza. - Acendam as luzes exteriores! – Ordenou - todas as luzes! E liguem as forças da defesa elétrica, reforçando a zona de repulsão para o norte. Os invasores desviar-se-ão. Retirou-se apressadamente o emissário, enquanto pesado silêncio abatia-se sobre nós. Luciana fizera-se lívida. Jerônimo e Zenóbia demonstravam, através do olhar, asfixiante preocupação. Registrar-se-iam fatos que eu ignorava? Será que Espíritos reconhecidamente maus também organizavam expedições semelhantes às que realizávamos para o bem? Que espécie de entidades seriam aquelas, para infundirem tamanha preocupação nos dirigentes esclarecidos e virtuosos de nossos trabalhos e tão grande terror nos subordinados daquela casa de amor cristão? Impressionara-me a expressão facial de dor e incerteza do

servidor que trouxera a notícia. Seriam tantos os malfeitores das sombras para justificar semelhante pavor? Sentia o raciocínio extremamente reduzido para comportar a imensidade das interrogações que me afloravam à mente. Através de minúscula abertura, notei que enormes holofotes se acendiam de súbito, no exterior, como as luzes de grande navio assaltado por nevoeiro denso em zona perigosa. Ruídos característicos faziam-se sentir à nossa audição, informando-nos que aparelhos elétricos haviam sido postos em funcionamento. - É lamentável - exclamou Zenóbia, com a manifesta intenção de restaurar-nos a tranquilidade - que tantas inteligências humanas, desviadas do bem e votadas ao crime, se consagrem aqui ao prosseguimento de atividades ruinosas e destruidoras. Nenhum de nós ousou dizer qualquer palavra. A diretora, porém, esforçando-se por sorrir, continuou: - A tragédia bíblica da queda dos anjos luminosos, em abismos de trevas, repete-se todos os dias, sem que o percebamos em sentido direto. Quantos gênios da Filosofia e da Ciência dedicados à opressão e à tirania! Quantas almas de profundo valor intelectual se precipitam no despenhadeiro de forças cegas e fatais! Lançados ao precipício pelo desvio voluntário, esses infelizes raramente se penitenciam e tentam recuo benéfico... Na maioria das vezes, dentro da terrível insatisfação do egoísmo e da vaidade, insurgem-se contra o próprio Criador, aviltando-se na guerra prolongada às suas divinas obras. Agrupam-se em sombrias e devastadoras legiões, operando movimentos perturbadores que desafiam a mais astuta imaginação humana e confirmam as velhas descrições mitológicas do inferno. Observando-me, possivelmente, a angústia íntima, em face de suas considerações, irmã Zenóbia acrescentou: - Chegará, porém, o dia da transformação dos gênios perversos, desencarnados, em Espíritos lucificados pelo bem divino. Todo mal, ainda que perdure milênios, é transitório. Acharmo-nos apenas em luta pela vitória imortal de Deus, contra a inferioridade do "eu" em nossas vidas. Toda expressão de ignorância é fictícia. Somente a sabedoria é eterna. Por minha vez, gostaria de formular várias indagações, porém a expectativa fizera-se mais pesada. - Alguns séculos - prosseguiu a diretora - de reencarnações terrestres constituem tempo escasso para reeducar inteligências pervertidas no crime. É por isso que os trabalhos retificadores continuam vivos, além da morte do corpo físico, obrigando os servos da verdade e do bem a suportar os irmãos menos felizes, até que se arrependam e se convertam... Indefiníveis ruídos alcançaram-nos o ouvido, e Zenóbia, pálida, calou-se igualmente. Em poucos segundos, tornaram-se mais nítidos. Eram gritos aterradores, como se a curta distância devêssemos afrontar hordas de enraivecidos animais ferozes. [...] A esse tempo, tornara-se enorme o vozerio. Pus-me, assombrado, a identificar rugidos estridentes de

leões e panteras, casados a uivos de cães, silvos de serpentes e guinchos de macacos. Em dado momento, ouvimos explosões ensurdecedoras. Quase no mesmo instante, certo auxiliar penetrou o recinto e comunicou: - Atacam-nos com petardos magnéticos. A diretora resoluta ouviu, serena e determinou: - Emitam raios de choque fulminante, assestando baterias. As farpas elétricas deviam ser atiradas em silêncio, porque as explosões diminuiram até à extinção total, percebendo-se que a horda invasora se desviara noutro rumo, pelo ruído a perder-se distante. Respiramos aliviados. Estampou-se confortadora expressão na fisionomia de Zenóbia, que falou, satisfeita: - Agora, peçamos ao Mestre conceda aos infelizes o caminho adequado às suas necessidades. Escoaram alguns minutos, nos quais elevamos pensamentos de gratidão e júbilo ao Cristo Salvador. Tornando à palavra livre, considere: - Que impressionantes rugidos ouvimos! Não se figuravam lamentos de corações sofredores, mas algazarra de feras soltas. Terrível novidade!... - Esses bandos, porém - observou a diretora sensatamente -, são antigos. Entre as narrações evangélicas, ao tempo da passagem de Nosso Senhor pelas estradas humanas, lemos o noticiário alusivo às legiões dos gênios diabólicos. Enquanto concordávamos, em silêncio, prosseguiu, compungida: - Enraízam-se os pobrezinhos tão intensamente nas ideias e propósitos do mal e criam tantas máscaras animais para si mesmos, em virtude da revolta e da desesperação a lhes consumirem a alma, que adquirem, de fato, a semelhança de horrendos monstros, entre a humanidade e a irracionalidade. [...]” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 4)

“Pobre mulher prorrompeu em choro convulso, junto de nós, cortando a palavra de nosso amigo. De punhos cerrados, reclamava a infeliz: - Quem me libertará de Satã? Quem me livrará do poder das trevas? Santos anjos, socorrei-me! Socorrei-me contra o temível Belfegor!... Silas convocou-nos ao amparo magnético imediato. Enfermeiros presentes acorreram, solícitos, impedindo o agravamento da crise. - Maldito! Maldito!... - Repetia a demente, persignando-se. Invocando o socorro divino, através da oração, procurei anular-lhe os movimentos desordenados, adormecendo-a pouco a pouco. Asserenado o ambiente, convidou-nos Silas a sondar-lhe a mente conturbada, agora sob o império de profunda hipnose. Busquei pesquisar-lhe a desarmonia em rápido processo de análise mental, e verifiquei, espantado, que a pobre amiga era portadora de pensamentos horripilantes. Como que a se lhe enraizar no cérebro, via escapar-lhe do campo íntimo a figura animalesca de um homem agigantado, de longa cauda, com a fisionomia de um caprino degenerado, exibindo pés em forma de garras e ostentando dois chifres, sentado numa cadeira tosca, qual se vivesse em perfeita simbiose com a infortunada criatura,

em mútua imanização. Diante da minha pergunta silenciosa, o Assistente informou - É um clichê mental, criado e nutrido por ela mesma. As ideias macabras da magia aviltante, quais sejam as da bruxaria e do demonismo que as igrejas denominadas cristãs propagam, a pretexto de combatê-los, mantendo crendices e superstições, ao preço de conjurações e exorcismos, geram imagens como esta, a se difundirem nos cérebros fracos e desprevenidos, estabelecendo epidemias de pavor alucinatório. As Inteligências desencarnadas, entregues à perversão, valem-se desses quadros mal contornados que a literatura feiticista ou a pregação invigilante distribuem na Terra, a mancheias, e imprimem-lhes temporária vitalidade, assim como um artista do lápis se aproveita dos debuxos de uma criança, tomando-os por base dos desenhos seguros com que passa a impressionar o ânimo infantil. O esclarecimento se me deparava como oportuna chave para a solução de muitos enigmas, no capítulo da obsessão, em que os doentes começam atormentando a si mesmos e acabam atormentados por seres que se afinam com o desequilíbrio que lhes é próprio. Hilário, que observava atentamente o duelo íntimo entre a enferma prostrada e a forma-pensamento que se lhe superpunha à cabeça, falou comovido: - Lembro-me de haver manuseado, há muitos anos, na Terra, um livro da autoria de Collin de Plancy, aprovado pelo arcebispo de Paris, trazendo a descrição minuciosa de diversos demônios, e creio haver visto uma figura gravada nessa obra, semelhante à que temos sob nossa direta observação. Silas adiantou, confirmando: - Isso mesmo. É o demônio Belfegor, segundo as anotações de Jean Weier, que imprevidentes autoridades da Igreja permitiram se espalhasse nos círculos católicos. Conhecemos o livro a que se refere. Tem criado empecilhos tremendos a milhares de criaturas que inadvertidamente acolhem tais símbolos de Satanás, oferecendo-os a Espíritos bestializados que os aproveitam para formar terríveis processos de fascinação e possessão. Refletia quanto ao problema dos moldes mentais na vida de cada um de nós, quando o Assistente, certo me surpreendendo a indagação, acentuou bem-humorado: - Aqui, é fácil reconhecer que cada coração edifica o inferno em que se aprisiona, de acordo com as próprias obras. Assim, temos conosco os diabos que desejamos, segundo o figurino escolhido ou modelado por nós mesmos.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 4)

“Já proliferavam, em abundância, no Brasil, também por pessoas de epiderme branca, os cultos fetichistas e outros, mantendo-se intercâmbio vigoroso com os desencarnados. Embora as luzes do Consolador já houvessem alcançado as mentes brasileiras, libertando-as através da renovação moral, do estudo e da prática do bem, verdadeiras multidões, em razão do atavismo decorrente da prática de outro credo religioso, logravam

mais identificação com as seitas e cultos do sincretismo afro-brasileiro, nos quais hauriam forças para as lutas e fé para a vida... Apesar de proliferarem as seitas afeiçoadas ao mal, cultivadoras da vingança e do desconcerto moral, outras, entretanto, se dedicaram ao bem e à ordem, ao amor e à caridade, utilizando-se de práticas equivalentes, embora de conteúdos diferentes... “Não é de causar estranheza o fenômeno em tela, no sincretismo religioso do Brasil, quando nações supercivilizadas, na Europa e na América do Norte, multiplicam igrejas e agremiações para cultuar os demônios, que não passam de Espíritos embrutecidos e vingadores que se auto-hipnotizaram, tomando, ilusoriamente, nas mãos, a adaga do que chamam justiça, para intentar-lhe a aplicação arbitrária e apaixonada, esquecidos da Justiça que funciona com equidade e sabedoria, reeducando e corrigindo, ao invés de punir, seviciar e desgraçar... Naqueles países, esses seres assumem personificações demoníacas, diabólicas, conforme se denominam, enquanto nos cultos afro-brasileiros fazem-se conhecer por Exus e outras designações, que em nada alteram a sua louca realidade...” A Mentora silenciou, circunvagou o olhar pelo recinto onde notávamos Entidades diversas, algumas de aparência grotesca e extravagante, e outras, sofredoras de várias nuances morais, perturbadoras e ociosas, sob controle que ignoravam, e adiu: - “A hipnose, a auto-hipnose por fixação degenerativa, funcionam em larga escala, em ambas as faixas vibratórias da vida: no corpo ou fora dele. Em nossa esfera de ação com muito maior intensidade, em razão dos processos mentais de sintonia e identificação moral entre os despojados do corpo somático. Aí estão, diante dos nossos olhos, muitos infelizes irmãos assumindo personificações mitológicas ridículas, por auto-hipnose; número largo, crendo-se seres de exceção na ordem universal, por efeito de auto-sugestão demorada, desde a Terra, quando se permitiam construções mentais nesse campo; outros, ainda, vitimados por zoanotropias de diferentes procedências e, por fim, aqueles que se reconstruíram ideoplasticamente, incorporando os desvarios de poderes mentirosos, que se atribuem possuir, seja como Orixás, na eterna ação protetora da Natureza e dos homens, seja na de Exus, supostamente criados para o mal, dotados de força para tal execução, afundando-se cada vez mais no desgoverno, até o momento em que funcionem as Leis de correção e reequilíbrio que existem no Cosmo... A questão é muitíssimo mais complexa; no entanto, detenhamo-nos aqui, a esse respeito. “O querido Valdemar, caindo sempre e intoxicando-se de vibrações deletérias, perdeu-se, por algum tempo, sendo recolhido pelos anteriores comparsas que o hipnotizaram e o adestraram em técnicas de obsessão, de vampirismo, de exploração de outros Espíritos, assim como, e principalmente, dos homens... Tomou, desse modo, a personificação parasitária de

uma deidade maléfica, que se auto intitulou Exu, com especialidade de ação em determinado campo de sua preferência. Impôs-se a postura de dominador, conforme acontece com outros, da mesma vibração, e submeteu mentes ignorantes e primitivas à sua governança espiritual, recebendo homenagens e oferendas com que se comprazia e nutria...[...]" (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 8)

"[...] Fernando procedeu ao despertar do chefe siberiano e o aproximou de D. Armênia, perispírito a perispírito, até que houvesse uma quase justaposição. O da médium vibrava com suaves irradiações violáceas claras, enquanto o do Espírito exteriorizava uma energia densa, escura, quase pastosa, que diminuiu o tom das ondas que absorvia e que pareciam diluir-lhe a espessura, a vibração grosseira. Subitamente despertou atônito, e interrogou: — O que está acontecendo? Que artimanha mágica foi essa covardemente utilizada contra mim? — Não se trata de artimanha, nem de magia, meu amigo-irmão — respondeu o Dr. Carneiro com serenidade —, mas de recurso terapêutico desconhecido por você. Não há como negar a superioridade do Bem. Afinal a maldade é somente alucinação, desvario. A força positiva é a geradora da vida e das suas manifestações; a negativa expressa o uso incorreto dos valores da energia, sendo, portanto, impotente, ante a expressão maior. [...] Desperte! Ele anulou-lhe a faculdade de pensar, a fim de dominá-lo, o que vem conseguindo com facilidade. — A mim ninguém domina. Eu sou o diabo. Veja! Imprimindo a força do ódio a si mesmo, vimo-lo transformar-se; ideado, na personificação da figura satânica, conforme a conceberam no passado. A face da médium alterou-se, e ele, quase sobreposto à sensitiva, transfigurou-se, assumindo as características convencionais do ser infernal. A cauda, terminada em lança, agitava-se, enquanto os detalhes gerais produziam um aspecto aterrador. Pelas narinas eliminava vapores com forte odor a enxofre, e faíscas elétricas completavam o quadro formando uma figura horrenda. Os Espíritos da sua hoste grosseira apavoraram-se e desencadearam uma gritaria infrene, tentando romper as redes protetoras em movimento desesperado de fuga. Era com arremetidas de tal natureza que ele e os seus semelhantes se impunham aos Espíritos ignorantes, perturbados, vítimas da consciência culpada, os quais se lhes submetiam, para serem punidos pelos crimes praticados, tornando-se-lhes subalternos. Enquanto Fernando e alguns magnetizadores acalmavam os aflitos e temerosos, o benfeitor, sem qualquer alteração na voz e na emoção, prosseguia: — Você não me assusta! Conheço essa triste fantasia na qual você se oculta. Ela é inócua para mim e a ninguém aqui intimida. O diabo é uma figuração concebida pelas mentes passadas, ignorantes e temerárias. Surgida no período mágico do pensamento, está totalmente ultrapassada,

permanecendo somente na imaginação que a agasalha e a incorpora. Aproximando-se da médium em transe, o Dr. Carneiro começou a aplicar passes longitudinais, depois circulares, no sentido oposto ao movimento dos ponteiros do relógio, alcançando o chacra cerebral da Entidade, que teimava na fixação. Sem pressa e ritmadamente o benfeitor prosseguia com os movimentos corretos, enquanto dizia: — Tuqtamich, você é gente... Tuqtamich, você é gente... A voz tornou-se monócórdia, contínua, enquanto os movimentos prosseguiram. Suas mãos despediam anéis luminosos que passaram a envolver o Espírito. Pouco a pouco, romperam-se as construções que o ocultavam, caindo como destroços que se houvessem arrebentado de dentro para fora. O manto rubro pareceu incendiar-se e a cauda tombou inerte. Os demais adereços da composição, igualmente, despedaçaram-se e caíram no chão. Para surpresa nossa, a forma e as condições em que surgiu o Espírito eram constrangedoras — coberto de feridas purulentas, nauseantes, alquebrado, seminu, trôpego, o rosto deformado como se houvesse sido carcomido pela hanseníase —, inspirava compaixão, embora o aspecto repelente. Desejou falar, arquejante, e a voz desapareceu num sussurro nasalado: — Eis o que você me fez. Eu não sou isso... — Sim, meu irmão, você está assim por enquanto. Encontrava-se sob disfarces para esconder sua realidade. Agora Jesus irá medicá-lo, auxiliando-o a renovar-se. — Eu não o conheço. — Você o conhece sim. Basta recordá-lo. Iremos ajudá-lo no tentame. Desperte agora e mude de atitude mental. O restante será fácil e o tempo resolverá. O comunicante, quase sem voz, e visivelmente agônico, tentou gritar, conseguindo somente emitir um som disforme: — Jesus... — E tombou em pesado desfalecimento. Fernando e o Dr. Carneiro desenfaxaram-no da médium e o colocaram em repouso na mesa onde estivera até o momento da comunicação. [...]" (MPM, *Trilhas da libertação*, A luta prossegue)

"ALUCINAÇÕES ESPIRITUAIS. [...] Sentados em um semicírculo fronteiro ao leito de Honório, percebemos que dona Maria Modesto entrava em transe profundo. À medida que se lhe alteravam as formas do rosto, suave ectoplasma era exteriorizado pelas duas damas envolvendo a médium, auxiliando-lhe a transfiguração. O semblante empalideceu expressivamente, a respiração fez-se-lhe opressiva, um noto estranho sulcou-lhe a face desenhando uma figura estranha, quase uma máscara de sarcasmo, semelhando-se às oleografuras representativas de Satanás que, entre estertores, começou a blasonar: — Eu sou o Senhor dos vândalos e perversos. Sou a chibata que estimula e que pune. Sou Mefistófeles, de que se utilizou Goethe, para o seu Fausto. Atendo aos chamados, inspiro e passo a comandar aqueles que se me afeiçoam e passam a dever-me a alma. Logo se me faz oportuno arrebat-o

para os meus domínios. Qual é o problema que aqui se delineia, exigindo minha presença? Venho espontaneamente, bem se vê, a fim de inteirar-me do que se deseja. [...] — Eu sou forte e apoio-me em mais seguro poder. Honório é meu, e o terei pelo tempo que me aprouver, porquanto assim ele quis, já que firmou um pacto comigo para todo o sempre, a partir do momento em que lhe facultei desfrutar do prazer e do gozo. Como me desincumbi da minha parte, ele terá que corresponder ao comprometido. — Não ignoramos — ripostou o evangelizador espírita — que o enfermo manteve largos colóquios mentais com o amigo. No entanto, o seu critério de razão estava perturbado pela insânia de que já se encontrava acometido, embora a aparente conduta equilibrada. Ele preferiu viver o seu mundo mental às experiências dignificadoras do mundo moral. Nessa fuga da realidade, conectou com o amigo que se aproveitou da sua fraqueza para infundir-lhe ideias falsas e brindar-lhe estímulos perversos, qual ocorreu com você próprio em ocasião oportuna, quando se fez vítima de outrem mais perverso que o vem explorando... — E quem é esse explorador a que se refere. — Esbravejou em ruidosa gargalhada de mofa. — Eu sou senhor dos meus atos e movimento-me na área que me agrada, onde sou respeitado e temido. [...]— O que pretendemos, é que o amigo-irmão se dê conta do tempo que vem sendo desperdiçado na ilusão de manter-se como uma personagem que não tem existência real. Conforme sabemos, o mito do diabo está ultrapassado, embora a loucura de alguns Espíritos que desejam assumir-lhe o comportamento e dar-lhe legitimidade em um esforço insensato que vai além da fantasia. Ninguém foge de si mesmo, dos seus próprios arquivos mentais, das suas realizações... Neste momento, iremos convidá-lo a recordar-se de suas experiências pessoais, levando-o numa viagem ao tempo-ontem, quando se lhe instalou a ideia absurda de ser Mefistófeles. Ato contínuo, dr. Ignácio acercou-se da médium e começou a aplicar-lhe energias dissolventes no centro cerebral, a fim de que a memória do Espírito se desenovelasse das induções mentais a que fora submetida. Ao mesmo tempo, pôs-se a induzi-lo ao sono profundo, usando o recurso da palavra tranquila, monocórdia, repetitiva. Sem muita relutância o visitante adormeceu e, estimulado a recuar ao passado, no século 19º, logo começou a caracterizar-se como um ator em pleno palco representando a figura dramática da tragédia do Fausto. Enquanto repetia as palavras de Goethe, enunciadas por Mefistófeles, em atitude prepotente e exuberante, o Benfeitor esclarecia: — Você confundiu a personagem da fantasia trágica a que dava vida no teatro com o homem da realidade terrena, igualmente atormentado, vaidoso, sonhador e perseguidor do triunfo na ribalta dos interesses humanos, sem qualquer estrutura em torno da

espiritualidade interior. Repetindo o papel que o fascinava, introjetou-o de tal forma, que passou a vivê-lo no comportamento cotidiano, embrenhando-se no mata-gal da auto-obsessão. Ao desencarnar foi, por sua vez, vítima de hábil hipnotizador, que o induziu a assumir a forma perversa, para que lhe fosse útil nos lamentáveis processos de perturbação espiritual em que o atirou, desprevenido e insano como tem sido. Enfrente agora a realidade diversa. Você é filho de Deus e necessita ser feliz. Abandone a indumentária triste e ilusória que o veste. Enquanto o Espírito apresentava diferentes expressões faciais que variavam do espanto ao terror durante o esclarecimento oportuno, Eurípedes prosseguia: - O seu período de sofrimentos também acabou. Atrás da máscara sempre se encontra o ser humano angustiado, sem roteiro, escondendo suas dores no disfarce da ilusão. Você merece despertar para uma nova realidade, começando a experiência dignificadora, aquela que constrói o ser interno verdadeiramente harmonizado. E dando maior ênfase à voz, enquanto dr. Ignácio aplicava passes de dispersão energética no Espírito, permitindo que fossem desaparecendo as construções ideoplásticas, Eurípedes acentuou com firmeza: — Augusto, acorde para a realidade e para a vida. Retome a sua forma humana, aquela que o vestiu durante a trajetória terrestre antes da alucinação. Saia do palco e volva à realidade. Você está entre amigos que lhe compreendem o drama íntimo, que não vem ao caso aqui examinar, e é muito bem recebido. Ninguém foge indefinidamente de si mesmo, nem das Leis de Deus, que a todos nos alcançam onde quer que nos refugiemos. Desperte... desperte... e seja bem-vindo, meu irmão. O Espírito começou a contorcer-se na aparelhagem mediúnica delicada, a respirar com dificuldade, e enquanto se diluíam as formações da indumentária e da máscara facial, ele se foi reconstituindo e assumindo a personalidade que lhe pertencia, recurvando-se como alguém de muita idade, portador de problema na coluna, para finalmente ser tomado por convulsivo pranto, que lhe dificultou o verbo. — Acalme-se, meu amigo! — Propôs, suavemente Eurípedes — Todo renascimento é doloroso, especialmente quando se dá através do abandono da fantasia para a realidade, da loucura para a razão. Tudo agora é passado e você dispõe de um futuro abençoado que o aguarda. Agora é necessário repousar, dormir e sonhar com o Bem, de forma que o amanhã surja das névoas do ontem com as claridades da alegria de viver. Nesse momento, dr. Ignácio, que prosseguia aplicando energias restauradoras do equilíbrio, deslindou o comunicante dos laços que o vinculavam ao perispírito da médium e o colocou em uma cama de campanha que se encontrava atrás do semicírculo para posterior transferência para a Enfermaria adequada, onde prosseguiria o seu tratamento.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 17)

IV Influência, ocupação e missão dos espíritos

IV.1. Influência dos espíritos em nossos pensamentos

“FACULDADE, QUE TÊM OS ESPÍRITOS, DE PENETRAR OS NOSSOS PENSAMENTOS. 456.

Veem os Espíritos tudo o que fazemos? “Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente.” **457.** Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos? “Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular.” **a)** - Assim, mais fácil nos seria ocultar de uma pessoa viva qualquer coisa, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta? “Certamente. Quando vos julgais muito ocultos, é comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos observam.” **458.** Que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam? “Depende. Os levianos riem das pequenas partidas que vos pregam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios se condoem dos vossos reveses e procuram ajudar-vos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E ATOS. 459.

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? “Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.” **460.** De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos? “Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, frequentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas ideias a se combaterem.” **461.** Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos? “Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.” **462.** É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas ideias? “Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes

são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação.” Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça. **463.** Diz-se comumente ser sempre bom o primeiro impulso. É exato? “Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações.” **464.** Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau? “Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.” **465.** Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal? “Para que sofraís como eles sofrem.” **a)** - E isso lhes diminui os sofrimentos? “Não; mas fazem-no por inveja, por não poderem suportar que haja seres felizes.” **b)** - De que natureza é o sofrimento que procuram infligir aos outros? “Os que resultam de ser de ordem inferior a criatura e de estar afastada de Deus.” **466.** Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal? “Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tem que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.” É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós. **467.** Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal? “Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.” **468.** Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele? “Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato.” **469.** Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.” **470.** Os Espíritos, que ao mal procuram induzir-nos e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade? “A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às consequências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-vos, pois, repeli-lo.” **471.** Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física? “É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente entraís com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.” **472.** Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las? “Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“POSSESSOS. 473. Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo? “O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.” **474.** Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar

na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada? “Sem dúvida e são esses os verdadeiros possesores. Mas, é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre a consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possesores.” O vocábulo possessor, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possesores na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada. O termo possessor só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem. **475.** Pode alguém por si mesmo afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles? “Sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.” **476.** Mas, não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa? “Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.” **477.** As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos? “Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério.” **478.** Pessoas há, animadas de boas intenções e que, nada obstante, não deixam de ser obsidiadas. Qual, então, o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores? “Cansar-lhes a paciência, nenhum valor lhes dar às sugestões, mostrar-lhes que perdem o tempo. Em vendo que nada conseguem, afastam-se.” **479.** A prece é meio eficiente para a cura da obsessão? “A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, crede que não basta que alguém murmure algumas palavras, para que obtenha o que deseja. Deus assiste os que obram, não os que se limitam a pedir. É, pois, indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o que se torne necessário para

destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos.” **480.** Que se deve pensar da expulsão dos demônios, mencionada no Evangelho? “Depende da interpretação que se lhe dê. Se chamais demônio ao mau Espírito que subjuga um indivíduo, desde que se lhe destrua a influência, ele terá sido verdadeiramente expulso. Se ao demônio atribuir a causa de uma enfermidade, quando a houverdes curado direis com acerto que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, conforme o sentido que empresteis às palavras. As maiores verdades estão sujeitas a parecer absurdos, uma vez que se atenda apenas à forma, ou que se considere como realidade a alegoria. Compreendi bem isto e não o esqueçais nunca, pois que se presta a uma aplicação geral.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

IV.2. Influência dos espíritos sobre a matéria – Manifestações mediúnicas

“DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA. 52. Posta de lado a opinião materialista, porque condenada pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode manifestar-se aos vivos. Reduzida assim à sua expressão mais singela, a questão fica extraordinariamente desembaraçada. Caberia, antes de tudo, perguntar por que não poderiam seres inteligentes, que de certo modo vivem no nosso meio, se bem que invisíveis por natureza, atestar-nos de qualquer forma sua presença. A simples razão diz que nisto nada absolutamente há de impossível, o que já é alguma coisa. Demais, esta crença tem a seu favor o assentimento de todos os povos, porquanto com ela deparamos em toda parte e em todas as épocas. Ora, nenhuma intuição pode mostrar-se tão generalizada, nem sobreviver ao tempo, se não tiver algum fundamento. Acresce que se acha sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e pelo dos Pais da Igreja, tendo sido preciso o ceticismo e o materialismo do nosso século para que fosse lançada ao rol das ideias supersticiosas. Se estamos em erro, aquelas autoridades o estão igualmente. Mas, isso não passa de considerações de ordem moral. Uma causa, especialmente, há contribuído para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que toda gente faz questão de se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas. Essa causa é a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais se podem manifestar. Adquirindo o conhecimento daquela natureza e destes meios, as manifestações nada mais apresentam de espantosas e entram no cômputo dos fatos naturais. **53.** A ideia que geralmente se faz dos Espíritos torna à primeira vista incompreensível o fenômeno das manifestações. Como estas não podem

dar-se, senão exercendo o Espírito ação sobre a matéria, os que julgam que a ideia de Espírito implica a ausência completa de tudo o que seja matéria perguntam, com certa aparência de razão, como pode ele obrar materialmente. Ora, aí o erro, pois que o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despedido de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos. Observemo-los atentamente, no instante em que acabem de deixar a vida; acham-se em estado de perturbação; tudo se lhes apresenta confuso, em torno; veem perfeito ou mutilado, conforme o gênero da morte, o corpo que tiveram; por outro lado se reconhecem e sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se crerem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se lhes torna uma veste imprestável de que se despiram e de que não guardam saudades. Sentem-se mais leves e como que aliviados de um fardo. Não mais experimentam as dores físicas e se consideram felizes por poderem elevar-se, transpor o espaço, como tantas vezes o fizeram em sonho, quando vivos. Entretanto, malgrado a falta do corpo, comprovam suas personalidades; têm uma forma, mas que os não importuna nem os embaraça; têm, finalmente, a consciência de seu *eu* e de sua individualidade. Que devemos concluir daí? Que a alma não deixa tudo no túmulo, que leva consigo alguma coisa. **54.** Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise. Esse segundo invólucro da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e

atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis. O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para a explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e por nos não anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito. **55.** Há dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação. **56.** Ele tem a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Daí se poderia supor que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se modela, de certa maneira, por este e lhe conserva o tipo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio em o qual o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos. Essa igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a com que, em todos os tempos, se representaram os anjos, ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade,

nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolda-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência. Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. Os Espíritos, portanto, são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso redor, toda uma população, invisível no estado normal. Dizemos - no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta. [...] **59.** Perguntar-se-á, talvez, como pode o Espírito, com o auxílio de matéria tão sutil, atuar sobre corpos pesados e compactos, suspender mesas, etc. Semelhante objeção certo que não será formulada por um homem de ciência, visto que, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode possuir, não temos exemplos análogos sob as vistas? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra os seus mais possantes motores? Quando vemos o ar abater edifícios, o vapor deslocar enormes massas, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade lascar árvores e fender paredes, que dificuldades acharemos em admitir que o Espírito, com o auxílio do seu perispírito, possa levantar uma mesa, sobretudo sabendo que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e comportar-se como um corpo sólido?" (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

"DA NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES. 133. Dissemos que todo efeito, que revela, na sua causalidade, um ato, ainda que insignificatíssimo, de livre vontade, atesta, por essa circunstância, a existência de uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa, que responda ao nosso pensamento, ou manifeste caráter intencional, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se a isso houvesse de ficar circunscrito o resultado, só muito secundário interesse nos despertaria. Contudo, já seria alguma coisa o dar-nos a prova de que, em tais fenômenos, há mais do que uma ação puramente material. Nula, ou, pelo menos, muito restrita seria a utilidade prática que daí decorreria. O caso, porém, muda inteiramente de figura, quando essa inteligência ganha um desenvolvimento tal que permite regular e contínua troca de ideias. Já não há então simples manifestações inteligentes, mas verdadeiras *comunicações*. Os meios de que hoje

dispomos permitem que as obtenhamos tão extensas, tão explícitas e tão rápidas, como as que mantemos com os homens. Quem estiver bem compenetrado, segundo a *escala espírita* (*O Livro dos Espíritos*, no 100), da variedade infinita que apresentam os Espíritos, sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, facilmente se convencerá de que há de haver diferença entre as suas comunicações; que estas hão de refletir a elevação, ou a baixeza de suas ideias, o saber e a ignorância deles, seus vícios e suas virtudes; que, numa palavra, elas não se hão de assemelhar mais do que as dos homens, desde os selvagens até o mais ilustrado europeu. Em quatro categorias principais se podem agrupar os matizes que apresentam. Segundo seus caracteres mais acentuados, elas se dividem em: *grosseiras*, *frívolas*, *sérias* e *instrutivas*. **134.** *Comunicações grosseiras* são as concebidas em termos que chocam o decoro. Só podem provir de Espíritos de baixa estofa, ainda cobertos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que provenham de homens viciosos e grosseiros. Repugnam a quem quer que não seja inteiramente baldo de toda a delicadeza de sentimentos, pela razão de que, acordemente com o caráter dos Espíritos, elas serão triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias. **135.** *As comunicações frívolas* emanam de Espíritos levianos, zombeteiros, ou brincalhões, antes maliciosos do que maus, e que nenhuma importância ligam ao que dizem. Como nada de indecoroso encerram, essas comunicações agradam a certas pessoas, que com elas se divertem, porque encontram prazer nas confabulações fúteis, em que muito se fala para nada dizer. Tais Espíritos saem-se às vezes com tiradas espirituosas e mordazes e, por entre facécias vulgares, dizem não raro duras verdades, que quase sempre ferem com justiça. Em torno de nós pululam os Espíritos levianos, que de todas as ocasiões aproveitam para se intrometerem nas comunicações. A verdade é o que menos os preocupa; daí o maligno encanto que acham em mistificar os que têm a fraqueza e mesmo a presunção de neles crer sob palavra. As pessoas que se comprazem nesse gênero de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e falaciosos. Delas se afastam os Espíritos sérios, do mesmo modo que na sociedade humana os homens sérios evitam a companhia dos doidivanas. **136.** *As comunicações sérias* são ponderadas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação que, isenta de frivolidade e de grosseria, objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, é, por esse simples fato, uma comunicação séria. Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa-fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações

ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica. No tocante a comunicações *sérias*, cumpre se distinga as *verdadeiras das falsas*, o que nem sempre é fácil, porquanto, exatamente à sombra da elevação da linguagem, é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudo-sábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas ideias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fazerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esse um dos maiores escolhos da ciência prática; dele trataremos mais adiante, com todos os desenvolvimentos que tão importante assunto reclama, ao mesmo tempo em que daremos a conhecer os meios de premonição contra o perigo das falsas comunicações. **137.** *Instrutivas* são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de *desmaterialização* do Espírito. Para se retirarem frutos reais dessas comunicações, preciso é que elas sejam regulares e continuadas com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam aos que desejam instruir-se e lhes secundam os esforços, deixando aos Espíritos levianos a tarefa de divertirem os que em tais manifestações só veem passageira distração. Unicamente pela regularidade e frequência daquelas comunicações, se podem apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos que as dão e a confiança que eles merecem. Se, para julgar os homens, se necessita de experiência, muito mais ainda é esta necessária, para se julgarem os Espíritos. Qualificando de *instrutivas* as comunicações, supomo-las *verdadeiras*, pois o que não for *verdadeiro* não pode ser *instrutivo*, ainda que dito na mais imponente linguagem. Nessa categoria, não podemos, consequentemente, incluir certos ensinamentos que de sério apenas têm a forma, muitas vezes empolada e enfática, com que os Espíritos que os ditam, mais presunçosos do que instruídos, contam iludir os que os recebem. Mas, não podendo suprir a substância que lhes falta, são incapazes de sustentar por muito tempo o papel que procuram desempenhar. A breve trecho traem-se pondo a nu a sua fraqueza, desde que alguma sequência tenham os seus ditados ou que eles sejam levados aos seus últimos redutos. **138.** São variadíssimos os meios de comunicação. Atuando sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, podem os Espíritos manifestar-se à nossa visão, por meio das aparições; ao nosso tato, por impressões tangíveis, visíveis ou ocultas; à audição pelos ruídos; ao olfato por meio de odores sem causa conhecida. Este último modo de manifestação, se bem muito real, é, incontestavelmente, o mais incerto, pelas múltiplas causas que podem induzir em erro. Daí o nos não demorarmos em tratar dele. O que devemos examinar com cuidado são os

diversos meios de se obterem comunicações, isto é, uma permuta regular e continuada de pensamentos. Esses meios são: *as pancadas, a palavra e a escrita*. Estudá-los-emos em capítulos especiais.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo X)

“MODO DE SE DISTINGUIREM OS BONS DOS MAUS ESPÍRITOS. 262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; suas qualidades, nunca. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre este ponto, conseqüentemente, que se deve fixar a atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que devemos ter no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome sob que o faça. É bom, ou mau, o Espírito que se comunica? Em que grau da escala espírita se encontra? Eis as questões capitais. **263.** Já dissemos que os Espíritos devem ser julgados, como os homens, pela linguagem de que usam. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelas ideias, por uma imensidade de indícios, enfim, verificará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc. Assim, também, com os Espíritos. Devemos considerá-los correspondentes que nunca vimos e procurar conhecer o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas. Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que - *a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado*. Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas, como também as dizem em termos isentos, de modo absoluto, de toda trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se uma única expressão denotando baixeza as macula, isto constitui um sinal indubitável de inferioridade; com mais forte razão, se o conjunto do ditado fere as conveniências pela sua grosseria. A linguagem revela sempre a sua procedência, quer pelos pensamentos que exprime, quer pela forma, e, ainda mesmo que algum Espírito queira iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastará conversarmos algum tempo com ele para a apreciarmos. **264.** A bondade e a afabilidade são atributos essenciais dos Espíritos depurados. Não têm ódio, nem aos homens, nem aos outros Espíritos. Lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade. Admita-se que os Espíritos verdadeiramente bons não podem querer senão o bem e dizer senão coisas boas e se concluirá que tudo o que denote, na linguagem dos Espíritos, falta de bondade e de benignidade não pode provir de um bom Espírito. **265.** A inteligência longe

está de constituir um indício certo de superioridade, porquanto a inteligência e a moral nem sempre andam emparelhadas. Pode um Espírito ser bom, afável, e ter conhecimentos limitados, ao passo que outro, inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade. É crença bastante generalizada que, interrogando-se o Espírito de um homem que, na Terra, foi sábio em certa especialidade, com mais segurança se obterá a verdade. Isto é lógico; entretanto, nem sempre é o que se dá. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os demais homens, sobretudo os desencarnados de pouco tempo, ainda se acham sob o império dos preconceitos da vida corpórea; eles não se despojam imediatamente do espírito de sistema. Pode, pois, acontecer que, sob a influência das ideias que esposaram em vida e das quais fizeram para si um título de glória, vejam com menos clareza do que supomos. Não apresentamos este princípio como regra; longe disso. Dizemos apenas que o fato se dá e que, por conseguinte, a ciência humana que eles possuem não constitui sempre uma prova da sua infalibilidade, como Espíritos. **266.** Em se submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, em se lhes perscrutando e analisando o pensamento e as expressões, como é de uso fazer-se quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando-se, *sem hesitação*, tudo o que peque contra a lógica e o bom-senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que se supõe ser o que se está manifestando, leva-se o desânimo aos Espíritos mentirosos, que acabam por se retirar, uma vez fiquem bem convencidos de que não lograrão iludir. Repetimos: este meio é único, mas é infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os bons espíritos nunca se ofendem com esta, pois que eles próprios a aconselham e porque nada têm que temer do exame. Apenas os maus se formalizam e procuram evitá-lo, porque tudo têm a perder. Só com isso provam o que são. Eis aqui o conselho que a tal respeito nos deu São Luís: “Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIV)

“267. Podem resumir-se nos princípios seguintes os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos: 1º Não há outro critério, senão o bom-senso, para se aquilatar do valor dos Espíritos. Absurda será qualquer fórmula que eles próprios deem para esse efeito e não

poderá provir de Espíritos superiores. 2º Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão. 3º Admitido que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, de um bom Espírito não pode provir o que tenda para o mal. 4º Os Espíritos superiores usam sempre de uma linguagem digna, nobre, elevada, sem eiva de trivialidade; tudo dizem com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam, nem se jactam de seu saber, ou da posição que ocupam entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre algo refletem das paixões humanas. Toda expressão que denote baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, acrimônia, é indício característico de inferioridade e de embuste, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado. 5º Não se deve julgar da qualidade do Espírito pela forma material, nem pela correção do estilo. É preciso sondar-lhe o íntimo, analisar-lhe as palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que se ostente o Espírito. 6º A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em todo lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as faculdades que encontrem para se comunicar; porém, jamais serão contraditórios. Se duas comunicações, firmadas pelo mesmo nome, se mostram em contradição, uma das duas é evidentemente apócrifa e a verdadeira será aquela em que nada desminta o conhecido caráter da personagem. Sobre duas comunicações assinadas, por exemplo, com o nome de São Vicente de Paulo, uma das quais propendendo para a união e a caridade e a outra tendendo para a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderá equivocar-se. 7º Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com desassombro, sem se preocuparem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom-senso, aponta a fraude, desde que o Espírito se dê por ser um Espírito esclarecido. 8º Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos, pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais de que não nos é dado ter conhecimento. Os bons Espíritos fazem que as coisas futuras sejam presentes, quando esse pressentimento convenha; nunca, porém, determinam datas. A previsão de qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação. 9º Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade. Têm o estilo conciso, sem exclusão da poesia das ideias e das expressões, claro, inteligível a todos, sem demandar esforço

para ser compreendido. Têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, ocultam sob o empolamento, ou a ênfase, o vazio de suas ideias. Usam de uma linguagem pretensiosa, ridícula, ou obscura, à força de quererem parecer profunda. 10º Os bons Espíritos nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam, haja o que houver. Todo Espírito que impõe trai a sua inferioridade. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões; pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem crença cega e jamais apelam para a razão, por saberem que a razão os desmascararia. 11º Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva. Os maus prodigalizam exagerados elogios, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles a quem desejam captar. 12º Os Espíritos superiores desprezam, *em tudo*, as puerilidades da forma. Só os Espíritos vulgares ligam importância a particularidades mesquinhas, incompatíveis com ideias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é sinal certo de inferioridade e de fraude, da parte de um Espírito que tome um nome imponente. 13º Deve-se desconfiar dos nomes singulares e ridículos, que alguns Espíritos adotam, quando querem impor-se à credulidade; fora soberanamente absurdo tomar a sério semelhantes nomes. 14º Deve-se igualmente desconfiar dos Espíritos que com muita facilidade se apresentam, dando nomes extremamente venerados, e não lhes aceitar o que digam, senão com muita reserva. Aí, sobretudo, é que uma verificação severa se faz indispensável, porquanto isso não passa muitas vezes de uma máscara que eles tomam, para dar a crer que se acham em relações íntimas com os Espíritos excelsos. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam frequentemente para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas. 15º Os bons Espíritos são muito escrupulosos no tocante às atitudes que hajam de aconselhar. Elas, qualquer que seja o caso, nunca deixam de objetivar um *fim sério e eminentemente* útil. Devem, pois, ter-se por suspeitas todas as que não apresentam este caráter, ou sejam condenáveis perante a razão, e cumpre refletir maduramente antes de tomá-las, a fim de evitarem-se mistificações desagradáveis. 16º Também se reconhecem os bons Espíritos pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto que aos Espíritos levianos, ou malfazejos apraz pô-lo em evidência. Ao passo que os bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a cizânia, por meio de insinuações pífidas. 17º Os bons Espíritos só

prescrevem o bem. Máxima nenhuma, nenhum conselho, *que se não conformem estritamente com a pura caridade evangélica*, podem ser obra de bons Espíritos. 18º Jamais os bons Espíritos aconselham senão o que seja perfeitamente racional. Qualquer recomendação que se afaste da *linha reta do bom-senso, ou das leis imutáveis da Natureza*, denuncia um Espírito atrasado e, portanto, pouco merecedor de confiança. 19º Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem por indícios materiais, a cujo respeito ninguém se pode enganar. A ação deles sobre o médium é às vezes violenta e provoca movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que destoa da calma e da doçura dos bons Espíritos. 20º Muitas vezes, os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de que dispõem, de comunicar-se, para dar conselhos perversos. Excitam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos. Especialmente os que lhes podem desmascarar as imposturas são objeto da maior animadversão da parte deles. Alvejamos os homens fracos, para induzi-los ao mal. Empregando alternativamente, para melhor convencê-los, os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até demonstrações materiais do poder oculto de que dispõem, se empenham em desviá-los da senda da verdade. 21º Os Espíritos dos que na Terra tiveram uma única preocupação, material ou moral, se não se desprenderam da influência da matéria, continuam sob o império das ideias terrenas e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções *e mesmo das manias* que tinham neste mundo. Fácil é isso de reconhecer-se pela linguagem de que se servem. 22º Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam, às vezes, com uma espécie de ostentação, não constituem sinal da superioridade deles. A inalterável pureza dos sentimentos morais é, a esse respeito, a verdadeira pedra de toque. 23º Não basta se interrogue um Espírito para conhecer-se a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos; porquanto, os Espíritos inferiores, ignorantes que são, tratam frivolamente das questões mais sérias. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que, no mundo espírita, se ache de posse da soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e dilatar-lhe os conhecimentos. 24º Da parte dos Espíritos superiores, o gracejo é muitas vezes fino e vivo, nunca, porém, trivial. Nos Espíritos zombadores, quando não são grosseiros, a sátira mordaz é, não raro, muito propositada. 25º Estudando-se cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhecem-se-lhes a natureza e o grau de confiança que devem merecer. O bom-senso não poderia enganar. 26º Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Muita gente há,

infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas ideias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mau. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. É o defeito sobre que mais se iludem os homens. Todas estas instruções decorrem da experiência e dos ensinamentos dos Espíritos. [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIV)

“INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MODERNAS MANIFESTAÇÕES. 1. Os modernos fenômenos do Espiritismo têm atraído a atenção sobre fatos análogos de todos os tempos, e nunca a História foi tão compulsada neste sentido como ultimamente. Pela semelhança dos efeitos, inferiu-se a unidade da causa. Como sempre acontece relativamente a fatos extraordinários que o senso comum desconhece, o vulgo viu nos fenômenos espíritas uma causa sobrenatural, e a superstição completou o erro ajuntando-lhes absurdas credências. Provém daí uma multidão de lendas que, pela maior parte, são um amálgama de poucas verdades e muitas mentiras. **2.** As doutrinas sobre o demônio, prevalecendo por tanto tempo, haviam de tal maneira exagerado o seu poder, que fizeram, por assim dizer, esquecer Deus; por toda parte surgia o dedo de Satanás, bastando para tanto que o fato observado ultrapassasse os limites do poder humano. Até as coisas melhores, as descobertas mais úteis, sobretudo as que podiam abalar a ignorância e alargar o círculo das ideias - foram tidas muita vez por obras diabólicas. Os fenômenos espíritas de nossos dias, mais generalizados e mais bem observados à luz da razão e com o auxílio da Ciência, confirmaram, é certo, a intervenção de inteligências ocultas, porém agindo dentro de leis naturais e revelando por sua ação uma nova força e leis até então desconhecidas. A questão reduz-se, portanto, a saber de que ordem são essas inteligências. Enquanto se não possuía do mundo espiritual noções mais que incertas e sistemáticas, a verdade podia ser desviada; mas hoje que observações rigorosas e estudos experimentais esclareceram a natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como o seu modo de ação e papel no Universo - hoje, dizemos, a questão se resolve por fatos. Sabemos, agora, que essas inteligências ocultas são as almas dos que viveram na Terra. Sabemos também que as diversas categorias de bons e maus Espíritos não são seres de espécies diferentes, porém que apenas representam *graus diversos de adiantamento*. Segundo a posição que ocupam em virtude do desenvolvimento intelectual e moral, os seres que se manifestam apresentam os mais fundos contrastes, sem que por isso possamos supor não tenham saído todos da grande família humana, do mesmo modo que

o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado. **3.** Sobre este ponto, como sobre muitos outros, a Igreja mantém as velhas crenças a respeito dos demônios. Diz ela: “Há princípios que não variam há dezoito séculos, porque são imutáveis.” O seu erro é precisamente esse de não levar em conta o progresso das ideias; é supor Deus insuficientemente sábio para não proporcionar a revelação ao desenvolvimento das inteligências; é, em suma, falar aos contemporâneos a mesma linguagem do passado. Ora, progredindo a Humanidade enquanto a Igreja se abroquela em velhos erros sistematicamente, tanto em matéria espiritual como na científica, cedo virá a incredulidade, avassalando a própria Igreja. [...] **5.** Toda esta teoria deriva do princípio de que os anjos e os demônios são seres distintos das almas humanas, sendo estas antes o produto de uma criação especial, aliás inferiores aos demônios em inteligência, em conhecimento e em toda espécie de faculdade. E é assim que opina pela exclusiva intervenção dos maus anjos, nas antigas como nas modernas manifestações dos Espíritos. A possibilidade da comunicação dos mortos é uma questão de fato, é o resultado de observações e experiências que não vêm ao caso discutir aqui. Admitamos, porém, como hipótese, a doutrina acima citada, e vejamos se ela não se destrói por si mesma com os seus próprios argumentos. **6.** Das três categorias de anjos segundo a Igreja, a primeira ocupa-se exclusivamente do céu; a segunda do governo do Universo, e a terceira, da Terra. É nesta última que se encontram os anjos de guarda encarregados da proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos, desta última categoria, é que compartilhou da revolta e foi transformada em demônios. Ora, desde que Deus lhes permitira com tanta liberdade, já por sugestões ocultas, já por ostensivas manifestações, induzir os homens em erro, e porque esse Deus é soberanamente justo e bom, devia ao menos, para atenuar os males de tão odiosa concessão, permitir também a manifestação dos bons anjos. Ao menos, assim, os homens teriam a liberdade e o recurso da escolha. Dar, porém, aos anjos maus o monopólio da tentação, com poderes amplos de simular o bem para melhor seduzir; e vedando ao mesmo tempo toda e qualquer intervenção dos bons, é atribuir a Deus o intuito inconcebível de agravar a fraqueza, a inexperiência e a boa-fé dos homens. É mais ainda: é supor da parte de Deus um abuso de confiança, pela fé que nos merece. A razão recusa admitir tanta parcialidade em proveito do mal. Vejamos os fatos. **7.** Aos demônios concedem-se faculdades transcendentais: nada perderam da natureza angélica; possuem o saber, a perspicácia, a previdência e a penetração dos anjos, tendo ainda, a mais, astúcia, ardis e artifício, tudo em grau mais elevado. O objetivo que os move é desviar os homens do bem, afastá-los de Deus e arrastá-los ao inferno, do

qual são provedores e recrutadores. Assim, compreende-se que se dirijam de preferência aos que estão no bom caminho e nele persistem; compreende-se o emprego das seduções e simulacros do bem para atraí-los e perdê-los; mas o que se não compreende é que se dirijam aos que já lhes pertencem de corpo e alma, procurando reconduzi-los a Deus e ao bem. Quem mais estará nas garras do demônio do que aquele que de Deus blasfema, atido ao vício e à desordem das paixões? Esse não estará no caminho do inferno? Mas então como compreender que a tal presa esse demônio exorte a rogar a Deus, a submeter-se à sua vontade, a renunciar ao mal? Como se compreende que exalte aos seus olhos a vida deliciosa dos bons Espíritos e lhe pinte a horrorosa posição dos maus? Jamais se viu negociante realçar aos seus fregueses a mercadoria do vizinho em detrimento da sua, aconselhando-os a ir à casa dele. Nunca se viu um arrebanhador de soldados depreciar a vida militar, decantando o repouso da vida doméstica! Poderá ele dizer aos recrutas que terão vida de trabalhos e privações com dez probabilidades contra uma de morrerem ou, pelo menos, de ficarem sem braços nem pernas? É este, no entanto, o papel estúpido do demônio, pois é notório - e é um fato - que as instruções emanadas do mundo invisível têm regenerado incrédulos e ateus, insuflando-lhes n'alma fervor e crenças nunca havidos. Ainda por influência dessas manifestações têm-se visto - e vêem-se diariamente - regenerarem-se viciosos contumazes, procurando melhorarem-se a si mesmos. Ora, atribuir ao demônio tão benéfica propaganda e salutar resultado, é conferir-lhe diploma de tolo. E como não se trata de simples suposição, mas de fato experimental contra o qual não há argumento, havemos de concluir, ou que o demônio é um desazado de primeira ordem, ou que não é tão astuto e mau como se pretende, e, conseqüentemente, tão temível quanto dizem; ou, então, que todas as manifestações não partem dele. [...]” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo X)

IV.3. Influência dos espíritos nos acontecimentos da vida

“INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA. 525. Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida? “Certamente, pois que vos aconselham.” **a)** - Exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, têm ação direta sobre o cumprimento das coisas? “Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.” Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quisérámos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim

é que oculta nos parece a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o concurso deles. Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio. **526.** Tendo, como têm, ação sobre a matéria, podem os Espíritos provocar certos efeitos, com o objetivo de que se dê um acontecimento? Por exemplo: um homem tem que morrer; sobe uma escada, a escada se quebra e ele morre da queda. Foram os Espíritos que quebraram a escada, para que o destino daquele homem se cumprisse? “É exato que os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas para cumprimento das leis da Natureza, não para as derrogar, fazendo que, em dado momento, ocorra um sucesso inesperado e em contrário àquelas leis. No exemplo que figuraste, a escada se quebrou porque se achava podre, ou por não ser bastante forte para suportar o peso de um homem. Se era destino daquele homem perecer de tal maneira, os Espíritos lhe inspirariam a ideia de subir a escada em questão, que teria de quebrar-se com o seu peso, resultando-lhe daí a morte por um efeito natural e sem que para isso fosse mister a produção de um milagre.” **527.** Tomemos outro exemplo, em que não entre a matéria em seu estado natural. Um homem tem que morrer fulminado pelo raio. Refugia-se debaixo de uma árvore. Estala o raio e o mata. Poderá dar-se tenham sido os Espíritos que provocaram a produção do raio e que o dirigiram para o homem? “Dá-se o mesmo que anteriormente. O raio caiu sobre aquela árvore em tal momento, porque estava nas leis da Natureza que assim acontecesse. Não foi encaminhado para a árvore, por se achar debaixo dela o homem. A este, sim, foi inspirada a ideia de se abrigar debaixo de uma árvore sobre a qual cairia o raio, porquanto a árvore não deixaria de ser atingida, só por não lhe estar debaixo da fronde o homem.” **528.** No caso de uma pessoa mal-intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil? “Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a ideia de se desviar, ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue a linha que tem de percorrer.” **529.** Que se deve pensar das balas encantadas, de que falam algumas lendas e que fatalmente atingem o alvo? “Pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.” **a)** - Podem os Espíritos que dirigem

os acontecimentos terrenos ter obstada sua ação por Espíritos que queiram o contrário? “O que Deus quer se executa. Se houver demora na execução, ou lhe surjam obstáculos, é porque ele assim o quis.” **530.** Não podem os Espíritos levianos e zombeteiros criar pequenos embaraços à realização dos nossos projetos e transtornar as nossas previsões? Serão eles, numa palavra, os causadores do que chamamos pequenas misérias da vida humana? “Eles se comprazem em vos causar aborrecimentos que representam para vós provas destinadas a exercitar a vossa paciência. Cansam-se, porém, quando veem que nada conseguem. Entretanto, não seria justo, nem acertado, imputar-lhes todas as decepções que experimentais e de que sois os principais culpados pela vossa irreflexão. Fica certo de que, se a tua louça se quebra, é mais por desazo teu do que por culpa dos Espíritos.” **a)** - Destes, os que provocam contrariedades obram impelidos por animosidade pessoal, ou assim procedem contra qualquer, sem motivo determinado, por pura malícia? “Por uma e outra coisa. Às vezes os que assim vos molestam são inimigos que granjeastes nesta ou em precedente existência. Doutras vezes, nenhum motivo há.” **531.** Extingue-se-lhes com a vida corpórea a malevolência dos seres que nos fizeram mal na Terra? “Muitas vezes reconhecem a injustiça com que procederam e o mal que causaram. Mas, também, não é raro que continuem a perseguir-vos, cheios de animosidade, se Deus o permitir, por ainda vos experimentar.” **a)** - Pode-se pôr termo a isso? Por que meio? “Podeis. Orando por eles e lhes retribuindo o mal com o bem, acabarão compreendendo a injustiça do proceder deles. Demais, se souberdes colocar-vos acima de suas maquinações, deixar-vos-ão, por verificarem que nada lucram.” A experiência demonstra que alguns Espíritos continuam em outra existência a exercer as vinganças que vinham tomando e que assim, cedo ou tarde, o homem paga o mal que tenha feito a outrem. **532.** Têm os Espíritos o poder de afastar de certas pessoas os males e de favorecê-las com a prosperidade? “De todo, não; porquanto, há males que estão nos decretos da Providência. Amenizam-vos, porém, as dores, dando-vos paciência e resignação. “Ficai igualmente sabendo que de vós depende muitas vezes poupar-vos aos males, ou, quando menos, atenuá-los. A inteligência, Deus vo-la outorgou para que dela vos sirvais e é principalmente por meio da vossa inteligência que os Espíritos vos auxiliam, sugerindo-vos ideias propícias ao vosso bem. Mas, não assistem senão os que sabem assistir-se a si mesmos. Esse o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e se vos abrirá. “Sabei ainda que nem sempre é um mal o que vos parece sê-lo. Frequentemente, do que considerais um mal sairá um bem muito maior. Quase nunca compreendeis isso, porque só atentaís no momento

presente ou na vossa própria pessoa.” **533.** Podem os Espíritos fazer que obtenham riquezas os que lhes pedem que assim aconteça? “Algumas vezes, como prova. Quase sempre, porém, recusam, como se recusa à criança a satisfação de um pedido inconsiderado.” **a)** - São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores? “Uns e outros. Depende da intenção. As mais das vezes, entretanto, os que os concedem são os Espíritos que vos querem arrastar para o mal e que encontram meio fácil de o conseguirem, facilitando-vos os gozos que a riqueza proporciona.” **534.** Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos? “Algumas vezes é isso efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que andais errados na elaboração e na execução dos vossos projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se vos obstinais em ir por um caminho que não deveis seguir, os Espíritos nenhuma culpa tem dos vossos insucessos. Vós mesmos vos constituís em vossos maus gênios.” **535.** Quando algo de venturoso nos sucede é ao Espírito nosso protetor que devemos agradecê-lo? “Agradecei primeiramente a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois, aos bons Espíritos que foram os agentes da sua vontade.” **a)** - Que sucederia se nos esquecêssemos de agradecer? “O que sucede aos ingratos.” **b)** - No entanto, pessoas há que não pedem nem agradecem e às quais tudo sai bem! “Assim é, de fato, mas importa ver o fim. Pagarão bem caro essa felicidade de que não são merecedoras, pois quanto mais houverem recebido, tanto maiores contas terão que prestar.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“Entre dezoito e dezenove horas, atingimos uma casa singela de bairro modesto. No longo percurso, através de ruas movimentadas, surpreendia-me, sobremaneira, por se me depararem quadros totalmente novos. Identificava, agora, a presença de muitos desencarnados de ordem inferior, seguindo os passos de transeuntes vários, ou colados a eles, em abraço singular. Muitos dependuravam-se a veículos, contemplavam-nos outros, das sacadas distantes. Alguns, em grupos, vagavam pelas ruas, formando verdadeiras nuvens escuras que houvessem baixado repentinamente ao solo. Assustei-me. Não havia anotado tais ocorrências nas excursões anteriores ao círculo carnal. Aniceto, porém, explicou que não fora vão o auxílio recebido para intensificação do poder visual. Estávamos em tarefa de observação ativa, com vistas ao aprendizado. Não dissimulava, entretanto, minha surpresa. As sombras sucediam-se umas às outras e posso assegurar que o número de entidades inferiores, invisíveis ao homem comum, não era menor, nas ruas, ao de pessoas encarnadas, em contínuo vaivém. [...]” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 34)

“AÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS FENÔMENOS DA NATUREZA. 536. São devidos a causas fortuitas, ou, ao contrário, têm todos um fim providencial, os grandes fenômenos da Natureza, os que se consideram como perturbação dos elementos? “Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.” **a)** - Objetivam sempre o homem esses fenômenos? “Às vezes têm, como imediata razão de ser, o homem. Na maioria dos casos, entretanto, têm por único motivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.” **b)** - Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primária, nisto como em tudo; porém, sabendo que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir? “Mas, evidentemente. Nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos.” **537.** A mitologia dos antigos se fundava inteiramente em ideias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento? “Tão pouco destituída é de fundamento, que ainda está muito aquém da verdade.” **a)** - Poderá então haver Espíritos que habitem o interior da Terra e presidam aos fenômenos geológicos? “Tais Espíritos não habitam positivamente a Terra. Presidem aos fenômenos e os dirigem de acordo com as atribuições que têm. Dia virá em que recebereis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor.” **538.** Formam categoria especial no mundo espírita os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza? Serão seres à parte, ou Espíritos que foram encarnados como nós? “Que foram ou que o serão.” **a)** - Pertencem esses Espíritos às ordens superiores ou às inferiores da hierarquia espírita? “Isso é conforme seja mais ou menos material, mais ou menos inteligente o papel que desempenhem. Uns mandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, assim entre os Espíritos, como entre os homens.” **539.** A produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é obra de um só Espírito, ou muitos se reúnem, formando grandes massas, para produzi-los? “Reúnem-se em massas inumeráveis.” **540.** Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso? “Uns sim, outros não. Estabelecamos uma comparação. Considera essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem

emergir do mar ilhas e arquipélagos. Julgas que não há aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais de ínfima ordem que executam essas obras, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem, do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade ao conjunto. Enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

IV.4. Ocupação e missão dos espíritos

“DAS OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS. 558. Alguma outra coisa incumbe aos Espíritos fazer, que não seja melhorarem-se pessoalmente? “Concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, cujos ministros eles são. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades.” **559.** Também desempenham função útil no Universo os Espíritos inferiores e imperfeitos? “Todos têm deveres a cumprir. Para a construção de um edifício, não concorre tanto o último dos serventes de pedreiro, como o arquiteto?” **560.** Tem atribuições especiais cada Espírito? “Todos temos que habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo sucessivamente ao que se efetua em todos os pontos do Universo. Mas, como diz o Eclesiastes, há tempo para tudo. Assim, tal Espírito cumpre hoje neste mundo o seu destino, tal outro cumprirá ou já cumpriu o seu, em época diversa, na terra, na água, no ar, etc.” **561.** São permanentes para cada um e estão nas atribuições exclusivas de certas classes as funções que os Espíritos desempenham na ordem das coisas? “Todos têm que percorrer os diferentes graus da escala, para se aperfeiçoarem. Deus, que é justo, não poderia ter dado a uns a ciência sem trabalho, destinando outros a só a adquirirem com esforço.” É o que sucede entre os homens, onde ninguém chega ao supremo grau de perfeição numa arte qualquer, sem que tenha adquirido os conhecimentos necessários, praticando os rudimentos dessa arte. **562.** Já não tendo o que adquirir, os Espíritos da

ordem mais elevada se acham em repouso absoluto, ou também lhes tocam ocupações? “Que quererias que fizessem na eternidade? A ociosidade eterna seria um eterno suplício.” **a)** - De que natureza são as suas ocupações? “Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las ao Universo inteiro e velar por que sejam cumpridas.” **563.** São incessantes as ocupações dos Espíritos? “Incessantes, sim, atendendo-se a que sempre ativos são os seus pensamentos, porquanto vivem pelo pensamento. Importa, porém, não identifiqueis as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens. Essa mesma atividade lhes constitui um gozo, pela consciência que têm de ser úteis.” **a)** - Concebe-se isto com relação aos bons Espíritos. Dar-se-á, entretanto, o mesmo com os Espíritos inferiores? “A estes cabem ocupações apropriadas à sua natureza. Confiáveis, porventura, ao obreiro manual e ao ignorante trabalhos que só o homem instruído pode executar?” **564.** Haverá Espíritos que se conservem ociosos, que em coisa alguma útil se ocupem? “Há, mas esse estado é temporário e dependendo do desenvolvimento de suas inteligências. Há, certamente, como há homens que só para si mesmos vivem. Pesa-lhes, porém, essa ociosidade e, cedo ou tarde, o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade e felizes se sentirão por poderem tornar-se úteis. Referimo-nos aos Espíritos que hão chegado ao ponto de terem consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio; porquanto, em sua origem, todos são quais crianças que acabam de nascer e que obram mais por instinto que por vontade expressa.” **565.** Atentam os Espíritos em nossos trabalhos de arte e por eles se interessam? “Atentam no que prove a elevação dos Espíritos e seus progressos.” **566.** Um Espírito, que haja cultivado na Terra uma especialidade artística, que tenha sido, por exemplo, pintor, ou arquiteto, se interessa de preferência pelos trabalhos que constituíram objeto de sua predileção durante a vida? “Tudo se confunde num objetivo geral. Se for um Espírito bom, esses trabalhos o interessarão na medida do ensejo que lhe proporcionem de auxiliar as almas a se elevarem para Deus. Demais, esqueceis que um Espírito que cultivou certa arte, na existência em que o conhecestes, pode ter cultivado outra em anterior existência, pois que lhe cumpre saber tudo para ser perfeito. Assim, conforme o grau do seu adiantamento, pode suceder que nada seja para ele uma especialidade. Foi o que eu quis significar, dizendo que tudo se confunde num objetivo geral. Notai ainda o seguinte: o que, no vosso mundo atrasado, considerais sublime, não passa de infantilidade, comparado ao que há em mundos mais adiantados. Como pretendéreis que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes que desconheceis, admirem o que, aos seus olhos, corresponde a trabalhos de

colegiais? Por isso disse eu: atentam no que demonstre progresso.” **a)** - Concebemos que seja assim, em se tratando de Espíritos muito adiantados. Referimo-nos, porém, a Espíritos mais vulgares, que ainda se não elevaram acima das ideias terrenas. “Com relação a esses, o caso é diferente. Mais restrito é o ponto de vista donde observam as coisas. Podem, portanto, admirar o que vos cause admiração.” **567.** Costumam os Espíritos imiscuir-se em nossos prazeres e ocupações? “Os Espíritos vulgares, como dizes, costumam. Esses vos rodeiam constantemente e com frequência tomam parte muito ativa no que fazeis, de conformidade com suas naturezas. Cumpre assim aconteça, porque, para serem os homens impelidos pelas diversas veredas da vida, necessário é que se lhes excitem ou moderem as paixões.” Com as coisas deste mundo os Espíritos se ocupam conformemente ao grau de elevação ou de inferioridade em que se achem. Os Espíritos superiores dispõem, sem dúvida, da faculdade de examiná-las nas suas mínimas particularidades, mas só o fazem na medida em que isso seja útil ao progresso. Unicamente os Espíritos inferiores ligam a essas coisas uma importância relativa às reminiscências que ainda conservam e às ideias materiais que ainda se não extinguiram neles. **568.** Os Espíritos, que têm missões a cumprir, as cumprem na erraticidade, ou encarnados? “Podem tê-las num e noutro estado. Para certos Espíritos errantes, é uma grande ocupação.” **569.** Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes? “São tão variadas que impossível fora descrevê-las. Muitas hão mesmo que não podeis compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus e não vos é dado penetrar-lhe todos os desígnios.” As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens, são incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como sejam assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos. Pode dizer-se que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, assim no mundo físico, como no moral. O Espírito se adianta conforme à maneira por que desempenha a sua tarefa. **570.** Os Espíritos percebem sempre os desígnios que lhes compete executar? “Não. Muitos hão que são instrumentos cegos. Outros, porém, sabem muito bem com que fim atuam.” **571.** Só os Espíritos elevados desempenham missões? “A importância das missões corresponde às capacidades e à elevação do

Espírito. O estafeta que leva um telegrama ao seu destinatário também desempenha uma perfeita missão, se bem que diversa da de um general.” **572.** A missão de um Espírito lhe é imposta, ou depende da sua vontade? “Ele a pede e ditoso se considera se a obtém.” **a)** - Pode uma igual missão ser pedida por muitos Espíritos? “Sim, é frequente apresentarem-se muitos candidatos, mas nem todos são aceitos.” **573.** Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados? “Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão, como o que governa, ou o que instrui. Tudo em a Natureza se encadeia. Ao mesmo tempo em que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade.” **574.** Qual pode ser, na Terra, a missão das criaturas voluntariamente inúteis? “Há efetivamente pessoas que só para si mesmas vivem e que não sabem tornar-se úteis ao que quer que seja. São pobres seres dignos de compaixão, porquanto expiarão duramente sua voluntária inutilidade, começando-lhes muitas vezes, já neste mundo, o castigo, pelo aborrecimento e pelo desgosto que a vida lhes causa.” **a)** - Pois que lhes era facultada a escolha, por que preferiram uma existência que nenhum proveito lhes traria? “Entre os Espíritos também há preguiçosos que recuam diante de uma vida de labor. Deus consente que assim procedam. Mais tarde compreenderão, à própria custa, os inconvenientes da inutilidade a que se votaram e serão os primeiros a pedir que se lhes conceda recuperar o tempo perdido. Pode também acontecer que tenham escolhido uma vida útil e que hajam recuado diante da execução da obra, deixando-se levar pelas sugestões dos Espíritos que os induzem a permanecer na ociosidade.” **575.** As ocupações comuns mais nos parecem deveres do que missões propriamente ditas. A missão, de acordo com a ideia a que esta palavra está associada, tem um caráter menos exclusivo, de importância sobretudo menos pessoal. Deste ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem tem realmente na Terra uma determinada missão? “Pelas grandes coisas que opera, pelos progressos a cuja realização conduz seus semelhantes.” **576.** Foram predestinados a isso, antes de nascerem, os homens que trazem uma importante missão e dela têm conhecimento? “Algumas vezes, assim é. Quase sempre, porém, o ignoram. Baixando à Terra, colimam um vago objetivo. Depois do nascimento e de acordo com as circunstâncias é que suas missões se lhes desenharam às vistas. Deus os impele para a senda onde devam executar-lhe os desígnios.” **577.** Quando um

homem faz alguma coisa útil fá-la sempre em virtude da missão em que foi anteriormente investido e a que vem predestinado, ou pode suceder que haja recebido missão não prevista? “Nem tudo o que o homem faz resulta de missão a que tenha sido predestinado. Amiudadas vezes é o instrumento de que se serve um Espírito para fazer que se execute uma coisa que julga útil. Por exemplo, entende um Espírito ser útil que se escreva um livro, que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. Procura então o escritor mais apto a lhe compreender e executar o pensamento. Transmite-lhe a ideia do livro e o dirige na execução. Ora, esse escritor não veio à Terra com a missão de publicar tal obra. O mesmo ocorre com diversos trabalhos artísticos e muitas descobertas. Devemos acrescentar que, durante o sono corporal, o Espírito encarnado se comunica diretamente com o Espírito errante, entendendo-se os dois acerca da execução.” **578.** Poderá o Espírito, por própria culpa, falir na sua missão? “Sim, se não for um Espírito superior.” **a)** - Que consequências lhe advirão da sua falência? “Terá que retomar a tarefa; essa a sua punição. Também sofrerá as consequências do mal que haja causado.” **579.** Pois se é de Deus que o Espírito recebe a sua missão, como se há de compreender que Deus confie missão importante e de interesse geral a um Espírito capaz de falir? “Não sabe Deus se o seu general obterá a vitória ou se será vencido? Sabe-o, crede, e seus planos, quando importantes, não se apoiam nos que hajam de abandonar em meio a obra. Toda a questão, para vós, está no conhecimento que Deus tem do futuro, mas que não vos é concedido.” **580.** O Espírito, que encarna para desempenhar determinada missão, tem apreensões idênticas às de outro que o faz por provação? “Não, porque traz a experiência adquirida.” **581.** Certamente desempenham missão os homens que servem de faróis ao gênero humano, que o iluminam com a luz do gênio. Entre eles, porém, alguns há que se enganam, que, de par com grandes verdades, propagam grandes erros. Como se deve considerar a missão desses homens? “Como falseadas por eles próprios. Estão abaixo da tarefa que tomaram sobre os ombros. Contudo, mister se faz levar em conta as circunstâncias. Os homens de gênio têm que falar de acordo com as épocas em que vivem e, assim, um ensinamento que pareceu errôneo ou pueril, numa época adiantada, pode ter sido o que convinha no século em que foi divulgado.” **582.** Pode-se considerar como missão a paternidade? “É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil

e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos hão, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.” **583.** São responsáveis os pais pelo transviamento de um filho que envereda pelo caminho do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram? “Não; porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho.” **a)** - Se um filho se torna homem de bem, não obstante a negligência ou os maus exemplos de seus pais, tiram estes daí algum proveito? “Deus é justo.” **584.** De que natureza será a missão do conquistador que apenas visa satisfazer à sua ambição e que, para alcançar esse objetivo, não vacila ante nenhuma das calamidades que vai espalhando? “As mais das vezes não passa de um instrumento de que se serve Deus para cumprimento de seus desígnios, representando essas calamidades um meio de que ele se utiliza para fazer que um povo progrida mais rapidamente.” **a)** - Nenhuma parte tendo na produção do bem que dessas calamidades passageiras possa resultar, pois que visava um fim todo pessoal, aquele que delas se constitui instrumento tirará, não obstante, proveito desse bem? “Cada um é recompensado de acordo com as suas obras, com o bem que intentou fazer e com a retidão de suas intenções.” Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes às suas existências corpóreas. No estado de erraticidade, ou de desmaterialização, tais ocupações são adequadas ao grau de adiantamento deles. Uns percorrem os mundos, se instruem e preparam para nova encarnação. Outros, mais adiantados, se ocupam com o progresso, dirigindo os acontecimentos e sugerindo ideias que lhe sejam propícias. Assistem os homens de gênio que concorrem para o adiantamento da Humanidade. Outros encarnam com determinada missão de progresso. Outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais se constituem os anjos guardiães, os gênios protetores e os Espíritos familiares. Outros, finalmente, presidem aos fenômenos da Natureza, de que se fazem os agentes diretos. Os Espíritos vulgares se imiscuem em nossas ocupações e diversões. Os impuros ou imperfeitos aguardam, em sofrimentos e angústias, o momento em que praza a Deus proporcionar-lhes meios de se adiantarem. Se praticam o mal, é pelo despeito de ainda não poderem gozar do bem.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo X)

V Anjos de guarda, espíritos protetores ou guias espirituais

V.1. Definição

“AFEIÇÃO QUE OS ESPÍRITOS VOTAM A CERTAS PESSOAS 484. Os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas? “Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais. Daí suas afeições, como consequência da conformidade dos sentimentos.” **485.** É exclusivamente moral a afeição que os Espíritos votam a certas pessoas? “A verdadeira afeição nada tem de carnal; mas, quando um Espírito se apegue a uma pessoa, nem sempre o faz só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se uma reminiscência das paixões humanas.” **486.** Interessam-se os Espíritos pelas nossas desgraças e pela nossa prosperidade? Afligem-se os que nos querem bem com os males que padecemos durante a vida? “Os bons Espíritos fazem todo o bem que lhes é possível e se sentem ditosos com as vossas alegrias. Afligem-se com os vossos males, quando os não suportais com resignação, porque nenhum benefício então tirais deles, assemelhando- vos, em tais casos, ao doente que rejeita a beberagem amarga que o há de curar.” **487.** Dentre os nossos males, de que natureza são os de que mais se afligem os Espíritos por nossa causa? Serão os males físicos ou os morais? “O vosso egoísmo e a dureza dos vossos corações. Daí decorre tudo o mais. Riem-se de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição. Rejubilam com os que redundam na abreviação do tempo das vossas provas.” Sabendo ser transitória a vida corporal e que as tribulações que lhe são inerentes constituem meios de alcançarmos melhor estado, os Espíritos mais se afligem pelos nossos males devidos a causas de ordem moral, do que pelos nossos sofrimentos físicos, todos passageiros. Pouco se incomodam com as desgraças que apenas atingem as nossas ideias mundanas, tal qual fazemos com as mágoas pueris das crianças. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, os Espíritos as consideram como a crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos de um amigo. Porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, os apreciam de um modo diverso do nosso. Então, ao passo que os bons nos levantam o ânimo no interesse do nosso futuro, os outros nos impelem ao desespero, objetivando comprometer-nos. **488.** Os parentes e amigos, que nos precederam na outra vida, maior

simpatia nos votam do que os Espíritos que nos são estranhos? “Sem dúvida e quase sempre vos protegem como Espíritos, de acordo com o poder de que dispõem.” **a)** - São sensíveis à afeição que lhes conservamos? “Muito sensíveis, mas esquecem-se dos que os olvidam.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo X)

“ANJOS-DE-GUARDA. ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS. 489. Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo? “Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.” **490.** Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião? “O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.” **491.** Qual a missão do Espírito protetor? “A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.” **492.** O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento? “Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito.” **493.** É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protetor? “O Espírito fica obrigado a vos assistir, uma vez que aceitou esse encargo. Cabe-lhe, porém, o direito de escolher seres que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão ou dever.” **a)** - Dedicando-se a uma pessoa, renuncia o Espírito a proteger outros indivíduos? “Não; mas protege-os menos exclusivamente.” **494.** O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda? “Frequentemente sucede que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões. Mas, nesse caso, outros os substituem.” **495.** Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos? “Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame. “É uma doutrina, esta, dos anjos guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, devera converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão

convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos. “Ah! se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Mas, oh! Quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: ‘Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!’ Oh! Interrogai os vossos anjos guardiães; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e ideias preconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre. Caminhai! Tendes guias, segui-os, que a meta não vos pode faltar, porquanto essa meta é o próprio Deus. “Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que nós vos influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é, e, não obstante viverem noutro mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou só na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo de guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando ele lhe despreza os conselhos. “Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. Sereis assim mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem margens, levando de roldão a incredulidade e a ignorância. Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginai que obra fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para os repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?” SÃO LUÍS, SANTO AGOSTINHO. Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos

guardiães, a velarem pelos seus protegidos, malgrado à distância que medeia entre os mundos. É, ao contrário, grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de muito longe, e auxiliá-lo com seus conselhos correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá, então, em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles tomaram sob sua proteção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal, que entrelaça todos os mundos, tornando-os solidários; veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o da transmissão do som?” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo X)

514. Os Espíritos familiares são os mesmos a quem chamamos Espíritos simpáticos ou Espíritos protetores? “Há gradações na proteção e na simpatia. Dai-lhes os nomes que quizerdes. O Espírito familiar é antes o amigo da casa.” Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se afeiçoam ao homem, pode-se deduzir o seguinte: O Espírito protetor, anjo de guarda, ou bom gênio é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, com relação ao protegido. Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder, quase sempre muito restrito, de que dispõem. São bons, porém muitas vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se de boa mente com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores. Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e ainda por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem como para o mal. De ordinário, a duração de suas relações se acha subordinada às circunstâncias. O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso, que se liga ao homem para desviá-lo do bem. Obra, porém, por impulso próprio e não no desempenho de missão. A tenacidade da sua ação está em relação direta com a maior ou menor facilidade de acesso que encontre por parte do homem, que goza sempre da liberdade de escutar-lhe a voz ou de lhe cerrar os ouvidos.

515. Que se há de pensar dessas pessoas que se ligam a certos indivíduos para levá-los à perdição, ou para guiá-los pelo bom caminho? “Efetivamente, certas pessoas exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso se dá no sentido do mal, são maus Espíritos, de que outros Espíritos também maus se servem para subjugar-las. Deus permite que tal coisa ocorra para vos experimentar.”

516. Poderiam os nossos bons e maus gênios encarnar, a fim de mais de perto nos acompanharem na vida? “Isso

às vezes se dá. Porém, o que mais frequentemente se verifica é encarregarem dessa missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.” **517.** Haverá Espíritos que se liguem a uma família inteira para protegê-la? “Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma determinada família, que vivem juntos e unidos pela afeição; mas, não acrediteis em Espíritos protetores do orgulho das raças.” **518.** Assim como são atraídos, pela simpatia, para certos indivíduos, são-no igualmente os Espíritos, por motivos particulares, para as reuniões de indivíduos? “Os Espíritos preferem estar no meio dos que se lhes assemelham. Acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. É pelas suas tendências que o homem atrai os Espíritos e isso quer esteja só, quer faça parte de um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade, ou um povo. Portanto, as sociedades, as cidades e os povos são, de acordo com as paixões e o caráter neles predominantes, assistidos por Espíritos mais ou menos elevados. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os repelem. Segue-se que o aperfeiçoamento moral das coletividades, como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que estimulam e alimentam nelas o sentimento do bem, como outros lhes podem insuflar as paixões grosseiras.” **519.** As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm Espíritos protetores especiais? “Têm, pela razão de que esses agregados são individualidades coletivas que, caminhando para um objetivo comum, precisam de uma direção superior.” **520.** Os Espíritos protetores das coletividades são de natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos? “Tudo é relativo ao grau de adiantamento, quer se trate de coletividades, quer de indivíduos.” **521.** Podem certos Espíritos auxiliar o progresso das artes, protegendo os que às artes se dedicam? “Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Que queres, porém, que façam com os que julgam ser o que não são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam.” Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais. As Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. Também modernamente, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores, sob várias designações. Tendo todo homem Espíritos que com ele simpatizam, claro é que, nos corpos coletivos, a generalidade dos Espíritos que lhes votam simpatia está em proporção com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos para essas coletividades pela identidade dos gostos e das ideias; em suma, que esses agregados de pessoas, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos bem

assistidos e influenciados, de acordo com a natureza dos sentimentos dominantes entre os elementos que os compõem. Nos povos, determinam a atração dos Espíritos os costumes, os hábitos, o caráter dominante e as leis, as leis sobretudo, porque o caráter de uma nação se reflete nas suas leis. Fazendo reinar em seu seio a justiça, os homens combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à Humanidade, os bons Espíritos ficam em minoria e a multidão, que afluí, dos maus mantém a nação aferrada às suas ideias e paralisa as boas influências parciais, que ficam perdidas no conjunto, como insuladas espigas entre espinheiros. Estudando-se os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, facilmente se forma ideia da população oculta que se lhes imiscui no modo de pensar e nos atos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo X)

V.2. Tarefa dos guias espirituais – Atividades junto aos encarnados

“**496.** O Espírito, que abandona o seu protegido, que deixa de lhe fazer bem, pode fazer-lhe mal? “Os bons Espíritos nunca fazem mal. Deixam que o façam aqueles que lhes tomam o lugar. Costumais então lançar à conta da sorte as desgraças que vos acabrunham, quando só as sofreis por culpa vossa.” **497.** Pode um Espírito protetor deixar o seu protegido à mercê de outro Espírito que lhe queira fazer mal? “Os maus Espíritos se unem para neutralizar a ação dos bons. Mas, se o quiser, o protegido dará toda a força ao seu protetor. Pode acontecer que o bom Espírito encontre alhures uma boa vontade a ser auxiliada. Aplica-se então em auxiliá-la, aguardando que seu protegido lhe volte.” **498.** Será por não poder lutar contra Espíritos malévolos que um Espírito protetor deixa que seu protegido se transvie na vida? “Não é porque não possa, mas porque não quer. E não quer, porque das provas sai o seu protegido mais instruído e perfeito. Assiste-o sempre com seus conselhos, dando-os por meio dos bons pensamentos que lhe inspira, porém que quase nunca são atendidos. A fraqueza, o descuido ou o orgulho do homem são exclusivamente o que empresta força aos maus Espíritos, cujo poder todo advém do fato de lhes não opordes resistência.” **499.** O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido? Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista? “Há circunstâncias em que não é necessário esteja o Espírito protetor junto do seu protegido.” **500.** Momentos haverá em que o Espírito deixe de precisar, de então por diante, do seu protetor? “Sim, quando ele atinge o ponto de poder guiar-se a si mesmo, como sucede ao estudante, para o qual um momento chega em que não mais precisa

de mestre. Isso, porém, não se dá na Terra.” **501.** Por que é oculta a ação dos Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo? “Se vos fosse dado contar sempre com a ação deles, não obraríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. Para que este possa adiantar-se, precisa de experiência, adquirindo-a frequentemente à sua custa. É necessário que exercite suas forças, sem o que, seria como a criança a quem não consentem que ande sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira que não vos tolha o livre-arbítrio, porquanto, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis na senda que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se confia às suas próprias forças. Sobre ele, entretanto, vela o seu guia e, de tempos a tempos, lhe brada, advertindo-o do perigo.” **502.** O Espírito protetor, que consegue trazer ao bom caminho o seu protegido, lucra algum bem para si? “Constitui isso um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade. Sente-se ditoso quando vê bem-sucedido os seus esforços, o que representa, para ele, um triunfo, como triunfo é, para um preceptor, os bons êxitos do seu educando.” **a)** - É responsável pelo mau resultado de seus esforços? “Não, pois que fez o que de si dependia.” **503.** Sofre o Espírito protetor quando vê que seu protegido segue mau caminho, não obstante os avisos que dele recebe? Não há aí uma causa de turbção da sua felicidade? “Compungem-no os erros do seu protegido, a quem lastima. Tal aflição, porém, não tem analogia com as angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e que o que não se faz hoje, amanhã se fará.” **504.** Poderemos sempre saber o nome do Espírito nosso protetor, ou anjo-de-guarda? “Como quereis saber nomes para vós inexistentes? Supondes que Espíritos só há os que conheceis?” **a)** - Como então o podemos invocar, se o não conhecemos? “Dai-lhe o nome que quiserdes, o de Espírito superior que vos inspire simpatia ou veneração. O vosso protetor acudirá ao apelo que com esse nome lhe dirigirdes, visto que todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem mutuamente.” **505.** Os protetores, que dão nomes conhecidos, sempre são, realmente, os Espíritos das personalidades que tiveram esses nomes? “Não. Muitas vezes, os que os dão são Espíritos simpáticos aos que de tais nomes usaram na Terra e, a mando destes, respondem ao vosso chamamento. Fazeis questão de nomes; eles tomam um que vos inspire confiança. Quando não podeis desempenhar pessoalmente determinada missão, não costumais mandar que outro, por quem respondeis como por vós mesmos, obre em vosso nome?” **506.** Na vida espírita, reconheceremos o Espírito nosso protetor? “Decerto, pois não é raro que o tenhais conhecido antes de encarnardes.” **507.**

Pertencem todos os Espíritos protetores à classe dos Espíritos elevados? Podem contar-se entre os de classe média? Um pai, por exemplo, pode tornar-se o Espírito protetor de seu filho? “Pode, mas a proteção pressupõe certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai, que protege seu filho, também pode ser assistido por um Espírito mais elevado.” **508.** Os Espíritos que se achavam em boas condições ao deixarem a Terra, sempre podem proteger os que lhes são caros e que lhes sobrevivem? “Mais ou menos restrito é o poder de que desfrutam. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.” **509.** Quando em estado de selvageria ou de inferioridade moral, têm os homens, igualmente, seus Espíritos protetores? E, assim sendo, esses Espíritos são de ordem tão elevada quanto a dos Espíritos protetores de homens muito adiantados? “Todo homem tem um Espírito que por ele vela, mas as missões são relativas ao fim que visam. Não dais a uma criança, que está aprendendo a ler, um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar guarda relação com o do Espírito protegido. Tendo um Espírito que vela por vós, podeis tornar-vos, a vosso turno, o protetor de outro que vos seja inferior e os progressos que este realize, com o auxílio que lhe dispensardes, contribuirão para o vosso adiantamento. Deus não exige do Espírito mais do que comportem a sua natureza e o grau de elevação a que já chegou.” **510.** Quando o pai, que vela pelo filho, reencarna, continua a velar por ele? “Isso é mais difícil. Contudo, de certo modo o faz, pedindo, num instante de desprendimento, a um Espírito simpático que o assista nessa missão. Demais, os Espíritos só aceitam missões que possam desempenhar até ao fim. “Encarnado, mormente em mundo onde a existência é material, o Espírito se acha muito sujeito ao corpo para poder dedicar-se inteiramente a outro Espírito, isto é, para poder assisti-lo pessoalmente. Tanto assim que os que ainda se não elevaram bastante são também assistidos por outros, que lhes estão acima, de tal sorte que, se por qualquer circunstância um vem a faltar, outro lhe supre a falta.” **511.** A cada indivíduo achar-se-á ligado, além do Espírito protetor, um mau Espírito, com o fim de impeli-lo ao erro e de lhe proporcionar ocasiões de lutar entre o bem e o mal? “Ligado, não é o termo. É certo que os maus Espíritos procuram desviar do bom caminho o homem, quando se lhes depara ocasião. Sempre, porém, que um deles se liga a um indivíduo, fá-lo por si mesmo, porque conta ser atendido. Há então luta entre o bom e o mau, vencendo aquele por quem o homem se deixe influenciar.” **512.** Podemos ter muitos Espíritos protetores? “Todo homem conta sempre Espíritos, mais ou menos elevados, que com ele simpatizam, que lhe dedicam afeto e por ele se interessam, como também tem junto de si outros que o assistem

no mal.” **513.** Os Espíritos que conosco simpatizam atuam em cumprimento de missão? “Não raro, desempenham missão temporária; porém, as mais das vezes, são apenas atraídos pela identidade de pensamentos e sentimentos, assim para o bem como para o mal.”

a) - Parece lícito inferir-se daí que os Espíritos a quem somos simpáticos podem ser bons ou maus, não? “Sim, qualquer que seja o seu caráter, o homem sempre encontra Espíritos que com ele simpatizam.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo X)

“A TAREFA DOS GUIAS ESPIRITUAIS. Os guias invisíveis do homem não poderão, de forma alguma, afastar as dificuldades materiais dos seus caminhos evolutivos sobre a face da Terra. O Espaço está cheio de incógnitas para todos os Espíritos. Se os encarnados sentem a existência de fluidos imponderáveis que ainda não podem compreender, os desencarnados estão marchando igualmente para a descoberta de outros segredos divinos que lhes preocupam a mente. Quando falamos, portanto, da influência do Evangelho nas grandes questões sociológicas da atualidade, apontamos às criaturas o corpo de leis, pelas quais devem nortear as suas vidas no planeta. O chefe de determinados serviços recebe regulamentos necessários dos seus superiores, que ele deverá pôr em prática na administração. Nossas atividades são de colaborar com os nossos irmãos no domínio do conhecimento desses códigos de justiça e de amor, a cuja base viverá a legislação do futuro. Os Espíritos não voltariam à Terra apenas para dizerem, aos seus companheiros, das beatitudes eternas nos planos divinos da imensidade. Todos os homens conhecem a fatalidade da morte e sabem que é inevitável a sua futura mudança para a vida espiritual. Todas as criaturas estão, assim, fadadas a conhecer aquilo que já conhecemos. Nossa palavra é para que a Terra vibre conosco nos ideais sublimes da fraternidade e da redenção espiritual. Se falamos dos mundos felizes, é para que o planeta terreno seja igualmente venturoso. Se dizemos do amor que enche a vida inteira da Criação Infinita, é para que o homem aprenda também a amar a vida e os seus semelhantes. Se discorremos acerca das condições aperfeiçoadas da existência em planos redimidos do Universo, é para que a Terra ponha em prática essas mesmas condições. Os códigos aplicados, em outras esferas mais adiantadas, baseados na solidariedade universal, deverão, por sua vez, merecer aí a atenção e os estudos precisos. O orbe terreno não está alheio ao concerto universal de todos os sóis e de todas as esferas que povoam o Ilimitado; parte integrante da infinita comunidade dos mundos, a Terra conhecerá as alegrias perfeitas da harmonia da vida. E a vida é sempre amor, luz, criação, movimento e poder. Os desvios e os excessos dos homens é que fizeram do vosso planeta a mansão triste das sombras e dos contrastes. Fluidos misteriosos

ligam a Deus todas as belezas da sua criação perfeita e inimitável. Os homens terão, portanto, o seu quinhão de felicidade imorredoura, quando estiverem integrados na harmonia com o seu Criador. Os sóis mais remotos e mais distantes se unem ao vosso orbe de sombras, através de fluidos poderosos e intangíveis. Há uma lei de amor que reúne todas as esferas, no seio do éter universal, como existe essa força ignorada, de ordem moral, mantendo a coesão dos membros sociais, nas coletividades humanas. A Terra é, pois, componente da sociedade dos mundos. Assim como Marte ou Saturno já atingiram um estado mais avançado em conhecimentos, melhorando as condições de suas coletividades, o vosso orbe tem, igualmente, o dever de melhorar-se, avançando, pelo aperfeiçoamento das suas leis, para um estágio superior, no quadro universal. Os homens, portanto, não devem permanecer embevecidos, diante das nossas descrições. O essencial é meter mãos à obra, aperfeiçoando, cada qual, o seu próprio coração primeiramente, afinando-o com a lição de humildade e de amor do Evangelho, transformando em seguida os seus lares, as suas cidades e os seus países, a fim de que tudo na Terra respire a mesma felicidade e a mesma beleza dos orbes elevados, conforme as nossas narrativas do Infinito. EMMANUEL.” (EMM, *Emmanuel*, A tarefa dos guias espirituais)

“226 – *Os guias espirituais têm uma parte ativa na tarefa de nossa iluminação pessoal?* – Essa colaboração apenas se verifica como no caso dos irmãos mais velhos, ou dos amigos mais idosos nas experiências do mundo. Os mentores do Além poderão apontar-vos os resultados dos seus próprios esforços na Terra ou, então, aclarar os ensinamentos que o homem já recebeu através da misericórdia do Cristo e da benevolência dos seus enviados, mas em hipótese alguma poderão afastar a alma encarnada do trabalho que lhe compete, na curta permanência das lições do mundo. Que dizer de um professor que decifrasse os problemas comuns para os alunos? Além disso, os amigos espirituais não se encontram em estado beatífico. Suas atividades e deveres são maiores que os vossos. Seus problemas novos são inúmeros e cada Espírito deve buscar em si mesmo a luz necessária à visão acertada do caminho. Trabalhai sempre. Essa é a lei para vós outros e para nós que já nos afastamos do âmbito limitado do círculo carnal. Esforcemo-nos constantemente. A palavra do guia é agradável e amiga, mas o trabalho de iluminação pertence a cada um. Na solução dos nossos problemas, nunca esperemos pelos outros, porque de pensamento voltado para a fonte de sabedoria e misericórdia, que é Deus, não nos faltará, em tempo algum, a divina inspiração de sua bondade infinita.” (EMM, *O consolador*, Segunda parte - Filosofia, Capítulo 3)

“Findos os trabalhos, que ocuparam pouco mais de duas horas, inclusive a palestra instrutiva, vários grupos eram apresentados ao instrutor, por um dos dirigentes do templo. Tive a impressão de que a assembleia, em sua feição quase integral, era constituída de legítimos interessados nos trabalhos espontâneos de ajuda ao próximo. Pelas saudações e pelas frases de que se faziam acompanhar, percebi que se aglomeravam no recinto grandes e pequenos conjuntos de servidores, em diversas missões, com objetivos múltiplos. Consagravam-se alguns ao amparo de criminosos desencarnados, outros ao socorro de mães aflitas, colhidas inesperadamente pelas renovações da morte, outros, ainda, interessavam-se pelos ateus, pelas consciências encarceradas no remorso, pelos enfermos na carne, pelos agonizantes na Crosta, pelos dementes sem corpo físico, pelas crianças em dificuldade no plano invisível aos homens, pelas almas desanimadas e tristes, pelos desequilibrados de todos os matizes, pelos missionários perdidos ou desviados, pelas entidades jungidas às vísceras cadavéricas, pelos trabalhadores da Natureza, necessitados de inspiração e carinho.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 1)

“– Nosso esforço – continuou o prestimoso amigo – tem por especial escopo impedir a consumação dos processos tendentes à loucura. A rede de amparo espiritual, neste sentido, é quase infinita. A positiva declaração de desarmonia mental constitui sempre o término de longa luta. Claro está que não incluímos aqui os casos puramente fisiológicos, mormente em se tratando da invasão da sífilis na matéria cerebral; reportamo-nos aos dramas íntimos da personalidade prisioneira da introversão, do desequilíbrio, dos fenômenos de involução, das tragédias passionais, episódios esses que deflagram no mundo, aos milhares por semana. Nas esferas imediatas à luta do homem vulgar, onde nos achamos presentemente, são inúmeras as organizações socorristas dessa natureza. É imprescindível amparar a mente humana na Crosta Planetária, em seus deslocamentos naturais. A vasta escola terrestre exige incessante e complexa colaboração espiritual. Indubitavelmente, a Divina Sabedoria não se descuidou da programação prévia de serviço, neste particular. Se encarregou a Ciência de superintender o desdobramento harmonioso dos fenômenos pertinentes à zona física, se incumbiu a Filosofia de acompanhar essa mesma Ciência, enriquecendo-lhe os valores intelectuais, confiou à Religião a tarefa de velar pelo desenvolvimento da alma, propiciando-lhe abençoadas luzes para a jornada de ascensão. A crença religiosa, todavia, mormente nos últimos anos, tem-se revelado incapaz de tal cometimento: falta-lhe pessoal adequado. Enquanto a edificação científica no mundo se apresenta qual árvore gigantesca, abrigan-do, em seus ramos refertos de teorias e raciocínios,

as inteligências encarnadas, a Religião, subdividida em numerosos setores, dá a ideia de erva raquítica, a de-finhar no solo. O Amor Divino, porém, não ignora os obstáculos que assoberbam os círculos da fé. Se à investigação do conhecimento basta o valor intelectual, o problema religioso demanda altas possibilidades de sentimento. A primeira requer observação e persistência; o segundo, todavia, implica vocação para a renúncia. À vista disto, colaborando com os trabalhadores decididos, inúmeras legiões de auxiliares invisíveis ao olhar humano se desdobram, em toda parte, socorrendo os que sofrem, incentivando os que esperam firmemente no bem, melhorando sempre. Nosso esforço, portanto, em torno da mente encarnada, é extenso e múltiplo. Forçoso é convir, no entanto, que, se o programa dá motivo a preocupações, é também fonte de prazer. Experimentamos o contentamento de irmãos mais velhos, capazes de prestar auxílio aos mais novos. Indiscutivelmente, somos, em humanidade, uma só família. Verificando-se pausa natural nos esclarecimentos de Calderaro, indaguei, curioso: – Como se opera, entretanto, a administração de tais auxílios? Indiscriminadamente? – Não – explicou o interpelado –, o senso de ordem preside-nos à atividade em todas as circunstâncias. Quase sempre é a força intercessória que determina os processos de ajuda. A prece, representada pelo desejo não manifestado, pelas aspirações íntimas ou pelas petições declaradas, proveniente da zona superior ou surgida do fundo vale, onde se agitam as paixões humanas, é, a rigor, o ascendente de nossas atividades. Dispunha-me a formular certa pergunta, oriunda de velhas concepções do separatismo religioso, quando Calderaro, percebendo-me a ponderação prestes a exprimir-se, acrescentou, calmo: – Não aludimos, aqui, a orações ou a aspirações de correntes idealísticas determinadas: o dístico não interessa. Colaboramos com o espírito eterno em sua ascensão à zona divina, aduzindo novas forças ao bem, onde ele se encontre, independentemente de fórmulas dogmáticas, ou não, com que ele se manifeste nos círculos humanos. Nosso problema não é de favoritismo, senão de espiritualidade superior, mercê da união dos valores substanciais, em favor da vida melhor.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“Refletindo nas lutas da alma, atirada às experiências da vida com tantos enigmas a solver, acudiu-me à lembrança antiga questão que habitualmente me vinha à cabeça. – E os anjos de guarda? – Inquiri. Diante da surpresa que assomou ao semblante do nosso orientador, acentuei, reverente: – Perdoe-me, mas ainda sou estudante incipiente da vida espiritual. Os anjos de guarda estão em nossa esfera? Clarêncio encarou-me, admirado e sentenciou: – Os Espíritos tutelares encontram-se em todas as esferas, contudo é indispensável tecer algumas considerações sobre o assunto. Os

anjos da sublime vigilância, analisados em sua excel-situde divina, seguem-nos a longa estrada evolutiva. Desvelam-se por nós, dentro das Leis que nos regem, todavia não podemos esquecer que nos movimentamos todos em círculos multidimensionais. A cadeia de ascensão do espírito vai da intimidade do abismo à suprema glória celeste. Ligeira pausa trouxe paternal sorriso aos lábios do instrutor, que prosseguiu: – Será justo lembrar que estamos plasmando nossa individualidade imperecível no espaço e no tempo, ao preço de continuadas e difíceis experiências. A ideia de um ente divinizado e perfeito, invariavelmente ao nosso lado, ao dispor de nossos caprichos ou ao sabor de nossas dívidas, não concorda com a justiça. Que governo terrestre destacaria um de seus ministros mais sábios e especializados na garantia do bem de todos para colar-se, indefinidamente, ao destino de um só homem, quase sempre renitente cultor de complicados enigmas e necessitado, por isso mesmo, das mais severas lições da vida? Porque haveria de obrigar-se um arcanjo a descer da Luz Eterna para seguir, passo a passo, um homem deliberadamente egoísta ou preguiçoso? Tudo exige lógica, bom-senso. – Com semelhante apontamento, quer dizer que os anjos de guarda não vivem conosco? – Não digo isso – asseverou o benfeitor. E, com graça, aduziu: – O Sol está com o verme, amparando-o na fumaça, a milhões e milhões de quilômetros, sem que o verme esteja com o Sol. As irmãs que seguiam conosco, lado a lado, embevecidas na contemplação do céu, comentavam carinhosamente o porvir de Júlio, psiquicamente distanciadas de nossa conversação. O apontamento de nosso orientador impunha-nos graves reflexões e, talvez por esse motivo, o silêncio tentou apossar-se do grupo, mas Clarêncio, reconhecendo que o assunto demandava elucidação mais ampla, continuou: – “Anjo, segundo a acepção justa do termo, é mensageiro. Ora, há mensageiros de todas as condições e de todas as procedências e, por isso, a antiguidade sempre admitiu a existência de anjos bons e anjos maus. Anjo de guarda, desde as concepções religiosas mais antigas, é uma expressão que define o Espírito celeste que vigia a criatura em nome de Deus ou pessoa que se devota infinitamente a outra, ajudando-a e defendendo-a. Em qualquer região, convivem conosco os Espíritos familiares de nossa vida e de nossa luta. Dos seres mais embrutecidos aos mais sublimados, temos a corrente de amor, cujos elos podemos simbolizar nas almas que se querem ou que se afinam umas com as outras, dentro da infinita graduação do progresso. “A família espiritual é uma constelação de Inteligências, cujos membros estão na Terra e nos Céus. Aquele que já pode ver mais um pouco auxilia a visão daquele que ainda se encontra em luta por desvencilhar-se da própria cegueira. Todos nós, por mais baixo nos revelemos na escala da evolução,

possuímos, não longe de nós, alguém que nos ama a impelir-nos para a elevação. Isso podemos verificar nos círculos da matéria mais densa. Temos constantemente corações que nos devotam estima e se consagram ao nosso bem. De todas as afeições terrestres, salientemos, para exemplificar, a devoção das mães. O espírito maternal é uma espécie de anjo ou mensageiro, embora muita vez circunscrito ao cárcere de férreo egoísmo, na custódia dos filhos. Além das mães, cujo amor padece muitas deficiências, quando confrontado com os princípios essenciais da fraternidade e da justiça, temos afetos e simpatias dos mais envolventes, capazes dos mais altos sacrifícios por nós, não obstante condicionados a objetivos por vezes egoísticos. Não podemos olvidar, porém, que o admirável altruísmo de amanhã começa na afetividade estreita de hoje, como a árvore parte do embrião. “Todas as criaturas, individualmente, contam com louváveis devotamentos de entidades afins que se lhes afeiçoam. A orfandade real não existe. Em nome do Amor, todas as almas recebem assistência onde quer que se encontrem. Irmãos mais velhos ajudam os mais novos. Mestres inspiram discípulos. Pais socorrem os filhos. Amigos ligam-se a amigos. Companheiros auxiliam companheiros. Isso ocorre em todos os planos da Natureza e, fatalmente, na Terra, entre os que ainda vivem na carne e os que já atravessaram o escuro passadiço da morte. Os gregos sabiam disso e recorriam aos seus gênios invisíveis. Os romanos compreendiam essa verdade e cultuavam os numes domésticos. O gênio guardião será sempre um Espírito benfazejo para o protegido, mas é imperioso anotar que os laços afetivos, em torno de nós, ainda se encontram em marcha ascendente para mais altos níveis da vida. “Com toda a veneração que lhes devemos, importa reconhecer, nos Espíritos familiares que nos protegem, grandes e respeitáveis heróis do bem, mas ainda singularmente distanciados da angelitude eterna. Naturalmente, avançam em linhas enobrecidas, em planos elevados, todavia, ainda sentem inclinações e paixões particulares, no rumo da universalização de sentimentos. Por esse motivo, com muita propriedade, nas diversas escolas religiosas, escutamos a intuição popular asseverando: – “nossos anjos de guarda não combinam entre si”, ou, ainda, “ façamos uma oração aos anjos de guarda”, reconhecendo-se, intuitivamente, que os gênios familiares de nossa intimidade ainda se encontram no campo de afinidades específicas e precisam, por vezes, de apelos à natureza superior para atenderem a esse ou àquele gênero de serviço.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 33)

“Ribas pausou, de novo, alguns instantes e, logo após, anunciou: – Nosso esquema inclui um acontecimento importante... Nos dias que virão, seremos chamados a aproximar os lares de Serpa e Amâncio, porquanto Desidério e Elisa, reencarnados, realizarão

venturoso matrimônio em plena juventude... Envidaremos esforço máximo, para que Desidério se despeça de nós, em breve tempo, na direção da vida física... Evelina chorava de jubilosa emoção, meditando na justiça perfeita de Deus, e Ernesto refletia, empolgado de assombro, ante a lógica do plano estabelecido. Sopitando a comoção encharcada de lágrimas, a senhora Serpa articulou nova pergunta: – E minha mãe? – Sua mãezinha – aclarou o mentor – acompanhará os destinos de Amâncio... Seu pai desposou-a, mas não a amava... Tanto assim que, nas anotações e relatórios de que dispomos, você ainda estava no berço terrestre e ele já gravitava para outros campos sentimentais. – Tantos projetos! – especulou Fantini - transformar figuras em obras exige trabalho e trabalho... quem se responsabilizará pela execução de semelhantes planificações? O mentor lançou-lhe benevolente olhar e falou para ambos: – Vocês já ouviram falar em guias espirituais? Ernesto e a companheira esboçaram silencioso gesto de estranheza. E Ribas: – Pois é... Vocês dois serão os encarregados do serviço em perspectiva, com todas as tarefas-satélites que lhes forem consequentes. Esforçar-se-ão para que Serpa e Vera se consorciem; para que Elisa se recupere após a desencarnação, no menor prazo possível; para que Desidério volte ao renascimento físico, nas condições desejáveis, e auxiliarão, ainda, a Elisa, no retorno à Terra, com o dever de amparar-lhes o berço e a meninice, além de que estarão colaborando não só para que a futura genitora de Desidério conquiste recursos adequados a acolhê-lo no claustro materno, como também para que o nosso amigo, a reencarnar, venha a sentir-se convenientemente instalado, na posição de filho adotivo... E nada de esquecer nosso Mancini, que prossegue requerendo atenções especiais; o encaminhamento dele no futuro, o enlace de Elisa e Desidério, mais tarde, depois das providências com que nos empenharemos a reaproximar as famílias Terra e Serpa... Num gesto marcante de bom-humor: – Trabalho para trinta anos, meus amigos! Para início de ajuste, considerem-se vinculados à nossa cidade, em serviço, no mínimo de trinta anos pela frente!... Ernesto contemplou Evelina, tomado de profundo enternecimento. E pensava que ela e ele haviam sido rechaçados da memória dos que mais amavam, quase que totalmente esquecidos, recusados, afastados, substituídos. A ex-senhora Serpa – pois que a moça se reconhecia francamente liberada pelas atitudes de Caio, quanto ao prosseguimento de qualquer compromisso de natureza afetiva – fixava Ernesto e sintonizava-se-lhe com a onda de ideias e emoções. Estavam os dois com a paz de consciência e a sós um com o outro, na empresa que os chamava. Fantini recebeu-lhe mais espiritualizado pelos sofrimentos dos dias últimos, qual se a fogueira de aflições ocultas lhe houvesse remodelado a forma e retocado o semblante.

Entreolharam-se e compreenderam-se. Todos os entes queridos, da Terra, exceção de Brígida que ainda mantinha pensamentos de ternura e saudade para a filha distante, dispensavam-lhes a presença e o concurso. Entretanto, necessitavam agir e construir, a favor deles mesmos. E ao modo de aliados que se reencontram para veneráveis misteres, no campo da vida, se prometeram, sem palavras, irmanar os corações, transferindo um para o outro os sagrados tesouros afetivos que se lhes devolviam da Terra, convencidos de que precisavam da escora recíproca para a longa jornada que se lhes descerrava aos anseios de redenção.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 22)

“A mensagem que lhe exigia a presença no Posto de Saúde, para os exames necessários que se impunham, levando também a família, parecia-lhe um sortilégio infeliz, um pesadelo que logo mais cessaria. Sem saberem o que fazer de imediato, colhidas pela terrível conjuntura, quase hebetadas, foram inspiradas à oração pela genitora desencarnada de D. Artêmis. Lisandra repousava, vencida por mais uma crise angustiante. Gilberto se encontrava no Liceu. As duas almas irmãs, trucidadas pelos tridentes do sofrimento selvagem, recolheram-se à oração lenificadora, ora vertida em palavras de dor excruciante, ora calada em silêncios abissais da amargura. Lentamente, ao beneplácito da oração que jamais se demora sem a indispensável resposta, foram-se acalmando, atendidas pelo magnetismo dulcificador e reconfortante que lhes aplicavam os invisíveis Amigos Espirituais, responsáveis pelo curso dos acontecimentos educativos em prol da sua redenção. Esses Benfeitores amorosos não liberam os seus tutelados da canga do sofrimento de que necessitam por impositivo dos próprios erros, que lhes cumprem resgatar, recompondo as paisagens humanas que ficaram ermas, em face da sua instância infeliz. Se o fizessem, seria, antes, uma atitude arbitrária de injustiça, o que constituiria derrogação das leis soberanas que regem a vida, em nome de um falso amor, mais convivência com o erro que estrutura de sabedoria iluminativa e libertadora a benefício geral. Todavia, inspiram decisões felizes, evitam ciladas odientas, que aumentam o padecimento, em virtude da rebeldia a que se arrojam os incautos com a soma das cargas imprevisíveis que arrostam e a que se impõem, danosas; impregnaram-nos de forças superiores decorrentes da oração e do intercâmbio psíquico, que estabelecem e mantêm em psicossfera de harmonia e esperança; induzem pessoas ao bem e facultam fatores que auxiliam, atenuando os testemunhos; iluminam a consciência e ativam as lembranças passadas, reavendo-as dos arquivos da memória, a fim de perceberem que a indefraudável justiça divina é também amor, e que o amor é a mais apurada metodologia existente para a libertação e aprendizagem do espírito sequioso

de evolução; amparam, moralmente, com a sua presença e tornam-se faróis íntimos a apontarem rumo na noite das provações santificadoras.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 4)

“– Técnica soez nos problemas obsessivos – esclarecera Cândido em ocasião própria –, é a usança de artifícios falsos, de que se servem os perseguidores invisíveis, resguardados pela desencarnação. Quando o seu hospedeiro se volta para os propósitos superiores e se impõe aos princípios evangélicos de renovação, passam a agredir violenta, desapiadadamente as suas vítimas, a fim de fazê-las duvidar do resultado da terapêutica nova, induzindo-as à desistência, sob a alegação de piora no estado em que se encontravam. “Ao conseguirem desencorajar o candidato, dão-lhe trégua aparente, mascarando a sintomatologia infeliz e fazendo crer na melhora, como decorrência do afastamento do compromisso recém-assumido. Quando o invigilante se supõe livre, eis que retornam os agressores mais solertes, vigorosos e pertinazes, dominando, inexoravelmente, os que lhes padecem a conjuntura perniciosa.” Perfeitamente compreensível que tal ocorra, tendo em vista que a melhor forma de escravizar alguém ainda é manietá-lo à ignorância, mantê-lo no obscurantismo no qual se transita sempre com dificuldades crescentes. Não obstante a forma como os irmãos infelizes do além-túmulo agem em relação às suas vítimas, também investem, simultaneamente, contra os que lhes distendem mãos amigas, provocando a irrupção de problemas no lar, no trabalho, na rua, com que objetivam descoroçoar o ânimo desses abnegados agentes da caridade e do amor. Atiram-lhes petardos mentais com que pretendem penetrar a fortaleza interior; inspiram desânimo; empestam a psicossfera de que se nutrem os lidadores da solidariedade; utilizam-se de pessoas frívolas, que lhes servem de instrumentos dóceis; despertam sentimentos contraditórios; açulam paixões... Tudo fazem por instalar a dúvida, criar áreas de atritos, impondo, quando possível, sucessão de acontecimentos desagradáveis. Programam conversações doentias e telecomandam comentários deprimentes, tais como: “todo aquele que se envolve com a prática do bem, somente recebe ingratidão”; “enquanto se trabalha no programa da caridade, as coisas dão para trás”; “embora ajudando-se com dedicação, não se recebe ajuda”; “os maus progridem e os bons, interessados na melhora e progresso dos seus irmãos, sofrem, incompreensivelmente”... Alguns trabalhadores, pouco adestrados ao culto dos deveres de enobrecimento, agasalham essas ideias perturbadoras, deixando-se desanimar ou intoxicando-se pela revolta que delas decorre. Não lhes passa pela mente que todos mantemos vínculos de sombra com a retaguarda e que nos acontece somente o que merecemos ou a nossa insensatez engendra. As provações,

em qualquer circunstância, constituem aprendizado valioso e desconto de títulos em débito, postos em cobrança no transcurso da oportunidade melhor com que mais facilmente se libera o homem das responsabilidades negativas, inditosas. Sempre bênçãos não podem ser tomadas à conta de punição ou experimentação divina para testar a frágil resistência humana... Outrossim, desde que ninguém jornadaieja à mercê do acaso, sujeito a ocorrências de dor e sombra sem que as mereça, fácil compreender-se que os credenciados pelo esforço pessoal ao serviço edificante recolhem maior quota de ajuda, conforme o ensino evangélico de que “mais recebe aquele que mais dá”. Naturalmente, os Benfeitores Espirituais, interessados na ascensão dos seus tutelados, veem, identificam as graves teceduras das redes de que se utilizam os maus, não ficando inermes, nem os deixando à própria sorte. Enquanto sabem que toda aflição bem recebida produz conquista de relevo para quem a aceita de bom grado, reconhecem que a dor defluente da obra do amor propicia maior soma de aquisições, impulsionando com facilidade a sublimação dos propósitos e a liberação do passado. A pedra lapidada fulge e o pântano drenado se adorna de flores. Sem embargo, esses abnegados Mensageiros alentam os que com eles sintonizam; resguardam-nos do mal, induzem-nos à perseverança no trabalho da auto iluminação; sustentam-lhes a fé; promovem encontros circunstanciais edificantes; conduzem-nos a Esferas de luz e a Escolas de sabedoria, quando ocorre o desprendimento parcial pelo sono; dão informações preciosas; irrigam a mente que se torna fértil de ideias elevadas; produzem euforia interior... Não afastam, porém, os problemas nem as lutas, por saberem que, através de tais, melhormente se purificam e elevam... Como a Terra é também preciosa Escola, tudo se transmuda em ensinamento, em cuja conquista se devem investir todos os valores possíveis.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 12)

“Quando o homem se faz dócil à inspiração superior, sintoniza, naturalmente, com o programa que lhe cumpre desenvolver, recebendo a ajuda que flui do Alto e tendo diminuídas as dificuldades que lhe são provas de resistência na luta e desafios aos valores morais. É certo que os Espíritos Bons não podem mudar os mapas cármicos dos seus pupilos e afeiçoados, candidatando-os à inoperosidade, ao atraso. Todavia, quando os veem a braços com provações mais severas, interferem, auxiliando-os com forças edificantes com que aumentam as suas resistências, a fim de lograrem as metas que lhes constituem vitória. Outrossim, encaminham cooperadores e amigos que se transformam em alavancas propulsoras do progresso, distendendo-lhes mãos generosas dispostas a contribuir em favor do seu êxito. Da mesma forma que as interferências perniciosas neles encontram ressonância, em face

das afinidades existentes com as paixões inferiores que lhes caracterizem o estado evolutivo, tão logo mudem de objetivos, aspirem aos ideais de enobrecimento e ajam de acordo com a ética do bem, a eles se associam os operosos Mensageiros do Amor que os estimulam ao prosseguimento, renovando-lhes o entusiasmo, amparando-os ante os naturais desfalecimentos e inspirando-os na eleição correta do roteiro a seguir.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“Não é do feitio das Entidades nobres tomarem sobre si as responsabilidades que constituem experiências do próximo e que lhes são fatores de crescimento, candidatando-os ao parasitismo. Fiéis ao messianato de Jesus, que “tomou as dores do mundo”, conforme a linguagem evangélica, para “aliviar” os homens e tornar “leve o fardo” de todos, os Mensageiros da Luz operam de igual maneira, isto é, auxiliando e esclarecendo, não porém, poupando ninguém aos compromissos de elevação, às tarefas reparadoras, aos deveres imediatos. Inspiram, consolam, suavizam as asperezas da marcha, no entanto, cada qual terá que caminhar com os próprios pés, a esforço pessoal.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 25)

“Na sala reservada ao culto geral, agora encerrado para os companheiros encarnados, foram arrumadas cadeiras em frente a uma mesa para quatro pessoas. A Diretora Espiritual aproximou-se do móvel e convidou-nos, ao Dr. Bezerra, a mim e a um senhor de pouco mais de setenta anos, de aspecto venerando, que foi nominalmente designado como Felinto. Sentamo-nos, e ela pediu ao respeitado Dr. Bezerra que proferisse uma oração introdutória, mediante a qual se iniciariam as novas atividades. Sem fazer-se esperar, o Mentor, com voz calma e cristalina, exorou proteção de Deus, rogando aos Prepostos Espirituais que nos viessem em auxílio, amparando-nos com a clareza mental e a sabedoria para os fins necessários, durante aquela reunião. Terminada a prece, singela e profunda, sem as preocupações da forma, a irmã Emerenciana expôs, em breves palavras: – Como de hábito, quando encerrado o atendimento aos que vêm à consulta, fazem-se necessárias algumas providências como prosseguimento ao primeiro serviço prestado. Não desconhecemos que, nos casos de obsessão e vampirização espiritual, estamos lidando com personalidades desencarnadas psicopatas e portadoras de alta dose de insensibilidade emocional, que as tornam perversas, inclementes. Hoje teremos, como de outras vezes, que destacar alguns voluntários do nosso Grupo de trabalho socorrista, para dar assistência àqueles que nos parecem mais vulneráveis às agressões dos seus exploradores psíquicos. Desse modo, requisitamos ajuda para Carlos, Lício e Aderson, que prosseguirão recebendo-a, no esforço que empreenderão em favor da própria saúde. Todos sabemos que, reconhecendo-se descobertos, os agressores investem

com súbita irrupção de violência, num tentame final de desforço ou como medida de apavoramento, impedindo que os pacientes retomem ao socorro de que necessitam. Meu Deus! – pensei, emocionado – a argúcia de D. Emerenciana era superior ao que eu imaginara, porquanto, além da terapia curadora, não descuidara das providências preventivas, numa atitude de grande sabedoria. Mas não me pude alongar em reflexões, porque ela prosseguiu: – “Agradecerei que me informem a respeito de qualquer ocorrência que pareça anormal ou inusitada, em relação aos nossos irmãos que, a partir de agora, passam a ser pupilos da nossa afetividade, sem desrespeito aos códigos legais que os surpreenderam, exigindo-lhes a regularização das suas infrações. A função dos assistentes, que os devem acompanhar, é de vigilantes, sem que tomem quaisquer providências precipitadas em seu favor. Devem inspirar-lhes alento e coragem, bom-humor e pensamentos superiores, de modo que possam romper as ligações com os adversários aos quais se acostumaram. Nomeando seis assistentes que se postavam na primeira fila, destacou-os, respectivamente dois a dois para cada necessitado. Pude observar que se tratava de Bons Espíritos, de mediana capacidade, igualmente vinculados às práticas da Casa, exteriorizando grande bondade e interesse vivo pelo trabalho para o qual haviam sido designados. A ação do bem, naquele Núcleo, era contínua, sem margem para a ociosidade perigosa. Muitos cooperadores espirituais se exercitavam no trabalho da solidariedade, adquirindo os valores positivos que os elevariam, liberando-os da canga dos instintos primários. Essa luta é de todo momento, que deve ser empreendida através do esforço contínuo de autossuperação e de dedicação ao próximo. A estrada da redenção começa na primeira chispa que ilumina a ignorância de cada ser e prossegue na oportunidade de estendê-la ao próximo menos esclarecido que se encontra ao lado.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 9)

“OS DESAFIOS E AS SOLUÇÕES. Permanecemos no Lar infantil auxiliando generosos benfeitores espirituais que contribuíam em favor dos residentes, mesmo sob as lamentáveis condições, realizando um trabalho de limpeza psíquica com destruição das larvas mentais e dos clichês de pensamentos injuriosos que empestavam o ambiente. Lugares existem onde a negligência campeia que se transformam em verdadeiros pântanos psíquicos, mas, mesmo aí, sempre luz a misericórdia do Céu, que se esparze por todo o Universo, e não faltam Espíritos gentis que se candidatam a servir nos mais escusos e hediondos. Bordéis, antros de perversão, clubes de degradação, bares de alcoólicos e infectas recintos onde se homiziam criminosos, ou elegantes cassinos e restaurantes que servem de veículo para lavagem de dinheiro, mas que sediam máfias cruéis e organizações poderosas, todos são laboratórios de

experiências evolutivas para Espíritos compadecidos das misérias humanas que, tocados pelo Evangelho de Jesus, doam-se como samaritanos anônimos, aguardando momentos que os podem auxiliar no despertar das consciências obnubiladas pelo vício e pelo crime malsinado, sem cansaço nem rebeldia, tendo compaixão dos que mergulham no terrível fosso. Jovens sonhadores, maltratados no lar e pela sociedade, manipulados por quadrilhas de escravos sexuais, ambiciosos para conseguir um lugar ao Sol, diariamente são arrebanhados como presas fáceis e atirados às ruas, aos sórdidos recantos, onde se tornam carne à venda, até que se lhes exaurem as forças e sucumbem ante as imposições inenarráveis dos seus carrascos impenitentes. Diferente destino também é reservado àqueles que servem aos viciados ricos e exigentes, igualmente sem escrúpulos, atendendo às suas quase inconcebíveis patologias. Flores juvenis que emurchem com rapidez, ante o desgaste dos exageros que se permitem, maturidades que envelhecem sob os vapores tóxicos da perversão, idosos que sucumbem antes do tempo, dominados pela volúpia dos desejos irrefreados e insatisfeitos, todos recebem os influxos do bem e do amor, embora nem sempre os registem na exaustão ou ansiedade em que se atormentam... O Pastor zela por todas as Suas ovelhas e vai buscá-las, quando se extraviam nos ínvios caminhos, nunca cedendo ao seu tresmalhar. Sabe esperar, porque conhece o aguilhão da dor, que repõe na senda todo aquele que se extravia. A finalidade da reencarnação é a conquista do progresso, nunca sendo permitida qualquer forma de regressão às imperfeições, mesmo quando são ampliados os débitos pela insensatez e por desmandos. Dispondo dos meios educativos de redenção, o Senhor oferece sempre novas oportunidades de refazimento ao infrator, até o momento em que o Espírito se impõe o cárcere da expiação, a fim de aprender e optar pelo que é melhor para a sua conquista de plenitude. Quando exausto de sofrer, sem qualquer outra alternativa, apela para a Misericórdia Celeste e é atendido longamente no carreiro da aflição. Quando o ser humano compreender que viver é fenômeno biológico, viver bem é conquista de prazer, mas bem viver é conforme as Leis de Deus, que se lhe encontram ínsitas na consciência, avançará com maior rapidez pela trilha do amor e da caridade, as vias que levam à porta estreita da salvação. Todo o dia foi dedicado à renovação da psicosfera ambiental, o que diminuiu o impacto do escuso acontecimento. Embora as marcas morais pesadas que ficariam por algum tempo, não faltaram pessoas gentis que ignoravam a situação deplorável da Instituição, oferecendo-se para auxiliar de alguma forma as crianças internadas. Os benfeitores inspiraram aqueles portadores de melhores propósitos a que se vinculassem em pequenas ações, oferecendo-se para

receber uma ou mais crianças no fim de semana, retirando-as do recinto e levando-as ao seu lar como prêmio pela conduta, pelos estudos, pelas necessidades. Alguns servidores já desencantados sentiram o impacto e, de alguma forma, despertaram para a responsabilidade de contribuir com mais respeito e interesse, pois que, para tanto, eram remunerados e, ademais, os sentimentos vigentes lhes reprochavam na consciência agora desperta pela indiferença e revolta com que trabalhavam. Quando o mal cresce, é porque encontra campo propiciatório, não se podendo acusar os outros, sem a parcela da própria responsabilidade. Ao entardecer, após a última refeição, embora o rebuliço que movimentou o ambiente durante todo o dia, algumas Entidades infelizes haviam sido recambiadas para outros lugares, funcionários negligentes alertaram-se e a jovem dedicada foi cercada de carinho, proposta para administradora provisória enquanto se tomavam providências novas em razão da demissão automática daquela que raramente lá comparecia. Encerrando o nosso labor, quando a noite desceu suavemente, Dr. Bezerra reuniu-nos sob uma árvore frondosa e orou muito emocionado, agradecendo a Jesus as Suas bênçãos e proteção, ao mesmo tempo em que suplicou apoio para aquele Lar que ida tomar forma de reduto familiar e não mais de presídio onde se atiravam as vítimas da sociedade e as abandonavam.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 16)

V.3. Atitudes dos encarnados que favorecem a atuação dos guias espirituais

“PRESSENTIMENTOS. 522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor? “É o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, tem o Espírito conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo estas caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento.” **523.** Acontecendo que os pressentimentos e a voz do instinto são sempre algum tanto vagos, que devemos fazer, na incerteza em que ficamos? “Quando te achares na incerteza, invoca o teu bom Espírito, ou ora a Deus, soberano senhor de todos, e ele te enviará um de seus mensageiros, um de nós.” **524.** Os avisos dos Espíritos protetores objetivam unicamente o nosso procedimento moral, ou também o proceder que devamos adotar nos assuntos da vida particular? “Tudo. Eles se esforçam para que vivais o melhor possível. Mas, quase sempre tapais os

ouvidos aos avisos salutares e vos tornais desgraçados por culpa vossa.” Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência que fazem ressoar em nosso íntimo. Como, porém, nem sempre ligamos a isso a devida importância, outros conselhos mais diretos eles nos dão, servindo-se das pessoas que nos cercam. Examine cada um as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos de que se não aproveitou e que lhe teriam poupado muitos desgostos, se os houvera escutado.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo X)

“II - PRECES POR AQUELE MESMO QUE ORA. AOS ANJOS GUARDIÃES E AOS ESPÍRITOS PROTETORES. 11. PREFÁCIO. Todos temos ligado a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir. Seu nome pouco importa, pois bem pode dar-se que não tenha nome conhecido na Terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire. Além do Anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos, ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida. Espíritos simpáticos são os que se nos ligam por uma certa analogia de gostos e pendoros. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações nossas que os atraíam. Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Alguns há que se nos aferram, como a uma presa, mas que *se afastam, em se reconhecendo impotentes para lutar contra a nossa vontade*. Deus, em o nosso anjo guardião, nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários. Fora erro, porém, acreditarmos que *forçosamente*, temos um mau gênio ao nosso lado, para contrabalançar as boas influências que sobre nós se exercçam. Os maus Espíritos acorrem *voluntariamente*, desde que achem meio de assumir predomínio sobre nós, ou pela nossa fraqueza, ou pela negligência que ponhamos em seguir as inspirações dos bons Espíritos. Somos nós, portanto, que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos encontramos privados da assistência dos bons Espíritos e que de

nós depende o afastamento dos maus. Sendo, por suas imperfeições, a causa primária das misérias que o afligem, o homem é, as mais das vezes, o seu próprio mau gênio. (Cap. V, nº 4) A prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por objeto solicitar-lhes a intercessão junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões e que nos assistam nas contingências da vida. **12. Prece.** - Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, que tendes por missão assistir os homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentai-me nas provas desta vida; dai-me a força de suportá-las sem queixumes; livrai-me dos maus pensamentos e fazei que eu não dê entrada a nenhum mau Espírito que queira induzir-me ao mal. Esclarecei a minha consciência com relação aos meus defeitos e tirai-me de sobre os olhos o véu do orgulho, capaz de impedir que eu os perceba e os confesse a mim mesmo. A ti, sobretudo, N..., meu anjo guardião, que mais particularmente velas por mim, e a todos vós, Espíritos protetores, que por mim vos interessais, peço fazerdes que me torne digno da vossa proteção. Conheceis as minhas necessidades; sejam elas atendidas, segundo a vontade de Deus. **13. (Outra)** - Meu Deus, permite que os bons Espíritos que me cercam venham em meu auxílio, quando me achar em sofrimento, e que me sustentem se desfalecer. Faze, Senhor, que eles me inculquem fé, esperança e caridade; que sejam para mim um amparo, uma inspiração e um testemunho da tua misericórdia. Faze, enfim, que neles encontre eu a força que me falta nas provas da vida e, para resistir às inspirações do mal, a fé que salva e o amor que consola. **14. (Outra)** - Espíritos bem-amados, anjos guardiães que, com a permissão de Deus, pela sua infinita misericórdia, velais sobre os homens, sede nossos protetores nas provas da vida terrena. Dai-nos força, coragem e resignação; inspirai-nos tudo o que é bom, detende-nos no declive do mal; que a vossa bondosa influência nos penetre a alma; fazei sintamos que um amigo devotado está ao nosso lado, que vê os nossos sofrimentos e partilha das nossas alegrias. E tu, meu bom anjo, não me abandones. Necessito de toda a tua proteção, para suportar com fé e amor as provas que praza a Deus enviar-me.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“194 – Devemos contar, de maneira absoluta, com o auxílio dos guias espirituais em nossas realizações humanas? – Um guia espiritual poderá cooperar sempre em vossos trabalhos, seja auxiliando-vos nas dificuldades, de maneira indireta, ou confortando-vos na dor, estimulando-vos para a edificação moral, imprescindível à iluminação de cada um; entretanto, não deveis tomar as expressões fraternas por promessa formal, no terreno das realizações do mundo, porquanto essas realizações dependem do vosso esforço próprio e se acham entrosadas no mecanismo das provações

indispensáveis ao vosso aperfeiçoamento.” (EMM, *O consolador*, Segunda parte - Filosofia, Capítulo 2)

“381 – *Muita gente procura o Espiritismo, queixando-se de perseguições do Invisível. Os que reclamam contra essas perturbações estão, de algum modo, abandonados de seus guias espirituais?* – A proteção da Providência Divina estende-a a todas as criaturas. A perseguição de entidades sofredoras e perturbadas justifica-se no quadro das provações redentoras, mas os que reclamam contra o assédio das forças inferiores dos planos adstritos ao orbe terrestre devem consultar o próprio coração antes de formularem as suas queixas, de modo a observar se o Espírito perturbador não está neles mesmos. Há obsessores terríveis do homem, denominados “orgulho”, “ vaidade”, “preguiça”, “avareza”, “ignorância” ou “má-vontade”, e convém examinar se não se é vítima dessas energias perversoras que, muitas vezes, habitam o coração da criatura, eneguecendo-a para a compreensão da luz de Deus. Contra esses elementos destruidores faz-se preciso um novo gênero de preces, que se constitui de trabalho, fé, esforço e boa-vontade.” (EMM, *O consolador*, Terceira parte - Religião, Capítulo 4)

“Perguntei se a Casa providenciava auxílio, conforme a extensão dos erros. Ele redarguiu, bem-humorado, que o auxílio se verifica justamente pela extensão dos acertos. Quanto mais exato o Espírito reencarnado, na prática dos deveres que lhe competem, mais amparo recolhe nos dias obscuros em que resvale no desatino. Qualquer pedido de ajuda ali formulado, antes de tramitar, é analisado à luz de contabilidade segura, pelo documentário pertencente ao candidato para quem se requisita favor. Acertos como haveres, desacertos por débitos. Somados uns e outros, verifica-se, de imediato, até que ponto será possível ou aconselhável o atendimento, determinando-se a média do auxílio atribuível a cada petição individual. Salientou, entretanto que, nessa clara aplicação do direito, muitos requerimentos de socorro, nas diligências empreendidas, se transformam, automaticamente, em provisões de corrigenda, porque, se escasseassem créditos aos interessados, sobejando dívidas, o resguardo assumia a forma de emenda, o que, às vezes, irritava os solicitantes, sem que lhes fosse possível modificar o curso da justiça. Nesse sentido, as preces ou mesmo apenas as vibrações de alegria e reconhecimento de todas as criaturas encarnadas ou desencarnadas, beneficiadas pelos requeredores, funcionam à guisa de abonos e cauções de significado muito importante para cada um, tanto ali quanto em qualquer lugar, sublinhou Amantino, convincente. Creia ou não na imortalidade, qualquer pessoa é alma eterna. Por isso, independentemente da própria vontade, as leis da Criação marcam no caminho de todo Espírito os bens ou os males que pratique, devolvendo frutos na base

da sementeira. Efetuando-se o aperfeiçoamento moral de etapa em etapa e compreendendo-se a existência física por aprendizado da alma, entretecido de acertos e desacertos, com raras exceções a individualidade, em qualquer plano da vida, é apreciada e sustentada, acima de tudo, pelo rendimento de utilidade com que se caracterize no bem comum. Isso, destacou o juiz, é princípio geral da Natureza. Árvore benfeitora atrai a defesa imediata do pomicultor. Animal prestimoso recebe do dono cuidados especiais. Lícito que a pessoa, quanto mais valor demonstre para a coletividade, na Terra ou em outras paragens, mais devotamento receba das Esferas Superiores.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 10)

“Explicou-nos o Diretor amável: - As nossas providências de socorro não geram clima de privilégio, nem protecionismo injustificável. Cada um respira a psicofera que gera no campo mental. Todos somos as aspirações que cultivamos, os labores que produzimos. “O Senhor recomendou-nos dar a quem pede, abrir a quem bate, facultar a quem busca, dentro das possibilidades de merecimento dos que recorrem ao auxílio. Como não somos servidores da violência, o nosso é o albergue da paz para aqueles que sintonizam com os métodos da esperança e da resignação com vistas ao trabalho renovador. “Quando albergamos os nossos jovens, na condição de humildes Cireneus, objetivamos ampará-los da agressão perniciosa das Entidades vulgares, portadoras de sentimentos impermeáveis à compaixão e à misericórdia... Mercê de Deus, conseguimos o tentame. A cruz, porém, é intransferível, de cada qual. Podemos ajudar a diminuir-lhe o peso, não a transferi-la de ombros.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 12)

“Posteriormente soube que no instante da reflexão profunda do Dr. Bezerra, ao ser notificado do atentado suicida de Noemi, esse fizera uma consulta, cujo método me escapou, aos Centros de Informação de nossa Esfera, a respeito do conteúdo obsessivo no problema, simultaneamente quem se encontrava envolvido e como alcançá-lo... Enquanto nos dirigíamos ao Hospital, Mensageiros diligentes providenciaram a vinda dos familiares do perseguidor, que aguardavam, em oração e vigília no bem, por momento semelhante, a fim de atingi-lo para a própria redenção. Fomos rever Noemi, na sala da UTI, acompanhados pelo venturoso Artur, que não ocultava a emoção, nem o reconhecimento. Utilizei-me da circunstância e indaguei, objetivando esclarecer-me: - Se o nosso irmão persistisse no erro, no propósito nefasto, negativo, que recursos seriam utilizados? O Benfeitor, sem enfado, informou-me: - Não há força que suplante o amor. Recorrendo à fonte sublime do Amor Sem Limite, através da oração, fomos visitados pela resposta superior do Céu, que o dulcificou, num átimo, fazendo-o recordar-se da própria filha,

que um dia fora raptada da sua companhia. “O amor que nele estava enfermo, escravo da revolta, rompeu as amarras e ele cedeu, o que lhe facultou sintonizar com os afetos familiares, convidados para aquele momento. “Noutras tentativas, em circunstância diversa, ambas estiveram próximas, buscando alcançá-lo, sem o conseguirem, porque ele se encontrava encerrado em si mesmo. Se a pessoa não se volta, não se descerra para o bem, deixando-se permeabilizar, fica atrofiada nos sentimentos nobres, deambulando nas faixas inferiores, sem que os registros captem os apelos mais elevados que lhe chegam. “Não esqueçamos do ensino sempre atual de Jesus: - *Pedi e dar-se-vos-á...* É necessário pedir, saber fazê-lo e esperar com receptividade.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 13)

“- Perdoe-me por insistir na questão. Está sendo providenciado algum recurso especial de socorro a Argos? – Sim. Ele próprio está a fazê-lo. Quem desce ao paul vive a condição ali existente, da mesma forma que ocorre com aquele que alcança o planalto. Preferindo a convivência com os seus adversários do passado, experimentar-lhes-á a ação perturbadora, facilitando-lhe avaliar o de que já desfrutava com aquilo que voltará a sentir. A nós outros cabe permanecer amando e confiando nos desígnios do Pai. Encerrando a entrevista, a Benfeitora aduziu: – Quando alguém se encontra agasalhado e defendido, mas prefere a experiência da intempérie, abandonando o abrigo e indo-lhe em busca, é natural que aprenda sob o rigor da circunstância elegida. Enquanto o homem se encontra psiquicamente sob a proteção do pensamento e do amor do Cristo, mais fácil se lhe torna a marcha, em razão da constante inspiração que recebe, da assistência dos Bons Espíritos que o auxiliam. Quando, porém, se afasta, espontaneamente, desse salutar apoio, perde o contato com a Fonte Superior, embora prossiga sob ajuda que, infelizmente, porque se bloqueia, não consegue identificar, nem receber. Porque a Instrutora tivesse atividades de que eu não podia participar, despedimo-nos, ficando a meditar na justeza dos seus conceitos. Como ficara demonstrado, Argos foi-se afastando do convívio físico e psíquico dos companheiros operosos e aliando-se aos mais irresponsáveis, mantendo a vinculação mental com o astuto comparsa desencarnado, que se lhe foi insinuando, a ponto de restabelecer o conúbio obsessivo. As suas forças físicas passaram a diminuir e as resistências orgânicas a se debilitarem, ficando exposto a resfriados constantes, que mais o depauperavam. O repouso se lhe tornou mais difícil e a dispneia passou a afligi-lo mais amiúde. Quando buscava o leito, intoxicado pelo fluido deletério de Felipe, sentia-se mal e, quando a prostração o vencia, não lograva dormir em paz, porque o algoz o aguardava, assustando-o, no instante do parcial desprendimento, fazendo-o retornar ao corpo mais cansado e

deprimido. Noutras vezes, o desencarnado conseguia retê-lo e recordava-lhe as cenas selvagens de que fora promotor, o que lhe produzia terríveis pesadelos que lhe descompensavam o ritmo cardíaco, banhando-o em sudorese abundante e glacial, decorrente do pavor. Nesse estágio, o obsidiado recordou-se da oração e da necessidade de buscar os amigos. A prece lhe fluía dos lábios, porém, sem a tônica do amor, não se irradiando dele, nem sintonizando com os Núcleos de captação de rogativas, porque destituída de elevação e plena de egoísmo. Os amigos, prudentes e devotados de ambos os planos, ele os afastara, sistematicamente. Não que os companheiros encarnados ficassem-lhe indiferentes ou distantes do seu problema. As barreiras vibratórias criadas, impedia-lhes a aproximação psíquica, embora fisicamente estivessem-lhe ao lado. Os Benfeitores, por sua vez, assistiam-no com amor, porém a luta era sua, buscada pelo seu livre-arbítrio. Demais, desencadeado qualquer processo não é fácil detê-lo de improviso, sem que irrompam imprevisíveis efeitos, resultados mais graves. Agora restava acompanhar-se o desdobrar dos acontecimentos, a fim de auxiliar-se com precisão no momento oportuno.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 25)

V.4. Obstáculos à ajuda

“Reparava, por isso, na jovem, não somente os olhos rubros e túrgidos de chorar, mas também os pródromos dos mais sérios distúrbios orgânicos. Identificando as manifestas perturbações no cérebro e no bulbo raquiano, encarei o meu orientador e perguntei: – Não estaremos aqui ante a misteriosa origem da encefalite letárgica? – Muito mais do que isto – respondeu Calderaro, sorrindo –; a mente desvairada emite forças destrutivas, que, se podem atingir os outros, alcançam, em primeiro lugar, o cosmo orgânico do emissor. Decidindo-se Julieta por um gênero de vida que lhe provoca violentos e contínuos conflitos na mente, passou a despedir energias fatais para ela mesma. Dotada de distinta educação, haurida ao contato materno que lhe aprimorou as concepções e lhe enobreceu os sentimentos, incompatibilizou-se com uma existência de nível mais baixo na Crosta Planetária: a preparação do espírito ilumina invariavelmente. Possuindo, destarte, sublime claridade interior para a jornada humana, colheria naturalmente paz, alegria e edificação no exercício de suas faculdades femininas, desde que se lhe oferecesse um campo de luta em que sentisse a sadia manifestação dos poderes de sua alma. O casamento digno é o campo indicado ao seu caso de mulher nobilitada pelo conhecimento e pela virtude. Cedendo, no entanto, às tentações de que foi alvo, sente-se intimamente precipitada escada abaixo. Todos os dias é constrangida, no silêncio, a recordar a exemplificação da genitora, a reconsiderar a própria atitude diante da

vida e a reconhecer que se encontra desajustada. Nesse atrito incessante, agravado pelas péssimas emissões fluídicas do ambiente de que se tornou frequentadora habitual, sua mente desce à região dos impulsos instintivos, experimentando extrema dificuldade em subir ao castelo das noções superiores, de onde a luz da consciência lhe dirige vigorosos apelos para que retorne à simplicidade e à harmonia. Tal situação impede-lhe a prece fervorosa, santificante e regeneradora, e daí o caos em que a pobrezinha tateia. É suficientemente educada para colher qualquer benefício do meio onde levianamente se projetou e, dominada pela permanente angústia, faz demasiada pressão sobre a matéria cinzenta, dando causa a lamentáveis desequilíbrios orgânicos. Calderaro interrompeu-se por alguns instantes, à maneira do professor que abre caminho à reflexão do aprendiz, e acrescentou, sereno: – Não está ela, pois, simplesmente ameaçada pela encefalite letárgica: avizinha-se da loucura com estádios por distúrbios vários, provocados pela disfunção celular. Não somente isto. Julieta, nas circunstâncias em que a observamos, pode ser atingida noutros centros vitais. É capaz de apanhar uma pleurisia como antecâmara para a tuberculose. Com facilidade será vítima de deploráveis intoxicações do sangue, que se caracterizarão por moléstias indefiníveis dos vasos ou da epiderme, sem excluir as desarmonias fatais do fígado, prováveis portadoras da ruína e morte para o veículo denso. Chegados a este ponto das elucidações, o orientador ergueu os olhos e considerou: – Mas... a justiça divina jamais desconhece a compaixão. Às vezes, nossa queda precipitada constitui mero desastre parcial a que nos arrasta o desespero. A Eterna Sabedoria examina o móvel de nossas ações e, sempre que possível, pronto nos reergue. Somente quando nos mergulhamos no total eclipse do amor e da razão, deliberadamente fugindo aos processos do socorro divino, mantendo-nos nas trevas completas do ódio e da negação, defrontamos com absoluta dificuldade de receber influências salvadoras; então, deveremos esperar os atritos cruéis do tempo, aliados às forças, de caráter compulsivo, das leis universais. Se a jovem não pode elevar-se a plano superior, como ave ferida pelo tiro de caçador impiedoso, a mãezinha doente permanece em poderosas orações transformadoras. Caiu a filha para socorrer-lhe o corpo, mas Cândida alcandorou-se mais por salvar-lhe a alma. Em vista disto, o amoroso poder de Cipriana agirá esta noite.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 6)

“Neves e eu permutávamos conjecturas, quando alguém nos abraçou, de afetuosa maneira. Era o irmão Félix, a despedir-se. Espírito admirável pela abnegação e pela ciência, reverenciado por todos os seareiros do bem, onde passasse, em se referindo aos protagonistas do drama familiar que se nos oferecia à atenção, apresentava os olhos marejados de pranto. Via-se-lhe,

não somente a piedade fraterna, mas também o imenso amor àquelas quatro almas, reunidas ali, naquele aprazível recanto do Rio. Parados, agora, respirando as aragens que encrespavam docemente as águas da Guanabara, enquanto o céu da madrugada imprimia mais amplo realce às estrelas, enternecia-nos reconhecer-lhe o paternal carinho, qual se fora um homem comum descansando conosco, à frente do mar. Tão grande e tão puro o devotamento de que dava mostras, ao descerrar-nos os tesouros do coração, através das palavras, que o próprio Neves, irrequieto às vezes, ao escutar-lhe as apreciações, cumpria espontaneamente o que prometera. Nenhuma observação impulsiva, nenhuma interjeição impensada. A atitude do instrutor, ao deter-se nas lutas escabrosas do plano físico, educava cativando. Elevação em cada frase, luz do sentimento em cada ideia. Conquistava, sem pedir, o nosso interesse na prestação de assistência voluntária ao lar de Cláudio, cuja estabilidade periclitava, na conceituação dele mesmo. Compadecia-se – elucidava, prestimoso – daquelas quatro criaturas, atiradas ao oceano da experiência terrestre, sem a bússola da fé. A princípio, esforçara-se por abrir-lhes um caminho espiritual, mas debalde. Afundavam-se em profunda névoa de ilusão, hipnotizados pelas gratificações transitórias dos sentidos carnis, ao jeito de passarinhos agarrados à casca apodrecida de um fruto, sem a mínima disposição de consultar a saborosa riqueza da polpa. Descobrimos algo mais à própria intimidade, relatou-nos que vira Cláudio renascer, que acompanhara Dona Márcia no berço, que seguira, de perto, a reencarnação de Marina e Marita, deixando ver nas reticências as lágrimas que semelhantes realizações lhe haviam custado, sem alardear virtude ou superioridade, em torno dos empecos vencidos. Hipotecara dedicação, amizade, confiança e tempo, a fim de entossá-los em alguma obra de benemerência, de maneira a cultivar-lhes a espiritualidade latente; no entanto, Cláudio e Márcia, de novo no estágio físico, sob o esquecimento inevitável e providencial do pretérito, haviam recapitulado certas experiências infelizes. No mundo espiritual, antes de recomeçarem o trabalho terrestre, analisando as necessidades e os remorsos que lhes atezavam as consciências, haviam prometido empregar o prêmio da internação no veículo carnal, edificando a sublimação íntima e corrigindo excessos de outras épocas, através do suor no serviço ao próximo; contudo, imperfeitamente chegados à juventude das forças corpóreas, tinham abraçado paixões que lhes frustravam todas as possibilidades de libertação próxima. Ele, Félix, e outros companheiros empenhavam-se em auxiliá-los, mas infrutiferamente. Os quatro resistiam a toda espécie de sugestão reparadora; repeliavam, de pronto, qualquer projeto construtivo. Nobres amigos de outras eras, aplicados a estender-lhes apoios preciosos, acabaram desiludidos, largando-os ao próprio arbítrio. Cláudio

e Márcia, principalmente, ao elegerem o dinheiro e o sexo desgobernados por chaves dos próprios dias, nada mais estavam conseguindo que desajustar os fundamentos da tranquilidade doméstica. Em razão disso, Marina e Marita não obtinham alicerces para a felicidade real. Jovens ainda, complicavam-se as duas em perigos e tentações, de que muito dificilmente se desvencilhariam, sem dolorosas marcas na alma. Tamanha se evidenciara a rebeldia de Cláudio que, naquela hora significativa e ameaçadora da existência, não contava, além da Providência Divina, senão com raros amigos. Ainda assim, esses amigos – acrescentava modesto, certamente ponderando quanto às dificuldades dele mesmo – não se viam com direito a solicitar socorros especiais e, absorvidos por responsabilidades numerosas, achavam-se na contingência de apenas dispensar-lhe auxílios esporádicos, incertos.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 12)

“Prontificou-se ao relatório solicitado o venerando mentor espiritual e, bondosamente, qual o emérito professor na cátedra elucidativa, foi dizendo, como em prelúdio às narrações que viriam a seguir: – “O nosso querido Leonel necessitava, meus amigos, realmente, da amarga lição que, finalmente, a lei das causas e dos efeitos o levou a experimentar. Desde tempo remoto até a atualidade, ele se vem inspirando em diretrizes corrompidas, arraigado a paixões inferiores, sem boa vontade para a emenda em princípios regeneradores, apesar dos vossos esforços para conduzi-lo à marcha legítima para o Bem, O orgulho incorrigível, os instintos inferiores, a indiferença pelo respeito a Deus e às leis da Vida e da Morte, a permanência intransigente nas ínfimas camadas da moral, as consequências sempre desastrosas daí decorrentes, bradavam por um corretivo mais enérgico, uma punição que, levando-o à dor legítima, dispusesse suas faculdades a atitudes mais sóbrias, permitindo-lhe raciocínios a bem de si mesmo. Variados ensejos para o progresso nós lhes vimos concedendo dentro de período milenar. Há menosprezado tudo, conservando-se fiel ao antagonismo com a luz. Vezes várias fizemo-lo reencarnar em ambientes honestos, no seio dos quais lições e exemplos educativos jamais escassearam. A tudo repudiou, desgostando pais, ferindo irmãos, atraído amigos, negando-se ao dever, reincidindo em faltas graves, afastando-se de Deus! Fixado, assim, num círculo que se tornava vicioso,urgia algo em seu socorro através de um corretivo que para sempre lhe sacudisse as forças psíquicas para novos rumos. Qual o corretivo, porém, a aplicar?... Que punição bastante justa, castigo assaz sábio para, corrigindo-o, não reverter em impiedade por parte da lei que os permitisse?... De fácil solução seria o problema, aplicado tantas vezes entre os endurecidos no mal, pela mesma lei: – deixá-lo inteiramente entregue ao seu livre arbítrio! Afastarmo-nos dos seus caminhos, não mais o aconselhando durante o sono corporal e

tão-pouco tecendo em torno dos seus passos barreiras que anulassem os múltiplos malefícios com que teimava em barricar a própria evolução moral espiritual. Deixarmos de interferir nas reencarnações, abandonando-o à própria responsabilidade, sem nossas inspirações e assistência, a fim de que sentindo, finalmente, a solidão interior envolver o seu espírito, ele se humilhasse perante si mesmo e procurasse reencontrar-nos, com boa vontade para a emenda e a conquista do progresso, impulsionado pelos aguilhões da dor. Foi o que fizemos nesses quatro séculos, quando suas desordenadas expansões exorbitaram dos direitos de cada um dentro das sociedades terrenas. Sim, desde há quatro séculos, quando, reencarnado à sombra da Cruz do Enviado de Deus, depois de prometer, no Espaço, labores benévolos a favor da Doutrina e da Igreja a que desejou servir, do poder que ambas exercem sobre os homens, abusou, aviltando-as com os crimes que praticou, tendo-as por desculpa e delas se servindo como arma irresistível na prática de abominações!” Fez uma pausa o erudito mentor, que se diria antigo patriarca oriental, e continuou após, salmodiando vibrações dulcíssimas, só compreensíveis à mentalidade de um desencarnado, como ele: – “A história do meu pobre Leonel é como a de tantas outras ovelhas revéis do aprisco divino, o próprio drama encenado e vivido pela Humanidade em litígio com as próprias paixões. Há períodos na existência de um homem, como de uma sociedade e um povo, em que seus erros tanto transvazam da órbita razoável num planeta de provas e expiações que o ricochete entra a puni-los incessantemente, com todo o cortejo das atrozes consequências criadas pelos próprios atos. É quando estão entregues a si mesmos, agindo inteiramente em liberdade, sem nossa intervenção em nenhum ato de suas vidas. Diante de tal punição – o viverem entregues a si mesmos – não resistirão por muito tempo aos convites da emenda. Seus excessos atrairão situações de tal forma anormais, desequilíbrios tão pungentes na marcha irrefreável das existências, que outro recurso não encontrarão, a fim de remediá-los, senão a submissão às equitativas leis da razão e da justiça... o que quer dizer que buscarão, voluntariamente, o caminho do Dever, do qual jamais haviam cogitado. A história messiânica do Filho Pródigo não poderia ser melhor imaginada, para retratar a marcha da Humanidade, do que o foi por nosso Mestre Jesus Nazareno. Eis, pois, o corretivo supremo da lei: – abandonar os rebeldes e endurecidos a si mesmos, não os assistir sequer com a inspiração, quer no estado terreno quer no espiritual, tal como o pai de família, que deixou partir o filho mais novo, certo de que as duras experiências, consequentes das próprias irreflexões, bem cedo o levariam à emenda dos costumes, à regeneração definitiva.” (BM, *Dramas da obsessão*, Segunda parte, Capítulo 1)



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Quinta Parte

Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais

- I. Evolução dos mundos segundo a evolução dos espíritos encarnados**
 - II. Aspectos da vida dos espíritos desencarnados**
 - III. Paraíso, inferno e purgatório**
 - IV. Planos espirituais e sociedades afins**
 - V. Planos ou esferas espirituais superiores**
 - VI. Planos ou esferas espirituais inferiores**
-

I Evolução dos mundos segundo a evolução dos espíritos encarnados

I.1. Evolução e progressão dos mundos

“**PROGRESSÃO DOS MUNDOS. 19.** O progresso é lei da Natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que aos homens parece o termo final de todas as coisas, é apenas um meio de se chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, visto que tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento. Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados e constituí-lo, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada em a Natureza permanece estacionário. Quão grandiosa é essa ideia e digna da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a Humanidade aos poucos homens que a habitam! Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se algará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ele há chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a lei de Deus. - *Santo Agostinho*. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“**A VIDA UNIVERSAL. 53.** Essa imortalidade das almas, tendo por base o sistema do mundo físico, pareceu imaginária a certos pensadores prevenidos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade viajora e não compreenderam que só ela é verdadeira ante o espetáculo da criação. Entretanto, pode-se tornar compreensível toda a sua grandeza, quase diríamos: toda a sua perfeição. **54.** Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os

mundos sejam moradas de seres que as contemplam e lhes descobrem, sob o véu, o poder e a sabedoria daquele que as formou, são questões que já nos não oferecem dúvida; mas, que sejam solidárias as almas que as povoam, é o que importa saber. **55.** Com efeito, a inteligência humana encontra dificuldade em considerar esses globos radiosos que cintilam na amplitude como simples massas de matéria inerte e sem vida. Custa-lhe a pensar que não haja, nessas regiões distantes, magníficos crepúsculos e noites esplendorosas, sóis fecundos e dias transbordantes de luz, vales e montanhas, onde as produções múltiplas da Natureza desenvolvam toda a sua luxuriante pompa. Custa-lhe a imaginar, digo, que o espetáculo divino em que a alma pode retemperar-se como em sua própria vida, seja baldo da existência e carente de qualquer ser pensante que o possa conhecer. **56.** Mas, a essa ideia eminentemente justa da criação, faz-se mister acrescentar a da humanidade solidária e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura. Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos e os laços de uma fraternidade que ainda não sabeis apreciar foram postos a esses mundos. *Se os astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o são por seres desconhecidos uns dos outros, mas, ao contrário, por seres que trazem marcado na fronte o mesmo destino, que se hão de encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e encontrar de novo, segundo suas mútuas simpatias.* É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual. **57.** Por que singular aberração se há podido crer fosse mister negar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando a encerravam dentro de um limite inadmissível e de uma dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria, então, preceder à verdadeira doutrina dogmática e a Ciência preceder à Teologia? Esta se transviará tanto que irá colocar sua base sobre a Metafísica? A resposta é fácil e mostra que a nova filosofia se sentará triunfante nas ruínas da antiga, porque sua base se terá erguido vitoriosa sobre os antigos erros.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“**DIVERSIDADE DOS MUNDOS. 58.** Acompanhando-nos em nossas excursões celestes, visitastes conosco as regiões imensas do espaço. Debaixo das nossas vistas, os sóis sucederam aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; diante dos nossos passos, desenrolou-se o panorama esplêndido da harmonia do Cosmo e antegozamos a ideia do infinito, que somente de acordo com a nossa perfectibilidade futura poderemos compreender em toda a sua extensão. Os mistérios do éter nos desvendaram o seu enigma até aqui indecifrável e, pelo menos,

concebemos a ideia da universalidade das coisas. Cumpre que agora nos detenhamos a refletir. **59.** É belo, sem dúvida, haver reconhecido quanto é ínfima a Terra e medíocre a sua importância na hierarquia dos mundos; é belo haver abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e nos termos humilhado ante a grandeza absoluta; ainda mais belo, no entanto, será que interpretemos em sentido moral o espetáculo de que fomos testemunhas. Quero falar do poder infinito da Natureza e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nos diversos domínios do vasto Universo. **60.** Acostumados, como estamos, a julgar das coisas pela nossa insignificante e pobre habitação, imaginamos que a Natureza não pode ou não teve de agir sobre os outros mundos, senão segundo as regras que lhe conhecemos na Terra. Ora, precisamente neste ponto é que importa reformemos a nossa maneira de ver. Lançai por um instante o olhar sobre uma região qualquer do vosso globo e sobre uma das produções da vossa natureza. Não reconheceréis aí o cunho de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem par? Não vedes na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto a prestigiosa fecundidade dessa bela Natureza? Apliquem-se aos seres que adejam nos ares os vossos estudos, desçam eles à violeta dos prados, mergulhem nas profundezas do oceano, em tudo e por toda a parte lereis esta verdade universal: A Natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é uma em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; brinca com um Sol, como com uma gota d'água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz se abra o ovo posto pela borboleta. **61.** Ora, se é tal a variedade que a Natureza nos há podido evidenciar em todos os sítios deste pequeno mundo tão acanhado, tão limitado, quão mais ampliado não deveis considerar esse modo de ação, ponderando nas perspectivas dos mundos enormes! quão mais desenvolvida e pujante não a deveis reconhecer, operando nesses mundos maravilhosos que, muito mais do que a Terra, lhe atestam a inapreciável perfeição! Não vejais, pois, em torno de cada um dos sóis do espaço, apenas sistemas planetários semelhantes ao vosso sistema planetário; não vejais, nesses planetas desconhecidos, apenas os três reinos que se estadeiam ao vosso redor. Pensai, ao contrário, que, assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma portentosa diversidade, inimaginável, se acha espalhada pelas moradas eternas que vogam no seio dos espaços. Do fato de que a vossa natureza animada começa no zoófito para terminar no homem, de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova incessantemente, de que as vossas estações fazem se sucedam nessa vida os

fenômenos que as distinguem, não concluais que os milhões e milhões de terras que rolam pela amplidão sejam semelhantes à que habitais. Longe disso, aquelas diferem, de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e de acordo com o papel que a cada uma coube no cenário do mundo. São pedrarias variegadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável parque.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

I.2. Mundos inferiores, intermediários e superiores / Mundos primitivos, de expiação, de regeneração, ditos e celestes

“HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI. 1. Não se turbe o vosso coração. - *Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. - Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejais.* (S. JOÃO, 14:1 a 3)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE. 2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos. Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que tenha. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes insulado, sem consolação, separado dos que constituíam objeto de suas afeições, pena sob o guante dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Também nisso, portanto, há muitas moradas, embora não circunscritas, nem localizadas.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS. 3. Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da

Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual. **4.** Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias. **5.** Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se veem impedidos de voltar quando se obstinaram no mal.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“MUNDOS INFERIORES E MUNDOS SUPERIORES. 8. A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores nada tem de absoluta; é, antes, muito relativa. Tal mundo é inferior ou superior com referência aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva. Tomada a Terra por termo de comparação, pode-se fazer ideia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda entre nós se encontram, restos do estado primitivo do nosso orbe. Nos mais atrasados, são de certo modo rudimentares os seres que os habitam. Revestem a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos

não têm a abrandá-los qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem as noções do justo e do injusto. A força bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos. Deus, entretanto, a nenhuma de suas criaturas abandona; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente, a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida, de um Ente supremo. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros e para lhes preparar a ascensão a uma vida mais completa, porquanto eles não são seres degradados, mas crianças que estão a crescer. Entre os degraus inferiores e os mais elevados, inúmeros outros há, e difícil é reconhecer-se nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, os que foram esses seres primitivos, do mesmo modo que no homem adulto se custa a reconhecer o embrião. **9.** Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimo diversas das da vida na Terra. Como por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e não está, conseqüentemente, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações que a predominância da matéria provoca. Mais apurados, os sentidos são aptos a percepções a que neste mundo a grosseria da matéria obsta. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos. Os homens conservam, a seu grado, os traços de suas passadas migrações e se mostram a seus amigos tais quais estes os conheceram, porém, irradiando uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, então sempre elevadas. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida cintilam com o fulgor que os pintores hão figurado no nimbo ou auréola dos santos. A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir. Durante a vida, a alma, já não tendo a restringi-la a matéria compacta, expande-se e goza de uma lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação e lhe consente a livre transmissão do pensamento. **10.** Nesses mundos venturosos, as relações, sempre

amistosas entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho, nem pela guerra que daí decorre. Não há senhores, nem escravos, nem privilegiados pelo nascimento; só a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a supremacia. A autoridade merece o respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. *O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se.* Seu objetivo é galgar a categoria dos Espíritos puros, não lhe constituindo um tormento esse desejo, porém, uma ambição nobre, que o induz a estudar com ardor para igualá-los. Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; desconhecem-se os ódios, os mesquinhos ciúmes, as baixas cobiças da inveja; um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens, ajudando os mais fortes aos mais fracos. Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre por lhe faltar o necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação. Numa palavra: o mal, nesses mundos, não existe. **11.** No vosso, precisais do mal para sentirdes o bem; da noite, para admirardes a luz; da doença, para apreciardes a saúde. Naqueles outros não há necessidade desses contrastes. A eterna luz, a eterna beleza e a eterna serenidade da alma proporcionam uma alegria eterna, livre de ser perturbada pelas angústias da vida material, ou pelo contato dos maus, que lá não têm acesso. Isso o que o espírito humano maior dificuldade encontra para compreender. Ele foi bastante engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde imaginar as alegrias do céu. Por quê? Porque, sendo inferior, só há experimentado dores e misérias, jamais entreviu as claridades celestes; não pode, pois, falar do que não conhece. À medida, porém, que se eleva e depura, o horizonte se lhe dilata e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que lhe está atrás. **12.** Entretanto, os mundos felizes não são orbes privilegiados, visto que Deus não é parcial para qualquer de seus filhos; a todos dá os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem a tais mundos. Fá-los partir todos do mesmo ponto e a nenhum dota melhor do que aos outros; a todos são acessíveis as mais altas categorias: apenas lhes cumpre a eles conquistá-las pelo seu trabalho, alcançá-las mais depressa, ou permanecer inativos por séculos de séculos no lodaçal da Humanidade. (*Resumo do ensino de todos os Espíritos superiores*)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS.

13. Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibais, pois basta observeis o em que habitais? A

superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso. **14.** Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais hão podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos. Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos, na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o germen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado. **15.** A Terra, conseguintemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito. - *Santo Agostinho*. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“**MUNDOS REGENERADORES.** **16.** Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas, também os

há mais miseráveis e melhores, como os há de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada. **17.** Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis. Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanações do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam. **18.** Mas, ah! nesses mundos, ainda falível é o homem e o Espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam. Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham

sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra. - *Santo Agostinho*. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“AS VIDAS SUCESSIVAS E OS MUNDOS HABITADOS. Alguns estudiosos, há muitos séculos, guardam as verdadeiras concepções do Universo, o qual não se encontra circunscrito ao minúsculo orbe terreno e é representado pelo infinito dos mundos, dentro do infinito de Deus. Não obstante as teorias do sistema geocêntrico, que encarava a Terra como o centro do grupo de planetas em que vos encontrais, a ideia da multiplicidade dos sóis vinha, de há muito, animando o cérebro dos pensadores da antiguidade. Apesar da objetiva dos vossos telescópios, que descortinam, na imensidade, “as terras do céu”, julga-se erradamente que apenas o vosso mundo oferece condições de habitabilidade e somente nele se verifica o florescimento da vida. Infelizmente, são inúmeros os que duvidam dessa realidade inconteste, aprisionados em escolas filosóficas que pecam pelo seu caráter obsoleto e incompatível com a evolução da Humanidade, em geral. É que não reconhecem que a Terra minúscula é apenas um ponto obscuro e opaco, no concerto sideral, e nada de singular existe nela que lhe outorgue, com exclusividade, o privilégio da vida; em contraposição aos assertos dos negadores, podeis notar, cientificamente, que é mesmo, em vosso plano, o local do Universo onde a vida encontra mais dificuldades para se estabelecer. [...] **HÁ MUNDOS INCONTÁVEIS.** Que se calem os que puderem descobrir a vida apenas em vossa obscura penitência de naufragos morais. Por que razão a Vontade Divina colocaria na amplidão essas plagas longínquas? Enxergar nesses mundos distantes somente objetos de estudo da vossa Astronomia é um erro; eles estão, às vezes, regulados por forças mais ou menos idênticas às que controlam a vossa vida. Em sua superfície observam-se os fenômenos atmosféricos e outros, cuja explicação é inacessível ao vosso entendimento. Por que os formaria o Criador para o ermo do silêncio e do deserto? Podereis conceber cidades bem construídas, abarrotadas de tesouros e magnificências, apodrecendo sem habitantes? Há mundos incontáveis e muitos deles formados de fluidos rarefeitos, inatingidos, na atualidade, pelos vossos instrumentos de ótica. **MUNDO DE EXÍLIO E ESCOLA REGENERADORA.** A terra não representa senão um detalhe obscuro no ilimitado da Vida, região da amargura, da provação e do exílio; constituindo, porém, uma plaga de sombras, varrida, muitas vezes, pelos cataclismos do infortúnio e da destruição, deve representar, para todos quantos a habitam, uma abençoada escola, onde se regenera o Espírito culpado e onde ele se prepara, demandando glorioso porvir. Significa um dever de todo homem o trabalho próprio, no sentido de

atenuar as más condições do seu meio ambiente, aplainando todas as dificuldades de ordem material e moral, porquanto a evolução depende de todos os esforços individuais no conjunto das coletividades. Forças ocultas, leis desconhecidas, esperam que a alma humana delas se utilize e, à medida que se espalhe o progresso moral, mais os homens se beneficiarão na fonte benedita do conhecimento. **O ESTÍMULO DO CONHECIMENTO.** Para a Humanidade terrestre a revelação de outras pátrias do firmamento, fragmentos da Pátria Universal, não deve constituir uma razão para desânimo de quantos se entregam aos labores profícuos do estudo. Os desequilíbrios que se verificam no orbe terreno obedecem a uma lei de justiça, acima de todas as coisas transitórias; e, além disso, a primeira obrigação de todo homem é colaborar, em todos os minutos de sua passagem existência, em prol da melhoria do seu próximo, consciente de que trabalhar a benefício de outrem é engrandecer-se. O conhecimento das condições perfeitas da vida em outros mundos não deve trazer abatimento aos extremistas do ideal. Semelhante verdade deve encher o coração humano de sagrados estímulos. Saudai, pois, o concerto da vida, do seio dos vossos combates salvadores!... Sóis portentosos, luzes policrômicas, mundos maravilhosos, existem embalados pelas harmonias que a perfeição eleva à Entidade Suprema!... Além do Grande Cão, da Ursa, de Hércules, outras constelações testam a grandeza divina. Os firmamentos sucedem-se ininterruptamente nas amplidões etéreas, mas a Humanidade, para Deus, é uma só e o laço do seu amor reúne todos os seres.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XVI)

II Aspectos da vida dos espíritos desencarnados

II.1. Espíritos desencarnados, livres ou errantes

“ESPÍRITOS ERRANTES. 223. A alma reencarna logo depois de se haver separado do corpo? “Algumas vezes reencarna imediatamente, porém de ordinário só o faz depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito, quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos entre vós.” **224.** Que é a alma no intervalo das encarnações? “Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera.” **a)** - Quanto podem durar esses intervalos? “Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Propriamente falando, não há extremo limite estabelecido para

o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de suas existências precedentes.” **b)** - Essa duração depende da vontade do Espírito, ou lhe pode ser imposta como expiação? “É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas, também, para alguns, constitui uma punição que Deus lhes inflige. Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar-se com proveito.” **225.** A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos? “Não, porquanto há Espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, já o dissemos. O Espírito se acha no seu estado normal, quando liberto da matéria.” **226.** Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados? “Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram no seu estado definitivo.” No tocante às qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens, ou graus, pelos quais vão passando sucessivamente, à medida que se purificam. Com relação ao estado em que se acham, podem ser: encarnados, isto é, ligados a um corpo; errantes, isto é, sem corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem; Espíritos puros, isto é, perfeitos, não precisando mais de encarnação. **227.** De que modo se instruem os Espíritos errantes? Certo não o fazem do mesmo modo que nós outros? “Estudam e procuram meios de elevar-se. Veem, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos Espíritos mais elevados e tudo isso lhes incute ideias que antes não tinham.” **228.** Conservam os Espíritos algumas de suas paixões humanas? “Com o invólucro imaterial os Espíritos elevados deixam as paixões más e só guardam a do bem. Quanto aos Espíritos inferiores, esses as conservam, pois do contrário pertenceriam à primeira ordem.” **229.** Por que, deixando a Terra, não deixam aí os Espíritos todas as más paixões, uma vez que lhes reconhecem os inconvenientes? “Vês nesse mundo pessoas excessivamente invejosas. Imaginas que, mal o deixam, perdem esse defeito? Acompanha os que da Terra partem, sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas, uma espécie de atmosfera que os envolve, conservando-lhes o que têm de mau, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria. Só por momentos ele entrevê a verdade, que assim lhe aparece como que para mostrar-lhe o bom caminho.” **230.** Na erraticidade, o Espírito progride? “Pode melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenha de consegui-lo. Todavia, na existência corporal é que põe em prática as ideias que adquiriu.” **231.** São felizes ou desgraçados os Espíritos errantes? “Mais ou menos, conforme

seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado. Na erraticidade, o Espírito percebe o que lhe falta para ser mais feliz e, desde então, procura os meios de alcançá-lo. Nem sempre, porém, lhe é permitido reencarnar como fora de seu agrado, representando isso, para ele, uma punição.” **232.** Podem os Espíritos errantes ir a todos os mundos? “Conforme. Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver, ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado, o que, aliás, constitui o objetivo para que devem tender seus esforços, pois, do contrário, nunca se aperfeiçoaria. Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem dizer, consegue apenas entrevê-los, donde lhe nasce o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade de que gozam os que os habitam, para ser digno também de habitá-los mais tarde.” **233.** Os Espíritos já purificados descem aos mundos inferiores? “Fazem-no frequentemente, com o fim de auxiliar-lhes o progresso. A não ser assim, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para dirigi-los.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

II.2. Mundo dos espíritos¹

“**MUNDO NORMAL PRIMITIVO. 84.** Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos? “Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.” **85.** Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas? “O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.” **86.** O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita? “Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem.” **87.** Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço? “Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“Depois de palestrar ligeiramente com os vinte companheiros, como a informar-se das necessidades dominantes na assembleia em geral, com relação ao tema da noite, começou por dizer: – “Como sempre, não posso aproveitar a nossa reunião para discursos de longa tiragem verbal, mas aqui estou para conversar com vocês, relacionando algumas observações sobre o pensamento. “Encontram-se, entre nós, no momento, algumas centenas de ouvintes que se surpreendem com a nossa esfera cheia de formas análogas às do planeta. Não haviam aprendido que o pensamento é a linguagem universal? Não foram informados de que a criação mental é quase tudo em nossa vida? São numerosos os irmãos que formulam semelhantes perguntas. Todavia, encontraram aqui a habitação, o utensílio e a linguagem terrestres. Esta realidade, contudo, não deve causar surpresa a ninguém. Não podemos esquecer que temos vivido, até agora (referindo-nos à existência humana), em velhos círculos de antagonismo vibratório. O pensamento é a base das relações espirituais dos seres entre si, mas não olvidemos que somos milhões de almas dentro do Universo, algo insubmissas ainda às leis universais. Não somos, por enquanto, comparáveis aos irmãos mais velhos e mais sábios, próximos do Divino, mas milhões de entidades a viverem nos caprichosos “mundos inferiores” do nosso ‘eu’. Os grandes instrutores da humanidade carnal ensinam princípios divinos, expõem verdades eternas e profundas, nos círculos do globo. Em geral, porém, nas atividades terrenas, recebemos notícias dessas leis sem nos submetermos a elas e tomamos conhecimento dessas verdades sem lhes consagrarmos nossas vidas. “Será crível que, somente por admitir o poder do pensamento, ficasse o homem liberto de toda a condição inferior? Impossível! “Uma existência secular, na carne terrestre, representa período demasiadamente curto para aspirarmos à posição de cooperadores essencialmente divinos. Informamo-nos a respeito da força mental no aprendizado mundano, mas esquecemos que toda a nossa energia, nesse particular, tem sido empregada por nós, em milênios sucessivos, nas criações mentais destrutivas ou prejudiciais a nós mesmos. “Somos admitidos aos cursos de espiritualização nas diversas escolas religiosas do mundo, mas com frequência agimos exclusivamente no terreno das afirmativas verbais. Ninguém, todavia, atenderá ao dever apenas com palavras. Ensina a Bíblia que o próprio Senhor da Vida não estacionou no Verbo e continuou o trabalho criativo na Ação.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 37)

¹ Vide Capítulo IV (“Planos espirituais e sociedades afins”), Quinta Parte (“Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

“Convocado a exprimir-se pelo olhar percuciente do amigo, voltou Ernesto à palavra: – Evelina, quanto me ocorre, tem o espírito dominado por uma questão capital. Isso lhe parecerá, talvez, uma criancice de doentes mentais, que, às vezes, temos ambos a impressão de ser, mas temos escutado, em circunstâncias diversas, a afirmativa de que somos mortos em recuperação num ambiente que não mais pertence aos homens de carne e osso... A princípio, rimo-nos francamente, categorizando isso à conta de grossa tolice; entretanto, as opiniões se avolumam. A própria senhora Tamburini está certa de que já cruzamos as fronteiras da morte, como quem vara uma noite de sono... Que nos diz a isso, professor? [...] - Entendo - certificou ele, sorrindo -, a senhora, muito mais que o nosso irmão Ernesto, opõe firme recusa mental à verdade, à vista de suas convicções religiosas, louváveis, mas provisórias, convicções que jazem solidamente estruturadas em seu espírito... Apesar de tudo, porém, tenho a obrigação de assegurar-lhes que não mais pisamos a Terra que nos era comum e sim um departamento da Vida Espiritual. [...] - Chame-se a este mundo em que existimos, neste momento, “outra vida”, “outro lado”, “região extrafísica” ou “esfera do Espírito”, estamos num centro de atividade tão material quanto aquele em que se movimentam os homens, nossos irmãos ainda encarnados, condicionados ao tipo de impressões que ainda lhes governam, quase que de todo, os recursos sensoriais. O mundo terrestre é aquilo que o pensamento do homem faz dele. Aqui, é a mesma coisa. A matéria se resume a energia. Cá e lá, o que se vê é a projeção temporária de nossas criações mentais... [...] Ernesto sustentou o interrogatório: – Todos os mortos estarão em todos os lugares da Terra, em condições idênticas às nossas? – Impossível. Revejamos, superficialmente, a Humanidade encarnada em si e perceberemos algo do assunto. Contamos na Terra, de onde somos egressos, milhões de pessoas sensatas e espiritualmente desequilibradas, sadias e enfermas, instruídas e ignorantes, relativamente sublimadas e outras tantas ainda excessivamente animalizadas, confiantes e descrentes, amadurecidas na evolução ou iniciantes nela. Impraticável categorizá-las, depois da morte, segundo um critério exclusivo. Cada qual estará em seu grupo e cada grupo em sua comunidade ou faixa de afinidades. Nada fácil padronizar as situações dos Espíritos desencarnados. Basta recordar que 150.000 pessoas, aproximadamente, por dia, saem da circulação do ambiente físico, na média flutuante de 100 por minuto, largando afetos, realizações, compromissos, problemas... Ora, todos são filhos de Deus e recebem de Deus atenções e providências, análogas do ponto de vista do amor com que somos envolvidos na Criação, embora diversas nos modos múltiplos em que se exprimem. Razoável reconhecer que por muito se enfeitam, externamente, com as honras que lhes são prestadas pelos entes queridos,

quando se despedem do mundo, os homens, quaisquer que sejam, chegam aqui como são... Porque hajam desencarnado, o louco não adquire o juízo, de um dia para outro, e nem o ignorante obtém a sabedoria por osmose. Depois da morte, somos o que fizemos de nós, na realidade interna, e colocamo-nos em lugar compatível com as possibilidades de recuperação ou com as oportunidades de serviço que venhamos a demonstrar. [...] - Há tempos - sublinhou Ernesto - li mensagens de entidades desencarnadas, merecedoras de crédito, relacionando os sofrimentos e conflitos que experimentaram em regiões inferiores, individualidades, aliás, que me pareceram senhorear largo patrimônio de recursos intelectuais. - Nada de admirar. Por imposição de nossas necessidades, nós mesmos estamos residindo em zona dessas, na vizinhança das criaturas encarnadas. [...] - Pois é, meu caro, as áreas do espaço, às vezes enormes, ocupadas por legiões de criaturas padecentes ou desequilibradas, estão circunscritas e policiadas, por maiores que sejam, funcionando à maneira dos sítios terrestres, utilizados por grandes instituições para a recuperação dos enfermos da mente. Você não ignora que existem doentes da alma, consumindo larga faixa da existência nos hospícios acolhedores da Terra. Isso acontece aqui também. Ladeando o nosso vilarejo, temos vasto território, empregado no asilo a irmãos desajustados, aos milhares, mantidos e vigiados por muitas organizações de beneficência, que trabalham no socorro fraternal. [...] Evelina, que não acreditava no que ouvia, objurgou, insatisfeita: – Mas... se nos achamos num plano espiritual, que dizer das construções sólidas, vinculadas à arquitetura terrestre, com que somos defrontados? – Nenhum espanto, quando ponderarmos que os edifícios no mundo dos homens nascem do pensamento que os esculpe e da matéria que obedece aos projetos elaborados. Aqui verificamos o mesmo processo, diferindo apenas as condições da matéria, que se evidencia mais intensivamente maleável à influência da ideia dominante. Reflitamos no progresso da indústria de plásticos, na atualidade do plano físico de onde viemos e perceberemos, com mais segurança, as possibilidades imensas para as edificações delicadas e complexas em nosso domicílio de agora. Naturalmente, também aqui estamos subordinados ainda às técnicas, às vocações, às competências pessoais e às criações estilísticas, no círculo das conquistas espirituais de cada um. O arquiteto que planeja uma casa e o obreiro que lhe cumpre as ordens, não servirão, de imediato, em lugar do diretor da manufatura de tecidos e do operário que lhe atende as determinações. Ainda aqui, o escritor não faz a obra do músico, em ação de improviso. Somos criaturas em evolução, sem havermos atingido ainda a posição dos gênios polimorfos, apesar de esses gênios existirem igualmente aqui. [...]” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 9)

“Devidamente credenciados, Evelina e Ernesto, após ligeiro trajeto pelas ruas da cidade que se lhes figurou encantadora, alcançaram o Instituto de Proteção Espiritual. Acolhidos carinhosamente pelo Instrutor Ribas, dedicado à clínica psiquiátrica, no departamento assistencial que lhe dizia respeito, sentiam-se tão à vontade, do ponto de vista do habitual, como se estivessem visitando moderno consultório terrestre. Em tudo, simplicidade, conforto, segurança. Atendentes à vista. Fichários. Aparelhos diversos para registro do pensamento. [...] Revestia-se aquele quadro íntimo de tamanha espontaneidade, que os dois recém-chegados não conseguiram atinar com a verdadeira situação. Estariam no Mundo Espiritual ou na Terra mesmo, na Terra que lhes era familiar, em algum sítio desconhecido, onde se lhes falava do *espírito libertado* com alguma finalidade terapêutica? – pensavam os dois. E chegavam quase a admitir que talvez tivessem estado loucos, achando-se agora em recuperação. Acalentando semelhantes dúvidas, Evelina acompanhou, docilmente, o médico e, chegados a uma sala, mobiliada com distinção e singeleza, assentou-se na poltrona que ele lhe indicou, explicando, atencioso: – Esteja tranquila. Nosso Instituto se consagra à proteção e ao tratamento de seus tutelados. Primeiro, a cobertura socorrista, depois, o reajustamento, se necessário. Em razão disso, teremos tão-só um entendimento fraternal. Nada de cerimônias. Conversaremos simplesmente e todos os seus informes serão gravados para estudos posteriores. A bem dizer, funciono aqui quase que apenas na condição de introdutor dos clientes, de vez que os nossos analisados possuem vasta coleção de amigos na retaguarda, amigos que lhes examinarão as palavras e reações, de modo a saber em que sentido e até que ponto lhes prestarão o auxílio de que se mostrem carecedores. [...] - Instrutor Ribas, conquanto o senhor tenha feito referências a meus “primeiros tempos de vida espiritual”, é verdade que somos Espíritos desencarnados, pessoas que não mais habitam a Terra? – Perfeitamente, embora a irmã não consiga ainda certificar-se disso. - Porque semelhante inadaptção? – Falta de preparo na vida física. De modo geral, a sua posição de surpresa é comum à maioria das criaturas terrestres, em virtude da ausência de integração real com as experiências religiosas a que se afeiçoam. [...]” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 10)

“– O senhor quer explicar que, nesta cidade, sou ainda Ernesto Fantini, a personalidade humana com o nome que me foi imposto na existência que deixei, largando o estudo de minhas memórias anteriores para depois? – Perfeitamente. Cada um de nós permanece aqui, em núcleos de trabalho e renovação, na vizinhança do plano físico, sob a mesma ficha de identificação, através da qual éramos conhecidos nela. Até que nos promovamos por merecimento próprio

a círculos mais altos de sublimação, quedar-nos-emos entre a Espiritualidade Superior e o Estágio Físico, operando no aperfeiçoamento pessoal, da internação no berço à liberação para a vida espiritual e regressando da liberdade na vida espiritual a nova segregação no berço. Entendeu? – Aqui somos então examinados pelo que fomos, nas ações praticadas, no tempo de retaguarda mais próximo de nós... - Isto. - Somos como éramos, na ficha individual, até... - Até que as circunstâncias nos indiquem nova imersão no corpo carnal, como recurso inevitável aos objetivos de burilamento a que todos visamos, nas lides da vida eterna. - Somos quais éramos, em tudo, até mesmo na sinalização morfológica? – Não tanto. Quaisquer sinais morfológicos se modificam na pauta das ordenações mentais. Isso ocorre, habitualmente, na própria Terra dos Homens, quando a ciência, sem maiores dificuldades, modifica os implementos da máquina genésica da criatura, de acordo com os impulsos psicológicos que a criatura apresente, harmonizando o binômio corpo-alma. Além disso, não nos será lícito esquecer os serviços multiformes da plástica cirúrgica, que consegue efetuar prodígios no envoltório carnal das pessoas, quando essas pessoas mereçam as melhoras com que a ciência terrestre lhes acena, generosa e otimista.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 11)

“**O mundo espiritual.** Causam estranheza e, muitas vezes, recebem críticas ácidas as revelações em torno da realidade do mundo espiritual, das suas estruturas físicas e organização comunitária, que são tidas como fantasias de mentes delirantes ou de médiuns portadores de transtornos megalômanos. O comportamento ancestral céptico do indivíduo prefere conceber o *modus vivendi* existencial após a morte como de natureza quase abstrata, eliminando quaisquer evocações terrestres, típicas da existência que ficou na retaguarda. Outras vezes, os atavismos de antigas crenças pertinentes a religiões ortodoxas, ressurgem em formulações que dão lugar a concepções tão metafísicas, que alcançam as concepções em torno de um céu pulverizado de estrelas e de bênçãos parasitárias sem término. Ainda aí, reponta a visão terrificante de um inferno apenas interior onde os calcetas e perversos ardem nas chamas do remorso. Teima-se em negar ainda as características que evocam os complexos da civilização humana no orbe. Esquecem-se que, sendo a expressão carnal, as comunidades físicas são condensações da energia no plano da matéria organizada, porém, procedentes do mundo espiritual, que é causal. Cópia imperfeita do mundo além da forma material, depreende-se que as imperfeições na sociedade do planeta decorrem das condições em que se apresenta no processo da evolução. De acordo com a proximidade da Terra, os círculos espirituais concêntricos apresentam caráter especial bem definido que as estruturas

físicas do mundo consolidam. À medida que se distanciam, habitados por espíritos mais evoluídos, felizes uns e ditosos outros, as suas edificações somente chegarão à crosta do planeta, quando a cultura, a ética e a civilização alcançarem mais nobres patamares. Nessas Esferas luminíferas igualmente vinculadas ao planeta terrestre — algumas delas mais especialmente — estagiam os missionários da Ciência, da Beleza e do Amor que, ao se reencarnarem no mundo físico, fomentam o desenvolvimento tecnológico, auxiliam as conquistas do conhecimento científico e contribuem com os valiosos recursos para apressarem o progresso e conduzirem os seres humanos a estágios mais nobres. Simultaneamente, nas regiões de angústia e dor, de reparação e de arrependimento, as densas vibrações dos seus habitantes desencarnados reconstroem os antigos lares e experienciam as organizações sociais e políticas que são compatíveis com a necessidade do progresso ou de recomeço através dos sofrimentos. Pululam, desse modo, no orbe terrestre e à sua volta, cidades e conglomerados com instituições e hábitos humanos, às vezes, tão semelhantes que um observador, menos atento, suporia encontrar-se na Terra, em agregados infelizes ou sítios pestilenciais onde a miséria moral e o descalabro fazem morada. Atraídos magneticamente, e em razão das afinidades morais e comportamentais, os maus são recebidos pelos seus semelhantes, que se rejubilam, enquanto aqueles que se permitiram vinculação com os exploradores psíquicos, nos tormentosos fenômenos obsessivos, prosseguem em hebetação até quando lhes ilumina o discernimento e optam pelo despertar e transferência para Núcleos de refazimento e de paz. Não há qualquer tipo de violência nas Leis de Deus, nem ocorrências milagrosas que transfirmam para regiões ditosas os espíritos que se acumpliciaram com o crime e a hediondez ou preferiram a ignorância, o desrespeito aos códigos dos deveres. O crescimento íntimo dá-se passo a passo, assim como a libertação do primarismo ocorre mediante esforços contínuos. O mundo espiritual, compreensivelmente, apresenta-se em variado aspecto, quase infinito de graduação, qual ocorre na Terra, se examinadas as comunidades onde enxameiam a desnutrição, as enfermidades epidêmicas, as doenças cerebrais e neurológicas dilaceradoras, os distúrbios mentais, passando pelas vilas mais bem ordenadas e cidades com as suas infraestruturas proporcionadoras de higiene e saúde, até alcançarem-se as megalópoles, nas quais a tecnologia avançada conseguiu realizar, inimagináveis antes, edificações ricas de conforto, bem-estar e beleza. A diferença básica ressalta nos seus habitantes, que diferentemente dos atormentados que se movimentam ao lado dos pacíficos, dos criminosos que andam misturados aos honrados, na azáfama e balbúrdia, no trânsito perturbador e na disputa pela conquista de destaque social ilusório,

encontram-se em refazimento e em paz, experimentando a harmonia e o equilíbrio, o respeito e a amizade sinceros, confraternizando uns com os outros, deixando que a truculência e o desajuste permaneçam temporariamente apenas nas áreas reservadas ao socorro que lhes é necessário, que ali são hospedados para conveniente atendimento e orientação, no momento próprio. Ninguém conseguirá a transferência do corpo físico para herdades feitas de luz e campos de infinitos gozos, sem transitarem antes pelas faixas intermediárias da depuração e do refazimento. Allan Kardec, examinando a Erraticidade e os seus habitantes, com a sua lógica de bronze penetrou-a e conseguiu ouvir alguns daqueles que lá se encontravam, em diferentes níveis de evolução, desde os criminosos cruéis aos suicidas insensatos, às vítimas de homicídios nefandos, bem como aos generosos e afáveis, cumpridores dos seus deveres, missionários e apóstolos que trouxeram os seus depoimentos de acordo com as moradas onde se encontravam. Não são poucos, igualmente, os espíritos que permanecem imantados à crosta terrestre, aos familiares, aos hábitos, aos sentimentos, escravizados pelo ódio, pelo desejo de vingança ou pela morbidez das paixões inferiores, que denominam como amor. O amor, em verdade, rompe os grilhões das paixões e ala o ser no rumo do Inefável Amor, a fim de facultar-lhe, por sua vez, erguer também, quem não quis ou não soube receber-lhe o influxo. Somente os sentimentos de apego em sua forma de paixões asselvajadas retêm nas regiões inferiores, que a mitologia religiosa denominou acertadamente como purgatório, porque de trânsito, e equivocadamente de inferno, por não serem eternas. O paraíso, na sua graduação, é constituído por comunidades que se multiplicam em bênçãos de harmonia e de plenitude, alcançando faixas vibratórias de beleza inimaginável e de amor incomparável. — Na Casa de meu Pai há muitas moradas — acentuou Jesus com propriedade, anunciando que, além de o Reino dos Céus encontrar-se no coração, lugares existem onde é realidade indestrutível.” (MPM, *Reencontro com a vida*, O mundo espiritual)

“Espairecimentos espirituais. Consoante o estágio de evolução de cada espírito, variam expressivamente as comunidades onde se reúnem, habitando-as durante os intervalos das reencarnações. Não obstante, considerando as esferas intermediárias entre a vida física e as mansões felizes, prólogos das regiões sublimes ou celestiais, a vida social e familiar é rica e empreendedora. Não experimentando a fadiga física conforme sucede nos planos materiais, pela ausência dos órgãos somáticos que respondem pela preservação da existência, as ações nobilitantes e os compromissos de elevação fazem-se em escala de equilíbrio intermediadas pelos períodos de esparecimentos e belezas. Além das reuniões nos ninhos domésticos ou

nas instalações coletivas onde são evocados os acontecimentos pretéritos com vista à superação, se negativos, ou à ampliação de recursos iluminativos, quando felizes, as conversações são pródigas em planos para os reencontros futuros e projetos de auxílio que se estendem abençoados, direcionados aos afetos que ficaram na retaguarda carnal. Ademais, a convivência fraternal e afetuosa propicia excelentes roteiros para o engrandecimento das aptidões morais e culturais, que deverão ser desdobradas quando de futuras experiências na Terra. Simultaneamente, multiplicam-se estâncias e recantos de invulgar estesia, favorecendo a inspiração para os cometimentos, nos quais as reminiscências restaurarão as alegrias e a coragem, quando a rudeza das provas e a exaustão dos sentidos parecerem conspirar contra o sucesso dos compromissos. Recuperarão as forças e fomentarão o entusiasmo para que não haja desfalecimento ou abandono de tarefas. Em áreas ajardinadas com vegetação exuberante e desconhecida no Orbe terrestre, que aromatizam a brisa com a explosão magnificente de flores, ocorrem espetáculos de arte sob as mais variadas expressões. O teatro e as transmissões de deslumbrantes ocorrências em outros planos mais elevados, superam a televisão e a comunicação virtual conhecidas, porque as personagens assumem o aspecto real, tridimensional e não plano conforme no mundo físico e sem a necessidade de qualquer equipamento óptico, facultando, de alguma forma, que os espectadores sintam-se também participantes das ocorrências. Tanto são apresentadas em páginas vivas os fastos da História da Humanidade, como as mais nobres obras da dramaturgia conhecida no planeta, acrescentadas da contribuição de experiências mais elevadas e inspiradoras, que foram a fonte inicial onde os seus autores hauriram as informações para elaborá-las. A música sublime, além de cantar na atmosfera, assume excelsa beleza, quando executada por especialistas hábeis e seus delicados instrumentos, que conseguem arrancar melodias transcendentes da Natureza, penetram o adito dos ouvintes deslumbrados, que jamais as esquecerão. Não apenas vibra em sons harmoniosos como se expressa em cores de difícil definição que resultam das vibrações de que se constituem. A dança materializa nos palcos luminosos e evocativos dos anfiteatros greco-romanos, acontecimentos espirituais que na Terra foram concebidos como criados por gênios, fadas, mitos, narrando a epopeia e a glória da vitória da vida sobre todas as vicissitudes, e do amor pairando sobranceiro em todas as conquistas do pensamento. Conferências de conteúdos complexos e inabituais, profundos e caracterizados pela realidade em forma de sabedoria, apresentadas por expositores de outras esferas encantam e iluminam a inteligência sem entorpecerem o sentimento. O contato e o diálogo com os Mensageiros da Luz,

que seguirão à Terra para promover-lhe o progresso cultural, social, tecnológico, artístico e moral facultam alegrias inefáveis. Experiências em desdobramento são apresentadas aos interessados em crescimento interior, sempre objetivando a sublimação da criatura na sua incessante busca do Criador. Programas de engrandecimento moral e espiritual em forma de recreação para a mente e sua educação, para os hábitos e sua modificação para melhor, desdobram-se continuamente, ensejando crescimento pessoal enquanto se estabelecem novos roteiros de renovação psíquica e emocional sempre com vistas à plenitude. Os esparecimentos não cansam, produzindo tédio, quando passam, ou saudade após fruídos, porque se incorporam ao espírito, vitalizando-o com energias especiais que lhe dão alegria e facultam permanente bem-estar. Não apenas o trabalho existe em nossas esferas espirituais, mas também as bênçãos de Deus expressam-se de formas muito variadas, demonstrando-nos o Seu amor e o Seu interesse constante no burilamento das imperfeições e superação total da inferioridade. Não existindo o cansaço, igualmente ninguém desfruta de ociosidade, porque a lei de trabalho é estimuladora e referta de compensações emocionais, algo diferindo do esforço que se empreende no mundo físico, quase que à semelhança de canga mortificante ou de dever imposterável para a própria e a sobrevivência do grupo social no qual cada um se encontra. Os planos espirituais são pulsantes e vivos, distantes das narrativas teológicas do passado, onde a inutilidade e a contemplação preencheriam o tempo da Eternidade... Conforme, portanto, as aspirações e realizações de cada espírito, o mesmo se sediará em ambiente adequado ao seu desenvolvimento intelecto-moral, encarregado da ascensão a planos cada vez mais felizes, sem sombra nem dor, sem ansiedade nem aflição.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Espairecimentos espirituais)

II.3. Percepções, sensações e sofrimentos dos espíritos

“PERCEPÇÕES, SENSACÕES E SOFRIMENTOS DOS ESPÍRITOS. 237. Uma vez de volta ao mundo dos Espíritos, conserva a alma as percepções que tinha quando na Terra? “Sim, além de outras de que aí não dispunha, porque o corpo, qual véu sobre elas lançado, as obscurecia. A inteligência é um atributo, que tanto mais livremente se manifesta no Espírito, quanto menos entraves tenha que vencer.” **238.** São ilimitadas as percepções e os conhecimentos dos Espíritos? Numa palavra: eles sabem tudo? “Quanto mais se aproximam da perfeição, tanto mais sabem. Se são Espíritos superiores, sabem muito. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de tudo.” **239.** Conhecem os Espíritos o princípio das coisas? “Conforme a

elevação e a pureza que hajam atingido. Os de ordem inferior não sabem mais do que os homens.” **240.** A duração do tempo, os Espíritos a compreendem como nós? “Não e daí vem que nem sempre nos compreendemos, quando se trata de determinar datas ou épocas.” Os Espíritos vivem fora do tempo como o compreendemos. A duração do tempo, para eles, deixa, por assim dizer, de existir. Os séculos, para nós tão longos, não passam, aos olhos deles, de instantes que se movem na eternidade, do mesmo modo que os relevos do solo se apagam e desaparecem para quem se eleva no espaço. **241.** Os Espíritos fazem do presente mais precisa e exata ideia do que nós? “Do mesmo modo que aquele, que vê bem, faz mais exata ideia das coisas do que o cego. Os Espíritos veem o que não vedes. Tudo apreciam, pois, diversamente do modo por que o fazeis. Mas, também isso depende da elevação deles.” **242.** Como é que os Espíritos têm conhecimento do passado? E esse conhecimento lhes é ilimitado? “O passado, quando com ele nos ocupamos, é presente. Verifica-se então, precisamente, o que se passa contigo quando recordas qualquer coisa que te impressionou no curso do teu exílio. Simplesmente, como já nenhum véu material nos tolda a inteligência, lembramo-nos mesmo daquilo que se te apagou da memória. Mas, nem tudo os Espíritos sabem, a começar pela sua própria criação.” **243.** E o futuro, os Espíritos o conhecem? “Ainda isto depende da elevação que tenham conquistado. Muitas vezes, apenas o entreveem, porém nem sempre lhes é permitido revelá-lo. Quando o veem, parece-lhes presente. À medida que se aproxima de Deus, tanto mais claramente o Espírito descortina o futuro. Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas passadas migrações, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para que tal aconteça, preciso é que, ao cabo de múltiplas existências, se haja integrado nele.” **a)** - Os Espíritos que alcançaram a perfeição absoluta têm conhecimento completo do futuro? “Completo não se pode dizer, por isso que só Deus é soberano Senhor e ninguém o pode igualar.” **244.** Os Espíritos veem a Deus? “Só os Espíritos superiores o veem e compreendem. Os inferiores o sentem e adivinham.” **a)** - Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou permite uma coisa, como sabe que isso lhe vem dele? “Ele não vê a Deus, mas sente a sua soberania e, quando não deva ser feita alguma coisa ou dita uma palavra, percebe, como por intuição, a proibição de fazê-la ou dizê-la. Não tendes vós mesmos pressentimentos que se vos afiguram como avisos secretos, para fazerdes, ou não, isto ou aquilo? O mesmo nos acontece, se bem que em grau mais alto, pois compreendes que, sendo mais sutil do que a vossa a essência dos Espíritos, podem estes receber melhor as advertências divinas.” **b)** - Deus transmite diretamente a ordem ao Espírito, ou por intermédio de

outros Espíritos? “Ela não lhe vem direta de Deus. Para se comunicar com Deus, é-lhe necessário ser digno disso. Deus lhe transmite suas ordens por intermédio dos Espíritos imediatamente superiores em perfeição e instrução.” **245.** O Espírito tem circunscrita a visão como os seres corpóreos? “Não, ela reside em todo ele.” **246.** Precisam da luz para ver? “Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. Para os Espíritos, não há trevas, salvo as em que podem achar-se por expiação.” **247.** Para verem o que se passa em dois pontos diferentes, precisam transportar-se a esses pontos? Podem, por exemplo, ver simultaneamente nos dois hemisférios do globo? “Como o Espírito se transporta aonde queira, com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que vê em toda parte ao mesmo tempo. Seu pensamento é suscetível de irradiar, dirigindo-se a um tempo para muitos pontos diferentes, mas esta faculdade depende da sua pureza. Quanto menos puro é o Espírito, tanto mais limitada tem a visão. Só os Espíritos superiores podem com a vista abranger um conjunto.” No Espírito, a faculdade de ver é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, lucidez para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim. No homem, a visão se dá pelo funcionamento de um órgão que a luz impressiona. Daí se segue que, não havendo luz, o homem fica na obscuridade. No Espírito, como a faculdade de ver constitui um atributo seu, abstração feita de qualquer agente exterior, a visão independe da luz. (Veja-se: Ubiquidade, nº 92) **248.** O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós? “Mais distintamente, pois que sua vista penetra onde a vossa não pode penetrar. Nada a obscurece.” **249.** Percebe os sons? “Sim, percebe mesmo sons imperceptíveis para os vossos sentidos obtusos.” **a)** - No Espírito, a faculdade de ouvir está em todo ele, como a de ver? “Todas as percepções constituem atributos do Espírito e lhe são inerentes ao ser. Quando o reveste um corpo material, elas só lhe chegam pelo conduto dos órgãos. Deixam, porém, de estar localizadas, em se achando ele na condição de Espírito livre.” **250.** Constituindo elas atributos próprios do Espírito, ser-lhe-á possível subtrair-se às percepções? “O Espírito unicamente vê e ouve o que quer. Dizemos isto de um ponto de vista geral e, em particular, com referência aos Espíritos elevados, porquanto os imperfeitos muitas vezes ouvem e veem, a seu mau grado, o que lhes possa ser útil ao aperfeiçoamento.” **251.** São sensíveis à música os Espíritos? “Aludes à música terrena? Que é ela comparada à música celeste? a esta harmonia de que nada na Terra vos pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do

selvagem para uma doce melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por lhes não ser dado ainda compreenderem outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, por terem eles muito desenvolvidas as qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e delicado pode a imaginação espiritual conceber.” **252.** São sensíveis, os Espíritos, às magnificências da Natureza? “Tão diferentes são as belezas naturais dos mundos, que longe estamos de as conhecer. Sim, os Espíritos são sensíveis a essas belezas, de acordo com as aptidões que tenham para as apreciar e compreender. Para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto que, por assim dizer, apagam as das particularidades.” **253.** Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos? “Eles os conhecem, porque os sofreram, não os experimentam, porém, materialmente, com vós outros: são Espíritos.” **254.** E a fadiga, a necessidade de repouso, experimentam-nas? “Não podem sentir a fadiga, como a entendeis; conseguintemente, não precisam de descanso corporal, como vós, pois que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas. O Espírito, entretanto, repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não atua materialmente. Sua ação é toda intelectual e inteiramente moral o seu repouso. Quer isto dizer que momentos há em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo quanto de ordinário e não se fixa em qualquer objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão repousar.” **255.** Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento? “Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que todos os sofrimentos físicos.” **256.** Como é então que alguns Espíritos se têm queixado de sofrer frio ou calor? “É reminiscência do que padecem durante a vida, reminiscência não raro tão aflitiva quanto a realidade. Muitas vezes, no que eles assim dizem apenas há uma comparação mediante a qual, em falta de coisa melhor, procuram exprimir a situação em que se acham. Quando se lembram do corpo que revestiram, têm impressão semelhante à de uma pessoa que, havendo tirado o manto que a envolvia, julga, passado algum tempo, que ainda o traz sobre os ombros.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“ENSAIO TEÓRICO DA SENSACÃO NOS ESPÍRITOS. 257. O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que a alma conserva da dor pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física.

De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se. Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo aprofundado do perispírito, que tão importante papel desempenha em todos os fenômenos espíritos; nas aparições vaporosas ou tangíveis; no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte; na ideia, que tão frequentemente manifesta, de que ainda está vivo; nas situações tão comoventes que nos revelam os dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver pelos gozos materiais; e inúmeros outros fatos, muita luz lançaram sobre esta questão, dando lugar a explicações que passamos a resumir. O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, conseguintemente, a temperatura. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver. Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra

explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito. Disse-nos, certa vez, um suicida: “Não, não estou morto.” E acrescentava: *No entanto, sinto os vermes a me roerem*. Ora, indubitavelmente, os vermes não lhe roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; roíam-lhe apenas o corpo. Como, porém, não era completa a separação do corpo e do perispírito, uma espécie de repercussão moral se produzia, transmitindo ao Espírito o que estava ocorrendo no corpo. Repercussão talvez não seja o termo próprio, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual ainda o conservava ligado o perispírito, o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Assim, pois, não haveria no caso uma reminiscência, porquanto ele não fora, em vida, roído pelos vermes: havia o sentimento de um fato da atualidade. Isto mostra que deduções se podem tirar dos fatos, quando atentamente observados. Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral. Ora, não sendo o perispírito, realmente, mais do que simples agente de transmissão, pois que no Espírito é que está a consciência, lógico será deduzir-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro. Mas, dir-se-á, desde que pelo perispírito é que as sensações agradáveis, da mesma forma que as desagradáveis, se transmitem ao Espírito, sendo o Espírito puro inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Assim é, de fato, com relação às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais ideia alguma podemos formar, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz. Sabemos que isso é real; mas, por que meio se produz? Até lá não vai a nossa ciência. Sabemos que

no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos do ser todo e não, como no homem, de uma parte apenas do ser; mas, de que modo ele as tem? Ignoramo-lo. Os próprios Espíritos nada nos podem informar sobre isso, por inadequada a nossa linguagem a exprimir ideias que não possuímos, precisamente como o é, por falta de termos próprios, a dos selvagens, para traduzir ideias referentes às nossas artes, ciências e doutrinas filosóficas. Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos. Pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao *sensorium commune*, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. Em apoio do que dizemos, há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil quanto mais desmaterializado está o Espírito. Pelo que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. É, contudo, mais extensa, mais penetrante nas mais purificadas. A alma, ou o Espírito, tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções. Estas, na vida corpórea, se obliteram pela grosseria dos órgãos do corpo; na vida extracorpórea se vão desanuviando, à proporção que o invólucro semimaterial se eteriza. Haurido do meio ambiente, esse invólucro varia de acordo com a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do pólo ao equador. Quando vêm visitar-nos, os mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos. Todos, porém, assim os inferiores como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir. Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar ativas ou nulas suas percepções. Uma só coisa são obrigados a ouvir - os conselhos dos Espíritos bons. A vista, essa é sempre ativa; mas, eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se, à medida que ele se desprende, e pode

alcançar a nitidez que tinha durante a vida terrena, independentemente da possibilidade de penetrar através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinito, do futuro e do passado, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito. Objetarão, talvez: toda esta teoria nada tem de tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não mais sofreríamos e eis nos informais de que ainda sofreremos. Desta ou daquela forma, será sempre sofrimento. Ah! sim, pode dar-se que continuemos a sofrer, e muito, e por longo tempo, mas também que deixemos de sofrer, até mesmo desde o instante em que se nos acabe a vida corporal. Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muito mais vezes, contudo, são devidos à nossa vontade. Remonte cada um à origem deles e verá que a maior parte de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. O mesmo se dá com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira por que viveu na Terra. Certo já não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles. Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, ou, por outra, quanto mais desmaterializado se achar, menos dolorosas sensações experimentará. Ora, está em suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual. Ele tem o livre-arbítrio, tem, por conseguinte, a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá a influência. Nenhuma recordação dolorosa lhe advirá dos sofrimentos físicos que haja padecido; nenhuma impressão desagradável eles lhe deixarão, porque apenas terão atingido o corpo e não a alma. Sentir-se-á feliz por se haver libertado deles e a paz da sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral. Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo; acompanhamo-los passo a

passo na vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas ideias, nos seus sentimentos e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se contaram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo. Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas consequências experimentavam; que a outra vida é fonte de inefável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só de si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“PERTURBAÇÃO NO ALÉM-TÚMULO. Como efeito da conduta moral e das aspirações a que se vincula o Espírito, o seu estado de perturbação após a morte do corpo perdura por breve ou largo tempo, fenômeno natural quanto lógico. Quase todos os desencarnados experimentam a turbacão que sucede ao desprendimento da matéria. A intensidade e o prazo variam conforme as condições de cada um. As pessoas que viveram para o prazer, usufruindo sensações e gozos desenfreados, recusam-se a compreender a ocorrência liberadora, já que prosseguem fixados aos sentidos e apetites a que se vincularam, sofrendo inenarráveis angústias por não serem atendidos nos hábitos antigos, mesmo que se esforcem até quase à exaustão. Outros indivíduos, que eliminaram da mente qualquer possibilidade de sobrevivência ao cadáver, hibernam-se, experimentando inconcebíveis **pesadelos** que decorrem dos fenômenos biológicos em contínua transformação e que neles se impõem por tempo indeterminado. Os onzenários e egoístas, os delinquentes de qualquer tipo, veem a tragédia do mau uso que os seus herdeiros ora fazem dos bens avaramente acumulados, assim como as consciências criminosas enfrentam suas vítimas, algumas das quais as perdoam, tomando-se insuportável a presença delas. Pior ainda é-lhes a sujeição que passam a sentir sob aquelas outras que os descobriram e, também inferiores, buscam desforçar-se com agressividade, não lhes dando tempo a que recuperem, sequer, a lucidez a respeito da própria situação. Os que foram arrebatados por morte violenta, por imprevidência, precipitação ou desleixo, em atos suicidas, continuam imantados aos despojos putrescíveis por muito tempo. São os suicidas aqueles que mais penosa perturbação experimentam, como consequência da rebeldia que os alucinou, alongando-se-lhes o drama do momento final, quase que infinitamente, pela impossibilidade mental e emocional de dimensionarem o tempo. O que esperavam encerrar num gesto brusco ou mediante um programa bem elaborado, se lhes amplia insuportavelmente. A tranquilidade espiritual na ultra tumba deve

ser trabalhada adredemente, qual ocorre em qualquer realização, cujo clímax é o resultado de uma programação cuidadosa. Encerrando a vida biológica apenas, a morte, na condição de hábil cirurgia, interrompe somente os laços que prendem o Espírito ao corpo físico, dependendo daquele a liberação emocional deste último. Quem jamais se preocupou com essa lei da fatalidade orgânica, sofre, com a surpresa que o assalta, as consequências do medo, das imagens fantasistas a que se acomodou e da realidade pujante da qual não se pode furtar. O inverso igualmente se dá, facultando ao homem justo e diligente, honesto e caridoso, um suave e rápido despertar, recepcionado pelos amores que o anteciparam e o aguardam felizes... De alguns minutos apenas ou de poucas horas é-lhe a duração do estado aflitivo, perturbador, ou passado em sono agradável, do qual desperta em festa de alegria pelos reencontros formosos. As enfermidades de curso longo, os sofrimentos e provações bem suportados propiciam ao Espírito o lento desprender-se dos condicionamentos mundanos, favorecendo o pensamento com projeções da vida triunfante, que constata com facilidade e rapidez. Todo e qualquer hábito longamente cultivado impregna o indivíduo, que se lhe submete, mesmo quando dele deseja libertar-se. Desse modo, determinadas viciações, longamente mantidas, exigem tempo idêntico ao da fixação para que, além do corpo, se desimpregnem do Espírito. Não há porque estranhar o fato, recordando-se que, na área da reeducação, diante de hábitos extravagantes e perniciosos, o processo é o mesmo, sempre penoso quão demorado. No que tange ao ser eterno, este fica tão condicionado e intoxicado que o processo de liberação impõe-se lento, forma, aliás, salutar de se evitarem danos mais graves. Muitos religiosos, informados equivocadamente sobre a vida espiritual, experimentam, após a morte, grande choque, por não encontrarem comitê de recepção constituído pela Divindade e por anjos, tombando, quando presunçosos, em terrível mágoa, decepção ou revolta que os transtorna por longo período, deixando-os em lamentável perturbação. Aqueles, no entanto, que tomaram conhecimento do que sucede após a matéria e não viveram em conformidade com essa crença, caem em depressão prolongada, assim que constatarem a sobrevivência espiritual. Para ninguém ocorre exceção, em qualquer lugar onde se encontre. Cada Espírito, seguindo o heliotropismo divino, apressa, estaciona ou retarda a marcha, não se retendo indefinidamente, pois que o Amor é o mesmo e invariável para todos no processo evolutivo. Em consequência, em toda e qualquer conjuntura luz a misericórdia de Deus através da presença de Nobres Mentores e afeiçoados pessoais, que cooperam com o recém-desencarnado, não interferindo, porém, pela violência, na colheita que a cada qual diz respeito, em face da sua sementeira terrena. O

conhecimento da vida espiritual e as ações edificantes, trabalhando o metal do caráter humano, são o passaporte e a passagem que facultam a viagem feliz, com uma chegada ditosa, sem embaraço ou impedimento na travessia da aduana da morte. O homem deve sempre reservar alguns momentos diários para meditar a respeito da viagem de volta e, conscientemente, reunir a valiosa bagagem que irá conduzir, única de que se poderá utilizar ao transpor a fronteira do mundo físico. A perturbação espiritual após a morte é, portanto, o resultado do comportamento de cada criatura enquanto se encontra sob as imposições orgânicas.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Perturbação no além túmulo)

“Fantini se mostrava agradavelmente surpreendido pela destreza mental com que o Instrutor sabia colocar-lhe os esclarecimentos precisos na cabeça faminta de luz. - Caro amigo - tornou ele à inquirição. - Embora o assunto de que vou tratar já tenha sido objeto de consideração na palestra que mantive com o Irmão Cláudio, estimaria recolher-lhe os avisos no mesmo tema... Acontece que ouvi falar de mortos, e de mortos cultos, que atravessaram anos e anos atormentados em zonas inferiores, antes de reconquistarem lucidez e tranquilidade; porque não me ocorreu isso, se estou efetivamente desencarnado e se sou um homem consciente das culpas que carrega? - O estado de tribulação a que se refere é pertinente ao espírito e não ao lugar. Muitos de nós, os desencarnados, suportamos tempos difíceis, em paisagens determinadas que nos refletem as próprias perturbações íntimas. Essa anomalia pode perdurar por muito tempo, de conformidade com as nossas inclinações e esforço indispensável para que nos aceitemos, imperfeitos como ainda somos, conquanto não ignoremos a necessidade de burilamento que as leis da vida nos estabelecem. Somos, por agora, consciências endividadas ou expoentes de evolução deficitária, ante a Vida Maior, carregando o dever de podar os nossos defeitos em trabalho digno e incessante. Enquanto estejamos em desequilíbrio, após a desencarnação, desequilíbrio que é sempre agravado pela nossa inconformidade ou rebeldia, orgulho ou desespero, ameaçando a segurança dos outros, permaneceremos compreensivelmente internados ou segregados em faixas de espaço, junto de quantos evidenciem perturbações ou conflitos semelhantes aos nossos, à maneira de doentes mentais, afastados do convívio doméstico para tratamento justo. - Então, as ideias do castigo de Deus... - Razoável que as abracemos, até que aprendamos que a Divina Providência nos governa através de leis sábias e imparciais. Cada um de nós pune a si mesmo, nos artigos dos Estatutos Excelsos que haja infringido. A Justiça Eterna funciona no foro íntimo de cada criatura, determinando que a responsabilidade seja graduada no tamanho do

conhecimento... [...] - Ouso aprofundar-me em tantas inquirições, por achar-me convencido de que, positivamente, não mereço a generosidade com que me acolhem... Tenho desfrutado aqui uma tranquilidade que não esperava, porquanto transporto comigo doloroso problema de consciência... - Uma das funções de nosso Instituto é precisamente apoiar os irmãos desencarnados que surgem aqui, sem qualquer prejuízo na própria integridade moral, mas carreando consigo complexos de culpa, suscetíveis de arrojá-los em alterações de maior vulto. O socorro de nossa casa faz-se tanto mais eficaz quanto mais força de fé patenteie a criatura na possibilidade de superação das fraquezas que nos são peculiares. A sua estrutura psicológica imunizou-o contra os delírios de muita gente boa e digna que, às vezes, se obriga a muito tempo nas aflições purgativas dos grandes manicômios a que nos referimos, sanando os desequilíbrios a que se despenham, em muitos casos por haverem dado orientação falsa ao amor de que se nutriam. [...]” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 11)

II.4. Distúrbios e doenças perpetuadas nos espíritos após a morte²

“Logo após alguns minutos além das dezoito horas, começaram a chegar os necessitados da esfera invisível ao homem comum. Se fosse concedida à criatura vulgar uma vista de olhos, ainda que ligeira, sobre uma assembleia de espíritos desencarnados, em perturbação e sofrimento, muito se lhes modificariam as atitudes na vida normal. Nessa afirmativa, devemos incluir, igualmente, a maioria dos próprios espiritistas, que frequentam as reuniões doutrinárias, alheios ao esforço autoeducativo, guardando da espiritualidade uma vaga ideia, na preocupação de atender ao egoísmo habitual. O quadro de retificações individuais, após a morte do corpo, é tão extenso e variado que não encontramos palavras para definir a imensa surpresa. Aqueles rostos esqueléticos causavam compaixão. Chegavam ao recinto aquelas entidades perturbadas, em pequenos magotes, seguidas de orientadores fraternais. Pareciam cadáveres erguidos do leito de morte. Alguns se locomoviam com grande dificuldade. Tínhamos diante dos olhos uma autêntica reunião de “coxos e estropiados”, segundo o símbolo evangélico. - Em maioria - esclareceu Aniceto - são irmãos abatidos e amargurados, que desejam a renovação sem saber como iniciar a tarefa. Aqui, poderemos observar apenas sofrendores dessa natureza, porque o santuário familiar de Isidoro e Isabel não está preparado para receber entidades

deliberadamente perversas. Cada agrupamento tem seus fins. Com efeito, os recém-chegados estampavam profunda angústia na expressão fisionômica. As senhoras em pranto eram numerosas. O quadro consternava. Algumas entidades mantinham as mãos no ventre, calcando regiões feridas. Não eram poucas as que traziam ataduras e faixas. - Muitos - disse-nos o mentor - não concordam ainda com as realidades da morte corporal. E toda essa gente, de modo geral, está prisioneira da ideia de enfermidade. Existem pessoas, e vocês, como médicos, as terão conhecido largamente, que cultivam as moléstias com verdadeira volúpia. Apaixonam-se pelos diagnósticos exatos, acompanham no corpo, com indefinível ardor, a manifestação dos indícios mórbidos, estudam a teoria da doença de que são portadoras, como jamais analisam um dever justo no quadro das obrigações diárias, e quando não dispõem das informações nos livros, estimam a longa atenção dos médicos, os minuciosos cuidados da enfermagem e as compridas dissertações sobre a enfermidade de que se constituem voluntárias prisioneiras. Sobrevindo a desencarnação, é muito difícil o acordo entre elas e a verdade, porquanto prosseguem mantendo a ideia dominante. Às vezes, no fundo, são boas almas, dedicadas aos parentes do sangue e aproveitáveis na esfera restrita de entendimento a que se recolhem, mas, no entanto, carregadas de viciação mental por muitos séculos consecutivos. E num gesto diferente, nosso instrutor considerou: - Demoramo-nos todos a escapar da velha concha do individualismo. A visão da universalidade custa preço alto e nem sempre estamos dispostos a pagá-lo. Não queremos renunciar ao gosto antigo, fugimos aos sacrifícios louváveis. Nessas circunstâncias, o mundo que prevalece para a alma desencarnada, por longo tempo, é o reino pessoal de nossas criações inferiores. Ora, desse modo, quem cultivou a enfermidade com adoração, submeteu-se-lhe ao império. É lógico que devemos, quando encarnados, prestar toda a assistência ao corpo físico, que funciona, para nós, como vaso sagrado, mas remediar a saúde e viciar a mente são duas atitudes essencialmente antagônicas entre si. A palestra era magnificamente educativa; entretanto, o número crescente de entidades necessitadas chamava-nos à cooperação. Muitas choravam baixinho, outras gemiam em voz mais alta. Depois de longa pausa, Aniceto advertiu: - Vamos ao serviço. Para nós, cooperadores espirituais, os trabalhos já começaram. A prece e o esforço dos companheiros encarnados representarão o termo desta reunião de assistência e iluminação em Jesus Cristo.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 43)

2 Vide Subcapítulo III.2 (“Manutenção das sensações, funções e doenças após a morte”), Capítulo III (“Dificuldade do espírito para se desprender da matéria após a morte do corpo físico”), Quinta Parte (“Desencarnação”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

“Assistência. A paisagem de sofrimento, desdobrada aos nossos olhos, lembrava-me o ambiente das Câmaras de Retificação. Entendeu-se Aniceto com Isidoro e falou, resoluto: – Mãos à obra! Distribuamos alguns passes de reconforto! [...] Aniceto designou-me um grupo de seis enfermos espirituais, acentuando: – Aplique seus recursos, André. Com a nossa colaboração, os amigos em tarefa nesta casa poderão atender a responsabilidades diferentes e também imperiosas. Os mais apagados trabalhadores do bem rejubilem-se pela exemplificação nas lutas comuns e edifiquem-se no Senhor Jesus, porque nenhuma de suas manifestações fica perdida no espaço e no tempo. Naquele instante em que fora chamado a prestar auxílios reais, eu não recorria aos meus cabedais científicos, não me reportava tão somente à técnica da medicina oficial, a que me filiara no mundo, mas recordava aquela Narcisa humilde e simples, das Câmaras de Retificação, enfermeira devotada e carinhosa, que conseguia muito mais com amor do que com medicações. Aproximei-me duma senhora profundamente abatida, lembrando o exemplo da generosa amiga de “Nosso Lar”, entendendo que não deveria socorrer utilizando apenas a firmeza e a energia, mas também a ternura e a compreensão. - Minha irmã - disse, procurando captar-lhe a confiança -, vamos ao passe reconfortador. - Ai! ai! - respondeu a interpelada - nada vejo, nada vejo! Ah! o tracoma! Infeliz que sou! E me falam em morte, em vida diferente... Como recuperar a vista?! Quero ver, quero ver!... - Calma - respondi, encorajado -, não confia no Poder de Jesus? Ele continua curando cegos, iluminando-nos o caminho, guiando-nos os passos! Somente mais tarde lembrei que, naquele instante, olvidara a curiosidade doentia, não pensei na impressão deixada pelo tracoma naquele organismo espiritual, nem me preocupei com a expressão propriamente científica do fenômeno, vendo, apenas, à minha frente, uma irmã sofredora e necessitada. E, à medida que me dispunha a observar a prática do amor fraternal, uma claridade diferente começou a iluminar e a aquecer-me a fronte. Lembrando a influência divina de Jesus, iniciei o passe de alívio sobre os olhos da pobre mulher, reparando que enorme placa de sombra lhe pesava na fronte. Pronunciando palavras de animação, às quais ligava a melhor essência de minhas intenções, concentrei minhas possibilidades magnéticas de auxílio nessa zona perturbada. Dentro de alguns instantes, a desencarnada desferiu um grito de espanto. - Vejo! Vejo! - exclamou, entre o assombro e a alegria - grande Deus! grande Deus! E ajoelhando-se, num movimento instintivo para render graças, dirigia-me a palavra, comovidamente: – Quem sois vós, emissário do bem? [...] - Minha amiga, agradeça a Jesus e não a mim, que sou apenas obscuro servidor. Quanto ao mais, não se impressione em demasia com a visão dos aspectos

exteriores; volte o poder visual para dentro de si mesma, para que possa consagrar ao Senhor da Vida os sublimes dons da visão. Notei que a ouvinte se surpreendia com as minhas palavras, que lhe pareceram, talvez, inoportunas e transcendentais, mas, novamente firme na compreensão do dever, acerquei-me do enfermo próximo. Tratava-se dum infeliz irmão que falecera na Gamboa, vitimado pelo, câncer. Toda a região facial apresentava-se com horrífico aspecto. Apliquei os passes de reconforto, ministrando pensamentos e palavras de bom ânimo, e reparei que o pobrezinho se sentia tomado de considerável melhora. Prometi-lhe interesse amigo, a fim de internar-se em alguma casa espiritual de tratamento, recomendando que preparasse a vida mental para colher semelhante benefício, oportunamente. Em seguida, atendi a dois ex-tuberculosos do Encantado, a uma senhora que desencarnara em Piedade, em consequência de um tumor maligno, e a um rapaz de Olaria, que se desprendera num choque operatório. Nenhum destes quatro últimos, contudo, manifestou qualquer alívio. Persistiam as mesmas indisposições orgânicas, os mesmos fenômenos psíquicos de sofrimento. Terminada a tarefa que me fora cometida, reuni-me ao nosso instrutor e Vicente, que me esperavam a um canto da sala. - As atividades de assistência - exclamou Aniceto, cuidadoso - se processam conforme observam aqui. Alguns se sentem curados, outros acusam melhoras e a maioria parece continuar impermeável ao serviço de auxílio. O que nos deve interessar, todavia, é a sementeira do bem. A germinação, o desenvolvimento, a flor e o fruto pertencem ao Senhor. Vicente, que se mostrava fortemente impressionado, observou: – O número de entidades perturbadas espanta. Vemo-las, em diversos graus de desequilíbrio, desde “Nosso Lar” até a Crosta. Aniceto sorriu e falou em tom grave: – Devemos esmagadora percentagem desses padecimentos à falta de educação religiosa. Não me refiro, porém, àquela que vem do sacerdócio ou que parte da boca de uma criatura para os ouvidos de outra. Refiro-me à educação religiosa, íntima e profunda, que o homem nega sistematicamente a si mesmo.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 44)

“Logo após, um colaborador de nosso plano franqueou acesso a numerosas entidades sofredoras e perturbadas, que se postaram, diante da assembleia, formando legião. [...] Observando os irmãos retardados que se abeiravam da mesa num quase semicírculo, tive a ideia de usar o psicoscópio, de modo a examiná-los devidamente, ao que Áulus informou, prestimoso: – Não será preciso. Bastará uma análise atenta para a colheita de resultados interessantes, de vez que os nossos amigos estampam no próprio corpo perispiritual os sofrimentos de que são portadores. Notei que o Assistente não desejava alongar a conversação, decerto preparando-se para colaborar nos trabalhos próximos

e, por esse motivo, aproveitei os instantes à nossa frente, especificando observações, junto aos companheiros menos felizes que se uniam estreitamente uns aos outros, entre a angústia e a expectativa. Pareciam envolvidos em grande nuvem ovalada, qual nevoeiro cinza-escuro, espesso e móvel, agitado por estranhas formações. Reparei o conjunto, notando que alguns deles se mostravam enfermos, como se estivessem ainda na carne. Membros lesados, mutilações, paralisias e ulcerações diversas eram perceptíveis a rápido olhar. Talvez porque Hilário e eu nos demorássemos em atencioso exame, na posição de aprendizes em aula, um dos colaboradores espirituais da reunião acercou-se de nós e falou, cordial: – Nossos irmãos sofredores trazem consigo, individualmente, o estigma dos erros deliberados a que se entregaram. A doença, como resultante de desequilíbrio moral, sobrevive no perispírito, alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando esses pensamentos persistem depois da morte do corpo físico. – Mas, adquirem melhoras positivas em reunião de intercâmbio? – indagou Hilário, espantado. – Sim – esclareceu o interlocutor –, assimilam ideias novas com que passam a trabalhar, ainda que vagarosamente, melhorando a visão interior e estruturando, assim, novos destinos. A renovação mental é a renovação da vida. Meditei na ilusão dos que julgam na morte livre passagem da alma, em demanda do céu ou do inferno, como lugares determinados de alegria e padecimento... Quão raros na Terra se capacitam de que trazemos conosco os sinais de nossos pensamentos, de nossas atividades e de nossas obras, e o túmulo nada mais faz que o banho revelador das imagens que escondemos no mundo, sob as vestes da carne!... A consciência é um núcleo de forças, em torno do qual gravitam os bens e os males gerados por ela mesma e, ali, estávamos defrontados por vasta fileira de almas, sofrendo nos purgatórios diferenciados que lhes eram característicos.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 4)

“ALMA E REENCARNAÇÃO. Depois da morte. Efetivamente, logo após a morte física, sofre a alma culpada minucioso processo de purgação, tanto mais produtivo quanto mais se lhe exteriorize a dor do arrependimento, e, apenas depois disso, consegue elevar-se a esferas de reconforto e reeducação. Se a moléstia experimentada na veste somática foi longa e difícil, abençoadas depurações terão sido feitas, pelo ensino de autoexame, no qual as aflições suportadas com paciência lhe alteraram sensações e refundiram ideias. Todavia, se essa operação natural não foi possível no círculo carnal, mais se lhe agravam os remorsos, depois do túmulo, por recalcados na consciência, a aflorarem, todos eles, através de reflexão, renovando as imagens com que foram fixados na própria alma. Criminosos que mal ressarciram os débitos contraídos, instados

pelo próprio arrependimento, plasmam, em torno de si mesmos, as cenas degradantes em que arruinaram a vida íntima, alimentando-as à custa dos próprios pensamentos desgobernados. Caluniadores que aniquilaram a felicidade alheia vivem pesadelos espantosos, regravando nas telas da memória os padecimentos das vítimas, como no dia em que as fizeram descer para o abismo da angústia, algemados ao pelourinho de obsidentes recordações. Tiranetes diversos volvem a sentir nos tecidos da própria alma os golpes que desferiram nos outros, e os viciados de toda sorte, quais os dipsômanos e morfinômanos, experimentam agoniada insatisfação, qual ocorre também aos desequilibrados do sexo, que acumulam na organização psicossomática as cargas magnéticas do instinto em desvario, pelas quais se localizam em plena alienação. As vítimas do remorso padecem, assim, por tempo correspondente às necessidades de reajuste, larga internação em zonas compatíveis com o estado espiritual que demonstram.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 19)

“No processo de libertação psíquica dos componentes que constituem a organização somática, após o fenômeno da morte biológica, Espíritos há que, por falta de educação mental em relação aos quesitos superiores, se demoram anos e até séculos em lamentáveis fixações que os infelicitam e perturbam. Vivendo da matéria somente os fenômenos da sensação, desacostumados às emoções elevadas, apegam-se às impressões perniciosas, negando-se a aceitar a condição de desencarnados, e, graças a tal conduta, tombam em estados de alucinação, hibernação e **doenças** que são sequelas daquelas que lhes vitimaram o corpo. Amor e ódio, renúncia e apego, bondade e mesquinhez, constituem mecanismos de libertação ou algemas escravizadoras que caracterizam cada ser após o desenlace físico. A grande maioria das criaturas, embora informada das valiosas lições do Espiritualismo, vive, não raro, as experiências materialistas que as acompanham, como demoradas fixações a reclamarem, genericamente, para o mecanismo da desimpregnação, o mesmo tempo em que delas se tomaram dependência. Vícios e costumes mórbidos, que encarceraram nas jaulas das paixões os que se lhes entregaram, continuam como **necessidades** poderosas, exigindo que os seus aficionados busquem o prosseguimento da insânia na vinculação a companheiros terrenos, igualmente descuidados, o que gera obsessões de largo porte... Outrossim, se não ocorrer essa ligação parasitária, só o tempo, largo ou breve, conforme maior ou menor envolvimento da vítima, logra desagregar as partículas morbíficas que penetram o perispírito e nele se instalam produzindo o prolongamento da desdita. E compreensível que as realizações e construções mentais do amor e da caridade, da

sabedoria e da abnegação produzam desintoxicação do psicossoma, de imediato liberando o Espírito dos despojos nos quais nenhum liame mantém as vísceras aos centros geradores de vida, assim facultando atingir as Esferas de paz e de renovação, conquista natural essa decorrente dos esforços empreendidos durante a vilegiatura reencarnacionista.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Enfermagem espiritual libertadora)

II.5. Alimentação dos espíritos³

“Problema de Alimentação. Enlevado na visão dos jardins prodigiosos, pedi ao dedicado enfermeiro para descansar alguns minutos num banco próximo. Lísias anuiu de bom grado. Agradável sensação de paz me felicitava o espírito. Caprichosos repuxos de água colorida ziguezagueavam no ar, formando figuras encantadoras. - Quem observa esta colmeia imensa de serviço - ponderei - é induzido a examinar numerosos problemas. E o abastecimento? Não tenho notícia de um Ministério da Economia... - Antigamente - explicou o paciente interlocutor - os serviços dessa natureza assumiam feição mais destacada. Deliberou, porém, o atual Governador atenuar todas as expressões de vida que nos recordassem os fenômenos puramente materiais. As atividades de abastecimento ficaram, assim, reduzidas a simples serviço de distribuição, sob o controle direto da Governadoria. Aliás, a providência constitui medida das mais benéficas. Rezam os anais que a colônia, há um século, lutava com extremas dificuldades para adaptar os habitantes às leis da simplicidade. Muitos recém-chegados ao “Nosso Lar” duplicavam exigências. Queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos. Apenas o Ministério da União Divina ficou imune de tais abusos, pelas características que lhe são próprias; no entanto, os demais viviam sobrecarregados de angustiosos problemas dessa ordem. O Governador atual, todavia, não poupou esforços. Tão logo assumiu obrigações administrativas, adotou providências justas. Antigos missionários, daqui, puseram-me ao corrente de curiosos acontecimentos. Disseram-me que, a pedido da Governadoria, vieram duzentos instrutores de uma esfera muito elevada, a fim de espalharem novos conhecimentos, relativos à ciência da respiração e da absorção de princípios vitais da atmosfera. Realizaram-se assembleias numerosas. Alguns colaboradores técnicos de “Nosso Lar” manifestavam-se contrários, alegando que a cidade é de transição e que não seria justo, nem possível, desambientar imediatamente os homens desencarnados, mediante exigências desse teor, sem grave perigo para suas organizações espirituais. O

Governador, contudo, não desanimou. Prosseguiram as reuniões, providências e atividades, durante trinta anos consecutivos. Algumas entidades eminentes chegaram a formular protestos de caráter público, reclamando. Por mais de dez vezes, o Ministério do Auxílio esteve superlotado de enfermos, onde se confessavam vítimas do novo sistema de alimentação deficiente. Nesses períodos, os opositores da redução multiplicavam acusações. O Governador, porém, jamais castigou alguém. Convocava os adversários da medida a palácio e expunha-lhes, paternalmente, os projetos e finalidades do regime; destacava a superioridade dos métodos de espiritualização, facilitava aos mais rebeldes inimigos do novo processo variadas excursões de estudo, em planos mais elevados que o nosso, ganhando, assim, maior número de adeptos. Ante pausa mais longa, reclamei, interessado: - Continue, por favor, meu caro Lísias. Como terminou a luta edificante? - Depois de vinte e um anos de perseverantes demonstrações, por parte da Governadoria, aderiu o Ministério da Elevação, passando a abastecer-se apenas do indispensável. O mesmo não aconteceu com o Ministério do Esclarecimento, que demorou muito a assumir compromisso, em vista dos numerosos espíritos dedicados às ciências matemáticas, que ali trabalham. Eram eles os mais teimosos adversários. Mecanizados nos processos de proteínas e carboidratos, imprescindíveis aos veículos físicos, não cediam terreno nas concepções correspondentes daqui. Semanalmente, enviavam ao Governador longas observações e advertências, repletas de análises e numerações, atingindo, por vezes, a imprudência. O velho governante, contudo, nunca agiu por si só. Requisitou assistência de nobres mentores, que nos orientam através do Ministério da União Divina, e jamais deixou o menor boletim de esclarecimento sem exame minucioso. Enquanto argumentavam os cientistas e a Governadoria contemporizava, formaram-se perigosos distúrbios no antigo Departamento de Regeneração, hoje transformado em Ministério. Encorajados pela rebeldia dos cooperadores do Esclarecimento, os espíritos menos elevados que ali se recolhiam entregaram-se a condenáveis manifestações. Tudo isso provocou enormes cisões nos órgãos coletivos de “Nosso Lar”, dando ensejo a perigoso assalto das multidões obscuras do Umbral, que tentaram invadir a cidade, aproveitando brechas nos serviços de Regeneração, onde grande número de colaboradores entretinha certo intercâmbio clandestino, em virtude dos vícios de alimentação. Dado o alarme, o Governador não se perturbou. Terríveis ameaças pairavam sobre todos. Ele, porém, solicitou audiência ao Ministério

3 Vide Capítulo VII (“Importância da alimentação e da respiração”), Sexta Parte (“Medicina Espiritual - Terapias Espíritas”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

da União Divina e, depois de ouvir o nosso mais alto Conselho, mandou fechar provisoriamente o Ministério da Comunicação, determinou funcionassem todos os calabouços da Regeneração para isolamento dos recalcitrantes, advertiu o Ministério do Esclarecimento, cujas impertinências suportou mais de trinta anos consecutivos, proibiu temporariamente os auxílios às regiões inferiores e, pela primeira vez na sua administração, mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum. Não houve combate, nem ofensiva da colônia, mas resistência resoluta. Por mais de seis meses, os serviços de alimentação, em “Nosso Lar”, foram reduzidos à inalação de princípios vitais da atmosfera, através da respiração, e água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos. A colônia ficou, então, sabendo o que vem a ser a indignação do espírito manso e justo. Findo o período mais agudo, a Governadoria estava vitoriosa. O próprio Ministério do Esclarecimento reconheceu o erro e cooperou nos trabalhos de reajustamento. Houve, nesse comenos, regozijo público e dizem que, em meio da alegria geral, o Governador chorou sensibilizado, declarando que a compreensão geral constituía o verdadeiro prêmio ao seu coração. A cidade voltou ao movimento normal. O antigo Departamento da Regeneração foi convertido em Ministério. Desde então, só existe maior suprimento de substâncias alimentícias que lembram a Terra, nos Ministérios da Regeneração e do Auxílio, onde há sempre grande número de necessitados. Nos demais há somente o indispensável, isto é, todo o serviço de alimentação obedece a inexcedível sobriedade. Presentemente, todos reconhecem que a suposta impertinência do Governador representou medida de elevado alcance para nossa libertação espiritual. Reduziu-se a expressão física e surgiu maravilhoso coeficiente de espiritualidade. Lísias silenciou e eu me entreguei a profundos pensamentos sobre a grande lição.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 9)

“Amor, Alimento das Almas. Terminada a oração, chamou-nos à mesa a dona da casa, servindo caldo reconfortante e frutas perfumadas, que mais pareciam concentrados de fluidos deliciosos. Eminentemente surpreendido, ouvi a senhora Laura observar com graça: – Afinal, nossas refeições aqui são muito mais agradáveis que na Terra. Há residências, em “Nosso Lar”, que as dispensam quase por completo; mas, nas zonas do Ministério do Auxílio, não podemos prescindir dos concentrados fluídicos, tendo em vista os serviços pesados que as circunstâncias impõem. Despendemos grande quantidade de energias. É necessário renovar provisões de força. - Isso, porém - ponderou uma das jovens -, não quer dizer que somente nós, os funcionários do Auxílio e da Regeneração, vivamos a depender de alimentos. Todos os Ministérios, inclusive o

da União Divina, não os dispensam, diferindo apenas a feição substancial. Na Comunicação e no Esclarecimento há enorme dispêndio de frutos. Na Elevação o consumo de sucos e concentrados não é reduzido e, na União Divina, os fenômenos de alimentação atingem o inimaginável. Meu olhar indagador ia de Lísias para a Senhora Laura, ansioso de explicações imediatas. Sorriam todos da minha natural perplexidade, mas a mãe de Lísias veio ao encontro dos meus desejos, explicando: – Nosso irmão talvez ainda ignore que o maior sustentáculo das criaturas é justamente o amor. De quando em quando, recebemos em “Nosso Lar” grandes comissões de instrutores, que ministram ensinamentos relativos à nutrição espiritual. Todo sistema de alimentação, nas variadas esferas da vida, tem no amor a base profunda. O alimento físico, mesmo aqui, propriamente considerado, é simples problema de materialidade transitória, como no caso dos veículos terrestres, necessitados de colaboração da graxa e do óleo. A alma, em si, apenas se nutre de amor. Quanto mais nos elevarmos no plano evolutivo da Criação, mais extensamente conheceremos essa verdade. Não lhe parece que o amor divino seja o cibo do Universo? Tais elucidações confortavam-me sobremaneira. Percebendo-me a satisfação íntima, Lísias interveio, acentuando: – Tudo se equilibra no amor infinito de Deus e, quanto mais evolvido o ser criado, mais sutil o processo de alimentação. O verme, no subsolo do planeta, nutre-se essencialmente de terra. O grande animal colhe na planta os elementos de manutenção, a exemplo da criança sugando o seio materno. O homem colhe o fruto do vegetal, transforma-o segundo a exigência do paladar que lhe é próprio e serve-se dele à mesa do lar. Nós outros, criaturas desencarnadas, necessitamos de substâncias succulentas, tendentes à condição fluídica, e o processo será cada vez mais delicado, à medida que se intensifique a ascensão individual. - Não esqueçamos, todavia, a questão dos veículos - acrescentou a senhora Laura -, porque, no fundo, o verme, o animal, o homem e nós dependemos absolutamente do amor. Todos nos movemos nele e sem ele não teríamos existência.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 18)

“No Bosque das Águas. Dado o meu interesse crescente pelos processos de alimentação, Lísias convidou: Vamos ao grande reservatório da colônia. Lá observará coisas interessantes. Verá que a água é quase tudo em nossa estância de transição. Curiosíssimo, acompanhei o enfermeiro sem vacilar. [...] Deslumbrou-me o panorama de belezas sublimes. O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranquila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz

celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso. Notando o meu deslumbramento, Lísias explicou: – Estamos no Bosque das Águas. Temos aqui uma das mais belas regiões de “Nosso Lar”. Trata-se de um dos locais prediletos para as excursões dos amantes, que aqui vêm tecer as mais lindas promessas de amor e fidelidade, para as experiências da Terra. A observação ensejava considerações muito interessantes, mas Lísias não me deu azo a perguntas nesse particular. Indicando um edifício de enormes proporções, esclareceu: – Ali é o grande reservatório da colônia. Todo o volume do Rio Azul, que temos à vista, é absorvido em caixas imensas de distribuição. As águas que servem a todas as atividades da colônia partem daqui. Em seguida, reúnem-se novamente, abaixo dos serviços da Regeneração, e voltam a constituir o rio, que prossegue o curso normal, rumo ao grande oceano de substâncias invisíveis para a Terra. Percebendo-me a indagação íntima, acrescentou: – Com efeito, a água aqui tem outra densidade. Muito mais tênue, pura, quase fluídica. Notando as magníficas construções que me fronteavam, interroguei: – A que Ministério está afeto o serviço de distribuição? – Imagine - elucidou Lísias - que este é um dos raros serviços materiais do Ministério da União Divina! – Que diz? – perguntei, ignorando como conciliar uma e outra coisa. O visitador sorriu e obtemperou prazenteiro: – Na Terra quase ninguém cogita seriamente de conhecer a importância da água. Em “Nosso Lar”, contudo, outros são os conhecimentos. Nos círculos religiosos do planeta, ensinam que o Senhor criou as águas. Ora, é lógico que todo serviço criado precisa de energias e braços para ser convenientemente mantido. Nesta cidade espiritual, aprendemos a agradecer ao Pai e aos seus divinos colaboradores semelhante dádiva. Conhecendo-a mais intimamente, sabemos que a água é veículo dos mais poderosos para os fluidos de qualquer natureza. Aqui, ela é empregada, sobretudo, como alimento e remédio. Há repartições no Ministério do Auxílio absolutamente consagradas à manipulação de água pura, com certos princípios suscetíveis de serem captados na luz do Sol e no magnetismo espiritual. Na maioria das regiões da extensa colônia, o sistema de alimentação tem aí suas bases. Acontece, porém, que só os Ministros da União Divina são detentores do maior padrão de Espiritualidade Superior, entre nós, cabendo-lhes a magnetização geral das águas do Rio Azul, a fim de que sirvam a todos os habitantes de “Nosso Lar”, com a pureza imprescindível. Fazem eles o serviço inicial de limpeza e os institutos realizam trabalhos específicos, no suprimento de substâncias

alimentares e curativas. Quando os diversos fios da corrente se reúnem de novo, no ponto longínquo, oposto a este bosque, ausenta-se o rio de nossa zona, conduzindo em seu seio nossas qualidades espirituais. Eu estava embevecido com as explicações. - No planeta - objetei -, jamais recebi elucidações desta natureza. - O homem é desatento, há muitos séculos - tornou Lísias -; o mar equilibra-lhe a moradia planetária, o elemento aquoso fornece-lhe o corpo físico, a chuva dá-lhe o pão, o rio organiza-lhe a cidade, a presença da água oferece-lhe a bênção do lar e do serviço; entretanto, ele sempre se julga o absoluto dominador do mundo, esquecendo que é filho do Altíssimo, antes de qualquer consideração. Virá tempo, contudo, em que copiará nossos serviços, encarecendo a importância dessa dádiva do Senhor. Compreenderá, então, que a água, como fluido criador, absorve, em cada lar, as características mentais de seus moradores. A água, no mundo, meu amigo, não somente carrega os resíduos dos corpos, mas também as expressões de nossa vida mental. Será nociva nas mãos perversas, útil nas mãos generosas e, quando em movimento, sua corrente não só espalhará bênção de vida, mas constituirá igualmente um veículo da Providência Divina, absorvendo amarguras, ódios e ansiedades dos homens, lavando-lhes a casa material e purificando-lhes a atmosfera íntima. Calou-se o interlocutor em atitude reverente, enquanto meus olhos fixavam a corrente tranquila a despertar-me sublimes pensamentos.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 10)

“Na segunda noite, sentia-me cansadíssimo. Começava a compreender o valor do alimento espiritual, através do amor e do entendimento recíprocos. Em “Nosso Lar”, atravessava dias vários de serviço ativo, sem alimentação comum, no treinamento de elevação a que muitos de nós se consagravam. Bastava-me a presença dos amigos queridos, as manifestações de afeto, a absorção de elementos puros através do ar e da água, mas ali não encontrava senão escuro campo de batalha, onde os entes amados se convertiam em verdugos. As meditações preciosas que a palavra de Clarêncio me sugerira davam-me certa calma ao coração. Compreendia, finalmente, as necessidades humanas.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 50)

“A família, constituída da viúva, três filhos e um casal de velhos, permanecia à mesa de refeições, no almoço muito simples. Entretanto, um fato, até então inédito para mim, feriu-me a observação: seis entidades envolvidas em círculos escuros acompanhavam-nos ao repasto, como se estivessem tomando alimentos por absorção. - Ó meu Deus! – exclamei, aturdido, dirigindo-me ao instrutor - será crível? Desencarnados à mesa? Alexandre replicou, tranquilo: – Meu amigo, os quadros de viciação mental, ignorância e sofrimento nos lares sem equilíbrio religioso, são muito grandes.

Onde não existe organização espiritual, não há defesas da paz de espírito. Isto é intuitivo para todos os que estimem o reto pensamento. Após ligeira pausa em que fixava, compadecido, a paisagem interior, prosseguiu: – Os que desencarnam em condições de excessivo apego aos que deixaram na Crosta, neles encontrando as mesmas algemas, quase sempre se mantêm ligados à casa, às situações domésticas, aos fluidos vitais da família. Alimentam-se com a parentela e dormem nos mesmos aposentos onde se desligaram do corpo físico. – Mas chegam a se alimentar, de fato, utilizando os mesmos acepipes de outro tempo? – indaguei, espantado, ao ver a satisfação das entidades congregadas ali, absorvendo gostosamente as emanções dos pratos fumegantes. Alexandre sorriu e acrescentou: – Tanta admiração, somente por vê-los tomando alimentos pelas narinas? E nós outros? Desconhece você, porventura, que o próprio homem encarnado recebe mais de setenta per cento da alimentação comum através de princípios atmosféricos, captados pelos condutos respiratórios? Você não ignora também que as substâncias cozidas ao fogo sofrem profunda desintegração. Ora, os nossos irmãos, viciados nas sensações fisiológicas, encontram nos elementos desintegrados o mesmo sabor que experimentavam quando em uso do envoltório carnal.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“ALIMENTAÇÃO DOS DESENCARNADOS. – *Como se verifica a alimentação dos Espíritos desencarnados?* – Encarecendo a importância da respiração no sustento do corpo espiritual, basta lembrar a hematose no corpo físico, pela qual o intercâmbio gasoso se efetua com segurança, através dos alvéolos, nos quais os gases se transferem do meio exterior para o meio interno e vice-versa, atendendo à assimilação e desassimilação de variadas atividades químicas no campo orgânico. O oxigênio que alcança os tecidos entra em combinação com determinados elementos, dando, em resultado, o anidrido carbônico e a água, com produção de energia destinada à manutenção das províncias somáticas. Estudando a respiração celular, encontraremos, junto aos próprios arraiais da ciência humana, problemas somente equacionáveis com a ingerência automática do corpo espiritual nas funções do veículo físico, porque os fenômenos que lhe são consequentes se graduam em tantas fases diversas que o fisiologista, sem noções do Espírito, abordá-los-á sempre com a perplexidade de quem atinge o insolúvel. Sabemos que para a subsistência do corpo físico é imprescindível a constante permuta de substâncias, com incessante transformação de energia. Substância e energia se conjugam para fornecer ao carro fisiológico os recursos necessários ao crescimento ou à reparação do contínuo desgaste, produzindo a força indispensável à existência e os recursos reguladores do metabolismo. O alimento comum ao corpo carnal

experimental, de início, a digestão, pela qual os elementos coloidais indifusíveis se transubstanciam em elementos cristaloides difusíveis, convertendo-se ainda as matérias complexas em matérias mais simples, acessíveis à absorção, a que se sucede a circulação dos valores nutrientes, suscetíveis de aproveitamento pelos tecidos, seja em regime de aplicação imediata, seja no de reserva, destinando-se os resíduos à expulsão natural. A ciência terrena não desconhece que o metabolismo guarda a tendência de manter-se em estabilidade constante, tanto assim que, reconhecidamente, a despesa de oxigênio e o teor de glicemia em jejum revelam quase nenhuma diferença de dia para dia. É que o corpo espiritual, comandando o corpo físico, sana espontaneamente, quando harmonizado em suas próprias funções, todos os desequilíbrios acidentais nos processos metabólicos, presidindo as reações do campo nutritivo comum. Não ignoramos, desse modo, que desde a experiência carnal o homem se alimenta muito mais pela respiração, colhendo o alimento de volume simplesmente como recurso complementar de fornecimento plástico e energético, para o setor das calorias necessárias à massa corpórea e à distribuição dos potenciais de força nos variados departamentos orgânicos. Abandonado o envoltório físico na desencarnação, se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no auto reajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular. Na maioria das vezes, os desencarnados em crise dessa ordem são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, onde encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica, recebendo-a em porções adequadas até que se adaptem aos sistemas de sustentação da Esfera Superior, em cujos círculos a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma, porquanto, pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos sutilizados ou sínteses quimioeletromagnéticas, hauridas no reservatório da Natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si. Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade. Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral. De

qualquer modo, porém, o corpo espiritual com alguma provisão de substância específica ou simplesmente sem ela, quando já consiga valer-se apenas da difusão cutânea para refazer seus potenciais energéticos, conta com os processos da assimilação e da desassimilação dos recursos que lhe são peculiares, não prescindindo do trabalho de exsudação dos resíduos, pela epiderme ou pelos emunctórios normais, compreendendo-se, no entanto, que pela harmonia de nível, nas operações nutritivas, e pela essencialização dos elementos absorvidos, não existem para o veículo psicossomático determinados excessos e inconveniências dos sólidos e líquidos da excreta comum. Uberaba, 16/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 1)

II.6. Linguagem e comunicação entre os espíritos

“E a linguagem? Ouvira-lhe nitidamente o idioma português, claro e correto. Julgava que todas as colônias espirituais se intercomunicassem pelas vibrações do pensamento. Havia, ainda ali, tão grande dificuldade no capítulo do intercâmbio? Identificando-me as perplexidades, Lísias esclareceu: – Estamos ainda muito longe das regiões ideais da mente pura. Tal como na Terra, os que se afinam perfeitamente entre si podem permutar pensamentos, sem as barreiras idiomáticas; mas, de modo geral, não podemos prescindir da forma, no lato sentido da expressão. Nosso campo de lutas é imensurável. A humanidade terrestre, constituída de milhões de seres, une-se à humanidade invisível do planeta, que integra muitos bilhões de criaturas. Não seria, portanto, possível atingir as zonas aperfeiçoadas, logo após a morte do corpo físico. Os patrimônios nacionais e linguísticos remanescem ainda aqui, condicionados a fronteiras psíquicas. Nos mais diversos setores de nossa atividade espiritual existe elevado número de espíritos libertos de todas as limitações, mas insta considerar que a regra é sofrer-se dessas restrições. Nada enganará o princípio de sequência, imperante nas leis evolutivas.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 24)

“Todos sabemos que o pensamento é força essencial, mas não admitimos nossa milenária viciação no desvio dessa força. “Ora, é coisa sabida que um homem é obrigado a alimentar os próprios filhos; nas mesmas condições, cada espírito é compelido a manter e nutrir as criações que lhe são peculiares. Uma ideia criminosa produzirá gerações mentais da mesma natureza; um princípio elevado obedecerá à mesma lei. Recorramos a símbolo mais simples. Após elevar-se às alturas, a água volta purificada, veiculando vigorosos fluidos vitais, no orvalho protetor ou na chuva benéfica; conservemo-la com os detritos da terra e fá-la-emos habitação de micróbios destruidores. “O pensamento é força viva, em toda parte; é atmosfera

criadora que envolve o Pai e os filhos, a Causa e os Efeitos, no Lar Universal. Nele, transformam-se homens em anjos, a caminho do céu ou se fazem gênios diabólicos, a caminho do inferno. “Apreendem vocês a importância disso? Certo, nas mentes evolvidas, entre os desencarnados e encarnados, basta o intercâmbio mental sem necessidade das formas e é justo destacar que o pensamento em si é a base de todas as mensagens silenciosas da ideia, nos maravilhosos planos da intuição, entre os seres de toda espécie. Dentro desse princípio, o espírito que haja vivido exclusivamente em França poderá comunicar-se no Brasil, pensamento a pensamento, prescindindo de forma verbalista especial, que, nesse caso, será sempre a do receptor; mas isso também exige a afinidade pura. Não estamos, porém, nas esferas de absoluta pureza mental, onde todas as criaturas têm afinidades entre si. Afinamo-nos uns com os outros, em núcleos insulados, e somos compelidos a prosseguir nas construções transitórias da Terra, a fim de regressar aos círculos planetários com maior bagagem evolutiva. “Nosso Lar”, portanto, como cidade espiritual de transição, é uma bênção a nós concedida por “acréscimo de misericórdia”, para que alguns poucos se preparem à ascensão e para que a maioria volte à Terra em serviços redentores. Compreendamos a grandiosidade das leis do pensamento e submetamo-nos a elas, desde hoje.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 37)

“LINGUAGEM DOS DESENCARNADOS. - Como se caracteriza a linguagem entre os Espíritos? – Incontestavelmente, a linguagem do Espírito é, acima de tudo, a imagem que exterioriza de si próprio. Isso ocorre mesmo no plano físico, em que alguém, sabendo refletir-se, necessitará poucas palavras para definir a largueza de seus planos e sentimentos, acomodando-se à síntese que lhe angaria maior cabedal de tempo e influência. Círculos espirituais existem, em planos de grande sublimação, nos quais os desencarnados, sustentando consigo mais elevados recursos de riqueza interior, pela cultura e pela grandeza moral, conseguem plasmar, com as próprias ideias, quadros vivos que lhes confirmem a mensagem ou o ensinamento, seja em silêncio, seja com a despesa mínima de suprimento verbal, em livres circuitos mentais de arte e beleza, tanto quanto muitas Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente jugulam. De acordo com o mesmo princípio, Espíritos desencarnados, em muitos casos, quando controlam as personalidades mediúnicas que lhes oferecem sintonia, operam sobre elas à base das imagens positivas com que as envolvem no transe, compelindo-as a lhes expedir os conceitos. Nessas circunstâncias, se expressa a mensagem pelo sistema de reflexão, em que o médium, embora guardando o

córtex encefálico anestesiado por ação magnética do comunicante, lhe recebe os ideogramas e os transmite com as palavras que lhe são próprias. Todavia, não obstante reconhecermos que a imagem está na base de todo intercâmbio entre as criaturas encarnadas ou não, é forçoso observar que a linguagem articulada, no chamado espaço das nações, ainda possui fundamental importância nas regiões a que o homem comum será transferido imediatamente após desligar-se do corpo físico. Pedro Leopoldo, 20/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 2)

“SOCORROS INESPERADOS. [...] Bailavam na minha mente algumas interrogações a respeito do diálogo mantido pelo Dr. White e a legião de agressivos. Ao primeiro ensejo, indaguei ao gentil orientador: — Tendo-se em mente que os indigitados irmãos que vieram agredir-nos estavam estruturados na linguagem nacional, não entendendo outro idioma, como foi possível travar-se o diálogo vigoroso que tivéramos ocasião de ouvir? Sem demonstrar enfado, o querido amigo explicou-nos: — Utilizei-me da onda mental sem a sua verbalização em palavras. Em face das circunstâncias e do pensamento que a elaborava, os irmãos aflitos escutavam na sua língua de comunicação habitual, por estarmos vibrando na mesma faixa de pensamento. Por outro lado, os amigos do nosso grupo, por sua vez ouviam o diálogo no idioma com o qual nos comunicamos, qual ocorre em nossos contatos íntimos. Constituindo um grupo de Espíritos procedentes de países diferentes, a nossa comunicação é mental, sem a necessidade da expressão oral, formulada nos padrões de cada idioma. “A linguagem do Universo é o pensamento que modula as expressões de acordo com a captação de cada ouvinte. Essa tarefa de interpretação da linguagem é característica do perispírito que armazena as matrizes idiomáticas dos países por onde transitamos nas diversas existências corporais. Mesmo quando estamos diante daqueles que procedem de regiões pelas quais não passamos no percurso das reencarnações, a sua mente capta a onda emitida e a decodifica. Tudo ocorre com automatismo e naturalidade, sem que haja esforço de quem quer que seja. Nada obstante, quando ocorre uma sintonia por ideias, interesses ou anelos, o fenômeno se torna mais eficiente e mais rápido. “Na discussão que travamos com o chefe da grei rebelde, usamos as formulações da língua inglesa que eram captadas no indonésio, no português, no filipino, portanto, igualmente pelo nosso grupo de cooperadores procedentes dos países que se comunicam nesses idiomas.” Depois de uma breve pausa, concluiu: “Imaginemos uma orquestração sinfônica que nos alcança os ouvidos acompanhada por um coral que se expressa em determinado idioma, e constataremos que registramos a música e as vozes, penetrando no seu conteúdo, embora sem compreender as

palavras que os cantores enunciam. O importante são o conjunto melódico, a emoção que nos desperta, a alegria que nos invade e o imenso bem-estar defluente do seu efeito musical.” [...]” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 8)

II.7. Locomoção dos espíritos – Volitação

“Nessa emergência, lembrei certa lição de Tobias, quando me dissera: – “aqui, em ‘Nosso Lar’, nem todos necessitam do aerôbus para se locomoverem, porque os habitantes mais elevados da colônia dispõem do poder de volitação; e nem todos precisam de aparelhos de comunicação para conversar a distância, por se manterem, entre si, num plano de perfeita sintonia de pensamentos. Os que se encontrem afinados desse modo, podem dispor, à vontade, do processo de conversação mental, apesar da distância”. [...] Nesse dia, voltei a “Nosso Lar” em companhia de Narcisa e, pela primeira vez, experimentei a capacidade de volitação. Num momento, ganhávamos grandes distâncias. A bandeira da alegria desfraldara-se em meu íntimo. Comunicando à enfermeira generosa minha impressão de leveza, ouvi-a esclarecer: – Em “Nosso Lar”, grande parte dos companheiros poderia dispensar o aerôbus e transportar-se, à vontade, nas áreas de nosso domínio vibratório; mas, visto a maioria não ter adquirido essa faculdade, todos se abstêm de exercê-la em nossas vias públicas. Essa abstenção, todavia, não impede que utilizemos o processo longe da cidade, quando é preciso ganhar distância e tempo. Nova compreensão e novos júbilos me enriqueciam o espírito. Instruído por Narcisa, ia da casa terrestre à cidade espiritual e vice-versa, sem dificuldade de vulto, intensificando o tratamento de Ernesto, cujas melhoras se firmaram, francas e rápidas. Clarêncio visitava-me, diariamente, mostrando-se satisfeito com o meu trabalho.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 50)

“Pela expressão do bondoso instrutor, concluí que ele poderia voltar à colônia quando quisesse, que não encontraria obstáculos de qualquer ordem, em parte alguma, em razão do poder espiritual de que se achava revestido, mas fazia-se peregrino, como nós, por devotamento à missão de ensinar. Vicente e eu não dispúnhamos de expressão vibratória adequada aos grandes feitos. Éramos vulgares, quanto o era a maioria dos habitantes da nossa cidade espiritual. Possuíamos apenas alguns princípios de volitação; contudo, permanecíamos muito distantes do verdadeiro poder. Nunca vira, pois, a energia e a humildade em tão belo consórcio. Aniceto dirigia-nos, firmemente, como orientador de pulso, vigo roso e sábio, mas não vacilava em se fazer igual a nós, a fim de servir como devotado companheiro.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 14)

“Avançamos, comovidos, e, daí a algum tempo, surgiu-nos o astro sublime, na posição que antecede o crepúsculo. Doutras vezes, viajando sempre através da estrada luminosa e fácil de ser percorrida, em vista das possibilidades de volitação, não fizera maior reparo. Agora, porém, que atravessara névoas compactas, anotava diferenças profundas. A certa distância, surgia a Terra, não na forma esférica, porque nos achávamos não longe da Crosta, mas como paisagem além, a interpenetrar-se nas extensas regiões espirituais. O Sol resplandecia, rumo ao Poente, como enorme lâmpada de ouro. Aniceto, que parecia alegrar-se sobremaneira, exclamou: – Entramos na zona de influência direta da Crosta. Poderemos, doravante, praticar a volitação, utilizando nossos conhecimentos de transformação da força centrípeta. A luz que nos banha resulta do contato magnético entre a energia positiva do Sol e a força negativa da massa planetária. Prossigamos. Não tardaremos a entrar no Rio de Janeiro.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 33)

“Antes que respondêssemos, Aniceto esclareceu: – Vamos ao campo. E, dirigindo-se especialmente a Vicente e a mim, considerou: – Utilizemos a volitação, mesmo porque não temos objetivos imediatos no centro urbano. Notei que movimentava agora minhas faculdades volitantes com facilidade crescente. A excursão educativa, com escala pelo Posto de Socorro de Campo da Paz, fizera-me grande bem. Melhorara em adestramento, sentia-me fortalecido ante as vibrações de ordem inferior, mobilizava os recursos próprios sem dificuldade. Reparei, igualmente, que minhas possibilidades visuais cresciam sensivelmente. Volitando, não observara, até então, o que agora verificava, extremamente surpreendido. Dantes, via somente os homens, os animais, veículos e edifícios chumbados ao solo. Agora, a visão dilatava-se. Reconhecia, de longe, o peso considerável do ar que se agarrava à superfície. Tive a impressão de que nadávamos em alta zona do mar de oxigênio, vendo em baixo, em águas turvas, enorme quantidade de irmãos nossos a se arrastarem pesadamente, metidos em escafandros muito densos, no fundo lodoso do oceano.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 40)

“Da pequena cidade em que se localizava o primeiro visitado, dirigimo-nos ao Rio de Janeiro. Utilizávamos a volitação, prazerosos e felizes. Muito difícil descrever a sensação de leveza e alegria inerente a semelhante estado, após a permanência na escura região de que procedíamos. Fala-se, muitas vezes, entre os encarnados, na possibilidade da criação do aparelho de voo individual; todavia, ainda que se efetive a nova conquista, o peso do corpo físico, os cuidados exigidos pela máquina de propulsão e os riscos de viagem não podem, de modo algum, substituir a segurança e a tranquilidade que nos enchem de tamanho bem-estar.

Após a excursão normal, entre a Casa Transitória de Fabiano e a Crosta Terrestre, dentro de harmoniosas condições conservávamo-nos descansados e bem dispostos, operando muito facilmente a volitação, não obstante a densidade atmosférica.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 11)

“O doente mostrava-se muito aflito. Bonifácio, ao lado dele, cooperava devotadamente conosco, para desprendê-lo temporariamente do corpo oprimido. O enfermo, no entanto, se deixara tomar por horribéis impressões de medo, dificultando os nossos melhores esforços. Após trabalho ingente de magnetização do vago e em seguida à ministração de certos agentes anestésiantes, destinados a propiciar-lhe brando sono, retiramo-lo do corpo, que permaneceu sob os cuidados de Bonifácio. Em minutos rápidos, púnhamo-nos de regresso. Com aquiescência de Jerônimo, alguns amigos dos enfermos acompanhar-nos-iam à Casa Transitória. Dos cinco doentes, Adelaide e Fábio eram os únicos que revelavam consciência mais nítida da situação. Os demais titubeavam, enfraquecidos, baldos de noção clara do que ocorria. O Assistente organizou a corrente magnética, tomando posição guiadora. Cada irmão encarnado localizava-se entre dois de nós outros, almas libertas do plano físico, mais experimentadas no campo espiritual. De mãos entrelaçadas, para permutar energias em assistência mútua, utilizamos intensivamente a volitação, ganhando alturas. Adelaide e Fábio, algo habituados ao desdobramento, assumiram discreta atitude de observação e silêncio. Os outros, porém, comentavam o acontecimento em altos brados. – Ó grande Deus! – exclamava Albina, rememorando passagens bíblicas – estaremos nós no glorioso carro de Elias? – Dai-me forças, ó Pai de Misericórdia! – expressava-se Cavalcante, de alma opressa – Falta-me a confissão geral! Ainda não recebi o Viático! Oh! não me deixeis enfrentar os vossos juízos com a consciência mergulhada no mal!...” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 12)

“Estampou complacente expressão no rosto e considerou: – As regiões inferiores jamais estarão sem enfermeiros e sem mestres, porque uma das maiores alegrias dos céus é a de esvaziar os infernos. Vendo bandos de seres a se locomoverem no ar, quase a nos rentear, recordei que em nossa colônia as faculdades de volitação não eram comumente exercidas para não melindrarmos aqueles que as não possuíam desenvolvidas; mas... e ali? Criaturas de baixas condições se moviam nos ares, embora a poucos metros do solo. Calderaro, porém, explicou: – Não te surpreendas. A volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; importa, contudo, considerar que os vãos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa

capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascensões. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural. É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes naturais, levando em conta, com a própria Natureza, que os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 17)

“**CORPO ESPIRITUAL E VOLITAÇÃO.** – *Podemos receber alguma informação sobre a volitação do corpo espiritual?* – Na metamorfose dos insetos, a histólise alcança notadamente os músculos e a máquina digestiva, atingindo apenas levemente o sistema nervoso e o sistema circulatório. Efetuado o processo histolítico, segundo referências alinhadas em outra parte do nosso estudo, os órgãos diferenciados voltam à posição embrionária que lhes era característica e só então as células entram em segmentação, formando na histogênese os órgãos definitivos do inseto adulto, armado de recursos para librar na atmosfera. Assim também, após a transfiguração ocorrida na morte, a individualidade ressurge com naturais alterações na massa muscular e no sistema digestivo, mas sem maiores inovações na constituição geral, munindo-se de aquisições diferentes para o novo campo de equilíbrio a que se transfere, com possibilidades de condução e movimento efetivamente não sonhados, já que o pensamento contínuo e a atração, nessas circunstâncias, não mais encontram certas resistências peculiares ao envoltório físico. Ao homem comum, na encarnação, não é fácil, todavia, a articulação de uma ideia segura com respeito às condições de seu próprio corpo espiritual, além-túmulo, porque a mente, no plano físico, está inteiramente condicionada ao trabalho específico que lhe compete realizar, inelutavelmente circunscrita aos problemas de estrutura, e, por isso mesmo, incapacitada de identificar o reino inteligente de raios e ondas, fluídos e energias turbilhonantes em que vive.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 3)

“Tão logo se lhes descortinou mais ampla faixa da paisagem, Ernesto e Evelina não conseguiam sopitar as expressões de assombro. Densa névoa, a paten-tear-se por diversas tonalidades de cinza, barrava a província em toda a linha divisória. Pela primeira vez,

enxergaram nos céus máquinas voadoras que se dirigiam da cidade para o território sombrio, semelhantes a grandes borboletas silenciosas refletindo o sol que lhes punha à mostra as asas, como que estruturadas em pedaços de arco-íris. Fantini desfechou para logo uma indagação, a que Cláudio respondeu, satisfeito: – São aparelhos volantes, em que viajam comissões de trabalho, em tarefas de identificação e assistência. – A região é tão grande assim? – Imagine um deserto planetário, com muitas sesmarias de área, marginadas por cidades ordeiras e prósperas, e terá a exata noção do que nos ocorre aqui. – E esses viajantes, através do ar, desencarnados como estão, acaso não lograriam seguir adiante, sem esses engenhos, usando o poder de volitação que lhes é próprio? O chefe sorriu e ponderou: – Tudo na vida se rege por leis. Um pássaro terrestre possui asas e foge do campo incendiado, por não suportar-lhe a cortina de fumo. Um bombeiro, a fim de penetrar numa casa invadida de fogo, veste roupa defensiva. E aditou: – Achamo-nos à frente de perigosa extensão de espaço, habitada por milhares de criaturas rebeldes que constroem, à custa dos próprios pensamentos em desvario, o ambiente desolado que se nos impõe à vista. Aí, nesse mundo diferente, somos defrontados pelas mais estranhas edificações, todas elas caricaturas dos abrigos domésticos de que os donos abusaram na experiência física, uma verdadeira floresta de fluídos condensados, retratando as ideias e manias, ambições e caprichos, remorsos e penitências dos moradores. Temos aí, nessa faixa umbralina, todo um estado anárquico, em que o individualismo se desborda na hipertrofia da liberdade, sem os constrangimentos benéficos da disciplina, que nos faz realmente livres pela voluntária sujeição de nossa parte aos dispositivos das Leis de Deus.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

“**O acampamento espiritual.** A hora convencional, os quatro convocados para o novo ministério fraternal de assistência estávamos reunidos para a viagem ao orbe terrestre. O Dr. Arquimedes Almeida aproximou-se do grupo e, com a sua jovialidade e encanto naturais, solicitou-nos recolhimento íntimo e uma oração silenciosa em favor do empreendimento de alta significação. Logo depois, concentrou-se fortemente e começou a irradiar uma energia especial, que se tornou visível, passando a envolver-nos em um globo protetor, que se transformou em um campo vibratório, unindo-nos a todos e fazendo-nos flutuar em pleno ar sob a sua ação mental. Utilizando-se da vontade bem-direcionada, movimentou a esfera luminosa, que volitou, arrastando-nos velozmente pelo espaço na direção do objetivo assinalado. As sombras que envolviam o planeta, dando-lhe um aspecto quase sinistro, a distância, tornavam-se mais densas, à medida que nos acercávamos, por pouco não nos

impedindo a visão das lâmpadas fortes que adornavam a noite terrestre. Em circunspecção, avançamos no rumo do ponto oriental extremo do continente sul-americano e logo estávamos pousando em uma área ampla, onde se erguia o acampamento que nos hospedaria durante o período em que estivéssemos envolvidos com o programa libertador.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 6)

“SOCORROS INESPERADOS. [...] O momento não permitia ampliação do diálogo, porque, naquele momento, havia parado a regular distância um veículo do qual saltaram alguns lidadores do Bem que se aproximaram, apresentando-se ao Dr. White. Tratava-se da ajuda solicitada aos responsáveis pelo acolhimento e cuidados em relação aos irmãos arrependidos que se haviam proposto renovação e entendimento. Diversos desses operários da caridade adentraram-se em nosso campo de socorro e passaram a assistir os sofredores, conduzindo-os, um a um, ao transporte que pairava no ar, a um metro, mais ou menos, acima do solo. Alguns se movimentavam com dificuldade, embora a assistência recebida, logo sendo acomodados, num total de oitenta... O responsável pela condução agradeceu ao nosso mentor e, de imediato, a nave decolou com velocidade, seguindo o roteiro estabelecido. Sentia-me edificado ante a misericórdia divina que luz para todos, sempre ao alcance de quem a deseja receber. [...] Menos de duas horas antes, aqueles irmãos recolhidos acreditavam-se pertencentes ao submundo infeliz da erraticidade inferior, lutando contra as leis soberanas, embora a elas submetidos, enquanto que, agora, rumavam na direção da felicidade que haviam desdenhado por décadas de loucura e de ignorância. [...] Dr. White convidou-nos ao retorno à nossa sede, por algum tempo, e usando a volitação com todo o grupo, chegamos à comunidade que se encontrava em movimentação. Era mais um imenso hospital a céu aberto e com alguns pavilhões onde eram recolhidos os pacientes mais agitados, do que um lugar de repouso. As vibrações ambientais eram benéficas, proporcionando o refazimento emocional que o desgaste natural na faixa em que estávamos laborando se fazia forte. Dirigimo-nos, imediatamente, ao núcleo de acolhimento que nos fora reservado, e após ouvirmos as recomendações do benfeitor, que nos recomendava quatro horas de revigoração, de prece e de reflexão, liberou-nos para o repouso necessário.” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 8)

II.8. Forma e aparência dos espíritos

“**FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS. 88.** Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante? “Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.” **a)** - Essa chama ou centelha tem cor? “Tem

uma coloração que, para vós, vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro.” Representam-se de ordinário os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, porque aí está a sede da inteligência. **89.** Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço? “Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.” **a)** - O pensamento não é a própria alma que se transporta? “Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.” **90.** O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar onde quer ir? “Dá-se uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo disso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.” **91.** A matéria opõe obstáculo aos Espíritos? “Nenhum; eles passam através de tudo. O ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.” **92.** Têm os Espíritos o dom da ubiquidade? Por outras palavras: um Espírito pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo? “Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.” **a)** - Todos os Espíritos irradiam com igual força? “Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um.” Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido unicamente é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; ou, ainda, o que se dá com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**LINHAS MORFOLÓGICAS DOS DESENCARNADOS.** - A que diretrizes obedecem as entidades desencarnadas para se apresentarem morfologicamente? – As linhas morfológicas das entidades desencarnadas, no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados. A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no

que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas. Fácil observar, assim, que a desencarnação libera todos os Espíritos de feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo a provação necessária ou a tarefa específica, porquanto, fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem (Devemos esclarecer que essas ocorrências, para efeito de responsabilidade cármica e identificação pessoal respeitam, via de regra, a ficha individual da existência última vivida pela personalidade na Terra, situação que perdura até novo estágio evolutivo que se processa, seja na reencarnação, seja na promoção a mais alto nível de sublimação e serviço). Ainda assim, releva observar que se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, sofre processos de metamorfose, mais lentos ou mais rápidos, conforme as suas disposições íntimas. Se a alma desenleada do envoltório físico foi transferida para a moradia espiritual em adiantada senectude, gastará algum tempo para desfazer-se dos sinais de ancianidade corpórea, se deseja remoçar o próprio aspecto, e, na hipótese de haver partido da Terra, na juventude primeira, deverá igualmente esperar que o tempo a auxilie, caso se proponha a obtenção de traços da maturidade. Cabe, entretanto, considerar que isso ocorre apenas com os Espíritos, aliás, em maioria esmagadora, que ainda não dispõem de bastante aperfeiçoamento moral e intelectual, pois quanto mais elevado se lhes descortine o grau de progresso, mais amplo se lhes revela o poder plástico sobre as células que lhes entretecem o instrumento de manifestação. Em alto nível, a Inteligência opera em minutos certas alterações que as entidades de cultura mediana gastam, por vezes, alguns anos a efetuar. Temos também nas sociedades respeitáveis da Espiritualidade aqueles companheiros que, depois de estágios depurativos, se elevam até elas, por intercessões afetivas ou merecimentos próprios, carregando, porém, consigo, determinadas marcas deprimentes, como sejam mutilações que os desfiguram, inibições ou moléstias que se denunciam na psicosfera que os envolve, ou distintivos outros menos dignos, como remanescentes de circuitos mentais dos remorsos que padeceram, a se lhes concentrarem, desequilibrados, sobre certas zonas do corpo espiritual, mas, em todos esses casos, as entidades em lide ali se encontram, habitualmente, por períodos limitados de reeducação e refazimento, para regressarem, a tempo breve, no

rumo das sendas de saneamento e resgate nas reencarnações redentoras. Pedro Leopoldo, 27/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 4)

“APRESENTAÇÃO DOS DESENCARNADOS.

- *Que princípios regem a apresentação dos Espíritos desencarnados aos médiuns humanos?* – O aspecto que as entidades desencarnadas assumem perante os médiuns humanos, quando se comunicam na Terra, pode variar infinitamente. Os Espíritos superiores, pelo domínio natural que exercem sobre as células psicossomáticas, podem adotar a apresentação que mais proveitosa se lhes afigure, com vistas à obra meritória que se propõem realizar. Entretanto, essa maneira de intercâmbio não é a mais comum, porque, de modo geral, os desencarnados impressionam os instrumentos mediúnicos encarnados na forma em que efetivamente se encontram. Decerto, não falta indumentária digna às criaturas que se emanciparam do vaso físico, roupagem, toda ela, confeccionada com esmero e carinho por mãos hábeis e nobres da esfera extrafísica. É importante considerar, todavia, que os Espíritos desencarnados, mesmo os de classe inferior, guardam a faculdade de exteriorizar os fluídos plasticizantes que lhes são peculiares, espécie de aglutininas mentais com que envolvem a mente mediúnica encarnada, recursos esses nos quais plasmam, como lhes seja possível, as imagens que desejam expressar e que adquirem para as percepções do médium coloração e movimento, fazendo-o exprimir-se ou agir, em comportamento semelhante ao passivo comum na hipnose provocada. Tais fenômenos, porém, são isolados e apenas se verificam entre o médium e a entidade que o influencia, sem substância na realidade prática, qual ocorre no campo das sugestões, durante a interligação mento psíquica, entre o hipnotizado e o hipnotizador.

- *Como interpretaremos a existência de roupas, calçados e peças protéticas nas entidades desencarnadas, se tais petrechos são inanimados, não sendo dirigidos de modo direto pela mente?* – A mente não comanda as moléculas de algodão do vestuário de que se serve no corpo físico, mas pode usá-las, segundo as suas necessidades no mundo. Ocorre o mesmo no Plano Espiritual, em que nos utilizamos das possibilidades ao nosso alcance para atender a esse ou àquele imperativo de nossa apresentação. Uberaba, 30/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 5)

II.9. Relações entre os espíritos desencarnados

“**AS RELAÇÕES NO ALÉM-TÚMULO. 274.** Da existência de diferentes ordens de Espíritos, resulta para estes alguma hierarquia de poderes? Há entre eles subordinação e autoridade? “Muito grande. Os Espíritos têm uns sobre os outros a autoridade

correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível.” **a)** - Podem os Espíritos inferiores subtrair-se à autoridade dos que lhes são superiores? “Eu disse: irresistível.” **275.** O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra lhe dão supremacia no mundo dos Espíritos? “Não; pois que os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Lê os salmos.” **a)** - Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento? “Não sabes que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem! O maior da Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, ao passo que o seu servo pode estar na primeira. Compreendes isto? Não disse Jesus: aquele que se humilhar será exaltado e aquele que se exaltar será humilhado?” **276.** Aquele que foi grande na Terra e que, como Espírito, vem a achar-se entre os de ordem inferior, experimenta com isso alguma humilhação? “Às vezes bem grande, mormente se era orgulhoso e invejoso.” **277.** O soldado que depois da batalha se encontra com o seu general, no mundo dos Espíritos, ainda o tem por seu superior? “O título nada vale, a superioridade real é que tem valor.” **278.** Os Espíritos das diferentes ordens se acham misturados uns com os outros? “Sim e não. Quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme a simpatia ou a antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros, tal qual sucede entre vós. *Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo.* Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham.” Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde a virtude e o vício se acotovelam, sem trocarem palavra. **279.** Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso aos diferentes grupos ou sociedades que eles formam? “Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam influir sobre os maus. As regiões, porém, que os bons habitam estão interditas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que não as perturbem com suas paixões inferiores.” **280.** De que natureza são as relações entre os bons e os maus Espíritos? “Os bons se ocupam em combater as más inclinações dos outros, a fim de ajudá-los a subir. É sua missão.” **281.** Por que os Espíritos inferiores se comprazem em nos induzir ao mal? “Pelo despeito que lhes causa o não terem merecido estar entre os bons. O desejo que neles predomina é o de impedirem, quanto possam, que os Espíritos ainda inexperientes alcancem o supremo

bem. Querem que os outros experimentem o que eles próprios experimentam. Isto não se dá também entre vós outros?” **282.** Como se comunicam entre si os Espíritos? “Eles se veem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles constante comunicação; é o veículo da transmissão de seus pensamentos, como, para vós, o ar o é do som. É uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.” **283.** Podem os Espíritos, reciprocamente, dissimular seus pensamentos? Podem ocultar-se uns dos outros? “Não; para os Espíritos, tudo é patente, sobretudo para os perfeitos. Podem afastar-se uns dos outros, mas sempre se veem. Isto, porém, não constitui regra absoluta, porquanto certos Espíritos podem muito bem tornarem-se invisíveis a outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo.” **284.** Como podem os Espíritos, não tendo corpo, comprovar suas individualidades e distinguir-se dos outros seres espirituais que os rodeiam? “Comprovam suas individualidades pelo perispírito, que os torna distinguíveis uns dos outros, como faz o corpo entre os homens.” **285.** Os Espíritos se reconhecem por terem coabitado a Terra? O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo? “Perfeitamente e, assim, de geração em geração.” **a)** - Como é que os que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos? “Vemos a nossa vida pretérita e lemos nela como em um livro. Vendo a dos nossos amigos e dos nossos inimigos, aí vemos a passagem deles da vida corporal à outra.” **286.** Deixando seus despojos mortais, a alma vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos? “Imediatamente, ainda aqui, não é o termo próprio. Como já dissemos, é-lhe necessário algum tempo para que ela se reconheça a si mesma e alije o véu material.” **287.** Como é acolhida a alma no seu regresso ao mundo dos Espíritos? “A do justo, como bem-amado irmão, desde muito tempo esperado. A do mau, como um ser desprezível.” **288.** Que sentimento desperta nos Espíritos impuros a chegada entre eles de outro Espírito mau? “Os maus ficam satisfeitos quando veem seres que se lhes assemelham e privados, também, da infinita ventura, qual na Terra um tratante entre seus iguais.” **289.** Nossos parentes e amigos costumam vir-nos ao encontro quando deixamos a Terra? “Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma a quem são afeiçoados. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, e ajudam-na a desprender-se dos liames corporais. É uma graça concedida aos bons Espíritos o lhes virem ao encontro os que os amam, ao passo que aquele que se acha maculado permanece em insulamento, ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição.” **290.** Os parentes e amigos sempre se reúnem depois

da morte? “Depende isso da elevação deles e do caminho que seguem, procurando progredir. Se um está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não podem os dois conservar-se juntos. Ver-se-ão de tempos a tempos, mas não estarão reunidos para sempre, senão quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Acresce que a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“RELAÇÕES DE SIMPATIA E DE ANTIPATIA ENTRE OS ESPÍRITOS. METADES ETERNAS. 291.

Além da simpatia geral, oriunda da semelhança que entre eles exista, votam-se os Espíritos recíprocas afeições particulares? “Do mesmo modo que os homens, sendo, porém, que mais forte é o laço que prende os Espíritos uns aos outros, quando carentes de corpo material, porque então esse laço não se acha exposto às vicissitudes das paixões.” **292.** Alimentam ódio entre si os Espíritos? “Só entre os Espíritos impuros há ódio e são eles que insuflam nos homens as inimizades e as dissensões.” **293.** Conservarão ressentimento um do outro, no mundo dos Espíritos, dois seres que foram inimigos na Terra? “Não; compreenderão que era estúpido o ódio que se votavam mutuamente e pueril o motivo que o inspirava. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, enquanto se não purificam. Se foi unicamente um interesse material o que os inimizou, nisso não pensarão mais, por pouco desmaterializados que estejam. Não havendo entre eles antipatia e tendo deixado de existir a causa de suas desavenças, aproximam-se uns dos outros com prazer.” Sucede como entre dois colegas que, chegando à idade da ponderação, reconhecem a puerilidade de suas dissensões infantis e deixam de se malquerer. **294.** A lembrança dos atos maus que dois homens praticaram um contra o outro constitui obstáculo a que entre eles reine simpatia? “Essa lembrança os induz a se afastarem um do outro.” **295.** Que sentimento anima, depois da morte, aqueles a quem fizemos mal neste mundo? “Se são bons, eles vos perdoam, segundo o vosso arrependimento. Se maus, é possível que guardem ressentimento do mal que lhes fizestes e vos persigam até, não raro, em outra existência. Deus pode permitir que assim seja, por castigo.” **296.** São suscetíveis de alterar-se as afeições individuais dos Espíritos? “Não, por não estarem eles sujeitos a enganar-se. *Falta-lhes a máscara sob que se escondem os hipócritas.* Daí vem que, sendo puros, suas afeições são inalteráveis. Suprema felicidade lhes advém do amor que os une.” **297.** Continua a existir sempre, no mundo dos Espíritos, a afeição mútua que dois seres se consagraram na Terra? “Sem dúvida, desde que originada de verdadeira simpatia. Se, porém, nasceu principalmente de causas de ordem física,

desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio.” **298.** As almas que devam unir-se estão, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós tem, nalguma parte do Universo, sua metade, a que fatalmente um dia se reunirá? “Não; não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.” **299.** Em que sentido se deve entender a palavra metade, de que alguns Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos? “A expressão é inexata. Se um Espírito fosse a metade de outro, separados os dois, estariam ambos incompletos.” **300.** Se dois Espíritos perfeitamente simpáticos se reunirem, estarão unidos para todo o sempre, ou poderão separar-se e unir-se a outros Espíritos? “Todos os Espíritos estão reciprocamente unidos. Falo dos que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, desde que um Espírito se eleva, já não simpatiza, como dantes, com os que lhe ficaram abaixo.” **301.** Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro, ou a simpatia entre eles existente é resultado de identidade perfeita? “A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.” **302.** A identidade necessária à existência da simpatia perfeita apenas consiste na analogia dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos? “Na igualdade dos graus de elevação.” **303.** Podem tornar-se de futuro simpáticos, Espíritos que presentemente não o são? “Todos o serão. Um Espírito, que hoje está numa esfera inferior, ascenderá, aperfeiçoando-se, à em que se acha tal outro Espírito. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mais elevado, por suportar mal as provas a que esteja submetido, permanecer estacionário.” **a)** - Podem deixar de ser simpáticos um ao outro dois Espíritos que já o sejam? “Certamente, se um deles for preguiçoso.” A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem decerto a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Necessariamente, limitado sendo o campo de suas ideias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a ideia de que, criados um para o outro, dois Espíritos tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade, depois de haverem

estado separados por tempo mais ou menos longo.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“Vida social do Além-túmulo. A sociedade é o organismo complexo que reúne as criaturas humanas, como células individuais que são, trabalhando-as em favor da harmonia geral. Conquista do processo de evolução, é passo agigantado do período de primarismo, quando o ser, em fase de instinto gregário buscou outrem, do qual se acercou formando o grupo tribal que evoluiu para a vida social. Sem esse desenvolvimento, que enriquece os seus membros com valores qualitativos, constitui instrumento valioso para a lapidação das arestas morais e o aprimoramento das expressões elevadas que permanecem em latência. Nesse intercâmbio de interesses e necessidades, as aspirações se sutilizam e os fenômenos egóicos, a pouco e pouco cedem lugar ao altruísmo, por cuja contribuição a fraternidade se estabelece sem jaça. Na vida social, o progresso se manifesta, tendo-se em vista as necessidades do grupo que se aprimora e cresce em aspirações cada vez mais complexas e sutis. A ciência e a arte, a tecnologia e o pensamento, a ética e a religião apresentam-se como veículos poderosos para que se consiga alcançar os melhores resultados que sempre culminam na felicidade, no bem-estar, na saúde, na harmonia... Cada período da sociedade assinala-se pelas suas glórias ou misérias, não obstante os passos do progresso conseguido na esteira do tempo, que são sempre gigantesco. Na Terra, no entanto, os limites orgânicos estabelecem também a finitude, a dimensão pequena dos logros da evolução, que se circunscrevem aos fatores econômicos, morais, em favor da própria sociedade. No Além-túmulo, porém, pelas características de que se reveste a vida social, os seus patamares multiplicam-se ao infinito, não havendo qualquer limite para as aspirações e conquistas do espírito. Pujante, a vida social no mundo das causas é rica nas Esferas superiores, de beleza e de realização, onde se equipam os missionários da evolução da humanidade para transferirem para a Terra o que se apresenta como invento e penetração no âmago dos enigmas cósmicos e microscópicos. Longe vão os tempos ingênuos em que se acreditava em uma vida social além do corpo, destituída de vibração e de movimento, de ação e de trabalho. O Espiritismo veio demonstrar que o céu utilitário e sem finalidade, no parasitismo estático da contemplação infinita e o inferno de eterna punição, não passam de conceitos míticos do agrado arquetípico dos privilégios e das punições cruéis. As estâncias felizes, ao inverso das megalópoles terrenas, são colmeias vivas de amor e de ação, felicitando os seus habitantes com os gozos que se derivam da consciência lúcida e em consonância com as leis de Deus, impulsionando o espírito a incessantes buscas e aprendizagens na ânsia da conquista de sabedoria. Comunidades resultantes

da afinidade de interesses e conquistas morais, harmonizam-se pelas metas que perseguem e através dos labores que empreendem. Entre elas reina a perfeita confiança e a afetividade é destituída de paixões egoísticas e tormentosas, propiciando relacionamentos duradouros em delineamentos de realizações futuras para o bem geral. Educandários de grande porte preparam aprendizes da beleza e do conhecimento, a fim de que, periodicamente, como chuvas de estrelas, caiam sobre a Terra, iluminando os sombreados caminhos humanos, libertando as criaturas das injunções severas e penosas dos flagelos destruidores, das enfermidades dilaceradoras, das angústias punitivas, da ignorância e da perversidade... Aptos para a renúncia que treinaram nesses santuários de bênçãos, afadigam-se na edificação do Bem e da Verdade, sem guardarem outra qualquer recompensa ou entendimento, que não sejam expressos na paz da consciência. Nesses infinitos ninhos de amor luz o verdadeiro entendimento dos Soberanos Códigos, e a imaginação rompe as amarras que a limitam, facultando a elaboração de incomparáveis paisagens e edificações onde vivem e se movimentam. Isto porque, à medida que ascende, o espírito se liberta da condição de escravo do trabalho, passando a realizá-lo por necessidade e alcançando o nível superior do anseio de beleza e sublimação. O esforço físico e a atividade braçal, tão comuns na Terra, são substituídos pela ação mental que plasma, que movimenta, que vitaliza e aperfeiçoa em razão do perfeito controle das faculdades psíquicas que expressam Deus no ser em crescimento. De alguma forma, já se podem observar no planeta, alguns desses aspectos de fácil presença, quando a robótica substitui seres humanos em tarefas desgastantes e a informática proporciona operações fantásticas que antes constituíam desafios, nem sempre vitoriosos. Os equipamentos sofisticados da biônica, da engenharia genética, da biologia molecular, da computação, apenas para citar alguns, que chegaram ao planeta nos cinco últimos decênios, são materializações dos extraordinários instrumentos dessas Esferas espirituais, encarregadas de fomentar o progresso humano e apressar a transição do mundo de provas e de expiações facultando sejam instaladas as bases do mundo de regeneração. Esses espíritos que mergulham em grupo social, procedentes do Além-túmulo, vieram no século V de Péricles, na Grécia antiga e se corporificaram como Praxíteles, Esquilo, Sófocles, entre muitos outros, para ressurgirem nas indumentárias de Sócrates, Platão, Aristóteles, Leucipo, Lucrécio, Demócrito e avançarem para os dias de Caio Júlio César Otávio, na investidura de Marco Aurélio, Tito Lívio, Mecenas e, sucessivamente, na Escola neoplatônica de Alexandria, no período medieval, no Renascimento até os dias atuais, alterando o planeta nas suas variadas expressões. A vida social,

no Além-túmulo, real e formal, ativa quanto grandiosa, é o celeiro de luz de onde a Divindade transfere para o mundo físico os germes de vida, de beleza e de sabedoria, a fim de arrastar nas suas redes de amor e de serviço os espíritos ainda tardos ou renitentes na ignorância que, igualmente, irão viver nesses pousos de plenitude da Erraticidade, quando libertados da canga das paixões e das impurezas morais.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Vida social do além-túmulo)

II.10. Recordações (memórias) do espírito após a morte⁴

“RECORDAÇÃO DA EXISTÊNCIA CORPÓREA.

304. Lembra-se o Espírito da sua existência corporal? “Lembra-se, isto é, tendo vivido muitas vezes na Terra, recorda-se do que foi como homem e eu te afirmo que frequentemente ri, penalizado de si mesmo.” Tal qual o homem, que chegou à maturidade e que ri das suas loucuras de moço, ou das suas puerilidades na infância. **305.** A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito, completa e inopinadamente, após a morte? “Não; vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção.” **306.** O Espírito se lembra, pormenorizadamente, de todos os acontecimentos de sua vida? Apreende o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo? “Lembra-se das coisas, de conformidade com as consequências que delas resultaram para o estado em que se encontra como Espírito errante. Bem compreendes, portanto, que muitas circunstâncias haverá de sua vida a que não ligará importância alguma e das quais nem sequer procurará recordar-se.” **a)** - Mas, se o quisesse, poderia lembrar-se delas? “Pode lembrar-se dos mais minuciosos pormenores e incidentes, assim relativos aos fatos, como até aos seus pensamentos. Não o faz, porém, desde que não tenha utilidade.” **b)** - Entrevê o Espírito o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura? “Certo que o vê e compreende muito melhor do que em vida do seu corpo. Compreende a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e percebe que em cada existência deixa algumas impurezas.” **307.** Como é que ao Espírito se lhe desenha na memória a sua vida passada? Será por esforço da própria imaginação, ou como um quadro que se lhe apresenta à vista? “De uma e outra formas. São-lhe como que presentes todos os atos de que tenha interesse em lembrar-se. Os outros lhe permanecem mais ou menos vagos na mente, ou esquecidos de todo. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às

coisas materiais. Essa a razão por que, muitas vezes, evocas um Espírito que acabou de deixar a Terra e verificas que não se lembra dos nomes das pessoas que lhe eram caras, nem de uma porção de coisas que te parecem importantes. É que tudo isso, pouco lhe importando, logo caiu em esquecimento. Ele só se recorda perfeitamente bem dos fatos principais que concorrem para a sua melhoria.” **308.** O Espírito se recorda de todas as existências que precederam a que acaba de ter? “Todo o seu passado se lhe desdobra à vista, quais a um viajor os trechos do caminho que percorreu. Mas, como já dissemos, não se recorda, de modo absoluto, de todos os seus atos. Lembra-se destes conformemente à influência que tiveram na criação do seu estado atual. Quanto às primeiras existências, as que se podem considerar como a infância do Espírito, essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento.” **309.** Como considera o Espírito o corpo de que vem de separar-se? “Como veste impresentável, que o embarçava, sentindo-se feliz por estar livre dela.” **a)** - Que sensação lhe causa o espetáculo do seu corpo em decomposição? “Quase sempre se conserva indiferente a isso, como a uma coisa que em nada o interessa.” **310.** Ao cabo de algum tempo, reconhecerá o Espírito os ossos ou outros objetos que lhe tenham pertencido? “Algumas vezes, dependendo do ponto de vista mais ou menos elevado, donde considere as coisas terrenas.” **311.** A veneração que se tenha pelos objetos materiais que pertenceram ao Espírito lhe dá prazer e atrai a sua atenção para esses objetos? “É sempre grato ao Espírito que se lembrem dele, e os objetos que lhe pertenceram trazem-no à memória dos que ele no mundo deixou. Mas, o que o atrai é o pensamento destas pessoas e não aqueles objetos.” **312.** E a lembrança dos sofrimentos por que passaram na última existência corporal, os Espíritos a conservam? “Frequentemente assim acontece e essa lembrança lhes faz compreender melhor o valor da felicidade de que podem gozar como Espíritos.” **313.** O homem, que neste mundo foi feliz, deplora a felicidade que perdeu, deixando a Terra? “Só os Espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes com uma natureza impura qual a deles, gozos que lhes acarretam a expiação pelo sofrimento. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.” Exatamente como sucede ao homem que, na idade da maturidade, nenhuma importância liga ao que tanto o deliciava na infância. **314.** Aquele que deu começo a trabalhos de vulto com um fim útil e, que os vê interrompidos pela morte, lamenta, no outro mundo, tê-los deixado por

⁴ Vide Subcapítulo IV.5 (“Recordação do passado – Memória perispiritual”), Capítulo IV (“Fases da desencarnação”), Quinta Parte (“Desencarnação”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

acabar? “Não, porque vê que outros estão destinados a concluí-los. Trata, ao contrário, de influenciar outros Espíritos humanos, para que os ultimem. Seu objetivo, na Terra, era o bem da Humanidade: o mesmo objetivo continua a ter no mundo dos Espíritos.” **315.** E o que deixou trabalhos de arte ou de literatura, conserva pelas suas obras o amor que lhes tinha quando vivo? “De acordo com a sua elevação, aprecia-as de outro ponto de vista e não é raro condene o que maior admiração lhe causava.” **316.** No além, o Espírito se interessa pelos trabalhos que se executam na Terra, pelo progresso das artes e das ciências? “Conforme a sua elevação ou a missão que possa ter que desempenhar. Muitas vezes, o que vos parece magnífico bem pouco é para certos Espíritos, que, então, o admiram, como o sábio admira a obra de um estudante. Atentam apenas no que prove a elevação dos encarnados e seus progressos.” **317.** Após a morte, conservam os Espíritos o amor da pátria? “O princípio é sempre o mesmo. Para os Espíritos elevados, a pátria é o Universo. Na Terra, a pátria, para eles, está onde se ache o maior número das pessoas que lhes são simpáticas.” As condições dos Espíritos e as maneiras por que veem as coisas variam ao infinito, de conformidade com os graus de desenvolvimento moral e intelectual em que se achem. Geralmente, os Espíritos de ordem elevada só por breve tempo se aproximam da Terra. Tudo o que aí se faz é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, tão pueris são, aos olhos deles, as coisas a que os homens mais importância ligam, que quase nenhum atrativo lhes oferece o nosso mundo, a menos que para aí os leve o propósito de concorrerem para o progresso da Humanidade. Os Espíritos de ordem intermédia são os que mais frequentemente baixam a este planeta, se bem considerem as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados. Os Espíritos vulgares, esses são os que aí mais se comprazem e constituem a massa da população invisível do globo terráqueo. Conservam quase que as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham quando revestidos do invólucro corpóreo. Metem-se em nossas reuniões, negócios, divertimentos, nos quais tomam parte mais ou menos ativa, segundo seus caracteres. Não podendo satisfazer às suas paixões, gozam na companhia dos que a elas se entregam e os excitam a cultivá-las. Entre eles, no entanto, muitos há, sérios, que veem e observam para se instruírem e aperfeiçoarem. **318.** As ideias dos Espíritos se modificam quando na erraticidade? “Muito; sofrem grandes modificações, à proporção que o Espírito se desmaterializa. Pode este, algumas vezes, permanecer longo tempo imbuído das ideias que tinha na Terra; mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas com maior clareza. É então que procura os meios de se tornar melhor.” **319.** Já tendo o

Espírito vivido a vida espírita antes da sua encarnação, como se explica o seu espanto ao reingressar no mundo dos Espíritos? “Isso só se dá no primeiro momento e é efeito da perturbação que se segue ao despertar do Espírito. Mais tarde, ele se vai inteirando da sua condição, à medida que lhe volta a lembrança do passado e que a impressão da vida terrena se lhe apaga.” (N^{os} 163 e seguintes.)” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“Aqueles afirmativas causavam-me viva impressão. Era a primeira vez que se feria tão fundo aos meus ouvidos, na colônia, o assunto referente a encarnações progressas. - Senhora Laura - exclamei, interrompendo-a -, permita, por obséquio, um aparte. Perdoe a curiosidade; no entanto, até agora, ainda não pude conhecer mais detidamente o que se relaciona com o meu passado espiritual. Não estou isento dos laços físicos? Não atravessei o rio da morte? A senhora recordou o passado, logo após sua vinda, ou esperou o concurso do tempo? - Esperei-o - replicou, sorridente -; antes de tudo, é indispensável nos despojarmos das impressões físicas. As escamas da inferioridade são muito fortes. É preciso grande equilíbrio para podermos recordar, edificando. Em geral, todos temos erros clamorosos, nos ciclos da vida eterna. Quem lembra o crime cometido costuma considerar-se o mais desventurado do Universo; e quem recorda o crime de que foi vítima, considera-se em conta de infeliz, do mesmo modo. Portanto, somente a alma muito segura de si recebe tais atributos como realização espontânea. As demais são devidamente controladas no domínio das reminiscências e, se tentam burlar esse dispositivo da lei, não raro tendem ao desequilíbrio e à loucura. - Mas a senhora recordou o passado de maneira natural? - perguntei. - Explico-me - respondeu bondosamente -; quando se me aclarou a visão interior, as lembranças vagas me causavam perturbações de vulto. Coincidiu que meu marido partilhava o mesmo estado d'alma. Resolvemos ambos consultar o assistente Longobardo. Esse amigo, depois de minucioso exame das nossas impressões, nos encaminhou aos magnetizadores do Ministério do Esclarecimento. Recebidos com carinho, tivemos acesso em primeiro lugar à Seção do Arquivo, onde todos nós temos anotações particulares. Aconselharam-nos os técnicos daquele Ministério a ler nossas próprias memórias, durante dois anos, sem prejuízo de nossa tarefa do Auxílio, abrangendo o período de três séculos. O chefe do serviço de Recordações não nos permitiu a leitura de fases anteriores, declarando-nos incapazes de suportar as lembranças correspondentes a outras épocas. - E bastou a leitura para que se sentisse na posse das reminiscências? - atalhei, curioso. - Não. A leitura apenas informa. Depois de longo período de meditação para esclarecimento próprio, e como surpresas indescritíveis, fomos submetidos a

determinadas operações psíquicas, a fim de penetrar os domínios emocionais das recordações. Os espíritos técnicos no assunto nos aplicaram passes no cérebro, despertando certas energias adormecidas... Ricardo e eu ficamos, então, senhores de trezentos anos de memória integral. Compreendemos, então, quão grande é ainda o nosso débito para com as organizações do planeta!...” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 21)

“Finda a pausa ligeira, o instrutor continuou: – Somos devedores uns dos outros!... Laços mil nos jungem os corações. Por enquanto, não há paraíso perfeito para quem volta da Terra, tanto quanto não existe purgatório integral para quem regressa ao humano sordvedouro! O amor é a força divina, alimentando-nos em todos os setores da vida e o nosso melhor patrimônio é o trabalho com que nos compete ajudar-nos mutuamente. [...] Antonina, que parecia mais acordada que a sua companheira, para a contemplação do excelso quadro que nos circundava, perguntou, com enlevo: – Porque não guardamos a viva recordação de nossas existências anteriores? Não seria bendita felicidade o reencontro consciente com aqueles que mais amamos?... - Sim, sim... - confirmava Clarêncio, enquanto nossa deliciosa excursão prosseguia, célere -, mas, na condição espiritual em que ainda nos situamos, não sabemos orientar os nossos desejos para o melhor. Nosso amor ainda é insignificante migalha de luz, sepultada nas trevas do nosso egoísmo, qual ouro que se acolhe no chão, em porções infinitesimais, no corpo gigantesco da escória. Assim como as fibras do cérebro são as últimas a se consolidarem no veículo físico em que encarnamos na Terra, a memória perfeita é o derradeiro altar que instalamos, em definitivo, no templo de nossa alma, que, no Planeta, ainda se encontra em fases iniciais de desenvolvimento. É por isso que nossas recordações são fragmentárias... Todavia, de existência a existência, de ascensão em ascensão, nossa memória gradativamente converte-se em visão imperecível, a serviço de nosso espírito imortal... - Mas se pudéssemos reconhecer no mundo os nossos antigos afetos, se pudéssemos rever os semblantes amigos de outras eras, identificando-os... - aventurou Antonina, reverente. - Retomar o contato com os melhores, seria recuperar igualmente os piores - atalhou Clarêncio, bondoso - e, indiscutivelmente, não possuímos até agora o amor equilibrado e puro, que se consagra aos desígnios superiores, sem paixão. Ainda não sabemos querer sem desprezar, amparar sem desservir. Nossa afetividade, por enquanto, padece deploráveis inclinações. Sem o esquecimento transitório, não saberíamos receber no coração o adversário de ontem para regenerar-nos, regenerando-o. A Lei é sábia. De qualquer modo, porém, não olvidemos que nosso espírito assinala todos os passos da jornada que lhe é própria, arquivando em si mesmo todos os lances da vida, para

formar com eles o mapa do destino, de acordo com os princípios de causa e efeito que nos governam a estrada, mas somente mais tarde, quando o amor e a sabedoria sublimarem a química dos nossos pensamentos, é que conquistaremos a soberana serenidade, capaz de abranger o pretérito em sua feição total... O Ministro fez ligeiro intervalo, sorriu paternalmente para nós e rematou: – A Lei, contudo, é invariavelmente a Lei. Viveremos, em qualquer parte, com os resultados de nossas ações, assim como a árvore, em qualquer trato do solo, produzirá conforme a espécie a que se subordina.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 8)

“Clarêncio, logo após a oração, começou a aplicar-lhe forças magnéticas no campo cerebral. O paciente revelou-se mais intensamente abatido. A cabeça pendeu-lhe sobre o peito, desgovernada e sonolenta. Fitando-nos de modo significativo, o Ministro ponderou: – A corrente de força devidamente dinamizada no passe magnético arrancá-lo-á da sombra anestesiante da amnésia. Poderemos, então, sondar-lhe o íntimo com mais segurança. Assistido por nossos recursos, a memória dele regredirá no tempo, informando-nos quanto à causa que o retém junto da neta, aclarando-nos, ainda, sobre prováveis ligações que nos conduzirão à chave do socorro, a benefício dele mesmo. - Mas o retrocesso das recordações poderá verificar-se de improviso? – indagou Hilário, perplexo. - Sem dúvida - respondeu o instrutor -, a memória pode ser comparada a placa sensível que, ao influxo da luz, guarda para sempre as imagens recolhidas pelo espírito, no curso de seus inumeráveis aprendizados, dentro da vida. Cada existência de nossa alma, em determinada expressão da forma, é uma adição de experiência, conservada em prodigioso arquivo de imagens que, em se superpondo umas às outras, jamais se confundem. Em obras de assistência, qual a que desejamos movimentar, é preciso recorrer aos arquivos mentais, de modo a produzir certos tipos de vibração, não só para atrair a presença de companheiros ligados ao irmão sofredor que nos propomos socorrer, como também para descerrar os escaninhos da mente, nas fibras recônditas em que ela detém as suas aflições e feridas invisíveis. - Quer dizer então que... A frase de Hilário, porém, se lhe apagou nos lábios, porque o Ministro atalhou, completando-lhe a conceituação: – A mente, tanto quanto o corpo físico, pode e deve sofrer intervenções para reequilibrar-se. Mais tarde, a ciência humana evolverá em cirurgia psíquica, tanto quanto hoje vai avançando em técnica operatória, com vistas às necessidades do veículo de matéria carnal. No grande futuro, o médico terrestre desentranhará um labirinto mental, com a mesma facilidade com que atualmente extrai um apêndice condenado.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 13)

“E acrescentou: – Reporto-me ao assunto para lembrar que na radiofonia e na televisão os elétrons que carregam as modulações da palavra e os elementos da imagem se deslocam no espaço com velocidade igual à da luz, ou seja, a trezentos mil quilômetros por segundo. Ora, num só local podem funcionar um posto de emissão e outro de recepção, compreendendo-se que, num segundo, as palavras e as imagens podem ser irradiadas e captadas, simultaneamente, depois de atravessarem imensos domínios do espaço, em fração infinitesimal de tempo. Imaginemos agora o pensamento, força viva e atuante, cuja velocidade supera a da luz. Emitido por nós, volta inevitavelmente a nós mesmos, compelindo-nos a viver, de maneira espontânea, em sua onda de formas criadoras, que naturalmente se nos fixam no espírito quando alimentadas pelo combustível de nosso desejo ou de nossa atenção. Daí, a necessidade imperiosa de nos situarmos nos ideais mais nobres e nos propósitos mais puros da vida, porque energias atraem energias da mesma natureza, e, quando estacionários na viciação ou na sombra, as forças mentais que exteriorizamos retornam ao nosso espírito, reanimadas e intensificadas pelos elementos que com elas se harmonizam, engrossando, dessa forma, as grades da prisão em que nos detemos irrefletidamente, convertendo-se-nos a alma num mundo fechado, em que as vozes e os quadros de nossos próprios pensamentos, acrescidos pelas sugestões daqueles que se ajustam ao nosso modo de ser, nos impõem reiteradas alucinações, anulando-nos, de modo temporário, os sentidos sutis. E, depois de ligeira pausa, concluiu: – Eis por que, efetuada a supressão do corpo somático, no fenômeno vulgar da morte, a criatura desencarnada, movimentando-se num veículo mais plástico e influenciável, pode permanecer longo tempo sob o cativeiro de suas criações menos construtivas, detendo-se em largas faixas de sofrimento e ilusão com aqueles que lhe vivem os mesmos enganos e pesadelos. A explicação não podia ser mais clara.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 4)

“Meu colega, sem disfarçar o espanto que lhe assomara à alma, desde a manifestação do estrangulador da Toscana, falou preocupado: – Sinceramente, por mais me esforce, grande é a minha dificuldade para penetrar os enigmas da cristalização do Espírito em torno de certas situações e sentimentos. Como pode a mente deter-se em determinadas impressões, demorando-se nelas, como se o tempo para ela não caminhasse? Tomemos, por exemplo, o drama de nosso infortunado companheiro, há séculos imobilizado nas ideias de vingança... Estará nessa posição lamentável, por tantos anos, sem ter reencarnado? Áulus ouviu com atenção e ponderou: – É imprescindível compreender que, depois da morte no corpo físico, prosseguimos desenvolvendo os pensamentos que cultivávamos na experiência carnal. E não podemos esquecer que a Lei traça princípios universais

que não podemos trair. Subordinados à evolução, como avançar sem lhe acatarmos a ordem de harmonia e progresso? A ideia fixa pode operar a indefinida estagnação da vida mental no tempo. Simbolizemos o estágio da alma, na Terra, através da reencarnação, como sendo valiosa linha de frente, na batalha pelo aperfeiçoamento individual e coletivo, batalha em que o coração deve armar-se de ideias santificantes para conquistar a sublimação de si mesmo, a mais alta vitória. A mente é o soldado em luta. Ganhando denodadamente o combate em que se empenhou, tão logo seja conduzida às aferições da morte sobe verticalmente para a vanguarda, na direção da Esfera Superior, expressando-se-lhe o triunfo por elevação de nível. Entretanto, se fracassa, e semelhante perda é quase sempre a resultante da incúria ou da rebeldia, volta horizontalmente, nos acertos da morte, para a retaguarda, onde se confunde com os desajustados de toda espécie, para indeterminado período de tratamento. Em qualquer frente de luta terrestre, a retaguarda é a faixa atormentada dos neuróticos, dos loucos, dos mutilados, dos feridos e dos enfermos de toda casta. Ante o interesse com que lhe ouvíamos a exposição, Áulus prosseguiu, depois de ligeira pausa: – Decerto, as legiões vitoriosas não se esquecem dos que permaneceram no desequilíbrio e daí vemos as missões de amor e renúncia, funcionando diligentes onde estacionam a desarmonia e a dor. – E o problema da imobilização da alma? – tornou meu colega, ávido de saber. O interpelado sorriu e considerou: – Em nossa imagem, podemos defini-la com a propriedade possível. É que o tempo, para nós, é sempre aquilo que dele fizemos. Para melhor compreensão do assunto, lembremo-nos de que as horas são invariáveis no relógio, mas não são sempre as mesmas em nossa mente. Quando felizes, não tomamos conhecimento dos minutos. Satisfazendo aos nossos ideais ou interesses mais íntimos, os dias voam céleres, ao passo que, em companhia do sofrimento e da apreensão, temos a ideia de que o tempo está inexoravelmente parado. E quando não nos esforçamos por superar a câmara lenta da angústia, a ideia aflitiva ou obcecante nos corrói a vida mental, levando-nos à fixação. Chegados a essa fase, o tempo como que se cristaliza dentro de nós, porque passamos a gravitar, em Espírito, em torno do ponto nevrálgico de nosso desajuste. Qualquer grande perturbação interior, chame-se paixão ou desânimo, crueldade ou vingança, ciúme ou desespero, pode imobilizar-nos por tempo indefinível em suas malhas de sombra, quando nos rebelamos contra o imperativo de marcha incessante com o Sumo Bem. Analisemos ainda o nosso símbolo do combate. O relógio inflexível assinala o mesmo horário para todos, entretanto, o tempo é leve para os que triunfaram e pesado para os que perderam. Com os vencedores, os dias são felicidade e louvor e com os vencidos são amargura e lágrimas. Quando nós não desvencilhamos

dos pensamentos de flagelação e derrota, através do trabalho constante pela nossa renovação e progresso, transformamo-nos em fantasmas de aflição e desalento, mutilados em nossas melhores esperanças ou encafunados em nossas chagas íntimas. E quando a morte nos surpreende nessas condições, acentuando-se-nos então a experiência subjetiva, se a alma não se dispõe ao esforço heroico da suprema renúncia, com facilidade emaranha-se nos problemas da fixação, atravessando anos e anos, e por vezes séculos na repetição de reminiscências desagradáveis, das quais se nutre e vive. Não se interessando por outro assunto a não ser o da própria dor, da própria ociosidade ou do próprio ódio, a criatura desencarnada, ensimesmando-se, é semelhante ao animal no sono letárgico da hibernação. Isola-se do mundo externo, vibrando tão-somente ao redor do desequilíbrio oculto em que se compraz. Nada mais ouve, nada mais vê e nada mais sente, além da esfera desvairada de si mesma. [...] - Sim, a mente estacionária na deserção da Lei, durante o repouso habitual em que se imobiliza, além do tumulto, sofre angustiosos pesadelos, despertando quase sempre em plena alienação, que pode persistir por muito tempo, cultivando apaixonadamente as impressões em que julga encontrar a própria felicidade.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 25)

“- Instrutor, se deixei meu corpo na Terra, sem lembrar-me disso, não é o caso de ter voltado ao ambiente natural do Espírito, com a obrigação de retomar a memória do tempo em que vivia, na condição de Espírito livre, antes de envergar, entre os homens, o corpo de que me desfiz? por que motivo isso não aconteceu? – A existência no carro físico, além de ser um estágio para aprendizagem ou cura, resgate ou tarefa específica, é igualmente um longo mergulho no condicionamento magnético, em que agimos, no mundo, induzidos ao que nos cabe fazer. O livre arbítrio, na esfera da consciência, permanece vivo e intocado, porquanto, em quaisquer posições, a criatura encarnada é independente para escolher os próprios rumos; no entanto, as demais potências da alma, no período da encarnação, jazem orientadas na direção desse ou daquele trabalho, segundo os propósitos que tenha assumido ou que tenha sido constrangida a assumir. Isso determina o obscurecimento das memórias pregressas que, aliás, não é senão um fenômeno temporário, mais ou menos curto ou longo, conforme o grau de evolução que tenhamos atingido. - Teríamos sofrido, enquanto no plano físico, uma dilatada hipnose? – Até certo ponto, sim. A passagem pelo claustro materno, o novo nome escolhido pelos familiares, os sete anos de semi-inconsciência no ambiente fluídico dos pais, a recapitulação

da meninice, o retorno à juventude e os problemas da maturidade, com as responsabilidades e compromissos consequentes, estruturam em nós - a individualidade eterna - uma personalidade nova que incorporamos ao nosso patrimônio de experiências. É compreensível que no espaço de tempo que se nos sucede imediatamente à desencarnação a memória profunda esteja ainda hermeticamente trancada nos porões do ser. Isso, porém, é francamente transitório. Gradativamente, reaveremos o domínio de nossas reminiscências...” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 11)

“ALMA E DESENCARNAÇÃO. [...] Revisão das experiências. De liberação a liberação, na ocorrência da morte, a criatura começa a familiarizar-se com a esfera extrafísica. Assim como recapitula, nos primeiros dias da existência intrauterina, no processo reencarnatório, todos os lances de sua evolução filogenética, a consciência examina em retrospecto de minutos ou de longas horas, ao integrar-se definitivamente em seu corpo sutil, pela histogênese espiritual, durante o coma ou a cadaverização do veículo físico, todos os acontecimentos da própria vida, nos prodígios de memória, a que se referem os desencarnados quando descrevem para os homens a grande passagem para o sepulcro. É que a mente, no limiar da recomposição de seu próprio veículo, seja no renascimento biológico ou na desencarnação, revisa automaticamente e de modo rápido todas as experiências por ela própria vividas, imprimindo magneticamente às células, que se desdobrarão em unidades físicas e psicossomáticas, no corpo físico e no corpo espiritual, as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam. Acresce lembrar, ainda, como nota confirmativa de nossas asserções, que, esporadicamente, encarnados saídos ilesos de grandes perigos como acidentes e suicídios frustrados, relatam semelhante fenômeno de revisão das próprias experiências, também chamado visão panorâmica e síntese mental.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 12)

II.11. Escolha das provas e expiações pelo espírito antes da reencarnação⁵

“ESCOLHA DAS PROVAS. 258. Quando na erradicidade, antes de começar nova existência corporal, tem o Espírito consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena? “Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.” **a)** - Não é Deus, então, quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo? “Nada ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus

⁵ Vide Capítulo III (“Tipos de reencarnações, planejamento e auxílio espiritual”), Quarta Parte (“Reencarnação”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Ide agora perguntar por que decretou ele esta lei e não aquela. Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das consequências que estes tiverem. Nada lhe estorva o futuro; abertos se lhe acham, assim, o caminho do bem, como o do mal. Se vier a sucumbir, restar-lhe-á a consolação de que nem tudo se lhe acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomeçar o que foi malfeito. Demais, cumpre se distinga o que é obra da vontade de Deus do que o é da do homem. Se um perigo vos ameça, não fostes vós quem o criou e sim Deus. Vosso, porém, foi o desejo de a ele vos expor, por haver visto nisso um meio de progredirdes, e Deus o permitiu.” **259.** Do fato de pertencer ao Espírito a escolha do gênero de provas que deva sofrer, seguir-se-á que todas as tribulações que experimentamos na vida nós as previmos e buscamos? “Todas, não, porque não escolhestes e previstes tudo o que vos sucede no mundo, até às mínimas coisas. Escolhestes apenas o gênero das provas. As particularidades correm por conta da posição em que vos achais; são, muitas vezes, consequências das vossas próprias ações. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe o Espírito que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; sabe, portanto, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão, mas ignora se verificará este ou aquele êxito. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. Se tomares uma estrada cheia de sulcos profundos, sabes que terás de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de caíres; ignoras, contudo, em que ponto cairás e bem pode suceder que não caias, se fores bastante prudente. Se, ao percorreres uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, segundo vulgarmente se diz.” **260.** Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida? “Forçoso é que seja posto num meio onde possa sofrer a prova que pediu. Pois bem! É necessário que haja analogia. Para lutar contra o instinto do roubo, preciso é que se ache em contato com gente dada à prática de roubar.” **a)** - Assim, se não houvesse na Terra gente de maus costumes, o Espírito não encontraria aí meio apropriado ao sofrimento de certas provas? “E seria isso de lastimar-se? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não penetra. Eis por que, nesses mundos, só há Espíritos bons. Fazei que em breve o mesmo se dê na Terra.” **261.** Nas provas por que lhe cumpre passar para atingir a perfeição, tem o Espírito que sofrer tentações de todas as

naturezas? Tem que se achar em todas as circunstâncias que possam excitar-lhe o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade, etc.? “Certo que não, pois bem sabeis haver Espíritos que desde o começo tomam um caminho que os exime de muitas provas. Aquele, porém, que se deixa arrastar para o mau caminho, corre todos os perigos que o inçam. Pode um Espírito, por exemplo, pedir a riqueza e ser-lhe esta concedida. Então, conforme o seu caráter, poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda lançar-se a todos os gozos da sensualidade. Daí não se segue, entretanto, que haja de forçosamente passar por todas estas tendências.” **262.** Como pode o Espírito, que, em sua origem, é simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha? “Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos. A isso é que se pode chamar a queda do homem.” **a)** - Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus? “Deus sabe esperar, não apressa a expiação. Todavia, pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação.” **263.** O Espírito faz a sua escolha logo depois da morte? “Não, muitos acreditam na eternidade das penas, o que, como já se vos disse, é um castigo.” **264.** Que é o que dirige o Espírito na escolha das provas que queira sofrer? “Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que uma e outros desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício.” **265.** Havendo Espíritos que, por provação, escolhem o contato do vício, outros não haverá que o busquem por simpatia e pelo desejo de viverem num meio conforme aos seus gostos, ou para poderem entregar-se materialmente a seus pendores materiais? “Há, sem dúvida, mas tão somente entre aqueles cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido. A prova

vem por si mesma e eles a sofrem mais demoradamente. Cedo ou tarde, compreendem que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis consequências, que eles sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. E Deus os deixará nessa persuasão, até que se tornem conscientes da falta em que incorreram e peçam, por impulso próprio, lhes seja concedido resgatá-la, mediante úteis provações.” **266.** Não parece natural que se escolham as provas menos dolorosas? “Pode parecer-vos a vós; ao Espírito, não. Logo que este se desliga da matéria, cessa toda ilusão e outra passa a ser a sua maneira de pensar.” Sob a influência das ideias carnisais, o homem, na Terra, só vê das provas o lado penoso. Tal a razão de lhe parecer natural sejam escolhidas as que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais. Na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos. Assim, pois, o Espírito pode escolher prova muito rude e, conseguintemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de pronto. Aquele que intenta ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não procura trilhar estrada florida. Conhece os perigos a que se arrisca, mas também sabe que o espera a glória, se lograr bom êxito. A doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devamos sofrer deixa de parecer singular, desde que se atenda a que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-los. Divisam a meta, que bem diferente é para eles dos gozos fugitivos do mundo. Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais presto. Não há, pois, motivo de espanto no fato de o Espírito não preferir a existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele o percebe e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar. Não vemos, aliás, todos os dias, exemplos de escolhas tais? Que faz o homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua, nem descanso, para reunir haveres que lhe assegurem o bem-estar, senão desempenhar uma tarefa que a si mesmo se impôs, tendo em vista melhor futuro? O militar que se oferece para uma perigosa missão, o navegante que afronta não menores perigos, por amor da Ciência ou no seu próprio interesse, que fazem, também eles, senão sujeitar-se a provas voluntárias, de que lhes

advirão honras e proveito, se não sucumbirem? A que se não submete ou expõe o homem pelo seu interesse ou pela sua glória? E os concursos não são também todos provas voluntárias a que os concorrentes se sujeitam, com o fito de avançarem na carreira que escolheram? Ninguém galga qualquer posição nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela série das posições inferiores, que são outras tantas provas. A vida humana é, pois, cópia da vida espiritual; nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra. Ora, se na vida terrena muitas vezes escolhermos duras provas, visando posição mais elevada, por que não haveria o Espírito, que enxerga mais longe que o corpo e para quem a vida corporal é apenas incidente de curta duração, de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que o conduza à felicidade eterna? Os que dizem que pedirão para ser príncipes ou milionários, uma vez que ao homem é que caiba escolher a sua existência, se assemelham aos míopes, que apenas veem aquilo em que tocam, ou a meninos gulosos, que, a quem os interroga sobre isso, respondem que desejam ser pasteleiros ou doceiros. O viajante que atravessa profundo vale ensombrado por espesso nevoeiro não logra apanhar com a vista a extensão da estrada por onde vai, nem os seus pontos extremos. Chegando, porém, ao cume da montanha, abrange com o olhar quanto percorreu do caminho e quanto lhe resta dele a percorrer. Divisa-lhe o termo, vê os obstáculos que ainda terá de transpor e combina então os meios mais seguros de atingi-lo. O Espírito encarnado é qual viajante no sopé da montanha. Desseleado dos liames terrenos, sua visão tudo domina, como a daquele que subiu à crista da serra. Para o viajor, no termo da sua jornada está o repouso após a fadiga; para o Espírito, está a felicidade suprema, após as tribulações e as provas. Dizem todos os Espíritos que, na erraticidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, a fim de fazerem a sua escolha. Na vida corporal não se nos oferece um exemplo deste fato? Não levamos, frequentemente, anos a procurar a carreira pela qual afinal nos decidimos, certos de ser a mais apropriada a nos facilitar o caminho da vida? Se numa o nosso intento se malogra, recorremos à outra. Cada uma das que abraçamos representa uma fase, um período da vida. Não nos ocupamos cada dia em cogitar do que faremos no dia seguinte? Ora, que são, para o Espírito, as diversas existências corporais, senão fases, períodos, dias da sua vida espírita, que é, como sabemos, a vida normal, visto que a outra é transitória, passageira? **267.** Pode o Espírito proceder à escolha de suas provas, enquanto encarnado? “O desejo que então alimenta pode influir na escolha que venha a fazer, dependendo isso da intenção que o anime. Dá-se, porém, que, como Espírito livre, quase sempre vê as coisas de modo diferente. O Espírito por si só é quem faz

a escolha; entretanto, ainda uma vez o dizemos, possível lhe é fazê-la, mesmo na vida material, por isso que há sempre momentos em que o Espírito se torna independente da matéria que lhe serve de habitação.” **a)** - Não é decerto como expiação, ou como prova, que muita gente deseja as grandezas e as riquezas. Será? “Indubitavelmente, não. A matéria deseja essa grandeza para gozá-la e o Espírito para conhecer-lhe as vicissitudes.” **268.** Até que chegue ao estado de pureza perfeita, tem o Espírito que passar constantemente por provas? “Sim, mas que não são como o entendeis, pois que só considerais provas as tribulações materiais. Ora, havendo-se elevado a um certo grau, o Espírito, embora não seja ainda perfeito, já não tem que sofrer provas. Continua, porém, sujeito a deveres nada penosos, cuja satisfação lhe auxilia o aperfeiçoamento, mesmo que consistam apenas em auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.” **269.** Pode o Espírito enganar-se quanto à eficiência da prova que escolheu? “Pode escolher uma que esteja acima de suas forças e sucumbir. Pode também escolher alguma que nada lhe aproveite, como sucederá se buscar vida ociosa e inútil. Mas, então, voltando ao mundo dos Espíritos, verifica que nada ganhou e pede outra que lhe faculte recuperar o tempo perdido.” **270.** A que se deve atribuir as vocações de certas pessoas e a vontade que sentem de seguir uma carreira de preferência a outra? “Parece-me que vós mesmos podeis responder a esta pergunta. Pois não é isso a consequência de tudo o que acabamos de dizer sobre a escolha das provas e sobre o progresso efetuado em existência anterior?” **271.** Estudando, na erraticidade, as diversas condições em que poderá progredir, como pensa o Espírito conseguiu-lo, nascendo, por exemplo, entre canibais? “Entre canibais não nascem Espíritos já adiantados, mas Espíritos da natureza dos canibais, ou ainda inferiores aos destes.” Sabemos que os nossos antropófagos não se acham no último degrau da escala espiritual e que mundos há onde a bruteza e a ferocidade não têm analogia na Terra. Os Espíritos que aí encarnam são, portanto, inferiores aos mais ínfimos que no nosso mundo encarnam. Para eles, pois, nascer entre os nossos selvagens representa um progresso, como progresso seria, para os antropófagos terrenos, exercerem entre nós uma profissão que os obrigasse a fazer correr sangue. Não podem pôr mais alto suas vistas, porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender maior progresso. O Espírito só gradativamente avança. Não lhe é dado transpor de um salto a distância que da civilização separa a barbárie e é esta uma das razões que nos mostram ser necessária a reencarnação, que verdadeiramente corresponde à justiça de Deus. De outro modo, que seria desses milhões de criaturas que todos os dias morrem na maior degradação, se não tivessem meios de alcançar a superioridade? Por que os privaria

Deus dos favores concedidos aos outros homens? **272.** Poderá dar-se que Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, por exemplo, nasçam no seio de povos civilizados? “Pode. Alguns há que se extraviam, por quererem subir muito alto. Mas, nesse caso, ficam deslocados no meio em que nasceram, por estarem seus costumes e instintos em conflito com os dos outros homens.” Tais seres nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade dentro da civilização. Voltando para o meio dos canibais, não sofrem uma degradação; apenas voltam ao lugar que lhes é próprio e com isso talvez até ganhem. **273.** Será possível que um homem de raça civilizada reencarne, por expiação, numa raça de selvagens? “É; mas depende do gênero da expiação. Um senhor, que tenha sido de grande crueldade para os seus escravos, poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus-tratos que infligiu a seus semelhantes. Um, que em certa época exerceu o mando, pode, em nova existência, ter que obedecer aos que se curvaram ante a sua vontade. Ser-lhe-á isso uma expiação, que Deus lhe imponha, se ele abusou do seu poder. Também um bom Espírito pode querer encarnar no seio daquelas raças, ocupando posição influente, para fazê-las progredir. Em tal caso, desempenha uma missão.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“ALMA E REENCARNAÇÃO. [...] “Sementes de destino”. Nesses lugares de retificadoras inquietações, alija o Espírito endividado a carga de superfície, exonerando-se dos elementos de mais envolvente degradação que o aviltam; contudo, tão logo revele os primeiros sinais de positiva renovação para o bem, registra o auxílio das Esferas Superiores, que, por agentes inúmeros, apoiam os serviços da Luz Divina onde a ignorância e a crueldade se transviam na sombra. Qual doente, agora acolhido em outros setores pela encorajadora convalescença de que dá testemunho, o devedor desfruta suficiente serenidade para rever os compromissos assumidos na encarnação recentemente deixada, sopesando os males e sofrimentos de que se fez responsável, acusando ainda a si próprio, com a incapacidade evidente de perdoar-se, tanto maior quão maiores lhe foram no mundo as oportunidades de elevação e a luz do conhecimento. Muita vez, ascendem a escolas beneméritas, nas quais recolhem mais altas noções da vida, aprimoram-se na instrução, aperfeiçoam impulsos e exercem preciosas atividades, melhorando os próprios créditos; todavia, as lembranças dos erros voluntários, ainda mesmo quando as suas vítimas tenham já superado todas as sequelas dos golpes sofridos, entranham-se-lhes no espírito por “sementes de destino”, de vez que eles mesmos, em se reconhecendo necessitados de promoção a níveis mais nobres, pedem novas reencarnações com as provas de que

carecem para se quitarem consciencialmente consigo próprios. Nesses casos, a escolha da experiência é mais que legítima, porquanto, através da limpeza de limiar, efetuada nas regiões retificadoras, e pelos títulos adquiridos nos trabalhos que abraça, no plano extrafísico, merece a criatura os cuidados preparatórios da nova tarefa em vista, a fim de que haja a conjugação de todos os fatores para que reencontre os credores ou as circunstâncias imprescindíveis, junto aos quais se redima perante a Lei. **Reencarnações especiais.** Entretanto, reencarnações se processam, muita vez, sem qualquer consulta aos que necessitam segregação em certas lutas no plano físico, providências essas comparáveis às que assumimos no mundo com enfermos e criminosos que, pela própria condição ou conduta, perderam temporariamente a faculdade de resolver quanto à sorte que lhes convém no espaço de tempo em que se lhes perdura a enfermidade ou em que se mantenham sob as determinações da justiça. São os problemas especiais, em que a individualidade renasce de cérebro parcialmente inibido ou padecendo mutilações congênitas, ao lado daqueles que lhe devem abnegação e carinho. Incapazes de eleger o caminho de reajuste, pelo estado de loucura ou de sofrimento que evidenciam, semelhantes enfermos são decididamente internados na cela física como doentes isolados sob assistência precisa. Vemo-los, assim, repontando de lares faustosos ou paupérrimos, contrariando, por vezes, até certo ponto, os estatutos que regem a hereditariedade, por representarem dolorosas exceções no caminho normal. **Reencarnação e evolução.** Urge reparar, entretanto, em que a reencarnação não é mero princípio regenerativo. A evolução natural nela encontra firme apoio. Criaturas que avultam na bondade, em muitas ocasiões requerem conhecimento nobilitante e muitas que se agigantaram na inteligência permanecem à mungua de virtude. Outras inumeráveis, embora detendo preciosos valores, nos domínios do coração e do cérebro, após longo estágio no plano extrafísico, sentem fome de progresso renovador por inabilitadas, ainda, a ascensões maiores e renunciam à tranquilidade a que se integram nos grupos afins, porque, no cadinho efervescente da carne, analisam, de novo, as próprias imperfeições, testando-lhes a amplitude nas rudes experiências da vida humana, obtendo mais avançado ensejo de corrigenda e transformação. Isso não significa que a consciência desencarnada deixe de encontrar possibilidades de expansão nas cidades espirituais que gravitam em torno da Terra. Outras modalidades de estudo e trabalho aí lhe asseguram novos fatores de evolução; contudo, escassa percentagem de criaturas humanas, além da morte, adquirem acesso definitivo aos planos superiores. A esmagadora maioria jaz ainda ligada às ideologias e raças, pátrias e realizações, famílias e lares do mundo. É por isso que artistas

eméritos, ao notarem o curso diferente das escolas que deixaram no Planeta, sentem-se irresistivelmente atraídos para a reencarnação, a fim de preservar-lhes ou enriquecer-lhes os patrimônios. Cientistas eminentes, interessados na continuidade dos empreendimentos redentores que largaram em mãos alheias, voltam ao trabalho e à experimentação entre os homens, e, no mesmo espírito missionário, religiosos e filósofos, professores e condutores, homens e mulheres que se distinguem por nobres aspirações retornam, voluntariamente, à esfera física, em sagradas ações de auxílio que lhes valem honrosos degraus de sublimação na escalada para a Divina Luz. Entendamos, assim, que tanto a regeneração quanto a evolução não se verificam sem preço. O progresso pode ser comparado à montanha que nos cabe transpor, sofrendo-se naturalmente os problemas e as fadigas da marcha, enquanto que a recuperação ou a expiação podem ser consideradas como essa mesma subida, devidamente recapitulada, através de embaraços e armadilhas, miragens e espinheiros que nós mesmos criamos. Se soubermos, porém, suar no trabalho honesto, não precisaremos suar e chorar no resgate justo. E não se diga que todos os infortúnios da marcha de hoje estejam debitados a compromissos de ontem, porque, com a prudência e a imprudência, com a preguiça e o trabalho, com o bem e o mal, melhoramos ou agravamos a nossa situação, reconhecendo-se que todo dia, no exercício de nossa vontade, formamos novas causas, refazendo o destino.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 19)

III Paraíso, inferno e purgatório

“PARAÍSO, INFERNO E PURGATÓRIO. 1012. Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seus merecimentos? “Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam.” - De acordo, então, com o que vindes de dizer, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina? “São simples alegorias: por toda parte há Espíritos ditosos e inditosos. Entretanto, conforme também já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; mas podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos.”

A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência a *materializar e circunscrever* as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender. **1013.** Que se deve entender por purgatório? “Dores físicas e morais: o tempo da expiação. Quase sempre, na Terra é que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos obriga a expiar as vossas faltas.” O que o homem chama *purgatório* é igualmente uma alegoria, devendo-se entender como tal, não um lugar determinado, porém o estado dos Espíritos imperfeitos, que se acham em expiação até alcançarem a purificação completa, que os elevará à categoria dos Espíritos bem-aventurados. Operando-se essa purificação por meio das diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal. **1014.** Como se explica que Espíritos, cuja superioridade se revela na linguagem de que usam, tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, de conformidade com as ideias correntes? “É que falam uma linguagem que possa ser compreendida pelas pessoas que os interrogam. Quando estas se mostram imbuídas de certas ideias, eles evitam chocá-las muito bruscamente, a fim de lhes não ferir as convicções. Se um Espírito dissesse a um muçulmano, sem precauções oratórias, que Maomet não foi profeta, seria muito mal acolhido.” - Concebe-se que assim procedam os Espíritos que nos querem instruir. Como, porém, se explica que, interrogados acerca da situação em que se achavam, alguns Espíritos tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório? “Quando são inferiores e ainda não completamente desmaterializados, os Espíritos conservam uma parte de suas ideias terrenas e, para dar suas impressões, se servem dos termos que lhes são familiares. Acham-se num meio que só imperfeitamente lhes permite sondar o futuro. Essa a causa de alguns Espíritos errantes, ou recém-desencarnados, falarem como o fariam se estivessem encarnados. *Inferno* se pode traduzir por uma vida de provações, extremamente dolorosa, com a *incerteza* de haver outra melhor; *purgatório*, por uma vida também de provações, mas com a consciência de melhor futuro. Quando experimentas uma grande dor, não costumavas dizer que sofres como um danado? Tudo isso são apenas palavras e sempre ditas em sentido figurado.” **1015.** Que se deve entender por - uma alma a penar? “Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro e à qual podeis proporcionar o alívio, que muitas vezes solicita, vindo comunicar-se convosco.” **1016.** Em que sentido se deve entender a palavra céu? “Julgas que seja um lugar, como os campos Elíseos dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão promiscuamente aglomerados, sem outra preocupação que a de gozar, pela eternidade toda, de uma felicidade passiva? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e

todos os mundos superiores, onde os Espíritos gozam plenamente de suas faculdades, sem as tribulações da vida material, nem as angústias peculiares à inferioridade.” **1017.** Alguns Espíritos disseram estar habitando o quarto, o quinto céus, etc. Que queriam dizer com isso? “Perguntando-lhes que céu habitam, é que formais ideia de muitos céus dispostos como os andares de uma casa. Eles, então, respondem de acordo com a vossa linguagem. Mas, por estas palavras - quarto e quinto céus - exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se for desgraçado, dirá - sim, porque, para ele, *inferno* é sinônimo de sofrimento. Sabe, porém, muito bem que não é uma fornalha. Um pagão diria estar no *Tártaro*.” O mesmo ocorre com outras expressões análogas, tais como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda, ou terceira esfera, etc., que apenas são alegorias usadas por alguns Espíritos, quer como figuras, quer, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas, e até das mais simples noções científicas. De acordo com a ideia restrita que se fazia outrora dos lugares das penas e das recompensas e, sobretudo, de acordo com a opinião de que a Terra era o centro do Universo, de que o firmamento formava uma abóbada e que havia uma região das estrelas, *o céu era situado no alto e o inferno embaixo*. Daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado nos infernos. Hoje, que a Ciência demonstrou ser a Terra apenas, entre tantos milhões de outros, um dos menores mundos, sem importância especial; que traçou a história da sua formação e lhe descreveu a constituição; que provou ser infinito o espaço, não haver alto nem baixo no Universo, teve-se que renunciar a situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares inferiores. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe fora designado. Estava reservado ao Espiritismo dar de tudo isso a explicação mais racional, mais grandiosa e, ao mesmo tempo, mais consoladora para a Humanidade. Pode-se assim dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso. O purgatório, achamo-lo na encarnação, nas vidas corporais ou físicas. **1018.** Em que sentido se devem entender estas palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo? “Respondendo assim, o Cristo falava em sentido figurado. Queria dizer que o seu reinado se exerce unicamente sobre os corações puros e desinteressados. Ele está onde quer que domine o amor do bem. Ávidos, porém, das coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra, os homens com ele não estão.” **1019.** Poderá jamais implantar-se na Terra o reinado do bem? “O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do

progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo. “Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhais do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões *penosas*, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão pelo de seus irmãos ainda mais atrasados. Neste banimento de Espíritos da Terra transformada, não percebeis a sublime alegoria do *Paraíso perdido* e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o gérmen de suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, não descobris a não menos sublime alegoria do *pecado original*? Considerado deste ponto de vista, o pecado original se prende à natureza ainda imperfeita do homem que, assim, só é responsável por si mesmo, pelas suas próprias faltas e não pelas de seus pais. “Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! Preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias.” SÃO LUÍS.” (AK, *O livro dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo II)

III.1. Paraíso

“O CÉU. 1. Em geral, a palavra céu designa o espaço indefinido que circunda a Terra, e mais particularmente a parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim *coelum*, formada do grego *coilos*, côncavo, porque o céu parece uma imensa concavidade. Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas e tendo a Terra por centro. Girando essas esferas em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito. Essa ideia, provinda da deficiência de conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que fizeram dos céus, assim escalados, os diversos degraus da bem-aventurança: o último deles era abrigo da suprema felicidade.

Segundo a opinião mais comum, havia sete céus e daí a expressão - *estar no sétimo céu* - para exprimir perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Ptolomeu contava onze e denominava ao último Empíreo por causa da luz brilhante que nele reina. É este ainda hoje o nome poético dado ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço em que giram os astros, e o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a habitação dos que o contemplam face a face. É conforme a esta crença que se diz que S. Paulo foi alçado ao terceiro céu. 2. As diferentes doutrinas relativamente ao paraíso repousam todas no duplo erro de considerar a Terra centro do Universo, e limitada a região dos astros. É além desse limite imaginário que todas têm colocado a residência afortunada e a morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia que coloca o Autor de todas as coisas, Aquele que as governa a todas, nos confins da criação, em vez de no centro, donde o seu pensamento poderia, irradiante, abranger tudo! 3. A Ciência, com a lógica inexorável da observação e dos fatos, levou o seu archote às profundezas do Espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias. Terra não é mais o eixo do Universo, porém um dos menores astros que rolam na imensidade; o próprio Sol mais não é do que o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são outros tantos e inumeráveis sóis, em torno dos quais circulam mundos sem conta, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora se nos afigure tocarem-se. Neste conjunto grandioso, regido por leis eternas - reveladoras da sabedoria e onipotência do Criador -, a Terra não é mais que um ponto imperceptível e um dos planetas menos favorecidos quanto à habitabilidade. E, assim sendo, é lícito perguntar por que Deus faria da Terra a única sede da vida e nela degredaria as suas criaturas prediletas? Mas, ao contrário, tudo anuncia a vida por toda parte e a Humanidade é infinita como o Universo. Revelando-nos a Ciência mundos semelhantes ao nosso, Deus não podia tê-los criado sem intuito, antes deve tê-los povoado de seres capazes de os governar. 4. As ideias do homem estão na razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deveria imprimir-lhes outro curso; sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram; o Céu foi deslocado e a região estelar, sendo ilimitada, não mais lhe pode servir. Onde está ele, pois? E ante esta questão emudecem todas as religiões. O Espiritismo vem resolvê-las demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos divinos, chega-se a uma conclusão; isto quer dizer que partindo do conhecido atinge-se o desconhecido por uma dedução

lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo faculta. **5.** O homem compõe-se de corpo e Espírito: o Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para preenchimento da sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, destrói-se e o Espírito sobrevive à sua destruição. Privado do Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola real de função; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, onde paira, para depois reencarnar. Existem, portanto, dois mundos: o *corporal*, composto de Espíritos encarnados; e o *espiritual*, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, devido mesmo à materialidade do seu envoltório, estão ligados à Terra ou a qualquer globo; o mundo espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós como no Espaço, sem limite algum designado. Em razão mesmo da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se locomoverem penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo não é mais que a ruptura dos laços que os retinham cativos. **6.** Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, conseqüentemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender. *A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto.* Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão. *Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da Terra, no meio dos encarnados, ou no Espaço.* Uma comparação vulgar fará compreender melhor esta situação. Se dois homens se encontrarem em um concerto, um, bom músico, de ouvido educado, e outro, desconhecedor da música, de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimentará sensação de felicidade, enquanto o segundo permanecerá insensível, porque um compreende e percebe o que nenhuma impressão produz no outro. Assim sucede quanto a todos os gozos dos Espíritos, que estão na razão da sua sensibilidade. *O mundo espiritual tem esplendores por toda parte,*

harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, submetidos à influência da matéria, não entreveem sequer, e que somente são acessíveis aos Espíritos purificados. **7.** O progresso nos Espíritos é o fruto do próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham no seu adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo sua vontade, acelerando ou retardando o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, entorpecem-se outros, quais poltrões, nas fileiras inferiores. São eles, pois, os próprios autores da sua situação, feliz ou desgraçada, conforme esta frase do Cristo: – *A cada um segundo as suas obras.* Todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior apreço à felicidade conquistada. A suprema felicidade só é compartilhada pelos Espíritos perfeitos, ou, por outra, pelos puros Espíritos, que não a conseguem senão depois de haverem progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis por que se veem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa. **8.** A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. *A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades.* A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com os seus semelhantes. *Para o homem que vivesse insulado não haveria vícios nem virtudes; preservando-se do mal pelo insulamento, o bem de si mesmo se anularia.* **9.** Uma só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação nivelar-se moral e intelectualmente ao mais adiantado europeu? É materialmente impossível. Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbaria, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? O simples bom-senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e bondade divinas, mas das próprias leis evolutivas e progressivas da Natureza. Mas Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas encarnações quantas as necessárias para atingir seu objetivo – a perfeição. Para cada nova

existência de permeio à matéria, entra o Espírito com o cabedal adquirido nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso. A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos, deixando de ser necessária desde que estes, transpondo-lhe os limites, ficam aptos para progredir no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores, que nada têm da materialidade terrestre. Da parte destes a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta e tendente ao cumprimento da missão que lhes compete junto dos mesmos. Desse modo aceitam abnegadamente as vicissitudes e sofrimentos da encarnação. **10.** No intervalo das existências corporais o Espírito torna a entrar no mundo espiritual, onde é feliz ou desgraçado segundo o bem ou o mal que fez. Uma vez que o estado espiritual é o estado definitivo do Espírito e o corpo espiritual não morre, deve ser esse também o seu estado normal. O estado corporal é transitório e passageiro. É no estado espiritual, sobretudo, que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo trabalho da encarnação; é também nesse estado que se prepara para novas lutas e toma as resoluções que há de pôr em prática na sua volta à Humanidade. O Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra, e modificando as suas ideias. O estado corporal e o espiritual constituem a fonte de dois gêneros de progresso, pelos quais o Espírito tem de passar alternadamente, nas existências peculiares a cada um dos dois mundos. **11.** A reencarnação pode dar-se na Terra ou em outros mundos. Há entre os mundos alguns mais adiantados onde a existência se exerce em condições menos penosas que na Terra, física e moralmente, mas onde também só são admitidos Espíritos chegados a um grau de perfeição relativo ao estado desses mundos. A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, visto nos acharmos isentos, aí, dos males e vicissitudes terrenos. Onde os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não mais são sujeitos às moléstias, às enfermidades, e tampouco têm as mesmas necessidades. Excluídos os Espíritos maus, gozam os homens de plena paz, sem outra preocupação além da do adiantamento pelo trabalho intelectual. Reina lá a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho, e a verdadeira liberdade por não haver desordens a reprimir, nem ambiciosos que procurem oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos, quais pousos ao longo do caminho do progresso conducente ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à purificação dos Espíritos imperfeitos, está nisso a razão do mal que aí predomina, até que praza a Deus fazer dela morada de

Espíritos mais adiantados. Assim é que o Espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade; porém, antes de ter atingido a culminância da perfeição, goza de uma felicidade relativa ao seu progresso. A criança também frui os prazeres da infância, mais tarde os da mocidade, e finalmente os mais sólidos, da maturidade. **12.** A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria, como temos dito muitas vezes, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual em todos os seus graus é, ao contrário, uma constante atividade, mas atividade isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da Criação, que nenhuma linguagem humana jamais poderia descrever, que a imaginação mais fecunda não poderia conceber. Consiste também na penetração de todas as coisas, na ausência de sofrimentos físicos e morais, numa satisfação íntima, numa serenidade d'alma imperturbável, no amor que envolve todos os seres, por causa da ausência de atrito pelo contato dos maus, e, acima de tudo, na contemplação de Deus e na compreensão dos seus mistérios revelados aos mais dignos. A felicidade também existe nas tarefas cujo encargo nos faz felizes. Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus pela transmissão e execução das suas vontades. Preenchem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, tarefa gloriosa a que se não chega senão pela perfeição. Os da ordem mais elevada são os únicos a possuírem os segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento, de que são diretos representantes. **13.** As atribuições dos Espíritos são proporcionadas ao seu progresso, às luzes que possuem, às suas capacidades, experiência e grau de confiança inspirada ao Senhor soberano. Nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito; tudo é medido e pesado na balança da estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de cumpri-las e incapazes de desfalecimento ou comprometimento. Enquanto que os mais dignos compõem o supremo conselho, sob as vistas de Deus, a chefes superiores é cometida a direção de turbilhões planetários, e a outros é conferida a de mundos especiais. Vêm, depois, pela ordem de adiantamento e subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas dos prepostos ao progresso dos povos, à proteção das famílias e indivíduos, ao impulso de cada ramo de progresso, às diversas operações da Natureza até aos mais ínfimos pormenores da Criação. Neste vasto e harmônico conjunto há ocupações para todas as capacidades, aptidões e esforços; ocupações aceitas com júbilo, solicitadas com ardor, por serem um meio de adiantamento para os Espíritos que ao progresso aspiram. **14.** Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos

superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias, podendo afirmar-se que cada encarnado tem a sua, isto é, deveres a preencher a bem dos seus semelhantes, desde o chefe de família, a quem incumbe o progresso dos filhos, até o homem de gênio que lança às sociedades novos germens de progresso. É nessas missões secundárias que se verificam desfalecimentos, prevaricações e renúncias que prejudicam o indivíduo sem afetar o todo. **15.** Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, seja no estado de encarnação ou no espiritual. Por toda parte a atividade, desde a base ao ápice da escala, instruindo-se, coadjuvando-se em mútuo apoio, dando-se as mãos para alcançarem o zênite. Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o corporal, ou, em outros termos, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos libertos e os cativos. Assim se perpetuam e consolidam, pela purificação e continuidade de relações, as verdadeiras simpatias e nobres afeições. Por toda parte, a vida e o movimento: nenhum canto do infinito despovoado, nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por legiões inumeráveis de Espíritos radiantes, invisíveis aos sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja vista deslumbra de alegria e admiração as almas libertas da matéria. Por toda parte, enfim, há uma felicidade relativa a todos os progressos, a todos os deveres cumpridos, trazendo cada um consigo os elementos de sua felicidade, decorrente da categoria em que se coloca pelo seu adiantamento. Das qualidades do indivíduo depende-lhe a felicidade, e não do estado material do meio em que se encontra, podendo a felicidade, portanto, existir em qualquer parte onde haja Espíritos capazes de a gozar. Nenhum lugar lhe é circunscrito e assinalado no Universo. Onde quer que se encontrem, os Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte. **16.** Entretanto, a felicidade não é pessoal: Se a possuíssemos somente em nós mesmos, sem poder reparti-la com outrem, ela seria tristemente egoísta. Também a encontramos na comunhão de ideias que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraindo-se pela similitude de gestos e sentimentos, formam vastos agrupamentos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia as qualidades próprias e satura-se dos eflúvios serenos e benéficos emanados do conjunto. Os membros deste, ora se dispersam para se darem à sua missão, ora se reúnem em dado ponto do Espaço a fim de se prestarem contas do trabalho realizado, ora se congregam em torno dum Espírito mais elevado para receberem instruções e conselhos. **17.** Posto que os Espíritos estejam por toda parte, os mundos são de preferência os seus centros de atração, em virtude da analogia existente

entre eles e os que os habitam. Em torno dos mundos adiantados abundam Espíritos superiores, como em torno dos atrasados pululam Espíritos inferiores. Cada globo tem, de alguma sorte, sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, alimentada em sua maioria pela encarnação e desencarnação dos mesmos. Esta população é mais estável nos mundos inferiores, pelo apego deles à matéria, e mais flutuante nos superiores. Destes últimos, porém, verdadeiros focos de luz e felicidade, Espíritos se destacam para mundos inferiores a fim de neles semear os germens do progresso, levar-lhes consolação e esperança, levantar os ânimos abatidos pelas provações da vida. Por vezes também se encarnam para cumprir com mais eficácia a sua missão. **18.** Nessa imensidade ilimitada, onde está o Céu? Em toda parte. Nenhum contorno lhe traça limites. Os mundos adiantados são as últimas estações do seu caminho, que as virtudes franqueiam e os vícios interditam. Ante este quadro grandioso que povoa o Universo, que dá a todas as coisas da Criação um fim e uma razão de ser, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade a um ponto imperceptível do Espaço, que no-la mostra começando em dado instante para acabar igualmente com o mundo que a contém, não abrangendo mais que um minuto na Eternidade! Como é triste, fria, glacial essa doutrina quando nos mostra o resto do Universo, durante e depois da Humanidade terrestre, sem vida, nem movimento, qual vastíssimo deserto imerso em profundo silêncio! Como é desesperadora a perspectiva dos eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas padece tormentos sem-fim! Como lacera os corações sensíveis a ideia dessa barreira entre mortos e vivos! As almas ditosas, dizem, só pensam na sua felicidade, como as desgraçadas, nas suas dores. Admira que o egoísmo reine sobre a Terra quando no-lo mostram no Céu? Oh! quão mesquinha se nos afigura essa ideia da grandeza, do poder e da bondade de Deus! Quanto é sublime a ideia que d'Ele fazemos pelo Espiritismo! Quanto a sua doutrina engrandece as ideias e amplia o pensamento! Mas, quem diz que ela é verdadeira? A Razão primeiro, a Revelação depois, e, finalmente, a sua concordância com os progressos da Ciência. Entre duas doutrinas, das quais uma amesquinha e a outra exalta os atributos de Deus; das quais uma só está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma se deixa ficar na retaguarda enquanto a outra caminha, o bom-senso diz de que lado está a verdade. Que, confrontando-as, consulte cada qual a consciência, e uma voz íntima lhe falará por ela. Pois bem, essas aspirações íntimas são a voz de Deus, que não pode enganar os homens. Mas, dir-se-á, por que Deus não lhes revelou de princípio toda a verdade? Pela mesma razão por que se não ensina à infância o

que se ensina aos de idade madura. A revelação limitada foi suficiente a certo período da Humanidade, e Deus a proporciona gradativamente ao progresso e às forças do Espírito. Os que recebem hoje uma revelação mais completa são *os mesmos Espíritos* que tiveram dela uma partícula em outros tempos e que de então por diante se engrandeceram em inteligência. Antes de a Ciência ter revelado aos homens as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da Terra e sua formação, poderiam eles compreender a imensidade do Espaço e a pluralidade dos mundos? Antes de a Geologia comprovar a formação da Terra, poderiam os homens tirar-lhe o inferno das entranhas e compreender o sentido alegórico dos seis dias da Criação? Antes de a Astronomia descobrir as leis que regem o Universo, poderiam compreender que não há alto nem baixo no Espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Poderiam identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da ciência psicológica? conceber depois da morte uma vida feliz ou desgraçada, a não ser em lugar circunscrito e sob uma forma material? Não; compreendendo mais pelos sentidos que pelo pensamento, o Universo era muito vasto para a sua concepção; era preciso restringi-lo ao seu ponto de vista para alargá-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade, e, embora sábia até então, não satisfaria hoje. O absurdo provém dos que pretendem poder governar os homens de pensamento, sem se darem conta do progresso das ideias, quais se fossem crianças. (Vede *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Capítulo III)” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo III)

III.2. Inferno

“O INFERNO. INTUIÇÃO DAS PENAS FUTURAS. 1. Desde todas as épocas o homem acreditou, por intuição, que a vida futura seria feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal praticado neste mundo. A ideia que ele faz, porém, dessa vida está em relação com o seu desenvolvimento, senso morale noções mais ou menos justas do bem e do mal. As penas e recompensas são o reflexo dos instintos predominantes. Os povos guerreiros fazem consistir a suprema felicidade nas honras conferidas à bravura; os caçadores, na abundância da caça; os sensuais, nas delícias da voluptuosidade. Dominado pela matéria, o homem não pode compreender senão imperfeitamente a espiritualidade, imaginando para as penas e gozos futuros um quadro mais material que espiritual; afigura-se-lhe que deve comer e beber no outro mundo, porém melhor que na Terra. Mais tarde já se encontra nas crenças sobre a vida futura um misto de espiritualismo e materialismo: a beatitude contemplativa concorrendo com o inferno das torturas físicas. **2.** Não podendo compreender senão o que vê, o homem primitivo

naturalmente moldou o seu futuro pelo presente; para compreender outros tipos, além dos que tinha à vista, ser-lhe-ia preciso um desenvolvimento intelectual que só o tempo deveria completar. Também o quadro por ele ideado sobre as penas futuras não é senão o reflexo dos males da Humanidade, em mais vasta proporção, reunindo-lhe todas as torturas, suplícios e aflições que achou na Terra. Nos climas abrasadores imaginou um inferno de fogo, e nas regiões boreais um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido que mais tarde o levaria a compreender o mundo espiritual, não podia conceber senão penas materiais; e assim, com pequenas diferenças de forma, os infernos de todas as religiões se assemelham.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IV)

“O INFERNO CRISTÃO IMITADO DO INFERNO PAGÃO. 3. O inferno pagão, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso do gênero, e perpetuou-se no seio dos cristãos, onde, por sua vez, houve poetas e cantores. Comparando-os, encontram-se neles - salvo os nomes e variantes de detalhe - numerosas analogias; ambos têm o fogo material por base de tormentos, como símbolo dos sofrimentos mais atrozes. Mas, coisa singular! os cristãos exageraram em muitos pontos o inferno dos pagãos. Se estes tinham o tonel das Danaides, a roda de Íxion, o rochedo de Sísifo, eram estes suplícios individuais; os cristãos, ao contrário, têm para todos, sem distinção, as caldeiras ferventes cujos tampos os anjos levantam para ver as contorções dos supliciados; e Deus, sem piedade, ouve-lhes os gemidos por toda a eternidade. Jamais os pagãos desprezaram os habitantes dos Campos Elíseos deleitando a vista nos suplícios do Tártaro. **4.** Os cristãos têm, como os pagãos, o seu rei dos infernos - Satã - com a diferença, porém, de que Plutão se limitava a governar o sombrio império, que lhe coubera em partilha, sem ser mau; retinha em seus domínios os que haviam praticado o mal, porque essa era a sua missão, mas não induzia os homens ao pecado para desfrutar, tripudiar dos seus sofrimentos. Satã, no entanto, recruta vítimas por toda parte e regozija-se ao atormentá-las com uma legião de demônios armados de forcados a revolvê-las no fogo. Já se tem discutido seriamente sobre a natureza desse fogo que queima mas não consome as vítimas. Tem-se mesmo perguntado se seria um fogo de betume. O inferno cristão nada cede, pois, ao inferno pagão. **5.** As mesmas considerações que, entre os antigos, tinham feito localizar o reino da felicidade, fizeram circunscrever igualmente o lugar dos suplícios. Tendo-se colocado o primeiro nas regiões superiores, era natural reservar ao segundo os lugares inferiores, isto é, o centro da Terra, para onde se acreditava servirem de entradas certas cavidades sombrias de aspecto terrível. Os cristãos também colocaram ali, por muito tempo, a habitação dos condenados. A este respeito,

frisemos ainda outra analogia: – O inferno dos pagãos continha de um lado os Campos Elíseos e do outro o Tártaro; o Olimpo, morada dos deuses e dos homens divinizados, ficava nas regiões superiores. Segundo a *letra* do Evangelho, Jesus desceu aos infernos, isto é, aos *lugares baixos* para deles tirar as almas dos justos que lhe aguardavam a vinda. Os infernos não eram, portanto, um lugar unicamente de suplício: estavam, tal como para os pagãos, *nos lugares baixos*. A morada dos anjos, assim como o Olimpo, era nos lugares elevados. Colocaram-na para além do céu estelar, que se reputava limitado. **6.** Esta mistura de ideias cristãs e pagãs nada tem de surpreendente. Jesus não podia de um só golpe destruir inveteradas crenças, faltando aos homens conhecimentos necessários para conceber a infinidade do Espaço e o número infinito dos mundos; a Terra para eles era o centro do Universo; não lhe conheciam a forma nem a estrutura internas; tudo se limitava ao seu ponto de vista: as noções do futuro não podiam ir além dos seus conhecimentos. Jesus encontrava-se, pois, na impossibilidade de iniciá-los no verdadeiro estado das coisas; mas não querendo, por outro lado, com sua autoridade, sancionar prejuízos aceitos, absteve-se de retificá-los, deixando ao tempo essa missão. Ele limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada, dos castigos reservados aos culpados, sem referir-se jamais nos seus ensinamentos a castigos e suplícios corporais, que constituíram para os cristãos um artigo de fé. Eis aí como as ideias do inferno pagão se perpetuaram até aos nossos dias. E foi preciso a difusão das modernas luzes, o desenvolvimento geral da inteligência humana para se lhe fazer justiça. Como, porém, nada de positivo houvesse substituído as ideias recebidas, ao longo período de uma crença cega sucedeu, transitoriamente, o período de incredulidade a que vem pôr termo a Nova Revelação. Era preciso demolir para reconstruir, visto como é mais fácil insinuar ideias justas aos que em nada creem, sentindo que algo lhes falta, do que fazê-lo aos que possuem uma ideia robusta, ainda que absurda. **7.** Localizados o céu e o inferno, as seitas cristãs foram levadas a não admitir para as almas senão duas situações extremas: a felicidade perfeita e o sofrimento absoluto. O purgatório é apenas uma posição intermediária e passageira, ao sair da qual as almas passam, sem transição, à mansão dos justos. Outra não pode ser a hipótese, dada a crença na sorte definitiva da alma após a morte. Se não há mais de duas habitações, a dos eleitos e a dos condenados, não se podem admitir muitos graus em cada uma sem admitir a possibilidade de franqueá-los e, conseqüentemente, o progresso. Ora, se há progresso, não há sorte definitiva, e se há sorte definitiva, não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: – “*Há muitas moradas na casa de meu Pai*.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IV)

“OS LIMBOS. 8. É verdade que a Igreja admite uma posição especial em casos particulares. As crianças falecidas em tenra idade, sem fazer mal algum, não podem ser condenadas ao fogo eterno. Mas, também, não tendo feito bem, não lhes assiste direito à felicidade suprema. Ficam nos limbos, diz-nos a Igreja, nessa situação jamais definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança. Esta, sendo tal sorte irrevogavelmente fixada, fica-lhes defesa para sempre. Tal privação importa, assim, *um suplício eterno* e tanto mais *imerecido*, quanto é certo não ter dependido dessas almas que as coisas assim sucedessem. O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais. Certo, este não tem a responsabilidade e o mérito cabíveis ao que procede com conhecimento de causa. A simples lógica repele uma tal doutrina em nome da justiça de Deus, que se contém integralmente nestas palavras do Cristo: “*A cada um, segundo as suas obras*.” Obras, sim, boas ou más, porém praticadas voluntária e livremente, únicas que comportam responsabilidade. Neste caso não podem estar a criança, o selvagem e tampouco aquele que não foi esclarecido.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IV)

“QUADRO DO INFERNO PAGÃO. 9. O conhecimento do inferno pagão nos é fornecido quase exclusivamente pela narrativa dos poetas. Homero e Vergílio dele deram a mais completa descrição, devendo, contudo, levar-se em conta as necessidades poéticas impostas à forma. A descrição de Fénelon, no *Telêmaco*, posto que haurida na mesma fonte quanto às crenças fundamentais, tem a simplicidade mais concisa da prosa. Descrevendo o aspecto lúgubre dos lugares, preocupa-se, principalmente, em realçar o gênero de sofrimento dos culpados, estendendo-se sobre a sorte dos maus reis com vista à instrução do seu régio discípulo. Por muito popular que seja esta obra, nem todos têm presente à memória a sua descrição, ou não meditaram sobre ela de modo a estabelecer comparação, e assim acreditamos de utilidade reproduzir os tópicos que mais diretamente interessam ao nosso assunto, isto é, os que se referem especialmente às penas individuais. **10.** “Ao entrar, Telêmaco ouve gemidos de uma sombra inconsolável. Qual é, perguntava-lhe, a vossa desgraça? Quem fostes na Terra? Nabofarzan, responde a sombra, rei da soberba Babilônia. Ao ouvir meu nome tremiam todos os povos do Oriente; fazia-me adorar pelos babilônios num templo todo de mármore, representado por uma estátua de ouro, a cujos pés se queimavam noite e dia os preciosos perfumes da Etiópia; jamais alguém ousou contradizer-me sem de pronto ser punido; inventavam-se dia a dia prazeres novos para tornar-me a vida mais e mais deliciosa. “Moço e robusto, quantos, oh! quantos prazeres me

restavam ainda por usufruir no trono! Mas certa mulher, que eu amava e que me não correspondia, fez-me sentir claramente que eu não era um deus: – envenenou-me, e... nada mais sou. As minhas cinzas foram ontem encerradas com pompa em urna de ouro: choraram, arrancaram cabelos, pretenderam fingidamente atirar-se às chamas da minha fogueira, a fim de morrerem comigo, vão ainda gemer junto do túmulo das minhas cinzas, mas ninguém me deplora; a minha memória horroriza a própria família, enquanto aqui em baixo sofro já horríveis suplícios. Telêmaco, compungido ante esse espetáculo, diz-lhe: Éreis vós verdadeiramente feliz durante o vosso reinado? Sentíeis porventura essa paz suave sem a qual o coração se conserva oprimido e abatido em meio das delícias? – Não, respondeu o babilônio; – não sei mesmo o que quereis dizer. Os sábios exaltam essa paz como bem único; quanto à raiva, nunca a senti, meu coração agitava-se continuamente por novos desejos de temor e de esperança. Procurava aturdir-me com o abalo das próprias paixões, tendo o cuidado de entreter essa embriaguez para torná-la permanente, contínua; o menor intervalo de razão, de calma, ser-me-ia muito amargo. Eis a paz que fruí; qualquer outra parece-me antes uma fábula, um sonho. São esses os bens que choro. “Assim falando, o babilônio chorava qual homem pusilânime, enervado pelas prosperidades, desabitado de suportar resignadamente uma desgraça. Havia junto dele alguns escravos mortos em homenagem honrosa aos seus funerais. Mercúrio os entregara a Caronte com o seu rei, outorgando-lhes poder absoluto sobre esse rei, a quem tinham servido na Terra. *Essas sombras de escravos não temiam a sombra de Nabofarzan, que retinham encadeada, infligindo-lhe as mais cruéis afrontas.* Dizia-lhe uma: “Não éramos nós homens iguais a ti? Insensato que eras, julgavas-te um deus, a ponto de esqueceres a tua origem comum a todos os homens.” “Outra, para insultá-lo, dizia: – Tinhas razão em não querer que por homem te houvessem, porque na verdade eras um monstro desumano. Ainda outra: – Então?! onde estão agora os teus aduladores? nada mais tens a dar, desgraçado! nem mesmo o mal podes fazer mais: eis-te reduzido a escravo dos teus escravos. A justiça dos deuses tarda, mas não falha. A estas frases duras Nabofarzan se rojava por terra, arrancando os cabelos em acesso de raiva e desespero. Mas Caronte instigava os escravos: Arrastem-no pela corrente, levantem-no contra a vontade. Não possa ele consolar-se escondendo a sua vergonha: preciso é que todas as sombras do Estige a testemunhem como justificativa aos deuses, que por tanto tempo toleraram o reinado terreno deste ímpio. E ele avista logo, bem perto de si, o negro Tártaro evolvendo escuro e espesso fumo, cujo cheiro mefítico daria a morte se espalhasse pela morada dos vivos. Esse fumo envolvia um rio de fogo, um

turbilhão de chamas, cujo ruído, semelhante às torrentes mais caudalosas quando se despenham de altos rochedos em profundos abismos, concorria para que nada se ouvisse nesses lugares tenebrosos. Telêmaco, secretamente animado por Minerva, entra sem medo nesse bátrio. Viu primeiramente um grande número de homens que tinham vivido nas mais humildes condições, punidos por haverem procurado riquezas por meio de fraudes, traições e crueldade. Aí notou muitos ímpios hipócritas que, simulando amar a religião, dela se tinham servido como de um belo pretexto para satisfazerem ambições e zombarem dos crédulos: os que haviam abusado até da própria Virtude, o maior dom dos deuses, eram punidos como os mais celerados de todos os homens. Os filhos que haviam degolado seus pais; as esposas que mancharam as mãos no sangue dos maridos; os traidores que venderam a pátria, violando todos os juramentos, sofriam, apesar de tudo, penas menores que aqueles hipócritas. “Os três juizes infernais assim o queriam, por esta razão: os hipócritas não se contentam com ser maus como os demais ímpios, porém querem passar por bons e concorrem por sua falsa virtude para a descrença e corrupção da verdade. Os deuses, por eles zombados e desprezados perante os homens, empregam com prazer todo o seu poderio para se vingarem de tais insultos. “Perto destes, outros homens aparecem, que vulgarmente se julgam isentos de culpa, mas que os deuses perseguem desapiedadamente: são os ingratos, os mentirosos, os aduladores que louvaram o vício, os críticos perversos que procuraram enodoar a mais pura virtude; enfim aqueles que, julgando temerariamente das coisas, sem as conhecer a fundo, prejudicaram por isso a reputação dos inocentes. “Telêmaco, vendo os três juizes sentados a condenarem um homem, ousou perguntar-lhes quais os seus crimes. O condenado, tomando a palavra, de pronto exclamava: Nunca fiz mal algum; todo o meu prazer era praticar o bem: fui sempre generoso, justo, liberal e compassivo; que se pode, pois, exprobrar-me? “Minos então lhe disse: Nenhuma acusação se te faz quanto aos homens, porém a estes menos não devias que aos deuses? Que justiça, pois, é essa de que te vanglorias? Para com os homens, que nada são, não faltaste jamais a qualquer dever; foste virtuoso, é certo, mas só atribuíste essa virtude a ti próprio, esquecendo os deuses que ta deram, tudo porque querias gozar do fruto da tua virtude encerrado em ti mesmo: *foste a tua divindade.* Mas os deuses, que tudo fizeram, e o fizeram para si, não podem renunciar aos seus direitos; e, pois que quiseste pertencer-te e não a eles, entregarte-ão a ti mesmo, esquecidos de ti como deles te esqueceste. *Procura agora, se podes, o consolo em teu próprio coração.* Eis-te agora para sempre separado dos homens, aos quais querias agradar; eis-te só contigo, tu que eras o teu ídolo: fica sabendo que não há

verdadeira virtude sem respeito e amor aos deuses, a quem tudo é devido. A tua falsa virtude, que por muitos anos deslumbrou os ingênuos, vai ser confundida. Não julgando os homens o vício e a virtude senão pelo que lhes agrada ou os incomoda, são cegos quanto ao bem e quanto ao mal. Aqui, uma luz divina derroga seus julgamentos artificiais, condenando muita vez o que eles admiram, e outras vezes justificando o que condenam. “A estas palavras, o filósofo, como que ferido por um raio, mal podia sustê-lo. O deleite que tivera outrora em rever a sua moderação, a coragem, as inclinações generosas transformavam-se em desespero. A visão do próprio coração inimigo dos deuses promove-lhe suplícios; vê, e não pode deixar de se ver; vê a vaidade dos preconceitos humanos, aos quais buscava lisonjear em todas as suas ações. Opera-se uma revolução radical em todo o seu íntimo, como se lhe revolvessem todas as entranhas; reconhece-se outro; não encontra apoio no coração; a consciência, cujo testemunho tão agradável lhe fora, revolta-se contra ele, incriminando-lhe amargamente o desvario, a ilusão de todas as suas virtudes, que não tiveram por princípio e por fim o culto da Divindade, e ei-lo perturbado, consternado, preso da vergonha, do remorso, do desespero. *As Fúrias não o atormentam, bastando-lhes o terem-na entregado a si próprio*, para que expie pelo coração a vingança dos deuses desprezados. *“Procurando a treva não pode encontrá-la, porquanto inoportuna luz o segue por toda parte*; de todos os lados os raios penetrantes da verdade vingam a verdade que ele desdenhou seguir. Tudo que amava se lhe torna odioso como fonte dos seus males infundáveis. Murmura consigo: Ó insensato! não conheci, pois, nem os deuses, nem os homens, nem a mim mesmo, porque jamais amei o verdadeiro e único bem; todos os meus passos foram tresloucados; a minha sabedoria não passava de loucura; a minha virtude mais não era que o orgulho impiedoso e cego: – eu era enfim o meu ídolo! “Finalmente reconheceu Telêmaco os reis condenados por abuso de poder. De um lado, vingadora Fúria *apresentava-lhes um espelho a refletir a monstruosidade dos seus vícios*: aí viam, sem poder desviar os olhos, a vaidade grosseira e ávida de ridículos louvores; a crueldade para com aqueles a quem deveriam ter feito felizes; o temor da verdade, a insensibilidade para com as virtudes, a predileção pelos covardes e adúladores, a falta de aplicação, a inércia, a indolência; a desconfiança ilimitada; o fausto e a magnificência excessivos calcados sobre a ruína dos povos; a ambição de glórias vis à custa do sangue dos concidadãos; a fereza, enfim, que procura a cada dia novas delícias nas lágrimas e no desespero de tantos infelizes. Esses reis reviam-se constantemente nesse espelho, achando-se mais monstruosos e horrendos que a própria Quimera vencida por Belerofonte, que a Hidra de

Lerna abatida por Hércules e que Cérbero vomitando por suas três goelas um sangue negro e venenoso, capaz de empestar todas as raças de mortais que vivem sobre a Terra. “De outro lado, outra Fúria lhes repetia injuriosamente todos os louvores que os lisonjeiros lhes dispensavam em vida e mostrava-lhes ainda outro espelho em que se viam tais como a lisonja os pintara. *Da antítese dos dois quadros brotava o suplício do amor-próprio*. Era para notar que os piores dentre esses reis, foram os que tiveram maiores e mais fulgentes louvores durante a vida, por isso que os maus são mais temidos que os bons e exigem impudicamente as vis adulações dos poetas e oradores do seu tempo. “Na profundidade dessas trevas, onde só insultos e escárnios padecem, ouvem-se-lhes os gemidos agoniados. Nada os cerca que os não repila, contradiga e confunda em contraste ao que supunham na vida, zombando dos homens, convictos de que tudo era feito para servi-los. No Tártaro, entregues a todos os caprichos de certos escravos, estes lhes fazem provar por sua vez a mais cruel servidão; humilhados dolorosamente, não lhes resta esperança alguma de modificar ou abrandar o cativo. Qual bigorna sob as marteladas dos Ciclopes, quando Vulcano os acoroça nas fornalhas incandescentes do Monte Etna, assim permanecem, mercê das pancadas desses escravos transformados em verdugos. “Aí viu Telêmaco pálidos semblantes, hediondos e consternados. Negra tristeza essa que consome estes criminosos, horrorizados de si próprios, sem poderem dela despojar-se como da própria natureza; *não têm outro castigo às suas faltas que não as mesmas faltas; veem-se incessantemente na plenitude da sua enormidade, apresentando-se-lhes sob a forma de espectros horríveis que os perseguem*. Procurando eximir-se a essa perseguição, buscam morte mais potente do que a que os separou do corpo. Desesperados, invocam uma morte capaz de extinguir-lhes a consciência: pedem aos abismos que os absorvam, a fim de se furtarem aos raios vingadores da verdade que os atormenta, mas continuam votados à vingança que sobre eles destila gota a gota e que jamais estancará. *A verdade que temem ver constitui-se em suplício*; veem-na, contudo, e só têm olhos para vê-la erguer-se contra eles, ferindo-os, despedaçando-os, arrancando-os de si mesmos, como o raio, sem nada destruir-lhes exteriormente, a penetrar-lhes o âmago das entranhas. “Entre os seres que lhe eriçavam os cabelos, viu Telêmaco vários e antigos reis da Lídia punidos por haverem preferido ao trabalho as delícias de uma vida inativa, quando aquele deve ser o consolo dos povos e, como tal, inseparável da realeza. “Estes reis lastimavam-se reciprocamente a cegueira. Dizia um a outro, que fora seu filho: Não vos tinha eu recomendado tantas vezes durante a vida e ainda antes da morte que reparásseis os males ocorridos por

negligência minha? – Ah! desgraçado pai! – dizia o filho –, fostes vós que me perdestes! foi o vosso exemplo que me inspirou o fausto, o orgulho, a voluptuosidade e a crueldade para com os homens! Vendo-vos governar com tanta incúria, cercado de aduladores infames, habituei-me a prezar a lisonja e os prazeres. “Acreditei que os homens eram para os reis o que os cavalos e outros animais de carga são para aqueles, isto é, animais que só se consideram enquanto proporcionam serviços e comodidades. “Acreditei-o, e fostes vós que me fizestes crer... sofrendo agora tantos males por vos haver imitado. A estas recriminações aliavam as mais acerbias blasfêmias, como que possuídos de raiva bastante para se despedaçarem mutuamente. Quais notívagos mochos, em torno desses reis corvejavam as suspeitas cruéis, os vãos receios e desconfianças que vingam os povos da fereza de seus reis, a ganância insaciável das riquezas, a falsa glória sempre tirânica e a moleza displicente que duplica os sofrimentos sem a compensação de sólidos prazeres. Viam-se muitos desses reis severamente punidos, não por males que tivessem feito, mas *por terem negligenciado o bem que poderiam e deveriam fazer*. Todos os crimes dos povos, provenientes da desídia na observância das leis, eram imputados aos reis, que não devem reinar senão para que as leis exerçam seu ministério. Imputavam-se-lhes também todas as desordens decorrentes do fausto, do luxo e dos demais excessos que impelem os homens à violência, instigando-os à aquisição de bens com o desprezo das leis. Sobretudo recaía o rigor sobre os reis que, ao invés de serem bons e vigilantes pastores dos povos, só cuidavam de devastar o rebanho, quais lobos devoradores. “O que mais entristeceu Telêmaco, porém, foi ver nesse abismo de trevas e males um grande número de reis que, tendo passado na Terra pelos melhores, condenaram-se às penas do Tártaro por se terem deixado guiar por homens ardilosos e maus. *Tal punição correspondia aos males que tinham deixado praticar em nome da sua autoridade*. Demais, a maior parte desses reis não foram nem bons nem maus, tal a sua fraqueza; não os atemorizava a ignorância da verdade, e assim como nunca experimentaram o prazer da virtude, jamais poderiam fazê-lo consistir na prática do bem.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IV)

“ESBOÇO DO INFERNO CRISTÃO. 11. A opinião dos teólogos sobre o inferno resume-se nas seguintes citações (Estas citações são tiradas da obra intitulada *O Inferno*, de Augusto Callet). Esta descrição, sendo tomada dos autores sagrados e da vida dos santos, pode tanto melhor ser considerada como expressão da fé ortodoxa na matéria, quanto é ela reproduzida a cada instante, com pequenas variantes, nos sermões do púlpito evangélico e nas instruções pastorais. **12.** “Os demônios são puros Espíritos, e os

condenados, presentemente no inferno, podem ser considerados puros Espíritos, uma vez que só a alma aí desce, e os restos entregues à terra se transformam em ervas, em plantas, em minerais e líquidos, sofrendo inconscientemente as metamorfoses constantes da matéria. Os condenados, porém, como os santos, devem ressuscitar no dia do juízo final, retomando, para não mais deixá-los, os mesmos corpos carnis que os revestiam na vida. Os eleitos ressuscitarão, contudo, em corpos purificados e resplendentes, e os condenados em corpos maculados e desfigurados pelo pecado. Isso os distinguirá, não havendo mais no inferno puros Espíritos, porém homens como nós. Consequentemente, o inferno é um lugar físico, geográfico, material, uma vez que tem de ser povoado por criaturas terrestres, dotadas de pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis. Onde estará esse inferno? Alguns doutores o têm colocado nas entranhas mesmas do nosso globo; outros não sabemos em que planeta, sem que o problema se haja resolvido por qualquer concílio. Estamos, pois, quanto a este ponto, reduzidos a conjecturas; a única coisa afirmada é que esse inferno, onde quer que exista, é um mundo composto de elementos materiais, conquanto sem Sol, sem estrelas, sem Lua, mais triste e inóspito, desprovido de todo germen e das aparências benéficas que porventura se encontram ainda nas regiões mais áridas deste mundo em que pecamos. Os teólogos mais circunspectos não se atrevem, à semelhança dos egípcios, dos hindus e dos gregos, a descrever os horrores dessa morada, limitando-se a no-la mostrar como premissas no pouco que dela fala a Escritura, o lago de fogo e enxofre do Apocalipse e os vermes de Isaías, esses vermes que formigam eternamente sobre os cadáveres do Tofel, e os demônios atormentando os homens aos quais eles perderam, e os homens a chorarem, rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas. “Santo Agostinho não concorda que esses sofrimentos físicos sejam apenas reflexos de sofrimentos morais e vê, num verdadeiro lago de enxofre, vermes e verdadeiras serpentes saciando-se nos corpos, casando suas picadas às do fogo. Ele pretende mais, segundo um versículo de S. Marcos, que esse fogo estranho, posto que material como o nosso e atuando sobre corpos materiais, os conservará como o sal conserva o corpo das vítimas. Os condenados, vítimas sempre sacrificadas e sempre vivas, sentirão a tortura desse fogo que queima sem destruir, *penetrando-lhes a pele*; serão dele embebidos e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos, na pupila dos olhos, nas mais recônditas e sensíveis fibras do seu ser. A cratera de um vulcão, se aí pudessem submergir, ser-lhes-ia lugar de refrigério e repouso. Assim falam com toda a segurança os teólogos mais tímidos, discretos e comedidos;

não negam que haja no inferno outros suplícios corporais, mas dizem que para afirmá-lo lhes falta suficiente conhecimento, pelo menos tão positivo como o que lhes foi dado sobre o suplício horrível do fogo e dos vermes. Há, contudo, teólogos mais ousados ou mais esclarecidos que dão do inferno descrições mais minuciosas, variadas e completas. E conquanto se não saiba em que lugar do Espaço está situado esse inferno, há santos que o viram. Eles não foram lá ter com a lira na mão, como Orfeu; de espada em punho, como Ulisses, mas transportados em espírito. “Desse número é Santa Teresa. Dir-se-ia, pela narrativa da santa, que há uma cidade no inferno: – ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela comprida e estreita como essas que abundam em velhas cidades, e percorreu-a horrorizada, caminhando sobre lodoso e fétido terreno, no qual pululavam monstruosos reptéis. Foi, porém, detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela, em cuja muralha havia um nicho onde se abrigou, aliás, sem poder explicar a ocorrência. Era, diz ela, o lugar que lhe destinavam se abusasse, em vida, das graças concedidas por Deus em sua cela de Ávila. “Apesar da facilidade maravilhosa que tivera em penetrar esse nicho, não podia sentar-se, ou deitar-se, nem manter-se de pé. Tampouco podia sair. Essas paredes horríveis, abaixando-se sobre ela, envolviam-na, apertavam-na como se fossem animadas de movimento próprio. Parecia-lhe que a afogavam, estrangulando-a, ao mesmo tempo em que a esfolavam e retalhavam em pedaços. Ao sentir queimar-se, experimentou, igualmente, toda a sorte de angústias. “Sem esperança de socorro, tudo era trevas em torno de si, posto que através dessas trevas percebesse, não sem pavor, a hedionda viela em que se achava, com a sua imunda vizinhança. Este espetáculo era-lhe tão intolerável quanto os apertos mesmos da prisão. “Esse não era, sem dúvida, mais que um pequeno recanto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos, pois viram grandes cidades no inferno, quais enormes braseiros: Babilônia e Nínive, a própria Roma, com seus palácios e templos abrasados, acorrentados todos os habitantes. “Traficantes em seus balcões, sacerdotes reunidos a cortesãos em salas de festim, chumbados às cadeiras ululantes, levando aos lábios rubras taças chamejantes. Criados genuflexos em ferventes cloacas, braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorria em lava devoradora o ouro derretido. Outros viram no inferno planícies sem-fim, cultivadas por camponeses famintos, que, nada colhendo desses campos fumegantes, dessas sementes estéreis, se entredevoravam, dispersando-se em seguida, tão numerosos como dan-tes, magros, vorazes e em bando, indo procurar ao longe, em vão, terras mais felizes. Outras colônias errantes de condenados os substituíam imediatamente. Ainda outros relatam que viram no inferno montanhas

inçadas de precipícios, florestas gemebundas, poços secos, fontes alimentadas de lágrimas, ribeiros de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, barcas tripuladas por desesperados, singrando mares sem praia. Viram, em uma palavra, tudo o que viam os pagãos: um lúgubre revérbero da Terra com os respectivos sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, patíbulo e instrumentos de tortura forjados por nossas próprias mãos. Há, com efeito, demônios que, para melhor atormentarem os homens em seus corpos, tomam corpos. Uns têm asas de morcegos, cornos, cou-raças de escama, patas armadas de garras, dentes agudos, apresentando-se-nos armados de espadas, tenazes, pinças, serras, grelhas, foles, tudo ardente, não exercendo outro ofício por toda a eternidade, em relação à carne humana, que não o de carniceiros e cozinheiros; outros, transformados em leões ou víboras enormes, arrastam suas presas para cavernas solitárias; estes se transformam em corvos para arrancar os olhos a certos culpados, e aqueles em dragões volantes, prontos a se lançarem sobre o dorso das vítimas, arrebatando-as assustadiças, ensanguentadas, aos gritos, através de espaços tenebrosos, para arremessá-las ao fim em tanques de enxofre. Aqui, nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantescos, cuja vista produz náuseas e calafrios, e o contato, convulsões; além, monstros policéfalos, escancarando goelas vorazes, a sacudirem sobre as disformes cabeças as suas crinas de áspides, a triturarem condenados com sangrentas mandíbulas para vomitá-los mastigados, porém vivos, porque são imortais. “Estes demônios de formas sensíveis, que lembram tão visivelmente os deuses do Amenti e do Tártaro, bem como os ídolos adorados pelos fenícios, moabitas e outros gentios vizinhos da Judéia, esses demônios não otram ao acaso, tendo cada um a sua função. O mal que praticam no inferno está em relação ao mal que inspiraram e fizeram cometer na Terra. Os condenados são punidos em todos os seus órgãos e sentidos, porque também a Deus ofenderam por todos os órgãos e sentidos. Os delinquentes de gula são castigados pelos demônios da glotonaria, os preguiçosos pelos da preguiça, os luxuriosos pelos da devassidão, e assim por diante, numa variedade tão grande como a dos pecados. Terão frio, queimando-se, e calor, enregelados, ávidos igualmente de movimento e de repouso; sedentos e famintos; mil vezes mais fatigados que escravo ao fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais alquebrados e chaguentos que os mártires, e isso para sempre. “Demônio algum se furta, nem se furtará jamais ao desempenho sinistro da sua tarefa, perfeitamente disciplinados e fiéis, quanto à execução das *vingativas ordens que receberam*. Aliás, sem isso, que seria o inferno? Repousariam os pacientes se os algozes altercassem ou se enfadassem. Mas, nada de repouso nem

disputas para quaisquer deles, pois apesar de maus e inumeráveis que são, estendendo-se de um a outro extremo do abismo, nunca se viu sobre a Terra súditos mais dóceis a seus príncipes, exércitos mais obedientes aos chefes ou comunidades monásticas mais humildes e submissas aos seus superiores (Esses mesmos demônios rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar quanto à prática do mal. Nenhum se esquiva ou afrouxa durante a eternidade. Que singular metamorfose em quem fora criado puro e perfeito como os anjos! Não é de pasmear vê-los dar exemplos de harmonia, de concórdia inalterável quando os homens sequer não sabem viver em paz na Terra, antes se laceram mutuamente? Vendo-se o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando sua situação à dos demônios, é caso de perguntar quais os mais dignos de lástima - se as vítimas ou os algozes.). “Quase nada se conhece da ralé demoníaca, desses vis Espíritos que compõem as legiões de vampiros, sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outros animais sem nome; conhecem-se, porém, os nomes de muitos dos príncipes que comandam tais legiões, entre os quais Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, do homicídio; Belzebu, dos desejos impuros, ou senhor das moscas que engendram a corrupção; Mammon, da avareza; Moloch, Belial, Baalgad, Astarot e muitos outros, sem falar do seu chefe supremo, o sombrio arcanjo que no céu se chamava Lúcifer e no inferno se chama Satanás. “Eis aí resumida a ideia que nos dão do inferno, sob o ponto de vista da sua natureza física e também das penas físicas que aí sofrem. Compulsai os escritos dos padres e dos antigos doutores; interrogai as pias legendas; observai as esculturas e painéis das nossas igrejas; atentai no que dizem dos púlpitos e sabereis ainda mais.” **13.** O Autor acompanha esse quadro das seguintes reflexões, cujo alcance procuraremos cada qual compreender: “A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz ainda um segundo milagre, dando a esses corpos mortais - já uma vez usados pelas passageiras provas da vida, já uma vez aniquilados - a virtude de subsistirem sem se dissolverem numa fornalha, onde se volatilizariam os próprios metais. Que se diga que a alma é o seu próprio algoz, que Deus não a persegue e apenas a abandona no estado infeliz por ela escolhido (conquanto esse abandono eterno de um ser desgraçado e sofredor pareça incompatível com a bondade divina), vá; mas o que se diz da alma e das penas espirituais, não se pode de modo algum dizer dos corpos e das respectivas penas, para perpetuação das quais já não basta que Deus se conserve impassível, mas, ao contrário, que intervenha e atue, sem o que sucumbiriam os corpos. “Os teólogos supõem, portanto, que Deus opera, efetivamente, após a ressurreição dos corpos, esse segundo milagre de que falamos. Que em primeiro lugar

tira dos sepulcros, que os devoravam, os nossos corpos de barro; retira-os tais como aí baixaram com suas enfermidades originais e degradações sucessivas da idade; restitui-nos a esse estado, decrépitos, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, assinalados dos estragos da vida e da morte, e está feito o primeiro milagre; depois, a esses corpos raquíticos, prontos a voltarem ao pó donde saíram, outorga propriedades que nunca tiveram - a imortalidade, esse dom que, em sua cólera (dizei antes em sua misericórdia), retirara a Adão ao sair do Éden - e eis completo o segundo milagre. Adão, quando imortal, era invulnerável, e deixando de ser invulnerável tornou-se mortal; a morte seguia de perto a dor. A ressurreição não nos restabelece, pois, nem nas condições físicas do homem inocente, nem nas do culpado, sendo antes uma ressurreição das nossas misérias somente, mas com um acréscimo de misérias novas, infinitamente mais horríveis. “É, de alguma sorte, uma verdadeira criação, e a mais maliciosa que a imaginação tenha, porventura, ousado conceber. Deus muda de parecer e, para ajuntar aos tormentos espirituais dos pecadores tormentos carnis que possam durar eternamente, transforma de súbito, por efeito do seu poder, as leis e propriedades por Ele mesmo estabelecidas de princípio aos compostos materiais, ressuscita carnes enfermas e corrompidas e, reunindo por um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a separar-se, mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva, lançando-a ao fogo, não para purificá-la, mas para conservá-la tal qual é, sensível, sofredora, ardente, horrível e como a quer - imortal. Por este milagre se arvora Deus num dos algozes infernais, pois se os condenados só a si podem atribuir seus males espirituais, em compensação só a Deus poderão imputar os outros. “Era pouco aparentemente o abandono, depois da morte, à tristeza, ao arrependimento, às angústias de uma alma que sente perdido o bem supremo. Segundo os teólogos, Deus irá buscá-las nessa noite, ao fundo desse abismo, chamando-as momentaneamente à vida, não para as consolar, mas para as revestir de um corpo horrendo, chamejante, imperecível, mais empestado que a túnica de Dejanira, abandonando-as então para sempre. “Ainda assim Ele não as abandonará para sempre, em absoluto, visto como Céu e Terra não subsistem senão por ato permanente da sua vontade sempre ativa. Deus terá, portanto, sem cessar, esses condenados à mão, para impedir que o fogo se extinga em seus corpos, consumindo-os, e querendo que contribuam perenemente por seus perenes suplícios para edificação dos escolhidos.” **14.** Dissemos, e com razão, que o inferno dos cristãos excedera o dos pagãos. Efetivamente, no Tártaro vêem-se culpados torturados pelo remorso, ante suas vítimas e seus crimes, acabrunhados por aqueles que

espezinharam na vida terrestre; vemo-los fugirem à luz que os penetra, procurando em vão esconderem-se aos olhares que os perseguem; aí o orgulho é abatido e humilhado, trazendo todos o estigma do seu passado, punidos pelas próprias faltas, a ponto tal que, para alguns, basta entregá-los a si mesmos sem ser preciso aumentar-lhes os castigos. Contudo, são *sombras*, isto é, *almas com corpos fluídicos*, imagens da *sua vida terrestre*; lá não se vê os homens retomarem o corpo carnal para sofrer materialmente, com fogo a penetrar-lhes a pele, saturando-os até à medula dos ossos. Tampouco se vê o requinte das torturas que constituem o fundo do inferno cristão. Juízes inflexíveis, porém justos, proferem a sentença proporcional ao delito, ao passo que no império de Satã são todos confundidos nas mesmas torturas, com a materialidade por base, e banida toda e qualquer equidade. Incontestavelmente, há hoje, no seio da Igreja mesma, muitos homens sensatos que não admitem essas coisas à risca, vendo nelas antes simples alegorias cujo sentido convém interpretar. Estas opiniões, no entanto, são individuais e não fazem lei, continuando a crença no inferno material, com suas consequências, a constituir um artigo de fé. **15.** Poderíamos perguntar como há homens que têm conseguido ver essas coisas em êxtase, se elas de fato não existem. Não cabe aqui explicar a origem das imagens fantásticas, tantas vezes reproduzidas com visos de realidade. Diremos apenas ser preciso considerar, em princípio, que o êxtase é a mais incerta de todas as revelações, porquanto o estado de sobre-excitação nem sempre importa um desprendimento d'alma tão completo que se imponha à crença absoluta, denotando muitas vezes o reflexo de preocupações da véspera. As ideias com que o Espírito se nutre e das quais o cérebro, ou antes o invólucro perispiritual correspondente a este, conserva a forma ou a estampa, se reproduzem amplificadas como em uma miragem, sob formas vaporosas que se cruzam, se confundem e compõem um todo extravagante. Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas em relação com a fé de que se presumem penetrados, não sendo, pois, extraordinário que Santa Teresa e outros, tal qual ela saturados de ideias infernais pelas descrições, verbais ou escritas, hajam tido visões, que não são, propriamente falando, mais que reproduções por efeito de um pesadelo. Um pagão fanático teria antes visto o Tártaro e as Fúrias, ou Júpiter, no Olimpo, empunhando o raio.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo IV)

“[...] O inferno, a rigor, pode ser, desse modo, definido como vasto campo de desequilíbrio, estabelecido pela maldade calculada, nascido da cegueira voluntária e da perversidade completa. Aí vivem domiciliados, às vezes por séculos, Espíritos que se bestializaram, fixos que se acham na crueldade e no egocentrismo. Constituindo, porém, larga província vibratória, em conexão

com a humanidade terrestre, de vez que todos os padecimentos infernais são criações dela mesma, estes lugares tristes funcionam como crivos necessários para todos os Espíritos que escorregam nas deserções de ordem geral, menosprezando as responsabilidades que o Senhor lhes outorga. Dessa forma, todas as almas já investidas no conhecimento da verdade e da justiça, e por isso mesmo responsáveis pela edificação do bem, e que, na Terra, resvalam nesse ou naquele delito, desatentas para com o dever nobilitante que o mundo lhes assinala, depois da morte do corpo estagiam nestes sítios por dias, meses ou anos, reconsiderando as suas atitudes, antes da reencarnação que lhes compete abraçar, para o reajustamento tão breve quanto possível. [...] Lembrava-me do tempo em que perlustrara, por minha vez, semiconsciente e conturbado, os trilhos da sombra, quando de meu desligamento do veículo físico, confrontando meus próprios estados mentais do passado e do presente, quando o orientador prosseguiu: – Segundo é fácil reconhecer, se a treva é a moldura que imprime destaque à luz, o inferno, como região de sofrimento e desarmonia, é perfeitamente cabível, representando um estabelecimento justo de filtragem do Espírito, a caminho da Vida Superior. Todos os lugares infernais surgem, vivem e desaparecem com a aprovação do Senhor, que tolera semelhantes criações das almas humanas, como um pai que suporta as chagas adquiridas pelos seus filhos e que se vale delas para ajudá-los a valorizar a saúde. As Inteligências consagradas à rebeldia e à criminalidade, em razão disso, não obstante admitirem que trabalham para si, permanecem a serviço do Senhor, que corrige o mal com o próprio mal. Por esse motivo, tudo na vida é movimentação para a vitória do bem supremo.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 1)

“ALMA E REENCARNAÇÃO. [...] **Conceito de inferno.** O inferno das várias religiões, nesse aspecto, existe perfeitamente como órgão controlador do equilíbrio moral nos reinos do Espírito, assim como a penitenciária e o hospital se levantam na Terra, como retortas de recuperação e de auxílio. Além-túmulo, no entanto, o estabelecimento depurativo como que reúne em si os órgãos de repressão e de cura, porquanto as consciências empedernidas aí se congregam às consciências enfermas, na comunhão dolorosa, mas necessária, em que o mal é defrontado pelo próprio mal, a fim de que, em se examinando nos semelhantes, esmoreça por si na faina destruidora em que se desmanda. É assim que as Inteligências ainda perversas se transformam em instrumentos reeducativos daquelas que começam a despertar, pela dor do arrependimento, para a imprescindível restauração. O inferno, dessa maneira, no clima espiritual das várias nações do Globo, pode ser tido na conta de imenso cárcere-hospital, em que a diagnose terrestre encontrará

realmente todas as doenças catalogadas na patologia comum, inclusive outras muitas desconhecidas do homem, não propriamente oriundas ou sustentadas pela fauna microbiana do ambiente carnal, mas nascidas de profundas disfunções do corpo espiritual e, muitas vezes, nutridas pelas formas-pensamentos em torturado desequilíbrio, classificáveis por larvas mentais, de extremo poder corrosivo e alucinatório, não obstante a fugaz duração com que se articulam, quando não obedecem às ideias infelizes, longamente recapituladas no tempo.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 19)

“– Instrutor Ribas, como definir, desse modo, o inferno engenhado pelas religiões no Planeta? – Reportemo-nos a isso com o respeito que o assunto nos reclama, porque para milhões de almas o desconforto mental a que se entregam, ao lado de outras nas mesmas condições, é perfeitamente comparável ao sofrimento do inferno teológico, imaginado pelas crenças humanas. A rigor, porém, e atentos à realidade de que Deus jamais nos abandona, o inferno deve ser interpretado na categoria de hospício, onde amargamos as consequências de faltas, no fundo, cometidas contra nós mesmos. Fácil perceber que a área de espaço em que nos demoremos nessa desoladora situação venha a retratar os quadros mentais infelizes que criamos e projetamos, ao redor de nós.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 11)

III.3. Purgatório

“**O PURGATÓRIO. 1.** O Evangelho não faz menção alguma do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 593. É incontestavelmente um dogma mais racional e mais conforme com a justiça de Deus que o inferno, porque estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de gravidade mediana. O princípio do purgatório é, pois, fundado na equidade, porque, comparado à justiça humana, é a detenção temporária a par da condenação perpétua. Que julgar de um país que só tivesse a pena de morte para os crimes e os simples delitos? Sem o purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a suprema felicidade ou o eterno suplício. E, nessa hipótese, que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas? Ou compartilhariam da felicidade dos eleitos, ainda quando imperfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos, ainda quando não houvessem feito muito mal, o que não seria nem justo, nem racional. **2.** Mas, necessariamente, a noção do purgatório deveria ser incompleta, porque apenas conhecendo a penalidade do fogo fizeram dele um inferno menos tenebroso, visto que as almas aí também ardem, embora em fogo mais brando. Sendo o dogma das penas eternas incompatível com o progresso, as almas do purgatório não se livram dele por efeito do seu adiantamento,

mas em virtude das preces que se dizem ou que se mandam dizer em sua intenção. E se foi bom o primeiro pensamento, outro tanto não acontece quanto às consequências dele decorrentes, pelos abusos que originaram. As preces pagas transformaram o purgatório em mina mais rendosa que o inferno (O purgatório originou o comércio escandaloso das indulgências, por intermédio das quais se vende a entrada no céu. Este abuso foi a causa primária da Reforma, levando Lutero a rejeitar o purgatório.). **3.** Jamais foram determinados e definidos claramente o lugar do purgatório e a natureza das penas aí sofridas. À Nova Revelação estava reservado o preenchimento dessa lacuna, explicando-nos a causa das terrenas misérias da vida, das quais só a pluralidade das existências poderia mostrar-nos a justiça. Essas misérias decorrem necessariamente das imperfeições da alma, pois se esta fosse perfeita não cometeria faltas nem teria de sofrer-lhe as consequências. O homem que na Terra fosse em absoluto sóbrio e moderado, por exemplo, não padeceria enfermidades oriundas de excessos. O mais das vezes ele é desgraçado por sua própria culpa, porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não resgatadas. Repara em uma vida de provações o que a outrem fez sofrer em anterior existência. As vicissitudes que experimenta são, por sua vez, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males e progredir para o bem. São para a alma lições da experiência, rudes às vezes, mas tanto mais proveitosas para o futuro, quanto profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes ocasionam incessantes lutas que lhe desenvolvem as forças e as faculdades intelectivas e morais. Por essas lutas a alma se retempera no bem, triunfando sempre que tiver denodo para mantê-las até ao fim. O prêmio da vitória está na vida espiritual onde a alma entra radiante e triunfadora como soldado que se destaca da refrega para receber a palma gloriosa. **4.** Em cada existência, uma ocasião se depara à alma para dar um passo avante; de sua vontade depende a maior ou menor extensão desse passo: franquear muitos degraus ou ficar no mesmo ponto. Neste último caso, e porque cedo ou tarde se impõe sempre o pagamento de suas dívidas, terá de recomeçar nova existência em condições ainda mais penosas, porque a uma nódoa não apagada ajunta outra nódoa. É, pois, nas sucessivas encarnações que a alma se despoja das suas imperfeições, que se *purga*, em uma palavra, até que esteja bastante pura para deixar os mundos de expiação como a Terra, onde os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro. Contrariamente, porém, à ideia que deles se faz, depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e pureza

atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. O livramento se dá, não por conclusão de tempo nem por alheios méritos, mas pelo próprio mérito de cada um, consoante estas palavras do Cristo: – *A cada um, segundo as suas obras*, palavras que resumem integralmente a justiça de Deus. **5.** Aquele, pois, que sofre nesta vida pode dizer-se que é porque não se purificou suficientemente em sua existência anterior, devendo, se o não fizer nesta, sofrer ainda na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, tanto mais tempo se sofre quanto mais imperfeito se for, da mesma forma por que tanto mais tempo persistirá uma enfermidade quanto maior a demora em tratá-la. Assim é que, enquanto o homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto egoísta, as do egoísmo. **6.** Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois facultada a vida corporal como meio de reparação. É por isso que ele se acha nessa nova existência, quer com as pessoas a quem ofendeu, quer em meios análogos àqueles em que praticou o mal, quer ainda em situações opostas à sua vida precedente, como, por exemplo, na miséria, se foi mau rico, ou humilhado, se orgulhoso. A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui duplo castigo para eles, porém um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo a facilitar o progresso. Do Espírito depende aproveitá-lo. E não lhe será preferível voltar à Terra com probabilidades de alcançar o céu, a ser condenado sem remissão, deixando-a definitivamente? A concessão dessa liberdade é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que *o homem tudo deva aos seus esforços e seja o obreiro do seu futuro*; que, infeliz por mais ou menos tempo, não se queixe senão de si mesmo, pois que a rota do progresso lhe está sempre franca. **7.** Considerando-se quão grande é o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, quanto é terrível a situação de outros, tanto mais penosa pela impotência de preverem o termo desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que se acham no *inferno*, se tal vocábulo não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Mercê, porém, da revelação dos Espíritos e dos exemplos que nos oferecem, sabemos que *o prazo da expiação está subordinado ao melhoramento do culpado*. **8.** O Espiritismo não nega, pois, antes confirma, a penalidade futura. O que ele destrói é o inferno localizado com suas fomalhas e penas irremissíveis. Não nega, outrossim, o purgatório, pois prova que nele nos achamos, e definindo-o precisamente, e explicando a causa das misérias terrestres, conduz à crença aqueles mesmos que o negam. Repele as preces pelos mortos? Ao contrário, visto que os Espíritos sofredores as solicitam; eleva-as a um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os

conduzir ao bem e, por esse meio, abreviar-lhes os tormentos. Falando à inteligência, tem levado a fé a muito incrédulo, incutindo a prece no ânimo dos que a escarneciam. O que o Espiritismo afirma é que o valor da prece está no pensamento e não nas palavras, que as melhores preces são as do coração e não dos lábios e, finalmente, as que cada qual murmura de si mesmo e não as que se mandam dizer por dinheiro. Quem, pois, ousaria censurá-lo? **9.** Seja qual for a duração do castigo, na vida espiritual ou na Terra, onde quer que se verifique, tem sempre um termo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: *punição temporária e proporcional à culpa, e recompensa graduada segundo o mérito*. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, da *eterna condenação*. O inferno reduz-se à figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido. O purgatório, sim, é a realidade. A palavra purgatório sugere a ideia de um lugar circunscrito: eis por que mais naturalmente se aplica à Terra do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, e tanto mais quanto a natureza da expiação terrena tem os caracteres da verdadeira expiação. Melhorados os homens, não fornecerão ao mundo invisível senão bons Espíritos; e estes, encarnando-se, por sua vez só fornecerão à Humanidade corporal elementos aperfeiçoados. A Terra deixará, então, de ser um mundo expiatório e os homens não sofrerão mais as misérias decorrentes das suas imperfeições. Aliás, por esta transformação, que neste momento se opera, a Terra se elevará na hierarquia dos mundos. **10.** Mas, por que não teria o Cristo falado do purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavra que a representasse. O Cristo serviu-se da palavra *inferno*, a única usada, como termo genérico, para designar as penas futuras, sem distinção. Colocasse ele ao lado da palavra *inferno*, uma equivalente a *purgatório* e não poderia precisar-lhe o verdadeiro sentido sem ferir uma questão reservada ao futuro; teria, enfim, de consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno em sua concepção genérica, revelando a ideia de punição, encerrava, implicitamente, a do *purgatório*, que não é senão um modo de penalidade. Reservado ao futuro o esclarecimento sobre a natureza das penas, competia-lhe igualmente reduzir o inferno ao seu justo valor. Uma vez que a Igreja, após seis séculos, houve por bem suprir o silêncio de Jesus quanto ao purgatório, decretando-lhe a existência, é porque ela julgou que ele não havia dito tudo. E por que não havia de dar-se sobre outros pontos o que com este se deu?” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo

“MECANISMOS DA MENTE. [...] Zonas purgatoriais. Obliterados os núcleos energéticos da alma, capazes de conduzi-la às sensações de euforia e elevação, entendimento e beleza, precipita-se a mente,

pelo excesso da taxa de remorso nos fulcros da memória, na dor do arrependimento a que se encarcera por automatismo, conforme os princípios de responsabilidade a se lhe delinearem no ser, plasmando com os seus próprios pensamentos as telas temporárias, mas por vezes de longuíssima duração, em que contempla, incessantemente, por reflexão mecânica, o fruto amargo de suas próprias obras, até que esgote os resíduos das culpas esposadas ou receba caridosa intervenção dos agentes do amor divino, que, habitualmente, lhe oferecem o preparo adequado para a reencarnação necessária, pela qual retomará ao aprendizado prático das lições em que faliu. É dessa forma que os suicidas, com agravantes à frente do Plano Espiritual, como também os delinquentes de variada categoria, padecem por largo tempo a influência constante das aflitivas criações mentais deles mesmos, a elas aprisionados, pela fixação monoideica de certos núcleos do corpo espiritual, em detrimento de outros que se mantêm malbaratados e oclusos. E porque o pensamento é força criativa e aglutinante na criatura consciente em plena Criação, as imagens plasmadas pelo mal, à custa da energia inestancável que lhe constitui atributo inalienável e imanente, servem para a formação das paisagens regenerativas em que a alma alucinada pelos próprios remorsos é detida em sua marcha, ilhando-se nas consequências dos próprios delitos, em lugares que, retendo a associação de centenas e milhares de transviados, se transformam em verdadeiros continentes de angústia, filtros de aflição e de dor, em que a loucura ou a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram para si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado, para a readmissão indispensável ao trabalho remissor. Pedro Leopoldo, 23/3/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 16)

“O purgatório. As construções mentais de cada indivíduo constituem-lhe a psicofera na qual se movimenta, alimentando-se das vibrações elaboradas e emitindo-as em todas as direções. Conforme o conteúdo de que se revestem essas exteriorizações psíquicas, formam-se campos de energia correspondente ao teor de que se constituem, propiciando bem ou mal-estar, felicidade ou desar interior. A perseverança no hábito das elaborações perniciosas e vulgares produz emanções morbíficas que se condensam à sua volta, definindo a qualidade das suas aspirações íntimas e gerando sintonias com ondas e entidades correspondentes. A sós, portanto, aquele que assim procede, gera o seu clima emocional e espiritual, que se torna parte da existência. Ante a desencarnação, o despertar dá-se com as características que foram vivenciadas durante a vilegiatura carnal, imantando o espírito a campos de energia equivalentes, nos quais se debatem na amargura e no sofrimento outros seres portadores dos mesmos requisitos. Reunidos numa mesma área de

identificação vibratória, suas exteriorizações morbosas produzem uma psicofera doentia, assinalada pela aflição e desespero. À medida que se torna mais densa, em face da população que nessa região se movimenta, condensam-se os vapores psíquicos carregados de vibrações mentais e de formas-pensamento que adquirem vida, transformando-se em verdadeiro purgatório, no qual estertoram os invigilantes e ociosos mentais. Invariavelmente, em lugares próprios do planeta — vales sombrios, cavernas escuras e úmidas, subterrâneos pavorosos e pântanos pestilentos — se homiziam esses aturdidos enganadores de si mesmos, dando surgimento a verdadeiras cidades de horror, onde passam a viver sob o domínio de algozes perversos, que se comprazem em explorá-los espiritualmente, nutrindo-se das suas escassas energias em deperecimento. A contínua emissão de ondas mentais doentias mais condensa o clima psíquico com substâncias especiais que são exteriorizadas, dando forma e atividade ao que lhes vai no mundo íntimo, retornando como pesado fluido que os asfixia e leva aos estertores agônicos em que se debatem sem cessar. A esse mundo de vibrações danosas, as tradições de algumas doutrinas espiritualistas ortodoxas denominaram de Purgatório e Allan Kardec, com muita propriedade, definiu-o como Erraticidade inferior. Vive-se em campos de sintonia, nos quais os semelhantes se atraem e se unem, proporcionando reciprocidade vibratória, que eleva ou retarda o avanço espiritual e moral do ser. Não foram poucos os místicos que visitaram essas Regiões espirituais de sombra e de dor, e as confundiram com o Inferno ou trouxeram indicação de Purgatório, que mesmo transitórios, constituem recintos de purgação e despertar para a realidade da vida e a compreensão de que ninguém pode transgredir as Leis Soberanas sem sofrer as consequências dos seus atos ignóbeis. A consciência regista todos os pensamentos, palavras e atos, oferecendo respostas equivalentes, que consubstanciam o ser no seu processo de crescimento espiritual. Mesmo na Terra, as afinidades reúnem os seus comparsas, que se vinculam pelos idênticos interesses a que se aferram. Eis porque o Mestre Nazareno referiu-se com sabedoria que o Reino de Deus está dentro de nós... O inverso também é verdadeiro. Em razão da identidade vibratória dos grupos sociais desencarnados, os lugares que os recebem transformam-se em campos de pesadas energias onde se detêm até quando luz o amor de Deus que os arrebatam desses recintos hediondos, ao se melhorarem interiormente, se arrependem e aspiram pela felicidade e pelo bem. Outros muito mais infelizes e odientos existem nas diferentes faixas vibratórias que envolvem o planeta na sua estrutura física, como fora dela, que podem ser consideradas como verdadeiro Inferno, com a única diferença que, o teológico tem sabor de eternidade, o que violenta as Leis de amor,

sendo, portanto, transitório, no entanto, caracterizado por inauditos padecimentos que a imaginação humana nem sequer pode avaliar... Nesse purgatório, pois, onde bracejam na dor e no conflito os espíritos descuidados e viciosos, o sofrimento que nasce da consciência culpada e do despertar lento da razão, que os vergasta com acrimônias e exigências, transitam, também, periodicamente, os seres angélicos que os buscam em tentativas generosas de resgate, a fim de lhes lenirem as exulcerações da alma e os encaminharem a postos de renovação, de onde se dirigem à Terra em reencarnações expiatórias e provações redentoras abençoadas. Antes de serem conduzidos aos Núcleos de recuperação, permanecem por algum tempo na atmosfera terrestre, beneficiando-se de esclarecimentos e recursos magnéticos que lhes são ministrados pelos abnegados Obreiros da Caridade, até se despirem, pelo menos, de parte dos densos envoltórios que os aprisionaram e foram construídos pelo pensamento do interior para o exterior, tornando-se vigorosos cárceres nos quais estorcegavam. Despertando-lhes a consciência para as possibilidades infinitas da recuperação, comovem-se, predispõem-se a novos tentames e aceitam as possibilidades de recomeço tomados de esperança e de ansiedade. Conseguida essa etapa, são conduzidos aos planos de refazimento e de renovação interna, educando-se e disciplinando-se para os futuros cometimentos da reencarnação. O processo da evolução é lento e o despojamento do homem velho que deverá ensinar o homem novo constitui um grande desafio que não pode ser postergado, sob pena das injunções aflitivas que impulsionam à mudança de atitude diante da vida, experimentando o estridor dos sofrimentos, cuja linguagem é mais ouvida e aceita do que os nobres apelos do amor. A anestesia da memória, quando por ocasião do processo reencarnacionista, as facilidades propiciadas pelo prazer exaustivo, as tendências inatas para a manutenção dos instintos agressivos ou primários constituem armadilhas que retêm incontável número de indivíduos ainda não despertos para a sua realidade de espíritos imortais, e que preferem ignorar o sacrifício, o equilíbrio e o dever, transitando na breve experiência da carne pelos torpes expedientes do gozo alucinado e do crime, no qual esperam os lucros da cobiça... O Purgatório, portanto, é um estado de consciência culpada, insculpido no âmago do ser, como decorrência dos seus atos, que geram a psicofera doentia e densa, cujo peso específico o situa em regiões afligentes e punitivas do mundo espiritual após as barreiras do corpo somático.” (MPM, *Reencontro com a vida*, O purgatório)

IV Planos espirituais e sociedades afins⁶

“**MUNDOS TRANSITÓRIOS. 234.** Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes? “Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiado longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar.”

a) - Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente? “Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.”

235. Enquanto permanecem nos mundos transitórios, os Espíritos progridem? “Certamente. Os que vão a tais mundos levam o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.” **236.** Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes? “Não, a condição deles é meramente temporária.”

a) - Esses mundos são ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos? “Não; estéril é neles a superfície. Os que os habitam de nada precisam.” **b)** - É permanente essa esterilidade e decorre da natureza especial que apresentam? “Não; são estéreis transitoriamente.” **c)** - Os mundos dessa categoria carecem então de belezas naturais? “A Natureza reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que dais o nome de belezas naturais.”

d) - Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles? “Já pertenceu.” **e)** - Em que época? “Durante a sua formação.” Nada é inútil em a Natureza; tudo tem um fim, uma destinação. Em lugar algum há o vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos

⁶ Vide Subcapítulo II.2 (“Mundo dos espíritos”), Capítulo II (“Aspectos da vida dos espíritos desencarnados”), Quinta Parte (“Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais? Tê-los-ia Deus feito unicamente para nos recrearem a vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que esplende em todas as suas obras e inadmissível desde que ponderemos na existência de todos os que não podemos perceber. Ninguém contestará que, nesta ideia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“147 - *Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar?* – A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados. Imaginai um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida? A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos. Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos. 148 - *Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além túmulo?* – A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios? O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo

gênero de vida abandonado na Terra, mas tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra. Daí a necessidade de encarmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.” (EMM, *O consolador*, Segunda parte, Capítulo 1)

“**ALMA E FLUÍDOS.** [...] **Fluído vivo.** No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluído vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluído cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. Esse fluído é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado. Decerto que na esfera nova de ação a que se vê arrebatado pela morte encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética. O solo do mundo espiritual, estruturado com semelhantes recursos, todos eles miando na quintessência, corresponde ao peso específico do Espírito e, detendo possibilidades e riquezas virtuais, espera por ele a fim de povoar-se de glória e beleza, porquanto, se o plano terrestre é o seio tépido da vida em que o princípio inteligente deve nascer, medrar, florir e amadurecer em energia consciente, o plano espiritual é a escola em que a alma se aperfeiçoará em trabalho de frutescência antes que possa desferir mais amplos voos no rumo da Luz Eterna.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“**ALMA E FLUÍDOS.** [...] **Vida na espiritualidade.** Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme, como se os equinócios e solstícios entrelaçassem as próprias forças, retificando automaticamente os excessos de influência com que se dividem. Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por

determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais da Terra com os benefícios das chamadas mutações espontâneas. As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada, aí deixando descendentes que, mais tarde, volvem também à leira do homem comum, favorecendo, porém, de maneira espontânea, a solução de diferentes problemas que lhes dizem respeito, sem exigir maior sacrifício dos habitantes em sua conservação. Ao longo dessas vastíssimas regiões de matéria sutil que circundam o corpo ciclópico do Planeta, com extensas zonas cavitárias, sob as linhas que lhes demarcam o início de aproveitamento, qual se observa na crosta da própria Terra, a estender-se da superfície continental até o leito dos oceanos, começam as povoações felizes e menos felizes, tanto quanto as aglomerações infernais de criaturas desencarnadas que, por temerem as formações dos próprios pensamentos, se refugiam nas sombras, receando ou detestando a presença da luz.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“ALMA E FLUÍDOS. [...] Esferas espirituais. Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas. Assim é, com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições, qual ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente. Para justificar a nossa asserção, lembraremos, em rápida síntese, que a crosta terrestre, na maior parte dos elementos que a constituem, é sólida, mas conservando, aqui e ali, vastas cavidades repletas de líquido quente ou de material plástico. Guarda o orbe grande núcleo no seio, e que podemos considerar como sendo plasmado num aço de níquel natural, revestido por grossa camada de rocha basáltica, medindo dois mil quilômetros de raio, aproximadamente, no tope da qual, ali e acolá, surgem finas superfícies de rocha granítica, entre as quais a face basáltica está recoberta de água. Mais ou menos nessa superfície, reside a zona mais apropriada para indicar o limite do solo que é, conseqüentemente, o leito do oceano. Temos, desse modo, os continentes do mundo, como ligeira película, com a propriedade de flutuar, à maneira de barcas imensas, sobre o maciço basáltico, película essa que mantém a espessura de cinquenta quilômetros, em média. Encontramos, assim, na constituição natural do Planeta, desde a barisfera à ionosfera, múltiplos círculos de força e atividade na terra, na água e no ar, tanto quanto nos continentes identificamos as esferas de civilização e nas civilizações as esferas de classe, a

se totalizarem numa só faixa do espaço.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“Logo depois que eu retornara à vida espiritual, percebi haver, em torno da Terra, faixas vibratórias concêntricas, que a envolviam, desde as mais condensadas, próximas da área física, até as mais sutis, distanciadas do movimento humano na Crosta. Compostas de elementos que me escapavam, eram e são, no entanto, vitalizadas pelas sucessivas ondas mentais dos habitantes do planeta, que de alguma forma sofrem-lhes a condensação pernicioso. Não obstante, são permeáveis à força psíquica de mais elevada estrutura, que as atravessa, a fim de sintonizar com as de constituição menos densa e portadoras de mais intensa energia. Por um processo de sintonia decorrente do comportamento que se mantém no mundo, os desencarnados imantam-se àquelas que lhes são afins, graças ao teor de valores morais que caracteriza cada um. (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 19)

“MORADAS. Certa estranheza invade muitos leitores e pessoas desinformados a respeito da vida espiritual, quando tomam conhecimento da estrutura e constituição do mundo para-físico, bem como da sociedade onde se movimentam os sobreviventes ao túmulo. Acostumados às notícias da teologia ortodoxa apresentada pelas religiões que estabeleceram regiões estanques para os Espíritos, quando vencida e superada essa crença armam-se de cepticismo, às vezes inconscientemente, em tomo da organização e do **modus vivendi** dos que se libertaram do corpo, mas não saíram da Vida. Um pouco de reflexão bastaria para contribuir de maneira positiva em favor do entendimento da vida e sua continuidade um passo além do túmulo. Na Terra mesma, interpenetram-se vibrações e movimentam-se incontáveis expressões de vida, sem que o homem disso se dê conta. Ondas de frequência variada cortam os espaços terrestres, carregadas de mensagens somente percebidas quando necessariamente transformadas em som e imagem por aparelhos especiais. Raios de constituições diferentes rompem os campos vibratórios em torno do planeta, auxiliando, estimulando e transformando os fenômenos biológicos sem que se possa percebê-los, senão através dos seus efeitos ou quando captados por equipamentos próprios. A vida espiritual não é, conforme alguns pensam, semelhante à física ou cópia dela. Ocorre exatamente o contrário, sendo a terrena um símile imperfeito daquela que é causal, preexistente e sobrevivente. Liberada da matéria densa, a alma não se transfere para regiões excelsas de imediato. Há toda uma escala de valores a conquistar. Os Espíritos vivem fora do corpo em conglomerados próprios, em sociedades mais harmônicas ou mais atormentadas, de acordo com o grau da evolução que os reúne por automatismo da afinidade vibratória, que decorre da

identidade moral que os retém em campos de igual densidade de onda. Sendo o pensamento a força criadora, é natural que este **construa** os recintos para habitação e instale, em nome do Pai, programas de ação que facultam os meios de crescimento para o Espírito, na direção dos mundos felizes, cuja constituição superior a nós escapa. Nas faixas mais próximas da Terra, a vida se apresenta semelhante ao que se conhece no planeta, facilitando a adaptação para os recém-chegados e propiciando mais fácil intercâmbio com aqueles que estão instalados na matéria densa. Conforme sucede no mundo objetivo, há uma escala de progresso cultural e moral cujos valores partem das manifestações mais primárias até os índices mais elevados. Consequentemente, há núcleos que refletem as condições sóciomorais, socioeconômicas, socioculturais dos seus habitantes, desde choças e fumas até habitações saudáveis, belas e confortáveis... As moradas do Além igualmente variam em densidade vibratória correspondente àqueles que as vem habitar, felizes e liberados, ou noutras onde se demoram a dor, as misérias morais e as condições de insalubridade, todas elas em caráter sempre transitório. Em todo lugar, todavia, apresenta-se a misericórdia e o socorro do Pai, ao alcance de quem deseja progredir e ser ditoso, na faixa vibratória em que estacione. Igualmente, convém considerar que urbanistas e engenheiros, cientistas e legisladores levam para a Terra as lembranças dos planos onde residiam e a eles retornam, periodicamente, através do parcial desdobramento pelo sono, acentuando lembranças que depois materializam em projetos e edificações avançados. A ascensão dos seres somente ocorre mediante conquistas intransferíveis através do trabalho, método seguro para a aquisição da plenitude. Movimentando, portanto, as energias cósmicas presentes no Universo, os Espíritos plasmam os seus Círculos de realização, nos quais estagiam entre uma e outra reencarnação, galgando Esferas que se apresentam em graus de evolução quase infinita. “Na Casa do Pai - disse Jesus - há muitas moradas”, não somente nos astros luminíferos que gravitam nos espaços siderais, mas também, em tomo deles, como estações intermediárias entre uns e outros mundos que pulsam nas galáxias, glorificando a Criação.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Moradas)

“Entre os dois mundos. [...] Tudo nasce para transformar-se, morrendo na forma e permanecendo na essência, acumulando habilidades que impulsionam para o progresso, mesmo quando acontecimentos imprevistos parecem reter a marcha do desenvolvimento. Não existe estagnação no Universo, e no seguimento da evolução não há retrocesso, apresentando-se sempre formas de melhorarmos e de crescermos. O mundo físico é o abençoado campo de aprendizagem e de experimentação dos dons que se encontram em

germe, aguardando que os fatores que lhes propiciam o surgimento e o progresso imponham a sua poderosa ação. É transitório, de duração efêmera, com finalidade específica estabelecida pela Divindade. O mundo espiritual é permanente, real, causal, de onde se origina a vida e para onde retorna após os processos de adiantamento intelecto-moral. Entre as duas dimensões há uma ininterrupta movimentação de seres espirituais em intercâmbio contínuo. Muito difícil dizer-se, pois, que são dois mundos diferentes. Mais próprio asseverar-se que são duas dimensões de constituição específica, uma das quais é a condensação da energia em apresentação própria como a matéria e a outra é de natureza cósmica, especial, de onde surgem os condensados orgânicos e objetivos. Intermediando-os, existem inúmeras outras esferas de constituição própria, nas quais a vida exulta e pulsa, de maneira específica, compatível com a finalidade para a qual foram elaboradas. Nem poderia ser diferente. Aceitar-se a existência de mundos fixos e separados, sem qualquer fonte de vitalização e de intercâmbio entre eles, seria muita pobreza da Criação, tendo-se em vista que em tudo há uma graduação de estrutura desde a mais tênue, no campo absoluto da energia, até a mais grosseira, expressando a densidade material conforme é conhecida. Constituídas essas esferas por vibrações próprias, servem de pousos para refazimento, de hospitais transitórios que albergam recém desencarnados incapazes de alcançar mais elevadas zonas espirituais, de núcleos de sofrimentos compatíveis com as experiências infelizes que se hajam permitido aqueles que são atraídos por afinidade de ondas mentais e morais. Mais distante da crosta terrestre, respira-se psicossfera superior, que antecede as regiões felizes, enquanto que, mais próximas, permanecem as condensações de energia eliminada pelos pensamentos, aspirações, vivências embrutecidas dos que prosseguirão aprisionados nos seus complexos meandros de sombra e de dor, de revolta e de insensatez, de ódio e de pesar. A situação mais grave encontra-se na intimidade do planeta, onde existem sítios de angústia incomum e de expiações mui dolorosas, todos construídos em faixas de ondas psíquicas perversas e grosseiras, em que ainda se comprazem muitos habitantes desencarnados. Nesse incessante ir e vir dos Espíritos na faixa evolutiva são estabelecidos critérios e paradigmas de comportamento que facultam o êxito dos candidatos à educação transcendental. Assim sendo, cada um gera campo emocional de identificação com uma esfera equivalente entre os dois mundos, passando a habitá-la desde então, mediante a nutrição ideológica mantida. Eis por que a ascensão é feita passo a passo ou é conquistada de assalto, quando existe a resolução de alterar, por definitivo, a maneira de encarar a existência e de entregar-se aos objetivos sublimes

que a todos aguardam. Dos melhores exemplos desse assalto ao Reino dos Céus, entre outros, destacam-se Saulo de Tarso, convertido em Paulo, apóstolo, e Francisco Bernardone, transformado no pobrezinho de Assis, saltando da faixa em que se encontravam para os esplendores da vida abundante, onde se instalaram após as refregas que os santificaram. Não o conseguiram por privilégios, que não existem, mas sim pelo empreendimento de total entrega a Deus e a seu Filho, seguindo-lhe as pegadas e abraçando o sofrimento da humanidade como de sua própria necessidade evolutiva. Assim, é natural que nem todos aqueles que se candidatam à santificação consigam desembaraçar-se do cipoal das paixões a que se encontram atados, necessitando de reforço de energia e de encorajamento, a fim de poderem enfrentar os desafios externos e os impulsos interiores que procedem dos vícios não superados e das paixões inferiores não sublimadas. Investimentos espirituais de alto valor são realizados em benefício de reencarnações importantes, que nem sempre redundam em êxito, como decorrência das fixações anteriores e dos hábitos perniciosos de que não se conseguiram libertar esses candidatos à elevação. Muitas vezes, malbaratando a ensanha nobre, porque ressumam os condicionamentos que os tomam por completo, tombam nos resvaladouros do insucesso, retornando, aflitos e infelizes, passando por longo período de convalescença, a fim de volverem a futuras experiências iluminativas. Noutras circunstâncias, reencontrando aqueles aos quais prejudicaram, sofrem-lhes as injunções penosas, as perseguições contínuas, sendo arrastados a processos lamentáveis de obsessões, em que se perturbam gravemente, distanciando-se dos deveres que deveriam cumprir mesmo que mediante sacrifícios continuados. Em outras ocasiões, experimentando os efeitos danosos dos atos transatos, debilitam-se diante de enfermidades dilaceradoras ou de transtornos na área da afetividade, que os empurram a fugas espetaculares na direção de depressões graves, que redundam em suicídios danosos e de consequências imprevisíveis. Objetivando a diminuição dos problemas, em face dos graves compromissos assumidos, amigos espirituais devotados, em nome do amor constantemente visitam-nos, de modo a tornar-lhes menos ásperas as provações e a auxiliá-los na desincumbência das responsabilidades que lhes dizem respeito.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Entre os dois mundos)

“**Atividades espirituais.** A dinâmica da ação é lei da vida. Em toda parte o movimento trabalha em favor da ordem e do equilíbrio. Por consequência, o repouso, a ociosidade propiciariam a ocorrência do caos. Tudo quanto parece imóvel e imutável encontra-se em completa agitação, que os órgãos dos sentidos humanos e alguns delicados e complexos aparelhos não

conseguem captar. Sendo a vida terrestre natural efeito do mundo causal, de energia e de programação, neste as ações são responsáveis pelos valores que trabalham para a evolução espiritual do ser. Nesses mundos intermediários entre o físico e os mais felizes reinam incomparáveis movimentos de edificação, porquanto, também eles prosperam com a sua comunidade espiritual ascendendo na escala superior infinitamente. Os espíritos que neles estagiam, são convidados a atividades inumeráveis, graças às quais dão prosseguimento aos labores que experienciaram na existência corporal e a morte não conseguiu interromper. De outras vezes, programaram futuras realizações que deverão enfrentar, contribuindo para a renovação do planeta e a superação dos males que afligem as criaturas que hospedam. Pesquisas nas diversas áreas da ciência, da tecnologia, do pensamento, das artes, da fé religiosa ampliam a capacidade de entendimento dos seus realizadores, que mais tarde transferirão para o planeta em ministérios enriquecedores e felizes. Escolas e Universidades especializadas transferem o conhecimento das Esferas ditosas para esses laboriosos buscadores da verdade, que se capacitam para os futuros cometimentos iluminativos. Não havendo lugar para a inação, o trabalho fraternal de auxílio recíproco faculta que sejam organizadas caravanas especiais de socorro às criaturas humanas, que passam a ser tuteladas pelo nobre auxílio, a fim de que se renovem, tenham as suas aflições minoradas quando não cessadas, e o amor se encarregue de equacionar os tremendos conflitos gerados pelo ódio, pela vingança e pela revolta, que remanescem naqueles que pretendem desforçar-se dos males de que foram vítimas, e sem apoio na confiança irrestrita em Deus, que a tudo corrige pelo amor, tomam nas mãos a clava da justiça e enlouquecem, ampliando os círculos das obsessões e as manifestações de doenças e dramas de toda natureza, que infligem aos seus desafetos com objetivos destrutivos... Aprende-se a ajudar em anonimato reconfortante, oferecendo-se apoio e inspiração àqueles que se encontram algemados aos vícios e aos tormentos, sem nunca deixarem desanimar, mesmo quando os resultados não se fazem auspiciosos. Treinam misericórdia em visitas de auxílio e amparo às regiões de sofrimentos inenarráveis, de onde procuram retirar aqueles que se apresentam com melhores disposições íntimas para o refazimento pessoal. Assumem responsabilidades com muitos daqueles que aportam às províncias onde residem como naufragos, e são internados em clínicas próprias de acordo com as mazelas que conduzem, assim como de repouso e refazimento, para a adequada reconquista da saúde e da paz interior. Simultaneamente, reconstroem-se grupos familiares que volverão à Terra, a fim de repararem equívocos juntos ou construir novas edificações de harmonia. Não sendo necessários largos

períodos para o repouso, em razão da inexistência do cansaço, o desenvolvimento de atividades é sempre ampliado, com intervalos de auspiciosos encontros de arte e de beleza ou para se poder fruir as esplendorosas mensagens da Natureza sem a poluição mental, geradora das demais que ameaçam a vida terrestre. Os espíritos intercambiavam sentimentos de afetividade pura e profunda, sem quaisquer tormentos egotistas e derivados das faixas primevas do processo evolutivo. O sexo apresenta-se sem as particularidades morfológicas, mantendo-se as expressões recentes da reencarnação anterior, porém, sem os impulsos perturbadores da libido, a manifestar-se em outros departamentos da emotividade. Não há competição destrutiva, em que alguns pretendam o pódio da glória, porque o maior servidor sempre passa sem a ostentação nem a volúpia da fatuidade humana. Todos empenham-se em trabalhar pelo próprio, assim como pelo crescimento geral, esforçando-se em cooperar e produzir, conscientes dos deveres que produzem a realização da felicidade. Desde as mais inexpressivas até as mais desafiadoras atividades, esses mundos espirituais ensinam o prosseguimento da vida em contínuo dinamismo. Eis por que o ultrapassado conceito morrer para descansar, faz-se substituído por viver além-da-morte para prosseguir em crescimento infatigável no rumo do Infinito. Treine-se na Terra a ação que prodigaliza ventura, e após a morte do veículo físico, prosseguir-se-á em atividade ordeira e confortadora com que sempre se apresentará a vida no seu sentido imortal.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Atividades espirituais)

V Planos ou esferas espirituais superiores

V.1. Reinos da natureza nos planos espirituais superiores

“**591.** Nos mundos superiores, as plantas são de natureza mais perfeita, como os outros seres? “Tudo é mais perfeito. As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“**601.** Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva? “Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. São sempre, porém, inferiores ao homem e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes.” Nada há nisso de extraordinário. Tomemos os nossos mais inteligentes

animais, o cão, o elefante, o cavalo, e imaginemo-los dotados de uma conformação apropriada a trabalhos manuais. Que não fariam sob a direção do homem?” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“Desembarquei com precipitação verdadeiramente infantil. Reconheceria aquela voz entre milhares. Num momento, abraçava minha mãe em transbordamentos de júbilo. Fui conduzido, então, por ela, a prodigioso bosque, onde as flores eram dotadas de singular propriedade - a de reter a luz, revelando a festa permanente do perfume e da cor. Tapetes dourados e luminosos estendiam-se, dessa maneira, sob as grandes árvores sussurrantes ao vento. Minhas impressões de felicidade e paz eram inexecedíveis. [...]” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 36)

“Lísias entrou em casa visivelmente satisfeito. - Olá! ainda não se recolheu? – perguntou, sorridente. E, enquanto os jovens se despediam, convidava-me, solícito: – Venha ao jardim, pois ainda não viu o luar destes sítios. A dona da casa entrava em conversação com as filhas, enquanto acompanhando Lísias fui aos canteiros em flor. O espetáculo apresentava-se soberbo! Habitado à reclusão hospitalar, entre grandes árvores, ainda não conhecia o quadro maravilhoso que a noite clara apresentava, ali, nos vastos quarteirões do Ministério do Auxílio. Glicínias de prodigiosa beleza enfeitavam a paisagem. Lírios de neve, matizados de ligeiro azul ao fundo do cálice, pareciam taças, de caricioso aroma. Respirei a longos haustos, sentindo que ondas de energia nova me penetravam o ser. Ao longe, as torres da Governadoria mostravam belos efeitos de luz. Deslumbrado, não conseguia emitir impressões. Esforçando-me para exteriorizar a admiração que me invadia a alma, falei comovidamente: – Nunca presenciei tamanha paz! Que noite!... O companheiro sorriu e acentuou: – Há compromisso entre todos os habitantes equilibrados da colônia, no sentido de não se emitirem pensamentos contrários ao bem. Destarte, o esforço da maioria se transforma numa prece quase perene. Daí nascerem as vibrações de paz que observamos.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 23)

“Agora, que penetrara o parque banhado de luz, experimentava singular fascinação. Aquelas árvores acolhedoras, aquelas vigentes sementeiras reclamavam-me a todo o momento. De maneira indireta, provocava explicações de Narcisa, enunciando perguntas veladas. – No grande parque - dizia ela - não há somente caminhos para o Umbral ou apenas cultura de vegetação destinada aos sucos alimentícios. A Ministra Veneranda criou planos excelentes para os nossos processos educativos. E observando-me a curiosidade sadia, continuou esclarecendo: – Trata-se dos “salões verdes” para serviço de educação. Entre as grandes fileiras das árvores, há recintos de maravilhosos contornos para as conferências dos Ministros da Regeneração;

outros para Ministros visitantes e estudiosos em geral, reservando-se, porém, um de assinalada beleza, para as conversações do Governador, quando ele se digna de vir até nós. Periodicamente, as árvores eretas se cobrem de flores, dando ideia de pequenas torres coloridas, cheias de encantos naturais. Temos, assim, no firmamento, o teto acolhedor, com as bênçãos do Sol ou das estrelas distantes. – Devem ser prodigiosos esses palácios da natureza - acrescente. – Sem dúvida - prosseguiu a enfermeira, entusiasticamente -, o projeto da Ministra despertou, segundo me informaram, aplausos francos em toda a colônia. Soube que tal se dera, havia precisamente quarenta anos. Iniciou-se, então, a campanha do “salão natural”. Todos os Ministérios pediram cooperação, inclusive o da União Divina, que solicitou o concurso de Veneranda na organização de recintos dessa ordem, no Bosque das Águas. Surgiram deliciosos recantos em toda parte. Os mais interessantes, todavia, a meu ver, são os que se instituíram nas escolas. Variam nas formas e dimensões. Nos parques de educação do Esclarecimento, instalou a Ministra um verdadeiro castelo de vegetação, em forma de estrela, dentro do qual se abrigam cinco numerosas classes de aprendizados e cinco instrutores diferentes. No centro, funciona enorme aparelho destinado a demonstrações pela imagem, à maneira do cinematógrafo terrestre, com o qual é possível levar a efeito cinco projeções variadas, simultaneamente. Essa iniciativa melhorou consideravelmente a cidade, unindo no mesmo esforço o serviço proveitoso à utilidade prática e à beleza espiritual.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 32)

“A senhora Hilda convidou-me a visitar o jardim, para que pudesse observar, de perto, alguns caramanchões de caprichosos formatos. Cada casa, em “Nosso Lar”, parecia especializar-se na cultura de determinadas flores. Em casa de Lísias, as glicínias e os lírios contavam-se por centenas; na residência de Tobias, as hortênsias inumeráveis desabrochavam nos verdes lençóis de violetas. Belos caramanchões de árvores delicadas, recordando o bambu ainda novo, apresentavam no alto uma trepadeira interessante, cuja especialidade é unir frondes diversas, à guisa de enormes laços floridos, na verde cabeleira das árvores, formando gracioso teto. Não sabia traduzir minha admiração. Embalsamava-se a atmosfera de inebriante perfume. Comentávamos a beleza da paisagem geral, vista daquele ângulo do Ministério da Regeneração, quando Luciana nos chamou ao interior, para leve refeição.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 38)

V.2. Vida social, afetiva e sexual dos habitantes das esferas superiores

“– O sexo tem sido tão aviltado pela maioria dos homens reencarnados na Crosta que é muito difícil

para nós outros, por enquanto, elucidar o raciocínio humano, com referência ao assunto. Basta dizer que a união sexual entre a maioria dos homens e mulheres terrestres se aproximam demasiadamente das manifestações dessa natureza entre os irracionais. No capítulo de relações dessa espécie, há muita inconsciência criminosa e indiferença sistemática às leis divinas. Desse plano não seria razoável qualquer comentário de nossa parte. Trata-se dum domínio de semibrutos, onde muitas inteligências admiráveis preferem demorar em baixas correntes evolutivas. É inegável que também aí funcionam as tarefas de abnegados construtores espirituais, que colaboram na formação básica dos corpos, destinados a servirem às entidades que reencarnam nesses círculos mais grosseiros. Entretanto, é preciso considerar que o serviço, em semelhante esfera, é levado a efeito em massa, com características de mecanismo primitivo. O amor, nesses planos mais baixos, é tal qual o ouro perdido em vasta quantidade de ganga, exigindo largo esforço e laboriosas experiências para revelar-se aos entendidos. Entre as criaturas, porém, que se encaminham, de fato, aos montes de elevação, a união sexual é muito diferente. Traduz a permuta sublime das energias perispirituais, simbolizando alimento divino para a inteligência e para o coração e força criadora não somente de filhos carnis, mas também de obras e realizações generosas da alma para a vida eterna. Alexandre fez ligeira pausa, sorriu paternalmente e continuou: – Lembre-se, André, de que me referi a objetivos sagrados da Criação e não exclusivamente ao trabalho procriador. A procriação é um dos serviços que podem ser realizados por aquele que ama, sem ser o objeto exclusivo das uniões. O Espírito que odeia ou que se coloca em posição negativa, diante da Lei de Deus, não pode criar vida superior em parte alguma. Compreendi que o problema era muito difícil de ser explanado, mas, como se quisesse desfazer todas as minhas dúvidas, o dedicado instrutor prosseguiu, após breve interrupção: – É necessário deslocar a concepção do sexo, abstendo-nos de situá-la tão somente em determinados órgãos do corpo transitório das criaturas. Vejamos o sexo como qualidade positiva ou passiva, emissora ou receptora da alma. Chegados a esse entendimento, verificamos que toda manifestação sexual evolui com o ser. Enquanto nos mergulhamos no charco das vibrações pesadas e venenosas, experimentamos, nesse domínio, simplesmente sensações. À medida que nos dirigimos a caminho do equilíbrio, colhemos material de experiências proveitosas, oportunidades de retificação, força, conhecimento, alegria e poder. Em nos harmonizando com as leis supremas, encontramos a iluminação e a revelação, enquanto os Espíritos Superiores colhem os valores da Divindade. Substituamos as palavras “união sexual” por “união de qualidades” e observaremos que

toda a vida universal se baseia nesse divino fenômeno, cuja causa reside no próprio Deus, Pai Criador de todas as coisas e de todos os seres. As palavras de Alexandre abriam-me novos horizontes ao pensamento. As questões obscuras do tema tornavam-se claras ao meu campo mental. Fazendo-me sentir que os intervalos da conversação se destinavam a fornecer-me tempo de meditar, o benevolente orientador continuou, depois de longa pausa: – Essa “união de qualidades”, entre os astros, chama-se magnetismo planetário da atração, entre as almas denomina-se amor, entre os elementos químicos é conhecida por afinidade. Não seria possível, portanto, reduzir semelhante fundamento da vida universal, circunscrevendo-o a meras atividades de certos órgãos do aparelho físico. A paternidade ou a maternidade é tarefa sublime; não representam, porém, os únicos serviços divinos, no setor da Criação infinita. O apóstolo que produz no domínio da Virtude, da Ciência ou da Arte, vale-se dos mesmos princípios de troca, apenas com a diferença de planos, porque, para ele, a permuta de qualidades se verifica em esferas superiores. Há fecundações físicas e fecundações psíquicas. As primeiras exigem as disposições da forma, a fim de atenderem a exigências da vida, em caráter provisório, no campo das experiências necessárias. As segundas, porém, prescindem do cárcere de limitações e efetua-se nos resplandecentes domínios da alma, em processo maravilhoso de eternidade. Quando nos referimos ao amor do Onipotente, quando sentimos sede da Divindade, nossos espíritos não procuram outra coisa senão a troca de qualidades com as esferas sublimes do Universo, sequiosos do Eterno Princípio Fecundante... Alexandre fez longa pausa, como se ele mesmo permanecesse embevecido com semelhantes evocações. Por minha vez, achava-me deslumbrado. Nunca ouvira definições tão profundas, referentemente à posição do sexo na vida universal. – É lamentável – continuou o orientador, gravemente – que a maioria dos nossos irmãos encarnados na Crosta tenha menosprezado as faculdades criativas do sexo, desviando-as para o vórtice de prazeres inferiores. Todos pagarão, porém, ceitil por ceitil, o que devem ao altar santificado, através de cuja porta receberam a graça de trabalhar e aprender na superfície da Terra. Todo ato criador está cheio de sagradas comoções da Divindade e são essas comoções sublimes da participação da alma, nos poderes criadores da Natureza, que os homens conduzem, imprevidentemente, para a zona do abuso e da viciação. Tentam arrastar a luz para as trevas e convertem os atos sexuais, profundamente veneráveis em todas as suas características, numa paixão viciosa tão deplorável como a embriaguez ou a mania do ópio. Entretanto, André, sem que os olhos mortais lhes observem as angústias retificadoras, todos os infelizes, em semelhantes

despenhadeiros, são punidos severamente pela Natureza divina. A essa altura das luminosas elucidações, sentindo que o respeitável amigo entraria em nova pausa, ousei interrogar: – Mas não é o uso do sexo uma lei natural na esfera da Crosta? Alexandre sorriu com benevolência e respondeu: – Ninguém contesta esse caráter das manifestações sexuais nos círculos da carne, mas todas as leis naturais na experiência humana devem ser exercidas, como em toda parte, sobre as bases da lei universal do bem e da ordem. Quem foge ao bem, é defrontado pelo crime; quem foge à ordem, cai no desequilíbrio. As uniões sexuais, portanto, que se efetuem a distância desses sublimes imperativos, transformam-se em causas geradoras de sofrimento e perturbação. Ao demais, não devemos esquecer que o sexo, na existência humana, pode ser um dos instrumentos do amor, sem que o amor seja o sexo. Por isso mesmo, os homens e as mulheres, cuja alma se vai libertando dos cativos da forma física, escapam, gradativamente, do império absoluto das sensações carnis. Para eles, a união sexual orgânica vai deixando de ser uma imposição, porque aprendem a trocar os valores divinos da alma, entre si, alimentando-se reciprocamente, através de permutas magnéticas, não menos valiosas para os setores da Criação Infinita, gerando realizações espirituais para a eternidade gloriosa, sem qualquer exigência dos atritos celulares. Para esse gênero de criaturas, a união reconfortadora e sublime não se acha circunscrita à emotividade de alguns minutos, mas constitui a integração de alma com alma, através da vida inteira, no campo da Espiritualidade Superior. Diante dos fenômenos da presença física, bastam-lhes, na maioria das vezes, o olhar, a palavra, o simples gesto de carinho e compreensão, para que recebam o magnetismo criador do coração amado, impregnando-se de força e estímulo para as mais difíceis edificações. Imprimiu Alexandre pequeno intervalo à palestra e, em seguida, abanando a cabeça, significativamente, observou: – Não há criação sem fecundação. As formas físicas descendem das uniões físicas. As construções espirituais procedem das uniões espirituais. A obra do Universo é filha de Deus. O sexo, portanto, como qualidade positiva ou passiva dos princípios e dos seres, é manifestação cósmica em todos os círculos evolutivos, até que venhamos a atingir o campo da Harmonia Perfeita, onde essas qualidades se equilibram no seio da Divindade.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“VIDA SOCIAL DOS DESENCARNADOS. - *Como se apresenta a vida social dos Espíritos desencarnados?* – No Plano Espiritual imediato à experiência física, as sociedades humanas desencarnadas, em quase dois terços, permanecem naturalmente jungidas, de alguma sorte, aos interesses terrenos. Egressas do próprio mundo em que se lhes tramam os elos da retaguarda,

quando não se desvairam nas faixas infernais, igualmente imanizadas ao Planeta de que se originam, trabalham com ardor, não só pelo próprio adiantamento, como também no auxílio aos que ficaram. Naturalmente as almas que constituem a percentagem a que nos referimos, distanciadas ainda do aprimoramento ideal, procuram aperfeiçoar em si mesmas as qualidades nobres menos desenvolvidas, buscando clima adequado que lhes favoreça o trabalho. Convictas de que tornarão à Terra para a solução dos problemas que lhes enevoam ou afligem o campo íntimo, situam-se em tarefas obscuras, junto aos semelhantes, encarnados ou desencarnados, quando se reconhecem vitimadas pela vaidade ou pelo orgulho que ainda lhes medram no seio, e localizam-se em aprendizados valiosos da inteligência, em se vendo inábeis para os serviços especializados do pensamento, não obstante os talentos sentimentais que já entesourem consigo. Quase todas, no entanto, obedecem aos ditames do amor ou do ideal que lhes inspiram a consciência. Aglutinam-se em verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados, como acontece aos burgos terrestres, característicos da metrópole ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e a benefício dos outros. As regiões purgativas ou simplesmente infernais são por elas amparadas, quanto possível, organizando-se aí, sob o seu patrocínio, extensa obra assistencial. No plano físico, a equipe doméstica atende à consanguinidade em que o vínculo é obrigatório, mas, no plano extrafísico, o grupo familiar obedece à afinidade em que o liame é espontâneo. Por isso mesmo, na esfera seguinte à condição humana, temos o espaço das nações, com as suas comunidades, idiomas, experiências e inclinações, inclusive organizações religiosas típicas, junto das quais funcionam missionários de libertação mental, operando com caridade e discrição para que as ideias renovadoras se expandam sem dilaceração e sem choque. Com esses dois terços de criaturas ainda ligadas, desse ou daquele modo, aos núcleos terrenos, encontramos um terço de Espíritos relativamente enobrecidos que se transformam em condutores da marcha ascensional dos companheiros, pelos méritos com que se fazem segura instrumentação das Esferas Superiores. Uberaba, 14/5/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 7)

“SEPARAÇÃO ENTRE CÔNJUGES ESPIRITUAIS. – *Ocorre separação entre cônjuges espirituais?* – Pode acontecer, por exemplo, que as autoridades superiores escolham um dos cônjuges para serviço particular entre os homens, atendendo a qualidades especiais que possua e com que deva satisfazer a questões e eventualidades terrestres. Além disso, esse ou aquele cônjuge, após venturoso estágio na esfera superior, necessita regressar aos círculos carnis para

experiências difíceis no resgate de compromissos determinados. Em ambas as modalidades de separação compreensível e justa, o companheiro ou a companheira em condição de superioridade, pelo menos circunstancialmente, roga, com êxito, a possibilidade de custodiar o objeto de sua veneração e de seu carinho, quase sempre na posição de reencarnados, em regime de completa renúncia. Uberaba, 21/5/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 9)

“DISCIPLINA AFETIVA. – *Em que bases se verifica a disciplina afetiva nas sociedades espirituais das Esferas Superiores?* – Enganam-se lamentavelmente quantos possam admitir a incontinência sexual como regra de conduta nos planos superiores da Espiritualidade. Médiuns que tenham observado as regiões de licenciosidade, ou desencarnados que a respeito delas venham a traçar essa ou aquela notícia, reportam-se apenas a lugares naturalmente inferiores, extremamente afins com a poligamia embrutecente, por mais brilhantes se lhes externem as conceituações filosóficas. Nos planos enobrecidos, realiza-se também o casamento das almas, conjugadas no amor puro, verdadeira união sponsalícia de caráter santificante, gerando obras admiráveis de progresso e beleza na edificação coletiva, e quando semelhante enlace deva ser adiado, por circunstâncias inamovíveis, os Espíritos de comportamento superior aceitam, na Terra, a luta pela sublimação das forças genésicas, aplicando-as em trabalho digno, com abstenção do comércio poligâmico, tanto mais intensamente quanto mais ativo se lhes revele o esforço no acrisolamento próprio. Aliás, cabe considerar que na renúncia construtiva a que se entregam, na expectativa, às vezes longa, do amor que os integrará na complementação desejada, encontram, no serviço aos semelhantes, preciosas oportunidades de burilamento e progresso, acentuando em si mesmos os altos valores da cultura e da emoção, que lhes propiciam gozos íntimos dos mais alevantados e mais puros. Pedro Leopoldo, 25/5/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 10)

“CONDUTA AFETIVA. – *Qual é a conduta afetiva entre as almas enobrecidas?* – Quanto mais elevado o grau de aprimoramento da alma, mais reclamará espontaneamente de si própria a necessária disciplina das energias do mundo afetivo, somente dependendo-as no circuito de forças em que se completa com a alma a que se encontra consorciada, ou, então, em serviço nobre, através do qual opere a evasão das cargas magnéticas de seus impulsos genésicos, transferindo-as para o trabalho em que se lhe projetam a sensibilidade e a inteligência. Isso acontece no plano físico, entre aqueles cujo sistema psíquico já se distanciou suficientemente das emoções vulgares, ajustando-se em complementação fluidica ideal as almas irmãs que se matrimoniam. Interrompida a aliança física na

esfera carnal, por interferência da morte, o homem ou a mulher, consagrados à sublimação íntima, se associam, quase sempre, à companheira ou ao companheiro levados à vivueza, em construtivas simbioses de ação, seja no amparo aos filhos, ainda necessitados de assistência, ou na extensão de obras edificantes, porquanto os Espíritos que verdadeiramente se amam desconhecem o que seja abandono ou esquecimento. Atentos ao mesmo princípio de aprimoramento, aqueles que se ajustam em matrimônio superior, no Plano Espiritual, permutam as próprias forças em constante circuito energético, pelo qual atendem a vastíssimas obras de benemerência, na criação mental de valores necessários ao progresso comum, dentro da euforia permanente que o amor sublime lhes confere. E, em lhes faltando a companhia, por intermédio da qual se integram nos mais altos ideais de burilamento e beleza, mobilizam as próprias cargas magnéticas criadoras em serviço à coletividade, com o que se elevam mais intensamente na escala da sublimação moral, ou, então - o que é mais frequente -, buscam olvidar as próprias possibilidades de maior ascensão, solicitando posições apagadas e humildes ao pé daqueles a quem se devotam, a fim de ajudá-los na execução das tarefas que lhes foram assinaladas ou no pagamento das dívidas com que ainda se oneram perante a Lei. Uberaba, 28/5/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 11)

V.3. Cidades e colônias nas esferas espirituais superiores

“– Mas “Nosso Lar” terá igualmente uma história, como as grandes cidades planetárias? – Sem dúvida. Os planos vizinhos da esfera terráquea possuem, igualmente, natureza específica. “Nosso Lar” é antiga fundação de portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI. A princípio, enorme e exaustiva foi a luta, segundo consta em nossos arquivos no Ministério do Esclarecimento. Há substâncias ásperas nas zonas invisíveis à Terra, tal como nas regiões que se caracterizam pela matéria grosseira. Aqui também existem enormes extensões de potencial inferior, como há, no planeta, grandes tratos de natureza rude e incivilizada. Os trabalhos primordiais foram desanimadores, mesmo para os espíritos fortes. Onde se congregam hoje vibrações delicadas e nobres, edifícios de fino labor, misturavam-se as notas primitivas dos silvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares. Os fundadores não desanimaram, porém. Prosseguiram na obra, copiando o esforço dos europeus que chegavam à esfera material, apenas com a diferença de que, por lá, se empregava a violência, a guerra, a escravidão, e, aqui, o serviço perseverante,

a solidariedade fraterna, o amor espiritual.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 8)

“[...] Cada organização, todavia, apresenta particularidades essenciais. Observando que o intervalo se fazia mais longo, interroguei: – Partiu daqui a interessante formação de Ministérios? – Sim, os missionários da criação de “Nosso Lar” visitaram os serviços de “Alvorada Nova”, uma das colônias espirituais mais importantes que nos circunvizinham e ali encontraram a divisão por departamentos. Adotaram o processo, mas substituíram a palavra departamento por Ministério, com exceção dos serviços regeneradores, que, somente com o Governador atual, conseguiram elevação. Assim procederam, considerando que a organização em Ministérios é mais expressiva, como definição de espiritualidade.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 11)

“Nos primeiros dias de setembro de 1939, “Nosso Lar” sofreu, igualmente, o choque por que passaram diversas colônias espirituais, ligadas à civilização americana. Era a guerra europeia, tão destruidora nos círculos da carne, quão perturbadora no plano do espírito. Entidades numerosas comentavam os empreendimentos bélicos em perspectiva, sem disfarçarem o imenso terror de que se possuíam. Sabia-se, desde muito, que as Grandes Fraternidades do Oriente suportavam as vibrações antagônicas da nação japonesa, experimentando dificuldades de vulto. Anotavam-se, porém, agora, fatos curiosos de alto padrão educativo. Assim como os nobres círculos espirituais da velha Ásia lutavam em silêncio, preparava-se “Nosso Lar” para o mesmo gênero de serviço. Além de valiosas recomendações, no campo da fraternidade e da simpatia, determinou o Governador tivéssemos cuidado na esfera do pensamento, preservando-nos de qualquer inclinação menos digna, de ordem sentimental.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 41)

“– Pertence Asclépios a comunidades redimidas do Plano dos imortais, nas regiões mais elevadas da zona espiritual da Terra. Vive muito acima de nossas noções de forma, em condições inapreciáveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo contato direto com a Crosta Terrestre e só poderia fazer-se sentir, por lá, através de enviados e missionários de grande poder. Apreciável é o sacrifício dele, vindo até nós, embora a melhoria de nossa posição, em relação aos homens encarnados. Vem aqui raramente. Não obstante, algumas vezes, outros mentores da mesma categoria visitam-nos por piedade fraternal. [...] Asclépios relaciona-se entre abnegados mentores da Humanidade Terrestre, partilha da soberana elevação da coletividade a que pertence, mas, efetivamente, é ainda entidade do nosso Planeta, funcionando, embora, em círculos mais altos de vida. Compete-nos peregrinar muito tempo, no campo evolutivo, para lhe atingirmos as pegadas; no entanto, acreditamos que o nosso

visitante sublime suspira por integrar-se no quadro de representantes do nosso orbe, junto às gloriosas comunidades que habitam, por exemplo, Júpiter e Saturno. Os componentes dessas, por sua vez, esperam, ansiosos, o instante de serem convocados às divinas assembleias que regem o nosso sistema solar. Entre essas últimas, estão os que aguardam, cuidadosos e vigilantes, o minuto em que serão chamados a colaborar com os que sustentam a constelação de Hércules, a cuja família pertencemos. Os que orientam nosso grupo de estrelas aspiram, naturalmente, a formar, um dia, na coroa de gênios celestiais que amparam a vida e dirigem-na, no sistema galáctico em que nos movimentamos. E sabe meu amigo que a nossa Via-Láctea, viveiro e fonte de milhões de mundos, é somente um detalhe da Criação Divina, uma nesga do Universo!...” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 3)

“TORMENTOS DA OBSESSÃO. [...] Reunimos, na presente Obra, várias experiências que vivenciamos no Hospital Esperança em nossa Esfera espiritual, no qual se encontram internados inúmeros irmãos, falidos e comprometidos com o seu próximo, em lamentáveis estados de perturbação, sedentos uns de vingança, despedaçados outros pelas circunstâncias ultrizes e fatores de desespero a que se entregaram durante a reencarnação, após haverem abandonado os compromissos nobres, que substituíram pela alucinação e pelo transtorno moral que se permitiram. Nesse Nosocômio espiritual encontram-se recolhidos especialmente pacientes que foram espiritistas fracassados, graças à magnanimidade do Benfeitor Eurípedes Barsanulfo que o ergueu, dando-lhe condição de santuário para a saúde mental e moral, e o administra com incomparável abnegação auxiliado por outros dedicados servidores do Bem e da Caridade. Apresentamos a narração de várias vidas e suas histórias reais, esperando que sensibilizem aqueles que nos honrarem com a atenção da sua leitura, auxiliando-os a não se permitirem comprometimentos desastrosos semelhantes. As experiências que recolhemos serão úteis a todos os indivíduos interessados na felicidade pessoal, porque os despertarão para os elevados compromissos assumidos perante a Consciência Cósmica e os seus Guias espirituais antes do renascimento físico. Não obstante, para outros que conhecem a luminosa orientação do Espiritismo, serão mais vivas e penetrantes, por demonstrarem que a crença é muito importante, no entanto, a vivência dos postulados exarados na Codificação tem regime de urgência e não pode nem deve ser postergada. A muitos companheiros de lide espírita as nossas informações causarão estranheza, a outros parecerão fantasias de mente em desalinho, porque não encontraram antes informações idênticas em detalhes nas Obras básicas da Doutrina, esquecendo-se que o ilustre mestre de Lyon afirmou que não estava apresentando a primeira

nem a última palavra em torno dos temas que tratava, e que o futuro se encarregaria de confirmar o que estava exarado, ampliar as informações ou corrigir o que estivesse em desacordo com a Ciência. Como nenhuma das afirmações doutrinárias conforme-las ofertou Allan Kardec pôde ser superada ou considerada inexata até este momento, é justo que se lhes possa adir novas lições espirituais, dando prosseguimento às memoráveis experiências de vidas no Além-Túmulo, quais as que se encontram na admirável obra *O Céu e o Inferno*, narradas com a segurança da sua pena sábia e vigorosa. Esperando que nossa contribuição espiritual possa auxiliar algum leitor que nos dignifique com a sua atenção, consciente como estamos da responsabilidade que nos diz respeito, suplicamos as bênçãos do sublime Terapeuta para todos nós, Seus pacientes em recuperação. Salvador, 15 de janeiro de 2001. Manoel Philomeno de Miranda.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Tormentos da obsessão)

V.4. Organização administrativa e social de “Nosso Lar”

“Embora transportado à maneira de ferido comum, lobriguei o quadro confortante que se desdobrava à minha vista. Clarêncio, que se apoiava num cajado de substância luminosa, deteve-se à frente de grande porta encravada em altos muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas. Tateando um ponto da muralha, fez-se longa abertura, através da qual penetramos, silenciosos. Branda claridade inundava ali todas as coisas. Ao longe, gracioso foco de luz dava a ideia de um pôr do sol em tardes primaveris. A medida que avançávamos, conseguia identificar preciosas construções, situadas em extensos jardins. Ao sinal de Clarêncio, os condutores depuseram, devagarzinho, a maca improvisada. A meus olhos surgiu, então, a porta acolhedora de alvo edifício, à feição de grande hospital terreno. Dois jovens, envergando túnicas de nível linho, acorreram pressurosos ao chamado de meu benfeitor, e quando me acomodavam num leito de emergência, para me conduzirem cuidadosamente ao interior, ouvi o generoso ancião recomendar, carinhoso: – Guardem nosso tutelado no pavilhão da direita. Esperam agora por mim. Amanhã cedo voltarei a vê-lo. Enderecei-lhe um olhar de gratidão, ao mesmo tempo em que era conduzido a confortável aposento de amplas proporções, ricamente mobiliado, onde me ofereceram leito acolhedor. Envolvendo os dois enfermeiros na vibração do meu reconhecimento, esforcei-me por lhes dirigir a palavra, conseguindo dizer por fim: – Amigos, por quem sois, explicai-me em que novo mundo me encontro... De que estrela me vem, agora, esta luz confortadora e brilhante? Um deles afagou-me a fronte, como se fora conhecido pessoal de longo tempo e

acentuou: – Estamos nas esferas espirituais vizinhas da Terra, e o Sol que nos ilumina neste momento é o mesmo que nos vivificava o corpo físico. Aqui, entretanto, nossa percepção visual é muito mais rica. A estrela que o Senhor acendeu para os nossos trabalhos terrestres é mais preciosa e bela do que a supomos quando no círculo carnal. Nosso Sol é a divina matriz da vida e a claridade que irradia provém do Autor da Criação. [...] A essa altura, serviram-me caldo reconfortante, seguido de água muito fresca, que me pareceu portadora de fluidos divinos. Aquela reduzida porção de líquido reanimava-me inesperadamente. Não saberia dizer que espécie de sopa era aquela; se alimentação sedativa, se remédio salutar. Novas energias amparavam-me a alma, profundas comoções vibravam-me no espírito. Minha maior emoção, todavia, reservava-se para instantes depois. Mal não saíra da consoladora surpresa, divina melodia penetrou quarto adentro, parecendo suave colmeia de sons a caminho das esferas superiores. Aquelas notas de maravilhosa harmonia atravessavam-me o coração. Ante meu olhar indagador, o enfermeiro, que permanecia ao lado, esclareceu, bondoso: É chegado o crepúsculo em “Nosso Lar”. Em todos os núcleos desta colônia de trabalho, consagrada ao Cristo, há ligação direta com as preces da Governadoria. E enquanto a música embalsamava o ambiente, despediu-se, atencioso: – Agora, fique em paz. Voltarei logo após a oração. Empolgou-me ansiedade súbita. – Não poderei acompanhar-vos? - perguntei, suplicante. – Está ainda fraco - esclareceu, gentil -, todavia, caso sinta-se disposto... Aquela melodia renovava-me as energias profundas. Levantei-me vencendo dificuldades e agarrei-me ao braço fraternal que se me estendia. Seguindo vacilante, cheguei a enorme salão, onde numerosa assembleia meditava em silêncio, profundamente recolhida. Da abóbada cheia de claridade brilhante, pendiam delicadas e flóreas guirlandas, que vinham do teto à base, formando radiosos símbolos de Espiritualidade Superior. Ninguém parecia dar conta da minha presença, ao passo que mal dissimulava eu a surpresa inexcusável. Todos os circunstantes, atentos, pareciam aguardar alguma coisa. Contendo a custo numerosas indagações que me esfervilhavam na mente, notei que ao fundo, em tela gigantesca, desenhava-se prodigioso quadro de luz quase feérica. Obedecendo a processos adiantados de televisão, surgiu o cenário de templo maravilhoso. Sentado em lugar de destaque, um ancião corado de luz fixava o Alto, em atitude de prece, envergando alva túnica de irradiações resplandecentes. Em plano inferior, setenta e duas figuras pareciam acompanhá-lo em respeitoso silêncio. Altamente surpreendido, reparei Clarêncio participando da assembleia, entre os que cercavam o velhinho refulgente. Apertei o braço do enfermeiro amigo e, compreendendo ele que minhas perguntas não se fariam

esperar, esclareceu em voz baixa, que mais se assemelhava a leve sopro: – Conserve-se tranquilo. Todas as residências e instituições de “Nosso Lar” estão orando com o Governador, através da audição e visão a distância. Louvemos o Coração Invisível do Céu.” (AL, *Nosso Lar*, Capítulo 4)

– É você o tutelado de Clarêncio? A pergunta vinha de um jovem de singular e doce expressão. Grande bolsa pendente da mão, como quem conduzia apetrechos de assistência, endereçava-me ele sorriso acolhedor. Ao meu sinal afirmativo, mostrou-se à vontade e, maneiras fraternas, acentuou: – Sou Lísias, seu irmão. Meu diretor, o assistente Henrique de Luna, designou-me para servi-lo, enquanto precisar tratamento. – É enfermeiro? - indaguei. – Sou visitador dos serviços de saúde. Nessa qualidade, não só coopero na enfermagem, como também assinalo necessidades de socorro, ou providências que se refiram a enfermos recém-chegados. Notando-me a surpresa, explicou: – Nas minhas condições há numerosos servidores em “Nosso Lar”. O amigo ingressou agora na colônia e, naturalmente, ignora a amplitude dos nossos trabalhos. Para fazer uma ideia, basta lembrar que apenas aqui, na seção em que se encontra, existem mais de mil doentes espirituais, e note que este é um dos menores edifícios do nosso parque hospitalar. – Tudo isso é maravilhoso! - exclamei. [...] Identificando-me a perplexidade natural, prosseguiu: – “Nosso Lar” não é estância de espíritos propriamente vitoriosos, se conferirmos ao termo sua razoável acepção. Somos felizes, porque temos trabalho; e a alegria habita cada recanto da colônia, porque o Senhor não nos retirou o pão abençoado do serviço. Aproveitando a pausa mais longa, exclamei sensibilizado: – Continue, meu amigo, esclareça-me. Sinto-me aliviado e tranquilo. Não será esta região um departamento celestial dos eleitos? Lísias sorriu e explicou: – Recordemos o antigo ensinamento que se refere a muitos chamados e poucos escolhidos na Terra. E vagueando o olhar no horizonte longínquo, como a fixar experiências de si mesmo no painel das recordações mais íntimas, acentuou: – As religiões, no planeta, convocam as criaturas ao banquete celestial. Em sã consciência, ninguém que se tenha aproximado, um dia, da noção de Deus, pode alegar ignorância nesse particular. Incontável é o número dos chamados, meu amigo; mas, onde os que atendem ao chamado? Com raras exceções, a massa humana prefere aceder a outro gênero de convites. Gasta-se a possibilidade nos desvios do bem, agrava-se o capricho de cada um, elimina-se o corpo físico a golpes de irreflexão. Resultado: milhares de criaturas retiram-se diariamente da esfera da carne em doloroso estado de incompreensão. Multidões sem conta erram em todas as direções nos círculos imediatos à crosta planetária, constituídas de loucos, doentes e ignorantes. Notando-me a admiração, interrogou:

– Acreditaria, porventura, que a morte do corpo nos conduziria a planos de milagres? Somos compelidos a trabalho áspero, a serviços pesados e não basta isso. Se temos débitos no planeta, por mais alto que ascendamos, é imprescindível voltar, para retificar, lavando o rosto no suor do mundo, desatando algemas de ódio e substituindo-as por laços sagrados de amor. Não seria justo impor a outrem a tarefa de mondar o campo que semeamos de espinhos, com as próprias mãos. Abanando a cabeça, acrescentava: – Caso dos muitos chamados, meu caro. O Senhor não esquece homem algum; todavia, raríssimos homens o recordam.” (AL, *Nosso Lar*, Capítulo 5)

“A essa altura, atingíramos uma praça de maravilhosos contornos, ostentando extensos jardins. No centro da praça, erguia-se um palácio de magnificente beleza, encabeçado de torres soberanas, que se perdiam no céu. – Os fundadores da colônia começaram o esforço, partindo daqui, onde se localiza a Governadoria – disse o visitador. Apontando o palácio, continuou: – Temos, nesta praça, o ponto de convergência dos seis ministérios a que me referi. Todos começam da Governadoria, estendendo-se em forma triangular. E, respeitoso, comentou: – Ali vive o nosso abnegado orientador. Nos trabalhos administrativos, ele utiliza a colaboração de três mil funcionários; entretanto, é ele o trabalhador mais infatigável e mais fiel que todos nós reunidos. Os Ministros costumam excursionar noutras esferas, renovando energias e valorizando conhecimentos; nós outros gozamos entretenimentos habituais, mas o Governador nunca dispõe de tempo para isso. Faz questão que descansemos, obriga-nos a férias periódicas, ao passo que, ele mesmo, quase nunca repousa, mesmo no que concerne às horas de sono. Parece-me que a glória dele é o serviço perene. Basta lembrar que estou aqui há quarenta anos e, com exceção das assembleias referentes às preces coletivas, raramente o tenho visto em festividades públicas. Seu pensamento, porém, abrange todos os círculos de serviço, sua assistência carinhosa a tudo e a todos atinge.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 8)

“– Lísias, amigo - perguntei -, poderá informar-me se todas as colônias espirituais são idênticas a esta? Os mesmos processos, as mesmas características? – De modo algum. Se nas esferas materiais, cada região e cada estabelecimento revelam traços peculiares, imagine a multiplicidade de condições em nossos planos. Aqui, tal como na Terra, as criaturas se identificam pelas fontes comuns de origem e pela grandeza dos fins que devem atingir; mas importa considerar que cada colônia, como cada entidade, permanece em degraus diferentes na grande ascensão. Todas as experiências de grupo diversificam-se entre si e “Nosso Lar” constitui uma experiência coletiva dessa natureza. Segundo nossos arquivos, muitas vezes os que nos antecederam

buscaram inspiração nos trabalhos de abnegados trabalhadores de outras esferas; em compensação, outros agrupamentos buscam o nosso concurso para outras colônias em formação. Cada organização, todavia, apresenta particularidades essenciais. Observando que o intervalo se fazia mais longo, interroguei: – Partiu daqui a interessante formação de Ministérios? – Sim, os missionários da criação de “Nosso Lar” visitaram os serviços de “Alvorada Nova”, uma das colônias espirituais mais importantes que nos circunvizinham e ali encontraram a divisão por departamentos. Adotaram o processo, mas substituíram a palavra departamento por Ministério, com exceção dos serviços regeneradores, que, somente com o Governador atual, conseguiram elevação. Assim procederam, considerando que a organização em Ministérios é mais expressiva, como definição de espiritualidade. – Muito bem! – acrescentei. – E não é tudo - prosseguiu o enfermeiro, atencioso -, a instituição é eminentemente rigorosa, no que concerne à ordem e à hierarquia. Nenhuma condição de destaque é concedida aqui a título de favor. Somente quatro entidades conseguiram ingressar, com responsabilidade definida, no curso de dez anos, no Ministério da União Divina. Em geral, todos nós, decorrido longo estágio de serviço e aprendizado, voltamos a reencarnar, para atividades de aperfeiçoamento. Enquanto eu ouvia essas informações, justamente curioso, Lísias continuava: – Quando os recém-chegados das zonas inferiores do Umbral se revelam aptos a receber cooperação fraterna, demoram no Ministério do Auxílio; quando, porém, se mostram refratários, são encaminhados ao Ministério da Regeneração. Se revelam proveito, com o correr do tempo são admitidos aos trabalhos de Auxílio, Comunicação e Esclarecimento, a fim de se prepararem, com eficiência, para futuras tarefas planetárias. Somente alguns conseguem atividade prolongada no Ministério da Elevação e raríssimos, em cada dez anos, os que alcançam intimidade nos trabalhos da União Divina. E não suponha que os testemunhos sejam vagas expressões de atividade idealista. Já não estamos na esfera do globo, onde o desencarnado é promovido compulsoriamente a fantasma. Vivemos em círculo de demonstrações ativas. As tarefas de Auxílio são laboriosas e complicadas, os deveres no Ministério da Regeneração constituem testemunhos pesadíssimos, os trabalhos na Comunicação exigem alta noção da responsabilidade individual, os campos do Esclarecimento requisitam grande capacidade de trabalho e valores intelectuais profundos, o Ministério da Elevação pede renúncia e iluminação, as atividades da União Divina requerem conhecimento justo e sincera aplicação do amor universal. A Governadoria, por sua vez, é sede movimentada de todos os assuntos administrativos, numerosos serviços de controle direto, como, por exemplo, o de alimentação,

distribuição de energias elétricas, trânsito, transporte e outros. Aqui, em verdade, a lei do descanso é rigorosamente observada, para que determinados servidores não fiquem mais sobrecarregados que outros; mas a lei do trabalho é também rigorosamente cumprida. No que concerne ao repouso, a única exceção é o próprio Governador, que nunca aproveita o que lhe toca, nesse terreno.” (AL, *Nosso lar*; Capítulo 11)

“**Noções de Lar.** Desejando colher valores educativos que fluíam naturalmente da palestra da senhora Laura, perguntei, curioso: – Desempenhando tantos deveres, a senhora ainda tem atribuições fora de casa? – Sim; vivemos numa cidade de transição; no entanto, as finalidades da colônia residem no trabalho e no aprendizado. As almas femininas, aqui, assumem numerosas obrigações, preparando-se para voltar ao planeta ou para ascender a esferas mais altas. – Mas a organização doméstica, em “Nosso Lar”, é idêntica à da Terra? A interlocutora esboçou uma fâcies muito significativa e acrescentou: – O lar terrestre é que, de há muito, se esforça por copiar nosso instituto doméstico; mas os cônjuges por lá, com raras exceções, estão ainda a moldar o terreno dos sentimentos, invadido pelas ervas amargas da vaidade pessoal e povoado de monstros do ciúme e do egoísmo. Quando regresssei do planeta, pela última vez, trazia, como é natural, profundas ilusões. Coincidiu, porém, que, na minha crise de orgulho ferido, fui levada a ouvir um grande instrutor, no Ministério do Esclarecimento. Desde esse dia, nova corrente de ideias me penetrou o espírito. – Não poderia dizer-me algo das lições recebidas? – indaguei com interesse. – O orientador, muito versado em matemática - prosseguiu ela -, fez-nos sentir que o lar é como se fora um ângulo reto nas linhas do plano da evolução divina. A reta vertical é o sentimento feminino, envolvido nas inspirações criadoras da vida. A reta horizontal é o sentimento masculino, em marcha de realizações no campo do progresso comum. O lar é o sagrado vértice onde o homem e a mulher se encontram para o entendimento indispensável. É templo, onde as criaturas devem unir-se espiritual antes que corporalmente. Há na Terra, agora, grande número de estudiosos das questões sociais, que aventam várias medidas e clamam pela regeneração da vida doméstica. Alguns chegam a asseverar que a instituição da família humana está ameaçada. Importa considerar, entretanto, que, a rigor, o lar é conquista sublime que os homens vão realizando vagarosamente. Onde, nas esferas do globo, o verdadeiro instituto doméstico, baseado na harmonia justa, com os direitos e deveres legitimamente partilhados? Na maioria, os casais terrestres passam as horas sagradas do dia vivendo a indiferença ou o egoísmo feroz. Quando o marido permanece calmo, a mulher parece desesperada; quando a esposa se cala, humilde, o companheiro tiraniza.

Nem a consorte se decide a animar o esposo, na linha horizontal de seus trabalhos temporais, nem o marido se resolve a segui-la no vôo divino de ternura e sentimento, rumo aos planos superiores da Criação. Dissimulam em sociedade e, na vida íntima, um faz viagens mentais de longa distância, quando o outro comenta o serviço que lhe seja peculiar. Se a mulher fala nos filhinhos, o marido excursiona através dos negócios; se o companheiro examina qualquer dificuldade do trabalho, que lhe diz respeito, a mente da esposa volta ao gabinete da modista. É claro que, em tais circunstâncias, o ângulo divino não está devidamente traçado. Duas linhas divergentes tentam, em vão, formar o vértice sublime, a fim de construírem um degrau na escada grandiosa da vida eterna. – As almas femininas não podem permanecer inativas aqui. É preciso aprender a ser mãe, esposa, missionária, irmã. A tarefa da mulher, no lar, não pode circunscrever-se a umas tantas lágrimas de piedade ociosa e a muitos anos de servidão. É claro que o movimento coevo do feminismo desesperado constitui abominável ação contra as verdadeiras atribuições do espírito feminino. A mulher não pode ir ao duelo com os homens, através de escritórios e gabinetes, onde se reserva atividade justa ao espírito masculino. Nossa colônia, porém, ensina que existem nobres serviços de extensão do lar, para as mulheres. A enfermagem, o ensino, a indústria do fio, a informação, os serviços de paciência, representam atividades assaz expressivas. O homem deve aprender a carrear para o ambiente doméstico a riqueza de suas experiências, e a mulher precisa conduzir a doçura do lar para os labores ásperos do homem. Dentro de casa, a inspiração; fora dela, a atividade. Uma não viverá sem a outra. Como sustentar-se o rio sem a fonte, e como espalhar-se a água da fonte sem o leito do rio? Não pude deixar de sorrir, ouvindo a interrogação. A mãe de Lísias, depois de longo intervalo, continuou: – Quando o Ministério do Auxílio me confia crianças ao lar, minhas horas de serviço são contadas em dobro, o que lhe pode dar ideia da importância do serviço maternal no plano terreno. Entretanto, quando isso não acontece, tenho meus deveres diuturnos nos trabalhos de enfermagem, com a semana de quarenta e oito horas de tarefa. Todos trabalham em nossa casa. A não ser minha neta convalescente, não temos qualquer pessoa da família em zonas de repouso. Oito horas de atividade no interesse coletivo, diariamente, é programa fácil a todos. Sentir-me-ia envergonhada se não o executasse também. Interrompeu-se a interlocutora por alguns momentos, enquanto me perdia em vastas considerações...” (AL, *Nosso lar*; Capítulo 20)

“– Como se encara o problema da propriedade na colônia? Esta casa, por exemplo, pertence-lhe? Ela sorriu e esclareceu: – Tal como se dá na Terra, a propriedade aqui é relativa. Nossas aquisições são feitas à

base de horas de trabalho. O bônus-hora, no fundo, é o nosso dinheiro. Quaisquer utilidades são adquiridas com esses cupons, obtidos por nós mesmos, a custa de esforço e dedicação. As construções em geral representam patrimônio comum, sob controle da Governadoria; cada família espiritual, porém, pode conquistar um lar (nunca mais que um), apresentando trinta mil bônus-hora, o que se pode conseguir com algum tempo de serviço. Nossa morada foi conquistada pelo trabalho perseverante de meu esposo, que veio para a esfera espiritual muito antes de mim. Dezoito anos estivemos separados pelos laços físicos, mas sempre unidos pelos elos espirituais. Ricardo, porém, não descansou. Recolhido ao “Nosso Lar”, depois de certo período de extremas perturbações, compreendeu imediatamente a necessidade do esforço ativo, preparando-nos um ninho para o futuro. Quando cheguei, estreamos a habitação que ele organizara com esmero, acentuando-se nossa ventura. Desde então, meu esposo ministrou-me conhecimentos novos. Minhas lutas na viuvez haviam sido intensas. Muito moça ainda, com os filhos tenros, tive de enfrentar serviços rudes. A custa de testemunhos difíceis, proporcionei aos rebentos de nossa união os valores educativos, de que eu podia dispor, habituando-os, porém, muito cedo, aos trabalhos árduos. Compreendi, depois, que a existência laboriosa me livrara das indecisões e angústias do Umbral, por colocar-me a coberto de muitas e perigosas tentações. O suor do corpo ou a preocupação justa, nos campos de atividade honesta, constituem valiosos recursos para a elevação e defesa da alma. Reencontrar Ricardo, tecer novo ninho de afetos, representava o céu para mim. Durante anos consecutivos, vivemos a vida de perene ventura, trabalhando por nossa evolução, unindo-nos cada vez mais e cooperando no progresso efetivo dos que nos são afins. Com o correr do tempo, Lísias, Iolanda e Judite reuniram-se a nós, aumentando nossa felicidade. Após ligeiro intervalo, em que parecia meditar, minha interlocutora prosseguiu em tom grave: – Mas a esfera do globo nos esperava. Se o presente estava cheio de alegria, o passado chamava a contas, para que o futuro se harmonizasse com a lei eterna. Não podíamos pagar à Terra com bônus-hora e sim com o suor honrado, fruto de trabalhos. Dada a nossa boa-vontade, aclarava-se-nos a visão, relativamente ao pretérito doloroso. A lei do ritmo exigia, então, nossa volta. Aquelas afirmativas causavam-me viva impressão.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 21)

“O Bônus-Hora. Notando que a senhora Laura entristecera subitamente ao recordar o marido, modifiquei o rumo da palestra, interrogando: – Que me diz do bônus-hora? Trata-se de algum metal amoldado? Minha interlocutora perdeu o aspecto cismático, a que se recolhera, e replicou, atenciosa: – Não é propriamente moeda, mas ficha de serviço individual,

funcionando como valor aquisitivo. – Aquisitivo? – perguntei abruptamente. – Explico-me – respondeu a bondosa senhora –; em “Nosso Lar” a produção de vestuário e alimentação elementares pertence a todos em comum. Há serviços centrais de distribuição na Governadoria e departamentos do mesmo trabalho nos Ministérios. O celeiro fundamental é propriedade coletiva. Ante meu gesto silencioso de espanto, acentuou: – Todos cooperam no engrandecimento do patrimônio comum e dele vivem. Os que trabalham, porém, adquirem direitos justos. Cada habitante de “Nosso Lar” recebe provisões de pão e roupa, no que se refere ao estritamente necessário; mas os que se esforçam na obtenção do bônus-hora conseguem certas prerrogativas na comunidade social. O espírito que ainda não trabalha, poderá ser abrigado aqui; no entanto, os que cooperem podem ter casa própria. O ocioso vestirá, sem dúvida; mas o operário dedicado vestirá o que melhor lhe pareça; compreendeu? Os inativos podem permanecer nos campos de repouso, ou nos parques de tratamento, favorecidos pela intercessão de amigos; entretanto, as almas operosas conquistam o bônus-hora e podem gozar a companhia de irmãos queridos, nos lugares consagrados ao entretenimento, ou o contato de orientadores sábios, nas diversas escolas dos Ministérios em geral. Precisamos conhecer o preço de cada nota de melhoria e elevação. Cada um de nós, os que trabalhamos, deve dar, no mínimo, oito horas de serviço útil, nas vinte e quatro de que o dia se constitui. Os programas de trabalho, porém, são numerosos e a Governadoria permite quatro horas de esforço extraordinário, aos que desejem colaborar no trabalho comum, de boa-vontade. Desse modo, há muita gente que consegue setenta e dois bônus-hora, por semana, sem falar dos serviços sacrificiais, cuja remuneração é duplicada e, às vezes, triplicada. Mas, é esse o único título de remuneração? – perguntei. – Sim, é o padrão de pagamento a todos os colaboradores da colônia, não só na administração, como também na obediência. Lembrando as organizações terrestres, indaguei, espantado: – Todavia, como conciliar semelhante padrão com a natureza do serviço? O administrador ganhará oito bônus-hora na atividade normal do dia, e o operário do transporte receberá a mesma coisa? Não é o trabalho do primeiro mais elevado que o do segundo? A senhora sorriu à pergunta e explicou: – Tudo é relativo. Se, na orientação ou na subalternidade, o trabalho é de sacrifício pessoal, a expressão remunerativa é justamente multiplicada. Examinando, porém, mais detidamente a sua pergunta, precisamos, antes de mais nada, esquecer determinados prejuízos da Terra. A natureza do serviço é problema dos mais importantes; contudo, na própria esfera da crosta é que o assunto apresenta solução mais difícil. A maioria dos homens encarnados está simplesmente ensaiando o espírito de

serviço e aprendendo a trabalhar nos diversos setores da vida humana. Por isso mesmo, é imprescindível fixar as remunerações terrestres com maior atenção. Todo o ganho externo do mundo é lucro transitório. Vemos trabalhadores obcecados pela questão de ganhar, transmitindo fortunas vultosas à inconsciência e à dissipação; outros amontoam expressões bancárias que lhes servem de martírio pessoal e de ruína à família. Por outro lado, é indispensável considerar que setenta por cento dos administradores terrenos não pesam os deveres morais que lhes competem e que a mesma porcentagem pode ser adjudicada a quantos foram chamados à subordinação. Vivem, quase todos, a confessar ausência do impulso vocacional, recebendo embora os proventos comuns aos cargos que ocupam. Governos e empresas pagam a médicos que se entregam à exploração de interesses outros e a operários que matam o tempo. Onde, aí, a natureza de serviço? Há técnicos de indústria econômica que nunca prezaram integralmente a obrigação que lhes assiste e valem-se de leis magnânimas, à maneira de moscas venenosas no pão sagrado, exigindo abonos, facilidades e aposentadorias. Creia, porém, que todos pagarão muito caro a displicência. Parece ainda distante o tempo em que os institutos sociais poderão determinar a qualidade de serviço dos homens, porque, para o plano espiritual superior, não se especificará teor de trabalho, sem a consideração dos valores morais despendidos. Essas palavras despertavam-me para concepções novas. Percebendo-me a sede de instrução, a interlocutora continuou: – O verdadeiro ganho da criatura é de natureza espiritual e o bônus-hora, em nossa organização, modifica-se em valor substancial, segundo a natureza dos nossos serviços. No Ministério da Regeneração, temos o Bônus-Hora-Regeneração; no Ministério do Esclarecimento, o Bônus-Hora-Esclarecimento, e assim por diante. Ora, examinando o provento espiritual, é razoável que a documentação de trabalho revele a essência do serviço. As aquisições fundamentais constituem-se de experiência, educação, enriquecimento de bênçãos divinas, extensão de possibilidades. Nesse prisma, os fatores assiduidade e dedicação representam, aqui, quase tudo. Em geral, em nossa cidade de transição, a maioria prepara-se com vistas à necessidade de regresso aos círculos carnaís. Examinando esse princípio, é natural que o homem que empregou cinco mil horas em serviços regeneradores tenha efetuado esforço sublime, a benefício de si mesmo; o que despendeu seis mil horas de atividade, no Ministério do Esclarecimento, estará mais sábio. Poderemos gastar os bônus-hora conquistados; entretanto, é mais valioso ainda o registro individual da contagem de tempo de serviço útil, que nos confere direito a preciosos títulos. Semelhantes instruções interessavam-me profundamente. – Poderemos, porém,

gastar nossos bônus-hora a favor dos amigos? - indaguei curioso. – Perfeitamente - disse ela -; poderemos repartir as bênçãos de nosso esforço com quem nos aprouver. Isto é direito inalienável do trabalhador fiel. Contam-se por milhares as pessoas favorecidas em “Nosso Lar”, pela movimentação da amizade e do estímulo fraternal. A essa altura, a genitora de Lísias sorriu e observou: – Quanto maior a contagem do nosso tempo de trabalho, maiores intercessões podemos fazer. Compreendemos, aqui, que nada existe sem preço e que para receber é indispensável dar alguma coisa. Pedir, portanto, é ocorrência muito significativa na existência de cada um. Somente poderão rogar providências e dispensar obséquio os portadores de títulos adequados, entendeu?” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 22)

– Conhecemos, aqui, na maioria das colônias espirituais, a remuneração de serviço do bônus-hora. Nossa base de compensação une dois fatores essenciais. O bônus representa a possibilidade de receber alguma coisa de nossos irmãos em luta, ou de remunerar alguém que se encontre em nossas realizações; mas o critério quanto ao valor da hora pertence exclusivamente a Deus. Na bonificação exterior pode haver muitos erros de nossa personalidade falível, considerando nossa posição de criaturas em labores de evolução, como acontece na Terra; mas, no concernente ao conteúdo espiritual da hora, há correspondência direta entre o Servidor e as Forças Divinas da Criação. É por isso, André, que nossas atividades experimentais, no progresso comum, a partir da esfera carnal, sofrem contínuas modificações todos os dias. Tabelas, quadros, pagamentos, são modalidades de experimentação dos administradores, a que o Senhor concedeu a oportunidade de cooperar nas Obras Divinas da Vida, assim como concede à criatura o privilégio de ser pai ou mãe, por algum tempo, na Terra e noutros mundos. Todo administrador sincero é cioso dos serviços que lhe competem; todo pai consciente está cheio de amor desvelado. Deus também, meu filho, é Administrador vigilante e Pai devotadíssimo. A ninguém esquece e reserva-se o direito de entender-se com o trabalhador, quanto ao verdadeiro proveito no tempo de serviço. Toda compensação exterior afeta a personalidade em experiência; mas, todo valor de tempo interessa à personalidade eterna, aquela que permanecerá sempre em nossos círculos de vida, em marcha para a glória de Deus. É por essa razão que o Altíssimo concede sabedoria ao que gasta tempo em aprender e dá mais vida e mais alegria aos que sabem renunciar!...” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 36)

“A princípio, logo após o despertar, aqueles esclarecimentos sobre o bônus-hora me haviam suscitado certas interrogações de vulto. Como poderia estar a compensação da hora afeta a Deus? Não era atribuição do administrador espiritual, ou humano, a contagem

do tempo? Tobias, porém, esclarecera-me a inteligência faminta de luz. Aos administradores, em geral, impen-de a obrigação de contar o tempo de serviços, sendo justo, igualmente, instituírem elementos de respeito e consideração ao mérito do trabalhador; mas, quanto ao valor essencial do aproveitamento justo, só mesmo as Forças Divinas podem determinar com exatidão. Há servidores que, depois de quarenta anos de atividade especial, dela se retiram com a mesma insipiência da primeira hora, provando que gastaram tempo sem empregar dedicação espiritual, assim como existem homens que, atingindo cem anos de existência, dela saem com a mesma ignorância da idade infantil. Tanto é precioso o conceito de sua mamãe - disse Tobias - que basta lembrar as horas dos homens bons e dos maus. Nos primeiros, transformam-se em celeiros de bênçãos do Eterno; nos segundos, em látigos de tormento e remorso, como se fossem entes malditos. Cada filho acerta contas com o Pai, conforme o emprego da oportunidade, ou segundo suas obras. Essa contribuição de esclarecimento auxiliou-me a ponderar o valor do tempo, em todos os sentidos.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 37)

“- E o problema da herança? - inquiri de repente. - Não temos aqui demasiadas complicações - respondeu a senhora Laura, sorrindo. Vejamos, por exemplo, o meu caso. Aproxima-se o tempo do meu regresso aos planos da crosta. Tenho comigo três mil Bônus-Hora-Auxílio, no meu quadro de economia pessoal. Não posso legá-los a minha filha que está a chegar, por que esses valores serão revertidos ao patrimônio comum, permanecendo minha família apenas com o direito de herança ao lar; no entanto, minha ficha de serviço autoriza-me a interceder por ela e preparar-lhe aqui trabalho e concurso amigo, assegurando-me, igualmente, o valioso auxílio das organizações de nossa colônia espiritual, durante minha permanência nos círculos carnavais. Nesse cômputo, deixo de referir-me ao lucro maravilhoso que adquiri no capítulo da experiência, nos anos de cooperação no Ministério do Auxílio. Volto à Terra, investida de valores mais altos e demonstrando qualidades mais nobres de preparação ao êxito desejado.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 22)

“Após enlevar-me na contemplação do quadro prodigioso, como se estivesse bebendo a luz e a calma da noite, voltamos ao interior, onde Lísias se aproximou de pequeno aparelho postado na sala, à maneira de nossos receptores radiofônicos. Aguçou-se-me a curiosidade. Que iríamos ouvir? Mensagens da Terra? Vindo ao encontro de minhas interrogações íntimas, o amigo esclareceu: - Não ouviremos vozes do planeta. Nossas transmissões baseiam-se em forças vibratórias mais sutis que as da esfera da crosta. - Mas não há recurso - indaguei - para recolher as emissões

terrestres? - Sem dúvida que temos elementos para fazê-lo, em todos os Ministérios; entretanto, no ambiente doméstico o problema de nossa atualidade é essencial. A programação do serviço necessário, as notas da Espiritualidade Superior e os ensinamentos elevados vivem, agora, para nós outros, muito acima de qualquer cogitação terrestre. A observação era justa; mas, habituado ao apego doméstico, inquiri, de pronto: - Será tanto assim? E os parentes que ficaram a distância? Nossos pais, nossos filhos? - Já esperava essa pergunta: Nos círculos terrestres somos levados, muitas vezes, a viciar as situações. A hipertrofia do sentimento é mal comum de quase todos nós. Somos, por lá, velhos prisioneiros da condição exclusivista. Em família, isolamo-nos frequentemente no cadinho do sangue e esquecemos o resto das obrigações. Vivemos distraídos dos verdadeiros princípios de fraternidade. Ensinamo-los a todo mundo, mas, em geral, chegado o momento do testemunho, somos solidários apenas com os nossos. Aqui, porém, meu amigo, a medalha da vida apresenta a outra face. É preciso curar nossas velhas enfermidades e sanar injustiças. No início da colônia, todas as moradias, ao que sabemos, ligavam-se com os núcleos de evolução terrestre. Ninguém suportava a ausência de notícias da parentela comum. Do Ministério da Regeneração ao da Elevação, vivia-se em constante guerra nervosa. Boatos assustadores perturbavam as atividades em geral. Mas, precisamente há dois séculos, um dos generosos Ministros da União Divina compelia a Governadoria a melhorar a situação. O ex-Governador era talvez demasiadamente tolerante. A bondade desviada provoca indisciplinas e quedas. E, de quando em quando, as notícias dos afeiçoados terrestres punham muitas famílias em polvorosa. Os desastres coletivos no mundo, quando interessassem algumas entidades em “Nosso Lar”, eram aqui verdadeiras calamidades públicas. Segundo nosso arquivo, a cidade era mais um departamento do Umbral, que propriamente zona de refazimento e instrução. Amparado pela União Divina, o Governador proibiu o intercâmbio generalizado. Houve luta. Mas o Ministro generoso, que incrementou a medida, valeu-se do ensinamento de Jesus que manda os mortos enterrarem seus mortos e a inovação se tornou vitoriosa em pouco tempo. - Entretanto - objetei -, seria interessante colher notícias dos nossos amados em trânsito na Terra. Não daria isso mais tranquilidade à alma? Lísias, que permanecia junto ao receptor, sem ligá-lo, como interessado em me fornecer explicações mais amplas, acrescentou: - Observe a si mesmo, a fim de ver se valeria a pena. Está preparado, por exemplo, para manter a precisa serenidade, esperando com fé e agindo com os preceitos divinos, em sabendo que um filho de seu coração está caluniado ou caluniando? Se alguém o

informasse, agora, de que um dos seus irmãos consanguíneos foi hoje encarcerado como criminoso, teria bastante força para conservar-se tranquilo? Sorri, desapontado. – Não devemos procurar notícias dos planos inferiores - prosseguiu, solícito - senão para levar auxílios justos. Convenhamos, porém, que a criatura alguma auxiliará com justiça, experimentando desequilíbrios do sentimento e do raciocínio. Por isso, é indispensável a preparação conveniente, antes de novos contatos com os parentes terrenos. Se eles oferecessem campo adequado ao amor espiritual, o intercâmbio seria desejável; mas esmagadora porcentagem de encarnados não alcançou, ainda, nem mesmo o domínio próprio e vive às tontas, nos altos e baixos das flutuações de ordem material. Precisamos, embora as dificuldades sentimentais, evitar a queda nos círculos vibratórios inferiores. Contudo, evidenciando minha teimosia caprichosa, indaguei: – Mas, Lísias, você que tem um amigo encarnado, qual seu pai, não gostaria de comunicar-se com ele? – Sem dúvida - respondeu bondosamente -, quando merecemos essa alegria, visitamo-lo em sua nova forma, verificando-se o mesmo, quando se trata de qualquer expressão de intercâmbio entre ele e nós. Não devemos esquecer, entretanto, que somos criaturas falíveis. Precisamos, pois, recorrer aos órgãos competentes, que determinem a oportunidade ou o merecimento exigidos. Para esse fim, temos o Ministério da Comunicação. Acresce notar que, da esfera superior, é possível descer à inferior com mais facilidade. Existem, contudo, certas leis que mandam compreender devidamente os que se encontram nas zonas mais baixas. É tão importante saber falar como saber ouvir. “Nosso Lar” vivia em perturbações porque, não sabendo ouvir, não podia auxiliar com êxito e a colônia transformava-se, frequentemente, em campo de confusão. Calei-me vencido pelo argumento ponderoso. E, enquanto me conservava em silêncio, o enfermeiro amigo abriu o controle de recepção sob meus olhos curiosos.” (AL, *Nosso Lar*, Capítulo 23)

“– Esperemos o aeróbus (carro aéreo, que seria na Terra um grande funicular). Mal me refazia da surpresa, quando surgiu grande carro, suspenso do solo a uma altura de cinco metros mais ou menos e repleto de passageiros. Ao descer até nós, à maneira de um elevador terrestre, examinei-o com atenção. Não era máquina conhecida na Terra. Constituída de material muito flexível, tinha enorme comprimento, parecendo ligada a fios invisíveis, em virtude do grande número de antenas na tolda. Mais tarde, confirmei minhas suposições, visitando as grandes oficinas do Serviço de Trânsito e Transporte. Lísias não me deu tempo a indagações. Aboletados convenientemente no recinto confortável, seguimos Silenciosos. Experimentava a timidez natural do homem desambientado,

entre desconhecidos. A velocidade era tanta que não permitia fixar os detalhes das construções escalonadas no extenso percurso. A distância não era pequena, porque só depois de quarenta minutos, incluindo ligeiras paradas de três em três quilômetros, me convidou Lísias a descer, sorridente e calmo.” (AL, *Nosso Lar*, Capítulo 10)

“Atravessamos largos quarteirões, onde numerosos edifícios me pareceram colmeias de serviço intenso. Percebendo-me a silenciosa indagação, o novo amigo esclareceu: – Temos aqui as grandes fábricas de “Nosso Lar”. A preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo. Daí a momentos, penetramos num edifício de aspecto nobre. Servidores numerosos iam e vinham. Depois de extensos corredores, deparou-se-nos vastíssima escadaria, comunicando com os pavimentos inferiores. – Desçamos - disse Tobias em tom grave. E notando minha estranheza, explicou, solícito: – As Câmaras de Retificação estão localizadas nas vizinhanças do Umbral. Os necessitados que aí se reúnem não toleram as luzes, nem a atmosfera de cima, nos primeiros tempos de moradia em “Nosso Lar”. (AL, *Nosso Lar*, Capítulo 26)

“Nunca poderia imaginar o quadro que se desenhava agora aos meus olhos. Não era bem o hospital de sangue, nem o instituto de tratamento normal da saúde orgânica. Era uma série de câmaras vastas, ligadas entre si e repletas de verdadeiros despojos humanos. Singular vozerio pairava no ar. Gemidos, soluços, frases dolorosas pronunciadas a esmo... Rostos escaveirados, mãos esqueléticas, fâcies monstruosas deixavam transparecer terrível miséria espiritual. Tão angustiosas foram minhas primeiras impressões que procurei os recursos da prece para não fraquejar. [...] Seguimos através de numerosas filas de camas bem cuidadas, sentindo a desagradável exalação ambiente, oriunda, como vim a saber mais tarde, das emanções mentais dos que ali se congregavam, com as dolorosas impressões da morte física e, muita vez, sob o império de baixos pensamentos. – Reservam-se estas câmaras - explicou o companheiro bondosamente - apenas a entidades de natureza masculina. [...] Coração alanceado ante o sofrimento de tantas criaturas, não contive a interrogação penosa: – Meu amigo, como é triste a reunião de tantos sofrendores e torturados! Por que este quadro angustioso? Tobias respondeu sem se perturbar: – Não devemos observar aqui somente dor e desolação. Lembre-se, meu irmão, que estes doentes estão atendidos, que já se retiraram do Umbral, onde tantas armadilhas aguardam os imprevidentes, descuidados de si mesmos. Nestes pavilhões, pelo menos, já se preparam para o serviço regenerador. Quanto às lágrimas que vertem, recordemos que devem a si

mesmos esses padecimentos. A vida do homem estará centralizada onde centralize ele o próprio coração. E depois de uma pausa, em que parecia surdo a tantos clamores, acentuou: – São contrabandistas na vida eterna. – Como assim? – atalhei, interessado. O interlocutor sorriu e respondeu em voz firme: – Acreditavam que as mercadorias propriamente terrestres teriam o mesmo valor nos planos do Espírito. Supunham que o prazer criminoso, o poder do dinheiro, a revolta contra a lei e a imposição dos caprichos atravessariam as fronteiras do túmulo e vigorariam aqui também, oferecendo-lhes ensejos a disparates novos. Foram negociantes imprevidentes. Esqueceram de cambiar as posses materiais em créditos espirituais. Não aprenderam as mais simples operações de câmbio no mundo. Quando iam a Londres, trocavam contos de réis por libras esterlinas; entretanto, nem com a certeza matemática da morte carnal se animaram a adquirir os valores da espiritualidade. Agora... que fazer? Temos os milionários das sensações físicas transformados em mendigos da alma. Realíssimo! Tobias não podia ser mais lógico. Meu novo instrutor, após distribuir conforto e esclarecimento a granel, conduziu-me a vasta câmara anexa, em forma de grande enfermaria, notificando: – Vejamos alguns dos infelizes semimortos. Narcisa, a servidora, acompanhava-nos, solícita. Abriu-se a porta e quase cambaleei ante a surpresa angustiosa. Trinta e dois homens de semblante patibular permaneciam inertes em leitos muito baixos, evidenciando apenas leves movimentos de respiração. Fazendo gesto significativo com o indicador, Tobias esclareceu: – Estes sofrendores padecem um sono mais pesado que outros de nossos irmãos ignorantes. Chamamos-lhes crentes negativos. Ao invés de aceitarem o Senhor, eram vassalos intransigentes do egoísmo; ao invés de crerem na vida, no movimento, no trabalho, admitiam somente o nada, a imobilidade e a vitória do crime. Converteram a experiência humana em constante preparação para um grande sono e, como não tinham qualquer ideia do bem, a serviço da coletividade, não há outro recurso senão dormirem longos anos, em pesadelos sinistros. Não conseguia externar meu espanto.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 27)

“Havíamos alcançado as cercanias do Campo da Música. Luzes de indescritível beleza banhavam extenso parque, onde se ostentavam encantamentos de verdadeiro conto de fadas. Fontes luminosas traçavam quadros surpreendentes: um espetáculo absolutamente novo para mim. [...] Nesse momento, atingimos a faixa de entrada, onde Lísias pagou gentilmente o ingresso. Notei, ali mesmo, grande grupo de passeantes, em torno de gracioso coreto, onde um corpo orquestral de reduzidas figuras executava música ligeira. Caminhos marginados de flores desenhavam-se à nossa frente, dando acesso ao interior do parque, em várias direções.

Observando minha admiração pelas canções que se ouviam, o companheiro explicou: – Nas extremidades do Campo, temos certas manifestações que atendem ao gosto pessoal de cada grupo dos que ainda não podem entender a arte sublime; mas, no centro, temos a música universal e divina, a arte santificada, por excelência. Com efeito, depois de atravessarmos alamedas risonhas, onde cada flor parecia possuir seu reinado particular, comecei a ouvir maravilhosa harmonia dominando o céu. Na Terra, há pequenos grupos para o culto da música fina e multidões para a música regional. Ali, contudo, verificava-se o contrário. O centro do campo estava repleto. Eu havia presenciado numerosas agregações de gente, na colônia, extasiara-me ante a reunião que o nosso Ministério consagrara ao Governador, mas o que via agora excedia a tudo que me deslumbrara até então. A nata de “Nosso Lar” apresentava-se em magnífica forma. Não era luxo, nem excesso de qualquer natureza, o que proporcionava tanto brilho ao quadro maravilhoso. Era a expressão natural de tudo, a simplicidade confundida com a beleza, a arte pura e a vida sem artifícios. O elemento feminino aparecia na paisagem, revelando extremo apuro de gosto individual, sem desperdício de adornos e sem trair a simplicidade divina. Grandes árvores, diferentes das que se conhecem na Terra, guardavam belos recintos, iluminados e acolhedores. Não somente os pares afetuosos demoravam nas estradas floridas. Grupos de senhoras e cavalheiros entretinham-se em animada conversação, valiosa e construtiva. Não obstante sentir-me sinceramente humilhado pela minha insignificância ante aquela aglomeração seletíssima, experimentava a mensagem silenciosa, de simpatia, no olhar de quantos me defrontavam. Ouvia frases soltas, relativamente aos círculos carnavais, e, contudo, em nenhuma palestra notei o mais ligeiro laivo de malícia ou de acusação aos homens. Discutia-se o amor, a cultura intelectual, a pesquisa científica, a filosofia edificante, mas todos os comentários tendiam à esfera elevada do auxílio mútuo, sem qualquer atrito de opinião. Observei que, ali, o mais sábio restringia as vibrações de seu poder intelectual, ao passo que os menos instruídos elevavam, quanto possível, a capacidade de compreensão para absorver as dádivas do conhecimento superior. Em palestras numerosas, recolhia referências a Jesus e ao Evangelho e, no entanto, o que mais me impressionava era a nota de alegria reinante em todas as conversações. Ninguém recordava o Mestre com as vibrações negativas da tristeza inútil ou do injustificável desalento; Jesus era lembrado por todos como o supremo orientador das organizações terrenas, visíveis e invisíveis, cheio de compreensão e bondade, mas também consciente da energia e da vigilância necessárias à preservação da ordem e da justiça. Aquela sociedade otimista encantava-me. Diante dos olhos, tinha concretizadas as esperanças de grande número dos pensadores verdadeiramente

nobres, na Terra. Grandemente maravilhado com a música sublime, ouvi Lísias dizer: – Nossos orientadores, em harmonia, absorvem raios de inspiração nos planos mais altos e os grandes compositores terrestres são, por vezes, trazidos às esferas como a nossa, onde recebem algumas expressões melódicas, transmitindo-as, por sua vez, aos ouvidos humanos, adornando os temas recebidos com o gênio que possuem. O Universo, André, está cheio de beleza e sublimidade. O facho resplendente e eterno da vida procede originariamente de Deus.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 45)

“**No Centro de Mensageiros.** No dia seguinte, após ouvir longas ponderações de Narcisa, mandei o Centro de Mensageiros, no Ministério da Comunicação. Acompanhava-me o prestimoso Tobias, não obstante os imensos trabalhos que lhe ocupavam o círculo pessoal. Deslumbrado, atingi a série de majestuosos edifícios de que se compõe a sede da instituição. Julguei encontrar algumas universidades reunidas, tal a enorme extensão deles. Pátios amplos, povoados de arvoredos e jardins, convidavam a sublimes meditações. Tobias arrancou-me do encantamento, exclamando: – O Centro é muito vasto. Atividades complexas são desempenhadas neste departamento de nossa colônia espiritual. Não creia esteja resumida a instituição nos edifícios sob nossos olhos. Temos, nesta parte, tão somente a administração central e alguns pavilhões destinados ao ensino e à preparação em geral. – Mas esta organização imensa restringe-se ao movimento de transmissão de mensagens? – perguntei, curioso. O companheiro sorriu significativamente e esclareceu: – Não suponha se encontre aqui localizado o serviço de correio, simplesmente. O Centro prepara entidades a fim de que se transformem em cartas vivas de socorro e auxílio aos que sofrem no Umbral, na Crosta e nas Trevas. Acreditaria, porventura, que tanto trabalho se destinasse apenas a mera movimentação de noticiário? Amplie suas vistas. Este serviço é a cópia de quantos se vêm fazendo nas mais diversas cidades espirituais dos planos superiores. Preparam-se aqui numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária. Não me refiro tão só a emissários invisíveis. Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente. Tarefeiros do conforto espiritual encaminham-se para os círculos carnis, em quantidade considerável, habilitados pelo nosso Centro de Mensageiros.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 3)

“Não estava farto de lições, mas, para o momento, havia aprendido bastante. Impressionado com o que me fora dado observar, não insisti com Vicente para prolongar nossa demora no Centro de Mensageiros. Deixando grandes grupos em conversação ativa, reconstituindo projetos e refazendo esperanças, segui o

companheiro que me convidava a visitar os imensos jardins. Roseirais enormes balsamizavam a atmosfera leve e límpida. – Sinto-me fortemente impressionado – murmurei –. Quem diria pudessem caber tantas responsabilidades a essas criaturas? Não conheci pessoalmente nenhum médium ou doutrinador do Espiritismo, justificando agora minha surpresa. Vicente sorriu e ponderou: – Você, meu caro, procede das Câmaras de Retificação, onde os trabalhos são muito reservados e circunscritos. Talvez sua impressão provenha dessa circunstância. Verá, porém, com o tempo, que existem aqui locais de conversações dessa natureza, referentes a todas as oportunidades perdidas. Já visitou alguma dependência do Ministério do Esclarecimento? – Não. – Localizam-se, ali, os enormes pavilhões das escolas maternais. São milhares de irmãs que comentam, por lá, as desventuras da maternidade fracassada, buscando reconstituir energias e caminhos. Ainda ali, temos os Centros de Preparação à Paternidade. Grandes massas de irmãos examinam o quadro de tarefas perdidas e recordam, com lágrimas, o passado de indiferença ao dever. Nesse mesmo Ministério, temos a Especialização Médica. Nobres profissionais da Medicina, que perderam santas oportunidades de elevação, lá discutem seus problemas. Nesse instante o interrompi, observando: – Entretanto, somos médicos e não nos achamos lá. – Sim – explicou Vicente, bondoso –, infelizmente para nós ambos, caímos em toda a linha. Não só na qualidade de médicos, mas muito mais como homens, pois que, se disse a você o que sofri, ainda não contei o que fiz. – É verdade – concordei, desapontado, recordando minha condição de suicida inconsciente. – Ainda no Esclarecimento – prosseguiu o companheiro –, temos o Instituto de Administradores, onde os Espíritos cultos procuram restaurar as forças próprias e corrigir os erros cometidos na mordomia terrestre. Nos Campos de Trabalho, do Ministério da Regeneração, existem milhares de trabalhadores que se renovam para a recapitulação das grandes tarefas da obediência. – Somos numerosos – continuou, sorridente – os falidos nas missões terrestres e note-se que todos os que hajam chegado a zonas como “Nosso Lar” devem ser levados à conta dos extremamente felizes. Temos aqui dois Ministérios Celestiais, como o da Elevação e o da União Divina, cuja influência santificante eleva o padrão dos nossos pensamentos sem que o percebamos de maneira direta. O estágio aqui, André, representa uma bênção do Senhor e, por muito que trabalhássemos, nunca retribuiríamos a esta colônia na medida de nosso débito para com ela. Nossa situação é a de abrigados em verdadeiro paraíso, pelo ensejo de serviço edificante que se nos oferece. Quanto a outros companheiros nossos...” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 13)

V.5. Organização administrativa e social do “Almas Irmãs”

“Rumei, junto de Neves, para o instituto de renovação que Félix dirigia na esfera espiritual. [...] Fomos defrontados pelo instituto que demandávamos. O “Almas Irmãs”, assim chamado pelos fundadores que o levantaram em socorro dos irmãos necessitados de reeducação sexual, após a desencarnação, exibia plano extenso de construções. Conjunto de linhas harmônicas e simples, ocupando quatro quilômetros quadrados de edifícios e arruamentos, parques e jardins. Autêntica cidade por si. Inalava-se tranquilidade, alegria. Das aleias em verde repousante, flores tangidas pelo vento figuravam-se acenos de boas-vindas. Rostos sorridentes nos saudavam, de permeio com os semblantes circunspetos que nos lançavam olhares de simpatia. Todas as idades aí se expressavam nos companheiros de ambos os sexos, com os quais renteávamos, satisfeitos. Bloco de casario sugeria universidades reunidas. Mas, longe de encontrar representantes da psicopatia ligada às perturbações sexuais, eram criaturas de aparência hígida as que nos acolhiam, afetuosas. Neves, que ali aportara dias antes, interpelado por minha curiosidade, esclareceu que a agremiação possuía vasta dependência reservada a enfermos; entretanto, que eu modificasse qualquer conceituação prévia, com respeito à obra ali desenvolvida, porquanto os verdadeiros alienados em consequência de alucinações emotivas, trazidas da Terra, permaneciam reclusos em manicômios, sob tratamento indicado, sempre que apartados das falanges dementadas nas regiões tenebrosas. Acrescentou que muitos daqueles que nos cumprimentavam, tranquilos, remanesciam de tragédias passionais, intensamente vividas no mundo; todavia, revelavam-se agora pacificados e lúcidos, quais as próprias personalidades humanas, depois de reprimir as crises de insânia, quando se rendem ao desequilíbrio mental. As elucidações, no entanto, se interromperam de brusco, porque atingíramos o ponto em que nos cabia tomar contato com Félix, antecipadamente avisado quanto à nossa presença. O instrutor, contudo, prevenia-nos da impossibilidade de abraçar-nos, de pronto. Aguardar-nos-ia, mais tarde, na própria residência. Enternecia-nos, entretanto, com grata surpresa. Belino Andrade, amigo que eu não via há precisamente dez anos, e com quem convivera, intimamente, em atividades outras, ali se achava a fim de iniciar-nos no conhecimento da casa. Abraçou-nos, fraternal, e, como que retomando os esclarecimentos que Neves empreendera, começou dizendo que pisávamos num hospital-escola de suma importância para os candidatos à reencarnação. Os internados ou estudantes vinham, em maioria, de estâncias purgatoriais, após alijarem as consequências mais imediatas dos

vícios e paixões aviltantes, por eles acalentados no plano físico. Rigorosamente examinados, atendiam a critério de seleção, nas paragens de angústia expiatória em que se demoravam, e somente depois de julgados dignos entravam naquele pouso de refazimento para estações mais ou menos longas de estudo e meditação, pesquisando as causas e observando os efeitos das quedas de natureza afetiva em que se haviam precipitado... Enquanto nos detínhamos em caminhada agradável, Belino prosseguia informando que todos eles, depois de suficientemente instruídos, são recambiados ao domicílio terrestre, onde reencarnam nos ambientes em que faliram e, tanto quanto possível, nas equipes consanguíneas que lhes impuseram prejuízos ou que lhes sofreram os danos. No “Almas Irmãs” obtinham a láurea do conhecimento, na Terra volviam a aplicá-lo, através das dificuldades e tentações da faina material, que nos comprovam a assimilação das virtudes adquiridas. Apresentando-nos praças graciosas ou apreciando aspectos da paisagem, Belino comparou as finalidades do educandário aos centros de cultura superior, existentes no mundo, que conferem títulos acadêmicos para o exercício de funções determinadas, dentro da especialização profissional, e confrontou a arena terrestre com a esfera da prática, em que os alunos diplomados são impelidos às experiências e aos encargos que lhes fixam o mérito ou o demérito. Ali, a mente se rearticulava, aprendia, refazia, restaurava, mas, de modo geral, sempre no objetivo de retornar ao mundo, a fim de incorporar em si mesma o valor das lições recebidas. Acrescentou que a não serem as reencarnações compulsórias, por motivos prementes, o problema do regresso requeria considerações específicas e preparações adequadas, razão pela qual muitos companheiros do “Almas Irmãs” se corporificavam na Terra com programas domésticos preestabelecidos, de maneira a hospedarem com os seus próprios recursos genésicos os colegas afins. Dali, do estabelecimento, esses colegas, que se lhes indicavam na posição de filhos para o futuro, os resguardavam e defendiam até a ocasião em que lhes fosse possível mergulhar no berço terreno, constituindo-se, dessa forma, famílias inteiras, em edificações e provas redentoras, que, no fundo, representavam, espiritualmente, o trabalho do instituto entre os homens, qual ocorre a múltiplas organizações congêneres e a numerosas associações outras, consagradas à regeneração e ao progresso da alma, nas esferas de ação espiritual que circundam a Terra. Aquele hospital-escola qualificava-se, dessa maneira, na condição de posto avançado da espiritualidade construtiva, sustentando permanente contato com a vida humana. Cada individualidade reencarnada com vínculos no “Almas Irmãs” ali se encontra convenientemente fichada, com todo o histórico do que está realizando na reencarnação obtida, no

qual se lhes vê o balanço dos créditos conquistados e dos débitos contraídos, balanço esse que é examinável a qualquer momento, para efeito de auxílio maior ou menor aos interessados, segundo a lealdade que demonstrem na desincumbência das obrigações a que se empenharam e conforme o esforço espontâneo que revelem na construção do bem geral. Indaguei de Belino se conhecia a média geral de aproveitamento na comunidade e ele informou que sim, acentuando que, em oitenta e dois anos de existência, o “Almas Irmãs”, que detinha habitualmente uma população oscilante de cinco a seis mil pessoas, apontava, no coeficiente de cada cem estudantes, dezoito vitoriosos nos compromissos da reencarnação, vinte e dois melhorados, vinte e seis muito imperfeitamente melhorados e trinta e quatro onerados por dívidas lamentáveis e dolorosas. À minha nova inquirição sobre se os fracassados eram readmitidos, informou que ninguém na Terra consegue avaliar a expectativa, a ternura, o esforço e o sacrifício com que os amigos desencarnados torcem pelo triunfo ou pelo aprimoramento parcial dos afeiçoados em serviço no mundo, e nem imaginar a desolação que lhes sacode o ânimo quando não logram abraçá-los de volta, mesmo ligeiramente renovados para o suspirado convívio. Noticiou que os companheiros em malogro positivo, após a desencarnação, passam, automaticamente, às zonas inferiores, onde, por vezes, ainda se demoram, por muito tempo, em desequilíbrio ou devassidão, conquanto nunca percam o devotamento dos amigos ali domiciliados, que intercedem por eles, junto a colônias dedicadas a outros tipos de assistência. Sabia, porém, de casos pertinentes a vários rematriculados depois dessas refregas. Em compensação, exaltou os prêmios atribuídos aos vencedores. Os aprendizes que se laureiam, através do aproveitamento substancial dos recursos fornecidos pela organização, aí se honram com admiráveis oportunidades de trabalho, em estâncias superiores, conforme os desejos que expressem. Atingíramos, entretanto, comprido agregado de edifícios, nos quais Andrade informou estarem localizadas diversas atividades de instrução. Iniciamos vistoria afetuosa. Os salões de aula comoviam pelas revelações, e os professores pela simpatia. O sexo, por tema central, merecendo o maior apreço. Os alunos contemplavam gravuras e croquis que configuravam implementos do sexo, com o interesse carinhoso de quem se entenece ante o colo maternal e com a atenção de quem agradece concessões divinas. Todos nos acolhiam denotando cordialidade, sem que a nossa passagem lhes alterasse a aplicação; contudo, é de salientar a emoção que me empolgava ao observar o crescendo de veneração com que o sexo era homenageado nas diversas faculdades de ensino, pesquisado e enobrecido em cadeiras diferentes. Matérias professadas em regime de

especialização. Cada qual atendida em construção propositada. Sexo e amor. Sexo e matrimônio. Sexo e maternidade. Sexo e estímulo. Sexo e equilíbrio. Sexo e medicina. Sexo e evolução. Sexo e penalogia. E outras discriminações. Disse Andrade que todas as disciplinas são frequentadas por grande cópia de alunos e, tentando saber em quais delas se inscrevia o número mais extenso, viera a saber que os assuntos de “sexo e maternidade”, e “sexo e penalogia” retinham proeminência franca. O primeiro reúne centenas de criaturas que se endereçam aos ajustes de lar, na Terra, e o segundo enfeixa enorme quantidade de Espíritos conscientes que examinam a melhor maneira de infligirem a si próprios determinadas inibições, para se corrigirem de hábitos deprimentes no curso da reencarnação a que se dirigem. Muitos chegam a deixar escritas nos arquivos da casa as sentenças que lavram contra si mesmos, antes de se envolverem nas provações que consideram necessárias ao aperfeiçoamento e felicidade que demandam. Tornavam-se as elucidações de Belino cada vez mais interessantes e refletia, de minha parte, na extensão das obras da cidade espiritual em que me achava há quinze anos longe de conhecer-lhe todos os monumentos de benemerência e cultura, quando alcançamos a residência do diretor. Félix, em companhia do Irmão Régis, que nos apresentou por substituto eventual dele, acolheu-nos amavelmente. Admirei-me. Não parecia o amigo que se apequenava no Rio para compartilhar-nos o trabalho. Reverenciado e querido, era ali distinguido dignitário do conhecimento superior, a quem a administração de “Nosso Lar” delegara responsabilidades vultosas. Dirigente e comandante, pai e irmão. [...] Parando, de trecho a trecho, para conhecer minudências do extenso átrio que atravessávamos, fiquei sabendo que o instituto sustenta zonas residenciais, além dos edifícios reservados à administração, ao ensino, à subsistência e à hospitalização transitória. Aí se acomodam famílias inteiras, casais, Espíritos em conjunções afetivas e repúblicas de estudiosos que se visitam ou recebem amigos de outras organizações e de outras plagas, efetuando excursões edificantes e recreativas ou atendendo a empresas artísticas e assistenciais, de permeio com as obrigações de rotina.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 9)

V.6. Organização administrativa e social do “Hospital-Escola Esperança”

[...] Muito interessado na problemática obsessiva, diante das ocorrências do cotidiano terrestre, chamei-me a atenção a grave interferência dos desencarnados no comportamento dos homens. [...] Comentando com amigos dedicados aos estudos sociológicos, psicológicos e penalógicos em nossa Esfera de ação, aguardei

oportunidade própria para auscultar nobre especialista nessas áreas, com objetivo de esclarecer-me, ao tempo em que pudesse ampliar informações e estudos junto aos caros leitores encarnados, igualmente dedicados às terapias preventiva e curadora dessa enfermidade epidêmica e ultriz. Nesse estado de espírito, oportunamente fui convidado, por afeiçoado servidor de nossa comunidade, para um encontro íntimo com o venerável Espírito Dr. Bezerra de Menezes, numa das suas estâncias entre nós, cuja dedicação à Humanidade, na condição de desencarnado, se aproximava de um século de ininterrupto humanitarismo, em labor de caridade e iluminação da consciência terrestre. A reunião fora reservada para pequeno grupo de pesquisadores das terapêuticas próprias para a criminalidade e suas consequências entre os seres humanos reencarnados, havendo sido convidados apenas aqueles dedicados ao importante mister. Em uma área ao ar livre, reservada a tertúlias íntimas realizadas no Nosocômio, que fora programado para obsidiados que faliram nos compromissos terrestres, e que desencarnaram sob o guante dos transtornos psíquicos dessa natureza, teve lugar o encontro abençoado. Erguido, graças aos esforços e sacrifícios do eminente Espírito Eurípedes Barsanulfo, na década de 1930 a 1940, aquele Sanatório passou a recolher desde então as vítimas da própria incúria, tornando-se um laboratório vivo e pulsante para a análise profunda das alienações espirituais. O missionário sacramentano havia constatado ser expressivo o número de almas falidas nos compromissos relevantes, após haverem recebido as luzes do Consolador, e que retornavam à pátria espiritual em lamentável estado de desequilíbrio, sofrendo sem consolo na errática inferior. Movido pela compaixão que o caracteriza, empenhou-se e conseguiu sensibilizar uma expressiva equipe de trabalhadores espirituais dedicados à psiquiatria, para o socorro a esses náufragos da ilusão e do desrespeito às soberanas leis da Vida, credores de misericórdia e amparo. Médiuns levianos, que desrespeitaram o mandato de que se fizeram portadores; divulgadores descompromissados com a responsabilidade do esclarecimento espiritual; servidores que malograram na execução de graves tarefas da beneficência; escritores equipados de instrumentos culturais que deveriam plasmar imagens dignificadoras e que descambaram para as discussões estéreis e as agressões injustificáveis; corações que se responsabilizaram pela edificação da honra em si mesmos, abraçando a fé renovadora, e delinquiram; mercenários da caridade bela e pura; agentes da simonia no Cristianismo restaurado ali se encontravam recolhidos, muitos deles após haverem naufragado na experiência carnal, por não terem suportado as pressões dos Espíritos vingadores, inclementes perseguidores aos quais deveriam conquistar, ao invés de se lhes tornarem vítimas,

extraviando-se da estrada do reto dever sob sua injunção perversa... Normalmente, naquele Instituto de saúde espiritual, se realizavam encontros esclarecedores, quando se analisavam as desditosas experiências dos seus pacientes. Vezes outras, candidatos à reencarnação com tarefas definidas na mediunidade estagiavam nos seus pavilhões, observando os companheiros que se iludiram e foram vencidos, ou escutando-os durante suas catarses significativas ao despertar da consciência, dando-se conta do prejuízo que se causaram a si mesmos, assim como aos outros, que arrastaram na sua vertiginosa alucinação. Verdadeiro Hospital-Escola, constitui um brado enérgico de advertência para os viajores do carro orgânico, que se comprometeram com as atividades de enobrecimento e de amor.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 1)

“**O SANATÓRIO ESPERANÇA.** Terminado o colóquio com o venerável Benfeitor Dr. Bezerra de Menezes, continuamos entretecendo comentários em torno do assunto ventilado, quando senti interesse de aprofundar conhecimentos em torno do Sanatório Esperança, onde anteriormente tivera oportunidade de realizar estudos sobre a obsessão, bem como experienciar outras atividades espirituais. Embora informado da finalidade do admirável Nosocômio, desconhecia detalhes da sua fundação. Apresentando-se própria a ocasião, face à presença em nosso grupo de um dos seus atuais diretores, o Dr. Ignácio Ferreira, que fora na Terra eminente médico uberabense, interroguei ao amigo gentil, sobre a história daquele Santuário dedicado à saúde mental, e ele, bondosamente respondeu: — Quando ainda reencarnado, Eurípedes Barsanulfo foi portador de verdadeiro mediunato, porquanto conduziu as faculdades mediúnicas de que era instrumento dentro dos postulados enobrecedores da caridade e do amor, em uma vivência aureolada de exemplos de renúncia e de abnegação, havendo sido também educador emérito. Em razão dessas suas admiráveis faculdades, dedicou-se a atender os portadores de alienação mental, psiquiátrica e obsessiva, erguendo um Hospital na cidade em que nascera, para socorrê-los. Conseguiu, naquele tempo, resultados incomuns, favorecendo os enfermos com a reconquista do equilíbrio. Não obstante a terapêutica acadêmica vigente, e que ele não podia aplicar, por não ser habilitado a exercer a Medicina nessa área, era a sua própria força moral que lograva o maior número de recuperações, face à bondade que expressava em relação aos pacientes desencarnados, assim como a misericórdia de que se utilizava para atender os padecentes dos graves transtornos psíquicos. “Ser interexistente, viveu como apóstolo da caridade, possuindo extraordinários potenciais curadores e especial acuidade como receitista espiritual, dedicado ao socorro dos menos felizes. “Nunca se negou a socorrer quem quer que fosse,

mesmo àqueles que o perseguiam de forma inclemente, e que, ao enfermarem, não encontrando recursos hábeis para o reequilíbrio, buscavam-no, dele recebendo o concurso superior para o prosseguimento da jornada evolutiva. “Desencarnando jovem, vitimado pela epidemia da gripe espanhola que assolou o mundo, prosseguiu como missionário de Jesus amparando milhares de vidas que se lhe vincularam, especialmente na região por onde deambulava na recente existência encerrada. “O seu nome tornou-se bandeira de esperança e com um grupo de cooperadores devotados ao Bem alargou o campo de trabalho socorrista, ampliando as áreas de atendimento sob a inspiração do Psicoterapeuta por excelência.” Sinceramente comovido, ante a evocação dos atos de caridade do eminente Espírito, prosseguiu, serenamente narrando: - Não se limitando a socorrer exclusivamente os vian-dantes do carro físico, acompanhou, também, após a desencarnação, muitos daqueles que lhe receberam o concurso, neles constatando o estado deplorável em que retornavam à Pátria, vencidos por perseguidores cruéis que os obsidiavam, ou vitimados por ideoplas-tias terríveis derivadas dos atos a que se entregaram, enlouquecendo de vergonha, de dor e de desespero após o portal do túmulo. “Formando verdadeiras legiões de alienados mentais, que se agrediam, uns aos outros, chafurdando em paisagens de sombra e angústia, constituídas por abismos de sofrimentos insuportá-veis, condeou-se, particularmente, por identificar que muitos deles haviam recebido o patrimônio da mediunidade iluminada pelas lições libertadoras do Espiritis-mo, mas preferiram enveredar pelos dédalos da irresponsabilidade, utilizando-se da superior conces-são para o deleite de si mesmos e das paixões mais vis que passaram a cultivar. Outros tantos corromperam a palavra iluminativa, de que se fizeram instrumentos, utilizando-a para atender aos interesses escusos, ou negociar favores terrestres com desprezo pela oportu-nidade de edificação de muitas vidas que lhes aguar-davam o contributo. Diversos mercadejaram os dons espirituais, tombando sob o vampirismo propiciado por verdugos do passado, que se compraziam em em-purrá-los para mais graves despautérios, comprometendo-lhes a reencarnação. “Diante da massa imensa de desesperados que haviam conhecido as diretrizes para a felicidade, mediante o serviço dignificante e restaurador dos ensinamentos de Jesus, mas que pre-feriram os jogos doentios dos prazeres exorbitantes, o missionário compadecido buscou o apoio dos Benfei-tores de mais Alto, para que conduzissem a Jesus uma proposta sua, caracterizada pelo interesse de edifica-ção de um Nosocômio espiritual, especializado em loucura, para aqueles que desequilíbrio apresentassem após a morte do corpo físico, e que também serviria de Escola viva, como igualmente de laboratório, para

a preparação das suas reencarnações futuras em esta-do menos doloroso e com possibilidades mais seguras de recuperação. “Após deferido o seu requerimento de beneficência, suplicou ao nobre Espírito Agostinho de Hipona, que na Terra o houvera auxiliado e inspirado no ministério abraçado, que se tornasse o intermediá-rio das futuras necessidades da Instituição em surgi-mento junto ao Médico divino, a Quem suplicava bênçãos em favor da obra. “Havendo o sábio cristão, autor das Confissões e de outros memoráveis traba-lhos, aquiescido em intermediar os apelos do trabalha-dor do Bem junto ao Senhor Jesus, foi permitida a edificação do refúgio e abrigo especial para os doen-tes da alma, que se encontrassem sob tormentosas alu-cinações nos antros escusos da erraticidade inferior.” O bondoso narrador concedeu-nos uma pausa para apreensão da surpreendente história, logo continuando: — Eurípedes providenciou a convocação de admi-ráveis psiquiatras e psicólogos desencarnados, que haviam na Terra cuidado das desafiadoras patologias obsessivas e auto-obsessivas, de forma que, preparada a Equipe, foram tomados os cuidados próprios para a edificação do Sanatório, situado nesta área distante do movimento da comunidade espiritual, a fim de que as bênçãos da Natureza contribuíssem também com ele-mentos próprios para acalmar as suas torpes alucina-ções e ensinar-lhes renovação e paz. “Obedecendo a um plano cuidadoso, foram erguidos diversos blocos, que deveriam atender a patologias específicas, tais como delírios graves, possessões de longo porte, cons-ciências autopunitivas, desespero por conflitos ínti-mos, fixações mórbidas, hebetação mental, autismo consequente a arrependimentos tardios, esquizofre-nias tenebrosas, obsessões compulsivas, etc. “A região, amplamente arborizada, absorve o impacto vibratório dos tormentos que se exteriorizam dos conjuntos bem desenhados e das clínicas de repouso, para onde são transferidos aqueles que se encontram em processo de recuperação. “Hábeis psicoterapeutas movimentam-se no abençoado complexo, auxiliados por devotado cor-po de paramédicos, todos habilmente preparados para esse ministério de alta magnitude, demonstrando quanto é forte o liame do dever com amor, no atendi-mento ao desespero e à loucura. “Afim, a vida se ex-pressa com intensidade no corpo e fora dele, sendo que, na sua realidade causal, mais significativas e vigo-rosas são as energias que compõem o ser, produzindo ressonâncias no futuro organismo somático, que vi-vençiará todas as ações desenvolvidas. “Desse modo, os métodos de atendimento aos enfermos espirituais são fundamentados no profundo conhecimento do ser, das suas necessidades, dos fatores que levam ao fra-casso os empreendimentos nobilitantes, das injunções penosas provocadas pelo intercâmbio com Entidades infelizes e perversas, dos desequilíbrios íntimos por

acomodação e aceitação da vulgaridade e do crime... “Muitos companheiros doentes, aqui internados, portadores de outras patologias, foram aquinhoados com a dádiva da constatação da continuidade da vida após o decesso tumular, e, não obstante esse conhecimento, utilizaram das faculdades mediúnicas para dar vazão aos tormentos pretéritos ainda vivos no inconsciente, que deveriam vencer a qualquer preço.” Enquanto o gentil psiquiatra silenciou por breves momentos, pus-me a reflexionar: — sempre me chamaram atenção aqueles irmãos que foram vítimas das expressões sexuais desequilibradas, e que não souberam canalizar nobremente as energias reprodutoras, deixando-se consumir pelos vícios hediondos, que os perturbaram profundamente. Não poucos deles mantiveram durante a existência carnal a ambiguidade de comportamento, apresentando-se externamente de maneira correta, mas vivendo sórdidos conúbios mentais com Entidades promíscuas, em extravagantes e contínuas perversões a que se entregavam à hora de dormir, dessa forma mantendo comunhão estreita com as mesmas, que se haviam degenerado e os atraíam para os redutos mais abjetos, tais os lupanares antigos e motéis modernos, que lhes servem de habitação... Utilizando-me, então, daquela breve pausa, interroguei com interesse de aprender: — Aqui são albergados também portadores de distúrbios sexuais, que contribuíram para desastrosas condutas na área da mediunidade? Sempre gentil, o caro médico elucidou: — Como sabemos, o sexo é santuário da vida, que não pode ser perturbado sem tormentosas consequências para o seu depositário. Em razão disso, muitos distúrbios de comportamento têm suas matrizes nos mecanismos sexuais íntimos. Os seus aspectos e sinistras vinculações sempre produzem dolorosa compunção, por vê-los se negarem a despertar para a realidade, enlanguescidos e sofridos nos estados de depauperamento da energia vital, mesmo quando socorridos e amparados... O vício se lhes instala nos tecidos delicados do Espírito como necessidades semelhantes aos tormentosos processos da toxicomania e do alcoolismo, que tantos males causam à Humanidade terrestre que estagia no corpo físico e fora dele. “Estudadas as energias variadas que compõem o complexo espiritual de cada indivíduo, abnegados especialistas em sexologia aqui trabalham, ajudando os que vieram recambiados para este Centro de socorro, utilizando dos recursos próprios e correspondentes, de modo a agirem nas causas dos dramas que se desenrolaram por largo tempo, revigorando cada paciente com as incomparáveis lições de Jesus.” Novamente silenciou, para logo dar prosseguimento à narrativa interessante: — Face à sua profunda vinculação com o Divino Médico, à entrada do amplo pavilhão central, Eurípedes mandou inscrever o lapidar conceito kardequiano *Fora da Caridade não*

bá Salvação, revivendo os exemplos do Senhor, que todos deveriam insculpir com vigor no imo, a fim de que o amor jamais diminuísse de intensidade no ministério socorrista, fossem quais fossem os resultados do labor em desenvolvimento ou conforme o enfrentamento dos desafios. “Equipes adestradas recolhem novos pacientes com frequência, conforme as possibilidades que esses lhes ofereçam, nas regiões punitivas para onde resvalam, facultando-lhes a honra da misericórdia de acréscimo que procede do Pai magnânimo, sempre à espera do filho displicente ou rebelde. “É, sem dúvida, deplorável, o estado em que muitos aqui chegam, lutando contra as ideias mantidas durante o corpo e atormentados pelas visões que cultivaram durante a vilegiatura carnal, apresentando no perispírito todas as mazelas do seu desrespeito às soberanas leis da Vida. Não poucos deles aqui são instalados, mantendo a imantação psíquica com os inimigos cruéis, que também passam a receber assistência conveniente, libertando-os a pouco e pouco das incríveis fixações e vampirizações a que se entregam. “Para esse fim, uma ampla enfermaria de recepção acolhe a todos os recém-chegados, após o que são examinados por diligentes psicoterapeutas, que os encaminham aos respectivos núcleos onde poderão desfrutar do atendimento correspondente às suas necessidades. “Todos, sem exceção, recebem assistência muito carinhosa, sem que, em qualquer circunstância, seja desrespeitado o livre arbítrio do perseguidor ou daquele que se permite dominar.” E porque fizesse nova pausa, como se esperasse por alguma indagação, para mais esclarecer, atrevi-me a interrogar: — Do fato de haverem sido atendidos esses Espíritos enfermos, ocorre, vez que outra, alguma evasão ou retorno aos sítios de onde viveram? Sem demonstrar enfado, o bondoso psiquiatra elucidou: - Face à circunstância do respeito ao livre arbítrio de cada qual, com relativa frequência muitos internos, atraídos psiquicamente pelos seus verdugos, retornam aos sítios de hediondez de onde foram removidos, por perfeita identificação de interesses e afinidade moral mantida entre eles... Não há impedimento para essa ocorrência, em se considerando o direito de cada qual evoluir conforme as próprias possibilidades, embora os impositivos expiatórios que, na ocasião adequada, alteram o comportamento daqueles que se permitem enlanguescer na indiferença, longe de qualquer propósito de renovação... “Aqui, além do ministério de recuperação de pacientes mentais, em razão da sua especialidade, muitos candidatos a reencarnações como futuros psicoterapeutas e estudiosos da alma, conforme a visão das modernas Doutrinas transpessoais, vêm fazendo estágio, a fim de adquirirem conhecimentos para lidar com os problemas volumosos da obsessão, dos transtornos psicológicos e das psicopatologias que se apresentam cada

vez mais dominadoras na sociedade contemporânea. “Por outro lado, nobres pioneiros da hipnose como dos estudos da histeria, da psiquiatria, da psicanálise e de outras doutrinas correlatas, visitam com certa constância o respeitável Sanatório, para colher dados e aprimorar conhecimentos, alterar ou aprofundar informações que ficaram paralisadas, quando deixaram o corpo carnal na Terra... “De Thomas Willis, o psiquiatra inglês do século 15, a Filipe Pinel, de Mesmer a James Braid, de Wilhelm Griesinger a Kraepelin, a Charcot, a Freud, a Jung, apenas para nos referir a alguns dos cultos visitantes, muitas aulas têm sido ministradas, e debates são estabelecidos para que se encontrem os melhores métodos terapêuticos para imediata aplicação, não apenas nos internos como em favor dos viandantes da Terra, especialmente considerando-se a fragilidade das forças morais de muitos candidatos ao equilíbrio e à fidelidade aos postulados do dever, quando mergulham na carne. “Muitos daqueles mestres do passado, que contribuíram para alargar o conhecimento em torno da psique humana, davam-se e dão-se conta agora ante o espetáculo trágico e grandioso da vida em triunfo sobre a transitoriedade da matéria, da sabedoria incomparável de Jesus, quando conclamou as criaturas ao amor e à compaixão, à conduta reta em favor da vida futura, indestrutível, conforme o demonstrou com a Sua própria ressurreição... “Outrossim, muitos deles não conheceram o trabalho incomum de Allan Kardec, especialmente no que diz respeito às psicopatologias por obsessão, igualmente tratadas por Jesus, e raros, que poderiam haver pesquisado o valioso contributo do mestre lionês, não o fizeram por preconceito acadêmico, e tudo quanto ignoravam nessa área preferiram situar no verbete Ocultismo, pronunciado de maneira depreciativa. “Algumas das tentativas terapêuticas de que foram iniciadores esses visitantes e ilustres mestres, agora são aqui aplicadas com eficiência, pelo fato de produzirem o efeito desejado no campo energético de onde procedem os fenômenos psicológicos e psiquiátricos, sede, portanto, do ser integral, espiritual, que somos todas as criaturas. “Não ignoramos, todos os que aqui estagiamos, que qualquer tipo de enfermidade tem no Espírito a sua origem, face à conduta mental, emocional e moral que o mesmo se permite, produzindo transtorno vibratório que se refletirá na área correspondente do corpo perispiritual, e mais tarde no físico. Somente agindo-se no mesmo nível e campo, propondo-se simultaneamente a mudança de atitude psíquica e comportamental do paciente, se pode aguardar resultados satisfatórios na correspondente manifestação da saúde.” Novamente, interrompeu a surpreendente explicação, para prosseguir: — Musicoterapia, preceterapia, amoterapia são as bases de todos os procedimentos aqui praticados, que se

multiplicam em diversificados métodos de atendimento aos sofredores, conforme as síndromes, a extensão do distúrbio, a gravidade do problema. Concomitantemente, as indiscutíveis terapias desobsessivas recebem cuidados especiais, particularmente nos processos de vampirização, para liberar aqueles que submetem as suas vítimas, internando-os logo depois para tratamento de longo curso; para cirurgias perispirituais de retirada de implantes perturbadores, que foram fixados no cérebro e prosseguem vibrando na área correspondente do psicossoma; para momentosas regressões a experiências pregressas, em cujas vivências se originaram os enfrentamentos e os ódios, demonstrando-se que, inocentes, realmente não existem ante a Consciência Cósmica; para liberação de hipnoses profundas; para reestruturação do pensamento danificado pelas altas cargas de vibrações deletérias desde a vida física; para reencontros com afetos preocupados com a recuperação de cada um daqueles pertencentes à sua família emocional... “Por outro lado, a fluidoterapia muito bem aplicada produz efeitos surpreendentes, tendo-se em vista aqueles que a utilizam, movimentando energias internas e trabalhando as da Natureza, que são direcionadas aos centros perispirituais e chakras, agindo no intrincado mecanismo das forças energéticas que constituem o Espírito. “O amor, porém, e a paciência, — acentuou com ênfase — assumem primazia em todos os processos socorristas, procurando amenizar a angústia e o desespero daqueles que se enganaram a si mesmos e sofrem as lamentáveis consequências. “Convidados especiais, para a psicoterapia mediante palestras comovedoras e ricas de ensinamentos libertadores dos vícios, evocando vultos e acontecimentos históricos que merecem ser repensados, apresentam-se com assiduidade, fazendo parte do programa terapêutico deste Núcleo de Esperança, que sempre representa o Amor que nunca falta e pacientemente aguarda.” Havendo silenciado, algo comovido, deixou-nos o conforto que deflui da bondade de Deus, jamais desamparando os filhos rebeldes, que preferem os caminhos tormentosos, quando poderiam haver seguido a estrada do bem e do dever sem tropeços. E porque a noite se encontrasse coroadada de estrelas e um perfume balsâmico bailasse no ar, à medida que o grupo se diluiu, cada qual buscando o repouso ou as atividades que deveria desempenhar, continuamos no local, reflexionando.” [...] (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 2)

“**INFORMAÇÕES PRECIOSAS.** Com jovialidade irradiante o Dr. Ferreira recepcionou-nos, exteriorizando os júbilos que o invadiam, face à possibilidade de esclarecer-me em torno das nobres atividades daquela Casa de Socorro. Por minha vez, profundamente sensibilizado, não tinha como expressar-lhe o reconhecimento que me dominava, retribuindo-lhe com

simplicidade a generosa maneira de estimular-me ao progresso íntimo. Convidando-me a sentar-me em confortável poltrona, passou a explicar-me parte da complexidade dos labores que tinham lugar naquele admirável Nosocômio espiritual. Esclareceu-me que era responsável somente por um dos pavilhões que albergava médiuns e alguns outros equivocados, enquanto diversos trabalhadores, respectivamente se incumbiam de administrar outros setores que acolhiam diferentes ordens de portadores de alienações espirituais e que haviam fracassado no projeto reencarnacionista. A supervisão geral era realizada por uma coligação constituída pelos diretores dos diversos Núcleos sob a presidência do apóstolo sacramentano, encarregado das decisões finais. Outrossim, lidadores da psiquiatria, que ali trabalhavam com terapias valiosas, ofereciam também seu contributo, na condição de responsáveis pelas clínicas, nas quais estagiavam. A ordem, a disciplina e o respeito pelas atividades pertinentes a cada área constituíam valioso recurso para a harmonia geral e o contínuo aprimoramento de técnicas terapêuticas como métodos de socorro que se multiplicavam conforme as necessidades que ocorressem. — Vige, em todos os momentos — expôs com delicadeza — o sentimento de amor, entre aqueles que ali laboramos, constituindo o elo forte de vinculação entre nós. As decisões são tomadas sempre após diálogos construtivos e nunca vicejam o melindre, a censura ou qualquer outra expressão perturbadora de comportamento, qual sucede nas diversas Entidades terrestres. O exemplo de engrandecimento moral e de abnegação, oferecido por Eurípedes, sensibiliza e dá segurança, por haver-se transformado no servidor de todos, ao invés de constranger os menos hábeis com as suas valiosas conquistas. Fazendo uma breve pausa, apresentou-me o programa que me propunha para o período do estágio solicitado. — Não ignoramos — acrescentou — que o amigo Miranda vem-se aprofundando nas psicogêneses da obsessão e suas sequelas, das enfermidades mentais que as precedem ou que as sucedem, e, por isso mesmo, quanto me seja possível, acompanhá-lo-emos nas visitas às enfermarias e apartamentos que hospedam os irmãos em recuperação moral e comportamental. “Noutros momentos, o irmão Alberto será o seu cicerone constante, autorizado a atendê-lo quanto seja possível e os nossos regulamentos permitam.” Chamando, nominalmente, pelo interfone sobre a mesa o companheiro, deu entrada na sala um homem de sessenta anos presumíveis, cordial e gentil, que deveria ser o bondoso orientador de que eu necessitava. Apresentados amavelmente pelo incansável diretor, disse-nos: — O caro Alberto aqui se encontra em ação, há mais de vinte anos, desde quando se despiu do corpo físico e foi recolhido carinhosamente, de imediato passando à condição de

cooperador infatigável. “Havendo exercido a mediunidade socorrista por quatro lustros em venerável Instituição Espírita, atravessou o portal do túmulo portando títulos de merecimento, que o credenciaram a tornar-se valioso auxiliar no despertamento de consciências em hibernação ou nubladas pelos fluidos tóxicos remanescentes das subjugações perversas de que foram vítimas. Ele terá expressivas experiências para repartir com o nosso querido estagiário.” Antes que o novo amigo pudesse dizer algo, desculpando-se ante as referências justas, prosseguiu: — O caro Miranda é estudioso das faculdades mediúnicas e suas distonias, com expressiva folha de serviço ao intercâmbio saudável entre as criaturas deambulantes no corpo físico e fora dele. Fui informado, hoje mesmo, através do nosso serviço de esclarecimento, a respeito das atividades espirituais que vem desenvolvendo do lado de cá, há mais de cinquenta anos... Portanto, identificados pelos mesmos objetivos, tenho certeza que formarão um par de trabalhadores abençoados, fiéis aos propósitos do ministério de iluminação interior e da saúde integral a que se afeiçoam. Agradecendo, algo canhestramente, apertamo-nos as mãos com sorriso fraternal, enquanto concluía: — Nesta primeira fase, o nosso Alberto irá levá-lo a conhecer superficialmente o nosso pavilhão. Rogando-lhe permissão, expressamos reconhecimento e saímos do seu gabinete, facultando-lhe dar prosseguimento aos compromissos graves que lhe diziam respeito, comprometendo-se reencontrar-nos logo mais. Quando nos encontramos no amplo corredor de acesso aos vários setores, com cortesia Alberto chamou-me a atenção para a estrutura do edifício desenhado com cuidados especiais. - Utilizamo-nos durante o dia — começou a elucidar-me — do máximo da luz natural do Sol, cuja intensidade é coada pelas lâminas especiais transparentes, que constituem grande parte do teto, ao mesmo tempo beneficiando a flora abundante que decora o imóvel, enquanto emana energias revigorantes. Mantemos todas as plantas vivas e evitamos colher as flores, a fim de que sejam mais duradouras nas suas hastes e se renovem com facilidade. Olhei para a frente e percebi paralelamente destacados os blocos das enfermarias que se deslocavam da via central, intercalados por áreas retangulares externas que davam um aspecto agradável, qual se fosse uma clínica especial, sem as características convencionais, frias e rígidas dos hospitais terrestres. A um observador menos cuidadoso, pareceria um Hotel de grande porte, reservado para o repouso de convalescentes. Notando a minha admiração, o generoso amigo aduziu: — Realmente, essa foi a preocupação dos construtores deste Nosocômio: retirar ao máximo qualquer motivo que induza à depressão ou à angústia, propondo bem-estar e recuperação. Igualmente, houve o cuidado de organizar um ambiente saudável

sem os atavios que levam a devaneios e a reminiscências perturbadoras da caminhada terrestre... Nesta parte superior, pois que nos encontramos no primeiro piso, estagiam os pacientes melhorados, enquanto os mais aflitos e desesperados permanecem no térreo e no piso inferior, onde identificam paisagens menos belas, face ao estado de estremunhamento e perturbação em que se demoram. Realmente, eu não me houvera dado conta de que o pavilhão se erguia suavemente do solo, e que os pisos se destacavam com ligeira inclinação, diferindo das edificações a que me encontrava acostumado. Anotando as observações que detectava, agradei a Deus a incomum oportunidade que ora me era concedida, e que deveria aproveitar ao máximo. Informou-nos Alberto que, naquela unidade hospitalar, estavam internados cem pacientes, aproximadamente quarenta em boa fase de recuperação, com lucidez, e mais sessenta, que ainda experimentavam os tormentos que os assaltaram na etapa final, que lhes precedeu à desencarnação. Variavam os dramas de consciência, todos porém, quase sempre vinculados à conduta, no exercício da mediunidade. [...] Perscrutando o imenso corredor, pelo qual transitavam médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos e alguns pacientes em recuperação, o amigo concluiu com alguma melancolia: — A maioria dos que aqui se encontram em tratamento foi vítima de perturbações na área sexual, que os fez derrapar em compromissos graves perante a própria e a Consciência Divina. Certamente, outros igualmente caíram nos referidos perigos à mediunidade, procurando, no íntimo, satisfações hedonistas, sexuais... Enquanto caminhávamos, o bondoso cicerone referia-se aos problemas que mereciam maiores considerações, chamando-me a atenção para o estado dos enfermos e explicando, ligeiramente, com o respeito que cada qual merece, os esforços que agora desenvolviam para se reabilitar dos enganos a que se atiraram. Visitamos, passo a passo, a clínica de avaliação, para onde eram trazidos aqueles que se encontravam melhorados, quando eram submetidos a testes psicológicos, de modo a medir-lhes o grau de entorpecimento mental e de vinculação com os dramas vividos, após o que eram encaminhados às enfermarias próprias. Fomos travando conhecimento com diversos operosos funcionários especializados, sempre corteses, que trabalhavam com a face radiosa de alegria saudável, sem os ruídos costumeiros que são apresentados como júbilo. Visitamos uma clínica para tratamento de choques eletromagnéticos, que se aplicavam em baixa voltagem, com objetivo de produzir estímulos nas sinapses eletroquímicas dos neurônios, especialmente naqueles que haviam sido portadores do transtorno maníaco-depressivo ou obsessivo-compulsivo, permanecendo com as suas sequelas. Esse processo facultava a liberação das energias deletérias

que se haviam fixado no perispírito e continuavam aturdingo-os. Acompanhamos um tratamento aplicado por jovem psicoterapeuta feminina, que dialogava com uma dama amargurada, que resistia em responder às perguntas que lhe eram dirigidas. [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 6)

“EXPERIÊNCIAS GRATIFICADORAS. Hospedado em agradável apartamento situado no Pavilhão por onde caminhamos pela manhã, atendendo à gentileza do seu diretor que no-lo ofereceu para o período reservado ao nosso estágio, quando retornamos e despedimo-nos, fomos conduzido por Almério ao novo domicílio. Ficando a sós, após agradecer ao dedicado companheiro, não me pude furtar a reflexões oportunas. [...] Encontrava-me, desse modo, extasiado com os providenciais recursos de atendimento aos que tombaram nos fundos abismos da insensatez durante a jornada humana. Refletindo em torno das instruções recebidas, e diante da vida estuante, recordava-me da frase lapidar que encima incontáveis sepulturas terrestres: Repousa em paz. Apesar disso, constatava que somente existe movimento, nunca repouso absoluto, mesmo em relação à matéria que experimenta os fenômenos transformadores das células e moléculas. O Espírito, esse peregrino da imortalidade, mesmo quando em profunda hibernação, que é sempre transitória, está vivo e pulsante. Ao mesmo tempo, como é lamentável a informação inverídica de algumas religiões em torno do sono perene até o momento em que soarão as trombetas anunciando o Dia do Juízo Final. A simbologia, que assinalava o despertar de cada consciência, foi transformada em realidade, sem qualquer análise da sua possibilidade. Em toda parte a vida estua de maneira dinâmica. Morre uma forma para dar lugar a outra mais específica, ininterruptamente. A cada instante essa alteração se apresenta no Universo. Galáxias são absorvidas pelos buracos negros e outras surgem gloriosas. No entanto, na óptica desses religiosos ortodoxos, o Espírito deve permanecer em atitude inútil, ou segundo os negadores da vida, sucumbindo ante o fenômeno biológico da desintegração molecular. São conclusões ingênuas de ambos grupos, porque acostumados ao conceito antropomórfico de Deus, esquecem-se de aprofundar-lhe a grandeza. Naquela Comunidade, a ação era a mola mestra a vibrar com dinamismo em toda parte. Continuação natural das realizações terrenas, convidava-nos ao trabalho de auto-aprimoramento, de construção do bem em favor do próximo e de nós mesmos, sem que isso constituísse violência aos falsos créditos para a santificação. O mesmo Sol que aquece a Terra e o incomparável zimbório estrelado a que me acostumara contemplar enquanto no corpo físico, ali estavam irradiando beleza e concitando-me a reflexões graves sobre a excelssitude do Amor e a necessidade de crescimento moral e

espiritual. Constituída de material específico, maleável à ação do pensamento, quase tudo se assemelhava a uma cidade terrestre aprimorada, sem os excessos de perturbação e tumulto, porém, igualmente regida por Leis e Estatutos próprios. Compreensivelmente, o céu de delícias, no qual o trabalho é abominado, não deixa de ser monotonia, insensatez e cansaço... Da mesma maneira, o inferno com as suas labaredas que ardem e queimam as carnes da alma, sem nunca as consumir, não resiste a qualquer indagação da lógica em torno do amor que nunca perdoo e sempre castiga com a eternidade o erro relativo que foi praticado... O Espírito é legatário de si mesmo, armazenando sempre as experiências e ascendendo de esfera em esfera, cada vez menos densa, até alcançar a Erraticidade superior de constituição sublime. Vigem e estuam em todo lugar o movimento, o trabalho de solidariedade e de socorro de reeducação. Sempre existem soluções para os dramas mais complexos e as desgraças mais tenebrosas.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 10)

“**PROVA E FRACASSO.** [...] Mudando o ritmo da conversação, convidou-nos, a Alberto e a mim, para visitarmos uma das alas do pavilhão, na qual se encontravam as enfermarias reservadas aos pacientes portadores de transtornos psíquicos. Jubilosamente surpreendidos, aquiescemos de bom grado e dirigimo-nos ao andar superior ao da administração, onde eram atendidos os portadores de distúrbios mentais além da morte... Os enfermos mais agitados permaneciam em ambientes restritos, enquanto os outros em processo de recuperação, desfrutavam da convivência geral com diversos companheiros, a fim de readquirirem a autoconfiança e a sociabilização. — Visitaremos — elucidou o diretor — o irmão Gustavo Ribeiro, que foi recolhido em nossa Clínica após dois anos da desencarnação, quando recambiado do lar e da família a que se fixava em terrível perturbação psíquica. Sob tratamento especializado, há mais de seis meses, reajusta-se e readquire, mui lentamente, o equilíbrio da consciência. [...] — E qual a terapia — voltei à carga — que lhe tem sido oferecida, a fim de liberá-lo do transtorno psíquico em que se debate? Pacientemente, o Amigo explicou: — Três vezes por dia são-lhe aplicados recursos magnéticos para reajustamento dos neurônios perispirituais desagregados pelas ondas da rebeldia que lhe assinalou a existência física. As sinapses, sofrendo a irregularidade das cargas elétricas, funcionam-lhe desordenadamente liberando os fantasmas encarcerados no inconsciente, que foram os comportamentos odientos, censuráveis, que agora, ressuscitados, perturbam-no. Duas vezes por semana são aplicadas técnicas hipnóticas, levando-o a processos regressivos, a fim de serem trabalhadas as lembranças, que recebem terapia calmante para que desapareçam, lentamente diluídas as formas de conflitos e remorsos

que o aturdem. Concomitantemente, são realizadas leituras edificantes que se lhe vão imprimindo na mente e estabelecendo novos raciocínios propiciadores de paz e de esperança. — Qual a perspectiva — insisti com amabilidade — de recuperação da sua lucidez mental? — Dependerá do esforço dele mesmo — re-darguiu, gentilmente. — As fixações mentais são trabalho de demorado curso, realizadas por aqueles que as estimam. Quando de qualidade inferior, mantêm-se prejudicando e enlouquecendo. E natural que a sua desestruturação ocorra também de maneira lenta, a fim de serem evitados choques emocionais no comportamento dos pacientes. A violência não faz parte dos Soberanos Códigos, sendo expressão de atraso espiritual daquele que a desencadeia. Assim mesmo, providências cuidadosas têm sido tomadas, de forma a reconduzi-lo à realidade. [...] “O nosso Sanatório tem como prioridade, conforme o Miranda está esclarecido, atender os amigos da fé espírita que optaram pela perturbação, pelo engodo, pelos compromissos infelizes, e que necessitam de atendimento carinhoso para o prosseguimento das tarefas interrompidas. Naquele momento, chegaram os passistas encarregados do atendimento de Gustavo. Era uma excelente oportunidade para auxiliá-lo com o nosso modesto contributo de oração e simpatia. Proferida a prece por Alberto, solicitado pelo Orientador, logo após foi lida uma página de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e depois de breve comentário por um dos servidores, foram aplicados passes dispersivos no chakra coronário, alongando-se por todo o corpo perispiritual, prosseguindo-se com a doação de energias saudáveis. No início, o paciente estertorou, acalmando-se lentamente, até ser abençoado por um sono repousante e tranquilo. Estava encerrada a nossa visita. Despedimo-nos dos assistentes, e quando nos encontrávamos no corredor, indaguei ao médico uberabense: — São aplicados outros recursos, que desconhecemos na Terra? — Sim — respondeu com simpatia — todos eles de natureza energética. Houve tempo, em alguns casos muito graves, em que foram aplicados eletrochoques, e mesmo hoje, vez que outra, um tanto raramente, se fazem necessários procedimentos terapêuticos dessa natureza. Todavia, os mecanismos espirituais são muito variados para o atendimento dos enfermos mentais, incluindo regressão de memória, hipnose profunda, fixação de pensamentos libertadores através da sua repetição mental em direção ao enfermo e aplicação de energias especiais encontradas em nosso campo vibratório... Mas, é sobretudo através do amor, com o interesse pelo bem-estar dos enfermos que, por meio da oração que nos vincula ao Pensamento Divino, e do qual se haurem forças vigorosas para transmiti-las em favor dos necessitados que, na razão em que vão sendo absorvidas, o quadro em que demoram se modifica

para melhor, alterando o comportamento emocional e psíquico, por fim, propiciando-lhes a recuperação do equilíbrio. “Vivemos em um universo de ondas e de mentes, de ideias, de vibrações, de energia, e tudo quanto existe é resultado das várias apresentações desses campos de forças, apresentando-se em variado painel de formas e de acontecimentos. Se nos recordarmos de Jesus, constataremos essa realidade quando Ele nos ensinou: — Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis, e vos será concedido — conforme as anotações de Marcos 11, versículo 24. Por que, na prece? Em razão desse miraculoso mecanismo vibratório poder alterar a estrutura da nossa realidade, passamos a experimentar outras expressões da energia que promana de Deus e nos modifica a realidade interior. Sendo o pensamento uma fonte de energia específica, de acordo com a sua constituição positiva ou negativa, sempre alcança a meta para a qual é direcionado. No que se refere ao bem que produz, à excelência dos resultados que proporciona, à qualidade de onda de que se constitui, transforma-se num excepcional recurso terapêutico que podemos utilizar em qualquer lugar onde nos encontremos e que, entre nós, desencarnados lúcidos e trabalhadores, face à maior facilidade de elaborá-lo, torna-se-nos um instrumento dos mais preciosos para a construção do equilíbrio, propiciando a saúde.” [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 16)

“LIÇÕES DE SABEDORIA. A aprendizagem prosseguia ampliando-me os horizontes do entendimento em torno do ser, do seu destino, das aflições e alegrias que são vividas ao largo do processo evolutivo. Em todo lugar, naquele pavilhão, que era apenas um dos quatro reservados aos alienados mentais que permaneciam vinculados às reminiscências terrestres e aos seus engodos, eu defrontava a Lei de Causa e Efeito no seu mister de disciplinar e educar, orientar e libertar o Espírito das amarras que o jugulam às heranças do primarismo por onde passa ao largo da vilegiatura carnal. Novos contatos permitiam-me penetrar em questões dantes jamais concebidas, que fazem parte da natureza humana e se sediam nas estruturas mais complexas do ser espiritual. [...] Ali tivera oportunidade de conhecer abnegados servidores anônimos que se encarregavam de tarefas humildes umas, aparentemente insignificantes outras, nas quais investiam todo o amor e alegria, procurando ser úteis, intensificando propósitos de sublimação e aguardando confiantes o futuro. Espíritos que, na Terra, haviam envergado a túnica do destaque social, mantido nas mãos a adaga do poder, transitado entre honrarias e louvores, agora se encontravam mergulhados na simplicidade por onde recomçavam o desenvolvimento ético-moral para a construção superior de si mesmos. Por outro lado, encontrara testemunhos de renúncia

incomparáveis, em que almas nobres aguardavam a recuperação dos seus afetos para somente depois ascenderem a planos mais elevados e desfrutarem de bem-estar. O serviço de auxílio ao próximo sofredor em nome do amor, exigindo-lhes sacrifícios contínuos, possuía-lhes significado essencial em detrimento das próprias alegrias que adiavam, a fim de que os seus júbilos não se assentassem no esquecimento das lágrimas que os aguardavam para enxuga-las... Um mês se havia passado desde que chegáramos ao Hospital e fôramos carinhosamente recebidos. Com esse saldo credor na economia dos sentimentos, encaminhei-me ao gabinete do dr. Ignácio Ferreira, a fim de informá-lo de que, no dia imediato retornaria à comunidade onde residia, ali prosseguindo no desempenho das atividades que me diziam respeito. O médico uberabense recebeu-nos com efusão de júbilos, explicando-me que Eurípedes Barsanulfo, recordando-se que o prazo referente ao meu estágio terminava, houvera-me convidado e a outros amigos por seu intermédio, para nos reunirmos na sua residência, a fim de participarmos de um encontro informal de despedida, o que ocorreria às vinte horas daquele mesmo dia. Não pude ocultar o entusiasmo que, por pouco, não me conduziu às lágrimas. Reconheço as deficiências que me tipificam o processo espiritual, e receber tão generosa deferência representava-me alta responsabilidade em relação àquele momento e ao futuro que me aguarda. [...] À medida que a noite se anunciava, ao lado do incansável Alberto que se nos houvera transformado em verdadeiro benfeitor, experimentava já os sentimentos de saudade e de reconhecimento pelas admiráveis lições aprendidas no pavilhão que nos hospedara naquele breve período. Agradecendo ao companheiro vigilante e prestimoso, recolhi-me ao apartamento, a fim de preparar-me para o encontro com o fundador do Hospital Esperança conforme delineado. À hora estabelecida, dr. Ignácio Ferreira e Alberto vieram buscar-me para o convívio feliz. Somente então dei-me conta de que o missionário sacramentano residia em área próxima ao Hospital, e não em alguma das suas dependências. Desde quando desencarnara, que se empenhara em dar prosseguimento à edificação de uma comunidade dedicada ao amor e ao estudo da Verdade, que houvera iniciado antes do mergulho no corpo, conseguindo, ao largo dos anos, receber nas diversas edificações familiares e amigos mais recentes, tanto quanto de épocas recuadas, a fim de prosseguirem juntos no ministério iluminativo, assim iniciando a fraternidade mais ampla entre eles, pródromo daquela que seria universal. Podia-se dizer que se tratava de um bairro na cidade espiritual com magnífico traçado urbanístico e rica paisagem luxuriante, na qual se experimentava a harmonia entre as realizações do Espírito e o ambiente geral, produzindo refazimento e inefável bem-estar

por toda parte. As residências encontravam-se bem distribuídas com expressivas dimensões e jardins que as uniam, tanto quanto largos espaços para encontros e convivência em grupos. Noutra área, destacava-se um amplo edifício escolar, no qual se encontrava um dístico expressivo enunciando tratar-se do Educandário Allan Kardec. Não cabia em mim de contentamento e surpresa. Dr. Ignácio, percebendo-me o espanto, e sorrindo jovialmente, informou-me: — Esse Instituto foi o modelo no qual Eurípedes se inspirou para erguer o seu equivalente em Sacramento no começo do século 20. Aqui, em momentosos deslocamentos espirituais, ele vinha abastecer-se de energias e conhecimentos mediante desdobramento parcial pelo sono físico, para desenvolver novos padrões pedagógicos à luz do Espiritismo, vivendo grandioso pioneirismo em torno da educação. Diversos daqueles seus alunos de então, ora aqui se encontram, trabalhando na divulgação da metodologia do ensino moderno, ampliando a visão da liberdade com responsabilidade nas grades pedagógicas. A obra do Bem não é realizada de improviso, nem surge concluída de um para outro momento. Exige esforço, perseverança e dedicação. “O Educandário tem vários setores, que se iniciam no atendimento maternal, passando pelo jardim de infância e prosseguindo através da preparação primária, secundária, universitária... Há lugar para todos os níveis etários conforme os padrões terrestres, e aqueles que desencarnam em diferentes idades, quando para cá são trazidos, dispõem de competente atendimento de acordo com as suas necessidades.” Havíamos caminhado entre jardins e alamedas bem cuidados por quase um quilômetro desde que saíramos da porta central do pavilhão no Hospital que nos alojava. Diante dos meus olhos alargava-se a Comunidade Amor e Conhecimento da Verdade. Perpassavam no ar da noite suaves e quase inaudíveis melodias que nos estimulavam à alegria e aos sentimentos superiores, produzindo vibrações de harmonia em nosso mundo íntimo. Quando chegamos à ampla residência do Benfeitor gentil, este veio receber-nos à porta e fez-nos adentrar com amabilidade que nos sensibilizou, reconhecendo a ausência de mérito de nossa parte. Na sala de largas janelas que permitiam a entrada do perfume exterior das flores em explosão de primavera, iluminada amplamente encontravam-se inúmeros Espíritos joviais que nos receberam com verdadeiro e natural contentamento. O anfitrião nos apresentou a todos, um a um, entretecendo ligeiro comentário a respeito de cada qual. Eram familiares da última experiência física, amigos queridos, ex-alunos, cooperadores devotados, médiuns que o auxiliavam na psicoterapia espiritual com os sofredores desencarnados, enfim, membros da grande ordem do amor universal. Deixando-me inteiramente à vontade, convidou-nos a sentar e, com a naturalidade que

lhe era habitual, explicou-nos a todos que o encontro tinha por objetivo agradecer a nossa visita e entretecer breves comentários em torno do cristão no mundo, especialmente do cristão-espírita enriquecido pela Terceira Revelação. [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 22)

“**Encontro com o mentor.** [...] Nesse momento, recebemos os amigos Matilde, Bruno Antonelli e Jacques, que vinham reunir-se conosco, a fim de seguirmos em direção da comunidade onde se encontra o venerável Mentor da clínica psiquiátrica, à qual deveríamos integrar-nos em breve tempo. O gentil amigo Bruno explicou-nos que o responsável espiritual pelo nosocômio fora, quando na Terra, espírita de elevado quilate que, sendo convidado à seara de luz, no fim do século XIX, não trepidara em arrotear o solo do coração e, ao lado dos grandes apóstolos Bittencourt Sampaio, Dr. Bezerra de Menezes e outros, trabalhou com denodo para a implantação do Espiritismo nas formosas terras brasileiras, lutando com afã e amor pela unificação dos espiritistas, já naqueles dias passados... Quando nos encontrávamos delineando os planos de edificação do hospital, em memorável reunião de tiptologia - esclareceu-nos o caro Bruno - fomos informados do interesse da nobre Entidade, que muito ajudara, com os recursos espíritas, os portadores de alienação mental e obsessiva, que o buscavam, aplicando passes e socorrendo-os com carinho e bondade, dando continuidade ao mister, no plano espiritual. Não demoramos em rogar-lhe o patrocínio espiritual para a obra, intercedendo junto ao Divino Médico, para que pudéssemos servir sem titubeios, sem reclamações, com devotamento. Amparados pela sua intercessão generosa, fomos abençoados por companheiros de grande valor que se integraram ao trabalho, oferecendo o melhor de suas possibilidades até a exaustão de alguns, em razão da sua convicção espírita e da necessidade de redenção moral. O hospital cresceu e desenvolveu atividades terapêuticas valiosas, inclusive, iniciando o atendimento espiritual, em dias muito difíceis, quando a maioria dos psiquiatras que se lhe vinculavam legalmente, recusavam-se a aceitar esse tipo de interferência terapêutica sem validade acadêmica. Não nos deixamos, porém, desanimar, e investimos com valor moral na contribuição espírita para os enfermos, instalando pequeno grupo de atendimento com passes e diálogos fundamentados nos conceitos doutrinários do Espiritismo, mediante a aceitação dos familiares do enfermo que assinavam um termo de concordância. É claro que os resultados foram positivos e de quase imediata constatação... As resistências iniciais foram diminuindo, e hoje, a contribuição espírita é reconhecida ali como de valor inestimável. No momento, desejamos ampliar o programa espiritual, razão, pela qual convidamos o querido benfeitor Dr. Ignácio Ferreira para que superintenda por algum tempo o trabalho

que desejamos instalar. E o fazemos, porque sabemos estar vinculada a nossa clínica ao Sanatório Esperança, onde ele realiza o elevado ministério psiquiátrico sob o amparo do venerável Espírito Eurípedes Barsanulfo. (*) [(*) Vide o livro *Tormentos da Obsessão*. 2ª edição da LEAL. Salvador, Bahia. (Nota da Ed.)] Chegamos ao formoso local de atendimento em que se encontrava o nobre Espírito, que muito nos comoveu. A serenidade que exteriorizava na face, a discreta radiação de luminosidade e de amor bem traduziam a alta estirpe de evolução do benfeitor. Dei-me conta de o conhecer, desde quando nas atividades espiritistas em que me empenhara, quando no corpo físico. Tinha-o, desde então, na condição de venerando amigo, porque houvera lido alguns dos seus livros, acompanhado os efeitos do seu trabalho unificador, sentido a sua grandeza espiritual nas lutas travadas contra os espíritos das trevas, as perseguições da ignorância e do preconceito, nele encontrando forte resistência que lhe permitiu superar e vencer todos os embates, deixando pegadas luminosas para que fossem seguidas pelos que vieram depois... Com serenidade natural e sensibilizadora, recebeu-nos, à porta de entrada da sala de entrevistas, conduzindo-nos a uma ampla mesa e oferecendo-nos lugares para que nos acomodássemos, por sua vez atendido por jovens desencarnados de significativa evolução espiritual, que o assessoravam sem jactância, de maneira discreta e carinhosa.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 3)

V.7. Organização administrativa e social da “Colônia Espiritual Redenção”

“**Compromissos iluminativos.** A noite esplendia de belezas em razão do azul safira do zimbório adornado de estrelas parecidas a crisântemos luminosos. Uma brisa, levemente perfumada, perpassava, espraçando-se em todas as direções. O silêncio era entrecortado apenas pelas vozes onomatopáicas da Natureza convidando à oração, à reflexão. Muito distante o globo terrestre, levemente banhado de luar, destacava-se na paisagem cósmica. Carinhosas recordações assomaram-me à mente, evocando cenas que ficaram no passado e que foram vivenciadas no planeta querido, inesquecível berço e lar de bilhões de Espíritos que o habitam. [...] Há dias encontrava-me na Colônia Espiritual Redenção, de onde partem com muita frequência Espíritos comprometidos com o progresso da Humanidade em reencarnações desafiadoras.”² (2 Vide nosso livro mediúnico “PAINÉIS DA OBSESSÃO”, publicado pela Livraria Espírita Alvorada Editora. 2ª ed. Cap. 25 – Nota do Autor espiritual.) A Comunidade é constituída por uma sociedade de mais de um milhão de habitantes desencarnados e nela se desenvolvem cuidadosos

programas para a iluminação de consciências, não faltando os departamentos de assistência e socorro àqueles que retornam extenuados e desorientados pelas vicissitudes e pelos insucessos que se permitiram. Daqui viajam com expectativas ricas de esperanças e projetos de edificações libertadoras milhares de Espíritos que aspiram à felicidade. No entanto, após o mergulho na névoa carnal, os antigos vícios e as más inclinações em predominância ainda, os arrastamentos para o mal, os choques com os adversários do pretérito, não poucas vezes alterando-lhes os programas e delineamentos, obrigam-nos a ceder aos impulsos inferiores e, como efeito, logo tombam nas malhas dos próprios enredamentos perniciosos. Outrossim, Organizações de benemerência e de caridade multiplicam-se pela cidade movimentada, com objetivo de ministrar cursos e lições aos futuros viajantes corporais, na convivência com os retornados em estado de sofrimento, que se lhes tornam verdadeiros exemplos de como não devem proceder. Educandários avançados para pesquisas, que mais tarde se apresentarão no Globo terrestre, recebem estudiosos ávidos de conhecimentos, não apenas residentes, mas que também vêm realizar estágios de aprendizado e treinamento procedentes de outras Regiões. Situada sobre um grande centro urbano, na Terra, onde se movimenta agitada população, Entidades nobres a fundaram poucos anos antes da independência do Brasil, objetivando, de início, acolher os lutadores idealistas pela libertação da Pátria, os abolicionistas, os republicanos, inspirando-os na conquista das metas que abraçavam, sem que extrapolassem nos métodos de que se deveriam utilizar. Em consequência, graças à abnegação dos seus fundadores, entre os quais destacou-se a futura abadessa Joana Angélica de Jesus, que também seria mártir das lutas fratricidas, durante a independência do Brasil, na Bahia, desenvolvera-se com o apoio de iluminados heróis da fé e da caridade, que rumaram para a Terra oportunamente, contribuindo para torná-la menos inditosa, mais humanizada e melhor espiritualizada. Entre os seus programas de libertação de consciências e de autoiluminação, teve primazia o labor de unificar os religiosos de diversas tendências e escolas de fé que mourejavam no plano físico, de forma que os escravos, que traziam os seus cultos animistas e as suas raízes africanistas, pudessem contribuir em benefício das propostas cristãs e doutrinárias outras que vieram da Europa civilizada. Certamente, disputas religiosas haviam estalado, muitas vezes, gerando conflitos lamentáveis e até sangrentos, decorrência natural da intolerância dos indivíduos, desde quando todas as religiões preconizam o amor e a fraternidade, o entendimento entre as criaturas e o avanço na direção de Deus. Infelizmente ainda proliferam preconceitos, intransigência religiosa e o fanatismo entre as criaturas, que preferem a distância do seu próximo à amizade

geradora de simpatia e de cordialidade, que promovem a fraternidade e estabelecem o bom entendimento. Constituem, porém, exceções que o tempo diluirá com a sua contribuição de eternidade, efeito próprio do processo de evolução dos Espíritos. Por essa razão, antropólogos, psicólogos e teólogos se reuniam no Departamento dedicado às Religiões para estudar os melhores métodos de integração dos diferentes fiéis com as suas convicções na sociedade dominante, evitando-se choques e distúrbios infelizes, naqueles turbulentos dias do passado. Ademais, no século XIX, enquanto se aguardava o surgimento do Espiritismo, cuja mensagem deveria criar raízes no Brasil, estudou-se longamente na Comunidade, qual seria a maneira mais eficaz de implantá-lo na Região sob sua inspiração, onde fosse possível reunir os militantes das diversas doutrinas espiritualistas sob a bandeira da Era Nova, ampliando-lhes as perspectivas do entendimento em torno da vida e dos objetivos essenciais da existência humana em sua inexorável marcha para Deus. Realmente, os resultados não podiam ser melhores, porquanto, nós próprios, que militáramos no Movimento Espírita nos anos praticamente ainda considerados como de pioneirismo, embora as dificuldades compreensíveis, não enfrentamos embates perversos, ficando as dissidências mais nos conteúdos teóricos e nas discussões filosóficas do que mesmo nas perseguições insanas e destruidoras, embora surgissem, vez que outra, promovidos por fanáticos e desorientados emocionais. Recordava-me de como facilmente se integravam africanistas, católicos, esoteristas e outros que já possuíam tradição mediunista, em razão dos fenômenos observados entre as multidões no Movimento Espírita, a fim de adquirirem os conhecimentos lógicos que o Espiritismo a todos nos oferece, para serem equacionadas as interrogações que pairavam nas mentes inquietas. Estudiosos de outras doutrinas igualmente se interessavam por tomar conhecimento com O Consolador, aceitando-lhe os paradigmas com tranquila compreensão da sua legitimidade e incorporando-os às suas convicções espiritualistas. Graças a essas providências, surgiu um caldo de cultura religiosa especial, no qual os seus membros se tratavam e ainda se relacionam com respeito e simpatia, nutrindo especial fraternidade e consideração. Espíritos nobres, que vieram dessa Colônia, renasceram nessas plagas vinculados ao Espiritismo, que souberam difundir com elevação e dignidade, deixando pegadas luminosas, que serviram de roteiro para outros que viriam posteriormente, conforme sucedeu. Concomitantemente, diversos sacerdotes do amor e da caridade reencarnaram-se também em outras doutrinas religiosas, a fim de combaterem a miséria moral e espiritual existente, trabalhando em favor da renovação social e da construção de uma mentalidade sem preconceitos nem espírito de sistemas. Artistas

de variados campos da beleza e da cultura igualmente foram encaminhados ao corpo físico, para contribuir em favor da renovação do povo, no qual os descendentes dos africanos se tornaram maioria, para que igualmente oferecessem as mensagens ancestrais em forma de louvor à Vida e através dos seus sentimentos e saudades... Não obstante, as heranças da escravidão negra, as arbitrariedades anteriores de governantes inescrupulosos e vândalos exploradores quão perversos oriundos do além-mar, que se estabeleceram na então colônia de Portugal sob o amparo de religiosos destituídos de dignidade cristã, geraram lamentáveis dívidas morais para expressiva multidão de vítimas, que reencarnaram e desencarnaram sob os camartelos do ódio e da vingança, da revolta surda e do desejo de revide pelo mal que padeceram. Por outro lado, os testemunhos morais de antigos jesuítas abnegados como Manoel da Nóbrega, Aspicuelta Navarro e muitos outros, diminuía na esfera espiritual inferior as refregas inglórias dos combates do desespero, facultando que incontáveis apóstolos do Bem viessem a operar no terreno da fraternidade, para dirimir e anular os efeitos nefastos dos renhidos esforços gerados pelo rancor e pela inferioridade moral que predominavam nos seus combatentes. Seria de compreender-se que o clima psíquico, nesse campo de batalha, favorecesse a instalação de obsessões cruéis e renitentes, transformando-se em quase epidemias periódicas, que faziam sucumbir os invigilantes, sem que, ao menos, se dessem conta da própria responsabilidade no desfecho nefasto das suas empresas maléficas. O Espiritismo, portanto, teria um papel de alta relevância a desempenhar nessa sociedade comprometida e assinalada pelos efeitos danosos das atitudes desvairadas, conforme vem ocorrendo com segurança, cumprindo a sua missão de Consolador prometido por Jesus. A Comunidade espiritual, portanto, programara também o nascimento de inúmeras Instituições devotadas à sociedade sob a bandeira do Espiritismo Cristão, de forma que se transformassem em escolas de educação moral e espiritual, como também de oficinas promotoras de ações enobrecidas, tanto quanto se fizessem ambulatórios dedicados à saúde física, mental e comportamental que os desvarios obsessivos ultrajavam. Vinculado a esses operários da fraternidade e do amor, mantínhamos, pessoalmente, ligações especiais com uma dessas Colmeias Espíritas, onde milhares de pessoas encontram educação, apoio e socorro, conforto moral e orientação para as suas aflições, bem como instruções libertadoras para os dramas e conflitos que as desorientam. Inúmeros trabalhadores da nossa Colônia reencarnaram-se especialmente para ali servirem sob a inspiração da mártir da Independência e do venerando Francisco de Assis. Nas suas reuniões práticas e de desobsessão recebem atendimento e são tratados inúmeros Espíritos

comprometidos com a retaguarda e que antes se compraziam na tenaz perseguição avassaladora contra os seus antigos algozes. O intercâmbio entre as duas Esferas, desse modo, tornou-se natural e espontâneo, graças às luzes fulgurantes da Doutrina Espírita, abrindo espaço para a Era do amor entre as criaturas.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 1)

“NOVOS RUMOS. Diminuída a azafama com a chegada do crepúsculo, sucedido pela noite suavemente clareada pelos pingentes estelares, uma psicofera de paz tomou conta da área em que nos encontrávamos, Oscar e nós outro. Certamente, as atividades prosseguiram no ritmo abençoado das múltiplas realizações de amor e de socorro, de estudos e de desenvolvimento moral, em nossa comunidade. Grupos de Espíritos operosos partiam em direção ao planeta terrestre, comprometidos com tarefas especiais, enquanto outros retornavam jubilosos após os deveres retamente cumpridos. Os departamentos de educação e de saúde integral permaneciam ativos, enquanto a movimentação na Colônia Redenção diminuía, proporcionando aos que aqui se encontravam domiciliados, o recolhimento aos lares ou aos educandários especializados, mantendo o clima de harmonia em toda parte. Suave brisa perpassava pela Natureza em festa, perfumada pelas flores exuberantes do jardim onde nos encontrávamos observando a mãe-Terra ornando-se das clariidades artificiais, que pareciam, à distância, diamantes coruscantes cravados no acolchoado de veludo azul-marinho que a envolvia. Havíamos silenciado por um pouco, depois das considerações que entretecêramos sobre os últimos acontecimentos que sacudiram a sociedade terrena, após o tsunami que resultara do choque de placas tectônicas no abismo das águas do Oceano Índico... O obituário estarrecedor chegara-nos ao conhecimento, enquanto estávamos reunidos em oração pelas vítimas inermes da dolorosa tragédia sísmica. A administração da nossa comunidade destacara duas centenas de especialistas em libertação dos despojos carnis, a fim de cooperarem com os Guias da Humanidade, auxiliando aqueles que foram atingidos pela fúria das ondas gigantescas e das suas consequências. Dialogáramos a respeito dos sobreviventes, assinalados pelas dores superlativas advindas, pelas epidemias que já se instalavam na região onde os cadáveres se decompunham, pela miséria defluente das perdas materiais e pela saudade inominável dos seres queridos que foram arrebatados pela morte... A fase mais angustiante se apresentava naqueles dias, quando as sequelas cruéis do infortúnio despedaçavam os sentimentos dos sobreviventes, desanimados e aturdidos... Tivéramos ocasião de acompanhar em

projeções muito fiéis em nosso auditório as cenas terríficas, comovendo-nos todos até as lágrimas... Também nos sensibilizaram a movimentação e o interesse dos países civilizados providenciando ajuda imediata ao povo desnorteado, todos contribuindo com valiosa colaboração capaz de amenizar os flagelos que vergastavam as vítimas, hebetadas umas pelos choques violentos e outras quase alucinadas pelo desespero e pela desesperança. Sabíamos que milhares de Espíritos nobres haviam acorrido em auxílio de todos, empenhando-se em resgatá-los das Entidades infelizes e vampirizadoras, interessadas no fluido vital dos recém-desencarnados. Simultaneamente, tomávamos conhecimento das providências que haviam sido estabelecidas para diminuir os transtornos comportamentais que se iam alastrando naqueles que ficaram na roupagem carnal... À distância, o globo terrestre movia-se quase imperceptivelmente no oceano infinito da musicalidade cósmica. Emoções variadas tomaram-nos a ambos, permitindo-nos exteriorizar os sentimentos de amor e de ternura pela querida Gaia, bela, mágica e sofrida, no seu périplo de alguns bilhões de anos, a fim de poder tornar-se o lar feliz de outros tantos bilhões de habitantes que dependiam dos seus recursos para a elevação moral e espiritual. Quanto lhe devíamos! - Refletimos. Quantas novas experiências nos seriam necessárias no futuro para torná-la um planeta de regeneração? Ao mesmo tempo - considerava em silêncio - quantas dores alanceariam os humanos sentimentos, de modo que neles ocorresse a mudança de conduta mental, moral e emocional, tornando as criaturas dignas da libertação das heranças enfermigas do passado, inaugurando no íntimo o Reino dos Céus? [...]” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 1)

“EXPERIÊNCIAS ILUMINATIVAS. Antes do retorno, conhecemos superficialmente os Espíritos que estariam sob a direção do nosso mentor, com os quais deveríamos participar no seu processo de renascimento na matéria densa. Segundo informações do Dr. Sílvio, eram aproximadamente mil, que também deveriam seguir-nos para o acampamento adrede construído pelos especialistas nessa área, que nos haviam antecedido. Ao primeiro ensejo, a programação previa um encontro entre os visitantes e os transeuntes do carreiro carnal, o que ficou estabelecido para a noite seguinte. Durante o dia mantivemos contatos afetuosos com alguns deles, dialogando, ouvindo-os em suas belas narrações a respeito da vida que desfrutavam em Alcíone⁷. As palavras do meu vocabulário são insuficientes para repetir as narrações através de projeção mental por eles propiciadas, dando-nos uma ideia ainda que imperfeita

7 Alcyone (Eta Tauri, 25 Tauri) é um sistema estelar na direção da constelação de Taurus.  [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcyone_\(estrela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcyone_(estrela))

do esplendor do Reino, que a todos nos aguarda, na marcha sublime da evolução. Pude aquilatar a respeito da sábia informação de Jesus, quando se referiu, conforme João 14:1 e 2: “- Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na Casa de meu Pai há muitas moradas...” Não poderia ser diferente. Caso fosse a Terra privilegiada exclusivamente com habitantes, e inúteis seriam os bilhões de astros que gravitam no Universo, produzindo a sinfonia intérmina e majestosa da Criação... Invariavelmente, temo-nos detido nas informações sobre transtornos de conduta e obsessivos, sofrimentos de todo porte, incompletude, regiões de prova e de purgação, campos de expiação e de padecimentos inenarráveis, no Além-túmulo. É natural que assim o façamos, de modo a despertarmos a consciência adormecida dos Espíritos que se encontram na roupagem carnal, comprometendo-se com o mal, em vez de reabilitar-se; navegando contra a correnteza, em vez de avançarem no rumo do porto de segurança... No entanto, a respeito dos mundos felizes, nas suas constituições físicas e espirituais, não encontramos as palavras próprias para traduzirem a beleza e a harmonia que neles existem. Em nossa esfera de ação espiritual, por exemplo, as paisagens são ricas de tonalidades incomparáveis, nasceres e pores-do-sol portadores de luzes em tons indefiníveis, jardins e nascentes de água cristalina, em jorros intermináveis, flores em festões multicoloridos e perfumes suaves penetrantes, educandários e teatros para a formação intelecto-moral, hospitais e sanatórios modelares, que deverão inspirar as futuras construções terrestres, conforme já vem acontecendo, galerias de arte em todos os gêneros, em que nobres artistas aprimoram a capacidade de registro para tornarem a Terra um planeta paradisíaco... Laboratórios de planejamento e de projetos relevantes, com o objetivo de serem realizados descobrimentos das Leis que regem o planeta e o Cosmo, trabalhando-se afanosamente para erradicar as doenças e os distúrbios que ainda predominam no orbe, encontros enriquecidos de sabedoria com debates e conversações superiores sobre a vida e a sua finalidade existencial... Universidades para aprofundamento dos conhecimentos mais avançados, preparando equipes de Espíritos iluminados pelo amor e pelas informações culturais, que têm por missão preparar as gerações novas e sucessivas em relação ao futuro da humanidade feliz... Espetáculos de luzes e de sons em contato direto com a Natureza, que também se veste de preciosas indumentárias vibratórias para edificá-los e ajudar-nos a abençoá-la com a nossa gratidão, dramas e jograis de superior qualidade, não podendo esquecer as bibliotecas vivas, em que os livros são portadores das imagens dos que os escreveram e trazem-nos de volta, incluindo as suas emoções, videotecas e imagens virtuais em computação especial,

comunicações televisivas superiores, tudo direcionado para a dignificação do ser e sua conquista interior... Nem sempre ao alcance de todos, recintos onde se encontram arquivadas as experiências transatas dos habitantes locais, às quais somente têm acesso aqueles que atingiram expressivo patamar de evolução, de modo que, consultando o passado, podem desenhar o futuro, superando-se nos embates íntimos... A vida é um hino de magnitude imensurável homenageando o Criador. Mesmo quando impõe as necessidades de reabilitação mediante o sofrimento, a beleza da justiça expressa-se gratificante, propondo esperança e oportunidade a todos, em demonstração insofismável de que somente existe o amor em toda parte, apresentando-se de acordo com os níveis de evolução de cada ser e de cada comunidade, como a essência da vida, fundamental para preservar o Espírito imortal. Em suas narrações, os novos amigos alienígenas falavam-nos de emoções que ainda não vivenciáramos, apresentando-nos paisagens iridescentes, para nós, totalmente desconhecidas, sons e harmonias que nunca tivéramos ocasião de sentir, sendo as suas construções feitas de energia modelada, que a mim escapava a constituição, por ser facilmente manipulada pela mente espiritual, conforme nos elucidavam. A fraternidade apresentava-se de maneira sublime, como nunca imaginara ser possível. A harmonia existente entre a flora e a fauna, que se mesclam interdependentes, faz que se destaque o Espírito glorioso destituído de órgãos que enfermam, embora ainda usando roupagem transitória, com vistas ao progresso infinito que lhe está reservado. Podemos ver, numa das suas projeções mentais em nosso diálogo, o santuário de orações, deslumbrante, dedicado à exaltação e gratidão a Deus, e onde se comunicam os guias da estrela de primeira grandeza, glorificando o Criador. Também, a mim chamaram-me a atenção, a atividade contínua, o trabalho de edificação incessante, porque o vazio, o ócio, o desfrutar sem contribuir são páginas enganosas do pensamento e da emoção doentios. Em conversação com alguns deles mais acessíveis, fomos informados de que a reencarnação, de alguma forma, lhes constituiria um grande esforço de amor em favor da Humanidade terrestre, por asfixiá-los no corpo denso, limitando-os em todos os sentidos. No entanto, espontaneamente ofereceram-se para contribuir em favor do desenvolvimento espiritual da Terra, sem considerarem tal oferta como sendo um holocausto. Deixar, mesmo que, por um breve período, o mundo de esplendor pelo de sombras, era a demonstração viva do poder do amor, conforme Jesus no-lo apresentou e o viveu, convidando-nos a fazer o mesmo. As muitas informações que nos transmitiram durante o convívio que precedeu à primeira realização em conjunto, ficariam impregnadas no ser que sou de maneira indelével, proporcionando-me o sonho de

alcançar, também, um dia, uma dessas moradas, naturalmente acompanhado pelos afetos da longa jornada evolutiva, porque não há paraíso, quando nos encontramos, seja onde for, sem a presença daqueles que sempre compartilharam conosco as lutas e os sofrimentos... O futuro, portanto, pertence-nos e convoca-nos ao avanço.” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 15)

V.8. Organização administrativa e social do “Santuário da Esperança”

“Durante a grande transição planetária. [...] Sob o comando do nosso abnegado mentor, dirigimo-nos a uma região encantadora, adornada por imensa praia de areia alvinhenta, na qual as sucessivas ondas do oceano tranquilo arrebatavam-se em espumas brancas... A regular distância vimos uma bela e colossal construção fluídica, quase uma cidade espiritual, que apresentava expressiva movimentação de entidades laboriosas. Luminosidade peculiar exteriorizava-se das edificações, denotando a excelência das atividades que ali se realizavam, enquanto uma projeção de especial claridade envolvia-a delimitando os seus contornos, o que constituía impedimento a qualquer tipo de invasão por seres inferiores. Percebendo-nos a estranheza e o encantamento que nos tomou conta a todos que o acompanhávamos, o nobre guia esclareceu: — Trata-se de uma comunidade reservada à preparação dos nossos irmãos de Alcíone⁸ que se candidatam à reencarnação na Terra. Por eleição geral é denominada Santuário da Esperança, pois que, de algumas delas, têm partido os construtores da Era Nova para os cometimentos em nosso formoso planeta, enquanto os demais missionários que retornam do passado, virão diretamente, deixando os seus redutos de iluminação onde ora se encontram, para o mergulho direto no mundo celular... Em face do estágio vibratório da Esfera de onde procedem, os irmãos da esperança necessitam de algumas adaptações perispirituais compatíveis com os impositivos terrestres, assim como de adaptação à psicosfera do novo temporário domicílio... Esses santuários vêm sendo construídos desde o fim do século passado, quando começaram a hospedar nossos generosos amigos benfeitores, em muitos países do nosso querido orbe. Considerando-se que os missionários estarão reencarnando nas mais diversas áreas do conhecimento, assim como nos mais variados segmentos da sociedade, os que vêm de fora do nosso sistema passam por uma fase de adaptação perispiritual necessária ao êxito do ministério que irão desempenhar. Submetem-se a experimentos especiais, de modo que a sua adaptação

ao novo corpo, que deverão modelar, seja menos penosa. Isto porque, vivendo em uma Esfera onde as dores e enfermidades físicas já não vigem, na condição de procedimentos depuradores, torna-se-lhes indispensável condensar no perispírito energias próprias à habitabilidade terrestre. Esse voluntariado por amor é também sacrificial, porque é muito mais gratificante a ascensão aos planos superiores da vida, enquanto que a descida às furnas provacionais constitui verdadeiro desafio. Mediante essa reflexão, pode-se ter uma ideia, pálida embora, do que significou o mergulho de Jesus nas densas trevas e pesadas energias do nosso planeta, quando nos veio ensinar os sublimes processos do amor e da elevação. Como consequência, Ele sempre reservou períodos constantes do Seu tempo para manter a sintonia com o Pai, a fim de orar e meditar, fosse no deserto ou na movimentação urbana com os companheiros, mantendo silêncios significativos e preciosos para a continuidade da Sua incomparável missão. Silenciou, por um momento, ante o nosso espanto. Confesso que, pessoalmente, ignorava a existência dessas nobres Comunidades que se encontravam espalhadas no planeta querido, servindo de laboratórios especiais para a reencarnação dos visitantes abnegados. Muito lógico, porém, refleti, ao tomar conhecimento da sua realidade, porquanto, nós outros, os terrestres, a fim de descermos ao mundo das águas necessitamos de equipamentos próprios, tanto quanto ao sairmos da área de oxigênio que circunda o planeta, qual ocorre com os astronautas... A mente começou a gerar interrogações e uma grande curiosidade em relação ao aprendizado que poderíamos fruir, a partir daquele em que nos era permitido visitar aquele núcleo abençoado de preparação especial. — O processo de transição — continuou o mentor — apresenta-se, há um bom tempo, com fases específicas: as ocorrências sísmicas, que são de todos os períodos, agora, porém, mais aceleradas, os sofrimentos morais decorrentes das conjunturas enfermigas geradas pelas próprias criaturas humanas, em razão de haverem optado pelos roteiros mais difíceis, as enfermidades dilaceradoras que encontram campo de expansão naqueles que se encontram receptivos, as dores coletivas resultantes dos interesses subalternos dos déspotas, dos ambiciosos, dos que se fazem verdugos da Humanidade, assessorados por outros semelhantes que os mantêm na condição infeliz... (...) E outros processos igualmente afligentes, convidando todas as criaturas a reflexões em torno das mudanças que se estão operando e que prosseguirão com mais severidade. É natural que o Senhor Jesus haja providenciado o retorno dos Seus mensageiros que

8 Alcione (Eta Tauri, 25 Tauri) é um sistema estelar na direção da constelação de Taurus.  [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcione_\(estrela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcione_(estrela))

assinalaram suas épocas com as características de amor e sabedoria, de modo que impulsionaram o progresso da Humanidade até este momento culminante, agora necessários para o grande enfrentamento com as heranças enfermizas que permanecem na psicosfera do planeta, em razão da condição primária de alguns dos seus habitantes. Concomitantemente, torna-se indispensável a presença de missionários de outra dimensão que, ao lado desses, conseguirão vencer as urdiduras e programações dos desastres morais, modificando a estrutura moral do globo, que irá ascendendo a situação mais própria à mundo de regeneração. Visitemos, agora, esse santuário de atividades abençoadas, em favor do futuro da humanidade terrestre. A minha imaginação não teria concebido uma cidade ajardinada e bela quanto a que ora visitávamos. Havia no ar um suave perfume carregado levemente pela brisa do dia. Uma luminosidade peculiar que não era originada na irradiação solar, banhava toda a extensão alcançada pelos olhos. A movimentação era expressiva, correspondendo a de uma cidade terrestre de médio porte. Edifícios de grandes dimensões, porém, não muito altos, multiplicavam-se, encantando com as suas formas originais toda a paisagem urbana, adornada de jardins com árvores que eu desconhecia, enquanto veículos algo diversos dos nossos, fluíam acima do solo em movimentação equilibrada, sem exageros de velocidade. Aves canoras de belíssima plumagem, vez que outra, cortavam o ar embelezando a Natureza, em si mesma rica de imagens coloridas. No pórtico de entrada, aguardava-nos um espírito nobre que nos recebeu com jovialidade e ternura. O mentor, sem articular palavra oral, apresentou-nos o pequeno grupo e pudemos perceber o pensamento do recepcionista, saudando-nos afavelmente. Eu me encontrava, sinceramente, deslumbrado com as ocorrências que se sucediam em um caleidoscópio de rara beleza. Era a primeira vez que nos acontecia algo semelhante. Pensando, sem muito esforço, os sons que seriam emitidos partiam da mente em modulações internas que eram captadas por todos nós. Muitas vezes, na Terra, perguntava-me como seriam as comunicações nas Esferas superiores da vida, e agora podia vivenciar a experiência encantadora. Conforme me referi, oportunamente, em outra obra⁹, os espíritos apresentavam-se com as mesmas características terrestres, sem qualquer forma de exotismo ou de cor estranha, um pouco mais delgados e de estatura regular, correspondente a um metro e oitenta, mais ou menos, com harmonia da forma e beleza incomum, irradiando simpatia envolvente. Conduziu-nos por larga e bem-desenhada avenida entre construções quadrangulares de material fluídico que permitia ver-se o

interior de algumas, enquanto outras faziam recordar algumas universidades americanas cujos edifícios espalhavam-se pelo campus a perder de vista. Caminhamos apazivelmente por uma distância de pouco mais de cem metros e fomos conduzidos a um grandioso prédio de três pisos, cuja entrada ampla e muito bem-equipada de aparelhos que apresentavam algumas das suas salas, ascendemos ao segundo andar, onde fomos recepcionados por um grupo simpático de estudiosos, conforme identifiquei depois, da área do perispírito. O nosso acompanhante apresentou-nos ao responsável pelo centro de pesquisas, informando que éramos um dos muitos grupos encarregados de divulgar a presença dos trabalhadores de Alcione no futuro do planeta terrestre. Com especial deferência ao nosso mentor e bondade para conosco, o diretor da área explicou a necessidade da adaptação dos visitantes de outra dimensão às condições planetárias em que deveriam operar. Conduzindo-nos a outra sala, pudemos observar que um número expressivo de espíritos encontrava-se sob forte jato de energia luminosa em concentração profunda. Naquele estado, concentrados nos objetivos que os traziam à Terra, desdobravam as características de expansibilidade perispiritual, neles quase que absorvidas pelo espírito, a fim de poderem plasmar as necessidades típicas do veículo carnal de que se revestiriam quando no ministério reencarnatório. À medida que os espíritos progrediam, as funções do corpo intermediário são absorvidas lentamente pelo ser imortal, em face da desnecessidade de construir corpos com os sinais do processo evolutivo, corrompidos, degenerados, limitados... Atingindo uma faixa mais elevada, o ser espiritual proporciona o renascimento por meio de automatismo, tendo como modelo a forma saudável e bela, cada vez mais sutil e nobre até alcançar o estado de plenitude, o reino dos Céus interior... Aquela operação delicada de remodelagem perispiritual facultava ao espírito o retorno psíquico ao período em que as reencarnações eram-lhe penosas, e, portanto, imprimiam nos tecidos delicados da sua estrutura as necessidades evolutivas. Era grande o número de cooperadores do processo de recuperação perispiritual nos moldes terrenos, e enquanto isso ocorria, aparelhos delicados acoplados à cabeça, transmitiam acontecimentos planetários do nosso orbe, a fim de que se acostumassem com as ocorrências do cotidiano, objetivando facilitar-lhes o trânsito com os demais membros da grande família humana em que se localizariam. Todas essas informações eram-nos transmitidas mentalmente, em formoso processo de telepatia, como acontecia, às vezes, em determinadas intervenções de trabalhos espirituais, que nos permitiam

⁹ Vide a obra “Transição Planetária” de Manoel Philomeno de Miranda, psicografada por Divaldo Pereira Franco.

captar o pensamento dos mentores e até as ocorrências que tiveram lugar na existência dos pacientes. A sensação de harmonia nesse intercâmbio comovia-nos, elucidava-nos muito mais do que por meio das palavras. Desapareciam quaisquer dúvidas, porquanto, ao reflexionar, à medida que tomávamos conhecimento das informações, automaticamente recebíamos também o esclarecimento, sem necessidade de interrogação. Dr. Bezerra, que certamente estava familiarizado com todo aquele trabalho, havendo sido o intermediário para conduzir-nos àquele centro de realizações, exteriorizava ondas de bem-estar e de alegria, igualmente falando-nos da Terra do amanhã, quando as dores batessem em retirada e as criaturas, voltadas para o bem, pudessem fruir as dádivas da harmonia. Por aproximadamente duas horas estivemos sendo instruídos pelo nobre cientista, anunciando-se o momento do nosso retorno. O amado benfeitor agradeceu em nome de todos nós a deferência dos bondosos amigos e fomos conduzidos de volta ao pórtico de entrada da fascinante cidade da esperança, despedindo-nos jubilosamente. Foi nesse ínterim, enquanto retornávamos ao nosso núcleo de apoio, que o venerável benfeitor nos explicou que as construções, à semelhança do que ocorreu quando da edificação da torre de vigia no Amor e Caridade, haviam sido programadas e executadas por engenheiros de Alcione que, antes da chegada dos que se deveriam reencarnar, criaram os pousos onde ficariam preparando-se, para depois poderem transitar na psicosfera terrestre, comunicando-se mediunicamente e participando dos labores espirituais... Verdadeiras vias de comunicação entre a bela estrela e a Terra haviam sido abertas, vencendo as colossais distâncias, a fim de que o intercâmbio se fizesse com segurança, utilizando-se recursos específicos de volição...” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 16)

VI Planos ou esferas espirituais inferiores

VI.1. Umbral ou Purgatório – Trevas ou Inferno

“Lísias teve uma expressão de bom humor, confirmando a sorrir. Foi, então, que me lembrei de interpelá-lo sobre uma coisa que, de algumas horas, me torturava a mente. Referira-se o Governador, quando nos dirigiu a palavra, aos círculos da Terra, do Umbral e das Trevas, mas, francamente, não tinha eu, até então, qualquer notícia deste último plano. Não seria região trevosa o próprio Umbral, onde vivera, por minha

vez, em sombras densas, durante anos consecutivos? Não via, nas Câmaras, numerosos desequilibrados e doentes de toda espécie, procedentes das zonas umbralinas? Recordando que Lísias me dera esclarecimentos tão valiosos da minha própria situação, no início da minha experiência em “Nosso Lar”, confiei-lhe minhas dúvidas íntimas, expondo-lhe a perplexidade em que me encontrava. Ele esboçou uma fisionomia bastante significativa, e falou: – Chamamos Trevas às regiões mais inferiores que conhecemos. Considere as criaturas como itinerantes da vida. Alguns poucos seguem resolutos, visando ao objetivo essencial da jornada. São os espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilações. A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. Os primeiros seguem por linhas retas. Os segundos caminham descrevendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo marchas e refazendo velhos esforços, ficam à mercê de inúmeras vicissitudes. Assim é que muitos costumam perder-se em plena floresta da vida, perturbados no labirinto que tracejam para os próprios pés. Classificam-se, aí, os milhões de seres que perambulam no Umbral. Outros, preferindo caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. Compreendeu? As elucidações não poderiam ser mais claras. [...] – Contudo, Lísias, poderá você dar-me uma ideia da localização dessa zona de Trevas? Se o Umbral está ligado à mente humana, onde ficará semelhante lugar de sofrimento e pavor? – Há esferas de vida em toda parte - disse ele, solícito -, o vácuo sempre há de ser mera imagem literária. Em tudo há energias viventes e cada espécie de seres funciona em determinada zona da vida. Depois de pequeno intervalo, em que me pareceu meditar profundamente, continuou: – Naturalmente, como aconteceu a nós outros, você situou como região de existência, além da morte do corpo, apenas os círculos a se iniciarem da superfície do globo para cima, esquecido do nível para baixo. A vida, contudo, palpita na profundidade dos mares e no âmago da terra. Além disso, há princípios de gravitação para o espírito, como se dá com os corpos materiais. A Terra não é somente o campo que podemos ferir ou menosprezar, a nosso bel-prazer. É organização viva, possuidora de certas leis que nos escravizarão ou libertarão, segundo nossas obras. É claro que a alma esmagada de culpas não poderá subir à tona do lago maravilhoso da vida. Resumindo, devo lembrar que as aves livres ascendem às alturas; as que se embaraçam no cipoal sentem-se tolhidas no voo e as que se prendem a peso considerável são meras escravas do desconhecido. Percebe? Lísias, porém, não precisaria fazer-me esta pergunta.

Avaliei, de pronto, o quadro imenso de lutas purificadoras, a desenhar-se ante meus olhos espirituais, nas zonas mais baixas da existência. Como alguém que precisa ponderar bastante, para exprimir-se, o companheiro pensou, pensou... e concluiu: – Qual acontece a nós outros, que trazemos em nosso íntimo o superior e o inferior, também o planeta traz em si expressões altas e baixas, com que corrige o culpado e dá passagem ao triunfador para a vida eterna. Você sabe, como médico humano, que há elementos no cérebro do homem que lhe presidem o senso diretivo. Hoje, porém, reconhece que esses elementos não são propriamente físicos e sim espirituais, na essência. Quem estime viver exclusivamente nas sombras, embotará o sentido divino da direção. Não será demais, portanto, que se precipite nas Trevas, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os próprios passos.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 44)

“**O Umbral.** Após receber tão valiosas elucidações, aguçava-se-me o desejo de intensificar a aquisição de conhecimentos relativos a diversos problemas que a palavra de Lísias sugeria. As referências a espíritos do Umbral mordiam-me a curiosidade. A ausência de preparação religiosa, no mundo, dá motivo a dolorosas perturbações. Que seria o Umbral? Conhecia, apenas, a ideia do inferno e do purgatório, através dos sermões ouvidos nas cerimônias católico-romanas a que assistira, obedecendo a preceitos protocolares. Desse Umbral, porém, nunca tivera notícias. Ao primeiro encontro com o generoso visitador, minhas perguntas não se fizeram esperar. Lísias ouviu-me, atencioso, e replicou: – Ora, ora, pois você andou detido por lá tanto tempo e não conhece a região? Recordei os sofrimentos passados, experimentando arrepios de horror. – O Umbral - continuou ele, solícito - começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. Quando o espírito reencarna, promete cumprir o programa de serviços do Pai; entretanto, ao recapitular experiências no planeta, é muito difícil fazê-lo, para só procurar o que lhe satisfaça ao egoísmo. Assim é que mantidos são o mesmo ódio aos adversários e a mesma paixão pelos amigos. Mas, nem o ódio é justiça, nem a paixão é amor. Tudo o que excede, sem aproveitamento, prejudica a economia da vida. Pois bem: todas as multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas, que se seguem aos fluidos carnaís. O dever cumprido é uma porta que atravessamos no Infinito, rumo ao continente sagrado da união com o Senhor. É natural, portanto, que o homem esquivo à obrigação justa, tenha essa bênção indefinidamente adiada.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 12)

“Imagine um dédalo em sombras, imensurável, horrído, onde se demoram emanções morbíficas provenientes de células em disjunção; charco miasmático carregado de lodo instável, tendo por céu nimbo borrascosos sacudidos por descargas elétricas; paul sombrio que agasalha batráquios e ofídios, répteis e toda a fauna asquerosa; região varrida por ventos ululantes, longe da esperança onde uma tênue e célere perspectiva de paz não tremelha... Considere-se relegado a esse labirinto nefasto, longe de qualquer amparo, a mergulhar a mente em febre nos abismos do remorso que, fantasma incansável, assume proporções inimagináveis; sob o estrugir de recordações vigorosas das quais não se consegue furtar, ressumando erros propositais e casuais com que se distanciou da paz; malgrado necessite de esperança ou refazimento, silêncio para meditar ou uma aragem fresca para renovação, escute, inerte, outros companheiros de desdita em imprecações e lamentos, dominados pela própria sandice; onde a razão se fez sicário impiedoso, sem entranhas, e se encarrega, ela mesma, de justiça com azorragues em forma de cilícios que lhe são involuntários; sem equilíbrio para uma evocação suave, um painel de ternura, amor ou prece... [...] Tal região, não muito longe de nós, entre os desencarnados e os encarnados, são os vales purgatoriais para os que transpõem o umbral da morte narcotizados pela insânia e pelo crime.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão, d) Porta de Luz)

“Agora, na última noite de Carnaval, era-me possível perceber, sem qualquer esforço de concentração, a densa e larga faixa de vibrações mais fortes sobre a cidade, numa espessura de alguns quilômetros acima da superfície... Eu peregrinara, inúmeras vezes, com os trabalhadores do Evangelho, por *vias* especiais de comunicação nas cidades, e viajara por *estradas* próprias para os *veículos* que nos conduzem em determinadas circunstâncias. Mesmo nesse último caso, sentia os bruscos movimentos dos *veículos* quando penetravam nessas faixas de sombra, qual ocorre com as aeronaves quando viajando, são atingidas por turbulências atmosféricas. A grande concentração mental de milhões de pessoas, na fúria carnavalesca, irradiações dos que participavam ativamente, enlouquecidos, e dos que, por qualquer razão, se sentiam, impedidos, afetava para pior a imensa área de trevas, ao tempo em que essa influenciava os seus mantenedores, por obnubilar-lhes os centros da razão ao passo em que lhes exacerbavam as ânsias do prazer exorbitante. A sensação, que a paisagem escura nos dava, era penosa, fazendo-me meditar no tempo ainda, que certamente transcorreria até que mudasse a configuração moral do planeta, dependendo, sem dúvida, da transformação do homem.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 19)

VI.2. Características das regiões espirituais inferiores e seus habitantes

“Não havia como disfarçar minha justa admiração. Compreendendo o efeito benéfico que me traziam aqueles esclarecimentos, Lísias continuou: – O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior. E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. Muita gente da Terra não recorda que se desespera quando o carteiro não vem, quando o comboio não aparece? Pois o Umbral está repleto de desesperados. Por não encontrarem o Senhor à disposição dos seus caprichos, após a morte do corpo físico, e, sentindo que a coroa da vida eterna é a glória intransferível dos que trabalham com o Pai, essas criaturas se revelam e demoram em mesquinhas edificações. “Nosso Lar” tem uma sociedade espiritual, mas esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados. [...] – Creio, então - observei -, que essa esfera se mistura quase com a esfera dos homens. – Sim - confirmou o dedicado amigo -, e é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, porque, em verdade, todo espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender. Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 12)

“Despedimo-nos dos camaradas de luta, repletos de esperança. Era a nossa primeira excursão de aprendizado e cooperação aos semelhantes. Quando nos puséramos a caminho, nosso Instrutor observou:

– Creio que a viagem para vocês será diferente. Certo, estão habituados à passagem livre, mantida por ordem superior para as atividades normais de nossos trabalhos e trânsito dos irmãos esclarecidos, em vésperas de reencarnação. – Como assim? – perguntou Vicente, admirado. – Pois não sabia? As regiões inferiores, entre “Nosso Lar” e os círculos da carne, são tão grandes que exigem uma estrada ampla e bem cuidada, requerendo também conservação, como as importantes rotas terrestres. Por lá, obstáculos físicos; por cá, obstáculos espirituais. As vias de comunicação normais destinam-se a intercâmbio indispensável. Os que se encontram nas tarefas da nossa rotina sagrada precisam livre trânsito e os que se dirigem da esfera superior à reencarnação devem seguir com a harmonia possível, sem contato direto com as expressões dos círculos mais baixos. A absorção de elementos inferiores determinaria sérios desequilíbrios no renascimento deles. Há que evitar semelhantes distúrbios. Nós, porém, seguimos numa expedição de aprendizado e experiência. Não devemos, por isso, preferir os caminhos mais fáceis. Identificando-nos a perplexidade, Aniceto concluiu: – Imaginemos um rio de imensas proporções, separando duas regiões diferentes. Existe o vau que oferece transporte rápido e há passagens diversas através de fundos precipícios.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 14)

“Depois de empregarmos o processo de condução rápida, atravessando imensas distâncias, surgiu uma região menos bela. O firmamento cobria-se de nuvens espessas e alguma coisa que eu não podia compreender impedia-nos a volitação com facilidade. Creio que o mesmo não acontecia ao nosso instrutor, mas Vicente e eu fazíamos enorme esforço para acompanhá-lo. Aniceto percebeu, de pronto, nossos obstáculos e considerou: – Será conveniente utilizarmos a locomoção. A atmosfera começa a pesar muitíssimo e não devemos andar muito distante de Campo da Paz. Não precisaremos ir até lá; todavia, descansaremos no Posto de Socorro. Encontraremos, ali, os recursos indispensáveis. – Mas, que é isto? – perguntei, admirado da profunda modificação ambiente. – Estamos penetrando a esfera de vibrações mais fortes da mente humana. Achemo-nos a grande distância da Crosta; entretanto, já podemos identificar, desde logo, a influência mental da Humanidade encarnada. [...] Nesse instante, chegáramos ao cume de grande montanha, envolvida em sombra fumarenta. No solo, desenhavam-se trilhas diversas, à maneira de labirintos bem formados. [...] As surpresas, no entanto, sucediam-se ininterruptamente. Aquelas vias de comunicação eram muito diversas das que conhecia até ali. Mergulháramos num clima estranho, onde predominavam o frio e a ausência de luz solar. A topografia era um conjunto de paisagens misteriosas, lembrando filmes fantásticos

da cinematografia terrestre. Picos altíssimos semelhavam vigorosas agulhas de treva, desafiando a vastidão. Descíamos sempre, como viajores ladeando escuros precipícios, em país de exotismo ameaçador. Esquisita vegetação subia do solo, de espaço a espaço, entre os grandes abismos. Aves de horripilante aspecto surgiam, medrosas, de quando em quando, enchendo o silêncio de pios angustiados. Rija ventania soprava em todas as direções. Fundamente assombrado, cobrei ânimo e perguntei ao nosso instrutor: – Que dizeis de tudo isto? Ignorava que houvesse tais regiões entre a Crosta e nossa cidade espiritual. À nossa frente, sinto um mundo novo, que me é totalmente desconhecido... Por quem sois, nobre Aniceto, nada vos pergunto por ociosidade, mas estas terras me surpreendem profundamente. Aniceto, sempre amável, sorriu docemente e respondeu: – Todo este mundo que vemos é continuação de nossa Terra. Os olhos humanos veem apenas algumas expressões do vale em que se exercitam para a verdadeira visão espiritual, como nós outros que, observando agora alguma coisa, não estamos igualmente vendo tudo. Este, André, é um domínio diferente. A percepção humana não consegue apreender senão determinado número de vibrações. Comparando as restritas possibilidades humanas com as grandezas do Universo Infinito, os sentidos físicos são muitíssimo limitados. O homem recebe reduzido noticiário do mundo que lhe é moradia. É verdade que tem devassado com a sua ciência problemas profundos. [...] Há, porém, André, outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. O olho humano sofre variadas limitações e todas as lentes físicas reunidas não conseguiriam surpreender o campo da alma, que exige o desenvolvimento das faculdades espirituais para tornar-se perceptível. A eletricidade e o magnetismo são duas correntes poderosas que começam a descortinar aos nossos irmãos encarnados alguma coisa dos infinitos potenciais do invisível, mas ainda é cedo para cogitarmos de êxito completo. Somente ao homem de sentidos espirituais desenvolvidos é possível revelar alguns pormenores das paisagens sob nossos olhos. A maioria das criaturas ligadas à Crosta não entende estas verdades, senão após perderem os laços físicos mais grosseiros. É da lei, que não devemos ver senão o que possamos observar com proveito. Nessa altura, Aniceto calou-se. Comovido com as instruções, guardei religioso silêncio. Agora, em meio das sombras, divisava alguns vultos negros, que pareciam fugir apressados, confundindo-se na treva das furnas próximas. Nosso orientador avisou, cauteloso: – Procuremos interromper os efeitos luminosos do nosso corpo espiritual. Bastará que pensem com vigor na necessidade dessa providência. Estamos atravessando extensa zona a que se acolhem muitos desventurados e não é justo humilhar

os que sofrem com a exibição de nossos bens. Obedecendo ao conselho, verifiquei o efeito imediato. Os fios de luz que me irradiavam do corpo apagaram-se como por encanto. A excursão tornou-se menos agradável. Descíamos, milagrosamente, através dos despenhadeiros de longa extensão. A sombra fizera-se mais densa, a ventania mais lamentosa e impressionante. Após algum tempo de marcha em silêncio, divisamos ao longe um grande castelo iluminado. Aniceto fez um gesto significativo com o indicador e explicou: – É um dos Postos de Socorro de Campo da Paz.” (AL, Os mensageiros, Capítulo 15)

“**A caminho da Crosta.** Após nos refazermos pela manhã, considerando a viagem ainda longa, despedimo-nos, comovidos. Pelo menos, quanto a mim, podia afirmar que me afastava com mágoa, tão belas as lições ali colhidas! Alfredo e a esposa nos abraçaram, sensibilizados, desejando-nos jornada feliz e êxito no trabalho. Vários amigos da véspera estavam presentes, saudando-nos jubilosos. Tomamos o carro, agradavelmente surpreendidos. Ser-me-ia muito difícil descrever a pequena máquina, que mais se assemelhava a pequeno automóvel de asas, a deslocar-se impulsionado por fluidos elétricos acumulados. Sempre atencioso, Aniceto explicou: – Aceitei a cooperação do aparelho, não porque os deseja escravizados ao menor esforço, mas porque a permanência, embora ligeira, no Posto de Socorro, constituiu ensejo dos mais frutuosos à aquisição de conhecimentos necessários. Receberam vocês lições intensivas, relativamente aos nossos irmãos perturbados e sofrendores, bem como sobre os efeitos da prece. Desse modo, temos nosso expediente bastante adiantado, considerando que se encontram ambos em tarefa de observação e aprendizado, acima de tudo. E, depois de pequena pausa, continuou: – Não creiam, todavia, que possamos aproveitar a máquina até a Crosta. Calculo que só poderemos voar até ao meio-dia. Em seguida, prosseguiremos a pé. Aniceto calou-se por instantes, sorriu noutra expressão fisionômica, e acentuou: – Isto, porém, acontecerá somente enquanto não hajam vocês criado asas espirituais, que possam vencer todas as resistências vibratórias. Semelhante realização pode não estar distante. Dependerá do esforço que desejarem despender no trabalho aquisitivo. Todo aquele que opere, e coopere de espírito voltado para Deus, poderá aguardar sempre o melhor. Não é promessa de amizade. É lei. O pequeno aparelho nos conduziu por enormes distâncias, sempre no ar, mas conservando-se a reduzida altura do solo. Quase precisamente ao meio-dia, estacionamos em humilde pouso, destinado a abastecimento e reparação de maquinaria de natureza daquela em que havíamos viajado. Despediu-se de nós o condutor, que nos desejou boa viagem, preparando-se para regressar. A paisagem tornou-se, então, muito fria e diferente.

Não estávamos em caminho trevoso, mas muito escuro e nevoento. Tornara-se densa a atmosfera, alterando-nos a respiração. Aniceto contemplou, conosco, a vastidão caliginosa e falou em tom grave: – Com quatro horas de locomoção, estaremos na Crosta. Reparem as sombras que nos rodeiam, identifiquem a mudança geral. Infelizmente, as emissões vibratórias da Humanidade encarnada são de natureza bastante inferior, em nos referindo à maioria das criaturas terrestres, e estas regiões estão repletas de resíduos escuros, de matéria mental dos encarnados e desencarnados de baixa condição. Atravessaremos grandes zonas, não propriamente tenebrosas, mas muito obscuras ao nosso olhar. Daqui a duas horas, porém, encontraremos sinais da luz solar. Nossa peregrinação, francamente, foi muito pesada e dolorosa, e, somente aí, avaliei, de fato, a enorme diferença da estrada comum, que liga a Crosta a “Nosso Lar” e aquela que agora percorríamos a pé, vencendo obstáculos de vulto. Imaginei, como-vi, o sacrifício dos grandes missionários espirituais que assistem o homem, compreendendo, então, quão meritório lhes é o serviço e como necessitam disposições especiais e extraordinário bom ânimo, para auxiliarem as criaturas encarnadas, de maneira constante. Os monstros, que fugiam à nossa aproximação, escondendo-se no fundo sombrio da paisagem, eram indescritíveis e, obedecendo a determinações de Aniceto, não posso ensaiar qualquer informe nesse sentido, a fim de não criar imagens mentais de ordem inferior no espírito dos que, acaso, venham a ler estas humildes notícias. No horário previsto por nosso orientador, começamos a vislumbrar, de novo, a luz do Sol, como se estivéssemos em madrugada clara. O espetáculo era magnífico e novo para mim. Calor brando começou a revigorar-nos.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 33)

“Transcorridos alguns momentos de meditação, Metelo fez exhibir num grande globo de substância leitosa, situado na parte central do templo, vários quadros vivos do seu campo de ação nas zonas inferiores. Tratava-se da fotografia animada, com apresentação de todos os sons e minúcias anatômicas inerentes às cenas observadas por ele, em seu ministério de bondade cristã. Infelizes desencarnados, em despenhadeiros de dor, imploravam piedade. Monstros de variadas espécies, desafiando as antigas descrições mitológicas, compareciam horripilantes, ao pé de vítimas desventuradas. As paisagens, analisadas de tão perto, através do avançado processo de fixação das imagens, não somente emocionavam: infundiam terror. Na intimidade da massa leitosa, em que eram lançadas, adquiriam expressões de vivacidade indescritível. Apareciam soltas procissões de seres humanos despojados do corpo, sob céus nevoentos e ameaçadores, cortados de cataclismos de natureza magnética. Pela primeira vez, contemplava eu semelhante demonstração, sem

disfarçar a emoção. Para onde se dirigiam aquelas fileiras imensas de Espíritos sofredores? Como se sustentariam os ajuntamentos de almas desalentadas e semi-inconscientes, que me era dado divisar ali, ante os meus olhos tomados de assombro, atoladas em poços escuros de lama e padecimento?” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 1)

“A diferença de atmosfera entre o dia e a noite, na Casa Transitória de Fabiano, era quase imperceptível. Não conseguiria estabelecer comparações apreciáveis, mesmo porque, durante todo o tempo de nossa permanência no instituto, estiveram acesas as luzes artificiais. Denso nevoeiro abafava a paisagem, sob o céu de chumbo e, ao que fui informado, grandes aparelhos destinados à fabricação de ar puro funcionavam incessantemente, na casa, renovando o ambiente geral. Víamos o Sol, fundamente diferenciado, em pleno crepúsculo. Semelhava-se a um disco de ouro velho, sem qualquer irradiação, a perder-se num oceano de fumo indefinível. Cotejando a situação com os quadros primaveris da Crosta Planetária, os ocasos da esfera carnal parecem verdadeiras decorações do paraíso. Permanecíamos em região onde a matéria obedecia a outras leis, interpenetrada de princípios mentais extremamente viciados. Congregavam-se aí longos precipícios infernais e vastíssimas zonas de purgatório das almas culpadas e arrependidas. Na verdade, muita vez viajara entre a nossa colônia feliz e o plano crostal do planeta, atravessando lugares semelhantes, mas nunca me demorara tanto em círculo desagradável e escuro como esse. A ausência de vegetação aliada à neblina pesada e sufocante infundia profunda sensação de deserto e tristeza.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 6)

“Em face da solução apresentada, alegria geral voltou a confortar-nos. Agradei, contente. Calderaro também se manifestou reconhecido. E, no júbilo dos trabalhadores que se regozijam com o ensejo de incessantemente aprender para o bem, seguimos na direção de zona medonhamente sombria. Ah! já divisara tremendos precipícios, onde entidades culposas se interpelavam umas às outras em deploráveis atitudes; vira chover faíscas chamejantes do firmamento sobre os vales da revolta; descobrira inúmeras entidades senhoreadas por estranhas alucinações em câmaras retificadoras; mas ali... Estaríamos acaso alcançando a “selva escura”, a que se referira Alighieri, no poema imortal? Laceravam-me o coração as vozes lamentosas dispersas a se evolverem para o céu de fumo! Não, não eram lamentações apenas; à proporção que nos adiantávamos, descendo, modificava-se a gritaria; ouvíamos também gargalhadas, imprecções. Estacamos em enorme planície pantanosa, onde numerosos grupos de entidades humanas desencarnadas se perdiam de vista, em assombrosa desordem, à maneira de milhares

de loucos, separados uns dos outros, ou aos magotes, segundo a espécie de desequilíbrio que lhes era peculiar. Não me era possível calcular a extensão da várzea imensa e, ainda que houvesse marcos topográficos, para tal apreciação, o nevoeiro era demasiado denso para que se pudessem computar distâncias. [...] Logo após, Calderaro e eu nos achamos a sós na vastidão povoada de habitantes estranhos. As conversações em torno eram inúmeras e complexas. Pareceu-me que aquele povo desencarnado não se dava conta da própria situação, pelo que me foi possível ajuizar de início. Enquanto densas turbas de almas torturadas se debatiavam em substância viscosa, no solo onde andávamos, assembleias de Espíritos dementes enxameavam não longe, em intermináveis contendas por interesses mesquinhos. A paisagem era francamente impressionante pelos característicos infernais que nos circundavam. Notando a displicência de muitos daqueles irmãos infelizes, não sopitei as lucubrações que me surgiam. Os grupos de infortunados agiam, ali, desconhecendo os padecimentos uns dos outros. Certos grupos volitavam a pequena altura, como bandos de corvos negrejantes, mais escuros que a própria sombra a envolver-nos, ao passo que vastos cardumes de desventurados jaziam chumbados ao solo, quais aves desditosas, de asas partidas... Como explicar tudo isso? Iniciei meu interrogatório, dirigindo-me ao instrutor: – Será que estes míseros precitos nos veem? – Alguns sim, mas não nos ligam maior importância: estão muito preocupados consigo mesmos; abrigaram no coração sentimentos rasteiros e tardarão em se libertarem deles. – Toda esta gente permanece, porém, desamparada, entregue a si mesma? – Não – respondeu Calderaro, paciente –; funcionam, por aqui, inúmeros postos de socorro e variadas escolas, em que muita gente pratica a abnegação. Os padecentes e as personalidades torturadas são atendidas de acordo com as possibilidades de aproveitamento que demonstram. Estampou complacente expressão no rosto e considerou: – As regiões inferiores jamais estarão sem enfermeiros e sem mestres, porque uma das maiores alegrias dos céus é a de esvaziar os infernos. Vendo bandos de seres a se locomoverem no ar, quase a nos rentear, recordei que em nossa colônia as faculdades de volitação não eram comumente exercidas para não melindrarmos aqueles que as não possuíam desenvolvidas; mas... e ali? Criaturas de baixas condições se moviam nos ares, embora a poucos metros do solo. Calderaro, porém, explicou: – Não te surpreendas. A volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; importa, contudo, considerar que os voos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de

raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascensões. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural. É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes naturais, levando em conta, com a própria Natureza, que os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera. Feito o reparo, perguntei, lembrando-me das injunções terrenas: – Mas... e as necessidades de subsistência? O instrutor não se fez rogado e informou: – Nada lhes falta quanto às exigências essenciais de socorro e de manutenção, como ocorre num nosocômio da esfera carnal.” (AL, *No mundo maior*; Capítulo 17)

“Não havíamos atravessado grande distância, quando curiosa assembleia de velhinhos se postou ao nosso lado. Mostravam todos carantonhas de aspecto lamentável. Esfarrapados, esqueléticos, traziam as mãos cheias de substância lodosa que levavam de quando em quando ao peito, ansiosos, aflitos. Ao menor toque de vento, atracavam-se aos fragmentos de lama, colocando-os de encontro ao coração, demonstrando infinito receio de perdê-los. Entreolhavam-se apavorados, como se temessem desastre próximo. Cochichavam entre si, maliciosos e desconfiados. Às vezes, faziam menção de correr, mas retinham-se no mesmo lugar, entre o medo e a suspeita. Um deles observou em voz rouquenha: – Precisamos de alguma salda. Não podemos com delongas. E nossos negócios? nossas casas? Incalculável é a riqueza que descobrimos... E indicava com ufanía os punhados de lodo a escorregar-lhe das mãos aduncas. – Mas... – prosseguia, pensativo – todo este ouro, que temos conosco, permanece à mercê de ladrões, nesta miserável charneca. Imprescindível é ganharmos o caminho de volta. Isto aqui assombraria a qualquer. Escutando a singular personagem, dirigi interrogativo olhar a Calderaro, que me esclareceu, atencioso: – São usurários desencarnados há muitos anos. Desceram a tão profundo grau de apego à fortuna material transitória, que se tornaram ineptos ao equilíbrio na zona mental do trabalho digno, por incapazes de acesso ao santuário interno das aspirações superiores. Na Crosta da Terra, não enxergavam meios de se ampararem com a ambição moderada e nobre, nem reparavam nos métodos de que usaram para atingir os fins egoísticos. Menosprezavam direitos alheios e escarneciam das aflições dos outros.

Armavam verdadeiras ciladas a companheiros incautos, no propósito de sugar-lhes as economias, locupletando-se à custa da ingenuidade e da cega confiança. Tantos sofrimentos difundiram com as suas irrefletidas ações que a matéria mental das vítimas, em maléficas emissões de vingança e de maldição, lhes impôs etérea couraça ao campo das ideias; assim, atordoadas, fixam-se estas nos delitos do pretérito, transformando-os em autênticos fantasmas da avareza, atormentada pelas miragens de ouro neste deserto de padecimentos. Não podemos predizer quando despertem, dada a situação em que se encontram. Lamentei-os sinceramente, ao que Calderaro obtemperou: – Enlouqueceram na paixão de possuir, acabando a sinistra aventura escravos de monstros mentais de formação indefinível.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 18)

“Marcháramos, atravessando compridos labirintos e achamo-nos diante de extensa edificação que, com boa vontade, nomearemos por asilo de Espíritos desamparados. Enquanto encarnado, ser-me-ia extremamente difícil acreditar numa cena igual à que se nos desdobrou à visão inquieta. Nenhum sofrimento, depois da morte do corpo, me tocara tão fundo o coração. A gritaria, em torno, era de espantar. Varíamos lodosa muralha e, depois de avançarmos alguns passos, o pavoroso quadro se abriu dilatadamente. Largo e profundo vale se estendia, habitado por toda a espécie de padecimentos imagináveis. Sentíamos-nos, agora, na extremidade de um planalto que se quebrava em abrupto despenhadeiro. À frente, numa distância de dezenas de quilômetros, sucediam-se furnas e abismos, qual se nos situássemos perante imensa cratera de vulcão vivo, alimentado pela dor humana, porque, lá dentro, turbilhões de vozes explodiam, ininterruptos, parecendo estranha mistura de lamentos de homens e animais. Tremeram-me as fibras mais íntimas e, não só em mim, mas igualmente no espírito de Elói, o movimento era de recuo instintivo. O orientador, no entanto, estava firme. Longe de endossar-nos a fraqueza, ignorou-a, deliberadamente, e asseverou, calmo: – Amontoam-se aqui, como se fossem lenhos secos, milhares de criaturas que abusaram de sagrados dons da vida. São réus da própria consciência, personalidades que alcançaram a sobrevivência sobre as ruínas do próprio “eu”, confinados em escuro setor de alienação mental. Esgotam resíduos envenenados que acumularam na esfera íntima, através de longos anos vazios de trabalho edificante, no mundo físico, entregando-se, presentemente, a infundáveis dias de tortura redentora. E, talvez porque nosso espanto crescesse à vista da tela aflitiva e tenebrosa, acrescentou, sereno: – Não estamos contemplando senão a superfície de trevosos cárceres a se confundirem com os precipícios subcrostais.” (AL, *Libertação*, Capítulo 7)

“Tão logo se lhes descortinou mais ampla faixa da paisagem, Ernesto e Evelina não conseguiam sopitar as expressões de assombro. Densa névoa, a patentear-se por diversas tonalidades de cinza, barrava a província em toda a linha divisória. Pela primeira vez, enxergaram nos céus máquinas voadoras que se dirigiam da cidade para o território sombrio, semelhantes a grandes borboletas silenciosas refletindo o sol que lhes punha à mostra as asas, como que estruturadas em pedaços de arco-íris. Fantini desfechou para logo uma indagação, a que Cláudio respondeu, satisfeito: – São aparelhos volantes, em que viajam comissões de trabalho, em tarefas de identificação e assistência.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

VI.3. Função de depuração (purgação) do espírito desencarnado

“Notando-me a dificuldade para apreender todo o conteúdo do ensinamento, com vistas à minha quase total ignorância dos princípios espirituais, Lísias procurou tornar a lição mais clara: – Imagine que cada um de nós, renascendo no planeta, somos portadores de um fato sujo, para lavar no tanque da vida humana. Essa roupa imunda é o corpo causal, tecido por nossas mãos, nas experiências anteriores. Compartilhando, de novo, as bênçãos da oportunidade terrestre, esquecemos, porém, o objetivo essencial, e, ao invés de nos purificarmos pelo esforço da lavagem, manchamo-nos ainda mais, contraindo novos laços e encarcerando-nos a nós mesmos em verdadeira escravidão. Ora, se ao voltarmos ao mundo procurávamos um meio de fugir à sujidade, pelo desacordo de nossa situação com o meio elevado, como regressar a esse mesmo ambiente luminoso, em piores condições? O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena. A imagem não podia ser mais clara, mais convincente.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 12)

“Fazendo-se nova pausa do Ministro, que me pareceu oportuna e intencional, um companheiro interferiu, indagando: – Grande benfeitor, reconhecemos a veracidade de vossas afirmativas; todavia, porque não suprime o Senhor Compassivo e Sábio tão pavoroso quadro? O esclarecido mentor fixou um gesto de condescendência e respondeu: – “Não será o mesmo que interrogar pela tardança de nossa própria adesão ao Reino Divino? “Sente-se o meu amigo suficientemente iluminado para negar o lado sombrio da própria individualidade? Libertou-se de todas as tentações que fluem dos escaninhos misteriosos da luta interna? Não admite que o orbe possua os seus círculos de luz

e trevas, qual acontece a nós mesmos nos recessos do coração? E assim como duelamos em formidáveis conflitos por dentro, a vida planetária é compelida igualmente a combater nos recônditos ângulos de si mesma. Quanto à intervenção do Senhor, recordemo-nos de que os estudos desta hora não se prendem aos aspectos da compaixão e, sim, aos problemas da justiça. “Nós outros e a humanidade militante na carne não representamos senão diminuta parcela da família universal, confinados à faixa vibratória que nos é peculiar. “Somos simplesmente alguns bilhões de seres perante a Eternidade. E estejamos convencidos de que se o diamante é lapidado pelo diamante, o mau só pode ser corrigido pelo mau. Funciona a justiça, através da injustiça aparente, até que o amor nasça e redima os que se condenaram a longas e dolorosas sentenças diante da Boa Lei. “Homens perversos, calculistas, delituosos e inconsequentes são vigiados por gênios da mesma natureza, que se afinam com as tendências de que são portadores. “Realmente, nunca faltou proteção do Céu contra os tormentos que as almas endurecidas e ingratas semearam na Terra e os numes guardiães não se despreocupam dos tutelados; no entanto, seria ilógico e absurdo designar um anjo para custodiar criminosos. “Os homens encarnados, de maneira geral, permanecem cercados pelas escuras e degradantes irradiações de entidades imperfeitas e indecisas, quanto eles próprios, criaturas que lhes são invisíveis ao olhar, mas que lhes partilham a residência. “Em razão disso, o Planeta, por enquanto, ainda não passa de vasto crivo de aprimoramento, ao qual somente os indivíduos excepcionalmente aperfeiçoados pelo próprio esforço conseguem escapar, na direção das esferas sublimes. “Considerando semelhante situação, o Mestre Divino exclamou perante o juiz, em Jerusalém: “Por agora, o meu Reino não é daqui” e, pela mesma razão, Paulo de Tarso, depois de lutas angustiosas, escreve aos Efésios que “não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas e contra as hostes espirituais da maldade, nas próprias regiões celestes.” “Além, pois, do reino humano, o império imenso das inteligências desencarnadas participa de contínuo no julgamento da Humanidade. “E entendendo a nossa condição de trabalhadores incompletos, detentores de velhas dificuldades e terríveis inibições, na ordem do aprimoramento iluminativo, cabe-nos preparar recursos de auxílio, reconhecendo que a obra redentora é trabalho educativo por excelência. “O sacrifício do Mestre representou o fermento divino, levedando toda a massa. É por isto que Jesus, acima de tudo, é o Doador da Sublimação para a vida imperecível. Absteve-se de manejar as paixões da turba, visto reconhecer que a verdadeira obra salvacionista permanece radicada ao coração, e distanciou-se dos decretos políticos, não

obstante reverenciá-los com inequívoco respeito à autoridade constituída, por não ignorar que o serviço do Reino Celeste não depende de compromissos exteriores, mas do individualismo afeiçoado à boa vontade e ao espírito de renúncia em benefício dos semelhantes. “Sem nosso esforço pessoal no bem, a obra regenerativa será adiada indefinidamente, compreendendo-se por precioso e indispensável nosso concurso fraterno para que irmãos nossos, provisoriamente impermeáveis no mal, se convertam aos Desígnios Divinos, aprendendo a utilizar os poderes da luz potencial de que são detentores. Somente o amor sentido, crido e vivido por nós provocará a eclosão dos raios de amor em nossos semelhantes. Sem polarizar as energias da alma na direção divina, ajustando-lhes o magnetismo ao Centro do Universo, todo programa de redenção é um conjunto de palavras, pecando pela improbabilidade flagrante.” (AL, *Libertação*, Capítulo 1)

“E, talvez porque nosso espanto crescesse à vista da tela aflitiva e tenebrosa, acrescentou, sereno: – Não estamos contemplando senão a superfície de trevosos cárceres a se confundirem com os precipícios subcros-tais. – Mas não haverá recurso a tanto desamparo? – indagou Elói, compungidamente. Gúbio refletiu alguns momentos rápidos e aduziu em tom grave: – Quando encontramos um morto de cada vez, é fácil conceder-lhe sepultura condigna, mas, se os cadáveres são contados por multidões, nada nos resta senão adotar a vala comum. Todos os Espíritos renascem nos círculos carnis para destruírem os ídolos da mentira e da sombra e entronizarem, dentro de si mesmos, os princípios da sublimação vitoriosa para a eternidade, quando não se encontram em simples estrada evolutiva; contudo, nas demonstrações de ordem superior que lhes cabem, preferem, na maioria das ocasiões, adorar a morte na ociosidade, na ignorância agressiva ou no crime disfarçado, olvidando a gloriosa imortalidade que lhes compete atingir. Ao invés de estruturarem destino santificante, com vistas ao porvir infinito, menosprezam oportunidades de crescimento, fogem ao aprendizado salutar e contraem débitos clamorosos, retardando a obra de elevação própria. E se eles mesmos, senhores de preciosos dons de inteligência, com todo o acervo de revelações religiosas de que dispõem para solucionar os problemas da alma, se confiam voluntariamente a semelhante atraso, que nos resta fazer senão seguir nas linhas de paciência por onde se regula a influência dos nossos benfeitores? Sem dúvida, esta paisagem é inquietante e angustiosa, mas compreensível e necessária. Perguntei-lhe se naqueles sítios purgatoriais não havia companheiros amigos, detentores da missão de consolar, ao que o nosso instrutor respondeu afirmativamente. – Sim – disse –, esta imensa coletividade dentro da qual preponderam individualidades que pelo sofrimento contínuo se

caracterizam pelo comportamento sub-humano, não está esquecida. A renúncia opera com Jesus, em toda parte. Agora, todavia, não dispomos de ensejos para a identificação de missionários e servidores do bem. Vamos ao estudo que nos interessa de mais perto.” (AL, *Libertação*, Capítulo 7)

“A 18 de abril de 1957, a Codificação Kardequiana, sob a égide do Cristo de Deus, celebrará o seu primeiro centenário de valiosos serviços à Humanidade terrestre. Um século de trabalho, de renovação e de luz. Para contribuir nas homenagens ao memorável acontecimento, grafou André Luiz as páginas deste livro. Escrevendo-o, nosso amigo desvelou uma nesga das regiões inferiores a que se projeta a consciência culpada, além do corpo físico, para definir a importância da existência carnal, como sendo verdadeiro favor da Divina Misericórdia, a fim de que nos adaptemos ao mecanismo da Justiça Indefectível. É por isso que entretece os fios de suas considerações com a narrativa das relações entre a esfera dos Espíritos encarnados e os círculos de purgação, onde se demoram os companheiros desenfaiados da carne, que se acumpliciaram na delinquência, criando, pelos desvarios da própria conduta, o inferno exterior, que nada mais é que o reflexo de nós mesmos, quando, pelo relaxamento e pela crueldade, nos entregamos à prática de ações deprimentes, que nos constroem a temporária segregação nos resultados deploráveis de nossos próprios erros. Von Liszt, eminente criminalista dos tempos modernos, observa que o Estado, em sua expressão de organismo superior, e excetuando-se, como é claro, os grupos criminosos que por vezes transitoriamente o arrastam a funestos abusos do poder, não prescinde da pena, a fim de sustentar a ordem jurídica. A necessidade da conservação do próprio Estado justifica a pena. Com essa conclusão, apagam-se, quase que totalmente, as antigas controvérsias entre as teorias de Direito Penal, de vez que, nesse ou naquele clima de arregimentação política, a tendência a punir é congenial ao homem comum, em face da necessidade de manter, tanto quanto possível, a intangibilidade da ordem no plano coletivo. André Luiz, contudo, faz-nos sentir que o Espiritismo revela uma concepção de justiça ainda mais ampla. A criatura não se encontra simplesmente subordinada ao critério dos penólogos do mundo, categorizados à com a de cirurgiões eficientes no tratamento ou na extirpação da gangrena social. Quanto mais esclarecida a criatura, tanto mais responsável, entregue naturalmente aos ares da própria consciência, na Terra ou fora dela, toda vez que se envolve nos espinheiros da culpa. Suas páginas, desse modo, guardam o objetivo de salientar que os princípios codificados por Allan Kardec abrem uma nova era para o espírito humano, compelindo-o à auscultação de si mesmo, no reajuste dos caminhos traçados por Jesus

ao verdadeiro progresso da alma, e explicam que o Espiritismo, por isso mesmo, é o disciplinador de nossa liberdade, não apenas para que tenhamos na Terra uma vida social dignificante, mas também para que mantenhamos, no campo do espírito, uma vida individual harmoniosa, devidamente ajustada aos impositivos da Vida Universal Perfeita, consoante as normas de eterna Justiça, elaboradas pelo supremo equilíbrio das Leis de Deus. Eis por que, apresentando-as ao leitor amigo, reconhecemos nos postulados que abraçamos não somente um santuário de consolações sublimes, mas também um templo de responsabilidades definidas, para considerar que a reencarnação é um estágio sagrado de recapitulação das nossas experiências e que a Doutrina Espírita, revivendo o Evangelho do Senhor, é facho resplendente na estrada evolutiva, ajudando-nos a regenerar o próprio destino, para a edificação da felicidade real. Em síntese, demonstramos o Autor que as nossas possibilidades de hoje nos vinculam às sombras de ontem, exigindo-nos trabalho infatigável no bem, para a construção do Amanhã, sobre as bases redentoras do Cristo. Exaltando, assim, os méritos inestimáveis da obra de Allan Kardec, saudamos-lhe, comovidamente, o abençoado centenário. Pedro Leopoldo, 1º de Janeiro de 1957. EMMANUEL.” (AL, *Ação e reação*, Ante o Centenário)

“Druso, tanto quanto nós, contemplou o triste quadro com visível piedade a marear-lhe o semblante. Fixou-nos em silêncio como a chamar-nos para a reflexão. Parecia dizer-nos quanto lhe doía o trabalho naquela paragem de sofrimento, quando Hilário interrogou: – Por que não descerrar as portas aos que gritam lá fora? Não é este um posto de salvação? – Sim – respondeu o Instrutor, sensibilizado –, mas a salvação só é realmente importante para aqueles que desejam salvar-se. E, depois de pequeno intervalo, continuou: – Para cá do túmulo, a surpresa para mim mais dolorosa foi essa, o encontro com feras humanas, que habitavam o templo da carne, à feição de pessoas comuns. Se acolhidas aqui, sem a necessária preparação, atacar-nos-iam de pronto, arrasando-nos o instituto de assistência pacífica. E não podemos esquecer que a ordem é a base da caridade. Apesar da explicação firme e serena, concentrava-se Druso no painel exterior, tal a compaixão a desenhar-se-lhe na face. Logo após, recompondo a expressão fisionômica, o Instrutor aduziu: – Somos hoje defrontados por grande tempestade magnética, e muitos caminheiros das regiões inferiores são arrebatados pelo furacão como folhas secas no vendaval. – E guardam consciência disso? – indagou Hilário, perplexo. – Raros deles. As criaturas que se mantêm assim desabrigadas, depois do túmulo, são aquelas que não se acomodam com o refúgio moral de qualquer princípio nobre. Trazem o íntimo turbilhão e tenebroso, qual a própria tormenta, em razão dos

pensamentos desgovernados e cruéis de que se nutrem. Odeiam e aniquilam, mordem e ferem. Alojá-los, de imediato, nos santuários de socorro aqui estabelecidos, será o mesmo que asilar tigres desarvorados entre fiéis que oram num templo. – Mas conservam-se, interminavelmente, nesse terrível desajuste? – insistiu meu companheiro agoniado. O orientador tentou sorrir e respondeu: – Isso não. Semelhante face de inconsciência e desvario passa também como a tempestade, embora a crise, por vezes, persevere por muitos anos. Batida pelo temporal das provações que lhe impõem a dor de fora para dentro, refunde-se a alma, pouco a pouco, tranquilizando-se para abraçar, por fim, as responsabilidades que criou para si mesma. – Quer dizer, então – disse por minha vez –, que não basta a romagem de purgação do Espírito depois da morte, nos lugares de treva e padecimento, para que os débitos da consciência sejam ressarcidos... – Perfeitamente – aclarou o amigo, atalhando-me a consideração reticenciosa –, o desespero vale por demência a que as almas se atiram nas explosões de incontinência e revolta. Não serve como pagamento nos tribunais divinos. Não é razoável que o devedor solucione com gritos e impropérios os compromissos que contraiu mobilizando a própria vontade. Aliás, dos desmandos de ordem mental a que nos entregamos, desprevenidos, emergimos sempre mais infelizes, por mais endividados. Cessada a febre de loucura e rebelião, o Espírito culpado volve ao remorso e à penitência. Acalma-se como a terra que torna à serenidade e à paciência, depois de insultada pelo terremoto, não obstante amarfanhada e ferida. Então, como o solo que regressa ao serviço da plantação proveitosa, submete-se de novo à sementeira renovadora dos seus destinos. Atormentada expectativa baixara sobre nós, quando Hilário considerou: – Ah! se as almas encarnadas pudessem morrer no corpo, alguns dias por ano, não à maneira do sono físico em que se refazem, mas com plena consciência da vida que as espera!... – Sim – ajuntou o orientador –, isso realmente modificaria a face moral do mundo; entretanto, a existência humana, por mais longa, é simples aprendizado em que o Espírito reclama benéficas restrições para restaurar o seu caminho. Usando nova máquina fisiológica entre os semelhantes, deve atender à renovação que lhe diz respeito e isso exige a centralização de suas forças mentais na experiência terrena a que transitoriamente se afeiçoa.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 1)

“OBSESSÃO. [...] Zonas purgatorias. Entendendo-se que todos os delinquentes deitam de si oscilações mentais de terrível caráter, condensando as recordações malignas que albergam no seio, compreenderemos a existência das zonas purgatorias ou infernais como regiões em que se complementam as temporárias criações do remorso, associando

arrependimento e amargura, desespero e rebelião. Na intimidade dessas províncias de sombra, em que se agrupam multidões de criminosos, segundo a espécie de delito que cometeram, Espíritos culpados, através das ondas mentais com que essencialmente se afinam, se comunicam reciprocamente, gerando, ante os seus olhos, quadros vivos de extremo horror, junto dos quais desvairam, recebendo, de retorno, os estranhos padecimentos que criaram no ânimo alheio. Claro está que, embora comandados por Inteligências pervertidas ou bestializadas nas trevas da ignorância, esses antros jazem circunscritos no Espaço, fiscalizados por Espíritos sábios e benfazejos que dispõem de meios precisos para observar a transformação individual das consciências em processo de purificação ou regeneração, a fim de conduzi-las a providências compatíveis com a melhoria já alcançada. Semelhante supervisão, entretanto, não impede que essas vastas cavernas de tormento reeducativo sejam, em si, imensas penitenciárias do Espírito, a que se recolhem as feras consciências que foram homens. Aí permanecem detidas por guardas especializados, que lhes são afins, o que nos faz definir cada “purgatório particular” como “prisão-manicômio”, em que as almas embrutecidas no crime sofrem, de volta, o impacto de suas fecundações mentais infelizes. Tiranos, suicidas, homicidas, carrascos do povo, libertinos, caluniadores, malfeitores, ingratos, traidores do bem e viciados de todas as procedências, reunidos conforme o tipo de falta ou defecção a que se renderam, se examinados pelos cientistas do mundo apresentariam à Medicina os mais extensos quadros para estudos etiológicos das mais obscuras enfermidades. Deduzimos, assim, que todos os redutos de sofrimento, além túmulo, não passam de largos porões do trabalho evolutivo da alma, à feição de grandes hospitais carcerários para tratamento das consciências envilecidas.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 24)

– E por que Deus permite a formação desses quistos gigantescos de perturbação e desordem? – inquiriu Ernesto, num rasgo de lógica humana. – Ah! meu amigo – obtemperou o Irmão Cláudio –, sempre que indagamos de nossos Maiores porque não interfere a Divina Providência no campo da inteligência corrompida no mal, a resposta invariável é que o Criador exige sejam as criaturas deixadas livres para escolherem o caminho de evolução que melhor lhes pareça, seja uma avenida de estrelas ou uma vereda de lama. Deus quer que todos os seus filhos tenham a própria individualidade, creiam nele como possam, conservem as inclinações e gostos mais consentâneos com o seu modo de ser, trabalhem como e quanto desejem e habitem onde quiserem. Somente exige – e exige com rigor – que a justiça seja cumprida e respeitada. “A cada um será dado segundo as suas

obras.” Todos receberemos, nas Leis da Vida, o que fizemos, pelo que fizemos, quanto fizemos e como fizemos. De conformidade com os Preceitos Divinos, podemos viver e conviver uns com os outros, consoante os padrões de escolha e afetividade que elejamos; entretanto, em qualquer plano de consciência, do mais inferior ao mais sublime, o prejuízo ao próximo, a ofensa aos outros, a criminalidade e a ingratidão colhem dolorosos e inevitáveis reajustes, na pauta dos princípios de causa e efeito que impõem amargas penas aos infratores. Somos livres para desenvolver as nossas tendências, cultivá-las e aperfeiçoá-las, mas devemos concordar com os Estatutos do Bem Eterno, cujos artigos e parágrafos estabelecem sejam feitas e mantidas, no bem de todos e no amparo desinteressado aos outros, as garantias de nosso próprio bem.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

VI.4. Particularidades dos espíritos que habitam as regiões inferiores

“O Assistente fez breve pausa e prosseguiu: – Referindo-nos ao manicômio, esclareço agora que minha intenção, ao visitar um hospício em tua companhia, foi justamente o de preparar-te para a excursão que ora efetuamos. Temos aqui, nestas assembleias de incompreensão e dor, infandas fileiras de loucos que voluntariamente se arredaram das realidades da vida. Fixaram a mente nas zonas mais baixas do ser e, olvidando o sagrado patrimônio da razão, cometeram faltas graves, contraindo pesados débitos. Já viste, em nossa organização espiritual de vida coletiva, irmãos sofrendores convenientemente amparados; alguns ainda sofrem estranhas perturbações alucinatórias, outros são guardados à maneira de múmias perispiríticas em letargia profunda, aguardando-se-lhes o despertar; outros povoam vastas enfermarias para se reerguerem espiritualmente pouco a pouco... Aqui, no entanto, se congregam verdadeiras tribos de criminosos e delinquentes, atraídos uns aos outros, consoante a natureza de faltas que os identificam. Muitos são inteligentes e, intelectualmente falando, esclarecidos, mas, sem réstia de amor que lhes exalce o coração, erram de obstáculo a obstáculo, de pesadelo a pesadelo... O choque da desencarnação para eles, ainda impermeáveis ao auxílio santificante, pela dureza que lhes assinala os sentimentos, parece galvanizá-los na posição mental em que se encontravam no momento do trânsito entre as duas esferas e, dessa forma, não é fácil de logo arrancá-los do desequilíbrio a que imprevidentes se precipitaram. Retardam-se, às vezes, anos a fio, obstinando-se nos erros a que se habituaram, e, vigorando impulsos inferiores pela incessante permuta de energias uns com os outros, passam, em geral, a viver, não só a perturbação própria, mas também o desequilíbrio dos demais

companheiros de infortúnio. Ante o pandemônio que observávamos, o orientador continuou: – O Érebo da concepção antiga, a crepitar em eternas chamas de vingança divina, é perigosa ilusão; entretanto, os lugares purgatoriais dos desejos e das ações criminosas, aguardando as almas enodoadas pelos desvios, constituem realidades lógicas, nas zonas espirituais do mundo. Aqui, os avarentos, os homicidas, os cúpidos e os viciados de todos os matizes se agregam em deplorável situação de cegueira íntima. Formam cordões compactos, inclinando-se mais e mais para os despenhadeiros. Cada qual possui romance horrível, de angustiosos lances. Prisioneiros de si mesmos, cerram o entendimento às revelações da vida e restringem os horizontes mentais, movimentando-se em seu próprio interior, em ação exclusiva, nos impulsos primários, a cultivar o pretérito que deveriam expungir. Em melhorando, são assistidos por ativas e abnegadas congregações de socorro que aqui funcionam. Autoridades mais graduadas de nossa esfera, atendendo a imperativos superiores, improvisam tribunais com funções educativas, cujas sentenças, ressumando amor e sabedoria, culminam sempre em determinações de trabalho regenerador, através da reencarnação na Crosta Terrestre, ou de tarefas laboriosas no seio da Natureza, quando há suficiente compreensão e arrependimento nos interessados que feriram a Lei, ofendendo a si mesmos. Deste vastíssimo arsenal de alienação da mente, ensombrada de culpas, sai o maior coeficiente das reencarnações dolorosas que povoam os círculos carnis. Daqui, como de outras zonas análogas, seguem para o campo físico mais denso milhões de irmãos em provas ríspidas, para que se alijem dos débitos e rearmonizem o íntimo perturbado. Poucos conseguem valer-se da oportunidade terrena, no sentido de restaurar as próprias energias. É sempre fácil fugir ao caminho reto; muito difícil, porém, o retorno... Nesse instante aproximou-se de nós enorme e bulhenta colmeia de sofrendores. Tratava-se de tenebroso agrupamento de irmãos positivamente loucos. Falavam a esmo, comentando homicídios; rememoravam com palavras cruéis cenas indescritíveis de dor e de perversidade. Nenhum deles atinou com a nossa presença. Calderaro, muito sereno, conhecendo-me a curiosidade inveterada, informou: – Estes infelizes permanecem jungidos uns aos outros em obediência a afinidades quase perfeitas, e são contidos apenas pelas leis vibratórias que os regem. Se quiseres, porém, entrar em relação com a história de alguns deles, sonda a mente individual do tipo que te requeira maior atenção. Aproveitando um momento em que lhes amainara a rixa, aproximei-me de infortunado irmão, que impressionava pela *facies* macilenta. Sintonei-me na onda mental que ele oferecia, mas o quadro que vi não me permitiu longa perquirição. Notei-lhe o motivo que culminara no

desvario: assassinara a esposa em pavorosas circunstâncias. Contudo, o mísero não transpirava arrependimento; acariciava o desejo de rever a vítima para supliciá-la quantas vezes lhe fosse possível. Que tragédia se ocultava, ali, naquelas tormentosas reminiscências? Atônito, ergui os olhos para o Assistente, em muda interrogação, mas, renteando-nos a frente, levitava-se pesado grupo de seres monstruosos, fazendo ensurdecedor ruído, e logo esqueci o uxoricida que me prendera a atenção. Calderaro, percebendo-me a perplexidade, explicou: – Este bando de Espíritos miseráveis, que se movimentam como lhes é possível, é constituído de antigos negociantes terrenos, cujo exclusivo anseio foi amontoar dinheiro para satisfazer a própria cupidez, sem beneficiar a ninguém. O ouro, que transitoriamente lhes pertencia, jamais serviu para semear a gratidão num só companheiro de jornada humana. Famintos de fortuna fácil, inventaram mil recursos de monopolizar os lucros grandes e pequenos, em nada lhes interessando a paz do próximo. Foram homens de pensamento ágil, sabiam voar mentalmente a longas distâncias garantindo êxito absoluto às empresas materiais que levavam a termo com finalidade exclusivamente egoística. Não lhes incomodava o sofrimento dos vizinhos, ignoravam as dificuldades alheias, despreocupavam-se do valor do tempo em relação ao aprimoramento da alma. Queriam unicamente acumular vantagens financeiras e nada mais. Divorciados da caridade, da compreensão e da luz divina, criaram para si mesmos o mito frio e rígido do ouro, fundindo com ele a mente vigorosa e o tacinho coração... Escravizados, agora, à ideia fixa de ganhar sempre, voam pesadamente aqui e acolá, dementados e confundidos, procurando monopólios e lucros que não mais encontrarão. Condoí-me. Quis deter alguns, confabular com eles fraternalmente, de modo a esclarecê-los; no entanto, o instrutor paralisou-me os braços, murmurando: – Que fazes? Seria inútil. Impossível é reajustar, num momento, apenas com palavras, tantas mentes em desequilíbrio cruel. E, impulsionando-me para frente, concluiu: – Vamos: consumiriam muitas semanas para conhecer a paisagem de dor que se nos estende à frente, e dispomos apenas de algumas horas.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 17)

“Druso percebeu-me a indagação mental e sorriu, como a esperar por minha pergunta clara e positiva. Instado pela força de seu olhar, observei, respeitoso: – Diante do espetáculo penoso a que nos é dado assistir, somos naturalmente constrangidos a pensar na procedência dos que experimentam o mergulho nesse torvelinho de horror... São delinquentes comuns ou criminosos acusados de grandes faltas? Encontraríamos por aí seres primitivos como os nossos indígenas, por exemplo? A resposta do amigo não se fez esperar. – Tais inquirições – disse ele –, quando de minha

vinda para cá, me assomaram igualmente à cabeça. Há cinquenta anos sucessivos estou neste refúgio de socorro, oração e esperança. Penetrei os umbrais desta casa como enfermo grave, após o desligamento do corpo terrestre. Encontrei aqui um hospital e uma escola. Amparado, passei a estudar minha nova situação, anelando servir. Fui padioleiro, cooperador da limpeza, enfermeiro, professor, magnetizador, até que, de alguns anos para cá, recebi jubilosamente o encargo de orientar a instituição, sob o comando positivo dos instrutores que nos dirigem. Obrigado a pacientes e laboriosas investigações, por força de meus deveres, posso adiantar-lhes que às densas trevas em torno somente aportam as consciências que se entenebreeceram nos crimes deliberados, apagando a luz do equilíbrio em si mesmas. Nestas regiões inferiores não transitam as almas simples, em qualquer aflição purgativa, situadas que se encontram nos erros naturais das experiências primárias. Cada ser está jungido, por impositivos da atração magnética, ao círculo de evolução que lhe é próprio. Os selvagens, em grande maioria, até que se lhes desenvolva o mundo mental, vivem quase sempre confinados a floresta que lhes resume os interesses e os sonhos, retirando-se vagarosamente do seu campo tribal, sob a direção dos Espíritos benevolentes e sábios que os assistem; e as almas notoriamente primitivas, em grande parte, caminham ao influxo dos gênios beneméritos que as sustentam e inspiram, laborando com sacrifício nas bases da instituição social e aproveitando os erros, filhos das boas intenções, à maneira de ensinamentos preciosos que garantem a educação dessas almas. Asseguro-lhes, assim, que, nas zonas infernais propriamente ditas, apenas residem aquelas mentes que, conhecendo as responsabilidades morais que lhes competiam, delas se ausentaram, deliberadamente, com o louco propósito de ludibriarem o próprio Deus. O inferno, a rigor, pode ser, desse modo, definido como vasto campo de desequilíbrio, estabelecido pela maldade calculada, nascido da cegueira voluntária e da perversidade completa. Aí vivem domiciliados, às vezes por séculos, Espíritos que se bestializaram, fixos que se acham na crueldade e no egocentrismo. Constituindo, porém, larga província vibratória, em conexão com a humanidade terrestre, de vez que todos os padecimentos infernais são criações dela mesma, estes lugares tristes funcionam como crivos necessários para todos os Espíritos que escorregam nas deserções de ordem geral, menosprezando as responsabilidades que o Senhor lhes outorga. Dessa forma, todas as almas já investidas no conhecimento da verdade e da justiça e, por isso mesmo, responsáveis pela edificação do bem, e que na Terra resvalam nesse ou naquele delito, desatentas para com o dever nobilitante que o mundo lhes assinala, depois da morte do corpo estagiam nestes sítios por

dias, meses ou anos, reconsiderando as suas atitudes, antes da reencarnação que lhes compete abraçar, para o reajustamento tão breve quanto possível. – Desse modo... Dispunha-se Hilário a ensaiar conclusões, mas Druso, apreendendo-lhe a ideia, atalhou, sintetizando: – Desse modo, os gênios infernais que supõem governar esta região, com poder infalível, aqui vivem por tempo indeterminado. As criaturas perversas que com eles se afinam, embora lhes padeçam a dominação, aqui se deixam prender por largos anos. E as almas transviadas na delinquência e no vício, com possibilidades de próxima recuperação, aqui permanecem em estágios ligeiros ou regulares, aprendendo que o preço das paixões é demasiado terrível. Para as criaturas desencarnadas desse último tipo, que passam a sofrer o arrependimento e o remorso, a dilaceração e a dor, apesar de não totalmente livres das complexidades escuras com que se arrojam às trevas, as casas de fraternidade e assistência como esta funcionam, ativas e diligentes, acolhendo-as quanto possível e habilitando-as para o retorno às experiências de natureza expiatória na carne. Lembrava-me do tempo em que perلustrara, por minha vez, semiconsciente e conturbado, os trilhos da sombra, quando de meu desligamento do veículo físico, confrontando meus próprios estados mentais do passado e do presente, quando o orientador prosseguiu: – Segundo é fácil reconhecer, se a treva é a moldura que imprime destaque à luz, o inferno, como região de sofrimento e desarmonia, é perfeitamente cabível, representando um estabelecimento justo de filtragem do Espírito, a caminho da Vida Superior. Todos os lugares infernais surgem, vivem e desaparecem com a aprovação do Senhor, que tolera semelhantes criações das almas humanas, como um pai que suporta as chagas adquiridas pelos seus filhos e que se vale delas para ajudá-los a valorizar a saúde. As Inteligências consagradas à rebeldia e à criminalidade, em razão disso, não obstante admitirem que trabalham para si, permanecem a serviço do Senhor, que corrige o mal com o próprio mal. Por esse motivo, tudo na vida é movimentação para a vitória do bem supremo.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 1)

“ALMA E REENCARNAÇÃO. Depois da morte. Efetivamente, logo após a morte física, sofre a alma culpada minucioso processo de purgação, tanto mais produtivo quanto mais se lhe exteriorize a dor do arrependimento, e, apenas depois disso, consegue elevar-se a esferas de reconforto e reeducação. Se a moléstia experimentada na veste somática foi longa e difícil, abençoadas depurações terão sido feitas, pelo ensejo de autoexame, no qual as aflições suportadas com paciência lhe alteraram sensações e refundiram ideias. Todavia, se essa operação natural não foi possível no círculo carnal, mais se lhe agravam os remorsos, depois do tûmulo, por recalçados na consciência,

a aflorarem, todos eles, através de reflexão, renovando as imagens com que foram fixados na própria alma. Criminosos que mal ressarciram os débitos contraídos, instados pelo próprio arrependimento, plasmam, em torno de si mesmos, as cenas degradantes em que arruinaram a vida íntima, alimentando-as à custa dos próprios pensamentos desgovernados. Caluniadores que aniquilaram a felicidade alheia vivem pesadelos espantosos, regravando nas telas da memória os padecimentos das vítimas, como no dia em que as fizeram descer para o abismo da angústia, algemados ao pelourinho de obsessantes recordações. Tiranetes diversos volvem a sentir nos tecidos da própria alma os golpes que desferiram nos outros, e os viciados de toda sorte, quais os dipsômanos e morfínômanos, experimentam agoniada insatisfação, qual ocorre também aos desequilibrados do sexo, que acumulam na organização psicossomática as cargas magnéticas do instinto em desvario, pelas quais se localizam em plena alienação. As vítimas do remorso padecem, assim, por tempo correspondente às necessidades de reajuste, larga internação em zonas compatíveis com o estado espiritual que demonstram.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 19)

“A uma pergunta desfechada por Fantini – pois Evelina e ele eram os únicos adventícios na equipe socorrista – Cláudio observou: – De modo geral, os milhares de irmãos que se abrigam nestas paragens não se aceitam como são. Habitaram-se de tal maneira às simulações – aliás, muitas vezes, necessárias – da experiência física, que se declaram ofendidos pela verdade. Viveram, anos e anos, na esfera carnal, desfrutando essa ou aquela consideração pelos valores de superfície que exibiam, enfatuados, e não se conformam com a supressão dos enganos e privilégios imaginários de que se alimentavam... Narcisos fixados à própria imagem na retaguarda... Muitos se transferiram diretamente da vida física para a região nebulosa sob nossa vista, e outros muitos habitaram, logo após a desencarnação, cidades de recuperação e adestramento, semelhantes à nossa; entretanto, à medida que se evidenciavam, tais quais ainda são na realidade, absolutamente sem quaisquer simulacros dos muitos de que se valiam na estância terrestre para encobrirem o “eu” verdadeiro, rebelaram-se contra a luz do Mundo Espiritual que nos expõe à mostra a natureza autêntica, uns diante dos outros, e fugiram de nossas coletividades, asilando-se no vale de sombras geradas por eles mesmos. Aí, na penumbra criada pela força mental que lhes é própria, com o objetivo de se esconderem, dão pasto, em maior ou menor grau, às manifestações da paranoia a que todos se afeiçoam, entregando-se igualmente, em muitos casos, a lastimáveis paixões que procuram debalde saciar, até as raias da loucura.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

“– Achamo-nos à frente de perigosa extensão de espaço, habitada por milhares de criaturas rebeldes que constroem, à custa dos próprios pensamentos em desvario, o ambiente desolado que se nos impõe à vista. Aí, nesse mundo diferente, somos defrontados pelas mais estranhas edificações, todas elas caricaturas dos abrigos domésticos de que os donos abusaram na experiência física, uma verdadeira floresta de fluidos condensados, retratando as ideias e manias, ambições e caprichos, remorsos e penitências dos moradores. Temos aí, nessa faixa umbralina, todo um estado anárquico, em que o individualismo se desborda na hipertrofia da liberdade, sem os constrangimentos benéficos da disciplina, que nos faz realmente livres pela voluntária sujeição de nossa parte aos dispositivos das Leis de Deus. [...] Atingindo a orla escura da esquisita povoação, que começava, aqui e além surgiam criaturas andrajosas e alheadas. Não se podia afirmar fossem criaturas análogas aos mendigos, de alguma praça terrena, em penúria. Esse ou aquele habitante do imenso arrabalde davam a ideia de pessoas que o orgulho ou a indiferença tornavam espiritualmente distantes. De par com esse gênero de transeuntes, outros apareciam entremostrando ironia e desprezo na mímica escarnecedora com que apontavam os viajantes ou a estes se dirigiam. Quase todos exibiam roupas estranhas, cada qual obedecendo às condições e dignidades a que supunham pertencer.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

VI.5. Agrupamentos do mal e seus habitantes¹⁰

“Nesse instante, invisível campanha ressoou, estridente, com estranha entonação. Não decorreram cinco segundos e alguém penetrou a sala, rumorosamente. Era determinado servo da vigilância, que anunciou, precipite: – Irmã Zenóbia, aproximam-se entidades cruéis. A agulha de aviso indicou a direção norte. Devem estar a três quilômetros, aproximadamente. A orientadora empalideceu ligeiramente, mas não traiu a emoção com qualquer gesto que denunciasse fraqueza. – Acendam as luzes exteriores! – ordenou – todas as luzes! E liguem as forças da defesa elétrica, reforçando a zona de repulsão para o norte. Os invasores desviar-se-ão. Retirou-se apressadamente o emissário, enquanto pesado silêncio abatia-se sobre nós. Luciana fizera-se lívida. Jerônimo e Zenóbia demonstravam, através do olhar, asfixiante preocupação. Registrar-se-iam fatos que eu ignorava? Será que Espíritos reconhecidamente maus também organizavam expedições

semelhantes às que realizávamos para o bem? Que espécie de entidades seriam aquelas, para infundirem tamanha preocupação nos dirigentes esclarecidos e virtuosos de nossos trabalhos e tão grande terror nos subordinados daquela casa de amor cristão? Impressionara-me a expressão facial de dor e incerteza do servidor que trouxera a notícia. Seriam tantos os malfeitores das sombras para justificar semelhante pavor? Sentia o raciocínio extremamente reduzido para comportar a imensidade das interrogações que me afloravam à mente. Através de minúscula abertura, notei que enormes holofotes se acendiam de súbito, no exterior, como as luzes de grande navio assaltado por nevoeiro denso em zona perigosa. Ruídos característicos faziam-se sentir à nossa audição, informando-nos que aparelhos elétricos haviam sido postos em funcionamento. – É lamentável – exclamou Zenóbia, com a manifesta intenção de restaurar-nos a tranquilidade – que tantas inteligências humanas, desviadas do bem e votadas ao crime, se consagrem aqui ao prosseguimento de atividades ruins e destruidoras. Nenhum de nós ousou dizer qualquer palavra. A diretora, porém, esforçando-se por sorrir, continuou: – A tragédia bíblica da queda dos anjos luminosos, em abismos de trevas, repete-se todos os dias, sem que o percebamos em sentido direto. Quantos gênios da Filosofia e da Ciência dedicados à opressão e à tirania! quantas almas de profundo valor intelectual se precipitam no despenhadeiro de forças cegas e fatais! Lançados ao precipício pelo desvio voluntário, esses infelizes raramente se penitenciam e tentam recuo benéfico... Na maioria das vezes, dentro da terrível insatisfação do egoísmo e da vaidade, insurgem-se contra o próprio Criador, aviltando-se na guerra prolongada às suas divinas obras. Agrupam-se em sombrias e devastadoras legiões, operando movimentos perturbadores que desafiam a mais astuta imaginação humana e confirmam as velhas descrições mitológicas do inferno. Observando-me, possivelmente, a angústia íntima, em face de suas considerações, irmã Zenóbia acrescentou: – Chegará, porém, o dia da transformação dos gênios perversos, desencarnados, em Espíritos lucificados pelo bem divino. Todo mal, ainda que perdure milênios, é transitório. Achamo-nos apenas em luta pela vitória imortal de Deus, contra a inferioridade do “eu” em nossas vidas. Toda expressão de ignorância é fictícia. Somente a sabedoria é eterna. Por minha vez, gostaria de formular várias indagações, porém a expectativa fizera-se mais pesada. – Alguns séculos – prosseguiu a diretora – de reencarnações terrestres constituem tempo escasso para reeducar inteligências pervertidas no crime. É por

10 Vide Subcapítulo VI.9 (“Características e atividades das colônias e organizações do mal”), Capítulo VI (“Planos ou esferas espirituais inferiores”), Quinta Parte (“Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

isso que os trabalhos retificadores continuam vivos, além da morte do corpo físico, obrigando os servos da verdade e do bem a suportar os irmãos menos felizes, até que se arrependam e se convertam... Indefiníveis ruídos alcançaram-nos o ouvido, e Zenóbia, pálida, calou-se igualmente. Em poucos segundos, tornaram-se mais nítidos. Eram gritos aterradores, como se a curta distância devêssemos afrontar hordas de enraivecidos animais ferozes. Entre nós, Luciana parecia a mais atemorizada. Torcia nervosamente as mãos, até que, não lhe sendo possível suportar por mais tempo a inquietação, dirigiu-se à diretora da casa, suplicando: – Irmã, não será conveniente endereçarmos fervorosa rogativa a Deus? conheço os monstros. Tentaram, muita vez, arrebataram meu pai do sítio a que se recolhera!... Zenóbia sorriu com benevolência e respondeu: – Já fiz meus atos devocionais de hoje, preparando-me para as ações eventuais do trabalho no decurso do dia. Aliás, minha amiga, nossa ansiosa expectativa, em si mesma, vale por súplica ardente. Decidamos, pois, qualquer problema a sobrevir, com resolução e confiança em Nosso Pai e em nós próprios. A esse tempo, tornara-se enorme o vozerio. Pus-me, assombrado, a identificar rugidos estridentes de leões e panteras, casados a uivos de cães, silvos de serpentes e guinchos de macacos. Em dado momento, ouvimos explosões ensurdecedoras. Quase no mesmo instante, certo auxiliar penetrou o recinto e comunicou: – Atacam-nos com petardos magnéticos. A diretora resoluta ouviu, serena, e determinou: – Emitam raios de choque fulminante, assestando baterias. As farpas elétricas deviam ser atiradas em silêncio, porque as explosões diminuiram até à extinção total, percebendo-se que a horda invasora se desviara noutro rumo, pelo ruído a perder-se distante. Respiramos aliviados. Estampou-se confortadora expressão na fisionomia de Zenóbia, que falou, satisfeita: – Agora, peçamos ao Mestre conceda aos infelizes o caminho adequado às suas necessidades. Escoaram alguns minutos, nos quais elevamos pensamentos de gratidão e júbilo ao Cristo Salvador. Tornando à palavra livre, considere: – Que impressionantes rugidos ouvimos! não se figuravam lamentos de corações sofrendores, mas algazarra de feras soltas. Terrível novidade!... – Esses bandos, porém – observou a diretora. sensatamente –, são antigos. Entre as narrações evangélicas, ao tempo da passagem de Nosso Senhor pelas estradas humanas, lemos o noticiário alusivo às legiões dos gênios diabólicos. Enquanto concordávamos, em silêncio, prosseguiu, compungida: – Enraízam-se os pobrezinhos tão intensamente nas ideias e propósitos do mal e criam tantas máscaras animais para si mesmos, em virtude da revolta e da desesperação a lhes consumirem a alma, que adquirem, de fato, a semelhança de horrendos monstros,

entre a humanidade e a irracionalidade.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 4)

“A diretora da Casa Transitória, afeita a ocorrências iguais àquela, fornecia-nos belo exemplo de firmeza e serenidade. Após organizar a defensiva, fez sinal ao pregador para que falasse; e o padre Hipólito, sobrepondo-se aos ruídos e insultos, iniciou o comentário com empolgante acento: – Irmãos, que vos prepareis para a recepção da Luz Divina, é o nosso desejo fraterno! Reúnem-se aqui várias centenas de infortunados companheiros em precárias condições espirituais. De alma esfrangalhada pela dor, vencidos de aflição, suportando inomináveis padecimentos, entregai-vos, muita vez, ao desalento, à rebeldia e ao desespero. Perturbada e desditosa, vossa mente não sabe senão fabricar pensamentos de angústia destruidora. Alegais que as Forças Divinas vos esqueceram no vale fundo das trevas e, de negação em negação, transformai-vos, gradativa e naturalmente, em perigosos gênios da sombra e do mal, personificando figuras diabólicas e assediando, indistintamente, as obras edificantes dos mensageiros do Pai. Cruéis perversões interiores modificam-vos o aspecto fisionômico. Não vos assemelhai às criaturas humanas que fostes, repletas de dons divinos, e, sim, a imagens vivas das regiões infernais, infundindo compaixão aos bons, receio e pavor aos mais tímidos. Na lastimável posição mental a que vos conduzistes e na qual muitos de vós outros perseverais apaixonadamente, sois tão autênticos demônios da perversidade e do crime, que nem mesmo as vergastadas da dor conseguem modificar a boca disforme. Entretanto, sois nossos irmãos mais infelizes, aleijados do sentimento e do raciocínio, perdidos em dolorosos desertos da ignorância, não por falta de amor da Providência Celeste, mas pela própria imprevidência no descaso com que recebestes na Terra todas as oportunidades de ascensão à esfera superior do espírito eterno. Por mais que nos expulsem de vossas congregações de sofrimento, nunca escasseará, para convosco, nossa sincera comiseração. Visitaremos a paisagem sinistra dos abismos, quantas vezes se façam necessárias. Nunca nos cansaremos de proclamar a misericórdia excelsa do Pai e jamais se imobilizará nossa mão fraterna no sublime serviço da sementeira do bem e da verdade! As palavras injuriosas que ouvíamos antes desapareceram, pouco a pouco. A franqueza de Hipólito triunfara, O pregador falava com ardorosa eloquência e, possuído de angélicos pensamentos, todo ele irradiava luz. Ante o respeitoso silêncio que o seu verbo inflamado provocara, prosseguiu, comovendo-nos: – Dominam-vos a inveja e o despeito, a maldade e o sarcasmo, quando não permanecéis aniquilados de supremo terror. Emitis desordenadas paixões, entre coros de ironias e lágrimas... Quase todos recebeis nosso concurso amoroso, reagindo, impenitentes. Acredita

que somos agraciados por favores indébitos, que somos prediletos dos Céus e afirmais levemente que privilégios gratuitos nos felicitam a vida. Ó meus amigos! não vos falará, porventura, a inteligência da justiça indefectível que rege toda a vida? Somos, também, batalhadores a longa distância da última vitória sobre nós mesmos, encontramos-nos, igualmente, no mesmo carreiro de redenção. Trabalhamos, lutamos, choramos e sofremos; apenas diverge de algum modo a nossa posição da vossa, porquanto, nós outros, que vos dirigimos a palavra tranquila e fraterna, já iniciamos o luminoso aprendizado do reconhecimento a Deus, nosso Pai, todo poder, justiça e misericórdia, agradecendo ao Cristo, o divino intermediário, o ensejo de trabalho e realização no presente. Também sentimos saudades do lar terrestre e dos brandos elos afetivos que se movimentam agora, muito distantes, experimentando, como vos acontece, o vivo desejo de regressar ao passado, a fim de retificar os caminhos percorridos e, quase sempre, debalde procuramos aqueles que nos testemunharam amor, com o fim de beijar-lhes as mãos e pedir-lhes esquecimento das nossas fraquezas. Possuímos, todavia, a felicidade de compreender a extensão de nossos débitos e pusemo-nos, desde muito, a caminho do futuro redentor. Penetrando a interpretação direta da parábola, Hipólito modificou o tom de voz e prosseguiu: – Qual de nós não terá sido, na Crosta do Mundo, aquele “rico, vestido de púrpura e linho finíssimo”, do ensinamento do Mestre? Exibíamos a roupa vistosa e brilhante do “eu” egoístico, ferindo a observação de nossos semelhantes e vivendo o bendito ensejo de permanência nos círculos carnavais, “regalada e esplendidamente”. Todos nós, que nos associamos nesta paisagem de dor, tivemos, em derredor, mendigos de afeto e socorro espiritual mostrando-nos, em vão, as chagas de suas necessidades. Chamavam-se eles familiares, parentes, companheiros de luta, irmãos remotos de humanidade... Eram filhos famintos de orientação, pais necessitados de carinho, viandantes do caminho evolutivo sequiosos de auxílio, que, improficuamente, se aproximavam de nós, implorando algo de reconforto e alegria. Em geral, lembrávamo-nos sempre tarde de suas feridas interiores, indiferentes ao menosprezo da oportunidade sublime que nos fora concedida para ministrar-lhes o bem. No justo instante a que se recolhiam no leito mortuário, multiplicávamos afetos e carícias, depois de haver gasto o tempo sagrado da vida humana entre a insensibilidade e a exigência. Desejavam, os mais pobres que nós, alguma coisa das migalhas de nosso permanente banquete de conhecimentos e facilidades, frequentavam-nos a companhia, quais crianças necessitadas de iluminação e ternura, e os próprios cães se inclinavam para eles, tomados de natural simpatia... Nós, porém, envaidecidos das próprias conquistas, encarcerados em clamorosa apatia,

amontoávamos expressões de bem-estar, crendo-nos superiores a todas as criaturas integrantes do quadro de nossa passagem pela carne. Prisioneiros de nossas criações inferiores, a morte precipitou-nos no despenhadeiro purgatorial, semelhante ao tenebroso inferno da teologia mitológica. Envelhecida e rota a veste rica da oportunidade, ao término do curso de aprimoramento espiritual no educandário terrestre, somos, por vezes, mais pobres que o último dos miseráveis que nos batiam, confiantes, à porta do coração e para os quais poderíamos ter sido beneméritos doadores da felicidade. Viajores, na travessia do rio sagrado da elevação, fugíamos de todos os companheiros necessitados, instituíamos serviços ativos de vigilância contra os naufragos sofrendores, estimulávamos, acima de tudo, o bom tempo, as ilhas encantadas de prazer, a camaradagem dos mais fortes, para atingir a outra margem, humilhados e pesarosos, em terríveis necessidades do espírito, incapazes de prosseguir a caminho dos continentes divinos da redenção... Sejamos razoáveis, meus irmãos, reconhecendo que esse inferno é construção mental em nós mesmos. O estacionamento, após esforço destrutivo, estabelece clima propício aos fantasmas de toda sorte, fantasmas que torturam a mente que os gerou, levando-a a pesadelos cruéis. Cavamos poços abismais de padecimentos torturantes, pela intensidade do remorso de nossas misérias íntimas; arquitetamos penitenciárias sombrias com a negação voluntária, ante os benefícios da Providência. Desertos calcinantes de ódio e malquerença estendem-se aos nossos pés, seguindo-se a jornadas vazias de tristeza e desconsolo supremo. Semelharmo-nos a duendes vagabundos da inquietação e do desalento, pela amargura do que fomos e pela dificuldade quase invencível na aquisição dos recursos para o que devemos vir a ser. De um lado, a falência gritante; do outro, o desafio da vida eterna. Como o rico infeliz da parábola, todavia, sabemos que muitas de nossas vítimas de outro tempo escalarão altas posições no campo hierárquico da eternidade; que muitos daqueles mendigos de carinho da estrada humana foram conduzidos a fontes da maravilhosa sabedoria e do inesgotável amor, e, assim, porque não impetrarmos o concurso de suas bênçãos intercessórias? Porque não dobrarmos humildemente a cerviz, considerando os desvios do passado, a fim de recebermos a sublime e indispensável cooperação do presente? Sabemos, amigos, que muitos de vós outros padeceis, atormentados, a devoradora sede da água viva do Espírito imortal, que, aflitos e desanimados, neste vale de sombras, desejaríeis romper todos os obstáculos para a recepção de uma gota apenas do líquido precioso, prometido por Jesus aos sedentos que a Ele se devotassem de boa vontade! Ah! não basta, porém, a desordenada rogativa de dor, para que o orvalho divino refresque o coração dorido e dilacerado!

Urge regenerar o vaso receptivo da alma enferma, alijando a poeira venenosa da Terra, para que permaneça puro e reconfortante o rodo do Céu! Imprescindível o sofrimento de função purificadora. Os desvarios mentais, a que nos entregamos na Crosta Planetária, são energias que presentemente se manifestam com a intensidade das forças libertas, depois de longo repressão, e, daí, a intraduzível angústia da fome, da sede, da aflição e da enfermidade que muitos de vós ainda sentis, pela carência de conformação com as leis estabelecidas pelo Eterno Pai!...” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“Pelo silêncio do ambiente, parecia-me que o padre Hipólito era ouvido com respeitosa atenção pelas inúmeras fileiras de sofrendores ali congregados diante de nós. Após ligeira interrupção, continuou o pregador, bem inspirado: – Nenhum de nós outros, os que apelamos para a vossa renovação, encontrou até agora a residência dos anjos. Somos companheiros em cujo coração palpita, plena, a Humanidade, com os seus defeitos e aspirações. Compreendemos, contudo, vosso tormento consumidor e trazemos a todos o convite de renúncia aos impulsos egoísticos, concitando-vos, ainda, ao reconhecimento devido ao Senhor e à penitência pelos nossos erros voluntários e criminosos do passado. Agradeçamos a Misericórdia Divina e, reunidos, peçamos ao Cristo entendimento de sua vontade sublime e sábia, com a precisa força para executá-la, onde estivermos. Não roguemos, como o rico enganado da narração evangélica, qualquer vantagem para o nosso individualismo ou para o círculo pessoal de nossos interesses particulares, mas, sim, a compreensão, suficiente compreensão dos deveres que nos cabem, na atualidade menos venturosa, de acordo com as suas diretrizes salvadoras. E, cheios de confiança nova, aguardemos o porvir, em que a Terra, nossa grande mãe, nos oferecerá, generosa, outras ocasiões fecundas de aprender e resgatar, santificar e redimir. Nesse momento, o ex-sacerdote sustou por longos instantes a pregação, possibilitando-nos detido exame do quadro exterior. Longas filas de sofrendores acorriam de todos os recantos, fitando-nos à claridade das tochas, a distância de trinta metros, aproximadamente. Estendiam-se em vasta procissão de duendes silenciosos e tristes, parecendo guardar todas as características das enfermidades físicas trazidas da Crosta, no campo impressivo do corpo astral. Viam-se ali necessitados de todos os tipos: aleijões, feridas, misérias exibiam-se ao nosso olhar, constringindo-nos os corações. Muitos deles, ajoelhados, talvez na suposição de que fôssemos embaixadores do Celeste Poder em visita ao purgatório desditoso, mantinham-se em posição de supremo respeito, embora deixando transparecer, na face angustiada, indescritíveis padecimentos. De olhos ansiosos, falavam sem palavras do intenso e secreto

desejo de se unirem a nós; entretanto, algo lhes coibia a realização. Assemelhavam-se a prisioneiros, suspirando pela liberdade. Porque não corriam ao nosso encontro? Porque não se ajoelhavam, junto de nós, em sinal de reconhecimento sincero a Deus? Desejando penetrar a causa daquela imobilidade compulsória, compreendi, sem maiores esclarecimentos, o que se passava. Entre a multidão compacta e nós outros, cava-se profundo fosso, e, onde surgiam possibilidades de transposição mais fácil, reuniam-se pequenos grupos de entidades que se revelavam por sinistra expressão fisionômica. Não podia abrigar qualquer dúvida. Aqueles rostos agressivos e duros sustentavam severa vigilância. Que faziam aí semelhantes verdugos? Permaneceriam dirigidos por potências vingadoras, com poderes transitórios na zona das trevas, ou agiriam por sua conta própria, obedientes a desvairadas paixões da mente em desequilíbrio? Recordei antigas lendas do inferno esboçado na teologia católico-romana, para concluir que a fogueira ardente, onde Satã se comprazia em torturar as almas, devia ser mais bela que a paisagem de lama, treva e sofrimento à nossa vista. Recolhi, porém, o fio das considerações desnecessárias ao momento, compreendendo que o minuto não comportava divagações, por exigir contribuição ativa.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“Prolongando-se a pausa do pregador, uma criatura de rosto patibular gritou, em meio de gestos odiosos: – Não pedimos exércitos de salvação! Fugam daqui! Bastou isolada manifestação para que outras expressões de desagrado explodissem. – Não desejamos redimir coisa alguma! Nada devemos! Interessam-nos o culto sistemático do ódio, a revolta contra os deuses insensíveis, o movimento de resistência à repugnante aristocracia espiritual! – Morram os pregoeiros da virtude falsificada! Caiam os oportunistas de além-túmulo! Viva o nosso movimento de destruição contra a velha ordem dos senhores e dos escravos! Depois das ruínas, edificaremos o mundo novo! Homenzarrão hirsuto, com todas as particularidades dum gigante, avançou até à borda do fosso, no outro lado, fez significativo gesto de provocação e perguntou, bradando: – Calou-se o realejo do padre? Riu-se, diabolicamente, e continuou: – Perdem tempo! Estão redondamente enganados! Também temos programa e também sabemos querer! Onde está o Deus que nos prometeram? Têm, porventura, o mapa do céu? Nossos ídolos agora estão quebrados. Somos filhos do desespero, tentando reorganizar a vida no deserto que nos defronta. Voltaremos, acaso, à ingenuidade primitiva, a ponto de acreditar novamente em mentiras religiosas? Em que remota região se compra a beneficência divina que não se condói de nossas necessidades? Declaram-se felizes e proclamam a compaixão de um pai que não conhecemos. Viram-no alguma vez? Fria gargalhada

pontilhou suas últimas palavras. Revelando-se sob forte impressão, o padre Hipólito respondeu: – O conhecimento da Divindade e o roteiro celeste serão encontrados dentro de nós mesmos. Por que audácia inominável cometeríamos o absurdo de aguardar plena e pronta identificação da nossa natureza egressa da irracionalidade, em dias tão curtos, com a sublime plenitude de Deus? Como ombrear-se o batráquio com o Sol? Em verdade, as religiões antropomórficas da Crosta envenenaram-nos a mente, instilando falsas concepções de Deus em nossos raciocínios. Não podemos, todavia, culpá-las em sentido absoluto, porquanto a estagnação espiritual caracterizava-nos a todos. Quando os discípulos se integrarem efetivamente, de cérebro e coração renovado, no Evangelho do Mestre, será impossível a negativa interferência sacerdotal. O dogma, considerado imparcialmente, constitui desafio e castigo simultâneos. Desafio à inteligência investigadora e construtiva, para que se dilate no mundo a noção do universo infinito, e castigo às mentes ociosas que renunciavam levianamente ao dom de pensar e decidir por si mesmas as questões sagradas do destino. Em toda parte encontraremos a sabedoria operante e invisível do Senhor, estendendo-se em todas as minúcias da Natureza. Calai, portanto, a vaidade ferida e o orgulho humilhado que vos ditam observações ingratas e criminosas! Detende-vos no santuário da consciência e não exigíveis visões e revelações que não conseguiríeis suportar. Tomados, pois, de compaixão pela vossa rebeldia e infortúnio, rogamos ao Senhor abençoe a esperança de quantos nos ouvem, famintos de suprema redenção, como nós, diante da grandeza inapreciável da vida eterna! Para outro público, as palavras do ex-sacerdote seriam vivas e convincentes, mas as entidades endurecidas e perversas, para quem foram proferidas, mostraram-se frias e insensíveis. Fizeram-se ouvir outras vozes, em sinistro coro: – Basta! Basta! – Fora! Fora!...” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“No vasto salão do educandário que nos reunia, o Ministro Flácus, fixando em nós o olhar saturado de doce magnetismo, convidava-nos a preciosas meditações. Congregamo-nos, ali, somente algumas dezenas de companheiros, de modo a registrar-lhe as instruções edificantes. E, sem dúvida, a preleção revestia-se de profundo interesse. Podíamos perguntar à vontade, dentro do assunto, e guardar todas as informações compatíveis com o novo trabalho que nos cumpria desempenhar. Até então, ouvira comentários alusivos a colônias purgatoriais, perfeitamente organizadas para o trabalho expiatório a que se destinam, arrebanhando milhares de criaturas arraigadas no mal; entretanto, agora, o Instrutor Gúbio, que se mantinha silencioso, em nossa companhia, concedera-nos permissão de acompanhá-lo a enorme centro dessa espécie.

Interessados na palavra fluente e primorosa do orador, seguíamos o curso das elucidações com justificável expectativa de aluno que não deseja perder um til do ensinamento, observando que a serenidade e a atenção transpareciam no rosto de todos os aprendizes, considerando-se que todos, no recinto, éramos candidatos ao serviço de socorro aos irmãos ignorantes, atormentados nas sombras... Senhoreando-nos o espírito, o Ministro prosseguia, satisfeito: – “Os superiores que se disponham a trabalhar em benefício dos inferiores, em ação persistente e substancial, não lhes podem utilizar as armas, sob pena de se precipitarem no baixo nível deles. A severidade pertencerá ao que instrui, mas o amor é o companheiro daquele que serve. “Sabemos que a educação, na maioria das vezes, parte da periferia para o centro; contudo, a renovação, traduzindo aperfeiçoamento real, movimenta-se em sentido inverso. Ambos os impulsos, todavia, são alimentados e controlados pelos poderes quase desconhecidos da mente. “O espírito humano lida com a força mental, tanto quanto maneja a eletricidade, com a diferença, porém, de que se já aprende a gastar a segunda, no transformismo incessante da Terra, mal conhece a existência da primeira, que nos preside a todos os atos da vida. “A rigor, portanto, não temos círculos infernais, de acordo com os figurinos da antiga teologia, onde se mostram indefinidamente gênios satânicos de todas as épocas e, sim, esferas obscuras em que se agregam consciências embotadas na ignorância, cristalizadas no ócio reprovável ou confundidas no eclipse temporário da razão. Desesperadas e insubmissas, criam zonas de tormentos reparadores. Semelhantes criaturas, no entanto, não se regeneram à força de palavras. “Necessitam de amparo eficiente que lhes modifique o tom vibratório, elevando-lhes o modo de sentir e pensar. [...] Nesse ponto, o esclarecido Ministro fez longa pausa, fitou-nos, bondoso, e continuou: – “Mas... além do principado humano, para lá das fronteiras sensoriais que guardam ciosamente a alma encarnada, amparando-a com limitada visão e benéfico esquecimento, começa vasto império espiritual, vizinho dos homens. Aí se agitam milhões de Espíritos imperfeitos que partilham, com as criaturas terrenas, as condições de habitabilidade da Crosta do Mundo. Seres humanos, situados noutra faixa vibratória, apoiam-se na mente encarnada, através de falanges incontáveis, tão semi-conscientes na responsabilidade e tão incompletas na virtude, quanto os próprios homens. “A matéria, congregando milhões de vidas embrionárias, é também a condensação da energia, atendendo aos imperativos do “eu” que lhe preside à destinação. [...] “Frustrados em suas aspirações de vaidoso domínio no domicílio celestial, homens e mulheres de todos os climas e de todas as civilizações, depois da morte, esbarram nessa região em que se prolongam as atividades terrenas e

elegem o instinto de soberania sobre a Terra por única felicidade digna do impulso de conquistar. Rebelados filhos da Providência, tentam desacreditar a grandeza divina, estimulando o poder autocrático da inteligência insubmissa e orgulhosa e buscam preservar os círculos terrestres para a dilatação indefinida do ódio e da revolta, da vaidade e da criminalidade, como se o Planeta, em sua expressão inferior, lhes fosse paraíso único, ainda não integralmente submetido aos seus caprichos, em vista da permanente discórdia reinante entre eles mesmos. É que, confinados ao berço escabroso da ignorância em que o medo e a maldade, com inquietudes e perseguições recíprocas, lhes consomem as forças e lhes inutilizam o tempo, não se apercebem da situação dolorosa em que se acham. “Fora do amor verdadeiro, toda união é temporária e a guerra será sempre o estado natural daqueles que perseveram na posição de indisciplina. “Um reino espiritual, dividido e atormentado, cerca a experiência humana, em todas as direções, intentando dilatar o domínio permanente da tirania e da força.” (AL, *Libertação*, Capítulo 1)

“Ao nos retirarmos do educandário, o Instrutor Gúbio, pousando sobre Elói, o nosso companheiro, e sobre mim os olhos lúcidos, acentuou: – Para muitas criaturas, é difícil compreender a arregimentação inteligente dos espíritos perversos. Entretanto, é lógica e natural. Se ainda nos situamos distantes da santidade, não obstante os propósitos superiores que já nos orientam, que dizer dos irmãos infelizes que se deixaram prender, sem resistência, às teias da ignorância e da maldade? Não conhecem região mais elevada que a esfera carnal, a que ainda se ajustam por laços vigorosos. Enleados em forças de baixo padrão vibratório, não apreendem a beleza da vida superior e, enquanto mentalidades frágeis e enfermias se dobram humilhadas, os gênios da impiedade lhes traçam diretrizes, enfileirando-as em comunidades extensas e dirigindo-as em bases escuras de ódio aviltante e desespero silencioso. Organizam, assim, verdadeiras cidades, em que se refugiam falanges compactas de almas que fogem, envergonhadas de si mesmas, ante quaisquer manifestações da divina luz. Filhos da revolta e da treva aí se aglomeram, buscando preservar-se e escorando-se, aos milhares, uns nos outros... Auscultando-nos a surpresa manifesta, o instrutor prosseguiu, respondendo-nos às arguições íntimas: – Tais colônias perturbadoras devem ter começado com as primeiras inteligências terrestres entregues à insubmissão e à indisciplina, ante os ditames da Paternidade Celestial. A alma caída em vibrações desarmônicas, pelo abuso da liberdade que lhe foi confiada, precisa tecer os fios do reajustamento próprio e milhões de irmãos nossos se recusam a semelhante esforço, ociosos e impenitentes, alongando o labirinto em que muitas vezes se perdem por séculos. Inabilitados para a jornada imediata, rumo

ao Céu, em virtude das paixões devastadoras que os magnetizam, arrebanham-se de conformidade com as tendências inferiores em que se afinam, ao redor da Crosta Terrestre, de cujas emanções e vidas inferiores ainda se nutrem, qual ocorre aos próprios homens encarnados. O objetivo essencial de tais exércitos sombrios é a conservação do primitivismo mental da criatura humana, a fim de que o Planeta permaneça, tanto quanto possível, sob seu jugo tirânico. As observações de Gúbio escaldavam-me o cérebro.” (AL, *Libertação*, Capítulo 2)

“Eu também havia passado pelos baixos círculos da vida, depois do transe corporal; entretanto, não identificara a existência dessas condensações organizadas de entidades malignas do campo espiritual, embora ouvisse, em muitas ocasiões, impressionantes comentários em torno delas. Efetivamente, não conseguia, por ruim mesmo, exumar todas as recordações do angustiado período que a porta do túmulo me oferecera. Virame perseguido, através de longos pântanos... Errara, aflitivamente, dias e noites que me pareceram sem fim, atormentado e desditoso; todavia, custava-me crer que as atividades maléficas gozassem de organismo diretor. Por isto mesmo, de mente agora centralizada nos propósitos do bem, aventurei uma indagação. – Com que fim – perguntei – essas legiões retardadas se mancomunam, além da morte, se despidas da vestimenta grosseira de carne devem saber, mais que nunca, que se empenham em combates inúteis? Não se sentem, porventura, transportadas ao plano do esclarecimento puro, quanto à posição que lhes diz respeito? Não se cercam presentemente de mais sublimes revelações da Natureza? Não lhes quadrariam, mais justos, o trabalho edificante e o estudo nobre, na elevada aspiração de galgar a sabedoria santificante, estrada acima? Por que motivo se aglomeram, assim, através de ajuntamentos desprezíveis e diabólicos? Fácil de entender-se a jornada evolutiva do homem, depois do sepulcro, mas o estacionamento deliberado, na crueldade e no ódio, além da morte, dá para confundir a mente de qualquer... O orientador sorriu, maneiroso, e considerou: – Reportamo-nos a Espíritos perfeitamente humanos, não obstante desencarnados, e tais perguntas, André, poderiam ser formuladas, mesmo na Crosta da Terra. Por que razão, nós mesmos, antes de acordar a consciência para a revelação divina, nos precipitávamos nas linhas inferiores, todos os dias, contrariando espetacularmente a Lei? À frente dos olhos, contávamos com bendito dilúvio de claridade solar, jorrando incessante do Espaço Infinito... sabíamos que a existência do corpo correria rápida, que seríamos defrontados pela morte comum a todos, que regressaríamos do mundo carnal pela mesma porta misteriosa, através da qual penetráramos nele; no entanto, quantas vezes teremos menoscabado a Sabedoria Excelsa, com

atitudes de criminoso indiferença? Ante as sugestões do Plano Divino que te povoam, agora, o pensamento, lembraste de algum tempo passado em que tivesses cogitado sinceramente da própria sublimação? Se desenterrarmos o pretérito, meu caro, encontraremos lamentáveis reminiscências... Não nos compete parar ou desanimar. À maneira do tronco frágil, é imperioso crescer, subir, por alcançar o oxigênio de cima, e, apesar de algemados ao que fomos, à semelhança da árvore humilde presa aos resíduos do complicado envoltório que lhe encerrava a semente, reclamamos ascensão, ar puro e largueza de condições para produzirmos o bem que o Senhor espera de nós. A argumentação de Gúbio era bela e sugestiva; entretanto, eu sentia dificuldades para aceitar a ideia de purgatórios e infernos dirigidos. – Concordo com as elucidações – exclamei reverente –, mas é quase incrível tanta ignorância, além do corpo que nos conserva em ilusão... a sepultura abre-nos a todos um caminho novo. É razoável que a mente perturbada sofra amarguras de reajustamento até que se restaure; todavia, apropriar-se um espírito desencarnado de certos setores do caminho, como se fora deles senhor absoluto para perpetuar sua tirania, é observação que me escapava... – Sim – tornou o orientador, convincente –, para quem refletiu sobre o assunto, durante muito tempo, em sentido contrário à realidade, o apontamento surpreende bastante; todavia, não vejo obstáculos à apreensão do ensinamento. Reconheçamos, por exemplo, que o homem comum já atravessou, desde milênios, a estação evolutiva em que se demora o irracional e, em várias ocasiões, revela comportamento de nível inferior ao dele. Imprimindo grave entono à voz agradável e fraternal, acrescentou: – Notemos que nós mesmos, os desencarnados, nos movemos num campo de matéria que se caracteriza por densidade específica, embora rarefeita, quando confrontada com as antigas formas físicas, e nossa mente, em qualquer parte, na Crosta ou aqui onde nos achamos, é um centro psíquico de atração e repulsão. O espírito encarnado respira numa zona de vibrações mais lentas, enfaixado num veículo constituído de trilhões de células que são outras tantas vidas microscópicas inferiores. Cada vida, porém, por mais insignificante, possui expressão magnética especial. A vontade, não obstante condicionada por leis cósmicas e morais, inclinará a comunidade dos corpúsculos vivos que permanecem a seu serviço por tempo limitado, à maneira do eletricitista que liga as forças da usina para atividades num charco ou para serviços numa torre. Sendo cada um de nós uma força inteligente, detendo faculdades criadoras e atuando no Universo, estaremos sempre engendrando agentes psicológicos, através da energia mental, exteriorizando o pensamento e com ele improvisando causas possíveis, cujos efeitos podem ser próximos ou remotos sobre o

ponto de origem. Abstendo-nos de mobilizar a vontade, seremos invariáveis joguetes das circunstâncias predominantes, no ambiente que nos rodeia; contudo, tão logo deliberemos manobrá-la, é indispensável resolvamos o problema de direção, porquanto nossos estados pessoais nos refletirão a escolha íntima. Existem princípios, forças e leis no universo minúsculo, tanto quanto no universo macrocósmico. Dirija um homem a sua vontade para a ideia de doença e a moléstia lhe responderá ao apelo, com todas as características dos moldes estruturados pelo pensamento enfermigo, porque a sugestão mental positiva determina a sintonia e receptividade da região orgânica, em conexão com o impulso havido, e as entidades microbianas, que vivem e se reproduzem no campo mental das milhões de pessoas que as entretêm, acorrerão em massa, absorvidas pelas células que as atraem, em obediência às ordens interiores, reiteradamente recebidas, formando no corpo a enfermidade idealizada. Claro que nesse capítulo temos a questão das provas necessárias, nos casos em que determinada personalidade renasce atendendo a impositivos das lições expiatórias, mas, mesmo aí, o problema de ligação mental é infinitamente importante, porquanto o doente que se compraz na aceitação e no elogio da própria decadência acaba na posição de excelente incubador de bactérias e sintomas mórbidos, enquanto que o espírito em reajustamento, quando reage, valoroso, contra o mal, ainda mesmo que benéfico e merecido, encontra imensos recursos de concentrar-se no bem, integrando-se na corrente de vida vitoriosa. Registrava as explicações, profundamente edificado, e, não obstante a longa pausa que se fez espontaneamente, não ousei interromper o curso da argumentação a fim de não quebrar a linha do pensamento.” (AL, *Libertação*, Capítulo 2)

“Prestimoso e digno, Gúbio continuou: – Nossa mente é uma entidade colocada entre forças inferiores e superiores, com objetivos de aperfeiçoamento. Nosso organismo perispiritual, fruto sublime da evolução, quanto ocorre ao corpo físico na esfera da Crosta, pode ser comparado aos polos de um aparelho magneto-elétrico. O espírito encarnado sofre a influência inferior, através das regiões em que se situam o sexo e o estômago, e recebe os estímulos superiores, ainda mesmo procedentes de almas não sublimadas, através do coração e do cérebro. Quando a criatura busca manejar a própria vontade, escolhe a companhia que prefere e lança-se ao caminho que deseja. Se não escasseiam milhões de influxos primitivistas, constrangendo-nos, mesmo aquém das formas terrestres a entreter emoções e desejos, em baixos círculos e armando-nos quedas momentâneas em abismos do sentimento destrutivo, pelos quais já peregrinamos há muitos séculos, não nos faltam milhões de apelos santificantes, convidando-nos à ascensão para a

gloriosa imortalidade. O instrutor, fitando em nós o olhar percuciente e calmo, ponderou: – Entenderam, agora, como é compreensível a opção de certos espíritos pela casa escura do crime, depois do túmulo, qual ocorre a milhões de entidades encarnadas que, em plena harmonia com a natureza terrestre, estimam viver no domicílio da enfermidade? Atitudes mentais enraizadas não se modificam facilmente. O rei que governa milhares, o condutor que se acostumou a traçar férreas diretrizes, o homem que se habituou a dobrar caracteres alheios, quando não dispõem de princípios santificantes, no terreno idealístico, para se alimentarem intimamente na tarefa a que se consagram, não se transformam em servidores humildes de um momento para outro, só porque se desfizeram da carga de células materiais. Quando não se recomendam aos precipícios da loucura, no eclipse total da razão por tempo indeterminável, em vista dos desvarios na intelectualidade e no poder, são conservados e respeitados na obra evolutiva do mundo, pelas qualidades apreciáveis e dignas que já conquistaram, embora as paixões violentas que lhes assinalam a vida íntima, e são utilizados então por gênios superiores, nos serviços de aprimoramento planetário, em que vigiam e reajustam os mais fracos, sendo vigiados e reajustados pelos mais fortes, convertendo-se, gradual e imperceptivelmente, ao Supremo Bem, aceitando o Plano Divino em cuja execução passam a colaborar com fidelidade e valor. Em tal posição, auxiliam e são auxiliados, dão e recebem, impulsionam o progresso e progridem a seu turno... Impôs ligeira pausa às elucidações e, em seguida, prosseguiu noutro rumo: – Semelhante realidade obriga-nos a meditar na extensão do serviço espiritual em todos os ângulos evolutivos. Educação para a eternidade não se circunscreve à ilustração superficial de que um homem comum se reveste, sentando-se, por alguns anos, num banco de universidade – é obra de paciência nos séculos. Se árvores existem assinaladas por centenas de anos, dentro das finalidades a que se destinam, que dizer dos milênios reclamados por uma individualidade, no capítulo da própria sublimação? Não podemos olvidar, desse modo, o amor que devemos aos ignorantes, aos fracos, aos infelizes. Imprescindível se torna caminhar nos passos daqueles que igualmente, um dia, nos estenderam compassivas mãos. O argumento era demasiado edificante para que interferíssemos com indagações novas.” (AL, *Libertação*, Capítulo 2)

“O orientador percebeu a oportunidade do esclarecimento e continuou: – Os átomos que integram a hóstia dum templo, são, no fundo, iguais àqueles que formam o pão pobre de uma penitenciária. Assim, toda matéria em si mesma, passiva e plástica, é análoga nas mãos das entidades sábias ou ignorantes, amorosas ou brutalizadas, no estado de condensação

conhecido na Crosta Planetária e além dele. Em razão disso, são compreensíveis as transitórias construções levantadas em nosso plano por criaturas desviadas do bem. Para quem anestesiou as faculdades no prazer fugitivo, a separação da carne geralmente constitui acesso a doloroso estágio na incompreensão. E considerando que a maioria das criaturas humanas persegue as sensações do corpo físico, qual se as atrações genésicas e o desvairado apego aos bens provisórios dos círculos mais baixos encerrassem toda a felicidade do mundo, a colheita de personalidades desequilibradas é sempre inquietante, conservando quase inalteradas as fileiras escuras dos insensatos cultivadores da satisfação egoística a qualquer preço. Loucos perigosos, por voluntários, dirigidos por inteligências soberanas, especializadas em dominação, constituem hordas terríveis que, a bem dizer, vigiam as saídas das esferas inferiores em todas as direções. – E porque permite Deus semelhante irregularidade? – inquiriu Elói, sob visível consternação – Não bastaria ligeira ordem do Eterno para sanar a desarmonia? Gúbio, prestativo, não se fez esperar na resposta. Sorrindo, franco, aduziu com interesse: – Não será o mesmo que perguntar o motivo pelo qual o Senhor nos esperou até ontem? Acreditaremos em paraísos miraculosos? Não sabemos, porventura, que cada homem se sentará no trono que levantou ou se projetará ao fundo do abismo que preferiu? Além disto, é necessário reconhecer que se o lapidário aprimora a pedra, usando lima resistente, o Senhor do Universo aperfeiçoa o caráter dos filhos transviados de Sua Casa, usando corações endurecidos, temporariamente afastados de Sua Obra. Nem sempre o melhor juiz pode ser o homem mais doce. Qualidades morais e virtudes excelsas não são meras fórmulas verbalistas. São forças vivas. Sem a posse delas, é impraticável a ascensão do espírito humano. Personalidades vulgares apegam-se à salvaguarda de recursos exteriores e neles centralizam os sentimentos mais nobres, prendendo-se a fantasias inúteis... Encarcera-se-lhes, então, a mente na insegurança, na fragilidade, no pavor. O choque da morte imprime-lhes tremendos conflitos à organização perispirítica, veículo destinado às suas próprias manifestações no círculo novo de matéria diferente a que foram arrebatadas, e, após perderem abençoados anos no campo didático da esfera carnal, enredadas em conflitos deploráveis, erram aflitas, exânimes e revoltadas, ajustando-se ao primeiro grupo de entidades viciosas que lhes garantam continuidade de aventura em fictícios prazeres. Formam associações enormes e compactas, com base nas emanções da Crosta do Mundo, onde milhões de homens e mulheres lhes sustentam as exigências mais baixas; fazem vida coletiva provisória à força de sugarem as energias da residência dos

irmãos encarnados qual se fossem extensa colônia de criminosos, vivendo a expensas de generoso rebanho bovino. Importa ponderar, contudo, que o homem explora a vaca, menos consciente e incapaz de ser julgada por delito de convivência, ao passo que, na esfera humana, o quadro apresenta outro aspecto. A criatura racional não se eximirá à responsabilidade. Se o perseguidor invisível aos olhos terrestres erige agrupamentos para culto sistemático à revolta e ao egoísmo, o homem encarnado, senhor de valiosos patrimônios de conhecimento santificante, garante-lhe a obra nefasta pela fuga constante às obrigações divinas de cooperador de Deus, no plano de serviço em que se localiza, alimentando ruínosa aliança. Um e outro, por isto, partilhando os resultados da indiferença destrutiva ou da ação condenável, atrimam e se vascoejam reciprocamente, tais quais feras que se entredevoram na floresta da vida. Obsidiam-se, mutuamente, quando nos atilhos educativos da carne ou na ausência deles. Atravessam séculos, assim, jungidos um ao outro, presos a lamentáveis ilusões e propósitos sinistros com extremas perturbações para si mesmos, já que a herança celestial se faz naturalmente vedada a todos aqueles que menosprezam em si próprios as sementes divinas. Há milhões de almas humanas que se não afastaram, ainda, da Crosta Terrestre, há mais de dez mil anos. Morrem no corpo denso e renascem nele, qual acontece às árvores que brotam sempre, profundamente arraigadas no solo. Recapitulam, individual e coletivamente, lições multimilenárias, sem atinarem com os dons celestiais de que são herdeiras, afastadas deliberadamente do santuário de si mesmas, no terreno movediço da egolatria inconsequente, agitando-se, de quando em quando, em guerras arrasadoras que atingem os dois planos, no impulso mal dirigido de libertação, através de crises inomináveis de fúria e sofrimento. Destroem, então, o que construíram laboriosamente e modificam processos de vida exterior, transferindo-se de civilização. O instrutor, sentindo a profunda atenção com que lhe seguíamos a palavra, acentuou, depois de leve pausa: – Todavia, no fluir e refluir das eras numerosas, os filhos do Planeta que se conservam atentos às determinações divinas, livres da antiga escravidão à miséria moral, tornam ao ambiente escuro do cativo que já abandonaram, a fim de ampararem os irmãos ignorantes e desviados, em sublime trabalho de compaixão. Formam as vanguardas do Cristo nos mais diversos pontos do Globo, e, aos milhões, sob o patrocínio d'Ele, operam no amor e na renúncia, avançando, embora dificilmente, humanidade adentro, enfrentando a ofensiva incendiária e exterminadora, com as bênçãos da Luz Celeste... A exposição não podia ser mais clara. Elói, contudo, observou, assombrado: – Quem diria, na Terra, nosso

velho domicílio, que a vida infinita se estenderia, assim, estranha e ameaçadora? – Sim – concordou o orientador –, porém a ortodoxia no mundo costuma ser o cadáver da revelação. Argumentos teológicos de milênios obstruem os canais da inteligência humana, quanto às realidades divinas. Mas a criatura prosseguirá na tarefa de autodescobrimento. A força mental, na luta comum, permanece restrita ao círculo acanhado da personalidade egoística, copiando o molusco algemado à concha, e sabemos que semelhante energia, patrimônio eterno com que nos sublimamos ou viciamos, emite raios criadores sobre a matéria passiva que nos cerca, dependendo de nós a direção que venha a tomar. Se milhões de raios luminosos formam um astro brilhante, é natural que milhões de pequeninos desesperos integrem um inferno perfeito. Herdeiros do Poder Criador, geraremos forças afins conosco, onde estivermos. Não será tudo isto perfeitamente inteligível? É por esta razão que o Senhor mandou constar no Livro Divino o seu aviso celestial: – “eis que estou à porta e bato”. Se alguém abre a porta viva da alma, haverá realmente o colóquio redentor, entre o Mestre e o Discípulo. O coração é tabernáculo e a sublimação das potências que o integram é a única via de acesso às esferas superiores. O devotado orientador fixou o gesto de quem dava término oportuno às explicações, sorriu, benévolo, e interrogou: – Qual de nós cometeria o absurdo de exigir voo ao balão cativo? A mente humana, enraizada nos interesses mais fortes da Terra, não detém outro símbolo. Calamo-nos, atendidos em nossa fome de elucidações. Colhêramos ali, na conversação de alguns minutos, precioso material de observação para longo tempo. Prosseguíamos, agora, em silêncio, extáticos ante a beleza imponente da noite, maravilhosamente constelada.” (AL, *Libertação*, Capítulo 2)

– Irmão Cláudio – lembrou Evelina –, o senhor já penetrou nesses sítios, atingindo algum ponto distanciado da orla? – Já acompanhei diversas caravanas de fraternidade e socorro, utilizando veículos diversos, alcançando praças estabelecidas muito longe de nós... – E que viu? – Cidades, vilarejos, povoações e aldeamentos vários, em cujo seio Espíritos de inteligência cultivada e vigorosa, mas profundamente pervertidos, dominam enormes comunidades de Espíritos menos hábeis no comando das situações; contudo, tão pervertidos, via de regra, quanto eles mesmos. Cláudio sorriu e ressaltou: – Quando digo a palavra “pervertidos”, não me proponho a julgar os nossos irmãos transitoriamente encastelados na sombra. Desejo apenas qualificar, para a compreensão de quem chegou recentemente da vida física, a posição desses amigos doentes. Aliás, consideramo-los tão enfermos quanto os nossos irmãos alienados mentais de qualquer hospício da Crosta Planetária, credores de nosso melhor

carinho. E saibamos, com entranhado respeito, que numerosos pais e mães, esposos e esposas, filhos e pessoas amadas de muitos dos companheiros transviados nessas regiões sombrias aí residem, por mero devotamento, na situação de heróis obscuros, em admiráveis apostolados de amor e renúncia, a benefício dos que se enrijecem no erro, de modo a reconduzi-los ao reequilíbrio necessário, preparando-se para as novas reencarnações que os esperam. Esses paladinos da bondade e da paciência parecem escravizados aos infelizes que amam; no entanto, pela cátedra do sacrifício da humildade que esposam, acabam conseguindo prodígios pela força irresistível do exemplo.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

“IN LIMINE. [...] Enxameiam por toda parte províncias de sombra e agonia, cujas paisagens ermas e doentias mais envenenam os que ali se detêm, graças à exteriorização miasmática dos seus pensamentos em desalinho e das suas personalidades enfermas... Aglutinados em magotes compactos ou formando comunidades inditasas, constituem esses locais verdadeiras “cidades de dor”, onde expungem, esses desventurados seres, os gravames que os ferreíam, sicários uns dos outros, conforme as habilidades e as permissividades que cultivaram pela astúcia ou pela perversidade, enquanto transitaram pelo domicílio corporal... Hebetados uns e enfurecidos outros, constituem estranha e inditosa mole que se movimenta sem direção, padecendo indescritíveis horrores ou produzindo deploráveis dores em si mesmos como no próximo, a quem se vinculam ou imantam consoante afinidades existentes que os fixam, reciprocamente, em vigorosas sintonias obsedantes. O conceito teológico sobre o Inferno, extraindo-se dele o caráter de eternidade que não possui, empalidece, tendo-se em vista esses múltiplos submundos que se multiplicam terrificantes, quer na Terra, em locais específicos, quer em torno do Orbe, experimentando as mesmas conjunturas da gravitação a que se prende o Planeta. Nessas lóbregas sociedades espirituais raramente vigem a piedade e a esperança, graças aos inconcebíveis conciliábulos da desdita que subjuga os ali recolhidos, cujos chefes draconianos se arrogam direitos de justiça, perseguindo não apenas os que lhes facultam o assédio após a desencarnação, como os homens que lhes experimentam a influência por natural processo de vinculação moral e psíquica, em torpe comércio obsessivo de grave porte. Sucede que a vida humana, assinalada pelo desequilíbrio na superfície do mundo, reflete só palidamente as realidades que promanam das Esferas Espirituais Inferiores, por serem nestas que surgem os fatores reais, modeladores daqueles insucessos... Dessa forma, em tais labirintos de pesadelos e horror, programam-se incontáveis desgraças, individuais ou coletivas, que estrugem violentas entre os deambulantes das formas físicas...” (MPM, *Tramas do destino*, In Limine)

VI.6. Postos de socorro, núcleos de apoio e centros de atendimento aos espíritos necessitados

“– Como explicar? Então não há por lá defesa, organização? Sorriu o interlocutor, esclarecendo: – Organização é atributo dos espíritos organizados. Que quer você? A zona inferior a que nos referimos é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão. O viajante distraído perde o comboio, o agricultor que não semeou não pode colher. Uma certeza, porém, posso dar-lhe: - não obstante as sombras e angústias do Umbral, nunca faltou lá a proteção divina. Cada espírito lá permanece o tempo que se faça necessário. Para isso, meu amigo, permitiu o Senhor se erigissem muitas colônias como esta, consagradas ao trabalho e ao socorro espiritual. [...] As missões mais laboriosas do Ministério do Auxílio são constituídas por abnegados servidores, no Umbral, porque se a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades terrenas é difícil, pelas labaredas e ondas de fumo que os defrontam, os missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos, sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores. É necessário muita coragem e muita renúncia para ajudar a quem nada compreende do auxílio que se lhe oferece.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 12)

“Ligado o receptor, suave melodia derramou-se no ambiente, embalando-nos em harmoniosa sonoridade, vendo-se no espelho da televisão a figura do locutor, no gabinete de trabalho. Daí a instantes, começou ele a falar: – Emissora do Posto Dois, de “Moradia”. Continuamos a irradiar o apelo da colônia, em benefício da paz na Terra. Concitamos os colaboradores de bom ânimo a congregar energias no serviço de preservação do equilíbrio moral nas esferas do globo. Ajudai-nos, quantos puderem ceder algumas horas de cooperação nas zonas de trabalho que ligam as forças obscuras do Umbral à mente humana. Negras falanges da ignorância, depois de espalharem os fachos incendiários da guerra na Ásia, cercam as nações europeias, impulsionando-as a novos crimes. Nosso núcleo, junto aos demais que se consagram ao trabalho de higiene espiritual nos círculos mais próximos da crosta, denuncia esses movimentos dos poderes concentrados do mal, pedindo concurso fraterno e auxílio possível. Lembrai-vos de que a paz necessita de trabalhadores de defesa! Colaborai conosco na medida de vossas forças!... Há serviço para todos, desde os campos da crosta às nossas portas!... Que o Senhor nos abençoe. Interrompeu-se a voz, ouvindo-se divina música, novamente. A inflexão do estranho convite abalara-me as fibras mais íntimas. Veio Lísias em meu socorro, explicando: – Estamos ouvindo “Moradia”, velha colônia de

serviços muito ligada às zonas inferiores. Como sabe, estamos em agosto de 1939. Seus últimos sofrimentos pessoais não lhe deram tempo para ponderar sobre a angustiosa situação do mundo, mas posso afiançar que as nações do planeta se encontram na iminência de tremendas batalhas.” (AL, *Nosso Lar*; Capítulo 24)

“**No Posto de Socorro.** Deslumbrava-me a visão do castelo soberbo! Incapaz de exprimir a admiração que me dominava, acompanhei Aniceto em silêncio. Com grande surpresa, entretanto, verifiquei que a construção magnífica não se mantinha sem defesa. Cercavam-na pesados muros numa extensão que meus olhos não conseguiam abranger. Quem imaginasse tal instituição, localizada nas zonas invisíveis, dificilmente conceberia contrafortes daquela natureza. A noção de céu e inferno, fundamente arraigada na mente popular, não deixa perceber que os homens, de modo geral, não se modificam com a morte física, como a troca de residência não significa mudança de personalidade para a criatura comum. Espantado, notei que o nosso orientador fazia mover quase imperceptível campanha, disfarçada na muralha. Creio que, se Aniceto estivesse só, não precisaria desse expediente, dado o seu poder espiritual acima de todas as resistências grosseiras; no entanto, estávamos em sua companhia e, mais uma vez, quis igualar-se a nós, por fidalguia de tratamento. Ocultar a própria glória é do código do bom-tom nas sociedades espirituais nobres e santas. Atendendo-nos, dois servidores abriram a porta extremamente pesada, que rodou nos gonzos, como se daria em qualquer edificação mais antiga do plano terrestre. – Salve! mensageiros do bem! – disseram ambos ao mesmo tempo, fixando Aniceto, em atitude reverente. Aniceto levantou a mão, que se fez luminosa nesse instante, e balbuciou algumas palavras de amor, retribuindo a saudação respeitosa. Entramos. Fiquei admirado! Pomares e jardins maravilhosos perdiam-se de vista. A sombra, aí, não era tão intensa. Sentíamos-nos banhados em suavidade crepuscular, graças aos grandes focos de luz radiante. O interior apresentava aspectos inesperados. Somente agora eu compreendia que a muralha ocultava a maioria das construções. Pavilhões de vulto alinhavam-se como se estivessemos diante de prodigioso educandário. Turmas variadas de homens e mulheres dedicavam-se a serviços múltiplos. Ninguém parecia dar conta de nossa presença, tal o interesse que o trabalho despertava em cada um. Acompanhámos Aniceto através de numerosas fileiras de árvores senhoris, que se assemelhavam a carvalhos antiquíssimos. Observava, todavia, que nesse abençoado Posto de Socorro a Natureza se fizera maternal. Havia, agora, mais luz no céu e o vento era mais fagueiro, sussurrando brandamente no arvoredo farto. O bondoso instrutor, notando a nossa admiração, esclareceu: – Esta paz reflete o estado mental dos

que vivem neste pouso de assistência fraterna. Acabamos de atravessar uma zona de grandes conflitos espirituais, que vocês ainda não podem perceber. A Natureza é mãe amorosa em toda a parte, mas, cada lugar mostra a influência dos filhos de Deus que o habitam. A explicação não poderia ser mais clara. Atingindo o edifício central, construído à maneira de formoso castelo europeu dos tempos feudais, fomos defrontados por um casal extremamente simpático. – Meu caro Aniceto! – falou o cavaleiro, abraçando o nosso orientador. – Meu caro Alfredo! minha nobre Ismália! – respondeu Aniceto, sorridente. Após as saudações afetuosas, apresentou-nos, lisonjeiro. O casal abraçou-nos, evidenciando cordialidade e atenção amiga. – Nosso prezado Alfredo – continuou Aniceto, elucidando – é o dedicado Administrador deste Posto de Socorro. Há muito tempo consagrou-se ao serviço de nossos irmãos ignorantes e desviados.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 16)

“– Que me diz da continuação de nossa viagem? Estimariamos alcançar, ainda hoje, as esferas da Crosta. Dirigiu-nos Alfredo significativo olhar e falou: – Não me sinto com o direito de alterar-lhes o plano de serviço, mas seria conveniente pernoitarem aqui. Nossos aparelhos assinalam aproximação de grande tempestade magnética, ainda para hoje. Sangrentas batalhas estão sendo travadas na superfície do globo. Os que não se encontram nas linhas de fogo permanecem nas linhas da palavra e do pensamento. Quem não luta nas ações bélicas está no combate das ideias, comentando a situação. Reduzido número de homens e mulheres continuam cultivando a espiritualidade superior. É natural, portanto, que se intensifiquem, ao longo da Crosta, espessas nuvens de resíduos mentais dos encarnados invigilantes, multiplicando as tormentas destruidoras. [...] – Avalio o sacrifício dos nossos companheiros espirituais, nos trabalhos de preservação da saúde humana. – São grandes servidores – disse o senhor do castelo. – De quando em quando, observe-lhes, pessoalmente, os núcleos de atividade santa. A Humanidade parece preferir a condição de eterna criança. Faz e desfaz os patrimônios da civilização, como se brincasse com bonecas. Nossos amigos suportam pesados fardos de serviço para que as tormentas magnéticas, invisíveis ao olhar humano, não disseminem vibrações mortíferas, a se traduzirem pela dilatação de penúrias da guerra e por epidemias sem conta. As colônias espirituais da Europa, mormente as de nosso nível, estão sofrendo amargamente para atenderem às necessidades gerais. Já começamos a receber grandes massas de desencarnados, em consequência dos bombardeios. “Nosso Lar”, pela missão que lhe cabe, ainda não pode imaginar todo o esforço que o conflito mundial vem exigindo da nossa colaboração nas esferas mais baixas. Os Postos de Socorro de várias

colônias, ligadas a nós, estão superlotados de europeus desencarnados violentamente. Fomos notificados de que as súplicas da Europa dilaceram o coração angélico dos mais altos cooperadores de Nosso Senhor Jesus-Cristo. Aos terríveis bombardeios na Inglaterra, na Holanda, Bélgica e França, sucedem-se outros de não menor extensão. Depois de reiteradas assembleias dos nossos mentores espirituais, resolveu-se providenciar a remoção de, pelo menos, cinquenta por cento dos desencarnados na guerra em curso, para os nossos núcleos americanos. Temos aqui o nosso campo de concentração com mais de quatrocentos.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 18)

“Depois de interessantes considerações relativamente à situação dos círculos carnis, Aniceto voltou a examinar nossas necessidades de serviço. Muito amável, Alfredo ponderou: – Em virtude da tormenta iminente, poderiam demorar conosco algumas horas, seguindo amanhã, ao alvorecer. E, com profunda surpresa, ouvi-o afirmar: – Poderão utilizar meu carro, até à zona em que se torne possível. Fornecerei condutor adestrado e ganharão muito tempo com a medida. Não podia caber em meu espanto. Embora conhecendo as operações dos Samaritanos em “Nosso Lar”, que empregavam grandes veículos de tração animal, em trabalhos de salvamento nas regiões inferiores e considerando as dificuldades de vulto que defrontáramos na caminhada longa, rumo ao Posto de Socorro, não supunha possível semelhante condução naquele instituto de auxílio. Soube, mais tarde, que os sistemas de transporte, nas zonas mais próximas da Crosta, são muito mais numerosos do que se poderia imaginar, em bases transcendentais do eletromagnetismo.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 19)

“Defesas contra o mal. Descemos as escadarias e, em frente dos muros altos, pude observar a extensão das defesas do soberbo edifício. Aquela construção grandiosa era muito mais importante que a de qualquer castelo antigo, transformado em fortaleza. Novamente no exterior, podia detalhar a visão panorâmica com mais exatidão. Reconhecia, agora, que entráramos por um baluarte avançado, identificando a imponência da construção majestosa. Apresentavam-se-me as linhas gerais com nitidez. Impressionavam-me, sobretudo, as fortificações. Via a torre de mensagem, consagrada, por certo, ao serviço de resistência; o baluarte agudo, elevando-se acima dos fossos que deixavam transbordar a água corrente; a torre de vigia, esbelta e alterosa. Observei o caminho da ronda, a cisterna, as seteiras e, em seguida, as paliçadas e barbacãs, refletindo na complexidade de todo aquele aparelhamento defensivo. E as armas? Identificava-lhes a presença na maquinaria instalada ao longo dos muros, copiando os pequenos canhões conhecidos na Terra. Entretanto, vi com emoção, no cume da torre de vigia, a enorme

bandeira de paz, muito alva, tremulando ao vento como largo penacho de neve... O administrador percebeu a estranheza que se apossara de Vicente e de mim. – Já sei a impressão que a nossa defesa lhes causa – disse Alfredo, detendo-se para explicar. Fixando-nos com o olhar muito lúcido, continuou: – Naturalmente, não imaginavam necessárias tantas fortificações. Conforme veem, nossa bandeira é de concórdia e harmonia; no entanto, é imprescindível considerar que estamos em serviço que precisaremos defender, em qualquer circunstância. Enquanto não imperar a lei universal do amor, é indispensável perseverar o reinado da justiça. Nosso Posto está colocado, aqui, igualmente, como “ovelha em meio de lobos” e, embora não nos caiba efetuar o extermínio das feras, necessitamos defender a obra do bem contra os assaltos indébitos. As organizações dos nossos irmãos consagrados ao mal são vastíssimas. Não admitam a hipótese de serem, todos eles, ignorantes ou inconscientes. A maioria se constitui de perversos e criminosos. São entidades verdadeiramente diabólicas. Não tenham disso qualquer dúvida. – Deus meu! – exclamou Vicente, admirado – mas porque se organizam deliberadamente para o mal? Não sabem, porventura, que todos os patrimônios universais pertencem à Majestade Divina? Não reconhecem o Soberano Poder? – Ah! meu amigo – falou Alfredo em tom grave –, fiz as mesmas perguntas quando aqui cheguei pela primeira vez. As respostas que tive foram incisivas e concludentes. Poderíamos, Vicente, formular na Crosta as mesmas interrogações. Os criminosos que fazem as vítimas da guerra, os exploradores da economia popular, os avarentos misérrimos, os sedentos de injustificado predomínio e os vaidosos cheios de fatuidade sabem, tão bem quanto os nossos adversários daqui, que tudo pertence a Deus, que o homem é simples usufrutuário dos divinos bens. Não ignoram que os antepassados foram chamados à verdade e a contas pela morte, e que eles seguirão os mesmos caminhos; entretanto, atormentam-se na Crosta como verdadeiros loucos, amontoando possibilidades para a ruína e abusando das oportunidades mais santas. Aqui se verifica a mesma coisa. Querem dominar antes de se dominarem, exigem antes de dar e entram em perenne conflito com o espírito divino da lei. Estabelecido o duelo entre a fantasia deles e a verdade do Pai, resistem às corrigendas do Senhor e transformam-se, esses desventurados, em verdadeiros gênios da sombra, até que, um dia, se decidam a novos rumos. [...] – Mas... e as armas? – perguntei – acaso são utilizadas? – Como não? – disse Alfredo, pressuroso – não temos balas de aço, mas temos projéteis elétricos. Naturalmente, a ninguém atacaremos. Nossa tarefa é de socorro e não de extermínio. – No entanto – aduzi, sob forte impressão –, qual o efeito desses projéteis? – Assustam terrivelmente – respondeu ele, sorrindo – e, sobretudo,

demonstram as possibilidades de uma defesa que ultrapassa a ofensiva. Mas apenas assustam? – tornei a interrogar. Alfredo sorriu mais significativamente e acrescentou: – Poderiam causar a impressão de morte. – Que diz! – exclamei com insofreável espanto. O administrador meditou alguns instantes e, ponderando, talvez, a gravidade dos esclarecimentos, obtemperou: – Meu amigo! meu amigo! se já não estamos na carne, busquemos desencarnar também os nossos pensamentos. As criaturas que se agarram, aqui, às impressões físicas, estão sempre criando densidade para os seus veículos de manifestação, da mesma forma que os Espíritos dedicados à região superior estão sempre purificando e elevando esses mesmos veículos. Nossos projéteis, portanto, expulsam os inimigos do bem através de vibrações do medo, mas poderiam causar a ilusão da morte, atuando sobre o corpo denso dos nossos semelhantes menos adiantados no caminho da vida. A morte física, na Terra, não é igualmente pura impressão? Ninguém desaparece. O fenômeno é apenas de invisibilidade ou, por vezes, de ausência. Quanto à responsabilidade dos que matam, isto é outra coisa. E além desta observação, que é da alçada da Justiça Divina, temos a considerar, igualmente, que, nesta esfera, o corpo denso modificado pode ressurgir todos os dias, pela matéria mental destinada à produção dele, enquanto que, para obter o corpo físico, almas há que trabalham, por vezes, durante séculos... Vicente e eu caláramos, estupefatos.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 20)

“Espíritos dementados. Inúmeros servidores acompanhavam-nos ao serviço. Movimentavam-se carregadores sem conta. Conduziam grandes botijas d’água, caldeirões de sopa, vasos de substância medicamentosa, em galeotas diversas. Mais alguns passos e notei que centenas de entidades se reuniam em vastos albergues, olhos vagueantes e rostos sombrios, parecendo uma assembleia de loucos em manicômio de amplas proporções. Alfredo aconselhou umas tantas providências de serviço à maioria dos técnicos do sopro curativo, os quais se desviaram de nós, rumo às edificações situadas em zona diferente. Gentilmente nos explicava que os benfeitores de “Campo da Paz” localizavam, ali, grande número de Espíritos enfermos, mais desequilibrados que propriamente perversos. Os doentes que tínhamos sob os olhos permaneciam em melhores condições. Já se locomoviam e muitos deles já conversavam, apesar do desequilíbrio que lhes assinalava as palavras e pensamentos. [...] – No círculo carnal, seriam todos absolutamente normais; no entanto, aqui, são verdadeiros loucos. São desencarnados que, por muito tempo, se agarraram aos problemas inferiores. Reclamam providências, sem falar no ensejo de iluminação que menosprezaram, acusam os outros, sem relacionarem os próprios erros. Procurei ouvi-los

para lhes dar uma ideia do nosso trabalho, no setor dos que se desequilibram mentalmente por excesso de centralização em propósitos inferiores. Não é crime interessar-se alguém pelas atividades rurais, pela recepção de uma herança, pelo bem estar da família; mas, no fundo, o velhinho que reclama terras e escravos nunca pensou senão em tirania no campo; o cavalheiro, que aguarda a herança, deseja lesar os primos; e a senhora, que se revelou tão interessada pelo ambiente doméstico, desencarnou quando pretendia envenenar o marido, às ocultas. Conheço-lhes os processos, um a um. Acordaram de longo sono, na inconsciência, e julgam-se ainda encarnados, supondo igualmente que podem dissimular as pretensões criminosas. Eu estava assombrado. Expressando minha profunda admiração, perguntei: – Esses doentes demoram-se aqui? Como alcançaram o Posto? Gentil, como sempre, Alfredo respondeu: – Foram recolhidos em pior estado. Já estiveram em pesado sono durante muito tempo e vão readquirindo a memória, gradativamente, até que possam ser encaminhados aos Institutos Magnéticos de “Campo da Paz”, a fim de receberem maiores auxílios e necessários esclarecimentos.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 21)

“Os que dormem. Seguimos através de longas filas de arvoredos acolhedor, rumo às vastas edificações que obedeciam a linhas arquitetônicas singulares. Sem que eu pudesse explicar o fenômeno, as luzes diminuía progressivamente. Que teria acontecido? Vicente e eu nos entreolhamos, assustados. Alfredo, Aniceto e os demais, todavia, caminhavam sem surpresa. A serenidade deles tranquilizava-me o íntimo, embora o espanto insofreável. Mais alguns passos e atingimos os pavilhões diferentes, que se estendiam em área superior a três quilômetros, pelos meus cálculos. Lá dentro, contudo, as sombras se fizeram mais densas. Conseguia distinguir, vagamente, os quadros interiores, observando que se tratava, a meu ver, de espaçosas enfermarias com teto sólido, mas semiabertas ao longo das paredes altas, dando livre passagem ao ar. Dezenas de operários, devotados e operosos, seguiam-nos em absoluto silêncio. Alfredo era o único a falar, notando-se, contudo, que se fizera extremamente discreto nas palavras. Tudo isso me dava a impressão de haver penetrado um cemitério escuro, onde os visitantes fossem obrigados a guardar todo o respeito aos mortos. Com estranheza, notei que um dos servidores entregara ao chefe do Posto pequenina máquina, que Alfredo nos deu a conhecer gentilmente, explicando: – Este é o nosso aparelho de sinalização luminosa. Estamos no centro dos pavilhões a que se recolhem irmãos ainda adormecidos. Temos aqui, presentemente, quase dois mil. Os numerosos cooperadores dirigiam-se em ordem para a zona de serviços que lhes competiam. Depois de pequena pausa, falou o administrador

com firmeza: – Iniciemos o trabalho de assistência. Ao primeiro sinal luminoso de Alfredo, acenderam-se numerosas lâmpadas elétricas e, então, dominando, a custo, a primeira impressão de horror, vi extensas filas de leitos ao rés do chão, ocupados todos por pessoas mergulhadas em profundo sono. Muitos tinham o semblante horrendo. Eram muito poucos os que traziam as pálpebras cerradas, parecendo tranquilos. Em quase todos, estampavam-se-lhes nos olhos, aparentemente vitrificados, o extremo pavor e o doloroso desespero da morte. Cadavérica palidez cobria-lhes a face. Recordando a literatura antiga, pensei nos velhos túmulos egípcios. Tínhamos, diante de nós, centenas de múmias perfeitas. Raríssimos pareciam dormir um sono natural. Aproximando-se de nós outros, Alfredo falou a Aniceto, em particular: – Infelizmente, não podemos atender a todos. – Por quê? – indagou nosso orientador, comovido. – Estamos aguardando pessoal adestrado. Tenho aqui a colaboração de oitenta auxiliares para este gênero de serviço; entretanto, não pode cada qual atender a mais de cinco doentes de uma só vez. A vista disso, dos nossos mil novecentos e oitenta abrigados, separei os quatrocentos mais suscetíveis de próximo despertar, a fim de submetê-los ao tratamento intensivo. – E os demais? – Recebem alimento e medicação mais densos uma vez por dia. Aniceto calou-se, pensativo. Profundamente tocado pelo que via, inclinei-me instintivamente para o abrigado mais próximo, tentando examinar-lhe o estado fisiológico. Identifiquei o calor orgânico, a pulsação regular e os movimentos respiratórios, embora verificasse a extrema rigidez dos membros, como que mergulhados em imobilidade cataleptica. Indescritível impressão apoderou-se de mim. Levantei-me assustado, dirigi-me a Aniceto com a máxima discrição, e interroguei: Explícai-me, por Deus! que vemos aqui? Estamos, acaso, na moradia da morte, depois da morte? O instrutor sorriu, complacente, e explicou em voz quase imperceptível: – Sim, André, este sono é, verdadeiramente, avançada imagem da morte. Aqui permanecem, com a bênção do abrigo, alguns milhões dos nossos irmãos que ainda dormem. São as criaturas que nunca se entregaram ao bem ativo e renovador, em torno de si e, mormente, os que acreditaram convictamente na morte, como sendo o nada, o fim de tudo, o sono eterno. A crença na vida superior é atividade incessante da alma. A ferrugem ataca a enxada ociosa. O entorpecimento invade o Espírito vazio de ideal criador. Os que, nos círculos carnavais, homens e mulheres, creem na vida eterna, ainda que não sejam fundamentalmente cristãos, estão desenvolvendo faculdades de movimentação espiritual e podem penetrar as esferas extraterrenas em estado animador, pelo menos quanto à locomoção e juízo mais ou menos exato. No entanto, as criaturas que perseveram em negação deliberada e

absoluta, não obstante, por vezes, filiadas a cultos externos de atividade religiosa, que nada veem além da carne nem desejam qualquer conhecimento espiritual, são verdadeiramente infelizes. Muitos penetram nossas regiões de serviço como embriões de vida, na câmara da Natureza sempre divina. Um amigo nosso costuma designá-los por fetos da espiritualidade; entretanto, a meu ver, seriam felizes se estivessem nessa condição inicial. Temos a certeza, porém, de que muitos se negaram ao contato da fé, absolutamente por indiferença criminosa aos desígnios do Eterno Pai. Dormem, porque estão magnetizados pelas próprias concepções negativistas; permanecem paráliticos, porque preferiram a rigidez ao entendimento; mas dia virá em que deverão levantar-se e pagar os débitos contraídos. Eis porque os considero sofrendores. Primeiramente, demoram no sono em que acreditaram, mais tarde acordam; porém, a maioria não pode fugir à enfermidade e à perturbação, como acontece aos irmãos dementados, que vimos inda há pouco. Grande o meu assombro. Como Vicente se aproximasse, também, para ouvi-lo, falou Aniceto, esclarecendo a nós ambos: – A fé sincera é ginástica do Espírito. Quem não a exercitar de algum modo, na Terra, preferindo deliberadamente a negação injustificável, encontrar-se-á mais tarde sem movimento. Semelhantes criaturas necessitam de sono, de profundo repouso, até que despertem para o exame das responsabilidades que a vida traduz. Observando que o nosso orientador se esquivava a comentários longos, para que pudéssemos seguir, de mais perto, os trabalhos de assistência, calei as muitas indagações que me escaldavam a mente. Com exceção de algumas senhoras que permaneciam junto de Ismália, todos servidores se mantinham em posição de vigilância, ao pé dos grupos mumificados. A luz artificial iluminava os leitos, que se perdiam de vista, mas observei que nenhum dos albergados reagia à intensa claridade que se fizera. Continuavam rígidos, cadavéricos, prostrados. Notei, então, que Alfredo começou a mover o aparelho de sinalização, para emitir as ordens de serviço. Cada sinal determinava operação diferente. Vi os servidores do Posto distribuírem pequenas porções de alimento líquido e medicação bucal, em profundo silêncio. Em seguida, forneceram reduzidas quantidades de água efluviada aos infelizes, com exceção, porém, de muitos que pareciam preparados a receber, tão somente, caldo e remédio. Dois terços dos quatrocentos abrigados em tratamento receberam passes magnéticos. Alguns poucos receberam aplicações do sopro curador. Todos os movimentos do trabalho eram transmitidos pela sinalização luminosa, partida das mãos do administrador, que parecia interessado na manutenção do máximo silêncio. Impressionado com o que via, perguntei ao orientador, em voz baixa, a razão de alguns enfermos não terem sido beneficiados

com a água e com o socorro de forças novas, através do passe e do sopro vivificante. Aniceto, todo bondade, inclinou-se aos meus ouvidos, com a ternura de um pai ansioso por tranquilizar o filhinho inquieto, e falou: – Cada um na vida, meu caro André, tem a necessidade que lhe é peculiar. Aqui, compreendemos com amplitude esse imperativo da Natureza.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 22)

“**Pesadelos.** Enquanto Alfredo continuava dirigindo os serviços, nosso instrutor, com a permissão dele, conduziu-nos aos leitos distantes, onde se asilavam os enfermos desatendidos quanto ao auxílio magnético. – Precisamos acentuar experiências e aproveitar oportunidades – afirmou Aniceto, sorridente. Acompanhamo-lo, curiosos, identificando as expressões isoladas, dolorosas ou terríveis, daquelas máscaras mortuárias. Quando nos encontrávamos a regular distância da zona central, o instrutor esclareceu, em tom grave: – Desejaria conhecer a extensão dos benefícios colhidos por vocês no Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções. Para ajudar eficientemente aos nossos amigos encarnados, é necessário saibamos ver com clareza e precisão. Indicando os doentes imóveis, acrescentou: – Todos os que dormem nestes pavilhões permanecem dentro do mau sono. – Mas teremos, porventura, nas zonas espirituais, os que estejam em bom sono? – interrogou Vicente, de modo brusco. – Sem dúvida – respondeu Aniceto, solícito –, temos na esfera de nossas atividades os que repousam períodos curtos, quais trabalhadores retos que esperam o repouso noturno, com a tranquilidade dos que sabem trabalhar e descansar, de consciência aliviada. Fez uma pausa, como quem estudava o melhor meio de sintetizar, por não perder tempo, e acentuou: – Mas esses não precisam estacionar, como filhos da sombra, nas construções de emergência de um Posto de Socorro. Em seguida, retomou o fio da lição e continuou: – Quem dorme em desequilíbrio, entrega-se a pesadelos. Todos estes irmãos desventurados que nos cercam, aparentemente mortos, são presas de horríveis visões íntimas. Vejamos o aproveitamento de vocês. Procedamos a observações rápidas. Antigamente, o inquérito anatômico, o exame das vísceras, a perquirição científica nas células, também aparentemente mortas; agora, a auscultação profunda da alma, a sondagem dos sentimentos, a visão do plano mental.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 23)

“No desenvolvimento espontâneo da palestra, falou Cecília, com graça: – Estou trabalhando, há muito, para alcançar um prêmio de visita a “Nosso Lar”. Minhas superiores prometeram-me semelhante satisfação para o ano próximo... E, sorrindo, rematou expressivamente: – Entretanto, para consegui-lo, tenho de atender a umas tantas obrigações importantes. – Pois que! – perguntou Vicente, admirado – é preciso tanto? – Sem dúvida – tornou a jovem, bem humorada

– o meu amigo talvez não esteja convencido, quanto ao brilho de sua atual posição. Viver em “Nosso Lar” é uma grande bênção. Acaso não o terá compreendido ainda? Sorrimos todos. E, reafirmando o conceito, Cecília continuou: – Segundo os instrutores que nos visitam em “Campo da Paz”, os seus Ministérios são verdadeiras universidades de preparação espiritual. O ensino educativo, neles, é imenso. E chego a crer que, para avaliarem a extensão da benesse que Jesus lhes concedeu, seria necessário viverem alguns anos em nossa colônia, onde o trabalho ativo de vigilância, e assistência é mais imperioso, mais exigente. – Em “Nosso Lar”, porém – objetei –, temos igualmente grande número de sofrendores. A Regeneração é uma colmeia de milhares. A interlocutora, todavia, revelando profunda acuidade nas observações, considerou: – Você diz muito bem, quando se refere à colmeia, significando possibilidades de trabalho. Creia que os sofrendores que atingem o seu núcleo já se encontram a caminho de excelentes realizações. Naturalmente que os irmãos desequilibrados, que por lá existem, já se torturam pelo vagaroso despertar da consciência, já sentem remorsos e arrependimentos indicativos de renovação. São sofrendores que melhoram progressivamente, porque o ambiente da cidade é de elevação positiva. Onde a maioria vive com a bondade, a maldade da minoria tende sempre a desaparecer. “Nosso Lar”, portanto, mesmo para os que choram, possui soberanas vantagens espirituais. Impressionado com o que ouvia, lembrei: – Eu mesmo trabalhei algum tempo, em cooperação, nas câmaras retificadoras. – Já ouvi diversas referências a essa instituição – exclamou Cecília, senhora do assunto –, mas, baseando-me nos informes de mentores amigos, continuo a manter minha opinião. E, como se já conhecesse nossos processos de serviço, asseverou, sorridente: – Vocês conhecem lá muitos Espíritos sofrendores, mas, em “Campo da Paz”, conhecemos muitos Espíritos obsessores. Lá poderá existir muita gente que ainda chora; mas em nosso meio há muita gente que se revolta. É mais fácil remediar o que geme, que atender ao revoltado. Nas câmaras a que se refere, vocês retificam erros que já apareceram, dores que já se manifestaram; mas aqui, meu amigo, somos compelidos a lutar com irmãos ignorantes e perversos, que se sentem absolutamente certos nas fantasias perigosas que esposaram, e vemo-nos obrigados a atender a doentes que não acreditam na própria enfermidade. Começava a entender a lógica daquela argumentação e, reconhecendo a impossibilidade de qualquer contradita, a jovem continuou, segura de si: – Aliás, é natural que assim seja. Estamos a pouca distância dos homens, nossos irmãos na carne. E sabemos que, na Crosta, a situação não é diferente. Quantos materialistas se fantasiavam, por lá, de filósofos? Quantos demônios com

capa de santos? Quanta má fé a fingir generosidade e boas intenções? A influência da Humanidade encarnada em nosso núcleo de serviço é vigorosa e inevitável. Vicente, que ouvia atencioso, obtemperou: – Deduzo de tudo isso manifestações sacrificiais muito grandes, mas o trabalho em “Campo da Paz” deve ser altamente meritório. – Incontestavelmente – respondeu a jovem. – A história da fundação é interessante. Alguns benfeitores, reconhecidos a Jesus, resolveram organizar, em nome dele, uma colônia em plena região inferior, que funcionasse como instituto de socorro imediato aos que são surpreendidos na Crosta com a morte física, em estado de ignorância ou de culpas dolorosas. O projeto mereceu a bênção do Senhor e o núcleo se criou, há mais de dois séculos. Nem todos os Espíritos evolucionados, no entanto, estimam o serviço nesse órgão de assistência constante. A maioria dos missionários vitoriosos, ao se ausentarem da Terra, necessitam refazer energias, por direito natural do trabalhador fiel, e os mentores de nobre posição hierárquica têm seus programas de serviços, que não devem quebrar, em obediência aos desígnios do Senhor. Desse modo, nosso serviço é ativo, mas nossas aquisições são lentas e devemos sempre esperar por cooperadores que se eduquem na própria colônia, em benefício geral. Ganha-se excelente compensação, temos direito a grandes valores intercessórios, mas, por isso mesmo, nossas responsabilidades não são pequenas. Conhecendo a utilidade dos que servem em nossa colônia, não passamos nunca sem instrutores abnegados, que procedem da zona superior, alentando-nos o bom ânimo. O que pedimos, com fundamentação legítima, nunca é negado; e, se tarda o recurso, beneméritos orientadores de nossas atividades prestam explicações que nos libertam de qualquer angústia na espera. Por isso, nosso grupo está sempre coeso e muitos preferem adiar certas realizações sublimes, para permanecer ao lado de companheiros antigos, aos quais se unem com desvelado amor. Os esclarecimentos da jovem encantavam-me. Naquelas poucas palavras estava todo um resumo de lições sobre o sacrifício e o merecimento, o compromisso fraterno e a solidariedade compensadora. – A sua família sempre viveu lá? – perguntei com interesse. A jovem sorriu e explicou: – Meu pai, há mais de cinquenta anos, foi socorrido pelos benfeitores de “Campo da Paz” e, restabelecida a saúde espiritual, fixou-se na colônia, com razoável impulso de amizade e gratidão. Mais tarde, minha mãe reuniu-se a ele e, faz precisamente vinte anos, Aldonina e eu fomos atraídas amorosamente por ambos, a fim de continuarmos, ali, no santuário familiar. Desse modo, trabalhamos ao lado deles, desde a primeira hora. – E tem muitos programas para o futuro? – indaguei. Cecília fez um gesto que lhe caracterizava o coração de moça sonhadora, e redarguiu:

– Tenho muitos projetos e problemas a resolver, mas estou aguardando a chegada de alguém que ainda se encontra na Terra.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 29)

“Desejando, porém, retomar o assunto referente a Isaura, interoguei, curioso: – Continuem falando-nos da irmã que se mudou para “Nosso Lar”. Estimaria saber como se realizou o consórcio. Se você, Cecília, está aguardando um prêmio de visita à nossa cidade, como se casou ela, transferindo-se para lá definitivamente? Cecília sorriu e retrucou: – Isto é outro caso. Isaura não poderia correr atrás do noivo, porque estava em situação inferior à dele, mas Antônio, como superior, poderia descer a buscá-la. Não creiam, porém, que o matrimônio se tenha verificado sem qualquer preparação ou exigência. O noivo poderia conduzi-la sem qualquer formalidade, desde que recebesse o devido consentimento, porquanto obtivera permissão das autoridades de “Nosso Lar”, mas um dos chefes de serviço aconselhou a Isaura, nesse sentido, explicando-lhe que, como administrador de uma colônia em condições de inferioridade, não podia opor qualquer embargo, mas pedia à noiva preparar-se, por seis anos sucessivos, em “Campo da Paz”, antes da partida definitiva, acrescentando sensatamente que, num casamento de almas, é indispensável apurar o enxoval dos sentimentos. Nossa irmã, que foi sempre muito prudente, aceitou a solicitação e trabalhou durante todo esse tempo em nossa colônia, adquirindo valores culturais e aprimorando o campo do pensamento. Recebia essas delicadas informações, sem disfarçar a enorme surpresa. – Já fui visitar o casal, uma vez – disse Aldonina, honrada –, quando ganhei o prêmio de assiduidade e bom ânimo. Estive em “Nosso Lar”, durante uma quinzena inesquecível para mim; no entanto, embora visitasse sublimes instituições como o Bosque das Águas, o Salão da Arte Divina, o Campo da Prece Augusta, reconheço ter voltado muito longe de um conhecimento integral da enorme cidade. Lá irei, contudo, mais tarde, pois continuo em meu trabalho e nossos instrutores afirmam sempre que tudo de bom deve aguardar do destino quem saiba servir ao bem e trabalhar com esperança. Admirando a beleza de sentimentos daquelas jovens, indaguei emocionado: – Mas não têm vocês, em “Campo da Paz”, instituições semelhantes? Não existirão, por lá, templos de alegria abertos à juventude? – Ah! sim – murmurou Cecília como quem não desejava ser ingrata às Bênçãos do Eterno –, muito nos dá o Senhor, em nossa colônia; entretanto, permanecemos na vizinhança dos irmãos encarnados – As tempestades que nos atingem, obrigam-nos a serviços constantes. Os quadros interiores que nos cercam são profundamente dolorosos. Nossa cidade não possui Ministérios da União Divina, nem da Elevação. Não podemos receber a influência superior com muita facilidade. Nossos trabalhos de comunicação e auxílio

necessitam ainda de muita gente educada no Evangelho, para funcionar com eficiência. Além disso, temos os problemas de finalidade. Nossa colônia foi instituída para socorro urgente. A nosso ver, “Campo da Paz” é, mais que tudo, um avançado centro de enfermagem, rodeado de perigos, porque os irmãos ignorantes e infelizes nos cercam o esforço por todos os lados. De dez em dez quilômetros, nas zonas de nossa vizinhança, há Postos de Socorro como este, que funcionam como instituições de assistência fraternal e sentinelas ativas, ao mesmo tempo. A jovem fez uma pausa mais longa, observando o efeito de suas palavras, e rematou: – Nosso governador, quando se agravam os serviços, costuma asseverar que estamos num Campo de batalha, com a Paz de Jesus. Imagem alguma define tão bem o nosso núcleo, como esta. No exterior, o trabalho é rigoroso e incessante, mas, dentro de nós, existe uma tranquilidade que nós mesmos dificilmente podemos compreender. – O serviço circunscreve-se à cidade? – perguntei. – Não – o trabalho é multiforme. Eu e Aldonina, por exemplo, temos grandes tarefas de assistência junto dos recém-encarnados. Nossa cidade prepara, em média, quinze a vinte reencarnações diárias e torna-se imprescindível assistir os companheiros ou tutelados, pelo menos no período infantil mais tenro, que compreende os primeiros sete anos de existência carnal. E talvez porque lesse em nossos olhos a mais viva admiração, a jovem adiantou-se, explicando: – Felizmente, porém, temos as faculdades de volitação bastante adestradas. Raramente encontramos empecilhos vibratórios e podemos, por isso mesmo, agir com grande economia de tempo. Além disso, somente nossos instrutores vão ao serviço sozinhos. Quanto a nós, não saímos, a não ser em grupos. Necessitamos auxílio recíproco, não só no que diz com a eficiência, senão também no que se refere ao amparo magnético. E, sorrindo de modo singular, concluiu: – No trabalho de assistência aos outros e defesa de nós mesmos, não podemos dispensar a prática avançada e justa da cooperação sincera.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 30)

“A casa transitória. Depois de viagem normal, através dos caminhos comuns, alcançamos nevoenta região, onde asfixiante tristeza parecia imperar incessantemente. De outras vezes, eu já atravessara sítios semelhantes, gastando apenas alguns minutos. Agora, porém, era compelido a longa marcha em sentido horizontal. Atendendo a imperativos da missão, o Assistente Jerônimo procurava certa localidade, sob a denominação expressiva de “Casa Transitória de Fabiano”. Tratava-se de grande instituição piedosa, no campo de sofrimentos mais duros em que se reúnem almas recém-desencarnadas, nas cercanias da Crosta Terrestre, a qual, segundo nos informou o chefe da expedição, fora fundada por Fabiano de Cristo, devotado servo da caridade entre antigos religiosos do Rio

de Janeiro, desencarnado há muitos anos. Organizada por ele, era confiada, periodicamente, a outros benfeitores de elevada condição, em tarefa de assistência evangélica, junto aos Espíritos recém-desligados do plano carnal. – Na Casa Transitória – prosseguia Jerônimo, explicando-nos – prestaremos o auxílio que nos seja possível à organização e asilaremos, em seguida, os irmãos que nos cabe socorrer. Não fossem esses pousos de amor, tornar-se-ia muito difícil nosso trabalho. Raramente encontramos companheiros carnis em condições de atravessarem semelhante zona, imediatamente após a morte física. Quase todos permanecem estonteados, nos primeiros dias. Se entregues à própria sorte, seriam fatalmente agredidos pelas entidades perversas, ou habilmente desviados por elas do bom caminho de restauração gradual das energias interiores. Daí a necessidade desses abrigos fraternais, em que almas heroicas e dedicadas ao sumo bem se consagram a santificadas tarefas de amparo e vigilância. Após breve pausa, concluiu: – Além disso, teremos aí todo o equipamento necessário aos trabalhos que nos cumpre realizar. Curioso, guardei silêncio e esperei. Não se passou muito tempo, defrontava-nos casarão enorme em plena sombra. Nada que evidenciasse preocupação artística e bom gosto na construção. Nem árvores, nem jardins em torno. A edificação baixa e simples mal se destacava no nevoeiro denso. Certo, percebendo-me a estranheza, Jerônimo esclareceu: – O nome do instituto, André, fala por si mesmo. Temos, à frente, acolhedora casa de transição, destinada a socorros urgentes. Embora seu assombro natural, é asilo móvel, que atende segundo as circunstâncias do ambiente. Sofre permanente cerco de Espíritos desesperados e sofredores, condenados pela própria consciência à revolta e à dor. Suas defesas magnéticas exigem considerável número de servidores e os amigos da piedade e da renúncia, que aí atendem, passam dia e noite ao lado do sofrimento. Todavia, o trabalho desta Casa é dos mais dignos e edificantes. Neste edifício de benemerência cristã, centralizam-se numerosas expedições de irmãos leais ao bem, que se dirigem à Crosta Planetária ou às esferas escuras, onde se debatem na dor seres angustiados e ignorantes, em trânsito prolongado nos abismos tenebrosos. Além disso, a Casa Transitória de Fabiano, à maneira de outras instituições salvadoras que representam verdadeiros templos de socorro nestas regiões, é também precioso ponto de ligação com as nossas cidades espirituais em zonas superiores. Nesse instante, antes que Jerônimo pudesse prosseguir nos esclarecimentos, atingimos as barreiras magnéticas, a distância de alguns metros do portão de acesso ao interior. Atendidos por trabalhadores vigilantes, que sem hesitação nos ofereceram passagem, acionamos pequeno aparelho que nos ligou, de pronto, ao porteiro prestativo. Não decorreram

muitos minutos e achamo-nos diante de figura respeitável. Não supunha que a instituição estivesse administrada por mãos sensíveis de mulher. A irmã Zenóbia, aparentando idade madura e aureolada de cabelos negros, proporcionava-nos informações vivas de sua energia e admirável capacidade de trabalho, através dos olhos transbordantes de luz. Saudou-nos, cortês, sem despendar muitas palavras, passando imediatamente ao assunto que a nossa presença sugeria: – Fui avisada ontem – disse, bondosa – de que a missão chegaria hoje e rejubilamos com isso. – Ao seu dispor – explicou-se Jerônimo, com gentileza. – Este abrigo de amor e paz cooperará conosco, asilando-nos alguns tutelados convalescentes, e, por nossa vez, desejamos Não tive tempo para emitir novas impressões..” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 4)

“Pretendíamos retomar a instrutiva conversação, mas, em se fazendo novo silêncio, outro ajudante, de fisionomia visivelmente alterada, surgiu à porta para informar: – Irmã Zenóbia, a Nota do Dia, vinda do Plano Superior, manda comunicar-lhe que os desintegradores etéricos passarão por aqui amanhã. – Oh! o fogo?!... – replicou a diretora, patenteando agora inexprimível emoção. – Bem o suspeitei – ponderou, acrescentando: – o nosso ambiente está conturbado. A passagem dos monstros é sinal de que a limpeza será urgente. E, fixando os olhos penetrantes no colaborador, prosseguiu: – Solicitemos a cooperação das congêneres mais próximas. Precisamos apelar para o Oratório de Anátide e para a Fundação Cristo. Tente a ligação. Irei, eu mesma, fazer o pedido. Afastando-se o assessor, Zenóbia voltou-se para nós, cheia de bondade: – Segundo observam, meus amigos, desta vez devo levantar-me e agir. Quando o fogo etérico vem queimar os resíduos da região, somos obrigados a transportar-nos com a instituição, a caminho de outra zona. Necessito movimentar providências, relativas à nova localização, e rogar o socorro de outras casas especializadas. [...] Depois de levar a efeito alguns sinais de chamada, a diretora da Casa Transitória de Fabiano confiou-nos ao cuidado de Heráclio, abnegado cooperador da instituição, e se afastou. Fomos, então, convidados pelo novo amigo a visitar o interior e, em breve, apresentava-nos extensos dormitórios e estreitos cubículos, em que se localizavam doentes e necessitados de vários matizes. Atravessamos, igualmente, compridas salas de estudo e complicados laboratórios, notando-se que ali todo o espaço era rigorosamente aproveitado. Em certo ponto da conversação, o delicado companheiro que nos acolhia, percebendo a curiosidade com que examinávamos a parte interna do edifício, erguido à base de substância singularmente leve, esclareceu: – É tipo de construção para movimento aéreo. Muda-se, sem maiores dificuldades, de uma região para outra, atendendo às circunstâncias. E,

sorrindo: – Por isso, é denominada “Casa Transitória”. (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 4)

“Dirigindo-se, então, a grande número de companheiros e subordinados de serviço, a irmã Zenóbia consolidou a atenção de todos para o desempenho do mapa de trabalhos que havia planejado para tão significativa noite. A casa deveria permanecer atenta à contribuição que receberia dos institutos congêneres, no dia imediato, pela manhã; alguns servidores seguiram para a Crosta, prestando apoio à expedição Fabrino, nalguns casos difíceis de reencarnação compulsória; certos departamentos abrir-se-iam à visita dos encarnados parcialmente libertos da Crosta, em momentos de sono físico, para receberem benefícios magnéticos, de conformidade com as solicitações autorizadas; determinadas dependências seriam preparadas devidamente para a eventual recepção de missionários do bem, procedentes das esferas elevadas; organizar-se-iam leitos para alguns desencarnados prestes a serem trazidos, segundo notificação anteriormente recebida; duas enfermeiras, orientadoras de colônias espirituais para regeneração, trariam vinte crianças recém libertas dos laços carnis, no sentido de se avistarem com as mães que viriam da Crosta, amparadas por amigos para reencontro confortador, em caráter temporário; variadas delegações de trabalho espiritual, junto a instituições piedosas, encontrar-se-iam no abrigo para combinar providências; duas novas missões de socorro alcançariam o asilo, dentro de breves horas, e demorar-se-iam até pela manhã, conforme aviso prévio; todos os trabalhos preparatórios da mudança assinalada para o dia seguinte deveriam ser levados a efeito; medidas outras de menor significação foram recomendadas e, por fim, a diretora notificou que o recinto de orações deveria aguardá-la, em posição de iniciar a prece de reconhecimento da noite, sem nenhuma delonga. Eu não conseguia disfarçar a surpresa, examinando semelhante quadro de obrigações, porque, segundo cálculo efetuado momentos antes, a irmã Zenóbia estaria ausente apenas quatro horas.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 6)

“O esclarecimento era lógico e reconfortador. Desejávamos a continuidade da argumentação; no entanto, acercávamo-nos da Casa Transitória, então à nossa vista. Alcançáramos as vizinhanças do átrio e admirei-me da movimentação em torno. Entidades numerosas iam e vinham. Quase todas penetravam a organização socorrista ou dela saíam, em grupos reduzidos. Velhos amparavam jovens que me pareciam indecisos, titubeantes. Crianças nimbadas de luz guiavam adultos de rosto sombrio, figurando-se carinhosos e pequeninos condutores de cegos. O quadro era formoso e enternecedor. Possivelmente, examinando a estranheza que se apossara de mim, adiantou-se a orientadora da instituição, explicando, atenciosa: – Nossos amigos

da Crosta, parcialmente libertos da carne pela atuação do sono, afluem até aqui, todas as noites, trazidos por companheiros espirituais, com o fim de receberem socorros ou avisos necessários. A Casa oferece recursos aos encontros oportunos. Não consegui disfarçar a surpresa, ante a cena maravilhosa, contemplando, embevecido, o cuidado terno dos benfeitores desencarnados com todos aqueles que vinham dos círculos terrestres mais densos. Atravessada a zona magnética de defesa, confundimo-nos com os passantes. Não longe de mim, interessante menino, que aparentava nove a dez anos de idade, revestido de gracioso halo de luz, guiava uma senhora de passos incertos. Parecia enferma, incapaz de autocontrole. O pequeno, porém, segurava-lhe firmemente a destra e, após saudar a irmã Zenóbia, respeitoso, exclamou para a matrona hesitante: – Por aqui, mamãe, por aqui, venha sem medo! Ouvindo-o, a interpelada parecia acordar num sonho bom e gritava, semi-inconsciente: – Meu filhinho, meu filhinho, não me deixes voltar! Quero-te sempre, sempre!... As expressões de meiguice misturavam-se a copioso pranto. Fixei-lhe os traços fisionômicos. A pobre mãe não nos enxergava. Seguia, acanhada e insegura de si. Seus olhos, que vertiam grossas lágrimas, permaneciam presos na contemplação da criança, revelando a suprema ternura de mãe, exausta de saudade, a reencontrar o objeto de seu amor, que parecera perdido para sempre. – Mamãe, caminhe! Não desfaleça! – clamava o rapazinho, exultando de júbilo. – Já vou, meu filho! Eu te seguirei, leva-me contigo! – tornava a palavra maternal, afogada em sublime emoção. Meus companheiros, habituados talvez, desde muito, ao espetáculo, conversavam, descuidados, entre si; todavia, segui de olhos umedecidos a criança carinhosa que amparava a sua mamãe, até que desapareceram através de uma das portas laterais. Não contive a surpresa que me dominava. Tocando o braço do padre Hipólito, indaguei: – Meu amigo, com que fim seguiriam a senhora e o menino? Esboçou ele significativo gesto de espanto e observou: – Não os vi. Falei-lhe, então, do quadro que tanto me enternecera, bordando meus informes de considerações afetivas. O ex-sacerdote sorriu compassivo e acrescentou: – Ora, André, são tantas mães e tantas crianças a transitarem por aqui!... Certamente, o filhinho, como tantos outros, conduz a genitora a gabinetes de auxílio.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 9)

“Não tive tempo para emitir novas impressões. Nosso grupo atingiu a porta de ingresso e dois amigos acercaram-se, solícitos. Tratava-se de Gotuzo e outro irmão com quem eu não havia entrado em contato pessoal. Saudaram-nos cortesmente. Logo após, dirigiu-se Gotuzo à diretora, informando-a de que os serviços de colaboração na Crosta, junto dos técnicos que organizavam algumas reencarnações expiatórias,

havam sido executados satisfatoriamente. Zenóbia agradeceu e convidou-os a partilhar das orações de louvor e gratidão ao Todo-Poderoso. Penetramos a Sala Consagrada, onde a orientadora tomou conhecimento das medidas levadas a efeito em sua rápida ausência e certificou-se de que todos os abrigados haviam comparecido à reunião geral de preces e auxílios magnéticos, realizada minutos antes. Sinais sonoros convocaram colaboradores à ação de graças. Zenóbia, delicada e ativa, dispôs-nos em torno de vasta mesa, ao fundo da qual se erguia uma tela transparente de grandes proporções. Admirável a comunhão da casa! Todos os dirigentes das variadas secções em que se subdividiam as atividades do instituto encontravam-se presentes para a tarefa gratulatória. A diretora informou-nos, afável, de que todas as noites se verificavam trabalhos de oração para os asilados e para o pessoal administrativo, salientando que, nesses últimos, se reunia em pessoa com todos os subchefes da organização que não se encontrassem inibidos por motivos de serviço. Naquela oportunidade, éramos ali trinta e cinco criaturas, presas ao doce magnetismo daquela mulher que tão bem sabia desempenhar a excelsa missão educativa. À cabeceira do grande móvel referido, cercado pelas poltronas confortáveis que ocupávamos em duas filas, sentou-se Zenóbia, radiante, mantendo-se de frente para a tela constituída de tecido diáfano, semelhando tenuíssima gaze. Trinta e cinco mentes, interessadas na aquisição de luz divina, uniam-se à dela, para as vibrações de reconhecimento e paz. Gotuzo, próximo de mim, entregou-se a profunda meditação.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 9)

“**Fogo purificador.** Na manhã imediata, a administração da Casa Transitória achava-se de posse do roteiro a seguir. Os cronômetros acusavam seis horas; no entanto, as sombras densas e monótonas dominavam a região. O instituto recebia o concurso de vários servidores de outras organizações socorristas da mesma natureza, enquanto a irmã Zenóbia se mantinha absorvida pelos quefazeres imperiosos do momento, cercada de assessores, orientando atividades alusivas à mudança próxima. Ardendo de ansiedade por obter maiores esclarecimentos acerca dos trabalhos em execução, acompanhei o padre Hipólito, que me convidou a inspecionar os movimentos do átrio. Segui-o gostosamente. O serviço ativo exigia a atenção e o esforço de grande número de colaboradores. Instado pelas minhas interrogações insistentes, o prezado companheiro informou: – As instituições socorristas, como esta, podem alçar voos de grande alcance. E, diante da minha funda admiração, continuou: – Permanecemos, porém, noutros domínios vibratórios e não podemos ter grandes surpresas. As leis da matéria densa, nossas velhas conhecidas da Crosta Planetária, não são as que presidem aos fenômenos da

matéria quintessenciada que nos serve de base às manifestações também transitórias. O homem encarnado somente agora começa a perceber certos problemas inerentes à energia atômica do plano grosseiro em que situa, temporariamente, a personalidade. Como você não ignora, as descargas elétricas do átomo etérico, em nossa esfera de ação, ensejam realizações quase inconcebíveis à mente humana. Nos círculos caruais, para atendermos aos nossos enigmas evolutivos ou redentores, somos fracos prisioneiros do campo sensorial, prisioneiros que se comunicam com a vida infinita pelas estreitas janelas dos cinco sentidos. Não obstante o progresso da investigação científica entre as criaturas terrenas, o homem comum apenas conhece, por enquanto, uma oitava parte do plano onde passa a existência. A vidência e a audição, as duas portas que lhe podem dilatar a pesquisa intelectual, permanecem excessivamente limitadas. Vejamos, por exemplo, a luz solar, que condensa as cores básicas, suscetíveis de serem assinaladas pelo nosso olho, quando na Terra. Percebemos, tão somente, as cores que vão do vermelho ao violeta, salientando-se que a maioria das pessoas nada enxerga além das últimas cinco, que são o azul, o verde, o amarelo, o laranja e o vermelho, não registrando o índigo e o violeta. Existem, porém, outras cores no espectro, correspondentes a vibrações para as quais o olho humano não possui capacidade de sintonia. Manifestam-se raios infravermelhos e ultravioletas que o pesquisador humano consegue identificar imperfeitamente, mas que não pode ver. Ocorre o mesmo com a potência auditiva. O ouvido da mente encarnada assinala apenas os sons que se enquadram na tabela de “16 vibrações sonoras a 40.000 por segundo”. As ondas mais lentas ou mais rápidas escapam-lhe totalmente. Há que obedecer às leis da gravitação e da estrutura das formas, na zona de matéria densa, para que a vida atinja seus divinos objetivos espirituais. O ex-sacerdote fez breve parada, sorriu amavelmente, e acentuou: – Os movimentos de trabalho em nossa esfera de luta, portanto, não podem ser vistos com a mesma deficiência de exame que antigamente nos presidia às observações. A matéria e as leis, em nosso plano, permanecem bastante diferenciadas, embora emanem da mesma Origem Divina. As considerações eram sumamente interessantes para mim, em tal conjuntura, apesar de já não ser leigo no conhecimento da aplicação de energia elétrica, na colônia espiritual em que eu mantinha residência. As palavras de Hipólito tinham a virtude de aliviar-me o cérebro atulhado ainda de reminiscências viciosas da Crosta. O estimado amigo, não obstante reconhecera leveza da substância etérica, em comparação com os fluidos grosseiros que constituem os corpos terrenos, chamou-me a atenção para o esforço hercúleo dos trabalhadores que articulavam diversos serviços atinentes

à próxima modificação. A tarefa exigia decisão e boa vontade, assombrando o ânimo mais forte. A utilização de recursos, ali, naquela casa de benemerência, insulada em tão escura paisagem, custava inauditos sacrifícios. A densidade da região influía inequivocamente nos serviços e os colaboradores despendiam atividades de gigantescas proporções. Todo o pessoal disponível fora convocado ao trabalho dos motores e, quando me entregava a transportes admirativos, diante da maquinaria complexa, indescritível na técnica humana, a irmã Zenóbia, através de Jerônimo, nos pediu colaboração nas defesas magnéticas, em vista da necessidade de empregar maior número de cooperadores na preparação ativa do voo.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 10)

“Entregávamo-nos, tranquilos, ao trabalho, quando indescritível choque atmosférico abalou o escuro céu. Clarão de terrível beleza varou o nevoeiro de alto a baixo, oferecendo, por um instante, assombroso espetáculo. Não era bem o relâmpago conhecido na Crosta, por ocasião das tempestades, porquanto as descargas elétricas da Natureza, sobre o chão denso, são menos precisas no que se refere à orientação técnica de ordem invisível. Observava-se, ali, o contrário: a tormenta de fogo ia começar, metódica e mecanicamente. Dominou-me angustioso pavor, mas o Assistente Jerônimo revelava-se tão calmo que a sua serenidade era contagiante. – É o primeiro aviso da passagem dos desintegradores – explicou-nos, solícito. [...] Antes de maiores explicações, ribombou novo trovão nas alturas. O fogo riscou em diversas direções, muito longe ainda, como a notificar-nos de sua aproximação gradativa. Dessa vez, todavia, recebi a nítida impressão de que a descarga elétrica não se detivera na superfície. Penetrara a substância sob nossos pés, porque espantoso rumor se fez sentir nas profundezas. Muitas vezes ouvira viajantes que afrontaram sinistros do mar e todos eram unânimes em asseverar a beleza cruel das grandes tormentas no dorso do abismo equóreo, bem como afirmavam que viajor algum, por mais incrédulo, conseguia subtrair-se às ponderações místicas da fé, perante o turbilhão escachoante do desconhecido. Ali, no entanto, a emoção era mais solene, os fatores mais complexos, tal o patético do fenômeno. Buscando talvez tranquilizar-me, o Assistente afiançou: – O trabalho dos desintegradores etéricos, invisíveis para nós, tal a densidade ambiente, evita o aparecimento das tempestades magnéticas que surgem, sempre, quando os resíduos inferiores de matéria mental se amontoam excessivamente no plano. Jerônimo, experiente e bondoso, tentava sossegar-me o coração. Todavia, embora soubesse que não nos encontrávamos, ainda, diante da tormenta de forças caóticas desencadeadas sem rumo, confesso que sentia enorme dificuldade para desincumbir-me das obrigações assumidas, em virtude

da minha absoluta despreocupação do que ocorria fora do ambiente de serviço. Desde aquele segundo estampido atordoante do firmamento, a Casa Transitória de Fabiano entrou em fase anormal de trabalho. Servidores, embora sob impecável articulação, iam e vinham, apressados. Lá dentro, cogitava-se das derradeiras medidas, com valioso aproveitamento dos minutos. Aparelhos de comunicação funcionavam em ritmo acelerado, anunciando o fato, em direções várias, avisando peregrinos da espiritualidade superior, a fim de não se aproximarem da zona sob regime de limpeza. Três quartas partes dos colaboradores efetivos de Zenóbia cuidavam das providências alusivas ao voo próximo ou organizavam acomodações para os necessitados que chegariam em bando. Com efeito, justificavam-se as medidas, porque ouvíamos agora ensurdecidora algazarra de multidões que se aproximavam. Sucederam-se outros ribombos ameaçadores, despejando fogo na superfície e energias revolventes no interior do solo que pisávamos. Ondas maciças de sofedores aterrados começaram a alcançar as defesas. Era dolorosa a contemplação da turba amedrontada e expectante. Aproximamo-nos dela, quanto era possível. – Socorro! socorro! – conclamavam infelizes em agrupamentos compactos. Ameaçavam-nos outros: – Fujam daqui! Atravessaremos a barreira de qualquer modo! O abrigo nos pertence! Vamos à força! E não se limitavam às palavras. Avançavam, em massa, sobre as faixas horizontais, para recuarem, espavoridos. – Ajudai-nos, por amor de Deus! – suplicavam os menos atrevidos – Recolhei-nos, por caridade! Seremos perseguidos pelo fogo devorador!... Entretanto, com maior ou menor intensidade, todos os sofedores exibiam escuros círculos de treva em torno de si. [...] Dilatavam-se fogueiras enormes em direções diversas e raios fulgurantes eram metodicamente despejados do céu. [...] Quase quatro horas difíceis se escoaram, exigindo-nos delicada atenção na tarefa. E, agora, a paisagem era mais sufocante, mais terrível... Serpentes de fogo desenovelavam-se dos céus e penetravam o solo, que começou a tremer sob os nossos pés. O calor asfixiava. Sentindo os elementos vacilantes que nos ladeavam, recordei velha descrição do maremoto de Messina, em que, sob o auge do pavor, diante da Natureza perturbada, não sabiam as vítimas como se colocarem a caminho do salvamento, porquanto, em torno, a terra, o mar e o céu se conjugavam num ciclópico e sincrônico arrasamento. A instituição, através de todos os administradores e auxiliares, operava com indescritível heroísmo. Com franqueza, de minha parte aguardava, ansioso, o sinal de regresso ao interior, tal a impressão desagradável de que me sentia possuído. Fitas inflamadas do firmamento caíam, caíam sempre, em meio de formidáveis explosões, oriundas da desintegração de princípios etéricos... Quando tudo fazia supor que não

havia, nas vizinhanças, entidades em condições de serem socorridas, soou a clarinada equivalente ao toque de recolher. Enfim! suspirei, aliviado. Consoante instruções recebidas, abandonamos os aparelhos eletromagnéticos da defensiva, em funcionamento indiscriminado, e afastamo-nos apressadamente. Sofedores de chamas surgiam próximos e tamanha gritaria se verificava, em derredor, que tínhamos perante os olhos perfeita imagem de vasta floresta incendiada, a desalojar feras e monstros de furnas desconhecidas. Atravessamos o pátio do asilo seguidos de todos os companheiros que ainda se conservavam no exterior. Escutávamos, agora, o ruído leve dos motores. Lá fora, espessos bandos de entidades perversas tentavam ainda romper os obstáculos, invadindo-nos o abrigo prestes a partir. Aflitiva inquietude empolgava-me. – Que seria de nós, se a multidão assaltasse o reduto? por outro lado, a queda contínua de faíscas chamejantes, a meu ver, punha em perigo a organização. Porque não desferir vôo imediatamente? Era forçoso considerar que dentro do asilo reinava absoluta ordem, não obstante o ritmo apressado do trabalho. Acomodações simples, mas confortadoras, recebiam sofedores extenuados. E serena como sempre, como se estivesse habituada às perturbações externas, a irmã Zenóbia controlava a situação, ultimando providências. Todas as portas de acesso fácil ao interior foram hermeticamente cerradas. Logo após, a orientadora chamou-nos à vasta sala consagrada à oração e esclareceu que a Casa Transitória, para movimentar-se com êxito, não necessitava apenas de forças elétricas, baseadas em simples fenômenos da matéria diferenciada, mas, também, de nossas emissões magnético-mentais, que atuariam como reforço no impulso inicial de subida. Zenóbia fora breve, dadas as circunstâncias do momento. Mantínhamo-nos todos em ansiosa expectativa, concentrados na câmara da prece, com exceção dos companheiros que se achavam em serviço de assistência imediata aos recolhidos das últimas horas e de quantos se conservavam de sentinela, junto à maquinaria em funcionamento. Funda emoção transparecia em todos os rostos. Lá fora, rugiam elementos em atrito. A diretora, após convidar-nos a transfundir vibrações mentais, num só ato de reconhecimento ao Senhor, tomou entre as mãos lindo volume. Reconheci-o imediatamente. Era a Bíblia, nossa conhecida de tantos anos. Abrindo-a, atenciosa, a orientadora começou a ler o Salmo cento e quatro, em voz alta, pausada e solene: [...] Eminentemente comovido, observei que a Casa Transitória, deslocada vagarosamente de início, punha-se agora em movimento rápido. Não pude examinar particularidades do fenômeno. A atitude recolhida de Zenóbia, em oração vigilante, compelia-nos a sustentar o mesmo tono vibratório ambiencial. Reparava, porém, que a instituição socorrista subia sempre.

Decorrida quase uma hora de voo vertical, alcançamos uma região clara e brilhante. O sorriso do Sol trouxe-nos alívio. Levantou-se a diretora e, seguindo-a, erguemo-nos, de novo, compreendendo que a fase perigosa passara. Desde esse momento, a instituição movimentou-se em sentido horizontal, viajando sobre os elementos do plano. Das pequenas janelas, contemplamos as coloridas auréolas do fogo devorador. [...] Em breve, porém, após haurir lições que jamais esquecerei, reparamos que a Casa Transitória descia suavemente. Regressávamos ao círculo de substância densa, embora menos pesada e menos escura. Dentro em pouco, pudemos localizar o abrigo de Fabiano em outra zona de serviço fraterno. Extensa legião de servidores aguardava a nossa chegada, a fim de colaborar conosco no esforço de readaptação. Gastáramos na viagem três horas e trinta e cinco minutos. Complexas atividades esperavam os obreiros dedicados.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 10)

“**No lar de Cipriana.** Encerrada a semana de estudos que me propusera e guardando valores novos no espírito, acompanhei Calderaro, em pleno crepúsculo, à benemérita fundação nas zonas inferiores, a que o Assistente chamara “Lar de Cipriana”. [...] De pensamento fixo na surpreendente questão da hora, cheguei, em companhia de Calderaro, à enorme instituição em que Cipriana administrava o constante benefício de seu devotamento fraternal. Tratava-se, a meu ver, de casa socorrista diferente de quantas conhecia; parecia grande centro de trabalho propriamente terrestre. A maioria dos companheiros que aí se agitava não eram portadores de luminosa expressão, mas típicas personalidades humanas em processo regenerador. Com exceção de Cipriana e dos assessores que lhe compunham o séquito, a comunidade, não pequena, era formada de criaturas evidentemente inferiores: homens e mulheres análogos, no aspecto, aos que povoam os círculos carnaís. Como acontecia habitualmente, Calderaro me veio em auxílio, esclarecendo: – Irmã Cipriana idealizou este amorável reduto de restauração espiritual e concretizou-o, usando os próprios irmãos sofredores e perturbados que vagueiam nas regiões circunvizinhas. É claro que não reside sistematicamente aqui; todavia, neste colégio regenerador passa grande parte do tempo, que consagra ao seu ministério santificante nas esferas de baixo nível de evolução. No fundo, a organização funciona sob a vigilância dos próprios companheiros que vão melhorando. Trata-se, pois, de importante escola de reajustamento anímico, de auto reconhecimento e de preparação, para indivíduos de boa vontade. Nossa benemérita amiga iniciou a obra e tornou-se-lhe provedora fidelíssima. Contudo, o instituto é de região inferior para criaturas que desejem melhorar suas condições de existência. Educandário de trânsito, sob a ação direta dos que dele colhem

proveito, passou, destarte, a valioso núcleo de instrução e de amparo. Individualidades libertas da carne, em penosas condições íntimas nos setores do conhecimento, aqui recebem precioso concurso, a fim de se readaptarem convenientemente à vida. Grupos diversos de mediana condição dirigiam-se para um edifício ao centro da vastíssima organização, no qual adivinhei o templo votado à prece. Muitos companheiros se encaminhavam céleres, conversando, ao nosso lado. Havia ali tanta gente alegre e tanta gente preocupada, como em qualquer via pública de grande cidade no plano denso; tive a impressão de que visitávamos enorme universidade, situada em clima sombrio. Embora, quanto ao aspecto, fossem distintos entre si, quer os pequenos, quer os numerosos ajuntamentos de irmãos, que aí se moviam, eram idênticos uns aos outros pela nota viva de esperança, que a todos luzia no olhar percuciente. Quantos se nos deparavam, exibiam atitude iniludível de trabalho e de renovação; ainda mesmo os aleijados e doentes que aí estacionavam, em grande número, mostravam disposições de otimismo transformador. – A venerável instrutora – prosseguiu, benévolo, o Assistente – montou aqui verdadeira oficina de restauração do espírito. Antigos expoentes do orgulho que entre os homens se engriponavam na vaidade e no crime, depois de bastos anos de purgação e ao demonstrarem propósitos reedificantes, são recolhidos a esta casa, onde reorganizam sentimentos e cabedais, a caminho do porvir. Daqui, como de outras instituições do mesmo gênero, localizadas em plenas regiões expiatórias, saem inúmeras reencarnações retificadoras. O programa fundamental de Cipriana é o esquecimento do mal com a valorização permanente do bem, à luz da esperança em Deus. A princípio, a organização custou-lhe muitos sacrifícios, em matéria de tempo e de direito que lhe mereciam os méritos pessoais; no transcurso dos anos, porém, elementos por ela mesma formados passaram a superintender a obra e a conservá-la.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 20)

“A conversação prosseguia valiosa e animada, quando Abelardo e Celina chegaram até nós. Vinham reconfortados, felizes. Em companhia da esposa, o novo amigo parecia mais leve e radiante, como se lhe absorvesse a vitalidade e a alegria. Notei que Hilário, pela expressão fisionômica, trazia consigo um novo mundo de indagações a exteriorizar. Contudo, Áulus advertiu: – Sigamos! É necessário agir com presteza. A breve tempo, penetramos nebulosa região, dentro da noite. Os astros desapareceram a nossos olhos. Tive a impressão de que o piche gaseificado era o elemento preponderante naquele ambiente. Em derredor, proliferavam soluços e imprecações, mas a pequenina lâmpada que Abelardo agora empunhava, auxiliando-nos, não nos permitia enxergar senão o trilho estreito que nos cabia percorrer. Findos alguns minutos de marcha,

atingimos uma construção mal iluminada, em que vários enfermos se demoravam, sob a assistência de enfermeiros atenciosos. Entramos. Áulus explicou que estávamos ali diante de um hospital de emergência, dos muitos que se estendem nas regiões purgatorias. Tudo pobreza, necessidade, sofrimento... – Este é o meu templo atual de trabalho – disse-nos Abelardo, orgulhoso de ser ali uma peça importante na máquina de serviço. O irmão Justino, diretor da instituição, veio até nós e cumprimentou-nos. Pediu escusas por lhe não ser possível acompanhar-nos. A casa jazia repleta de psicopatas desencarnados e não poderia, dessa forma, deter-se naquele momento. Deu-nos, porém, permissão para agir com plena liberdade. A desarmonia era efetivamente tão grande no local que não pude sopitar meu espanto. Como cogitar de reajuste num meio atormentado quanto aquele? O Assistente, contudo, amparou-me, aclarando: – Importa reconhecer que este pouso é um refúgio para desesperados. Segundo a reação que apresentam, são conduzidos, de pronto, a estabelecimentos de recuperação positiva ou regressam às linhas de aflição de que procedem. Aqui apenas atravessam pequeno estágio de recuperação.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 14)

“Hilário e eu visitávamos a “Mansão Paz”, notável escola de reajuste de que Druso era o diretor abnegado e amigo. O estabelecimento, situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de “mosteiro São Bernardo”, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que, naquela hora, se adensava, movimentada e terrível, ao redor da instituição, como se tocada por ventania incessante. O pouso acolhedor, que permanece sob a jurisdição de “Nosso Lar” [Cidade espiritual na Esfera Superior. (Nota do Autor espiritual)], está fundado há mais de três séculos, dedicando-se a receber Espíritos infelizes ou enfermos, decididos a trabalhar pela própria regeneração, criaturas essas que se elevam a colônias de aprimoramento na Vida Superior ou que retornam à esfera dos homens para a reencarnação retificadora. Em razão disso, o casario enorme, semelhante a vasta cidadela instalada com todos os recursos de segurança e defesa, mantém setores de assistência e cursos de instrução, nos quais médicos e sacerdotes, enfermeiros e professores encontram, depois da morte terrestre, aprendizados e quefazeres da mais elevada importância. [...] Enquanto nos entendíamos, reparávamos lá fora, através do material transparente de larga janela, a convulsão da Natureza. Ventania ululante, carregando consigo uma substância escura, semelhante à lama aeriforme, remoinhava com violência, em torvelinho estranho, à maneira de treva encachoeirada... E do corpo monstruoso do turbilhão

terrível rostos humanos surdiam em esgares de horror, vociferando maldições e gemidos. Apareciam de relance, jungidos uns aos outros como vastas correntes de criaturas agarradas entre si, em hora de perigo, na ânsia instintiva de dominar e sobreviver.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 1)

“O recinto a que demandáramos era confortável e amplo; mas a expressiva assembleia que o lotava era, em grande parte, desagradável e triste. Ao clarão de vários lampadários, podíamos observar, do largo estrado em que nos instaláramos com o orientador, os semblantes disformes que, em maioria, ali se congregavam. Aqui e ali se acomodavam assistentes e enfermeiros, cuja posição espiritual era facilmente distinguível pela presença simpática com que encorajavam os sofredores. Calculei em duas centenas, aproximadamente, o número de enfermos que à nossa frente se reuniam. Mais de dois terços apresentavam deformidades fisiológicas. Quem terá visitado um sanatório de moléstias da pele, analisando em conjunto os doentes mais graves, poderá imaginar o que fosse aquele agregado de almas silenciosas e dificilmente reconhecíveis.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 2)

– Instrutor, depois de amainada a tormenta, voltou o assalto dos raios desintegrantes... O orientador esboçou um gesto de preocupação e recomendou: – Liguem as baterias de exaustão. Observaremos a defensiva, instalados na Agulha de Vigilância. Em seguida, convidou-nos a acompanhá-lo. Silas, Hilário e eu seguimo-lo sem hesitar. Atravessamos vastíssimos corredores e largos salões, em sentido ascendente, até que começamos a subir de maneira direta. O local conhecido por Agulha de Vigilância era uma torre, provida de escadaria helicoidal, algumas dezenas de metros acima do grande e complicado edifício. No topo, descansamos em pequeno gabinete, em cujo recinto interessantes aparelhos nos facultaram a contemplação da paisagem exterior. Assemelhavam-se a telescópios diminutos, que funcionavam como lançadores de raios que eliminavam o nevoeiro, permitindo-nos exata noção do ambiente constrangedor que nos cercava, povoado de criaturas agressivas e exóticas, que fugiam, espavoridas, ante vasto grupo de entidades que manobravam curiosas máquinas à guisa de canhões. – Estaremos assediados por um exército atacante? – perguntei, intrigado. – Isso mesmo – confirmou Druso, calmamente –, esses ataques, porém, são comuns. Com semelhante invasão, pretendem nossos irmãos infelizes deslocar nossa casa e levar-nos à inércia, a fim de senhorearem a região. – E aquelas equipagens? que vêm a ser? – enunciou meu companheiro, assombrado. – Podemos defini-las como canhões de bombardeio eletrônico – informou o orientador. – As descargas sobre nós são cuidadosamente estudadas, a fim de que nos atinjam sem erro na velocidade de

arremesso. – E se nos alcançassem? – perguntou meu colega. – Decerto provocariam aqui fenômenos de desintegração, suscetíveis de conduzir-nos à ruína total, sem nos referirmos às perturbações que estabeleceriam em nossos irmãos doentes, ainda incapazes de qualquer esforço para a emigração, porque os raios desfechados contra nós contêm princípios de flagelação, que provocam as piores crises de pavor e loucura. Não longe de nós, ruído soturno vibrava na atmosfera. Tínhamos a impressão de que milhares de projéteis invisíveis cortavam o ar, violentamente, sibilando a reduzida distância e acabando em estalidos secos, a nos infundirem pavorosa impressão. Talvez porque Hilário e eu demonstrássemos insofreável espanto, Druso ponderou, paternal: – Estejamos tranquilos. Nossas barreiras de exaustão funcionam com eficiência. E designou-nos ao olhar assustado longa muralha, constituída por milhares de hastes metálicas, cercando a cidadela em toda a extensão, qual se fosse larga série de para-raios habilmente dispostos. Em todos os lances do flanco atacado, surgiam faíscas elétricas, a fulgurarem nos pontos de contato, atraídas pelas pontas a prumo. O espetáculo, em sua beleza terrível, caracterizava-se, a olho nu, pela cintilação dos contrastes, entre a sombra imensa e a luz relampagueante. – Os conflitos aqui são incessantes – disse-nos o orientador com dignidade serena –; no entanto, temos aprendido nesta Mansão que a paz não é conquista da inércia, mas sim fruto do equilíbrio entre a fé no Poder Divino e a confiança em nós mesmos, no serviço pela vitória do bem.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 3)

“**Alguns recém-desencarnados.** Atingíramos largo recinto construído à feição de um pátio interior de proporções corretas e amplas. Tive a ideia de penetrar em enorme átrio, algo semelhante a certas estações ferroviárias terrestres, porque nas acomodações marginais, caprichosamente dispostas, se encontravam dezenas de entidades em franca expectativa. A dizer verdade, não vi sinais de alegria completa em rosto algum. Os grupos variados, alguns deles em discreto entendimento, dividiam-se entre a preocupação e a tristeza. De passagem, podíamos ouvir diálogos diferentes. Em círculo reduzido, registramos frases como estas: – Acredita possa ela, agora, devotar-se à mudança justa? – Difilmente. Centralizou-se, por muito tempo, no descontrolo da própria vida. Mais além, escutamos dos lábios de uma senhora que se dirigia a um rapaz de agoniado semblante: – Meu filho, guarde serenidade. Segundo informações do Assistente Cláudio, seu pai não virá em condições de reconhecer-nos. Precisarás muito tempo para retornar a si. Em trânsito, não assinalava senão alguns retalhos de conversação como esses. A certa altura, na praça em movimentação, Druso, generoso, confiou-nos aos cuidados de Silas, mencionando obrigações urgentes

que lhe absorveriam a atenção. Encontrar-nos-íamos no dia seguinte, informou. A promessa gentil obrigou-me a considerar o aspecto do tempo. Pela sombra reinante, não poderíamos saber se era dia, se era noite. Por isso, o grande relógio, ali existente, com largo mostrador abrangendo as vinte e quatro horas, funcionou aos meus olhos como a bússola para o viajante, deixando-me perceber que estávamos em noite alta [Reportamo-nos a regiões encravadas nos domínios do próprio globo terrestre, submetidas às mesmas leis que lhe regulam o tempo. (Nota do Autor espiritual.)]. Sons de campanas invisíveis cortavam agora o ar e, assinalando-nos a curiosidade, Silas esclareceu que a caravana-comboio penetraria no recinto em alguns minutos. Aproveitei os momentos para indagações que julguei necessárias. Que espécie de criaturas aguardávamos, ali? recém-desencarnados em que condições? como se organizaria a caravana-comboio? vinha diariamente à instituição atendendo a horário certo? O companheiro, que se dispusera a assistir-nos, informou que as entidades prestes a entrarem integravam uma equipe de dezenove pessoas, acompanhadas por dez servidores da casa, que lhes orientavam a excursão, tratando-se de recém-desencarnados em desequilíbrio mental, mas credores de imediata assistência, de vez que não se achavam em desesperação, nem se haviam comprometido de todo com as forças dominantes nas trevas. Notificou, ainda, que a caravana se constituía de trabalhadores especializados, sob a chefia de um Atendente, e que viajavam com simplicidade, sem carros de estilo. Apenas conduzindo o material indispensável à locomoção no pesado ambiente das sombras, auxiliados por alguns cães inteligentes e prestimosos. A Mansão contava com dois grupos dessa natureza. Diariamente um deles atingia aquele domicílio de reajuste, revezando-se no piedoso mister socorrista. Entretanto – aclarou –, não possuíam horário certo para a chegada, de vez que a peregrinação, pelos domínios das trevas, obedecia comumente a fatores circunstanciais. Mal terminara o interlocutor e a expedição penetrava o enorme átrio. Os cooperadores responsáveis estavam aparentemente calmos, evidenciando alguns, entretanto, no olhar, funda preocupação. Os recolhidos, no entanto, exceção de cinco que vinham de maca, desmemoriados e dormentes, revelavam perturbações manifestas que, em alguns, se expressavam por loucura desagradável, se bem que pacífica. Enquanto os enfermeiros se desvelavam em ajudá-los, carinhosos e atentos, e os cães se deitavam, extenuados, aqueles seres recém-chegados falavam e reclamavam, demonstrando absoluta ausência mental da realidade e provocando piedade e constrangimento. Silas convidou-nos à movimentação. Efetivamente, cabia-nos algo fazer na cooperação. O chefe da caravana aproximou-se de nós e o Assistente no-lo apresentou num

gesto amigo. Era o Atendente Macedo, valoroso condutor de tarefas socorristas. Afeiçãoados e parentes dos recém-vindos cercavam-nos, agora, com expressões de alegria e sofrimento. Algumas senhoras que vira, antes, em ansiosa expectativa, derramavam lágrimas discretas. Notei que as criaturas recém-desligadas do corpo denso, conturbadas qual se achavam, traziam consigo todos os sinais das moléstias que lhes haviam imposto a desencarnação. Ligeiro exame clínico poderia sem dúvida favorecer a leitura da diagnose individual.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 4)

“Nossa conversação foi interrompida de imediato, à frente de pequena casa a confundir-se com o nevoeiro, de cujo interior brotava reconfortante jorro de luz. Cães enormes que podíamos divisar cá fora, na faixa de claridade bruxuleante, ganiam de estranho modo, sentindo-nos a presença. De súbito, um companheiro de alto porte e rude aspecto apareceu e saudou-nos da diminuta cancela, que nos separava do limiar, abrindo-nos passagem. Silas no-lo apresentou, alegremente. Era Orzil, um dos guardas da Mansão, em serviço nas sombras. A breves instantes, achávamo-nos na intimidade de pouso tépido. Aos ralhos do guardião, dois dos seis grandes cães acomodaram-se junto de nós, deitando-se-nos aos pés. Orzil era de constituição agigantada, figurando-se-nos um urso em forma humana. No espelho dos olhos límpidos mostrava sinceridade e devotamento. Tive a nítida ideia de que éramos defrontados por um penitenciário confesso, a caminho de segura regeneração. Na sala estreita e simples, alinhavam-se alguns bancos e, acima deles, destacava-se um nicho ovalado, em cujo bojo havia uma cruz tosca, alumiada por uma candeia estruturada em forma de concha. Afastou-se Orzil para sossegar os grandes animais menos domesticados, no interior da choupana, e, enquanto isso, o Assistente informou-nos; – É um amigo de cultura ainda escassa que se comprometeu em delitos lamentáveis no mundo. Sofreu muito sob o império de antigos adversários, mas presentemente, após longo estágio na Mansão, vem prestando valioso concurso nesta vasta região em que o desespero se refugia. É ajudado, ajudando. E, servindo com desinteresse e devoção fraternal, não somente se reeduca, como também suavizará o campo da nova existência que o aguarda na esfera carnal, pelas simpatias que vem atraindo em seu favor. Vive só? – perguntei, mal sopitando a curiosidade. Dedica-se a meditações e estudos de natureza pessoal – comentou Silas, paciente –, mas, como acontece a muitos outros auxiliares, tem consigo algumas celas ocupadas por entidades em tratamento, prestes a serem recebidas em nossa instituição. Nesse ponto do entendimento, Orzil voltou até nós e o Assistente interpelou-o, com bondade – Como passamos de serviço? – Muito trabalho, chefe – respondeu ele, humilde.

– A tempestade de ontem trouxe imensa devastação. Creio ter havido muito sofrimento nos pântanos.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 5)

“Aproveitando breve pausa, Hilário observou: – É admirável o trabalho educativo em andamento nas zonas inferiores, com vistas à reencarnação... – Inegavelmente – respondeu o instrutor. – É preciso informar a todos os nossos irmãos, em vias de retorno ao círculo dos homens, que o corpo carnal, com as tarefas que lhe são consequentes, vale por verdadeiro prêmio da Bondade Divina, que é necessário valorizar. Aqui, nas esferas purgatorias, contamos com verdadeiras multidões de criaturas desencarnadas que procedem do mundo, em deploráveis crises alucinatórias, após malversarem os bens da vida humana. Muitas, por infelicidade da própria ignorância, não puderam acomodar-se a qualquer tipo de concepção religiosa, entretanto, milhões de pessoas, longe do respeito pela fé maternal que as esclarecia, nos compromissos esposados perante Deus, entregavam-se, conscientemente, à crueldade mental, cavando ruína e amargura para si mesmas, porque o mal infligido a outrem era sempre mal que amontoavam sobre as suas cabeças. É assim que, desentrançadas da matéria densa, aqui aportam, batidas pelo remorso e pelo arrependimento, padecendo frustrações lamentáveis, quando não estacionam por tempo mais ou menos longo em furnas expiatórias, nas quais, presas de antigos adversários ou de velhos comparsas do vício, sofrem tristes alterações em seus centros de força, a se lhes expressarem na mente por desequilíbrios funestos. Depois de acolhidas em nosso pouso de amor, refazem-se a pouco e pouco... A reencarnação retificadora, isto é, a internação na carne em condições penosas, surge por alternativa inevitável. Será preciso renascer, suportando os obstáculos tremendos, oriundos da desarmonia perispíritica criada por nós mesmos. Ainda assim, quanto possível, antes do novo berço entre os homens, é imprescindível melhorar as contas... Daí o motivo por que instituições qual a nossa funcionam, em vários campos das regiões inferiores, que, na velha teologia, equivalem a regiões infernais... O que, porém, existe, de fato, é o imenso Umbral, situado entre a Terra e o Céu, dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermeira. Os companheiros desencarnados que despertam, devagarzinho, para a responsabilidade de viver, encarando face a face o imperativo do renascimento difícil no mundo, passam a trabalhar aqui laboriosamente, vencendo óbices terríveis e superando tempestades de toda a sorte, para a conquista dos méritos que descuraram durante a permanência no corpo, de modo a implantarem, no próprio espírito, os valores morais de que

não prescindem para a sustentação de novas e abençoadas lutas no plano material.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“O POSTO CENTRAL DE ATENDIMENTO. [Utilizar-nos-emos de palavras que definem edificações e outras formas terrestres, por falta de termos compatíveis, que expressem as realidades do nosso plano de ação, ficando, assim, compreendido o pensamento por semelhança das imagens, o que não implica numa representação perfeita da ideia do que desejamos expor. (Nota do Autor espiritual)]. Pervagando pela área reservada ao Posto Central, pude observar que o acampamento de emergência socorrista ocupava quase toda a área da Praça, ampla e agradável. Antes de serem instaladas as dependências que abrigariam os pacientes espirituais durante aqueles dias, engenheiros de nossa Esfera de ação haviam tomado providências defensivas, para que o ministério da caridade não sofresse danos decorrentes das invasões que se atrevem fazer os Espíritos perniciosos, opositores sistemáticos de quaisquer tentames de consolação e caridade para com as criaturas humanas. Como não há improviso nas tarefas superiores, que a abnegação dos Mensageiros Espirituais programa, estabeleceram-se planos e traçaram-se diretrizes para a construção do Núcleo transitório, utilizando-se de recursos compatíveis para o mister. Substância ectoplásmica, retirada das pessoas residentes nas cercanias, como da Natureza, foi movimentada para a edificação do conjunto e das muralhas defensivas que renteavam, internamente, com as grades que resguardam o parque aprazível. Duas largas entradas, situadas em posição oposta, facultavam a movimentação dos que ali se sediavam. Voluntários adestrados, premunidos de recursos magnéticos, postavam-se em vigília nos portões de acesso, enquanto outros rondavam pelas fronteiras da construção, significando proteção e resistência pacífica contra o mal... Amplos barracões, à semelhança de tendas revestidas de lona, espalhavam-se interligados num conjunto harmonioso, com equipamentos especiais para os diversos tipos de atendimento que ali seria processado. Camas colocadas em filas duplas recebiam os desencarnados enfermos, que foram arrebanhados nos três últimos dias antes de serem transferidos para o nosso plano de ação definitiva. Desde o sábado, as ocorrências inditasas tomaram corpo mais volumoso. Homicídios tresvariados, suicídios alucinados, paradas cardíacas por excesso de movimentação e exaustão de forças, desencarnação por abuso de drogas ofereciam um índice elevado de vítimas de si mesmas, pela imprevidência, nos dias tormentosos da patuscada irrefreável... Além desses, diversos encarnados, em transe demorado, recebiam socorro de urgência antes de retomarem os corpos em Hospitais ou nos lares, sob a carinhosa e vigilante assistência do Bem

desconhecido. A noite apresentava-se com ar morno, abafada, embora o céu límpido e estrelado, lavado pelas *pancadas* de chuva, que caíam com certa frequência. O Centro de Comunicações do Posto registrava apelos e tomava decisões, encaminhando assistentes hábeis para cada tipo de necessidade. Eu reflexionava sobre o amor e a sabedoria do Pai, no que concernia, entre outras misericórdias, àquelas ações destinadas ao amparo das criaturas, sem que estas pudessem, ao menos, ter ideia dos recursos que eram movimentados a favor da sua paz e do seu equilíbrio. O véu da carne, não obstante o *milagre* da oportunidade de progresso que ao Espírito propicia, não deixa de ser uma barreira, um impedimento à mais ampla percepção, mais claro entendimento da realidade. Os encarnados transitavam por aqueles sítios, sem dar-se conta do que ocorria, entre aquelas árvores vetustas, acontecendo noutra dimensão vibratória. Um sistema de alarme funcionava, prevenindo as invasões ou intromissões indébitas de hordas violentas, que desejassem dar curso aos seus planos destrutivos, enquanto *veículos especiais*, trazendo os recém-colhidos para atendimento mais imediato, trafegavam com frequência, adentrando-se na área protetora. Acerquei-me da entrada, por onde chegara havia pouco, quando defrontei, além da barreira defensiva, uma volumosa massa escura, na qual se rebojavam Entidades levianas e vingadoras. Ameaçavam os vigilantes e atiravam petardos que, felizmente, não ultrapassavam as ondas repelentes que se elevavam acima dos muros, exteriorizadas por aparelhagem própria, que fazia recordar os transformadores terrestres, colocada sobre colunas espalhadas, em distância regular umas das outras, que circundavam toda a área. Trazendo Espíritos, que se apresentavam sobre ultrizes padecimentos, blasfemavam e, zombando, agrediam com verrumas verbais, os trabalhadores diligentes. - Venham socorrer a pobre infeliz que chora entre nós - rosnavam ácidos, uns, exibindo uma mulher que se debatia, agônica. - Acudam-nos em nossa desesperação - gritavam, sarcásticos, mais outros. - Onde a caridade? - estridulavam diversos - Seremos odientos a ponto de não recebermos compaixão? Também somos *mortos*, esquecidos de Deus e dos Seus ministros. Onde a piedade? Misturavam-se a acrimônia e o sofrimento urdido pela própria leviandade, produzindo mal-estar e compaixão. Percebi que os atendentes da vigilância, porque acostumados a cenas desse porte, não se deixavam sensibilizar, seja pela revolta ou pela compaixão momentânea. Porque eu me mantivesse em perplexidade, o irmão Genézio, encarregado do serviço, acercou-se, esclarecendo-me, afável: - São grupos de desordeiros desencarnados, muito perigosos. Alguns são técnicos nos processos da chacota e da ironia, com que sabem insuflar desequilíbrio, a fim de colherem sintonia mental. “A acidez resultante

do sarcasmo é sinal permanente de inferioridade. Quantos exercem a atitude irônica encontram-se em grave distúrbio de comportamento emocional, agindo por vingança, para provocarem reações semelhantes e darem curso às pugnas, aos duelos de forças em que se comprazem, por levarem, quase sempre, a palma da vitória. “Na Terra, é muito comum defrontarmos o mau competidor, disfarçando a falta de valor e a ausência de recursos, apelando para as assertivas agressivas, recheadas de maldade com que ferem os rivais, esperando a reação, com que se reforçam para prosseguirem em perseguição obstinada, sórdida quanto covarde.” Depois de breve silêncio, no qual observava a malta de malfeitores, asseverou: “Em nosso campo de ação, pululam companheiros infelizes, que se sentem propelidos às atitudes de revolta após o fracasso pessoal, afivelando na alma as máscaras do cinismo e da rebeldia, derrapando na vala das reações escarnecedoras, com as quais se imunizam, momentaneamente, contra os sentimentos superiores, únicos a abrirem portas à renovação e caminhos à paz. “Ei-los mais doentes do que se supõem, na extravagância em que se comprazem. Não são insistentes, porque inquietos e ansiosos passam a *vampirizar* psiquicamente os grupos com os quais se ajustam e se afinam, permanecendo com eles em demorado comércio de forças fluidicas desgastantes.” Convidado a observar melhor o quadro ali com as suas expressões vivas, notei criaturas espirituais de aspecto horrendo, ultrajadas, que se faziam arrastar em correntes umas, em cordas outras. O grupo grotesco estava acompanhado por cães que ladravam, em atitude de perturbadora agressividade selvagem. O amigo Genézio não se fez interrogado, vindo, de imediato, em meu auxílio: - Trata-se de Espíritos profundamente sofrendores, que lhes caíram nas mãos desde quando se encontravam encarnados. Eram vítimas e comensais da súcia, embora transitassem em situação relevante, trajando roupas de alto preço e ocupando situações invejáveis. Demais, controlavam destinos, manipulando recursos alheios, que subtraíam documentos que falsificavam para atender a interesses inconfessáveis; regulamentos e leis que menoscabavam, sofismando sobre eles, de modo a atenderem às paixões inferiores. “Triunfaram sobre os fracassos dos outros; sorriram no mar das lágrimas dos a quem defraudavam; campeavam nos lugares de projeção, enquanto os dilapidados pela sua argúcia carpiam desespero e miséria; sentiam-se inatingidos... “A morte, que a todos desvela, alcançou-os e trouxe-os para a submissão de mentes mais impiedosas do que as suas e sentimentos mais impermeáveis do que aqueles que os caracterizavam, dependentes dos mesmos que já eram, quando na insânia moral em que se regalavam. “Sofrem, o que fizeram sofrer...” Indaguei, então, contristado: - E o auxílio divino não os alcança? - Sim

- respondeu-me, atencioso. Ninguém que se encontre ao desamparo. Necessário, todavia, que se predisponham a recebê-lo. Por enquanto, expungem na dor, é certo, mais vitimados pela revolta do que sob a ação do arrependimento honesto; pelo desespero do que através da sincera aceitação do que lhes ocorre. “Logo se abram ao desejo de reparar e serem felizes, de reconhecerem a incúria e recomeçarem, mudam de faixa vibratória, sendo resgatados pela Bondade Excelsa nunca distante de ninguém. “Por algum tempo a consciência sabe que necessitam da lapidação rude a que se submetem, prosseguindo nos enleios que os prendem ao grupo afim.” Nesse ínterim, ouvimos uma sirene de veículo que se acercava do acesso principal. O grupo ruidoso, colhido de surpresa, disparou em volumosa nuvem sombria, dando entrada uma *ambulância* de socorro. Minutos depois fomos chamado nominalmente, para comparecer no alojamento em que deixáramos o abnegado Bezerra de Menezes.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 7)

“Trabalhando nesses densos círculos de sofrimento em que se acrisolam incontáveis desencarnados, pois que, quase todos atravessamos por momentos ou séculos esse clima expungitivo, os operários da caridade, em nome e por amor a Jesus Cristo, se afadigam por amparar, libertar os que, de alguma forma, tenham condições para serem conduzidos a outros planos vibratórios. Postos de socorro cristão, núcleos de apoio, centros de atendimento multiplicam-se nesse *campo de guerra*, sustentados por abnegados agentes do bem, sempre dispostos à ação da misericórdia, quando não podem recorrer aos valores do merecimento dos que aí se detêm. Graças às cargas mefíticas dos pensamentos vulgares que sustentam tais climas, os obreiros da fraternidade, ajudando, sofrem as condições da área de trabalho, empestada, que asfixiam e das descargas magnéticas violentas que agitam as vibrações condensadas. São verdadeiros Cireneus, que se sacrificam visando ao bem do próximo, em demoradas tentativas de benemerência sob o contributo da renúncia pessoal e do sacrifício. Muitos deles dispõem de títulos de enobrecimento que os promovem ao trabalho em outros campos mais elevados e pacíficos, todavia, preferem demorar-se onde a dor é mais aguda, não obstante para ajudar devam sofrê-la... [...] Tenhamos em mente, também, que inumeráveis colônias de amor, nas proximidades da Terra, são de construção recente, frutos do trabalho de abnegados apóstolos do bem, que renunciaram às glórias estelares para iluminar a noite interior dos homens de ambas as esferas da vida, com a chama da caridade sustentada pelo combustível precioso e insuperável da fé. Na Crosta surgem novos postos de atendimento e em muitíssimos lares, bafejados pela mensagem espírita, a treva bate em retirada sob as claridades do estudo sistemático do Evangelho

em família, num perfeito entrosamento superior dos homens com os Espíritos benfazejos.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 19)

– Minha Dalva ficou viúva há três anos e, faz onze meses, deixei-a só, por haver também desencarnado. A pobrezinha não tem resistido ao sofrimento quanto devera e deixou-se empolgar por entidades maléficas, que lhe tramam a ruína. Em balde me aproximo dela, durante o dia, mas, com a mente engolfada em negócios e complicações materiais, não me pôde sentir a influência. Precisava encontrar-me com ela à noite e isso não era fácil, porque não tenho bastante elevação espiritual para operar sozinha e o grupo em que sirvo não poderia demorar na Crosta uma noite inteira por minha causa. Foi então que uma amiga me trouxe a este posto de serviço de “Nosso Lar”. Aqui descansei e pude agir com os grupos de tarefa permanentemente, ajudada por infatigáveis operários do bem. – E conseguiu seus fins com facilidade? – indagou Vicente, interessado. – Graças a Jesus! – respondeu a senhora, evidenciando enorme satisfação – agora sei que minha filha recebeu meus alvitreiros carinhosos de mãe e estou certa de que me atenderá as rogativas. – Escute, minha amiga – interroguei –, há muitos postos de “Nosso Lar”, como este? – Ao que me informaram, há regular número deles, não somente aqui, mas também noutras cidades do país, além de numerosas oficinas que representam outras colônias espirituais, entre as criaturas corporificadas na Terra. Nesses núcleos, há sempre possibilidades avançadas, imprescindíveis ao nosso abastecimento para a luta.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 39)

VI.7. Missões de auxílio e socorro aos espíritos sofredores

“No Centro de Mensageiros. No dia seguinte, após ouvir longas ponderações de Narcisa, demandei o Centro de Mensageiros, no Ministério da Comunicação. Acompanhava-me o prestimoso Tobias, não obstante os imensos trabalhos que lhe ocupavam o círculo pessoal. Deslumbrado, atingi a série de majestosos edifícios de que se compõe a sede da instituição. Julguei encontrar algumas universidades reunidas, tal a enorme extensão deles. Pátios amplos, povoados de arvoredo e jardins, convidavam a sublimes meditações. Tobias arrancou-me do encantamento, exclamando: – O Centro é muito vasto. Atividades complexas são desempenhadas neste departamento de nossa colônia espiritual. Não creia esteja resumida a instituição nos edifícios sob nossos olhos. Temos, nesta parte, tão somente a administração central e alguns pavilhões destinados ao ensino e à preparação em geral. – Mas esta organização imensa restringe-se ao movimento de transmissão de mensagens? – perguntei, curioso. O

companheiro sorriu significativamente e esclareceu: – Não suponha se encontre aqui localizado o serviço de correio, simplesmente. O Centro prepara entidades a fim de que se transformem em cartas vivas de socorro e auxílio aos que sofrem no Umbral, na Crosta e nas Trevas. Acreditaria, porventura, que tanto trabalho se destinasse apenas a mera movimentação de noticiário? Amplie suas vistas. Este serviço é a cópia de quantos se vêm fazendo nas mais diversas cidades espirituais dos planos superiores. Preparam-se aqui numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária. Não me refiro tão só a emissários invisíveis. Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente. Tarefeiros do conforto espiritual encaminham-se para os círculos carnis, em quantidade considerável, habilitados pelo nosso Centro de Mensageiros.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 3)

“Poucos minutos antes de meia-noite, Narcisa permitiu minha ida ao grande portão das Câmaras. Os Samaritanos deviam estar nas vizinhanças. Era imprescindível observar-lhes a volta, para tomar providências. [...] Ali estivemos, minutos longos, parados na contemplação dos campos silenciosos. Em dado momento, porém, a bondosa amiga indicou um ponto escuro no horizonte enlunado, e observou: – Lá vêm eles! Identifiquei a caravana que avançava em nossa direção, sob a claridade branda do céu. De repente, ouvi o ladrar de cães, a grande distância. – Que é isso? – interroguei, assombrado. – Os cães – disse Narcisa – são auxiliares preciosos nas regiões obscuras do Umbral, onde não estacionam somente os homens desencarnados, mas também verdadeiros monstros, que não cabe agora descrever. A enfermeira, em voz ativa, chamou os servos distantes, enviando um deles ao interior, transmitindo avisos. Fixei atentamente o grupo estranho que se aproximava devagarzinho. Seis grandes carros, formato diligência, precedidos de matilhas de cães alegres e bulhentos, eram tirados por animais que, mesmo de longe, me pareceram iguais aos mures terrestres. Mas a nota mais interessante era os grandes bandos de aves, de corpo volumoso, que voavam a curta distância, acima dos carros, produzindo ruídos singulares. Dirigi-me, incontinenti, a Narcisa, perguntando: – Onde o aeróbus? Não seria possível utilizá-lo no Umbral? Dizendo-me que não, indaguei das razões. Sempre atenciosa, a enfermeira explicou: – Questão de densidade da matéria. Pode você figurar um exemplo com a água e o ar. O avião que fende a atmosfera do planeta não pode fazer o mesmo na massa equórea. Poderíamos construir determinadas máquinas como o submarino; mas, por espírito de compaixão pelos que sofrem, os núcleos espirituais superiores preferem aplicar aparelhos de transição. Além disso, em muitos

casos, não se pode prescindir da colaboração dos animais. – Como assim? - perguntei, surpreso. – Os cães facilitam o trabalho, os muars suportam cargas pacientemente e fornecem calor nas zonas onde se faça necessário; e aquelas aves - acrescentou, indicando-as no espaço -, que denominamos íbis viajores, são excelentes auxiliares dos Samaritanos, por devorarem as formas mentais odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas. Vinha, agora, mais próxima a caravana. Narcisa fixou-me com bondosa atenção, rematando: – Mas, no momento, o dever não comporta minudências informativas. Poderá colher valiosas lições sobre os animais, não aqui, mas no Ministério do Esclarecimento, onde se localizam os parques de estudo e experimentação. E distribuindo ordens de serviço, aqui e acolá, preparava-se para receber novos doentes do espírito.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 33)

“**Os Recém-Chegados do Umbral.** Estacaram as matilhas de cães ao nosso lado, conduzidas por trabalhadores de pulso firme. Daí a minutos, estávamos todos enfrentando os enormes corredores de ingresso às Câmaras de Retificação. Servidores movimentavam-se apressados. Alguns doentes eram levados ao interior, sob amparo forte. Não somente Narcisa, Salústio e outros companheiros se lançavam à lide, cheios de amor fraternal, mas também os Samaritanos mobilizavam todas as energias no afã de socorrer. Alguns enfermos portavam-se com humildade e resignação; outros, todavia, reclamavam em altas vozes.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 34)

“**Convite ao Bem.** Antes de iniciar os trabalhos de nossa expedição socorrista, o Assistente Jerônimo conduziu-nos ao Templo da Paz, na zona consagrada ao serviço de auxílio, onde esclarecido instrutor comentaria as necessidades de cooperação junto às entidades infelizes, nos círculos mais baixos da vida espiritual que rodeiam a Crosta da Terra. [...] O instrutor ouviu, em silêncio, de olhos molhados, deixando transparecer íntimo júbilo, enquanto a maioria da assembleia disfarçava discretamente as lágrimas que os acentos harmoniosos do cântico nos arrancavam do coração. Em se perdendo no espaço as derradeiras notas da melodia sublime, Metelo, sem qualquer luzo de gesticulação, saudou-nos com expressiva simplicidade, desejando-nos a paz do Senhor, e prosseguiu: – Não mereço, amigos, o preito de carinho desta noite. Não tenho servido fielmente Àquele que nos ama desde o princípio e, por isso, vosso hino confunde-me. Mero soldado das lides evangélicas, trabalho ainda no campo da própria redenção. Fez ligeira pausa, fitou-nos, paternal, e continuou: – Mas... a minha personalidade não interessa. Venho falar-vos de nossos trabalhos singelos, nas regiões espirituais ligadas à Crosta da Terra. Ó meus irmãos! é necessário apelar para as nossas energias mais recônditas. As zonas purgatorias

multiplicam-se, assustadoramente, em derredor dos homens encarnados. A distância dos teatros de angústia, vinculados às realizações edificantes de nossa colônia espiritual, preservando valiosas reservas da vida infinita para essa mesma Humanidade que se debate no sofrimento e nas trevas, nem sempre formulamos uma ideia exata da ignorância e da dor que atormentam a mente humana, quanto aos problemas da morte. A felicidade faz que nasçam aqui as fontes inesgotáveis da esperança. Os que se preparam, ante os voos maiores da Eternidade, trazem os olhos voltados para a Esfera Superior, na contemplação do ilimitado porvir, e os que se esforçam por merecer a bênção da reencarnação na Crosta Terrestre fixam as suas aspirações mais fortes no soberano propósito de redenção, organizando-se perante o futuro, ousados nas solicitações de trabalho e arrojados no bom ânimo. Todos os pormenores da vida, nesta cidade, falam alto de nossos objetivos de equilíbrio e elevação. Não longe de nós, começam a brilhar os raios da alvorada radiante dos mundos melhores, convidando-nos à visão beatífica do Universo e à gloriosa união com o Divino. Mas... – o orador fez significativo intervalo, parecendo escutar vozes e chamamentos de paisagens distantes, e prosseguiu: – e os nossos irmãos que ainda ignoram a luz? subiríamos até Deus, num círculo fechado? Como operar o insulamento egoístico e partir, a caminho do Pai Amoroso e Leal que acende o Sol para os santos e os criminosos, para os justos e injustos? Metelo mostrou uma chama de zelo sagrado nos olhos percucientes e exclamou, depois de curta reflexão: – Nós, que procuramos a santidade e a justiça, alcançaríamos, acaso, semelhante orientação, se outras fossem as circunstâncias que nos regeram até aqui? Construtores de nossos próprios destinos, por delegação natural do Criador, onde permaneceríamos, agora, sem os favores da oportunidade e o obséquio da proteção de benfeitores desvelados? Indubitavelmente, os ensejos de elevação felicitam todas as criaturas; no entanto, é imprescindível ponderar que a bênção da fonte pode converter-se em venenosa água estagnada, se a trancamos num poço incomunicável. E as dádivas recebidas por nós são inúmeras e os dons que nos foram distribuídos, imensos... Seria completo o nosso regozijo, havendo lágrimas atrás de nossos passos? Como entoar hinos de hosana à felicidade sobre o coro dos soluços? Nobilíssimo, todo impulso de atingir o cume; entretanto, que veremos após a ascensão? Entre os júbilos de alguns, identificaríamos a ruína e a miséria de multidões incalculáveis!... Nesse momento, envolvido nas vibrações de profundo interesse dos ouvintes, imprimiu novo acento ao verbo luminoso e tornou com indefinível melancolia: – Também eu tive noutro tempo a obcecção de buscar apressado a montanha. A Luz de cima fascinava-me e rompi todos os laços que me retinham

em baixo, encetando dificilmente a jornada. A princípio, feri-me nos espinhos pontiagudos da senda, experimentei atrozes desenganos... Consegui, porém, vencer os óbices imediatos e ganhei, jubiloso, pequenina eminência. Em me voltando, todavia, espantou-me a visão terrífica do vale: o sofrimento e a ignorância dominavam em plena treva. Desencarnados e encarnados lutavam uns contra os outros, em combates gigantescos, disputando gratificações dos sentidos animalizados. O ódio criava moléstias repugnantes, o egoísmo abafava impulsos nobres, a vaidade operava horrenda cegueira... Cheguei a sentir-me feliz, diante da posição que me distanciava de tamanhas angústias. Contudo, quando mais me vangloriava, dentro de mim mesmo, embalado na expectativa de atravessar mais altos cumes, eis que, certa noite, notei que o vale se represava de fulgente luz. Que sol misericordioso visitava o antro sombrio da dor? Seres angélicos desciam, céleres, de radiosos pináculos, acorrendo às zonas mais baixas, obedecendo ao poder de atração da claridade bendita. Que acontecera? – perguntei ousadamente, interpelando um dos áulicos celestiais. – “O Senhor Jesus visita hoje os que erram nas trevas do mundo, libertando consciências escravizadas. Nem mais uma palavra. O mensageiro do Plano Divino não podia conceder-me mais tempo. Urgia descer para colaborar com o Mestre do Amor, diminuindo os desastres das quedas morais, amenizando padecimentos, pensando feridas, secando lágrimas, atenuando o mal e, sobretudo, abrindo horizontes novos à Ciência e à Religião, de modo a desfazer a multimilenária noite da ignorância. Novamente sozinho, na peregrinação para o Alto, reconsiderarei a atitude que me fizera impaciente. Em verdade, para onde marchava meu Espírito, despreocupado da imensa família humana, junto da qual haurira minhas mais ricas aquisições para a vida imortal? Porque enojar-me, ante o vale, se o próprio Jesus, que me centralizava as aspirações, trabalhava, solícito, para que a Luz de Cima penetrasse as entranhas da Terra? Não praticava eu o crime execrável da usura, olvidando aqueles entre os quais adquirira o roteiro destinado à minha própria ascensão? Como subir sozinho, organizando um céu exclusivo para minh'alma, lastimavelmente abstraído dos valores da cooperação que o mundo me prodigalizava com generosidade e abundância? Mostrava-se o instrutor intensamente comovido. – Detive-me, então – continuou – e voltei. Efetivamente, o caminho vertical e purificador da superioridade é a sublime destinação de todos. O cume, bafejado de resplendor solar, é sempre um desafio benéfico aos que vagueiam sem rumo, na planície. O alto polariza, naturalmente, as supremas esperanças dos que ainda permanecem em baixo... Todavia, à medida que penetramos o domínio da altura, imprimem-se-nos na mente e no coração as leis sublimes de

fraternidade e misericórdia. Os grandes orientadores da Humanidade não mediram a própria grandeza senão pela capacidade de regressar aos círculos da ignorância para exemplificarem o amor e a sabedoria, a renúncia e o perdão aos semelhantes. É por esse motivo que necessitamos temperar todo impulso de elevação com o sal do entendimento, evitando a precipitação nos despenhadeiros do egoísmo e da vaidade fatais. Metelo silenciou por instantes e, diante da comoção com que lhe acompanhávamos a palestra, retomou o verbo com outra inflexão de voz: – Outrora, quando nos envolvíamos ainda nos fluidos da carne terrestre, supúnhamos com desacerto que a vaidade e o egoísmo somente poderiam vitimar os homens encarnados. A Teologia, não obstante o ministério respeitável que lhe está afeto, enclausurava-nos a mente em fantasiosas concepções do reino da verdade. Esperávamos um paraíso fácil de ser conquistado pela deficiência humana e temíamos um inferno difícil de regenerar-nos. Nossas ideias alusivas à morte confinavam-se a essas ridículas limitações. Hoje, porém, sabemos que, depois do túmulo, há simplesmente continuação da vida. Céu e inferno residem dentro de nós mesmos. A virtude e o defeito, a manifestação sublime e o impulso animal, o equilíbrio e a desarmonia, o esforço de elevação e a probabilidade da queda perseveram aqui, após o trânsito do sepulcro, compelin-do-nos à serenidade e à prudência. Não nos encontramos senão em outro campo de matéria variada, noutros domínios vibratórios do próprio planeta em cuja Crosta tivemos experiências quase inumeráveis. Como não equilibrar, portanto, o coração no exercício efetivo da solidariedade? Logicamente não exortamos ninguém a novos mergulhos no lodo antigo, não desejamos que os companheiros previdentes regressem à posição de filhos pródigos, distanciados voluntariamente do Eterno Pai, nem pretendemos interromper a marcha laboriosa dos servidores de boa vontade, a caminho dos Cimos da Vida. Apelamos, tão só, no sentido de cooperardes nos trabalhos de socorro às esferas escuras. Sois livres e dispodes de tempo, no desempenho dos deveres nobilitantes a que fostes chamados em nossa colônia espiritual. Nada mais razoável que o proveito da oportunidade no planejamento da ascese. Entretanto, na qualidade de velho cooperador das tarefas de auxílio, ousamos rogar vosso interesse generalizado pelos que erram “no vale da sombra e da morte”, aguardando a esmola possível de vosso tempo, em favor dos nossos semelhantes, defrontados agora por situações menos felizes, não em virtude dos desígnios divinos, mas em razão da imprevidência deles mesmos. Contudo, qual de nós não foi invigilante algum dia?” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 1)

“Ao soar das dezenove horas, orientados pela administradora da casa, preparamo-nos para pequena jornada ao abismo. Convocou Zenóbia vinte cooperadores para as tarefas de colaboração eventual e imediata, três mulheres e dezessete homens, que, à primeira vista, não pareciam pessoas de cultura e sensibilidade extremamente apuradas, mas que mostravam, no olhar sereno e firme, boa vontade, dedicação leal e caráter resoluto no espírito de serviço. Mais tarde, vim a saber que o instituto asila constantemente variados grupos de entidades, repletas de característicos humanos primitivistas, mas portadoras de virtudes e valores apreciáveis, que colaboram na execução das tarefas gerais e se educam ao mesmo tempo, preparando-se para reencarnações e experiências de mais elevada expressão. Dirigindo-se ao subalterno que recebera atribuições de subchefia, indagou Zenóbia, serena: – Ananias, temos o material de serviço devidamente arregimentado? Não devemos esquecer, principalmente, as faixas de socorro, as redes de defesa e os lança-choques. – Tudo pronto – respondeu, satisfeito, o colaborador. Voltou-se, em seguida, para o nosso orientador e disse, bem-humorada: – Irmão Jerônimo, convirá, desse modo, iniciar a marcha. E detendo-se, ao nosso lado, acrescentou: – De antemão, rogo desculpas a todos se lhes tomar tempo para atendermos ao desventurado irmão a que me referi, satisfazendo a interesse que me é particular. A clarividência de Luciana e a oração de todos os amigos, porém, constituirão fatores decisivos em benefício da renovação dele, a fim de que aceite as providências redentoras do futuro. É serviço que prestarão a mim própria, pelo qual serei devedora reconhecida. Ligeiro véu de melancolia inexplicável toldou-lhe repentinamente o olhar, mas, cobrando ânimo novo, considerou: – Além disso, o padre Hipólito endereçará apelos cristãos aos infelizes que choram na zona abismal. O fogo purificador passará amanhã e poderemos ministrar-lhes aviso edificante. O ex-sacerdote comentou, confortado: – A cooperação será para nós um prazer. [...] Ultimando providências, acenou para nós, convidando-nos a acompanhá-la. Ao transpormos o limiar, explicou-nos, cuidadosa: – Convém manter apagado, no trajeto, todo o material luminoso. E fitando-nos, resoluto, informou: – Quanto a nós, sigamos silenciosos, a pé. Não será razoável utilizar a volitação em distância tão curta. Mais justo assemelharmo-nos aos pobres que habitam estes sítios, perante os quais, enquanto perdure a pequena caminhada, deveremos guardar a maior quietude. Qualquer desatenção prejudicar-nos-á o objetivo. Decorridos alguns instantes, atravessávamos as barreiras magnéticas de defesa e púnhamo-nos a caminho. Noutras circunstâncias e noutro tempo, não conseguiria eu dominar o pavor que nos infundia a paisagem escura e misteriosa à nossa frente.

Vagavam no espaço estranhos sons. Ouvia perfeitamente gritos de seres selvagens e, em meio deles, dolorosos gemidos humanos, emitidos, talvez, a imensa distância... Aves de monstruosa configuração, mais negras do que a noite, de longe em longe se afastavam de nosso caminho, assustadiças. E embora a sombra espessa, observava alguma coisa da infinita desolação ambiente. Após alguns minutos de marcha, surgiu-nos a Lua, como bola sangrenta, através do nevoeiro, espalhando escassos raios de luz. Poderíamos identificar, agora, certas particularidades do terreno áspero. A irmã Zenóbia colocara, diante de nós, adestrado auxiliar especialista na travessia daquelas sendas estreitas e, conforme recomendação inicial, guardávamos rigoroso silêncio, em fila móvel, ganhando a estrada hostil. Atingimos zona pantanosa, em que sobressaía rasteira vegetação. Ervas mirradas e arbustos tristes assomavam indistintamente do solo. Fundamente espantado, porém, ao ladear imenso charco, ouvi soluços próximos. Guardava a nítida impressão de que as vozes procediam de pessoas atoladas em repelentes substâncias, tais as emanções desagradáveis que pairavam no ar. Oh! que forças nos defrontavam, ali! A treva difusa não deixava perceber minudências; todavia, convencera-me da existência de vítimas vizinhas de nós, esperando-nos amparo providencial. Estaríamos ante o abismo a que se referia a administradora da Casa Transitória? Optei pela negativa, porque a expedição não se deteve em tão angustioso lugar. [...] Mais alguns minutos e havíamos varado a região dos charcos. Penetrando terreno de configuração diferente, aliviou-se-me, de algum modo, o coração condoído. Entretanto, agora, vultos negros de entidades humanas esgueiravam-se junto de nós. Aproximavam-se com a visível disposição de atacar, recuando, porém, inesperadamente. Supus, por minha vez, que o movimento de recuo ocorria logo que eles observavam a extensão do nosso grupo de vinte e cinco pessoas. Temiam-nos a expressão numérica e fugiam, pressurosos. Prosseguindo a marcha, penetramos escarpada região e, atendendo ao sinal da irmã Zenóbia, os vinte auxiliares que nos seguiam postaram-se em determinado ponto, com a recomendação de nos aguardarem a volta. A diretora da Casa Transitória, então, conduziu-nos os quatro, caminho a dentro, acentuando que encetaríamos isoladamente a primeira parte do programa de serviço. Em semelhante paragem, a atmosfera rarefazia-se de maneira sensível. A Lua pareceu menos rubra, a relva mais doce, o ar mais tranquilo. [...] Estabelecida a ressalva, que percebi especialmente formulada de modo indireto para mim, Zenóbia continuou, bastante emocionada: – Compete-me, agora, alguns esclarecimentos. Neste instante, deve esperar-nos, na orla do abismo, o irmão a que aludi, devotado amigo para mim, noutro tempo, e

pelo qual devo trabalhar, na atualidade, através de todos os recursos legítimos, ao meu alcance. Infelizmente, o pobrezinho mantém-se em padrão vibratório dos mais inferiores. Creio precisas estas explicações preliminares, facilitando-lhes a obsequiosa colaboração desta noite. Muitas vezes, a surpresa dolorosa compelle-nos à solução de continuidade no serviço a fazer. Daí minha preocupação justa em prestar-lhes os informes devidos. Trata-se do padre Domênico, entidade a quem muito devo. Foi ele clérigo menos feliz, incapaz de manter-se fiel ao Senhor até ao fim de seus dias. [...] – Desde alguns dias, ouve-nos Domênico a voz, tal como o cego que não consegue ver. Não posso identificar-me perante ele, a fim de não lhe prejudicar o trabalho de redenção, mas espero que, nesta noite, muito possamos fazer em seu favor, com os valores da prece, aguardando, ainda, que os informes, detalhados e instrutivos, a serem prestados pela clarividência de Luciana, lhe possam elevar o tônus vibratório e, ocorrendo isso, como espero em Nosso Senhor, chamarei mentalmente a nossa irmã Ernestina, que lhe foi mãe dedicada e compassiva, com o fim de o recolher e conduzir à Crosta para as providências cabíveis. Estou convencida de que, podendo ver a genitora, Domênico se transformará em breves dias, preparando-se para a reencarnação próxima, com o valor desejado. Indicando determinado ponto da paisagem, informou: – Em vista do serviço a realizar, recomendei que dois auxiliares o trouxessem a local adequado, onde possamos orar livremente e auxiliá-lo com as nossas palavras, sem interferências estranhas. Em seguida, rogou, comovidamente: – E agora que iniciaremos o trabalho de tanta significação para minh'alma, insisto para que me perdoem o caráter pessoal da tarefa. É que a oportunidade de nos reunirmos, cinco irmãos tão bem sintonizados, não é bastante comum e, em vista da providência assinalada para amanhã, sinto que não devo adiá-la, porquanto a desintegração de resíduos inferiores pelo fogo etérico se faz acompanhar de muita renovação nestes sítios. Poderíamos, desse modo, Ernestina, Domênico e eu perder sagração ensejo, de repetição problemática. Calou-se, de súbito, a orientadora, conservando-se na atitude de quem medita, em silêncio, de coração voltado para o Todo-Poderoso. Decorridos alguns momentos, prosseguiu, acentuando: – Estejam certos de que serão meus credores para sempre. Tendo-se em conta a elevada posição da diretora da Casa Planetária, comovia-nos semelhante demonstração de humildade. Constrangidos quase, diante de seu exemplo cristão, seguimo-la a pequena eminência do solo, vagamente iluminada, onde dois companheiros velavam diante de alguém estendido em decúbito dorsal. A mentora benevolente dispensou ambos os auxiliares, recomendando-lhes integrar a comissão de serviço, que se postara

distante. Em seguida, Zenóbia aproximou-se, matematicamente, e, deixando-nos surpresos, sentou-se na erva rasteira, colocando a cabeça do infeliz no regaço carinhoso. Aquele homem, trajando burel esfarrapado e negro, exibia horripilante fâcias. Não obstante a sombra, viam-se-lhe os traços fisionômicos, que inspiravam compaixão. Cabelos em desalinho, olhos fundos na caverna das órbitas, boca e nariz tumefactos em horrível máscara de ódio e indiferença, dava ele a impressão de celerado comum, que só a enfermidade conseguira imobilizar para a prestação de contas com a justiça. Não acusou emoção alguma ao contato daquele colo amoroso e nem se apercebeu de nossa presença amiga. De olhar parado no espaço, num misto de desespero e zombaria, semelhava-se a uma estátua de insensibilidade, vestida de farrapos hediondos. – Domênico! Domênico! – clamou a irmã Zenóbia, com ternura fraternal.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 6)

“**Treva e sofrimento.** Completa a comissão de serviço de que Zenóbia se fazia acompanhar, pusemo-nos em marcha, abeirando-nos do vale de treva e sofrimento. A sombra tornava-se, de novo, muito densa e não se conseguia divisar o recôncavo. Frases comovedoras, porém, subiam até nós. Dolorosos ais, blasfêmias, imprecações. Guardava a ideia de que vastíssimo agrupamento de infelizes se rebolcava no solo, em baixo. Os impropérios infundiam receio; contudo, os gemidos ecoavam-me angustiosamente n'alma. Certo, os demais companheiros experimentavam análogas emoções, porque a irmã Zenóbia tomou a palavra, esclarecendo: – Os padecimentos que sentimos não se verificam à revelia da Proteção Divina. Incansáveis trabalhadores da verdade e do bem visitam seguidamente estes sítios, convocando os prisioneiros da rebeldia à necessária renovação espiritual; no entanto, retraem-se eles, revoltados e endurecidos no mal. Lamentam-se, suplicam e provocam compaixão. Raramente alguns deles nos ouvem o apelo. Às vezes, intentamos impor-lhes o bem. Entretanto, quando retirados compulsoriamente do vale tenebroso, acusam-nos de violentadores e ingratos, fugindo ao nosso contato e influência. Embora o triste conteúdo da notificação, Zenóbia no-la fornecia, inflamada no espírito de serviço, a julgar pelo bom ânimo que transparecia de seus gestos e palavras. – A negação deles – continuou a orientadora – não é motivo para qualquer negação de nossa parte. Lembremo-nos de que o esforço da Natureza converte o carvão em diamante... Trabalhemos em benefício de todos os necessitados, procurando, para o nosso espírito, o divino dom de refletir os Supremos Desígnios. Façam-se as obras da vida, não como queremos, mas como o Senhor determine. Grande é a beneficência do Pai para conosco. Repartamo-la

em serviço de fraternidade e esclarecimento, na harmonia comum. Em seguida, dez cooperadores, obedecendo-lhe as ordens, acenderam focos de intensa luz. Contemplamos, então, sensibilizados e surpresos, monstruoso quadro vivo. Vasta legião de sofrendores cobria o fundo, um pouco abaixo de nossos pés. A rampa que nos separava não era íngreme, mas compacto e enorme o lamaçal. Em face da claridade brusca, muitas vozes suplicaram socorro, em frases angustiosas que nos cortavam a alma. Outras, porém, faziam-se ouvir, diferentes: vociferavam blasfêmias, ironias, condenações. Recomendou Zenóbia, por necessário ao êxito de nossos trabalhos, nos congregássemos todos em grupo exclusivo, de modo a infundir respeito e temor nas perigosas entidades que ali se misturavam aos infelizes, acrescentando: – Os adeptos da revolta e do desespero encontram-se igualmente aqui, compelindo-nos a severa atividade defensiva. São pobres desequilibrados que tentam induzir todas as situações à desarmonia em que vivem. Em seguida, solicitou ao padre Hipólito dirigisse apelo geral, em nome do Senhor, às vítimas do infortúnio, para que considerassem a necessidade da transformação íntima. O ex-sacerdote abriu pequeno manual evangélico que carregava consigo e leu, na relação do Apóstolo Lucas, a parábola do homem rico que se vestia de púrpura, em regalada existência, enquanto o mendigo chaguento lhe batia, debalde, à porta da sensibilidade. Pronunciou, alta e pausadamente, todos os versículos, desde o número dezenove ao trinta e um, no capítulo dezesseis. Logo após, enchendo o expressivo silêncio, destacou a sentença “Lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida”, constante do versículo vinte e cinco, e dispunha-se ao comentário, quando certos gritos blasfematórios chegaram até nós, ameaçadores e sarcásticos: – Fora! Fora! Abaixo as mentiras do altar! – Ataquemos de vez o padre! – Estamos bem, somos felizes! Não pedimos auxílio algum, não precisamos de arengas! – Temos aqui o nosso céu! Vão para os infernos!... Os adversários gratuitos de nossa atuação não se limitaram ao vozeiro perturbador. Bolas de substância negra começaram a cair, ao nosso lado, partindo de vários pontos do abismo de dor. – As redes! – exclamou Zenóbia, dirigindo-se a alguns colaboradores – estendam as redes de defesa, isolando-nos o agrupamento. As determinações foram cumpridas rapidamente. Redes luminosas desdobraram-se à nossa frente, material esse especializado para o momento, em vista da sua elevada potência magnética, porque as bolas e setas, que nos eram atiradas, detinham-se aí, paralisadas por misteriosa força. A diretora da Casa Transitória, afeita a ocorrências iguais àquela, fornecia-nos belo exemplo de firmeza e serenidade. Após organizar a defensiva, fez sinal ao pregador para que falasse; e o

padre Hipólito, sobrepondo-se aos ruídos e insultos, iniciou o comentário com empolgante acento: [...]” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“Ainda não voltara a mim mesmo da salutar divagação, quando outro lençol de alva substância, coroada de tons dourados, se fez visível no alto. Em breves instantes, revestida de luz, outra mensageira surgia na tribuna. Dos olhos irradiava doce magnetismo santificante. Trajava um peplo estruturado em fina gaze azul-radiosa e desceu, ereta e digna, fitando-nos suavemente, à procura de alguém, com interesse particular. O instrutor ergueu-se, reverente, e caminhou na direção dela, qual discípulo submisso. A recém-chegada pronunciou frases de paz, sem afetação, e endereçou-lhe a palavra, em tom de infinita ternura: – Irmão Gúbio, agradeço-te o concurso dadivoso. Creio haver chegado, efetivamente, o instante de aceitar-te a ajuda fraterna, em favor da libertação de meu infortunado Gregório. Espero, há séculos, pela renovação e penitência dele. Impressionado pelos imensos recursos do poder, no passado distante, cometeu hediondos crimes da inteligência. Internado em perigosa organização de transviados morais, especializou-se, depois da morte, em oprimir ignorantes e infelizes. Pelo endurecimento do coração, conquistou a confiança de gênios cruéis, desempenhando presentemente a detestável função de grande sacerdote em mistérios escuros. Chefia condenável falange de centenas de outros espíritos desditosos, cristalizados no mal e que lhe obedecem com deplorável cegueira e quase absoluta fidelidade. Agravou o passivo de suas dívidas clamorosas, trazidas da insânia terrestre, e vem sendo instrumento infeliz nas mãos de inimigos do bem, poderosos e ingratos... Há cinquenta anos, porém, já consigo aproximar-me dele, mentalmente. Recalcitrante e duro, a princípio, Gregório agora experimenta algum tédio, o que constituiu uma bênção nos corações infiéis ao Senhor. Já lhe surpreendo no espírito rudimentos de necessária transformação. Ainda não chora sob o guante do arrependimento benéfico e parece-me longe do remorso salvador; entretanto, já duvida da vitória do mal e abriga interrogações na mente envilecida. Não é tão severo no comando dos espíritos desventurados que lhe seguem as determinações e o colapso de sua resistência não me parece remoto. Nesse instante, notei que a venerável matrona derramava lágrimas discretas, que lhe deslizavam na face como sementes de luz. Parou por alguns momentos, controlada pelas reminiscências dolorosas, e continuou: – Irmão Gúbio, perdoa-me o pranto que não significa mágoa ou esmorecimento... Na pauta do julgamento humano comum, meu filho espiritual será talvez um monstro... Para mim, contudo, é a joia primorosa do coração ansioso e enternecido. Penso nele qual se houvera perdido a pérola mais linda num mar de lama e tremo de alegria ao

considerar que vou reencontrá-lo. Não é paixão doentia que vibra em minhas palavras. É o amor que o Senhor acendeu em nós, desde o princípio. Estamos presos, diante de Deus, pelo magnetismo divino, tanto quanto as estrelas que se imantam umas às outras, no império universal. Não encontrarei o Céu, sem que os sentimentos de Gregório se voltem igualmente para a Eterna Sabedoria. Alimentamo-nos na Criação com os raios de vida imperecível que emitimos uns para com os outros. Como surpreender a perfeita ventura se recebo do filho amado tão somente raios de forças em desvario? O nosso orientador contemplou-a, de olhos úmidos, e rogou: – Nobre Matilde! estamos prontos. Dita ordens! Por mais que fizéssemos por tua alegria, nosso esforço seria pobre e pequenino, diante dos sacrifícios em que te empenhas por nós todos. Num sorriso triste, prosseguiu a respeitável senhora: – Descerei, dentro em breves anos, para o torvelinho de lutas carnavais, a fim de esperar Gregório em existência de resgate difícil e doloroso. Educá-lo-ei sob os princípios superiores que regem a vida. Crescerá sob minha inspiração imediata e receberá a prova perigosa e aflitiva da riqueza material. É de nosso plano que ele acolha, no curso do tempo, em labor gradativo, a extensa legião de servidores viciados que hoje o seguem e a ele obedecem, a fim de encaminhá-los, tanto os possivelmente encarnados quanto os desencarnados, através do carreiro de santificação pela disciplina benéfica em construtivo suor. Padecerá calúnias e vilipêndios. Será muita vez humilhado à face dos homens. Triunfará nos bens efêmeros e nas honrarias mentirosas. Receberá, no desdobramento da tarefa salvadora, tentações de toda espécie que lhe serão desfechadas pela colônia de ignorância, perversidade e delinquência a que atualmente se filia e conhecerá, depois de experiências inquietantes, a deserção dos falsos amigos, o abandono, a miséria, a enfermidade, a velhice e a solidão. Apegar-se-á profundamente ao meu carinho, na infância, na mocidade e na madureza; entretanto, na colheita de provações mais duras, tê-lo-ei precedido na viagem do túmulo... Nessa época, porém, que pressinto de tão longe, meu coração materno, embora na esfera espiritual, encorajá-lo-á, passo a passo, na direção do esperado triunfo... Nas amarguras e delusões que o ajudarão a reestruturar e aperfeiçoar os poderes da mente, minha voz de amor eterno será por ele registrada com mais precisão... Até lá, porém, Gúbio, compete-me trabalhar muito e sem desânimo, com incessante aproveitamento das horas. Moverei as cordas da intercessão sublime, mobilizarei meus amigos, rogarei a Jesus fortaleza e serenidade. Iniciaremos a liberação com o teu abnegado concurso na zona abismal. A veneranda mensageira fez ligeiro intervalo e, concentrando o olhar sobre o nosso instrutor, aduziu com nova inflexão de voz: – Atenderás Margarida

que te foi filha amantíssima e que a Gregório ainda se encontra imantada por teias escuras do passado e co-laborarás com o meu devotamento materno para que na alma dele se converta a sublevação em humildade e a frieza em calor. Encontrando-o, veste a capa do servo prestimoso e fala-lhe em meu nome. Sob o gelo que lhe cristaliza os sentimentos, descansa, inapagada, a chama do amor que nos une para sempre. Disponho, agora, da permissão de fazer-me sentir e acredito que, à face de tua amorosa tarefa, mover-se-lhe-á o espírito endurecido. Sei quanto te custa a incursão nos domínios da dor, porque só aquele que sabe amar e suportar consegue triunfo nas consciências que se degradaram no mal; entretanto, meu amigo, os dons divinos descem sobre nós, dentro de justas condições. O Senhor nos enriquece para que enriqueçamos a outrem, dá-nos alguma coisa para ensaiarmos a distribuição de benefícios que Lhe pertencem, ajuda-nos a fim de que auxiliemos, por nossa vez, os mais necessitados. Mais recolhe quem mais semeia... [...] Mostrando intenso júbilo e grande esperança na expressão fisionômica, a senhora agradeceu com palavras generosas e concluiu: – Ao terminares a fase essencial de tua missão, nos dias próximos, sobre o que serei notificada por nossos mensageiros, irei ao teu encontro nos “campos de saída” (A expressão “campos de saída” define lugares-limites, entre as esferas inferiores e superiores). Então, quem sabe? é provável se verifique o encontro pessoal que almejo há muito tempo, porquanto Gregório virá possivelmente em tua companhia, até a um ponto em que de alguma sorte a manifestação da luz será possibilitada ante as trevas. A emissária acentuou a expressão brilhante do rosto, exteriorizando a doce expectativa que lhe povoava a alma, e considerou: – A hora é chegada... O Senhor estará conosco. Há tempo de plantar e tempo de colher. Gregório e eu semearmos de novo. Seremos mãe e filho, outra vez!” (AL, *Libertação*, Capítulo 3)

“**Tarefas novas.** Fundamente sensibilizados com as apreciações ouvidas no templo, Evelina e Ernesto solicitaram admissão à caravana socorrista que o Ir-mão Cláudio presidia, em visita semanal à região dos companheiros perturbados e sofredores. Aquele mesmo amigo do Instituto de Ciências do Espírito atendeu-lhes o pedido com simpatia e benevolência e, mais alguns dias passados, vamos encontrar os dois amigos integrando operoso conjunto de serviço, que passava, então, ao número de oito pessoas, cinco homens e três mulheres, entre as quais se achava a irmã Celusa Tamburini. Na peregrinação de fraternidade, a equipe descia na direção de vale extensíssimo, destinando-se especialmente naquele dia ao culto do Evangelho no lar de Ambrósio e Priscila, casal que desempenhava o encargo de guardiães, dentre os muitos sediados na fronteira que assinala os pontos iniciais da

zona conflagrada pelas projeções mentais dos irmãos em desequilíbrio.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

“A casa singela de Ambrósio já se debuxava a distância, quando Fantini, como quem não desejava perder o fio dos raciocínios em andamento, inquiriu ainda: – Irmão Cláudio, são geralmente muitos os que são resgatados pela dedicação afetiva daqueles que os tutelam nestes lugares? – Sem dúvida. Todos os dias, chegam às nossas casas de reajuste pequenos ou grandes magotes dos que aspiram a renovar-se. – E permanecem na cidade, indefinidamente? – Isso não. Com poucas variantes, demoram-se conosco apenas o tempo preciso ao exame da nova reencarnação, em que regressam aos disfarces da carne, sem os quais, segundo acreditam, não conseguem seguir à frente, nas veredas da regeneração. Entre o cansaço da erraticidade nas sombras da mente e o terror da luz espiritual que confessam não suportar sem longa preparação, suplicam o socorro da Providência Divina e a Divina Providência lhes permite a nova internação na armadura física, na qual se reocultam, lutando pela própria corrigenda e pelo burilamento próprio, encobertos transitoriamente no engenho carnal, que, pouco a pouco, se desgasta, pondo de novo, à mostra, o bem ou o mal que fizeram a si mesmos, no período da encarnação. Obtido o empréstimo do novo corpo, via de regra junto daqueles que se lhes fizeram cúmplices nos desvarios do pretérito ou que se lhes afinam com o tipo de débitos e resgates consequentes, esses candidatos à recapitulação expiatória do passado imploram medidas contra eles mesmos, seja na escolha de ambiente doméstico em desacordo com os seus ideais ou na formação do futuro corpo de que farão uso, corpo esse que, muitas vezes, desejam seja bloqueado em determinadas funções, prevenindo-se prudentemente contra as tendências inferiores que, em outro tempo, lhes facilitaram a queda.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

“A palestra admirável, que valera por aula inesquecível no ânimo dos ouvintes, foi repentinamente interrompida pelo abraço de Ambrósio e Priscila que aguardavam os peregrinos fora das portas. Saudações, bênçãos, votos, alegrias. O serviço religioso no lar se revestiu das características do Evangelho em casa, nos domicílios cristãos da Terra. Havia, porém, ali, naquela tenda simples, valioso trabalho de extensão do apoio espiritual aos amigos sofredores da vizinhança. Vinte e duas entidades, das quais vinte mulheres e dois homens, tinham vindo do grande nevoeiro próximo, a fim de ouvirem a palavra do Irmão Cláudio, entre mostrando anseios de tranquilidade e transformação. Desdobraram-se as tarefas nos moldes das reuniões evangélicas do mundo, suplementadas pela conhecida orientação espírita cristã, portadora da interpretação respeitosa, mas livre, dos ensinamentos do Senhor. Na

fase terminal, passes de reconforto e mensagens de esclarecimento, advertência e ternura. Ocasões de serviços repontaram do quadro para Ernesto e Evelina, que, por designação do orientador, suavizaram os padecimentos de duas das irmãs visitantes, a se cobrirem de lágrimas, depois dos comentários ouvidos. Toda a equipe se dedicava a conversação edificante, às despedidas, acompanhando os frequentadores humildes da sementeira evangélica, fora da casa, quando, emergindo da névoa, compacto grupo de Espíritos zombeteiros e dementados apareceu. Explodiram impropérios, entremeados de vaías e ditos chulos. Prevenindo, especialmente aos dois recrutas, Cláudio avisou: – Não se aflijam. A ocorrência é normal... – Patifes! Sumam, sumam daqui! – rugiu um dos atacantes de vozeirão descomunal – não queremos sermões, nem encomendamos conselhos. Amainando a saraivada de insultos, Cláudio tomou a palavra e falou alto, sem alterar-se: – Irmãos!... Para aqueles de vós que desejais vida nova com Jesus, somos companheiros mais íntimos desde agora!... Vinde à verdadeira libertação! Unamo-nos em Cristo!... – Hipócritas!... – reagiu a mesma voz troante, seguida pelas gargalhadas irônicas de muitos – nada temos com Jesus!... Mascarados! Vocês todos são iguais a nós, vestidos na capa de santarrões!... Nós é que podemos chamar vocês para a liberdade!... Larguem as asas de barro!... Anjos cotós! Cães enfeitados!... Vocês são tão humanos quanto nós mesmos!... Se forem corajosos, deixem de serem burros velhos no freio da disciplina e venham ser livres como somos!... Dito isso, a malta avançou sobre o grupo fraterno, mas Cláudio, evidentemente em oração, ergueu a destra e um fio de luz cortou o pequeno espaço que isolava os agressores. A chusma de infelizes estacou, aterrada. Alguns deles caíram no solo, como que traumatizados por força incoercível, outros resistiram vomitando injúrias, ao passo que outros ainda fugiam em disparada... Todavia, dentre aqueles que se mantinham de pé, um deles, muito jovem, bradou com acento inesquecível: – Evelina!... Evelina!... É você aqui? Oh! Estou vivo, estamos vivos!... Quero Jesus! Jesus! Socorro! Socorro!... Quero Jesus!... Cláudio aquiesceu, compadecido: – Vinde!... Vinde!... O moço arrancou-se da quadrilha, seguiu na direção que Cláudio lhe indicava e, em poucos momentos, a senhora Serpa, trêmula e consternada, tinha diante de si, Túlio Mancini, aquele mesmo rapaz a quem amara noutro tempo e que, segundo estava convencida, havia descambado nas trevas do suicídio por sua causa.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 13)

“Nada obstante, o vigilante amor de Nosso Pai compadecido procede periodicamente a expurgos lenificadores, emigrações em grupo, encaminhando legiões desses desditosos, coletivamente, à experiência reencarnacionista, com vistas à melhoria deles e à diminuição da psicosfera que os envenena e degenera,

perturbando, de certo modo, a economia moral da Terra... Frequentemente, em nome desse amor, caravanas de abnegados enfermeiros espirituais e missionários da caridade condensam suas energias sutis e vão até esses dédalos de alucinação e crime, usando a misericórdia e a solidariedade com que sensibilizam os mais feridos e agoniados, ajudando-os a se renovarem interiormente, propiciando-lhes a modificação vibratória com que se deslocam mentalmente dos martírios que os supliciam e, sob a cariciosa vitalização da prece como da afetividade em redespertamento, permitem-se recolhê-los e encaminhá-los a ninhos de repouso e campos de refazimento, onde se armam de forças para os cometimentos futuros... Abençoados por verdadeiros indultos divinos que lhes facultam o pagamento das pesadas dívidas em clima menos denso de angústia, nos círculos do sofrimento corporal e moral, são recambiados, logo que possível, à carne, esse benedito escafandro para a atmosfera terrestre, nossa escola de redenção. Ante o claro lucilar das estrelas em cada noite, sob o pálido da prece luarizante, tais Mensageiros da bondade e da renúncia descem às furnas ou deambulam nos rumos dos hospitais purgatórios coletivos, a recolherem os arrependidos e os sensibilizados que foram atingidos pela magnanimidade do Cordeiro Celeste e de sua Augusta Mãe, a Excelsa Mãe de toda a Humanidade, sublime intercessora de todos nós. Guardando, porém, com a retaguarda donde procedem, os vínculos de dor e aspirando as forças psíquicas com que se sustentaram longamente, trazem para os círculos carnavais os sinais dos erros, os estigmas de que necessitam liberar-se, bem como as fixações da demência em que se escondem dos sicários ou as matrizes para oportunas realizações, em consórcio obsessivo com que se erguerão da desgraça e poderão alçar à felicidade os antigos asseclas, que lhes foram vítimas, ora travestidos em algozes impenitentes... Na tecelagem dos destinos humanos, os fios que atam as malhas das redes dos compromissos procedem sempre das vidas transatas. Nenhum acaso existe regendo ocorrências, nenhuma força fortuita aparece acolhendo a esmo. Os atos geram efeitos que rumam na direção de opções ao alcance das circunstâncias para a eclosão das Leis Divinas, dentro do equilíbrio cármico, através das “causas e efeitos.” (MPM, *Tramas do destino*, In Limine)

“Momentos depois, o Amigo convidou-nos à tarefa nova, que nos aguardava. - Trata-se - elucidou, prestimoso - de atendimento a grande número de sofrendores, fixados em região de punições a que se submetem, em área próxima daqui. Nosso grupo era expressivo, dessa vez, constituído de companheiros que conduziam redes especiais, padiolas e maletas com produtos farmacêuticos e instrumental para emergências médicas. Estivéramos antes naquelas cercanias, quando fôramos

socorrer Ermance. Agora, adentrávamo-nos pelo reduto do horror. Psicofera difícil de ser respirada sobre pairava, cobrindo os edifícios que desapareceram aos nossos olhos, numa perfeita e poderosa sobreposição de faixas vibratórias, em que essas anulavam as físicas. Era um mundo especial, primitivo, pantanoso e nauseante na grande área urbana. Gemidos e imprecações misturavam-se em aterradora intensidade. O Benfeitor instruiu-nos para que avançássemos em fila indiana e não nos detivéssemos sob pretexto algum. Caminhando, à frente, deixava marcas luminosas no marnel sombrio. De quando em quando, surgiam-nos sombras humanas que se asfixiavam no tremedal, levantando-se, a gritar, para logo desaparecer no lamaçal pútrido. O silêncio entre nós era total, enquanto o pensamento fixava Jesus padecendo a Crucificação e perdoando os algozes, com que cobrávamos ânimo e compaixão para alcançar êxito no empreendimento. Depois de mais de meia hora de avanço lento e cuidadoso, paramos à borda de um despenhadeiro súbito, donde se via, com dificuldade, o abismo indimensional, naquelas circunstâncias, onde não lucilava qualquer chama, onde a esperança parecia não existir. Utilizando-se de uma cometa de propagação de som, o Benfeitor, profundamente concentrado, começou a falar: - Irmãos do sofrimento! A misericórdia do Pai magnânimo chega até vós. Soa o momento da vossa recuperação e próxima paz. Aproveitai! Tentai o arrependimento e vinde, que vos esperamos! Levantou-se um clamor que ensurdecia... Blasfêmias e ameaças cruzaram o ar pestilento. Gritaria infrene estrugiu, repentina. Palavras grosseiras e epítetos desagradáveis foram atirados. Ladridos e uivos animais acompanharam a balbúrdia que se fez, violenta. - Fora os infelizes capachos do Crucificado! Fora ou os crucificaremos também! Baldoavam acusações terríficas e, enfurecidos, muitos que ali dominavam, arremessaram, do paul, o quanto encontravam... Dei-me conta de que o Mentor exteriorizava opalina claridade, na noite densa e macabra. - Salvai-nos, anjo de Deus! - pediam diversos - Socorrei-nos do Inferno... Bordoadas e chibatadas estalavam, vingativas, obrigando as vítimas a afundarem no atoleiro imundo, asfixiando-se... Havia uma lâmina invisível de força que nos defendia dos agressores e apedrejadores. Ato contínuo, o Mentor ordenou: - Atirai as redes! Os destros cooperadores, que estavam a postos e eram acostumados àquele tipo de socorro, lançaram as redes que, ao contato com a substância asquerosa, adquiriam brilho, lampejando sobre aquela parte do paul... - Segurai as redes - propôs, enérgico - se estiverdes resolvidos a mudar de vida, a crescer para Deus! Em azáfama desesperadora, sob imprecações e dominados pelo desassossego, dezenas de Espíritos agarraram-se às cordas entrelaçadas, com sofreguidão. Observei que alguns dos encarcerados no pantanal

não conseguiam segurá-las, pois que pareciam desfazer-se ao seu contato, o que provocava reações de ira e de zombaria deles mesmos, revoltados. A operação demorou por quase um quarto de hora, retirando-se os que se amparavam, ao tempo em que eram colocados em padiolas e repetindo-se os arremessos até que foram recolhidos. - Apiede-se o Senhor - disse o Benfeitor, compungido - de vós todos! E em meio tom, acrescentou: - Partamos! A tarefa está encerrada. Sob chuva de impropérios, em que a obscenidade e as acusações infames se misturavam, ameaçadoras, retornamos, obedecendo à mesma ordem. [...] Recebendo assistência imediata desde a hora em que eram colocados nas macas, mediante cujo concurso se lhes diminuía as exteriorizações perniciosas, à base de recursos fluídicos e terapias especiais, os recém-liberados foram conduzidos ao Posto, para onde tornamos, concluída a tarefa. Calculando distâncias, deduzi que aquela área se dilatava pela região onde se sediavam uma Penitenciária e a faixa do lenocínio mais hediondo da cidade. Fiquei a meditar!" (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 22)

"EXPERIÊNCIAS GRATIFICADORAS. [...] Às vinte e duas horas Alberto me veio buscar, conduzindo-me até um recinto simples, onde se encontravam presentes diversos Espíritos treinados nas excursões às zonas excruciantes e expungitivas das faixas inferiores, o Dr. Ignácio e o amorável Eurípedes. Reunidos em clima de amizade e expectativa, o Benfeitor exorou a superior proteção para a tarefa programada através de sentida oração, gerando um clima psíquico de inefável harmonia, após o que, sintetizou: — Desceremos em grupo a especial região terrestre de muito sofrimento espiritual, onde se homiziam atormentados e atormentadores em desesperação recíproca, todos eles, porém, irmãos nossos que se deixaram colher na rede das dissipações que se permitiram, sucumbindo ante o fascínio das obsessões e da desenfreada conduta nas paixões tenebrosas. "Não nos cabe, em momento algum, julgar aqueles que se equivocaram, nem revidar às provocações dos seus sicários impenitentes, igualmente infelizes, na loucura que se permitem. A misericórdia de Deus estende-se a todos igualmente, no entanto, somente aqueles que começam a despertar para a realidade de si mesmos, logram beneficiar-se." Fez uma pausa oportuna, e com entonação de voz que traía responsabilidade e zelo, acrescentou: — Todas as criaturas terrestres — Espíritos reencarnados que são — possuem percepção mediúnica, que o futuro se encarregará de estudar com seriedade, a fim de ser utilizada com elevação, tornando-se um sentido a mais que será conquistado a pouco e pouco, lentamente incorporando-se aos demais sensoriais. O eminente Codificador informou que a mediunidade radica-se no organismo, sendo, portanto, uma conquista do

processo evolutivo para facilitar o crescimento do Espírito, que no corpo imprimiu essa função. Aqueles, no entanto, que são portadores de capacidade ostensiva e se comprometeram antes do berço em vitalizá-la pelo exemplo de honradez e abnegação, quando se entregaram ao uso indevido das forças de que eram portadores, ataram-se a infelizes adversários pessoais, assim como do Bem, que lutam milenarmente para a instalação da loucura no mundo. Alguns deles, que se rebelaram contra Jesus, por haver, no corrente milênio, sido vítimas das injustiças e dos crimes hediondos praticados contra as suas existências e as daqueles a quem amavam, pelos falsos cristãos do período medieval, transformaram-se em justiceiros e vingadores, que pensam desafiar as soberanas Leis da Vida, sem compreender que são utilizados, na alucinação a que se entregam, pela Divina Justiça, que lhes permite serem os braços que alcançam os delinquentes que com elesintonizam, para despertarem após as dores extenuantes que lhes são impostas. "Rabinos judeus e mulah's muçulmanos, que foram suas vítimas preferidas durante o período da hedionda Inquisição, e transferiram o seu horror ao suave Mestre, em nome de Quem os seus algozes se apresentavam, permanecem nessas províncias de aberrações e crueldade, distantes da esperança e da compaixão. No entanto, isso ocorre, em razão do livre-arbítrio de cada um, porquanto, no momento em que é disparado o raio do arrependimento e a súplica lhes escapa do coração dirigida ao Pai, são-lhes enviadas as providências necessárias para os atender. Nunca cessa o amor soberano em favor dos seres sencientes." Novamente fez silêncio, enquanto o pulsar da Natureza clara pelos pirilampos estelares tornava-se lição viva de misericórdia dirigida a todos. Logo após, concluiu: — Nossa atividade, logo mais, terá lugar em nosso querido planeta, em região pantanosa, que a imaginação humana descreveria como infernal. Nosso objetivo é resgatar Ambrósio, que ali se encontra há quase duas dezenas de anos... Guardaremos vigilância e oração em nossa vilegiatura espiritual e faremos parte da caravana da nobre Entidade que fora, na Terra, a Rainha Isabel de Portugal, considerada santa, que se dedica a esse mister há muitos anos como mensageira do Amor, mantendo irrestrita confiança em Deus. De imediato, notificados que a Caravana da magnânima Benfeitora chegaria em breves momentos, dirigimo-nos ao jardim, a fim de aguardá-la. A minha mente atropelava-se com interrogações que a ocasião não permitia esclarecer. Procurei relaxar ante um gesto fraterno de Alberto, que parecia entender-me a perplexidade e a inquietação, passando a manter uma conversação descontraída e promissora com o gentil amigo. Vimos acercar-se então o grupo de trabalhadores especializados em libertação magnética de Espíritos aprisionados em regiões dolorosas

sob o comando da nobre Senhora. Vestida com traje largo e simples, que exteriorizava suave claridade procedente do Espírito, sem qualquer sinal exterior de grandeza, a santa da caridade trazia na mão direita um bordão de substância transparente levemente azulada, enquanto a sua aura irradiava incomparável majestade. Aproximadamente, cinquenta colaboradores apresentavam-se equipados com redes muito delicadas e macas alvinitentes, alguns archotes apagados e mais ou menos dez enfermeiros encontravam-se a postos. A um sinal do Dr. Ignácio, Alberto e eu nos acercamos da Comandante, sendo apresentados carinhosamente na condição de aprendizes daqueles serviços específicos de socorro aos infelizes espirituais. Expressando um sorriso de indefinível beleza e humildade, a Senhora nos distendeu uma nítida mão com dedos delicados, que osculei com emoção e reconhecimento pela oportunidade que me facultava junto aos seus cooperadores. Não disse qualquer palavra nem era necessário enunciá-la. O amor irradia sentimentos que o verbo não pode traduzir. Antes de descermos ao abismo terrestre, e porque todos nos encontrássemos em silenciosa expectativa, a Entidade santificada exorou a proteção do Médico divino para o ministério de amor e, silenciando, avançou, por todos nós seguida na direção do querido planeta. Seria difícil para mim explicar o admirável fenômeno de volitação que nos reunia sob a mesma vibração no harmonioso deslocamento. Podíamos ver-nos aproximando-nos da Terra que se agigantava diante de nós até pararmos em um lugar lúgubre, de aspecto truanesco. Não haviam passado vinte minutos, segundo os meus cálculos, e sentíamos as emanções deletérias da região enfermiça e sombria, onde nenhum sinal de vida se manifestava. Ao lado de pântanos pútridos, cavernas se abriam profundas em montanhas escuras que limitavam a área do paul dantesco. Reunindo-nos à borda do lamaçal, demos-nos conta da escuridão reinante, como se nuvens carregadas cobrissem a área, vez que outra sacudida por trovões espocantes e relâmpagos velozes. Concomitantemente, o exalar de matéria em decomposição e os fogos fátuos que eram percebidos falavam sem palavras sobre a zona morbífica em que nos adentrávamos. À medida que nos adaptávamos ao ambiente hostil, percebemos as emanções carregadas que subiam do lodo tornando sempre mais densas as nuvens que pairavam ameaçadoras, como se estivessem carregadas de tormentas incomuns prestes a desabar frenéticas e destruidoras. A Senhora postou-se à frente, enquanto os cooperadores de imediato a seguiram formando uma fila indiana silenciosa e austera. O nosso pequeno grupo ficou entre os que carregavam as tochas e os padioleiros vigilantes. Erguendo o bordão que derramava suave claridade, iniciou-se a marcha sobre o tremedal. Os archotes foram acesos e

produziam uma luz branca que não se expandia, suficiente, porém, para iluminar o charco que borbulhava ameaçador. Acompanhando o Dr. Ignácio e Alberto, que sempre seguiam as pegadas que eram deixadas pelos visitantes, eu mantinha a mente em Jesus e os sentimentos adornados de compaixão. Nesse estado de alma pude perceber que, de momento a momento, na sombra das lamas agitadas erguiam-se cabeças que clamavam por misericórdia e apoio, para logo afundarem no lodo asfixiante. O vozerio, as exclamações, os pedidos de socorro e as queixas misturavam-se a blasfêmias e recriminações que aumentavam à medida que nos adentrávamos pela fuma aberta na rocha por antigas correntes d'água, que a tornava perigosa, escorregadia... Sem nenhuma palavra, conseguia captar o pensamento do Dr. Ferreira, infundindo-me ânimo e silenciando-me as inquietações que começavam a assaltar-me. A densa treva era cada vez mais escura, impedindo quase a irradiação dos archotes acesos. Entre um e outro relâmpago, pudemos perceber que acima do lamaçal pairavam Entidades perversas, que pareciam flutuar no ambiente, de aspecto indescritível, que as oleogravuras religiosas não conseguem imitar pelo seu aspecto degenerado e apavorante, que aplicavam relhos naqueles que se erguiam do charco imundo suplicando amparo. — São os perturbadores da ordem que nos visitam, objetivando roubar nossos escravos. Pancada neles... E gargalhadas estentóricas produziam estranhos ecos na fuma imensa. — Ataquemo-los! — Gritou alguém de aspecto feroz, exibindo sua carantonha deformada, enquanto, ameaçadoramente eliminava fumaça arroxeadada pelas narinas, erguendo bidentes e chibatas que estalavam no ar pesado. E como logo voltava a escuridão, passado o instante do relâmpago, somente ouvíamos os protestos e desafios, que não recebiam qualquer resposta. A caravana avançava decidida, entre acusações e doestos, acrimônias e agressões verbais, até que vimos erguer-se o bastão da Senhora e os archotes aumentaram a luminosidade. Nesse momento, apresentou-se uma área imensa dentro da caverna, na qual estorcegavam Espíritos aprisionados às paredes, fazendo recordar alguns dos suplícios da mitologia grega, surrados sem piedade, outros acorrentados por pés e mãos, carregando pedras pesadas e removendo-as de um para outro lugar, enquanto no lodo, afogando-se sem cessar, inúmeros se erguiam e novamente desciam em terrível e inominável sofrimento. Novamente o bordão se ergueu, e as redes foram atiradas sobre o lameirão, tornando luminosas as malhas que pareciam pirilampos sobre o lodo. Muitas cabeças que se erguiam, percebendo o recurso que poderia ser salvador, agarravam-se-lhes e gritavam por socorro, enunciando os nomes de Jesus, de Deus, de Maria, de alguns dos santos das suas antigas devoções, alardeando arrependimento e suplicando amparo.

De energia magnética muito bem constituídas, a novo sinal as redes foram puxadas pelos braços fortes dos seus condutores e observamos que, enquanto algumas se despedaçavam, deixando no lugar, em agonia, aqueles que as seguraram, outros eram colhidos e arrastados até os caravaneiros que os retiravam e os colocavam, debilitados, nas macas que de imediato eram distendidas para os receber. Por algumas vezes se repetiu o admirável concurso de proteção aos infelizes. Percebendo a ocorrência, seres monstruosos, que haviam sido vítimas de zoantropia por hipnose e que se deslocavam no ar tentando impedir o atendimento, eram rechaçados por outras redes protetoras que foram atiradas sobre o grupo, impossibilitando qualquer investida maléfica dos dominadores da região. Enquanto se travava uma verdadeira batalha, em que os perversos administradores da área purgatorial tentavam anular o esforço dos missionários do amor, o venerando Eurípedes acercou-se de uma parede que exsudava putrefação e rompeu com as mãos as cadeias que prendiam um Espírito desfalecido e deformado, que lhe tombou nos braços, antes que os sicários vigilantes pudessem interferir... Ato contínuo, dois auxiliares tomaram-no e o colocaram em maca protetora, iniciando-se o retorno, deixando para trás o abismo aterrador. Nesse comenos, cães amestrados foram trazidos e atçados contra a caravana. Não me atrevi a olhá-los na escuridão banhada levemente pelos archotes e os relâmpagos contínuos, porque o benfeitor me inspirava à oração e ao mergulho íntimo no amor de Deus. Mais tarde, vim a saber que se tratava de terríveis mutilações experimentadas pelo perispírito de muitos seres desditosos que se vitimaram na Terra e foram arrastados para aquele sítio infeliz, onde experimentaram hipnoses terríveis e deformantes. Quando, por fim, chegamos à orla daquele verdadeiro purgatório, que superava tudo quanto a imaginação pudesse definir, observamos que os Espíritos recolhidos foram de imediato atendidos com fluidoterapia, recebendo ligeiro asseio e atendimento para que viessem a adormecer, a fim de não serem criados impedimentos na viagem de retorno ao Hospital. Novamente, sob o comando da Rainha Isabel, a caravana ascendeu e, à medida que se aproximava da nossa comunidade, podíamos ver o querido planeta mergulhado em sombras, menos densas do que aquelas localizadas onde estivéramos, banhando-nos da claridade das estrelas que adornavam o zimbório sobre a cidade onde residíamos. Logo chegamos, e os pacientes foram levados com o grupo de visitantes, enquanto o enfermo espiritual, que fora retirado das paredes e do ergástulo, foi encaminhado à parte inferior do nosso Pavilhão, para receber o tratamento que lhe seria dispensado. Só então fui informado pelo Dr. Ignácio, que se tratava de Ambrósio, que motivara a excursão de misericórdia e

de socorro, não obstante também, já fossem credores de auxílios aqueles outros que vieram trazidos ao Núcleo de renovação e tratamento.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 10)

“O INSUCESSO DE AMBRÓSIO. De certo modo já familiarizado com incursões à Erraticidade inferior, aquela expedição, todavia, pelas características de que se revestia, ensejou-me interrogações, que tive oportunidade de apresentar ao gentil diretor no dia imediato. Impressionara-me profundamente com o fâcies do irmão Ambrósio, tendo em vista os sinais das sevícias que lhe haviam sido aplicadas e que se apresentavam na forma, dando-lhe um aspecto dantesco. Os traços humanos haviam sofrido graves alterações e todo ele se apresentava esquelético, destroçado, inspirando compaixão e produzindo choque emocional em quem o fitasse. Adormecido, ao ser transportado ressonava de maneira particular, em um repouso assinalado pelo terror, natural reminiscência dos sofrimentos e pavores que experimentara durante o largo cativeiro naquela região de furnas macabras. Concomitantemente, exteriorizava odores pútridos que remanesciam da decomposição cadavérica, ainda impregnada no perispírito, que igualmente se exteriorizava sob deformações responsáveis pela maneira como se encontrava em espírito. Andrajoso, quase despido, a cabeleira desgrenhada, como se houvesse crescido desordenadamente, misturava-se à barba hirsuta, de aspecto imundo, a envolver a cabeça, o rosto e parte do tórax. Os seus gemidos eram gritos de indefinível dor, que antes provocavam nos algozes que o martirizavam chalaça e mais azedume, e agora, um grande respeito e compaixão em nós. Naqueles dédalos de onde provinha, não luziam a misericórdia nem a esperança, e alguém menos habituado ao trabalho nas zonas espirituais inferiores suporia tratar-se do inferno mitológico das religiões, ultrapassando, porém, as figurações horrendas das imaginações terrestres... Quando o Dr. Ignácio nos convidou a visitá-lo, agora internado em nosso Pavilhão, não sopitamos o interesse de aprender mais e, rogando-lhe licença, apresentamos-lhe algumas das inquietações que me ardiam na mente. Com a afabilidade que lhe é natural, o distinto esculápio não se fez rogado, permitindo-nos fossem-lhe propostas as questões. — Por que a Caravana — iniciei — era presidida pela nobre benfeitora de Portugal? Sem qualquer enfado ou indisposição, respondeu-me: — Desde quando desencarnara, deixando luminosas lições de caridade que a celebrizaram na Terra, e podendo desfrutar de justas alegrias em regiões ditosas, a fim de prosseguir no seu desenvolvimento espiritual, a extraordinária Senhora optara por continuar amparando o povo que o matrimônio lhe havia concedido para ser também sua família espiritual. Por consequência, dedicou-se a socorrer igualmente os desencarnados retidos em lúgubres

paisagens de recuperação dolorosa, trabalhando para retirá-los dali, oferecendo-lhes as oportunidades sacrossantas do amor e do perdão. Face às faculdades mediúnicas incontestáveis que lhe exornaram a existência física, especialmente a de ectoplasma, que lhe permitira a realização de vários fenômenos grandiosos e que foram tomados por milagres pela ignorância vigente na época, poderia movimentar essas forças agora intrapsíquicas, direcionando-as em favor dos Espíritos mais infelizes, aprisionados ao remorso, à consciência culpada, que se tornaram vítimas fáceis de si mesmos e dos seus adversários inclementes quão odientos. Fez uma breve pausa, e logo adiu: — Com um vasto patrimônio de realizações espirituais, fez-se muito amada, e quando se propôs a esse especial ministério de socorro, muitos valorosos Espíritos se apresentaram para assessorá-la, contribuindo para a diminuição dos angustiosos sofrimentos daqueles que estagiam nas esferas desditosas e de difícil acesso. Não que a misericórdia divina deixe de possuir recursos extraordinários de atendimento aos párias morais, que se permitiram homiziar com outros semelhantes em conúbios nefastos. Graças, porém, à sua elevação moral, granjeada no sacrifício e na abnegação, e à especialização que se permitiu através dos tempos nesse gênero de atendimento, a sua irradiação vibratória produz um vigoroso campo de defesa, que os petardos mentais e as agressões dos verdugos desencarnados da Humanidade não conseguem cindir. “Silêncio, oração mental e amor são os equipamentos exigíveis para que se possa tomar parte na sua Caravana, ao lado de muito bem elaborada disciplina interior, feita de confiança em Deus e respeito às Suas Leis, a fim de que a perturbação e o receio não abram brechas tornando vulnerável o conjunto. “Para evitar reações desnecessárias dos habitantes e controladores desses lóbregos sítios, ela diminui a potência da energia que pode exteriorizar, irradiando apenas a claridade suficiente para iluminar a área visitada, mantendo os objetivos traçados, sem deixar-se atrair por simulações e armadilhas dos hábeis artesãos do mal e da crueldade. Com certeza existem numerosas caravanas equivalentes, no entanto, compromissos espirituais existentes entre ela e o nobre Eurípedes atraem-na periodicamente à nossa Comunidade hospitalar, a fim de oferecer a sua valiosa e sábia ajuda.” — E por que a fila indiana, para conduzir-se no paul tormentoso? — inquiri, interessado. - Por precaução — redarguiu, calmamente. — O campo de energia por ela aberto, ao marchar à frente do grupo, cria defesas em favor daqueles que seguem na retaguarda. Ademais, o terreno pantanoso encontra-se empestado de vibrações mentais e de detritos psíquicos que poderiam reter os caminhantes descuidados, quais armadilhas distendidas por todos os lados para impedir a fuga dos prisioneiros espirituais.

“Da mesma forma que na Terra a astúcia perversa se utiliza de engrenagens sórdidas para reter e malsinar suas vítimas, considerando-se ser o nosso o mundo causal, convém não esqueçamos que aqui a mente dispõe para o bem como para o mal, de muitos arsenais de força, de que se utiliza conforme o estágio de evolução em que se encontra.” [...] (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 11)

“Retorno à cidade pervertida. O Benfeitor encontrava-se algo preocupado. Para aquela reunião fomos convocados nós outro, Dilermando, o médium Ricardo acompanhado pela sua Mentora, o psicoterapeuta espiritual Felipe e mais alguns assessores, formando um grupo de oito desencarnados e dois reencarnados. Respirava-se uma atmosfera de paz, embora todos pressentíssemos a gravidade do cometimento que se estava delineando. Guardava vivas na memória as imagens degradantes e sombrias que tivera ocasião de encontrar na cidade da perversão, podendo detectar que nova excursão se fazia necessária, a fim de melhor entender as ocorrências da obsessão em referência às condutas sexuais desregradadas. Convidada a proferir a oração, que deveria assinalar o início das atividades espirituais, a nobre Benfeitora madre Clara de Jesus concentrou-se e, à medida que se interiorizava, transformava-se em um foco de suave claridade azul-violeta com gradações de difícil definição. [...] Nesse momento, vimos chegar dois jovens Espíritos, cada um dos quais, conduzindo um mastim de expressivo porte, mas bem amestrados e mansos. Era a primeira vez que, participando de uma excursão espiritual, a mesma fazia-se integrada por almas de animais desencarnados. A questão da alma dos animais sempre me interessara, mesmo quando me encontrava na Terra. Afinal, qual o destino reservado aos nossos irmãos da escala zoológica dita inferior, alguns deles revelando uma percepção do instinto tão aguçada, que se expressava na condição de uma inteligência embrionária? Embora as informações fornecidas pelos Espíritos nobres da Codificação em torno do período em que eles permanecem no mundo espiritual, mas não em estado de erraticidade, retornando ao mundo físico quase imediatamente, agora encontrava aqueles mastins que seriam utilizados pelos trabalhadores do Bem, demonstrando que haviam sido selecionados para auxiliar-nos em tarefas relevantes, nas quais poder-nos-iam ser de grande utilidade. Os jovens, que os conduziam, pareciam excelentes amestradores, que os iniciaram na identificação dos fluidos perniciosos e das vibrações deletérias das regiões espirituais inferiores, porquanto se apresentavam exultantes face à possibilidade de contribuírem em favor do êxito do empreendimento em pauta. Ainda estava mergulhado nas reflexões em torno dos animais, quando o Benfeitor começou a explicar a finalidade da excursão em

delineamento, informando: – Ante o desbordar das paixões asselvajadas que cultivara na Terra, o marquês de Sade, residente na cidade perversa, comanda uma legião de cultores do sexo em desalinho, no mundo espiritual, que se encarregam de inspirar e preservar as alucinações de homens e mulheres terrestres que lhes caem nas malhas perturbadoras. “À semelhança de Mauro, o esposo da dama da consulta ao atendente fraterno da Casa enquadra-se como dependente da ação nefasta daquelas Entidades devassas que, em obediência alguns incautos, também tombam nas malhas da própria rede de perturbação, experimentando o tormento da insaciabilidade e mais experienciando as necessidades físicas de que já deveriam encontrar-se liberados, e constituem somente impregnação dos vícios no perispírito...” Fez uma pequena pausa e logo prosseguiu: – Em nossa Esfera de ação tomamos conhecimento de que um grupo de sequazes do marquês pretende, oportunamente, assaltar esta Instituição, que se constituiu um pouso de renovação que é do vero Cristianismo, influenciando seus membros para tombarem nas urdiduras da sensualidade desavisada, assim interrompendo o ministério de amor e de dignificação que aqui se desenvolve. Conforme recordamos, no plano estabelecido pelo Soberano das Trevas a respeito das quatro torpes verdades¹⁹ (¹⁹ Vide “Trilhas da libertação”, Cap. X, FEB – Nota do Autor espiritual), os Espíritos do Mal investiriam com todas as suas forças contra os obreiros do Evangelho desvelado pelo Espiritismo, por estarem interferindo nos planos trabalhados em favor das obsessões coletivas. Uma dessas verdades é o uso desarmonizado do sexo, fazendo o ser derrapar na vulgaridade e no desrespeito a si mesmo como ao seu próximo. Após inúmeras tentativas frustradas, para levarem adiante o sórdido plano, solicitaram a ajuda do marquês e dos seus comparsas, que têm atraído diversos invigilantes para o desastre inevitável. O sábio e diligente Guia silenciou por um pouco, procurando ajuizar quanto às informações que iria oferecer-nos, a fim de dar continuidade à narração do plano, referindo-se: – Não têm sido poucos os homens e as mulheres que se reencarnaram nas fileiras da Doutrina Espírita, conduzindo altas responsabilidades em torno da sua divulgação e vivência corretas. Nada obstante, após alcançarem a notoriedade e mesmo certa respeitabilidade no Movimento, vêm tombando ante as facilidades em favor do uso do sexo irresponsável, comprometendo-se gravemente e gerando perturbação nos companheiros que, aturdidos, constatam que a sua não era uma conduta exemplar, nem autêntica. “Quando esses serviços das paixões vis direcionam o pensamento para alguém, e concede-lhe assistência nefasta, a sua insistência é tão grande e pertinaz que são poucos aqueles que conseguem evadir-se do cerco ou superar-lhes a pressão doentia,

escravagista. Inspiram a mentirosa excelência do gozo, dão ideia que a pessoa está perdendo excelentes oportunidades de ser feliz, tendo em vista a predominância do prazer doentio que, afinal, a vida não pode ser levada tão a sério que dispense as suas concessões carnis, que o tempo monástico não mais se instalará na Terra, e que estes são dias diferentes. Noutras vezes, auxiliam por inspiração reflexões perturbadoras, procurando diminuir a gravidade dos compromissos sem responsabilidade, a banalização dos relacionamentos apressados e das múltiplas experiências como fonte de vida, etc. em terríveis conciliábulos que, não poucas vezes, resultam exitosos para os seus delineamentos.” O gentil amigo percorreu a sala com o seu olhar percutiente, e vendo o expressivo número de Espíritos encarnados, desdobrados pelo sono, e desencarnados, buscando amparo e orientação, não se pôde furtar à emoção, prossequindo: – Orando sinceramente, os companheiros ergastulados na matéria, sentindo-se perturbados com as caprichosas odisseias da sensualidade e visitados pelos desejos ignóbeis, vêm rogando proteção, buscando a reflexão nas leituras de obras confortadoras, trabalhando na ação da caridade, e como o cerco prossegue, apelam, quase em desespero, pela ajuda, que nunca falta, a fim de seguirem fiéis aos compromissos abraçados com devotamento. Nesse ínterim, resistindo às influências nefastas que nem sempre lhes encontram guarida na mente ou no sentimento, tornam-se vítimas de companhias encarnadas que se corromperam e se oferecem para o banquete da loucura, alcançando-os com maior facilidade. É-lhes possível resistir às interferências espirituais pelo pensamento, renovando-se e impondo-se ideias edificantes, no entanto, quando perseguidos por pessoas amigas que se transtornam e passam a assediá-los, o problema se lhes faz mais grave. “Por essas e mais outras razões, iremos tentar remover alguns obstáculos do seu caminho e interferir na planificação odienta que se trama na cidade da perversão contra esses trabalhadores da Era Nova. Todos sabemos que não é fácil o trânsito na esfera carnal, onde já estivemos, entre tropeços nas trevas da ignorância e o ressumar das paixões adormecidas e não superadas.” Novamente fez uma pausa, para logo concluir: – A fim de ganharmos tempo, deveremos volitar na direção da cidade, acercando-nos dos seus arredores, conforme sabemos, muito bem vigiados por perversos guardas adestrados para capturar visitantes inoportunos. Em qualquer situação, preservemos o equilíbrio e a serenidade, certos do divino auxílio, mantendo a confiança irrestrita em Deus e conscientes dos objetivos que até ali nos conduziram. Da vez anterior, na condição de observadores, não tivemos qualquer dificuldade em adentrar-nos nos seus limites, agora, no entanto, com finalidades de trabalho específico, deveremos manter-nos mais

cuidadosos. Reinando uma verdadeira consciência de paz e de dever, vimos o médium Ricardo acercar-se da sua Benfeitora, que o envolveu em dólido olhar de ternura e sorriu, generosa. Após breve concentração começamos a deslocar-nos na direção da meta que nos aguardava. Pairava uma expectativa quase ansiosa em minha mente e no meu coração. Quando alcançamos a região pantanosa próxima às cavernas escuras em cuja intimidade se homiziavam os seus infelizes habitantes, um odor pútrido invadiu-nos a pituitária, denunciando o teor vibratório de baixíssimo nível moral de onde procedia, qual ocorrera por ocasião da primeira visita. Podíamos ouvir o clamor e o estardalhaço que se faziam crescentes, à medida que nos aproximávamos de uma das furnas de entrada. Para melhor dificultar a identificação dos vigilantes, que conduziam Espíritos metamorfoseados em animais por processos perigosos de hipnose perispiritual infelizes, fizemo-nos cobrir por mantos pesados que alteravam a nossa aparência e com a presença dos mastins, facultando que pensassem tratar-se de retornados de excursão ao planeta de onde traziam novos aficionados para o turbulento espetáculo. Mantínhamo-nos em silêncio, não havendo despertado a atenção dos guardiões da entrada, tão certos estavam de que ninguém se atreveria a vencer as barreiras delimitadoras da comunidade alucinada. [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 11)

VI.8.0 auxílio é prestado às almas renovadas

“Um dia, não pude conter-me e perguntei ao solícito visitador: – Meu caro Lísias, acha possível, aqui, o encontro com aqueles que nos antecederam na morte do corpo físico? – Como não? Pensa que está esquecido?... – Sim. Por que não me visitam? Na Terra, sempre contei com a abnegação maternal. Minha mãe, entretanto, até agora não deu sinal de vida. Meu pai, igualmente, fez a grande viagem; três anos antes do meu trespasse. – Pois note - esclareceu Lísias -, sua mãe o tem ajudado dia e noite, desde a crise que antecipou sua vinda. Quando se acamou para abandonar o casulo terrestre, duplicou-se o interesse maternal a seu respeito. Talvez não saiba ainda que sua permanência nas esferas inferiores durou mais de oito anos consecutivos. Ela jamais desanimou. Intercedeu, muitas vezes, em “Nosso Lar”, a seu favor. Rogou os bons ofícios de Clarêncio, que começou a visitá-lo frequentemente, até que o médico da Terra, vaidoso, se afastasse um tanto, a fim de surgir o filho dos Céus. Compreendeu? Eu tinha os olhos úmidos. Ignorava o número de anos que me distanciavam da gleba terrestre. Desejei conhecer os processos de proteção imperceptível, mas não consegui. Minhas cordas vocais estavam entorpecidas, com o nó de lágrimas represadas no coração. – No dia em que você

orou com tanta alma - prosseguiu o enfermeiro visitador -, quando compreendeu que tudo no Universo pertence ao Pai Sublime, seu pranto era diferente. Não sabe que há chuvas que destroem e chuvas que criam? Lágrimas há também, assim. É lógico que o Senhor não espera por nossas rogativas para nos amar; no entanto, é indispensável nos colocarmos em determinada posição receptiva, a fim de compreender-lhe a infinita bondade. Um espelho enfuscado não reflete a luz. Desse modo, o Pai não precisa de nossas penitências, mas convenhamos que as penitências prestam ótimos serviços a nós mesmos. Entendeu? Clarêncio não teve dificuldade em localizá-lo, atendendo aos apelos de sua carinhosa genitora da Terra; você, porém, demorou muito a encontrar Clarêncio. E quando sua mãezinha soube que o filho havia rasgado os véus escuros com o auxílio da oração, chorou de alegria, segundo me contaram...” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 7)

“Jerônimo seguia rente aos meus passos e não contive a indagação que me escapou, célere: – Jazem aqui almas humanas? O interpelado, em atitude discreta, somente respondeu num gesto mudo, em que me pedia calar. Bastaram, no entanto, minhas quatro palavras curtas para que os lamentos indiscriminados se transformassem, de súbito, em rogativas tocantes e estertorosas: – Ajude-nos, quem passa, por amor de Deus! – Salvai-nos, por caridade!... – Socorro, viandantes! socorro! socorro! Verificou-se, então, o imprevisto. Certamente, as entidades em súplica permaneciam jungidas ao mesmo lugar, mas figuras animais e rastejantes, lembrando sáurios de desconhecidas proporções, avançaram para a nossa caravana, ausentando-se da zona mais funda dos charcos. Eram em grande número e davam para estarrecer o ânimo mais intrépido. Experimentei o instinto de utilizar a volitação e fugir depressa. Entretanto, a serenidade dos companheiros contagiava e esperei firme. Quase imperceptível estalido partiu da destra da irmã Zenóbia, e dez auxiliares, aproximadamente, utilizaram minúsculos aparelhos, emitindo raios elétricos de choque, através de insignificantes explosões. Não obstante ser fraca a detonação, a descarga de energia revelava vigoroso poder, tanto que os atacantes monstruosos recuavam, precipitados, recolhendo-se ao pântano, em queda espetacular sobre a lama grossa. Multiplicavam-se as lamentações dos prisioneiros invisíveis da substância viscosa. – Libertai-nos! libertai-nos!... – Socorro! socorro! Cortavam-me a sensibilidade aquelas imprecações pungentes e dolorosas, mas ninguém parou. Seguiu a expedição, diligente e muda. Compreendi que estavam em jogo maiores interesses de trabalho e não insisti. Minha posição era a do subalterno chamado a cooperar. [...] – Estamos em reduzido oásis de paz, em meio de extenso deserto de sofrimentos – esclareceu Zenóbia, quebrando o longo silêncio –. Agora

podemos falar e atender aos objetivos de nossa vida. Logo após, evidenciando preocupação em sossegar-nos o íntimo, referentemente aos sofrendores anônimos que encontráramos no caminho, explicou-nos delicadamente: – Não somos impermeáveis às rogativas dos nossos irmãos que ainda gemem no charco de dor a que se atiraram voluntariamente. Dilaceram-nos o espírito as imprecações dos infelizes. No entanto, a Casa Transitória de Fabiano tem-lhes prestado o socorro possível, ajuda essa que, até hoje, vem sendo repelida pelos nossos irmãos infortunados. Debalde libertamo-los, periodicamente, dos monstros que os escravizam, organizando-lhes refúgio salutar. Fogem de nossa influência retificadora e tornam espontaneamente ao charco. É imprescindível que o sofrimento lhes solidifique a vontade, para as abençoadas lutas do porvir.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 6)

“Todavia, entre aqueles que nos seguiam atenciosamente o serviço, contemplamos inúmeros rostos angustiados, revelando o pavor que os companheiros lhes causavam. Aumentara-se-lhes o número. Verifiquei, porém, que não havia ali uma só criança. Apenas adultos, jovens e velhos de todos os aspectos. Notava-se que a dissertação de Hipólito lhes fizera enorme bem. Muitos deles vertiam pranto copioso. Contudo, impropérios e maldições cruzavam o espaço. Os malfeitores impenitentes não nos toleravam a presença e cada qual era mais fértil nas ironias selecionadas, com o fim de despertar humorismo sarcástico e desprezo na desventurada assembleia. A princípio, impulsos de reação afloraram-me no espírito surpreso. Não seria conveniente que nos organizássemos contra semelhante malta de criminosos? Não seria melhor saltar o óbice visível e arrebatá-los as vítimas indefesas? A nosso favor, contávamos com a volitação fácil. E as noções de caridade avivavam-me justificado instinto de reação. Perante nós, a algumas dezenas de metros, viam-se mulheres desfiguradas pela dor, velhos e moços esqueléticos e abatidos. Ninguém fugia ao doloroso aspecto de supremo infortúnio. Semelhavam-se a cadáveres em retorno inesperado à vida, depois de longa permanência no túmulo. Pensamentos de revolta cruzavam-se-me no cérebro. Por que razão o padre Hipólito não respondia à altura? Porque não punir aqueles sicários da sombra, que denunciavam refinada cultura intelectual e vigorosa inteligência? Não possuíamos suficiente poder para a repressão necessária? O Assistente Jerônimo, percebendo-me o perigoso estado d’alma, aproximou-se cautelosamente de mim e falou, discreto: – André, extingue a vibração da cólera injusta. Ninguém auxilia por intermédio da irritação pessoal. Não assumas papel de crítico. Permanecemos aqui, na qualidade de irmãos mais velhos no conhecimento divino, tentando socorro aos mais jovens, menos felizes que nós. Revistamo-nos de calma e paciência. Responder

a insultos descabidos é perder valioso tempo, na obra de confraternização, ante o Eterno Pai. Hipólito não pode duelar verbalmente, nem a irmã Zenóbia autorizaria qualquer violência a estes infortunados, sob pena de relegarmos ao esquecimento sublime oportunidade de praticar o verdadeiro bem. Modifica a emissão mental para que te não falte a cooperação construtiva e guardemos a voz, não para condenar e, sim, para informar e edificar cristãmente. Reajuste o campo emotivo, rogando a Jesus me conferisse forças para olvidar o “homem velho” que gritava dentro de mim. Com a invocação ao Plano Superior, através da súplica, instantânea compreensão brotou-me na consciência. Em verdade, como interpretar investidas de criaturas já de si mesmas tão desventuradas? Antes de tudo, necessitavam de amparo e compaixão. Não haviam recebido ainda, como acontecera a nós outros, a bênção da fé viva, da conformação aos desígnios da Lei Eterna, do reconhecimento das próprias necessidades interiores, por incapacidade espiritual. Blasfemavam e riam, sarcásticas. Desprezavam as dádivas da Providência. Injuriavam o Mestre. Esqueciam todas as considerações referentes à ordem divina e ao respeito humano. Quem éramos nós, para convertê-las, inopinadamente, se o próprio Senhor lhes tolerava, paciente e amigo, as palavras torpes, sem represálias individuais? Não lhes bastaria a limitação lamentável a que se entregavam? No círculo estreito do sofrimento e acoimados pelo desespero, não ultrapassavam a esfera de sensações grosseiras e intentavam inutilmente combater o bem. Verdade é que doía vê-los oprimindo misérrimas entidades que se ajoelhavam, sob nosso olhar, implorando ajuda e libertação; entretanto, razões ponderáveis existiriam, justificando a ligação entre algozes e vítimas, razões que me escapavam, naturalmente, na hora em curso. Modificaram-se-me as apreciações do primeiro instante. Tomado de súbita piedade, notei que, ao serenarem as ironias dos maus e observando talvez que não transpúnhamos o obstáculo em serviço de libertação, pintava-se, na fisionomia dos sofrendores confesos, a mais pungente ansiedade.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“Pobre velhinha, que me pareceu desassombrada na fé, examinando os terríveis fatores circunstanciais, estendeu-nos os braços esqueléticos e, na sua antiga concepção religiosa, suplicou-nos: – Santos mensageiros de Deus, nosso Pai, dignai-vos retirar-nos do purgatório! Estamos torturados pelo fogo dos remorsos e pelos demônios que nos cercam. Por piedade, salvai-nos! Fortes soluços interceptavam-lhe a voz; todavia, a venerável anciã continuou: – Nossas faltas, mal pagas na Terra, uniram-nos aos Espíritos perversos do abismo! Somos pecadores necessitados da purgação, mas não nos abandoneis à nossa própria sorte! Ajudai-nos, em nome de Jesus, por quem vos suplicamos a graça

da salvação! Errei muito, é verdade... Entretanto, meu espírito arrependido implora proteção... Sei que não mereço o descanso do paraíso, mas, ó emissários do Céu! por quem sois, concedei-me recursos para resgatar minhas dívidas. Estou pronta! Procurarei aqueles a quem ofendi durante a vida terrestre, a fim de humilhar-me e pedir perdão!... De mãos postas, a fitar-nos angustiosamente, concluía: – Não me desampareis! Não me desampareis!... Mudou-se de algum modo o quadro. A valorosa pedinte encorajou os demais companheiros de infortúnio: – Pelos méritos de São Geraldo de Majela – gritou um infeliz, revelando sua antiga condição de católico-romano – libertai-nos daqui! Salvai-nos do torvelinho infernal! Socorrei-nos, por amor de Deus! Destacando-se umas das outras, as súplicas proferidas evidenciavam a presença de adeptos de variados credos religiosos, conhecidos na Crosta, e os espíritistas não faltavam no triste concerto. Determinada senhora, de porte respeitável, cabelos revoltos e fundas chagas no rosto, deprecou, chorosa: – Espíritos do Bem, auxiliai-me! Eu conheci Bezerra de Menezes na Terra, aceitei o Espiritismo. No entanto, ai de mim! Minha crença não chegou a ser fé renovadora. Dedicava-me à consolação, mas fugia à responsabilidade! A morte atirou-me aqui, onde tenho sofrido bastante as consequências do meu relaxamento espiritual! Socorrei-me, por Jesus! De todos os recantos soavam apelos comovedores. Jamais esquecerei a inflexão das palavras ouvidas. Jovens e velhos, homens e mulheres, em deploráveis condições, prostrados a reduzida distância, respeitosos e confiantes, em virtude das luzes que acendêramos dentro da noite triste, imploravam o socorro divino, tratando-nos com extrema veneração, como se fôramos legítimos expoentes de santidade. Quando os rogos cresceram, partindo de tantas bocas, os verdugos empunharam látigos sinistros, espalhando vergastadas, quase que indiscriminadamente... A maioria dos pobres que se mantinham genuflexos debandou, em passos tão apressados quanto lhes era possível, regressando aos ângulos sombrios do vale fundo. Alguns, porém, suportavam os golpes, heroicamente, prosseguindo de joelhos e contemplando-nos, ansiosos. Indicando-nos, sarcástico, certo perseguidor vociferou, estentoricamente: – Estão vendo? São benfeitores de gravata! Não se atiram à luta em favor de ninguém! Ensinam com lábios, mas, no fundo, são mensageiros do inferno, insensíveis e duros, como estátuas de pedra. Nenhum deles ousa atravessar a barreira para prestar-vos assistência e socorro!... Seguiram-se gargalhadas tão escarnecedoras que todo o meu sentimento de repulsa humana aflorou de súbito. Onde estava que não reprimia o provocador? Porque não puni-lo devidamente? Abeirava-me de pleno desequilíbrio mental, quando a irmã Zenóbia, temendo talvez pela nossa reação, se voltou, tranqüila,

e recomendou: – Amigos, conservemo-nos em calma para o trabalho eficiente. Ninguém se conserva neste abismo de dor, sem razão de ser. E possivelmente convicta da necessidade de argumentação mais firme para demover-nos, acrescentou: – Que seria do Cristianismo se Jesus abandonasse o madeiro do testemunho, a meio caminho, a fim de entrar em pugilato com a multidão? Permanecemos aqui em tarefa consoladora e educativa, não o esqueçamos. O serviço de punição dos culpados virá de mais alto. A referência despertou-nos, de pronto, para o caráter elevado da investidura. As almas efetivamente superiores possuem o dom de projetar-nos o espírito em zonas sagradas da vida, reintegrando-nos na corrente inspiracional das Forças Divinas que sustentam o Universo. A hora não comportava qualquer dissertação mais longa, a respeito das obrigações que deveríamos desempenhar. Sem perda de tempo, a diretora da Casa Transitória entrou em combinação com os auxiliares que havia trazido, desenrolando extenso material socorrista. Iam as providências em meio, quando vários grupos de infelizes tentaram vencer o obstáculo, ansiosos por se reunirem a nós outros; mas os verdugos, agindo, solertes, golpeavam-nos cruelmente, empenhando-se em luta para precipitá-los ao fundo do fosso tenebroso, do qual fugiam as vítimas, tomadas de visível terror.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“Ativa, delicada, Zenóbia determinou que fossem lançadas faixas luminosas de salvação ao outro lado, no propósito de retirarmos o número possível de sofredores de tão amargurosa situação; todavia, a ordem seguiu-se de odiosa represália. Os gênios diabólicos fizeram-se mais duros. Acorreram míseras almas, aos magotes, buscando agarrar-se às extremidades resplandecentes, descidas na margem oposta, como bordos de acolhedora ponte de luz; no entanto, multiplicaram-se golpes e pancadas. Entidades perversas, em grande número, continham os aflitos prisioneiros, impedindo-lhes o salvamento, com manifesto recrudescimento de maldade. Nosso esforço persistiu por longos minutos, ao fim dos quais, observando que redundavam inúteis, apenas favorecendo a dilatação da agressividade dos algozes, a irmã Zenóbia, mantendo-se em grande serenidade, determinou fosse recolhido o material utilizado para os trabalhos de salvação. Às rogativas chorosas das vítimas casavam-se as frases injuriosas dos verdugos, confrangendo-nos o coração. Após a recomposição do material, improficuamente utilizado, a devotada orientadora acenou para um servidor que lhe trouxe pequenino aparelho, destinado à ampliação da voz, e falou, pausadamente, na direção do abismo: – Irmãos em humanidade, reine conosco a Paz Divina! Sua palavra adquirira impressionante poder de repercussão. Ecoava, longe, como se fosse endereçada às almas que, porventura, se mantivessem dormindo a

consideráveis distâncias. Sem qualquer demonstração de impaciência ou desagrado, continuou: – Regozijei-vos, ó corações de boa vontade! e confiai, sobretudo, na proteção de Nosso Senhor Jesus. Dilaceram-nos vossas dores, tocam-nos, de perto, as incompreensões e sofrimentos a que vos entregastes, apartados da Lei Divina, e se não atravessamos o fosso negro, na tentativa suprema de salvar-vos temporariamente do mal, é que somos igualmente companheiros de luta, sem imunidades angélicas, detentoras de possibilidades limitadas no amparo aos semelhantes! Alegrai-vos, porém, e aguardai, confiantes, porque se manifestará, em vosso benefício, o fogo consumidor, nesta região menos feliz, onde tantas inteligências perversas tripudiam sobre os mandamentos do Pai e menosprezam-Lhe as bênçãos de luz. Amanhã mesmo, demonstrar-se-á o Supremo Poder. Fez pequena pausa e prosseguiu: – Faz mais de um lustro que a Casa Transitória de Fabiano persevera nestas zonas de treva e sofrimento, convocando almas perdidas ao aproveitamento da bendita oportunidade do recomeço, através do trabalho dignificador, em cujas bênçãos há sempre recursos de apagar as manchas do pretérito, regenerando-se os caminhos do porvir. Há cerca de dois mil anos ensinamos o bem e a verdade, preparando corações para o futuro redentor. Se é inegável que muitos irmãos se valeram de nosso concurso humilde, aceitando o remédio para a restauração, a maioria de vós outros sempre nos fugiu à influência, desdenhando-nos o socorro, abjurando-nos a colaboração, desprezando-nos os serviços, favorecendo a discórdia e a perseguição e oferecendo-nos obstáculos de toda sorte. Entretanto, meus amigos, o pouso de Fabiano ainda se coloca ao vosso dispor, até amanhã, durante as primeiras horas. Ante a grave inflexão daquela voz e considerando talvez o teor do aviso, calaram-se as bocas pervertidas e desequilibradas. Os mais perversos passaram a contemplar-nos, entre o receio e a interrogação. Depois de curto intervalo, Zenóbia prosseguiu, fundamente emocionada: – Não lutamos corpo a corpo com a ignorância audaciosa e infeliz, porque a delegação que o Mestre nos confiou traça-nos deveres de amor e não de porfia. Fomos designados para ministrar o bem e lamentamos que irmãos horripelantemente desventurados nos ofereçam resistência, mergulhando-se no pântano da revolta pessoal. Não temos, porém, qualquer palavra condenatória. Os que tentam escapar às Leis Eternas são bastante infortunados por si mesmos. Amarga ser-lhes-á a colheita da triste sementeira. Gastarão longo tempo extraindo espinhos envenenados, introduzidos por eles próprios ao coração. Porque combatê-los se estão vencidos, desde o primeiro repto à Divindade? Porque torturá-los, se permanecem perseguidos pelos fantasmas criados pela própria rebeldia e insensatez? O Poderoso Senhor, porém, que ama os justos

e retifica os injustos, fará com que amanhã surja neste céu a tempestade renovadora. O asilo de Fabiano receberá criaturas de boa vontade, dentro das horas próximas; todavia, será inútil procurar-lhe o socorro sem modificação substancial para o bem. Sofredor algum será recolhido tão só porque implore abrigo com os lábios. Nossa casa de paz cristã é igualmente templo de trabalho cristão e a hipocrisia não lhe pode alterar o ministério santificador. Nossas defesas magnéticas funcionarão rigorosas e apenas os corações sinceramente interessados na renovação própria, em Cristo Jesus, serão portadores de senha indispensável ao ingresso. Debalde rogarão socorro as entidades endurecidas no crime e na indiferença. Os algozes fixavam as vítimas com expressão odiosa. A irmã Zenóbia, contudo, prosseguiu, intrépida, dirigindo-se especialmente aos infortunados: – Suportai os verdugos cruéis por mais algumas horas e valei-vos da oração para que não vos falem energias interiores. Não temos necessidade da luta corporal, nem da defensiva destruidora e, sim, da resistência que o Divino Mestre exemplificou. Tolerai os inimigos gratuitos do bem, desesperados e infelizes, que nos perseguem e maltratam, orando por eles, porque o Poder Renovador se manifestará, convidando, por intermédio do sofrimento, a que se arrependam e se convertam. Em seguida, expressando otimismo e felicidade nos olhos lúcidos, a orientadora ergueu comovente súplica pelos habitantes do abismo, a qual acompanhamos com lágrimas de emoção. Semblantes angustiados seguiam-nos, atentos, na outra margem, enquanto os impenitentes adversários da luz guardavam silêncio. Entrementes, os encarcerados na dor continuaram implorando auxílio, mas, atendendo às determinações da irmã Zenóbia, apagamos as luzes, pondo-nos de volta. De outras vezes, ao término dos incidentes que me surpreendiam, eu conservava uma imensidade de indagações no cérebro ágil e curioso. Agora, todavia, regressava tristemente. A extensão da luta compungia-me o ser. Os padecimentos da ignorância, de fato, não tinham limites e todo abuso do livre arbítrio individual encontrava punição espontânea nas leis universais. Certo, em diferentes lugares, outros abismos como aquele estariam repletos de vítimas e verdugos. Ah! também eu guardava no vaso do coração todos os ressaibos das vicissitudes humanas! Também eu sofrera muito e havia feito sofrer! Reminiscências vigorosas da existência carnal jaziam vivas em mim. De alma voltada em silêncio para o Cristo de Deus, meditei sobre a grandeza do seu sublime sacrifício e, pensando nos cruéis perseguidores e nos pobres perseguidos do vale escuro, perguntava ao Senhor, na intimidade do coração frágil e oprimido, por quem deveria eu chorar mais intensamente.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“Louvor e gratidão. Embora os resultados de nossa visita ao abismo fossem aparentemente mínimos, sentíamos-nos confortados e satisfeitos. De volta, deixando pântanos e guardando a mesma severa atitude de vigilância, ao considerar possíveis surpresas do caminho, fizemos todo o trajeto em profundo silêncio. Aproximando-nos, porém, do instituto, após atravessar a zona perigosa, a irmã Zenóbia tomou a palavra, agradecendo-nos em tom comovedor. Depois de carinhosas expressões de reconhecimento, acentuou, jubilosa: – Felizmente, nosso trabalho foi abençoado e profícuo. Os cooperadores novos estranharão, talvez, a minha afirmativa, lembrando, sem dúvida, que as faixas de salvamento voltaram vazias. No entanto, algo ocorreu de mais importante que a eventualidade de trazermos compulsoriamente conosco alguns irmãos infelizes. Refiro-me à sementeira das verdades eternas nos corações ignorantes, à ministração da esperança aos desalentados e tristes. Não somos apologistas da violência, mas semeadores do bem, e a base natural da colheita segura é a sementeira cuidadosa. Os ensinamentos edificantes lançados ao solo do entendimento abrem horizontes novos e claros à investigação mental dos necessitados e sofredores. Muitos deles, ainda esta noite, cultivarão os princípios renovadores recebidos, em processo intensivo no campo interno, e amanhã, provavelmente, estarão em condições vibratórias adequadas à internação em nosso asilo. Mais desejável para nós é que todos caminhem, utilizando os próprios pés, para que, de futuro, em meio dos serviços naturais da regeneração, não se declarem vitimados por ações de arrastamento. Em todos os lugares encontraremos a compaixão e a justiça de Deus. Sorriu, benevolente, e acrescentou: – A compaixão, filha do Amor, desejará estender sempre o braço que salva, mas a justiça, filha da Lei, não prescinde da ação que retifica. Haverá recursos da misericórdia para as situações mais deploráveis. Entretanto, a ordem legal do Universo cumprir-se-á, invariavelmente. Em virtude, pois, da realidade, é justo que cada filho de Deus assuma responsabilidades e tome decisões por si mesmo.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 9)

“Não tínhamos tempo a perder. O próprio Assistente que nos orientava, num belo exemplo de renúncia fraternal, tomou a dianteira, encaminhando-se para as faixas de defesa. Não eram, essas, altas e verticais como as muralhas das fortificações terrestres, mas horizontalmente estendidas, formadas de substância escura, e emitiam forças elétricas de expulsão num raio de cinco metros de largura, aproximadamente, circulando toda a casa. Diversos focos de luz permaneciam acesos e, em rápidos minutos, determinado responsável pela tarefa colocava-nos ao corrente do trabalho a executar. Velaríamos pelo funcionamento regular de certos aparelhos geradores de energia eletromagnética,

destinados à emissão constante de forças defensivas, e vigiaríamos o setor que nos fora confiado, de modo a sanar qualquer anormalidade. Finalizando as explicações, assegurou o colaborador: – Temos determinação para receber todos os sofredores que se apresentarem renovados, facultando-lhes ingresso ao pátio interno. Nas últimas horas, a irmã Zenóbia e os demais administradores da instituição ordenaram acolhimento a todos os transviados que se aproximassem de nós, com sinais legítimos de transformação moral para o bem. Certo, Jerônimo estaria informado quanto às providências necessárias; entretanto, dentro de minha ignorância, não contive a interrogação: – Como nos asseguraremos, porém, dessa renovação? O prestimoso Assistente não permitiu que o interpelado me respondesse. Adiantou-se, ele mesmo, e informou: – Os sofredores, já modificados para o bem, apresentarão círculos luminosos característicos em torno de si mesmos, logo que, estejam onde estiverem, concentrem suas forças mentais no esforço pela própria retificação. Os outros, os impenitentes e mentirosos sistemáticos, ainda que pronunciem comovedoras palavras, permanecerão confinados nas nuvens de treva que lhes cercam a mente endurecida no crime. O esclarecimento era bastante significativo; e silencieei, satisfeito, compreendendo, mais uma vez, a grandeza da purificação consciencial, em lugar dos protestos verbalísticos que se fazem através dos jogos brilhantes da palavra.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 10)

“Vasta dose de paciência era despendida por todos nós, para conter a multidão furiosa. Impressionavam-nos as formas monstruosas e miseráveis a se arrastarem vestidas de sombra, quando começaram a chegar entidades aureoladas de luz. Trajavam farrapos e traziam comovedores sinais de sofrimento. Dando a perceber que desejavam isolar a mente das centenas de revoltados que ali se congregavam em ativo movimento de insurreição, contemplavam o Alto e cantavam hinos de reverência ao Senhor, em regozijo da própria renovação, cânticos esses abafados pela algaravia dos rebeldes agitados. Reparava, pela expressão de quantos iluminados se aproximavam de nós, que se esforçavam por manter o pensamento alheio às objurgatórias dos maus, temendo talvez o interesse mental pelo que emitiam, circunstância criadora de novos laços magnéticos favoráveis à dominação dos verdugos. Intentavam, por isso, alimentar o máximo despreendimento dos ápodos que lhes eram lançados pela turba malévola e impenitente. Formavam agrupamentos de formosura singular. Sublimes quadros de paraíso, no inferno de atrozes padecimentos! Vinham, de mãos entrelaçadas, como a permutar energias, a fim de que se lhes aumentasse a força para a salvação, no minuto supremo da batalha que mantinham, talvez, desde muito antes. E esse processo de troca instintiva dos valores

magnéticos infundia-lhes prodigiosa renovação de poder, porquanto levitavam, sobrepondo-se ao desvaído ajuntamento. Emolduravam-lhes a fronte belos círculos de luz, com brilho mais ou menos uniforme. Enquanto os tipos de semblante sinistro lhes dirigiam insultos, elas cantavam hosanas ao Cristo, entoando louvores, que, de certo, lembravam os júbilos dos primeiros cristãos, perseguidos e flagelados nos circos, quando se retiravam sob os apupos de espectadores perversos. Mas, para se acolherem ao asilo de Fabiano, necessitavam pousar rente a nós, que lhes abríamos passagem prazerosamente. Entretanto, para alcançarem o átrio da instituição, eram compelidas à quebra da corrente de energias magnéticas recíprocas, mantendo-se de mãos separadas, e os recém-chegados, em sua maioria, desvencilhando-se, involuntariamente uns dos outros, tombavam enfraquecidos após prolongado esforço, logo aos primeiros passos na região interna da Casa Transitória. Semelhavam-se, assim, às aves esgotadas em laboriosa excursão, depois de atingirem o objetivo que as fizera afrontar distâncias e tormentas. Na qualidade de aprendiz incipiente, angustiava-me a observação. Tudo, no entanto, fora previsto pelas autoridades administrativas do instituto. Enfermeiros e macas, em grande número, estacionavam, não longe de nós, promovendo socorros imediatos. Pequenos e admiráveis cordões de entidades, transformadas interiormente pelos dolorosos banhos de pranto santificador, chegavam agora de todos os lados. E as hordas ferozes e irônicas, rodeadas de trevas, multiplicavam-se também, em turbas compactas, ferindo-nos a audição com blasfêmias e injúrias contundentes. Entre os ingratos e rebelados, havia, contudo, criaturas que se mostravam aflitas e, genuflexas, tocavam-nos o coração fraterno com seus brados de socorro e amarguras queixas, as quais, porém, não podíamos aliviar com qualquer benefício precipitado, em virtude da perigosa condição mental em que se mantinham, condição que lhes impunha sofrimentos reparadores.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 10)

“**Almas enfermiças.** Findo o repouso a que nos dedicáramos, Silas, por inspiração do dirigente da casa, veio convidar-nos a rápido passeio pelos arredores. Druso, aliás, com semelhante lembrete, atendia-nos ao propósito de algo estudar sobre os princípios de causa e efeito, nas criaturas recém-desencarnadas. Sabíamos que a morte do corpo denso era sempre o primeiro passo para a colheita da vida e, por isso, não ignorávamos que o ambiente era dos mais favoráveis à nossa investigação construtiva, porque o imenso Umbrai, à saída do campo terrestre, vive repleto de homens e mulheres que vararam a grande fronteira, em plena conexão com a experiência carnal. Hilário e eu, alegremente, pusemo-nos no encalço do companheiro que, transpondo conosco largo portão de acesso ao

exterior, nos disse, bem-humorado, decerto ciente de nossos objetivos: – Sem qualquer dúvida para nós, que voltamos recentemente da Terra, as províncias infernais, muito mais do que as celestes, são adequadas às nossas pesquisas sobre a lei de causa e efeito, de vez que o crime e a expiação, o desequilíbrio e a dor fazem parte de nossos conhecimentos mais simples nas lides cotidianas, ao passo que a glória e o regozijo angélicos representam estados superiores de consciência que nos transcendem a compreensão. E, espriando o olhar pelos quadros tristes em derredor, acrescentou, reconduzindo a frase a comovente inflexão – Estamos psiquicamente mais perto do mal e do sofrimento... Em razão disso, entendemos sem qualquer discrepância os problemas aflitivos que se multiplicam aqui... À medida que nos afastávamos, empreendíamos mais vasta penetração na sombra densa, a espessar-se cada vez mais, alumuada, porém, aqui e ali, por tochas mortícias, como se a luz, nos sítios em torno, lutasse terrivelmente para nutrir-se e sobreviver. Soluços e gritos, imprecações e blasfêmias emergiam da treva. Compreendemos de relance que o espaço ocupado pela instituição era de forma retangular e que o terreno sob nosso exame se lhe localizava à retaguarda, à maneira de enorme povoação extramuros. Percebendo-nos a curiosidade e o interesse, o Assistente veio ao encontro de nossas indagações, explicando: – Achemo-nos efetivamente na zona posterior ao nosso instituto, em larga faixa superlotada de Espíritos conturbados e sofredores. Hilário, que não se via menos surpreendido que eu, observou sem rebufos: – Mas, toda essa gente parece relegada à intempérie. Não seria razoável que a Mansão se estendesse, abarcando-a com o seu amparo e defendendo-a com seus muros? – Logicamente – respondeu Silas sem alterar-se –, esse plano é o mais desejável; entretanto, estamos à frente de compacta multidão de almas em reajuste. Este imenso conglomerado de criaturas sem o corpo de carne começou pelo socorro da Mansão sem os necessários requisitos para recolher-lhe a assistência. Firme na execução do programa que lhe assiste, nossa casa não lhes podia abrir as portas de imediato, em face do desespero e da revolta em que se comprazem, mas também não desdenhava a possibilidade de prestar-lhes a ajuda possível, fora do campo de ação em que vive sediada. Iniciou-se, dessa forma, a presente organização, que, contra a nossa vontade, é um abismo de sofrimento. Aqui se reúnem, de maneira indiscriminada, milhares de entidades, vítimas dos seus pensamentos desvairados e sombrios. Quando superam a crise de perturbação ou de angústia de que são portadoras, o que pode perdurar por dias, meses ou anos, são trazidas à nossa instituição que, tanto quanto possível, evita abrir-se às consciências ainda positivamente encravadas na

revolta sistemática. Talvez porque evocássemos em silêncio os episódios da véspera, lembrando os desencarnados acolhidos no grande asilo, nosso companheiro acrescentou: – Vocês acompanharam ontem o socorro prestado a um irmão infeliz, seviciado nas trevas, e viram a chegada de sofredores arrebatados à carne, em libertação recentíssima. Contudo, entre os beneficiados, viram Espíritos inconscientes e devedores, mas não insensatos e rebeldes. Ante esta observação que, de alguma sorte, nos asserenava a mente inquieta, Hilário indagou: – E este ambiente, assim tumultuado pelo infortúnio, conta com o amparo de que necessita? – Sim – aclarou nosso amigo –, muitas criaturas recuperadas na Mansão aceitam aqui preciosas tarefas de auxílio, incumbindo-se da assistência fraterna, em largos setores desta região torturada. Melhoradas lá, trazem para aqui as bênçãos recolhidas, transformando-se em valiosos elementos de serviço de ligação. Através delas, a administração do nosso instituto atende a milhares de consciências necessitadas e sabe com segurança quais os irmãos sofredores que se fazem dignos de acesso a nossa casa, após a transformação gradual a que se ajustam. Espalhando-se nos campos de sombra, em pequenos santuários domésticos, aqui continuam a própria restauração, aprendendo e servindo. – Entretanto – continuou Hilário, curioso –, tão infortunada colônia de almas em desajuste não sofrerá o domínio das Inteligências perversas, quais as que vimos ontem no lado oposto a estes sítios? – Sim –, os assaltos dessa ordem são aqui constantes e inevitáveis, principalmente em torno das entidades que largaram cúmplices bestializados em antros infernais ou em núcleos de atividades terrestres. Em tais casos, as vítimas de semelhantes feras humanas desencarnadas padecem longos e inenarráveis suplícios, através da fascinação hipnótica de que muitos gênios do mal são cultores exímios. E, depois de ligeira pausa, Silas acentuou: – São esses alguns dos fenômenos de flagelação compreensível que alguns místicos do mundo, em desdobramento mediúnico, no reino das trevas, classificaram como sendo vasta purificação. Para eles, as almas culpadas, depois da morte, experimentam horribéis torturas por parte dos demônios aclimatados nas sombras. As informações do Assistente, casadas aos gemidos e lamentações que ouvíamos sem cessar, impunham-nos desagradável impressão. Foi por isso talvez que Hilário, penosamente tocado pelos gritos em torno, interrogou, surpreendido: – Mas por que diz você flagelação compreensível? E, num desabafo: – Acha justo que tanta gente aqui se aglutine em semelhante desolação? Silas sorriu, triste, e obtemperou: – Compreendo-lhe o pesar. Indiscutivelmente, tanta dor reunida não seria justa se não viesse de quantos preferiram no mundo o trato diário com a injustiça. Não é claro, porém, que todos venhamos a colher o

fruto da plantação que nos pertence? Na mesma leira de terra dadivosa e neutra, quem acalenta a urtiga recolhe a urtiga que fere, e quem protege o jardim tem a flor que perfuma. O solo da vida é idêntico para nós todos. Não encontraremos aqui neste imenso palco de angústia almas simples e inocentes, mas sim criaturas que abusaram da inteligência e do poder, e que, voluntariamente surdas à prudência, se extraviaram nos abismos da loucura e da crueldade, do egoísmo e da ingratidão, fazendo-se temporariamente presas das criações mentais, insensatas e monstruosas, que para si mesmas teceram.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 5)

“Percebendo que se referia aos precipícios abissais em que se debatiam milhares de almas infelizes e conturbadas, Hilário perguntou: – E não será possível atingir semelhantes lugares para aliviar a quem padece? Nosso novo amigo esboçou dolorosa carantinha de tristeza e resignação, ajuntando: – Impossível... Como quem se punha em socorro do companheiro, Silas aduziu – Os que se agitam nestas furnas jazem, de modo geral, quase sempre extremamente revoltados e, na insânia a que se entregam, fazem-se verdadeiros demônios de insensatez. É necessário se disponham à conformação clara e pacífica para que, ainda mesmo semi-inconscientes, consigam acolher com proveito o auxílio que se lhes estende aos corações. E como se quisesse passar à demonstração do que asseverava, convidou-nos a inspecionar as celas próximas. – Quantos doentes agora internados? Orzil, atencioso, respondeu sem titubear: – Temos três amigos em franca situação de inconsciência. Depois de alguns passos, ouvimos gritaria estentórica. As acomodações reservadas aos enfermos jaziam ao fundo, à maneira de largos boxes de confortável cavalaria. Essa é a figura mais adequada à nossa tarefa descritiva, porque a construção em si denunciava rusticidade e segurança, naturalmente adstrita aos objetivos de contenção. À medida que nos acercávamos do refúgio, desagradável odor nos afetava as narinas. Respondendo-nos à inquirição íntima, o Assistente salientou: – Vocês não ignoram que todas as criaturas vivem cercadas pelo halo vital das energias que lhes vibram no âmago do ser e esse halo é constituído por partículas de força a se irradiarem por todos os lados, impressionando-nos o olfato, de modo agradável ou desagradável, segundo a natureza do indivíduo que as irradia. Assim sendo, qual ocorre na própria Terra, cada entidade aqui se caracteriza por exalação peculiar. – Sim, sim... – confirmamos Hilário e eu, simultaneamente. Entretanto, o cheiro alarmante de carne em decomposição era para nós, ali, um acontecimento excepcional. Silas percebeu-nos a estranheza e endereçou interrogativo olhar ao encarregado daquele oratório de purgação, o qual informou, presto: – Temos conosco o irmão Corsino, cujo pensamento continua enrodilhado ao corpo

sepulto, de maneira total. Enredado à lembrança dos abusos a que se entregou na carne, ainda não conseguiu desvencilhar-se da lembrança daquilo que foi, trazendo a imagem do próprio cadáver à tona de todas as suas recordações. Silas não teceu qualquer comentário novo, porque atingíamos, de chofre, o primeiro abrigo, cuja porta gradeada nos deixava contemplar, lá dentro, um homem envelhecido, de cabeça pendida entre as mãos e a clamar: – Chamem meus filhos! chamem meus filhos... – É o nosso irmão Veiga – disse Orzil, prestimoso. – Mantém fixa a ideia na herança que perdeu ao desencarnar: vasta quantidade de ouro e bens que passou à propriedade dos filhos, três rapazes que concorrem no mundo ao melhor e maior quinhão, prevalecendo-se, para isso, de juizes venais e rábulas inconsequentes. Acostados agora aos varais da porta, Silas recomendou-nos observar com atenção mais detida o ambiente que formava a psicosfera do enfermo. Efetivamente, de minha parte percebi quadros que surgiam e desapareciam, fugazes, semelhantes às figurações efêmeras que se desprendem, silenciosas, dos fogos de artifício. Desses painéis que se avivavam e se apagavam ao mesmo tempo, transpareciam três jovens, cujas imagens passageiras vagueavam entre documentos esparsos, cédulas e cofres refertos de valores, como que pincelados no ar com tinta tenuíssima, que se adelgaçava e se recompunha, sucessivamente. Compreendi que registrávamos as formas-pensamentos, criadas pelas reminiscências do nosso amigo que, decerto, na situação em que se nos apresentava, não podia, de momento, senão viver o seu drama íntimo, tal a insistência da fixação mental em que se encarcerava. [...] Ante a palavra de Silas, que nos recomendava observar o quadro em foco, fitamos o novo enfermo, um homem profundamente triste, sentado ao fundo da prisão, de cabeça pendida entre as mãos e de olhos fixos em parede próxima. Seguindo-lhe a atenção no ponto que concentrava os seus raios visuais, a modo de espelho invisível retratando-lhe o próprio pensamento, vimos larga tela viva em que se destacava enlutarada rua de grande cidade, e, na rua, conseguimos distingui-lo no volante de um carro, perseguindo um transeunte bêbado, até matá-lo, sem compaixão. Achávamo-nos diante de um homicida preso a constrangedores quadros mentais que o encerravam em punitivas recordações. Notava-se-lhe a intraduzível angústia, entre o remorso e o arrependimento. [...] De regresso ao tugúrio de Orzil, perguntei sem preâmbulos: – Nossos irmãos doentes, desse modo, estarão segregados, até que se renovem? – Perfeitamente – aclarou Silas, bondoso. – E que devem fazer para atingir a melhora necessária? – indagou Hilário com insofreável assombro. Nosso amigo sorriu e obtemperou: – O problema é de natureza mental. Modifiquem as próprias ideias e modificar-se-ão. Entregou-se a ligeira pausa,

mostrou novo brilho no olhar percuciente e acentuou com segurança: – Isso, porém, não é tão fácil. Consagram-se vocês, presentemente, a estudos especiais dos princípios de causa e efeito. Fiquem pois sabendo que nossas criações mentais preponderam fatalmente em nossa vida. Libertam-nos quando se enraízam no bem que sintetiza as Leis Divinas, e encarceram-nos quando se firmam no mal, que nos expressa a delinquência responsável, enleando-nos por essa razão ao vinco sutil da culpa. Afirmo velho aforismo popular na Terra que “o criminoso volta ao local do crime”. Daqui podemos asseverar que, mesmo desfrutando a possibilidade de ausentar-se da paisagem do crime, o pensamento do criminoso está preso ao ambiente e à própria substância da falta cometida. E, reparando em nossa perplexidade, acrescentou: – Recordemos, ainda, o pensamento, atuando à feição de onda, com velocidade muito superior à da luz, e lembremo-nos de que toda mente é dínamo gerador de força criativa. Ora, sabendo que o bem é expansão da luz e que o mal é condensação da sombra, quando nos transviamos na crueldade para com os outros, nossos pensamentos, ondas de energia sutil, de passagem pelos lugares e criaturas, situações e coisas que nos afetam a memória, agem e reagem sobre si mesmos, em circuito fechado, e trazem-nos, assim, de volta, as sensações desagradáveis, hauridas ao contato de nossas obras infelizes. Estudamos três tipos de almas que deixaram na existência última somente quadros tristes e lamentáveis, nos quais não dispõem de atenuantes que lhes empalideçam as faltas indiscutíveis. Os filhos do nosso amigo que sofre a fixação de usura não receberam dele quaisquer recursos de educação dignificante que os habilitem a ajudá-lo, quando visitados pelas ondas do pensamento paternal, que voltam ao centro de origem carregadas pelos princípios mentais de ódio e egoísmo dos jovens litigantes. Nosso irmão que padece a fixação de remorso, não tendo expiado nos cárceres da justiça humana o crime que perpetró deliberadamente, recolhe, de retorno, as ondas de pensamento que emite, sem qualquer auxílio que lhe amenize o arrependimento doloroso; e o nosso companheiro que se detém no vício reabsorve as ondas de seu próprio campo mental, acumuladas de fatores deprimentes, que a elas se incorporam nos lugares por onde passam, restituídas a ele mesmo com multiplicados elementos de corrupção.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 5)

“Enquanto outros servidores da instituição por nós passavam, à pressa, com o evidente intuito de auxiliar, o dileto companheiro de Druso desceu a escadaria do templo, em nossa companhia, explicando: – Muitos companheiros de serviço valem-se deste horário para o culto espontâneo do amor fraterno. Ouvem aqui neste locutório os desesperados e os tristes e, tanto

quanto lhes é possível, administram-lhes medicação e consolo, não somente os exortando à compreensão e à serenidade, mas também os acompanhando aos círculos tenebrosos ou à esfera dos encarnados, para a obra de assistência aos laços afetivos que lhes perturbam o coração. Nesse instante, entramos mais diretamente em contato com os grupos rumorosos. Agora, adaptada nossa visão à sombra reinante, conseguíamos diferenciar as figuras lamentáveis e exóticas que nos cercavam, agoniadas... Eram mulheres de duro semblante que a miséria desfigurava e homens de fisionomias torturadas pelo ódio e pela angústia. Difícilmente, de nossa parte, poderíamos avaliar-lhes a idade, segundo o escalão terrestre. O infortúnio deles convertera-os em fantasmas de amargura, quase a irmaná-los integralmente no mesmo tipo de configuração exterior. Muitos mostravam mãos semelhantes a ressequidas garras e, em quase todos, o olhar enraivecido ou medroso revelava a dolorosa fulguração da mente que desceu ao poço da loucura. Preces comoventes misturavam-se a clamores sinistros de revolta. E, vendo, contristados, a multidão em movimentos rudes, ante as portas abertas do santuário tranquilo, perguntamos ao Assistente por que não se acolhia toda ela ao templo hospitaleiro, então quase deserto. Silas, contudo, designando a entrada do edifício que vínhamos de deixar, fixou a portaria radiante que, da forte penumbra, mais se nos afigurava um túnel aberto para a luz, e esclareceu: – Efetivamente, reportam-se vocês a medida desejável. Entretanto, apenas ingressam no recinto sagrado quantos lhe podem suportar a claridade com o respeito devido. Quase todos os irmãos que se congregam nesta praça trazem mutilações que a perversidade lhes impôs ou são portadores de sentimentos tigrinos que petições comoventes mal encobrem. E, com semelhantes disposições, não resistem ao impacto da claridade dominante, dosada em fotônios específicos a se caracterizarem por determinado teor eletromagnético, indispensável à garantia de nossa casa. Muitos de nossos irmãos, aqui desarvorados, clamam, com a boca, que anseiam pelas vantagens da prece, na intimidade do santuário; no entanto, por dentro, lá estimariam tripudiar sobre o nome sublime de nosso Pai Celeste, no culto à ironia e à blasfêmia. Para que não tumultuem a atmosfera divina que nos cabe oferecer à oração pura e reconfortante, recomendam nossos orientadores que a luz permaneça graduada contra distúrbios e prejuízos, facilmente evitáveis. Hilário, espantado, considerou: – Significa isso que somente a sincera compunção da alma entrará em sintonia com as forças eletromagnéticas imperantes no recinto... – Exatamente assim é – confirmou o interlocutor. – Nossa instituição permanece de braços abertos à provação e ao sofrimento, mas não à rebeldia e ao desespero. De outra sorte,

seria condená-la ao aniquilamento e ao descrédito, na região atormentada em que se localiza.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 12)

“ALMA E REENCARNAÇÃO. [...] “Sementes de destino”. Nesses lugares de retificadoras inquietações, alija o Espírito endividado a carga de superfície, exonerando-se dos elementos de mais envolvente degradação que o aviltam; contudo, tão logo revele os primeiros sinais de positiva renovação para o bem, registra o auxílio das Esferas Superiores, que, por agentes inúmeros, apoiam os serviços da Luz Divina onde a ignorância e a crueldade se transviam na sombra. Qual doente, agora acolhido em outros setores pela encorajadora convalescença de que dá testemunho, o devedor desfruta suficiente serenidade para rever os compromissos assumidos na encarnação recentemente deixada, sopesando os males e sofrimentos de que se fez responsável, acusando ainda a si próprio, com a incapacidade evidente de perdoar-se, tanto maior quão maiores lhe foram no mundo as oportunidades de elevação e a luz do conhecimento. Muita vez, ascendem a escolas beneméritas, nas quais recolhem mais altas noções da vida, aprimoram-se na instrução, aperfeiçoam impulsos e exercem preciosas atividades, melhorando os próprios créditos; todavia, as lembranças dos erros voluntários, ainda mesmo quando as suas vítimas tenham já superado todas as sequelas dos golpes sofridos, entranham-se-lhes no espírito por “sementes de destino”, de vez que eles mesmos, em se reconhecendo necessitados de promoção a níveis mais nobres, pedem novas reencarnações com as provas de que carecem para se quitarem, consciencialmente, consigo próprios. Nesses casos, a escolha da experiência é mais que legítima, porquanto, através da limpeza de limiar, efetuada nas regiões retificadoras, e pelos títulos adquiridos nos trabalhos que abraça, no plano extrafísico, merece a criatura os cuidados preparatórios da nova tarefa em vista, a fim de que haja a conjugação de todos os fatores para que reencontre os credores ou as circunstâncias imprescindíveis, junto aos quais se redima perante a Lei.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 19)

[...] “Quando já saíramos do charco sombrio, temerário, indaguei com todo o respeito, o porquê de muitos que se amparavam nas redes não conseguirem sair do lodaçal. – As redes – explicou, paciente – são feitas de substâncias retiradas do fluido cósmico, fortes, porém delicadas. Registam as irradiações mentais daqueles que as tocam. Se o peso específico da sua exteriorização psíquica é negativo, elas diluem-se, nos casos contrários, enrijam-se... “Ninguém ludibria as Leis. Em todo lugar, nem todos que requerem amparo desejam-no, realmente. Às vezes, querem liberar-se de situações que lhes desagradam, sem que mudem de comportamento. Choram e sofrem, mas não pretendem a transformação interior, necessitando de aprendizado penoso para que

se modifiquem as estruturas íntimas do ser, quando se capacitarão para o renascimento em si mesmos.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 22)

VI.9. Características e atividades das colônias e organizações do mal^{11,12,13}

“O generoso interlocutor não me deixou terminar e prosseguiu: – Na Crosta, nossos irmãos menos felizes lutam pela dominação econômica, pelas paixões desordenadas, pela hegemonia de falsos princípios. Nestas zonas imediatas à mente terrestre, temos tudo isso em identidade de condições. Entre as entidades perversas e ignorantes, há cooperativas para o mal, sistemas econômicos de natureza feudalista, baixa exploração de certas forças da Natureza, vaidades tirânicas, difusão de mentiras, escravização dos que se enfraquecem pela invigilância, doloroso cativeiro dos Espíritos falidos e imprevidentes, paixões talvez mais desordenadas que as da Terra, inquietações sentimentais, terríveis desequilíbrios da mente, angustiosos desvios do sentimento. Em todo o lugar, meu amigo, as quedas espirituais, perante o Senhor, são sempre as mesmas, embora variem de intensidade e coloração.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 20)

[...] “Como acontece aos corpos gigantesco do Cosmos, também nós outros, espiritualmente, caminhamos para o zênite evolutivo, experimentando as radiações uns dos outros. Nesse processo multiforme de intercâmbio, atração, imantação e repulsão, aperfeiçoam-se mundos e almas, na comunidade universal. “Dentro de semelhante realidade, toda a nossa atividade terrestre se desdobra num campo de influências que nem mesmo nós, os aprendizes humanos em círculos mais altos, poderíamos, por enquanto, determinar. “Incapacitados de prosseguir além do túmulo, a caminho do Céu que não souberam conquistar, os filhos do desespero organizam-se em vastas colônias de ódio e miséria moral, disputando, entre si, a dominação da Terra. Conservam, igualmente, quanto ocorre a nós mesmos, largos e valiosos patrimônios intelectuais e, anjos decaídos da Ciência, buscam, acima de tudo, a perversão dos processos divinos que orientam

a evolução planetária. “Mentes cristalizadas na rebeldia tentam solapar, em vão, a Sabedoria Eterna, criando quistos de vida inferior, na organização terrestre, entrincheiradas nas paixões escuras que lhes vergastam as consciências. Conhecem inumeráveis recursos de perturbar e ferir, obscurecer e aniquilar. Escravizam o serviço benéfico da reencarnação em grandes setores expiatórios e dispõem de agentes da discórdia contra todas as manifestações dos sublimes propósitos que o Senhor nos traçou às ações. “Os homens terrenos que, semilibertos do corpo, lhes conseguiram identificar, de algum modo, a existência, recuaram, tímidos e espavoridos, espalhando entre os contemporâneos as noções de um inferno punitivo e infundável, encravado em tenebrosas regiões além da morte. “A mente infantil da Terra, embalada pela ternura paternal da providência, através da teologia comum, nunca pôde apreender, mais intensivamente, a realidade espiritual que nos governa os destinos. “Raros compreendem na morte simples modificação de envoltório, e escasso número de pessoas, ainda mesmo em se tratando dos religiosos mais avançados, guardaram a prudência de viver, no vaso físico, de conformidade com os princípios superiores que esposaram. Somos defrontados, agora, pela necessidade da proclamação de verdades velhas para os velhos ouvidos e novas para os ouvidos novos da inteligência juvenil situada no mundo. “O homem, herdeiro presuntivo da Coroa Celeste, é o condutor do próprio homem, dentro de enormes extensões do caminho evolutivo. Entre aquele que já se acerca do anjo e o selvagem que ainda se limita com o irracional, existem milhares de posições, ocupadas pelo raciocínio e pelo sentimento dos mais variados matizes. E, se há uma corrente, brilhante e maravilhosa, de criaturas encarnadas e desencarnadas que se dirigem para o monte da sublimação, desferindo glorioso cântico de trabalho, imortalidade, beleza e esperança, exaltando a vida, outra corrente existe, escura e infeliz, nas mesmas condições, interessada em descer aos recôncavos das trevas, lançando perturbação, desânimo, desordem e sombra, consagrando a morte, Espíritos incompletos que somos ainda, aderimos aos movimentos que lhes dizem respeito e colhemos os benefícios da ascensão e da vitória ou os prejuízos da

11 Vide Subcapítulo VI.5 (“Agrupamentos do mal e seus habitantes”), Capítulo VI (“Planos ou esferas espirituais inferiores”), Quinta Parte (“Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

12 Vide Subcapítulo II.6 (“Ataque de entidades perturbadoras às reuniões espíritas”), Capítulo II (“Reuniões espíritas gerais”), Sexta Parte (“Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

13 Vide Subcapítulo II.8. (“Revolta e ataque dos obsessores contra os trabalhos de desobsessão – Afastamento dos obsidiados”), Capítulo II (“Desobsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

descida e da derrota, controlados pelas inteligências mais vigorosas que a nossa e que seguem conosco, lado a lado, na zona progressiva ou deprimente, em que nos colocamos. “O inferno, por isto mesmo, é um problema de direção espiritual. “Satã é a inteligência perversa. “O mal é o desperdício do tempo ou o emprego da energia em sentido contrário aos propósitos do Senhor. “O sofrimento é reparação ou ensinamento renovador. “As almas decaídas, contudo, quaisquer que sejam, não constituem uma raça espiritual sentenciada irremediavelmente ao satanismo, integrando, tão somente, a coletividade das criaturas humanas desencarnadas, em posição de absoluta insensatez. Misturaram-se à multidão terrestre, exercem atuação singular sobre inúmeros lares e administrações e o interesse fundamental das mais poderosas inteligências, dentre elas, é a conservação do mundo ofuscado e distraído, à força da ignorância defendida e do egoísmo recalçado, adiando-se o Reino de Deus, entre os homens, indefinidamente...” “De milênios a milênios, a região em que respiram padece extremas alterações, qual acontece ao campo provisoriamente ocupado pelos povos conhecidos. A matéria que lhes estrutura a residência sofre tremendas modificações e precioso trabalho seletivo se opera na transformação natural, dentro dos moldes do Infinito Bem. Entretanto, embora de fileiras compactas incessantemente substituídas, persistem por séculos sucessivos, acompanhando o curso das civilizações e seguindo-lhes os esplendores e experiências, aflições e derrotas.” (AL, *Libertação*, Capítulo 1)

“**Numa cidade estranha.** No dia imediato, pusemo-nos em marcha. Respondendo-nos às arguições afetuosas, o instrutor informou-nos de que teríamos apenas alguns dias de ausência. Além dos serviços referentes ao encargo particular que nos mobilizava, entraríamos em algumas atividades secundárias de auxílio. Técnico em missões dessa natureza, afirmou que nos admitira, num trabalho que ele poderia desenvolver sozinho, não só pela confiança que em nós depositava, mas também pela necessidade da formação de novos cooperadores, especializados no ministério de socorro às trevas. Após a travessia de várias regiões, “em descida”, com escalas por diversos postos e instituições socorristas, penetramos vasto domínio de sombras. A claridade solar jazia diferenciada. Fumo cinzento cobria o céu em toda a sua extensão. A volitação fácil se fizera impossível. A vegetação exibia aspecto sinistro e angustiado. As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a ideia de braços erguidos em súplicas dolorosas. Aves agoureiras, de grande tamanho, de uma espécie que poderá ser situada entre os corvídeos, crocitavam em surdina, semelhando-se a pequenos monstros alados espiando presas ocultas. O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos

semelhante a outros de meu conhecimento, e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos. Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons. Acredito, teríamos examinado individualmente os sofredores que aí se localizavam, se nos entregássemos a detida apreciação; todavia, Gúbio, à maneira de outros instrutores, não se detinha para atender a curiosidade improfícua. Lembrando a “selva escura” a que Alighieri se reporta no imortal poema, eu trazia o coração premido de interrogativas inquietantes. Aquelas árvores estranhas, de frondes ressecadas, mas vivas, seriam almas convertidas em silenciosas sentinelas de dor, qual a mulher de Lot, transformada simbolicamente em estátua de sal? E aquelas grandes corujas diferentes, cujos olhos brilhavam desagradavelmente nas sombras, seriam homens desencarnados sob tremendo castigo da forma? Quem chorava nos vales extensos de lama? Criaturas que houvessem vivido na Terra que recordávamos, ou duendes desconhecidos para nós? De quando em quando, grupos hostis de entidades espirituais em desequilíbrio nos defrontavam, seguindo adiante, indiferentes, incapazes de registrar-nos a presença. Falavam em alta voz, em português degradado, mas inteligível, evidenciando, pelas gargalhadas, deploráveis condições de ignorância. Apresentavam-se em trajes bisonhos e conduziam apetrechos de lutar e ferir. Avançamos mais profundamente, mas o ambiente passou a sufocar-nos. Repousamos, de algum modo, vencidos de fadiga singular, e Gúbio, depois de alguns momentos, nos esclareceu: – Nossas organizações perispíricas, à maneira de escafandro estruturado em material absorvente, por ato deliberado de nossa vontade, não devem reagir contra as baixas vibrações deste plano. Estamos na posição de homens que, por amor, descessem a operar num imenso lago de lodo; para socorrer eficientemente os que se adaptaram a ele, são compelidos a cobrir-se com as substâncias do charco, sofrendo-lhes, com paciência e coragem, a influência deprimente. Atravessamos importantes limites vibratórios e cabe-nos entregar a forma exterior ao meio que nos recebe, a fim de sermos realmente úteis aos que nos propomos auxiliar. Finda a nossa transformação transitória, seremos vistos por qualquer dos habitantes desta região menos feliz. A oração, de agora em diante, deve ser nosso único fio de comunicação com o Alto, até que eu possa verificar, quando na Crosta, qual o minuto mais adequado de nosso retorno aos dons luminescentes. Não estamos em cavernas infernais, mas atingimos grande império de inteligências perversas e atrasadas, anexo aos círculos da Crosta, onde os homens terrestres lhes sofrem permanente influência. Chegou para nós o momento de pequeno testemunho. Muita capacidade de renúncia é indispensável, a fim de alcançarmos nossos fins. Podemos perder por falta de paciência ou por escassez

de vocação para o sacrifício. Para a malta de irmãos retardados que nos envolverá, seremos simples desencarnados, ignorantes do próprio destino. Passamos a inalar as substâncias espessas que pairavam em derredor, como se o ar fosse constituído de fluidos viscosos. Elói estirou-se, ofegante, e não obstante experimentar, por minha vez, asfixiante opressão, busquei padronizar atitudes pela conduta do instrutor, que tolerava a metamorfose, silencioso e palidíssimo. Reparei, confundido, que a voluntária integração com os elementos inferiores do plano nos desfigurava enormemente. Pouco a pouco, sentimo-nos pesados e tive a ideia de que fora, de improviso, religado, de novo, ao corpo de carne, porque, embora me sentisse dono da própria individualidade, me via revestido de matéria densa, como se fosse obrigado a envergar inesperada armadura. Decorridos longos minutos, o orientador apelou, diligente: – Prossigamos! Doravante, seremos auxiliares anônimos. Não nos convém, por enquanto, a identificação pessoal. – Mas, não será isto mentir? – clamou Elói, quase refeito. Gúbio dividiu conosco um olhar de benevolência e explicou, bondoso: – Não te recordas do texto evangélico que recomenda não saiba a mão esquerda o que dá a direita? Este é o momento de ajudarmos sem alarde. O Senhor não é mentiroso quando nos estende invisíveis recursos de salvação, sem que lhe vejamos a presença. “Nesta cidade sombria, trabalham inúmeros companheiros do bem nas condições em que nos achamos. Se erguermos bandeira provocante, nestes campos, nos quais noventa e cinco por cento das inteligências se encontram devotadas ao mal e à desarmonia, nosso programa será estraçalhado em alguns instantes. Centenas de milhares de criaturas aqui padecem amargos choques de retorno à realidade, sob a vigilância de tribos cruéis, formadas de espíritos egoístas, invejosos e brutalizados. Para a sensibilidade medianamente desenvolvida, o sofrimento aqui é inapreciável.” (AL, *Libertação*, Capítulo 4)

– E há governo estabelecido num reino estranho e sinistro quanto este? – indaguei. – Como não? – respondeu Gúbio, atenciosamente. – Qual ocorre na esfera carnal, a direção, neste domínio, é concedida pelos Poderes Superiores, a título precário. Na atualidade, este grande empório de padecimentos regenerativos permanece dirigido por um sátrapa de inqualificável impiedade, que aliciou para si próprio o pomposo título de Grande Juiz, assistido por assessores políticos e religiosos tão frios e perversos quanto ele mesmo. Grande aristocracia de gênios implacáveis aqui se alinha, senhoreando milhares de mentes preguiçosas, delinquentes e enfermigas... – E porque permite Deus semelhante absurdo? Dessa vez, era o meu colega que perguntava, de novo, semiapavorado, agora, ante os compromissos que assumíramos. Longe de perturbar-se, Gúbio replicou: – Pelas mesmas razões educativas

através das quais não aniquila uma nação humana quando, desvairada pela sede de dominação, desencadeia guerras cruentas e destruidoras, mas a entrega à expiação dos próprios crimes e ao infortúnio de si mesma, para que aprenda a integrar-se na ordem eterna que preside à vida universal. De período a período, contado cada um por vários séculos, a matéria utilizada por semelhantes inteligências é revolvida e reestruturada, qual acontece nos círculos terrenos; mas se o Senhor visita os homens pelos homens que se santificam, corrige igualmente as criaturas por intermédio das criaturas que se endurecem ou bestializam. – Significa então que os gênios malditos, os demônios de todos os tempos... – exclamei, reticencioso... – Somos nós mesmos – completou o instrutor, paciente – quando nos desviamos, impenitentes, da Lei. Já perambulamos por estes sítios sombrios e inquietantes, mas os choques biológicos do renascimento e da desencarnação, mais ou menos recentes, não te permitem, nem a Elói, o desabrocho de reminiscências completas do passado. Comigo, porém, a situação é diversa. A extensão de meu tempo na vida livre já me confere recordações mais dilatadas e, de antemão, conheço as lições que constituam novidade. Muitos de nossos companheiros, guindados à altura, não mais identificam nestas paragens senão motivos de cansaço, repugnância e pavor; todavia, é forçoso observar que o pântano, invariavelmente, é uma zona da natureza pedindo o socorro dos servos mais fortes e generosos.” (AL, *Libertação*, Capítulo 4)

“Música exótica fazia-se ouvir não distante e Gúbio rogou-nos prudência e humildade em favor do êxito no trabalho a desdobrar-se. Reerguemo-nos e avançamos. Fizera-se-nos tardio o passo e nossa movimentação difícil. Em voz baixa, o orientador reiterou a recomendação: – Em qualquer constrangimento íntimo, não nos esqueçamos da prece. É, de ora em diante, o único recurso de que dispomos a fim de mobilizar nossas reservas mentais superiores, em nossas necessidades de reabastecimento psíquico. Qualquer precipitação pode arrojá-los a estados primitivistas, lançando-nos em nível inferior, análogo ao dos espíritos infelizes que desejamos auxiliar. Tenhamos calma e energia, doçura e resistência, de ânimo voltado para o Cristo. Lembremo-nos de que aceitamos o encargo desta hora, não para justificar e sim para educar e servir. Adiantamo-nos, caminho a fora, como se fazia possível. Em minutos breves, penetramos vastíssima aglomeração de vielas, reunindo casario decadente e sórdido. Rostos horrendos contemplavam-nos furtivamente, a princípio, mas, à medida que varávamos o terreno, éramos observados, com atitude agressiva, por transeuntes de miserável aspecto. Alguns quilômetros de via pública, repletos de quadros deploráveis, desfilaram a nossos olhos. Mutilados às centenas, aleijados

de todos os matizes, entidades visceralmente desequilibradas, ofereciam-nos paisagens de arrepiar. Impressionado com a multidão de criaturas deformadas que se enfileiravam sob nosso raio visual, perfeitamente arrebanhadas ali em experiência coletiva, enderecei algumas interrogações ao instrutor, em tom discreto. Porque tão extensa comunidade de sofrendores? Que causas impunham tão flagrante decadência da forma? Paciente, o orientador não se fez demorado na resposta. – Milhões de pessoas – informou, calmo –, depois da morte, encontram perigosos inimigos no medo e na vergonha de si mesmas. Nada se perde, André, no círculo de nossas ações, palavras e pensamentos. O registro de nossa vida opera-se em duas fases distintas, perseverando no exterior, através dos efeitos de nossa atuação em criaturas, situações e coisas, e persistindo em nós mesmos, nos arquivos da própria consciência, que recolhe matematicamente todos os resultados de nosso esforço, no bem ou no mal, ao interior dela própria. O espírito, em qualquer parte, move-se no centro das criações que desenvolveu. Defeitos escuros e qualidades louváveis envolvem-no, onde se encontre. A criatura na Terra, por onde peregrinamos, ouve argumentos alusivos ao Céu e ao Inferno e acredita vagamente na vida espiritual que a espera, além-túmulo. Mais cedo que possa imaginar, perde o veículo de carne e compreende que não se pode ocultar por mais tempo, desfeita a máscara do corpo sob a qual se escondia à maneira da tartaruga dentro da carapaça. Sente-se tal qual é e recebe a presença dos filhos da luz, cujos dons de penetração lhe identificariam, de pronto, as mazelas indesejáveis. O perispírito, para a mente, é uma cápsula mais delicada, mais suscetível de refletir-lhe a glória ou a viciação, em virtude dos tecidos rarefeitos de que se constitui. Em razão disso, as almas decaídas, num impulso de revolta contra os deveres que nos competem a cada um, nos serviços de sublimação, aliam-se umas às outras através de organizações em que exteriorizam, tanto quanto possível, os lamentáveis pendores que lhes são peculiares, não obstante ferretoadas pelo agulhão das inteligências vigorosas e cruéis. – Mas – interfere – não há recursos de soerguer semelhantes comunidades? – A mesma lei de esforço próprio funciona igualmente aqui. Não faltam apelos santificantes de Cima; contudo, com a ausência da íntima adesão dos interessados ao ideal da melhoria própria, é impraticável qualquer iniciativa legítima, em matéria de reajustamento geral. Sem que o espírito, senhor da razão e dos valores eternos que lhe são consequentes, delibere mobilizar o patrimônio que lhe é próprio, no sentido de elevar o seu campo vibratório, não é justo seja arrebatado, por imposição, a regiões superiores que ele mesmo, por enquanto, não sabe desejar. E até que resolva atirar-se ao empreendimento da própria ascensão, vai sendo aproveitado pelas

leis universais no que possa ser útil à Obra Divina. A minhoca, enquanto é minhoca, é compelida a trabalhar o solo; o peixe, enquanto é peixe, não viverá fora d'água... Sorrindo, ante a própria argumentação, concluiu bem humorado: – É natural, pois, que o homem, dono de vastas teorias de virtude salvadora, enquanto se demora no comboio da inferioridade seja empregado em atividades inferiores. A Lei estima infinitamente a lógica. Calou-se Gúbio, evidentemente constrangido pela necessidade de não acordarmos demasiada atenção em torno de nós.” (AL, *Libertação*, Capítulo 4)

“Tocado, no entanto, pela miséria que ali emoldurava tanta dor, perdi-me num mar de indagações íntimas. Que empório extravagante era aquele? algum país onde vicejassem tipos subumanos? Eu sabia que semelhantes criaturas não envergavam corpos carnaís e que se congregavam num reino purgatorial, em benefício próprio; entretanto, vestiam-se de roupagens de matéria francamente imunda. Lombroso e Freud encontrariam aí extenso material de observação. Incontáveis tipos que interessariam, de perto, à criminologia e à psicanálise. Vagueavam absortos, sem rumo. Exemplares inúmeros de pigmeus, cuja natureza em si ainda não posso precisar, passavam por nós, aos magotes. Plantas exóticas, desagradáveis ao nosso olhar, ali proliferam e animais em cópia abundante, embora monstruosos, se movimentavam a esmo, dando-me a ideia de seres acabrunhados que pesada mão transformara em duendes. Becos e despenhadeiros escuros se multiplicavam em derredor, acentuando-nos o angustioso assombro. Após a travessia de vastíssima área, não sopitei as interrogações que me escapavam do cérebro. O instrutor, todavia, esclareceu, discreto: – Guarda as perguntas intempestivas no momento. Estamos numa colônia purgatorial de vasta expressão. Quem não cumpre aqui dolorosa penitência regenerativa, pode ser considerado inteligência sub-humana. Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a ideia simples do homem primitivo na floresta. Afeioam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. O contato com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exercermos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas. Com respeito aos Espíritos que se mostram nestas ruas sinistras, exibindo formas quase animalescas, neles reparamos

várias demonstrações da anormalidade a que somos conduzidos pela desarmonia interna. Nossa atividade mental nos marca o perispírito. Podemos reconhecer a propriedade do asserto, quando ainda no mundo. O glutão começa a adquirir aspecto deprimente no corpo em que habita. Os viciados no abuso do álcool passam a viver de borco, arrojados ao solo, à maneira de grandes vermes. A mulher que se habituou a mercadejar com o vaso físico, olvidando as sagradas finalidades da vida, apresenta máscara triste, sem sair da carne. Aqui, porém, André, o fogo devorador das paixões aviltantes revela suas vítimas com mais hedionda crueldade. Certo, porque eu refletisse no problema de assistência, o orientador aduziu: – É impraticável a enfermagem individual e sistemática numa cidade em que se amontoam milhares de alienados e doentes. Um médico do mundo surpreenderia aqui, às centenas, casos de amnésia, de psicastenia, de loucura, através de neuroses complexas, alcançando a conclusão de que toda a patogenia permanece radicada aos ascendentes de ordem mental. Quem cura nestes lugares há de ser o tempo com a piedade celeste ou a piedade celeste por intermédio de embaixadores da renúncia, em serviços de intercessão para os espíritos arrependidos que se refugiem na obediência aos imperativos da Lei, inspirados pela boa vontade. Alguns transeuntes repulsivos ombream conosco e Gúbio considerou prudente silenciar.” (AL, *Libertação*, Capítulo 4)

“Notei a existência de algumas organizações de serviços que nos pareceriam, na esfera carnal, ingênuas e infantis, reconhecendo que a ociosidade era, ali, a nota dominante. E porque não visse crianças, exceção feita das raças de anões, cuja existência percebia sem distinguir os pais dos filhos, arrisquei, de novo, uma indagação, em voz baixa. Respondeu o instrutor, atencioso: – Para os homens da Terra, propriamente considerados, este plano é quase infernal. Se a compaixão humana separa as crianças dos criminosos definidos, que dizer do carinho com que a compaixão celestial vela pelos infantes? – E por que, em geral, tanta ociosidade neste plano? – indaguei ainda. – Quase todas as almas humanas, situadas nestas furnas, sugam as energias dos encarnados e lhes vampirizam a vida, qual fossem lampreias insaciáveis no oceano do oxigênio terrestre. Suspiram pelo retorno ao corpo físico, de vez que não aperfeiçoaram a mente para a ascensão, e perseguem as emoções do campo carnal com o desvario dos sedentos no deserto. Quais fetos adiantados absorvendo as energias do seio materno, consomem altas reservas de força dos seres encarnados que as acalentam, desprevenidos de conhecimento superior. Daí, esse desespero com que defendem no mundo os poderes da inércia e essa aversão com que interpretam qualquer progresso espiritual ou qualquer avanço do homem na montanha de santificação. No fundo, as

bases econômicas de toda essa gente residem, ainda, na esfera dos homens comuns e, por isto, preservam, apaixonadamente, o sistema de furto psíquico, dentro do qual se sustentam junto às comunidades da Terra. A essa altura, defrontamos acidentes no solo, que o instrutor nos levou a atravessar. Subimos, dificilmente, a rua íngreme e, em pequeno planalto, que se nos descortinou aos olhos espantadiços, a paisagem alterou-se. Palácios estranhos surgiam imponentes, revestidos de claridade abraseada, semelhante à auréola do aço incandescente. Praças bem cuidadas, cheias de povo, ostentavam carros soberbos, puxados por escravos e animais. O aspecto devia, a nosso ver, identificar-se com o das grandes cidades do Oriente, de duzentos anos atrás. Liteiras e carruagens transportavam personalidades humanas, trajadas de modo surpreendente, em que o escarlate exercia domínio, acentuando a dureza dos rostos que emergiam dos singulares indumentos. Respeitável edifício destacava-se diante de uma fortaleza, com todos os característicos de um templo, e o orientador confirmou-me as impressões, asseverando que a casa se destinava a espetaculoso culto externo. Enquanto nos movimentávamos, admirando o suntuoso casario em contraste chocante com o vasto reino de miséria que atravessáramos, alguém nos interpelou, descortês: – Que fazem? Era um homem alto, de nariz adunco e olhos felinos, com todas as maneiras do policial desrespeitoso, a identificar-nos. – Procuramos o sacerdote Gregório, a quem estamos recomendados – esclareceu Gúbio, humilde. O estranho pôs-se à frente, determinou-lhe acompanhássemos as passadas, em silêncio, e guiou-nos a um casarão de feio aspecto. – É aqui! – disse em tom seco e, após apresentar-nos a um homem maduro, envolvido em longa e complicada túnica, retirou-se. Gregório não nos recebeu hospitaleiramente. Fitou em Gúbio os olhos desconfiados de fera surpreendida e interrogou: – Vieram da Crosta, há muito tempo? – Sim – respondeu nosso instrutor –, e temos necessidade de auxílio. – Já foram examinados? – Não. – E quem os enviou? – inquiriu o sacerdote, sob visível perturbação. – Certa mensageira de nome Matilde. O anfitrião estremeceu, mas observou, implacável: – Não sei quem seja. Todavia, podem entrar. Tenho serviços nos mistérios e não posso ouvi-los agora. Amanhã, porém, ao anoitecer, serão levados aos setores de seleção, antes de admitidos ao meu serviço. Nem mais uma palavra. Entregues a um servidor de fisionomia desagradável, demandamos porão escuro, e confesso que acompanhei Gúbio e Elói, de alma conturbada por receio absorvente e indefinível.” (AL, *Libertação*, Capítulo 4)

“**Operações seletivas.** Transcorridas longas horas em compartimento escuro, aproveitadas em meditações e preces, sem entendimentos verbais, fomos conduzidos, na noite imediata, a um edifício de grandes e

curiosas proporções. O esquisito palácio guardava a forma de enorme hexágono, alongando-se para cima em torres pardacentas, e reunia muitos salões consagrados a estranhos serviços. Iluminado externa e internamente pela claridade de volumosos tocheiros, apresentava o aspecto desagradável de uma casa incendiada. Sob a custódia de quatro guardas da residência de Gregório, que nos comunicaram a necessidade de exame antes de qualquer contato direto com o aludido sacerdote, penetramos o recinto de largas dimensões, no qual se congregavam algumas dezenas de entidades em deploráveis condições. Moços e velhos, homens e mulheres, aí se misturavam em relativo silêncio. Alguns gemiam e choravam. Reparei que a multidão se constituía, em sua quase totalidade, de almas doentes. Muitos padeciam desequilíbrios mentais visíveis. Observei-lhes, impressionado, o aspecto enfermiço. O perispírito de todos os que aí se enclausuravam, pacientes e expectadores, mostrava a mesma opacidade do corpo físico. Os estigmas da velhice, da moléstia e do desencanto, que perseguem a experiência humana, ali triunfavam, perfeitos... O medo controlava os mais desesperados, porque o silêncio caía, abafante, embora a inquietação que transparecia de todos os rostos. Alguns servidores da casa, em trajes característicos, separavam, por grupos vários, as pessoas desencarnadas que entrariam, naquele momento, em seleção para julgamento oportuno. Discretamente, o instrutor elucidou-nos: – Presenciamos uma cerimônia semanal dos juízes implacáveis que vivem sediados aqui. A operação seletiva realiza-se com base nas irradiações de cada um. Os guardas que vemos em trabalho de escolha, compondo grupos diversos, são técnicos especializados na identificação de males numerosos, através das cores que caracterizam o halo dos Espíritos ignorantes, perversos e desequilibrados. A divisão para facilitar o serviço judiciário é, por isto mesmo, das mais completas. A essa altura, o pessoal de Gregório nos dera tréguas, afastando-se de nós, de algum modo, não obstante vigiar-nos das galerias repletas de gente. Respeitado o nosso trio pelos selecionadores que não nos alteraram a união, situávamo-nos, agora, no campo das vítimas. Atento à explicação ouvida, indaguei, curioso: – Todas estas entidades vieram constrangidas, conforme sucedeu conosco? Há espíritos satânicos, recordando as oleografias religiosas da Crosta, disputando as almas no leito de morte? O orientador obtemperou, muito calmo: – Sim. André, cada mente vive na companhia que elege. Semelhante princípio prevalece para quem respira no corpo denso ou fora dele. É imperioso reconhecer, porém, que a maioria das almas asiladas neste sítio vieram ter aqui obedecendo a forças de atração. Incapazes de perceber a presença dos benfeitores espirituais que militam entre os homens encarnados, em tarefas de renúncia e benevolência, em vista do baixo teor vibratório em que se

precipitaram, através de delitos reiterados, da ociosidade impenitente ou da deliberada cristalização no erro, não encontraram senão o manto de sombras em que se envolveram e, desvairadas, sozinhas, procuraram as criaturas desencarnadas que com elas se afinam, agregando-se naturalmente a este imenso cortiço, com toda a bagagem de paixões destruidoras que lhes marcam a estrada. Aportando aqui, sofrem, porém, a vigilância de inteligências poderosas e endurecidas que imperam ditatorialmente nestas regiões, onde os frutos amargos da maldade e da indiferença enchem o celeiro dos corações desprevenidos e maliciosos. – Oh! – exclamei em voz sussurrante – por que motivo confere o Senhor atribuições de julgadores a Espíritos despóticos? Porque estará a justiça, nesta cidade estranha, em mãos de príncipes diabólicos? Gúbio estampou na fisionomia significativa expressão e ajuntou: – Quem se atreveria a nomear um anjo de amor para exercer o papel de carasco? Ao demais, como acontece na Crosta Planetária, cada posição, além da morte, é ocupada por aquele que a deseja e procura. Vagueei o olhar, em derredor, e confrangeu-se-me toda a alma. Na comunidade das vítimas, arrebanhadas aos magotes, como se fossem animais raros para uma festa, predominavam a humildade e a aflição; mas, entre as sentinelas que nos rodeavam, a peçonha da ironia transbordava. Palavrões eram desferidos, desrespeitosamente, a esmo. À frente de vasta tribuna vazia e sob as galerias laterais abarrotadas de povo, compacta multidão se amontoava, irreverente. Alguns minutos decorreram desagradáveis e pesados, quando absorvente vozerio se fez ouvido: – Os magistrados! os magistrados! Lugar! lugar para os sacerdotes da justiça! Procurei a paisagem exterior, curiosamente, tanto quanto me era possível, e vi que funcionários rigorosamente trajados à moda dos lictores da Roma antiga, carregando a simbólica machadinha (fascas) ao ombro, avançavam, ladeados por servidores que sobraçavam grandes tochas a lhes clarearem o caminho. Penetraram o átrio em passos rítmicos e, depois deles, sete andores, sustentados por dignitários diversos daquela corte brutalizada, traziam os juízes, esquisitamente ataviados. Que solenidade religiosa era aquela? As poltronas suspensas eram, em tudo, idênticas à “sédia gestatória” das cerimônias papalinas. Varando, agora, o recinto, os lictores passaram o instrumento simbólico às mãos e alinharam-se, corretos, perante a tribuna espaçosa, sobre a qual resplandecia alarmante fecho de luz. Os julgadores, por sua vez, desceram, pomposos, dos tronos içados e tomaram assento numa espécie de nicho a salientar-se de cima, inspirando silêncio e temor, porque a turba inconsciente, em redor, calou-se de súbito. Tambores variados rufaram, como se estivessemos numa parada militar em grande estilo, e uma composição musical semisselvagem acompanhou-lhes o ritmo, torturando-nos a sensibilidade. Terminado aquele

ruído, um dos julgadores se levantou e dirigiu-se à massa, aproximadamente nestes termos: – “Nem lágrimas, nem lamentos. “Nem sentença condenatória, nem absolvição gratuita. “Esta casa não pune, nem recompensa. “A morte é caminho para a justiça. “Escusado qualquer recurso à compaixão, entre criminosos. “Não somos distribuidores de sofrimento, e, sim, mordomos do Governo do Mundo. “Nossa função é a de selecionar delinquentes, a fim de que as penas lavradas pela vontade de cada um sejam devidamente aplicadas em lugar e tempo justos. “Quem abriu a boca para vilipendiar e ferir, prepare-se a receber, de retorno, as forças tremendas que desencadeou através da palavra envenenada. “Quem abrigou a calúnia, suportará os gênios infelizes aos quais confiou os ouvidos. “Quem desviou a visão para o ódio e para a desordem, descubra novas energias para contemplar os resultados do desequilíbrio a que se consagrou, espontaneamente. “Quem utilizou as mãos em sementeiras de malícia, discórdia, inveja, ciúme e perturbação deliberada, organize resistência para a colheita de espinhos. “Quem centralizou os sentidos no abuso de faculdades sagradas espere, doravante, necessidades enlouquecedoras, porque as paixões envilecentes, mantidas pela alma no corpo físico, explodem aqui, dolorosas e arrasadoras. A represa por longo tempo guarda micróbios e monstros, segregados a distância do curso tranquilo das águas; todavia, chega um momento em que a tempestade ou a decadência surpreendem a obra vigorosa de alvenaria e as formas repelentes, libertadas, se espalham e crescem em toda a extensão da corrente. “Seguidores do vício e do crime, tremei! “Condenados por vós mesmos, conservais a mente prisioneira das mais baixas forças da vida, à maneira do batráquio encarcerado no visco do pântano, ao qual se habituou no transcurso dos séculos!...” Nesse ponto, o orador fez pausa e reparei os circunstantes. Olhos esgazeados pelo pavor jaziam abertos em todas as máscaras fisionômicas. O juiz, por sua vez, não parecia respeitar o menor resquício de misericórdia. Mostrava-se interessado em criar ambiente negativo a qualquer espécie de soerguimento moral, estabelecendo nos ouvintes angustioso temor. Prolongando-se o intervalo, enderecei com o olhar silenciosa interrogação ao nosso orientador, que me falou quase em segredo: – O julgador conhece à saciedade as leis magnéticas, nas esferas inferiores, e procura hipnotizar as vítimas em sentido destrutivo, não obstante usar, como vemos, a verdade contundente. – Não vale acusar a edilidade desta colônia – prosseguiu a voz trovejante –, porque ninguém escapará aos resultados das próprias obras, quanto o fruto não fuge às propriedades da árvore que o produziu. Amaldiçoados sejam pelo Governo do Mundo quem nos despreze as deliberações, baseadas, aliás, nos arquivos mentais de cada um. Assinalando, intuitivamente, a queixa mental dos ouvintes, bradou,

terrificante: – Quem nos acusa de crueldade? Não será benfeitor do espírito coletivo o homem que se consagra à vigilância de uma penitenciária? E quem sois vós, senão rebotalho humano? Não viestes, até aqui, conduzidos pelos próprios ídolos que adorastes? Nesse momento, convulsivo choro invadiu a muitos. Gritos atormentados, rogativas de compaixão se fizeram ouvir. Muitos se prosternaram de joelhos. Imensa dor generalizara-se. Gúbio trazia a destra sobre o peito, como se contivesse o coração, mas, vendo por minha vez aquele grande grupo de espíritos rebelados e humilhados, orgulhosos e vencidos, lastimando amargamente as oportunidades perdidas, recordei meus velhos caminhos de ilusão e – porque não dizer? – ajoelhei-me também, compungido, implorando piedade em silêncio. Exasperado, o julgador bradou, colérico: – Perdão? Quando desculpastes sinceramente os companheiros da estrada? Onde está o juiz reto que possa exercer, impune, a misericórdia?” (AL, *Libertação*, Capítulo 5)

“E incidindo toda a força magnética que lhe era peculiar, através das mãos, sobre uma pobre mulher que o fixava, estarecida, ordenou-lhe com voz soturna: – Venha! venha! Com expressão de sonâmbula, a infeliz obedeceu à ordem, destacando-se da multidão e colocando-se, em baixo, sob os raios positivos da atenção dele. – Confesse! confesse! – determinou o desapiedado julgador, conhecendo a organização frágil e passiva a que se dirigia. A desventurada senhora bateu no peito, dando-nos a impressão de que rezava o “confiteor” e gritou, lacrimosa: – Perdoai-me! perdoai-me, ó Deus meu! E como se estivesse sob a ação de droga misteriosa que a obrigasse a desnudar o íntimo, diante de nós, falou, em voz alta e pausada: – Matei quatro filhinhos inocentes e tenros... e combinei o assassinio de meu intolerável esposo... O crime, porém, é um monstro vivo. Perseguiu-me, enquanto me demorei no corpo... Tentei fugir-lhe através de todos os recursos, em vão... e por mais buscasse afogar o infortúnio em “bebidas de prazer”, mais me chafurdei no charco de mim mesma... De repente, parecendo sofrer a interferência de lembranças menos dignas, clamou: – Quero vinho! vinho! prazer!... Em vigorosa demonstração de poder, afirmou, triunfante, o magistrado: – Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas? Em seguida, fixando sobre ela as irradiações que lhe emanavam do temível olhar, asseverou, peremptório: – A sentença foi lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba... À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o

rosto. Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispirítico. Em voz baixa, procurei recolher o ensinamento de Gúbio, que me esclareceu num cício: – O remorso é uma bênção, sem dúvida, por levar-nos à corrigenda, mas também é uma brecha, através da qual o credor se insinua, cobrando pagamento. A dureza coagula-nos a sensibilidade durante certo tempo; todavia, sempre chega um minuto em que o remorso nos descerra a vida mental aos choques de retorno das nossas próprias emissões. E acentuando, de modo singular, a voz quase imperceptível, acrescentou: – Temos aqui a gênese dos fenômenos de licantria, inextrincáveis, ainda, para a investigação dos médicos encarnados. Lembra-te de Nabucodonosor, o rei poderoso, a que se refere a Bíblia? Conta-nos o Livro Sagrado que ele viveu, sentindo-se animal, durante sete anos. O hipnotismo é tão velho quanto o mundo e é recurso empregado pelos bons e pelos maus, tomando-se por base, acima de tudo, os elementos plásticos do perispirito. Notando, porém, que a mulher infeliz prosseguia guardando estranhos caracteres no semblante, perguntei: – Esta irmã infortunada permanecerá doravante em tal aviltamento da forma? Finda longa pausa, o instrutor informou, com tristeza: – Ela não passaria por esta humilhação se não a merecesse. Além disso, como se adaptou às energias positivas do juiz cruel, em cujas mãos veio a cair, pode também esforçar-se intimamente, renovar a vida mental para o bem supremo e afeiçoar-se à influência de benfeitores que nunca escasseiam na senda redentora. Tudo, André, em casos como este, se resume a problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida. O orientador não conseguiu continuar.” (AL, *Libertação*, Capítulo 5)

“Ao redor de nós, as lamentações se fizeram estridentes. Interjeições de espanto e dor eram proferidas sem rumo. O magistrado, que detinha a palavra, determinou silêncio e exprobrou, asperamente, a atitude dos queixosos. Logo após, notificou que os Espíritos Seletores se materializariam, em breves minutos, e que os interessados poderiam solicitar deles as explicações que desejassem. Concomitantemente, ergueu as mãos em mímica reverencial e, fazendo-nos sentir que presidia ao estranho cenáculo, fez uma invocação em alta voz, denunciando, nos gestos, a condição de respeitável hierofante, em grande solenidade. Terminada que foi a alocução, vasto lençol nebuloso, semelhante a uma nuvem móvel, apareceu na tribuna que se mantinha, até então, despovoada. E pouco a pouco, diante de nossos olhos assombrados, três entidades tomaram forma perfeitamente humana, apresentando uma delas, a que no porte guardava maior autoridade hierárquica, pequeno instrumento cristalino nas mãos. Trajavam túnicas de curiosa e indefinível substância em amarelo

vivo e revestiam-se de halo afogueado, não brilhante. Essa auréola, mais acentuadamente viva em volta da fronte, desferia radiações perturbadoras, que recordavam a esbraseada expressão do ferro incandescente. Ambos os acólitos da personalidade central do trio tomaram folhas de apontamento num cofre vizinho e, ladeando-a, desceram até nós, em silêncio. Inesperada quietação tomou a turba, dantes agitada. Ainda não sei de que recôndita organização provinham tais funcionários espirituais; no entanto, reparei que o chefe da expedição tríplice mostrava infinita melancolia na tela fisionômica. Alçou ele o instrumento cristalino, à frente do primeiro grupo, formado de catorze homens e mulheres de vários tipos. Efetuou observações que não pude acompanhar e disse algo aos companheiros que se dispuseram à anotação imediata. Antes, porém, que se retirasse, dois membros do conjunto avançaram implorando socorro: – Justiça! justiça! – suplicou o primeiro – estou punido sem culpa... Fui homem de pensamento e de letras, entre as criaturas encarnadas... Porque deverei suportar a companhia dos avaros? Fitando o seletor, angustiadamente, reclamou: – Se escolheis com equidade, livrai-me do labirinto em que me vejo! Não terminara e o segundo interferiu, ajuntando: – Magistrado venerável, por quem sois!... não pertenço à classe dos sovins. Imantaram-me a seres sórdidos e desprezíveis! Minha vida transcorreu entre livros, não entre moedas... A Ciência fascinou-me, os estudos eram meu tema predileto... Pode, assim, o intelectual equiparar-se ao usurário? O dirigente da seleção mostrou reservada piedade no semblante calmo e elucidou, firme: – Clamais debalde, porque desagradável vibração de egoísmo cristalizante vos caracteriza a todos. Que fizestes do tesouro cultural recebido? Vosso “tom vibratório” demonstra avareza sarcástica. O homem que ajunta letras e livros, teorias e valores científicos sem distribuí-los a benefício dos outros, é irmão infortunado daquele que amontoa moedas e apólices, títulos e objetos preciosos, sem ajudar a ninguém. O mesmo prato lhes serve na balança da vida. – Por amor de Deus! – suplicou um dos circunstantes, comovedoramente. – Esta casa é de justiça, em nome do Governo do Mundo! – afiançou o explicador sem alterar-se. E impassível, embora visivelmente amargurado, pôs-se em marcha. Auscultava uma formação de oito pessoas; todavia, enquanto se comunicava com os assessores, acerca das observações recolhidas, um cavaleiro de faces macilentas salientou-se e exclamou, estadeando enorme fúria: – Que ocorre neste recinto misterioso? Estou entre caluniadores confessos, quando desempenhei o papel de homem honrado... Criei numerosa família, nunca trai as obrigações sociais, fui correto e digno e, não obstante aposentado desde cedo, cumpro todos os deveres que o mundo me assinalou... Com acento colérico, aduzia, aflito: – Quem me acusa?...

Quem me acusa?... O selecionador elucidou, sereno: – A condenação transparece de vós mesmo. Calúnias-tes vosso próprio corpo, inventando para ele impedimentos e enfermidades que só existiam em vossa imaginação, interessada na fuga ao trabalho benéfico e salvador. Debitastes aos órgãos robustos deficiências e moléstias deploráveis, tão somente no propósito de conquistardes repouso prematuro. Conseguistes quanto pretendíeis. Empenhastes amigos, subornastes consciências delituosas e obtivestes o descanso remunerado, durante quarenta anos de experiência terrestre em que outra ação não desenvolvistes senão dormir e conversar sem proveito. Agora, é razoável que o vosso círculo vital se identifique ao de quantos se mergulharam no pântano da calúnia criminosa. O infeliz não teve forças para a tréplica. Submeteu-se, em lágrimas, à argumentação ouvida e retomou o lugar que lhe competia. Alcançando o terceiro grupo, constituído de mulheres diversas, mal havia aplicado o singular instrumento ao campo vibratório que lhes dizia respeito, foi o mensageiro abordado por uma senhora, pavorosamente desfigurada, que lhe lançou em rosto atrozes queixas. – Porque tamanha humilhação? – inquiriu em pranto copioso – Fui dona de uma casa que me encheu de trabalho, voltei para cá rodeada de especiais considerações, naturalmente devidas ao meu estado social e arrebanham-me entre mulheres sem pudor? Que autoridades são estas que impõem a mim, dama de nobre procedência, o convívio de meretrizes? Forte crise de soluços embargou-lhe a voz. O selecionador, no entanto, dentro de uma calma que mais se avizinhava da frieza, declarou sem reboços: – Estamos numa esfera onde o equívoco se faz mais difícil. Consultai a própria consciência. Teríeis sido, realmente, a padroeira de um lar respeitável, como julgais? O teor vibratório assevera que as vossas energias santificantes de mulher, em maior parte, foram desprezadas. Vossos arquivos mentais se reportam a desregramentos emotivos em cuja extinção gastareis longo tempo. Ao que parece, o altar doméstico não foi bem o vosso lugar. A senhora gritou, gesticulou, protestou, mas os selecionadores prosseguiram na tarefa a que se impunham. Ao nosso lado, aplicou o instrumento, em que se salientavam pequeninos espelhos e falou para os auxiliares, definindo-nos a posição: – Entidades neutras. Fixou-nos com penetrante fulguração de olhar, como se nos surpreendesse, mudo, as intenções mais profundas e passou adiante. Instado por mim, Gúbio esclareceu: – Não fomos acusados. Ser-nos-á possível o engajamento no serviço desejado. – Que aparelho vem a ser esse? – indagou Elói, antecipando-me a curiosidade. O orientador não se fez rogado e elucidou: – Trata-se de um captador de ondas mentais. A seleção individual exigiria longas horas. As autoridades que dominam nestas regiões preferem a apreciação em

grupo, o que se faz possível pelas cores e vibrações do círculo vital que nos rodeia a cada um. – Porque nos considerou neutros? – interroguei por minha vez. – O instrumento não é suscetível de marcar a posição das mentes que já se transferiram para a nossa esfera. É recurso para a identificação de perispíritos desequilibrados e não atinge a zona superior. – Mas – perguntei, ainda –, porque se fala nesta casa em nome do Governo do Mundo? O instrutor endereçou-me expressivo gesto e ajuntou: – André, não te esqueças de que nos encontramos num plano de matéria algum tanto densa e não nos círculos de gloriosa santidade. Não olvides a palavra “evolução” e recorda que os maiores crimes das civilizações terrestres foram cometidos em nome da Divindade. Quanta vez, no corpo físico, notamos sentenças cruéis, emitidas por espíritos ignorantes, em nome de Deus? Pouco a pouco, a cerimônia terminou com a mesma imponência de culto externo em que se havia iniciado e, sob a vigilância das sentinelas, tornamos ao ponto de origem, guardando inesperadas meditações e profundos pensamentos.” (AL, *Libertação*, Capítulo 5)

“De volta ao domicílio de Gregório, fomos transferidos da cela trevosa para um aposento de janelas gradeadas, onde tudo desagradava à vista. Certo, devíamos a mudança ao resultado encorajador que alcançáramos nas operações seletivas, mas, em verdade, ainda aí, nos achávamos em autêntico pardieiro. De qualquer modo, era para nós imenso consolo contemplar algumas estrelas, através do nevoeiro que assaltava a paisagem noturna. O instrutor, versado em expedições idênticas à nossa, recomendou-nos não tocar os varões de metal que nos impediam a retirada, esclarecendo se achavam imantados por forças elétricas de vigilância e acentuando que a nossa condição ainda era de simples prisioneiros. Aproximamo-nos, porém, das janelas que nos comunicavam com o exterior e reparei que o espetáculo era digno de estudo. Grande movimento na via pública, congregando vários grupos de criaturas, em conversação não longe de nós. Os diálogos e entendimentos surpreendiam. Quase todos se referiam à esfera carnal. Questões minuciosas e pequeninas da vida particular eram analisadas com inequívoco interesse; contudo, as notas dominantes caíam no desequilíbrio sentimental e nas emoções primárias da experiência física. Percebi diferentes expressões nos “halos vibratórios” que revestiam a personalidade dos conversadores, através das cores de variação típica. Dirigi-me a Gúbio, buscando-lhe oportuno esclarecimento. – Não mediste, ainda – respondeu, prestimoso –, a extensão do intercâmbio entre encarnados e desencarnados. A determinadas horas da noite, três quartas partes da população de cada um dos hemisférios da Crosta Terrestre se acham nas zonas de contato conosco e a maior percentagem

desses semilibertos do corpo, pela influência natural do sono, permanecem detidos nos círculos de baixa vibração qual este em que nos movimentamos provisoriamente. Por aqui, muitas vezes se forjam dolorosos dramas que se desenrolam nos campos da carne. Grandes crimes têm nestes sítios as respectivas nascentes e, não fosse o trabalho ativo e constante dos Espíritos protetores que se desvelam pelos homens no labor sacrificial da caridade oculta e da educação perseverante, sob a égide do Cristo, acontecimentos mais trágicos estarreceriam as criaturas. De alma voltada para as noções da vida imensa que o ambiente sugeria, rememorei o curso incessante das civilizações. Pensamentos mais altos clarearam-me os raciocínios. A Bondade do Senhor não violenta o coração. O Reino Divino nascerá dentro dele e, à maneira da semente de mostarda que se liberta dos envoltórios inferiores, medrará e crescerá gradativamente, sob os impulsos construtivos do próprio homem. Que temerária concepção a de um paraíso fácil! Gúbio percebeu-me a posição mental e falou em socorro de minhas pobres reflexões íntimas: – “Sim, André, a coroa da sabedoria e do amor é conquistada por evolução, por esforço, por associação da criatura aos propósitos do Criador. A marcha da Civilização é lenta e dolorosa. “Formidando atritos se fazem indispensáveis para que o espírito consiga desenvolver a luz que lhe é própria. O homem encarnado vive simultaneamente em três planos diversos. Assim como ocorre à árvore que se radica no solo, guarda ele raízes transitórias na vida física; estende os galhos dos sentimentos e desejos nos círculos de matéria mais leve, quanto o vegetal se alonga no ar; e é sustentado pelos princípios sutis da mente, tanto quanto a árvore é garantida pela própria seiva. Na árvore temos raiz, copa e seiva por três processos diferentes de manutenção para a mesma vida, e no homem vemos corpo denso de carne, organização perispiritica em tipo de matéria mais rarefeita e mente, representando três expressões distintas de base vital, com vistas aos mesmos fins. “Segundo observamos, o homem exige para sustentar-se, no quadro evolucionário, segurança relativa no campo biológico, alimento das emoções que lhe são próprias nas esferas de vida psíquica que se afinam com ele e base mental no mundo íntimo. A vida é patrimônio de todos, mas a direção pertence a cada um. A inteligência caída precipita-se, despenhadeiro abaixo, encontrando sempre, nos círculos inferiores que elege por moradia, milhões de vidas inferiores, junto às quais é aproveitada pela Sabedoria Celestial para maior glorificação da obra divina. Na economia do Senhor, coisa alguma se perde e todos os recursos são utilizados na química do infinito Bem. Aqui mesmo, nesta cidade, tínhamos, a princípio, autêntico império de vidas primitivas que, pouco a pouco, se fez ocupado por extensas coletividades de

almas vaidosas e cruéis. “Entrincheiraram-se nestes sítios, guardando o louco propósito de hostilizar a Bondade Excelsa, e exercem funções úteis junto a enorme agrupamento de criaturas, ainda sub-humanas, não obstante atenderem a serviço que para nós outros seria presentemente insuportável. Usam a violência em largas doses, todavia, no curso dos anos, a influência intelectual delas trará grandes benefícios aos oprimidos de agora e estejamos convictos de que, apesar de blasonarem inteligência e poder, permanecerão nos postos que ocupam apenas enquanto perdurar o consentimento da Divina Direção, atento ao princípio que determina tenha cada assembleia o governo que merece.” (AL, *Libertação*, Capítulo 6)

“O instrutor confiou-se a pausa mais longa e concentrei minha atenção numa dupla feminina que conversava, rente à grade. Certa mulher já desencarnada dizia para a companheira, ainda presa à experiência física, parcialmente liberta nas asas do sono: – Notamos que você, ultimamente, anda mais fraca, mais serviçal... Estará desencantada, quanto aos compromissos assumidos? A interpelada explicou um tanto confundida: – Acontece que João se filiou a um círculo de preces, o que, de alguma sorte, nos vem alterando a vida. A outra deu um salto à retaguarda, ao modo de um animal surpreendido e gritou: – Orações? você está cega quanto ao perigo que isso significa? Quem reza cai na mansidão. É necessário espezinhá-lo, torturá-lo, feri-lo, a fim de que a revolta o mantenha em nosso círculo. Se ganhar piedade, estragar-nos-á o plano, deixando de ser nosso instrumento na fábrica. A interlocutora, no entanto, observou, ingênua: – Ele se diz mais calmo, mais confiante... – Marina – obtemperou a outra, intempestiva –, você sabe que não podemos fazer milagres e não é justo aceitar regras e intrujices de espíritos acovardados que, a pretexto de fé religiosa, se arvoram em ditadores de salvação. Precisamos de seu marido e de muitas outras pessoas que a ele se agregam em serviço e em nosso nível, O projeto é enorme e interessante para nós. Já esqueceu quanto sofremos? Eu, de mim mesma, tenho duras lições por retribuir. E batendo-lhe esquisitamente nos ombros, acentuava: – Não admita encantamentos espirituais. A realidade é nossa e cabe-nos aproveitar o ensejo, integralmente. Volte para o corpo e não ceda um milímetro. Corra com os apóstolos improvisados. Fazem-nos mal. Prenda João, controlando-lhe o tempo. Desenvolva serviço eficiente e não o liberte. Fira-o devagarzinho. O desespero dele chegará, por fim, e, com as forças da insubmissão que forem exteriorizadas em nosso favor, alcançaremos os fins a que nos propomos. Nada de transigência. Não se atemorize com promessas de inferno ou céu depois da morte. Em toda parte a vida é aquilo que fazemos dela. Boquiaberto com o que me era dado perceber, reparei que a entidade astuta e

vingativa envolvia a interlocutora em fluidos sombrios, à maneira dos hipnotizadores comuns. Enderecei olhar interrogativo ao nosso orientador que, após haver atenciosamente acompanhado a cena, informou, prestimoso: – A obsessão desse teor apresenta milhões de casos. De manhãzinha, na Esfera da Crosta, essa pobre mulher, vacilante na fé, incapaz de apreciar a felicidade que o Senhor lhe concedeu num casamento digno e tranquilo, despertará no corpo, de alma desconfiada e abatida. Oscilando entre o “crer” e o “não crer” não saberá polarizar a mente na confiança com que deve enfrentar as dificuldades do caminho e aguardar as manifestações santificantes do Alto e, em face da incerteza íntima em que se lhe caracterizam as atitudes, demorar-se-á imantada a essa irmã ignorante e infeliz, que a persegue e subjuga para conseguir deplorável vingança. Converter-se-á, por isso, em objeto de acentuada aflição para o esposo e suas conquistas incipientes periclitarão. – Como se libertaria de semelhante inimiga? – perguntou Elói, interessado. – Mantendo-se num padrão de firmeza superior, com suficiente disposição para o bem. Com esse esforço, nobre e contínuo, melhoraria intensivamente os seus princípios mentais, afeiçoando-os às fontes sublimes da vida e, ao invés de converter-se em material absorvente das irradiações enfermizas e depressivas, passaria a emitir raios transformadores e construtivos, em benefício de si mesma e das entidades que se lhe aproximam do caminho. Em todos os quadros do Universo, somos satélites uns dos outros. Os mais fortes arrastam os mais fracos, entendendo-se, porém, que o mais frágil de hoje pode ser a potência mais alta de amanhã, conforme nosso aproveitamento individual. Expedimos raios magnéticos e recebemo-los ao mesmo tempo. É imperioso reconhecer, todavia, que aqueles que se acham sob o controle de energias cegas, acomodando-se aos golpes e sugestões da força tirânica, emitidos pelas inteligências perversas que os assediam, demoram-se, longo tempo, na condição de aparelhos receptores da desordem psíquica. Muito difícil reajustar alguém que não deseja reajustar-se. A ignorância e a rebeldia são efetivamente a matriz de sufocantes males.” (AL, *Libertação*, Capítulo 6)

“De manhã, um emissário do sacerdote Gregório, com semblante mal humorado, veio notificar-nos, em nome dele, que dispúnhamos de liberdade até as primeiras horas da tarde, quando nos receberia para entendimento particular. Ausentamo-nos do cubículo, sinceramente desafoçados. A noite fora simplesmente aflitiva, pelo menos para mim que não conseguira qualquer quietação no repouso. Não somente o ruído exterior se fizera contínuo e desagradável, mas também a atmosfera pesava, asfíxica. As alucinadoras conversações no ambiente me perturbavam e feriam. [...] Coalhava-se a rua de tipos característicos da anormalidade

deprimente. Aleijados de todos os matizes, idiotas de máscaras variadas, homens e mulheres de fisionomia torturada, iam e vinham. Ofereciam a perfeita impressão de alienados mentais. Exceção de alguns que nos fixavam de olhar suspeito e cruel, com manifesta expressão de maldade, a maior parte, a meu ver, situava-se entre a ignorância e o primitivismo, entre a amnésia e o desespero. Muitos demonstravam-se irritadiços ante a calma de que lhes dávamos testemunho. Perante os dismantelos e detritos a transparecerem de toda parte, conclui que o esforço coletivo se mantinha ausente de qualquer serviço metódico, junto à matéria do plano. A conversação ociosa era, ali, o traço dominante. O instrutor informou-nos, então, com muito acerto, de que as mentes extraviadas, de modo geral, lutam com ideias fixas, implacáveis e obcecantes, gastando longo tempo a fim de se reajustarem. Rebaixadas pelas próprias ações, perdem a noção do bom gosto, do conforto construtivo, da beleza santificante e se entregam a lastimável relaxamento. Com efeito, a paisagem, sob o ponto de vista de ordem, deixava muito a desejar. As edificações, excetuados os palácios da praça governativa, onde se notava a movimentação de grande massa de escravos, desapontavam pelo aspecto e condições em que se mantinham. As paredes, revestidas de substância semelhante ao lodo, mostravam-se repelentes não só à visão, mas também ao olfato, pelas exalações desagradáveis. A vegetação, em todos os ângulos, era escassa e mirrada. Gritos humanos, filhos da dor e da inconsciência, eram frequentes, provocando-nos sincera piedade. Fossem poucos os transeuntes infelizes e poder-se-ia pensar num serviço metódico de assistência individual; mas, que dizer de uma cidade constituída por milhares de loucos declarados? Dentro de colmeia dessa natureza, o homem sadio que tentasse impor socorro ao espírito geral não seria efetivamente o alienado mental, aos olhos alheios? Impraticável, por isso, qualquer organização beneficente visível, a não ser através de serviço arriscado qual aquele de que o nosso instrutor se incumbira, tocado pela renúncia, na obra de santificação com o Cristo. Além das perturbações reinantes, capazes de estabelecer a guerra de nervos nas criaturas mais equilibradas da Crosta do Mundo, pairava na atmosfera sufocante nevoeiro que mal nos deixava entrever o horizonte distanciado. O Sol, através de espessa cortina de fumo, cuja procedência me não foi possível determinar, era visto por nós à semelhança de uma bola de sangue afogueado. Elói, forçando o bom humor, perguntou, a propósito, se o inferno era um hospício de proporções assim tão vastas, ao que o nosso orientador respondeu aquiescendo e informando que o homem comum não possui senão vaga ideia da importância das criações mentais na própria vida. – A mente estuda, arquiteta, determina e materializa os desejos que lhe

são peculiares na matéria que a circunda, – esclareceu Gúbio, atencioso, – e essa matéria que lhe plasma os impulsos é sempre formada por vidas inferiores inumeráveis, em processo evolutivo, nos quadros do Universo sem fim. Marcháramos, atravessando compridos labirintos e achamo-nos diante de extensa edificação que, com boa vontade, nomearemos por asilo de Espíritos desamparados. Enquanto encarnado, ser-me-ia extremamente difícil acreditar numa cena igual à que se nos desdobrou à visão inquieta. Nenhum sofrimento, depois da morte do corpo, me tocara tão fundo o coração. A gritaria, em torno, era de espantar. Varamos lodosa muralha e, depois de avançarmos alguns passos, o pavoroso quadro se abriu dilatadamente. Largo e profundo vale se estendia, habitado por toda a espécie de padecimentos imagináveis. Sentíamo-nos, agora, na extremidade de um planalto que se quebrava em abrupto despenhadeiro. À frente, numa distância de dezenas de quilômetros, sucediam-se furnas e abismos, qual se nos situássemos perante imensa cratera de vulcão vivo, alimentado pela dor humana, porque, lá dentro, turbilhões de vozes explodiam, ininterruptos, parecendo estranha mistura de lamentos de homens e animais. Tremeram-me as fibras mais íntimas e, não só em mim, mas igualmente no espírito de Elói, o movimento era de recuo instintivo. O orientador, no entanto, estava firme. Longe de endossar-nos a fraqueza, ignorou-a, deliberadamente, e asseverou, calmo: – Amontoam-se aqui, como se fossem lenhos secos, milhares de criaturas que abusaram de sagrados dons da vida. São réus da própria consciência, personalidades que alcançaram a sobrevivência sobre as ruínas do próprio “eu”, confinados em escuro setor de alienação mental. Esgotam resíduos envenenados que acumularam na esfera íntima, através de longos anos vazios de trabalho edificante, no mundo físico, entregando-se, presentemente, a infindáveis dias de tortura redentora. E, talvez porque nosso espanto crescesse à vista da tela aflitiva e tenebrosa, acrescentou, sereno: – Não estamos contemplando senão a superfície de trevosos cárceres a se confundirem com os precipícios subcrostais. – Mas não haverá recurso a tanto desamparo? – indagou Elói, compungidamente. Gúbio refletiu alguns momentos rápidos e aduziu em tom grave: – Quando encontramos um morto de cada vez, é fácil conceder-lhe sepultura condigna, mas, se os cadáveres são contados por multidões, nada nos resta senão adotar a vala comum. Todos os Espíritos renascem nos círculos carnisais para destruírem os ídolos da mentira e da sombra e entronizarem, dentro de si mesmos, os princípios da sublimação vitoriosa para a eternidade, quando não se encontram em simples estrada evolutiva; contudo, nas demonstrações de ordem superior que lhes cabem, preferem, na maioria das ocasiões, adorar a morte na ociosidade, na ignorância agressiva

ou no crime disfarçado, olvidando a gloriosa imortalidade que lhes compete atingir. Ao invés de estruturarem destino santificante, com vistas ao porvir infinito, menosprezam oportunidades de crescimento, fogem ao aprendizado salutar e contraem débitos clamorosos, retardando a obra de elevação própria. E se eles mesmos, senhores de preciosos dons de inteligência, com todo o acervo de revelações religiosas de que dispõem para solucionar os problemas da alma, se confiam voluntariamente a semelhante atraso, que nos resta fazer senão seguir nas linhas de paciência por onde se regula a influência dos nossos benfeitores? Sem dúvida, esta paisagem é inquietante e angustiosa, mas compreensível e necessária. Perguntei-lhe se naqueles sítios purgatoriais não havia companheiros amigos, detentores da missão de consolar, ao que o nosso instrutor respondeu afirmativamente. – Sim – disse –, esta imensa coletividade dentro da qual preponderam individualidades que pelo sofrimento contínuo se caracterizam pelo comportamento sub-humano, não está esquecida. A renúncia opera com Jesus, em toda parte. Agora, todavia, não dispomos de ensejos para a identificação de missionários e servidores do bem. Vamos ao estudo que nos interessa de mais perto.” (AL, *Liber-tação*, Capítulo 7)

Inesperada intercessão. A sala em que fomos recebidos pelo sacerdote Gregório assemelhava-se a estranho santuário, cuja luz interior se alimentava de tochas ardentes. Sentado em pequeno trono que lhe singularizava a figura no desagradável ambiente, a exótica personagem rodeava-se de mais de cem entidades em atitude adorativa. Dois áulicos, extravagantemente vestidos, manejavam grandes turíbulos, em cujo bojo se consumiam substâncias perfumadas, de violentas emanções. Trajava ele uma túnica escarlate e nimbava-se de halo pardo escuro, cujos raios, inquietantes e contundentes, nos feriam a retina. Fixou em nós o olhar percuciente e inquiridor e estendeu-nos a destra, dando-nos a entender que podíamos aproximar. Fortemente empolgado, acompanhei Gúbio. Quem seria Gregório naquele recinto? Um chefe tirânico ou um ídolo vivo, saturado de misterioso poder? Doze criaturas, ladeando-lhe o dourado assento, ajoelhavam-se, humildes, atentas às ordens que lhe emanassem da boca. Com um simples gesto determinou regime sigiloso para a conversação que entabuaría conosco, porque, em alguns segundos, o recinto se esvaziou de quantos dentro dele se achavam, estranhos à nossa presença. Compreendi que cogitaríamos de grave assunto e fitei nosso orientador para copiar-lhe os movimentos. Gúbio, seguido por Elói e por mim, a reduzida distância, acercou-se do anfitrião que o contemplava de fisionomia rude, passando, de minha parte, a espreitar o esforço de nosso instrutor para contornar os obstáculos do momento, de modo a não

classificar-se por mentiroso, à face da própria consciência. Cumprimentou-o Gregório, exibindo fingida complacência, e falou: – Lembra-te de que sou juiz, mandatário do governo forte aqui estabelecido. Não deves, pois, faltar à verdade. Decorrida pequena pausa, acrescentou: – Em nosso primeiro encontro, enunciaste um nome... – Sim – respondeu Gúbio, sereno –, o de uma benfeitora. – Repete-o! – ordenou o sacerdote, imperativo. – Matilde. O semblante de Gregório fez sombrio e angustiado. Dir-se-ia recebera naquele instante tremenda punhalada invisível. Dissimulou, no entanto, dura impassibilidade e, com a firmeza de um administrador orgulhoso e torturado, inquiriu: – Que tem de comum comigo semelhante criatura? Nosso orientador redarguiu, sem afetação: – Asseverou-nos querer-te com desvelado amor materno. – Evidente engano! – aduziu Gregório, ferino – minha mãe separou-se de mim, há alguns séculos. Ao demais, ainda que me interessasse tal reencontro, estamos fundamentalmente divorciados um do outro. Ela serve ao Cordeiro, eu sirvo aos Dragões (Espíritos caídos no mal, desde eras primevas da Criação Planetária, e que operam em zonas inferiores da vida, personificando líderes de rebelião, ódio, vaidade e egoísmo; não são, todavia, demônios eternos, porque individualmente se transformam para o bem, no curso dos séculos, qual acontece aos próprios homens. – Nota do autor espiritual). Aquela particularidade da palestra bastava para que minha curiosidade explodisse, indômita. Quem seriam os dragões a que se reportava? gênios satânicos da lenda de todos os tempos? Espíritos caídos no caminho evolucionário, de inteligência voltada contra os princípios salutares e redentores do Cristo, que todos veneramos na condição do Cordeiro de Deus? Sem dúvida, não me equivocava; no entanto, Gúbio lançou-me significativo olhar, certamente depois de sondar-me, em silêncio, a perquirição íntima, convidando-me, sem palavras, a selar os lábios entreabertos de assombro. Indiscutivelmente, aquele instante não comportava a conversação dum aprendiz e devia destinar-se às manifestações conscientes e seguras de um mestre. – Respeitável sacerdote – obtemperou o nosso orientador, com grande surpresa para mim –, não te posso discutir os motivos pessoais. Sei que há uma ordem absoluta na Criação e não ignoro que cada Espírito é um mundo diferente e que cada consciência tem a sua rota. – Críticas, porventura, os Dragões, que se incumbem da Justiça? – perguntou Gregório, duramente. – Quem sou eu para julgar? – comentou Gúbio, com simplicidade – Não passo dum servidor na escola da vida. – Sem eles – prosseguiu o hierofante, algo colérico –, que seria da conservação da Terra? Como poderia operar o amor que salva, sem a justiça que corrige? Os Grandes Juízes são temidos e condenados; entretanto, suportam os resíduos humanos, convivem

com as nojentas chagas do Planeta, lidam com os crimes do mundo, convertem-se em carcereiros dos perversos e dos vis. E à maneira da pessoa culpada, que estima longas justificações, continuou, irritado: – “Os filhos do Cordeiro poderão ajudar e resgatar a muitos. No entanto, milhões de criaturas (Não devemos esquecer que a argumentação procede de um Espírito poderoso nos raciocínios e que ainda não aceitou a iluminação do Cristo, idêntico, pois, a muitos homens representativos do mundo, obcecados pelos desvarios da inteligência. – Nota do autor espiritual.), como sucede a mim mesmo, não pedem auxílio nem liberação. Afirma-se que não passamos de transviados morais - Seja -. Seremos, então, criminosos, vigiando-nos uns aos outros. “A Terra pertence-nos, porque, dentro dela, a animalidade domina, oferecendo-nos clima ideal. “Não tenho, por minha vez, qualquer noção de Céu. Acredito seja uma corte de eleitos, mas o mundo visível para nós constitui extenso reino de condenados. No corpo físico, caímos na rede de circunstâncias fatais; contudo, a teia que os planos inferiores nos prepararam servirá a milhões. Se é nosso destino joeirar o trigo do mundo, nossa peneira não se fará complacente. Experimentados que somos na queda, provaremos todos os que nos surgirem no caminho. “Ordenam os Grandes Juízes que guardemos as portas. Temos, por isso, servidores, em todas as direções. Subordinam-se-nos todos os homens e mulheres afastados da evolução regular, e é forçoso reconhecer que semelhantes individualidades se contam por milhões. Além disso, os tribunais terrestres são insuficientes para a identificação de todos os delitos que se processam entre as criaturas. Nós, sim, é que somos os olhos da sombra, para os quais os menores dramas ocultos não passam despercebidos.” Ante o intervalo que se fizera, contemplei o rosto de Gúbio, que não apresentava qualquer alteração. Fitando Gregório, com humildade, considerou: – Grande sacerdote, eu sei que o Senhor Supremo nos aproveita em sua obra divina, segundo as nossas tendências e possibilidades de satisfazer-lhe os desígnios. Os fagócitos no corpo humano são utilizados na eliminação da impureza, do mesmo modo que a faísca elétrica irrompe, insofreadável, a fim de sanar os desequilíbrios atmosféricos. Respeito, assim, o teu poder, porque se a Sabedoria Celeste conhece a existência das folhas tenras das árvores, sabe também a razão de teu extenso domínio; entretanto, não concordas em que a nossa interferência prevalece sobre a fatalidade, círculo fechado de circunstâncias que nós mesmos criamos? Não estou habilitado a apreciar o trabalho dos Juízes que administram estes pousos de sofrimento reparador... Conheço, contudo, os quadros pavorosos que se desdobram ao teu olhar. Observo, de perto, os criminosos que se imantam uns aos outros; sondo, de quando em vez, os dramas sombrios

daqueles que jazem nas furnas de dor, magnetizados ao mal que praticaram, e não ignoro que a Justiça deve reinar, consoante as determinações soberanas. Todavia, respeitável Gregório, não admities que o amor, instalado nos corações, redimiria todos os pecados? Não aceitas, porventura, a vitória final da bondade, através do serviço fraterno que nos eleva e conduz ao Pai Supremo? Se gastássemos nos cometimentos divinos do Cordeiro as mesmas energias que se despendem a serviço dos Dragões, não alcançaríamos, mais apressadamente, os objetivos do supremo triunfo? O sacerdote ouviu, contrariado, e clamou com desagradável inflexão de voz: – Como pude escutar-te, calado, tanto tempo? Somos aqui julgadores na morte de todos aqueles que malbaratarem os tesouros da vida. Como inocular amor em corações enregelados? Não disse o Cordeiro, certa vez, que não se deve lançar pérolas aos porcos? Para cada pastor de rebanho na Terra, há mil porcos ostentando as insígnias da carne. E se o teu Mestre reclama pegureiros ao seu apostolado, que fazer, de nossa parte, senão constituir equipes de inteligências vigorosas, especializadas em corrigir as criaturas delinquentes que se colocam sob nossa vara diretiva? Os Dragões são os gênios conservadores do mundo físico e se esmeram em preservar a aglutinação dos elementos planetários. Coerentes com a lógica, não entendem o paraíso de imposição. Se o amor conquistasse a Terra, de um dia para outro, desintegrando-lhe os abismos escuros a fim de que a luz sublime aí brilhasse para sempre, fácil e instantânea, como acomodar nesse clima celestial as consciências de lobos e leões, panteras e tigres (pela extrema analogia que ainda guardam com essas feras), almas essas que habitam formas humanas aos milhares de milhares? Que seria dos Céus se não vigiássemos os infernos? Gargalhada sarcástica e estrepitosa seguiu-lhe as palavras. Gúbio, porém, não se perturbou. Com simplicidade, tornou a considerar: – Ouso lembrar, todavia, que, se nos lançássemos todos a socorrer os miseráveis, a miséria se extinguiria; se educássemos os ignorantes, a treva não teria razão de ser; se amparássemos os delinquentes, oferecendo-lhes estímulos à luta regenerativa, o crime seria varrido da face da Terra. O sacerdote fez vibrar uma campainha, que me pareceu destinada a expandir-lhe as expressões de ira e gritou, rouquenho: – Cala-te! insolente! Sabes que te posso punir!... – Sim – concordou o nosso orientador, imperturbável –, suponho conhecer a extensão de tuas possibilidades. Eu e meus companheiros, à leve ordem de tua boca, podemos receber prisão e tortura e, se esta representa a vontade de teu coração, estamos prontos a recebê-las. Conhecíamos, de antemão, as probabilidades contra nós, nesta aventura; entretanto, o amor nos inspira e confiamos no mesmo Poder Soberano que te permite aplicar a justiça.” (AL, *Libertação*, Capítulo 8)

“Gregório fitou Gúbio, assombrado, à vista de tamanha coragem e, decerto, aproveitando este a transformação psicológica do momento, enunciou com firmeza serena: – Declarou-nos Matilde, a nossa benfeitora, que a tua nobreza não se esvaiu e que as tuas elevadas qualidades de caráter permanecem invioladas, não obstante a direção diferente que imprimiste aos passos; por isto mesmo, identificando-te o valor pessoal, chamo-te de “respeitável” nos apelos que te dirijo. A cólera do sacerdote pareceu amainar-se. – Não acredito em tuas informações – acentuou, contrariado –, mas sê claro nas rogativas. Não disponho de tempo para falas inúteis. – Venerável Gregório – pediu nosso instrutor, humilde –, serei breve. Ouve-me com tolerância e bondade. Não ignoras que tua mãe espiritual jamais se esquecerá de Margarida, ameaçada atualmente de loucura e morte, sem razão de ser... Escutando o informe, o hierofante modificou-se visivelmente, expressando na fisionomia inquietação indistigível. A estranha auréola que lhe revestia a fronte revelou tonalidades mais escuras. Dureza singular transpareceu-lhe nos olhos felinos e os lábios se lhe contraíram num neto de infinita amargura. Tive a ideia de que ele nos fulminaria se pudesse, mas conteve-se, imóvel, apesar da expressão agressiva e rude. – Não desconheces que Matilde possui na tua companheira de outras eras uma pupila muito amada ao coração. As preces dessa torturada filha espiritual atingem-lhe a alma abnegada e luminosa. Gregório: Margarida empenha-se em viver no corpo, faminta de redenção. Aspirações renovadoras banharam-lhe a meninice e, agora, que o casamento, em plena juventude, lhe revigora as esperanças, deseja demorar-se no campo de luta benéfica, de modo a ressarcir o passado culposos. Certamente, fortes razões te obrigam a constrangê-la ao retorno, porque lhe armaste caprichoso caminho de morte. Não te reprovos, nem te acuso, pois nada sou. E ainda que o Senhor me conferisse algum alto encargo representativo, não me competiria julgar-te, senão depois de haver vivido a tua própria tragédia, experimentando as tuas próprias dores. Sei, porém, que pelo amor e pelo ódio do pretérito ela permanece intensamente ligada aos raios de tua mente e todos sabemos que os credores e os devedores se encontrarão, uns com os outros, tarde ou cedo, face a face... Entretanto, a atual existência dela envolve largo serviço salvador. Desposou antigo associado de luta evolutiva que te não é estranho ao coração e reinará, maternalmente, num lar em que devotados benfeitores organizarão formoso ministério de trabalho iluminativo. Espíritos amigos da verdade e do bem se preparam a receber-lhe a ternura materna, quais flores abençoadas pelo orvalho celeste, em caminho de preciosa frutificação. Venho rogar-te, pois, seja suavizada a vendeda cruel. Nossa alma, por mais impassível,

modifica-se com as horas. O tempo tudo devasta e nos subtrai todos os patrimônios da inferioridade para que a obra de aperfeiçoamento permaneça. A matéria que nos serve às manifestações modifica-se com os dias. E, por mais invencíveis que fossem os poderosos Juízes aos quais obedeces, não ultrapassariam eles, de nenhum modo, a autoridade soberana do Todo-Misericordioso que lhes permite agir em nome da corrigenda, afeiçoando-lhes a tarefa ao bem comum. Pesados minutos de expectativa e silêncio caíram sobre nós. Nosso instrutor, no entanto, longe de desanimar, retomou a palavra, em voz súplice: – Se ainda não consegues ouvir os recursos interpostos pela Lei do Cordeiro Divino que nos recomenda o amor recíproco e santificante, não te ensurdeças aos apelos do coração materno. Ajuda-nos a liberar Margarida, salvando-a da destrutiva perseguição. Não se faz imperioso o teu concurso pessoal. Bastar-nos-á tua indiferença, a fim de que nos orientemos com a precisa liberdade. O hierofante riu-se, contrafeito, e acrescentou: – Observo que conheces a justiça. – Sim – concordou Gúbio, melancólico. O anfitrião, contudo, falou sem reboços: – Quem lavra sentenças, despreza a renúncia. Entre os que defendem a ordem, o perdão é desconhecido. Determinavam os legisladores da Bíblia que os arestos se baseassem no princípio da troca: “olho por olho e dente por dente”. E já que te mostras tão bem informado acerca de Margarida, poderás, em sã consciência, suprimir as razões que me compelem a decretar-lhe a morte? – Não discuto os motivos que te conduzem – exclamou nosso orientador, entre aflito e entristecido –, todavia, ousa insistir na súplica fraterna. Auxilia-nos a conservar aquela existência valiosa e frutífera. Ajudando-nos, quem sabe? Talvez, pelos braços carinhosos da vítima de hoje poderias, tu mesmo, voltar ao banho lustral da experiência humana, renovando caminhos para glorioso futuro. – Qualquer ideia de volta à carne me é intolerável! – gritou Gregório, contrafeito. – Sabemos, grande sacerdote – continuou Gúbio, muito calmo –, que sem a tua permissão, em vista dos laços que Margarida criou com a tua mente, poderosa e ativa, ser-nos-ia difícil qualquer atividade libertadora. Promete-nos independência de ação! Não te pedimos sustar a sentença, nem pretendemos inocentar Margarida. Quem assume compromissos diante das Leis Eternas é obrigado a encará-los, de frente, agora ou mais tarde, para resgate justo. Rogar-te-íamos, contudo, adiamento na execução de teus propósitos. Concede à tua devedora um intervalo benéfico, em homenagem aos desvelos de tua mãe e, possivelmente, os dias se encarregarão de modificar este processo doloroso. Demonstrando expressão de surpresa, em face da imprevista solicitação de adiamento, quando, nós mesmos, esperávamos que o orientador se impusesse, reclamando revogação definitiva, Gregório considerou,

menos contundente: – Tenho necessidade do alimento psíquico que só a mente de Margarida me pode proporcionar. Perguntou Gúbio, mais encorajado: – E se reencontrasses o doce reconforto da ternura materna, sustentando-te a alma, até que Margarida te pudesse fornecer, redimida e feliz, o sublimado pão do espírito? O sacerdote levantou-se pela primeira vez e clamou: – Não creio... – E se propuséssemos semelhante bênção em troca de tua neutralidade ante o nosso esforço de salvação? Permitir-nos-ias agir concomitantemente com os servidores que te obedecem às ordens? Não os inclinarias contra nós e deixar-nos-ias ombrear com eles, tentando a restauração? O tempo, dessa forma, daria o último retoque em tuas decisões... Gregório refletiu alguns instantes e redarguiu: – É muito tarde. – Porquê? – indagou nosso instrutor, inquieto. – O caso de Margarida – esclareceu o hierofante em tom significativo – está definitivamente entregue a uma falange de sessenta servidores de meu serviço, sob a chefia de duro perseguidor que lhe odeia a família. A solução cabal poderia ter sido alcançada em poucas horas, mas não desejo que ela me volte às mãos, com a revolta de vítima, em cuja fonte interior só me fosse possível recolher as águas turvas do desespero e do fel. Será torturada como me torturou em outra época; padecerá humilhações sem nome e desejará a morte como valioso bem. Atingida a rendição pelo sofrimento dilacerante, a mente dela me receberá por benfeitor, amoroso e providencial, envolvendo-me nas emissões de carinho que, há muitos anos, venho esperando... Seria infrutífera qualquer tentativa liberatória. Os raciocínios dela vão sendo conturbados, pouco a pouco, e o trabalho de imantação para a morte estão quase terminados. O nosso dirigente, no entanto, não se deu por vencido e insistiu: – E se nos confundíssemos com a tua falange, tentando o serviço a que nos propomos? Compareceríamos, junto à enferma, como amigos teus e, sem te desrespeitarmos a autoridade, procuraríamos a execução do programa que nos trouxe até aqui, testemunhando a humildade e o amor que o Cordeiro nos ensina. Gregório pensava, maduramente, em silêncio, mas Gúbio prosseguia com simplicidade e firmeza: – Concede!... concede!... Dá-nos tua palavra de sacerdote! Lembra-te de que, um dia, ainda que não creias, enfrentarás, de novo, o olhar de tua mãe! O interpelado, após longos minutos de reflexão, ergueu os braços e asseverou: – Não creio nas possibilidades do tentame; todavia, concordo com a providência a que recorres. Não interferirei. Em seguida, tilintando a campanha de modo particular, determinou que os auxiliares se reaproximassem. Como que semivencido na batalha em que se empenhara com a própria consciência, invocou a presença de um certo Timão, que nos surgiu pela frente surpreendendo-nos com seu semblante de carrasco. Dirigiu-lhe a palavra, indagando

pelo andamento do “caso-Margarida”, ao que o preposto informou estar o processo de alienação mental quase pronto. Questão de poucos dias para a segregação em casa de saúde. Indicando-nos, algo constrangido, determinou Gregório que o auxiliar de sinistro aspecto nos situasse junto da falange que operava, ativa, na execução gradual do seu decreto de morte.” (AL, *Libertação*, Capítulo 8)

“O serviço espiritual, porém, continuou o seu curso normal. Em seguida à altercação entre os dois antagonistas do pretérito, Saturnino conseguiu sensibilizar Guilherme que, então, relatou as experiências que deveriam culminar naquela noite de modo inverso ao que acontecia. Narrou, então, que há mais de quinze anos se sentia ligado ao Sr. Mateus, o antigo verdugo por quem nutria desconhecida aversão, dispondo-se a segui-lo. Transferiu-se, por fixa, para o lar da família Soares, participando do grupo de Entidades irresponsáveis que ali faziam morada. Particular e inconscientemente vinculado ao responsável pelo clã, lentamente conseguiu infiltrar nele reminiscências amargas que o faziam fugir do lar para render-se cada vez mais à jogatina, procurando fugir. Mariana nascera havia pouco, quando o reencontrara, e, embora não soubesse ser ela Aldegundes, foi dominado por incoercível antipatia. O seu horror pelo Sr. Mateus era, também, inconsciente, pois ignorava o processo do retorno ao corpo, em que este se ocultava. Vivendo em conúbio com outros sicários do grupo familiar, cedo fez amizade com terrível obsessor ligado a Marta, a filha mais velha da família, que se dedicava a incursões nos redutos sombrios da *Magia negra*, e, informando-a dos seus propósitos, foi aclarado do impositivo da Reencarnação, por cujo meio se assegurou de estar no rastro dos inimigos. Veio-lhe, então, o desejo de matá-los de imediato. Informado da Ideia, o Inspirador de Marta sugeriu-lhe travar contato com o Dr. Teofrastus para que este examinasse o seu problema e, de acordo com os interesses que lhe despertassem, tomá-lo ou não sob a sua responsabilidade. Segundo o informante, o Dr. Teofrastus fora insigne mago grego, quando na Terra, residente em França, queimado pela Inquisição por volta do ano de 1470, em Ruão, após perseguição impiedosa e nefanda. Profundo conhecedor, mesmo quando encarnado, de algumas das leis do Mundo Espiritual, deixou-se consumir pelo ódio aos seus algozes; logo que desencarnou, estreitou laços com terríveis vingadores do Além, a ele já vinculados pelas suas práticas necromânticas e reuniões de *sabat*, todas elas feitas sob inspiração de Mentres vigorosas e infelizes da Esfera Espiritual. Logo se identificou, após a morte do corpo físico na fogueira, com aqueles através dos quais mantinha o comércio psíquico, fez-se notado pela impiedade, na sede tormentosa de vingança. Paulatinamente, conseguiu imantar-se a diversos dos

que a ele e a muitos outros puniram indebitamente, em inqualificável intercâmbio espiritual obsessivo, do qual passou a locupletar-se. Portador de mente tenaz, lobrigou através dos tempos supremacia no grupo em que vivia, passando à condição de Chefe... Residindo, esclareceu, então, Guilherme, em estranho sítio, nas regiões inferiores do Planeta, comanda com outros sicários, há mais de três séculos, hordas de Entidades ferozes, responsáveis muitas delas por processo obsessivos e calamitosos de longo curso entre as criaturas humanas que se deixaram vencer pelas urdiduras das suas mentes atormentadoras. Muitos dos que se rebelam periodicamente têm experimentado *punições* severas sob suas tenazes mentais, produzindo neles transformações perispirituais soezes, em apavorantes processos de *zoantropia*, por hipnose anestesiante nos centros profundos da alma, tais como *hipontropia*, *licantropia*, etc. Verdadeiro *demônio* se acredita senhor de vasta Região Trevosa, onde impera como autocrata acerbo. Depois de alguns dias de expectativa, nos quais aguardava a decisão da Entidade, continuava o relato do ex-neerlandês, foi conduzido à presença do Chefe. Ouvido atenciosamente pelo antigo Mago, este se propôs examinar o *problema*, marcando data propícia para nova entrevista, o que ocorreu uma semana depois. Nessa oportunidade, o insidioso e singular monarca falou-lhe da sua desencarnação como suicida, aclarando-lhe hórridas inquietações, minuciando-lhe os processos de desencarnação e reencarnação, de modo a inteirá-lo do que ocorrera com os seus verdugos do passado, então revestidos de novo corpo... Elucidado por Guilherme de que desejava um desforço imediato, que traduzisse todo o seu amargor, explicou-lhe, então, que a melhor maneira de se vingar seria realizada através do tempo, pelo processo lento da obsessão contínua em ambos os comparses da tragédia passada, induzindo-os ao suicídio para aumentar-lhes a aflição, no momento próprio... Vinculando-se, desde logo e espontaneamente, aos comandados pelo Dr. Teofrastus, dele recebia orientação segura e constante, conseguindo faltar-se das emanções vampirizadas provenientes da jovem obsessa que começara a subjugar, enquanto e simultaneamente alucinava o amadurecido genitor, ora alquebrado. Compreendendo chegado o momento do golpe decisivo, o Dr. Teofrastus orientara-o para provocar cenas de atritos constantes entre pai e filha, de modo a que esta em momento de desespero se evadisse do lar, buscando no namorado leviano e irresponsável o falso amparo de que se sentiria carecente. Nessa circunstância, então, ele se reencarnaria através de Mariana, voltando ao lar dos Soares na condição de neto do Sr. Mateus, a fim de *matá-lo* lentamente, em longo recurso de impiedosa vinda, conforme instruído. Isto lhe seria fácil, evidentemente, pela hipnose na moça que

se encontrava capacitado de produzir, como intentara, logrando êxito, no primeiro ... Consecutivamente, como relembresse todos os lances do programa infeliz que acalentava havia tantos anos, Guilherme apresentava-se transtornado pelas dores das evocações sombrias e pela imensa frustração dos planos elaborados com tanto esmero.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 3)

“Envaidecido, retrucou o perseguidor da família Soares: — Ora, como narrei antes, quando na minha amargura solicitei ao Dr. Teofrastus a sua interferência segura, que me não foi negada. Paulatinamente, tomei conhecimento das suas ricas possibilidades, inclusive do espetáculo do Anfiteatro, que ele promove, semanalmente, para os que deambulam livres dos corpos, porém algemados à ignorância, sem saberem como revidar o mal que receberam dos seus inimigos que ainda não venceram as barreiras do túmulo. Assim, convidado por amigos, numa quinta-feira, aos primeiros minutos após zero hora, acorri ao local, que regurgitava de pessoas de ambos os *lados* para ouvirem e aprenderem com o mestre suas preciosas lições. Mais tarde, tomado como exemplo, foi o meu caso narrado publicamente, e, após apresentadas as linhas centrais da justiça que me compete realizar, fui aclamado e, na última semana, apresentei despedidas. Do Chefe recebi elogios, a promessa do seu auxílio e ajuda constante, durante os longos anos de afastamento do grupo, enquanto dure o meu mergulho... Alimentou-me a satisfação de que, embora separado pelo corpo, eu serei regularmente levado lá, mantendo os vínculos com a Organização, para não permanecer ao desamparo... E depois de expressiva pausa, asseverou: — Como vê, além do meu caso pessoal, conduzo agora a responsabilidade de agir em nome dos nossos, que veem em mim uma das representações dos *vigilantes e defensores da verdade*. Estávamos estarecidos! Como não poderia ser legítimo o depoimento de um membro ativo da Organização? Não havia dúvidas, sim, eu pensava. No entanto, como entender um Anfiteatro, nos moldes dos da Terra, a funcionar além do túmulo? Havia lógica, porém. Não é o mundo físico o representante dos efeitos? Assim sendo, quanto existe do *lado de cá*, obviamente há do *lado de lá*. Quantas lições, todavia, Deus meu, aguardando por nós! O “orai e vigiai” sempre comandando os nossos destinos... [...] Após aplicados recursos magnéticos de despertamento em todos os desprendidos parcialmente pelo sono físico, para melhor lucidez (lucidez relativa de que deveriam estar possuídos os encarnados para as tarefas em programa, como explicou o Instrutor), e quando todos nos encontrávamos com melhores possibilidades de registro nos centros perispirituais, elucidou Saturnino que, naquela oportunidade, fora planejada uma incursão aos domínios do Dr. Teofrastus, para coleta de informes

seguros, no que tangia ao processo de desobsessão dos membros da família Soares, e, mais em particular, de Mariana. Expondo quanto ao imperativo do equilíbrio e da manutenção do estado de oração, equivalente à vigilância e à fé, informou que somente ele, Ambrósio, Guilherme, o irmão Glauco — que já conhecíamos desde a ocasião da mensagem sobre Hipnotismo, que tanto nos sensibilizara —, Petitinga e nós seguiríamos às observações no Anfiteatro enquanto os demais assistentes espirituais e o médium Moraes ali se demonstrariam em leitura evangélica e oração, contribuindo, desse modo, para os resultados almejados. Despertado Guilherme e esclarecido quanto ao programa em pauta, este não se pôde furtar a uma expressão de horror. — Como se atreverão a adentrar-se no reduto do Chefe? Quais os objetivos que levarão em mente? — inquiriu, assombrado. — Ignoram que o espetáculo terá a direção pessoal do Dr. Teofrastus, que se faz acompanhar invariavelmente de mais de uma vintena de cooperadores e guardas pessoais? Essa temeridade poderá redundar em lamentável punição para todos, inclusive eu. Não, ninguém intente a realização de ideia tão louca quanto essa. Recuso-me terminantemente à aquiescência. — Você, no entanto, meu amigo — retrucou Saturnino —, não se encontra em posição de escolha. As forças hipnológicas ali aplicadas não são a nós outros desconhecidas. Dispomos de larga experiência na questão e nos faremos acompanhar de um técnico em recursos que tais, como eficiente cooperador para qualquer circunstância menos feliz. Além disso, estamos a serviço de Jesus-Cristo, o Supremo Chefe da Terra, e poder algum é superior às forças que Ele nos outorga para a prática do bem e a libertação de consciências ainda mergulhadas nas sombras do crime. Após uma pausa necessária, em que Guilherme se debatia entre as lembranças dos pensamentos que lhe eram habituais e a nobre austeridade de Saturnino que, embora amoroso, sabia conduzir a questão com a energia que não permitia discussão, prosseguiu: — Como já lhe informamos, o nosso desejo é ajudá-lo a encontrar a diretriz da paz interior... [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 5)

“No anfiteatro. Ante a proximidade do momento de nos dirigirmos aos sítios em que o Dr. Teofrastus labora, voltavam-nos à mente as lições fornecidas pelo Benfeitor Glaucus, em torno da história e das realidades da hipnose. Guilherme, amparado fraternalmente por Ambrósio, o delicado enfermeiro e assistente de Saturnino, foi incorporado ao grupo, e assim nos acercamos da porta do velho edifício da União, para nos transferirmos até o Anfiteatro. Saturnino, prestimoso e severo, antevendo a gravidade da excursão, a todos nos adiestrou, quanto possível, nos recursos da concentração e da prece, de modo a evitarmos qualquer desastre, no reduto inditoso para onde rumávamos. A

tarrafa, de grande realce, tinha como objetivo essencial conhecer os métodos de trabalho dos «adversários da Luz», de modo a elucidar os companheiros reencarnados e aplicar, igualmente, os antídotos compatíveis quando estes esclarecimentos viessem a lume. Sem dúvida, desde as primeiras horas do Espiritismo, Mensageiros Eficientes têm vindo à Terra oferecer esclarecimentos sobre as paisagens do Mais Além... e, mesmo antes da chegada do Consolador, os informes incessantes chegavam aos ouvidos dos homens, advertindo-os sobre as realidades insofismáveis da vida. Aguardava-nos à porta singular veículo, semelhante às velhas seges, porém de maiores proporções, à qual estavam atrelados duas parelhas de corcéis brancos, belos espécimes equinos, conduzidos por um cocheiro de meia-idade, que nos saudou com discreta cortesia. Adentramo-nos no coche, que partiu. As cortinas arreadas não nos permitiam a visão do exterior. O irmão Saturnino esclareceu que conhecia o local em que estava o anfiteatro, próximo à região pantanosa da cidade, em uma área deserta e não muito distante, que atingiríamos numa hora de viagem aproximadamente. Elucidou, ainda, que a providência de utilizar o veículo se justificava, considerando a situação de alguns dos membros presentes à excursão, pouco adestrados a vôos mais expressivos fora do corpo somático, como Guilherme e qual acontecia a nós outros, algemados, ainda, às formas físicas. Convidados à oração silenciosa, procuramos mergulhar no oceano sublime da prece, de modo a contribuir com os recursos possíveis para o êxito da missão. Transcorrido mais ou menos o tempo previsto, escutamos bulha e alteração à nossa frente, quando, então, saltamos da condução, prosseguindo a pé. Havia uma multidão de entidades viciosas, em atitudes repelentes, que dialogavam com expressões vis e ultrajantes. Entre elas, podiam-se notar diversos encarnados — perfeitamente diferenciáveis, graças aos vínculos do perispírito ainda ligado ao corpo físico — que pareciam algemados a alguns dos desencarnados libertinos, que os conduziam como se fossem escravos das suas paixões e de quem não se podiam libertar. Outros apareciam com carantonhas simiescas e o recinto tresandava putrefação. Vibrações viscosas e sombrias carregavam os céus que tinham um tom pardacento-escuro, sem estrelas, e o solo miasmático parecia um paul insano que, todavia, não lhes chamava a atenção, acostumados como se encontravam à paisagem triste e morta do local. A construção, de matéria viscosa e escura, tinha a forma semicircular e fazia lembrar repentinamente os velhos circos, não fosse a substância de que se revestia. Luzes roxas e vermelhas esparramavam sombras atormentadas que passavam perdidas nos interesses em que se compraziam e, de quando em quando, massa compacta e atroadora, empurrando violentamente os que se

encontravam à frente, chegava em galhofa infernal. Dificilmente se poderia ver na Terra espetáculo de tal natureza... E, todavia, estávamos na Terra, um pouco fora das vibrações do mundo material, dentro dele, porém. Alguns guardas bufos e caricatos tomavam conta da entrada ampla, onde se encontravam assestados alguns aparelhos, que faziam lembrar os torniquetes utilizados entre os homens, com a diferença de que sobre eles havia uma caixa quadrangular, que Saturnino informou ter a finalidade de impedir a entrada de Espíritos que não pertencessem à malta. Era o psicovibrômetro que tinha a capacidade de registrar as ondas vibratórias de todos os assistentes, denunciando, assim, quaisquer *intromissões* dos Espíritos Superiores. Ele, Ambrósio e Glauco, todavia, tomaram precauções especiais, de modo a transporem a passagem sem provocar qualquer alarme denunciador, através de um processo de imersão mental nas lembranças do passado, o que lhes diminuiria o registro vibratório. Além disso, penetrariam no recinto, logo mais, quando o número de frequentadores fosse muito expressivo, de forma a que o aparelho ficasse impregnado de fluídos de baixo teor vibratório. Quanto a nós, os encarnados, e a Guilherme, não haveria problema... Afastando-nos um pouco do bulício, os Benfeitores e o Assistente, concentramo-nos demoradamente e observamos um fenômeno singular. Lentamente o aspecto exterior se foi adensando e a forma padecia ligeira transformação que os deformava e, como se estivessem respirando incômoda atmosfera, passaram a apresentar leves estertores e, sensivelmente modificados, convidaram-nos a entrar. Atravessamos as barreiras sem qualquer incidente e fomos surpreendidos por um recinto amplo, de arquibancadas que ficavam fronteiras a um picadeiro pouco iluminado, onde o espetáculo teria curso. A balbúrdia ensurdecadora fazia lembrar um covil de feras. Expressões profundamente vulgares e tradutoras da qualidade dos que ali se encontravam explodiam abundantes, constringendo-nos. Saturnino, com muita discrição, nos convocava à oração, de modo a que nos não distraíssemos. Esclareceu que Benfeitores Espirituais nos acompanhavam de longe, pelos fios invisíveis do pensamento, intercedendo por todos nós ao Senhor da Vida. Guilherme, apavorado, estava a ponto de desequilibrar-se. Acolitado, no entanto, por Ambrósio, que o sustentava, manteve-se em silêncio, expectante. Subitamente apareceram, no recinto interno e semicircular, estranhos sequazes que sopraram búzios esquisitos e anunciaram a chegada do Dr. Teofrastus. Guilherme, ao nosso lado, entre a massa agitada que gritava, desenfreada, começou a tremer descontroladamente. O momento, porém, era de algazarra, enquanto a multidão esperava ansiosa o anfitrião. Aqui e ali, no entanto, havia muitas expressões de pavor, não só entre encarnados como entre desencarnados, que

esperavam o início da função, constrangidos e vencidos por medo atroz. Apresentando rostos patibulares, essas Entidades confrangiam mesmo aqueles que fossem portadores de sentimentos empedernidos, exceção aos que ali se encontravam, tresloucados... O ambiente era irrespirável. Nuvens de fumo se elevavam, abundantes, misturadas a odores acre-fortes, como os derivados de plantas estupefacientes, e podia-se ver uma multidão espiritual, de paixões insaciáveis, açuladas, que habitualmente se atiravam atormentados sobre os seus comparsas enjaulados na carne, em processos indescritíveis de vampirizações tormentosas. Esperavam, desditosos, as lições infelizes em torno das técnicas da obsessão, para continuarem o programa inferior de imantação psíquica nos seus antigos senhores que passavam, automaticamente, à condição dolorosa de escravos... Não havia tempo para maiores elucubrações, pois nesse momento deu entrada no recinto singular cortejo formado por um grupo grotesco, estranhamente vestido, sustentando um sólio sob colorido pálido, em cujo assento se encontrava hedionda personagem. Trajando roupa de cor berrante, que variava do arroxeadado ao negro, ostentava grosseiro paludamento que lhe caía dos ombros e era sustido pelo braço esquerdo. O semblante aberto num sorriso que mais parecia um esgar, não ocultava a ferocidade brilhante nos dois olhos quase oblíquos, que se destacavam na face gorda e macilenta, sob uma testa larga, de raros fios de cabelos empastados... Bigodes abundantes se perdiam nas suíças extravagantes, completando a visão terrificante e macabra. O préstito bizarro volteou por três vezes o *picadeiro* e se aquietou ao centro, transferindo-se o temível doutor Teofrastus para um palanque adredemente armado, com gestos vulgares e ridículos. Houve um súbito silêncio feito de expectativa e receio. Voltando-se para a multidão, começou a falar, através de um microfone que levava a sua voz às galerias, por meio de vários projetores de som, de alta potência. As palavras duras e impiedosas exprobravam os que se atemorizavam ante o cumprimento do *dever da vingança*, explodindo ameaças e exibindo toda a prepotência de que se supunha possuir.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 6)

“O silêncio era aterrador. Nenhum som, nenhuma galhofa, exceto, de quando em quando, alguns gritos de terror que partiam das arquibancadas... — Temos hoje um caso de Justiça... — retenciou. E para fazer-se mais temerário, apostrofou: — Julgaremos uma criminosa que chegou da Terra para os nossos presídios, há quase um ano... Apareceram os que se poderiam chamar *jurados*, que tomaram lugar em assentos reservados, um *acusador*, duas *testemunhas* — uma de lamentável aspecto lacerado, e a outra, apenas uma pasta informe, perispiritual, estiolada, que, mantida

numa cesta nauseante, foi colocada sobre uma mesa, em destaque, no centro do prosccênio. Algemada e atada a uma corrente, jovem mulher de uns quase 35 anos foi trazida, acolitada por dois guardas e conduzida ao palco da triste encenação. O semblante desencarnado e a expressão de loucura deformavam-na em grande parte. Andrajosa e imunda quase rastejava, minada pela ausência de forças. O simulacro de julgamento era decerto confrangedor. A infeliz relanceou os olhos baços várias vezes, traduzindo o quanto de sofrimento lhe invadia o ser. O acusador, empertigado e ferino, narrou: — Esta mulher vem da Terra, após uma vida de abominação. «Enganando-se, quanto pôde, entregou-se a toda espécie de prazeres, assistida de perto por diversos cooperadores da nossa Organização, após os seus primeiros crimes. «Tendo oportunidade de fazer-se mãe, seis vezes consecutivas, delinuiu em todas elas, evadindo-se, pelo infanticídio, a qualquer responsabilidade para com os próprios atos. «Na última vez, fez-se vítima da própria leviandade e desencarnou após terrível e demorada hemorragia que lhe roubou toda possibilidade de sobrevivência. «Dentre os a quem ela impediu voltassem à carne, aqui estão duas vítimas suas, em diferentes estados: um conseguiu retomar a forma anterior, mas apresenta os sinais das lâminas que lhe romperam o corpo em formação; o outro ainda dorme, hibernado, na forma desfigurada, graças ao despedaçamento sofrido, no ato do aborto. «Logo despertou, porém, no túmulo, alguns dias após o desenlace, acreditando-se viva no corpo — ignorante das realidades espirituais —, um soldado nosso deu-lhe «voz de prisão» pelos crimes cometidos e, algemando-a, trouxe-a ao cárcere, em que tem estado até este momento. «A sua primeira *vítima*, que pertencia aos nossos quadros, apresentou queixa, há muito, o que nos levou a assisti-la por alguns anos e agora nos reunimos para fazer *justiça*. » O pobre espírito assistia a tudo, quase sem se aperceber. Parecia semidesvairado, recolhendo a muito esforço mental algumas expressões esparsas que, no entanto, não conseguia coordenar... Os insultos e doestos choviam, atirados em abundância. A *testemunha* fez chocante narração, várias vezes interrompida pelo vozerio das galerias, após o que, uma voz se destacou na bulha, anunciando o veredicto: — Culpada! Gargalhadas estridentes espocaram de todos os lados. O Dr. Teofrastus ergueu-se e, depois de receber medidas dos comparsas, sentenciou: — Façamos com ela, o que no íntimo sempre foi: uma loba! Acercou-se da sofrida entidade e, fitando-a, escarnecedor, passou a ofendê-la, vilmente. A vítima não apresentou qualquer reação. Era como se a sua visão se encontrasse longe, a fixar as evocações dos abortos delituosos a que se entregara nos dias de insensatez, que ficaram para trás, mas que não se consumiram... Obrigando-a a

ajoelhar-se, enquanto lhe estrugia no dorso longo chicote sibilante, ordenou, de voz estertorada: — Víbora infeliz! Devoradora dos próprios filhos! Toma a tua forma... a que já tens na mente atormentada. “A tua justiça é a tua consciência... Obedece, serpente famélica!” A voz, impregnada de pesadas vibrações deletérias e vigorosas, dobrava os centros de parca resistência perispiritual da atormentada, e, diante dos nossos olhos, ao comando do sicário cruel, que se utilizava de processos hipnóticos deprimentes, atuava no *subconsciente* perispiritual abarrotado de remorso da infanticida, imprimindo-lhe a tragédia da mutação da forma, num horrendo fenômeno de licantrópia, dos mais lacerantes... Choros convulsivos e gritos irromperam simultâneos das arquibancadas. A altercação foi geral. Repentinamente, escutaram-se sirenes de alarme, e a perturbação se fez total... Saturnino, a meia voz, buscou acalmar-nos, aduzindo explicações: — A visão horrenda para todos nós produziu em algumas centenas de reencarnados aqui presentes, constringidos pelas forças obsessivas nas quais se encontram subjugados aos seus verdugos, choques muito profundos e violentos, que os recambiaram inopinadamente ao corpo — abençoada cidadela de defesa que a vida nos concede para aprender e recomeçar... — Despertarão estremunhados, esses espíritos, mesmo os que conservam a demência nos registros da consciência retornando de estranhos e terríveis pesadelos, banhados por álgidos suores, amedrontados, chorosos, desesperados... E, desejando esclarecer-nos com as sábias lições, continuou, enquanto os distúrbios prosseguiram: — Nesse sentido, é que o conhecimento do Espiritismo realiza a melhor terapêutica para o espírito, higienizando-lhe a mente, animando-o para o trabalho reto e atitudes corretas e, sobretudo, dulcificando-o pelo exercício do amor e da caridade, como medidas providenciais de reajustamento e equilíbrio. Não há força operante no mal que consiga penetrar numa mente assepsiada pelas energias vitalizadoras do otimismo, que se adquire pela irrestrita confiança em Deus e pela prática das ações da solidariedade e da fraternidade. E, dando mais ênfase ao ensino, arrematou: — Aliando o esforço que cada um deve envidar a benefício próprio, a prece é a fonte inexaurível que irriga o ser, renovando-o e aprimorando-o, ensejando também, logo após depurar-se, a plainar além dos reveses e tropelias, arrastado pelas sutis modulações das Esferas Superiores da Vida, onde haure vitalidade e força para superar todos os empecos. Paulatinamente, a *ordem* foi restabelecida, conquanto a evasão dos encarnados fosse muito expressiva, na busca desesperada de refúgio nos corpos. A cena estranha continuou por mais alguns momentos e o atormentado espírito da mulher-lobo foi, por determinação do *chefe*, remetido ao interior, para ser colocado em defesa do anfiteatro.

Houve, ainda, algumas outras demonstrações de hipnose elementar e grosseira, porém de efeito na multidão, atônita, quando o espetáculo foi encerrado, após a saída do infame séquito e do seu famanaz. Um tanto deprimidos, saímos, também, e voltando a respirar o hálito da Natureza, quando chegamos à praça em que se encontrava a União Espírita Baiana, depois da Jornada pelo mesmo processo, adentramo-nos, para receber energias revitalizantes e esclarecimentos finais do vigilante Benfeitor. Recompondo o círculo e carinhosamente recebidos pelos que ficaram, fomos concitados à oração, após o que Saturnino, empenhado em esclarecer-nos, elucidou, pausado: — Aparentemente, os infelizes companheiros que mourejam no Anfiteatro constituem segura organização a serviço do mal. Adestrados na prática da ignomínia, supõem-se preparados para investir contra os espíritos atormentados que gravitam em ambos os lados da vida, imanados às paixões que os consomem, paixões cujo comportamento facilmente sintonizam com eles e outros afins, caindo-lhes nas malhas vigorosas que, em última análise, se transformam em instrumentos de que se utiliza a Lei Divina para corrigir os que ainda preferem os tortuosos caminhos... Muito tempo se passará até que as Leis de Amor, Leis da Vida, portanto, se estabeleçam em definitivo entre nós... Convém considerar que só o bem tem características de perfeição, por ser obra de Deus, que é Perfeito. O mal, engendrado pelo espírito atribulado, opera por métodos de violência e, dessa forma, é falho, o que atesta a sua procedência. Não fosse isso e não nos poderíamos ter adentrado no recinto das intervenções malignas, pois que o *psicovibrômetro* ter-nos-ia denunciado... À semelhança de um contador Geiger que detecta a radioatividade, o *psicovibrômetro* obedece ao mesmo princípio, tendo, porém, as características magnéticas que registram a psicofera dos que dele se acercam, detectando as vibrações mais suaves que, então, disparam a agulha que incide numa “relay” que, por sua vez, comanda um circuito de alarmes espalhados nas dependências adjacentes... Como procuramos sintonizar com o meio ambiente em que nos encontrávamos e aspirando os mesmos resíduos espalhados no ar, mergulhamos, naturalmente, em densas ondas de baixo teor vibratório que nos envolveram a todos, sendo que nós, Ambrósio e Glauco, passamos a sofrer os mal-estares compreensíveis a que Guilherme por sintonia constante está habituado, e os demais encarnados do Grupo, graças à condição do corpo orgânico, não experimentaram maior choque, permanecendo, momentaneamente, no mesmo teor de energias deprimentes que impediram a oscilação da agulha de registro do aparelho... Fosse, porém, o inverso, isto é: se o aparelho detectasse vibrações de baixo tom vibratório, nenhuma Entidade das que ali se encontravam, desejando violar recintos Superiores,

poderia sutilizar o padrão da sua psicosfera para criar condição mais elevada. Sem dúvida que toda ascensão é lenta e áspera... Agradecemos, portanto, ao Senhor. Teremos ensejo de retornar ao Anfiteatro, oportunamente, para prosseguir observações e tarefas, quando, então, o irmão Glauco desempenhará função específica junto ao nosso irmão Teofrastus... Os trabalhos foram encerrados quando os primeiros raios da Alva venciam a teimosia da noite. Reconduzidos ao corpo, particularmente nossa pessoa conservou lembranças dolorosas e angustiantes. O dia nos foi de inquietação e distonia emocional, como se a noite nos houvesse ofertado cruéis pesadelos, de cuja visão confusa não nos podíamos libertar.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 6)

“Ora, com o andamento das operações de socorro ao lar da família Soares, o irmão Teofrastus fora informado por comparsas seus, ali residentes, dos rumos que tomavam os processos de dominação, que até então repousavam em suas ávidas e duras mãos. Em face disso, o irmão Saturnino programara novo encontro espiritual, através do médium Morais, no qual se tentaria uma entrevista com o antigo *mago* de Ruão, que teria atividades em pauta para a madrugada do dia imediato, no Anfiteatro já nosso conhecido. À hora apazada, em desdobramento parcial pelo sono, encontramos-nos no recinto das tarefas mediúnicas da nossa Casa de oração, conduzidos que fomos pelo irmão Ambrósio, lá defrontando os demais membros das tarefas em curso, com exceção do irmão Guilherme, que fora recolhido, dias antes, a local próprio de repouso e refazimento espiritual. Após comovida oração proferida pelo irmão Saturnino, este explicou os objetivos da reunião, que deveriam colimar num encontro pessoal com o irmão Teofrastus, e cuja orientação seria ministrada pelo Benfeitor Glaucus, responsável pela empresa que se nos afigurava de grande porte, em considerando a necessidade de nos adentrarmos, novamente, no Anfiteatro para, após as exhibições dolorosas, mantermos entrevista com o gênio das sombras. A caravana estava constituída pelo irmão Glaucus, Saturnino, Ambrósio — mensageiros adestrados em tarefa de tal envergadura — e por nós outros, desdobrados parcialmente pelo sono: Petitinga, o médium Morais e nós. Tomando o veículo que nos conduziu à região em que se encontra localizado o cenário das ocorrências infelizes, acercamo-nos de pequeno grupo agitado que discutia, em altas vozes. Indigitado obsessor informava: — Hoje teremos um espetáculo formidando. Fui informado, desde as vésperas, por diligente amigo inteirado das ocorrências daqui, e eu não podia faltar. Necessito de aprender e utilizar os recursos da técnica moderna para fazer justiça... Estrídula gargalhada ressoou, sarcástica. Outro infeliz perseguidor, que assinalava no *facies* macilento

e desfigurado a condição íntima, grunhiu: — O caso de hoje, como outros anteriores, pertence à força da justiça. Entre nós, a lei tem função punitiva. Nada de correção, nem piedade. Quem fere será ferido, e acabou-se. Uma senhora que se caracterizava pelo desleixo da aparência, com fundas olheiras, narinas arfantes e lábios finos, contraídos, de semblante patibular, arengou: — Eu conheço pessoalmente o infrator que hoje começará a experimentar o rigor da justiça... Estou ansiosa. Não percamos tempo. Entremos! Em ruidosa zombaria, rumaram na direção da porta principal e desapareceram entre a multidão agitada. O que merece registro é que todos se referem à *Justiça*. Esquecidos da própria condição, tornaram-se juizes dos outros, esfaimados como se encontram de equilíbrio. Enlouquecidos nos desvarios da vindita, estribam-se no falso conceito da «justiça com as próprias mãos», derrapando em crimes hediondos que os surpreenderão mais adiante, recebendo-os nas malhas da inexorável lei da evolução. O momento, no entanto, não comportava considerações de tal natureza. Gentilmente advertidos por Saturnino, reunimo-nos em prece e, absorvendo as energias deletérias com que modificaríamos a «psicosfera espiritual», algo arquejantes sob o império das emanções de baixo teor vibratório, respirando a custo, com a aparência algo desfigurada para não chamar a atenção, acercamo-nos em grupo, da entrada, atravessando o torniquete em que se encontrava instalado o «*psicovibrômetro*». O ambiente interno, insuportável, estava carregado de fumo e vapores nauseantes, asfixiantes. Luzes pesadas caíam em tons fortes projetadas na direção do centro em que se dariam os espetáculos. A multidão de galhofeiros era considerável. Doestos e expressões vulgares explodiam em atroada forte de todas as direções. Alguns encarnados, amedrontados uns, voluptuosos outros, participavam das galerias atulhadas. O irmão Saturnino, sempre gentil, explicou-nos ser necessário considerar que ali se encontravam muitos espíritos encarnados, espontaneamente presentes, participantes habituais que se fizeram de espetáculos daquele vulto. Espíritos aclimatados às regiões inferiores donde procediam, antes da reencarnação, no corpo carnal encontraram elementos grosseiros para se refestelarem, mantendo a sintonia com os que ficaram na retaguarda. Outros, menos avisados, se mancomunaram com as mentes infelizes que pululam em toda parte, e nas horas de vigília se nutrem dos pensamentos deprimentes e opressivos derivados dos prazeres animalizantes em que se demoram, ali se reunindo nas breves horas de parcial desprendimento pelo sono, para darem curso aos apetites mais brutais. Sexoltras inveterados, perturbados das funções genésicas, alcoólatras, morfínômanos, cocainômanos, opiômanos e outros que possuem os centros da razão anestesiados pela monoideia do gozo, em perfeita comunhão:

assimilando e eliminando as vibrações viciadas das construções mentais constantes de que se fazem objeto permanente [*Hoje, com a facilidade do uso desenfreado de estupefacientes, barbitúricos vários e outros alucinógenos, em que expressiva quantidade de mentes se perturbam, nos estados característicos do “transe”, esses espíritos adensam recintos como o a que nos referimos, tornando-se escravos de outras mentes viciadas que se locupletam nas suas emanções morbíficas.* — *Nota do Autor espiritual.*]. Com intervalos regulares, soaram os sinais prenunciadores do início da função execranda. Com estrépito quase ensurdecedor, as sirenes anunciaram a aparição do Dr. Teofrastus. Alguns clarins de sons agudos foram ouvidos e sinistro séquito, carregando o palanquim em que se encontrava o arguto obsessor, deu entrada em cena. Gritos e aplausos atordoantes encheram o amplo recinto. Impassível, como um poderoso rei da impiedade que visitasse larga colônia de súditos infelizes ou escravos repelentes, após o circuito em que a ovação parecia também apupos, a estranha mole que o acompanhava, em que apareciam alabardeiros sinistramente vestidos, parou, e o *magô*, tomando atitude estudada, abandonou a ridícula rede adornada e com olhar brilhante de águia relanceou a visão por todos os recantos, desafiadoramente, sentando-se em cadeira de alto espaldar, como se fora um trono, em posição central, donde poderia dirigir o cerimonial. Silêncio tumular se abateu sobre o anfiteatro. Ridículo *mestre de cerimônias*, mais parecido aos antigos bufos das cortes, de rosto duro e encochado, tomou de pequeno microfone e começou a falar. A voz roufenha era um arremedo de discurso laudatório à figura do Dr. Teofrastus. — Este é o nosso representante da Justiça — disse entre outras considerações — nos círculos em que nos encontramos. É claro que ele não detém toda a justiça. É serventuário zeloso dos bens da vida, que não podem ser dilapidados impunemente pelos defraudadores da verdade. Fez pequena pausa de efeito. As palavras *justiça* e *verdade* soavam ali muito estranhamente. Pareciam proferidas com o objetivo único de criarem pânico nas mentes desavisadas, colhidas pela consciência íntima, que realmente ninguém consegue anestesiá-la indefinidamente. Não somos impiedosos como afirmam muitos — prosseguiu com entonação de ira e maldade. Somos somente a consciência externa dos que escondem a consciência pessoal e fraudam, esquivando-se, depois, ao acerto de contas de que ninguém se eximirá. Não condenamos quem quer que seja. Despertamos cada devedor para a autopunição. Não violentamos a liberdade de ninguém, nem constrangemos Espírito algum a tomar parte em nossos atos. Todos os que aqui nos encontramos usamos as duas alternativas normais: sintonia por afinidade de gostos — que nos congregam numa poderosa confraria em que uns justificam e outros são

justificados, e sintonia pelo medo — que requisita o material necessário para resgate dos crimes praticados, através dos processos compatíveis de que as Leis utilizam nossas possibilidades de punidores que nos fizemos, também espontaneamente. «Isto posto, temos as mãos lavadas de qualquer culpa e segurança íntima de que não somos benignos com uns e severos com outros. *Cada um aqui recebe conforme o seu merecimento.* Dispomos de meios de tudo saber e temos uma legião de informantes que fiscalizam os que se demoram no corpo, conquanto ligados à nossa Colônia, para que, quando aqui trazidos, quer na roupagem física ou não, possam ouvir de testemunhas devidamente adestradas o relato das Suas desditas, como se a própria consciência neles resolvesse falar. «Dr. Teofrastus é, pois, a chibata da lei. Preparai-vos! «Consciências infelizes e corações empedernidos, esperai! «Temos tempo. Dispomos do milagre da supervivência. A *morte* é isto: o que cada um fez, como viveu, conforme preferiu agir. Suportai agora o resultado das vossas atitudes.» Silenciando a voz estranha, uma quietude cruel se abateu sobre o recinto. Mesmo alguns dentre os Espíritos obsessores mais cínicos apresentavam no semblante estarecido o estupor e o receio. Afinal, ali estavam somente consciências ultrajadas, e as expressões vigorosas *verdade* e *justiça*, conquanto desvitalizadas da sua grandiosa significação, para eles representavam o invariável ajuste de contas de que ninguém se furtaria.» (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 8)

“A um sinal adrede combinado, o Dr. Teofrastus ergueu pesado cetro e o bateu violentamente no palanque que o sustinha. O *mestre de cerimônias* bradou: — Tragam o primeiro caso. Rebuscando entre tiras de papel que mantinha nas mãos, destacou uma e leu: — José Marcondes Effendi, 21 anos, domiciliado na Terra. Dois ajudantes de enfermagem apareceram trazendo uma maca na qual, em sono profundo, aparecia um espírito reencarnado, desdobrado em corpo espiritual, que foi colocado na mesa cirúrgica situada no centro do proscênio. Todos estávamos de olhos fixos no que ocorria. O locutor novamente chamou: — Apresente-se a testemunha. Do grupo que cercava o Dr. Teofrastus, destacou-se horrenda figura, de aspecto repelente, que se acercou do paciente em repouso agitado. — Pode falar! — impôs o sinistro apresentador do espetáculo. Tomando do microfone para se fazer ouvido e pigarreando asquerosamente, o mísero sofredor narrou: — Estive na Terra há aproximadamente 60 anos, donde fui expulso por homicídio vergonhoso... Era radicado no Rio de Janeiro, nos últimos dias do Segundo Império, fazendo parte da média burguesia. Acreditava-me feliz na vida conjugal, quando, por insistência da esposa, buscara recreação, em férias de dezembro, em Petrópolis, fugindo à canícula do Rio,

hábito, aliás, que se repetia cada ano. Não imaginava que a companheira, de quase 15 anos de vida em comum, ligara-se a aventuras extraconjugais com um dos meus empregados, que servia numa das lojas de tecidos de minha propriedade. Não tendo filhos, por minha morte todos os meus bens recairiam nas mãos da viúva. Embargado, senão pela emoção, porém pela ira repentina que o dominava, fez uma pausa, que foi interrompida por estímulos coléricos das galerias: — Prossegue! Narra! Nada de medo! Desejamos saber tudo... — Instalado na serra petropolitana entre amigos folgazões, que se beneficiavam do excelente clima, fui assassinado cruelmente, sem piedade, pela esposa e o amante, que ela emboscara na intimidade da alcova, cinco dias após ali nos termos alojado. Logo depois, oferecendo ensejo para que o criminoso se evadisse, ela encenou um roubo de joias e outros valores, do que resultara o hediondo crime... Hábil na arte da dissimulação, fez-se acreditar; e o homicídio passou impune. Embora aberto inquérito que se arrastou tristemente entre as autoridades competentes, sem testemunhas nem novos fatos que viessem justificar suspeitas, o caso foi encerrado e a sepultura silenciou sobre a tragédia passional. Novo choque da turba desesperada: — Que aconteceu? — gritavam, em coro, as vozes desenfreadas. — Ao despertar do lado de cá, experimentando as cruezas da imortalidade, dominado por incoercível ódio, ardendo de desejos de vingança, retornei ao lar — não posso atinar com o tempo que houvera transcorrido — e, então, o meu horror não teve limite. A traidora, passado um regular período de luto, consorciara-se com o meu assassino, entrando ambos na posse dos meus bens, fruindo o resultado do crime feroz... Transfigurado de dor e revolta, esbravejando com expressões das mais chocantes, o narrador, de olhar desvairado, prosseguiu: — O desespero foi-me fulminante. Tive a impressão de morrer outra vez. Uma angústia bestial feriu-me, e a dor que sentia no peito varado pelo estilete com que me destruíram o corpo foi acrescentada à de um tártico que me queimava e requeimava, até que, louco, perdi a noção de tempo, de lugar, de tudo... Refossilei em regiões indescritíveis, por quantos anos não poderia dizê-lo com segurança, sem refrigério, sem socorro... Há poucos anos, senti uma força que me arrancou do *inferno* em que me demorava e subitamente recobrei alguma lucidez, descobrindo-me diante de um jovem de 10 anos aproximadamente, por quem de imediato nutri incomparável horror. Elos poderosos me atavam ao estranho corpo juvenil, e, vinculado ao lar em que ele vivia, comeci a compreender que aquele corpo, por sortilégio demoníaco que me escapava, ocultava a adúltera, agora revestida de forma nova, como que mascarada para continuar a fugir à sanção que merecia... «Eu ignorava totalmente a lei de

«vinda-ida-e-volta» [*A entidade se refere à lei da reencarnação. — Nota do Autor espiritual*] em que os criminosos são obrigados a percorrer outra vez os sítios malsinados pela sua conduta vergonhosa, mas sentia que, perseverando ali, mais cedo ou mais tarde surpreenderia a verdade. Foi o que fiz. Comecei a acompanhar aquele ser, que me inspirava a mais chocante revolta. Paulatinamente me fui afinando com ele e tão constante me fiz na eficiente fiscalização que um dia, em que o sono o dominou, percebi que *ela*, a horrenda assassina, abandonava o corpo dele. Vendo-me, reconheceu-me, e voltou a refugiar-se nas carnes novas, que foram sacudidas por vigoroso choque, produzindo nele o despertar apavorado. Não mais arredei pé. A recordação entrecortada de soluços e descontroles produziu violenta crise na entidade, que continuou estimulada pelo auditório ávido do desfecho. Recompondo-se, após olhar a figura impassível do Chefe, prosseguiu: — No lar em que *ele* se ocultava travei conhecimento com um membro desta Colônia, que ali também residia, e vim aqui trazido para uma entrevista com o Dr. Teofrastus. Ante a citação do nome do *mago*, os ouvintes em desatrelada balbúrdia aplaudiram com palmas, assobios e gritos ensurdecedores. A sirene soou impondo silêncio e a narração continuou: — Ouvido atentamente pelo Chefe, ele recomendou-me uma vingança de longo curso. Foi visitar pessoalmente a minha inimiga e, após demorado exame, chegou à conclusão de que poderíamos produzir muito em nome da justiça a meu benefício. O corpo era moço, mas o espírito que o animava era o da assassina, que merecia severa punição. Identificando nela (em corpo de homem, embora) as tendências guardadas da vida anterior, em que as dissipações atingiram o auge — o esposo depois de expropriar-lhe os bens, evadiu-se para a África, deixando-a na mais chocante miséria, o que a levou a uma vida boêmia, aniquilando o corpo em imundos catres de perversão moral, vitimada pela tuberculose que contraíra ao peso de excessos de toda a natureza —, fácil seria perturbar-lhe os centros genésicos, através da perversão da mente inquieta, em processo de hipnose profunda, praticada por técnicos do nosso lado. Gargalhadas estentóricas estouraram de todos os lados. — Viva a *justiça!* — Gritaram. — Muito bem! Adiante! — Em pleno amadurecimento das faculdades sexuais, sob a rigorosa assistência de um hipnotizador destacado pelo Dr. Teofrastus, foi fácil modificar-lhe o interesse e inclinar-lhe a *libido* em sentido oposto ao da lei natural, já que o seu corpo era masculino, produzindo irreparável distonia nos centros da emoção. Daí por diante associei-me à sua organização física e psíquica, experimentando as sensações que lhe eram agradáveis e criamos um condicionamento em que os nossos interesses agora passaram a ser comuns. Tão fortemente

me liguei à sua vida, que o ódio se converteu em estímulo de gozo, imanando-nos em processo de vampirização em que me locuplete e através do qual a destruo, atirando-a cada vez em charco mais vil, até que o suicídio seja sua única solução... O auditório vibrava. Os espetáculos romanos do passado não poderiam ser mais chocantes. Era difícil saber se aqueles eram espíritos que habitaram corpos humanos ou primitivos seres que apenas experimentaram o trânsito do instinto para os albores da inteligência, através de formas humanas... Na pausa que se fez natural, Saturnino, visivelmente comovido, comentou: — Justiça em nós mesmos! O erro acompanha sempre o desrespeitador da lei, enquanto ele não se modifica para a verdade e não se submete espontaneamente à reparação. Acreditam esses infelizes irmãos que o poder lhes está nas mãos, teimando por ignorar que a lei que lhes concede ensejo para tais proezas não lhes permite o uso desregrado da impiedade nem da suprema humilhação, olvidando conscientemente a aproximação do momento deles próprios, em situação possivelmente muito mais dolorosa... Silenciou, pois que a narrativa entre ovações e achincalhes tinha curso. — Depois de alguns anos de convivência entre ela e mim — continuou a entidade —, percebi que curiosa tristeza a mal-sinava. Sentia-se *dominada* por mim e começou a registrar-me a presença. Agora, após concluir o curso médio e iniciar-se na Universidade com maior compreensão dos problemas humanos, sabendo do drama íntimo, resolveu procurar um psicanalista de renome. *Submetida* a diversos testes e sessões especializadas, o facultativo, que é dócil à minha sugestão — merece esclarecer que a este tempo já me enfronhara devidamente nas técnicas da sugestão, nos diversos processos hipnológicos de que me utilizo com frequência para colimar os meus desejos — e que ignora, totalmente, na sua soberbia intelectual as realidades deste lado, utilizando-se de expressões muito em moda, por mim inspiradas, sugeriu que o essencial na vida é a pessoa realizar-se como achar conveniente, e que tudo o mais são *tabus* que devem ser quebrados, em prol da felicidade de cada um... Pressionando o especialista com hábil sugestão, consegui que ele a estimulasse ao prosseguimento habitual dos seus atos, o que não me foi difícil. Novas gargalhadas espocaram, acompanhadas dos mais chocantes verbetes da infelicidade humana. Muito estimulado pelo consenso geral, o Espírito infeliz culminou: — Quando já me supunha dono absoluto da situação, alguém a aconselhou a procurar sessões espíritas, pois que isto bem poderia ser uma obsessão. Esse alguém é um certo pregador do Espiritismo, nesta cidade, que se propôs ajudá-la com passes e outros recursos que ignoro. — O quê? — bradou o auditório. — Onde já se viu? E a *justiça*? O Espiritismo é o maior inimigo da nossa Organização. Fora com

o Espiritismo; reajamos à intrujice... Novamente o silvo das cigarras impôs silêncio. O narrador prosseguiu: — *Atônita* começou a frequentar algumas sessões e eu me senti repentinamente sem possibilidades de dominá-la como fazia até então. Sabendo-a sem resistência para o que já lhe constituía um hábito, comecei a suggestioná-la de longe. A infeliz, no entanto, ao invés de receber as minhas impressões, fez-se *beata*, começou a orar. Recorri então ao Dr. Teofrastus que, muito sábio, lhe deu assistência especializada e conseguiu induzi-la a novos compromissos, obrigando-a a reincidir, o que me ofereceu ensejo de trazê-la aqui hoje. Saturnino, vigilante, elucidou: — Em qualquer problema de desobsessão, a parte mais importante e difícil pertence ao paciente, que afinal de contas é o endividado. A este compete o difícil recurso da insistência no bem, perseverando no dever e fugindo a qualquer custo aos velhos cultos do «eu» enfermo, aos hábitos infelizes, mediante os quais volta a sintonizar com os seus perseguidores que, embora momentaneamente afastados, não estão convencidos da necessidade de libertá-los. Oração, portanto, mas vigilância, também, conforme a recomendação de Jesus. A prece oferece o tônico da resistência, e a vigilância o vigor da dignidade. Armas para quaisquer situações são o escudo e a armadura do cristão... — O meu desejo é continuar a dominá-la — continuou arengando — e, nesse sentido, nosso Chefe se propôs submetê-la a uma intervenção cirúrgica, processo eficiente contra o qual os espíritas nada poderão fazer, no sentido de libertá-la. A um sinal do Dr. Teofrastus, o Espírito silenciou. O antigo *mag*o de Ruão levantou-se, acolitado por dois assessores, e examinou a entidade, cujo desequilíbrio e invigilância, quanto ao culto das responsabilidades, a levava àquela dolorosa situação. Enquanto isso ocorria, Saturnino esclareceu: — Não duvidemos do concurso do Alto. Jesus vela! A vítima de si mesma, que os nossos olhos contemplam, não está à mercê de tão sinistros algozes, abandonada. Entidades vigilantes socorrê-la-ão logo mais. O Espiritismo possui antídotos para todas as surtidas das mentes radicadas no mal, desde que os que buscam a linfa soberana e refrescante da fé restaurada desejem assumir consigo mesmos os compromissos de perseverarem nos deveres superiores, a benefício pessoal. Oremos e confiemos! Iremos fazer uma implantação — disse em tom de inesquecível indiferença o Dr. Teofrastus — de pequena *célula fotoelétrica gravada*, de material especial, nos centros da memória do paciente. Operando sutilmente o perispírito, faremos que a nossa voz lhe repita insistentemente a mesma ordem: «Você vai enlouquecer! Suicide-se! Somos obrigados a utilizar os mais avançados recursos, desde que estes nos ajudem a colimar os nossos fins. Este é um dos muitos processos de que nós podemos utilizar em nossas tarefas... Estarrecidos, vimos o cruel verdugo

movimentar-se na região cerebral do perispírito do jovem adormecido, com diversos instrumentos cirúrgicos, e, embora não pudéssemos lograr todos os detalhes, o silêncio no recinto denotava a gravidade do momento. Transcorridos uns dez minutos, a cirurgia foi dada por concluída e o paciente foi removido. Quantas indagações me fervilhavam na mente! A hora, porém, não comportava quaisquer esclarecimentos. Era momento significativo na história de nossa vida espiritual e o ambiente abafado, negativo, asfixiava-nos a todos. O Dr. Teofrastus retornou ao palanque e desfilaram mais alguns casos. Logo depois, o espetáculo foi encerrado. A grande mole de entidades começou a debandar. Os alto-falantes declararam que, a partir daquele instante, o Chefe concederia entrevistas. Era chegado o momento. - Mantenhamos serenidade e sigamos nosso irmão Glaucus — falou, sintético, Saturnino. — O Benfeitor desceu das galerias, acompanhado pelo grupo, e aproximou-se do palco central em que estava o Dr. Teofrastus.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 8)

“Reencontro com o passado. Cercado por acólitos paramentados estranhamente, que se faziam secretários e selecionavam os casos para o Chefe, também se apresentava resguardado por entidades ferozes, em cujos semblantes, sulcados por fundos sinais de perturbação íntima, a hipnose produzia estados de alucinação e truculência. Incapazes de qualquer raciocínio, tais seres exteriorizavam a acuidade do animal que resguarda o sino e agride os menos vigilantes. Dentre eles se destacavam os que foram vítimas de transformações nas sedes do perispírito, ali presentes possivelmente com a finalidade de criarem condicionamentos psicológicos de medo, nos consulentes menos avisados. O irmão Glaucus, muito sereno, concitou-nos à prece muda e à preservação do estado espiritual de equilíbrio, fossem quais fossem os acontecimentos que, porventura, viessem a ocorrer, e nos manteve imediatamente atrás dos pequenos magotes que eram interrogados pelos acólitos. O nosso grupo, unido, aguardava, enquanto o *Sacerdote*, a pequena distância, tomava atitudes e decisões, utilizando-se sempre do pavor de que se fazia fâmulos avaro para dominar e influir consulentes. Uma Entidade de aparência cruel se destacou dentre os fâmulos atuantes, acercou-se do irmão Glaucus e indagou dos motivos da entrevista, e quem eram os participantes do conjunto. O venerando Benfeitor elucidou com simplicidade que se tratava de Espíritos dos dois planos da vida, necessitados de ouvir o Dr. Teofrastus a respeito de grave problema de obsessão em andamento e para o qual somente ele possuía os recursos necessários. Aduziu que fora indicado por Guilherme, o moço holandês que antes era membro daquela agremiação. Repassando o olhar de quase alucinado, fiscalizando-nos, como tentando

descobrir, além das palavras, os motivos reais da entrevista, sacudido por espasmos da face, sucessivos, colocou-nos de lado, e prosseguiu no mister a que se dedicava. Só então me foi possível reparar o Dr. Teofrastus, considerando a pequena distância que nos separava. O rosto cruel, adornado de barba rala, à oriental, em torno de lábios grossos em rito de permanente ira, nos olhos avermelhados e grandes, algo fora das órbitas, ameaçadores, zigomas salientes, testa larga e cabeleira abundante, era a encarnação clássica do pavor. Como se adivinhasse a minha observação discreta, ele desviou o olhar da chusma que atendia e cravou nos meus os seus olhos, com interrogação forte e dura, fazendo-me baixar a vista, perturbado. O irmão Glaucus, que observava o acontecimento, advertiu-me, delicado: — Estamos em tarefa do Senhor. Todo o cuidado é indispensável para o êxito do empreendimento. Curiosidade agora é, também, desconsideração ao compromisso. Tenhamos tento! Com a oportuna observação, convocou-me, caridoso, ao recolhimento, à prece. Atendidos os que se encontravam à frente, foi chegada a nossa vez. Ficamos um pouco mais atrás, enquanto o irmão Glaucus, representando a equipe, humilde e nobre, falou sem preâmbulos: — Senhor, aqui estamos indicados por Guilherme, o neerlandês que há pouco tempo se despediu desta Organização, rumando em direção do corpo. O *magô* ergueu o sobrolho carrancudo e penetrou com dura expressão os olhos do Benfeitor, procurando devassar-lhe o íntimo do espírito. Um dos asseclas aproximou-se e confidenciou alguma observação. A pausa oportuna, proposital, era dirigida no sentido de criar melhor recepção no ouvinte silencioso, de expressão ferina. Prosseguindo, elucidou o nosso condutor: — Ocorre que nos encontramos em perfeita identificação com Guilherme, que vos tem servido com dedicação, buscando-vos nesta oportunidade para falar-vos sobre Henriette, que sabemos vinculada ao vosso coração, desde há muito... — Henriette Marie de Beauharnais? — Inquiriu, quase fulminado por forte raio de ódio. — Sim, Senhor — confirmou, imperturbável o Irmão Glaucus. A entidade levantou-se do trono ridículo e avançou furioso, como se fosse aniquilar o informante, que continuou sereno, confiante. Em chegando ao lado do Instrutor, que revelava no semblante marmórea palidez, estancou o passo e, erguendo o simulacro de cetro, golpeou o piso reiteradas vezes, ameaçando com voz soturna, atitude essa que impôs alarmante silêncio no Anfiteatro, que ainda se mantinha com alguma algaravia. Todas as atenções se concentraram em volta dos dois parlamentadores e as Entidades mais infelizes da coorte aproximaram-se em atitude ameaçadora, cercando o Chefe dolorosamente vitimado pela irascibilidade. — E que deseja informar-me que porventura eu não saiba? Ignora quem sou? — Esbravejou, compreensivelmente

revoltado. — Sabemos, sim, Senhor — prosseguiu o Mensageiro. — Ocorre, porém, que considerando a magnitude do assunto, que viemos tratar, muito agradeceríamos se pudéssemos ser ouvidos a sós, sem os circunstantes... Somos portadores de notícias que somente à vossa autoridade devemos confiar... Depois de expressivo silêncio, arrematou: — Henriette necessita do vosso socorro... O Espírito ferido pela inesperada surpresa estrugiu cruas exclamações e gritos, dando ordens diversas, simultâneas, e segurando o irmão Glaucus violentamente, ordenou, rouquenho: — Venha comigo! O Benfeitor não opôs qualquer resistência e o seguimos. Os demais membros do grupo foram cercados pelos sequazes do Chefe e conduzidos à parte dos fundos do Anfiteatro, para onde ele rumara com o nosso Mentor. A sala de amplas proporções era decorada em tons fortes e sombrios em que bruxuleavam luzes de tonalidades chocantes - Aquele era o gabinete do vigoroso espírito das sombras, temido e detestado. Sentando-se em cadeira colocada em posição de destaque, ordenou: — Estou aguardando as informações. Imprimindo à voz inflexão nobre, sem qualquer afetação, o Instrutor esclareceu: — Dedicamo-nos ao serviço de socorro aos padecentes, em nome de Jesus, e... — Jesus? Esta é minha casa — estrugiu o truculento Espírito. — Aqui, esse nome é maldito, detestado. Como se encoraja a dizer-me que se dedica a socorrer os padecentes diante do Chefe da Casa da Justiça? Avançou feroz, espumeggiante, como se desejasse destruir aquele que o enfrentava, sentindo-se, no entanto, impossibilitado de fazê-lo. — Não desejamos desafiar a força do nobre doutor Teofrastus, que conhecemos, e a quem aprendemos a respeitar como sendo instrumento da Vida e da Verdade — evidenciou o Mensageiro humilde. — Ocorre, no entanto, que não poderíamos trair os objetivos desta entrevista, se falamos ao Comandante destes sítios, em nome da Verdade mesma, sim, mas, sobretudo, da Misericórdia e do Amor. Erguendo o olhar lúcido, o Instrutor, concentrado em Jesus e utilizando todo o potencial das suas forças magnéticas e hipnológicas, enfrentou a vibração em crispas exteriorizadas pelo interlocutor, como se naquele entrelaço de forças a corrente do amor vencesse as descontroladas energias do ódio e da animosidade, dando continuidade à narração: — Visitando perturbados espirituais encarcerados no corpo, identificamos, há pouco tempo, Henriette, em doloroso processo de vampirização, vitimada por elementos desta Organização, e por isso... — Desta Casa? Estarei ouvindo corretamente? — Indagou, interrompendo, abrupto — Henriette, vítima de nossa Organização? E que o induz a pensar que me interessa a vida de qualquer pessoa, da Terra, somente porque é supostamente Henriette-Marie de Beauharnais? Quem o informou de que eu poderia ter algo a ver com essa

personagem? — Ela mesma — redarguiu o Mentor, tranquilo. — Assistindo-a com recursos magnéticos, conseguimos fazê-la recordar o passado, para fixar-lhe socorros, e, enquanto narrava o próprio drama, evocou o imenso amor que dedicou à sua pessoa, nos idos do século 15, antes de funesto acontecimento... O Dr. Teofrastus, colhido intempestivamente pela informação segura e indiscutível, ergueu-se outra vez, de um salto, e, apoplético, segurou com mãos de aço o narrador, indagando, descontrolado: — Onde se encontra ela? Que lhe aconteceu? Que foi feito da sua vida? Leve-me até à sua presença imediatamente. Desejo averiguar. — Não posso, amigo. Não depende de mim e sim de vós. Esta a razão da entrevista que estamos mantendo. Desejamos concertar o meio de conciliar os objetivos elevados a que todos nos propomos, de modo a regularizar situações em desalinho, de cujo labor resulte os benefícios de que temos necessidade. — Mas eu sou um dos Gênios do Mal, e as minhas medidas diferem das suas — estrondou, ofegante. — Represento a Justiça e odeio a Misericórdia. Desperto cada consciência criminosa para o relho da punição. Nunca defrontei nem usei a piedade ou a comiseração. Sou vítima do Cordeiro e O odeio... Não há, pois, termo de conciliação entre nós. Sinto-me, portanto, obrigado a extirpar-lhe a confissão através dos meus métodos, que certamente não lhe são desconhecidos. — Sim, certamente os conhecemos — assentiu, o Benfeitor. — Convém, todavia, considerar que, antes de tomarmos a atitude de procurar-vos o local de dominação, examinamos as diversas possibilidades de vitória e fracasso, concluindo pela primeira hipótese, tendo em vista que não vimos aqui solicitar, mas oferecer em nome do Doador Supremo da Vida, de Quem não nos evadiremos indefinidamente. Afirma o Dr. Teofrastus que foi vítima do Cordeiro, e sabe que a informação não confere com o fato. As diretrizes do Cordeiro jamais foram compatíveis com os processos da Inquisição Católica, como não são concordes com os métodos da Justiça de Deus esses da *justiça* aplicados pelas vossas mãos. Quanto à ameaça de arrancar-me as informações que deseja por métodos incompatíveis com os intuitos deste encontro, concluímos pela inexequibilidade, já que a nossa presença informa do interesse que temos de ofertar os esclarecimentos sem qualquer pugna que gere uma situação infeliz entre nós ambos. — Mas eu posso reter os participantes da sua embaixada nos meus domínios, nos quais sou senhor absoluto — baldoou, soberbo. — Não discuto a posição relativa do Chefe — clarificou o irmão Glaucus. — Desejamos, porém, lembrar-vos de que o poder de que falais vem todo ele do Alto, de Deus, desde que ninguém é o dono da vida, senão Ele. Quanto a ficarmos retidos em vossas mãos, isto somente viria a acontecer se essa for a vontade d'Ele, e,

sendo, submetemo-nos humildemente, tendo em vista poder servi-Lo em qualquer lugar e em toda situação, por mais embaraçosa nos pareça. Lágrimas nos orvalharam os olhos. A linguagem desataviada e franca do Benfeitor, a atitude firme e humilde testemunhava as mil necessidades de porfiarmos na verdade sempre, em nome do Senhor. O Dr. Teofrastus, vencido pela lógica irrefutável do visitante, dissimulou a ira que o empolgava e, embora continuasse arrogante, inquiriu: — Que deseje, afinal, de mim? — Que me ajudeis a libertar Henriette. — Como eu poderia fazê-lo? Se nos acompanhásseis ao recinto de provas e dor em que se encontra, vencida e arquejante sob implacável revel, que a dilacera, vencedor... — Sigamos, então, sem delongas. — Recordamos ao nobre Dr. Teofrastus que seguiremos em missão de misericórdia e que os métodos junto ao verdugo que a infelicita serão os vigentes nas leis de amor, conforme ensinados por Jesus-Cristo... — Não percamos tempo com discussão inútil. Adiante! Convocando dois guardas que se encontravam postados fora do recinto, confidenciou algumas instruções. As demais entrevistas foram suspensas, e, abrindo caminho entre os sofrendores que ainda se encontravam no recinto, acompanhamos o antigo *Mago* na direção dos veículos que nos aguardavam à porta. Transcorridos 15 minutos, aproximadamente, chegamos a velho casarão, de aspecto apavorante pelo abandono a que se encontrava relegado, e penetramos pelo imenso portão de entrada. O trânsito de desencarnados de aparência lastimável era muito grande. Encarnados em desprendimento parcial pelo sono apresentavam-se agitados, semiloucos. Saturnino que nos assistia mais de perto, a mim, a Petitinga e ao médium Moraes, informou que nos encontrávamos num Lazareto, que albergava mais de 200 portadores do *mal* de Hansen. Odor nauseante e forte empestava o ar e densas nuvens originadas pelas vibrações carregadas de revolta e desespero ofereciam o aspecto das regiões infelizes do Mundo Espiritual Inferior, em que muitos se reeducam pelo sofrimento. [...] Silenciando, aproximamo-nos de um quarto infecto, após vencer longo corredor em que duas filas de celas imundas albergavam corpos desfigurados de mulheres profundamente infelizes, carcomidas pela enfermidade destruidora. O Dr. Teofrastus não ocultava a revolta, o desespero quase irrefreado. O irmão Glaucus penetrou num dos últimos quartos ao fim da ala imensa, e, seguindo-o, deparamos cena confrangedora. Três mulheres hansenianas encontravam-se a dormir, assistidas por pequena malta de obsessores impiedosos que as dominavam. Em vigília, mantinham-se em guarda, invectivando e atormentando os espíritos das enfermas semidesligadas do invólucro físico e quase tresloucadas de angústia, ante o acicate contínuo dos perseguidores. Os acompanhantes da guarda do Dr. Teofrastus

ficaram no corredor, à porta de entrada da cela, em atitude de vigilância. Uma jovem de menos de 20 anos, em cujo corpo a doença não produzira ainda os sinais da sua presença, muito magra e desfalecida sobre infecto grabato, era a razão da visita. Muito calmo, o irmão Glaucus elucidou, dirigindo-se ao *Mago* de Ruão: — Eis aí Henriette. Tende cuidado e piedade do seu algoz. Iremos atendê-lo. Evitai, porém, o ódio.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 9)

“**Programação redentora.** No desdobramento das tarefas habituais, através das quais eram mantidos os contatos com os Benfeitores Desencarnados, nas sessões especiais, hebdomadárias, recebíamos esclarecimentos e informações, através das quais os irmãos Saturnino e Ambrósio nos davam elucidações minudentes dos acontecimentos transcorridos na Esfera Espiritual, quando dos labores abençoados de que participávamos, conquanto a nossa condição de encarnados no domicílio orgânico. Dessa forma, inteiramo-nos dos detalhes da operação fraterna junto ao Dr. Teofrastus e a Henriette-Marie, assim como dos fatos precedentes. [...] Ao primeiro ensejo, após a entrevista com o *ex-Mago* de Ruão, o Benfeitor Saturnino elucidou, pela psicofonia do médium Moraes, que voltaríamos a encontrar-nos, depois de concluídos os trabalhos da noite, quando o Irmão Glaucus conduziria o terrível obsessão, ora em fase de meditação, a uma entrevista naquela Casa, num encontro que estava destinado a definir os rumos futuros da sua vida. Concitava-nos ao exercício e mentalização da piedade fraternal, manifestação essencial para a caridade legítima, de que nos deveríamos revestir para cooperar ativamente. [...] Silenciava o apóstolo da mensagem espírita em terras baianas no passado, quando deu entrada na sala o irmão Glaucus, que se fazia acompanhar do Dr. Teofrastus e dos dois guardiães que, com permissão dos Instrutores, ficaram postados à porta do recinto, pelo lado exterior. A Entidade visitante trazia o semblante velado por singular melancolia. Os olhos antes brilhantes, traduzindo estranha ferocidade, se apresentavam baços, e, como se suportasse invisível fardo, caminhava tardo, com características mui diversas daquelas que ostentava até há poucos dias. Tratado com carinho e respeito pelo venerável Benfeitor, foi convidado a sentar-se entre nós, na condição de convidado especial. O irmão Glaucus, tomando a palavra, falou sucintamente: — Tratamos aqui de dar prosseguimento ao exame dos problemas que dizem respeito a Henriette-Marie e ao seu perseguidor, que agora se encontra recolhido em recinto de Amor, sob guarda de devotados servidores do Bem. Não ignoramos que o irmão Teofrastus foi defrontado por surpresa dolorosa com o resultado da má aplicação do tempo, passando a experimentar desde então as consequências das atitudes espontaneamente tomadas. Sabendo-o ligado por profundos laços

de afeição à sofredora, que lhe não pôde fruir a companhia nos últimos tempos, consideramos de bom alvitre conduzi-lo até onde ela se encontrava, de modo a concertar planos em relação ao futuro e sustar, em definitivo, as maquinações da criminalidade até agora em desdobramento. — Mas, no momento — reportou o vingador, visivelmente conturbado —, não poderei aquiescer com quaisquer compromissos que objetivem afastar-me dos muros do meu campo de ação. Estou vinculado a uma poderosa Organização e, embora em posição de comando, sou, por minha vez, comandado. — Insistimos em elucidar — replicou, seguro e calmo, o Benfeitor — que Chefe somente um há: Jesus, o Rei Sublime das nossas vidas, a Quem devemos as dádivas oportunas da evolução e do progresso atual, em nossa nova condição de viandantes da luz. Entregando-nos ao Seu comando afável, nenhuma força possuirá meios de alcançar-nos, porque sombra alguma, por mais densa, conseguirá suplantar a luz mais insignificante, submetendo-a... — Somos, porém — revidou, algo indeciso —, doze Mentres Dominadoras, que nos encontramos submetidos a uma equipe de dez Magistrados que habitam Regiões Infernais, onde os mínimos desvios da Justiça recebem longas punições. Constituímos o grupo dos *Doze*... Na aplicação do nosso *código* selecionamos *criminosos* que alcançam, de nossas mãos, as primeiras correções, após o que são conduzidos para os presídios próprios, nas furnas, onde levantam as construções da *Cidade da Flagelação*... Ligamo-nos por processo mental especializado e, frequentemente, somos convidados, por nossa vez, à prestação de contas, em minudentes relatórios verbais que são fiscalizados por técnicos competentes e aparelhos sensíveis. Além disso, as minhas próprias razões me impedem tudo abandonar, para deixar-me arrastar por sentimentalismos mórbidos, renegando à felicidade em que me comprazo, sem conhecer, evidentemente, o que se espera de mim. Tudo me é muito fácil: bastar-me-á arrancar Henriette-Marie da masmorra carnal e retê-la comigo... — E olvida o amigo — explicou o irmão Glaucus — que desencarnando a nossa irmã, por constrição obsessiva, ela escapará das vossas mãos, por ter sido apressada a sua partida, sem que se possa responsabilizá-la por isso? Ignorais exatamente as «leis de fluídos» e os processos de «sintonia»? Esqueceis-vos de que toda vítima libra acima dos seus algozes? Além disso, consideremos que não podemos desprezar a opção do Senhor: isolá-la da vossa interferência por processos que nos escapam à sagacidade, mas que pertencem à sabedoria. Sim, não ignoro — aquiesceu —, mas a conjuntura que se me apresenta é grave... Amo-a, sempre a amei. Na impossibilidade de possuí-la, como privar-me do seu amor? — Deixando-vos possuir — redarguiu, ameno, o Benfeitor. — O amor é concessão que se manifesta com mil faces. Não

podendo ser-lhe o esposo, conseguireis ser o amado, no seio materno, na condição de filho da alma e do coração. Fruir-lhe-eis a ternura das mãos e sugareis o leite vital do seu seio. Estareis no calor da sua devoção e os vossos olhos se demorarão mergulhados na luminosidade dos olhos que amam. Permutareis a grande noite da soledade pelo demorado meio-dia da convivência. Transfundireis todo sentimento de amargura em expressão de dependência e fé. Derramareis o vaso do ódio, que se converterá em adubo de produção, no solo da compreensão e da afetividade. Por década de distância, um tempo sem fim de presença, de imorredoura constância. — E a lepra? — arguiu. — A lepra de que parece revestida — elucidou o Amigo Espiritual — é *enfermidade simulacro*, produzida pelas descargas constantes do seu perseguidor desencarnado. Não desconheceis, amigo Teofrastus, o que conseguem as forças fluídicas desencadeadas sob o impacto do ódio, e a absorção em longo processo obsessivo das energias deletérias. De mente consumida pela perturbação que a si mesma se vem impondo, através das constantes transgressões às Leis de Justiça, nossa irmã sincronizou com o verdugo que a vítima é, amolentada pelas vibrações hipnóticas do seu antagonista, começou a experimentar as falsas impressões do Mal de Hansen — conforme desejo do seu inimigo —, sendo atirada ao presídio hospitalar em que vive, em quase total abandono, para que a vindita se coroe da resolução final, que o sicário aguardava: o suicídio. Estamos, aliás, informados de que tal plano fora trabalhado pelo próprio amigo Teofrastus, que atendera à consulta que lhe formulara o algoz de Henriette, em espetáculo, no Anfiteatro, após ouvi-lo, em ocasião passada, anos atrás... — Quê? — Gritou o infortunado. — Então, serei eu, o sabujo que ofereceu ao caçador a pista da destruição da vítima? — Sim, meu amigo — afirmou, o prestimoso Mentor. — Por isso só à Justiça Divina compete os casos da justiça. Disse Jesus: «Vós julgais segundo a carne (ou a aparência), eu a ninguém julgo», por conhecer Ele o nosso ontem e as perspectivas do nosso amanhã. Todo agressor inconsciente cai hoje ou mais tarde nas armadilhas da agressão. E dando nova entonação à voz, que mantinha a serenidade habitual, mas que se nos afigurava com expressões de energia, o irmão Glaucus aduziu: — Sob carinhosa assistência de passistas especializados da nossa Esfera, e afastado para tratamento o seu perseguidor, Ana Maria recobrá forças psíquicas e orgânicas, logo mais, recuperando-se algo rapidamente. A *enfermidade* regridirá em caráter *miraculoso* e ela conhecerá um pouco de lenitivo e esperança através do braço amigo de alguém que, também, se lhe vincula, distendendo na sua direção a aliança nupcial. Mergulhareis, logo após, o amigo Teofrastus e o vosso comparsa, para, no longo caminho a percorrer através da experiência carnal, tudo

recomeçar, refazer, regularizar. — E os meus débitos — interrogou — como me serão cobrados? Não posso desconhecer a extensão dos meus atos e sei das consequências que eles devem acarretar. — Os nossos erros — referendou o irmão Glaucus — hoje ou mais tarde nos voltam em caráter de necessária reparação. Adiar o reajustamento significa, também, aumentar os gravames que o tempo lhes acrescentará, impondo-nos mais elevada dose de sacrifício. Além disso, não nos cabe a presunção de antecipar o porvir. Entregues ao Senhor, o Senhor cuidará de nós, abrindo-nos os depósitos do Seu amor e enriquecendo-nos com as Suas bênçãos múltiplas. Para Ele não há perseguidor nem perseguido, mas Espíritos enfermos em estados diferentes, caminhando por vias diversas na direção do Bem Infinito. Não ignoramos que o mal é somente ausência do bem e que à chegada deste aquele esmaece, porquanto só uma força existe: a do Amor triunfante! Aqueles conceitos penetravam-nos a todos, especialmente no Chefe do Anfiteatro, que se mostrava cada vez mais triste, mais infeliz, não ocultando o sofrimento que o libertava dele mesmo, escravo das paixões séculos a fio. Levantando-se, sem a soberbia de antes, o Dr. Teofrastus arremeteu: — Mas isto aqui é uma Casa Espírita! Sou uma das Mentes encarregadas de combater a peçonha cristã, que teima em reaparecer com indumentária nova. Detestemos esses aventureiros do corpo, que se atrevem invadir os domínios, que somente pertencem aos *mortos*. — Equivocam-vos, amigo — obtemperou amavelmente o irmão Glaucus. — Não há *mortos*, e sim vivos. Encarnados ou desencarnados somos todos Espíritos imortais, transitando numa ou noutra vibração, marchando, porém, na direção da imortalidade. O Cristianismo não teima em aparecer ou reaparecer: não desapareceu nunca, conquanto as interpolações e desrespeitos de que foi vítima através dos séculos. Refletindo o pensamento do Cristo é a esperança dos homens e o pão das vidas. Combatê-lo é envenenar-se; persegui-lo significa dilatar-lhe os horizontes que se perdem nas fronteiras do Sistema Solar. Vã loucura da ignorância pelear contra o conhecimento e da estultice investir contra a sabedoria... Jesus vive e vence, meu amigo. É tudo inútil e vós sabeis. — Não o sei — replicou, já combalido — mas o sinto. Ele me persegue inexoravelmente. Não me deixa repousar; tortura-me em cada um a quem torturo; desespera-me em todos aqueles nos quais descarrego a minha sanha. Que tem Ele contra mim? — Ou que tendes contra Ele? — retrucou o Benfeitor. — Jesus é o amor inexaurível: não persegue: ama; não tortura: renova; não desespera: apascenta! O amigo Teofrastus, sim, arvorou-se em Seu adversário e sofre as contingências da alucinação e da procrastinação do momento de entregar-se-lhe em total doação. Não temais, pois. A verdadeira coragem se manifesta, também, quando o ser reconhece o que é e o

que possui, refazendo o caminho por onde deseja seguir, reunindo forças para retemperar o ânimo, e, qual criança, aprender o amor desde as suas primeiras lições. — Temo, sou constrangido a confessar. — O temor descende da consciência em culpa. — Tenho sido a expressão da força e da violência e aprendi a não confiar. — Jesus, porém, é a expressão do amor e sua não-violência oferece a confiança que agiganta aqueles que O seguem em extensão de devotamento. — Temo, porque creio... E crendo, sofro. Em todo o pelear, mesmo odiando, nunca O bani da minha mente. — Nem poderíeis fazê-lo. O ódio é o amor que enlouqueceu... — Nos primeiros dias do século atual fui convocado a abandonar o solo da França para vir aqui operar, tendo em vista a transformação que se realizava neste país, ante o reverdecer do pensamento cristão, amortecido em toda a parte e revivente aqui pelo contato com a nossa Esfera de vida. Nosso grupo deveria encarregar-se de sítar a mediunidade e os novos cruzados do Cristianismo, instaurando tribunal de punição e trazendo-os a nossos recintos, quando semidesligados pelo sono, para que as visões dos nossos cenários e das nossas operações diversas pudessem infundir-lhes medo ou sedução, deixando nas suas lembranças as sementes do desejo, no culto do sexo, da ambição, no culto do dinheiro, da prepotência, no culto da vaidade. Em diversas sessões Espíritas, emissários nossos têm procurado penetrar, com o objetivo de semear ali a discórdia, multiplicar as suspeitas, irradiar o azedume e difundir a maledicência... E quando as circunstâncias facultam, mantemos o comércio pela incorporação sutil ou violenta, conforme o paladar da leviandade dos membros da Colmeia... Sem dúvida que temos conseguido boa colheita, principalmente no campo das agressões morais de vária ordem, em que os falsamente bons e os aparentemente honestos oferecem seminário favorável para as nossas mudas, que logo medram exuberantes, multiplicando-se facilmente. É evidente que o nosso acesso não se faz em todos os recintos, porque, alertados, muitos se mantêm em atitude de vigilância, coibindo-nos a interferência. Além disso, os seguidores do Cordeiro conseguem dispersar os nossos agentes, utilizando-se de processos muito eficientes. Como me poderei agasalhar numa Casa que tal? Como me liberarei dos compromissos com aqueles aos quais me encontro vinculado? — Ouvimos-vos com atenção — respondeu o Benfeitor, lúcido e claro. — Embora não fôssemos colhidos de surpresa ante o vosso informe, porque conhecíamos as tarefas do irmão Teofrastus, elucidamos-vos que esta Casa dispõe de defesas construídas em muitas décadas de santas realizações, merecendo do Plano Divino carinhosa assistência. Resguardada das forças agressoras, é agasalho e hospedagem abertos aos que sofrem, sob a direção do Cristo. Não há porque considerar compromissos senão com a

Verdade. Os outros não podem ser denominados compromissos, mas conchavos da ignorância, destituídos de qualquer valor, pelos propósitos infelizes de que se revestem. Nossa destinação, meu amigo, é a Verdade. Como Jesus é o Caminho, não mais recalcitremos. Todos nos encontrávamos mergulhados na mais comovente concentração. O duelo verbal entre a impostura e a verdade convincente aclarava-nos o espírito, alargando as percepções em torno da vitória dos altos propósitos e dos superiores desígnios. A um sinal quase imperceptível, o irmão Saturnino deixara antes o recinto, atendendo à orientação do Benfeitor Espiritual. Naquele momento em que o silêncio se fizera natural e quando a Entidade meditava, dominada por compreensível inquietação do espírito em febre, retornou o Guia Amigo, trazendo, adormecida, qual criança agasalhada no afeto paternal, Ana Maria, que foi colocada carinhosamente sobre alvo leito, reservado e vazio no recinto, desde o começo da entrevista. Vendo-a, de inopino, o Dr. Teofrastus foi acometido de angustiante expectativa. O Benfeitor vigilante acalmou-o com gesto delicado, após o que se aproximou da jovem adormecida e, tocando-lhe as têmporas, despertou-a com voz amiga e confortadora. A *leprosa* circunvagou o olhar em torno, e, devidamente acalmada pelo Instrutor, reconheceu o Dr. Teofrastus. O olhar adquiriu brilho especial, alongou os braços e, ante a aquiescência do Mentor, o antigo *Mago* estreitou-a, com imensa ternura, envolvendo-a em ondas de afetividade e carinho. — Quanto esperei por este momento! — aludiu o antigo vingador. — Também eu, também eu! — retrucou a sofredora, em lágrimas. — Perdoa-me, Henriette... — Perdoar-te? Nosso dorido amor é maior do que tudo e por si só anula todas as aflições antigas. Sou eu quem te roga, Teo: ajuda-me e não me abandones mais! Eu sou a esperança quase morta e tu és o hálito do meu reviver. Não me negues a migalha da tua presença, haja o que haja. Levantemo-nos do torpor que nos aniquila a longo prazo e roguemos a Deus que nos resguarde de nós mesmos e nos ajude, a partir de hoje. Não suportaria mais viver sem ti. Sonho, Teo, isto é um sonho! Estamos numa esfera de sonho em que me apareces desfigurado e triste. Porque demoraste tanto? — Perdoa-me! Por mais te buscase, jamais reencontrei-te. Não, não nos separaremos mais, nunca mais. Juro! Renunciarei a tudo, para experimentar a ternura das tuas mãos e a meiguice dos teus olhos. Ouve, Henriette-Marie, o que te irei falar... Escuta com atenção... Não pôde prosseguir. O choro convulsivo desatou-lhe n'alma e ele recuou, vencido, cambaleante, aos gritos, em atropela desesperadora. O Mentor amoroso aproximou-se e exortou-o ao equilíbrio. Falou-lhe da significação do momento e das poucas reservas que possuía Ana Maria, recém libertada da constrição psíquica do seu antagonista e necessitada de estímulo para aceitar os novos

encargos de esposa e não, logo se lhe refizessem os departamentos fisiometais, com vistas ao futuro. A palavra oportuna ajudou o atormentado a recompor-se. Achegando-se à jovem, em espírito, o irmão Glaucus relatou: - Filha, hoje tem início etapa nova na jornada do teu espírito eterno. Embora o passado não esteja morto, todo ele deve ser esquecido. A construção do amanhã tem início agora. Sombras e receios, mágoas e recriminações devem ser superados e a eles se faz necessário antepor esperança e paz, fé e trabalho na reconstrução da felicidade que tem demorado. Muitas vezes, ou quase sempre, quanto nos ocorre é consequência do que realizamos. O nosso teto de albergue deve possuir sem dúvida segurança e estabilidade para não ruir sobre as nossas cabeças. Longo tem sido o teu peregrinar e demorado o teu prazo de aflição corretiva. Jesus, porém, que não deseja a «morte do pecador», mas a sua redenção, facultou-nos, a todos, ensejos de resgate luminoso. Fez uma pausa oportuna. A entidade acompanhava as palavras felizes do Benfeitor, buscando imprimi-las no imo d'alma. Após breve silêncio, este prosseguiu: — O teu sonho de amor, esperado por largo período de tempo, que agora já passou, se concretizará... O nosso Teofrastus necessita, também, de recomeçar a experiência, a benefício dele mesmo. Entre ambos, porém, medeia o impedimento dos estados em que permanecem. Enquanto, filha, jornadas no corpo carnal, o nosso amigo se encontra libertado dos fluídos fisiológicos. Ante, pois, a impossibilidade de uma comunhão matrimonial que a vida lhes não pode oferecer de momento, solicitamos que lhe ofertes a intimidade orgânica para que ele recomece o caminho, na condição de filho da tua devoção e do teu carinho... Ana Maria, sacudida por impulso inesperado, ajoelhou-se e, abrindo os braços, balbuciou: — Que se faça a vontade de Deus! [...] O irmão Glaucus enlaçou a jovem mulher em terno abraço, e, tomando o Dr. Teofrastus no mesmo envolvente gesto, rogou ao Senhor que os abençoasse, felicitando-os com a concessão da união espiritual. A jovem foi reconduzida de volta ao corpo, no Lazareto. Depois de mais alguns estudos sobre a nova condição do irmão Teofrastus, este aproximou-se da porta e despediu os dois guardas, ficando combinado que ele se demoraria naquela Casa sob os auspícios dos Instrutores, até o momento em que seria encaminhado a uma Colônia preparatória para a reencarnação futura, mesmo porque outros trâmites no processo da desobsessão de Mariana requereriam sua presença. Ante os sucessos daquela madrugada, o irmão Glaucus, sensivelmente comovido, orou a Jesus, em gratidão, e os trabalhos foram encerrados, depois do que, fomos reconduzidos ao lar.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 10)

“Obsessores, sim, os há, transitoriamente, que se entregam à fascinação da maldade, de que se fazem

cultores, enceguecidos e alucinados pelos tormentosos desesperos a que se permitiram, detendo-se nos eitos de demorada loucura, em que a consciência açulada pelos propósitos infelizes desvia o rumo das cogitações para reter-se, apenas, na angulação defeituosa do sicário — verdugo impiedoso de si mesmo — pois todo o mal sempre termina por infelicitar aquele que lhe presta culto de subserviência. Tais Entidades — que oportunamente são colhidas pelas sutis injunções da Lei Divina — governam redutos de sombra e viciação, com sede nas Regiões Tenebrosas da Erraticidade Inferior, donde se espriam na direção de muitos antros de sofrimento e perturbação na Terra, atingindo, também, vezes muitas, as mentes ociosas, os espíritos calçetas, os renitentes, revoltados, cômodos e inúteis, por cujo comércio dão início a processos muito graves de obsessão de longo curso, que se estende em conúbio estreito, cada vez mais coercitivo, inclusive após a morte física dos tecidos orgânicos, quando o comensal terreno desencarna. Reunidos em magotes, momentaneamente ferozes, se disputam primazia como sói acontecer entre os homens de instintos primitivos da Terra, nos combates de extermínio, em que os próprios comparsas se encarregam de auto-destruir-se, estimulados por ambições que culminam na vanglória da ilusão que se acaba, estando sempre atormentados pelas lucubrações de domínio impossível, face à carência de forças para se dominarem a si mesmos. Exibindo multiface de horror, com que aparvalham aqueles com os quais se homiziam moral e espiritualmente, acreditam-se, por vezes, tal a aberração a que se entregam, pequenos deuses em competição de força para assumirem o lugar de Deus. Trazendo no substrato da consciência as velhas lendas religiosas do Inferno eterno, das personificações demoníacas e diabólicas, creem-se tais deidades irremediavelmente caídas, estertorando, em teimosa crueldade, por assumir-lhes os lugares... Expressivo número deles, esses irmãos marginalizados por si mesmos do caminho redentor — que são, todavia, inconscientes instrumentos da Justiça Divina, que ignoram e pensam desrespeitar — obsidiam outros desencarnados que se convertem em obsessores, a seu turno, dos viajantes terrenos, em processo muito complexo de convivência e exploração físico psíquica. Todos, porém, todos eles, nossos irmãos da retaguarda espiritual, — onde possivelmente já estivemos também, — são necessitados de compaixão e misericórdia, de intercessão pela prece e oferta dos pensamentos salutareis de todos os que se encontram nas lídimas colméias espiritistas de socorro desobsessivo, ofertando-lhes o pábulo da renovação e a rota luminescente para a nova marcha, como claro sol de discernimento íntimo para a libertação dos gravames sob os quais expungem os erros em que incidiram.” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

“Logo depois que eu retornara à vida espiritual, percebi haver, em torno da Terra, faixas vibratórias concêntricas, que a envolviam, desde as mais condensadas, próximas da área física, até as mais sutis, distanciadas do movimento humano na Crosta. Compostas de elementos que me escapavam, eram e são, no entanto, vitalizadas pelas sucessivas ondas mentais dos habitantes do planeta, que de alguma forma sofrem-lhes a condensação perniciososa. Não obstante, são permeáveis à força psíquica de mais elevada estrutura, que as atravessa, a fim de sintonizar com as de constituição menos densa e portadoras de mais intensa energia. Por um processo de sintonia decorrente do comportamento que se mantém no mundo, os desencarnados imantam-se àquelas que lhes são afins, graças ao teor de valores morais que caracteriza cada um. Constituem regiões densamente povoadas, as de condensações mais fortes, onde são fáceis de encontrar os Núcleos de dor e aflições mais primitivas, em que os invigilantes e irresponsáveis se demoram. Multiplicam-se, esses redutos de pena a cumprir, nas áreas metropolitanas, onde são mais promíscuos os hábitos humanos, e as expressões morais descenderam aos estágios primitivos sob os impulsos das paixões degradantes. Dessas multidões que pervagam, desenfreadas e em demorado aturdimento, constituindo centenas de milhões de seres em trânsito, vivendo o estado de erraticidade inferior, são arrebanhados para lugares ermos, cavernas e pantanais do planeta, os culpados e os tombados nas armadilhas da leviandade, pelos seus pares e algozes desencarnados, que os exploram e se viciam em colônias específicas por sua maldade construídas, nas quais fazem supor tratar-se de purgatórios e infernos, governados por verdadeiros gênios do mal, embora transitórios, que se não dão conta de que foram criados para a glória do bem e para o amor... A vida mental, nessas esferas de intranquilidade e nas suas colônias de terror, atinge inimagináveis expressões de vileza e primarismo, nas quais a crueldade assume proporções de insânia imprevisível. Considerando-se forças diabólicas, os malfadados *governantes* atribuem-se o direito de exercer a justiça caótica, dentro dos padrões da perversidade e crueza, como se pudessem disputar tal privilégio com os soberanos códigos da Vida. Em muitos desses sítios programam-se atentados sórdidos contra os homens e elaboram-se atividades que objetivam a extinção do bem, assim como a instalação do primado da força bruta, no mundo, em que os sátrapas da impiedade, ali residentes, se transformariam nos senhores absolutos do planeta... Alucinação desmedida essa do orgulho infeliz, que se não detém a examinar a própria origem do ser, que não pode negar haver sido precedida do amor de Deus, que não foi aproveitado por esse herdeiro dos dons da inteligência, transformado em instrumento da

própria e da ruína alheia. Lutam tenazmente contra os Emissários da Luz, que eles não conseguem vencer jamais e que se adentram nas suas regiões em tarefas libertadoras, com imensa frequência e demonstrando-lhes a fragilidade do seu poder. Na insânia de que padecem, são, por desejarem inconscientemente e não o sabermos, os instrumentos da Justiça Superior que a todos alcança conforme as necessidades de cada qual, refundindo o *metal* dos sentimentos inferiores e moldando-o para as elevadas finalidades da existência.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 19)

“Convidado a ocupar uma cadeira isolada, à frente do semicírculo onde todos nos sentávamos, o médium Jonas, de alguma forma habituado a esses labores, colocou-se em atitude de concentração profunda. Nesse momento, adentraram-se dois cooperadores, trazendo em maca um Espírito em estado desesperador. Com a forma perispiritual gravemente afetada, possuía caracteres simiescos de avançada similitude com os chimpanzés. Arfava, estorcegando, adormecido. Colocado ao lado do médium, a exteriorização psíquica desse, em suave tom opalino, pareceu absorver as cargas escuras que envolviam a Entidade, produzindo, no instrumento humano, estranha sensação de mal-estar. Subitamente, como se magneticamente atraído pela irradiação poderosa do encarnado, o sofredor se lhe acoplou, ajustando-se com imensa dificuldade e sofrimento no molde perispiritico, produzindo um fenômeno de transfiguração atormentada. O médium retratava fielmente o que experimentava o Espírito, o qual, desse modo, fruía a oportunidade de ter algo amenizadas as rudes aflições. Não conseguia falar, embora agitadamente se sacudisse, movimentando Jonas, que passou a apresentar os seus caracteres deformados. A cena era constrangedora, na sua exteriorização grotesca. A custo, poderíamos identificar que a zoantropia ocorria num ser que viera de uma reencarnação masculina. Os olhos avermelhados, miúdos, moviam-se nas órbitas da organização mediúnica, e os braços, alongados, balouçavam em movimentos desordenados. A boca larga, descomunal, numa face típica dos macacos, babava, denotando estado de avançada ferocidade. Julinda e os demais companheiros do seu grupo familiar não percebiam totalmente a ocorrência. Ricardo, porém, estampava, na face lívida, a máscara do horror. O Mentor, que se exercitara com acendrado amor no ministério de socorro aos infelizes mais infelizes, mantinha-se calmo, agindo com segurança, de modo que a comunicação de Espírito a Espírito ocorresse sem danos para o trabalhador encarnado, portador de excelentes qualidades de sacrifício pessoal. [...] A um sinal, quase imperceptível, do Dr. Bezerra, os auxiliares que trouxeram o sofredor aproximaram-se de Ricardo, que se aturdiu, inquieto e postaram-se às suas costas, vigilantes. - Não me encontro aqui - baldoou este - para ouvir ladainhas e arengas de consolações.

O problema dos outros é deles. O meu, é o que me interessa... Vou-me retirar... O comunicante foi atingido por aquela voz ou pela sua vibração. Ergueu o médium e passeou o olhar furibundo até encontrar aquele que falava. Mais se lhe modificou o aspecto, fazendo Jonas dobrar-se para a frente e mover-se, embora sem sair do lugar. Saltava, desconcertadamente, e levantava os braços, num tormento indescritível. Víamos, agora, um perfeito fenômeno de transfiguração tormentosa, porquanto o sensitivo desaparecera, para dar lugar a um símile perfeito de símio primitivo com o avantajado porte. Não estivéssemos convenientemente preparados e a cena rude quão chocante proporcionaria pavor, senão repulsa. ... E tratava-se de um irmão, que se arrojava no desespero, desfigurando-se e assumindo uma forma perispiritica dantesca. Ricardo sentiu a flechada do ódio do infeliz, que se não estivesse submetido a seguro controle pelo Mentor, ter-se-ia atirado sobre ele. Quis erguer-se para sair, numa reação de autodefesa, no qual foi contido pelos assistentes cuidadosos e começou a debater-se. - Que tem esse *animal* contra mim? - interrogou, assustado - Não tenho afinidade com essa classe de seres. A minha área de ação é outra. - Esse *animal* - respondeu-lhe o Mentor cordato - é um irmão nosso, que a tua incúria levou ao desespero. Crês-te injustiçado, no entanto, encontra-se ante os teus olhos uma das vítimas das tuas ações malévolas, em passado não muito distante... Supões-te com direito a desforço sobre Julinda, mas olvidas-te daqueles que deixaste tombados no caminho, enquanto prosseguias alucinado... - Não tenho relacionamento com *bichos*, especialmente com esses que se entregaram aos Falcões... [Os Falcões são um grupo de Entidades perversas, que trabalham mediante hipnose profunda, agindo nos centros perispiríticos, de modo a completar os fenômenos de zoantropia psíquica dos que lhes caem nas garras, vitimados pelo ódio. Constituem uma organização que se dedica à prática do mal, usurpando os códigos da Justiça, de que se dizem instrumentos, vampirizando as energias das suas vítimas, enquanto essas o fazem dos seus desafetos... Demoram-se em Regiões de infinito sofrimento onde, não obstante sem que o queiram, luz a misericórdia do amor, qual ocorrera com o paciente ali em comunicação, resgatado por diligentes especialistas nesse tipo de socorro, vinculados ao trabalho do incansável Dr. Bezerra de Menezes. (Nota do Autor espiritual)]. Trabalho noutro campo de justicamento... E não me recordo, senão, do mal que me fizeram.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 27)

“Trilhas da Libertação. [...] Espíritos perversos que o sofrimento embruteceu, sicários da sociedade que se não modificaram ante a derrocada pela morte, dando-se conta do prosseguimento da vida, continuam nas suas nefastas decisões de afligir e infelicitar, comprazendo-se em imiscuir-se nos grupos

sociais, fomentando dissensões, ódios e guerras, que lhes facultam embriaguez pelas energias que absorvem vampirescamente em infindáveis fenômenos de obsessão dolorosa. Dessa forma, o número de obsidiados é muito maior do que se pode imaginar. Não mensurada ou detectada com facilidade, a obsessão campeia desarvorada, arrebanhando multidões de vítimas que se deixam consumir, num como noutro plano de Vida. Organizam-se, esses Espíritos mais cruéis, em grupos hediondos, nos quais aprimoram métodos e técnicas de que se utilizam para afligir, aprisionar e explorar aqueles que têm o desar de ser-lhes vítimas. Qual ocorre na Terra, e nesta em escala menor, as sociedades que controlam o crime e o vício no Além são as responsáveis pelas congêneres do planeta, sendo que alguns dos seus chefes e condutores são procedentes das originais, aquelas que permanecem na erraticidade inferior. Atribuindo-se direitos e poderes que não lhes é lícito usufruir, funcionam como braços de Justiça, que alcançam os calcetas, os defraudadores, os hipócritas e criminosos de todo porte que passam triunfantes no corpo que ultrajam e degradam impune-mente, como se Deus os necessitasse para tal mister... Porque não podem anular a consciência de culpa neles mesmos inscrita, ao desencarnarem despertam na paisagem que lhes é própria, com a qual sintonizaram, presas daqueles a quem se vincularam. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Trilhas da libertação)

“Os gênios das trevas. O Dr. Carneiro, Fernando e nós continuamos ao lado do amigo Vicente, mesmo quando as atividades da Casa estavam encerradas no plano físico. Sentindo-se tranquilo quanto aos resultados da etapa de renovação que ora se iniciava, falou-nos o responsável: — Conforme os nossos queridos visitantes perceberam, nossa Sociedade, graças à imprevidência de alguns companheiros encarnados, aos quais não culpamos, derrapava para a sintonia com Entidades perversas, que a si mesmas se intitulam Gênios das Trevas. “Nesta reunião, que ora se encerrou, alguns Espíritos, subordinados à comunidade de infelizes que eles dirigem, aqui estiveram. Dando-se conta das novas diretrizes aplicadas, irão levar-lhes notícias e, certamente, ao primeiro ensejo, seremos visitados por alguns desses obsessores. O bom senso induz-nos a tomar certas providências, especialmente por meio de atendimento cuidadoso aos encarnados que se lhes vinculam mais diretamente. Recordo-me aqui do caro Davi que, por enquanto, elegeu a viagem mais difícil, dos irmãos Raulinda e Francisco, que atuaram mediunicamente, entre outros. Assim, convidaria os amigos a visitarmos Raulinda dentro de mais três horas, aproximadamente, deixando-lhes este período de tempo para atividades que lhes aprouver.” O Dr. Carneiro concordou plenamente, com o apoio do nosso júbilo, e convidou-nos a um passeio pela orla

marítima em cidade próxima. A noite respirava serenidade sob o lucilar das estrelas. O murmúrio das ondas em crescimento, no encontro com as praias onde se quebravam, era a própria natureza em movimento incessante. Poucos notívagos, alguns pares em demonstrações afetuosas, encontravam-se ao longo da balaustrada da área. Sentamo-nos em silêncio diante do oceano, absorvendo o plâncton das águas, as energias vivas. Fernando, com discrição, narrou-nos que lograra atrair a Entidade que se comunicara por Francisco, em razão de vínculos pessoais mantidos entre ambos em existências passadas. Sabia onde encontrar o companheiro e o acompanhou por alguns dias, conforme solicitara o nosso benfeitor, até conseguir trazê-lo à psicofonia. Dizia-se exultante com os resultados. O planejamento se desenvolvia com excelentes frutos. Na minha inexperiência, não me dera conta de que o súbito desaparecimento do amigo que viera conosco prendia-se a algum plano adrede estabelecido. Sem desejar tornar-me curioso ou inoportuno, porém desejoso de aprender sempre, indaguei-lhe: — Além do interesse de esclarecê-lo espiritualmente, há algum outro motivo que me possa informar, sem ruptura do sigilo em que se devem manter labores especiais como este? Foi o Dr. Carneiro de Campos quem me respondeu: — Ao convidar o caro Miranda para esta excursão de trabalho, não lhe quisemos detalhar o compromisso em tela porque muitas dificuldades estavam em pauta, aguardando solução. A fim de não deixá-lo ansioso, resolvemos esperar a ajuda divina para inteirá-lo depois, qual ocorre neste momento. Fazendo uma pausa breve, deu continuidade à narração: — Oportunamente, ao ser liberado das Regiões infernais antigo comandante das forças do mal — que reencontrou em Jesus a porta estreita da salvação graças aos esforços sacrificiais e renúncias imensas de sua genitora —, aqueles que permaneceram no esquema da impiedade reuniram-se para tomar providências em conjunto contra o que denominam como os exércitos do Cordeiro, que detestam. “Estes seres, que se extraviaram em diversas reencarnações, assumindo altíssimas responsabilidades negativas para eles mesmos, procedem, na sua maioria, de doutrinas religiosas cujos nomes denegriam com as suas condutas relapsas, atividades escusas e cortes extravagantes, nas quais o luxo e os prazeres tinham primazia em detrimento dos rebanhos que diziam guardar, mas que somente exploravam, na razão do quanto os desprezavam. Ateus e cínicos, galgavam os altos postos que desfrutavam mediante o suborno, o homicídio, as perversões sexuais, a política sordida, morrendo nos tronos das honras e glórias mentirosas, para logo enfrentarem a consciência humilhada e, sob tormentos inenarráveis, sintonizando com os sequazes que os aguardavam no Além, serem reconvocados aos postos de loucura, dispostos a enfrentar

Jesus e Deus, que negam e dizem desprezar...” Após ligeira interrupção e medindo bem as palavras, prosseguiu: — As figuras mitológicas dos demônios e seus reinos, os abismos infernais e os seus torturadores de almas são relatos inicialmente feitos por pessoas que foram até ali conduzidas em desdobramento espiritual — por afinidade moral ou pelos mentores, a fim de advertirem as criaturas da Terra —, antros sórdidos que aqueles governam e onde instalaram o terror, dando a equivocada ideia de que naquelas paragens não há tempo a transcorrer, num conceito absurdo de eternidade a que se aferram diversas religiões, as quais mais atemorizam do que educam. “Mártires e santos, profetas e escritores, artistas e poetas de quase todos os povos e épocas, os que eram médiuns, visitaram esses Núcleos terrificadores e conheceram os seus habitantes, trazendo, na memória, nítidas, as suas configurações, que as fantasias e lendas enriqueceram com variações de acordo com a cultura, a região e o tempo, presentes, portanto, na historiografia da humanidade. Variando de denominação, cada grupamento, como ocorre na Terra, tem o seu chefe e se destina a uma finalidade coercitiva, reparadora. Periodicamente esses chefes se reúnem e elegem um comandante a quem prestam obediência e submissão, concedendo-lhe regalias reais... As ficções mais audaciosas não logram conceber a realidade do que ocorre em tais domínios. “Sandeus e absolutos, anularam a consciência no mal e na força, tornando-se adversários voluntários da Luz e do Bem, que pretendem combater e destruir. “Não se dão conta de que tal ocorre porque vivem em um planeta ainda inferior em processo de desenvolvimento, onde aqueles que o habitam, também são atrasados, padecendo limites, em trânsito do instinto para a razão. Inobstante, porém, luz, nesta época, o Consolador, e em toda parte doutrinas de amor e paz inauguram a Nova Idade na Terra, convidando o homem ao mergulho interior, ao rompimento dos grilhões da ignorância, à solidariedade, ao bem... A ciência dá as mãos à moral, e a filosofia redescobre a ética, para que a religião reate a criatura ao seu Criador em um holismo profundo de fé, conhecimento e caridade, numa síntese de sabedoria transcendental. “Tudo marcha na direção de Deus, é inelutável. A Grande Causa, a Inteligência Suprema, é o fulcro para o qual convergem todos, mediante a vigorosa atração da sua própria existência. “As lutas de oposição desaparecem com relativa rapidez, rompendo-se as barricadas e trincheiras que se tornam inúteis. A trajetória do progresso é irreversível. Só o Amor tem existência real e perene, lei que é da vida, por ser a própria Vida.” Calou-se, novamente, e relanceou o olhar pelo veludo da noite salpicado de gemas estelares, dando prosseguimento: — Na reunião que eles convocaram naquela oportunidade, ficou estabelecido que o novo substituto deveria ser

impiedoso ao extremo, sem qualquer sensibilidade, cuja existência execranda no planeta houvesse espalhado o terror e cuja memória inspirasse revolta e ódio... Após um mês, voltariam a reunir-se. “Naturalmente, foram buscados os sicários mais abjetos da humanidade, que fossilizavam nos antros mais hediondos das regiões subterrâneas de sofrimentos, de onde foram retirados temporariamente para apresentação de planos, sua avaliação de possibilidades de execução e logo votação. “Difícil imaginar tais conciliábulos e consequente escrutínio para a eleição de um chefe. “Recordando as reuniões de antigos religiosos, ontem como hoje, cada representante se vestiu com as roupagens e características do seu poder e, acolitados pelos subalternos compareceram em massa, diversos deles conduzindo os seus candidatos para o pleito macabro e ridículo. “A extravagância e o cinismo ilimitados fizeram-se presentes nas figuras grotescas, asselvajadas umas, animais escas outras, em um cenário de horror, para o que seria o grande momento de decisão, a conquista do mundo humano por tais assaltantes espirituais. “Mais de uma vintena de algozes da sociedade foram apresentados ao terrível parlamento. Alguns encontravam-se hebetados em padecimentos que se auto impuseram; outros pareciam desvairados, e um número menor, com fâcies patibular e olhos miúdos, fuzilantes, chamaram mais a atenção dos governantes e da turbamulta alucinada que repletava as galerias daquele simulacro infeliz de tribunal de julgamento e seleção. “Nomes que faziam tremer a Terra, no passado remoto como no mais recente, eram pronunciados, enquanto, pessoalmente, eles se apresentavam ou eram trazidos. Vários em estado de loucura foram apupados, embora os seus defensores prometessem despertá-los e colocá-los lúcidos para o ministério que lhes seria delegado. A balbúrdia ensurdecadora interrompeu várias vezes as decisões. Os árbitros, porém, ameaçaram expulsar a malta, que foi atacada por mastins ferozes, até o momento em que assomou ao pódio um ser implacável, com postura temerária, passos lentos, coxeando, corpo balouçante com ginga primitiva que, erguendo os braços para dominar o cenário, com facilidade o logrou, graças ao terror que expressava nos olhos fulminantes. “Quem o conduzia deu ligeira notícia do candidato, sem ocultar a felicidade que o dominava: — Tenho a honra de apresentar o inexcusável conquistador que submeteu o mundo conhecido do seu tempo, na Ásia, e esteve na Terra, novamente, apenas uma vez mais. As suas façanhas ultrapassaram em muito outros dominadores, graças à sua absoluta indiferença pela vida e aos métodos que utilizava para a destruição da raça humana. Fundou o segundo império mongol, realizando guerras cruentas. “A sua existência corporal transcorreu durante o século XIV, havendo renascido na Ásia Central, próximo a

Samarcanda. Informando descender de Gengis Khan, aos cinquenta anos alargou seus domínios do Eufrates à Índia, impondo-se ao Turquestão, Coraça, Azerbaijão, Curdistão, Afeganistão, Fars. Logo depois, invadiu a Rússia, a Índia, deixando um rastro de dezenas de milhares de cadáveres, somente em Delhi, às portas da cidade e nos seus arredores... Cruel até o excesso, realizou alguns trabalhos de valor na sua pátria, porém as suas memórias são feitas de atrocidade e horror, por cujas razões, ao desencarnar, mergulhou nas regiões abismais onde foi localizado, nas Trevas..." O narrador fez breve silêncio para logo prosseguir: — À medida que a arenga apaixonada conquistava os eleitores triunfantes, o horror mais humilhava os presentes, que silenciaram, diante do certamente vencedor hediondo. "Encerrada a apresentação do candidato, foi ele aceito por quase todos os chefes e aclamado como o soberano gênio das trevas que se encarregaria de administrar os corretivos na humanidade, a qual ele propunha submeter e explorar. "Não ignoramos que o intercâmbio de energias psicofísicas entre os seres inferiores desencarnados e os homens é muito maior do que se imagina. Legiões de dezenas de milhões de criaturas de ambos os planos se encharcam de vitalidade, explorando-se, umas às outras, mediante complexos processos de vampirização, simbiose, dependência, gerando uma psicofera morbífica, aterradora. Somente o despertar da consciência logra interromper o comércio desastroso, no qual se exaurem os homens, e mais se decompõem moralmente os Espíritos. Para sustentarem tão tirânica interdependência, são criados mecanismos e técnicas contínuas de degradação das pessoas que, espontaneamente, se deixam consumir por afinidade com os seres exploradores, viciados inclementes, amolentados secularmente na extravagante parasitose. Pululam, incontáveis, os casos dessa natureza. Enfermidades degenerativas do organismo físico, desequilíbrios mentais desesperadores, disfunções nervosas de alto porte, contendas, lutas, ódios, paixões asselvajadas, guerras e tiranias têm a sua geratriz nesses antros de hediondez, onde as Forças do Mal, em forma de novos Lúciferes da mitologia, pretendem opor-se a Deus e tomar-lhe o comando. Vão e inqualificável desvario este do ser humano inferior! "O homem marcha, na Terra como nos círculos espirituais mais próximos, ignorando ou teimando desconhecer a sua realidade como ser imortal, Espírito eterno que é, em processo de ascensão. Dando preferência à sensação, na qual se demora espontaneamente, em detrimento das emoções enobrecidas, jugula-se à dependência do prazer, cristalizando as suas aspirações no gozo imediato e retendo-se nas faixas punitivas do processo evolutivo. Ante tal comportamento, reencarna e desencarna por automatismo, sob lamentáveis condições de perturbação, perplexidade e

interdependência psíquica. As obsessões que atravessam decênios sucedem-se. O algoz de hoje, ao reencarnar-se, torna-se a vítima que por sua vez, mais tarde, dá curso ao processo infeliz até quando as soberanas leis interferem com decisão. "As religiões, por meio dos seus sacerdotes, ministros, guias e chefes, na maioria aferradas aos dogmas ultramontanos, preferem não descerrar a cortina da ignorância, mantendo os seus rebanhos submissos, pelo menos convencionalmente, em mecanismos de rude hipocrisia, desinteressadas do homem real, integral, espiritual. Sucede que grande número desses condutores religiosos está vinculado aos sicários espirituais, que os mantêm em dependência psíquica, explorados, para que preservem o estado de coisas conforme se encontra. Por tal razão, quando as doutrinas libertadoras se apresentam empunhando as tochas do discernimento, seus apologistas, membros divulgadores e realizadores são perseguidos, cumulados de aflições e tormentos, para que desistam, desanimem ou se submetam aos mentirosos padrões dos triunfos terrenos." O benfeitor calou-se por ligeiro espaço de tempo e, lúcido, adiu: — Pode parecer que o Pai misericordioso permanece indiferente ao destino dos filhos sob o domínio das sombras de si mesmos. No entanto, não é assim. Incessantemente, sua voz convida ao despertar, à reflexão, à ação correta, usando os mais diversos instrumentos, desde as forças atuantes do universo aos missionários e apóstolos da Verdade, que não são escutados nem seguidos. "Os líderes da alucinação tornam-se campeões das massas devoradoras, enquanto as vozes do bem clamam no deserto. Milhares de obreiros desencarnados operam em silêncio, nas noites terrestres, acendendo luzes espirituais, em momentosos intercâmbios que são considerados, no estado de consciência lúcida, no corpo, como sonhos impossíveis, fantasias, construções arquetípicas, em conspiração sistemática a favor das teses materialistas. Essas explicações, algumas esdrúxulas, travestidas de científicas, são aceitas, inclusive, pelos religiosos, que aí têm seus mecanismos escapistas para fugirem aos deveres e responsabilidades maiores. "Desnecessário confirmar que as nobres conquistas das ciências da alma, inclusive as abençoadas experiências de Freud, de Jung e outros eminentes estudiosos, fundamentam-se em fatos incontestáveis. Algumas das suas conclusões merecem, porém, reestudo, reexame e conotações mais modernas, nunca descartando a possibilidade espiritualista, hoje considerada pelas novas correntes dessas mesmas doutrinas. "Quando as criaturas despertarem para a compreensão dos fenômenos profundos da vida, sem castração ou fugas, sem ganchos psicológicos ou transferências, romper-se-ão as algemas da obsessão na sua variedade imensa, ensejando o encontro do ser com a sua consciência, o descobrimento de si mesmo e das

finalidades da existência corporal no mapa geral da sua trajetória eterna.” Mais uma vez, o venerável instrutor fez uma pausa, facultando-nos assimilar o conteúdo das suas palavras, para logo dar continuidade: — Posteriormente, informado das razões que o elevaram ao supremo posto, representativo daqueles grupos hostis, o Chefe pediu um prazo para elaboração de planos, solicitando a presença de hábeis conselheiros de períodos diferentes da História, a ele semelhantes na estrutura psíquica, de modo a inteirar-se das ocorrências no planeta. “As reuniões sucederam-se tumultuadas, violentas, sempre acalmadas pela agressividade do Soberano, que, ciente das novas revelações da Verdade na Terra, do advento do Consolador e seu programa de reestudo e vivência do Cristianismo, das incursões modernas do Espiritualismo ancestral na sociedade contemporânea, todos formando diques contra as águas volumosas da destruição, resolveu escutar fracassados conhecedores do comportamento das criaturas, tanto na área sexual como na econômica e na social — pois que nesses recintos transitam aqueles que se comprometeram negativamente perante a Vida — após o que estabeleceu o seu programa, que ironicamente denominou como as quatro legítimas verdades, em zombeteira paráfrase ao código de Buda em relação ao sofrimento: as quatro Nobres Verdades. “Em reunião privada com os chefes de grupos, explicitou o programa que elaborara para ser aplicado em todas as suas diretrizes e com pormenorizado zelo. “Primeiro: o homem — redefiniu o novo Soberano das Trevas — é um animal sexual que se compraz no prazer. Deve ser estimulado ao máximo, até a exaustão, aproveitando-se-lhe as tendências, e, quando ocorrer o cansaço, levá-lo aos abusos, às aberrações. Direcionar esse projeto aos que lutam pelo equilíbrio das forças genésicas é o empenho dos perturbadores, propondo encontros, reencontros e facilidades com pessoas dependentes dos seus comandos que se acercarão das futuras vítimas, enleando-as nos seus jogos e envoltimentos enganosos. Atraído o animal que existe na criatura, a sua dominação será questão de pouco tempo. Se advier o despertar tardio, as consequências do compromisso já serão inevitáveis, gerando decepções e problemas, sobretudo causando profundas lesões na alma. O plasma do sexo impregna os seus usuários de tal forma que ocasiona rude vinculação, somente interrompida com dolorosos lances passionais de complexa e difícil correção. “Segundo: o narcisismo é filho predileto do egoísmo e pai do orgulho, da vaidade, inerentes ao ser humano. Fomentar o campeonato da presunção nas modernas escolas do Espiritualismo, ensejando a fascinação, é item de alta relevância para a queda desastrosa de quem deseja a preservação do ideal de crescimento e de libertação. O orgulho entorpece os sentimentos e intoxica o indivíduo, cegando-o

e enlouquecendo-o. Exige uma corte, e suas correntes de ambição impõem tributários de sustentação. Pavoneando-se, exibindo-se, o indivíduo desestrutura-se e morre nos objetivos maiores, para cuidar apenas do exterior, do faustoso — a mentira de que se insufla. “Terceiro: o poder tem prevalência na natureza humana. Remanescente dos instintos agressivos, dominadores e arbitrários, ele se expressa de várias formas, sem disfarce ou escamoteado, explorando aqueles que se lhe submetem e desprezando-os ao mesmo tempo, pela subserviência de que se fazem objeto, e aos competidores e indomáveis detestando, por projetar-lhe sombra. O poder é alcapão que não poupa quem quer que lhe caia na trampa. Ademais, a morte advém, e a fragilidade diante de outras forças aniquila o iludido. “Quarto: o dinheiro, que compra vidas e escraviza almas, será outro excelente recurso decisivo. A ambição da riqueza, mesmo que mascarada, supera a falsa humildade, e o conforto amolenta o caráter, desestimulando os sacrifícios. Sabe-se que o Cristianismo começou a morrer, quando o martirólogo foi substituído pelo destaque social, e o dinheiro comprou coisas, pessoas e até o Reino dos Céus, aliciando mercenários para manter a hegemonia da fé... “Quem poderá resistir a essas quatro legítimas verdades? — interrogou. Certamente, aquele que vencer uma ou mais de uma, tombará noutra ou em várias ao mesmo tempo. “Gargalhadas estrepitosas sacudiram as furnas. E a partir de então, os técnicos em obsessão, além dos métodos habituais, tornaram-se especialistas no novo e complexo programa que em todos os tempos sempre constituiu veículo de desgraça, agora mais bem aplicado, redundando em penosas derrotas. Não será necessário que detalhem casos a fim de analisarmos resultados.” Aprofundando reflexões, o Amigo concluiu: — Precatem-se, os servidores do Bem, das ciladas ultrizes do mal que tem raízes no coração, e estejam advertidos. Suportem o cerco das tentações com estoicismo e paciência, certos de que o Pai não lhes negará socorro nem proteção, propiciando-lhes o que seja mais importante e oportuno. Ademais, não receiem as calúnias dos injuriadores que os não consigam derrubar. Quando influenciados pelos assessores dos Gênios, mantenham-se intemoratos nos ideais abraçados. A vitória tem a grandeza da dimensão da luta travada. “Este desafio, que nos tem merecido a mais ampla e minudente consideração, qual ocorre com inúmeros benfeitores do Mundo Maior, é uma das razões de nos encontrarmos em atividade com o irmão Vicente e os membros da Casa que ele dirige. “Agora, sigamos ao trabalho que nos espera.” Havia no ar da noite silenciosa a presença de bênçãos que aspirávamos em longos haustos, enquanto nos dirigíamos para a sede dos nossos labores.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Os gênios das trevas)

“**Novos rumos.** Sabíamos, graças a informações de Fernando, que um dos objetivos da nossa excursão à Terra era contatar com o cruel Tuqtamich, que vivera no século XIV e desencarnara no começo do seguinte. Havendo nascido na Sibéria, descendente de Gengis Khan, foi senhor absoluto da região de Qiptchaq, quando recebeu apoio de Timur Lang e devastou a Rússia. Posteriormente, o seu aliado inimizou-se com ele e o venceu, arrasando o seu reino e espoliando-o terrivelmente. Desencarnou em desgraça por volta de 1406. A sua impiedade competia com a dos adversários, cada qual mais cruento e sanguinário. Quando da eleição do Soberano das Trevas, fez parte do séquito que o apresentou, passando depois à condição de ministro do seu reino de vandalismo espiritual. [...] De certo modo, surpreso com o inesperado desfecho da discussão, o títere siberiano ficou algo desconcertado, embora os seus áulicos celebrassem o evento com ruidosa festa de triunfo, aproveitando-se da desordem do ambiente, em hospedagem vampirizadora nos indivíduos ali reunidos e descuidados moralmente. Assim, utilizando-se do seu insucesso, Fernando aproximou-se do feroz guerreiro e o saudou, respeitosamente: — Aguardávamos a sua presença — disse com naturalidade. — Seja, pois, bem-vindo a este recinto, que não é lugar ideal para um diálogo, assim como não o são as circunstâncias do momento. Convocado diretamente e identificando a qualidade moral do interlocutor, reagiu com enfado e furor: — Sabe com quem está falando? — e tomou ridícula postura de personalidade tribal dominadora. — Sem dúvida — redarguiu nosso amigo. — Falo com o velho Khan Tuqtamich, terror de várias regiões do norte europeu-asiático, que a morte arrebatou e destituiu, reduzindo-o à sua significação de pária espiritual. As palavras finais alcançaram-no como uma chibatada. Ele congestionou o rosto, que assumiu aspecto de máscara horrenda, com os olhos esbugalhados, vermelhos e chamejantes, blasonando: — Posso fulminá-lo com meus poderes e minha vontade. Cuidado, portanto! — Embora aqui não seja o lugar próprio, aceito o seu repto, por saber que não passa a sua assertiva de bazófia para intimidar os incautos e os medrosos, que se lhe submetem ao talante. O Khan ergueu as mãos em atitude de quem se prepara para disparar dardos magnéticos e fixou os olhos terríveis em Fernando, que permaneceu impassível, concentrado e aureolando-se de luz violáceo-alaranjada em todo o corpo, que o defendia da irradiação negativa. Suando em bagas e exalando forte odor a enxofre, ele bradou: — Eu sou um diabo! Ajoelhe-se diante de mim. Você viu o que acabei de fazer com o outro. (Referia-se a Davi.) Não foi a primeira vez que o enfrentei, bem como ao seu médico, você sabia? Nosso companheiro, sem nenhuma reação, respondeu: — Sei sim e recordo-me da obsessa que você conduziu ao

Dr. Hermann... O irmão é Espírito doente, e não lenda. A fantasia diabólica de que se utiliza não me assusta, não me produz qualquer preocupação, por ser fruto da sua imaginação perturbada, sem estrutura nem realidade. Tampouco o amigo fez coisa alguma significativa, além de inspirar o rebelde ao duelo verbal estúpido, que culminou na luta insana... A sua ação foi um fracasso, de que terá que dar conta ao seu Chefe, que esperava e pretendia algo mais expressivo... “Eu o exorto, em nome de Deus — este sim o Todo-Poderoso — a render-se ao Bem, a mudar de comportamento, tomando rumo novo. São mais de seiscentos anos de alucinação, de peregrinação perversa no mundo inferior, longe da luz, da paz, do discernimento, do amor. “Aproveite, amigo-irmão. Este é o seu momento grandioso de libertação das sombras e da hediondez. Soa a sua hora de despertamento. O reino da fantasia perversa chega ao fim. Detenha-se! Jesus o espera para apresentá-lo ao Pai Criador.” — Nunca! O meu reino é outro e o meu Chefe tem nome diferente. A minha luta é a saga da destruição, do ódio à humanidade e ao seu Cordeiro. Adeus! Uma nuvem espessa circundou-o, como se originada de uma explosão de pólvora, e ele desapareceu. Fernando ainda afirmou-lhe: — Voltaremos a nos encontrar, antes do que você imagina. Os seus acompanhantes, diante do acontecido, debandaram como soldadesca infrene sem comando e deixaram o imenso salão do clube. [...] Percebendo-lhe as interrogações que não chegava a formular, fraternalmente Fernando explicou-lhe: — O mundo, que ora habitamos, é o causal, eterno, real. O físico é uma pobre modelagem deste. Por isso, importante em nosso labor é o ser profundo, o espírito. O que não significa desvalor para as ações de beneficência, de ajuda ao corpo, que desempenha papel de vital importância na vida. Preferencialmente, porém, o ser espiritual é o causador das glórias e quedas a que se impõe por meio dos pensamentos, palavras e obras. Inexoravelmente, a toda ação corresponde uma reação semelhante. Os danos ao organismo físico e psíquico podem ser reparados mediante providências e técnicas especiais, mas somente serão erradicados quando houver mudança nos seus painéis de comando, pela transformação moral dos próprios pacientes. E como a morte é fenômeno inevitável da vida, sempre nos cabe a tarefa de preparar o ser para a sua imortalidade. Fazendo uma pausa oportuna, prosseguiu: — O mundo espiritual é o grande lar, de onde se sai em viagem experimental da iluminação e para onde se retorna com os resultados insculpidos na consciência... Compreensivelmente, aqueles que fracassam buscam fugir da responsabilidade e acumpliciam-se com outros semelhantes, em vãs tentativas de escaparem de si mesmos e da Consciência divina. Formam, dessa maneira, grupos alienados, que se consideram justos,

arremetendo contra todos quantos lhes inspiram inveja, antipatia, ciúme... Essa é uma luta inglória, por certo, pois que efêmera, tornando-se igualmente o tormento que os sevia e os leva ao despertar. Quando esse não se dá espontâneo, as leis da Vida os recambiam à reencarnação em expiações libertadoras, dessa forma se lhes reajustando os implementos morais, as forças espirituais. “Assim, a morte que os homens temem e nos pedem para impedi-la de os arrebatá-los, para nós tem um sentido totalmente diverso...” (MPM, *Trilhas da libertação*, Novos rumos)

“O enfrentamento.” [...] Quando retornamos à Sociedade Espírita, Fernando, o Dr. Hermann, o Dr. Carneiro e nós, fomos recebidos pelo amigo Vicente, que se encontrava com a sua equipe preparando as atividades mediúnicas da noite. [...] Trabalhadores dedicados encarregavam-se de fortalecer as redes de defesas vibratórias, e aparelhos especiais eram dispostos em pontos estratégicos da sala para eliminar as ondas mentais, as ideoplastias e os vibrões que são exteriorizados pelos Espíritos sofredores, pelos perversos, pelos técnicos em obsessão. Fôramos informados antes, que, naquela noite, teríamos o enfrentamento programado com o ministro do Soberano das Trevas. Assim, as diligências providenciais eram minuciosas. [...] O relógio assinalava vinte horas. Os membros habituais da reunião haviam chegado sem bulício e se encontravam nos seus lugares de sempre. Respirava-se uma psicofera de paz. Lidas as páginas consoladoras e educativas da Doutrina Espírita, o presidente Almiro proferiu a prece de abertura das atividades. Tomando a delicada aparelhagem mediúnica de D. Armênia, o irmão Vicente entreteceu breves considerações e apresentou as instruções a respeito dos compromissos estabelecidos para aquela noite, especialmente se referindo aos Espíritos que viriam à psicofonia. A união de pensamentos, graças à identidade de objetivos, permitia um clima psíquico superior, condição indispensável ao êxito de tentame com tal magnitude. [...] Incontinente, sob o aplauso da malta, não saberia dizer se atraído pela exteriorização perispiritual de D. Armênia, se impulsionado pelo irmão Vicente ou se por vontade própria, o antigo Khan incorporou. Tomando ares de importância, levantou a médium, olhou desafiadoramente os membros da reunião, e tentando descarregar energia perturbadora, qual ensaiara no encontro com Fernando, falou com os dentes rilhados: — Parece que encontrei alguém com quem vale a pena lutar. Sempre receei não encontrar opositor do meu quilate. Não que o tenha em alta conta, porém o seu atrevimento me desperta curiosidade, quanto o seu topete me chama a atenção. “Lutei contra guerreiros famosos e os venci. Arruinei cidades e submeti povos, deixando os sinais da minha passagem por onde estive: cadáveres e escombros, miséria e dor...” — ...E

morreu como qualquer um — atalhou-o o doutrinador inspirado. — A morte tomou-lhe da mão trêmula o cetro de vergonha que o braço enfraquecido não mais pôde deter, não é verdade? E chegou ao mundo espiritual vencido, sem arrogância, odiado pelas incontáveis vítimas que o não pouparam ao vandalismo da desforra. Foi encarcerado nas furnas do horror que vitalizou, espezinhou, arrastado como escravo, na vasa fétida e pantanosa, sofrendo o corroer dos ácidos que o penetraram, dilacerando as carnes da alma sem cessar. “Aquele que não poupa o seu próximo, não é poupado da expiação a que se atira.” — Libertei-me, e aqui estou para fazer justiça. — Foi libertado por um semelhante, talvez mais perverso, que o buscou para dar prosseguimento à fantasia da força na qual finge apoiar-se. E não nos fale em justiça, pois a palavra soa, na sua voz, de maneira ultrajante. Acaba de exibir a estultice, arenga sobre a impunidade que se atribui e nos vem abordar sobre a justiça? Quem pensa que somos? O seu Soberano subestima-nos, enviando-nos um bombástico mensageiro, destituído de reais valores que valham a pena ser examinados e discutidos. Aguardaremos, então, que ele próprio nos apareça, o que nos dará imenso prazer. — Você não sabe o que eu posso fazer e qual a razão da minha estada aqui. — É claro que sabemos. É resultado do fracasso dos planos mirabolantes de destruição e anarquia, elaborados para combater Jesus e os seus discípulos. Todos aqueles que, no mundo, intentaram essa infame tarefa, sucumbiram vitimados em si mesmos... E os réprobos do Além, que periodicamente se levantam rebeldes como novos Lucíferes da mitologia judaica, tombam derruídos e profundamente lesados nos tecidos delicados da estrutura espiritual, sofrendo, séculos afora, o processo de recuperação. O seu Soberano é apenas mais um, porém de pequeno significado. Nunca ouvimos tanta energia em um diálogo e tão elevada autoridade num debate, qual ocorrera antes com o primeiro comunicante e prosseguia com o Khan. — Exijo consideração, tendo em vista meu poder. — O amigo não pode exigir nada, pois que é destituído de direitos, tendo-se em vista o execrável comportamento que se tem permitido. É credor, isto sim, de nossa compaixão, a qual lhe distendemos em nome da piedade cristã. Era demasiado. O desafiante foi tomado de estupor, alterando a organização mediúnica de D. Armênia, que parecia próxima de um ataque de apoplexia. Espumando, ia prosseguir com o propósito de vitimar a médium, quando Fernando aproximou um aparelho vibrador, que foi acoplado à cabeça da senhora, e descargas azuladas envolveram o agressor que lentamente cedeu e derreou. Delicadamente foi deslindado da médium e colocado sobre uma mesa ao lado, que o aguardava. Ato contínuo, os cooperadores do irmão Vicente atiraram uma rede magnética com malhas

luminosas sobre os apaniguados do visitante, impedindo-os de escapar. A gentil medianeira voltou à lucidez, e o clima de harmonia da reunião foi refeito. O irmão Vicente, jubiloso, inspirou o Sr. Almiro a encerrar a atividade mediante aplicação de passes nos médiums que foram objeto das comunicações penosas, o que foi realizado por cooperadores experientes no mister, e após vibrante oração de graças a reunião terminou. Minutos depois a sala esvaziou-se, e os colaboradores permaneceram em cômodo contíguo, entretecendo considerações oportunas e edificantes sobre as comunicações, de onde partiram para os seus respectivos lares, inclusive Raulinda, que solicitou ao Diretor uma entrevista para ocasião própria. Lentamente o Núcleo ficou em silêncio, enquanto nós outros prosseguimos em franca atividade.” (MPM, *Trilhas da libertação*, O enfrentamento)

“A luta prossegue. [...] Era uma hora da manhã e todos nos encontrávamos preparados para dar prosseguimento ao labor iluminativo. A prece foi proferida com unção pelo Dr. Carneiro que suplicou o divino amparo para aquele magno momento. Vimos uma claridade alaranjada descer e envolver todo o recinto, como se fosse uma cobertura protetora para a elevada atividade. O Dr. Carneiro esclareceu que aquele era o momento clímax da nossa excursão, cujo objetivo essencial seria ali definido: a libertação do chefe siberiano, com o fito de abalar a estrutura do império dirigido pelo soberano gênio das trevas, que oportunamente seria atendido conforme os desígnios superiores. Voltando-se para a turba, o médico baiano propôs silêncio, com a sua autoridade, e sintetizou: — Aqui estais para presenciardes um grande evento que vos definirá os rumos futuros. Por enquanto permanecereis sem liberdade, a fim de participardes dos próximos acontecimentos. Depois sereis liberados para escolherdes o caminho que desejardes palmilhar. Caístes nas malhas da rede da perturbação por livre vontade, por sintonizardes moralmente com aqueles que vos exploram, levando-vos ao crime e à loucura. Vinculastes-vos espontaneamente e cada dia mais vos comprometeis porque abdicastes do uso da razão. Dentro em breve modificar-se-vos-á a paisagem, podereis discernir e eleger treva ou luz, sofrimento ou paz, desar ou felicidade. A ninguém mais culpais, nem acusareis, porquanto a responsabilidade será, como tem sido, exclusivamente vossa. Ficai atentos e tende calma! Os passistas e magnetizadores espirituais aplicaram coletivamente energias balsâmicas e confortadoras sobre o grupo, que pouco a pouco, embora expectante, asserenou. Fernando procedeu ao despertar do chefe siberiano e o aproximou de D. Armênia, perispírito a perispírito, até que houvesse uma quase justaposição. O da médium vibrava com suaves irradiações violáceas claras, enquanto o do Espírito exteriorizava uma energia

densa, escura, quase pastosa, que diminuiu o tom das ondas que absorvia e que pareciam diluir-lhe a espessura, a vibração grosseira. Subitamente despertou atônito, e interrogou: — O que está acontecendo? Que artimanha mágica foi essa covardemente utilizada contra mim? — Não se trata de artimanha, nem de magia, meu amigo-irmão — respondeu o Dr. Carneiro com serenidade —, mas de recurso terapêutico desconhecido por você. Não há como negar a superioridade do Bem. Afinal a maldade é somente alucinação, desvario. A força positiva é a geradora da vida e das suas manifestações; a negativa expressa o uso incorreto dos valores da energia, sendo, portanto, impotente, ante a expressão maior. — Que pretendem, afinal, de mim? Desconhecem os meus objetivos? — É claro que lhe conhecemos os propósitos doentios, que nos levaram a atraí-lo até aqui. Eis o que desejamos do amigo: a sua mudança de comportamento, o seu despertar para a realidade que se nega. Até quando, perguntamos-lhe, permanecerá na obstinação do mal? Será crível que a sombra anule a luz? Por mais se sofisme, uma chispa na treva comprova a legitimidade da sua potência. — Sou ministro de um império... — Império sinistro — interceptou-lhe a frase — que se desdobra nos sítios sórdidos do planeta, onde o grotesco e o animalesco convivem em promiscuidade abjeta. O amigo referiu-se às glórias vividas na Terra. Como pode submeter-se a uma existência primária, asselvajada, na qual predomina o terror, e as sevícias incessantes são os estímulos à permanência no escuro paul? Já não se encontrará saturado da bajulação dos fracos e das ameaças de cima, dos equivocadamente fortes? — Você está enganado. Eu sou a força e a ninguém temo. — Não é verdade. Submetido pela violência, rasteja para agradar a Timur Lang, seu superior e Soberano. — Não pronuncie esse venerando nome aqui. Ele faz tremer o solo que pisa, dobra o dorso de quem o defronta e fulmina com o olhar aquele que o desagrade. Aqui não há clima para ser proferido o seu nome santo. — Que horror! Como você o teme... e o detesta! A humilhação que ele lhe impôs, na Terra, derrotando-o na guerra cruenta, não foi ainda superada no seu sentimento. Você a bloqueou na memória, apagou a lembrança para viver bem com ele, de quem tem pavor, receando novo enfrentamento, no qual novamente perderia. Não creia que ele o tenha ajudado, ao libertá-lo das vítimas que lhe zurziam o látego no dorso e às quais você hoje faz estorcegar. O seu limite ali se esgotara e ele o sabia. Retirou-o de um cárcere para aprisioná-lo em outro pior. Desperte! Ele anulou-lhe a faculdade de pensar, a fim de dominá-lo, o que vem conseguindo com facilidade. — A mim ninguém domina. Eu sou o diabo. Veja! Imprimindo a força do ódio a si mesmo, vimo-lo transformar-se; ideado, na personificação da figura satânica, conforme a conceberam no passado. A face da médium alterou-se, e ele,

quase sobreposto à sensitiva, transfigurou-se, assumindo as características convencionais do ser infernal. A cauda, terminada em lança, agitava-se, enquanto os detalhes gerais produziam um aspecto aterrador. Pelas narinas eliminava vapores com forte odor a enxofre, e faíscas elétricas completavam o quadro formando uma figura horrenda. Os Espíritos da sua hoste grosseira apavoraram-se e desencadearam uma gritaria infrene, tentando romper as redes protetoras em movimento desesperado de fuga. Era com arremetidas de tal natureza que ele e os seus semelhantes se impunham aos Espíritos ignorantes, perturbados, vítimas da consciência culpada, os quais se lhes submetiam, para serem punidos pelos crimes praticados, tornando-se-lhes subalternos. Enquanto Fernando e alguns magnetizadores acalmavam os aflitos e temerosos, o benfeitor, sem qualquer alteração na voz e na emoção, prosseguia: — Você não me assusta! Conheço essa triste fantasia na qual você se oculta. Ela é inócua para mim e a ninguém aqui intimida. O diabo é uma figuração concebida pelas mentes passadas, ignorantes e temerárias. Surgida no período mágico do pensamento, está totalmente ultrapassada, permanecendo somente na imaginação que a agasalha e a incorpora. Aproximando-se da médium em transe, o Dr. Carneiro começou a aplicar passes longitudinais, depois circulares, no sentido oposto ao movimento dos ponteiros do relógio, alcançando o chakra cerebral da Entidade, que teimava na fixação. Sem pressa e ritmadamente o benfeitor prosseguia com os movimentos corretos, enquanto dizia: — Tuqtamich, você é gente... Tuqtamich, você é gente... A voz tornou-se monocórdia, contínua, enquanto os movimentos prosseguiram. Suas mãos despediam anéis luminosos que passaram a envolver o Espírito. Pouco a pouco, romperam-se as construções que o ocultavam, caindo como destroços que se houvessem arrebentado de dentro para fora. O manto rubro pareceu incendiar-se e a cauda tombou inerte. Os demais adereços da composição, igualmente, despedaçaram-se e caíram no chão. Para surpresa nossa, a forma e as condições em que surgiu o Espírito eram constrangedoras — coberto de feridas purulentas, nauseantes, alquebrado, seminu, trôpego, o rosto deformado como se houvesse sido carcomido pela hanseníase —, inspirava compaixão, embora o aspecto repelente. Desejou falar, arquejante, e a voz desapareceu num sussurro nasalado: — Eis o que você me fez. Eu não sou isso... — Sim, meu irmão, você está assim por enquanto. Encontrava-se sob disfarces para esconder sua realidade. Agora Jesus irá medicá-lo, auxiliando-o a renovar-se. — Eu não o conheço. — Você o conhece sim. Basta recordá-lo. Iremos ajudá-lo no tentame. Desperte agora e mude de atitude mental. O restante será fácil e o tempo resolverá. O comunicante, quase sem voz, e visivelmente agônico, tentou gritar, conseguindo somente emitir um som

disforme: — Jesus... — E tombou em pesado desfalecimento. Fernando e o Dr. Carneiro desenfaixaram-no da médium e o colocaram em repouso na mesa onde estivera até o momento da comunicação. Voltando-se para os membros da tropa perturbadora, o benfeitor completou: — Vistes e ouvistes. Agora sois livres para escolher vosso caminho, vosso Chefe. Deus vos abençoe! As redes foram recolhidas. Atabalhoados, sem saber que fazer e sem fugir, deixaram-se ficar ali. Os trabalhadores espirituais os convidaram a que seguissem à sala contígua onde teriam oportunidade de se recompor e optar pelo que melhor considerassem. [...] O Dr. Carneiro, sensibilizado, ergueu-se e orou agradecendo a Deus as concessões do dia, enquanto vibrações harmônicas dominaram o recinto e a todos nós. Encerrada a reunião, os seus membros foram reconduzidos aos respectivos lares. Havia ainda muito por fazer e para atender.” (MPM, *Trilhas da libertação*, A luta prossegue)

“**A comunidade da perversão moral.** Embora não pudéssemos ver Mauro e o seu adversário que seguiam para ignota região, o irmão Anacleto conduziu-nos com segurança para o perímetro fora da cidade, em vasta área pantanosa e sombria, que certamente conhecia, e de onde recendiam odores pútridos e uma gritaria infrene enchia a noite com blasfêmias, expressões chulas e sórdidas, gargalhadas estentóricas, movimentação agitada... O cuidadoso Guia advertiu-nos que nós estávamos adentrando em uma Comunidade totalmente dedicada à perversão sexual, dirigida por implacáveis sicários da Humanidade, que ali reuniam o deboche à degradação, o cinismo à rudeza do trato, onde encontravam inspiração muitos indivíduos reencarnados e dali procedentes na área da mórbida comunicação social, da literatura doentia e da arte escabrosa para os seus espetáculos de hediondez e de degeneração moral. Reduto imenso, criado pelas emanções morbíficas das próprias criaturas da Terra, que para lá seguiam por imantação magnética opcional, quando parcialmente desprendidas pelo sono físico, constituía um sorvedouro de paixões primárias que, no passado, destruíram culturas e civilizações, qual está acontecendo no presente com grande parte da nossa sociedade. Quando irrompem o deboche e a insensatez, o desvario do sexo e dos compromissos morais nos grupamentos sociais, a ética, a cultura e a civilização tombam no desalinho, avançando para o descabro e a servidão. Tem sido assim através dos tempos e, por enquanto, ainda parece que se demorará por algum tempo, até quando o ser humano se resolve por absorver os compromissos elevados e os deveres dignificadores da Vida na pauta das suas existências. A consciência de si mesmo, a responsabilidade perante o seu próximo e a mãe Natureza, nunca devem sair da linha da conduta humana, pois que nisso residem as aspirações máximas do Espírito para a

conquista da beleza e da plenitude. Torna-se-me muito difícil descrever o local e o ambiente de festiva degradação com as suas personagens, participantes que, exaltados, formavam a grande massa deambulante e movimentada em todos os lados. A tonalidade avermelhada da iluminação, que fazia recordar os archotes fumegantes do passado, colocados em furnas sombrias para clareá-las, produzia um aspecto terrificante no ambiente que esfervilhava de Espíritos de ambos os lados da vida em infrene orgia de alucinados. Podia-se perceber que Espíritos vitimados por graves alterações e mutilações no perispírito misturavam-se à malta desenfreada na exaltação do sexo e das suas mais sórdidas expressões. Figuras estranhas, com aspecto semelhante aos antigos seres mitológicos do panteão greco-romano, confundiam-se com muitos outros indivíduos extravagantes em complexas simbioses de vampirismo, carregando-se uns aos outros, acompanhando freneticamente um desfile de carros alegóricos, que faziam recordar os carnavais da Terra, porém apresentando formatos de órgãos sexuais disformes e chocantes, exibindo cenas de terrível horror, espetáculos de grosseira manifestação da libido, nos quais se mesclavam apresentações de conúbios sexuais entre animais e seres humanos deformados sob o aplauso descontrolado da massa desnorteada. Decorando os peculiares veículos, homens e mulheres se apresentavam com aspecto de cortesãos que ficaram célebres pela baixeza de caráter, exibindo-se de maneira servil e provocando galhofas de uns e desejos de outros em uma terrível mescla de animalidade soez. Aquele circo de hediondez apresentava em cada momento novos e agressivos quadros, enquanto se exibiam sessões de sexo grupal ao som de música estridente e desconcertante, que mais açulava os apetites insaciáveis dos comensais da loucura. O antro asqueroso dava-me a ideia de ser o mundo inspirador de alguns espetáculos da Terra, que ainda não atingiram aquele nível de vileza, mas que dele se vêm aproximando, especialmente durante a apresentação de alguns dos turbulentos e torpes desfiles de Carnaval. Sim, era naquela Região que se inspiravam muitos multiplicadores de opinião, que ainda insistem na liberação total dos costumes vis, como se já não bastassem o sexo explícito e vulgar, a violência absurda, a agressividade sem limites, a luxúria desmedida, o cinismo odiento, o furto desbragado, o desrespeito a tudo quanto constitui a dignidade humana, descendo a níveis já insuportáveis... De quando em quando, aparentando a postura de guardadores da Comunidade horripilante, verdadeiros espectros humanos semi-hebetados, conduzindo mastins de grande porte, vigiavam a população, contra a qual ataçavam os ferozes animais. Telepaticamente, o nobre Mentor advertiu-nos para que mantivéssemos cuidados especiais com o pensamento elevado ao Supremo Amor, sem

crítica ou observações descaridasas em relação ao que víamos, a fim de não sermos surpreendidos por esses vigias terrificantes. Num dos quadros dantescos, pudemos defrontar diversos Espíritos reencarnados, que seguiam jugulados aos seus algozes, presos a coleiras como se fossem felinos esfaimados, babando ante o espetáculo que lhes aguçava os instintos grosseiros. Entre outros, encontrava-se Mauro com o seu sicário, que dele escarnecia e o amedrontava, enquanto, debatendo-se, para liberar-se da retenção e atirar-se no vulcão de asquerosa sensualidade, urrava em deplorável aspecto. Observamos que crianças despidas em atitudes obscenas decoravam o carro exótico, gritando e movimentando-se sensualmente, inspirando mais compaixão do que outro qualquer sentimento. Acurando, porém, a visão, surpreendemo-nos, ao constatar que se tratava de anões cínicos, apresentando-se como criaturas infantis, assim despertando os viciados em pedofilia a terem mais acicatados os seus impulsos grosseiros. A bacante, com as suas aberrações, alongou-se, na sucessão das horas, até quando os primeiros raios do amanhecer penetraram a névoa densa, fazendo diminuir o desfile horrendo e a movimentação foi desaparecendo até ficar o ambiente, com a sua pesada psicofera pestífera, quase vazio, exceção feita aos vigilantes e seus animais em contínua atividade. A esdrúxula sociedade ali residente seguiu no rumo das suas furnas e mansardas, a fim de continuar na exorbitância dos sentidos torpes, terminado o desfile que se repetia todas as noites... O irmão Anacleto convidou-nos mentalmente a segui-lo, afastando-nos tão discretamente quanto nos adentráramos no dédalo infernal, aturdidos e algo asfixiados, até nos acercarmos de formosa praia que se dourava à luz solar e recebia os primeiros raios do Astro-rei como bênção de luz após a noite ensombrada no reduto em que estivéramos. O odor do haloplancto que vinha do mar renovava-nos, tanto quanto o prana da Natureza em bênções de vitalização restaurava-nos as forças momentaneamente alquebradas pelos fluidos morbosos da Comunidade de perversão. Sem que enunciássemos alguma interrogação, embora o grande número delas que bailavam na mente, o Mentor gentil, utilizando-se da beleza natural do dia em começo, elucidou-nos: – O recinto infeliz onde estivemos é mantido e dirigido por alguns verdugos da Humanidade, que se nutrem dos pensamentos perversos e lúbricos dos seres humanos, que sustentam, dessa forma, a estranha coletividade que ali se homizia e que, longe de qualquer ambição idealista ou espiritualizante, reencarna-se no mundo físico trazendo as imagens das experiências vivenciadas, procurando materializá-las posteriormente entre as demais criaturas. “Muitos desses Espíritos, ora no corpo físico, são encontrados no mundo físico realizando espetáculos chocantes, vivendo em verdadeiras tribos de

promiscuidade primitiva, vestindo-se e assumindo posturas caricatas e ridículas, de que se não conseguem libertar facilmente. Tornam-se, assim, representantes do curioso país espiritual de onde procedem e, telementalizados pelos que lá ficaram, fazem-se verdadeiros propagandistas da orgia despudorada, tentando arrebanhar mais vítimas para a bacanal da extravagância.” Após uma breve reflexão, deu prosseguimento: – Não são poucos os indivíduos que sentem a atração para o mal, para o vício, para as tendências ancestrais e permanecem receosos, vivendo o claro-escuro da decisão a tomar. Subitamente, porém, enveredam pelos escusos caminhos da morbidez e do escândalo, assumindo comportamentos que envilecem em atitude de desrespeito aos valores morais e sociais vigentes, logo transformando-se em líderes e modelos singulares. “Invariavelmente, são arrebanhados por esses representantes perversos que lhes influenciam a conduta, demonstrando-lhes a necessidade de serem assumidos exteriormente os conflitos e torpezas interiores, a fim de experienciarem a liberdade e o direito de viver conforme lhes apraz. Demonstram uma alegria que estão longe de possuir, um cinismo que, em verdade, é a máscara que esconde as aflições quase insuportáveis que os transtornam, porém, insensatamente, vinculando-se a esses campeões do desequilíbrio, tombam-lhes nas redes bem urdidas do prazer, não conseguindo desvincular-se deles com facilidade. Somente através das dores excruciantes, das enfermidades dilaceradoras, das angústias morais que os assaltam é que, encontrando orientação e compaixão, liberam-se das amarras fortes do mal em predomínio. A grande maioria, porém, desencarna durante esse comportamento doentio e quase todos são arrastados para o sórdido campo de luxúria, sofrendo por decênios e mesmo séculos até o momento em que buscam a renovação e são socorridos por especialistas em libertação, que, periodicamente, visitam esses sítios de horror e de sofrimento irracional.” Novamente silenciou, e, tomado de imensa ternura acompanhada de compaixão, deu prosseguimento: – A mente é sempre a construtora da vida, oferecendo a energia com a qual são condensados os anseios e as necessidades de todas as criaturas. “O sexo, por sua vez, porque carregado de sensações e de emoções, quando vilipendiado e exercido com ignorância das suas sagradas funções, transforma-se em geratriz de tormentos que dão curso a outros vícios e alucinações, empurrando as suas vítimas para as drogas, o álcool, o tabaco, a mentira, a traição, a infâmia e todo um séquito de misérias morais que entorpecem os sentimentos e obnubilam a razão. Enquanto não houver um programa educativo baseado nas nobres finalidades da existência humana, cujo objetivo essencial é o progresso intelecto-moral e não a utilização do corpo para o prazer e a leviandade, permanecerão

equivocados os valores éticos, sendo utilizados pelo egoísmo para o gozo e a insensatez. “Vive-se, na Terra da atualidade, a exorbitância da lubricidade, da pornografia, da exibição das formas físicas direcionadas para o comércio da lascívia e da exploração. “A morte, porém, que a ninguém poupa, ao desvestir da carne os equivocados, abre-lhes a cortina da realidade, e todos se dão conta do alto significado da vida física e do respeito que merece dos aprendizes da evolução. Por enquanto, somente nos cabem as atitudes de compaixão e de solidariedade, de compreensão e de amor, porque os irmãos anestesiados pelo prazer, inconscientes do que lhes ocorre, aguardam ajuda e orientação fraternal para despertarem para a verdadeira alegria de viver. Nesse empreendimento, incluímos também os companheiros desencarnados que, com eles, se encharcam de sensações doentias. “Chegará o momento adequado, e todos nós deveremos empenhar por apressá-lo, quando luzir o pensamento de Jesus nas consciências humanas, em que o homem e a mulher compreenderão que o sexo existe para fomentar a vida e procriar, amparado por emoções enobrecedoras do intercâmbio de energias revigorantes, e não para o banquete asselvajado dos instintos e das sensações, desbordando em crimes e destruição da vida. Que possamos contribuir em favor desse momento, edificando-nos no bem e preservando-nos interiormente das ciladas do mal e das tentações perturbadoras.” Calou-se o nobre amigo, deixando-nos a refletir. O dia luculiano estava em festival de bênçãos demonstrando a vitória da luz sobre a treva, infundindo-nos confiança e coragem para a luta.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 3)

“Retorno à cidade pervertida. O Benfeitor encontrava-se algo preocupado. Para aquela reunião fomos convocados nós outro, Dilermando, o médium Ricardo acompanhado pela sua Mentora, o psicoterapeuta espiritual Felipe e mais alguns assessores, formando um grupo de oito desencarnados e dois reencarnados. Respirava-se uma atmosfera de paz, embora todos pressentíssemos a gravidade do cometimento que se estava delineando. Guardava vivas na memória as imagens degradantes e sombrias que tivera ocasião de encontrar na cidade da perversão, podendo detectar que nova excursão se fazia necessária, a fim de melhor entender as ocorrências da obsessão em referência às condutas sexuais desregradadas. [...] A fim de ganharmos tempo, deveremos volitar na direção da cidade, acercando-nos dos seus arredores, conforme sabemos, muito bem vigiados por perversos guardas adestrados para capturar visitantes inoportunos. Em qualquer situação, preservemos o equilíbrio e a serenidade, certos do divino auxílio, mantendo a confiança irrestrita em Deus e conscientes dos objetivos que até ali nos conduziram. Da vez anterior, na condição

de observadores, não tivemos qualquer dificuldade em adentrar-nos nos seus limites, agora, no entanto, com finalidades de trabalho específico, deveremos manter-nos mais cuidadosos. [...] Ainda estava mergulhado nas reflexões em torno dos animais, quando o Benfeitor começou a explicar a finalidade da excursão em delineamento, informando: – Ante o desbordar das paixões asselvajadas que cultivara na Terra, o marquês de Sade, residente na cidade perversa, comanda uma legião de cultores do sexo em desalinho, no mundo espiritual, que se encarregam de inspirar e preservar as alucinações de homens e mulheres terrestres que lhes caem nas malhas perturbadoras. [...] “Por essas e mais outras razões, iremos tentar remover alguns obstáculos do seu caminho e interferir na planificação odienta que se trama na cidade da perversão contra esses trabalhadores da Era Nova. [...] Respondendo às questões que eram propostas pelos vigilantes de plantão, o nosso Mentor, circunspecto e concentrado, informou que se tratava de um novo grupo recém-convidado para o espetáculo da noite. Um pandemônio reinava por toda parte. A sensualidade desbordante tomava conta dos alucinados em transe de loucura. O desfile dos carros alegóricos expressando as organizações genitais deformadas e absurdas, os atos praticados em grupos vulgares e desvairados, inspiravam compaixão, não fosse a náusea que provocavam. Tudo ali fazia recordar os lupanares de baixa categoria e os antros da mais sórdida vulgaridade sexual animalizada. Estátuas horrendas, decorações absurdas, construções aberrantes, tudo era calcado no sensualismo chocante, ao tempo em que as músicas estridentes faziam-se acompanhar por detrás de conteúdo chulo e palavreado grosseiro, enquanto seres humanos transformados em bestas animais serviam de condução a hediondas personagens que as conduziam, utilizando-se de rédea e chicote, seminuas ou vestindo-se primitivamente com o que pareciam couro negro escuro e brilhante, tendo adereços e argolas grosseiras penduradas em várias partes do corpo, incluindo o sexo de aparência descomunal... Tudo eram referências às mais vis expressões da conduta desregrada do abuso sexual. Grupos desfilavam exibindo espetáculos coletivos de caráter sadomasoquista, em que as aflições que eram infligidas aos seus membros produziam gritos e dilacerações absurdas, mutilações e flagelos entre gargalhadas estentóricas e zombeteiras, como a imaginação mais exagerada não é capaz de conceber. A execração não tinha limites, e apesar de nunca haver sido impressionável, mesmo quando da breve visita anterior, encontrava-me quase atoleimado ante o que a mente em desalinho é capaz de produzir. Estávamos parados numa das laterais por onde desfilava o cortejo da luxúria desgovernada. Representações de seres mitológicos se multiplicavam, sempre com destaque a área da sua perturbação ou

representação sexual desconcertante; ridículos imperadores romanos do período da pré-decadência eram imitados com burlescas aparências e debochadas carantonhas; meretrizes famosas e seus amantes infelizes volviam à cena representativa, entre aplausos ensurdecadores, assobios e gritos infernais entronizando bizarros Eros, Baços, Afrodites, Apoios despidos... Nesse momento surgiu um cortejo de crianças em atitudes agressivas e grotescas de atos libidinosos estarrecedores. Apurando, porém, a atenção, pude detectar que se tratava de anões disfarçados, conforme notara anteriormente, a fim de reterem a imaginação dos pedófilos e doentes de outras expressões perturbadoras do sexo aviltado. Não conseguia compreender toda a hediondez do espetáculo, constatando mais uma vez que, naquela cidade nefasta, muitíssimos líderes das aberrações que se apresentam na Terra iam ali buscar inspiração, em razão de estarem envolvidos com a população residente. Isso, quando não a visitavam com a frequência indispensável a uma perfeita identificação de conduta, que pretendiam transferir para o planeta. Recordava-me daqueles que sempre proclamam pela liberdade de expressão, no seu aspecto mais grotesco e selvagem, exigindo leis que discriminem usos e comportamentos vis, em nome da falsa cultura e da liberalidade que raia sempre pelo despropósito e pelo abuso. Alguns desses companheiros terrestres, que se fizeram famosos pelos conjuntos e bandas metálicas com personificações diabólicas, ali também se encontravam no desfile, exibindo as suas mazelas e perversões com que se compraziam, a fim de despertarem no corpo físico mais tarde sob indisfarçável mal-estar, que pensavam minorar com doses de álcool e de outras drogas químicas de que se fizeram escravos... Era aquela, sim, uma sociedade que emergia do passado grosseiro, solicitando cidadania nos tempos modernos... Estava mergulhado nessas reflexões, quando escutei nos refolhos da alma a voz gentil do Benfeitor, chamando-me a atenção: – Não nos encontramos aqui para avaliar ou julgar o comportamento dos nossos irmãos doentes, mas sim com o objetivo de ajudá-los. Preservemos a sincera compaixão fraternal, aprendendo a avaliar tudo quanto não mais nos cumpre vivenciar, superadas essas manifestações primárias, nas quais um dia também nós, de certo modo, estagiamos antes de alcançar o momento atual. Oremos e vigiemos! A advertência oportuna chegara abençoada, despertando-me para o dever da solidariedade e não da censura ou da observação malsã que me permitia, desde que somos todos filhos de Deus, em cujo amor nos movimentamos e para cujo seio nos dirigimos. Todos teremos a nossa ocasião de ascender aos páramos da luz, por mais nos demoremos nas trevas da ignorância e da perversidade. Mudando de atitude mental, de imediato as cenas escabrosas, que continuaram

da mesma forma, passaram a ter um outro sentido e significado ante a reflexão de que Deus as permitia, porque o ser humano as elaborava em favor de si mesmo, a fim de aprender a purificar-se, saindo do pântano a que se arrojava livremente na direção da paisagem de luz. Automaticamente deixei-me embalar pela musicalidade íntima da oração de misericórdia e de ternura em favor dos Espíritos confundidos em si mesmos, necessitados todos de bondade e compreensão, experimentando outro estado interior de paz e de compaixão.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 11)

“Estranho encontro. Ignorava completamente como seria a atividade naquele bátrio e como poderíamos acercar-nos do marquês de Sade. O Mentor, porém, houvera elaborado um plano que estava levando adiante com muito cuidado e discernimento. À medida que se sucedia o desfile dos carros alegóricos e os grupos que os secundavam foram diminuindo, lentamente, a região foi tomada pelo tumulto dos indivíduos entregues à lascívia em pequenos círculos afins, formando pares ou esquisitas parcerias múltiplas. Nesse momento, atendendo a um apelo mental do Instrutor, fomos embarafustando-nos pela multidão, rumando para extravagante edifício em que se transformara uma gruta sombria com movimentação agitada e confusa. À entrada, postavam-se dois hediondos serviçais trajados de maneira inusual, como se desejando reviver o passado da aristocracia francesa pré-napoleônica, quais lacaios maltrapilhos e imundos, que seguravam cães de aparência feroz, e que, melhormente observados, eram seres humanos que haviam sofrido a zoantropia hipnótica. De aspectos ferozes, avançavam sob os acicates dos seus condutores contra todos aqueles que se adentravam ou saíam, o que não ocorreu conosco, quando se depararam com os dois mastins que eram levados adiante do grupo pelos jovens silenciosos e circunspectos. Embora diferíssemos dos transeuntes grotescos e de carantonha asselvajada, não chamávamos muito a atenção face aos mantos pesados que nos caíam da cabeça cobrindo-nos quase literalmente. Observei que, à medida que permanecíamos no recinto mefítico da estranha cidade, a nossa indumentária desgastava-se, os mantos romperam-se numa apresentação grosseira de trajes usados por beduínos após incessantes travesias do deserto... Embora não falássemos durante o trajeto, pude ouvir informações mentais que procediam do Mentor, esclarecendo que a substância em que os nossos trajes foram trabalhados era própria para aquele ambiente, a fim de assimilar as características locais, de forma que não despertássemos a curiosidade, caso a nossa fosse uma apresentação diferenciada dos demais residentes e visitantes do tremedal. A furna era iluminada por archotes fumegantes presos às paredes, que ardiavam com uma coloração amarelo-avermelhada, de certo modo apavorante pela tonalidade agressiva, e o

odor pútrido, misturado ao fumo e a outras emanções, era quase insuportável. Após avançarmos pelo que seria um corredor estreito e escorregadiço, chegamos a uma ampla sala onde um Espírito de aspecto diabólico, sentado em um arremedo de trono esdrúxulo, banquejava-se com Entidades lascivas e debochadas em interminas gargalhadas, enquanto gritos selvagens cortavam o ar, misturando-se a sons estranhos e grotescos que constituíam o espetáculo agradável ao infeliz governante daquela área. Detivemo-nos a regular distância, a fim de observarmos os acontecimentos e poderemos conhecer de perto o infelizmente célebre criador de aberrações, já anteriormente praticadas pelo ser humano, porém por ele ampliadas até ao absurdo durante os seus tormentosos e perversos dias já referidos, quando da sua última existência terrena. Faunos e representações do deus Pan misturavam-se aos famigerados membros da estranha corte, ao tempo em que mulheres, imitando vestais e sacerdotisas, monstruosas umas e em atitudes torpes outras, entregavam-se a inimagináveis movimentos de lascívia grotesca como se o único objetivo existencial fosse o infindável intercurso da sensualidade depravada. Vez que outra, gemidos e exclamações lancinantes explodiam no recinto, provocando gargalhadas e sustos no grupo estranho, que não cessava de retorcer-se ao som desconcertante de guitarras e tambores eletrizantes. Podia-se também perceber expressões de exaustão em muitos rostos, enquanto não poucos apresentavam sinais inconfundíveis de tédio, que os induzia a mais excruciantes comportamentos aterradores. Um Inferno de falsos prazeres, que se convertiam em insuportável sofrimento disfarçado com o riso da loucura e a falta de discernimento de qualquer tipo de valores e de aspirações. Nenhuma imaginação exaltada seria capaz de urdir algo semelhante, demonstrando o poder da mente em desalinho, quando perde os parâmetros do equilíbrio e as diretrizes da sensatez. Os mastins, de quando em quando, asfixiados pela psicofera pastosa e quase irrespirável, reagiam agitando-se, logo sendo controlados pelos seus amestradores. A um sinal, quase imperceptível do Mentor, acercamo-nos do trono ridículo, e num vaivém do grupo grotesco em sua volta, que nos permitiu maior proximidade com o Chefe, dirigiu-se diretamente ao suserano, informando: – Tenho, para o senhor marquês, uma solicitação firmada por certa personagem de nome Rosa Keller, sua conhecida... Ao escutar o nome, que lhe ressoou na câmara acústica da alma, o indigitado, como se fulminado por um raio, levantou-se, e gritou histérico: – Quem é você e que vem fazer aqui? Ato contínuo, blasfemando, chamou os guardas, aos quais deu ordens expressas: – Como entraram aqui esses estranhos? Prendam-nos. Sem demonstrar qualquer receio, o irmão Anacleto prosseguiu: – Desde que não lhe interessa o requerimento de que somos portadores,

pode tomar a atitude que lhe convier, e ficará na ignorância do seu conteúdo. – Arrancarei as informações através de torturas violentas – vociferou. – Se é assim que pensa, o prejuízo será apenas seu – ripostou, sereno e seguro o Mentor. – A verdade é que Rosa Keller foi encontrada e é portadora de acusações muito graves, que pretende encaminhar ao Soberano das Trevas. Novas ordens desconexas foram dadas, enquanto dizia: – Ouçamos, então, o que os atrevidos têm a dizer – blasonou. O ambiente modificou-se de maneira imediata. Os ruídos cessaram e a movimentação confusa parou ante a determinação do mandatário. O venerando Guia, com voz pausada e muito sereno, esclareceu: – Rosa Keller esteve por muito tempo prisioneira no castelo de Y, após a morte, de onde foi retirada pela misericórdia de Deus, não há muito. Desde aqueles dias algo distantes, quando foi execrada, que se entregou a aberrações que culminaram enlouquecendo-a. Abençoada pela desencarnação, foi recolhida por execrandos comparasas que a aprisionaram, desvitalizando-a através de vampirização contínua e de escabrosidades inimagináveis... – Perco meu tempo com essa lenga-lenga – pôs-se a gritar entre blasfêmias e vitupérios. – Trata-se de religiosos melífluos, que se adentraram nos meus domínios sem o meu consentimento. Isso não ficará assim. Justicarei todos os responsáveis pela invasão, assim como aos atrevidos que se me acercam. O rosto, com as marcas da obscenidade, e o corpo, monstruoso e flácido, sacudiam as enxúndias, quando ele se agitava, ameaçador. – Religiosos, sim, o somos, não melífluos, porque somos portadores de lucidez e coragem em nome de Jesus Cristo, a quem temos o prazer de servir. Ao ser pronunciado o nome do Mestre galileu, e o fora propositalmente, gargalhadas e ditos escabrosos estouraram na gruta imunda, enquanto o marquês, visivelmente descontrolado, ameaçava e socava o ar. O diálogo prosseguiu algo excitante. O Mentor voltou à carga, esclarecendo: – Como Rosa, que se encontra sob a proteção de nossa Instituição espiritual, demonstrou interesse em manter um novo encontro com o senhor marquês, pois que, ambos têm necessidade de um diálogo esclarecedor, aqui estamos atendendo-lhe a vontade. – É muita petulância da venal e de sua parte – ripostou áspero – pretender um encontro comigo, que governo grande área desta cidade. A troco de quê, ela e o senhor pretendem e esperam conseguir esse benefício de minha parte? Qual o meu lucro? Recordo-me da infame, que foi responsável por minha primeira prisão, caluniadora e louca, que sempre foi... – Não posso ajuizar – elucidou o interlocutor – porquanto sou apenas o portador do requerimento, cuja resposta aguardo. – E onde seria esse encontro? – interrogou com aspecto feroz – Por que não veio até mim, aos meus domínios, conforme vocês o fizeram? – Porque se encontra em tratamento de recuperação psíquica e

perispiritual – esclareceu o irmão Anacleto. – Como o senhor marquês bem o sabe, a permanência em regiões como esta, por muito tempo, produz danos tão profundos nos tecidos sutis da alma, que a recomposição se faz dolorosa e demorada. Como aqui são realizadas operações, que alteram o comportamento e a estrutura profunda e sutil do perispírito, sob o seu comando, há de entender que o caso da nossa amiga não é muito diferente, exigindo diversos cuidados, que não podem ser negligenciados. – E você acredita – reagiu feroz – que eu a irei visitar? Qual o meu interesse em encontrá-la, desde que ela é responsável pelo primeiro golpe que o destino desferiu-me? – Confesso ignorar – concluiu o Amigo espiritual. – A nossa tarefa aqui está concluída, porquanto a finalidade foi apresentada, dependendo do senhor marquês qualquer decisão. Erguendo o corpanzil bestializado e atordoante, o suserano indagou, zombeteiro: – E se eu não os deixar sair deste recinto? – Penso que seria pior para o governante – redarguiu o visitante – porque iniciariamos um trabalho de conversão em massa dos seus súditos, que se encontram saturados de loucura, entediados dos vis entretenimentos e sequiosos de paz, já que vivem exaustos e necessitados de amor e de renovação. Ademais, podemos apelar para a proteção divina que nunca nos é escassa, desde que aqui estamos por vontade própria e não por afinidade de propósitos ou de interesses morais. O marquês não esperava resposta tão lúcida e lógica, vendo-se obrigado a recuar, buscando parlamentar. – Como passaram pelos meus vigilantes? – interrogou, irritado. – Somente eles podem informá-lo – respondeu, sereno, o Benfeitor. – Atravessamos todas as barreiras, assistindo ao desfile e, logo após, viemos a entrevista não programada, por sabermos que a nímia deferência do nobre marquês saberia distinguir quem somos em relação àqueles que habitam estes sítios por espontânea vontade, não ignorando que, nas Leis Soberanas, não vigem a violência nem a injustiça. Desse modo, não titubeamos em passar pelas fronteiras do seu reino e apresentarmo-nos à sua magnanimidade. – Magnânimo, eu? – estrugiu ruidosa gargalhada, no que foi acompanhado pela malta que o assessorava. – Por que não? – insistiu o paciente amigo – Não obstante o comportamento do senhor marquês durante largo período da sua vida, na etapa final, mesmo durante a revolução, opôs-se à pena de morte, o que lhe custou mais um encarceramento, propugnou pelo trabalho honrado e aguardou a desencarnação, mantendo os seus hábitos, porém de sentimentos alterados... – Como conhece a minha vida? – voltou à carga. – Além da vasta literatura a seu respeito – esclareceu tranquilo – também possuímos outras fontes de informações, que se encontram escritas no psiquismo do senhor marquês. Ele sorriu, algo confortado, para logo assumir a postura dominadora e cínica. – Então, sou célebre na

Terra? – indagou, fingindo-se surpreso. – É claro que sim, conforme a sua contribuição literária e as suas experiências – retrucou o amigo dos infortunados. – Tristemente célebre, para utilizar-me de franqueza... – Por que tristemente? – interrogou, frisando a palavra. – Em razão da sua herança – explicou o bondoso interlocutor – em se considerando os valores preciosos de que o amigo era portador e poderia havê-los legado à Humanidade para dignificá-la e fazê-la crescer, em lugar do que fez. Ante a verdade, embora enunciada de maneira gentil, a mole espiritual ali presente agitou-se e impropérios irromperam de todos os lados, sem alterar a serenidade do visitante, que prosseguiu: – A razão, porém, da nossa visita, já foi explicitada. Aqui não nos encontramos para comentários a respeito do que nada temos a ver, especialmente no que se refere à vida e conduta do nosso marquês, mas para atender à solicitação de Rosa. Com habilidade psicológica, o Mentor retornou ao tema central da visita, não se permitindo devanear ou sair da questão essencial. Os jovens Espíritos seguravam os mastins com vigor, face à agitação que reinava na sala opressora. – Para que os cães? – inquiriu, contrariado. – Para qualquer emergência. Nunca sabemos o que pode acontecer em uma visita desta natureza. Desta forma, são tomadas medidas acautelatórias, a fim de serem evitadas surpresas indesejáveis. Houve um silêncio de breves segundos que pareceram mais tempo, indefinido tempo. Logo após, o marquês de Sade perguntou: – Onde deveremos encontrar-nos e quando? – Amanhã pela madrugada, na conhecida Instituição de caridade espírita, já visitada anteriormente pelo senhor marquês, que na sua periferia instalou uma sede satélite desta suserania. – Está muito bem informado – ironizou. – Não poderia ser de outra forma, senhor. O Mestre sempre nos recomendou vigilância e oração. – Não me interessa o que Ele disse ou propôs. Lá estarei, às duas horas da manhã. Agora, podem ir-se. A ordem foi apresentada com azedume e decepção. Talvez desejasse intentar o impedimento da saída do grupo, o que não se atreveu a fazer. Observei, porém, que a Mentora e o médium Ricardo concentraram-se psiquicamente no reizete, que lhes captou a onda vibratória, reagindo quanto possível. Certamente, o psiquismo do instrumento mediúnico, carregado de energia específica, porque ainda encarnado, alcançou o marquês, estabelecendo um tipo de imantação, que talvez viesse a ser utilizado oportunamente. Sob a determinação do marquês, que destacou dois servidores para nos acompanharem até à saída da fumaça, foi-nos possível retornar ao exterior da comunidade infeliz, sem qualquer incidente ou anotação que mereça análise.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 12)

“**A ruidosa debandada.** Enquanto diligentes cooperadores socorriam os Espíritos que anelavam pela própria renovação e os Benfeitores tomavam

outras providências, que não me permiti investigar, ouvimos, repentinamente, uma atroada, em gritaria infrene e ruidosa movimentação, enquanto clarins e fanfarras emitiam ruídos estranhos, produzindo verdadeiro pandemônio na parte externa da Instituição. Percebendo-me a surpresa, o irmão Anacleto aproximou-se, e, com a sua habitual gentileza, informou-me, tranquilo e feliz: – Trata-se do retorno daqueles que não tiveram ensejo de participar das nossas atividades, assim como daqueles outros que se recusaram a autolibertação. “Desorientados, sem o comando a que se acostumaram, volvem, aturdidos uns e amedrontados outros, temendo-nos e acreditando que somos representantes da Divina Justiça e os ameaçamos com sortilégios e mágicas, para impedir-lhes o prosseguimento nos prazeres animalizantes a que se entregam. “De certo modo, têm razão. Embora não nos consideremos como embaixadores da Corte Celeste, estamos a serviço do Bem, utilizando-nos dos sublimes sortilégios do amor para libertar aqueles que ainda se encontram escravizados às paixões dissolventes. “Já havíamos previsto esse efeito, perfeitamente natural, em se considerando o estado de profunda ignorância e primitivismo no qual estacionam alguns dos nossos irmãos que, embora infelizes, ainda não se dão conta da própria realidade. Inspiram-nos, por isso mesmo, mais compaixão e solidariedade, aguardando o momento próprio, quando lhes luzirá a ocasião para o recomeço e a busca de Deus.” O generoso Mentor calou-se por um pouco, como a coordenar ideias, e logo prosseguiu: – A cidade perversa é comandada por célebre imperador romano, que se entregou a excessos de toda natureza, enquanto deambulou pelo corpo. Renascendo em situações deploráveis, que lhe eram impostas pela necessidade da evolução, manteve-se acumpliciado com alguns algozes da Humanidade, ele próprio, um impenitente tirano, sempre insaciável de sangue, que se permitia toda sorte de hediondez, inclusive nos desvarios sexuais. Foi, nesse período, que a sociedade do Império declinou, em razão do abastardamento dos valores éticos, abrindo espaço para a decadência e a desagregação dos costumes. Através dos séculos ergueu com outros infelizes perturbadores da paz da sociedade os alicerces da infeliz cidade que ora governa, tornando-a núcleo de punição para aqueles que lhes caem na sedução ou de reduto de prolongadas bacanais, que a matéria não mais permite realizar-se. Condensando sempre o pensamento servil nas expressões da animalidade primitiva, conseguiu realizar um símile em deboche e ultraje do que vivenciara quando governava Roma. Dali têm partido em direção da Terra inúmeros verdugos da Humanidade, que se encarregaram de perverter os costumes e disseminar a licenciosidade, ora sob o disfarce da hipocrisia, noutras vezes em deboche público, de que

se tornaram célebres muitas cortes e culturas através da História. Antro de perdição, ali não luzem a liberdade nem a esperança, conforme a mitológica informação de Dante Alighieri (“DIVINA COMÉDIA”), na entrada do seu Inferno. Não obstante, o amor de Jesus em nome do Soberano Pai, periodicamente favorece os seus residentes com a oportunidade de libertação, qual ocorre neste momento que atravessamos. Interrompendo, momentaneamente, os esclarecimentos, logo deu curso: – Com a libertação do marquês de Sade, começa uma fase nova para a cidade perversa, já que o seu governante irá tomar providências, que consideramos graves, especialmente contra aqueles que mourejam nas fileiras de O Consolador, que deverão experimentar o látigo do desforço e da crueldade. Estamos em campo aberto de batalha, no qual a Treva se empenha por manter os seus domínios, ante a mirífica luz do amor que dilui toda sombra e abre espaço para o desenvolvimento dos seres humanos, por largo tempo retido na impulsividade e na ignorância. Não padecem quaisquer dúvidas que a vitória do Bem é inapelável, cabendo-nos a todos a desincumbência dos compromissos abraçados, com o pensamento vinculado ao Pai, que não cessa de ajudar-nos. “Desse modo, firmados nos objetivos elevados que nos unem, avancemos confiantes, trabalhando sem cessar e amando sempre, porque o reino de Deus está dentro de nós, aguardando poder exteriorizar-se em favor de todos os seres.” Quando se calou, eu podia perceber mais uma vez a grandeza do nobre Espírito, que se encontrava à frente de uma tarefa incomum, aureolado pela consciência do dever nobre e reto, construindo, sem qualquer alarde, o porvir ditoso para as demais criaturas. Com ordem o salão foi sendo esvaziado, e as Entidades encaminhadas aos vários setores de socorro da Instituição Espírita, enquanto os Mentores ministravam as orientações finais. Logo após, o apóstolo Dr. Bezerra de Menezes despediu-se, havendo-se desincumbido da atividade que lhe competia, e ficando aqueles que fazíamos parte do socorro a Mauro, agora acompanhados por madre Clara de Jesus, diretora do Núcleo socorrista que nos hospedava. A Alva abria o seu suave manto de cor e de luz, arrancando da noite aqueles que se encontravam acobertados pelo seu véu de sombras. Enquanto o irmão Anacleto prosseguia dando curso aos seus labores, Dilermando e nós buscamos o necessário repouso, a fim de encetarmos futuros compromissos na esteira da aprendizagem infinita. Transcorreram poucas horas, quando fomos despertados para ruidosa e intempestiva manifestação espiritual que se situava nas imediações da Casa Espírita. Dirigimo-nos à entrada, e fomos colhidos pela estranha presença de alguns milhares de Entidades grosseiras, mascaradas umas, outras apresentando aspectos ferozes, evocando as hostes bárbaras que, no

passado, invadiram a Europa, usando exóticos animais e preparadas para aguerrido combate que, certamente não teria curso, por motivos óbvios. Apresentando toda a miséria espiritual do primarismo em que chafurdavam, aqueles Espíritos eram comandados por alguns conhecidos conquistadores do pretérito, que se mantinham nas mesmas condições de atraso e de inferioridade característicos dos seus dias transatos. Era como se o tempo não houvesse transcorrido, mantendo-os na mesma época e nas mesmas circunstâncias da sua infeliz celebridade. Belicosos e atrevidos, cercaram as dependências externas da Casa cristã, como se pudessem impedir-lhe o acesso. Instrumentos rudes, tambores e outros veículos de percussão soavam em perturbadora musicalidade, facultando aos desocupados que observavam o fluir da estranha agitação. Utilizando-se de aparelhos de projeção da voz, gritavam ameaças grosseiras e impertinentes, como se estivessem dispostos à destruição do conjunto de edifícios nos quais se realizavam os labores espíritos. Concomitantemente, as defesas foram reforçadas através de Espíritos bem preparados com equipamentos especiais, que podiam emitir ondas eletromagnéticas, que, atingindo-os, produziam sensações semelhantes aos choques elétricos. E porque o atraso moral dos militantes fosse muito grande, guardavam as sensações da existência física, tornando-se alvo muito fácil para a preservação do ambiente. Alguns dos seus comandantes conheciam o efeito desses recursos, havendo-se decidido por manter uma distância especial, não obstante procurassem impedir que as vias de entrada para o Edifício central ficassem interditadas. Aproximando-se do imenso portão material, madre Clara de Jesus abriu os braços em atitude de súplica e exorou o socorro divino. A sua voz, doce e vibrante, assinalada pela compaixão em favor dos agressores, exteriorizava-se em música de amor, suplicando o auxílio do Mestre Inconfundível e das Suas falanges abnegadas. Ainda não terminara a exortação, quando um volumoso jato de luz, mais iridescente que a claridade do amanhecer, desceu de Regiões Elevadas e, dentro dele, numerosos Espíritos de semblante grave chegaram, respondendo ao apelo da diretora preocupada. Lentamente avançaram na direção dos visitantes perturbadores, que lhes percebendo a superioridade moral e a força espiritual que irradiavam, em gritaria infrene debandaram novamente, atropelando-se uns aos outros, enquanto as animálias desorientadas tombavam umas sobre as outras, e a sombra densa que os acompanhava era clareada pela exteriorização dos recém-chegados. À medida que se afastavam em desordem, qual ocorre nas batalhas terrestres com a retirada dos vencidos, eram estabelecidos limites bem guardados em torno da Casa de ação cristã, e voluntários espirituais se postavam, defendendo o acesso, que continuou sem

qualquer problema. A sábia administradora entreteceu considerações oportunas, esclarecendo-nos a ignorância em torno de questão tão delicada, pertinente às Organizações espirituais inferiores. – As tenazes do mal – começou, informando – são de perversa constituição. Quando os seus áulicos se percebem em confronto com os legionários da Verdade, equipam-se de recursos odientos e passam a ameaçar e agir, de forma que voltem ao poder, sem quaisquer prejuízos em torno das prerrogativas que se permitem na sua profunda estupidez ante as Leis da Vida, que pensam manter violadas por tempo indefinido. Especialmente, aqueles que são os inspiradores das desordens sexuais, por nutrirem-se das energias das suas vítimas de ambos os planos da existência, tornam-se furiosos e investem com toda audácia contra os que pensam poder vencer, firmados na alucinação do seu falso poder. Inúmeras vezes têm investido contra a Humanidade, utilizando-se da fraqueza moral dos seres humanos para envolvê-los em seduções nefastas, contagiando-os com os seus fluidos degenerados e levando-os, não poucas vezes, ao paul das orgias e loucuras onde chafurdam. Enfrentaram religiosos que, de início, se ofereceram à fé que abraçam forrados por sentimentos nobres, mas que não resistiram às tentações, em razão do passado sombrio que ainda os governava e face às situações em que se viram colocados. Outras vezes, cidadãos portadores de reto proceder, quando amadurecem e se encontram próximos de concluir a lide, à sua instância infeliz têm os apetites açulados e estimulados por outras pessoas devassas que servem de instrumento aos interesses inferiores dessas Entidades, que são atraídas, perturbando o programa de vida a que se vinculavam e impossibilitando-os de concluir os compromissos que lhes são essenciais à vitória sobre si mesmos. “Não podemos negociar com o Mal nem imiscuir-nos com os maus. Por essa razão, o sábio Nazareno que lhes conhecia as urdiduras e o abismo de impiedade em que se atiraram, ensinou-nos a solicitar ao Pai amoroso que nos livre do mal, porque ainda não possuímos a necessária condição para enfrenta-lo com equilíbrio, sem o perigo de contágio. Porque os maus se utilizam de quaisquer recursos impróprios e os nossos são os do amor, levam momentânea vantagem, em se considerando que não nos permitimos competir mediante os mesmos escusos processos, contando invariavelmente com a bênção do tempo e a resolução da própria criatura a quem nos dispomos ajudar.” Manteve-se em recolhimento rápido, e logo após deu prosseguimento aos seus lúcidos esclarecimentos: – Seremos convocados a graves situações, nas quais o testemunho será o nosso sinal cristão, resistindo às forças cruéis da perseguição inclemente e ampliando os horizontes da lídima fraternidade que deve vigor entre os indivíduos. Voltar-se-ão, esses irmãos

enfermos, contra os bons trabalhadores da Seara de Jesus, criando situações embaraçosas e atirando pessoas sem escrúpulos, fáceis de conduzir, nos seus braços, a fim de os envolverem na urdidura das suas tramas, para depois os arrebanharem nas suas implacáveis proposições. Toda a vigilância e misericórdia que nos estejam ao alcance serão necessárias para uma boa aplicação, gerando recursos defensivos em caráter de prevenção, como também vitalizadores para romper com as ciladas que se apresentarão com frequência. Contaremos, todavia, sempre e sem cessar, com o auxílio do Mestre Jesus, que experimentou a crueza da hediondez humana, em sucessivas conspirações para colherem-No impiedosamente. Ele sempre esteve em sintonia com o Pai, vencendo os Seus inimigos, que são os incontáveis e contumazes adversários da Humanidade que se liberta lentamente da animalidade, buscando a espiritualização. [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 20)

“PLANEJAMENTOS SOCORRISTAS. Sentando-nos em semicírculo e tendo a veneranda mentora no centro, os seus acólitos permaneceram num segundo plano e, ao lado do irmão Ovídio, expôs: - Não ignoreis que a mansidão e a misericórdia serão sempre os nossos instrumentos de estratégia fraternal. “Agredidos e desafiados, conforme ocorrerá, mantereis a irrestrita confiança n’Aquele que preferiu a desonra à defesa inútil, a morte infamante à permanência na injúria e na covardia. “Diante da crueldade e da perseguição inclementes, permaneci tomados pela misericórdia e ternura, evitai os pensamentos reacionários, porque estaremos no imenso campo de lutas, além das formas, em batalhas vibratórias. “Nenhuma vulgar e chocante provocação, por mais grave, poderá ser respondida sob a ação do melindre ou da reprimenda como forma de reação. “Preparados pelo sentimento de piedade, compreendendo-lhes a loucura, usareis sempre os recursos psicoterapêuticos do entendimento de tal forma que eles não disporão de forças para o prosseguimento nas agressões terríficas. “Em qualquer circunstância, vede neles os irmãos infelizes que vos cabe amparar. “A atual situação é resultado do rancor de antigos inquisidores, suas vítimas, judeus e muçulmanos, que permanecem em região de inomináveis sofrimentos. Cientificados do desenvolvimento do pensamento de Jesus sob as luzes do Consolador, tornados adversários do Cristo, em face das decepções de que foram vítimas após as respectivas desencarnações, homiziaram-se em cavernas sombrias do próprio planeta, onde instalaram o antirreino do Bem e acolhem fanáticos e criminosos em desalinho mental, portadores de elevado nível intelectual, mas pobres do sentimento de amor. “Reduto de trevas e ódios, cresceram em número e, periodicamente, atacam a sociedade terrena, impõem o pavor,

especialmente nos períodos de acontecimentos funestos, quando se utilizam dos conflitos gerais para imiscuir-se na população e gerar mais terríveis sofrimentos. “Carrascos de si mesmos, transferem o ódio cultivado na sucessão dos séculos, desde a Idade Média, e dizem-se justiceiros, encarregados de ser a chibata da Divindade aplicada no dorso das criaturas que necessitam de correção. “Desempenharam papel relevante durante o nazismo, especialmente no que se refere ao holocausto judaico, e agora terçam armas e atacam frontalmente o Mestre nas células espíritas, de modo que muitos danos levem à desistência os convidados para o banquete da Era Nova. “Em diversas Instituições onde o Senhor é reverenciado e divulgado pelas vozes dos Céus, têm-se imiscuído, em razão de alguns desmandos e atitudes sórdidas de aventureiros que aderem ao pensamento espírita, mas não à sua conduta, sempre encontram erros em tudo, são impelidos a apresentarem modificações na estrutura da Doutrina, tentam ridicularizar os amantes da verdade, que são denominados ortodoxos e fanáticos, ultrapassados e antiquados. “Atribuem-se valores que não possuem, arregimentam outros sofrendores descontentes, que se encontram em busca do prazer e mascaram-se de trabalhadores do bem para exibirem a própria prosápia e, desse modo, tombam nas malhas apertadas que os tornam dissidentes, acusadores, inimigos... “São ardisos e muito hábeis no sofisma, pois que chegaram ao tope de acreditar que, no passado, enfrentaram reis e príncipes que se lhes submeteram, e pensam que ainda podem repetir as nefandas façanhas. “Fanáticos pelas tradições da Igreja decadente da época em que viveram, sabiam que eram criminosos pelos atos praticados, mas se acreditavam merecedores do Reino dos Céus, conforme se fizeram chefes dos domínios da Terra... Ao enfrentarem a própria consciência em conflitos inenarráveis, bloquearam o pensamento e a razão, asfixiaram o raciocínio e construíram torpes personas a que se submetem sonhadores e cruéis, porque sabem que não poderão continuar sine die na situação em que se comprazem, em função das Leis Soberanas da Vida de que ninguém pode fugir. “Refugiados nos seus quartéis de sombra e dor, onde vivem como senhores absolutos, comandam verdadeira legião de asseclas que lhes atendem as ordens e realizam os escabrosos desejos. “Serão, portanto, esses irmãos infelizes e os tradicionais inimigos de Jesus, que estão hoje voltados contra o Mestre de amor, e que, ao verem a transformação que se opera na Terra, o anúncio dos futuros dias da regeneração do planeta, infestam a sociedade com a luxúria, o desperdício, a insensibilidade e o desrespeito aos valores enobrecidos. “Certamente, não são responsáveis pelos descabidos de toda ordem, que hoje dominam os arraiais terrestres, mas, especificamente, além de contribuírem

para a alucinação generalizada, dedicam-se com especial rancor à guerra santa contra os hereges espíritas, que devem ser dizimados, afastados das trilhas da caridade e atirados aos abismos do prazer, da negação, das obsessões. “Utilizam-se dos demônios internos das criaturas, atenam-nas também com as suas influências pestíferas, e tudo procuram consumir em tormentos depressivos generalizados e transtornos agressivos pelas drogas e paixões inferiores, atemorizando a sociedade e infelicitando-a. “De alguma forma, inspiram ondas de terrorismo, de vinditas, de guerrilhas e de guerras que gostariam de vê-las dominando a Terra, como vem ocorrendo e como se apresenta em ameaça tormentosa no oriente como no ocidente...” Fez uma pausa oportuna, demonstrou a preocupação natural ante os nefandos propósitos dos inimigos da Humanidade. De imediato, prosseguiu: - Unem-se aos grupos extremistas de outras doutrinas religiosas e políticas, bárbaras e impiedosas, dizem-se o anticristo, numa caricatura do Anticonsolador com o qual competem... “Aderiram às Organizações judaicas, algumas suas vítimas antigas, nessa tremenda onda contra o Cristo e Sua doutrina, e, enlouquecidos, pretendem instaurar na Terra o reino do terror. “É momento muito sério que está a exigir esforços hercúleos e dedicação quase exclusiva de todos aqueles que são afeiçoados ao Bem em todas e quaisquer das suas manifestações. “Uma veneranda Instituição terrestre servir-vos-á de abrigo por quarenta dias, quando trabalhareis sob o nosso comando desde nossa Esfera e dirigidos pela figura apostolar do nobre cristão que seguirá convosco, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, que vos elegeu como auxiliares para a delicada empresa. “Muni-vos de humildade real e revesti-vos da couraça da oração, a fim de poderdes enfrentar a situação com os sublimes instrumentos da caridade em todos os momentos, a fim de preparardes o advento dos porvindouros dias de edificação superior e de paz que todos necessitam no planeta amado. “Outros grupos estão sendo organizados, a fim de atenderem ao apelo dos lídimos servidores do Bem, nas diversas áreas do comportamento humano. “Nesse ínterim, encontrar-nos-emos, vez que outra, quando for necessária a nossa presença na Terra, ou a presença de algum Mártir, a fim de serem dirimidas dificuldades e solucionados problemas de maior envergadura. “Se tiverdes alguma indagação, estamos às vossas ordens para respondê-las.” Os comprometidos com a nova tarefa estávamos sensibilizados. O venerando apóstolo da caridade, Dr. Bezerra, com tocante humildade, compreendendo a nossa emoção, falou pelo pequeno grupo: - Veneranda benfeitora: “Constitui-nos uma bênção imerecida a honra de servir ao Mestre nestes turbulentos dias da comunidade terrestre. Outra aspiração não mantemos, exceto a de

trabalharmos incessantemente pelo autoburilamento e a projeção da divina luz do amor nos corações humanos. “Sabemos que a vossa bondade estará socorrendo-nos em nome do Senhor, mesmo que não verbalizemos as necessidades, desse modo, rogamos que expresseis ao Santo de Assis o nosso profundo reconhecimento por haver-nos distinguido com a possibilidade de servir mais e sempre melhor, expressando ao Divino mestre as emoções que nos dominam e que as palavras não conseguem verbalizar. “Confian-do, portanto, no Bem inefável, tudo envidaremos para errar menos e nos tornarmos dignos do empreendimento para o qual necessitamos de inspiração e de misericórdia, a fim de conseguirmos a vitória do amor nos corações e da caridade nas ações dos irmãos ainda equivocados. “Abençoai-nos em nome d’Ele, que prossegue amando-nos, mesmo com a constância dos nossos erros e compromissos infelizes.” Quando silenciou, após expressar o que certamente todos gostaríamos de dizer, tinha lágrimas nos brilhantes olhos azuis que não se encorajavam escorrer pela face iluminada. Despedindo-se de todos nós, a benfeitora retirou-se com os seus auxiliares, direcionando-se à Esfera de luz onde habita. Diante dos nossos olhos, foram-se diluindo até desaparecerem numa réstia prateada. O

administrador também teve que se retirar e ficamos, o pequeno grupo, agora sob o comando seguro do Dr. Bezerra, que se encarregou de apresentar-nos uns aos outros, embora alguns já fôssemos conhecidos. Além de nós outro e do Dr. Carneiro de Campos, soubemos que entre nós estavam compondo a equipe Virgílio de Almeida, abnegado espírita mineiro, que se dedicara, na mais recente existência, ao ministério de viver a Doutrina com o máximo respeito e abnegação, deixando pegadas luminosas, que servem de diretrizes de segurança a muitos trabalhadores da atualidade. Jovial e amigo, cativou-nos, de imediato, pela simpatia e irradiação de nobreza. A seguir, conhecemos Germano Passos, que fora estudioso do magnetismo antes de aderir ao Espiritismo, qual ocorrera com Allan Kardec, na primeira fase da sua existência. Era especialista no conhecimento dos fluidos e das energias que são produzidas pelo Espírito e que seria utilizado nos momentos próprios, de maneira a liberar obsesos de ambos os planos da vida. Depois de entretecermos breves considerações em torno do projeto que nos unia sob as bênçãos de Jesus, demandamos aos nossos lares, devendo seguir à Instituição que nos hospedaria ao cair da tarde seguinte.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 2)



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Sexta Parte

Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas

- I. Sociedades ou centros espíritas**
 - II. Reuniões espíritas gerais**
 - III. Evangelização – Educação evangélica**
 - IV. Doutrinação de entidades obsessoras**
 - V. Reuniões espíritas de desobsessão**
-

I Sociedades ou centros espíritas

I.1. Organização e regulamento das sociedades ou centros espíritas

“DAS SOCIEDADES PROPRIAMENTE DITAS.

334. Tudo o que dissemos das reuniões em geral se aplica naturalmente às Sociedades regularmente constituídas, as quais, entretanto, têm que lutar com algumas dificuldades especiais, oriundas dos próprios laços existentes entre os seus membros. Frequentes sendo os pedidos, que se nos dirigem, de esclarecimentos sobre a maneira de se formarem as Sociedades, resumi-los-emos aqui nalgumas palavras. O Espiritismo, que apenas acaba de nascer, ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação, ou Sociedade. Impossível é que semelhante laço exista, a não ser entre os que lhe percebem o objetivo moral, o compreendem e o *aplicam a si mesmos*. Entre os que nele veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, quanto à maneira de os considerar, basta para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porquanto, acerca da questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto assim que, onde quer que eles se encontrem, confiança mútua os atrai uns para os outros e a recíproca benevolência, que entre todos reina, exclui o constrangimento e o vexame que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para a pessoa em quem domina. Uma Sociedade, onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer cada um que a sua opinião prevaleça, seria não só viável, mas também indissolúvel. A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã.

335. Já vimos de quanta importância é a uniformidade de sentimentos, para a obtenção de bons resultados. Necessariamente, tanto mais difícil é obter-se essa uniformidade, quanto maior for o número. Nos agregados pouco numerosos, todos se conhecem melhor e há mais segurança quanto à eficácia dos elementos que para eles entram. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade, pela variedade dos elementos de que se compõem; exigem sedes especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo desnecessário nos pequenos grupos. A divergência dos caracteres, das ideias, das opiniões, aí se desenha melhor e oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidade para semear a discórdia. Quanto mais numerosa é a reunião, tanto mais difícil é conterem-se todos os presentes. **336.** Não esqueçamos que o Espiritismo tem inimigos interessados em obstar-lhe à marcha, aos quais seus triunfos causam despeito, não sendo os mais perigosos os que o atacam abertamente, porém os que agem na sombra, os que o acariciam com uma das mãos e o dilaceram com a outra. Esses seres malfazejos se insinuam onde quer que contem poder fazer mal. Como sabem que a união é uma força, tratam de destruí-la, agitando brandões de discórdia. Quem, desde então, pode afirmar que os que, nas reuniões, semeiam a perturbação e a cizânia não sejam agentes provocadores, interessados na desordem? Sem dúvida alguma, não são espíritas verdadeiros, nem bons; jamais farão o bem e podem fazer muito mal. Ora, compreende-se que infinitamente mais facilidade encontram eles de se insinuarem nas reuniões numerosas, do que nos núcleos pequenos, onde todos se conhecem. Graças a surdos manejos, que passam despercebidos, espalham a dúvida, a desconfiança e a desafeição; sob a aparência de interesse hipócrita pela causa, tudo criticam, formam conciliábulos e corrilhos que presto rompem a harmonia do conjunto; é o que querem. Em se tratando de gente dessa espécie, apelar para os sentimentos de caridade e fraternidade é falar a surdos voluntários, porquanto o objetivo de tais criaturas é precisamente aniquilar esses sentimentos, que constituem os maiores obstáculos opostos a seus manejos. Semelhante estado de coisas, desagradável em todas as Sociedades, ainda mais o é nas associações espíritas, porque, se não ocasiona um rompimento gera uma preocupação incompatível com o recolhimento e a atenção. **337.** Se mau rumo a reunião tomar, dir-se-á, não terão as pessoas sensatas e bem-intencionadas, a ela presentes, o direito de crítica; deverão deixar que o mal passe, sem dizerem palavra, e aprovar tudo pelo silêncio? Sem nenhuma dúvida, esse direito lhes assiste: é mesmo um dever que lhes corre. Mas, se boa intenção os anima, eles emitirão suas opiniões, guardando todas as

conveniências e com cordialidade, francamente, e não com subterfúgios. Se ninguém os acompanha, retiram-se, porquanto não se concebe que quem não esteja procedendo com segundas intenções se obstine em permanecer numa sociedade onde se façam coisas que considere inconvenientes. Pode-se, pois, estatuir como princípio que todo aquele que numa reunião espírita provoca desordem, ou desunião, ostensiva ou sub-repticiamente, por quaisquer meios, é, ou um agente provocador, ou, pelo menos, um mau espírita, do qual cumpre que os outros se livrem o mais depressa possível. Porém, a isso obstam muitas vezes os próprios compromissos que ligam os componentes da reunião, razão por que convém se evitem os compromissos indissolúveis. Os homens de bem sempre se acham suficientemente comprometidos: os mal-intencionados sempre o estão demais. **338.** Além dos notoriamente malignos, que se insinuem nas reuniões, há os que, pelo próprio caráter, levam consigo a perturbação a toda parte aonde vão: nunca, portanto, será demasiada toda a circunspeção, na admissão de elementos novos. Os mais prejudiciais, nesse caso, não são os ignorantes da matéria, nem mesmo os que não creem: a convicção só se adquire pela experiência e pessoas há que desejam esclarecer-se de boa-fé. Aqueles, sobretudo, contra os quais maiores precauções devem ser tomadas, são os de sistemas preconcebidos, os incrédulos obstinados, que duvidam de tudo, até da evidência; os orgulhosos que, pretendendo ter o privilégio da luz infusa, procuram em toda parte impor suas opiniões e olham com desdém para os que não pensam como eles. Não vos deixeis iludir pelo pretenso desejo que manifestam de se instruírem. Mais de um encontrareis, que muito aborrecido ficará se for constrangido a convir em que se enganou. Guardai-vos, principalmente, desses peroradores insípidos, que querem sempre dizer a última palavra, e dos que só se comprazem na contradição. Uns e outros fazem perder tempo, sem nenhum proveito, nem mesmo para si próprios. Os Espíritos não gostam de palavras inúteis. **339.** Visto ser necessário evitar toda causa de perturbação e de distração, uma Sociedade espírita deve, ao organizar-se, dar toda a atenção às medidas apropriadas a tirar aos promotores de desordem os meios de se tornarem prejudiciais e a lhes facilitar por todos os modos o afastamento. As pequenas reuniões apenas precisam de um regulamento disciplinar, muito simples, para a boa ordem das sessões. As Sociedades regularmente constituídas exigem organização mais completa. A melhor será a que tenha menos complicada a entrosagem. Uma e outras poderão haurir o que lhes for aplicável, ou o que julgarem útil, no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, que adiante inserimos.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIX)

“340. Contra um outro escolho têm que lutar as Sociedades, pequenas ou grandes, e todas as reuniões, qualquer que seja a importância de que se revistam. Os ocasionadores de perturbações não se encontram somente no meio delas, mas também no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores das associações, das cidades e dos povos, Espíritos malfeitores se ligam aos grupos, do mesmo modo que aos indivíduos. Ligam-se, primeiramente, aos mais fracos, aos mais acessíveis, procurando fazê-los seus instrumentos e gradativamente vão envolvendo os conjuntos, por isso que tanto mais prazer maligno experimentam, quanto maior é o número dos que lhes caem sob o jugo. Todas as vezes, pois, que, num grupo, um dos seus componentes cai na armadilha, cumpre se proclame que há no campo um inimigo, um lobo no redil, e que todos se ponham em guarda, visto ser mais que provável a multiplicação de suas tentativas. Se enérgica resistência o não levar ao desânimo, a obsessão se tornará mal contagioso, que se manifestará nos médiuns, pela perturbação da mediunidade, e nos outros pela hostilidade dos sentimentos, pela perversão do senso moral e pela turbacão da harmonia. Como a caridade é o mais forte antídoto desse veneno, o sentimento da caridade é o que eles mais procuram abafar. Não se deve, portanto, esperar que o mal se haja tornado incurável, para remediá-lo; não se deve, sequer, esperar que os primeiros sintomas se manifestem; o de que se deve cuidar, acima de tudo, é de preveni-lo. Para isso, dois meios hão eficazes, se forem bem aplicados: a prece feita do coração e o estudo atento dos menores sinais que revelam a presença de Espíritos mistificadores. O primeiro atrai os bons Espíritos, que só assistem zelosamente os que os secundam, mediante a confiança em Deus; o outro, prova aos maus que estão lidando com pessoas bastante clarividentes e bastante sensatas, para se não deixarem ludibriar. Se um dos membros do grupo for presa da obsessão, todos os esforços devem tender, desde os primeiros indícios, a lhe abrir os olhos, a fim de que o mal não se agrave, de modo a lhe levar a convicção de que se enganou e de lhe despertar o desejo de secundar os que procuram libertá-lo. **341.** A influência do meio é consequência da natureza dos Espíritos e do modo por que atuam sobre os seres vivos. Dessa influência pode cada um deduzir, por si mesmo, as condições mais favoráveis para uma Sociedade que aspira a granjear a simpatia dos bons Espíritos e a só obter boas comunicações, afastando as más. Estas condições se contêm todas nas disposições morais dos assistentes e se resumem nos pontos seguintes: Perfeita comunhão de vistas e de sentimentos; Cordialidade recíproca entre todos os membros; Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã; um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos

dos Espíritos e do aproveitamento de seus conselhos. Quem esteja persuadido de que os Espíritos superiores se manifestam com o fito de nos fazerem progredir, e não para nos divertirem, compreenderá que eles necessariamente se afastam dos que se limitam a lhes admirar o estilo, sem nenhum proveito tirar daí, e que só se interessam pelas sessões, de acordo com o maior ou menor atrativo que lhes oferecem, segundo os gostos particulares de cada um deles; Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, apenas exprima o desejo de satisfação da curiosidade; Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as confabulações com os Espíritos; União de todos os assistentes, pelo pensamento, ao apelo feito aos Espíritos que sejam evocados; Concurso dos médiuns da assembleia, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis. Serão estas condições de tão difícil preenchimento, que se não encontre quem as satisfaça? Não o cremos; esperamos, ao contrário, que as reuniões verdadeiramente sérias, como as que já se realizam em diversas localidades, se multiplicarão e não hesitamos em dizer que a elas é que o Espiritismo será devedor da sua mais ampla propagação. Religando os homens honestos e conscienciosos, elas imporão silêncio à crítica e, quanto mais puras forem suas intenções, mais respeitadas serão, mesmo pelos seus adversários: *Quando a zombaria ataca o bem, deixa de provocar o riso: torna-se desprezível*. É nas reuniões desse gênero que se estabelecerão, pela força mesma das coisas, laços de real simpatia, de solidariedade mútua, que contribuirão para o progresso geral. **342.** Fora errôneo acreditar-se que se achem fora desse concerto de fraternidade e que excluam toda ideia séria as reuniões consagradas de modo especial às manifestações físicas. Do fato de não requererem condições tão rigorosas para sua celebração, não se segue que a elas se possa assistir de ânimo ligeiro e muito se enganará quem suponha absolutamente nulo aí o concurso dos assistentes. Tem-se a prova do contrário no fato de que, muitas vezes, as manifestações deste gênero, ainda quando provocadas por médiuns poderosos, não chegam a produzir-se em certos meios. Quer dizer que também nesse caso há influências contrárias e que essas influências naturalmente decorrem da divergência ou hostilidade dos sentimentos, paralisando os esforços dos Espíritos. As manifestações físicas, conforme já dissemos, têm grande utilidade, visto abrirem campo vasto ao observador, porquanto é toda uma série de fenômenos insólitos, de incalculáveis consequências a se lhe desdobrarem diante dos olhos. Pode, pois, com eles ocupar-se uma assembleia de objetivos muito sérios, mas não logrará a efetivação desses objetivos, quer como forma de estudo quer como meio de convicção, caso não se realizarem em condições

favoráveis, a primeira das quais consiste, não na fé dos assistentes, mas no desejo que os impulsione de se esclarecerem, sem intenções ocultas e sem o propósito antecipado de tudo recusarem, mesmo a evidência. A segunda é a limitação do número, para evitar a intromissão de elementos heterogêneos. Se é certo que são os Espíritos menos adiantados os que produzem as manifestações físicas, nem por isso deixam estas de apresentar um fim providencial e os bons Espíritos as favorecem, sempre que sejam capazes de dar resultados proveitosos.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIX)

“RIVALIDADES ENTRE AS SOCIEDADES. 348.

Os grupos que se ocupam exclusivamente com as manifestações inteligentes e os que se entregam ao estudo das manifestações físicas têm cada um a sua missão. Nem uns, nem outros se achariam possuídos do verdadeiro espírito do Espiritismo, desde que não se olhassem com bons olhos; e aquele que atirasse pedras em outro provaria, por esse simples fato, a má influência que o domina. Todos devem concorrer, ainda que por vias diferentes, para o objetivo comum, que é a pesquisa e a propaganda da verdade. Os antagonismos, que não são mais do que efeito de orgulho superexcitado, fornecendo armas aos detratores, só poderão prejudicar a causa, que uns e outros pretendem defender. **349.** Estas últimas reflexões se aplicam igualmente a todos os grupos que porventura divirjam sobre alguns pontos da Doutrina. Conforme dissemos, no capítulo *Das Contradições*, essas divergências, as mais das vezes, apenas versam sobre acessórios, não raro mesmo sobre simples palavras. Fora, portanto, pueril constituírem bando à parte alguns, por não pensarem todos do mesmo modo. Pior ainda do que isso seria o se tornarem ciosos uns dos outros os diferentes grupos ou associações da mesma cidade. Compreende-se o ciúme entre pessoas que fazem concorrência umas às outras e podem ocasionar recíprocos prejuízos materiais. Não havendo, porém, especulação, o ciúme só traduz mesquinha rivalidade de amor-próprio. Como, em definitiva, não há sociedade que possa reunir em seu seio todos os adeptos, as que se achem animadas do desejo sincero de propagar a verdade, que se proponham a um fim unicamente moral, devem assistir com prazer à multiplicação dos grupos e, se alguma concorrência haja de entre eles existir, outra não deverá ser senão a de fazer cada um maior soma de bem. As que pretendam estar exclusivamente com a verdade terão que o provar, tomando por divisa: *Amor e Caridade*, que é a de todo verdadeiro espírita. Querirão prevalecer-se da superioridade dos Espíritos que as assistam? Provem-no, pela superioridade dos ensinamentos que recebam e pela aplicação que façam deles a si mesmas. Esse o critério infalível para se distinguirem as que estejam no melhor caminho. Alguns Espíritos,

mais presunçosos do que lógicos, tentam por vezes impor sistemas singulares e impraticáveis, à sombra de nomes veneráveis com que se adornam. O bom-senso acaba sempre por fazer justiça a essas utopias, mas, enquanto isso não se dá, podem elas semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos. Daí, não raro, uma causa de dissentimentos passageiros. Além dos meios que temos indicado de apreciá-las, outro critério há que lhes dá a medida exata do valor: o número dos partidários que tais sistemas recrutam. A razão diz que, de todos os sistemas, aquele que encontra maior acolhimento nas massas, deve estar mais próximo da verdade, do que os que são repelidos pela maioria e veem abrir claros nas suas fileiras. Tende, pois, como certo que, quando os Espíritos se negam a discutir seus próprios ensinamentos, é que bem reconhecem a fraqueza destes. **350.** Se o Espiritismo, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, caso se conserve cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária. Tais, porém, não são os desígnios de Deus. Para o objetivo providencial, portanto, é que devem tender todas as Sociedades espíritas sérias, grupando todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos. Então, haverá união entre elas, simpatia, fraternidade, em vez de vão e pueril antagonismo, nascido do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e poderosas, porque assentarão em inabalável alicerce: o bem para todos; então, serão respeitadas e imporão silêncio à zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, que todos respeitam. Essa a estrada pela qual temos procurado com esforço fazer que o Espiritismo enverede. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, congregados tantos homens, por compreenderem que aí é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade. Convidamos, pois, todas as Sociedades espíritas a colaborar nessa grande obra. Que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos e eis que terão colhido o mal em inextricáveis malhas.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIX)

“REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS. Fundada a 1 de abril de 1858. E autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, em data de 13 de abril de 1858, de acordo com o aviso do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral. (Nota. Conquanto este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como lei absoluta, mas unicamente para facilitar a formação de Sociedades aos que as queiram fundar, os quais aí encontrarão os dispositivos que lhes pareçam convenientes e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam peculiares. Embora já simplificada, essa organização ainda o poderá ser muito mais, quando se trate, não de Sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas necessitam adotar medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos. Apresentamo-lo, igualmente, para o governo dos que desejam manter relações com a Sociedade parisiense, quer como correspondentes, quer a título de membros da Sociedade.) **CAPÍTULO I — Fins e formação da Sociedade.** Art. 1º — A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. São defesas nela as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social. Toma por título: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. Art. 2º — A Sociedade se compõe de sócios titulados, de associados livres e de sócios correspondentes. Pode conferir o título de sócio honorário a pessoas residentes na França ou no estrangeiro, que, pela sua posição ou por seus trabalhos, lhe possam prestar serviços assinaláveis. Os sócios honorários são todos os anos submetidos à reeleição. Art. 3º — A Sociedade não admitirá senão as pessoas que simpatizem com seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos, as que já se achem iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita, ou que estejam seriamente animadas do desejo de nesta se instruírem. Em consequência, exclui todo aquele que possa trazer elementos de perturbação às suas reuniões, seja por espírito de hostilidade e de oposição sistemática, seja por qualquer outra causa, e fazer, assim, que se perca o tempo em discussões inúteis. A todos os seus associados corre o dever de recíproca benevolência e bom proceder, cumprindo-lhes, em todas as circunstâncias, colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio. Art. 4º — Para ser admitido como associado livre deve o candidato dirigir ao Presidente um pedido por escrito, apostilado por dois sócios titulares, que se tornam fiadores das intenções do postulante. O pedido deve informar sumariamente: 1º, se o requerente já possui alguns conhecimentos do Espiritismo; 2º, o estado de sua convicção sobre os pontos fundamentais da ciência; 3º, o compromisso de se sujeitar

em tudo ao regulamento. O pedido será submetido à comissão de que fala o artigo 11, que o examinará e proporá, se julgar conveniente, a admissão, o adiamento, ou indeferimento. O adiamento é de rigor, com relação a todo candidato que ainda nenhum conhecimento possua da ciência espírita e que não simpatize com os princípios da Sociedade. Os associados livres têm o direito de assistir às sessões, de tomar parte nos trabalhos e nas discussões que tenham por objeto o estudo, mas, em caso algum, terão voto deliberativo, no que diga respeito aos negócios da Sociedade. Os associados livres só o serão durante o ano em que tenham sido aceitos e, para permanecerem na Sociedade, a admissão deles deverá ser ratificada no fim desse primeiro ano. Art. 5º — Para ser sócio titular, é preciso que a pessoa tenha sido, pelo menos durante um ano, associado livre, tenha assistido a mais de metade das sessões e dado, durante esse tempo, provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em matéria de Espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e do desejo de proceder, em todas as circunstâncias, para com seus colegas, de acordo com os princípios da caridade e da moral espírita. Os associados livres, que hajam assistido regularmente, durante seis meses, às sessões da Sociedade, poderão ser admitidos como sócios titulares se, ao demais, preencherem as outras condições. A admissão será proposta ex-offício pela comissão, com o assentimento do associado, se for, além disso, apoiado por três outros sócios titulares. Em seguida, se tiver cabimento, será votada pela Sociedade, em escrutínio secreto, após um relatório verbal da comissão. Só os sócios titulares têm voto deliberativo e gozam da faculdade concedida pelo art. 25. Art. 6º — A Sociedade limitará, se julgar conveniente, o número dos associados livres e dos sócios titulares. Art. 7º — Sócios correspondentes são os que, não residindo em Paris, mantenham relações com a Sociedade e lhe forneçam documentos úteis a seus estudos. Podem ser nomeados por proposta de um único sócio titular. **CAPÍTULO II — Administração.** Art. 8º — A Sociedade é administrada por um Presidente-diretor, assistido pelos membros de uma diretoria e de uma comissão. Art. 9º — A diretoria se compõe de: 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Secretário principal, 2 Secretários adjuntos e 1 Tesoureiro. Além desses, um ou mais Presidentes honorários poderão ser nomeados. Na falta do Presidente e do Vice-Presidente, as sessões serão presididas por um dos membros da comissão. Art. 10 — O Presidente-diretor deverá dedicar todos os seus cuidados aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Cabem-lhe a direção geral e a alta superintendência da administração, assim como a conservação dos arquivos. O Presidente é nomeado por três anos, os outros membros da diretoria por um

ano, indefinidamente reelegíveis. Art. 11 — A comissão se compõe dos membros da diretoria e de cinco outros sócios titulares, escolhidos de preferência entre os que tiverem dado concurso ativo aos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do Espiritismo, ou demonstrado possuir ânimo benevolente e conciliador. Estes cinco membros são, como os da diretoria, eleitos por um ano e reelegíveis. A comissão é, de direito, presidida pelo Presidente-diretor, ou, em falta deste, pelo Vice-Presidente, ou por aquele de seus outros membros que para esse efeito seja designado. A comissão tem a seu cargo o exame prévio de todas as questões e proposições administrativas e outras que hajam de ser submetidas à Sociedade; a fiscalização das receitas e despesas desta e as contas do Tesoureiro; a autorização das despesas ordinárias e a adoção de todas as medidas de ordem, que julgue necessárias. Compete-lhe, além disso, examinar os trabalhos e assuntos de estudo, propostos pelos diversos sócios, formulá-los ela própria, a seu turno, e determinar a ordem das sessões, de acordo com o Presidente. O Presidente poderá sempre opor-se a que certos assuntos sejam tratados e postos na ordem do dia, cabendo-lhe recorrer da sua decisão para a Sociedade, que resolverá afinal. A comissão se reunirá regularmente antes das sessões, para exame dos casos ocorrentes e, também, sempre que julgar conveniente. Os membros da diretoria e da comissão que, sem participação, se ausentem por três meses consecutivos, são tidos como renunciantes às suas funções, cumprindo providenciar-se para a substituição deles. Art. 12 — As decisões, quer da Sociedade, quer da comissão, serão tomadas por maioria absoluta de votos dos membros presentes; em caso de empate, preponderará o voto do Presidente. A comissão poderá deliberar quando estiverem presentes quatro de seus membros. O escrutínio secreto será obrigatório, se o reclamarem cinco membros. Art. 13 — De três em três meses, seis sócios, escolhidos entre os titulares e os associados livres, serão designados para desempenhar as funções de *comissários*. Os comissários são encarregados de velar pela boa ordem e regularidade das sessões e de verificar o direito de entrada de toda pessoa que se apresenta para a elas assistir. Para esse efeito, os sócios designados se entenderão, de maneira que um deles esteja presente a abertura das sessões. Art. 14 — O ano social começa a 1 de abril. As nomeações para a diretoria e para a comissão se farão na primeira sessão do mês de maio. Os membros de uma e outra, em exercício, continuarão nas suas funções até essa época. Art. 15 — Para se proverem às despesas da Sociedade, os titulares pagarão uma cota anual de 24 francos e os associados livres a de 20 francos. Os sócios titulares, ao serem admitidos, pagarão, além disso, de uma vez, como joia de entrada, 10 francos.

A cota é paga integralmente por ano corrente. Os que forem admitidos só terão que pagar, do ano em que se der a admissão, os trimestres ainda não decorridos, incluído o em que essa admissão se verificar. Quando marido e mulher forem aceitos como associados livres, ou titulares, só uma cota e meia será exigida pelos dois. Cada seis meses, a 1º de abril e 1º de outubro, o Tesoureiro prestará à Comissão contas do emprego e da situação dos fundos. Pagas as despesas ordinárias de alugueres e outras obrigatórias, se houver saldo a Sociedade determinará o emprego a dar-se-lhe. Art. 16 — A todos os admitidos, associados livres ou titulares, se conferirá um cartão de admissão, comprovando-lhe a categoria. Esse cartão fica com o Tesoureiro, de cujo poder o novo sócio poderá retirá-lo, pagando a sua cota e a joia de entrada. Ele não poderá assistir às sessões senão depois de haver retirado o seu cartão. Não o tendo feito até um mês depois da sua admissão, será considerado demissionário. Será igualmente considerado demissionário, todo sócio que não houver pago sua cota anual no primeiro mês da renovação do ano social, desde que fique sem resultado um aviso que o Tesoureiro lhe enviará. **CAPÍTULO III — Das sessões.** Art. 17 — As sessões da Sociedade se realizarão as sextas-feiras, às 8 horas da noite, salvo modificação, se for necessária. As sessões serão particulares ou gerais; nunca serão públicas. Todos os que façam parte da Sociedade, sob qualquer título, devem, em cada sessão, assinar os nomes numa lista de presença. Art. 18 — O silêncio e o recolhimento são rigorosamente exigidos durante as sessões, e, principalmente, durante os estudos. Ninguém pode usar da palavra, sem a ter obtido do Presidente. Todas as perguntas aos Espíritos devem ser feitas por intermédio do Presidente, que poderá recusar formulá-las, conforme as circunstâncias. São especialmente interditas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade, ou que tenham o objetivo de submeter os Espíritos a provas, assim como todas as que não tenham um fim geral, do ponto de vista dos estudos. São igualmente interditas todas as discussões capazes de desviar a sessão do seu objeto especial. Art. 19 — Todo sócio tem o direito de reclamar seja chamado à ordem aquele que se afaste das conveniências nas discussões, ou perturbe as sessões, de qualquer maneira. A reclamação será imediatamente posta a votos; se for aprovada, constará na ata. Três chamadas à ordem, no espaço de um ano, acarretam, de direito, a eliminação do sócio que nelas haja incorrido, qualquer que seja a sua categoria. Art. 20 — Nenhuma comunicação espírita, obtida fora da Sociedade, pode ser lida, antes de submetida, seja ao Presidente, seja à comissão, que podem admitir ou recusar a leitura. Nos arquivos deverá ficar depositada uma cópia de toda comunicação estranha, cuja leitura

tenha sido autorizada. Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade, podendo os médiuns que as tomaram, tirar delas uma cópia. Art. 21 — As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade. Realizar-se-ão nas 1ª e 3ª sextas-feiras de cada mês e também na 5ª quando houver. A Sociedade reserva para as sessões particulares todas as questões concernentes aos negócios administrativos, assim como os assuntos de estudo que mais tranquilidade e concentração reclamem, ou que ela julgue conveniente aprofundar, antes de tratá-lo em presença de pessoas estranhas. Têm direito de assistir às sessões particulares, além dos sócios titulares e dos associados livres, os sócios correspondentes, que se achem temporariamente em Paris, e os médiuns que prestem seu concurso à Sociedade. Nenhuma pessoa estranha a esta será admitida às sessões particulares, salvo casos excepcionais e com assentimento prévio do Presidente. Art. 22 — As sessões gerais se realizarão nas 2ª e 4ª sextas-feiras de cada mês. Nas sessões gerais, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes estranhos, que poderão a elas assistirem temporariamente, sem tomarem parte nelas. Cabe-lhe retirar essa autorização, quando julgue conveniente. Ninguém pode assistir às sessões, como ouvinte, sem ser apresentado ao Presidente, por um sócio, que se torna fiador de seu cuidado em não causar perturbação, nem interrupção. A Sociedade não admite como ouvintes senão pessoas que aspirem a tornarem-se seus associados, ou que simpatizem com seus trabalhos, e que já estejam suficientemente iniciadas na ciência espírita, para compreendê-los. A admissão deverá ser negada de modo absoluto a quem quer que deseje ser ouvinte por mera curiosidade, ou cujos sentimentos sejam hostis à Sociedade. Aos ouvintes é interdito o uso da palavra, salvo casos excepcionais, a juízo do Presidente. Aquele que, de qualquer maneira, perturbar a ordem, ou manifestar má vontade para com os trabalhos da Sociedade, poderá ser convidado a retirar-se e, em todos os casos, o fato será anotado na lista de admissão e a entrada lhe será de futuro proibida. Devendo limitar-se o número dos ouvintes pelos lugares disponíveis, os que puderem assistir às sessões deverão ser inscritos previamente num registro criado para esse fim, com indicação dos endereços e das pessoas que os recomendam. Em consequência, todo pedido de entrada deverá ser dirigido, muitos dias antes da sessão, ao Presidente, que expedirá os cartões de admissão até que a lista se ache esgotada. Os cartões de entrada só podem servir para o dia indicado e para as pessoas designadas. A permissão de entrada não pode ser concedida ao mesmo ouvinte para mais de duas sessões, salvo autorização do Presidente e em casos excepcionais. Nenhum membro da Sociedade poderá apresentar mais de duas pessoas ao

mesmo tempo. Não têm limite as entradas concedidas pelo Presidente. Os ouvintes não serão admitidos depois de aberta a sessão. **CAPÍTULO IV — Disposições diversas.** Art. 23 — Todos os membros da Sociedade lhe devem inteiro concurso. Em consequência, são convidados a colher, nos seus respectivos círculos de observações, os fatos antigos ou recentes, que possam dizer respeito ao Espiritismo, e a os assinalar. Cuidarão, ao mesmo tempo, de inquirir, tanto quanto possível, da notoriedade deles. São igualmente convidados a lhe dar conhecimento de todas as publicações que possam relacionar-se mais ou menos diretamente com objetivo de seus trabalhos. Art. 24 — A Sociedade submeterá a um exame crítico as diversas obras que se publicarem sobre o Espiritismo, quando julgue oportuno. Para esse efeito, encarregará um de seus membros, associado livre ou titular, de lhe apresentar um relatório, que será impresso, se tiver cabimento na *Revue Spirite*. Art. 25 — A Sociedade criará uma biblioteca especial composta das obras que lhe forem oferecidas e das que ela adquirir. Os sócios titulares poderão, na sede da Sociedade, consultar quer a biblioteca, quer os arquivos nos dias e horas que para isso forem marcados. Art. 26 — A Sociedade, considerando que a sua responsabilidade pode achar-se moralmente comprometida pelas publicações particulares de seus associados, prescreve que ninguém poderá, em qualquer escrito, usar do título de *sócio da Sociedade*, sem que a isso esteja por ela autorizado e sem que previamente tenha ela tido conhecimento do manuscrito. À comissão caberá fazer-lhe um relatório a esse respeito. Se a Sociedade julgar que o escrito é incompatível com seus princípios, o autor, depois de ouvido, será convidado, ou a modificá-lo, ou a renunciar à sua publicação, ou, finalmente, a não se inculcar como sócio da Sociedade. Dado que ele se não submeta à decisão que for tomada, poderá ser resolvida a sua exclusão. Todo escrito que um sócio publicar sob o véu da anonímia e sem indicação alguma, pela qual se possa reconhecê-lo como autor, será incluído na categoria das publicações ordinárias, cuja apreciação a Sociedade reserva para si. Todavia, sem querer obstar à livre emissão das opiniões pessoais, a Sociedade convida aqueles de seus membros, que tenham a intenção de fazer publicações desse gênero, a que previamente lhe peçam o parecer officioso, no interesse da ciência. Art. 27 — Querendo manter no seu seio a unidade de princípios e o espírito de recíproca tolerância, a Sociedade poderá resolver a exclusão de qualquer de seus sócios que se constitua causa de perturbação, ou se lhe torne abertamente hostil, mediante escritos comprometedores para a Doutrina, opiniões subversivas, ou por um modo de proceder que ela não possa aprovar. A exclusão, porém, não pode ser decretada, senão depois

de prévio aviso officioso, se este ficar sem efeito, e depois de ouvir o sócio inculcado, se ele entender conveniente explicar-se. A decisão será tomada por escrutínio secreto e pela maioria de três quartos dos membros presentes. Art. 28 — O sócio que voluntariamente se retire, no correr do ano, não poderá reclamar a diferença das cotas que haja pagado. Essa diferença, porém, será reembolsada, no caso de exclusão decretada pela Sociedade. Art. 29 — O presente regulamento poderá ser modificado, quando for conveniente. As propostas de modificação não poderão ser feitas à Sociedade, senão pelo órgão de seu Presidente, ao qual deverão ser transmitidas e no caso de terem sido admitidas pela comissão. Pode a Sociedade, sem modificar o seu regulamento nos pontos essenciais, adotar todas as medidas complementares que lhe pareçam necessárias.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXX)

“**PROJETO – 1868.** Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente. Se a doutrina do Cristo deu lugar a tantas controvérsias, se ainda agora tão mal compreendida se acha e tão diversamente praticada, é isso devido a que o Cristo se limitou a um ensinamento oral e a que seus próprios apóstolos apenas transmitiram princípios gerais, que cada um interpretou de acordo com suas ideias ou interesses. Se ele houvesse formulado a organização da Igreja cristã com a precisão de uma lei ou de um regulamento, é incontestável que houvera evitado a maior parte dos cismas e das querelas religiosas, assim como a exploração que foi feita da religião, em proveito das ambições pessoais. Resultou que, se o Cristianismo constituiu, para alguns homens esclarecidos, uma causa de séria reforma moral, não foi e ainda não é para muitos senão objeto de uma crença cega e fanática, resultado que, em grande número de criaturas, gerou a dúvida e a incredulidade absoluta. Somente o Espiritismo, bem entendido e bem compreendido, pode remediar esse estado de coisas e tornar-se, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da Humanidade. A experiência deve esclarecer-nos sobre o caminho a seguir. Mostrando-nos os inconvenientes do passado, ela nos diz claramente que o único meio de serem evitados no futuro consiste em assentar o Espiritismo sobre as bases sólidas de uma doutrina positiva que nada deixe ao arbítrio das interpretações. As dissidências que possam surgir se fundirão por si mesmas na unidade principal que se estabelecerá sobre as bases mais racionais, desde que essas bases sejam claras e não vagamente definidas.

Também ressalta destas considerações que essa marcha, dirigida com prudência, representa o mais poderoso meio de luta contra os antagonistas da Doutrina Espírita. Todos os sofismas quebrar-se-ão de encontro a princípios aos quais a sã razão nada acharia para opor. Dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de popularizá-la. O desenvolvimento cada dia maior, que ela toma, multiplica as nossas relações, que somente tendem a ampliar-se, pelo impulso que lhe darão a nova edição de *O Livro dos Espíritos* e a publicidade que se fará a esse propósito. Para utilizarmos de maneira proveitosa essas relações, se, depois de constituída a teoria, eu tivesse de concorrer para sua instalação, necessário seria que, além da publicação de minhas obras, dispusesse de meios para exercer uma ação mais direta. Ora, creio fora conveniente que aquele que fundou a teoria pudesse ao mesmo tempo impulsioná-la, porque então haveria mais unidade. Sob esse aspecto, a Sociedade tem necessariamente que exercer grande influência, conforme o disseram os próprios Espíritos; sua ação, porém, não será, em realidade, eficiente, senão quando ela servir de centro e de ponto de ligação donde parta um ensinamento preponderante sobre a opinião pública. Para isso, faz-se mister uma organização mais forte e elementos que ela não possui. No século em que estamos e tendo-se em vista o estado dos nossos costumes, os recursos financeiros são o grande motor de todas as coisas, quando empregados com discernimento. Na hipótese de que esses recursos, de um modo ou doutro me viessem às mãos, eis o plano que eu seguiria e cuja execução seria proporcional à importância dos meios e subordinada aos conselhos dos Espíritos. **ESTABELECIMENTO CENTRAL.** O mais urgente seria prover a Sociedade de um local convenientemente situado e disposto para as reuniões e recepções. Sem lhe dar um luxo desnecessário e, ao demais, sem cabimento, precisaria que nada aí denotasse penúria, mas apresentasse um aspecto tal, que as pessoas de distinção pudessem estar lá sem se considerarem muito diminuídas. Além do alojamento particular onde eu habitasse, deveria possuir: 1º Uma grande sala para as sessões da Sociedade e para as grandes reuniões; 2º Um salão de recepção; 3º Um compartimento destinado às evocações íntimas, espécie de santuário, que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha; 4º Um escritório para a *Revista*, os arquivos e os negócios da Sociedade. Tudo isso disposto e preparado de maneira cômoda e condizente com a sua destinação. Criar-se-ia uma biblioteca composta de todas as obras e escritos periódicos franceses e estrangeiros, antigos e modernos, relacionados com o Espiritismo. O salão de recepção estaria aberto todos os dias e a certas horas, para os membros da Sociedade, que aí poderiam conferenciar livremente,

ler os jornais e consultar os arquivos e a biblioteca. Os adeptos estrangeiros, de passagem por Paris, seriam aí recebidos, desde que fossem apresentados por um sócio. Estabelecer-se-ia correspondência regular com os diferentes centros da França e do estrangeiro. Haveria um empregado secretário e um auxiliar de escritório. **ENSINO ESPÍRITA.** Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências. **PUBLICIDADE.** Dar-se-ia maior desenvolvimento à *Revista*, quer aumentando-se-lhe o número de páginas, quer tornando-se-lhe mais frequente a publicação. Agregar-se-lhe-ia um redator remunerado. Uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até às localidades mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporá silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral. **VIAGENS.** Dois ou três meses do ano seriam consagrados a viagens, em visita aos diferentes centros e a lhes imprimir boa direção. Se os recursos o permitissem, instituir-se-ia uma caixa para custear as despesas de viagem de certo número de missionários, esclarecidos e talentosos, que seriam encarregados de espalhar a Doutrina. Uma organização completa e a assistência de auxiliares remunerados, com os quais eu pudesse contar, libertando-me de uma imensidade de ocupações e preocupações, me dariam o lazer necessário para ativar os trabalhos que ainda me restam por fazer e aos quais o atual estado das coisas não permite que eu me consagre tão assiduamente como fora preciso, por me faltar materialmente o tempo e por não serem suficientes para tanto as minhas forças físicas. Se, porventura, me estivesse reservado realizar este projeto, em cuja execução eu teria de me haver com a mesma prudência de que usei no passado, indubitavelmente alguns anos bastariam para fazer que a Doutrina avançasse de alguns séculos.” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Projeto - 1868)

“DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS. [...] SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS. [...] XX. A união faz a força. Sede unidos, para serdes fortes. O Espiritismo germinou, deitou raízes profundas. Vai estender por sobre a terra sua ramagem benfazeja. É preciso vos torneis invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da negra falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para chegardes a isso, mister se faz que uma indulgência e uma tolerância recíprocas

presidam às vossas relações; que os vossos defeitos passem despercebidos; que somente as vossas qualidades sejam notórias; que o facho da amizade santa vos funda, ilumine e aqueça os corações. Assim resistireis aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável à vaga furiosa. *São Vicente de Paulo. XXI.* Meus amigos, quereis formar um grupo espírita e eu o aprovo, porque os Espíritos não podem ver com satisfação que se conservem no insulamento os médiuns. Deus não lhes outorgou para seu uso exclusivo a sublime faculdade que possuem, mas para o bem de todos. Comunicando-se com outros, terão eles mil ensejos de se esclarecerem sobre o mérito das comunicações que recebem, ao passo que, isolados, estão muito melhor sob o domínio dos Espíritos mentirosos, que encantados ficam com o não sofrerem nenhuma fiscalização. Aí está para vós e, se o orgulho vos não subjuga, compreendê-lo-eis e aproveitareis. Aqui vai agora para os outros. Estais bem certos do que deve ser uma reunião espírita? Não, porquanto, no vosso zelo, julgais que o que de melhor tendes a fazer é reunir o maior número possível de pessoas, a fim de as convencerdes. Desenganai-vos. Quanto menos fordes, tanto mais obtereis. Sobretudo, pelo ascendente moral que exercerdes é que atraireis os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverdes. Se só pelos fenômenos atrairdes, os que vos procurarem o farão pela curiosidade e topareis com curiosos que vos não acreditarão e que rirão de vós. Se unicamente pessoas dignas de apreço se encontrarem entre vós, muitos talvez vos não acreditem, mas respeitar-vos-ão e o respeito inspira sempre a confiança. Estais convencidos de que o Espiritismo acarretará uma reforma moral. Seja, pois, o vosso grupo o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs, visto que, nesta época de egoísmo, é nas Sociedades espíritas que a verdadeira caridade há de encontrar refúgio. Tal deve ser, meus amigos, um grupo de verdadeiros espíritas. Doutra feita, dar-vos-ei novos conselhos. *Fénelon.*” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXXI)

“Compromissos com o espiritismo. Pessoalmente, encontrava-me cooperando em um núcleo espírita, que durante muitos anos permaneceu fiel aos postulados doutrinários, correspondendo à expectativa dos benfeitores espirituais. Há menos de um lustro, pessoas frívolas e descomprometidas com a seriedade da Doutrina Espírita foram admitidas nas atividades, e porque possuidoras de recursos amodados e bem situadas socialmente, logo adquiriram destaque, sendo colocadas em postos administrativos da Casa, sem qualquer preparação emocional e espiritual para o cometimento. Acostumadas às festas e aos desfiles da vaidade, saltitando sempre de uma para outra novidade, não acostumadas ao estudo sério nem à meditação do conhecimento adquirido, logo foram despertadas

para práticas incorretas em torno da mediunidade, assim como de referência à terapêutica para as obsessões. Todo um arsenal de recursos pseudocientíficos que estava sendo debatido no movimento entre os espíritas logo chamou a atenção desses companheiros inseguros e desconhecedores dos conteúdos profundos da Doutrina. Fascinados pelas promessas de quase milagres, ansiosos pelos resultados imediatistas da sua aplicação, desejando facilitar o cumprimento da Lei de Causa e Efeito na conduta humana, começaram a aderir às estranhas práticas, sem o cuidado de as estudar com seriedade, a fim de colherem os bons frutos da sua aplicação, caso os tenham, ficando, apenas, na superfície das informações, e transferiram para o Centro Espírita. Médiuns despreparados e atormentados, experimentando injunções obsessivas, umas sutis, outras mais vigorosas, logo se deixaram embair pelas possibilidades fenomenais e quase sobrenaturais anunciadas, abrindo portas a realizações deploráveis. Os mentores inspiraram a continuação das tarefas conforme os padrões ensinados pela Codificação, os fundadores desencarnados acorreram gentis em contínuas tentativas de auxílio, mas eram todos rechaçados pela imprevidência dos revolucionários descuidados. Informavam que se tratava de novas técnicas, apelando para a necessidade de atualização do Espiritismo, por se encontrarem, alegavam, ultrapassados alguns dos seus modelos, que foram muito bons para o século XIX e metade do XX, não mais, porém, para os dias atuais, enquanto outros, ainda mais aturdidos, declaravam a necessidade de se abandonar a mediunidade, em face dos transtornos que produz e da impossibilidade de comprovar-lhe a autenticidade... Uma grande perturbação tomou conta das pessoas e logo se dividiram em grupos: os que preferiram ficar fiéis ao sistema anterior, os que desejavam impor as novas diretrizes, abrindo espaço também para as práticas animistas africanistas, por sentirem que tinham missão nessa área e, por fim, reduzido número daqueles que teimavam em considerar desnecessária a educação mediúnica... Sinal, sem dúvida, de grave interferência das trevas, esse divisionismo pernicioso, que passou a dar lugar a sistemáticas provocações de um com os outros lados, a comentários aleivosos sobre alguns como a respeito dos demais, reações de antipatia em relação àqueles que não partilhavam de uma ou de outra corrente, verdadeira competição com todos os elementos da maledicência e da animosidade, a fim de constatar-se quem seria o vencedor... Quando uma instituição de qualquer natureza, particularmente espírita, apresenta-se dividida, está às bordas da ruína, porquanto as facções caprichosas, mais interessadas nas próprias paixões do que na preservação do seu patrimônio moral e espiritual, estão pouco se importando com os resultados das dissensões, e somente aspiram à vitória

do seu grupo, que faz lembrar a de Pirro (*) [(*) Vitória de Pirro: expressão utilizada para caracterizar uma vitória obtida a alto preço, potencialmente acarretadora de prejuízos irreparáveis. Pirro (318 a.C.—272 a.C, rei de Epiro (atual Albânia), bisneto de Aquiles e primo materno de Alexandre Magno), cujo exército sofreu perdas irreparáveis após derrotar os romanos nas batalhas de Heracleia e Áusculo. (Nota da Ed.)]. Especificamente, em uma sociedade que tem por objetivo iluminar consciências, libertar as pessoas da ignorância, servir mediante o trabalho de amor fraternal, realizar a caridade, preservar a solidariedade e a tolerância, raia ao absurdo um comportamento de tal natureza. Constituindo-se um recinto de maus humores e de disputas, atrai os espíritos vulgares e perniciosos que se comprazem em acirrar os ânimos e intoxicar os sentimentos expostos, dando lugar à instalação de processos obsessivos compreensíveis. Muitas vezes, são esses espíritos mesmos que inspiram, a pouco e pouco, os seus membros, visando a destruir o trabalho de dignificação existente, que detestam lentamente aceitos por invigilância ou por inépcia dos seus membros ante os contínuos desafios em favor da preservação dos valores elevados. As duas hipóteses têm cabida em relação à entidade a que nos estamos referindo. Inicialmente, a leviandade, logo depois, o desrespeito aos luminosos postulados doutrinários estabelecidos, todos fundamentados na Codificação, que ensejaram a instalação do desequilíbrio. Os espíritos espíritas, no entanto, além dos nossos compromissos cristãos, estamos interessados na preservação do notável patrimônio que nos foi legado pelo ínclito Codificador e, por essa razão, empenhamo-nos em auxiliar as instalações de novos núcleos, a preservação dos existentes, os cuidados para evitar-se desentendimentos e a orientação para a vivência dos paradigmas e instruções doutrinários em todos eles.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 15)

“Compromissos com o espiritismo. [...] Em face do retorno aos compromissos habituais, aos quais nos dedicávamos então, dispondo desses dias até o retorno à clínica, naquela mesma noite, o apóstolo Petitinga invitou-nos a visitar esse núcleo a que acabamos de referir-nos. Às 19h30, conforme o nosso hábito, rumamos à sede do Centro Espírita, onde se realizavam as atividades de caráter mediúnico. A situação das disputas havia chegado ao nível infeliz de serem realizadas três reuniões simultâneas em salas diferentes, com metodologias igualmente diversificadas. Numa delas, eram utilizadas práticas animistas africanistas, noutra se realizavam os labores dentro da nova modalidade em alta consideração e, por fim, na terceira, o pequeno grupo que permanecia fiel ao programa anterior. Cada grupo mantinha-se irredutível nos seus objetivos e na defesa dos seus pontos de vista. O mais lamentável, porém,

era que, embora os indivíduos estivessem divididos em ambientes separados, os espíritos que se movimentavam em torno deles, diversos eram primitivos, outros profundamente ignorantes dos compromissos da evolução, alguns perversos e portadores de sentimentos conscientes de destruição, ao tempo em que bondosos e gentis, confiantes e pacientes, os fundadores da Casa, os mentores e os seus cooperadores mantinham-se também em ação. Ao chegar, observamos que os respectivos ambientes, exceção do último, eram destituídos de defesas magnéticas e fluídicas, podendo ser adentrados com facilidade, sendo mais lamentável que, no grupo dos modernistas, como passaram a identificar-se, os candidatos podiam participar do labor totalmente desinformados, inclusive alguns dos pacientes que anelavam pela cura imediata, sem o descomprometimento das suas mazelas... Vige, modernamente, com alarde, no Movimento Espírita, a proclamação de reuniões especialmente dedicadas a curas, atraindo sempre pessoas que não desejam assumir graves compromissos com a vida e que somente planejam libertar-se das aflições, para seguirem de imediato na busca de novos problemas... Sem qualquer dúvida, toda reunião onde dois ou mais chamam por Jesus, reúnem-se em seu nome, conforme Ele prometeu, ei-lo presente, desenvolvendo o ministério de amor, de saúde e de paz. A cura real, devemos de isso conscientizar-nos, vem de dentro do ser, da sua transformação moral, da sua mudança de atitude em relação ao comportamento existencial e não do exterior como alguns pensam irresponsavelmente. As soluções apressadas não erradicam o mal, que permanece aguardando oportunidade para a recidiva piorada com os novos gravames da leviandade. Em consequência, toda reunião espírita séria e nobre é de cura, porque as energias que se movimentam no ambiente possuem qualidades para proporcionar o refazimento das organizações física, emocional, psíquica e espiritual daquele que ali se encontra... Acostumados, porém, às bengalas psicológicas das soluções miraculosas, os indivíduos menos esclarecidos preferem o culto das ilusões e a participação em grupos formados por místicas de ocasião, deixando de lado a responsabilidade e o dever auto iluminativo. Aqueles que perseveram fiéis aos postulados básicos, ironicamente são taxados de ortodoxos, antiquados, porque os modernistas preferem a superficialidade, as distrações, as comodidades imediatas derivadas do prazer, distanciando-se da consciência da imortalidade e da fugacidade de tudo quanto é material. Pude observar, nessa ocasião, mais cuidadosamente, os espíritos que se adentravam nas respectivas salas. As duas primeiras, porque dirigidas por amigos menos vigilantes, recebiam variado número de ociosos, de zombeteiros, de primitivos, ao lado de alguns generosos, de boa vontade, porém

desconhecedores da realidade do Mundo Maior no qual se encontravam. Como não havia barreiras vibratórias impeditivas, por falta de coordenação entre os desencarnados responsáveis e os trabalhadores encarnados, tais reuniões tornavam-se espetáculo público para os que se interessavam ou não em participar. Já o grupo fiel aos labores respeitáveis da Codificação encontrava-se protegido por construções vibratórias que evitavam a entrada de quaisquer entidades que não estivessem programadas para as comunicações ou aprendizagem. Naquele grupo em que predominavam as práticas animistas africanistas, a desordem espiritual era generalizada, porque entre os espíritos que guardavam as marcas da escravidão e aqueles outros que ainda se encontravam com as características silvícolas, apresentavam-se também os zombeteiros, que se faziam passar como os generosos amigos dedicados ao bem. Certamente, porque, tampouco eram aplicados os rituais característicos e pertinentes ao culto, em razão de os encarnados, ignorando a responsabilidade do conhecimento, aventuravam-se pelos meandros das revelações, sem que tivessem consciência do que faziam. Acreditavam-se bem informados por alguns comunicantes que os orientavam, porém, eram todos cegos conduzindo cegos. Todo culto ao bem, que homenageia o Senhor da vida, pouco importa a denominação ou a maneira como expressa os seus sentimentos, recebe apoio do Excelso Pai, existindo os mais diversos, em razão dos diferentes níveis de evolução em que transitam as criaturas. No que diz respeito ao de natureza animista-africanista, nobres entidades zelam pela sua preservação e cuidam das suas raízes religiosas, antropológicas, psicológicas, evolutivas, sendo instrumentos de Deus auxiliando os caminheiros necessitados de apoio nessa faixa de consciência. Suas cerimônias, seus rituais, suas práticas são credores do nosso melhor respeito e carinho, no entanto, devem ser executados em recintos próprios, para esse fim dedicados, ao invés de mesclar-se numa mixórdia que a ignorância presunçosa ali se permitia desenvolver... Os resultados, obviamente, eram perturbadores, porque nem mesmo os espíritos sinceros conseguiam conclamar a clientela a uma atitude de respeito em relação aos seus mistérios, a eles mesmos e à vida... No segundo grupo, onde se pretendia aplicar os recursos tidos como científicos, superiores aos métodos da doutrinação convencional, pelo diálogo afetuoso e esclarecedor com os comunicantes, a falta de responsabilidade era notória, porque, presunçosos, acreditavam possuir o poder para enfrentar os desencarnados de todo jaez com petulância, dando-lhes ordens, impondo procedimentos ritualísticos cujos efeitos desconheciam, por ignorar o esforço dos seus pioneiros e daqueles que obtiveram resultados positivos na sua aplicação. Esses proveitos eram fruto, sem dúvida, da

sinceridade de propósitos, da gravidade com que se comportavam durante as reuniões, da intenção superior de que se revestiam. Como efeito da ignorância pretensiosa, multiplicavam-se as promessas de cura instantânea, de libertação obsessiva a passe de mágica, de aquisição de recursos superiores apenas pelo fato de estarem presentes na reunião e de sintonizarem com as disposições estabelecidas. [...] Imediatamente, Petitinga dirigiu-se ao terceiro grupo, àquele em que predominavam os métodos habituais recomendados pela Doutrina desde os seus primórdios. Havia um clima psíquico de muita paz. Os médiuns, sinceramente concentrados, conscientes das suas responsabilidades, embora nos outros grupos, um ou outro trabalhador honesto, igualmente assim se comportasse, o ambiente convidava-nos à oração, à reflexão, à atividade socorrista... As comunicações psicofônicas sucediam-se em ordem, sem a balbúrdia do desequilíbrio, cada espírito de acordo com o seu estado evolutivo, transmitindo as suas sensações e emoções, recebendo a terapia pertinente, ao tempo em que uma equipe espiritual se encarregava de preservar o trabalho, evitando assalto ou invasão dos irresponsáveis... Concomitantemente, alguns visitantes do nosso plano acompanhavam os labores, enquanto a reunião chegava à fase de preparação para o seu encerramento. Coube ao seu fundador, nobre trabalhador de Jesus que, desde a primeira hora primara pela manutenção da ordem e do dever, comunicar-se para a mensagem final. A médium era uma senhora de pouco mais de sessenta anos; encontrava-se aureolada por vibrações honoráveis defluentes da sua conduta e dedicação à faculdade que sabia preservar das investidas dos maus. Foi carinhosamente envolvida pelo amigo afável e, no silêncio natural que se fez, começou a falar: “— Louvado seja o Senhor! Enquanto ruge a tormenta vigorosa fora das paredes que nos resguardam, aqui dentro existe paz, a paz que decorre do dever gravemente atendido. Nunca houve quanto hoje, tantos desafios e problemas convidando-nos a todos, à reflexão e à paciência, ao amor e à caridade. O lema da amada Doutrina prossegue tendo vigência total neste momento. Os espíritos inquietos e os sentimentos dilacerados aportam na segurança dos nossos sentimentos procurando abrigo, não nos podendo furtar à solidariedade. Os descaminhos humanos estão repletos de vidas que se estiolam na alucinação e no desconforto moral, gritando pelo socorro que se recusam receber quando o encontram, porque desejam soluções mágicas e salvação generalizada, sem qualquer contribuição de esforço pessoal e de renovação interior. [...] O Espiritismo é doutrina de união dos seres humanos em favor da unificação das entidades, em um todo harmônico e produtivo. Qualquer rompimento afetivo entre os seus membros e o edifício geral sofre graves consequências, cujos efeitos podem tardar um pouco,

mas não deixarão de apresentar-se. É necessário, hoje mais do que ontem, que todos aqueles que realmente encontraram Jesus, na Doutrina Espírita, conscienciem-se da responsabilidade que lhes cabe, desculpando antes que esperando ser desculpado, avançando na direção daquele que se afasta do seu caminho, ao invés de aguardar que o outro venha ter com o seu afeto... Não há tempo mais para discussões inúteis, nas quais predominam a estultice, a presunção e o orgulho, desde há muito arraigados no imo, repetindo os erros cometidos em outras doutrinas religiosas no passado. Inconscientemente, ressumam em muitas emoções as lembranças de quando, dizendo representar Jesus, assumiam posturas de destaque na comunidade, eram responsáveis pelas vidas, que não sabiam conduzir com dignidade, extorquiam--nas e maltratavam-nas... Muitos proprietários de paróquias de ontem, retornam agora com os hábitos doentios, tentando transformar a Casa Espírita em seu alojamento eclesiástico, seja diocese ou uma das suas divisões... Nunca esqueçamos o que disse Jesus: “(...) As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.” (Mateus: 8, 20). A única autoridade que prevalece entre nós, em ambos os planos da vida, é a de natureza moral e a nossa aristocracia igualmente é da mesma natureza. Indispensável, portanto, abandonarmos as prevenções, as antipatias, os anseios de homenagem e as disputas pelos lugares relevantes de significados nenhuns, avançando em direção da fraternidade legítima, do entendimento em torno dos objetivos que todos abraçamos. [...] A maioria dos presentes encontrava-se comovida, o diretor dos trabalhos enxugava os olhos, encerrando o abençoado labor. Após alguns minutos, quando todos se recompuseram, após sorverem pequeno copo com água fluidificada, saíram da sala, quando coincidentemente o segundo grupo também terminara o seu labor e todos se retiravam silenciosos após terem ouvido o amigo espiritual que lhes dirigira a palavra esclarecedora. Vi, algo surpreendido, aquele irmão com quem dialogamos envolvendo o diretor dos trabalhos, ao tempo em que o fundador desencarnado conduzia o seu pupilo na sua direção, no corredor para o qual davam as duas salas. Os dois confrades olharam-se, e tomados de súbita empatia, abraçaram-se, emocionados, sem palavras, sem ruídos, explicações perfeitamente desnecessárias. Petitinga deu-me o braço, e considerou: “Assim, meu caro Miranda, devem agir aqueles que se identificam com Jesus e que, na Doutrina Espírita, encontram o caminho de libertação das paixões que teimam em permanecer-lhes dominadoras sobre a natureza espiritual. Inicia-se aqui, neste momento, após inúmeras tentativas e rogativas ao Senhor da vida, o esforço abençoado em favor da união e do desaparecimento paulatino das dissensões nesta Casa Espírita. Logo mais, os mentores do grupo

animista-africanista igualmente providenciarão um lugar apropriado, desde que estão esclarecidos por nós, para onde conduzirão aqueles que estiverem interessados nesse mister, enquanto aqueles outros que o desejarem, volverão às suas origens, sem debates, sem ressentimentos. Toda união tem um preço: a morte do egoísmo! Voltemos à nossa esfera para o conveniente repouso.” [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 15)

I.2. Finalidades das sociedades espíritas: estudo da doutrina espírita e da mediunidade, assistência espiritual, evangelização, doutrinação e desobsessão

“REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIEN-SE DE ESTUDOS ESPÍRITAS. [...] CAPÍTULO I — Fins e formação da Sociedade. Art. 1º — A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXX)

“— Minha Dalva ficou viúva há três anos e, faz onze meses, deixei-a só, por haver também desencarnado. A pobrezinha não tem resistido ao sofrimento quanto devera e deixou-se empolgar por entidades maléficas, que lhe tramam a ruína. Embalde me aproximo dela, durante o dia, mas, com a mente engolfada em negócios e complicações materiais, não me pôde sentir a influência. Precisava encontrar-me com ela à noite e isso não era fácil, porque não tenho bastante elevação espiritual para operar sozinha e o grupo em que sirvo não poderia demorar na Crosta uma noite inteira por minha causa. Foi então que uma amiga me trouxe a este posto de serviço de “Nosso Lar”. Aqui descansei e pude agir com os grupos de tarefa permanente, ajudada por infatigáveis operários do bem. — E conseguiu seus fins com facilidade? — indagou Vicente, interessado. — Graças a Jesus! — respondeu a senhora, evidenciando enorme satisfação — agora sei que minha filha recebeu meus alvitreiros carinhosos de mãe e estou certa de que me atenderá as rogativas. — Escute, minha amiga — interroguei —, há muitos postos de “Nosso Lar”, como este? — Ao que me informaram, há regular número deles, não somente aqui, mas também noutras cidades do país, além de numerosas oficinas que representam outras colônias espirituais, entre as criaturas corporificadas na Terra. Nesses núcleos, há sempre possibilidades avançadas, imprescindíveis ao nosso abastecimento para a luta.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 39)

“De fato, aquele refúgio de fraternidade legítima era, sem dúvida, vasto celeiro de bênçãos. Diversas entidades amigas operavam na instituição, prestando assistência e cuidados. Encontrava ali um dos raros edifícios da Crosta, de tão largas proporções, sem criaturas perversas da esfera invisível. Semelhando-se à Casa Transitória, de onde vínhamos, a vigilância funcionava severa. Fôramos defrontados por vários sofrendores, criaturas de bons sentimentos, que penetravam o asilo com prévia autorização. Enquanto o Assistente se demorava em palestra com o dedicado Bezerra, tivemos permissão para visitar as dependências. O padre Hipólito, Luciana e eu, em companhia de Irene, jovem colaboradora espiritual da casa, pusemo-nos em ação. Em todos os compartimentos havia luz de nosso plano, indicando a abundância dos pensamentos salutareis e construtivos de todas as mentes que ali se entrelaçavam na mesma comunhão de ideal. Chegados à sala das reuniões populares, nossa nova amiguinha explicou: – Esta é a região do abrigo que nos força a serviço mais árduo. Receptáculo das emanções mentais e dos pedidos silenciosos de toda gente que nos visita, em assembleias públicas, somos obrigados, depois de cada sessão, a minuciosas atividades de limpeza. Como sabem, os pensamentos exercem vigoroso contágio e faz-se imprescindível isolar os prestimosos colaboradores de nossa tarefa, livrando-os de certos princípios destruidores ou dissolventes. Tentando intensificar a conversação esclarecedora, aduzi: – Imagino a extensão dos afazeres... Há suficiente pessoal na cooperação? – Sim – respondeu –, a legião dos colaboradores não é pequena. Somos levados a servir, dia e noite, em turmas alternadas. Temos seções de assistência aos adultos e às criancinhas. Vislumbrava ali, porém, tão grande número de trabalhadores de nosso plano que, por momentos, graves reflexões me afloraram ao cérebro. Tanta gente a contribuir, apenas no sentido de amparar algumas dezenas de crianças desfavorecidas no campo material? Estabelecia paralelo entre a fundação de Adelaide e a Casa Transitória de Fabiano, notando singular diferença. Lá, os rigorosos serviços de sentinela, o gesto de energia, a atenção do pessoal, verificavam-se em virtude das necessidades inadiáveis de certa quantidade de infelizes desencarnados, para os quais a caridade constituía lâmpada acesa, indispensável à transformação interior. Aqui, porém, via somente criaturinhas tenras que reclamavam de imediato, acima de qualquer outra medida, leite e pão, primeiras letras e bons conselhos. Valeria, assim, o dispêndio de tanta energia de nossa esfera? Mesmo assim, a delicada colaboradora, apreendendo-me as indagações íntimas, ponderou: – Cumpre-nos reconhecer, todavia, que esta obra não se dedica exclusivamente às necessidades do estômago e do intelecto da infância desamparada. Os imperativos da

evangelização preponderam aqui sobre os demais. Para infundir espiritualidade superior à mente humana urge aproveitar realizações como esta, já que é muito difícil obter espontâneo arejamento da esfera sentimental. Valemo-nos da casa, venerável em seus fundamentos de solidariedade cristã, como núcleo difusor de ideias salutareis. A fundação é muito mais de almas que de corpos, muito mais de pensamentos eternos que de coisas transitórias. O diretor, o cooperador e o abrigado, recebendo as responsabilidades inerentes ao programa de Jesus, instintivamente se convertem nos instrumentos vivos da Luz de Mais Alto. Satisfazendo necessidades corporais, solucionamos problemas espirituais. Entrelaçando deveres e dividindo-os com os nossos irmãos encarnados, no setor de assistência, conseguimos criar bases mais sólidas à sementeira das verdades imorredouras. Realmente, as outras escolas religiosas não se esqueceram de materializar a bondade em obras de alvenaria. A Igreja Católica Romana dispõe de institutos avançados, sob o ponto de vista material, abrigando a infância desfavorecida; entretanto, aí, as concepções espirituais não se desenvolvem, acanhadas que ficam nos moldes tirânicos dos dogmas obsoletos. O trabalho, pois, na maioria dos casos, circunscreve-se ao simples armazenamento de pão efêmero. As Igrejas Protestantes possuem, por sua vez, grandes colégios e congregações, distribuindo valores educativos com a juventude; todavia, suas organizações se baseiam, quase sempre, mais na letra dos conceitos evangélicos que nos conceitos evangélicos da letra... Irene sorriu, fez ligeiro intervalo e continuou: – Não desejamos menosprezar os serviços admiráveis dos aprendizes do Evangelho nos variados campos religiosos. Todos são respeitáveis, se levados a efeito pelo devotamento do coração. Desejamos apenas destacar os valores iluminativos. Nos primórdios da obra cristã não faltavam prestigiosas providências da política imperial de Roma, a fim de que os famintos e esfarrapados recebessem trigo e agasalho e até mesmo preceptores seletos, filiados a famosos centros culturais de gregos e egípcios. Porém, no intuito de incentivar a obra de legítima iluminação do espírito, Simão Pedro e os companheiros de apostolado obrigaram-se a longo programa de socorro aos infortunados de toda sorte. Nem todos os seguidores do Evangelho procediam das altas camadas sociais do Judaísmo, como Gamaliel, o venerando rabino cujo intelecto desenvolvido encontrou o Mestre. A maioria dos necessitados entraria em contato com Jesus através da sopa humilde ou do teto acolhedor. Lavando leprosos, tratando loucos, assistindo órfãos e velhinhos desamparados, os continuadores do Cristo davam trabalho a si próprios, dedicavam-se aos infelizes, esclarecendo-lhes a mente, e ofereciam lições de substancial interesse aos leigos da fé viva. Como não ignoram, estamos fazendo no

Espiritismo evangélico a recapitulação do Cristianismo. O padre Hipólito aprovou, benévolo: – Sim, inegavelmente; precisamos estimular a formação de serviços que libertem o raciocínio para voos mais altos. – Dentro de nosso esforço – prosseguiu Irene, com lhanza –, o imperativo primordial consiste na iluminação do espírito humano com vistas à eternidade. Urge, no entanto, compreender que, para a obtenção do desiderato, é imprescindível “fazer alguma coisa”. Onde todos analisam, admiram ou discutem não se levantam obras úteis para atestar a superioridade das ideias. Por isso, nossos Mentores da Vida Divina apreciam o servo pela dedicação que manifeste à responsabilidade. O necessitado, o beneficiário, o crente e o investigador virão sempre aos nossos centros de organização da doutrina. E toda vez que exercitem o serviço cristão pela mediunidade ativa, pela assistência fraterna, pelos trabalhos de solidariedade comum, quaisquer que sejam, apresentam caracteres mais positivos de renovação, porque a responsabilidade na realização do bem, voluntariamente aceita, transforma-os em traços animados entre dois mundos – o que dá e o que recebe. Como veem, a luz divina prevalece sobre a benemerência humana, porque esta, sem aquela, pode muitas vezes degenerar em personalismo devastador, compreendendo-se, todavia, em qualquer tempo, que a fé sem obras é irmã das obras sem fé. Continuou Irene, em sua brilhante argumentação, ensinando-nos, vivaz, a ciência da fraternidade e do entendimento construtivo. Ouvindo-a, percebi, acima de toda preocupação individualista, que a difusão da luz espiritual na Crosta Terrestre não é ação milagrosa, mas edificação paciente e progressiva. As casas de benemerência social, sobre as águas pesadas do pensamento humano, funcionam como grandes navios de abastecimento à coletividade faminta de luz e necessitada de princípios renovadores. Passei a ver o estômago dos pequeninos em plano secundário, porque era a claridade positiva do Evangelho que inundava agora minh'alma, convidando-me à contemplação feliz do futuro maior. Caíra a noite e continuávamos em companhia da estimada irmã que nos apresentava a instituição, comentando-lhe, com oportunidade e sabedoria, o salutar programa. Observamos os serviços espirituais que se preparavam, ante a noite próxima. Aqui, eram cuidadas preceptoras desencarnadas que reuniriam as crianças nos momentos de sono físico, em ensinamentos benéficos; acolá, eram benfeitores diversos a buscarem irmãos para experiências e dádivas preciosas, nos círculos de nossa movimentação. Refundi minha apreciação inicial, enxergando mais uma vez, naquele instituto, abençoada escola de espiritualidade superior, pelo ensejo de sementeira divina que proporcionava aos missionários da luz.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 12)

“A Sociedade Espírita, dedicada ao ministério do esclarecimento, conforme as finalidades superiores da Doutrina Kardequiana, não se resume às paredes da construção temporal. Antes que se consolidassem os planos para a edificação material daquela Instituição, Natércio, que se encarregava de instruir e conduzir Epifânia, cujas faculdades mediúnicas deveriam ser colocadas totalmente ao serviço iluminativo das consciências, providenciou as primeiras diretrizes sobre as quais fundamentaria a Obra, que deveria sobreviver aos homens e prosseguir, se por acaso estes viessem a debandar, dominados pela trivialidade peculiar a um sem número de criaturas. Profundo admirador e discípulo de São Francisco Xavier, que fora na Terra incansável propagandista da fé cristã, tendo-a levado ao Japão, à China e à Índia no século XVI, recorreu ao fiel Apóstolo de Jesus, suplicando seu patrocínio espiritual para a Casa que se pretendia erguer e cuja finalidade seria a da divulgação do Cristianismo na sua pureza primitiva. Recebido pelo Mensageiro do Cristo, cuja vida fora dedicada à cultura e à expansão da Doutrina de Jesus, expôs o programa que, com humildade, objetivava realizar. Incrementaria entre os homens o ardor da fé e a pureza dos princípios morais, conforme as regras simples dos “seguidores do Caminho”, sem os atavios do dogmatismo, da aparência, dos formalismos. Desejaria trazer de volta aos corações os postulados cristãos que pudessem abrasar os espíritos e refundi-los na forja da caridade, preparando o advento dos Novos Tempos, de que Allan Kardec fora o recente precursor. Rogava-lhe, desse modo, o beneplácito da proteção e guarda para os empreendimentos em pauta, considerando o seu carinho por aqueles que ignoravam, no passado, a mensagem libertadora. Agora, embora os homens se vinculassem a denominações cristãs, negavam-se à vivência do Evangelho, demorando-se em condições mais lamentáveis do que os antigos pagãos, que ele buscara converter, nos tempos heroicos. Asseverava haver muita propaganda do Mestre e demasiado desconhecimento moral da excelência das suas lições, quando transladadas para a intimidade de cada crente. Relatou as dificuldades vigentes nos dias atuais, a licenciosidade e o egoísmo soberanos, o materialismo e a displicência dos governantes. Aludiu também às massas de sofredores, em legiões de desesperados, carecendo de luzes para a noite moral em que se aturdiavam. O templo, cuja construção estava planejada, trabalharia sem cessar, através de equipes constituídas de seguidores do santo das Índias, interessados em reativar a fé e reconduzir as criaturas a Jesus... Terminado o relato, que fora minudente, porém sem os detalhes de pouca relevância, recebeu o aval do insigne missionário, sob as condições de ali se primar pela preservação do Evangelho em suas linhas puras e simples, num clima de austeridades morais e

disciplinados serviços iluminativos, com os resultantes dispositivos para a caridade nas suas múltiplas expressões, tendo-se, porém, em vista, que os socorros materiais seriam decorrência natural do serviço espiritual, prioritário, imediato, e não os preferenciais... Não deveriam esquecer-se de que a maior carência ainda é a do pão de luz da consolação moral, que o Livro da Vida propicia fartamente... A orientação procedia, sábia, porquanto, muitas vezes, se substituem os deveres primeiros e mais urgentes, os da alma, por outros de caráter secundário, referentes ao corpo. Certamente, alguém em aturdimento por falta de pão ou de saúde, sob dores e espículos venenosos, não sabe nem consegue ouvir a palavra de vida eterna e até se rebela quando a escuta. Todavia, a pretexto de atender-se à aflição, à fome, à enfermidade e à dor, muitos cristãos se detêm na terapia externa, sem averiguarem as nascentes do mal, a fim de estancá-lo nas suas origens, impedindo-lhe o crescimento e o contágio. Pensa-se muito em estômagos a saciar, corpos a cobrir, doenças a curar... Sem menosprezar-lhes a urgência, o Consolador tem por meta primacial o espírito, o ser em sua realidade imortal, donde procedem todas as conjunturas e situações, que se exteriorizam pelo corpo e mediante os contingentes humanos, sociais, terrenos, portanto... A assistência social no Espiritismo é valiosa, no entanto, se precatem os “trabalhadores da última hora” contra os excessos, a fim de que a exaustão com os labores externos não exaure as forças do entusiasmo nem derrube as fortalezas da fé, ao peso da extenuação e do desencanto nos serviços de fora. Evangelizar, instruir, guiar, colocando o azeite na lâmpada do coração, para que a claridade do espírito luza na noite do sofrimento, são tarefas urgentes, basilares, na reconstrução do Cristianismo. Os compromissos materiais de assistência social, na sua dinâmica de crescimento incessante, podem dificultar a livre ação moral de muitos trabalhadores honestos, que se veem obrigados a fazer concessões doutrinárias e morais, a fim de não perderem ajudas, valores, bens transitórios que produzem rendas e facultam socorros... Indubitavelmente, a caridade material merece consideração e carinho, dedicação e esforço de todos nós, que devemos conjugar forças para seu desiderato. Mas a caridade moral, de profundidade, a tarefa do socorro espiritual não contabilizada nem difundida é urgentíssima, impondo-nos a necessidade de atenção e zelo. Multiplicam-se admiráveis locais de socorro humano, material, iniciados a expensas do Consolador, onde a técnica vem substituindo o amor, com a saturação do serviço pelo excesso e repetição gerando irritação e mal-estar e fazendo que se falhe nas horas do socorro moral, nos atos da paciência e humildade, nos ministérios espirituais da palavra esclarecedora, do passe reconfortante... Multiplicam-se os métodos

de simplificação, ensejando frieza ao ministério e ausência de calor humano, falta de afeição espiritual ao sofredor. O tempo encolhe e a pressa lhe toma o lugar, não havendo, já, em muitas Entidades, lugar nem tempo para Jesus ou para os obsidiados, os ignorantes do espírito, os impertinentes, tais as preocupações, os compromissos sociais, as campanhas e movimentos pela aquisição argentária... Sem qualquer restrição à prática da caridade material, inadiável e sempre presente a todo tempo e em qualquer lugar, a excelente caridade moral, a luminosa caridade espiritual, que beneficiam o paciente e edificam o benfeitor, fortalecendo-os e alegrando-os no Senhor, com quem deverão manter fortes vínculos de perfeita comunhão interior, constituem-se em imperativo primordial e insubstituível. O abnegado Francisco Xavier solicitava, no exercício da caridade, preferência pelos enfermos do espírito — que somos quase todas as criaturas pululando na Terra e nos seus círculos mais próximos —, particularmente os obsidiados, em cujo ministério se deveriam cuidar com acendrado carinho dos perseguidores desencarnados, aos quais se ministrariam assistência consoladora capaz de desvencilhá-los do mal que trouxessem em si mesmos, para fruírem da libertação que a palavra de vida eterna propicia. Como consequência, a mediunidade de Epifânia estaria a serviço do esclarecimento aos sofrendores de ambos os planos da vida. Suas forças morais e sua vitalidade espiritual seriam canalizadas para a desobsessão, a pregação, a mensagem psicografada, com vistas à iluminação das criaturas. Estabelecidas as linhas mestras, a médium, em espírito, fora cientificada das responsabilidades que lhe cabiam e dos sacrifícios que se deveria impor, de modo a não comprometer a superior interferência das Esferas mais Altas... Sucessivamente, antes mesmo que se definissem os planos da edificação material da Casa, foram tomadas medidas no que dizia respeito aos contingentes magnéticos no local e outras providências especiais. Ergueu-se, posteriormente, o Núcleo, em cuja construção se observaram os cuidados de zelar pela aeração, conforto sem excesso, preservando-se a simplicidade e a total ausência de objetos e enfeites que não os mínimos indispensáveis móveis e utensílios para o seu funcionamento... Todavia, nos respectivos departamentos reservados à câmara de passes, recinto mediúnico e sala de exposições doutrinárias, foram providenciadas aparelhagens complexas e com finalidades específicas, para cada mister apropriadas, no plano espiritual. Espíritos especializados em impregnação magnética do ambiente foram requisitados para a criação de uma psicossfera salutar, e, ulteriormente, ficaram destacados alguns obreiros para o trabalho permanente de preservação e renovação. Outrossim, instalaram-se recursos de defesas, a fim de se resguardarem a Casa e os seus frequentadores das

nocivas investidas das hordas de salteadores e vagabundos desencarnados, como, também, para se fazer a triagem dos que, do lado de cá, poderiam penetrar-lhe o recinto... Em sucessivas instruções, o admirável Natércio — que no século XVII, seguindo o mestre de Navarra, se dedicara ao apostolado no Oriente, tendo-se entregue ao martírio nas terras chinesas do Norte — ensinava aos companheiros do plano físico como deveriam comportar-se e preservar o recinto quanto às conversações frívolas e vulgares, responsáveis pela sintonia com Espíritos ociosos e malévolos, que se insinuam através das mentes invigilantes e, não raro, se introduzem nos locais que lhes são vedados, por perturbação nas defesas, em virtude das urdiduras e responsabilidades dos médiuns e diretores invigilantes. Hospital-Escola para os que sofrem, o Centro Espírita é templo de recolhimento e oração, onde se estabelecem, se fixam e por onde transitam as forças da comunhão entre o homem e Deus. Em toda parte, sem dúvida, pode e deve o homem elevar-se ao seu Criador, no entanto, dedicando-se a mistérios muito complexos e elevados, quais os das incursões profundas nos cernes da alma, mediante os serviços de desobsessão, de despertamento da hibernação de que padecem muitos desencarnados, do deslinde dos vínculos infelizes e do socorro às Regiões Purgatoriais, no lugar em que se realizam tais relevantes obrigações não podem coexistir a leviandade e a honradez, a chufa e o verbo edificante, a esperança e a revolta... Larvas mentais, ideoplastias perniciosas, vibrações deprimentes, fixações dissolventes dos frequentadores encarnados como dos Espíritos desencarnados conspirariam contra a saúde psíquica e mesmo física dos participantes das tarefas e aprendizes do Evangelho, não fossem os recursos assépticos e os contributos dos Mentores, por cuja preservação todos devemos lutar, esforçando-nos por manter ou criar um clima espiritual refazente, acolhedor, pacificante, inspirativo, a fim de que todos nos beneficiemos. Diferença psíquica significativa tem que apresentar a Casa Espírita em relação a outros recintos de qualquer natureza, atestando, dessa forma, a qualidade dos seus trabalhadores espirituais e o tipo de finalidades a que se destina... Com tais precauções e sempre advertindo os afetuosos companheiros do plano físico, Natércio dera início ao ministério público de Epifânia, com quem mantinha constante intercâmbio, fiel aos compromissos esposados sob a aquiescência do magnânimo Francisco Xavier. Os anos se dobravam sucessivos, enquanto a Casa prosseguia no rumo da caridade. Pousos e postos de socorro, alojavam-se ali caravanas espirituais, em trânsito; obreiros do esclarecimento em observação; aprendizes em exercício; servidores de emergência que recolhiam recém-desencarnados em acidentes, credores de assistência imediata; Entidades com programação de urgência, todos

haurindo as dádivas da hospitalidade e dos valores que podiam coletar na convivência com os zelosos lidadores desencarnados que operavam com o Mentor responsável... Médiuns outros, em diversos graus de educação moral e medianímica, desdobravam-se ao lado de estudiosos da Doutrina, em aprendizagem digna, misturando-se à alacridade infanto-juvenil que se armava de fé para o futuro. A caridade mantinha as portas do socorro abertas, acessíveis a todos, portassem necessidade do corpo, da mente, do espírito, ou, simultaneamente, sempre encontrando distendidas as mãos da solidariedade fraternal, com o pão da vida alongado em sua direção. Granjeara títulos de reconhecimento espiritual e valor cristão o Centro Espírita “Francisco Xavier”, onde, agora, se encontravam, em espírito, os integrantes do problema que interligava os Ferguson, a fim de que a dulçorosa misericórdia do Senhor harmonizasse os desafetos, socorrendo-os caridosamente, na sua imensa e inefável redenção. Naquela noite, o céu bordado de astros parecia um poema sem palavras numa estrofe infinita de luzes, cantando as glórias da Criação, em pontos argentinos.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 21)

“Diversos amigos espirituais já se encontravam no ambiente, considerando-se que os serviços deste porte, não raro, têm uma preparação antecipada de até quarenta horas, quando são trazidos os participantes desencarnados ou psiquicamente se faz a sincronia fluídica dos mesmos com os médiuns que os irão *incorporar*, transmitindo, em psicofonia atormentada, as suas necessidades que receberão o auxílio e a orientação competentes. De outras vezes, ali se demoram os que experimentam assistência prolongada antes de ser transferidos para os setores próprios do nosso plano de ação. Dentre esses, sob fortes impressões, registramos dois jovens recém-desencarnados e um cavalheiro ansioso, que tentavam o intercâmbio com os familiares que ali compareciam, igualmente marcados por profundas angústias, que não dissimulavam. Quiçá, sentindo a presença dos afetos, choravam, discretamente, enquanto fixavam recordações que nos surgiam em formas ideoplasmáticas, retratando as cenas que prosseguiram vivendo. O irmão Genézio, percebendo o interesse que me despertaram aqueles desencarnados, dentre mais de uma trintena que ali se encontrava, veio em meu auxílio, explicando: – São alguns dos que irão comunicar-se psicograficamente com os familiares. Os dois jovens aqui chegaram vitimados, um por acidente automobilístico, enquanto o outro o foi por moto. O cavalheiro teve morte natural, o que não os torna muito diferentes. Todos estão ansiosos por este encontro, que logo se dará, a fim de poderem repousar... “A mente da família, neles fixada, vitaliza-lhes as lembranças que gostariam de esquecer. A recordação do instante da morte, que os aflige, pelo quanto de

inusitado se lhes afigura, é sustentada pelos seres queridos que se prendem a tais lembranças, obrigando-os a reviver, o que já poderia ter amortecido em suas memórias. “Dessa forma, o intercâmbio que será mantido trará vantagens duplas: acalmará os que ficaram recebendo notícias confortadoras e cientificando-se da sobrevivência, graças aos fatos que os tornarão identificados com segurança e permitirão que eles *remorram*, tranquilizando-se. O verbo *remorrer* soava-me como neologismo que não atinei. – Não estavam mortos? – inquiri ao amigo – Como iriam *remorrer*? Sempre gentil, aclarou-me: – A morte do corpo não desobriga o Espírito de permanecer atado ao mesmo, em perturbação breve ou longa qual é do seu conhecimento. As impressões que se demoram, como no caso das partidas para cá, mais violentas, aturdem o ser espiritual que oscila entre as duas situações vibratórias, a anterior e a atual, sem fixar-se numa ou noutra. Chamado pelos afetos da retaguarda, condensa fluidos que deveriam diluir-se, sofrendo, e porque noutra faixa vibratória, tenta desobrigar-se dessas cargas afligentes. “Terminado o atendimento aos familiares, estes reconfortam-se, rompem os elos que os prendem e, amparados, os nossos irmãos aqui repousam mais demoradamente, num *sono de morte* com fins terapêuticos, acordando em renovação para iniciar a etapa que lhes diz respeito na vida nova. “Os familiares sempre desejam que os seus amados cá estejam bem, fruindo de felicidade e de paz a que nem sempre fazem jus. Serão confirmadas, certamente, estas situações, desde que as mensagens estarão necessariamente controladas, evitando-se lamentações injustificáveis como informações inoportunas... E, de fato, o estarem comunicando-se sob o paternal amparo dos Instrutores já é uma grande felicidade e um clima de paz, porque livres de situações desesperadoras. Nem sempre poderão escrever com larga lucidez e veremos o que ocorre, mas os destinatários não se darão conta disso... O importante são as notícias tranquilizadoras e o conteúdo imortalista de que se farão objeto. Demais, para uma comunicação psicofônica ou psicográfica consciente exige-se prática e conhecimento da aparelhagem mediúnica que vai ser utilizada. Nem todos, bem se depreende, predispostos para o mister, possuem essas condições exigíveis, havendo, desse modo, soluções próprias, que resolvem a dificuldade.” O amigo calou-se. A reunião tinha início. [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 17)

“**Prosseguem as experiências libertadoras.** Por mais venha buscando entender o inefável amor de Deus em relação às suas criaturas, sempre sou surpreendido pelo inesperado desse fenômeno ímpar, desde que, além das suas manifestações naturais, automáticas, expressa-se, igualmente, por processos que me escapam à percepção. Nos dois acontecimentos

narrados nos capítulos anteriores, a interferência do amor produziu alterações profundas no comportamento humano, deslindando aqueles seres amigos das amarras da inferioridade em que se demoravam jungidos. [...] As duas instituições recém-atendidas, em razão do mérito decorrente dos serviços anteriormente realizados, fizeram jus ao apoio superior, embora a falta de descortino dos seus atuais administradores. Atendidas, nos elevados objetivos de melhor servir e mais iluminar consciências, ainda permanecerão sob a assistência da equipe do amoroso José Petitinga, assim como dele próprio, porém, a responsabilidade das realizações pertencerá aos dirigentes encarnados, evitando-se contínua interferência no seu livre-arbítrio, cuja aplicação definirá o seu futuro... Exultantes, durante aquele período, prosseguimos visitando algumas das sociedades espíritas que careciam de apoio, naquela fase em que estavam estabelecidas as crises em relação ao entendimento fraternal, aos conhecimentos doutrinários e vivência do amor que as perturbavam, distanciando os seus membros dos compromissos que foram assumidos perante a vida e de que teriam que dar contas. [...] O abnegado mentor Petitinga comunicou-me que deveríamos visitar, naquele interregno, uma respeitável agremiação espírita que se constituía abençoado recinto onde se recolhiam trabalhadores de nossa esfera em atividades no mundo físico, para repouso e planificação de tarefas. A sua fundadora, na Terra, exercera a mediunidade dignificada e havia granjeado méritos para edificar aquele núcleo respeitável, credor do apoio de venerandos benfeitores do Mundo Maior. Durante a sua existência física, em razão dos nobres serviços realizados sob a sua responsabilidade, graças às comunicações espirituais de que era objeto, todos os labores prosseguiram dentro das linhas traçadas no projeto inicial. Posteriormente, na última vintena de anos do século passado, em face de ter havido uma irrupção de obras assistenciais espíritas no país, alguns conselheiros, sensíveis e devotados, tiveram a ideia de ampliar os serviços com a criação de um lar para a infância abandonada ou esquecida na orfandade. Nada de mais meritório nesse empreendimento. Faltava, no entanto, a infraestrutura, sob vários aspectos considerada para um cometimento desse porte. [...] A sociedade, que fora criada para divulgar o Espiritismo e orientar as vidas, passou a dedicar todos os seus esforços em favor da assistência social, criando mecanismos antidoutrinários para recolher donativos, e utilizando-se da onda de curas, adotando uma das muitas terapias complementares, então denominadas alternativas, para atrair público e, por consequência, conseguir moedas para a caridade que se pretendia realizar... O clímax aconteceu quando, para auferir-se benefícios materiais da decantada terapia, passou-se a exigir que o paciente se tornasse sócio da entidade, o

que, sem qualquer dúvida, era um disfarce para a simonia, para a venda do produto exposto, porquanto as pessoas eram constrangidas a fazê-lo, embora nunca mais voltassem... As reuniões doutrinárias perderam o encanto e o conteúdo, porque os clientes sentavam-se à sala, ouvindo os expositores pouco motivados, aguardando a transferência para outro recinto onde eram realizados os atribuídos benefícios energéticos. Toda uma parafernália de instrumentos foi colocada nas respectivas salas, dando-lhes um falso aspecto de laboratórios terapêuticos, mais voltados para a sugestão e a autoindução, do que portadores de efeitos salutares. Os passes, a água fluidificada, a psicoterapia pelas orientações doutrinárias, as propostas de reforma íntima, os labores desobsessivos, lentamente passaram a plano secundário, ante o fantástico fenômeno em voga. Naquela ocasião, a Sociedade Espírita, em consequências de tal comportamento, era somente um simulacro da veneranda entidade do passado. Foi nessa condição, que a irmã Clarinda, sua fundadora, recorreu aos préstimos do nosso benfeitor, porque, por outro lado, as discórdias, as lutas de poder também lá se instalaram, como não podia deixar de acontecer, em razão da penetração das trevas organizadas, que trabalham pela desmoralização do Espiritismo, assim como da mediunidade, ali colocada a soldo da indignidade. Em noite aprazada, o gentil amigo convocou-nos a nós e a outros companheiros da sua equipe de ação, para rumarmos à grande urbe onde se sediava a Sociedade Espírita, com quatro horas aproximadamente antes do início dos trabalhos. Em lá chegando, fomos surpreendidos com uma fila de vinte pessoas à porta fechada, na expectativa de receberem o mágico recurso terapêutico propalado, como sucede em outros locais, desprotegidas do respeito que se deve ter pelo ser humano em qualquer situação... Tratava-se de um grupo heterogêneo, com problemas, os mais diversos imagináveis, em animada conversação, desde a mais fútil, à vulgar e acusatória, com a raríssima exceção de um casal enfermo que se concentrava no objetivo da recuperação, pensando em Jesus e nos seus milagres. Uma hora antes de iniciar-se o labor, a porta foi aberta, e a movimentação, agora muito mais expressiva de clientes fez-se com algum alvoroço. À entrada, alguém da Casa solicitava uma ficha representativa do pagamento de sócio, e aqueles que não a tinham, eram encaminhados à Tesouraria, ao lado, solucionando-se a questão. A sala comportava umas quatrocentas pessoas e ficou repleta antes do horário convencionado para a reunião. A palestra da noite deveria ser proferida por um convidado especial, dedicado ao estudo e à vivência da mensagem espírita. Estava aguardado, mais por curiosidade do que por interesse de aprendizagem por grande parte dos diretores da Casa. No momento da chegada, foi recebido com certa indiferença, por um

dos membros, justificando a ausência do presidente, que o convidara e assinalara a data para o cometimento doutrinário, porque o mesmo encontrava-se noutro recinto, organizando os atendimentos terapêuticos para o público, pelo que solicitava escusas. Surpreendido ante o inusitado, o visitante aguardou as próximas ocorrências, que não demoraram. Já, à mesa dos trabalhos, recebeu um bilhete do seu dirigente solicitando-lhe que abordasse o tema em tom baixo de voz, a fim de não interferir nos processos de cura ao lado. Ignorando o de que se tratava, o expositor perguntou se em assim comportando-se, todos os presentes na sala teriam como ouvi-lo, recebendo uma inesperada resposta, que o intranquilizou de forma significativa: – A palestra tem por finalidade entreter os presentes – elucidou o diretor da reunião – enquanto aguardam o momento de serem direcionados para o outro recinto, onde se dão as operações curativas. O moço ficou aturdido, ao verificar que o Espiritismo e sua mensagem ali eram somente um entretenimento, que precedia aos milagres terapêuticos. Sem outra alternativa, submeteu-se ao absurdo, e quando pôde proferir a palestra, deu à mensagem um toque de conversação edificante, sem profundas reflexões, enquanto as filas movimentavam-se nos bancos que se esvaziavam com o afastamento dos seus ocupantes, dirigindo-se para o outro ambiente, até quando, praticamente, a sala esvaziou-se, não totalmente, porque alguns interessados preferiram ficar aguardando a conclusão do tema que lhes pareceu oportuno e interessante... Todos, porém, haviam contribuído para a caridade, a manutenção das obras assistenciais, olvidando-se, porém, da caridade para com a Doutrina Espírita, de superior importância, pelo que se reveste de grandiosa, no seu programa de erradicar as raízes do mal, antes que tratá-lo superficialmente, de iluminar as consciências, a fim de facultar a conquista da saúde integral, de desenvolverem-se os sentimentos do amor, da fraternidade, do perdão, da verdadeira ação da virtude máxima, que é doar generosamente, sem nada receber em retribuição... Terminada a estranha e tormentosa atividade, o expositor foi convidado a visitar o recinto terapêutico, onde o aguardava risonho e frívolo, o seu dirigente, que logo esclareceu: — Nosso objetivo aqui vem sendo cumprido à risca. Todos os enfermos são atendidos dentro da programação. Como vê, estamos equipados para bem servir. Sinceramente compungido, o expositor, igualmente médium ostensivo, serviu de instrumento para que Petitinga, por seu intermédio, dialogasse com o deslumbrado curador leviano. – Não será – indagou, a seu turno – o objetivo do Espiritismo curar o ser interno ao invés da roupagem que o reveste? Não tem por objetivo a reencarnação a necessidade reparadora e a aquisição de novos conhecimentos para não mais se incidir no erro? Observei que os clientes de maneira

alguma interessaram se pelas informações espíritas, que são as respostas dos céus a todos os questionamentos e problemas humanos. A preocupação generalizada era a de receber o tratamento que aqui deveriam fazer e fugir do ambiente quanto antes, como quem desejasse o direito de não assumir qualquer tipo de compromisso... – Sim — respondeu o insensato, inspirado por um hábil mistificador, que se fizera responsável pelas mudanças ocorridas na sociedade – essa é a função do Espiritismo, sem dúvida, mas nunca deveremos esquecer da caridade imediata, conforme Jesus a fazia. – O Mestre, porém – respondeu o convidado – quando atendia os enfermos do corpo e da alma, sempre lhes perguntava se desejavam que Ele os curasse, e após atendê-los, recomendava com ênfase: “(...) não peques Trátíw” (comprometer-se moralmente), “para que não te suceda alguma coisa pior? (João: 5, 14). Não desejo desconsiderar a terapêutica aplicada, e confesso desconhecer os benefícios que propicia, embora respeite-a, mas penso que o Centro Espírita não pode ser transformado em uma clínica de terapias alternativas, competindo com aquelas especialmente programadas para esse fim. O nosso compromisso é com o ser integral, a partir do espírito, e não apenas com uma parte dele, como seja, o problema que cada um expressa no momento. Perturbando-se, o dirigente, com o humor alterado, irritando-se com as descargas de fluidos deletérios que lhe eram aplicadas pelo símile desencarnado, foi rude: – Você não foi convidado para vir ensinar-me o que devo fazer, na minha Casa... – “Sem dúvida – redarguiu, tranquilo, o trabalhador espírita — que não venho ensinar-lhe o que o senhor deve saber, já que se investiu na condição de orientador de vidas. Apenas respondo-lhe às informações com as explicações espíritas, que o senhor, por certo conhece, embora não as aplique na prática. Transformar uma entidade espírita em uma clínica desse porte, não apenas é um desrespeito à Doutrina, que não se deve encarregar desse mister, como também é um atentado à saúde pública, porquanto as autoridades sanitárias não lhe concederam permissão para essa função, nem aqueles que aplicam esses recursos estão credenciados com o conhecimento acadêmico para exercer a atividade terapêutica, que executam, sem real habilidade para tanto, em face de serem todos autodidatas... Ademais, desde Jesus, quando atendia aos necessitados de todo jaez, que aprendemos com Ele, que nada se deve receber em volta quando se pretende dar algo, especialmente na área da recuperação da saúde, porque os benefícios procedem do Pai e dele, através dos seus mensageiros, que nada recebem em retribuição. Trata-se do “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus: 10, 8), meu caro amigo, que não podemos esquecer. Confesso-lhe que me sinto impulsionado a dizer-lhe isso por amigos espirituais que nos

amam, sem qualquer censura de minha parte, mas por dever de honestidade para comigo mesmo que repudio esse tipo de caridade enganosa e por amor à Doutrina que nos irmana e deve ser preservada com dignidade. Reconheço que isso o desagrada, mas foi o amigo quem me convidou com insistência a vir aqui para expor a Doutrina, e eu não poderia ter outro comportamento, senão o de lealdade”... O clima psíquico ficara pesado, mesmo porque outros membros da sociedade acompanharam o visitante e ouviram o diálogo franco, ficando algo surpreendidos, pois que nunca se haviam preocupado em pensar na aplicação digna dos objetivos da Doutrina Espírita, deixando-se arrastar pelo entusiasmo sem sentido. Confunde-se muito, normalmente, humildade com covardia moral, mediante a qual o espírita, o cristão, deve concordar com tudo que lhe dizem e lhe apresentam, para não desagradar a ninguém. Além de absurda essa proposta, a mesma fere a lógica e a ética, porque silenciar ante o erro é estimulá-lo, concedendo-lhe validade, e calar a verdade quando se é indagado sobre ela, significa pusilanimidade... Não desgostando aquele que atua equivocadamente, dever-se-á conspurcar o que é digno, como, por exemplo, o Espiritismo? Jesus jamais assumiu essa postura de anuência com o erro, o delito, a indignidade, fazendo proselitismo de arrastamento. Kardec, da mesma forma, na sua condição de missionário da Era nova, sempre manteve o padrão da verdade acima das conveniências em relação aos indivíduos e aos grupos humanos... Ambos preferiram ser menos simpáticos aos dilapidadores da verdade do que infieis às tarefas de que se encontravam revestidos. O espírito perverso que assessorava o presidente estorcegava na raiva e transmitia-a ao seu parceiro emocional que, assumindo a presunçosa condição de dono da Casa, encerrou o encontro, rispidamente: – Penso que nada mais temos a comentar. Assim, considero dispensável a sua presença nesta Casa que dirijo... Era só o que me faltava aparecer! – “Com muito prazer e, sinceramente, sinto-me feliz por havê-lo advertido pessoalmente, sem qualquer agressão, a respeito da malversação do patrimônio que herdou dos nobres trabalhadores do passado, que lamentam a transformação da veneranda entidade em um mercado de pseudocuras. Por fim, lembraria ao amigo que a Casa não é sua, nem de ninguém, é recurso material concedido pelos céus e de que se necessita temporariamente para o atendimento de uma finalidade específica, que não está sendo respeitada, havendo sido erguida com sacrifícios dos seus pioneiros fundadores para a divulgação e a prática da Doutrina Espírita, conforme a recebemos do insigne Codificador e dos seus continuadores. Agradeço-lhe o convite para que aqui viesse, porque verifico a necessidade que o amigo tem de conhecer o Espiritismo, descendo do trono da arrogância de chefe para a

posição de aprendiz, que o somos todos da vida.” Sem demonstrar qualquer mal-estar, caminhou na direção da porta, ante o constrangimento de diversos outros diretores que despertaram, nesse breve diálogo, para a constatação do que já sentiam como errado e não se encorajavam a verbalizar. Na próxima reunião da diretoria, os membros que acompanharam a conversa enérgica, encorajados pela limpidez do pensamento espírita, censuraram o comportamento do presidente, que praticamente se indispôs com os mesmos, tomado de ira. Havia sido criado o ambiente para futuros estudos em torno do assunto, que resultariam, bem mais tarde, com o retorno às lides espíritas, a supressão da terapia que se encontrava em lugar indevido e a transformação do lar, de internamento para uma creche-escola de resultados muito mais positivos, dentro dos padrões da caridade que ilumina e que liberta da ignorância, assim como das paixões inferiores. [...] Por ocasião da reunião ordinária de diretoria, um novo grupo assumiu as responsabilidades administrativas, com o afastamento do irmão renitente e agressivo, alterando-se os estatutos e modificando-se a estrutura do lar. As crianças residentes que não tinham familiares continuaram até o momento da maioridade, sem renovação de candidatos, enquanto se iniciavam os serviços da creche escola para as mais necessitadas do bairro, especialmente aquelas cujas mães trabalhavam e não tinham com quem deixar os filhinhos, mais dignificando-se. É meritório auxiliar, porém, é mais importante transformar o auxílio em salário, elevar o necessitado à condição de adquirente dos recursos indispensáveis à condução da própria existência. Por isso, a Lei do Trabalho é de relevância, porquanto, ademais dos recursos que propicia a quem labora, eleva o indivíduo e, por extensão, a sociedade, a patamares dignificadores. Desse modo, o labor com Jesus, sem qualquer balbúrdia, reconquistou os espaços naquela agremiação, que a imprevidência de alguns amigos permitira perder-se.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 17)

“**Atividades incessantes.** [...] Reflexionava em torno das atividades socorristas a alguns companheiros espiritistas e suas sociedades, quando José Petitinga me convidou a uma visita especial. Tratava-se de um núcleo espírita respeitável, que se mantinha fiel à Codificação, onde o amor e a caridade se davam reciprocamente, utilizando-se da iluminação interior e do socorro externo, de modo que todos quantos o buscavam sempre recebiam respostas afetivas e ajuda especial, porque, na casa em que Jesus opera, sempre existe fartura, embora, às vezes, escasseiem recursos amoedados. A invitation favorecia-me com nova oportunidade de aprendizado junto ao querido amigo e Benfeitor espiritual. Ao entardecer, chegamos à agremiação, algumas horas antes do início das atividades

doutrinárias e de acolhimento moral e espiritual aos necessitados. De regular distância, eu podia ver que o edifício de amplas proporções estava tomado por uma especial luminosidade que dele se exteriorizava. Percebendo-me a indagação silenciosa, o amigo espiritual esclareceu-me: As ações de benemerência e a prática do Espiritismo dentro dos seus paradigmas, conforme estatuídos na Codificação, aí encontram o devido respeito e consideração. A seriedade com que são tratados os problemas e discutidas as responsabilidades, têm no Evangelho de Jesus as diretrizes de segurança, de forma que a concórdia e a caridade aí gozam de primazia. Desde a sua fundação, que teve lugar durante a ditadura getulista, num momento de muitas dificuldades políticas para o Brasil, que a equipe de trabalhadores compreendeu a magnitude e a responsabilidade de um empreendimento de tal porte, tudo aplicando em favor da correta divulgação da Doutrina Espírita. Desencarnados, alguns dos pioneiros, ei-los que continuam ativos do nosso lado, dando prosseguimento ao ministério iniciado no transcurso da existência física. O bem, o dever e a responsabilidade na prática da caridade geram energias poderosas que defendem o recinto onde são vivenciados, protegendo todos aqueles que se empenham pelo realizar. Observei que a movimentação de entidades desencarnadas, portadoras de elevado padrão moral, assim como de sofrendores necessitados de amparo, era expressiva, embora ainda não fosse a hora de atendimento. – Onde se realiza o culto dos deveres nobres – acudiu-me o amigo gentil – não existem horas determinadas, porquanto em todos os momentos revezam-se as equipes de servidores atentos aos compromissos. As atividades dedicadas aos encarnados não interferem naquelas normais em nosso plano, complementando-se em harmoniosa identificação de propósitos e de finalidades. Também notei, quando chegamos à entrada, que o edifício era defendido por uma verdadeira muralha fluídica, em torno da qual diversos espíritos, que pertenceram a algumas etnias no país montavam guarda, joviais e diligentes. Novamente, Petitinga, sempre atento, informou-me: — Como não ignoramos, as obras do Senhor são credoras de afeto e de proteção, normalmente recebendo voluntários desencarnados que se oferecem para servir dentro das suas possibilidades, nas mais diferentes funções, especialmente como vigilantes e visitantes. O Senhor a todos nos concede a oportunidade de crescimento e aceita qualquer tipo de cooperação, mediante a qual crescemos interiormente. Adentramo-nos no recinto, que rescendia perfume e encontrava-se iluminado por peregrina e diáfana claridade. Mais uma vez, o gentil Benfeitor, auxiliou-me: – A prece, ungida de amor, gratulatória, intercessória, suplicante, seja qual for a sua expressão, produz vibrações perfumadas no ambiente

onde é proferida, produzindo uma psicossfera de paz e de renovação de forças, quando sistematicamente preservada. O simples ato de se estar presente em recinto desta natureza, já nos favorece, a todos, de ambos os planos, com recursos benéficos, dependendo da capacidade de cada um em absorver os seus eflúvios em expansão. A oração é sempre o vigoroso tônico de que o espírito necessita para poder servir e esclarecer-se, a fim de alcançar a iluminação. Quando se ora, comunga-se com Deus. Atravessamos o corredor e, ao chegarmos ao auditório, ei-lo repleto de desencarnados e de alguns poucos companheiros no corpo físico, lendo e meditando, enquanto aguardavam o início da reunião programada para as 20h. Naquele comenos, realizava-se um serviço espiritual de conforto aos espíritos sofredores, promovido pelo fundador da agremiação, logo seguido pelo atendimento com passes ministrados por dedicada equipe de desencarnados. Acompanhamos a etapa final do trabalho, após o que, nosso irmão Felipe, o venerando Guia espiritual, acercou-se-nos com júbilo indisfarçável e, após saudar-nos, quando fomos apresentados, manteve com o amigo Petitinga uma conversação, na qual explicitou a razão do convite que nos fora feito. Tratava-se de uma paciente que deveria vir ao atendimento fraterno, em busca de orientação espiritual para uma grave decisão que seria tomada. [...] Enquanto não chegava o momento, o novo amigo convidou-nos a visitar a Casa e os seus vários departamentos de amor, nos quais a caridade exercia papel preponderante ao lado da preocupação de libertar as consciências da ignorância em torno da existência e das suas complexidades, em face da imortalidade do espírito. Em toda parte, havia ordem e se primava pelo equilíbrio. Os membros encarnados eram conscientes da magnitude do trabalho que desenvolviam, realizando-o com alegria e seriedade, evitando a bulha e a vulgaridade do anedotário chulo, destacando-se as conversações edificantes fundadas nos postulados da Doutrina. Encontrava-me edificado com o comportamento de todos, demonstrando a gravidade com que encaravam a oportunidade de crescimento espiritual.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 18)

“ATIVIDADES INCESSANTES. Quando se compreender que o Centro Espírita é um reduto dedicado à paz e um santuário para a comunhão com Deus, embora a ausência de símbolos e quaisquer outros sinais exteriores habituais nos institutos religiosos, maior respeito e devotamento serão dedicados aos labores que nele têm lugar. Erguido e mantido pelas vibrações mentais e realizações espirituais dos encarnados e dos desencarnados, torna-se uma ilha de harmonia no mar tumultuado das paixões humanas em desenfreno total. Atividades incessantes nele têm lugar, desde aquelas de natureza transcendental com os Espíritos em

aflição, que são acolhidos e recebem o pábulo da esperança envolto na caridade, até os socorros aos vian-dantes carnavais, que se encontram desarvorados. Ainda muito desconhecida, a Doutrina Espírita é luz na treva da ignorância, proporcionando discernimento em torno dos objetivos essenciais da existência física e do intercâmbio que existe, mesmo inconsciente, entre os dois planos da vida. Invasa pela perversidade de Espíritos vulgares aquele em que nos hospedávamos, não deixava de ser a oficina de bênçãos para as quais havia sido erguido. O transe aflitivo que experimentava era resultado da invigilância de alguns dos seus membros ainda vencidos pela inferioridade moral que não conseguiram superar, porém, em franco processo de reabilitação. O nosso trabalho não tinha outro objetivo, senão o de orientar os inimigos do Cristo que se permitiam as agressões, não apenas contra aquele hospital de almas, mas tudo quanto significava ordem e progresso, ética e moral, disposições saudáveis para a fraternidade e a paz. [...] De imediato, sob a direção do Dr. Bezerra de Menezes, rumamos na direção da venerável Instituição que passava pelos terríveis momentos de inquietação e desestruturação, após decênios de atividades dignificadoras, firmadas nas bases sólidas da Codificação kardequiana. Havia crescido muito, e, para poder ser conduzida com eficiência, lentamente foi quase transformada numa empresa moderna com os requisitos exigíveis pela tecnologia avançada. Especialistas de comunicação e de desenvolvimento foram contratados, e tudo se desenvolvia dentro dos padrões das entidades que objetivam lucro e devem competir no comércio das negociações. Inegavelmente, não podem as Sociedades Espíritas fugir dos impositivos exigidos pelas leis dos diversos países, assim como pelas conquistas tecnológicas que caracterizam o século da ciência e do discernimento. Entretanto, não podem ser consideradas como entidades de lucro fácil, de aplicação de recursos nos jogos das bolsas, nas negociações bancárias, o que termina em transformar-se, perdendo o calor da fraternidade e do saudável contributo do voluntariado da caridade fraternal, dando lugar à presença de funcionários frios e indiferentes aos significados espirituais da Casa, interessados somente em constantes aumentos de salários e posições de relevo para maiores ganhos. Quando isso sucede, empurram-se Jesus e o amor portas afora, mantendo-se os nomes, mas não o espírito de simplicidade e de abnegação, que nunca devem estar distantes do trabalho da solidariedade cristã. Graças, portanto, ao excesso de modernização e de recursos específicos, houve a infiltração de pessoas ambiciosas, facilmente manipuláveis pelas Trevas, que se permitiram adentrar nos labores complexos da administração e provocaram divisionismos e exigências de comodidade, com total esquecimento dos princípios básicos da afetividade e

da humildade. A situação agravava-se de tal forma, que estavam ameaçadas as estruturas espirituais do formoso trabalho agora entre ofensores uns dos outros, interessados em destruí-los, desmoralizá-los, sob o falso pretexto de zelo doutrinário. Em vez do diálogo honesto e franco, sem melindres nem ofensas, recorria-se a maledicência e a calúnia, sob o infeliz domínio dos egos inflados de salvadores do bem. Ali se havia instalado uma célula espiritual onde se encontravam também os inimigos do Cristo, que pertenciam ao mesmo grupamento infeliz do mulá que havíamos atendido. No momento, quando chegamos, os servidores da fraternidade, estava sendo preparada uma reunião do Conselho administrativo para análise de contas e orçamento previsto para o futuro. A divisão entre os servidores era visível, cada grupo fazendo questão de não ocultar a rebelião interna e o interesse de anulação do outro. O fundador da Casa, nosso irmão Hermínio, não escondia as preocupações, e, demonstrando apreensão em torno dos próximos acontecimentos, acolheu-nos com alegria, mantendo a esperança de resultados favoráveis ao Bem, a união. Alguns dos presentes não conseguiram desembaraçar-se dos fluidos morbosos dos inimigos desencarnados que, ultimamente, inspiravam as discussões que sempre resultavam em maior soma de descontentamento. [...] Compadecido dos corações amigos que ali se encontravam, Dr. Bezerra de Menezes direcionou o pensamento ao diretor da reunião, que não disfarçava sofrimento íntimo e estimulou-o a expor: – Não ignoramos o período grave que estamos vivendo em nossa Casa, não importando de quem seja a responsabilidade, porquanto todos estamos no mesmo barco e temos assumido juntos todos os compromissos, alguns dos quais de resultado perturbador. Acusarmo-nos reciprocamente não solucionará os problemas, pelo contrário, torná-los-á de maior dimensão, avançando rumo ao escândalo. E o escândalo somente piorará a situação delicada em que todos nos encontramos. “O conhecimento da Doutrina Espírita revela-nos que, além dos adversários encarnados que todos temos, quando estamos dedicados ao Bem, existem aqueles que se encontram desvestidos de matéria e que se comprazem em gerar embaraços e destruir a obra de Jesus na Terra. “Não é a primeira vez que somos chamados pelo Mestre para o Seu ministério. Fracassamos, não poucas vezes, assumindo graves responsabilidades. Esta é uma oportunidade rara, especial, em face do conhecimento da imortalidade e da reencarnação que nos norteia o passo. “Necessitamos de unir-nos no esforço da fraternidade, a fim de, caminhando juntos, contribuirmos com os guias da Humanidade em benefício da sociedade feliz da Nova Era. “O apóstolo Paulo nos fala da urgência de continuarmos o trabalho, qual ele o fez, mesmo que nos encontremos com os joelhos desconjuntados. “Nos dias

apostólicos, por ocasião do grande encontro em Jerusalém, por volta do ano 49 da nossa era, a divisão dos companheiros era quase inevitável, especialmente entre os comportamentos de Pedro e de Paulo, em relação à circuncisão dos gentios que desejavam abraçar o Evangelho. Estavam em debate os preceitos do Judaísmo e os da pureza do Evangelho, que a todos se dirigia sem qualquer exigência... A reunião estava sendo tensa e, no momento culminante, Pedro, evocando Jesus, apaziguou os ânimos, concordando com Paulo e humildemente lhe pedindo perdão, num gesto que desarmou os litigantes. “Essa atitude de elevação evitou um dissídio lamentável entre os servidores mais abnegados do Mestre crucificado, preservando-se a unidade doutrinária. “Não temos alternativa, senão unir-nos em torno dos ideais espíritas e cristãos que vicejam em nossa Casa, levantá-la da situação em que se encontra e mantermos a união, porque, se nos dividirmos, o desastre será o desabamento da veneranda edificação. “Desse modo, contamos com a complacência de todos os membros deste Conselho, o que não equivale dizer anuência com o que esteja errado, esforçando-nos por corrigir o que seja possível e evitar futuros comprometimentos desse gênero.” Fez uma pausa oportuna, enquanto todos os membros ouviam no com respeito, inclusive os mais fervorosos adversários. Utilizando-se do clima psíquico e emocional, o irmão Virgílio Almeida, telementalizado pelo benfeitor, acercou-se dos companheiros sob pressão perturbadora e, utilizando-se de recursos magnéticos, afastou os seus obsessores, que se puseram a clamar revoltados e saíram prometendo desforço. A reunião prosseguiu em outro clima, qual se a fraternidade voltasse aos amigos, e foram tomadas providências especiais para minimizar as consequências dos problemas graves, abrindo perspectivas de soluções em médio prazo. Terminadas as discussões e programadas as diretrizes que poderiam atender e diminuir as preocupações gerais, um ar de esperança animou-os a todos, que puderam conversar com mais serenidade e respeito pelas opiniões diversas, credoras de consideração.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 13)

I.3. Férias nas sociedades ou centros espíritas

“O último dia do Carnaval apresentava-se portador de excessos de toda natureza. Pairava, no ar, uma psicofera tóxica, de alucinação. A pândega tomava um aspecto surpreendente e os exageros haviam marcado encontro nas avenidas e clubes da Cidade. Era como se tudo devesse consumir-se logo depois, o que estimulava à consumpção durante. Festa dos corpos, dos sentidos físicos, as criaturas esqueciam-se dos escrúpulos, do pudor, confundindo-se numa

linha comum de alienação. Grupos de trabalhadores espirituais sucediam-se em assistência, como a cuidar de crianças inexperientes em situações difíceis. Nem sempre, é claro, as providências desses beneméritos amigos resultavam favoráveis ou exitosas, do nosso ponto de vista, o que também não representava fracasso, porquanto o *contágio* do bem, embora rápido, sempre deixa impregnação amena. Perlustrando o caminho de acesso à entrada, encontrei o irmão Genézio Duarte, o consciente responsável por aquele setor. Ele passava o encargo a simpático colaborador, despedindo-se, afavelmente. Ao ver-me, falou, jovial: – Ia ao seu encontro, logo daqui me afastasse. Desejava convidá-lo para participar da nossa reunião mediúnica, logo mais, na Casa Espírita onde mourejei durante a última etapa carnal. Antes que eu respondesse, informou-me: – O nosso Benfeitor autorizou-me fazer-lhe a invitation e estará presente, participando como habitualmente o faz, na conclusão das tarefas mais delicadas. Trata-se de uma reunião de socorro aos desencarnados, dentro da programática que aqui nos mantém nestes dias, incluindo consolação a algumas pessoas aflitas pela *perda* de familiares queridos e que ora laboram em nossa Instituição. Aquiesci, preste-me, indagando, por minha vez: – Será uma reunião medianímica de tarefas habituais ou extraordinárias, considerando ser num dia como o de hoje? O amigo não se fez rogado. – Está surgindo uma corrente – atendeu-me com o esclarecimento que eu desejava – em nossos arraiais doutrinários, que vem apresentando inovações, apoiando-se em teses com que defendem os seus pontos de vista, cuja respeitabilidade não discutimos, mas com os quais não concordamos. Alguns afirmam a necessidade de cerrarem-se as portas das Sociedades Espíritas, nos meses primeiros do ano sob alegação de férias coletivas, palavra que *aqui* não tem qualquer sentido positivo ou útil, já que o trabalho para nós tem primazia, no próprio conceito do Mestre, quando afirma: “Meu Pai até hoje trabalha e eu também trabalho” [João: 5-17. (Nota do Autor espiritual)]. Certamente que o repouso é uma necessidade e se faz normal que muitos companheiros, por motivos óbvios, procurem o refazimento em férias e recreações... Sempre haverá, no entanto, aqueles que permanecem e podem prosseguir sustentando, pelo menos, algumas atividades na Casa Espírita, que deve permanecer oferecendo ajuda e esclarecimento, educando almas pela divulgação dos princípios e conceitos doutrinários com vivência da caridade. “Um outro grupo advoga ser imprescindível fechar-se a Instituição Espírita nos dias de Carnaval e de festas populares outras, por causa das vibrações negativas, para evitar-se perturbações de pessoas alcoolizadas ou vândalos que se aproveitam dessas ocasiões para promoverem desordens. “A Sociedade Espírita, que se

sustenta na realização dos postulados que apregoa, tem estruturas que a defendem, de um como do outro lado da vida. Depois, cumpre aos dirigentes tomar providências, mediante maior vigilância em tais ocasiões, que impeçam a intromissão de desordeiros ou doentes sem condição de ali permanecer. Acautelar-se, em exagero, do mal, é duvidar da ação do bem; temer agir corretamente, constitui ceder o campo à insânia. Nestes dias, nos quais são maiores e mais frequentes os infortúnios, os insucessos, os sofrimentos, é que se deve estar a posto no *lar da caridade*, a fim de poder-se ministrar socorro. Por fim, quanto às vibrações serem mais perniciosas em dias deste porte, não há dúvida. A providência a ser tomada deve constituir-se de reforço de valor e de energias salutarres para enfrentar-se a situação. “Conta-se, que abnegado servidor da mediunidade queixou-se ao Mentor dedicado, sobre as lutas que vinha travando, encontrando-se quase sem forças para prosseguir. As dificuldades sitiavam-no, em forma de familiares exigentes, amigos ingratos, conhecidos Descaridosos para com ele, fragilidade na saúde, interferências espirituais negativas. Após relacionar os fortes impedimentos, rogou ao Benfeitor que o orientasse no procedimento a manter. “O amigo, por sua vez, expôs-lhe: “Um anjo ofereceu a um pupilo querido, que aprendia com ele santificação, em treinamento para vir à Terra, um guarda-chuva; tempos depois doou-lhe galochas de borracha; mais tarde ofertou-lhe um chapéu e uma capa impermeáveis sem dar-lhe maiores explicações. Repentinamente, começou a chover torrencialmente e o candidato à elevação gritou: “- Anjo bom, chove! Que faço?” O sábio orientador respondeu-lhe sem delongas: “- Use o material que lhe dei... Você tem recebido a luz e o discernimento do Evangelho, prosseguiu o Guia, a revelação do Espiritismo, o apoio do Mundo Espiritual, não como prêmio à inutilidade, senão como recurso de alto valor para os momentos difíceis que sempre chegam. Agora desaba a tempestade. Use esses tesouros ocultos que vem guardando e não tema. Enfrente as borrascas que maltratam, porém passam...” O caro Genézio Duarte sorriu, qual ocorreu comigo, e concluiu, bem-humorado: – O médico não teme o contágio do enfermo, porque sabe defender-se; o sábio não receia o ignorante, porque pode esclarecê-lo... Ora, o espírita, realmente consciente, que se não apoia em mecanismos desculpistas, enfrenta as vibrações de teor baixo, armado do escudo da caridade e protegido pela superior inspiração que haure na prece, partindo para o serviço no lugar em que se faz necessário, onde dele precisam.” A argumentação, pela sua lógica, dispensava considerações adicionais. Aguardamos a hora regulamentar em que se dariam os trabalhos, a que se reportara o irmão Genézio.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 17)

II Reuniões espíritas gerais

II.1. Finalidades e tipos de reuniões espíritas

“DAS REUNIÕES EM GERAL. 324. As reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que nelas tomam parte se esclareçam, mediante a permuta das ideias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais, que vamos examinar, porquanto erraria quem as comparasse às reuniões ordinárias. Todavia, sendo, afinal, cada reunião um todo coletivo, o que lhes diz respeito decorre naturalmente das precedentes instruções. Cabe-lhes tomarem as mesmas precauções e preservarem-se dos mesmos escolhos que os indivíduos. Essa a razão por que colocamos em último lugar esse capítulo. Elas apresentam caracteres muito diferentes, conforme o fim com que se realizam; por isso mesmo, suas condições intrínsecas também devem diferir. Segundo o gênero a que pertencem, podem ser *frívolas*, *experimentais* ou *instrutivas*. **325.** As *reuniões frívolas* se compõem de pessoas que só veem o lado divertido das manifestações, que se divertem com as facécias dos Espíritos levianos, aos quais muito agrada essa espécie de assembleia, a que não faltam por gozarem nelas de toda a liberdade para se exibirem. É nessas reuniões que se perguntam banalidades de toda sorte, que se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se lhes põe à prova a perspicácia em adivinhar as idades, ou o que cada um tem no bolso, em revelar segredinhos e mil outras coisas de igual importância. Tais reuniões são sem consequência; mas, como às vezes os Espíritos levianos são muito inteligentes e, em geral, de bom humor e bastante jovialidade, dão-se frequentemente nelas fatos muito curiosos, de que o observador pode tirar proveito. Aquele que só isso tenha visto e julgue o mundo dos Espíritos por essa amostra, ideia tão falsa fará deste, como quem julgasse toda a sociedade de uma grande capital pela de alguns de seus quarteirões. O simples bom-senso diz que os Espíritos elevados não comparecem às reuniões deste gênero, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores. Quem queira ocupar-se com coisas fúteis deve francamente chamar Espíritos levianos, do mesmo modo que para divertir uma sociedade chamaria truões; porém, cometeria uma profanação aquele que convidasse para semelhantes meios individualidades veneradas, porque seria misturar o sagrado com o profano. **326.** As *reuniões experimentais* têm particularmente por objeto a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso que instrutivo. Os incrédulos

saem delas mais admirados do que convencidos, quando ainda outra coisa não viram, e se voltam inteiramente para a pesquisa dos artifícios, porquanto, nada percebendo de tudo aquilo, de boa mente imaginam a existência de subterfúgios. Já outro tanto não se dá com os que hão estudado; esses compreendem de antemão a possibilidade dos fenômenos, e a observação dos fatos positivos lhes determina ou completa a convicção. Se houver subterfúgios, eles se acharão em condições de descobri-los. Nada obstante, as experiências desta ordem trazem uma utilidade, que ninguém ousaria negar, visto terem sido elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível e, para muita gente, constituem poderoso meio de convicção. Sustentamos, porém, que só por só não logram iniciar a quem quer que seja na ciência espírita, do mesmo modo que a simples inspeção de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica de quem não lhe saiba as leis. Contudo, se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores. Voltaremos em breve a este ponto. **327.** As *reuniões instrutivas* apresentam caráter muito diverso e, como são as em que se pode haurir o verdadeiro ensino, insistiremos mais sobre as condições a que devem satisfazer. A primeira de todas é que sejam sérias, na integral acepção da palavra. Importa se persuadam todos que os Espíritos cujas manifestações se desejam são de natureza especialíssima; que, não podendo o sublime aliar-se ao trivial, nem o bem ao mal, quem quiser obter boas coisas precisa dirigir-se a bons Espíritos. Não basta, porém, que se evoquem bons Espíritos; é preciso, como condição expressa, que os assistentes estejam em condições propícias, para que eles *assintam* em vir. Ora, a assembleias de homens levianos e superficiais, Espíritos superiores não virão, como não viriam quando vivos. Uma reunião só e verdadeiramente séria, quando cogita de coisas úteis, com exclusão de todas as demais. Se os que a formam aspiram a obter fenômenos extraordinários, por mera curiosidade, ou pasatempo, talvez compareçam Espíritos que os produzam, mas os outros daí se afastarão. Numa palavra, qualquer que seja o caráter de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a secundar as tendências dos que a componham. Assim, pois, afasta-se do seu objetivo toda reunião séria em que o ensino é substituído pelo divertimento. As manifestações físicas, como dissemos, têm sua utilidade; vão às sessões experimentais os que queiram ver; vão às reuniões de estudos os que queiram compreender; é desse modo que uns e outros lograrão completar sua instrução espírita, tal qual fazem os que estudam medicina, os quais vão, uns aos cursos, outros às clínicas. **328.** A instrução espírita não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. Incumbe-lhe a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas,

a comprovação do que é possível e do que não o é; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência. Ora, fora erro acreditar-se que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários; que só são dignos de atenção os que mais fortemente impressionam os sentidos. A cada passo, eles ressaltam das comunicações inteligentes e de forma a não merecerem desprezados por homens que se reúnem para estudar. Esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de um sem número de circunstâncias fortuitas. Embora de menor relevo, nem por isso menos dignos são do mais alto interesse para o observador, que neles vai encontrar ou a confirmação de um princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo, que o faz penetrar um pouco mais nos mistérios do mundo invisível. Isso também é filosofia. **329.** As reuniões de estudo são, além disso, de imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, para aqueles, sobretudo, que seriamente desejam aperfeiçoar-se e que a elas não comparecerem dominados por tola presunção de infalibilidade. Constituem um dos grandes tropeços da mediunidade, como já tivemos ocasião de dizer, a obsessão e a fascinação. Eles, pois, podem iludir-se de muito boa fé, com relação ao mérito do que alcançam e facilmente se concebe que os Espíritos enganadores têm o caminho aberto, quando apenas lidam com um cego. Por essa razão é que afastam o seu médium de toda fiscalização; que chegam mesmo, se for preciso, a fazê-lo tomar aversão a quem quer que o possa esclarecer. Graças ao insulamento e à fascinação, conseguem sem dificuldade levá-lo a aceitar tudo o que eles queiram. Nunca será demais repetir: aí se encontra não somente um tropeço, mas um perigo; sim, verdadeiro perigo, dizemos. O único meio, para o médium, de escapar-lhe é a análise praticada por pessoas desinteressadas e benevolentes que, apreciando com sangue frio e imparcialidade as comunicações, lhe abram os olhos e o façam perceber o que, por si mesmo, ele não possa ver. Ora, todo médium que teme esse juízo já está no caminho da obsessão; aquele que acredita ter sido a luz feita exclusivamente em seu proveito está completamente subjugado. Se tomar a mal as observações, se as repele ou se irritar ao ouvi-las, dúvida não cabe sobre a natureza má do Espírito que o assiste. Temos dito que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para perceber os erros; que pode deixar-se iludir por palavras retumbantes e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, tudo na maior boa fé. Por isso é que em falta de luzes próprias, deve ele modestamente recorrer à dos outros, de acordo com estes dois adágios: quatro olhos veem mais do que dois e — ninguém é bom juiz em causa própria. Desse ponto de vista é que são de grande utilidade para o médium as reuniões, desde que se mostre bastante sensato para ouvir as opiniões que se lhe

deem, porque ali se encontrarão pessoas mais esclarecidas do que ele e que apanharão os matizes, muitas vezes delicados, por onde trai o Espírito a sua inferioridade. Todo médium, que sinceramente deseje não ser joguete da mentira, deve, portanto, procurar produzir em reuniões sérias, levando-lhes o que obtenha em particular, aceitar agradecido, solicitar mesmo o exame crítico das comunicações que receba. Se estiver às voltas com Espíritos enganadores, esse o meio mais seguro de se desembaraçar deles, provando-lhes que não o podem enganar. Aliás, ao médium, que se irrita com a crítica, tanto menos razão assiste para semelhante irritação, quanto o seu amor-próprio nada tem que ver com o caso, pois que não é seu o que lhe sai da boca, ou do lápis, e que mais responsável não é por isso, do que o seria se lesse os versos de um mau poeta. Insistimos nesse ponto, porque, assim como esse é um escolho para os médiuns, também o é para as reuniões, nas quais importa não se confie levemente em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de qualquer médium obsidiado, ou fascinado, lhes seria mais nocivo do que útil; não devem elas, pois, aceitá-lo. Julgamos já ter expendido observações suficientes, de modo a tornar-lhes impossível equivocar-se acerca dos caracteres da obsessão, se o médium não a puder reconhecer por si mesmo. Um dos mais evidentes é, da parte deste, a pretensão de ter sempre razão contra toda gente. Os médiuns obsidiados, que se recusam a reconhecer que o são, se assemelham a esses doentes que se iludem sobre a própria enfermidade e se perdem, por não se submeterem a um regime salutar.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIX)

“ASSUNTOS DE ESTUDO. 343. Os que evocam seus parentes e amigos, ou certas personagens célebres, para lhes comparar as opiniões de além-túmulo com as que sustentavam quando vivos, ficam, não raro, embaraçados para manter com eles a conversação, sem caírem nas banalidades e futilidades. Pensam muitas pessoas, ao demais, que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série das questões de moral e de filosofia. É um erro. Por isso julgamos útil indicar a fonte donde se pode tirar assuntos de estudo, por assim dizer inesgotáveis. **344.** Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente proveitosa, pelos ensinamentos que eles nos dão, a dos Espíritos vulgares não o é menos, embora esses Espíritos sejam incapazes de resolver as questões de grande alcance. Eles próprios revelam a sua inferioridade e, quanto menor é a distância que os separa de nós, mais os reconhecemos em situação análoga à nossa, sem levar em conta que frequentemente nos manifestam traços característicos do mais alto interesse, conforme explicamos acima, no número 281, falando da utilidade das evocações particulares. Essa é, pois, uma mina inexaurível de observações, mesmo quando o experimentador se limite

a evocar aqueles cuja vida humana apresente alguma particularidade, com relação ao gênero de morte que teve, à idade, às boas e más qualidades, à posição feliz ou desgraçada que lhes coube na Terra, aos hábitos, ao estado mental, etc. Com os Espíritos elevados, amplia-se o quadro dos estudos. Além das questões psicológicas, que têm um limite, pode propor-se-lhes uma imensidade de problemas morais, que se estendem ao infinito, sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a ser observada em tal ou qual circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos, etc. O valor da instrução que se receba, acerca de um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico, ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga. Cabe-nos a nós julgar. **345.** Além das evocações propriamente ditas, as comunicações espontâneas proporcionam uma infinidade de assuntos para estudo. No caso de tais comunicações, tudo se cifra em aguardar o assunto de que praza ao Espírito tratar. Nessa circunstância, muitos médiuns podem trabalhar simultaneamente. Algumas vezes, poder-se-á chamar determinado Espírito. De ordinário, porém, espera-se aquele que queira apresentar-se, o qual, amiúde, vem da maneira mais imprevista. Esses ditados servem, depois, para um sem-número de questões, cujos temas se acham assim preparados de antemão. Devem ser comentados cuidadosamente, para apreciação de todas as ideias que encerrem, julgando-se se eles têm o cunho da verdade. Feito com severidade, esse exame, já o dissemos, constitui a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos mistificadores. Por este motivo, tanto quanto para instrução de todos, bom será dar conhecimento das comunicações obtidas fora das sessões. Como se vê, uma fonte aí há inestancável de elementos sobremaneira sérios e instrutivos. **346.** Os trabalhos de cada sessão podem regular-se conforme se segue: 1ª *Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo.* 2ª *Relatórios diversos.* — Correspondência. — Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. — Narrativa de fatos que interessem ao Espiritismo. 3ª *Matéria de estudo.* — Ditados espontâneos. — Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. — Evocações. 4ª *Conferência.* — Exame crítico e analítico das diversas comunicações. — Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita. **347.** Os grupos recém-criados se veem, às vezes, tolhidos em seus trabalhos pela falta de médiuns. Estes, não há negar, são um dos elementos essenciais às reuniões espíritas, mas não constituem elemento indispensável e fora erro acreditar-se que sem eles nada se pode fazer. Sem dúvida, os que se reúnem apenas com o fim de realizar experimentações não podem, sem médiuns, fazer mais do que façam músicos, num concerto, sem instrumentos. Porém, os que objetivam o estudo sério, a esses se

deparam mil assuntos com que se ocupem, tão úteis e proveitosos, quanto se pudessem operar por si mesmos. Acresce que os grupos possuidores de médiuns estão sujeitos, de um momento para outro, a ficar sem eles e seria de lamentar que julgassem só lhes caber, nesse caso, dissolverem-se. Os próprios Espíritos costumam, de tempos a tempos, levá-los a essa situação, a fim de lhes ensinarem a prescindir dos médiuns. Diremos mais: é necessário, para aproveitamento dos ensinamentos recebidos, que consagrem algum tempo a meditá-los. As sociedades científicas nem sempre têm ao seu dispor os instrumentos próprios para as observações e, no entanto, não deixam de encontrar assuntos de discussão. À falta de poetas e de oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos. As sociedades religiosas meditam as Escrituras. As sociedades espíritas devem fazer o mesmo e grande proveito tirarão daí para seu progresso, instituindo conferências em que seja lido e comentado tudo o que diga respeito ao Espiritismo, pró ou contra. Dessa discussão, a que cada um dará o tributo de suas reflexões, saem raios de luz que passam despercebidos numa leitura individual. A par das obras especiais, os jornais formigam de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de rasgos de virtudes ou de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode apresentar, constituindo isso ainda um meio de se provar que ele se prende a todos os ramos da ordem social. Garantimos que a uma sociedade espírita, cujos trabalhos se mostrassem organizados nesse sentido, munida ela dos materiais necessários a executá-los, não sobraria tempo bastante para consagrar às comunicações diretas dos Espíritos. Daí o chamarmos para esse ponto a atenção dos grupos realmente sérios, dos que mais cuidam de instruir-se, do que de achar um passatempo. (Veja-se o nº 207, no capítulo *Da formação dos médiuns*)” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIX)

“Ressalvadas outras finalidades expressivas, as sessões práticas ou mediúnicas do Espiritismo assumem, igualmente, a função consoladora, pelo lenir de saudades e diminuir de dores que propiciam, através do abençoado intercâmbio espiritual, não somente das Entidades Veneráveis, como daquelas que sofrem, ensinando pela dor a correta vivência do amor... Mas também, pelo facultar o retorno dos seres amados ao convívio afetoso, pela palavra oral ou escrita, nas materializações ou nas fortes induções mentais de caráter intuitivo. Escola de bênçãos superiores, a sessão de intercâmbio é medicação para os Espíritos de ambos os lados da vida, estímulo e prova da sobrevivência, por cujo valioso concurso assumem-se responsabilidades morais e coragem para vencer as vicissitudes do caminho de ascensão...” [...] “No Tabor, o Mestre, acompanhado dos discípulos amados,

procedeu a memorável sessão mediúnica, quando se transfigurou e parou com Moisés e Elias totalmente materializados, examinando questões de alta relevância ao esplendor do dia. Logo desceu do monte, prosseguiu no mesmo clima, quando atendeu ao obsessor que atormentava um jovem, que convulsionava sob sua truculência, babando e gemendo com crises epileptiformes, ficando desmaiado e com filetes de sangue nos lábios. O Senhor repreendeu-o com a Sua autoridade e o expulsou, liberando o paciente, cuja prova terminava sob as bênçãos do amor... “Ali se realizara uma perfeita fluidoterapia com o obsessor, socorro ao obsessor e um intercâmbio superior com os líderes israelitas desencarnados, qual ocorre nos trabalhos espíritas práticos, sob os rígidos códigos da moral evangélica. [...] “Por outro lado, todo o monumento doutrinário do Espiritismo foi construído mediante as incomparáveis demonstrações e pesquisas mediúnicas a que Allan Kardec procedeu, oferecendo-nos uma Obra insuperável, que depois de um século ainda é muito desconhecida, mesmo dos que a estudam com carinho e afino. Nunca estarão ultrapassadas as realizações mediúnicas de proveito incontestável, além do poder que exercem para fazer novos adeptos que então passam a interessar-se pelo estudo da Doutrina e seu aprofundamento. [...] “Declaro-vos – afirmou Jesus, conforme anotou Lucas no capítulo dezenove, versículo quarenta – que se estes se calarem, as pedras falarão,” que podemos interpretar em linguagem espírita como, ao se calarem os discípulos do Evangelho, por medo ante as conveniências mundanas, pelos preconceitos ou vitimados pelos interesses mesquinhos, como tem acontecido, as *pedras* que guardam os *mortos* rompem-se, *falam*, já que os desencarnados, não mais submetidos às conjunturas terrenas, proclamam a verdade sem peias nem conciliações com o erro. “Respeitamos todas as criaturas nos degraus em que estagiam, no seu processo de evolução espiritual. Entretanto, valorizamos os trabalhadores anônimos da mediunidade, os que formam os círculos espirituais de assistência aos desencarnados e de intercâmbio conosco pelo sacrifício, abnegação e fidelidade com que se dedicam ao fardo da consolação e da caridade que flui e reflui nas sessões mediúnicas de todas as expressões sérias: de *curas* ou fluidoterapia, de desobsessão, de desenvolvimento ou de educação da mediunidade, de materialização com objetivos sérios e superiores, favorecendo o exercício das várias faculdades mediúnicas para a edificação e vivência do bem. “Esses trabalhadores incompreendidos, muitas vezes afadigados, estão cooperando eficazmente, no esquecimento a que muitos os relegam, com os Benfeitores da Humanidade, na construção do Mundo Novo de amanhã pelo qual todos anelamos.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 16)

II.2. Requisitos essenciais para reuniões e comunicações espíritas sérias

“**330.** O objetivo de uma reunião séria deve consistir em afastar os Espíritos mentirosos. Incorreria em erro, se supusesse estar ao abrigo deles, pelos seus fins e pela qualidade de seus médiuns. Não o estará, enquanto não se achar em condições favoráveis. A fim de que bem compreenda o que se passa em tais circunstâncias, rogamos ao leitor se reporte ao que dissemos acima, no nº 231, sobre a *Influência do meio*. Imagine-se que cada indivíduo está cercado de certo número de acólitos invisíveis, que se lhe identificam com o caráter, com os gostos e com os pendores. Assim sendo, todo aquele que entra numa reunião traz consigo Espíritos que lhe são simpáticos. Conforme o número e a natureza deles, podem esses acólitos exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações influência boa ou má. Perfeita seria a reunião em que todos os assistentes, possuídos de igual amor ao bem, consigo só trouxessem bons Espíritos. Em falta da perfeição, a melhor será aquela em que o bem suplante o mal. Muito lógica é esta proposição, para que precisemos insistir. **331.** Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for. Se houver compreendido bem o que foi dito (nº 282, pergunta 5), sobre a maneira por que os Espíritos são avisados do nosso chamado, facilmente se compreenderá o poder da associação dos pensamentos dos assistentes. Desde que o Espírito é de certo modo atingido pelo pensamento, como nós somos pela voz, vinte pessoas, unindo-se com a mesma intenção, terão necessariamente mais força do que uma só; mas, a fim de que todos esses pensamentos concorram para o mesmo fim, preciso é que vibrem em uníssono; que se confundam, por assim dizer, em um só, o que não pode dar-se sem a concentração. Por outro lado, o Espírito, em chegando a um meio que lhe seja completamente simpático, aí se sentirá mais à vontade. Sabendo que só encontrará amigos, virá mais facilmente e mais disposto a responder. Quem quer que haja acompanhado com alguma atenção as manifestações espíritas inteligentes, forçosamente se há convencido desta verdade. Se os pensamentos forem divergentes, resultará daí um choque de ideias desagradável ao Espírito e, por conseguinte, prejudicial à comunicação. O mesmo acontece com um homem que tenha de falar perante uma assembleia: se sente que todos os pensamentos seus são simpáticos e benévolos, a impressão que recebe reage sobre as suas próprias ideias e lhes dá mais vivacidade. A unanimidade desse concurso exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que

lhe decuplica os recursos, ao passo que a indiferença, ou a hostilidade o perturbam e paralisam. É assim que os aplausos eletrizam os atores. Ora, os Espíritos muito mais impressionáveis do que os humanos, muito mais fortemente do que estes sofrem, sem dúvida, a influência do meio. Toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível. Está entendido que falamos das em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se o que se quer é apenas obter comunicações, sejam estas quais forem, sem nenhuma atenção à qualidade dos que as deem, evidentemente desnecessárias se tornam todas essas precauções; mas, então, ninguém tem que se queixar da qualidade do produto. **332.** Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião séria, fácil é de compreender-se que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número e bem se concebe que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que estariam dez, se distraídas e bulhentas. Mas, também é evidente que, quanto maior for o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições. Aliás, é fato provado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessoas, são sempre mais favoráveis às belas comunicações, pelos motivos que vimos de expender. **333.** Há ainda outro ponto não menos importante: o da regularidade das reuniões. Em todas, sempre estão presentes Espíritos a que poderíamos chamar *frequentadores habituais*, sem que com isso pretendamos referir-nos aos que se encontram em toda parte e em tudo se metem. Aqueles são, ou Espíritos protetores, ou os que mais assiduamente se veem interrogados. Ninguém suponha que esses Espíritos nada mais tenham que fazer, senão ouvir o que lhes queiramos dizer, ou perguntar. Eles têm suas ocupações e, além disso, podem achar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se efetuam em dias e horas certos, eles se preparam antecipadamente a comparecer e é raro faltarem. Alguns mesmo há que levam ao excesso a sua pontualidade. Formalizam-se, quando se dá o atraso de um quarto de hora e, se são eles que marcam o momento de uma reunião, fora inútil chamá-los antes desse momento. Acrescentemos, todavia, que, se bem os Espíritos preferam a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram meticolosos a esse extremo. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo o que seja pueril. Mesmo fora das horas determinadas, podem eles, sem dúvida, comparecer e se apresentam de boa vontade, se é útil o fim objetivado. Nada, porém, mais prejudicial às boas comunicações do que os chamar a torto e a direito, quando isso nos acuda à fantasia e,

principalmente, sem motivo sério. Como não se acham adstritos a se submeterem aos nossos caprichos, bem pode dar-se que não se movam ao nosso chamado. É então que ocorre tomarem-lhe outros o lugar e os nomes.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIX)

“DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS. [...] SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS. [...] XVII. Meus amigos, deixai que vos dê um conselho, visto que palmilhais um terreno novo e que, se seguides a rota que vos indicamos, não vos transviareis. Tem-se-vos dito uma coisa muito verdadeira, que desejamos relembrar-vos: que o Espiritismo é simplesmente uma moral e que não deverá sair, nem muito, nem pouco, dos limites da filosofia, se não quiser cair no domínio da curiosidade. Deixai de lado as questões de ciência: a missão dos Espíritos não é resolvê-las, poupando-vos ao trabalho das pesquisas; mas, procurai tornar-vos melhores, porquanto é assim que realmente progredireis. *São Luís.* **XVIII.** Zombaram das mesas girantes, nunca zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquelas foram o vestíbulo da ciência; aí, todo aquele que entra tem que deixar seus prejuízos, como deixa a capa. Jamais terei por demasiado concitar-vos a que façais do vosso um centro sério. Que alhures se façam demonstrações físicas, *que alhures se observe, que alhures se ouça: entre vós, compreenda-se e ame-se.* Que supondes sois, aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis que uma mesa gire, ou se levante? Simples colegiais. Passa o sábio o tempo a repetir o *a b c* da ciência? Entretanto, ao ver-vos buscar as comunicações sérias, eles vos consideram como homens sérios, à procura da verdade. *São Luís.* Perguntando nós a São Luís se, com essas palavras, tinha o intento de condenar as manifestações físicas, respondeu ele: “Eu não poderia condenar as manifestações físicas, pois que se elas se produzem, é com permissão de Deus e para um fim proveitoso. Dizendo que foram o vestíbulo da ciência, assino-lhes a categoria que verdadeiramente lhes compete e lhes comprovo a utilidade. Condeno tão somente os que fazem disso objeto de divertimento e de curiosidade, sem tirarem o ensinamento que daí decorre. Elas são, para a filosofia do Espiritismo, o que a gramática é para a literatura, e quem haja chegado a certo grau de conhecimento numa ciência, já não perde o tempo em lhe repassar os elementos.” **XIX.** Meus amigos e fiéis crentes, ditoso me sinto sempre que vos posso dirigir pela senda do bem. É uma suave missão que Deus me confia e de que me desvaneco, porque ser útil é sempre uma recompensa. Que o espírito de caridade vos reúna, tanto da caridade que dá, como da que ama. Mostrai-vos pacientes ante as injúrias dos vossos detratores; sede firmes no bem e, sobretudo, humildes diante de Deus. Somente a humildade eleva.

Essa a grandeza única que Deus reconhece. Só então os bons Espíritos virão a vós; do contrário o do mal se apossaria de vossa alma. Sede benditos em nome do Criador e crescereis aos olhos dos homens, ao mesmo tempo que aos olhos de Deus. *São Luís*. [...] **XXIII**. O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Nunca obtereis preencham essas condições os que somente pela curiosidade sejam conduzidos às vossas reuniões. Convidai, pois, os curiosos a procurar outros lugares, por isso que a distração deles constituiria uma causa de perturbação. Nenhuma conversa deveis tolerar, enquanto os Espíritos estão sendo questionados. Recebeis, às vezes, comunicações que exigem de vós uma réplica séria e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, aos quais muito desagradam, crede-o, os cochichos contínuos de certos assistentes. Daí, em consequência, nada obterdes por completo, nem de verdadeiramente sério. Também o médium que escreve experimenta distrações muito prejudiciais ao seu ministério. *São Luís*.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXXI)

“DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS. [...] SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS. [...] XXII. Perguntastes se a multiplicidade dos grupos, em uma mesma localidade, não seria de molde a gerar rivalidades prejudiciais à Doutrina. Responderei que os que se acham imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina veem unicamente irmãos em todos os espíritas, e não rivais. Os que se mostrassem ciosos de outros grupos provariam existir-lhes no íntimo uma segunda intenção, ou o sentimento do amor-próprio, e que não os guia o amor da verdade. Afirmo que, se essas pessoas se achassem entre vós, logo semeariam no vosso grupo a discórdia e a desunião. O verdadeiro Espiritismo tem por divisa *benevolência e caridade*. Não admite qualquer rivalidade, a não ser a do bem que todos podem fazer. Todos os grupos que inscreverem essa divisa em suas bandeiras estenderão uns aos outros as mãos, como bons vizinhos, que não são menos amigos pelo fato de não habitarem a mesma casa. Os que pretendam que os seus guias são Espíritos melhores que os dos outros deverão prová-lo, mostrando melhores sentimentos. Haja, pois, luta entre eles, mas luta de grandeza d’alma, de abnegação, de bondade e de humildade. O que atirar pedra a outro provará, por esse simples fato, que se acha influenciado por maus Espíritos. A natureza dos sentimentos recíprocos que dois homens manifestem é a pedra de toque para se conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem. *Fénelon*. [...] **XXIV.** Falar-vos-ei da necessidade de observardes, nas vossas sessões, a maior regularidade, isto é, de evitardes toda confusão, toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e quase sempre são estes

que respondem às questões propostas. Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, por que meio se hão de evitar as ideias contraditórias, a distração, ou, ainda pior, uma vaga indiferença zombeteira? Esse meio quisera eu achá-lo eficaz e certo. Talvez esteja na concentração dos fluidos esparsos em torno dos médiuns. Unicamente eles, mas, sobretudo, os que são estimados, retêm na reunião os bons Espíritos. Porém, a influência deles mal chega para dispersar a turba dos Espíritos levianos. É excelente o trabalho de exame das comunicações. Nunca será demais aprofundarem-se as questões e, principalmente, as respostas. O erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se afasta do assunto, que ele esgota logo que o concebeu, a mobilidade e a indiferença para com certas formas convindas, todas estas razões e muitas outras vos criam o dever de só limitada confiança dispensardes ao que obtiverdes, subordinando-o sempre ao exame, ainda quando se trate das mais autênticas comunicações. *Jorge* (Espírito Familiar). [...] **XXVI.** O Espiritismo devera ser uma égide contra o espírito de discórdia e de dissensão; mas, esse espírito, desde todos os tempos, vem brandindo o seu facho sobre os humanos, porque cioso ele é da ventura que a paz e a união proporcionam. Espíritas! Bem pode ele, portanto, penetrar nas vossas assembleias e, não duvideis, procurará semear entre vós a desafeição. Impotente, porém, será contra os que tenham a animá-los o sentimento da verdadeira caridade. Estai, pois, em guarda e vigiai incessantemente à porta do vosso coração, como à das vossas reuniões, para que o inimigo não a penetre. Se forem vãos os vossos esforços contra o de fora, sempre de vós dependerá impedir-lhe o acesso em vossa alma. Se dissensões entre vós se produzirem, só por maus Espíritos poderão ser suscitadas. Mostrem-se, por conseguinte, mais pacientes, mais dignos e mais conciliadores aqueles que no mais alto grau se achem penetrados dos sentimentos dos deveres que lhes impõe a urbanidade, tanto quanto o vero Espiritismo. Pode dar-se que, às vezes, os bons Espíritos permitam essas lutas, para facultarem, assim aos bons, como aos maus sentimentos, ensejo de se revelarem, a fim de separar-se o trigo do joio. Eles, porém, estarão sempre do lado onde houver mais humildade e verdadeira caridade. *São Vicente de Paulo*.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXXI)

“PRECES GERAIS. [...] REUNIÕES ESPÍRITAS. **4.** Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei. (S. MATEUS, 18:20) **5. PREFÁCIO.** Estarem reunidas, em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, não quer dizer que basta se achem materialmente juntas. É preciso que o estejam espiritualmente, em comunhão de

intentos e de ideias, para o bem. Jesus, então, ou os Espíritos puros, que o representam, se encontrarão na assembleia. O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los, caso se tornassem visíveis. Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes. Dizendo as palavras acima transcritas, quis Jesus revelar o efeito da união e da fraternidade. O que o atrai não é o maior ou menor número de pessoas que se reúnam, pois, em vez de duas ou três, houvera ele podido dizer dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que reciprocamente as anime. Ora, para isso, basta que elas sejam duas. Contudo, se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, embora dirigindo-se ambas a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo se ali não estão sob o influxo de um sentimento de mútua benevolência. Caso se olhem com prevenção, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos, longe de se conjugarem por um comum impulso de simpatia, repelem-se. Nesse caso, *não estarão reunidas em nome de Jesus*, que, então, não passa de *pretexto* para a reunião, não o tendo esta por verdadeiro motivo. (Cap. XXVII, nº 9) Isso não significa que ele se mostre surdo ao que lhe diga uma única pessoa; e se ele não disse: “Atenderei a todo aquele que me chamar”, é que, antes de tudo, exige o amor do próximo; e desse amor mais provas podem dar-se quando são muitos os que exoram, com exclusão de todo sentimento pessoal, e não um apenas. Segue-se que, se, numa assembleia numerosa, somente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, ele estará com as primeiras e não com as outras. Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos, em concordância com o espírito de caridade que ele personifica. (Cap. X, nos 7 e 8; cap. XXVII, nos 2 a 4) Tal o caráter de que devem revestir-se as reuniões espíritas sérias, aquelas em que sinceramente se deseja o concurso dos bons Espíritos.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“372 – *Como deveremos entender a sessão espírita?* – A sessão espírita deveria ser, em toda parte, uma cópia fiel do cenáculo fraterno, simples e humilde do Tiberíades, onde o Evangelho do Senhor fosse refletido em espírito e verdade, sem qualquer convenção do mundo, de modo que, entrelaçados todos os

pensamentos na mesma finalidade amorosa e sincera, pudesse a assembleia constituir aquela reunião de dois ou mais corações em nome do Cristo, onde o esforço dos discípulos será sempre santificado pela presença do seu amor. 373 – *Como deve ser conduzida uma sessão espírita, de sua abertura ao encerramento?* – Nesse sentido, há que considerar a excelência da codificação kardequiana, contudo, será sempre útil a lembrança de que as reuniões doutrinárias devem observar o máximo de simplicidade, como as assembleias humildes e sinceras do Cristianismo primitivo, abstando-se de qualquer expressão que apele mais para os sentidos materiais do que para a alma profunda, a grande esquecida de todos os tempos da Humanidade. 374 – *Nas sessões, os dirigentes e os médiuns têm uma tarefa definida e diferente entre si?* – Nas reuniões doutrinárias, os papéis do orientador e do instrumento mediúnico devem estar sempre identificados na mesma expressão de fraternidade e de amor, acima de tudo, mas, existem características a assinalar, para que os serviços espirituais produzam os mais elevados efeitos, salientando-se que os dirigentes das sessões devem ser o raciocínio e a lógica, enquanto o médium deve representar a fonte de água pura do sentimento. É por isso que, nas reuniões onde os orientadores não cogitam da lógica e onde os médiuns não possuem fé e desprendimento, a boa tarefa é impossível, porque a confusão natural estabelecerá a esterilidade no campo dos corações. 375 – *Os agrupamentos espiritistas podem ser organizados sem a contribuição dos médiuns?* – Nas reuniões doutrinárias, os médiuns são úteis, mas não indispensáveis, porque somos obrigados a ponderar que todos os homens são médiuns, ainda mesmo sem tarefas definidas, nesse particular, podendo cada qual sentir e interpretar, no plano intuitivo, a palavra amorosa e sábia de seus guias espirituais, no imo da consciência. 376 – *Há estudiosos da Doutrina que se afastam das reuniões, quando as mesmas não apresentam fenômenos. Como se deve proceder para com eles?* – Os que assim procedem testemunham, por si mesmo, plena inabilitação para o verdadeiro trabalho do Espiritismo sincero. Se preferirem as emoções transitórias dos nervos ao serviço da autoiluminação, é melhor que se afastem temporariamente dos estudos sérios da Doutrina, antes de assumirem qualquer compromisso. A compreensão do Espiritismo ainda não está bastante desenvolvida em seu mundo interior e é justo que prossigam em experiências para alcançá-la. O êxito dos esforços do plano espiritual em favor do Cristianismo redivivo não depende da quantidade de homens que o busquem, mas da qualidade dos trabalhos que militam em suas fileiras.” (EMM, *O consolador*, Segunda parte – Filosofia, Capítulo 4)

“e) **Reuniões sérias.** As reuniões espíritas de qualquer natureza devem revestir-se do caráter elevado da

seriedade. «Não sendo os Espíritos seres outros que não as almas dos homens» que viveram na Terra, não podem eles isentar-se da comunhão imperiosa, resultante das leis da afinidade. Nesse particular, convém não esquecer que os Espíritos desencarnados, pelo simples fato de estarem despidos da indumentária carnal, não são melhores nem piores que os homens, mas continuação destes, plasmados pelo que cultivaram, fizeram e se aprazeram. Elegendo como santuário qualquer lugar onde se vivam as lições incorruptíveis de Jesus, o Espiritismo ensina que o êxito das sessões se encontra na dependência dos fatores-objetivos que as produzem, das pessoas que as compõem e do programa estabelecido. Como requisitos essenciais para uma reunião séria consideremos, pois, as intenções, o ambiente, os membros componentes, os médiuns, os doutrinadores. As intenções, fundamentadas nos preceitos evangélicos do amor e da caridade, do estudo e da aprendizagem, são as que realmente atraem os Espíritos Superiores, sem cuja contribuição valiosa os resultados decaem para a trivialidade, a monotonia e não raro para a obsessão. Não sendo apenas o de construção material, o ambiente deve ser elaborado e mantido por meio da leitura edificante e da oração, debatendo-se os princípios morais capazes de criar uma atmosfera pacificadora, otimista e refazente. Os membros componentes devem esforçar-se por manter os requisitos mínimos de conseguirem instruir-se, elevando-se moral, mental e espiritualmente, através do devotamento contínuo, incessante, para a fixação da ideia espírita de elevação que lhes deve tornar pauta de conduta diária. Os médiuns, semelhantemente aos demais participantes, são convidados ao policiamento interior das emoções, dos pensamentos, das palavras e da conduta, para se tornarem maleáveis às instruções de que porventura poderão ser instrumento. A faculdade mediúnica não os isenta das responsabilidades morais imprescindíveis à própria renovação e esclarecimento, pois que, mais facilmente, os Espíritos Puros se aprazem de utilizar aqueles instrumentos dóceis e esclarecidos, capazes de lhes facilitarem as tarefas a que se propõem. Os doutrinadores têm igualmente a obrigação de se evangelizar, estudando a Doutrina e capacitando-se para entender e colaborar nos diversos mistérios do serviço em elaboração. Na mesma linha de deveres dos médiuns, não se podem descuidar do problema psíquico da sintonia, a fim de estabelecerem contato com os Diretores do Plano Espiritual que supervisionam os empreendimentos de tal natureza. As reuniões espíritas são compromissos graves assumidos perante a consciência de cada um, regulamentados pelo esforço, pontualidade, sacrifício e perseverança dos seus membros. Somente àqueles que sabem perseverar, sem postergarem o trabalho de edificação interior, se fazem credores da assistência dos

Espíritos interessados na sementeira da esperança e da felicidade na Terra — programa sublime presidido por Jesus, das Altas Esferas. Nas reuniões sérias, os seus membros não podem compactuar com a negligência aos deveres estabelecidos em prol da ordem geral e da harmonia, para que a infiltração dos Espíritos infelizes não as transformem em celeiros de balbúrdia, em perfeita conexão com a desordem e o caos. Invariavelmente, as reuniões sérias de estudo ou socorro mediúnico se convertem em educandários para desencarnados que são trazidos por seus mentores. São atraídos pela própria curiosidade ou interessados na sua destruição... Sendo a sociedade do Mundo Espiritual constituída daqueles que viveram na Terra, ou como aí, não faltam os ociosos, os de mente viciada, os parasitas, os perseguidores inveterados, os obsessores cruéis, os infelizes de todo o jaez que deambulam solitários ou em magotes, isolados em si mesmos ou em colônias perniciosas, buscando presas irresponsáveis e inconscientes para o comércio da vampirização... Consequentemente, necessárias se fazem muita vigilância e observação, mesmo porque grande parte desses visitantes é trazida para que o exemplo dos encarnados lhes constitua lição viva de despertamento, mudando-lhes a direção mental e interessando-os na solução dos afligentes problemas que os infelicitam e maceram, mesmo quando disso não se apercebem ou fingem não os experimentar... Para que uma sessão espírita possa interessar os Instrutores Espirituais, não pode abstrair do elevado padrão moral de que se devem revestir todos os participantes, pois que se o cenho carregado e sisudo na Terra pode apresentar um homem como sendo de bem, em verdade, só a exteriorização dos seus fluídos — isto é, a vibração do seu próprio espírito, que é resultante dos atos morais praticados — o distingue das diversas criaturas, oferecendo material específico aos Instrutores Desencarnados para as múltiplas operações que se realizam nos abençoados núcleos spiritistas sérios, que têm em vista o santificante programa da desobsessão espiritual.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Na Sociedade Espírita, os homens devem valer pelos seus requisitos interiores, jamais pelas lantejoulas e aparatos da exterioridade. Como a caridade da discrição abre as portas para o exercício das outras modalidades de socorro, nunca deve ser esquecida no culto das realizações cristãs. A crítica mordaz, a censura azeda e a observação infeliz não podem receber acolhida onde se cultiva a mensagem do Evangelho. A fraternidade na palavra abre os braços para o posicionamento do coração e a atitude da mente, em ação benemérita. Onde se agasalha a parasitose moral, não vigem as medidas profiláticas do espírito do Senhor. No “Francisco Xavier” as atividades edificantes não facultavam

tempo à ociosidade, e nos estudos doutrinários exprobravam-se com veemência as discriminações morais, as frivolidades, arregimentando os servidores para as ações de autoburilamento, base para os empreendimentos de qualquer natureza superior.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 27)

“Após a instrução psicofônica do Orientador, que se utilizou de abnegado médium adestrado nos serviços de intercâmbio espiritual, iniciaram-se as comunicações dos irmãos excruciados pelas dores decorrentes da última jornada malsucedida. Como é certo que nada ocorre e se repete igual, na questão do despertar e conduta *post-mortem*, cada ser é integralmente único sob as injunções que lhe são próprias. Pudemos observar os resultados positivos de uma reunião mediúnica séria, em que os seus membros somavam esforços para colimar os resultados felizes. Todos, médiuns e doutrinadores, irradiavam luzes que diferiam na cor e no tom, correspondendo ao transe em que mergulhavam e à sintonia com as Entidades que se dispunham às *incorporações*. O diligente Mentor supervisionava a nobre tarefa, encaminhando os mais difíceis de comunicar-se, produzindo imantações magnéticas e fluídicas entre eles e os sensitivos, expressivamente receptivos, comportamento esse que facilitava grandemente a operação delicada. Os doutrinadores usavam da terapia da bondade, evitando a discussão inoportuna e transmitindo, com a palavra serena, as vibrações de amor e interesse de renovação, que os pacientes assimilavam de imediato.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 18)

“Sessões espíritas mediúnicas. As reuniões experimentais ou fenomênicas do Espiritismo têm por meta essencial o estudo da imortalidade do espírito e da sua comunicabilidade, do qual surgem as bases seguras para a crença racional em torno da preexistência e da sobrevivência do ser às manifestações biológicas da existência física. Programadas por investigadores conscientes e responsáveis, ensinam o intercâmbio espiritual que permite os diálogos, os estudos e pesquisas compatíveis com a estrutura de que se revestem. Dignas de consideração e de apoio, são responsáveis pelo mister de contribuir com os fatos probantes da supervivência à morte e da realidade da vida antes do berço, no mundo causal onde se origina. No que concerne, porém, às reuniões espíritas mediúnicas, defrontamos compromisso bastante diferenciado no que diz respeito à investigação pura e simples. Programadas pela Espiritualidade, são constituídas por um grupo de pessoas sérias, assíduas e conscientes do seu significado, comprometidas com a ação da caridade em forma de terapêutica eficiente para os desencarnados em aflição. Os espíritos encarregados de executar o labor são os que estabelecem as diretrizes de segurança e roteiros para a ação durante o empreendimento

especializado. Inicialmente, cuidam de organizar as defesas vibratórias para o grupo e para o local onde se desenvolvem, realizando atividades que se caracterizam por construções fluídicas, resistentes às invasões das entidades perversas que se comprazem em criar dificuldades para os membros encarnados. Destacados especialistas para o programa de comunicações, dias antes da sua execução, organizam o mister e selecionam aqueles espíritos que se devem comunicar por meio dos médiuns do grupo, elegendo-os conforme as leis das afinidades fluídicas portadoras de campos vibratórios que facultem o correto fenômeno mediúnico. Quando se trata de ocorrências especiais — comunicações de suicidas, de homicidas, de obsessores, de criminosos cruéis — são esses espíritos conduzidos horas antes, às vezes, com mais de um dia, a fim de serem criados condicionamentos psíquicos que propiciem a diminuição das suas cargas de energia deletéria, de forma que, durante a psicofonia, o médium seja poupado de desgaste excessivo e o visitante seja automaticamente beneficiado, tendo diluídas as construções mentais perturbadoras, assimilando as informações que lhe serão oferecidas. Ao mesmo tempo, o conjunto vibratório opera no necessitado de orientação benefícios imediatos, que o libertam das fixações dos lugares de onde procede, despertando-lhe a consciência para o êxito da incorporação saudável. Concomitantemente, as operações que aplicam a bioenergia e saturam-lhe o perispírito com outras moléculas de força, constituem uma terapia significativa e imediata, que o ajudará a recompor-se interiormente, ao tempo em que passa a considerar como de urgência o impositivo da autoiluminação. Por sua vez, cada médium responsável e consciente do trabalho que lhe diz respeito, faz-se maleável às comunicações, porque sintonizado com os diretores espirituais, eles intuem-lhe a maneira como comportar-se, superando conflitos íntimos, ideias perturbadoras e hábitos mórbidos, que lhes constituem verdadeiros tormentos... Tornando-se dúcteis à inspiração inicial do desencarnado e deixando-se conectar psiquicamente, o intermediário assimila a personalidade, o pensamento e os sentimentos daquele que dele necessita, desse modo, auxiliando-o para a desincumbência da tarefa. Não raro, a programação espiritual estabelece como transcorrerão as comunicações, quais as providências tomadas para serem evitados transtornos e perturbações, no entanto, especialistas em contribuição magnética encontram-se a postos para interferir caso haja distúrbios ou agressividade desnecessária daqueles que se comprazem no mal e se elegem como vingadores e contumazes inimigos do progresso, da paz. Instrumentos delicados, de alta tecnologia, são utilizados durante as manifestações mais vigorosas, de modo que sejam realizadas cirurgias nos enfermos espirituais, vitimados por

auto-obsessões ou alo-obsessões, ou que se tornaram portadores de implantes de células supersensíveis que os enlouquecem sob comando exterior. Assistentes espirituais, preparados para o serviço de enfermagem posterior e condução a atendimentos específicos em outros momentos, cooperam com os Instrutores com os quais trabalham em uma equipe harmônica sob o comando do Mentor responsável pela reunião espírita mediúnica. Depreende-se, desse modo, que os membros que constituem a reunião encontram-se comprometidos com o conjunto, não se devendo permitir situações embaraçosas cujos efeitos se refletirão no todo. Organizada a tarefa e estabelecidos os parâmetros de ação, espera-se que a equipe de colaboradores encarnados se encontre igualmente sintonizada com a atividade, a fim de ser conseguido o êxito anelado. Quando o médium ou o doutrinador, por motivo frívolo, falta ao compromisso, exige que seja modificado o roteiro estabelecido, quando isso é possível, sendo tomadas providências de urgência, certamente previstas pelos Mentores, já que eles não agem por ações de improviso. Esse conjunto de trabalho harmônico obedece a um ritmo seguro, que somente os membros encarnados podem perturbar. A reunião espírita mediúnica, portanto, com objetivos socorristas, obedece a um processo de delineamento equilibrado para que, concluído o tempo que lhe é reservado, distendam-se os socorros além da esfera física, com a presença ou não dos participantes parcialmente desdobrados pelo sono fisiológico. A sessão mediúnica séria e responsável é laboratório espírita para atividades psicoterapêuticas aos transeuntes de ambos os planos da vida, contribuindo eficazmente para o equilíbrio e a saúde total dos espíritos. Na aludida organização, prevê-se a mensagem do nobre amigo espiritual dirigente que culmina o empreendimento, deixando a luz do consolo e da esperança nas mentes e nos corações afervorados. Desse modo, o elevado mister socorrista constitui expressiva experiência de caridade, em razão do anonimato daquele que vem rogar ajuda e da generosidade de quem a oferece, conforme recomendava Jesus: dando com a mão direita, sem que a esquerda tome conhecimento.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Sessões espíritas mediúnicas)

“[...] Recordei-me de alguns argumentos destituídos de fundamentação, que ouço entre os companheiros reencarnados. Sendo-me a oportunidade valiosa, sem desejar abusar da gentileza do nobre amigo, interroguei: – Alguns médiuns, que vivem em parceria afetiva matrimonial ou não, pensam que a comunhão sexual às vésperas ou depois das reuniões mediúnicas não interfere de maneira nenhuma nas atividades a que se irão dedicar. Que nos tem a dizer, o caro amigo? “Que, embora a função sexual seja de elevado significado emocional, especialmente quando

decorre da presença do amor, em face, porém, dos impulsos e dos desejos lúbricos, é conveniente que, às vésperas das reuniões desobsessivas, se transfira a comunhão física para outra oportunidade, preservando a mente em harmonia, sem desvio do pensamento em relação ao trabalho a que se devem entregar os parceiros. Compreendendo-se que o êxtase sexual renova o entusiasmo e produz reações saudáveis nos indivíduos equilibrados e amorosos, essas energias podem e devem ser canalizadas para o atendimento espiritual, sem qualquer prejuízo para os envolvidos na afetividade. Como o sexo foi feito para a vida e não esta para aquele, é perfeitamente normal que se reservem ocasiões especiais para o seu intercurso.” – E quando um dos parceiros não participa das ideias espiritistas do outro – insisti com delicadeza – como deve proceder este que tem convicções definidas, se convidado à união sexual, às vésperas dos cometimentos desobsessivos? “Considere-se que, numa parceria, – respondeu afável – a contribuição de cada um em qualquer atividade deverá ser sempre igual. Se, no entanto, um exige algo mais, cabe àquele que se encontra comprometido com o labor mediúnico explicar a razão da sua recusa, evitando, no entanto, problemas mais graves, porque o outro pode estar inspirado por entidade perversa e exploradora, em face do descontrole da sua libido. Nesse caso, a paz deverá reinar na união e a compreensão do mais esclarecido cederá em detrimento de atrito ou descontrole mais grave, procurando liberar-se do pensamento sensual após a comunhão dessa natureza.” Utilizando-me do feliz ensejo, voltei a indagar: — E a questão do vestuário do médium, que tem sido motivo de considerações, especialmente em relação às cores do uso? Haverá alguma prevalência em roupas brancas em detrimento de outras? Ainda, mais uma vez, a jovialidade do interlocutor exteriorizou-se, num sorriso afável, respondendo: “Não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso é o que o contamina, conforme respondeu Jesus àqueles que o interrogavam a respeito dos alimentos [Mateus: 15, 11. (Notas do autor espiritual)]. É do íntimo que procedem as vibrações e não do exterior. Naturalmente, numa análise cromoterápica, as cores quentes sempre produzem perturbação... No entanto, no caso em estudo, o que importa são os sentimentos decorrentes dos pensamentos. Não fora essa conduta, a preocupação com o exterior seria fundamental, deixando-se em plano secundário o comportamento íntimo, esse sim, imprescindível à harmonia ou não da estrutura do ser. Como herança atávica de doutrinas religiosas do passado, pessoas gentis fixam-se em condutas exteriores que impressionam, utilizando-se de recursos que sugestionam, produzindo impressões de uma, ou de outra natureza, para realizar atividades espirituais. De um lado, é uma

forma de chamar a atenção, de diferenciar-se dos demais e, de outro, trata-se de bengalas psicológicas de sustentação interior, por falta de segurança e convicção lógica em torno dos objetivos que buscam realizar. Será sempre pelo pensamento e ações morais que os espíritos se afinam com as criaturas. As fórmulas, os cultos sacramentais, os exorcismos, salvadas raríssimas exceções em referência ao último, não surtem qualquer efeito nos fenômenos de desobsessão, antes constituem motivo para chacota por parte daqueles que se pretendem afastar ou, nos outros casos, atrair...” Ante a conclusão da resposta, animei-me a mais uma indagação: – E o que dizer-se a respeito da mediunidade como um grande sofrimento para aqueles que lhe são portadores? Generalizou-se o conceito de que todo médium sofre muito, dificultando aos que desconhecem a Doutrina entregar-se-lhe ao ministério. “Realmente – respondeu com leve sorriso desenhado nos lábios – as criaturas humanas ainda se prendem muito aos mitos, às informações descabidas, tornando de caráter sobrenatural, maravilhoso, tudo quanto desconhecem. A mediunidade não poderia passar incólume a esse velho hábito, havendo dado lugar a conotações absolutamente destituídas de legitimidade. Como poderá a prática do bem proporcionar males àquele que o faz? Nada obstante, porque a mediunidade necessita de educação e desenvolvimento, especialmente no que diz respeito à vida moral do seu portador, as aflições naturais, que são decorrentes das dívidas do Espírito, são-lhe direcionadas como meio de as expungir. O insigne Codificador estabeleceu que existe a mediunidade de prova, aquela que se apresenta de maneira atormentada, desvelando-se por meio dos sofrimentos no indivíduo, mas isto porque ele delinuiu, estando incurso nos códigos da Divina Justiça. Não fosse por intermédio dos fenômenos mediúnicos, sê-lo-ia de igual maneira, por outros processos, qual ocorre em relação a todas as criaturas que não são médiuns ostensivos. Mediante a mediunidade, o resgate dos débitos dá-se de maneira produtiva, porque mediante as ações de beneficência e de auto iluminação, são diminuídos na contabilidade do devedor, facultando a correspondente liberação. Quando a abnegação e o devotamento do médium ajudam-no a superar a fase dos testemunhos que lhe são inerentes à evolução, o seu trabalho iluminativo alcança o caráter de missão.” Licínia, jovem médium encarnada, que acompanhava os diálogos com inusitado interesse, pediu licença para apresentar uma questão, no que foi carinhosamente atendida. De imediato, perguntou: - De que maneira pode o médium precatar-se dos pensamentos doentios, nos dias dedicados à tarefa desobsessiva? Parece que, nessas ocasiões, sucessivas ondas de ideias nefastas alcançam a consciência mediúnica, atormentando o sensitivo. Como agir?

Novamente, Dr. Ignácio, com paternal gentileza, esclareceu: “É necessário manter-se a consciência de que, nesses dias, os agentes da desordem encontram-se de plantão, e tentarão a todo custo alcançar as paisagens íntimas dos médiuns. Quando se trata de servidores dignos, que lhes não concedem campo de identificação, realizam o fenômeno da ressonância mental, enviando clichês vulgares em direção das suas mentes que, num momento ou noutro de descuido, de aborrecimento natural, de cansaço ou insatisfação, são alcançadas pela onda, sendo impressionadas pela contínua mensagem que lhes chega. Noutras vezes, conflitos arquivados no inconsciente, que não foram resolvidos, assomam durante esse período de paz, e que, para serem eliminados, devem ser aceitos, pensados naturalmente e liberados, sem o tormento de estar-se desejando libertar pelo simples movimento da cabeça, como se pudesse retirar alguma coisa que se lhe encontra aderida... Equivale dizer que, ao chegar a ideia, o médium deve examiná-la, reflexionando no seu conteúdo e logo substituindo-a por outra de natureza edificante. Como ninguém pode ficar sem pensar, quando se é acuado por uma ideia infeliz, o melhor é passar a mentalizar algo superior. A atividade mediúnica sempre libera informações arquivadas no inconsciente profundo, às vezes, misturando-as com as transmissões produzidas pelos desencarnados. De alguma forma, é sempre positivo esse fenômeno, porque, ao largo do tempo, os tormentos não resolvidos, as heranças perniciosas de existências recuadas ou próximas são diluídas ao influxo dos pensamentos que se exteriorizam. Por essa, assim como por outras razões, ocorre o animismo inconsciente, também salutar na liberação emocional do médium. Tudo está previsto nas leis de Deus sempre de maneira favorável à evolução, desde que utilizado corretamente.” [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 6)

“Responsabilidade mediúnica. Uma reunião mediúnica séria, à luz do Espiritismo, é constituída por um conjunto operacional de alta qualidade, em face dos objetivos superiores que se deseja alcançar. Tratando-se de um empreendimento que se desenvolve no campo da energia, requisitos graves são exigidos, de forma que sejam conseguidas as realizações, passo a passo, até a etapa final. Não se trata de uma atividade com características meramente transcendentais, mas de um labor que se fundamenta na ação da caridade, tendo-se em vista os Espíritos aos quais é direcionado. Formada por um grupamento de pessoas responsáveis e conscientes do que deverão realizar, receberam preparação anterior, de modo a corresponderem aos mistérios a que todos são convocados para exercer, no santificado lugar em que se programa a sua execução. Deve compor-se de conhecedores da Doutrina Espírita e que exerçam a prática da caridade

sob qualquer aspecto possível, de maneira a conduzi-rem créditos morais perante os Soberanos Códigos da Vida, assim atraindo as entidades respeitáveis e preocupadas com o bem da humanidade. Resultado de dois aglomerados de servidores lúcidos – desencarnados e reencarnados – tem como responsabilidade primordial manter a harmonia de propósitos e de princípios, a fim de que os labores que são programados sejam executados em perfeito equilíbrio. Para ser alcançada essa sincronia, ambos os segmentos se comprometem a atender os compromissos específicos que devem ser executados. Aos Espíritos orientadores compete a organização do trabalho, desenhando as responsabilidades para os cooperadores reencarnados, ao tempo em que se encarregam de produzir a defesa do recinto, a seleção daqueles que se deverão comunicar, providenciando mecanismos de socorro para antes e depois dos atendimentos. Confiando na equipe humana que assumiu a responsabilidade para participação no serviço de graves consequências, movimentam-se, desde as vésperas, estabelecendo os primeiros contatos psíquicos com aqueles que se comunicarão com os médiuns que lhes servirão de instrumento, desenvolvendo afinidades vibratórias compatíveis com o grau de necessidade de que se encontram possuídos. Encarregam-se de orientar aqueles que se comunicarão, auxiliando-os na sintonia da aparelhagem mediúnica, a fim de evitar-lhes choques e danos, tanto no que diz respeito às comunicações psicofônicas atormentadas quanto às psicográficas de conforto moral e de orientação. Cuidam de vigiar os comunicantes, poupando os componentes da reunião de agressões e de distúrbios defluentes da agitação dos enfermos mentais e morais, bem como das distonias emocionais dos perversos que também são conduzidos ao atendimento. Encarregam-se de orientar o critério das comunicações, estabelecendo de maneira prudente a sua ordem, para evitar tumulto durante o ministério de atendimento, assim como impedindo que o tempo seja malbaratado por inconsequência do padecente desencarnado. Nunca improvisam, porquanto todos os detalhes do labor são devidamente examinados antes, e quando algo ocorre que não estava previsto, existem alternativas providenciais que impedem o desequilíbrio no grupo. Equipamentos especializados são distribuídos no recinto para utilização oportuna, enquanto preservam o pensamento elevado ao Altíssimo... Concomitantemente, cabe aos membros reencarnados as responsabilidades e ações bem definidas, para que o conjunto se movimente em harmonia e as comunicações fluam com facilidade e equilíbrio. Todo o conjunto é resultado de interdependência de um como do outro segmento, formando um todo harmônico. Aos médiuns é imprescindível a serenidade interior, a fim de poderem captar os conteúdos das comunicações e

as emoções dos convidados espirituais ao tratamento de que necessitam. A mente equilibrada, as emoções sob controle, o silêncio íntimo faculta o perfeito registro das mensagens de que são portadores, contribuindo eficazmente para a catarse das aflições dos seus agentes. O médium sabe que a faculdade é *orgânica*, mantendo-se em clima de paz sempre que possível, não apenas nos dias e nas horas reservados para as tarefas especiais de natureza socorrista, porquanto espíritos ociosos, vingadores, insensatos, que envolvem o Planeta, encontram-se de plantão para gerar dificuldades e estabelecer conflitos entre as criaturas invigilantes. Por outro lado, o exercício da caridade no comportamento normal, o estudo contínuo da Doutrina e a serenidade moral são-lhe de grande valia, porque atraem os espíritos nobres que anelam por criar uma nova mentalidade entre as criaturas terrestres, superando as perturbações ora vigentes no Planeta. Não é, porém, responsável somente o mediano, embora grande parte dos resultados dependa da sua atuação dignificadora, o que lhe constituirá sempre motivo de bem-estar e de felicidade, por descobrir-se como instrumento do amor a serviço de Jesus entre os seus irmãos. Aos psicoterapeutas dos desencarnados é impositivo fundamental o equilíbrio pessoal, a fim de que as suas palavras não sejam vãs e estejam cimentadas pelo exemplo de retidão e de trabalho a que se afervoram. O seu verbo será mantido em clima coloquial e sereno, dialogando com ternura e compaixão, sem o verbalismo inútil ou a presunção salvacionista, como se fosse portador de uma elevação irretocável. Os sentimentos de amor e de misericórdia igualmente devem ser acompanhados pelos compromissos de disciplina, evitando diálogos demorados e insensatos feitos de debates inconsequentes, tendo em vista que a oportunidade é de socorro e não de exibicionismo intelectual. O objetivo da psicoterapia pela palavra e pelas emanções mentais e emocionais de bondade não é o de convencer o comunicante, mas o de despertá-lo para o estado em que se encontra, predispondo-o à renovação e ao equilíbrio, nele se iniciando o despertar para a vida espiritual. Conduzir-se com disciplina moral, no dia a dia da existência, é um item exigível a todos os membros da grei, a fim de que a amizade, o respeito e o apoio dos Benfeitores auxiliem-nos na conquista de si mesmos. Numa reunião mediúnica séria não há lugar para dissimulações, ressentimentos, antipatias, censuras, porque todos os elementos que a constituem têm caráter vibratório, dando lugar a sintonias compatíveis com a carga emocional de cada onda mental emitida. Desse modo, não há porque alguém preocupar-se em enganar o outro, porquanto, se o fizer, a problemática somente a ele próprio perturbará. À equipe de apoio se reservam as responsabilidades da concentração, da oração, da

simpatia aos comunicantes, acompanhando os diálogos com interesse e vibrando em favor do enfermo espiritual, a fim de que possa assimilar os conteúdos saudáveis que lhe são oferecidos. Nunca se permitir adormecer durante a reunião, sob qualquer justificativa em que o fenômeno se lhe apresente, porque esse comportamento gera dificuldades para o conjunto, sendo lamentável essa auto permissão... Aos médiuns passistas cabem os cuidados para manter-se receptivos às energias saudáveis que provêm do Mundo maior, canalizando-as para os transeuntes de ambos os planos no momento adequado. Todo o movimento entre as duas esferas de ação deve acontecer suavemente, como num centro cirúrgico, que o é, de modo a refletir-se na segurança do atendimento que se opera. Os círculos mediúnicos sérios, que atraem os Espíritos nobres e encaminham para os seus serviços aqueles desencarnados que lhes são confiados, não podem ser resultado de improvisações, mas de superior programação. Os membros que os constituem estarão sempre atentos aos compromissos assumidos, de forma que possam cooperar com os mentores em qualquer momento que se faça necessário, mesmo fora do dia e horário estabelecidos. Pontualidade de todos na frequência, cometimento de conduta no ambiente, união durante os trabalhos e alegria por encontrar-se a serviço de Jesus são requisitos indispensáveis para os resultados felizes de uma reunião mediúnica séria à luz do Espiritismo.” (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 9)

II.3. Influência do psiquismo e das vibrações mentais dos participantes

“A interpretação de Bentes, obedecendo à inspiração de um emissário de nobre posição, presente à assembleia, era recebida com respeito geral, no círculo das entidades desencarnadas. Na esfera dos encarnados, porém, não se notava o mesmo traço de harmonia. Observava-se apreciável instabilidade de pensamento. A expectativa ansiosa dos presentes perturbava a corrente vibratória. De quando em quando, surpreendíamos determinados desequilíbrios, que afetavam, particularmente, a organização mediúnica de Dona Isabel e a posição receptiva do comentarista, que parecia perder “o fio das ideias”, tal qual se diria na linguagem comum. Colaboradores ativos restabeleciam o ritmo, quanto possível. Reparamos que alguns irmãos encarnados se mantinham irrequietos, em demasia. Mormente os mais novos em conhecimentos doutrinários exibiam enorme irresponsabilidade. A mente lhes vagava muito longe dos comentários edificantes. Viam-se-lhes, distintamente, as imagens mentais. Alguns se prendiam aos quefazer domésticos,

outros se impacientavam por não lograrem a realização imediata dos propósitos que os haviam levado até ali. Aniceto, que não perdia ocasião de prestar-nos esclarecimentos novos, considerou, discreto: – Muitos estudiosos do Espiritismo se preocupam com o problema da concentração, em trabalhos de natureza espiritual. Não são poucos os que estabelecem padrão ao aspecto exterior da pessoa concentrada, os que exigem determinada atitude corporal e os que esperam resultados rápidos nas atividades dessa ordem. Entretanto, quem diz concentrar, forçosamente se refere ao ato de congregar alguma coisa. Ora, se os amigos encarnados não tomam a sério as responsabilidades que lhes dizem respeito, fora dos recintos de prática espiritista, se, porventura, são cultores da leviandade, da indiferença, do erro deliberado e incessante, da teimosia, da inobservância interna dos conselhos de perfeição cedidos a outrem, que poderão concentrar nos momentos fugazes de serviço espiritual? Boa concentração exige vida reta. Para que os nossos pensamentos se congreguem uns aos outros, fornecendo o potencial de nobre união para o bem, é indispensável o trabalho preparatório de atividades mentais na meditação de ordem superior. A atitude íntima de relaxamento, ante as lições evangélicas recebidas, não pode conferir ao crente, ou ao cooperador, a concentração de forças espirituais no serviço de elevação, tão só porque estes se entreguem, apenas por alguns minutos na semana, a pensamentos compulsórios de amor cristão. Como veem, o assunto é complexo e demanda longas considerações e ensinamentos. Reparei com mais atenção os circunstantes encarnados. Não fosse o devotamento dos colaboradores do nosso plano, tornar-se-ia impossível qualquer proveito concreto. Isidoro e outros amigos devotados trabalhavam com ardor, despertando alguns dorminhocos e reajustando o pensamento dos invigilantes, para neutralizar determinadas influências nocivas.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 47)

“**O psicógrafo.** Encerrada a conversação, referente aos problemas de intercâmbio com os habitantes da esfera carnal, o Instrutor Alexandre, que desempenha elevadas funções em nosso plano, dirigiu-me a palavra, gentilmente: – Compreendo seu desejo. Se quiser, poderá acompanhar-me ao nosso núcleo, em momento oportuno. – Sim – respondi, encantado –, a questão mediúnica é fascinante. O interlocutor sorriu benevolmente e concordou: – De fato, para quem lhe examine os ascendentes morais. Marcou-se, mais tarde, a noite de minha visita e esperei os ensinamentos práticos, alimentando indisfarçável interesse. Surgida à oportunidade, vali-me da prestigiosa influência para ingressar no espaçoso e velho salão, onde Alexandre desempenha atribuições na chefia. Dentre as dezenas de cadeiras, dispostas em filas, somente dezoito permaneciam ocupadas por pessoas

terrestres, autênticas. As demais atendiam à massa invisível aos olhos comuns do plano físico. Grande assembleia de almas sofredoras. Público extenso e necessitado. Reparei que fios luminosos dividiam os assistentes da região espiritual em turmas diferentes. Cada grupo exibia características próprias. Em torno das zonas de acesso postavam-se corpos de guarda e compreendi, pelo vozerio do exterior, que também ali a entrada dos desencarnados obedecia a controle significativo. As entidades necessitadas, admitidas ao interior, mantinham discrição e silêncio. Entrei cauteloso, sem despertar atenção na assembleia que ouvia, emocionadamente, a palavra generosa e edificante de operoso instrutor da casa. Grandes números de cooperadores velavam, atentos. E, enquanto o devoto mentor falava com o coração nas palavras, os dezoito companheiros encarnados demoravam-se em rigorosa concentração do pensamento, elevado a objetivos altos e puros. Era belo sentir-lhes a vibração particular. Cada qual emitia raios luminosos, muito diferentes entre si, na intensidade e na cor. Esses raios confundiam-se à distância aproximada de sessenta centímetros dos corpos físicos e estabeleciam uma corrente de força, bastante diversa das energias de nossa esfera. Essa corrente não se limitava ao círculo movimentado. Em certo ponto, despejava elementos vitais, à maneira de fonte miraculosa, com origem nos corações e nos cérebros humanos que aí se reuniam. As energias dos encarnados casavam-se aos fluidos vigorosos dos trabalhadores de nosso plano de ação, congregados em vasto número, formando precioso armazém de benefícios para os infelizes, extremamente apegados ainda às sensações fisiológicas. Semelhantes forças mentais não são ilusórias, como pode parecer ao raciocínio terrestre, menos esclarecido quanto às reservas infinitas de possibilidades além da matéria mais grosseira. Detinha-me na observação dos valores novos de meu aprendizado, quando o meu amigo, terminada a dissertação consoladora, me solicitou a presença nos serviços mediúnicos. Demonstrando-se interessado no aproveitamento integral do tempo, foi muito comedido nas saudações. – Não podemos perder os minutos – informou. E, designando reduzido grupo de seis entidades próximas, esclareceu: – Esperam, ali, os amigos autorizados. – À comunicação? – indaguei. O instrutor fez um sinal afirmativo e acrescentou: – Nem todos, porém, conseguem o intuito à mesma hora. Alguns são obrigados a esperar semanas, meses, anos... – Não supunha tão difícil a tarefa – aduzi, espantado. – Verá – falou Alexandre, gentil. E dirigindo-se para um rapaz que se mantinha em profunda concentração, cercado de auxiliares de nosso plano, explicou, atencioso: – Temos seis comunicantes prováveis, mas na presente reunião apenas compareceu um médium em condições de atender. Desde já, portanto, somos

obrigados a considerar que o grupo de aprendizes e obreiros terrestres somente receberá o que se relacione com o interesse coletivo. Não há possibilidade para qualquer serviço extraordinário. – Julguei que o médium fosse a máquina, acima de tudo – ponderei. – A máquina também gasta – observou o instrutor – e estamos diante de maquinismo demasiadamente delicado. Fixando-me a expressão espantadiça, Alexandre continuou: – Preliminarmente, devemos reconhecer que, nos serviços mediúnicos, preponderam os fatores morais. Neste momento, o médium, para ser fiel ao mandato superior, necessita clareza e serenidade, como o espelho cristalino dum lago. De outro modo, as ondas de inquietude perturbariam a projeção de nossa espiritualidade sobre a materialidade terrena, como as águas revoltas não refletem as imagens sublimes do céu e da Natureza ambiente. Indicando o médium, prosseguiu o orientador, com voz firme: – Este irmão não é um simples aparelho. É um Espírito que deve ser tão livre quanto o nosso e que, a fim de se prestar ao intercâmbio desejado, precisa renunciar a si mesmo, com abnegação e humildade, primeiros fatores na obtenção de acesso à permuta com as regiões mais elevadas. Necessita calar, para que outros falem; dar de si próprio, para que outros recebam. Em suma, deve servir de ponte, onde se encontrem interesses diferentes. Sem essa compreensão consciente do espírito de serviço, não poderia atender aos propósitos edificantes. Naturalmente, ele é responsável pela manutenção dos recursos interiores, tais como a tolerância, a humildade, a disposição fraterna, a paciência e o amor cristão; todavia, precisamos cooperar no sentido de manter-lhe os estímulos de natureza exterior, porque se o companheiro não tem pão, nem paz relativa, se lhe falta assistência nas aquisições mais simples, não poderemos exigir-lhe a colaboração, redundante em sacrifício. Nossas responsabilidades, portanto, estão conjugadas nos mínimos detalhes da tarefa a cumprir.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 1)

“Notava, agora, a diferenciação do ambiente. Para nós outros, os desencarnados, a atmosfera interior impregnava-se de elementos balsâmicos, regeneradores. Cá fora, porém, o ar pesava. Acentuara-se-me, sobremaneira, a hipersensibilidade, diante das emanções grosseiras da rua. As lâmpadas elétricas semelhavam-se a globos pequeninos, de luz muito pobre, isolados em sombra espessa. Aspirando as novas correntes de ar, observava a diferença indefinível. O oxigênio parecia tocado de magnetismo menos agradável. Compreendi, uma vez mais, a sublimidade da oração e do serviço da Espiritualidade superior, na intimidade das criaturas. A prece, a meditação elevada, o pensamento edificante, refundem a atmosfera, purificando-a. O instrutor interrompeu-me as íntimas considerações, exclamando: – A modificação, evidentemente, é inexprimível. Entre as

vibrações harmoniosas da paisagem interior, iluminada pela oração, e a via pública, repleta de emanções inferiores, há diferenças singulares. O pensamento elevado santifica a atmosfera em torno e possui propriedades elétricas que o homem comum está longe de imaginar. A rua, no entanto, é avelhantado repositório de vibrações antagônicas, em meio de sombrios materiais psíquicos e perigosas bactérias de variada procedência, em vista de a maioria dos transeuntes lançar em circulação, incessantemente, não só as colônias imensas de micróbios diversos, mas também os maus pensamentos de toda ordem.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 5)

“Prosseguiram os serviços normalmente. Entre os votos de êxito dos companheiros encarnados semiconfiantes, a médium foi conduzida ao pequeno gabinete improvisado, fazendo-se, em seguida, ligeira oração. Via-se, no entanto, que, como acontecia em outras reuniões, os amigos terrestres emitiam solicitações silenciosas, entrando as vibrações mentais em conflito ativo, desservindo ao invés de auxiliar no trabalho da noite, o qual requiritava a mais elevada percentagem de harmonia. À claridade fraca e suave da luz vermelha que substituíra a forte lâmpada comum, notavam-se as emissões luminosas do pensamento dos amigos encarnados. Francamente, não havia na pequena comunidade o espírito de entendimento divino do serviço em curso. Ninguém ponderava a expressão do fato para a Humanidade terrena, sequiosa de revelação celeste. Via-se que a reunião era profundamente dominada pelo “eu”. Enquanto uns exteriorizavam exigências, outros determinavam às criaturas desencarnadas que deveriam comparecer nos fenômenos de materialização. Procurei, contudo, coibir minhas impressões de desagrado, porque todos os trabalhadores de grande elevação, no recinto, portavam-se calmamente, tratando os companheiros carnis com desvelado carinho, quais sábios em face de crianças queridas ao coração. Diversos servidores espirituais começaram a combinar as radiações magnéticas dos companheiros terrenos, a fim de constituírem material de cooperação, enquanto Calimério, projetando seu sublime potencial de energias sobre a médium, operava-lhe o desdobramento que durou alguns minutos. Verônica e outras amigas amparavam a jovem, parcialmente libertada dos veículos físicos, mas algo confusa e inquieta ao lado do corpo, já mergulhado em profundo transe. Em seguida notei que, sob a ação do nobre orientador da tarefa, se exteriorizava a força nervosa, à maneira dum fluxo abundante de neblina espessa e leitosa. Notando a perturbação vibratória do ambiente, em vista da atitude desaconselhável dos companheiros encarnados, disse Calimério ao controlador mediúnico: – Alencar, é necessário extinguir o conflito de vibrações. Nossos amigos ignoram ainda como auxiliar-nos,

harmonicamente, através das emissões mentais. É mais razoável se abstenham da concentração por agora. Diga-lhes que cantem ou façam música de outra natureza. Procure distrair-lhes a atenção deseducada.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 10)

“Havíamos, porém, alcançado o portão de espaçoso edifício que o Assistente nos designou como sendo o santuário que nos competia visitar e servir. – Esta é a casa espírita-cristã onde encontraremos nosso ponto básico de experiências e observações. Entramos. Atravessado largo recinto, em que estacionavam numerosas entidades menos felizes de nosso plano, o orientador esclareceu: – Vemos aqui o salão consagrado aos ensinamentos públicos. Todavia, o núcleo que buscamos jaz situado em reduto íntimo, assim como o coração dentro do corpo. Escoados alguns instantes, penetramos acanhado aposento, onde se congregava reduzida assembleia, em silenciosa concentração mental. – Nossos companheiros – elucidou o Assistente – fazem o serviço de harmonização preparatória. Quinze minutos de prece, quando não sejam de palestra ou leitura com elevadas bases morais. Sabem que não devem abordar o mundo espiritual sem a atitude nobre e digna que lhes outorgará a possibilidade de atrair companhias edificantes e, por esse motivo, não comparecem aqui sem trazer ao campo que lhes é invisível as sementes do melhor que possuem. Hilário e eu nos inclinávamos à indagação, contudo, a respeitabilidade do recinto impunha-nos silêncio. Amigos da nossa esfera ali se demoravam em oração, compelindo-nos a entranhado recolhimento. O Assistente armou o psicoscópio e, depois de ligeira análise, recomendou-nos a observação. Chegada a minha vez de usá-lo, assombraram-me as peculiaridades do aparelho. Sem necessidade de esforço mental, notei que todas as expressões de matéria física assumiam diferente aspecto, destacando-se a matéria de nosso plano. Teto, paredes e objetos de uso corriqueiro revelavam-se formados de correntes de força, a emitirem baça claridade. Detive-me na contemplação dos companheiros encarnados que agora apareciam mais estreitamente associados entre si, pelos vastos círculos radiantes que lhes nimbavam as cabeças de opalino esplendor. Tive a impressão de fixar, em torno do apagado bloco de massa semiobscura a que se reduzira a mesa, uma coroa de luz solar, formada por dez pontos característicos, salientando-se no centro de cada um deles o semblante espiritual dos amigos em oração. Desse colar de focos dourados alongava-se extensa faixa de luz violeta, que parecia contida numa outra faixa de luz alaranjada, a espriar-se em tonalidades diversas que, de momento, não pude identificar, de vez que a minha atenção estava presa ao círculo dos rostos fulgurantes, visivelmente unidos entre si, à maneira de dez pequeninos sóis, imanados uns aos outros. Reparei que sobre cada

um deles se ostentava uma auréola de raios quase verticais, fulgentes e móveis, quais se fossem diminutas antenas de ouro fumegante. Sobre essas coroas que se particularizavam, de companheiro a companheiro, caíam do Alto abundantes jorros de luminosidade estelar que, tocando as cabeças ali irmanadas, pareciam suaves correntes de força a se transformarem em pétalas microscópicas, que se acendiam e apagavam, em miríades de formas delicadas e caprichosas, gravitando, por momentos, ao redor dos cérebros em que se produziam, quais satélites de vida breve, em torno das fontes vitais que lhes davam origem. Custodiando a assembleia, permaneciam os mentores espirituais presentes, cada qual irradiando a luz que lhe era própria. Admirado, porém, com os irmãos da esfera física, a se revelarem tão afins, na onda brilhante em que se reuniam, perguntei, entusiástico: – Áulus amigo, os companheiros que visitamos são, porventura, grandes iniciados na revelação divina? O interpelado estampou um gesto de bom-humor e respondeu: – Não. Acharmo-nos ainda muito longe de semelhantes apóstolos. Vemo-nos aqui na companhia de quatro irmãs e seis irmãos de boa vontade. Naturalmente, são pessoas comuns. Comem, bebem, vestem-se e apresentam-se na Terra sob o aspecto vulgar de outras criaturas do ramerrão carnal; no entanto, trazem a mente voltada para os ideais superiores da fé ativa, a expressar-se em amor pelos semelhantes. Procuram disciplinar-se, exercitam a renúncia, cultivam a bondade constante e, por intermédio do esforço próprio no bem e no estudo nobremente conduzido, adquiriram elevado teor de radiação mental. Hilário, que utilizara o psicoscópio em primeiro lugar, alegou com o deslumbramento de uma criança espantada: – Mas, e a luz? A matéria que conhecemos no mundo transfigurou-se. Tudo aqui se converteu em claridade nova! O espetáculo é magnífico!... – Nada de estranheza – falou o Assistente, bondoso –, não sabe você que um homem encarnado é um gerador de força eletromagnética, com uma oscilação por segundo, registrada pelo coração? Ignora, porventura, que todas as substâncias vivas da Terra emitem energias, enquadradas nos domínios das radiações ultravioletas? Em nos reportando aos nossos companheiros, possuímos neles almas regularmente evoluídas, em apreciáveis condições vibratórias pela sincera devoção ao bem, com esquecimento dos seus próprios desejos. Podem, desse modo, projetar raios mentais, em vias de sublimação, assimilando correntes superiores e enriquecendo os raios vitais de que são dinamos comuns. – Raios vitais? – redarguiu meu colega, faminto de esclarecimento. – Sim, para maior limpidez da definição, chamemos-lhes raios ectoplásmicos, unindo nossos apontamentos à nomenclatura dos spiritistas modernos. Esses raios são peculiares a todos os seres vivos. É com eles que a lagarta realiza

suas complicadas demonstrações de metamorfose e é ainda na base deles que se efetuam todos os processos de materialização mediúnica, porquanto os sensitivos encarnados que os favorecem libertam essas energias com mais facilidade. Todas as criaturas, porém, guardam-nas consigo, emitindo-as em frequência que varia em cada uma, de conformidade com as tarefas que o Plano da Vida lhes assinala. E, otimista, acrescentou: – O estudo da mediunidade repousa nos alicerces da mente com o seu prodigioso campo de radiações. A ciência dos raios imprimirá, em breve, grande renovação aos setores culturais do mundo. Aguardemos o porvir.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 2)

“As vibrações disseminadas pelos ambientes de um Centro Espírita, pelos cuidados dos seus tutelares invisíveis; os fluidos úteis, necessários aos variados quão delicados trabalhos que ali se devem processar, desde a cura de enfermos até a conversão de entidades desencarnadas sofredoras e até mesmo a oratória inspirada pelos instrutores espirituais, são elementos essenciais, mesmo indispensáveis a certa série de exposições movidas pelos obreiros da Imortalidade a serviço da Terceira Revelação. Essas vibrações, esses fluidos especializados, muito sutis e sensíveis, hão de conservar-se imaculados, portando, intactas, as virtudes que lhe são naturais e indispensáveis ao desenrolar dos trabalhos, porque, assim não sendo, se mesclarão de impurezas prejudiciais aos mesmos trabalhos, por anularem as suas profundas possibilidades. Daí porque a Espiritualidade esclarecida recomenda, aos adeptos da Grande Doutrina, o máximo respeito nas assembleias espíritas, onde jamais deverão penetrar a frivolidade e a inconsequência, a maledicência e a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, o ruído e as atitudes menos graves, visto que estas são manifestações inferiores do caráter e da inconsequência humana, cujo magnetismo, para tais assembleias e, portanto, para a agremiação que tais coisas permite, atrairá bandos de entidades hostis e malfeitoras do invisível, que virão a influir nos trabalhos posteriores, a tal ponto que poderão adulterá-los ou impossibilitá-los, uma vez que tais ambientes se tornarão incompatíveis com a Espiritualidade iluminada e benfazeja. Um Centro Espírita onde as vibrações dos seus frequentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitadas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e deprecições; onde, em vez do gargalhar divertido, se pratique a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos se emitam forças telepáticas à procura de inspirações felizes; e ainda onde, em vez de cerimônias ou passa tempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais, um Centro assim, fiel

observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia espírita, será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registrados no Além-Túmulo como casas benéficas, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas, serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do Espiritismo em horas de lazer.” (BM, *Dramas da obsessão*, Terceira parte, Capítulo 3)

“A Comunidade, conforme já aludimos, era uma tentativa de criar, nos dias hodiernos, uma sociedade cristã, pulsante, nos termos do pensamento primitivo dos apóstolos e sob as diretrizes espíritas aneladas por Allan Kardec, sem qualquer alienação dos grupos humanos vigentes nem dos padrões culturais e históricos do progresso social da atualidade. Tratava-se de reviver a experiência comunitária dos discípulos de Jesus, no passado, com perspectivas para o futuro, inspirada, igualmente, nos Conglomerados do nosso plano de ação. Um investimento espiritual de tal porte, sustentava-se, sobretudo, na irrestrita confiança em Deus e no apoio do Cristo através dos Seus Mensageiros encarregados da construção da nova humanidade. Apesar de todos esses dispositivos de segurança e trabalho, os seus membros não viviam em caráter de privilégio algum, aliás privilégios que eram ali o serviço e a elevação moral. Compreensível que, aqueles que se não enquadrassem nas normas da ação elevada, mantendo os vícios mentais a que se aferravam, permanecessem em sintonia com os seus afins espirituais. Recebiam auxílio, liberavam-nos, todavia, se insistiam no cultivo do pessimismo, da revolta ou da leviandade, novamente se vinculavam aos seus assessores-parasitas, que mantinham com eles o consórcio extravagante, levando-os aos estados psicopatológicos consentâneos com as suas provações redentoras. Caso fosse diferente, não experimentassem as presenças das companhias espirituais de baixo teor vibratório com as quais se compraziam, mediante a falta de esforço por libertar-se e só pelo fato de ali viverem, isso constituiria uma injustiça, que não vige nos códigos do soberano amor. Cada um responde sempre pelos seus atos, respira no clima da paisagem que elege e na qual se agrada em permanecer.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 25)

“O meio ambiente exerce insuspeitadas predisposições e efeitos nos seres vivos, alterando-lhe a constituição ou preservando-a. Embora o meio sociocultural seja consequência da ação do homem, toma-se-lhe fator de vigorosos efeitos no comportamento, o que

tem levado muitas pessoas a concluir “que o homem é o produto do meio”, salvante, naturalmente, as suas inevitáveis exceções. É compreensível, portanto, que a influência do meio moral e emocional seja prevalente nos fenômenos mediúnicos. Além da inevitável influência do médium, em decorrência dos seus componentes íntimos, o psiquismo do Grupo responde por grande número de resultados nos cometimentos da mediunidade. Do ponto de vista moral, os membros que constituem o Núcleo atraem, por afinidade, os Espíritos que lhe são semelhantes, em razão da convivência mental já existente entre eles. Onde quer que se apresentem os indivíduos, aí também estarão os seus consócios espirituais. A simples mudança de lugar por pessoa não altera o tipo das companhias que a assessoram. De igual modo, o caráter da experiência mediúnica e a seriedade ou interesse frívolo que lhe é dedicado produzem natural intercâmbio com Entidades equivalentes. Daí não se ter o direito de transferir para o médium a responsabilidade total da ação exercida pelos Espíritos, assim como da qualidade moral e cultural dos mesmos que por ele se comunicam. O médium é um indivíduo sensível a determinadas influências do Mundo Espiritual, ao mesmo tempo receptivo a certas ondas mentais que procedem dos homens, e, não raro, produzem fenômenos de telepatia, com correspondente resposta anímica aos apelos vigorosos ou aos impulsos-determinações que lhe são dirigidos. De bom alvitre, pois, que todo aquele que pretende exercer a mediunidade, estude e exercite os seus recursos de captação e registro, sem precipitação nem vaidade, considerando-se sempre como sendo instrumento frágil e vulnerável, a requisitar cuidados contínuos e constante disciplina. A ansiedade, a agitação nervosa ou estado depressivo e as intenções doentias do médium produzem-lhe bloqueios compreensíveis, afastando da sua companhia os Espíritos dignos, que deixam o lugar aos inescrupulosos e vadios, sempre interessados em prejudicar e gerar desconforto, dando curso à conduta a que se acostumaram na Terra... Outrossim, o hábito de interiorização deve constituir a forma eficaz para que o médium anule as interferências estranhas e insistentes que buscam penetrar na sua tela mental com o propósito de predominar em relação à influência dos desencarnados. As leituras salutares, o cultivo dos bons e nobres sentimentos, as ações de benemerência e vinculação com o pensamento divino, graças à oração de recolhimento, inspiradora, abrem-lhe as portas da percepção, facilitando o intercâmbio seguro, do qual resultam efeitos bonancosos e edificantes para ele próprio como para os outros. Cabe, desse modo, ao médium sincero, sobrepôr, às influências do meio onde opera, as suas conquistas pessoais, gerando em sua volta uma psicofera positiva quão otimista, sob todos os aspectos

propícia à execução do compromisso a que se dedica. Como não pode antever o meio no qual exercitará a mediunidade, cabe-lhe conduzir o seu **clima** psíquico favoravelmente ao evento, fornecendo os elementos hábeis para os resultados benéficos.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Influência do meio e do médium)

“**O Santuário de Bênçãos.** Dr. Arquimedes elucidou-nos que visitaríamos uma associação espírita, que se dedicava a um elenco de realizações iluminativas e socorristas, na qual se encontrava um dos membros vinculados ao ministério patrocinado pelo nobre Policarpo. Referia-se ao seu fundador, que viera à Terra, com tarefa muito definida, a respeito da recristianização das demais criaturas, repetindo experiências que consolidaram nas almas a fé em Jesus, nos já remotos dias do passado. Sob o seu comando mental deslocamo-nos na direção do nosso objetivo, sem que houvéssimos experimentado qualquer dificuldade. Chegamos um pouco antes das 20h, quando pessoas de várias procedências sociais e econômicas se adentravam no salão dedicado aos estudos da Doutrina Espírita. Eram velhinhos aflitos e enfermos atormentados, mulheres angustiadas e crianças irrequietas, algumas, visivelmente, perturbadas, indivíduos masculinos e femininos saudáveis, formando um todo que, de alguma forma, completava-se. Música suave inundava o ambiente, embora a conversação díspar, muito alta, demonstrando o desequilíbrio da maioria, as ansiedades de outros e a quase desconsideração de mais alguns em relação ao local em que se encontravam. Infelizmente, muitas pessoas ainda não compreenderam a maneira saudável de comportar-se em determinados lugares onde se apresentam. Mesmo quando são membros de instituições que deveriam preservar, tornam-se palradoras, movediças, inquietas, olvidando-se das atitudes coerentes com as propostas que ali são apresentadas e devem transformar-se em realizações edificantes. Esse comportamento faculta a intromissão de Espíritos irresponsáveis e ociosos, que se misturam aos encarnados, gerando intercâmbio excitante de conversações levianas, que derrapam, não raro, em maledicências, acusações, vulgaridades... O local reservado para estudos e discussões relevantes deve ser preservado de algazarra, especialmente, se dedicado a questões espirituais, porquanto, em se tendo em vista o seu significado, para ele são conduzidos Espíritos necessitados de orientação e de encaminhamento, de iluminação e de paz. Caso haja o silêncio que induz ao recolhimento interior, à meditação, à prece, aos pensamentos salutareos, cria-se o clima psíquico próprio e saudável para o mister a que se propõem os seus organizadores. Nada obstante, o número de entidades laboriosas e sérias ali era muito grande, contrapondo-se ao das infelizes e insensatas que tentavam produzir confusão e interferir no psiquismo geral da assembleia.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 16)

II.4. Atividades preparatórias para as reuniões espíritas

“**DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.** [...] **SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS.** (Nota. Das comunicações que se seguem, algumas foram dadas na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, ou em sua intenção. Outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, encerram conselhos gerais sobre os grupos, sua formação e obstáculos que podem encontrar.). **XVI.** Por que não começais as vossas sessões por uma invocação geral, uma como prece, que disponha ao recolhimento? Porque, ficai sabendo, sem o recolhimento, só tereis comunicações levianas; os bons Espíritos só vão aonde os chamam com fervor e sinceridade. É o que ainda os homens não compreendem bastante. Cabe-vos, pois, dar o exemplo, vós que, se o quiserdes, podereis tornar-vos uma das colunas do novo edifício. Observamos com prazer os vossos trabalhos e vos ajudamos, porém, sob a condição de que também, de vosso lado, nos secundeis e vos mostreis à altura da missão que fostes chamados a desempenhar. Formai, portanto, um feixe e sereis fortes e os maus Espíritos não prevalecerão contra vós. Deus ama os simples de espírito, o que não quer dizer os tolos, mas os que se renunciam a si mesmos e que, sem orgulho, para ele se encaminham. Podeis tornar-vos um foco de luz para a humanidade. Sabei, logo, distinguir o joio do trigo; semeai unicamente o bom grão e preservai-vos de espalhar o joio, por isso que este impedirá que aquele germine e sereis responsáveis por todo o mal que daí resulte; de igual modo, sereis responsáveis pelas doutrinas más que porventura propagueis. Lembrai-vos de que um dia pode vir em que o mundo tenha postos sobre vós os olhos. Fazei, conseqüentemente, que nada empane o brilho das boas coisas que saírem do vosso seio. Por isso é que vos recomendamos pedirdes a Deus que vos assista. *Santo Agostinho.* Instado para ditar uma fórmula de invocação geral, Santo Agostinho respondeu: Sabeis que não há fórmula absoluta. Deus é infinitamente grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Ora, não creiais basta pronuncieis algumas palavras, para que os maus Espíritos se afastem. Fugí, sobretudo, de vos servirdes de uma dessas fórmulas banais que se recitam por descargo de consciência. Sua eficácia reside na sinceridade do sentimento que a dita; está, sobretudo, na unanimidade da intenção, porquanto aquele que se lhe não associe de coração não poderá beneficiar dela, nem fazer que os outros beneficiem. Redigi-a, pois, vós mesmos e submetei-a, se quiserdes. Eu vos ajudarei. (Nota. A seguinte fórmula de invocação geral foi redigida com o concurso do Espírito, que a completou em muitos pontos: “Deus onipotente, nós te rogamos envies bons Espíritos a nos assistirem e afastes os que

nos possam induzir em erro. Dá-nos a luz necessária, para da impostura distinguir a verdade. “Afasta, igualmente, os Espíritos malfazejos, capazes de lançar entre nós a desunião, suscitando-nos a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem introduzir-se aqui, em teu nome, Senhor, os adjuramos a que se retirem. “Bons Espíritos, que presidis aos nossos trabalhos, dignai-vos de vir instruir-nos e tornai-nos dóceis aos vossos conselhos. Fazei que em nós se apague todo sentimento pessoal, ante o propósito do bem de todos. “Pedimos, particularmente, a..., nosso protetor especial, que assinta em nos trazer hoje o seu concurso.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXXI)

“**Antes da reunião.** Os preparativos espirituais para a reunião eram ativos e complexos. Chegamos de regresso à residência de Dona Isabel, quando faltavam poucos minutos para as dezoito horas e já o salão estava repleto de trabalhadores em movimento. Observando, com estranheza, determinadas operações, fiz algumas perguntas ao nosso orientador, que me esclareceu com bondade: – Realizar uma sessão de trabalhos espirituais eficientes não é coisa tão simples. Quando encontramos companheiros encarnados entregues ao serviço com devotamento e bom ânimo, isentos de preocupação, de experiências malsãs e inquietações injustificáveis, mobilizamos grandes recursos a favor do êxito necessário. Claro que não podemos auxiliar atividades infantis, nesse terreno. Quem não deseje cuidar de semelhantes obrigações, com a seriedade devida, poderá esperar fatalmente pelos espíritos menos sérios, porquanto a morte física não significa renovação para quem não procurou renovar-se. Onde se reúnam almas levianas, aí estará igualmente a leviandade. No caso de Isabel, porém, há que lhe auxiliar o esforço edificante. Em todos os setores evolutivos, é natural que o trabalhador sincero e eficiente receba recursos sempre mais vastos. Onde se encontre a atividade do bem, permanecerá a colaboração espiritual de ordem superior. Calara-se o bondoso amigo. Continuei reparando as laboriosas atividades de alguns irmãos que dividiam a sala, de modo singular, utilizando longas faixas fluídicas. Aniceto veio em socorro da minha perplexidade, explicando, atencioso: – Estes amigos estão promovendo a obra de preservação e vigilância. Serão trazidas aos trabalhos de hoje algumas dezenas de sofrendores e torna-se imprescindível limitar-lhes a zona de influência neste templo familiar. Para isso, nossos companheiros preparam as necessárias divisões magnéticas. Observei, admirado, que eles magnetizavam o próprio ar. Nosso instrutor, porém, informou, gentil: – Não se impressione, André. Em nossos serviços, o magnetismo é força preponderante. Somos compelidos a movimentá-lo em grande escala. E, sorrindo, concluiu: – Já os sacerdotes do antigo Egito não ignoravam que, para

atingir determinados efeitos, é indispensável impregnar a atmosfera de elementos espirituais, saturando-a de valores positivos da nossa vontade. Para disseminar as luzes evangélicas aos desencarnados, são precisas providências variadas e complexas, sem o que, tudo redundaria em aumento de perturbações. Este núcleo é pequenino, considerado do ponto de vista material, mas apresenta grande significação para nós outros. É preciso vigiar, não o esqueçamos. Enquanto as atividades de preparação espiritual seguiam intensas, Dona Isabel e Joaninha, noutra ordem de serviço, chegaram ao salão, dispondo arranjos diferentes. Usaram, largamente, a vassoura e o espanador. Revestiram a mesa de toalha muito alva e trouxeram pequenos recipientes de água pura. A uma ordem de um dos superiores daquele templo doméstico, espalharam-se os vigilantes, em derredor da moradia singela. Nos menores detalhes estava a nobre supervisão dos benfeitores. Em tudo a ordem, o serviço e a simplicidade. Logo após alguns minutos além das dezoito horas, começaram a chegar os necessitados da esfera invisível ao homem comum. Se fosse concedida à criatura vulgar uma vista de olhos, ainda que ligeira, sobre uma assembleia de espíritos desencarnados, em perturbação e sofrimento, muito se lhes modificariam as atitudes na vida normal. Nessa afirmativa, devemos incluir, igualmente, a maioria dos próprios espiritistas, que frequentam as reuniões doutrinárias, alheios ao esforço autoeducativo, guardando da espiritualidade uma vaga ideia, na preocupação de atender ao egoísmo habitual. O quadro de retificações individuais, após a morte do corpo, é tão extenso e variado que não encontramos palavras para definir a imensa surpresa. Aqueles rostos esqueléticos causavam compaixão. Chegavam ao recinto aquelas entidades perturbadas, em pequenos magotes, seguidas de orientadores fraternais. Pareciam cadáveres erguidos do leito de morte. Alguns se locomoviam com grande dificuldade. Tínhamos diante dos olhos uma autêntica reunião de “coxos e estropiados”, segundo o símbolo evangélico. – Em maioria – esclareceu Aniceto – são irmãos abatidos e amargurados, que desejam a renovação sem saber como iniciar a tarefa. Aqui, poderemos observar apenas sofrendores dessa natureza, porque o santuário familiar de Isidoro e Isabel não está preparado para receber entidades deliberadamente perversas. Cada agrupamento tem seus fins. Com efeito, os recém-chegados estavam profunda angústia na expressão fisionômica. As senhoras em pranto eram numerosas. O quadro consternava. Algumas entidades mantinham as mãos no ventre, calcando regiões feridas. Não eram poucas as que traziam ataduras e faixas. – Muitos – disse-nos o mentor – não concordam ainda com as realidades da morte corporal. E toda essa gente, de modo geral, está prisioneira da ideia de enfermidade. Existem

peessoas, e vocês, como médicos, as terão conhecido largamente, que cultivam as moléstias com verdadeira volúpia. Apaixonam-se pelos diagnósticos exatos, acompanham no corpo, com indefinível ardor, a manifestação dos indícios mórbidos, estudam a teoria da doença de que são portadoras, como jamais analisam um dever justo no quadro das obrigações diárias, e quando não dispõem das informações nos livros, estimam a longa atenção dos médicos, os minuciosos cuidados da enfermagem e as compridas dissertações sobre a enfermidade de que se constituem voluntárias prisioneiras. Sobrevindo à desencarnação, é muito difícil o acordo entre elas e a verdade, porquanto prosseguem mantendo a ideia dominante. Às vezes, no fundo, são boas almas, dedicadas aos parentes do sangue e aproveitáveis na esfera restrita de entendimento a que se recolhem, mas, no entanto, carregadas de viciação mental por muitos séculos consecutivos. E num gesto diferente, nosso instrutor considerou: – Demoramo-nos todos a escapar da velha concha do individualismo. A visão da universalidade custa preço alto e nem sempre estamos dispostos a pagá-lo. Não queremos renunciar ao gosto antigo, fugimos aos sacrifícios louváveis. Nessas circunstâncias, o mundo que prevalece para a alma desencarnada, por longo tempo, é o reino pessoal de nossas criações inferiores. Ora, desse modo, quem cultivou a enfermidade com adoração, submeteu-se-lhe ao império. É lógico que devemos, quando encarnados, prestar toda a assistência ao corpo físico, que funciona, para nós, como vaso sagrado, mas remediar a saúde e viciar a mente são duas atitudes essencialmente antagônicas entre si. A palestra era magnificamente educativa; entretanto, o número crescente de entidades necessitadas chamava-nos à cooperação. Muitas choravam baixinho, outras gemiam em voz mais alta. Depois de longa pausa, Aniceto advertiu: – Vamos ao serviço. Para nós, cooperadores espirituais, os trabalhos já começaram. A prece e o esforço dos companheiros encarnados representarão o termo desta reunião de assistência e iluminação em Jesus Cristo.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 43)

“– Vamos ao trabalho – respondeu-me um deles –; hoje, à noite, realizar-se-á o estudo evangélico e devemos auxiliar os irmãos ignorantes e sofredores que estejam em condições de vir até aqui. – Há também semelhante tarefa? – indaguei, espantado. – Como não, meu caro? O próprio Jesus já dizia, há muitos séculos, que a seara é grande. Há trabalho para todos. E cumpre-nos reconhecer que esta oficina de assistência cristã funciona, há quase vinte anos, de maneira incessante. – Vocês, no entanto – interroguei –, permanecem aqui desde os primórdios da fundação? O interlocutor esclareceu prontamente: – Não. Muitos, como nós, fazem aqui estágios de serviço. Somente alguns cooperadores de Isidoro e Isabel aqui estacionam

desde o início da instituição. Nós outros, contudo, não nos demoramos em trabalho por mais de dois anos consecutivos. Um posto, como este, é sempre uma escola ativa e santa, e os que se encontrem no clima da boa vontade não devem perder ensejo de aprender. – Desculpem-me tantas interrogativas – tornei –, mas estimaria saber se vocês são os únicos com as atribuições de recrutar os que ignoram e sofrem, para a instrução e o consolo. – Não. Hildegardo e eu somos auxiliares apenas de alguns quarteirões no centro urbano. Nesse ramo de socorro, os colaboradores são numerosos. A essa altura, um dos irmãos, que me parecia integrar o corpo de orientação da casa, aproximou-se e falou ao nosso interlocutor, de maneira especial: – Vieira, recomendo a você e ao Hildegardo a melhor observância do nosso critério doutrinário. Será inútil trazerem até aqui entidades vagabundas ou de má fé, obedecendo aos alvitreiros da simpatia pessoal. Não podemos perder tempo com Espíritos escarninhos e ociosos, nem com aqueles que se aproximam de nossa tenda alimentando certas intenções de natureza inferior. Não faltarão providências de Jesus para essa gente, em outra parte. Lembrem-se disso. Não é falta de caridade, é compreensão do dever. Temos um programa de trabalho muito sério no capítulo da evangelização e do socorro, não podemos abusar da concessão de nossos maiores da Espiritualidade Superior. Quem aceita um compromisso não vive sem contas. Por muito que vocês amem a alguma entidade ociosa ou irônica, não facilitem os abusos dela. Ajudem-na de maneira individual, quando disponham de tempo e possibilidades para isso. Não arrastem o grupo a dificuldades. Não se esqueçam de que existem determinados núcleos de tarefa para os surdos e cegos voluntários. Vieira e o colega fizeram-se palidíssimos, não respondendo palavra. Quando o orientador se afastou, sereno e ativo, Vieira explicou, desapontado: – Recebemos uma admoestação justa. E porque visse nosso desejo de aprender, prosseguiu, atencioso: – Infelizmente, Hildegardo e eu temos alguns parentes desencarnados em dolorosas condições espirituais. Na reunião passada, trouxemos meu tio Hilário e o primo Carlos, embora soubéssemos que ambos não se encontram preparados para reflexões sérias, pelo desrespeito às leis divinas em que se movimentam, nos ambientes inferiores. Manifestaram-se ambos, porém, tão desejosos de renovação, que ouvimos, acima de tudo, a simpatia pessoal, esquecendo a necessidade de preparação conveniente. Vieram conosco, sentaram-se entre os ouvintes numerosos. Mas, em meio dos estudos evangélicos, tentaram assaltar as faculdades mediúnicas da irmã Isabel, para transmissão de uma mensagem de teor menos edificante. Sentindo-nos a vigilância e surpreendidos pelos cooperadores desta santificada oficina, revoltaram-se, estabelecendo grande distúrbio. Não fossem as barreiras

magnéticas do serviço de guarda, teriam causado males muito sérios. Assim, a reunião foi menos frutuosa, pela grande perda de tempo. Ora, naturalmente, fomos responsabilizados... – Meu Deus! – exclamou Vicente, admirado – quanta lição nova! – Ah! Sim, meu amigo – tornou Vieira, resignado –, aqui não devemos abusar tanto do amor, como no círculo carnal! Ninguém está impedido de ajudar, querer bem, interceder; todos podemos auxiliar os que amamos, com os recursos que nos sejam próprios, mas a palavra “dever” tem aqui uma significação positiva para quem deseje caminhar sinceramente para Deus.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 39)

“**Mandato mediúnico.** Eram quase vinte horas, quando estacamos à frente de sóbrio edifício, ladeado por vários veículos. Muita gente ia e vinha. Desencarnados, em grande cópia, congregavam-se no recinto e fora dele. Vigilantes de nosso plano estendiam-se, atenciosos, impedindo o acesso de Espíritos impenitentes ou escarnecedores. Variados grupos de pessoas ganhavam ingresso à intimidade da casa, mas no pórtico experimentavam a separação de certos Espíritos que as seguiam, Espíritos que não eram simples curiosos ou sofredores, mas blasfemadores e renitentes no mal. Esses casos, porém, constituíam exceção, porque em maioria o séquito de irmãos desencarnados se formava de gente agoniada e enferma, tão necessitada de socorro fraterno como os doentes e aflitos que passavam a acompanhar. Entramos. Grande mesa, ao centro de vasta sala, encontrava-se rodeada de largo cordão luminoso, de isolamento. Em derredor, reservava-se ampla área, onde se acomodavam quantos careciam de assistência, encarnados ou não, área essa que se mostrava igualmente protegida por faixas de defesa magnética, sob o cuidado cauteloso de guardas pertencentes à nossa esfera de ação. A frente, na parte oposta à entrada, vários benfeitores espirituais conferenciavam entre si e, junto deles, respeitável senhora ouvia, prestimosa, diversos pacientes. Apresentava-se a matrona revestida por extenso halo de irradiações opalinas, e, por mais que projeções de substância sombria a buscassem, através das requisições dos sofredores que a ela se dirigiam, conservava a própria aura sempre lúcida, sem que as emissões de fluidos enfermícios lhe pudessem atingir o campo de forças. [...] Nessa altura do esclarecimento que registrávamos, felizes, Dona Ambrosina sentara-se ao lado do diretor da sessão, um homem de cabelos grisalhos e fisionomia simpática que havia organizado a mesa orientadora dos trabalhos com catorze pessoas, em que transpareciam a simplicidade e a fé. Enquanto Gabriel se postava ao lado da médium, aplicando-lhe passes de longo circuito, como a prepará-la com segurança para as atividades da noite, o condutor da reunião pronunciou sentida prece. Em seguida, foi lido um texto

edificante de livro doutrinário, acompanhado por breve anotação evangélica, em cuja escolha preponderou a influência de Gabriel sobre o orientador da casa. Da leitura global distinguia-se a paciência por tema vivo. E, realmente, a assembleia, examinada no todo mostrava-se flagelada de problemas inquietantes, reclamando a chave da conformação para alcançar o reequilíbrio. Dezenas e dezenas de pessoas aglomeravam-se, em derredor da mesa, exibindo atribulações e dificuldades. Estranhas formas-pensamentos surgiam de grupo a grupo, denunciando-lhes a posição mental. Aqui, dardos de preocupação, estiletos de amargura, nevoeiros de lágrimas... Acolá, obsessores enquistados no desânimo ou no desespero, entre agressivos propósitos de vingança, agravados pelo temor do desconhecido... Desencarnados em grande número suspiravam pelo céu, enquanto outros recebiam o inferno, desajustados pela falsa educação religiosa recolhida no plano terrestre. Vários amigos espirituais, junto aos componentes da mesa diretora, passaram a ajudá-los na pregação doutrinária, com bases no ponto evangélico da noite, espalhando, através de comentários bem feitos, estímulos e consolos. Fichas individuais não eram declinadas, entretanto percebíamos claramente que as pregações eram arremessadas ao ar, com endereço exato. Aqui, levantavam um coração caído em desalento, ali, advertiam consciências descuidadas, mais além, renovavam o perdão, a fé, a caridade, a esperança... Não faltavam quadros impressionantes de Espíritos perseguidores, que procuravam hipnotizar as próprias vítimas, precipitando-as no sono provocado, para que não tomassem conhecimento das mensagens transformadoras, ali veiculadas pelo verbo construtivo.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 16)

“O relógio anunciou as 19:30 que indicavam o momento de iniciar-se a preparação para os serviços da Caridade. Todo o grupo penetrou na sala reservada ao ministério mediúnico com gravidade, em silêncio. Operosos, diligentes Mensageiros Espirituais, vinculados ao labor da noite, haviam acionado a aparelhagem promotora da assepsia psíquica ambiental, bem como dos cooperadores, porventura atingidos por alguma imprudência e por petardos venenosos atirados pelos adversários da paz. Tudo eram harmonias, como das vezes passadas, em esfera de oração. A leitura e consequentes comentários de “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, no capítulo 23º — Da obsessão — facultou valiosas lições, predispondo, favoravelmente, para o complexo tão importante ministério. Apon-tamentos proveitosos elucidavam o texto em perfeita consonância com a página evangélica logo depois meditada. Após a prece assinalada pelo fervor do Coronel Sobreira, o Instrutor Bezerra, através de Rosângela, transmitiu as informações necessárias, convidando a acurada oração e concentração harmônica, dirigidas

ao enfermo espiritual. O perseguidor, em hibernação, graças ao sono provocado por indução sugestiva, de quando em quando se agitava, presa das imagens mentais danosas de que se alimentava intimamente. O carinho que lhe era dispensado pelos Enfermeiros Desencarnados acalmava-o, inspirando compaixão e socorro no desvario a que se entregava.” (MPM, *Gri-lhões partidos*, Capítulo 18)

“Aguardamos a hora regulamentar em que se dariam os trabalhos, a que se reportara o irmão Genézio. Às 19h30min, dirigimo-nos os três para o Núcleo, que ficava em bairro próximo do nosso Posto, em cuja redondeza fora instalado também um subsetor de atividades especiais para aqueles dias, vinculado ao nosso Acampamento Central. Edificação de linhas sóbrias, dividia-se em várias dependências com finalidades especiais. Parte do prédio era dedicada a meninas carentes que ali se educavam sob a carinhosa assistência, na condição de filhas. Nada que configurasse um Orfanato tradicional, em que a rigidez da disciplina substituíra o amor e a indiferença que gera animosidades, conduzia o destino das infantes. Respirava-se a alegria infantil sem exageros da tolerância que é convivência, e a espontaneidade reinava entre todas, como num lar normal, com número expressivo de filhas. Numa construção lateral sediava-se a Casa Espírita reservada para os labores de ordem doutrinária. Tudo era simples, mas não desleixado, num ambiente agradável e ordeiro. À entrada, Espíritos amigos saudaram-nos, cortesemente, afirmando que os labores a que se dedicavam, na vigilância e defesa da Casa, estavam em paz, transcorrendo em ordem. O bondoso Genézio olhou-me como a confirmar pelos fatos o que me elucidara, há pouco, com palavras. Adentramo-nos no recinto onde se realizaria o mister. Tratava-se de uma sala de seis por quatro metros com uma mesa e cadeiras, onde se poderiam alojar confortavelmente vinte e cinco pessoas. Não havia qualquer decoração supérflua que desviasse a atenção. Em volta da mesa estavam dez confrades, enquanto os demais sentavam-se em filas sucessivas de cinco cadeiras cada. Diversos amigos espirituais já se encontravam no ambiente, considerando-se que os serviços deste porte, não raro, têm uma preparação antecipada de até quarenta horas, quando são trazidos os participantes desencarnados ou psicicamente se faz a sincronia fluídica dos mesmos com os médiuns que os irão *incorporar*; transmitindo, em psicofonia atormentada, as suas necessidades que receberão o auxílio e a orientação competentes. De outras vezes, ali se demoram os que experimentam assistência prolongada antes de ser transferidos para os setores próprios do nosso plano de ação. [...] A reunião tinha início. O Diretor encarnado começou a ler um texto de *O Livro dos Espíritos*, após o que teceu oportunas considerações. Logo depois, pediu a

outro membro da assembleia para ler um parágrafo de *O Livro dos Médiuns*, que igualmente foi comentado. Por fim, uma senhora leu uma página de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, todas as três obras de Allan Kardec, que foram motivo de apontamentos de vários participantes. Reduzida a claridade, foi proferida a prece de início e o trabalho, propriamente dito, começou.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 17)

“Enquanto estivéramos fora, o irmão Genézio e outros cooperadores da Casa receberam os membros que participariam da tarefa, dispondo-os na sala mediúnica, nos seus devidos lugares, enquanto era lida uma página do Capítulo VI, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, como preparação psíquica de todos e consolidação do ambiente espiritual. Compreensivelmente, a Senhora Angélica, Roberto e os dois pacientes que trouxemos nada percebiam, no momento. – A realização a que daremos curso – elucidou-me Dr. Bezerra – poderia ser executada, durante as atividades habituais da Casa, com a participação dos membros que constituem o grupo de desobsessão... No entanto, damos a preferência a este mais cuidado labor, pela necessidade de irmos às raízes das causas que afligem os nossos irmãos necessitados, sem que corramos as desnecessárias contingências da distração dos encarnados, do cansaço que os toma, inclusive do sono a que muitos se entregam, certamente sem o desejarem. “A pouco e pouco, trabalhadores dedicados ao labor desobsessivo, no plano físico, têm sido vitimados por lamentável torpor mental, que os induz à sonolência de que se não logram liberar. Tombam, inermes, seja por desinteresse da tarefa ou por invigilância, estabelecendo ou reestruturando ligações com as mentes perversas dos seus adversários espirituais que, desse modo, os bloqueiam, impedindo-os de aprender e servir ou com o objetivo de prejudicar-nos o ministério socorrista... “Seria de bom alvitre que os membros de equipes mediúnicas, realmente responsáveis, conscientes da significação e gravidade do cometimento, se impossibilitados de repousar ao cair da tarde que antecede ao compromisso espiritual, descansassem, à noite de véspera, maior número de horas, precatando-se contra o desgaste natural das forças. Outrossim, procedendo dessa forma, ensejariam aos Benfeitores prepará-los para a melhor cooperação, sincronizando com os portadores da mediunidade psicofônica os que se irão comunicar e com os demais permitindo encontros refazentes, instruções oportunas, durante o natural e prolongado desdobramento pelo sono fisiológico.” Constatei que, entre os convidados para o prosseguimento da sessão desobsessiva, além de Jonas encontravam-se duas senhoras, igualmente portadoras de mediunidade, o companheiro diretor, que se encarregava da doutrinação e apenas um jovem muito interessado no serviço. Apresentavam-se

relativamente lúcidos, não obstante as limitações naturais em experiências desse porte. [...] Como todos os preparativos estivessem concluídos, o Benfeitor dirigiu-se a um ponto central, no semicírculo em que se encontravam todos os participantes de ambos os planos da vida, e proferiu a prece de abertura da reunião.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 26)

“A irmã Emerenciana convidou-nos à reunião que seria realizada na sala que se destinava às orientações, já nossa conhecida. Nesse momento foram chegando os companheiros liberados pelo sono físico, que deveriam participar daquele trabalho especializado. Os dois médiuns, aos quais nos reportamos durante o tratamento espiritual pelo choque anímico, apresentavam-se relativamente lúcidos, porque acostumados a esse mister, e foram recebidos com carinho pela Benfeitora, que os acomodou nos lugares que lhes estavam reservados. Alguns cooperadores das tarefas mediúnicas, adestrados nos fenômenos de desdobramento, encontravam-se também presentes, na condição de auxiliares prestimosos. A sala estava isolada por uma barreira fluídica impeditiva a qualquer incursão de malfetores interessados em perturbar a operação que se iria iniciar. Havia sido tomadas providências para que os resíduos das ideoplastias que ali permanecessem fossem queimados, para o que, antes, trabalhadores especializados se encarregaram de fazê-lo, produzindo uma psicofera agradável e renovadora.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 13)

II.5. Mau uso das reuniões espíritas e da mediunidade: busca por interesses pessoais e materiais¹

“**XXV.** Com que fim, as mais das vezes, pedis comunicações aos Espíritos? Para terdes belos trechos de prosa, que mostrareis às pessoas das vossas relações como amostras do nosso talento? Preciosamente as conservais nas vossas pastas, porém, nos vossos corações não há lugar para elas. Julgais porventura que muito nos lisonjeia o comparecermos às vossas assembleias, como a um concurso, para fazermos torneios de eloquência, a fim de que possais dizer que a sessão foi muito interessante? Que vos resta, depois de haverdes achado admirável uma comunicação? Supondes que vimos em busca dos vossos aplausos? Desengai-vos. Não nos agrada divertir-vos mais de um modo que doutro. Ainda aí o que há, em vós, é curiosidade, que debalde procurais dissimular. O nosso objetivo é tornar-vos melhores. Ora, quando verificamos que as nossas palavras nenhum fruto produzem, que, da vossa parte, tudo se resume numa estéril aprovação,

vamos em busca de almas mais dóceis. Cedemos então o lugar aos Espíritos que só fazem questão de falar e esses não faltam. Causa-vos espanto que deixemos tomem eles os nossos nomes. Que vos importa, uma vez que, para vós, não há nisso nem mais, nem menos? Ficai, porém, sabendo que não o permitimos em se tratando daqueles por quem realmente nos interessamos, isto é, daqueles com quem o nosso tempo não é perdido. Esses são os que preferimos e cuidadosamente os preservamos da mentira. Se, portanto, sois tão frequentemente enganados, queixai-vos tão só de vós mesmos. Para nós, o homem sério não é aquele que se abstém de rir, mas aquele cujo coração as nossas palavras tocam, que as medita e tira delas proveito. *Massillon*. [...] **XXVII.** Repeli impiedosamente todos esses Espíritos que reclamam o exclusivismo de seus conselhos, pregando a divisão e o insulamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de fasciná-los e ter sob seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder que, déspotas, públicos ou privados, quando vivos, ainda se esforçam, depois de mortos, por ter vítimas para tiranizarem. Em geral, desconfiai das comunicações que tragam caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevam cerimônias e atos extravagantes. Sempre haverá, nesses casos, motivo legítimo de suspeição. Por outro lado, crede que, quando uma verdade tenha de ser revelada aos homens, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios que disponham de médiuns sérios, e não a tais ou quais, com exclusão de todos os outros. Ninguém é perfeito médium, se está obsidiado, e há obsessão manifesta, quando um médium só se mostra apto a receber as comunicações de determinado Espírito, por maior que seja a altura em que este procure colocar-se. Consequentemente, todo médium, todo grupo que julguem ter o privilégio de comunicações que só eles podem receber e que, por outro lado, estejam adstritos a práticas que orçam pela superstição, indubitavelmente se acham sob o guante de uma das obsessões mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se pavoneia com um nome que todos, Espíritos encarnados, devemos honrar e respeitar e não consentir seja profanado a qualquer propósito. É incontestável que, submetendo ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil será descobrir-se o absurdo e o erro. Pode um médium ser fascinado, como pode um grupo ser mistificado. Mas, a verificação severa dos outros grupos, o conhecimento adquirido e a alta autoridade moral dos diretores de

¹ Vide Capítulo X (“Má utilização da mediunidade – Queda dos médiuns”), Sexta Parte (“Mediunidade”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

grupos, as comunicações dos principais médiuns, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, farão justiça rapidamente a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos enganadores e malignos. *Erasto* (discípulo de São Paulo). [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXXI)

“Segundo informações de Aniceto, faltava mais de uma hora para o início da preleção evangélica, sob a responsabilidade do senhor Bentes, na esfera dos frequentadores encarnados, mas o movimento de serviço espiritual tornara-se intensíssimo. Reuniam-se ali, para olhos humanos, trinta e cinco individualidades terrestres e, no entanto, em nosso círculo, o número de necessitados excedia de duas centenas, porquanto, agora, a assembleia estava acrescida de muitas entidades que formavam o séquito perturbador da maioria dos aprendizes ali congregados. Para elas, organizou-se uma divisão especial, que me pareceu constituída por elementos de maior vigilância, visto chegarem, quase obrigatoriamente, acompanhando os que buscavam o socorro espiritual, sem a indicação dos orientadores em serviço nas vias públicas. A movimentação era enorme e o tempo era escasso para qualquer observação, sem movimento ativo. Todos os servidores da casa se mantinham a postos, desenvolvendo a melhor atenção. Reparei que num ângulo da grande mesa havia numerosas indicações de receituário e assistência. Os mais variados nomes ali se enfileiravam. Muitas pessoas pediam conselhos médicos, orientação, assistência e passes. Quatro facultativos espirituais se moviam diligentes e, secundando-lhes o esforço humanitário, quarenta cooperadores diretos iam e vinham recolhendo informações e enriquecendo pormenores. Aproximamo-nos do grande número de papéis nominados e, enquanto curiosamente buscava examiná-los, Aniceto explicou: – Temos aqui a indicação das pessoas que se afirmam necessitadas de amparo e socorro imediato. – Mas recebem elas tudo quanto pedem? – indagou Vicente, curioso. Nosso mentor sorriu e respondeu: – Recebem o que precisam. Muitos solicitam a cura do corpo, mas somos forçados a estudar até que ponto lhes podemos ser úteis, no particularismo dos seus desejos; outros reclamam orientações várias, obrigando-nos a equilibrar nossa cooperação, de modo a lhes não tolher a liberdade individual. A existência terrestre é um curso ativo de preparação espiritual e, quase sempre, não faltam na escola os alunos ociosos, que perdem o tempo ao invés de aproveitá-lo, ansiosos pelas realizações mentirosas do menor esforço. Desse modo, no capítulo das orientações, a maior parte dos pedidos são desassistidos. A solicitação de terapêutica para a manutenção da saúde física, pelos que de fato se interessam pelo concurso espiritual, é sempre justa; todavia, no que concerne a conselhos para a

vida normal, é imprescindível muita cautela de nossa parte, diante das requisições daqueles que se negam voluntariamente aos testemunhos de conduta cristã. O Evangelho está cheio de sagrados roteiros espirituais e o discípulo, pelo menos diante da própria consciência, deve considerar-se obrigado a conhecê-los. O instrutor amigo fez pequena pausa, mudou a inflexão de voz, como para acentuar fortemente as palavras, e considerou: – Possivelmente, vocês objetarão que toda pergunta exige resposta e todo pedido merece solução; entretanto, nesse caso de esclarecer determinadas solicitações dos companheiros encarnados, devemos recorrer, muitas vezes, ao silêncio. Como recomendar humildade àqueles que a pregam para os outros; como ensinar a paciência aos que a aconselham aos semelhantes, e como indicar o bálsamo do trabalho aos que já sabem condenar a ociosidade alheia? Não seria contrassenso? Ler os regulamentos da vida para os cegos e para os ignorantes é obra meritória, mas, repeti-los aos que já se encontram plenamente informados, não será menosprezo ao valor do tempo? Alma alguma, nas diversas confissões religiosas do Cristianismo, recebe notícias de Jesus, sem razão de ser. Ora, se toda condição de trabalho edificante traduz compromisso da criatura, todo conhecimento do Cristo traduz responsabilidade. Cada aprendiz do Mestre, portanto, está no dever de observar a consciência, conferindo-lhe os alvitreiros profundos com as disposições evangélicas. Vicente, que escutava com grande interesse, aventou: – No entanto, ousaria lembrar os que formulam semelhantes pedidos levianamente... – Sim – elucidou Aniceto, sorrindo –, mas nós não poderemos copiar-lhes o impulso. Os desencarnados e os encarnados, que ainda abusam das possibilidades do intercâmbio entre as esferas visíveis e invisíveis ao homem comum, pagarão alto preço pela invigilância. – Neste caso – perguntei, respeitoso –, como corresponder aos pedidos de orientação? – Alguns, raros – esclareceu nosso orientador –, merecem o concurso da nossa elucidação verbal, na hipótese de se referirem aos interesses eternos do espírito, quando isso nos seja possível; entretanto, quase sempre é indispensável nada responder de maneira direta, auxiliando os interessados na pauta de nossos recursos, em silêncio, mesmo porque, não temos grande tempo para relembrar a irmãos encarnados certas obrigações que lhes não deviam escapar da memória, para felicidade de si mesmos. Calou-se por momentos o bondoso instrutor, considerando em seguida, interessado em nos subtrair quaisquer dúvidas: – Muitas entidades desencarnadas estimam o fornecimento de palpites para as diversas situações e dificuldades terrestres, mas esses pobres amigos estacionam desastrosamente em questões subalternas, incapazes de uma visão mais alta, em face dos horizontes infinitos da vida eterna, convertendo-se em meros escravos de mentalidades

inferiores, encarnadas na Terra. Esquecem que o nosso interesse imediato, agora, deve ser, acima de todos, aquele que se refira à espiritualidade superior. Nossos irmãos inquietos, que forneçam palpites a preguiçosas mentes encarnadas, sobre assuntos referentes à responsabilidade justa e necessária do homem, devem fazê-lo de própria conta. – Que acontece, então? – perguntou Vicente, curioso. Nosso mentor, contudo, respondeu com outra pergunta: – Que acontece ao homem de responsabilidade que se põe a brincar?” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 46)

“[...] E, no fim da longa e sentida exposição, rematava, lacrimosa, dirigindo-se ao meu orientador: – Por piedade, generoso amigo! Nada me podeis dizer? Que terá sido feito de Raul? Quem o teria assassinado? E por quê? A viúva sofredora parecia alucinada de dor e internava-se através das mais descabidas indagações; Alexandre, porém, longe de se desgostar com as perguntas intempestivas, assumira atitude paternal e, carinhosamente, tomou as mãos da interlocutora, respondendo-lhe: – Tenha calma e coragem, minha amiga! Neste momento, não é fácil esclarecê-la. É imperioso syndicar, com cuidado, a fim de solucionar o problema com o critério devido. Volte, pois, ao lar e descanse a mente oprimida... Ansiedades existem que não se curam à força de raciocínios do mundo. É indispensável conhecer o refúgio da oração, confiando-as ao Supremo Pai. Ampare-se à fé sincera, confie na Providência e veremos o que é possível fazer no setor da informação e do socorro fraterno. Examinaremos o assunto com atenção! Ambas as senhoras teceram ainda alguns comentários dolorosos, em torno do acontecimento, e despediram-se, mais tarde, com palavras de gratidão e conforto. A sós comigo e sentindo, talvez, a minha necessidade de preparação e conhecimento, o orientador explicou: – Nossos amigos encarnados muitas vezes acreditam que somos meros adivinhos e, pelo simples fato de nos conservarmos fora da carne, admitem que já somos senhores de sublimes dons divinatórios, esquecidos de que o esforço próprio, com o trabalho legítimo, é uma lei para todos os planos evolutivos. Mas, sorrindo paternalmente, acrescentou: – Entretanto, é forçoso considerar que nós outros, quando na Crosta, em face das mesmas circunstâncias, não procederíamos de outra forma.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“**Mediunidade transviada.** Descera a noite totalmente, quando penetramos estreita sala, em que um círculo de pessoas se mantinha em oração. Várias entidades se imiscuíam ali, em meio dos companheiros encarnados, mas em lamentáveis condições, de vez que pareciam inferiores aos homens e mulheres que se faziam componentes da reunião. Apenas o irmão Cássio, um guardião simpático e amigo, de quem o Assistente nos aproximou, demonstrava superioridade moral.

Notava-se-lhe, de imediato, a solidão espiritual, porquanto desencarnados e encarnados da assembleia não lhe percebiam a presença e, decerto, não lhe acolhiam os pensamentos. Ante as interpelações do nosso orientador, informou, algo desencantado: – Por enquanto, nenhum progresso, não obstante os reiterados apelos à renovação. Temos sitiado o nosso Quintino com os melhores recursos ao nosso alcance, mobilizando livros, impressos e conversações de procedência respeitável, no entanto, tudo em vão... O teimoso amigo ainda não se precatou quanto às duras responsabilidades que assume, sustentando um agrupamento desta natureza... Áulus buscou reconfortá-lo com um gesto silencioso de compreensão e convidou-nos a observar. Revestia-se o recinto de fluidos desagradáveis e densos. Dois médiuns davam passividade a companheiros do nosso plano, os quais, segundo minhas primeiras impressões, jaziam convertidos em criados autênticos do grupo, assalariados talvez para serviços menos edificantes. Entidades diversas, nas mesmas condições, enxameavam em torno deles, subservientes ou metedidas. O fenômeno da psicofonia era ali geral. Os sensitivos desdobrados se mantinham no ambiente, alimentando-se das emanções que lhes eram peculiares. Raimundo, um dos comunicantes, sob as vistas complacentes do diretor da casa, conversava com uma senhora, cuja palavra leviana inspirava piedade. – Raimundo – dizia – tenho necessidade do dinheiro que há meses vem sendo acumulado no Instituto, do qual sou credora prejudicada. Que me diz você de semelhante demora? – Espere, minha irmã – recomendava a entidade –, trabalharemos em seu benefício. E a palestra continuava. – A solução é urgente. Você deve ajudar-me com ação mais expedita. Tente uma volta pelo gabinete do diretor ranzinza e desencrave o processo... Você quer o endereço das pessoas que precisamos influenciar? – Não, não. Conheço-as e sei onde moram... – Vejo, Raimundo, que você anda distraído. Não se interessou por meu caso, com a presteza justa. – Não é bem assim... Tenho feito o que posso. E enquanto a matrona baixava o tom de voz, cochichando, um cavalheiro maduro dirigia-se a Teotônio, o outro comunicante da noite, clamando, indiscreto: – Teotônio, até quando me cabe aguardar? A entidade, que parecia embatucar-se com a pergunta, silenciou, humilde, mas o interlocutor alongou-se, exigente: – Vai para quatro meses que espero pela decisão favorável referente ao emprego que me foi prometido. Entretanto, até hoje!... Você não conseguiria liquidar o problema? – Que deseja que eu faça? – Sei que o gerente da firma é do contra. Ajude-me, inclinando-o a simpatizar-se pela boa solução de meu caso. Nisso, outra senhora ocupou a atenção de Raimundo, solicitando: – Meu amigo, conto com o seu valioso concurso. Sou mãe. Não me conformo em ver minha filha aceitar a proposta de um homem desbriado, para casar-se. Nossa

posição em casa é das mais alarmantes. Meu marido não suporta o homem que nos persegue, e a menina revoltada tem sido para nós um tormento. Você não poderá afastar esse abutre? Raimundo respondeu, subserviente, enquanto Quintino tomava a palavra, logo em seguida, pedindo uma prece, em conjunto, a fim de que os desencarnados se fortalecessem para corresponder à confiança do grupo, prestando-lhe os serviços solicitados. Entendimentos e conversas continuaram entre comunicantes e clientes da casa, todavia, não mais lhes dei atenção, considerando-lhes o obscuro aspecto. Em aflitivas circunstâncias, vira obsidiados e entidades endurecidas no mal, através de tremendos conflitos; contudo, em nenhum lugar sentia tanta compaixão como ali, vendo pessoas sadias e lúcidas a interpretar o intercâmbio com o mundo espiritual como um sistema de criminosa exploração, com alicerces no menor esforço. Aqueles homens e mulheres que se congregavam no recinto, com intenções tão estranhas, teriam coragem de pedir a companheiros encarnados os serviços que reclamavam dos Espíritos? Não estariam ultrajando a oração e a mediunidade para fugir aos problemas que lhes diziam respeito? Não dispunham, acaso, de veneráveis conhecimentos para mobilizar o cérebro, a língua, os olhos, os ouvidos, as mãos e os pés, no aprendizado enobrecedor? Que faziam da fé? Seria justo que um trabalhador relegasse a outros a enxada que lhe cabia suportar e mover na gleba do mundo? Áulus registrou-me as reflexões amargas, porque, generoso, deu-se pressa em reconfortar-me: – Um estudo atual de mediunidade, mesmo rápido quanto o nosso, não seria completo se não perquiríssemos a região do psiquismo transviado, onde Espíritos preguiçosos, encarnados e desencarnados, respiram em regime de vampirização recíproca. Aliás, constituem produto natural da ignorância viciosa em todos os templos da Humanidade. Abusam da oração tanto quanto menoscabam as possibilidades e oportunidades de trabalho digno, porquanto espreitam facilidades e vantagens efêmeras para se acomodarem com a indolência, em que se lhes cristalizam os caprichos infantis. – Mas, prosseguirão assim, indefinidamente? perguntei. – André, sua dúvida está fora de propósito. Você possui bastante experiência para saber que a dor é o grande ministro da Justiça Divina. Vivemos a nossa grande batalha de evolução. Quem foge ao trabalho sacrificial da frente, encontra a dor pela retaguarda. O Espírito pode confiar-se à inação, mobilizando delituosamente a vontade, contudo, lá vem um dia a tormenta, compelindo-o a agitar-se e a mover-se para entender os impositivos do progresso com mais segurança. Não adianta fugir da eternidade, porque o tempo, benfeitor do trabalho, é também o verdugo da inércia. Hilário, que refletia, silencioso, junto de nós, inquiriu preocupado: – Por que se entregam nossos irmãos encarnados a semelhantes práticas de menor esforço? Há

tantas lições de aprimoramento espiritual, há tantos apelos à dignificação da mediunidade, nas linhas doutrinárias do Espiritismo!... Por que o desequilíbrio? Áulus pensou alguns instantes e redarguiu: – Hilário, é imprescindível recordar que não nos achamos diante da Doutrina do Espiritismo. Presenciamos fenômenos mediúnicos, manobrados por mentes ociosas, afeiçoadas à exploração inferior por onde passam, dignas, por isso mesmo, de nossa piedade. E não ignoramos que fenômenos mediúnicos são peculiares a todos os santuários e a todas as criaturas. Quanto à preferência de nossos amigos pela convivência com os desencarnados ainda imensamente presos ao campo sensorial da vida física, incapazes ainda de mais ampla visão das realidades do Espírito, isso é compreensível na Terra. É sempre mais fácil ao homem comum trabalhar com subalternos ou iguais, porque, servir ao lado de superiores exige boa vontade, disciplina, correção de proceder e firme desejo de melhorar-se. Sabemos que a morte não é milagre. Cada qual desperta, depois do túmulo, na posição espiritual que procurou para si... Ora, o homem vulgar sente-se mais à solta junto das entidades que lhe lisonjeiam as paixões, estimulando-lhe os apetites, de vez que todos somos constrangidos a educar-nos, na vizinhança de companheiros evoluídos, que já aprenderam a sublimar os próprios impulsos, consagrando-se à lavoura incessante do bem. – Mas não será isso um abuso do homem encarnado? Não será crime parasitar os desencarnados de condição inferior? – indagou Hilário. – Isso não padece dúvida – confirmou o instrutor. – E esse delito ficará impune? Áulus fixou leve expressão de bom humor e respondeu: – Não se preocupem demasiado. Quando o erro procede da ignorância bem-intencionada, a Lei prevê recursos indispensáveis ao esclarecimento justo no espaço e no tempo, porquanto a genuína caridade, sob qualquer título, é sempre venerável. Entretanto, se o abuso é deliberado, não faltará corrigenda. Vagueou o olhar sobre o diretor da assembleia e sobre os medianeiros que incorporavam os comunicantes e acrescentou: – Teotônio e Raimundo, tanto quanto alguns outros desencarnados da posição deles, e que aqui se aglomeram, realmente são mais vampirizados que vampirizadores. Fascinados pelas requisições de Quintino e dos médiuns que lhe prestigiam a obra infeliz, seguem-lhes os passos, como aprendizes no encalço dos mentores aos quais se devotam. Na hipótese de não se reajustarem no bem, tão logo se desencarnem o dirigente deste grupo e os instrumentos medianímicos que lhe copiam as atitudes, serão eles surpreendidos pelas entidades que escravizaram, a lhes reclamarem orientação e socorro, e, mui provavelmente, mais tarde, no grande porvir, quando responsáveis e vítimas estiverem reunidos no instituto da consanguinidade terrestre, na condição de pais e filhos, acertando contas e recompondo atitudes,

alcançarão pleno equilíbrio nos débitos em que se emaranharam. Ante a nossa admiração silenciosa, o Assistente concluiu: – Cada serviço nobre recebe o salário que lhe diz respeito e cada aventura menos digna tem o preço que lhe corresponde. Logo após, Áulus concitou-nos a partir. O ambiente não encorajava maior estudo e já havíamos assimilado a lição que ali poderíamos receber.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 27)

“A GRANDEZA DA RENÚNCIA. Quando acuramos o senso de observação e aprendemos a discernir, encontramos em toda parte lições vivas para serem incorporadas à nossa reflexão, tornando-se-nos patrimônio iluminativo de alta magnitude. Assim, os convites da vida são para a união, a solidariedade, a compreensão, enquanto os caprichos do egoísmo impelem à divisão, ao partidarismo, à sujeição aos rótulos e formalismos de linguagem, distantes, às vezes, da ação que se empreende. O amor é de essência universal, penetrando em tudo e a todos vitalizando, em face da sua procedência divina. Naquele desfilar de sofrimentos diferentes havia a mesma tônica centrada numa gênese única: a ação malfazeja do passado produzindo os atuais efeitos afligentes. O culto à personalidade, a sobre-estima, a fatuidade, a ambição desmedida, filhos diretos do egocentrismo, são cânceres da alma que o sofrimento faz drenar até o desaparecimento total dos seus tentáculos de longo alcance, abrindo espaço para que se instalem os sentimentos da fraternidade, do auxílio recíproco, do perdão indiscriminado, decorrentes do amor que os vivifica. Quantas vezes visitamos Grupos e Sociedades pomposos, nos quais se exibem os campeões do verbo orientador e da conduta vazia de ações que lhes subsidiem as palavras! Acompanhamos muitos homens de cérebro incendiado pelo ideal nobre e mãos desocupadas apontando erros e necessidades; muitas mentes iluminadas pelo conhecimento, e sentimentos frios, na escuridão da impiedade e do desprezo aos menos dotados ou mais ignorantes; muitos orientadores estribando-se em técnicas revolucionárias, sem a verdadeira compreensão das necessidades alheias, dos limites dos demais. Naquele recinto, onde havia escassez de conhecimentos, sobejava a ação da bondade. Não que o conhecimento seja fator de inércia ou soberba, de mesquinhez ou fatuidade. Ele é clareza que deve derruir a ignorância, começando em quem o conduz, e é sombra que se disfarça com certas excrescências morais que atestam a pequena evolução real do ser. A cultura tem a finalidade de dilatar o campo de compreensão do homem, concedendo-lhe mais clara visão da vida, antes que intoxicá-lo de informações que nem a ele próprio aproveitam. São diferentes, o homem culto do sábio, pela simples razão de que o primeiro armazena conhecimentos e o outro vive-os de forma edificante, promovendo aqueles que

o cercam. Asas da evolução, o conhecimento e o amor constituem a força da sabedoria que liberta a criatura.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 8)

“Dentre os problemas que mais atormentavam os consulentes da irmã Emerenciana, os que se faziam de maior urgência eram os que se referiam à saúde, às finanças e à afetividade... Era muito expressivo o número de clientes aspirando por soluções que lhes facultassem realização sexual com disfarce de amor, paixões descabidas acondicionadas nas justificativas das necessidades, dispondo-se a quaisquer atitudes que os levassem a lograr esses desejos. Pouco lhes importavam as consequências futuras, os danos causados àqueles que lhes pareciam impedimento, os prejuízos às famílias e compromissos que dificultavam os seus interesses mesquinhos. Propunham-se a ajudar, a remunerar, a alimentar as Entidades perversas desde que recebessem, em volta, a realização por que anelavam... A Mentora sábia ouvia-os com paciência, identificando-lhes o primitivismo, as enfermidades emocionais e morais que os estiolavam, esclarecendo uns e outros, ao tempo em que os encaminhava à prática do bem, à reconsideração das atitudes, à mudança de pensamento. Alguns, insatisfeitos, não mais retomavam. Imediatistas, desejavam o prazer de agora, não lhes interessando o amanhã... Outros, no entanto, aquietavam-se ou compreendiam o erro em que se encontravam, ante a doce energia e os elevados conceitos recebidos. Renovavam-se, passando a participar das atividades da Casa, enquanto lhes durava a problemática e abandonando-as, até à irrupção de novas aflições, que os traziam de volta, submissos e humildes, com protestos de devotamento ao serviço e à iluminação íntima. Ficavam, porém, alguns, que se sentiram edificados, dando rumo equilibrado às existências e dedicando-se ao auxílio fraterno. Aqueles que padeciam de necessidades financeiras, desemprego, fome, imploravam soluções rápidas, mediante trabalhos que lhes removessem a sorte madrasta, ou as feitiçarias, de que se diziam vítimas, ou de fatores outros que afirmavam prejudicá-los. Referiam-se, poucos, à própria indolência, ao desinteresse pelo trabalho do qual foram despedidos, mas que a Orientadora recordava através de admoestações claras e oportunas. Os realmente aflitos, sob as injunções reparadoras, recebiam conforto, aclaramento da circunstância sob a luz da reencarnação, que passaria a indicar-lhes rumo de segurança para remover-lhes as causas e superar-lhes os efeitos. Assim, sucediam-se as pessoas, conduzindo suas penas e injunções evolutivas, que o processo reencarnacionista impunha. A caridade moral, espiritual e material não era, ali, apenas um conceito filosófico-religioso de adorno, mas, sim, uma ação libertadora para quem pedia, quanto para aqueles que a repartiam.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 23)

II.6. Ataque de entidades perturbadoras às reuniões espíritas^{2,3}

“DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS. [...] SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS. XXVIII. Os falsos profetas não se encontram apenas entre os encarnados; há os, igualmente, e em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través sistemas absurdos, que fazem sejam aceitos pelos seus médiuns. E, para melhor fascinare os que eles hajam escolhido para serem enganados, a fim de darem maior peso às teorias, não escrupulizam em se utilizarem de nomes que só com muito respeito os homens pronunciavam: os de santos com razão venerados, os de Jesus, de Maria, mesmo o de Deus. São eles que atiram o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a se isolarem uns dos outros e a se olharem com animosidade. Só isto bastaria para desmascará-los, porquanto, procedendo assim, eles próprios dão o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, pois, são os homens que se deixam apanhar em tão grosseira armadilha. Há, porém, muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da ordem a que esses dizem ter ascendido devem ser não somente bons, mas, além disso, eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! Submetei-lhes os sistemas ao cadinho da razão e do bom-senso e vereis o que restará. Convinde, portanto, comigo em que, todas as vezes que um Espírito indique, como remédio aos males da Humanidade, ou como meios de chegar-se à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, providências pueris e ridículas; quando formule um sistema que as mais vulgares noções da ciência contradigam, não pode tal Espírito deixar de ser ignorante e mentiroso. Por outro lado, tende a certeza de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre o é pelo bom-senso das massas e nisso se vos oferece mais um critério de opinardes. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida do valor intrínseco de um e outro, procurando saber qual o que mais eco produz e mais simpatia encontra. Seria, com efeito, ilógico que uma doutrina, cujo número de partidários diminua gradualmente, fosse mais verdadeira do que outra, cujos adeptos se vão tornando

cada vez mais numerosos. Deus, pois, que quer que a verdade chegue a todos, não a confina em um círculo acanhado e restrito: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda parte a luz esteja ao lado das trevas. (Nota. A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade se encontra em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o concurso de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e em ser, ao demais, confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. Só a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina. Um sistema errôneo pode, sem dúvida, reunir alguns aderentes; mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, efêmera será a sua existência. Não há, pois, motivo para que com ele nos inquietemos. Seus próprios erros o matam e a sua queda será inevitável aos golpes da poderosa arma que é a lógica.)” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXXI)

“— Somos, porém — revidou, algo indeciso —, doze Mentres Dominadoras, que nos encontramos submetidos a uma equipe de dez Magistrados que habitam Regiões Infernais, onde os mínimos desvios da Justiça recebem longas punições. Constituímos o grupo dos *Doze*... Na aplicação do nosso *código* selecionamos *criminosos* que alcançam, de nossas mãos, as primeiras correções, após o que são conduzidos para os presídios próprios, nas furnas, onde levantam as construções da *Cidade da Flagelação*... Ligamo-nos por processo mental especializado e frequentemente somos convidados, por nossa vez, à prestação de contas, em minudentes relatórios verbais que são fiscalizados por técnicos competentes e aparelhos sensíveis. [...] Levantando-se, sem a soberbia de antes, o Dr. Teofrastus arremeteu: — Mas isto aqui é uma Casa Espírita! Sou uma das Mentres encarregadas de combater a peçonha cristã, que teima em reaparecer com indumentária nova. Detestamos esses aventureiros do corpo, que se atrevem invadir os domínios, que somente pertencem aos *mortos*. — Equivocam-vos, amigo — obtemperou amavelmente o irmão Glaucus. — Não há *mortos*, e sim vivos. Encarnados ou desencarnados somos todos Espíritos imortais, transitando numa ou noutra vibração, marchando, porém, na direção da imortalidade. O Cristianismo não teima em aparecer ou reaparecer: não desapareceu nunca, conquanto as interpolações e desrespeitos de que foi vítima através dos séculos. Refletindo o pensamento do Cristo é a esperança dos homens e o pão das vidas. Combatê-lo

2 Vide Subcapítulo II.8. (“Revolta e ataque dos obsessores contra os trabalhos de desobsessão – Afastamento dos obsidiados”), Capítulo II (“Desobsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

3 Vide Subcapítulo VI.9 (“Características e atividades das colônias e organizações do mal”), Capítulo VI (“Planos ou esferas espirituais inferiores”), Quinta Parte (“Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

é envenenar-se; persegui-lo significa dilatar-lhe os horizontes que se perdem nas fronteiras do Sistema Solar. Vã loucura da ignorância pelejar contra o conhecimento e da estultice investir contra a sabedoria... Jesus vive e vence, meu amigo. É tudo inútil e vós sabeis. [...] Nos primeiros dias do século atual fui convocado a abandonar o solo da França para vir aqui operar, tendo em vista a transformação que se realizava neste país, ante o reverdecer do pensamento cristão, amortecido em toda a parte e revivente aqui pelo contato com a – nossa Esfera de vida. Nosso grupo deveria encarregar-se de sítar a mediunidade e os novos cruzados do Cristianismo, instaurando tribunal de punição e trazendo-os a nossos recintos, quando semidesligados pelo sono, para que as visões dos nossos cenários e das nossas operações diversas pudessem infundir-lhes medo ou sedução, deixando nas suas lembranças as sementes do desejo, no culto do sexo, da ambição, no culto do dinheiro, da prepotência, no culto da vaidade. Em diversas sessões Espíritas, emissários nossos têm procurado penetrar, com o objetivo de semear ali a discórdia, multiplicar as suspeitas, irradiar o azedume e difundir a maledicência... E quando as circunstâncias facultam, mantemos o comércio pela incorporação sutil ou violenta, conforme o paladar da leviandade dos membros da Colmeia... Sem dúvida que temos conseguido boa colheita, principalmente no campo das agressões morais de vária ordem, em que os falsamente bons e os aparentemente honestos oferecem seminário favorável para as nossas mudas, que logo medram exuberantes, multiplicando-se facilmente. É evidente que o nosso acesso não se faz em todos os recintos, porque, alertados, muitos se mantêm em atitude de vigilância, coibindo-nos a interferência. Além disso, os seguidores do Cordeiro conseguem dispersar os nossos agentes, utilizando-se de processos muito eficientes. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 10)

“Verdadeira Colmeia-hospital, escola de aprendizagem e conquista da saúde espiritual, ali movimentavam-se centenas de criaturas em superior intercâmbio de solidariedade e amor. Umas vinham como candidatas para ajudar, sobraçando problemas que traziam do passado, carregadas de traumas e conflitos de ontem como da atual reencarnação, passando a receber tratamento e ajuda. Outras, ansiosas pela renovação, sob os tormentos da sua condição humana, viviam sem desvinculação com os padrões de comportamento dos sítios de onde vieram. Necessitados do corpo e da alma chegavam aos magotes, de todos os lados, cansados e esperançosos de amparo, que nunca se lhes negava, encaminhando-os aos vários setores de atendimentos sob a inspiração de Jesus. Entidades enobrecidas aumentavam o plantel de servidores dedicados, em estágio de abnegação, em reconhecimento

aos socorros oferecidos aos seus afilhados e amores reencarnados ou convidados pela Irmã Angélica. A felicidade da ação desenvolvia-se em ambos os planos da vida, tornando esse Instituto de amor conhecido como um lar de bondade, um reduto da esperança. Não que ali se respirasse o clima de beatitude vazia como é do agrado dos ociosos, pois que numa oficina de trabalho não há tempo para as horas inúteis. Não que escasseassem problemas e dificuldades, já que estes resultam do estágio espiritual de cada membro, que não pode ser alterado de um só golpe conforme o desejo dos pioneiros da Obra, que reconheciam a própria e a fragilidade dos companheiros, dando-lhes tempo para amadurecerem e santificarem os pendores negativos. De outro modo, não escasseavam as sortidas da Treva, dos magotes de Entidades odientas, inimigas de muitos dos membros do clã espiritual, que se rebelavam por não os alcançarem mais amiúde, porque se sentiam impedidas de se adentrarem ante as naturais defesas que resguardavam os residentes, como também, dos adversários dos que ali se beneficiavam, dos atormentados por obsessões ultrizes que ali se recompunham. Por fim, eram os verdugos do bem-estar geral, que se arvoram à condição de justiceiros ou fomentadores da desordem, de campeões da alucinação ou vampirizadores sistemáticos do fluido vital das pessoas distraídas e viciadas.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 25)

“Aprofundando os conhecimentos. [...] O excelente amigo silenciou por um pouco, e logo voltou a elucidar: — Estamos a serviço de Jesus, e é natural que todos aqueles que se Lhe transformam em adversários, por essa ou aquela razão, tenham-nos na condição de inimigos, porque lhes constituímos impedimento aos planos de expansão e de vitória nos seus empreendimentos infelizes. Nosso irmão Anacleto vem sendo vítima da própria incúria, por não ter resistido aos impulsos submetidos à sua fé espiritual, mas não superados. Com a vividez e a solidão, para as quais não estava preparado, abriu espaço para os devaneios mentais, primeiro passo para a adoção de tormentos de toda ordem, sendo assediado por sectários do rabino Eliachim bem Sadoc, de que nos recordamos... (Vide “Mediunidade Desafios e Bênçãos”, Manoel Philomeno de Miranda – Psicografia de Divaldo Pereira Franco) Ele próprio, desde que foi desmascarado em encontro passado com os mensageiros do Senhor, prometeu lutar contra os cristãos novos, conforme já vinha fazendo, porém, agora, investindo todas as forças, de modo a impedir, na sua presunção, a conquista dos corações pela doutrina kardequiana... Assim, procurou várias instituições dedicadas à prática e à vivência do Espiritismo, elegendo esta, em razão do seu elevado programa cristão e sua vinculação ao Pobrezinho de Assis, para prosseguir na luta feroz, estigmatizando-a e

levando-a à eclosão de escândalos prejudiciais ao pensamento doutrinário. Percebido o seu plano maldito pelo nosso Hermano e pelos trabalhadores espirituais que dirigem a sociedade, os mesmos recorreram a São Francisco, conforme já o sabemos, e as providências do amor estão sendo aplicadas. Logo, aquele irmão infeliz tome conhecimento do que está ocorrendo neste momento, e se levantará com as suas hostes malévolas para investir, massivamente, contra todos que aqui mourejam e, especialmente, aquele que lhe concedeu abertura emocional... Necessitamos, portanto, de vigilância e humildade, entregando-nos a Jesus, o Sublime Administrador da Seara, para que Ele nos conduza com sabedoria, e os enfrentamentos que nos aguardam transcorram em clima de caridade, jamais nos afastando das diretrizes do bem e da compaixão. O venerando apóstolo tinha lágrimas que não chegavam a vencer a comporta dos olhos. A voz era suave-doce, mas profunda e de alta significação durante a elucidação. Logo depois, esclareceu: — Certamente, os médiuns, os diretores e demais membros da instituição, nos próximos dias, estarão sendo assediados pelos sicários a serviço do chefe ignóbil. Ciladas serão arquitetadas, agressões farão parte do programa de vingança, enfrentamentos familiares e na área do trabalho, num cerco vigoroso, a fim de que alguns desertem ou entreguem-se à rebelião, às interrogações injustificadas, como: por que estando no bem, o mal me persegue?, onde estão as defesas espirituais em meu benefício? Por longo tempo, todos têm recebido a instrumentação e o conhecimento do que ocorre fora da cortina de carne sobre o intercâmbio entre as duas faixas vibratórias em que residem os encarnados e os desencarnados, com finalidade de aplicação no momento oportuno... Chega, portanto, esse momento significativo das nossas existências. Nenhuma razão, pois, para dúvidas e conflitos internos, que abrem brechas na armadura moral, facultando a insinuação inditosa dos inimigos de Jesus... Nestes dias da grande transição planetária, ocorrem e sucederão muitos fenômenos aterrorizantes, que são os frutos apodrecidos da conduta social das criaturas terrestres, cada vez mais degradada, chamando a atenção para a mudança que se dará, propiciando harmonia e legítima alegria de viver. Ninguém se escuse à cooperação em favor do mundo melhor, porque as leis cumprem-se com ou sem a anuência dos homens e até mesmo apesar da sua negada cooperação. A barca terrestre segue o seu curso no oceano sideral, sofrendo algumas injunções tempestuosas, mas Jesus está no leme, não nos esqueçamos. A seguir, em razão das vibrações harmônicas dominantes no ambiente, foram atendidas mais algumas entidades sofredoras, que receberam esclarecimentos em torno do seu estado e a conveniente terapêutica para o restabelecimento. Às 3h da manhã foram encerrados os labores e os participantes encarnados

retornaram aos lares, amparados pelos devotados trabalhadores da Causa. No dia seguinte, fomos visitar Anacleto e acompanhamos o seu despertar assinalado por singular indisposição emocional, ao lado de recordações fragmentadas do que houvera acontecido durante as operações socorristas que lhe foram aplicadas. Conseguia entender que experienciara um fenômeno de desdobramento lúcido, no qual fora beneficiado pelos mentores da sociedade espírita, cujos compromissos para com ela voltaram-lhe à memória. Pôde fazer um balanço retrospectivo e dar-se conta do comportamento relapso que vinha mantendo, arrependendo-se sinceramente... Nesse clima mental, ocorreu-lhe orar com sinceridade, suplicando a continuação da ajuda dos Céus, no que foi atendido imediatamente pelo nosso diretor espiritual, que passou a inspirá-lo mais fortemente, diminuindo a insidiosa interferência fluidica do ser ovoidal que se lhe encontrava imantado ao centro coronário, responsável pelo entorpecimento moral que o dominava... Sentindo-se renovado, como se estivesse a reviver, após um período nebuloso, preparou-se para as atividades do dia, pensando em reencontrar os amigos, à noite, abrindo-lhes o coração e narrando os tormentos que o vergastavam, desculpando-se e prometendo cerrar fileiras com os mesmos. Chegou a sorrir ante a expectativa do retorno, consciente dos deveres espirituais como ocorrera no passado. Retornando ao centro de atividades, pudemos observar que em volta da instituição, como sucedera em outras ocasiões de lutas entre as forças do Cristo e os perversos adversários da luz, verdadeira tropa de assalto armava o cerco, numa tentativa de isolá-la das demais construções, impedindo auxílios que viessem de fora... Ingenuidade da ignorância que permanece na presunção de conhecer o que não sabe, tomando providências compatíveis com as estratégias terrestres. Dava-nos ideia de que se preparava uma futura batalha tradicional, em que as forças de invasão cercam a fortaleza inexpugnável e desafiadora, julgando-a fácil de ser conquistada. Alguns espíritos, adotando a roupagem rabínica, portadores de carantonha terrível, controlavam seres vitimados pela zoantropia, com aspectos lupinos e caninos acorrentados, demonstrando a ferocidade contida pelos seus condutores. Tubas antigas, de quando em quando, emitiam sons estranhos, e vozes poderosas ampliadas com o auxílio de aparelhos especiais repetiam ordens em hebraico e exteriorizavam citações bélicas, como no passado, por ocasião das lutas contra os adversários de Israel. O ambiente em volta tornou-se pestilento em decorrência das vibrações inferiores da tropa. Azagaias, de quando em quando cortavam o ar, atiradas contra a sociedade e aqueles que vinham em busca de socorro. Alguns pacientes mais sensíveis demonstravam súbito mal-estar ou estranha sensação dolorosa no corpo, ao serem

atingidos, logo recuperando-se ao adentrar-se no salão de conferências e de passes coletivos do núcleo de beneficência. Com expressão denotando responsabilidade e gravidade, nosso mentor amigo atravessou conosco, sem sermos notados, as barreiras que se levantavam em construção fluídica perniciosas e convocou o diretor Hermano a uma reunião. Acompanhando-o sempre, percebemos o significado daquele momento e, com o pensamento fixado em Jesus e na Sua paixão por todos nós, reunimo-nos na sala mediúnica com o responsável espiritual pela instituição e alguns dos encarregados das tarefas múltiplas que ali se realizavam. Após silencioso instante de recolhimento, Dr. Bezerra considerou: – Conforme esperado, o nosso irmão Rabino tomou as providências que lhe pareceram próprias para o enfrentamento. Acreditando na própria pequenez, comanda a tropa com a qual pretende invadir o reduto da fé, causando prejuízos, num ataque insano contra as pessoas e as entidades que aqui nos encontramos. A estupidez da presunção armado de uma valentia que não mais comporta em nosso campo de ação, especialmente após mais de quatro séculos de desencarnação... Certamente, as mentes frágeis de muitos frequentadores da Casa entrarão em sintonia com as ondas morbígenas que são emitidas com o vigor do ressentimento e do ódio, facultando reciprocidade perturbadora para eles próprios. Quanto a nós, diante do desafio, a única alternativa é a compaixão, filha do amor, ao lado do espírito de solidariedade e auxílio, conquistando os violentos para as hostes da paz. Torna-se conveniente que, nas próximas exposições doutrinárias, sejam explicadas pelos divulgadores doutrinários as dificuldades que, periodicamente, surgem no caminho de todas as criaturas, o mesmo ocorrendo nas comunicações mediúnicas, de forma que se tome conhecimento deste período de lutas, e, por extensão, sejam aplicados os recursos da oração e das boas ações como medidas acautelatórias e impeditivas da vigência do mal em nossa grei. Inspirados pelos mentores espirituais, igualmente intuídos quanto às responsabilidades que a todos dizem respeito, criar-se-á um clima emocional e fluídico de segurança e equilíbrio durante todo o período de combates que se avizinha. A batalha final será do amor, apagando as labaredas do ódio naqueles que as vitalizem com a sua ignorância e teimosia. Que o Senhor de bênçãos nos abençoe e nos guarde nos Seus desígnios de paz!” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 8)

“**O grande desafio.** [...] Meditamos sobre essa conjuntura durante os minutos que precederam a reunião pública, dedicados ao estudo do Espiritismo mediante programa de temas muito bem-elaborado, objetivando o conhecimento da doutrina e assimilando os seus valiosos recursos libertadores. Encontrávamo-nos todos na sala, acompanhando a abertura da

aula-palestra, aos cuidados de devotado servidor do Evangelho, cuja vida era toda um rosário de feitos enobrecedores. Terminada a prece, e quando se preparava para a explicação, ouviu-se um som surdo e percebemos que, no auditório, uma senhora atormentada tombara da cadeira e, numa verdadeira crise histérica, pôs-se a gritar. Entidade perversa que se lhe vinculava, constringia as glândulas do aparelho genital e golpeava-lhe o útero, produzindo-lhe inenarrável sensação de desespero, ao tempo que a tomou num grosseiro fenômeno de incorporação mediúnica. O tombo imprevisto e a crise histérica inabituais naquele recinto dedicado à elevada espiritualização das criaturas causaram compreensível mal-estar na assistência. Pessoas gentis, mas precipitadas, levantaram-se com ruído, procurando erguer a senhora, sem qualquer habilidade para cometimento de tal natureza. Houve, inevitavelmente, um pouco de pânico dispensável, quando membros adestrados da entidade se acercaram da paciente agitada e em descontrole emocional, aplicando-lhe passes e falando suavemente ao seu perseguidor, que se encontrava sob comando mental de um dos rabinos combatentes do lado de fora. Deseducada e neuropata, a enferma visitava por primeira vez a sociedade espírita e logo permitiu-se a passividade do obsessor em simultâneo ao seu problema orgânico. De igual modo, Dr. Bezerra acercou-se-lhe e dialogou com austeridade com o causador do lamentável espetáculo, orientando-o convenientemente e afastando-o da instrumentalidade mediúnica conturbada. Os passes calmantes refrigeraram a visitante que se assereitou e, recompondo-se, voltou a sentar-se amparada pelos auxiliares vigilantes, sentindo-se algo desconcertada. Nessa hora, a gritaria exterior evocava a selvageria de seres primitivos, enquanto as suas armas alcançavam as defesas da instituição sem causar-lhe qualquer dano. Repentinamente, ampliando o som estridente e perturbador das tubas, escutou-se estranho eco de instrumento para mim desconhecido, que produzia significativo mal-estar pela carga vibratória que exteriorizava. Escutei o dedicado irmão Petitinga dizer-me: — É o som do shofar, um chifre de cordeiro soprado com vigor, utilizado pelos hebreus desde recuados períodos durante as batalhas, como, também, nas cerimônias religiosas. Nos cultos é tocado após a leitura da Torá e é considerado um dos mais antigos instrumentos de sopro que se conhece. Possui vários tipos de comando ou toques com significados especiais. Este que ouvimos simboliza ameaça momento de combate ao inimigo... Com aquele acontecimento, esperavam os verdugos da paz conseguir gerar desarmonia e medo no ambiente, permitindo a entrada da malta que provocaria desordens de várias expressões. Embora os encarnados não ouvissem nem vissem o que tinha curso no mundo espiritual, experimentavam

as sensações defluentes da agressividade dos inditosos perseguidores, ao tempo em que podiam entrar em sintonia com as suas manobras perversas, empestear a psicosfera e criando situações embaraçosas, como, por inspiração malsã induzir enfermos mentais, familiares e pessoas desajustadas e empurrá-los para a agressividade ou o desrespeito contra aqueles que se candidatam às experiências iluminativas. Felizmente, as providências imediatas restabeleceram o equilíbrio ambiental, anulando as possibilidades da invasão. Percebendo a preocupação do mentor, escutamo-lo anunciar ao caro Hermano e à nossa equipe: – Necessitamos reforçar as defesas. Concentremo-nos em Jesus, pedindo-Lhe que nos auxilie com a presença da falange dos construtores de nossa Esfera. A aula prosseguia e o auditório encontrava-se atento. Nosso grupo de trabalho e o diretor espiritual da sociedade permanecemos concentrados, orando com verdadeira união e absoluta confiança no Mestre Incomparável. De um para outro momento, vimos descer uma luz poderosa que tomou todo o ambiente e dentro dela apresentaram-se alguns espíritos que animaram o sexo masculino, em trajes medievais de grande beleza, que se faziam acompanhar por outros menos formais, que foram apresentados ao benfeitor como especialistas em edificações e defesas. “Trata-se de um grupo de mentalizadores hábeis em edificações – informou o chefe do grupo – alguns são servidores da antiga ordem dos cavaleiros templários que ainda se dedicam ao auxílio dos que sofrem e são defensores de todos aqueles que se entregam a Jesus, assessorados por engenheiros modernos, especializados em construções conforme as temos em nossas esferas espirituais.” Após sorrirem jovialmente, deram início ao trabalho que se realizava mediante concentração mental de uns, muito segura, que fazia surgir do fluido cósmico o material que outros aplicavam na edificação cuja base assentava-se na sala de conferências, envolvendo um grande espaço em forma quadrangular. Simultaneamente, vozes siderais cantavam comovente melodia de exaltação ao Senhor da Vida. A pouco e pouco, foi-se levantando a edificação que fazia recordar as antigas torres de vigia dos castelos medievais. Em menos de uma hora foi concluída a obra que ultrapassava a altura do edifício material, na qual foram instalados instrumentos que faziam recordar canhões de reduzido calibre, capazes de emitir raios magnéticos que produziam choques desagradáveis naqueles que lhes constituíam alvos. Trabalhando com eficiência e harmonia, quando o expositor encerrava a classe, preparando-se para a prece final, o comandante do grupo informou que estavam preparados para o enfrentamento. O público preparava-se para sair, irradiando grande júbilo, enquanto a enferma fora convidada a permanecer no recinto, a fim de receber a orientação especializada para o seu

problema... Subimos à parte mais alta da edificação, de onde podíamos contemplar a imensa mole de desencarnados asselvajados e, a um sinal do responsável pelas defesas, foram disparados vários raios sobre a turba que recuou em infernal comportamento blasfemando, ameaçando e gritando... O encarregado da operação explicou-nos: — Para esse nível de companheiros espirituais, o recurso mais eficaz ainda é aquele que os assusta e intimida. Posteriormente, serão tomadas outras providências específicas para o atendimento grupal. Antes que formulássemos uma indagação a respeito de possíveis danos que aqueles disparos pudessem causar-lhes aos períspritos, captando-nos o pensamento, respondeu-nos com um sorriso amigo: — Trata-se mais de um aparato de intimidação, do que de um instrumento propiciador de prejuízos reais. Os raios emitidos, em alcançando-os, produzem desagradável sensação de choques elétricos superficiais. Nada obstante, quando se trata de problemas mais complexos da perversidade ameaçadora das trevas, é-nos justificado aumentar a potência dos mesmos, que produzirão sensações mais afligentes. O amor possui recursos de variada aplicação, sempre de acordo com a necessidade de quem se lhe candidata.” Dispersos, e à distância, os pretensos invasores, pensando mais em si mesmos, não se interessaram pelo público de saída da sociedade. De quando em quando ocorriam novos disparos, mantendo-os distantes, podendo-se observar o círculo escuro e viscoso de suas exteriorizações mentais, envolvendo a área iluminada na qual permanecia o santuário da caridade. Agradecendo a cooperação, Dr. Bezerra, sensibilizado, indagou ao responsável pelo grupo diligente: Alguma instrução a mais? — Sim — respondeu solícito — Temos que informar-lhe a decisão do diretor de operações para que permaneçamos em auxílio aqui até a conclusão do programa de saneamento espiritual. Alegremente, o benfeitor abraçou-o, e regressamos ao salão, agora, quase deserto, exceção feita à irmã enferma que recebia instruções de uma das médiuns da sociedade, fortemente inspirada pelo seu guia espiritual. A melodia angelical permanecia no ar, derramando harmonias espirituais... Se as forças do mal arquitetam planos e os executam na sua perversidade e insânia, o amor dispõe de antídotos poderosos que são capazes de anular-lhes os efeitos doentios. Sempre constatando a sabedoria dos espíritos elevados e os métodos dignificantes de que se utilizam, sempre agindo com misericórdia pelos agressores, éramos tomados de emoção crescente, comprometendo-nos intimamente em dedicar todo o tempo possível ao serviço da caridade ao próximo, em último caso, caridade para conosco mesmos.” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 9)

“O enfrentamento com a treva. As horas transcorriam em calma, enquanto a noite avançava. Iniciando-se a madrugada, quando os membros da sociedade

se encontravam adormecidos, os diligentes trabalhadores de nossa esfera dirigiram-se a algumas residências, a fim de reconduzirem os convidados para a reunião especial que logo se iniciaria. Além dos dois médiuns já conhecidos e dos dialogadores, o nosso irmão Anacleto, que fora o desencadeador do processo grave em curso. A pouco e pouco, foram chegando os companheiros adormecidos, logo despertados, que passaram a tomar conhecimento do programa estabelecido para aquele momento. As 2h, todos nos encontrávamos a postos, qual ocorre em uma atividade normal de natureza mediúnica em qualquer sociedade espírita, quando nosso mentor nos explicou: – Pensamos que, logo mais, deveremos ter entre nós o rabino Eliachim ben Sadoc, ora inteirado de todas as providências defensivas de nossa instituição. Sentindo-se agredido, logo surgirá, à frente da sua tropa, desafiando-nos a um enfrentamento mediante as armas da maldade e da destruição a que está acostumado... Não terminara a frase e ouvimos uma voz estridente que vinha de fora, aumentada por aparelho especial, convidando nosso mentor a que saísse, a fim de enfrentar as consequências do seu ato de revide contra as forças de salvação da Humanidade, conforme se denominavam, ironicamente... A balbúrdia que nos chegava à audição era ensurdecedora. As vozes em desespero misturavam-se aos instrumentos tribais de que se utilizavam, incluindo o som continuado do shofar, qual ocorria nos combates de épocas recuadas, que provocavam pânico nos adversários... A voz estrídula e com carregado acento hebraico repetia o convite, culminando com vitupérios e agressividade, destacando-se palavras covardes, associada à mansuetude de Jesus. Ouvíamos toda a provocação e o benfeitor permanecia em paz, concentrado, sem demonstrar qualquer reação. — A sua coragem e a dos seus asseclas — enunciava o desafiante — somente se manifesta mediante a traição, a usança dos métodos bárbaros e infames da Santa Inquisição. Gargalhadas ofensivas estrugiam no ar e choviam apodados de toda parte. Irradiando vibrações de compaixão que se distendiam além da sala na direção do ofensor, Dr. Bezerra mantinha-se aparentemente impassível ao desafio. Nesse comenos, a voz estentórea anunciou: — Se o cordeiro não enfrenta o desafio, o lobo entra para devorar o rebanho... Houve um silêncio repentino, logo seguido de ordens e sons estranhos, semelhantes aos antigos carros de guerra avançando para combate... Pedindo que nos concentrássemos profundamente, o mentor ampliou-nos a capacidade da visão e pudemos notar que um verdadeiro exército de seres esquisitos avançava em formação de luta. Mentalmente, nosso protetor sugeriu a Hermano que liberasse as defesas da entrada e, à medida que avançava a tropa da ofensiva, atrás, em um carro de construção ridícula, algo fantasmagórica

e simultaneamente militar, estava o rabino cercado de alguns dos seus mais eminentes comandados. A sua estratégia consistia em fazer penetrar as defesas um número expressivo de belicosos, após o que, ele também e os seus chefes se apresentariam com toda a agressividade como se ainda estivessem na Terra, tal a alucinação que os tomava por inteiro. Vimos que o primeiro grupo se adentrou pela sala de conferências, logo seguido do cortejo que conduzia o chefe. Nesse momento, Dr. Bezerra transmitiu ao diretor da instituição a ordem para que fosse fechado o acesso e reforçadas novamente as defesas, enquanto os canhões da torre de vigia disparavam dardos em quantidade, impondo recuo ao restante dos invasores. O importante era que o Rabino, desta vez, estava dentro das defesas da instituição com os seus melhores combatentes. Notamos movimentação expressiva dos trabalhadores espirituais. Em ordem, acercaram-se dos limites da sala e como se a mesma fosse constituída por módulos, empurraram, calmamente, as divisórias, ampliando-a de forma que várias dependências se transformassem em um imenso recinto, agora repleto pelos invasores em fúria selvagem e os servidores do bem que nos encontrávamos na parte oposta à entrada, em concentração e em harmonia. Os invasores exsudavam emanções morbosas que exteriorizavam odor pestilento como de cadáveres insepultos. Cães e lobos, alimárias diversas, resguardavam o grupo agressor, enquanto alguns comandantes exacerbados gritavam ordens desconexas num desequilíbrio total. Logo depois do que poderíamos chamar como o batalhão suicida, por vir à frente, encontravam-se o Rabino e seus chefes, igualmente desequilibrados e paramentados como se estivessem num combate ancestral do seu povo, misturando os hábitos religiosos com os guerreiros. A nuvem escura que os cobria, defluente das emanções psíquicas dos tresvariados, era espessa, ameaçadora, que se fazia reabsorvida pelos mesmos, mais os intoxicando. Nesse momento, enquanto os canhões disparavam dardos em torno dos invasores, em forma de advertência, o rebelde gritou furioso: — Novamente caímos em uma armadilha dos miseráveis seguidores do Cordeiro, como sempre ocorreu na História. Tentemos o recuo, apressadamente. Houve uma debandada em todas as direções, sem qualquer alternativa de fuga, porque as defesas encontravam-se reforçadas, não apenas pelas energias defensivas, como também por uma expressiva quantidade de cavaleiros da ordem dos templários, vestidos à maneira dos dias do passado, em atitude guardiã em torno do imenso recinto. Emitindo vibrações de amor, ergueram as mãos e, num hino de louvor a Jesus-Cristo, começaram a cantar uma exortação feita de compaixão e de misericórdia. Imediatamente, começou a chover gotas luminosas de fluidos superiores que caíam sobre os rebeldes e os acalmavam a

pouco e pouco. A balbúrdia foi diminuindo e, como que anestesiados pelas energias sublimes, derrearam no solo, libertando-se das grotescas armas primitivas que carregavam. Alguns passaram à emoção de paz e choro convulsivo os tomou, enquanto outros permaneceram em silêncio, hebetados, quase insensíveis, mas calmos... Em breve tempo, somente se destacava a estranha aparelhagem que conduzia o chefe e seu grupo de comando. Ele blasonava, sentindo-se traído e miseravelmente sitiado como se fosse um pária e não a autoridade religiosa que se atribuía valores que não possuía. Aproximando-se do furioso invasor, Dr. Bezerra de Menezes convidou-o a um diálogo fraternal, aureolado de suave claridade espiritual que o envolvia na condição de verdadeiro apóstolo de Jesus que o é. — Como dialogar com o inimigo? Aqui venho para combater, não para parlamentar. O meu desejo é o da extinção dos infames destruidores da fé judaica, arvorados em possuidores da verdade, tendo como Messias um vagabundo que, ameaçando a hegemonia do império romano e a doutrina de Moisés, foi, com justiça, crucificado como bandido que o era... Notamos que o atordoado visitante apresentava expressivas deformações perispirituais e os seus olhos avermelhados despediam raios mortíferos, portadores de energia vigorosa, típica do mal, característica das alegorias demoníacas. À medida que falava, irradiava ondas escuras que se diluíam em contato com os fluídos luminosos que ora repletavam o salão, e que continuavam descendo. Dr. Bezerra, sem nenhuma reação negativa, redarguiu: — Não serei eu quem irá parlamentar com o nobre amigo, porque reconheço a própria pequenez e a falta de mérito para este momento de alta significação para muitos de nós. Aguardemos que uma voz mais autorizada venha ter conosco em nome d'Aquele que o irmão repele veementemente. Nesse comenos, a claridade ambiente foi intensificada, e descendo em nossa direção surgiu o Espírito elevado de Francisco de Assis, vestido com a simplicidade dos seus hábitos medievais, irradiando especial luminosidade.” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 10)

“O enfrentamento com a treva. [...] Nesse comenos, a claridade ambiente foi intensificada, e descendo em nossa direção surgiu o Espírito elevado de Francisco de Assis, vestido com a simplicidade dos seus hábitos medievais, irradiando especial luminosidade. Assessorado por alguns dos companheiros de então, constituíam pequeno cortejo de seres superiores que o amor de Jesus enviava àquele ambiente sombrio e caracterizado pelos desventurados que estorcegavam nos sofrimentos que disfarçavam em forma de anseios de vingança e de loucura. À medida que o apóstolo da pobreza alcançou nosso grupo, exclamações de júbilo, de surpresa, de emoção inesperada surgiram de todos os lados. Alguns dos acompanhantes do Rabino

recuaram tímidos e assustados, enquanto ele manteve-se irreduzível e soberbo no seu lugar na verdadeira arena em que se transformou o espaço que mediava entre ele e nós outros... Preservando a distância que fora automaticamente estabelecida, o visitante sublime distendeu as mãos habituadas à caridade e à misericórdia, e, com voz inolvidável, disse-lhe: — Louvado seja o Senhor por todas as coisas, inclusive, pelo sofrimento e pelo desespero dos que se apresentam como infelizes e especialmente pelo daqueles que O renegam!... A doutrina que os homens têm seguido não é a dele, mas a das paixões humanas. Ele, que abençoou a cruz de vergonha, tornando-a asas angélicas de libertação, jamais concordaria com qualquer atitude que ferisse os seus postulados de amor indiscriminado, especialmente aos gentios, que somos nós, porque os Seus não o quiseram, não O receberam, não O aceitaram... Demonstrando a Sua misericórdia, ofereceu as mãos socorristas à mulher equivocada, à adúltera condenada pela lei, aos leprosos do corpo e da alma, sem olvidar de atender aos representantes do Sinédrio que O buscaram no silêncio da noite, assim como aos poderosos do mundo que Dele necessitavam. Sem nenhuma jactância transformou-se em caminho de redenção para todos que estejam saturados do mundo e cansados das suas ilusões, amparando-os com ternura e afeição. Também ao irmão Rabino Ele oferece as mãos marcadas pelos cravos da cruz aplicados pelo Sinédrio que o impôs ao governante romano, rogando perdão para aqueles que o martirizaram nos dias da ignorância que já vão longe... [...] O ouvinte explodiu num urro de desespero e ódio, retorcendo-se, vitimado pelas dores morais e evocativas da fogueira que lhe consumira o corpo, no já distante século XV... — Nunca me esquecerei — trovejou, espumando de ira — jamais perdoarei, mesmo que me venha consumir nas chamas eternas do Inferno. Odeio esse desordeiro Jesus e os Seus asseclas, havendo-me prometido no longo exílio espontâneo no Hades, onde me organizo com as forças da vingança, a permanecer contra aqueles que O pretendem trazer de volta, pois que preferimos o mundo como é, com as suas malícias e crueldades, desassossegos e paixões pelo prazer. Não me venha, pois, com as suas lamúrias, falando-me de humildade e de desprendimento, que não entendo o que significam. O tempo tem-me sido o grande amigo, permitindo-me trabalhar na manipulação das mentes de que me nutro e a muitos dos nossos companheiros sustentam, e que também se comprazem na inspiração que lhes transmitimos, ajudando-os a sair da penúria, do sofrimento e da desgraça que os desnorream... O Deus de Israel, poderoso e vingador, é o que tenho como modelo e que me determinou o comportamento que venho assumindo, a fim de submeter pela chibata e ferocidade os gentios miseráveis que, desde a Criação, estão

apartados da Sua eleição... Tomado de grande ternura, o nobre Francisco entrevistou: — Que engano cruel de raciocínio serve-lhe de apoio ao pensamento enfermo! Como pode a Terra, tão rica de concessões e beleza, neste Universo de harmonia, haver sido criada para a desgraça do ser mais elevado que a habita que é o de natureza humana?! Como pode a Paternidade divina ser destrutiva, desde que é a Causa de tudo quanto existe?! Será crível, que a perfeição produza a degeneração e o desar, que eleja pequeno grupo como Sua prole e descarte toda a humanidade que O não conhece e não tem culpa da própria ignorância?! O Pai, que Jesus nos trouxe, é todo amor e misericórdia, sendo que a rebeldia que procede da inteligência humana ainda em fase de desenvolvimento, tem sido a geratriz do sofrimento que a fará entender o significado da vida e dos códigos soberanos do equilíbrio e da ordem. Apesar de opiniões diferentes, somos irmãos, procedemos do mesmo Útero Divino e avançamos para o encontro com a verdade, que nos tornará felizes. As palavras eram repassadas de uma ternura infinita e ecoavam na sala como uma especial melodia de amor, sensibilizando os ouvintes amolentados e aque-loutros excitados, que se iam acalmando. As tubas haviam silenciado, ouvindo-se, vez que outra, o som terrível do shofar. No desespero que o acometia, o sofrido Rabino impôs: — Tudo são palavras sem significado. Aqui estou sitiado, traído mais uma vez, havendo tombado na armadilha soez que me prepararam. Vim para a luta e não para ser aprisionado e, assim, mudar de opinião, sob a injunção das suas forças de opressão. Exijo que me sejam franqueadas as portas de saída, para que retorne ao campo de ação com os meus seguidores! Serenamente, o Sol de Assis, repassando pela memória o que faria Jesus em circunstância idêntica, esclareceu: — Na situação em que o irmão se encontra, não há como impor condições. Ninguém o traiu ou sequer programou lhe armadilha, desde que foi você quem veio com as suas tropas ameaçadoras, sitiando a Casa do Senhor e ameaçando as vidas que aqui se reúnem para o festival do amor. Adentrou-se, espontaneamente, havendo mandado o grupo de frente para preparar o campo onde a sua altivez devesse imperar. Também conheci de perto a guerra, nos dias em que estive na Terra, e como a minha é a batalha contra os inimigos internos e não os de fora, caí nas mãos daqueles que eu supunha meus adversários e fui encarcerado, experimentando o opróbrio que me preparou para o chamado do Senhor... Posteriormente, para que eu pudesse amar os irmãos da cidade onde fui reduzido ao que realmente sou: nada! Foi ali, no entanto, que, o meu Senhor, me libertou e me concedeu a honra de servi-lo. Não lhe parece que ocorre o mesmo em relação ao amigo, que não é combatente, embora cultive a guerra, mas necessitado de luz e de

compreensão? Após um breve silêncio no diálogo, interrompido pelo vozerio externo e pelo clamor dos que se encontravam acompanhando o chefe indefeso e violento, asseverou com firmeza: — As portas do Lar de Jesus estão abertas de par em par e as defesas estarão diminuídas, permitindo que o irmão recue, que volte à sua região de domínio, fortalecendo-se no mal de que se nutre, assim prosseguindo até o momento em que o renascimento no corpo físico o arrebathe ao prosclênio terrestre, sem apoio, sem lucidez, na loucura ou na hebetação, na paralisia ou na mutilação... — Abram-se as portas de acesso a este recinto — determinou com a mesma meiguice de voz. Houve um estardalhaço decorrente da atitude inesperada que a todos nos embarçou. Logo vimos abrir-se a defesa fluídica envolvente e que guardava a instituição. Lá fora, fez-se uma gritaria infernal, apupos e agressões de todo tipo ecoaram no ar. O invasor, apresentando a indumentária ridícula com todos os impositivos da ortodoxia de que se revestia como religioso intolerante olhou com fúria o Mensageiro do amor, deu meia volta, abriu-se uma passagem no grupo que o assessorava e ele avançou caminhando, ostensivamente demonstrando vitória. Antes, porém, de alcançar a aduana da porta, um cone de mirífica luz que descia do Infinito, envolveu o infeliz, que se sentiu estremecer, enquanto uma voz de incomparável beleza, interrogou-o: — Para onde segues, meu filho?! Que te fizeste a ti mesmo?! Só há um caminho a seguir, que é o do amor. Simultaneamente condensou-se em forma humana, belo Espírito que avançou na sua direção, vindo do lado externo e distendeu os braços, solicitando: — Eliachim, meu filho! Há quanto tempo nos separamos um do outro? Venho buscar-te, porque não há céu para mãe alguma cujo filho padeça nas labaredas da infelicidade. Não compliques mais o teu destino. Sou eu, tua mãe Sara, que também foi martirizada contigo, mas perdoou aqueles que nos tentaram aniquilar sem o conseguir. O impetuoso rabino deteve-se deslumbrado ante o acontecimento espiritual incomum e, sem forças para resistir à energia que se desprendia da Entidade maternal, caiu de joelhos, urrando de dor selvagem que o destroçava interiormente. — Senhora! Eu sou um desgraçado que Elohim esqueceu —, conseguiu informar em angústia inenarrável -. Ninguém me ama e eu, senhora, fiz do ódio o meu licor de preferência, embriagando-me cada vez mais e esperando a consumpção. — Meu filho, querido! A nobre senhora aproximou-se do doente e o envolveu em ternura indescritível, abraçando-o, ajoelhada ao seu lado, como somente as mães o sabem fazer. O Irmão Alegria aproximou-se com lágrimas que lhe escorriam pela face e completou a cena inolvidável, falando suavemente: — Agora sim, começa a viver a liberdade plena. Aproveita! Esta é a resposta de Jesus aos teus clamores,

demonstrando-te quanto te ama... Nesse comemos, expressivo número daqueles que o acompanhavam, vindo a rendição do chefe, igualmente suplicou apoio e passou a ser atendido pelos cavaleiros templários, que também, como todos nós, tinham lágrimas da emoção de júbilo e de gratidão aos céus. Inesperada melodia de exaltação a Jesus passou a ser ouvida, cantada por vozes espirituais à distância, enquanto os obreiros da instituição igualmente equipados de recursos movimentavam-se em auxílio aos que se rendiam ao amor. Dr. Bezerra e nós outros acompanhávamos os acontecimentos tomados de profunda emoção. A vitória do bem é sempre uma lição de vida. Logo mais, adormecido nos braços maternos, Eliachim ben Sadoc foi transferido para um lugar especial no local em que se realizavam as reuniões mediúnicas. [...]” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 10)

“OS DESAFIOS E AS SOLUÇÕES. [...] Ante o brilho das estrelas, retornamos à nossa sede, onde nos aguardavam atividades mais complexas, pois que fomos informados de que se preparava uma invasão das forças do Mal para aquela noite. [...] Pouco antes das 20h, o irmão Elvídio convidou-nos a um encontro, em cuja oportunidade explicou que os discípulos do mulá e alguns rebeldes judeus haviam concertado um plano de ataque às instalações que nos albergavam, utilizando-se de um hábil estratagema. Pouco distante da sede das nossas atividades, havia uma espécie de Cracolândia, onde se encontravam adolescentes viciados, adultos sem-teto, traficantes inescrupulosos, ébrios contumazes sob a falsa vigilância de alguns policiais inescrupulosos que também os exploravam com propinas, para deixá-los à vontade... Era um lugar perigoso, porque os seus membros encontravam-se em lamentável estado de degradação da saúde sob qualquer aspecto considerado. Alguns eram verdadeiros fantasmas desfigurados, outros haviam perdido o equilíbrio emocional e ficavam atirados ao chão entre uma e outra dose mais devoradora. Os passantes, não poucas vezes, mesmo evitando qualquer aproximação, eram insultados ou agredidos... O vampirismo espiritual ali reinava soberano, mediante o qual não se saberia dizer qual o mais infeliz e dependente, se o ser reencarnado ou o seu explorador psíquico, que se acoplava de maneira a absorver-lhe todas as energias e vapores eliminados pela drogadição. Para que culminassem o atrevimento, reuniram alguns hábeis obsessores que se misturaram com os dependentes viciados e estavam telementalizando-os para um ataque massivo durante a reunião doutrinária, com objetivos de furto e pânico entre os frequentadores. Uns oito a dez doentes, naquele momento, seguiam em direção ao edifício, guiados por um terrível algoz desencarnado que viera diretamente das Furnas onde se acolhia. O diretor espiritual havia inspirado o presidente da

Casa, o irmão Ovídio, para que reforçasse as defesas do salão, colocando vigilantes cuidadosos, e que estivessem prontos à interferência tranquila ao primeiro movimento de perturbação, ou mesmo evitando que os agressores se adentrassem no recinto. [...] O mentor encontrava-se à porta de entrada do salão aguardando os enfermos espirituais ao lado dos companheiros encarnados e de alguns generosos trabalhadores desencarnados também a postos. Quando a devotada cristã começou a falar, em menos de dez minutos, mantendo todas as atenções nela concentradas, ouvimos um barulho ensurdecedor que vinha do exterior, e a um sinal do benfeitor dirigimo-nos à porta central de onde deparamos com uma cena terrificante: em uma nuvem escura de descargas mentais viciosas e de baixíssimo teor, nela se movimentando diversos indivíduos profundamente desgastados e vampirizados que altercavam em altas vozes, sob os acicates dos Espíritos vis. Outros desocupados, sem saberem o de que se tratava, acompanhavam-nos. A frente vinha o indigitado instigador e comandante que parecia controlar a turba meio alucinada. Alguns pacientes estavam em estado de consciência alterada, outros quase hebetados e mais outros vociferavam erguendo os pulsos em atitude agressiva. Providencialmente, já nos degraus de acesso à porta ela foi cerrada e alguns lidadores do bem enfrentaram a turba com palavras mansas, mas claras, e definidoras de ação. Um jovem tomado pelo vingador, trazendo na mão uma acha de lenha, avançou em comportamento de violência, blasfemando e contorcendo-se de desespero, sendo detido por um dos vigilantes que o segurou com energia, evitando machucá-lo, mas também não ser ferido. Ante a defesa bem-organizada, os aturdidos debandaram em gritaria, prometendo retorno logo que fosse possível, ficando a área impregnada de fluidos deletérios, que seriam diluídos logo depois. Não fossem as medidas de precaução, teríamos sofrido uma invasão de resultados dolorosos, com prejuízos financeiros, morais e espirituais. [...] Após a tentativa de invasão fracassada, percebemos que verdadeira horda de Espíritos belicosos cercava o edifício e as barreiras vibratórias de segurança encontravam-se reforçadas, observamos que Entidades operosas movimentavam-se sob ordens superiores que as orientavam. O nobre irmão Macário fora informado de que aquela seria uma ocasião especial e resolveu, em conciliábulo com o nosso mentor e o irmão Elvídio, trazer à comunicação o mulá, com quem já fora mantido diálogo anteriormente e que ali estava desde horas antes, aguardando em sala especial, sob pesada carga sonífera por hipnose. Os chefes dos grupos perturbadores anotaram os prejuízos decorrentes das agressões malsucedidas em inúmeros grupamentos de diferentes cidades, nos quais vinham exercendo a interferência prejudicial. O intento de

desmoralizar Jesus e a Sua doutrina através da fragilidade de alguns dos Seus discípulos era suplantado pela força da fé de novos servidores abnegados, responsáveis pela revitalização das células evangélicas de várias denominações que se multiplicavam no planeta, especialmente aquelas sob a responsabilidade de o Consolador. Havia percebido a ação das caravanas do Mais-além que robusteciam os lutadores cansados e sintonizavam com os servidores fiéis. O Senhor jamais deixou a sós aqueles que se Lhe entregaram em manifestação de amor. Convidados pelo benfeitor a uma reunião prévia na sala mediúnica, às primeiras horas do amanhecer, tendo presentes inúmeros seareiros reencarnados que mourejavam na Sociedade e aqueles outros do nosso campo vibratório, ouvimos o mártir do passado na sua exortação: – Irmãos queridos! “A hora urge! Os acontecimentos funestos que enlutaram a Terra no começo do século, através dos atos de terrorismo coletivo e individual foram trabalhados nas Esferas espirituais inferiores e transferidos para o mundo físico. “Um dos seus chefes reencarnou-se tempos antes com a infamante tarefa de estarrecer o planeta com a sua hediondez e insensibilidade, sob tenebroso comando das Trevas de que participava... “A Providência Divina inspirou as reações internacionais e deu se início, tempos depois, à Primavera árabe, mas, os reclamos do ódio dos alucinados pelo fanatismo incendiaram o oriente e ameaçam o ocidente com as labaredas destrutivas que a tudo devoram, infelicitando milhões de desafortunados expulsos das suas terras e fugindo para acampamentos horríveis, em resgates ultrajantes. Todavia, o Senhor vela por todos e a questão vem merecendo compaixão e misericórdia, neste processo de depuração do planeta em transição. “A Humanidade defronta, mais uma vez, um dos seus graves momentos históricos, porque a volúpia dos enlouquecidos tem por meta não a defesa de um ideal, mas a sede do crime hediondo, das mortes apavorantes para submeterem pelo horror a sociedade estarrecida. “Os benfeitores da Humanidade reuniram-se sob as bênçãos de Jesus para que Ele interviesse como de outras vezes, antes que a onda de crueza atingisse níveis dantes jamais alcançados. “E o Senhor os atendeu, dominado por incomparável compaixão pelos atuais algozes dos seus irmãos. “Ainda verteremos muito pranto antes que as nuvens carregadas de rancor cedam lugar ao sol da fraternidade. “Trabalhando com acendrado carinho e sacrifício, as falanges da luz, além de amparar os perversos em luta, reencarnam-se em massa para a grande e final batalha que será travada no mundo físico... “O Senhor confia em nosso humilde contributo, em nossa dedicação. Logo mais estaremos dialogando com o nosso inditoso irmão, concluindo uma etapa de alta significação. “Confiemos!” Todos nos encontrávamos

visivelmente emocionados. [...] Dr. Bezerra de Menezes, pessoalmente, conduziu com dois enfermeiros o mulá, que, atraído pela senhora Vicenza, incorporou-a com facilidade, despertando em seguida. Surpreso, exclamou: – Novamente? Que desejais de mim? Como vos atrevestes a deter-me contra a minha vontade em vosso antro? Como prosseguis traidores e brutais! Com serenidade afetuosa, o venerando Macário respondeu-lhe: – O nobre mulá aqui se encontra por vontade própria, desde que veio anteriormente em atitude agressiva contra o labor de Jesus Cristo. – E continuo no mesmo e firme propósito. O Cordeiro tem que ser novamente imolado para a verdadeira glória de Alá. Investimos séculos de trabalho e organização para desforçarmo-nos da crueldade que sofremos e para a implantação da fé muçulmana no mundo. [...] – Pelo que posso deduzir, o nobre mulá, embora havendo sido vítima, conforme proclama, não encontrou o Paraíso de sensualidade, de glotoneria, de paixões humanas e servis, antes, pelo contrário, contorce-se nas vascas da agonia, nos tormentos do ódio... Onde tem estado durante todo esse período a partir do momento em que foi massacrado, no século XVI? Certamente, conforme o Corão, no Inferno de dores inenarráveis, havendo atravessado algumas das suas sete portas e detendo-se em alguma área de revolta e desespero. “Jesus, porém, oferece-nos um paraíso de harmonia e de progresso, de beleza, onde o amor transcende as falsas necessidades da organização somática, não havendo ambições de cobiça nem sede de prazeres. Isso, no entanto, será conquistado durante a jornada pelo mundo físico, através da serenidade e da compaixão pelo próximo de qualquer origem, crença, condição social ou econômica. A Lei de Amor vige poderosa porque sustenta o Cosmo, pois que o Pai é Amor.” Enquanto isso, o Espírito em estado de alucinação, por sentir se impossibilitado de maltratar a médium, eliminando fluidos morbosos, retorcia-se na aparelhagem ultrassensível da abnegada missionária. No seu tormento, que inspirava compaixão, passou a emitir sons estranhos que poderiam ser frases num dialeto próximo ao idioma árabe. Foi então que o irmão Macário exarou o socorro do Mestre Compadecido e, nesse momento, uma Entidade veneranda desceu e condensou-se no recinto, irradiando claridades diamantinas, e com respeito dirigiu-se ao rebelde: – Ibn Said, louvado seja o Pai Misericordioso e Único. A voz possuía a doçura do amor, e a expressão dos olhos e da face exteriorizava-se em suave luz que envolveu o comunicante, que não pôde ocultar a surpresa, e gritou em pranto convulsivo: – Santo Imame*, como vindes ao Inferno buscar-me, desgraçado que sou e esquecido de Alá como estou? [*Imame: Autoridade religiosa da doutrina muçulmana, que significa textualmente aquele que guia, aquele que seleciona, que está à frente (nota do

autor espiritual)] – O Excelso Criador nunca olvida de nenhum daqueles que gerou... Tu não és desgraçado, estás somente dominado pelo mal que passou a morar nos teus sentimentos, empurrando-te para longe d'Aquele que é a própria Vida. “Venho buscar-te, para que descubras que somente há um Deus, pouco importando-Lhe o nome, e a Sua mensagem é o amor vivo que um dia governará a Terra, logo passem as tempestades dos ódios e das humanas paixões. “És sincero na tua fé e equivocado na sua interpretação. “Hoje sei que Jesus reina soberano, e que Mohammed é também Seu profeta, que exorbitou quando se viu perseguido por aqueles que não aceitaram o Corão quando ele começou a distendê-lo pelo mundo árabe de então, havendo, assim, recorrido à guerra, quando era emissário da paz. É sempre assim que acontece a falência de alguns missionários, quando olvidam que estão a serviço do Senhor e não da própria vontade, desejando implantar a mensagem na sua hora e não quando as circunstâncias o permitirem. “Jesus foi o único a submeter-se totalmente à vontade do Pai Celestial, tornando-se o exemplo máximo de fidelidade. “Não recalcitres mais contra o aguilhão!” O Espírito, estremunhado, em pranto volumoso, foi retirado da aparelhagem mediúnica de dona Vicenza e conduzido pelo nobre Espírito em estado de adormecimento. Com um sorriso delicado de profundo sentido, o Imame afastou-se conduzindo o seu fardo leve, após trocar um olhar significativo com o irmão Macário. Diversas Entidades muçulmanas que haviam ficado retidas na sala de conferências e haviam sido transferidas para a mediúnica, sob a aura luminescente do Embaixador espiritual seguiram-no empós, arrastadas pelo seu magnetismo. Suaves harmonias perpassavam no ar com um delicado e agradável perfume. Todos nos encontrávamos emocionados, com lágrimas escorrendo como bálsamo sobre as faces.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 16)

II.7. Aparelhagem especializada utilizada nas atividades espirituais

“Surpreendido, notei o esforço de vinte entidades de nobre hierarquia que movimentavam o ar ambiente. Em seus gestos rítmicos, assemelhavam-se a sacerdotes antigos que estivessem executando operações magnéticas de santificação interior do recinto. Atendendo-me ao espírito de pesquisa, Alexandre esclareceu: – Não se trata de hierofantes em gestos convencionais. Temos ali esclarecidos cooperadores do serviço, que preparam o ambiente, levando a efeito a ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos. Nos trabalhos deste teor reclamam-se processos acelerados de materialização e desmaterialização da energia. As entidades manifestantes, no

campo visual de nossos amigos encarnados, quase sempre são criaturas eminentemente ligadas à Crosta e aos seus planos de sensações, mas os organizadores legítimos da tarefa em curso são verdadeiros e competentes orientadores dos planos espirituais, com grandes somas de conhecimento e responsabilidade. Não decorreram muitos instantes e alguns trabalhadores de nossa esfera compareceram, trazendo pequenos aparelhos que me pareceram instrumentos reduzidos, de grande potencial elétrico, em virtude dos raios que movimentaram em todas as direções. Minha curiosidade não tinha limites. – Estes amigos – explicou o meu generoso instrutor – estão encarregados de operar a condensação do oxigênio em toda a casa. O ambiente para a materialização de entidade do plano invisível aos olhos dos homens requer elevado teor de ozônio e, além disso, é indispensável semelhante operação, a fim de que todas as larvas e expressões microscópicas de atividade inferior sejam exterminadas. A relativa ozonização da paisagem interior é necessária como trabalho bactericida. E, depois dum gesto significativo, acrescentou: – O ectoplasma, ou força nervosa, que será abundantemente extraído do médium, não pode sofrer, sem prejuízos fatais, a intromissão de certos elementos microbianos.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 10)

“**O psicoscópio.** Tornando ao convívio do Assistente, na noite imediata, dele recebemos o acolhimento gentil da véspera. – Creio haver traçado o nosso programa – falou, paternal. Finda a ligeira pausa em que nos registrava a atenção, prosseguiu: – Admito que devamos centralizar nossas observações em reduzido núcleo, onde melhor dispomos do fator qualidade. Temos um grupo de dez companheiros encarnados, com quatro médiuns detentores de faculdades regularmente desenvolvidas e de lastro moral respeitável. Trata-se de pequeno conjunto, a serviço de uma instituição consagrada ao nosso ideal cristianizante. Desse grupo base ser-nos-á possível alongar apontamentos e coletar anotações que se façam valiosas à nossa tarefa. Fitou-nos com bondade por um instante de silêncio e acrescentou: – Isso porque vocês pretendem especializar conhecimentos, em torno da mediunidade, apenas no círculo terrestre, de vez que em nosso campo de ação espiritual o assunto seria muito menos complexo. – Sim, esclarecemos, Hilário e eu –, desejávamos auxiliar, de algum modo, os irmãos encarnados, na execução de serviços em que se mostravam comprometidos. A oportunidade, por esse motivo, surgia diante de nós por verdadeira bênção. Decorridos alguns minutos de entendimento afetuoso, o orientador convidou, solícito: – Sigamos. Não há tempo a perder. Logo após, muniu-se de pequena pasta e, talvez porque nos percebesse a curiosidade, informou, paciente: – Temos aqui o nosso psicoscópio, de modo

a facilitar-nos exames e estudos, sem o impositivo de acurada concentração mental. Tomei o enigmático volume, chamando a mim o agradável serviço de transportá-lo, notando, então, que na Terra o minúsculo objeto não pesaria senão alguns gramas. Espicaçado tanto quanto eu pela curiosidade, Hilário indagou sem preâmbulos: – Psicoscópio? Que novo engenho vem a ser esse? – É um aparelho a que intuitivamente se referiu ilustre estudioso da fenomenologia espiritual, em fins do século passado. Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria – esclareceu Áulus, com leve sorriso. – Esperamos esteja, mais tarde, entre os homens. Funciona à base de eletricidade e magnetismo, utilizando-se de elementos radiantes, análogos na essência aos raios gama. É constituído por óculos de estudo, com recursos disponíveis para a microfotografia. E, enquanto demandávamos a cidade terrestre, em que nos cabia operar, o mentor continuava explicando: – Em nosso esforço de supervisão, podemos classificar sem dificuldade as perspectivas desse ou daquele agrupamento de serviços psíquicos que aparecem no mundo. Analisando a psicoscopia de uma personalidade ou de uma equipe de trabalhadores, é possível anotar-lhes as possibilidades e categorizar-lhes a situação. Segundo as radiações que projetam, planejamos a obra que podem realizar no tempo. Meu colega e eu não conseguíamos sopitar a surpresa. Entre assombrado e receoso, ousou Hilário inquirir: – Quer isso dizer que qualquer de nós pode ser submetido a exame dessa espécie? – Sem dúvida – considerou o nosso interlocutor bem-humorado –, decerto que estamos sujeitos às sondagens dos planos superiores tanto quanto pesquisamos agora os planos que se nos situam à retaguarda. Se o espectroscópio permite ao homem perquirir a natureza dos elementos químicos, localizados a enormes distâncias, através da onda luminosa que arrojam de si, com muito mais facilidade identificaremos os valores da individualidade humana pelos raios que emite. A moralidade, o sentimento, a educação e o caráter são claramente perceptíveis, através de ligeira inspeção. – Mas – indagou Hilário, investigador –, e na hipótese de surgirem elementos arraigados ao mal, numa formação de cooperadores do bem? De posse da ficha psicoscópica, os instrutores espirituais providenciar-lhes-ão a expulsão? – Não será preciso. Se a maioria permanece empenhada na extensão do bem, a minoria encarcerada no mal se distancia do conjunto, pouco a pouco, por ausência de afinidade. – Contudo – alegou ainda o meu companheiro –, que acontece numa instituição cujo programa elevado se degenera em desequilíbrio, induzindo-nos a reconhecer que a virtude aí não passa de bandeira fictícia, acobertando a ignorância e a perversidade? – Então, nesse caso – adiantou o

interpelado, tolerante –, dispensamos qualquer regime de perseguição ou denúncia. Encarrega-se a vida de colocar-nos no lugar que nos compete. E, sorrindo, ajuntou: – Os Anjos ou Ministros da Eterna Sabedoria entregam-nos, com segurança, às forjas renovadoras do tempo e da provação. Sabe-se, atualmente, na Terra, que um grama de rádio perde a metade do seu peso em dezesseis séculos e que um ciclotron, trabalhando com projéteis atômicos acelerados a milhões de elétrons-volt, realiza a transmutação dos elementos químicos, de imediato. A evolução vagarosa nos milênios ou o choque brusco do sofrimento alteram-nos o panorama mental, aprimorando-lhe os valores. Essas notas arrastavam-nos a divagação noutros campos. O Assistente revelava brilhante cultura, aliada a extremas facilidades de exposição. Dispunha-me a ensaiar perguntas extra serviço, mas, adivinhando-nos o intento, Áulus objetou: – Toda conversação nobre é instrutiva, no entanto, por agora, guardemos o espírito no trabalho a fazer. O êxito não exonera a atenção. Se cairmos numa digressão acerca da química, o horário não nos desculpará. Reajustando-se aos nossos objetivos, Hilário acentuou: – O psicoscópio, por si só, dá margem a preciosas reflexões. Imaginemos uma sociedade humana que pudesse retratar a vida interior dos seus membros... Isso economizaria grandes quotas de tempo na solução de inúmeros problemas psicológicos. – Sim – anuiu o mentor, cordial –, o futuro reserva prodígios ao senso do homem comum.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 2)

“O visitante chorava. Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convencia, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas. Raul Silva, sob a destra radiosa de Clementino, afigurava-senos aureolado de intensa luz. – Ó Deus, que se passa comigo?... – conseguiu gritar Libório em lágrimas. O irmão Clementino fez breve sinal a um dos assessores de nosso plano, que apressadamente correu, trazendo interessante peça que me pareceu uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente. O mentor espiritual da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluidica, branquicenta e vibrátil. Em seguida, postou-se novamente ao pé de Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante: – Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhos!... De imediato, como se tivesse a atenção compulsoriamente atraída para a tela, o visitante fixou-a e, desde esse momento, vimos com assombro que o retângulo sensibilizado exibia variadas cenas de que o próprio Libório era o principal protagonista. [...] E porque a tela regressasse à transparência do início, desfechei sobre o nosso orientador algumas

indagações improvisadas. Que função desempenhava aquele retângulo que eu ainda não conhecia? Que cenas eram aquelas que se haviam desdobrado céleres sob a nossa admiração? – Aquele aparelho – informou Áulus, gentil – é um “condensador ectoplásmico”. Tem a propriedade de concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante, não só para a nossa observação, mas também para a análise do doutrinador, que as recebe em seu campo intuitivo, agora auxiliado pelas energias magnéticas do nosso plano. – Evidentemente, a engrenagem de semelhante mecanismo deve ser maravilhosa! – exclamou Hilário, sob forte impressão. – Nada de espanto – alegou o orientador –; o hóspede espiritual apenas contempla os reflexos da mente de si mesmo, à maneira de pessoa que se examina, através de um espelho. – Mas, se estamos à frente de um condensador de forças – considere –, precisamos concluir que o êxito do trabalho depende da colaboração de todos os componentes do grupo... – Exato – confirmou o Assistente –, as energias ectoplásmicas são fornecidas pelo conjunto dos companheiros encarnados, em favor de irmãos que ainda se encontram semimaterializados nas faixas vibratórias da experiência física. Por isso mesmo, Silva e Clementino necessitam do concurso geral para que a máquina do serviço funcione tão harmoniosamente quanto seja possível. Pessoas que exteriorizem sentimentos menos dignos, equivalentes a princípios envenenados nascidos das viciações de variada espécie, perturbam enormemente as atividades dessa natureza, porquanto arrojam no condensador as sombras de que se fazem veículo, prejudicando a eficiência da assembleia e impedindo a visão perfeita da tela por parte da entidade necessitada de compreensão e de luz. Levava-nos o assunto a diferentes inquirições, mas o nosso orientador lançou-nos um olhar discreto, como a pedir-nos silêncio e atenção.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 7)

“Designando-a com a destra, o Assistente informou: – É a nossa irmã Ambrosina, que, há mais de vinte anos sucessivos, procura oferecer à mediunidade cristã o que possui de melhor na existência. Por amor ao ideal que nos orienta, renunciou às mais singelas alegrias do mundo, inclusive o conforto mais amplo do santuário doméstico, de vez que atravessou a mocidade trabalhando, sem a consolação do casamento. Ambrosina trazia o semblante quebrantado e rugoso, refletindo, contudo, a paz que lhe vibrava no ser. Na cabeça, dentre os cabelos grisalhos, salientava-se pequeno funil de luz, à maneira de delicado adorno. Intrigados, consultamos a experiência de nosso orientador e o esclarecimento não se fez esperar: – É um aparelho magnético ultrasensível com que a médium vive em constante contato com o responsável pela

obra espiritual que por ela se realiza. Pelo tempo de atividade na Causa do Bem e pelos sacrifícios a que se consagrou, Ambrosina recebeu do Plano Superior um mandato de serviço mediúnic, merecendo, por isso, a responsabilidade de mais íntima associação com o instrutor que lhe preside às tarefas. Havendo crescido em influência, viu-se assoberbada por solicitações de múltiplos matizes. Inspirando fé e esperança a quantos se lhe aproximam do sacerdócio de fraternidade e compreensão, é, naturalmente, assediada pelos mais desconcertantes apelos.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 16)

“Muitos médiuns funcionavam no recinto, colaborando em favor dos serviços de ordem geral a se processarem harmoniosos, todavia, observávamos que Dona Ambrosina era o centro da confiança de todos e o objeto de todas as atenções. Figurava-se, ali, o coração do santuário, dando e recebendo, ponto vivo de silenciosa junção entre os habitantes de duas esferas distintas. Junto dela, em oração, foram colocadas numerosas tiras de papel. Eram requerimentos, anseios e súplicas do povo, recorrendo à proteção do Além, nas aflições e aperturas da existência. Cada folha era um petitório agoniado, um apelo comovedor. Entre Dona Ambrosina e Gabriel destacava-se agora extensa faixa elástica de luz azulínea, e amigos espirituais, prestos na solidariedade cristã, nela entravam e, um a um, tomavam o braço da medianeira, depois de lhe influenciarem os centros corticais, atendendo, tanto quanto possível, aos problemas ali expostos. Antes, porém, de começarem o trabalho de resposta às questões formuladas, um grande espelho fluídico foi situado junto da médium, por trabalhadores espirituais da instituição e, na face dele, com espantosa rapidez, cada pessoa ausente, nomeada nas petições da noite, surgia ante o exame dos benfeitores que, à distância, contemplavam-lhe a imagem, recolhiam-lhe os pensamentos e especificavam-lhe as necessidades, oferecendo a solução possível aos pedidos feitos. Enquanto cultos companheiros de fé ensinavam o caminho da pacificação interior, sob a inspiração de mentores do nosso plano, Dona Ambrosina, sob o comando de instrutores que se revezavam no serviço assistencial, psicografava sem descanso. [...] A conversação, à margem do serviço, oferecera-me suficiente material de meditação. As valiosas anotações do Assistente, em se reportando à mediunidade, impeliavam-me a silenciar e refletir. Isso, porém, não acontecia com o meu companheiro, porque Hilário, fixando o espelho fluídico em que os benfeitores do nosso plano recolhiam informações rápidas para respostas às consultas, solicitou de nosso orientador alguma definição sobre o delicado instrumento, que funcionava às mil maravilhas, mostrando quadros com pessoas angustiadas ou enfermas, de momento a momento. – É um televisor, manobrado com recursos

de nossa esfera. – Entretanto – inquiriu Hilário, minucioso – a face do espelho mostra o veículo de carne ou a própria alma? – A própria alma. Pelo exame do perispírito, alinham-se avisos e conclusões. Muitas vezes, é imprescindível analisar certos casos que nos são apresentados, de modo meticuloso; todavia, recolhendo apelos em massa, mobilizamos meios de atender à distância. Para isso, trabalhadores das nossas linhas de atividade são distribuídos por diversas regiões, onde captam as imagens de acordo com os pedidos que nos são endereçados, sintonizando as emissões com o aparelho receptor sob nossa vista. A televisão, que começa a estender-se no mundo, pode oferecer uma ideia imediata de semelhante serviço, salientando-se que entre nós essas transmissões são muito mais simples, exatas e instantâneas.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 16)

“Vasta mesa, ladeada de poltronas modestas em que se acomodavam dez pessoas simpáticas, sete mulheres e três homens, apresentava cabeceira ampla, pondo em destaque a grande poltrona em que o diretor da casa se sentaria. Do outro lado, à nossa frente, surgia larga tela translúcida, medindo, aproximadamente, seis metros quadrados. [...] Logo após, avisou que, através de dispositivos especiais, todos os recursos dos media-neiros presentes seriam concentrados na câmara que, daquele minuto em diante, estaria sensibilizada para os misteres da hora em curso. Brando silêncio passou a reinar sobre nós. Em atitude respeitosa e expectante, o diretor da instituição ergueu-se e orou comovidamente: [...] Não tive tempo para estender qualquer consideração, porquanto, respondendo ao apelo ardente que ouvíramos, extensa massa de vaporosa neblina cobriu a face do espelho próximo. Fixei-a, admirado, e pareceu-me identificar largo floco de névoa primaveril a distender-se, alva e móvel. Extáticos e felizes, vimos emergir da leitosa nuvem a figura respeitável de um homem aparentemente envelhecido na forma, revelando, porém, a mais intensa juvenilidade no olhar.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 6)

“Chegando ao recinto da sessão especial, Ester foi colocada próxima aos pais, igualmente inconscientes, sob o amparo do sono salutar. As atividades e cuidados para o cometimento já haviam sido iniciados. Aparelhagem especializada para a assepsia psíquica do ambiente fora posta a funcionar, fazendo-nos lembrar os aquecedores terrestres à base de resistências elétricas, que produziam ondas especiais de calor e simultaneamente lâmpadas de emissão infravermelha e ultravioleta diluíam as construções mentais imperantes, vibríões resultantes das ideoplastias habituais de alguns dos membros tanto do círculo como da enferma. Percebi delicada aparelhagem de som e imagem que era utilizada nos dias de trabalhos normais de socorro aos desencarnados que se encarregava de projetar os

diálogos e as atividades fora dos muros de defesa da Casa, por meio de projetores sonoros, com objetivo de despertar alguns transeuntes da artéria em que se localizava a Sociedade. À porta, atraídos pelo labor mediante os eficazes comentários, reuniam-se perturbadores e enfermos desencarnados, alguns dos quais não obstante a bulha reinante e os doestos dos mais empedernidos, se sensibilizavam, passando a meditar e ensejando possibilidades de serem recolhidos ao recinto para posterior tratamento. O aparelho receptor de imagem dava conta de preciosas informações ao diretor espiritual, não apenas dos acontecimentos de imediata importância como de valioso recurso utilizado para a diagnose de muitas enfermidades dos candidatos que solicitavam orientações particulares para a saúde. Concomitantemente, ensejava maior percepção da aura dos consulentes, de cujo estudo decorriam as orientações para o comportamento moral e as atividades mais compatíveis a desdobrar. Engrenagens que faziam lembrar os secadores para cabelos, eram aplicados em operações de hipnose mais profunda, criando condicionamentos subliminais com a fixação de imagens positivas no inconsciente atormentado dos comunicantes em sofrimento, de modo a se transformarem essas induções ideoplásticas em vindouras edificações mentais, conseguidas com o esforço dos próprios pacientes, de verdadeiras sementes de vida, nas paisagens turbilhonadas das mentes em tratamento. Pequenas caixas, umas para medir a intensidade vibratória dos Espíritos hospedados sob cuidados, outras para cotejo de resultados, para registros e impressões de dados, num complexo e emaranhado mecanismo de precisão e utilidade incontestável. Não são os Espíritos operosos anjos detentores do conhecimento total e da total sabedoria. Evoluem adquirindo experiências que constituem conquistas que se incorporam ao patrimônio de que são detentores. Na Esfera Espiritual procede-se à criação de sutis, delicadas e mui complexas elaborações para os elevados fins de progresso, e que muitos Missionários da evolução trazem à Terra, transformando em utilidades para os impulsos da técnica da civilização e do desenvolvimento das criaturas humanas.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 20)

“Diante da transformação operada na Coronel Santamaria, que reassumira a total aparência da última reencarnação, o Mentor providenciou a colocação de um aparelho muito parecido aos receptores de televisão da Terra, com aproximadamente quinze polegadas por dez, na face do vídeo, que de imediato, qual se estivesse acionado por desconhecida energia, passou a apresentar formosa cidade, colorida e movimentada. Ato contínuo, o Mentor aproximou-se do agitado Coronel e sugeriu: — Recorde mais. Lembre-se de Eduardina Rosa Montalvão do Alcantilado. Pense, mergulhe nas lembranças, Monsenhor Severo Augusto

dos Mártires... Recorde... À força da ideia plasmadora, a transmutação se fez presente em todos os detalhes. A face macilenta apresentou-se sulcada e os lábios finos contraídos; os olhos se tornaram brilhantes, denunciando na vista direita um piscar nervoso que retorcia o lado correspondente da boca. Sentando-se, apoiou a cabeça nas mãos e, concentrando-se, mergulhou em profundo transe. As imagens mentais evocadas reviviam no receptor com a pujança de vida e cor da realidade.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 21)

“Houve um grande silêncio. Os litigantes, momentaneamente exauridos e surpresos entre si pelo desvelar de conceitos que ignoravam, refaziam-se para prosseguir a peleja. Ouviu-se, então, a palavra do Instrutor, calmo: — Repassemos os acontecimentos daquela noite, em ordem, sem interrupções. “Recorrem” — ordenou com autoridade na voz. Uma tela transparente, de substância evanescente, em estado de condensação, adrede colocada em lugar de destaque, recebendo o influxo mental dos interessados, na tragédia em debate, passou a registrar as cenas.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 22)

“A um sinal, quase imperceptível da mesma, o círculo se desfez na parte posterior da sala, em referência à entrada, onde apareceu uma tela semelhante à dos cinemas terrestres, com uma constituição levemente diversa, porque, durante as projeções, conseguia captar as formas das imagens em terceira dimensão, qual se fora uma janela aberta diante de acontecimentos que se estivessem a observar. — Remontemos — informou a Irmã Angélica — à origem dos acontecimentos que ora se encontram em superlativa definição de dor e revide. A luz diminuiu de intensidade e aos lados do painel postaram-se dois auxiliares espirituais, que percebi exercerem a tarefa de fornecer energias para a condensação dos registros dos acontecimentos passados. Um pequeno aparelho passou a projetar as cenas que adquiriram o aspecto tridimensional. [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo)

“**Serviços de desobsessão.** [...] Cessadas as atividades de cirurgias mediúnicas, o irmão Vicente e seus cooperadores deram início a exaustivo trabalho de limpeza do ambiente, desimpregnando-o das construções mentais do desespero humano, das ideoplastias negativas, das fixações de ansiedade, revolta e dor que já lhe empestavam a psicosfera. Utilizando-se de aspiradores que absorviam os fluidos semicristalizados que pairavam no ar, preparavam o recinto para outros misteres de elevação sem os riscos de desencarnações prematuras e conflitos de outra natureza. Certamente, na fase anterior, as medidas de preservação da higiene psíquica e da harmonia não eram descuradas. Todavia, pela própria razão do serviço, os atraídos ao pátio dos milagres geravam desordens graves, em razão da irregular conduta, como das companhias espirituais de

que se tornavam objeto. Agora se percebiam os evidentes sinais de ordem e paz, que devem vigor em todos os lugares dedicados aos labores espirituais. Convidados especialistas (desencarnados) em socorros à saúde, estes anuíram em cooperar sem ruído ou estardalhaço, pois que onde frondesce a árvore da caridade, as flores e frutos da paz aí se multiplicam em abundância. [...] Começavam a chegar os participantes da sessão mediúnica de desobsessão da Casa, que se realizava hebdomadariamente. Era a primeira atividade deste gênero após os sucessos narrados e havia expectativa, certa intranquilidade em alguns cooperadores dos trabalhos. A sala reservada para o mister recebera cuidados especiais: técnicos do nosso plano dispuseram aparelhos próprios para o socorro desobsessivo em várias partes do recinto. O irmão Vicente comandava a programação conforme o fazia sempre. Agora, menos preocupado que antes, em face da alteração realizada, sentia-se feliz pelas possibilidades que se delineavam para o futuro, sem os riscos desnecessários dos dias idos.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Serviços de desobsessão)

“**O enfrentamento.** [...] Quando retornamos à Sociedade Espírita, Fernando, o Dr. Hermann, o Dr. Carneiro e nós, fomos recebidos pelo amigo Vicente, que se encontrava com a sua equipe preparando as atividades mediúnicas da noite. [...] Trabalhadores dedicados encarregavam-se de fortalecer as redes de defesas vibratórias, e aparelhos especiais eram dispostos em pontos estratégicos da sala para eliminar as ondas mentais, as ideoplastias e os vibriões que são exteriorizados pelos Espíritos sofredores, pelos perversos, pelos técnicos em obsessão. [...] O desafiante foi tomado de estupor, alterando a organização mediúnica de D. Armênia, que parecia próxima de um ataque de apoplexia. Espumando, ia prosseguir com o propósito de vitimar a médium, quando Fernando aproximou um aparelho vibrador, que foi acoplado à cabeça da senhora, e descargas azuladas envolveram o agressor que lentamente cedeu e derreou. Delicadamente foi deslindado da médium e colocado sobre uma mesa ao lado, que o aguardava. Ato contínuo, os cooperadores do irmão Vicente atiraram uma rede magnética com malhas luminosas sobre os apaniguados do visitante, impedindo-os de escapar. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, O enfrentamento)

“**TERAPIA ESPECIAL.** À hora aprazada, encontrávamo-nos na enfermaria onde se recuperava o irmão Ambrósio. Dr. Ignácio requisitara a presença de duas damas que não conhecíamos, a fim de contribuir com as suas faculdades mediúnicas na atividade programada. Estávamos em silêncio e recolhimento, quando deram entrada no agradável recinto o venerando Eurípedes Barsanulfo e Dona Maria Modesto, que eu iria conhecer com mais identificação a partir

daquele momento. O apóstolo sacramentano saudou-nos com equilibrada jovialidade, enquanto a senhora Modesto limitou-se a desenhar um sorriso na face delicada, meneando a cabeça em gesto de cumprimento silencioso. A enfermaria mantinha-se em penumbra e pairava a agradável psicofera amena que fora providenciada desde a manhã. Éramos, ao todo, oito participantes da empresa espírita para o atendimento ao enfermo cujo drama nos compungia. Eurípedes, tomando a palavra, sintetizou o programa a ser desenvolvido: — A transferência do nosso querido paciente para este recinto não rompeu os vínculos energéticos mantidos com alguns dos verdugos que o retinham na fuma de aflições. Foi deslocado espiritualmente, sim, mas as fixações psíquicas encontram-se-lhe imantadas através do perispírito denso de energias morbosas. “Iremos tentar deslocar algumas das mentes que prosseguem vergastando-o, atraindo os seus emissores de pensamentos destrutivos a conveniente e breve diálogo, para, em ocasião própria, torná-lo mais prolongado, mediante cuja terapia procuraremos liberá-lo das camadas concêntricas de amargura e de culpa, de necessidade de punição e de fuga de si mesmo, até o momento de o despertarmos do sono reparador, que lhe foi imposto por força das circunstâncias.” De imediato fomos convidados a sentar-nos, os médiuns em torno da mesa próxima ao leito do paciente, e os demais ao lado, em um convívio dulçuroso e fraterno. [...] Poucos minutos após, uma das damas convidadas começou o transe psicofônico atormentado, agitando-se e blasfemando em desconcerto emocional profundo, com a voz alterada e roufenha. Palavras agressivas e gestos de violência denotavam o baixo nível evolutivo do comunicante desencarnado, enquanto exteriorizava vibrações morbíficas, penosas. [...] A um sinal discreto, Dr. Ignácio levantou-se e começou a aplicar passes dispersivos no chacra coronário da médium em transe, para logo distribuir vigorosas energias na mesma região, que facultava ao agressor a perda do controle da situação. [...] Fez uma breve pausa, e notamos que o verdugo passava por uma rápida alteração com sinais de entorpecimento mental. A seguir, o doutrinador completou: — O nosso desejo, no momento, é diluir os laços psíquicos que o atam ao nosso irmão, rompendo as vinculações doentias que têm vicejado até então entre ambos. Confiemos, outrossim, que num dia não longínquo, o irmão Ambrósio certamente será o mensageiro da luz para o felicitar também. Por enquanto, o amigo ficará hospedado conosco em recinto próprio, onde começará com as reflexões que lhe permitirão retroceder ou avançar, conforme o seu livre-arbítrio. Quando silenciou, o agressor, adormecido, foi deslocado do perispírito da médium e acomodado em maca próxima que o aguardava. Imediatamente Dona Maria Modesto, a instância do

mentor concentrou-se especialmente e vimos Dr. Ignácio tomar de delicado aparelho, constituído por dois capacetes unidos entre si por um tubo transparente, colocando cada um, respectivamente na cabeça de Ambrósio e da médium. A seguir, parecendo ligados por corrente elétrica desconhecida, sendo, no entanto, de natureza psíquica, vimos que o tubo passou a deslocar um tipo de energia viscosa que se desprendia do interior da cabeça do enfermo e que inundava a mente da senhora, fazendo-a agitar-se. Era a primeira vez que observava esse tipo de transferência de energia psíquica, mente a mente, com finalidade terapêutica em caráter mediúnico. A médium foi sendo envolvida pela massa volátil e densa, que fora do tubo e do capacete movimentava-se em torno da sua cabeça, prolongando-se descendentemente ao tórax, parecendo produzir-lhe dores. Gemidos e expressões de pavor tomaram-lhe a face e a voz, enquanto Eurípedes, atento, acompanhava o fenômeno peculiar. Subitamente, propôs à Senhora em transe profundo, inundada pelas sucessivas camadas de espesso vapor, que liberasse as aflições que a angustiavam. Vimos, então, o rosto congestionar-se envolto pela névoa em tonalidade marrom, que eliminava também odor acre, nauseabundo, e contorcer-se, transmitindo a todo o corpo os movimentos agônicos, quando, então, começou a falar: — A sua vida é nossa e você deve funcionar como um fantoche sob nosso controle... Ouça nossa voz, que é a única portadora de recursos para o conduzir à felicidade... Somos os conquistadores do Infinito e dominamos as vidas que se nos entregam, possuidores dos recursos que proporcionam poder na Terra, destaque e glória... Negociemos: você cede um pouco e nós concedemos muito... Não lhe faltarão amor, glória, alegrias e posição de destaque... Houve uma pausa rápida, e a ouvimos exclamar em aflição: — Morro! Asfixio-me nessa neblina venenosa. Socorro! A voz sofrida provocava-nos compaixão, enquanto a sua agitação denotava realmente um grande sofrimento. O Mentor, que se encontrava na retaguarda da Senhora, muito sereno, nimbado de suave claridade, intercedeu, ajudando-a com palavras calmantes: — Absorva essa energia infeliz, para libertar o nosso paciente. O sacrifício de amor arrebenta as algemas da loucura e da perversidade. Ofereça a sua contribuição em forma de misericórdia. Simultaneamente, procurava retirar com movimentos rítmicos as camadas que se movimentavam em torno da cabeça e dos ombros da Senhora, parecendo anéis constritores que apertavam, produzindo asfixia. Da cabeça do Orientador a suave claridade passou a envolver a massa que continuava avolumando-se, até que, a um sinal, o Dr. Ignácio retirou o capacete do paciente, interrompendo o fluxo da nefasta energia. Eurípedes continuou a operar em silêncio, movimentando as mãos e desprendendo as

vibrações poderosas do seu psiquismo iluminado, que se misturavam com aquelas nefandas que foram sendo diluídas, a pouco e pouco, enquanto a médium continuava extravasando mal-estar... Todos orávamos, envolvendo o instrumento medianímico em dúcidas e ternas energias de amor que a vitalizavam, sustentando-a no cometimento socorrista. Alguns minutos transcorridos, e o envoltório viscoso começou a desaparecer e a diluir-se como se fosse transformado em vapor que se fizesse água e escorresse para o piso. Como a operação transformadora continuasse, a médium foi recuperando as características normais, o ritmo respiratório não mais aflitivo, desaparecendo da cabeça, ainda encimada pelo capacete, as condensações doentias. Permanecendo em transe, expressou-se noutro tom: — Tenho medo e devo obedecer... Sou um réprobo e necessitado... A minha falência moral é sinal de desgraça, mas não há outra alternativa... O que aconteceu comigo? Onde a promessa dos anjos, que já não estão comigo? E mudando de tonalidade, pôs-se a gargalhar, estentóricamente: — Gozar, é o lema... Viver enquanto o corpo me permite a oportunidade... Logo mais vem a morte e tudo se aniquila, ou não? Deus, meu, estou louco! Que me aconteceu? Onde estou, e que faço aqui? Tratava-se, para mim, de uma estranha comunicação, que não recebia a terapia da palavra gentil do Orientador. Continuou esse estado alterado de consciência na trabalhadora mediúnica. Eurípedes ouvia-a com atenção, dispersando, agora, ondas quase invisíveis à minha percepção psíquica, até que um grande silêncio tomou conta da enfermaria. O paciente acalmou-se, quase totalmente, e diáfana claridade além daquela natural que inundava o ambiente envolveu a sala em tons alaranjados suaves, procedente das Ignotas Regiões espirituais, em decorrência da concentração e das preces ali vivenciadas. Dona Maria Modesto retornou ao estado de lucidez sem denotar cansaço ou mal-estar, nimbada de delicada luz que dela se irradiava. Era portadora de títulos de enobrecimento que lhe conferiam luminosidade própria pelos serviços de amor direcionados à Humanidade. [...] Todos estávamos sensibilizados. O ambiente calmo exigia silêncio, a fim de que a meditação nos ensinasse o entendimento das ocorrências vividas. Saímos discretamente, deixando os enfermeiros encarregados de assistir ao irmão Ambrósio, que agora dormia um sono reconfortante, sem os estertores angustiantes, embora a expressão do rosto permanecesse quase a mesma. Fora da enfermaria, despedimo-nos do Terapeuta e da sua auxiliar, das duas damas e do cavalheiro que as acompanhara, ficando com o Dr. Ignácio, que parecia perceber o turbilhão de questões que me agitavam a mente. Antes mesmo que o interrogasse, o Médico convidou-me a um momento de relaxamento no jardim florido da entrada do Edifício, para onde nos dirigimos e,

enquanto as estrelas lucilavam ante a Natureza também iluminada pela claridade argêntea da lua, explicou-me: — Realizamos, há pouco, uma atividade não comum na área dos fenômenos mediúnicos, conforme o habitual entre os encarnados. Trata-se de uma experiência específica para distúrbios profundos, que se fixaram no recesso do perispírito de Ambrósio, alcançando as delicadas tecelagens mentais do Espírito, que lhe sofrem as consequências danosas. “O objetivo inicial era romper a fixação mental de um dos seus adversários, o que foi conseguido graças à psicofonia atormentada, retirando as energias que lhe estavam imantadas e, momentaneamente, transferindo-as para a médium. Desligado psiquicamente da sua vítima, o retorno se lhe tornará mais difícil, especialmente quando o paciente despertar com outras disposições mentais, não mais facultando campo vibratório para sintonia com esse teor de energia. “Já, no caso do fenômeno de que foi objeto a Senhora Cravo, observamos que não houve uma incorporação, mas a retransmissão das ideias e pensamentos, no primeiro instante, que foram fixadas no enfermo desde há muitos anos, quando ele se encontrava no exercício da mediunidade e começou a sintonizar com essas Entidades perversas, que o sitiavam. Todas aquelas frases eram hipnóticas, que lhe foram direcionadas através dos tempos e se tornaram gravações verbais a se repetir sem cessar, levando-o ao desespero, à obediência. Esse é um dos hábeis mecanismos geradores de obsessões, porque o paciente não tem como deixar de estar em contato interno com os comandos devastadores, que terminam por dominar-lhe o raciocínio, a vontade, a emoção...” Reflexionou um pouco, parecendo coordenar o pensamento, e continuou: — Trata-se de técnicos desencarnados que dão assistência ininterrupta às futuras vítimas que, desabitadas ao exercício dos pensamentos edificantes e felizes, acolhem as induções negativas e prejudiciais com as quais passam a sintonizar e comprazer-se, em mecanismos de fuga da responsabilidade, transferindo sempre culpa e dever aos outros, que julgam não lhes conferir a importância que se atribuem. Normalmente, sentem-se abandonados por todos e pelas Leis, evitando reconhecer o desleixo pessoal perante o compromisso assumido e passam à posição de vítimas, que não o são, facultando mais franco intercâmbio mental com esses verdugos da sua paz, de que não se dão conta, ou que preferem não cuidar com a necessária atenção. Lentamente, se lhes vão fixando as manifestações da raiva contra os demais, os ressentimentos se lhes aninham na emoção e se entregam ao desvario, conscientes ou não do que está acontecendo. Quanto mais se permitem descuidar, mais amplas possibilidades são oferecidas aos inimigos, que os não liberam, até quando passam ao controle mental soberano, empurrando-os

para as obsessões por subjugação. “ Novamente aquietou-se e, recordando-se do fenômeno, esclareceu: – Para esse tipo de manifestação psíquica, torna-se indispensável um médium muito sensível e portador de elevação espiritual, a fim de evitar impregnar-se desses miasmas pestilenciais, que se tornam vibrações mentais e passam a ter vida, embora transitória, enquanto nutridos pelos geradores de energia. Sendo retiradas as frases perturbadoras, são liberados os centros pensantes, e após um período de torpor, enquanto se refazem as sinapses perispirituais, que volvem à normalidade ao largo do tempo, o reequilíbrio volta a instalar-se. ‘Desse modo, se tornou dispensável qualquer tipo de esclarecimento, porquanto não se encontrava em comunicação qualquer Espírito, e sim, as ideias que atormentaram longamente o desavisado. A atitude do Benfeitor era aquela mesma, desembaraçar a médium das correntes mentais absorvidas, a fim de que não permanecessem resíduos mórbidos, enquanto as dissipava com refinada técnica e concentração diluente dos fluidos perniciosos.” Utilizando-se do silêncio natural, indaguei: — A médium experimentou dores durante o transe, face aos gemidos e expressões de angústia que exteriorizava? Paciente e educativo, respondeu: – No estado de transe sonambúlico, indispensável àquele tipo de ocorrência, pela falta da consciência alerta, não há qualquer sensação de dor ou de sofrimento no médium. São os automatismos fisiopsicológicos que produzem os estertores, as contrações e os gemidos. Devemos, porém, levar em conta, que é necessária a abnegação por parte do médium que se oferece para esse delicado mister. – Tendo em vista a informação, — voltei a indagar – de que se tratavam as fixações implantadas no perispírito do paciente? Não poderíamos considerar a comunicação como sendo do corpo mental, conforme designação de alguns espiritualistas do passado e do presente, que asseveram ser a criatura humana constituída por sete corpos? — Poderíamos assim denominar parte do fenômeno — respondeu com sabedoria — No entanto, a explicação não se aplica à primeira fase da ocorrência, porque eram as ideias e imagens que foram transmitidas ao paciente e que ora se exteriorizavam. Naquelas em que havia autorreflexão, poderemos considerar como dessa natureza, por haverem pertencido ao enfermo. A tese dos sete corpos é muito antiga, e iremos encontrá-la nas revelações primitivas do pensamento indiano, mais tarde renovadas por Buda e, através dos tempos, por diversas outras doutrinas como a Rosacruz, a Teosofia, etc. Alguns estudiosos desse conceito, tentando negar a comunicação dos Espíritos desencarnados, recorrem à velha tese da mitologia chinesa sobre as almas errantes, que permanecem em volta da Terra, para dizer que são esses cascões mentais que se manifestam, enquanto outros apelam para

o corpo mental, na condição de condensação de resíduos do pensamento que envolvem o corpo astral... Preferimos a tese espírita, conforme a desenvolveu o eminente Codificador Allan Kardec que, no perispírito, situa recursos ainda não detectados e que serão a chave para decifrar inúmeros problemas que dizem respeito ao ser humano, à vida na Terra... “Face à plasticidade de que é portador, o perispírito assimila os pensamentos que são elaborados pelo Espírito, condensando-os e dando lugar às construções que são do particular agrado do seu agente. Eis porque as deformações, que experimentam muitas Entidades, decorrem das próprias elaborações mentais, quando não são ampliadas por processos hipnóticos de companheiros perversos, que os obsidiam, e o fazem porque encontram campo propício às induções perniciosas. “Foi o Dr. Hyppolite Baraduc, o nobre médico francês, que se dedicou à pesquisa do duplo etéreo, quem denominou essa emanção da mente, que pôde fotografar, por corpo mental. Trata-se, naturalmente, de um delicado envoltório, qual ocorre com o perispírito em relação ao Espírito. “A grande verdade é — arrematou com um sorriso — que somos aquilo que cultivamos mentalmente, abrindo espaço a sintonias correspondentes. Não foi por outra razão que o Mestre galileu nos advertiu: — A cada um conforme suas obras, que são decorrência natural dos seus pensamentos.” Considerando o adiantado da hora, o generoso amigo convidou-me ao repouso, acompanhando-me à porta do meu recanto de paz, embriagado de emoção e reconhecimento a Deus por tantas concessões de que me sentia enriquecido.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 12)

“Sexo e obsessão. [...] Silenciou. A voz estava embargada pela emoção e todos nos encontrávamos profundamente envolvidos pelas irradiações da sua mensagem de amor e de luz. Automaticamente demos-nos conta que o momento esperado se acercava. A psicossfera reinante, no entanto, era enriquecedora, dando-nos vitalidade e confiança, ante a certeza de que os Céus sempre nos propiciavam, no ministério do amor, todos os recursos imprescindíveis aos resultados felizes. Companheiros responsáveis pela sala de reuniões especiais começaram a prepará-la para o evento, movimentando singulares aparelhos que foram colocados em diferentes lugares, como que para oportuna utilização, de modo a serem evitados quaisquer prejuízos em relação ao cometimento significativo. [...] Enfermeiros e padioleiros espirituais postaram-se juntos à parede do recinto, formando um grupo de apoio preparado para socorros específicos que se fizessem necessários. Logo depois, do teto desceu um aparelho reluzente, no qual se encontrava uma lâmpada de amplas proporções que irradiava suave claridade bem diferente daquela que eu conhecia até o momento.

Ante a minha muda interrogação ao Benfeitor, esse explicou-me tratar-se de um equipamento de energia especial, que seria utilizado caso a rebeldia do marquês, e de alguns dos seus asseclas que seriam recebidos, apresentasse algum perigo em relação aos aguardados resultados superiores do empreendimento em pauta. Percebi que o referido aparelho era acionado por uma espécie de controle remoto mental e a sua exteriorização luminosa obedecia ao mesmo recurso. Inesperadamente começamos a ouvir uma balada coral, como se vozes angélicas, homenageando o Criador, entoassem uma música de incomum beleza que possuía o condão de enriquecer-nos de energias, enquanto produzia emoção profunda que nos tomava os sentimentos preparados para a captação das concessões do amor. [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 15)

“[...] Logo após, Dr. Ignácio utilizou-se de um instrumento especial que se encontrava na sala e o aproximou da médium, aplicando a parte superior do mesmo sobre a cabeça do desencarnado que mais se agitou, em dolorosa agonia. O doutrinador, comovido, exorou o auxílio de Jesus em benefício do visitante, enquanto lhe falava com bondade e compaixão. O aparelho tinha como finalidade trabalhar a construção mental externa e diluí-la, auxiliando o perísprito a recuperar a forma, o que certamente seria concluído, mais tarde, quando da reencarnação do calceta. Todos orávamos em uníssono até que, lentamente, o comunicante se foi acalmando, diminuindo a emissão dos uivos e aquietando-se em sono profundo, decorrente da voz do Dr. Ignácio que o hipnotizava, mediante o recurso da emissão verbal tranquila, revestida da indução do amor fraternal e terapêutico. Ao ser desligado da médium, foi acomodado em uma cama portátil e retirado da sala, para posterior traslado ao Hospital Esperança.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 5)

“Novos empreendimentos. No dia imediato, diminuídas as emoções da noite inolvidável, sem que tivéssemos confabulado em torno das mensagens recebidas, o amigo Jacques Verner convidou-me a examinar as fronteiras vibratórias da área destinada ao trabalho em curso. Confesso que não me havia dado conta de tal providência. Informado, pelo amigo, pude constatar que o espaço reservado ao novo setor abrangia grande parte da clínica, que se encontrava defendido por uma construção fluídica, com espessura de mais ou menos dois palmos, em tonalidade azul suave, dentro do pavilhão e expandindo-se para além da edificação convencional. Observei que não era exatamente redonda, mas obedecia a um traçado especialmente delineado, com duas pequenas torres de mensagem, em cada uma das quais se alojava um vigilante para resguardá-la de qualquer assalto programado pelos adversários do bem. Equipamentos especiais estavam

próximos do guardião, fazendo lembrar aparelhos de emissão de laser, que tinham por finalidade disparar raios de ação afligente, caso houvesse necessidade. O gentil Verner explicou-me que os vigilantes eram voluntários que já trabalhavam espiritualmente na clínica, e que se ofereceram para resguardar o novo setor, que deveria permanecer sempre preparado para as finalidades a que se destinava. Nem todos os espíritos que se movimentavam na clínica podiam ver a edificação, porém sentiam o impedimento vibratório sempre que tentavam ir além dos limites que estabeleciam. Outrossim, experimentavam choques, que faziam lembrar descargas elétricas, emitidos pela condensação fluídica, quando, sem dar-se conta, entravam em contato com as defesas. Curioso, interroguei, se a clínica também se encontrava sob igual segurança, ao que fui informado positivamente, porém de natureza diferente. Em razão dos relevantes serviços prestados aos sofredores, ao largo do tempo as suas defesas sofreram alterações, sendo as atuais constituídas por um tubo de luz que descia do alto envolvendo toda a área material na qual se encontrava instalada, embora houvesse também um tipo de muralha defensiva a erguer-se do solo... Curiosamente, podiam ser vencidos os impedimentos quando se tratava de espíritos vinculados aos pacientes para ali conduzidos, a fim de que pudessem, também, por sua vez, ser beneficiados pelos serviços espirituais a que seriam submetidos. Exerciam, no entanto, resistência em relação àqueles tumultuados ou desordeiros, que desejassem invadir as dependências para gerar conflitos e prejuízos à organização do trabalho relevante. As energias que formavam a defesa eram sensíveis ao pensamento dos espíritos, que disparavam ondas portadoras das intenções, produzindo, quando negativas e perversas, efeitos prejudiciais aos seus emitentes. Equivale dizer que a onda mental disparada, chocava-se na parede vibratória, retornando, potencializada, e atingindo o autor, produzia-lhe grande desconforto e específica sensação de mal-estar. – “As obras de amor – esclareceu o gentil amigo – devem estar defendidas dos maus, em qualquer parte em que esses proliferem. Não compreendendo, por enquanto, os nobres significados da vida, é justo que recebam de acordo com o que lhes apraz. Não fossem as providências de tal porte, que se encontram em todo lugar onde o Bem opera, e estaríamos em constante combate com os semeadores da desordem e do crime.” [...] (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 11)

“[...] Logo depois, havendo ficado alguns dementados e vítimas de zoantropia, sem comando mental, os trabalhadores do Evangelho do Amor e Caridade recolheram-nos em dependência especial da instituição para as convenientes terapias libertadoras da hipnose deformadora e da aflição indescritível de que

eram vítimas. Com a área em derredor da sociedade quase deserta dos membros das hostes do mal, observamos a densidade da psicosfera doentia e das formas-pensamento incontáveis que pairavam na região em que estiveram por pouco tempo. As suas emanções psíquicas e as exteriorizações emocionais grosseiras deram lugar a uma nuvem sombria na qual permaneciam as exclamações de ódio, os gemidos e as aberrações que os tipificavam. Sob a orientação do nosso mentor, especialistas em higiene ambiental utilizando-se de aparelhos próprios puseram-se a sanear, não somente o ar como o solo empestado das fixações ideoplásmicas prejudiciais. O trabalho de preservação do ambiente é de alta relevância para as atividades espirituais que nele se devem operar como é compreensível. As nossas atividades realizadas sob condições especiais, na área dos fluidos e da energia, para que alcancem o êxito desejado, estão submetidas a muitas condições e circunstâncias, entre as quais a da higiene local. Por essa razão, fazem-se recomendáveis os cuidados para que as reuniões mediúnicas de cura, de atendimento fraternal e de socorro tenham lugar em recintos reservados para esses mistérios em razão de serem providenciadas defesas e assepsiadas com frequência, liberando-as dos miasmas psíquicos dos enfermos de ambos os planos que para ali acorrem em busca de auxílio. O dia amanhecera radioso, e após todos os trabalhos de limpeza e preservação do ambiente, podíamos ver o astro rei em toda a sua pujança e majestade, abençoando a vida no planeta. [...]” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 11)

II.8. Atitudes desejáveis dos membros da equipe após as reuniões espíritas

“O restante da visita transcorreu em agradável conversação, após o que os Santamarias demandaram o lar, algo renovados, otimistas. Era o milagre da caridade da palavra gentil no momento próprio, do esclarecimento paciente. Oportuno elucidar que o amável Bezerra e nós outros acompanhamos os dois casais aos seus domicílios. Enquanto dialogavam, os Sobreiras eram teleguiados mentalmente pelo Instrutor, a fim de que a justeza dos conceitos propiciassem resultados positivos e lenificadores nos neófitos aprendizes da Doutrina Espírita. O verbo edificante é combustível divino que gera renovação e força, plasmando construções superiores nos painéis mentais a materializar-se no mundo objetivo como realizações eficientes. As considerações salutares e o estudo interessado das comunicações, após os trabalhos mediúnicos pelos membros da equipe, oferecem significativos resultados para todos. Devem-se analisar o conteúdo das informações, acrescentar elucidações aos pontos

nebulosos, confabular, objetivando-se maior soma de benefícios. Médiuns e doutrinadores, mais facilmente, são convidados a aduzir impressões, emoções experimentadas, que visem a maior benefício para a melhora de técnicas, aprendizagem, correções necessárias. Contando com a presença dos Benfeitores no recinto, o intercâmbio intuitivo para o aprimoramento de todos ensejará excelente contribuição que enriquecerá de experiências a equipe interessada, que mais sensível se fará ao controle dos Espíritos Superiores. No sentido oposto, a conversação vulgar, o comentário ácido, os apontamentos irrelevantes perturbam a psicosfera em que se demoram por algum tempo as Entidades em tratamento, permitindo a quebra das defesas especiais e a invasão dos Espíritos infelizes a cuja convivência mental os membros do grupo se acostumaram, prosseguindo as inditas obsessões de que não se desejam libertar. O término de qualquer ministério de desobsessão, na esfera física, de maneira alguma encerra os serviços de socorro e enfermagem espiritual. Conveniente os lidadores encarnados cuidarem da preservação psíquica superior do recinto, quanto da própria, demorando-se em reflexões e conotações sadias, aplicando em si mesmos as lições ouvidas. Mesmo quando as comunicações hajam apresentado maior soma de sofrendores, aos colaboradores terrenos compete a meditação quanto ao futuro que os aguarda, caso não se resolvam à vivência das atitudes enobrecedoras.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 18)

“O Mentor, percebendo as silenciosas interrogações a respeito dos demais colaboradores que víamos horas antes, explicou-me: – Estamos diante de um grupo mediúnico de desobsessão, portador de qualidades superiores graças ao conhecimento espírita de que os seus membros se fazem possuidores, assim como à sua dedicação natural ao bem. “Apesar disso, recordemos que as cadeias carnavais são muito fortes, criando determinados impedimentos para uma dedicação maior... Passadas as emoções que a reunião propicia, quando diversos retornam às atividades comuns, são absorvidos por outras áreas de interesses, deslocando-se mentalmente e, buscando o leito, quase sempre sob as impressões penosas, excitantes ou desagradáveis que os tomam. Em casos dessa natureza, não se deslocam facilmente do corpo, mesmo quando sob nossas induções, debatendo-se nas urdiduras mentais que trouxeram para o repouso. “O advento da televisão, não nos cabendo aqui adentrar-nos em mais amplas considerações, trouxe, para a intimidade doméstica, as altas cargas de informações, que nem sempre podem ser *digeridas* com facilidade. Como a mesma se transformou em poderoso veículo de recreação, em muitos lares encontra-se colocada na alcova, propiciando que dali se assistam programas portadores de carregadas mensagens negativas, que despertam o

interesse, prendendo a atenção. Quando vai desligada, o telespectador nem sempre se libera da película, de cujo conteúdo emocional participou, ou das últimas notícias que recebeu... Como é natural, agita-se durante o processo do sono, detendo-se nas cogitações não superadas ou partindo em direção das sugestões que foram captadas, com sérios distúrbios para o equilíbrio, a paz pessoal. “Seria ideal que os cooperadores encarnados, após o encerramento dos trabalhos mediúnicos se mantivessem, quanto possível, no clima psíquico que fruíram durante a reunião, meditando no que ouviram, *digerindo* mentalmente melhor as comunicações, incorporando aos hábitos as lições recebidas, orando... Tal atitude, que lhes será sempre de alto alcance positivo, ajudar-nos-á a contribuir para que se melhorem moralmente por prosseguirem em ação edificante e aprendizagem, no desdobramento que os compromissos espirituais a todos nos facultam.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 26)

“Não foram trazidas mensagens mais amplas ou feitas quaisquer considerações adicionais. Tratava-se de saudação, por cada um dos Amigos desencarnados, com brevíssimas palavras de contentamento e gratidão a Deus pela oportunidade de agirem em favor do próximo em nome do Bem. A Mentora, por fim, entreteve conversação mais demorada, endereçando expressões de estímulo e conforto a cada um dos participantes mais ativos, e estendendo-as a uns e outros, membros da Casa. Logo depois, seguindo a praxe, foi encerrada a reunião. Os companheiros encarnados mais chegados ao labor reuniram-se numa sala interior, para ligeiro lanche e comentários proveitosos em tomo do trabalho. Vindo até nós, a Amiga Espiritual aludiu: — “Este encontro dos trabalhadores é muito útil para eles mesmos, tanto quanto para as nossas atividades. Não se aprofundando pelo estudo, na realidade e mecânica das Leis, ficam na periferia do fenômeno mediúnico, repetindo atos sem conhecer-lhes a função ou a estrutura, desarmados para ocorrências diferentes ou eventualidades inesperadas. Temo-los estimulado à conversação, porquanto, ainda sob a inspiração dos seus Protetores, logram penetrar, a pouco e pouco, no funcionamento das técnicas de que nos utilizamos, bem como na razão que nos leva a aplicá-las, adquirindo consciência de si mesmos e da finalidade superior da vida. Os mais esclarecidos opinam e sugerem, interrogam e discutem, abrindo espaços para o raciocínio que desperta e o interesse de saber que se lhes instala. É um primeiro passo para o estudo que oferece o conhecimento e a libertação da ignorância. “Porque permanecem confiantes no recinto, absorvem maior dose de energias revitalizadoras e passam a amar a Casa, mantendo um laço de afeição que os une ao trabalho. “Vemos Instituições respeitáveis, nas quais outro tipo de ritual, mesmo onde se diz detestá-lo, vai

tomando corpo e devorando a espontaneidade: é o formalismo, que poderíamos também chamar de indiferença ou desamor. Não se diz uma palavra de estímulo ou não se fazem comentários, receando-se elogios, embora nunca se poupem críticas ácidas e destrutivas. Noutras Sociedades, tão logo terminam as reuniões, todos partem, como se desejassem fugir do recinto, e correm para programas antagônicos, no fundo e na forma, ao de que haviam participado, encharcando-se deles antes de dormir. Em suma: não se comentam as ocorrências ou as instruções, as conferências ou os estudos, os debates nem as sugestões, não se fixando, como efeito, o que deveria constituir um aprendizado valioso. Quase todos têm pressa de ir-se, alguns porque estabelecem compromissos posteriores, nos quais anulam o que granjearam na reunião, e outros, por motivo nenhum, simplesmente porque não têm assunto a comentar, ou já sabem a respeito de tudo, ou não se interessam por sabê-lo. Pobres homens, escravos de si mesmos! Não os censuramos, porque já trilhamos caminhos iguais, no entanto, não sopitamos o desejo de convidá-los à naturalidade, à vivência espontânea da fraternidade, do intercâmbio de opiniões e interesses, pelo menos espirituais, desde que nos afeioamos a esta área do universo dos deveres. “Ouçamos, por um pouco, o que comentam.” Uma senhora de aspecto agradável, cuja cabeleira prateava, tendo a xícara de café com leite na mão, disse, meditando: — Quando começou a luta, eu receei, perguntando-me: Haverá vantagem nessa batalha, em razão dos combatentes que aqui estão? Seja quem for que vença, pobre da vítima, que sairá de um perseguidor cruel para outro pior! — Ora, já eu, não temi — respondeu, outra dama, humildemente vestida. — Primeiro, porque eu confio em Deus e tudo sempre ocorre para melhor, conforme a Sua vontade. Segundo, porque nossa Casa é edificada sobre os alicerces do amor e da caridade. Como Jesus afirmou que “a casa construída na rocha não seria derrubada pelos ventos nem pelas inundações”, eu fiquei tranquila. — Pois eu — contrapôs um jovem — vi logo que seria vantagem para o doente. Ele estava com dois inimigos. Ora, qualquer que fosse o resultado da luta, ele iria ficar só com um, portanto, já era uma vitória para ele, cujo trabalho de cura se iniciava, sem que soubesse, oferecendo-lhe vantagem. — Bem, não é assim — esclareceu um senhor de aspecto respeitável. — Pelo que conheço, a irmã, que aparentemente foi vencida, não está afastada do seu perseguido, porque ele lhe deve, e, como a Lei de Deus nos exige corrigir o que fizemos de errado, é justo que ele se reabilite perante a pobre ofendida, não parece? — E se ela não o perdoar? — indagou uma jovem, com interesse. — O problema já não será dele — redarguiu o interlocutor. — Eu penso que nossos atos respeitam ou atentam contra as Leis

de Deus. Quando fazemos um bem ou um mal a alguém, estamos no contexto da ordem universal. O bem que promove quem o recebe, eleva aquele que o pratica. O mal ocorre no sentido inverso, sendo sempre pior para quem o abraça. Quando devemos a alguém, moral ou espiritualmente, o nosso desrespeito é ao Soberano Código do Amor. É necessário fazermos a paz com o nosso adversário, buscando-o com humildade para esse fim e fazendo-lhe o bem possível. Se, no entanto, ele se recusar, passa de vítima a algoz e tal não lhe é permitido. A sua teimosia no desforço retarda-lhe a marcha, mas isto não impede que o arrependido avance. Assim, no caso em apreço, se ela teimar por não o perdoar, ele tem o dever de empenhar-se ao máximo, não porém ficar na retaguarda, a ela jungido... Crescendo, ele voltará um dia para auxiliá-la, caso ela prefira deter-se no caminho da evolução. A Justiça é, acima de tudo, amor que corrige e sabedoria que educa. — Muito bem! — exclamaram todos. Embora os comentários prosseguissem, interessantes, a irmã Emerenciana, sorrindo, otimista, completou: — Aí temos o exemplo do diálogo edificante, que instrui e anima. Embora identificássemos ser o cavalheiro um homem esclarecido, com muito bom-senso, notei que, ao responder à jovem, ele fora inspirado pelo nosso conhecido Felinto, que participava, com outros obreiros espirituais da Casa, na edificante conversação. A Mentora solicitou licença, a fim de dar instruções aos cooperadores da nossa esfera, especialmente a respeito do prosseguimento da reunião em outro plano de atividade, e ficamos observando os seareiros do bem, no júbilo natural decorrente do dever cumprido. Os Espíritos que não puderam ser atendidos ficaram sob assistência própria, e aqueles que se haviam comunicado permaneciam, na quase totalidade, a dormir, descarregando o psiquismo das altas tensões longamente mantidas. Indígenas e africanos desencarnados movimentavam-se em silêncio, desincumbindo-se dos mistérios especiais para a sua capacidade, cômicos da providencial utilidade do seu concurso. Enquanto isso, percebemos a chegada de mais criaturas que eram encaminhadas a uma saleta próxima à entrada. — “São companheiros encarnados — explicou-nos Felinto — que vêm pedir ajuda, logo se desprendem do corpo pelo sono físico. Vinculados à nossa Casa, para aqui acorrem, automaticamente, ou são trazidos pelos seus Protetores Espirituais, a fim de receberem auxílio. Como o amigo sabe, o sono retém ao corpo os intoxicados por interesses mesquinhos ou os impele aos redutos de atração pessoal conforme a faixa mental a que cada um se fixa. Ao chegarem, são conduzidos a um atendimento que seleciona as questões a que se prendem, encaminhando-os depois à nossa Instrutora ou a outros Amigos, de acordo com a preocupação que os aflige. Todos recebem, conforme a nossa

capacidade e o merecimento deles, orientação e conforto, para poderem desincumbir-se das provas e compromissos a que se encontram submetidos. O Amor sempre dispõe de recursos, e mais cresce quanto mais se doa. Este intercâmbio é-lhes muito salutar, porque ficam registrados no inconsciente, os conselhos recebidos, que lhes afloram como sonhos mais ou menos claros, de acordo com a lucidez pessoal. Não fosse tal socorro e tombariam em outros círculos, inferiores, nos quais seriam submetidos a aflições e amarguras, refletindo-se-lhes em forma de pesadelos perturbadores, ficando-lhes matrizes mentais para o pessimismo, a revolta e outras mazelas, como é muito comum. O intercâmbio espiritual, conscientemente ou não, é resultado das afinidades morais e afetivas entre os Espíritos em ambos os planos da vida.” Os membros da atividade mediúnica retiravam-se, em face do adiantado da hora, que já passava muito da meia-noite. Seus semblantes estavam assinalados pela paz e esperança.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 12)

III Evangelização cristã – Educação evangélica

III.1. Importância do Evangelho de Jesus Cristo (*Novo Testamento*)

“O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO.
[...] **I – OBJETIVO DESTA OBRA.** Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.* As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta

a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra. Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por desencargo de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, apanhar-se-lhes o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais. É certo que tratados já se têm escrito de moral evangélica; mas, o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de aforismos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas. Para obviar a esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, pondo de lado unicamente o que se não prende ao assunto. [...] Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão. O Espiritismo se nos depara por toda a parte na antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa a razão porque, ao mesmo tempo em que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado. Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, houveram talvez sofrido uma influência pessoal ou a do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio. Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de confortar com

a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los *à prática do Evangelho*.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução)

“**O ESPIRITISMO. 5.** O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil. **6.** A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera. **7.** Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.” Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“**EDUCAÇÃO EVANGÉLICA.** Todas as reformas sociais, necessárias em vossos tempos de indecisão espiritual, têm de processar-se sobre a base do Evangelho. Como? – podereis objetar-nos. Pela educação, replicaremos. O plano pedagógico que implica esse grandioso problema tem de partir ainda do simples

para o complexo. Ele abrange atividades multiformes e imensas, mas não é impossível. Primeiramente, o trabalho de vulgarização deverá intensificar-se, lançando, através da palavra falada ou escrita do ensinamento, as diminutas raízes do futuro. **O RESULTADO DOS ERROS RELIGIOSOS.** Toda essa demagogia filosófica doutrinária que vedes nas fileiras do Espiritismo, tem sua razão de ser. As almas humanas se preparam para o bom caminho. A missão do Cristianismo na Terra não era a de mancomunar-se com as forças políticas que lhe desviassem a profunda significação espiritual para os homens. O Cristo não teria vindo ao mundo para instituir castas sacerdotais e nem impor dogmatismos absurdos. Sua ação dirigiu-se, justamente, para a necessidade de se remodelar a sociedade humana, eliminando-se os preconceitos religiosos, constituindo isso a causa da sua cruz e do seu martírio, sem se desviar, contudo, do terreno das profecias que o anunciavam. Todas essas atividades bélicas, todas as lutas antifraternas no seio dos povos irmãos, quase a totalidade dos absurdos, que complicam a vida do homem, vieram da escravização da consciência ao conglomerado de preceitos dogmáticos das Igrejas que se levantaram sobre a doutrina do Divino Mestre, contrariando as suas bases, digladiando-se mutuamente, condenando-se umas às outras em nome de Deus. Aliado ao Estado, o Cristianismo deturpou-se, perdendo as suas características divinas. **FIM DE UM CICLO EVOLUTIVO.** Sabemos todos que a Humanidade terrena atinge, atualmente, as cumeadas de um dos mais importantes ciclos evolutivos. Nessas transformações, há sempre necessidade do pensamento religioso para manter-se a espiritualidade das criaturas em momentos tão críticos. A ideia cristã se encontrava afeita ao trabalho de sustentar essa coesão dos sentimentos de confiança e de fé das criaturas humanas nos seus elevados destinos; todavia, encarcerada nas grades dos dogmas católico-romanos, a doutrina de Jesus não poderia, de modo algum, amparar o espírito humano nessas dolorosas transições. Todas as exterioridades da Igreja deixam nas almas atuais, sedentas de progresso, um vazio muito amargo. **URGE REFORMAR.** Foi justamente quando o Positivismo alcançava o absurdo da negação, com Auguste Comte, e o Catolicismo tocava às extravagâncias da afirmativa, com Pio IX proclamando a infalibilidade papal, que o Céu deixou cair à Terra a revelação abençoada dos túmulos. O Consolador prometido pelo Mestre chegava no momento oportuno. Urge reformar, reconstruir, aproveitar o material ainda firme, para destruir os elementos apodrecidos na reorganização do edifício social. E é por isso que a nossa palavra bate insistentemente nas antigas teclas do Evangelho cristão, porquanto não existe outra fórmula que possa dirimir o conflito da vida atormentada dos homens. A atualidade requer a difusão dos seus

divinos ensinamentos. Urge, sobretudo, a criação dos núcleos verdadeiramente evangélicos, de onde possa nascer a orientação cristã a ser mantida no lar, pela dedicação dos seus chefes. As escolas do lar são mais que precisas, em vossos tempos, para a formação do espírito que atravessará a noite de lutas que a vossa Terra está vivendo, em demanda da gloriosa luz do porvir. **NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO PURA E SIMPLES.** Há necessidade de iniciar-se o esforço de regeneração em cada indivíduo, dentro do Evangelho, com a tarefa nem sempre amena da autoeducação. Evangelizado o indivíduo, evangeliza-se a família; regenerada esta, a sociedade estará a caminho de sua purificação, reabilitando-se simultaneamente a vida do mundo. No capítulo da preparação da infância, não preconizamos a educação defeituosa de determinadas noções doutrinárias, mas facciosas, facilitando-se na alma infantil a eclosão de sectarismos prejudiciais e incentivando o espírito de separatividade, e não concordamos com a educação ministrada absolutamente nos moldes desse materialismo demolidor, que não vê no homem senão um complexo celular, onde as glândulas, com as suas secreções, criam uma personalidade fictícia e transitória. Não são os sucos e os hormônios, na sua mistura adequada nos laboratórios internos do organismo, que fazem a luz do espírito imortal. Ao contrário dessa visão audaciosa dos cientistas, são os fluidos, imponderáveis e invisíveis, atributos da individualidade que preexiste ao corpo e a ele sobrevive, que dirigem todos os fenômenos orgânicos que os utopistas da biologia tentam em vão solucionar, com a eliminação da influência espiritual. Todas as câmaras misteriosas desse admirável aparelho, que é o mecanismo orgânico do homem, estão repletas de uma luz invisível para os olhos mortais. **FORMAÇÃO DA MENTALIDADE CRISTÃ.** As atividades pedagógicas do presente e do futuro terão de se caracterizar pela sua feição evangélica e espiritista, se quiserem colaborar no grandioso edifício do progresso humano. Os estudiosos do materialismo não sabem que todos os seus estudos se baseiam na transição e na morte. Todas as realidades da vida se conservam inapreensíveis às suas faculdades sensoriais. Suas análises objetivam somente a carne perecível. O corpo que estudam, a célula que examinam, o corpo químico submetido à sua crítica minuciosa, são acidentais e passageiros. Os materiais humanos postos sob os seus olhos pertencem ao domínio das transformações, através do suposto aniquilamento. Como poderá, pois, esse movimento de extravagância do espírito humano presidir à formação da mentalidade geral que o futuro requer, para a consecução dos seus projetos grandiosos de fraternidade e de paz? A intelectualidade acadêmica está fechada no círculo da opinião dos catedráticos, como a ideia religiosa está presa no

cárcere dos dogmas absurdos. Os continuadores do Cristo, nos tempos modernos, terão de marchar contra esses gigantes, com a liberdade dos seus atos e das suas ideias. Por enquanto, todo o nosso trabalho objetiva a formação da mentalidade cristã, por excelência, mentalidade purificada, livre dos preceitos e preconceitos que impedem a marcha da Humanidade. Formadas essas correntes de pensadores esclarecidos do Evangelho, entraremos, então, no ataque às obras. Os jornais educativos, as estações radiofônicas, os centros de estudo, os clubes do pensamento evangélico, as assembleias da palavra, o filme que ensina e moraliza, tudo à base do sentimento cristão, não constituem uma utopia dos nossos corações. Essas obras que hoje surgem, vacilantes e indecisas no seio da sociedade moderna, experimentando quase sempre um fracasso temporário, indicam que a mentalidade evangélica não se acha ainda edificada. A andaimaria, porém, aí está, esperando o momento final da grandiosa construção. Toda a tarefa, no momento, é formar o espírito genuinamente cristão; terminado esse trabalho, os homens terão atingido o dia luminoso da paz universal e da concórdia de todos os corações.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXXV)

“EVANGELIZAÇÃO AOS DESENCARNADOS.

São-nos gratas a todos nós que já nos libertamos da cadeia material, as vossas reuniões de evangelização. A alguém poderá parecer que, com essa preferência, criamos também, para cá dos limites da Terra, um círculo vicioso, onde eternamente nos debatemos. Tal opinião, porém, será erradamente emitida, porquanto, desconhecendo o nosso “modus vivendi”, muitas vezes não considerais que o homem, acima de tudo, é espírito, alma, vibração e que esse espírito, somente em casos excepcionais, não se conserva o mesmo, após a morte do corpo, com idênticos defeitos e as mesmas inclinações que o caracterizavam na face do mundo. Conduzimos, portanto, frequentemente, até o vosso meio, a fim de se colocarem em contato com a verdade da sua nova situação, aqueles dos nossos semelhantes que aqui se encontram ainda impregnados das sensações corporais. **A SITUAÇÃO DOS RECÊM-LIBERTOS DA CARNE.** Identificados por tal forma com a matéria, sentindo tão intensamente as suas impressões, não se encontram aptos a compreender a nossa linguagem e precisam ouvir a voz materializada daqueles que, cumprindo os desígnios do Alto, ainda se conservam no exílio, aguardando a alvorada de sua redenção. É ainda reduzido o número dos que despertam na luz espiritual, plenamente côscios da sua situação, porque diminuta é a percentagem de seres humanos que se preocupam sinceramente com as questões do seu aprimoramento moral. A maioria dos desencarnados, nos seus primeiros dias da vida além do túmulo, não encontra senão os reflexos dos seus péssimos hábitos

e das suas paixões que, nos ambientes diversos de outra vida, os aborrecem e deprimem. O corpo das suas impressões físicas prossegue perfeito, fazendo-lhes experimentar acerbas torturas e inenarráveis sofrimentos.

AS EXORTAÇÕES EVANGÉLICAS. As exortações evangélicas são, pois, lenitivos de muitos padecimentos morais, de muitas dores amaríssimas que acompanham as almas, após a travessia da morte, cheia de sombras ou de claridades. Há sofrimentos a aliviar, ignorantes a instruir, sedentos de paz e de amor. Quando assim acontece, é natural que o tempo seja dedicado à nobre tarefa de espalhar a luz do ensino e do conforto espiritual. Numa assembleia dos que se consagram ao estudo das ciências, é natural a discussão sobre a matéria cósmica, sobre a onda hertziana, mas, ao lado da turba dos infelizes, é preciso mostrar a estrada da regeneração e da verdadeira ventura. O Espiritismo não é somente o antídoto para as crises que perturbam os habitantes da Terra; os seus ensinamentos salutareis e doces reerguem nos desencarnados as esperanças desfalecidas à falta de amparo e de alimento; é aí que a doutrina edifica os transviados do dever e os sofredores saturados desses acerbos remorsos que somente as lágrimas fazem desaparecer. **A LIÇÃO DAS ALMAS.**

Cada alma que se vos apresenta e que leva até aos vossos ouvidos o eco das suas palavras traz em sua fronte o estatuto da verdade que vos compele aos atos puros e meritórios e aos pensamentos elevados que enobrecem a consciência. Não regressaríamos da morte, sem um alto e nobre objetivo. O escopo das nossas atividades é a demonstração da realidade insofismável de que vivemos e regressamos do plano invisível para vos dizer que o Espaço, como um livro misterioso, encerra toda a nossa vida. Uma intenção, uma lágrima oculta, uma virtude nobilitante estão patentes nas suas páginas prodigiosas que, por uma disposição, inacessível ainda à vossa compreensão, registra os mais recônditos pensamentos e ações da nossa existência. Objetivamos, portanto, cultivar em vossos corações a certeza consoladora da crença pura, trabalhando para que a tolerância, a meditação e a caridade sejam as vossas companheiras assíduas. **ENSINAR E PRATICAR.** Todas as ciências estão ricas de especulações teóricas, todas as religiões que se divorciaram do amor estão repletas de palavras, quase sempre vazias e incompreensíveis. As predicções são ouvidas, por toda parte; mas a prática, esta é rara e daí a necessidade de se habituar a ela com devotamento, para que os atos revelem os sentimentos, operando com o espírito de verdadeira humildade. Caminhai, pois, nos pedregosos caminhos das provas. À medida que marchardes, cheios de serenidade e de confiança, mais belas provas colhereis da luminosa manhã da imortalidade que vos espera, além do silêncio dos túmulos.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXX)

“378 – *Por que motivo a doutrinação e a evangelização nas reuniões espíritas beneficiam igualmente os desencarnados, se a estes seria mais justo o aproveitamento das lições recebidas no plano espiritual?* – Grande número de almas desencarnadas nas ilusões da vida física, guardadas quase que integralmente no íntimo, conservam-se, por algum tempo, incapazes de aprender as vibrações do plano espiritual superior, sendo conduzidas por seus guias e amigos redimidos às reuniões fraternas do Espiritismo evangélico, onde, sob as vistas amoráveis desses mesmos mentores do plano invisível, se processam os dispositivos da lei de cooperação e benefícios mútuos, que rege os fenômenos da vida nos dois planos.” (EMM, *O consolador*, Segunda parte – Filosofia, Capítulo 4)

“[...] Enquanto o espírito do homem se engolfa apenas em cálculos e raciocínios, o Evangelho de Jesus não lhe parece mais que repositório de ensinamentos comuns; mas, quando se lhe despertam os sentimentos superiores, verifica que as lições do Mestre têm vida própria e revelam expressões desconhecidas da sua inteligência, à medida que se esforça na edificação de si mesmo, como instrumento do Pai. Quando crescemos para o Senhor, seus ensinamentos crescem igualmente aos nossos olhos.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 1)

“O Evangelho, assim, não é o livro de um povo apenas, mas o Código de Princípios Morais do Universo, adaptável a todas as pátrias, a todas as comunidades, a todas as raças e a todas as criaturas, porque representa, acima de tudo, a carta de conduta para a ascensão da consciência à imortalidade [...]” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 26)

“Por essa razão, a Doutrina Espírita, em convocando o homem ao amor e ao estudo, prescreve como norma de conduta o Evangelho vivo e atuante — nobre Tratado de Higiene Mental — através de cujas lições haure o espírito vitalidade e renovação, firmeza e dignidade, ensinando a oração que enseja comunhão com Deus, prescrevendo jejum, ao crime e continência em relação ao erro, num vade-mécum salvador para uma existência sadia na Terra, com as vistas voltadas para uma vida espiritual perfeita.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Prejuízos e conquistas espirituais.” [...] Retornamos, Fernando e nós, ao lar de Ernestina, onde nos hospedávamos. Aquele era o dia reservado ao estudo espírita do *Evangelho no Lar*, de alto significado para nossa anfitriã, para os participantes habituais, quanto para nós outros também. A partir das dezessete horas começaram a chegar os desencarnados amigos, que se associavam ao formoso labor. Procedentes de comunidades diferentes, o ensejo facultava reencontros felizes, conversações agradáveis, intercâmbio de experiências educativas, informações, notícias de familiares e afetos. A ocasião era propiciatória a muitos júbilos,

inclusive, em razão das vibrações refazentes que ali se experimentavam. Verdadeiro santuário, o lar era o protótipo dos futuros ninhos domésticos de onde se irradiarão harmonias para a humanidade. A dimensão física da sala de reuniões desaparecera, cedendo lugar a um espaço amplo e acolhedor, onde quase uma centena de Espíritos podíamos acomodar-nos sem atropelos, embora os encarnados não devessem ultrapassar a vinte. Às dezenove horas, deram entrada os primeiros sofrendores desencarnados, sob carinhoso amparo de familiares zelosos, a fim de que se beneficiassem com a psicossfera reinante, ouvissem os estudos, recebessem as vibrações de paz e ânimo para o despertar, o prosseguir em confiança. No passado da humanidade, no tempo em que não havia a conscientização lúcida sobre a vida espiritual, onde se encontrassem pessoas para ajudar, os benfeitores se utilizavam dos cultos religiosos, quando se reuniam com unção para orar, ou de lares nos quais a presença de Jesus se fazia constante. Sem dúvida, nem todos os religiosos, assim como seus pastores, eram desonestos, irresponsáveis, tratando-se, muitas vezes, de indivíduos afetuosos, nobres, verdadeiros exemplos de dignidade e exemplificação. Em face da defecção de alguns, não se pode generalizar o conceito negativo contra religiosos e as religiões. É necessário separar uma de outra expressão de vida e de criaturas, de forma que se evitem as confusões e o pessimismo a respeito das doutrinas religiosas, que não dispunham de recursos filosóficos e científicos para promoverem os seus fiéis. Essa tarefa coube à Doutrina Espírita que, não obstante, ao ser praticada, encontra muitas dificuldades e impedimentos. Ocorre que é comum, entre os indivíduos, a tentativa de submeterem as mensagens, que dizem seguir, à própria interpretação, impondo seus caprichos e gerando dissídios, incompatibilizando-se uns contra os outros em tristes espetáculos de exibição do egoísmo. Vinte horas menos quinze minutos, chegaram educadamente os membros da reunião. Joviais, Ângelo e José apresentavam-se estuantes de alegria. Os amigos aguardavam aquele encontro hebdomadário com certa ansiedade, tais os benefícios que hauriam, assim como os planos que formulavam para as atividades da semana. À hora convencional, os convidados estavam sentados em torno da mesa, e os Espíritos, igualmente acomodados, aguardavam a abertura do evento. Dona Apolônia, num gesto de cortesia e distinção, convidou o Dr. Carneiro de Campos a dirigir os serviços espirituais da noite. Acercando-se de Ernestina e inspirando-a com vigor, o amoroso guia induziu-a à oração com palavras simples, porém, com elevado teor de sentimentos nobres que a todos nos sensibilizou em ambas as esferas da vida. Logo após, Ângelo foi convidado a abrir casualmente *O evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec, no Capítulo VII, item 12, na Instrução dos espíritos sobre o Orgulho e a

humildade, ditada por Adolfo, bispo de Argel, em Marmande, 1862. A página, repassada de sabedoria, convidada à reflexão, em serena análise sobre a pobreza moral de espírito nas criaturas, que recebem com efusão o rico debochado, perdido de corpo e de alma, dando-se o inverso, quando se trata de pessoa necessitada de carinho e ajuda. Inectiva contra a cupidez, o orgulho e a avareza, conclama ao equilíbrio, ao despertamento moral. Muito oportuna, faz um estudo sobre as ocorrências do mundo material e do espiritual. Terminada a leitura, José comentou-a sob visível inspiração, analisando a transitoriedade do corpo e a perenidade do Espírito, demonstrando quanto são vãos os recursos humanos, as glórias terrestres, as ambições materiais. Trouxe à evocação alguns guerreiros temerários e famosos, indivíduos que se celebrizaram pelo poder e fortuna, que o túmulo consumiu no olvido, e outros que se engrandeceram pelo amor, pela renúncia, pela abnegação e pelos serviços à humanidade, permanecendo modelos, exemplos dignos de ser seguidos... Conclamou à vivência da Mensagem cristã e espírita, abordando o significado da morte, cujo sentido alcançou a plateia de recém-desencarnados ainda em aturdimento, acenando com as esperanças e certezas da imortalidade. Logo depois, a palavra foi franqueada, e diversos participantes contribuíram com opiniões e comentários bem urdidos, assim ampliando os conceitos da página. Ao terminar, foram lidos os nomes dos pacientes recomendados às orações e vibrações de saúde, de paz, de equilíbrio. Os Espíritos visitantes, que se utilizavam do momento para aplicarem energias nos nomeados, dali retirando as forças para transfundi-las nos necessitados, deram início ao seu mister, em atividade ordeira, silenciosa, responsável. Logo depois, na agradável penumbra que foi propiciada, foram aplicados passes nos presentes e procedeu-se à oração terminal, na qual o mentor, quase incorporando Ernestina, expressou a sua gratidão e a de todos nós ao supremo Doador. Preservando o silêncio, os convidados transferiram-se de sala para breves conversações, e, pouco a pouco, demandaram os próprios lares, conservando as energias e o conforto assimilados. Nada de lanches ou festividades que se podem tornar a motivação para o encontro, em detrimento dele mesmo. É necessário entender que a alegria não se deve caracterizar pelas explosões ruidosas de contentamento, nem os júbilos de receber amigos com mesas fartas a qualquer hora... Cada atividade tem o seu momento e o seu próprio significado. Lentamente, os visitantes espirituais voltaram aos seus núcleos, levando os familiares e amigos que trouxeram, despedindo-se de D. Apolônia. A sala permaneceu sem presenças espirituais de sofreadores, no entanto iluminada suavemente e enriquecida pelas vibrações sazonadas.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Pre-juízos e conquistas espirituais)

III.2. Caminho de redenção, melhoramento, felicidade e evolução espiritual

“**A LEI DE AMOR. 8.** O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra – amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo. O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a *reencarnação*, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz o homem: condu-lo à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que resgatar da matéria o homem. Disse eu que em seus começos o homem só instintos possuía. Mais próximo, portanto, ainda se acha do ponto de partida, do que da meta, aquele em quem predominam os instintos. A fim de avançar para a meta, tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glândula encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual, que vos granjeará muito mais do que bens terrenos: a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, buscareis nela os gozos suavíssimos da alma, prelúdios das alegrias celestes. – *Lázaro*. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XI)

“**9.** O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É fato, que já haveis podido comprovar muitas vezes, este: o homem, por

mais abjeto, vil e criminoso que seja, vota a um ente ou a um objeto qualquer viva e ardente afeição à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, não raro, sublimes proporções. A um ente ou um objeto qualquer, disse eu, porque há entre vós indivíduos que, com o coração a transbordar de amor, despendem tesouros desse sentimento com animais, plantas e, até, com coisas materiais: espécies de misantropos que, a se queixarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em torno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não logram sufocar o gérmen vivaz que Deus lhes depositou nos corações ao criá-los. Esse gérmen se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora comprimido amiúde pelo egoísmo, torna-se a fonte das santas e doces virtudes que geram as afeições sinceras e duráveis e ajudam a criatura a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana. Há pessoas a quem repugna a reencarnação, com a ideia de que outros venham a partilhar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois bem! Para praticardes a lei de amor, tal como Deus o entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos indistintamente. A tarefa é longa e difícil, mas cumprir-se-á: Deus o quer e a lei de amor constitui o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a forma sob que se apresente, dado que, além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: “Amai o vosso próximo como a vós mesmos.” Ora, qual o limite com relação ao próximo? Será a família, a seita, a nação? Não; é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a realizar em breve sensível progresso, verá seus habitantes, em virtude da transformação social por que passará, a praticar essa lei sublime, reflexo da Divindade. Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática deste preceito: Não façais aos outros o que não quisedes que vos façam; fazei-lhes, ao contrário, todo o bem que vos esteja ao alcance fazer-lhes. Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ao amor verdadeiro, ele, a seu mau grado, cede. É um ímã a que não lhe é possível resistir. O contato desse amor vivifica e fecunda os germens que dele existem, em estado latente, nos vossos corações. A Terra, orbe de provação e de exílio, será então

purificada por esse fogo sagrado e verá praticados na sua superfície a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, virtudes todas filhas do amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João, o Evangelista. Como sabeis, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas prédicas, limitava-se a repetir estas suavíssimas palavras: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.” Amados irmãos, aproveitai dessas lições; é difícil o praticá-las, porém, a alma colhe delas imenso bem. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: “Amai-vos” e vereis a Terra em breve transformada num Paraíso onde as almas dos justos virão repousar. – *Fénelon*. (Bordéus, 1861)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XI)

“CARACTERES DA PERFEIÇÃO. 1. *Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. – Porque, se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? – Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? – Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.* (S. MATEUS, 5:44, 46 a 48) **2.** Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar. Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem.” Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes. Com efeito, caso se observem os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobre-excita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre

que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XVII)

“O HOMEM NO MUNDO. 10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Purificai, pois, os vossos corações; não consentais que neles demore qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevai o vosso espírito àqueles por quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as necessárias disposições, possam lançar em profusão a semente que é preciso germine em vossas almas e dê frutos de caridade e justiça. Não julgueis, todavia, que, exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental, pretendamos vivais uma vida mística, que vos conserve fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não; vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar. Sois chamados a estar em contato com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. Sede joviais, sede ditosos, mas seja a vossa jovialidade a que provém de uma consciência limpa, seja a vossa ventura a do herdeiro do Céu que conta os dias que faltam para entrar na posse da sua herança. Não consiste a virtude em assumirdes severo e lúgubre aspecto, em repelirdes os prazeres que as vossas condições humanas vos permitem. Basta reporteis todos os atos da vossa vida ao Criador que vo-la deu; basta que, quando começardes ou acabardes uma obra, eleveis o pensamento a esse Criador e lhe peçais, num arroubo d’alma, ou a sua proteção para que obtenhais êxito, ou a sua bênção para ela, se a concluístes. Em tudo o que fizerdes, remontai à Fonte de todas as coisas, para que nenhuma de vossas ações deixe de ser purificada e santificada pela lembrança de Deus. A perfeição está toda, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas, os deveres da caridade alcançam todas as posições sociais, desde o menor até o maior. Nenhuma caridade teria a praticar o homem que vivesse insulado. Unicamente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais árduas é que ele encontra ensejo de praticá-la. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. (Cap. V, nº 26) Não imagineis, portanto, que, para viverdes em comunicação constante conosco, para viverdes sob as vistas do Senhor, seja preciso vos cilicieis e cubrais de cinzas. Não, não, ainda uma vez vos dizemos. Ditosos sede,

segundo as necessidades da Humanidade; mas, que jamais na vossa felicidade entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer se vele o semblante dos que vos amam e dirigem. Deus é amor, e aqueles que amam santamente ele os abençoa. – *Um Espírito Protetor*. (Bordéus, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XVII)

“PELAS SUAS OBRAS É QUE SE RECONHECE O CRISTÃO. 16. “Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! Entrarão no reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.” Escutai essa palavra do Mestre, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abri os ouvidos, que é chegado o momento de ouvir. Será bastante trazer a libré do Senhor, para ser-se fiel servidor seu? Bastará dizer: “Sou cristão”, para que alguém seja um seguidor do Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconhecereis pelas suas obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons.” – “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.” São do Mestre essas palavras. Discípulos do Cristo, compreendei-as bem! Que frutos deve dar a árvore do Cristianismo, árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que se hão de agrupar em torno dela? Os da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, qual o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é boa sempre, porém maus são os jardineiros. Entenderam de moldá-la pelas suas ideias; de talhá-la de acordo com as suas necessidades; cortaram-na, diminuíram-na, mutilaram-na; tornados estérteis, seus ramos não dão maus frutos, porque nenhuns mais produzem. O viajor sedento, que se detém sob seus galhos à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente vê uma ramaria árida, prenunciando tempestade. Em vão pede ele o fruto de vida à árvore da vida; caem-lhe secas as folhas; tanto as remexeu a mão do homem, que as crestou. Abri, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos concita a tratá-la com amor, que ainda a vereis dar com abundância seus frutos divinos. Conservai-a tal como o Cristo vo-la entregou: não a mitleis; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não lhe corteis os galhos. Seus frutos benfazejos caem abundantes para alimentar o viajor faminto que deseja chegar ao termo da jornada; não amontoeis esses frutos, para os armazenar e deixar apodrecer, a fim de que a ninguém sirvam. “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.” É que há açambarcadores do pão da vida, como os há do pão material. Não sejais do número

deles; a árvore que dá bons frutos tem que os dar para todos. Ide, pois, procurar os que estão famintos; levai-os para debaixo da fronde da árvore e partilhai com eles do abrigo que ela oferece. – “Não se colhem uvas nos espinheiros.” Meus irmãos, afastai-vos dos que vos chamam para vos apresentar as sarças do caminho, segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida. O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão: “Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! Entrarão no reino dos céus; entrarão somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.” Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça abundantemente seus frutos! Crede e orai. – *Simeão*. (Bordéus, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XVIII)

“CREDO ESPÍRITA. PREÂMBULO. Os males da Humanidade provêm da imperfeição dos homens; pelos seus vícios é que eles se prejudicam uns aos outros. Enquanto forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses gerará constantes misérias. Sem dúvida, boas leis contribuem para melhorar o estado social, mas são impotentes para tornar venturosa a Humanidade, porque mais não fazem do que comprimir as paixões ruins, sem as eliminar. Em segundo lugar, porque são mais repressivas do que moralizadoras e só reprimem os mais salientes atos maus, sem lhes destruir as causas. Aliás, a bondade das leis guarda relação com a bondade dos homens; enquanto estes se conservarem dominados pelo orgulho e pelo egoísmo, farão leis em benefício de suas ambições pessoais. A lei civil apenas modifica a superfície; somente a lei moral pode penetrar o foro íntimo da consciência e reformá-lo. Reconhecido, pois, que o atrito oriundo do contato dos vícios é que faz infortunados os homens, o único remédio para seus males está em se melhorarem eles moralmente. Uma vez que nas imperfeições se encontra a causa dos males, a felicidade aumentará na proporção em que as imperfeições diminuïrem. Por melhor que seja uma instituição social, sendo maus os homens, eles a falsearão e lhe desfigurarão o espírito para a explorarem em proveito próprio. Quando os homens forem bons, organizarão boas instituições, que serão duráveis, porque todos terão interesse em conservá-las. A questão social não tem, pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano, porque então os homens não mais cogitarão de se prejudicarem reciprocamente. Não basta se cubra de verniz a corrupção, é indispensável extirpar a corrupção. O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas ideias inculcadas desde

a infância e que se identificam com o Espírito; está ainda nas ideias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortalecer, nunca destruir. É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade. O homem que se esforça seriamente por se melhorar assegura para si a felicidade, já nesta vida. Além da satisfação que proporciona à sua consciência, ele se isenta das misérias materiais e morais, que são a consequência inevitável das suas imperfeições. Terá calma, porque as vicissitudes só de leve o roçarão. Gozará de saúde, porque não estragará o seu corpo com os excessos. Será rico, porque rico é sempre todo aquele que sabe contentar-se com o necessário. Terá a paz do espírito, porque não experimentará necessidades fictícias, nem será atormentado pela sede das honrarias e do supérfluo, pela febre da ambição, da inveja e do ciúme. Indulgente para com as imperfeições alheias, menos sofrimentos lhe causarão elas, que, antes, lhe inspirarão piedade e não cólera. Evitando tudo o que possa prejudicar o seu próximo, por palavras e por atos, procurando, ao invés, fazer tudo o que possa ser útil e agradável aos outros, ninguém sofrerá com o seu contato. Garante a sua felicidade na vida futura, porque, quanto mais ele se depurar, tanto mais se elevará na hierarquia dos seres inteligentes e cedo abandonará esta terra de provações, por mundos superiores, porquanto o mal que haja reparado nesta vida não terá que o reparar em outras existências; porquanto, na erraticidade, só encontrará seres amigos e simpáticos e não será atormentado pela visão incessante dos que contra ele tenham motivos de queixa. Vivam juntos alguns homens, animados desses sentimentos, e serão tão felizes quanto o comporta a nossa terra. Ganhem assim, passo a passo, esses sentimentos todo um povo, toda uma raça, toda a Humanidade e o nosso globo tomará lugar entre os mundos ditosos. Será isto uma utopia, uma quimera? Sê-lo-á para aquele que não crê no progresso da alma; não o será, para aquele que crê na sua perfectibilidade indefinita. O progresso geral é a resultante de todos os progressos individuais; mas, o progresso individual não consiste apenas no desenvolvimento da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos. Nisso mais não há do que uma parte do progresso, que não conduz necessariamente ao bem, pois que há homens que usam mal do seu saber. O progresso consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na extirpação dos maus germens que em nós existem. Esse o verdadeiro progresso, o único que pode garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o oposto mesmo do mal. [...] Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis consequências

do bem e do mal, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra, põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. Ela não se limita a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão na Terra o reinado da paz e da fraternidade. A Doutrina Espírita é assim o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido. Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e morais. [...]” (AK, *Obras póstumas*, Segunda parte, Credo espírita)

“NA EXTENSÃO DO SERVIÇO. Que seria do Espiritismo se não guardasse finalidades de aperfeiçoamento da própria Terra, onde se expressa por movimento libertador das consciências? Seria louvável subtrair o homem do campo à função laboriosa da sementeira, distraíndo-o com narrativas brilhantes e induzindo-o à inércia? Seria aconselhável a imposição do êxtase ao esforço ativo, congelando-se preciosas oportunidades de realização para o bem? Mas, se nos abeirarmos do trabalhador, com o intuito de estimulá-lo ao serviço, auxiliando-lhe o entendimento, para que a tarefa se lhe faça menos sacrificial, e favorecendo-o a fim de que descubra, por si mesmo, os degraus da própria elevação, estaremos edificando o bem legítimo, no aprimoramento da vida e da coletividade. De que valeria a intimidade do homem com os Espíritos domiciliados em outras esferas, sem proveito para a existência que lhe é peculiar? Não será deplorável perda de tempo informarmos-nos, sem propósito honesto, quanto aos regulamentos que regem a casa alheia? Se a criatura humana ainda não pode dispensar o suprimento de proteínas e carboidratos, de oxigênio e vitaminas, se não pode prescindir do banho e da leitura, por que induzi-la ao ocioso prazer das indagações sem elevação de vistas? Atendamos, acima de tudo, ao essencial. É curioso notar que o próprio Cristo, em sua imersão nos fluidos terrestres, não cogitou de qualquer problema inoportuno ou inadequado. Não se sentou na praça pública para explicar a natureza de Deus e, sim, chamou-lhe simplesmente “Nosso Pai”, indicando os deveres de amor e reverência com que nos cabe contribuir na extensão e no aperfeiçoamento da Obra Divina. Embora asseverasse que “na casa do Senhor há muitas moradas”, não se deteve a destacar pormenores quanto aos habitantes que as povoam. Não obstante exaltar o Reino Celeste, nele situando a glória do futuro, não olvidou o Reino da Terra, que procurou ajudar com todas as possibilidades de que dispunha. Curando cegos e leprosos, loucos e paráliticos deu a entender que vinha não somente regenerar as almas

e sim também socorrer os corpos enfermos, na recuperação do homem integral. Não se contentou, porém, com isso. Em todas as ocasiões, exaltou nossos deveres de amor para com a vida comum. Recorre à semente de mostarda e à dracma perdida para alinhar preciosos ensinamentos. Compara o mundo a vinha imensa, onde cada servidor recebe determinada quota de obrigações. Consagra especial atenção às crianças, salientando o amparo que devemos às gerações renascentes. Nessa mesma esfera de realizações, os princípios do Espiritismo Evangélico se estenderão em favor da Humanidade. Os desencarnados testemunham a sobrevivência individual, depois da morte, provam que a alma se transfere de habitação sem alterar-se, de imediato, mas, preconizando o estudo e a fraternidade, a cultura e a santificação, o trabalho e a análise, em obediência a ditames superiores, objetivam, acima de tudo, a melhoria da vida na Terra, a fim de que os homens se façam, efetivamente, irmãos uns dos outros no mundo porvindouro que será, indiscutivelmente, iluminada seção do Reino Infinito de Deus.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 23)

“Meditação e ação. O autodescobrimento é o clímax de experiências do conhecimento e da emoção, através de uma equilibrada vivência. Para consegui-lo, faz-se indispensável o empenho com que o homem se aplique na tarefa que o possibilita. É certo que o tentame se reveste inicialmente de várias dificuldades aparentes, todas passíveis de superadas. A realização de qualquer atividade nova se apresenta complexa pelo inusitado da sua própria constituição. Não há, todavia, nada, com que o indivíduo não se acostume. Demais, tudo aquilo que se torna habitual reveste-se de facilidade. Assim, a busca de si mesmo, para a liberação de conflitos, amadurecimento psicológico, afirmação da personalidade, resulta de uma consciente disposição para meditar, evitando o emprego de largos períodos que se transformam em ato constrangedor e aborrecido. A meditação deve ser, inicialmente, breve e gratificante, da qual se retorne com a agradável sensação de que o tempo foi insuficiente, o que predispõe o candidato a uma sua dilatação. Através de uma concentração analítica, o neófito examina as suas carências e problemas, os seus defeitos e as soluções de que poderá dispor para aplicar-se. Não se trata de uma gincana mental, mas de uma sincera observação de si mesmo, dos recursos ao alcance e dos temores, condicionamentos, emoções perturbadoras que lhe são habituais. Estudando um problema de cada vez, surge a clara solução como proposta liberativa que deve ser aplicada sem pressa, com naturalidade. A sua repetição sistemática, sem solução de continuidade, uma ou duas vezes ao dia, cria uma harmonia interior capaz de resistir às investidas externas sem perturbar-se, por mais fortes que se apresentem. Após

a meditação analítica, descobrindo as áreas frágeis da personalidade e os pontos nevralgicos da conduta, o exercício de absorção de forças mentais e morais torna-se-lhe o antídoto eficiente, que predispõe ao bem-estar, encorajando ante as inevitáveis lutas e vicissitudes do viver cotidiano. As empresas do dia-a-dia fazem-se fenômenos existenciais que não assustam, porque o indivíduo conhece as suas possibilidades de enfrentamento e realização, aceitando umas, e de outras declinando, sem aturdimentos emocionais, nem apegos perturbadores. Sucessivamente passa do estado de análise para o de tranquilidade, deixando a reflexão e experimentando a harmonia, sem discussão intelectual, como quem se embriaga da beleza de uma paisagem, de uma agradável recordação, da audição de uma página musical, de um enlevo, nos quais apenas frui, sem questionamento, sem raciocinar. Fruir é banhar-se por fora e penetrar-se por dentro, simplesmente, desfrutando. Passado um regular período de alguns anos, por exemplo, a avaliação patenteará os resultados. Quais as conquistas obtidas? De que se libertou? Quantas aquisições de instrumentação para o equilíbrio? Estas questões se revestem de magna significação, por atestarem o progresso emocional logrado, dispondo a mais amplos experimentos. A meditação, portanto, não deve ser um dever imposto, porém, um prazer conquistado. Sem a claridade interior para enfrentar os desafios pessoais, o indivíduo transfere-os de uma para outra circunstância, somando frustrações que se convertem em traumas inconscientes a perturbarem a inteireza da personalidade. A meditação, no caso em pauta, abre lugar à ação, sendo, ela mesma, uma ação da vontade, a caminho da movimentação de recursos úteis para quem a utiliza e, por extensão, para as demais pessoas. O homem, que se autodescobre, faz-se indulgente e as suas se tornam ações de benevolência, beneficência, amor. O seu espaço íntimo se expande e alcança o próximo, que alberga na área do seu interesse, modificando para melhor a convivência e a estrutura psicológica do seu grupo social. A ação consolida as disposições comportamentais do indivíduo, ora impregnado pelo idealismo de crescimento emocional, sem perturbações, e social, sem conflitos de relacionamento. Em razão da sua identidade transparente, passa a compreender os dilemas e dificuldades dos outros, cooperando a benefício geral e fazendo-se mola propulsora do progresso comum. A ação é o coroamento das disposições íntimas, a materialização do pensamento nas expressões da forma. Aquela que resulta da meditação é proba, e tem como objetivos imediatos a transformação do ambiente e do homem, ensinando-lhes recursos que facultam a evolução e a paz. Assim, o ato de meditar deve ser sucedido pela experiência do viver-agir, porquanto será inútil a mais excelente terapia teórica ao paciente que

se recusa, ou não se resolve aplicá-la na sua enfermidade. Tal procedimento, a ação bem vivenciada, faz que o homem se sinta satisfeito consigo mesmo, o que lhe faculta espontânea alegria de viver, conhecendo-se e amadurecendo psicologicamente para a existência. Caracterizam a conduta de um homem que medita e age, uma mente bondosa e um coração afável. Vencendo as suas más inclinações adquire sabedoria para a bondade, evitando as paixões consumidoras. Assim, faz-se pacífico e produtivo, não se aborrecendo, nem brigando, antes harmonizando tudo e todos ao seu redor. Essa transformação processa-se lentamente, e ele se dá conta apenas após vencidas as etapas da incerteza e do treinamento. A ação gentil coroa-lhe o esforço, nunca lhe permitindo a presença da amargura, do ódio, do ressentimento e dos seus sequazes... Uma das diferenças entre quem medita e aquele que o não faz, é a atitude mental mediante a qual cada um enfrenta os problemas. O primeiro age com paciência ante a dificuldade e o segundo reage com desesperação. Assim, o importante e essencial é dominar a mente, adquirindo o hábito de ser bom.” (JA, *O homem integral*, Oitava parte, Capítulo 35)

III.3. Evangelho e ciência

“ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO. 8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus*, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância. São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos. A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as

aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo. Mas, nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. Fáceis são de prever as consequências: acarretará para as relações sociais inevitáveis modificações, às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e derivam da lei do progresso, que é lei de Deus.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“10. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, voltaram as trevas. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se puseram a falar e a vos advertir. O mundo está abalado em seus fundamentos; reboará o trovão. Sede firmes! O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias leis da Natureza, e estai certos de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo-vos ao bem-estar material, redundava em proveito do espírito das trevas. Como sabeis, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. O reino do Cristo, ah! Passados que são dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não veio. Cristãos, voltai para o Mestre, que vos quer salvar. Tudo é fácil àquele que crê e ama; o amor o enche de inefável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos vo-lo dizem sobejamente; dobrai-vos à rajada que anuncia a tempestade, a fim de não serdes derribados, isto é, preparai-vos e não imiteis as virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas à chegada do esposo. A revolução que se apresta é antes moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façais ouvir a vossa voz humilde, porquanto sois o grão de areia; mas, sem grãos de areia, não existiriam as montanhas. Assim, pois, que estas palavras – “Somos pequenos” – careçam para vós de significação. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. Não constrói a formiga o edifício de sua república e imperceptíveis

animálculos não elevam continentes? Começou a nova cruzada. Apóstolos da paz universal, que não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhai e marchai para frente; a lei dos mundos é a do progresso. – *Fénelon*. (Poitiers, 1861)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo I)

“**Mente enferma.** Observando e trabalhando sempre, Aniceto considerou: – Aqui não comparecem apenas os desencarnados enfermos. Reparem os encarnados, igualmente. Entre o nosso círculo e a assembleia dos irmãos corporificados, a percentagem de trabalhadores em relação ao número de doentes e necessitados é quase a mesma. Designando um cavaleiro aprumado e bem-posto, que se mantinha em palestra com o senhor Bentes, doutrinador naquele grupo, acrescentou: – Vejam este amigo rodeado de sombra, em conversação com o colaborador de nossa irmã Isabel. Ouçam-lhe a palavra e, depois, ajuízem. Com efeito, o cavaleiro indicado rodeava-se de pequenas nuvens, mormente ao longo do cérebro. Fixando nele a atenção, eu o ouvia distintamente: – Há muito – asseverava com ênfase – frequente as reuniões espiritistas, à procura de alguma coisa que me satisfaça; no entanto – e sorriu irônico –, ou a minha infelicidade é maior que a dos outros ou estamos diante de mistificação mundial. Atento à respeitosa atitude do orientador encarnado, prosseguia, orgulhoso: – Tenho estudado muitíssimo, não me furtando ao crivo da razão rigorosa. Já devorei extensa literatura relativa à sobrevivência humana e, todavia, nunca obtive uma prova. O Espiritismo está cheio de teses sedutoras, mas o terreno se mostra cheio de dúvidas. A obra de Kardec, inegavelmente, representa extraordinária afirmação filosófica; entretanto, encontramos com Richet um acervo de perspectivas novas. A metapsíquica corrigiu muitos voos da imaginação, trazendo à análise pública observações mais profundas sobre os desconhecidos poderes do homem. No exame dessas verdades científicas, o mediunismo foi reduzido em suas proporções. Precisamos dum movimento de racionalização, ajustando os fenômenos a critério adequado. Todavia, meu caro Bentes, vivemos em paisagem de mistificações sutis, distantes das demonstrações exatas. A essa altura, o interlocutor, muito calmo e seguro na fé, interveio, considerando: – Concordo, Dr. Fidélis, em que o Espiritismo não deva fugir a toda espécie de considerações sérias; contudo, creio que a doutrina é um conjunto de verdades sublimes, que se dirigem, de preferência, ao coração humano. É impossível auscultar-lhe a grandeza divina com a nossa imperfeita faculdade de observação, ou recolher-lhe as águas puras com o vaso sujo dos nossos raciocínios viciados nos erros de muitos milênios. Ao demais, temos aprendido que a revelação de ordem divina não é trabalho mecânico em leis de menor esforço. Lembremos que a

missão do Evangelho, com o Mestre, foi precedida por um esforço humano de muitos séculos. Antes de morrerem os cristãos nos circos do martírio, quantos precursores de Jesus foram sacrificados? Primeiramente, devemos construir o receptáculo; em seguida, alcançaremos a bênção. A Bíblia, sagrado livro dos cristãos, é o encontro da experiência humana, cheia de suor e lágrimas, consubstanciada no Velho Testamento, com a resposta celestial, sublime e pura, no Evangelho de Nosso Senhor. O cavaleiro, que respondia pelo nome de Dr. Fidélis, sorria de modo vago, entre a ironia e a vaidade ofendida. Bentes, contudo, não perdeu a oportunidade e continuou: – Se todo serviço sério da existência humana é alguma coisa de sagrado aos nossos olhos, que dizer da expressão divina no trabalho planetário? E considerando a essência do serviço na organização do mundo, que seria de nós se um punhado de espíritos amigos e sábios nos arrebatassem à visão ampla de orbes superiores, impelindo-nos para eles, precipitadamente, tão só pelo fato de nos dispensarem, como indivíduos; uma estima santa? Estaríamos preparados para a mudança radical? Saberemos o que venha a ser a vida num orbe superior? Teremos trabalhado bastante para entender os divinos desígnios? E a Terra? E as nossas milenárias dívidas para com o planeta que nos tem suportado as imperfeições? Como residir nos andares mais altos, sem drenar os pântanos que jazem em baixo? Estas considerações tomam-se imprescindíveis no exame de argumentação como a sua, porquanto não poderemos ajuizar, com precisão, as correntes generosas de um rio caudaloso, observando tão somente as gotas recolhidas no dedal das nossas limitações. O pesquisador renitente acentuou a expressão irônica do rosto e revidou: – Você fala como homem de fé, esquecendo que meu esforço se dirige à razão e à ciência. Quero referir-me às ilações inevitáveis da consulta livre, às farsas mediúnicas de todos os tempos. Você está informado de que cientistas inúmeros examinaram as fraudes dos mais célebres aparelhos do mediunismo, na Europa e na América. Ora, que esperar de uma doutrina confiada a mistificadores continentais? Bentes respondeu, muito sereno e ponderado: – Está enganado, meu amigo. Estaríamos laborando em erro grave, se colocássemos toda a responsabilidade doutrinária nas organizações mediúnicas. Os médiuns são simples colaboradores do trabalho de espiritualização. Cada um responderá pelo que fez das possibilidades recebidas, como também nós seremos compelidos a contas necessárias, algum dia. Não poderíamos cometer o absurdo de atribuir a concentração de todas as verdades divinas somente na cabeça de alguns homens, candidatos a novos cultos de adoração. A doutrina, Dr. Fidélis, é uma fonte sublime e pura, inacessível aos pruridos individualistas de qualquer de nós, fonte na qual cada companheiro

deve beber a água da renovação própria. Quanto às fraudes mediúnicas a que se refere, é forçoso reconhecer que a pretensa infalibilidade científica tem procurado converter os mais nobres colaboradores dos desencarnados em grandes nervosos ou em simples cobaias de laboratório. Os pesquisadores, atualmente batizados como metapsiquistas, são estranhos lavradores que enxameiam no campo de serviço sem nada produzirem de fundamentalmente útil. Inclina-se para a terra, contam os grãos de areia e os vermes invasores, determinam o grau de calor e estudam a longitude, observam as disposições climáticas e anotam as variações atmosféricas, mas, com grande surpresa para os trabalhadores sinceros, desprezam a semente. O interlocutor deixou de sorrir e observou: – Vamos ver, vamos ver... Espero a mensagem dos meus com os sinais iniludíveis da sobrevivência, após a morte... Aniceto nos tocou de leve, e falou: – Repararam como este homem traz a mente enfermeira? É um dos curiosos doentes, encarnados. Tem vasta cultura e, todavia, como traz o sentimento envenenado, tudo quanto lhe cai nos raciocínios participa da geral intoxicação. É pesquisador de superfície, como ocorre a muita gente. Tudo espera dos outros, examina seu semelhante, mas não ausculta a si mesmo. Quer a realização divina sem o esforço humano; reclama a graça, formulando a exigência; quer o trigo da verdade, sem participar da sementeira; espera a tranquilidade pela fé, sem dar-se ao trabalho das obras; estima a ciência, sem consultar a consciência; prefere a facilidade, sem filiar-se à responsabilidade, e, vivendo no torvelinho de continuadas libações, agarrado aos interesses inferiores e à satisfação dos sentidos físicos, em caráter absoluto, está aguardando mensagens espirituais... Estávamos admirados, ante as conclusões interessantes do instrutor amigo. Vicente, que se mantinha sob forte impressão, perguntou: – Afinal de contas, que deseje este homem? Aniceto sorriu e respondeu: – Também ele teria imensas dificuldades para responder. Para nós outros, Vicente, o Dr. Fidélis é um desses enfermos que ainda não se dispuseram a procurar o alívio, pelo demasiado apego à sensação.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 45)

– A medicina humana será muito diferente no futuro, quando a Ciência puder compreender a extensão e complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral. As preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; as grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo. Se isso pode acontecer na esfera de atividades vulgares das lutas físicas, imagine o campo enorme de observações que nos oferece o plano espiritual, para

onde se transferem, todos os dias, milhares de almas desencarnadas, em lamentáveis condições de desequilíbrio da mente. O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se, muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“Não padecem dúvidas, porém, quanto aos promissores e relevantes resultados que se obtêm através da renovação íntima do enfermo, sua radical mudança dos velhos hábitos, para as realizações edificantes e os exercícios da caridade ao próximo, no que, em análise última, é sempre caridade para consigo próprio. Lentamente, o conhecimento da reencarnação, fora dos núcleos espíritistas, vai propondo mudanças auspiciosas na forma de encarar-se um sem-número de ocorrências, sugerindo práticas não ortodoxas diante de enfermos e perante enfermidades tidas como verdadeiros flagelos sociais que, ainda, prosseguem como tais. Não está longe o dia em que as “ciências da mente” recorrerão ao Espiritismo, verdadeira “ciência da alma e da vida”, a fim de beberem na sua fonte os informes que lhes faltam, de cujos resultados se felicitará a Humanidade, colocando-se definitivamente a luminosa ponte que ligará a Ciência à Religião, originando-se uma nobre filosofia de vida para o ser humano, que, então, se sentirá mais feliz e mais irmão do seu próximo, conforme a previsão estatuída nos ensinamentos evangélicos.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

IV Doutrinação de entidades obsessoras

IV.1. Importância e preparo da tarefa de doutrinador

“No Centro de Mensageiros. No dia seguinte, após ouvir longas ponderações de Narcisa, demandei o Centro de Mensageiros, no Ministério da Comunicação. Acompanhava-me o prestimoso Tobias, não obstante os imensos trabalhos que lhe ocupavam o círculo pessoal. Deslumbrado, atingi a série de majestosos edifícios de que se compõe a sede da instituição. Julguei encontrar algumas universidades reunidas, tal a enorme extensão deles. Pátios amplos, povoados de arvoredo e jardins, convidavam a sublimes meditações. Tobias arrancou-me do encantamento, exclamando: – O Centro é muito vasto. Atividades complexas são desempenhadas neste departamento de nossa colônia espiritual. Não creia esteja resumida a instituição

nos edifícios sob nossos olhos. Temos, nesta parte, tão somente a administração central e alguns pavilhões destinados ao ensino e à preparação em geral. – Mas esta organização imensa restringe-se ao movimento de transmissão de mensagens? – perguntei, curioso. O companheiro sorriu significativamente e esclareceu: – Não suponha se encontre aqui localizado o serviço de correio, simplesmente. O Centro prepara entidades a fim de que se transformem em cartas vivas de socorro e auxílio aos que sofrem no Umbral, na Crosta e nas Trevas. Acreditaria, porventura, que tanto trabalho se destinasse apenas a mera movimentação de noticiário? Amplie suas vistas. Este serviço é a cópia de quantos se vêm fazendo nas mais diversas cidades espirituais dos planos superiores. Preparam-se aqui numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária. Não me refiro tão só a emissários invisíveis. Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente. Tarefairos do conforto espiritual encaminham-se para os círculos carnis, em quantidade considerável, habilitados pelo nosso Centro de Mensageiros. [...] Algo impressionado, considerei: – Isto me surpreende sobremaneira. Não suponha fossem preparados, aqui, determinados mensageiros para a vida carnal. – Ah! Meu amigo – falou Tobias sorridente –, poderia você admitir que as obras do bem estivessem circunscritas a simples operações automáticas? Nossa visão, na Terra, costuma viciar-se no círculo dos cultos externos, na atividade religiosa. Cremos, por lá, resolver todos os problemas pela atitude suplicante. Entretanto, a genuflexão não soluciona questões fundamentais do espírito, nem a mera adoração à Divindade constitui a máxima edificação. Em verdade, todo ato de humildade e amor é respeitável e santo, e, incontestavelmente, o Senhor nos concederá suas bênçãos; no entanto, é imprescindível considerar que a manutenção e limpeza do vaso, para recolhê-las, é dever que nos assiste. Não preparamos, pois, neste Centro, simples postalistas, mas espíritos que se transformem em cartas vivas de Jesus para a Humanidade encarnada. Pelo menos, este é o programa de nossa administração espiritual...” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 3)

“Belarmino, o doutrinador. As lições eram eminentemente proveitosas. Traziam-me novos conhecimentos e, sobretudo, com elas, admirava, cada vez mais, a bondade de Deus, que nos permitia a todos a restauração do aprendizado para serviços do futuro. Muitos de nós havíamos atravessado zonas purgatoriais de sombra e tormento íntimo, uns mais, outros menos. Bastara, contudo, o reconhecimento de nossa pequenez, a compreensão do nosso imenso débito e ali estávamos, todos, reunidos

em “Nosso Lar”, reanimando energias desfalecidas e reconstituindo programas de trabalho. Eu via em todos os companheiros presentes o reflorescimento da esperança. Ninguém se sentia ao desamparo. Observando que numerosos médiuns prosseguiram, em valiosa permuta de ideias, referentemente ao quadro de suas realizações, e ouvindo tantas observações sobre doutrinadores, perguntei a Vicente, em tom discreto: – Não seria possível, para minha edificação, consultar a experiência de algum doutrinador em trânsito por aqui? Recolhendo notícias de tantos médiuns, com enorme proveito, creio não deva perder esta oportunidade. Vicente refletiu um minuto e respondeu: – Procuremos Belarmino Ferreira. É meu amigo há alguns meses. Segui o companheiro, através de grupos diversos. Belarmino lá estava a um canto, em palestra com um amigo. Fisionomia grave, gestos lentos, deixava transparecer grande tristeza no olhar humilde. Vicente apresentou-me, afetuosamente, dando início à conversação edificante. Após a troca de alguns conceitos, Belarmino falou, comovido: – Com que, então, meu amigo deseja conhecer as amarguras de um doutrinador falido? – Não digo isso – obtemperei a sorrir –, desejaria conhecer sua experiência, ganhar também de sua palavra educativa. Ferreira esboçou sorriso forçado, que expressava todo o absinto que ainda lhe requeimava a alma, e falou: – A missão do doutrinador é muitíssimo grave para qualquer homem. Não é sem razão que se atribui a Nosso Senhor Jesus o título de Mestre. Somente aqui, vim ponderar bastante esta profunda verdade. Meditei muitíssimo, refleti intensamente e concluí que, para atingirmos uma ressurreição gloriosa, não há, por enquanto, outro caminho além daquele palmilhado pelo Doutrinador Divino. É digna de menção a atitude d’Ele, abstendo-se de qualquer escravização aos bens terrestres. Não vemos passar o Senhor, em todo o Evangelho, senão fazendo o bem, ensinando o amor, acendendo a luz, disseminando a verdade. Nunca pensou nisso? Depois de longas meditações, cheguei ao conhecimento de que na vida humana, junto aos que administram e aos que obedecem, há os que ensinam. Chego, pois, a pensar que nas esferas da Crosta há mordomos, cooperadores e servos. Muito especialmente, os que ensinam devem ser dos últimos. Entende o meu irmão? Ah! Sim, havia compreendido perfeitamente.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 11)

IV.2. Fracasso na missão de doutrinador

“– Que me diz? – interoguei, surpreso. – Segundo seus informes, os trabalhos de esclarecimento espiritual devem estar muitíssimo adiantados no mundo!... Fixou Tobias expressão singular, sorriu tranquilamente e explicou: – Você não ponderou, todavia, meu caro

André, que essa preparação não constitui, ainda, a realização propriamente dita. Saem milhares de mensageiros aptos para o Serviço, mas são muito raros os que triunfam. Alguns conseguem execução parcial da tarefa, outros muitos fracassam de todo. O serviço legítimo não é fantasia. É esforço sem o qual a obra não pode aparecer nem prevalecer. Longas fileiras de médiuns e doutrinadores para o mundo carnal partem daqui, com as necessárias instruções, porque os benfeitores da Espiritualidade Superior, para intensificarem a redenção humana, precisam de renúncia e de altruísmo. Quando os mensageiros se esquecem do espírito missionário e da dedicação aos semelhantes, costumam transformar-se em instrumentos inúteis. Há médiuns e mediunidade, doutrinadores e doutrina, como existem a enxada e os trabalhadores. Pode a enxada ser excelente, mas, se falta espírito de serviço no cultivador, o ganho da enxada será inevitavelmente a ferrugem. Assim acontece com as faculdades psíquicas e com os grandes conhecimentos. A expressão mediúnica pode ser riquíssima; entretanto, se o dono não consegue olhar além dos interesses próprios, fracassará fatalmente na tarefa que lhe foi conferida. Acredite, meu caro, que todo trabalho construtivo tem as batalhas que lhe dizem respeito. São muito escassos os servidores que toleram as dificuldades e reveses das linhas de frente. Esmagadora percentagem permanece a distância do fogo forte. Trabalhadores sem conta recuam quando a tarefa abre oportunidades mais valiosas. [...] Calei, emocionado, ponderando a grandeza dos ensinamentos. Meu companheiro, após longa pausa, prosseguiu observando: – Raros triunfam, porque quase todos estamos ainda ligados a extenso pretérito de erros criminosos, que nos deformaram a personalidade. Em cada novo ciclo de empreendimentos carnavais, acreditamos muito mais em nossas tendências inferiores do passado, que nas possibilidades divinas do presente, complicando sempre o futuro. É desse modo que prosseguimos, por lá, agarrados ao mal e esquecidos do bem, chegando, por vezes, ao disparate de interpretar dificuldades como punições, quando todo obstáculo traduz oportunidade verdadeiramente preciosa aos que já tenham “olhos de ver”. (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 3)

“Advertências profundas.” – “Irmãos nossos – prosseguiu Telésforo, sob o calor de sagrada inspiração –, fazem-se ouvir na Terra gritos comovedores de sofrimento. Necessitamos de servidores que desejem integrar-se na escola evangélica da renúncia. “Desde as primeiras tarefas do Espiritismo renovador, “Nosso Lar” tem enviado diversas turmas ao trabalho de disseminação de valores educativos. Centenas de companheiros partem daqui anualmente, aliando necessidades de resgate ao serviço redentor; mas ainda não conseguimos os resultados desejáveis. Alguns alcançaram resultados parciais nas tarefas a desenvolver, mas a maioria

tem fracassado ruidosamente. Nossos institutos de socorro debalde movimentam medidas de assistência indispensável. Raríssimos conquistam algum êxito nos delicados misteres da mediunidade e da doutrinação. “Outras colônias de nossa esfera providenciam tarefas da mesma natureza, mas pouquíssimos são os que se lembram das realidades eternas, no “outro lado do véu”... A ignorância domina a maioria das consciências encarnadas. E a ignorância é mãe das misérias, das fraquezas, dos crimes. Grandes instrutores, nos fluidos da carne, amedrontam-se por sua vez, diante dos atri-tos humanos, e se recolhem, indevidamente, na concepção que lhes é própria. Esquecem-se de que Jesus não esperou que os homens lhe atingissem as glórias magnificentes e que, ao invés, desceu até ao plano dos homens para amar, ensinar e servir. Não exigiu que as criaturas se fizessem imediatamente iguais a Ele, mas fez-se como os homens, para ajudá-los na subida áspera.” E, com profundo brilho no olhar, Telésforo acentuou, depois de pequeno Intervalo: “Se o Mestre Divino adotou essa norma, que dizer das nossas obrigações de criaturas falidas? “Abstraindo-nos das necessidades imensas de outros grupos, procuremos identificar as falhas existentes naqueles que nos são afins. “Em derredor de nós mesmos, os laços pessoais constituem extenso campo de atividade para o testemunho. “Cesse, para nós outros, a concepção de que a Terra é o vale tenebroso, destinado a quedas lamentáveis, e agasalhemos a certeza de que a esfera carnal é uma grande oficina de trabalho redentor. Preparemo-nos para a cooperação eficiente e indispensável. Esqueçamos os erros do passado e lembremo-nos de nossas obrigações fundamentais. “A causa geral dos desastres mediúnicos é a ausência da noção de responsabilidade e da recordação do dever a cumprir. “Quantos de vós fostes abonados, aqui, por generosos benfeitores que buscaram auxiliar-vos, condoídos de vosso pretérito cruel? Quantos de vós partistes, entusiastas, formulando enormes promessas? Entretanto, não soubestes recapitular dignamente, para aprender a servir, conforme os desígnios superiores do Eterno. Quando o Senhor vos enviava possibilidades materiais para o necessário, regressáveis à ambição desmedida; ante o acréscimo de misericórdia do labor intensificado, agarrastes a ideia da existência cômoda; junto às experiências afetivas, preferistes os desvios sexuais; ao lado da família, voltastes à tirania doméstica, e aos interesses da vida eterna sobrepusestes as sugestões inferiores da preguiça e da vaidade. Destes-vos, na maioria, à palavra sem responsabilidade e à indagação sem discernimento, amontoando atividades inúteis. Como médiuns, muitos de vós preferíeis a inconsciência de vós mesmos; como doutrinadores, formuláveis conceitos para exportação, jamais para uso próprio. “Que resultado atingimos? Grandes massas batem às

fontes do Espiritismo sagrado, tão só no propósito de lhe mancharem as águas. Não são procuradores do Reino de Deus os que lhe forcem, desse modo, as portas, e sim caçadores dos interesses pessoais. São os sequiosos da facilidade, os amigos do menor esforço, os preguiçosos e delinquentes de todas as situações, que desejam ouvir os Espíritos desencarnados, receosos da acusação que lhes dirige a própria consciência. O fel da dúvida invade o bálsamo da fé, nos corações bem-intencionados. A sede de proteção indevida azorraga os seguidores da ociosidade. A ignorância e a maldade entregam-se às manifestações inferiores da magia negra. “Tudo porque, meus irmãos? Porque não temos sabido defender o sagrado depósito, por termos esquecido, em nossos labores carnavais, que Espiritismo é revelação divina para a renovação fundamental dos homens. Não atendemos, ainda, como se faz indispensável, à construção do “Reino de Deus” em nós. “Contudo, não abandonemos nossos deveres a meio da tarefa. Voltemos ao campo, retificando as sementeiras. O Ministério da Comunicação vem incentivando esse movimento renovador. Necessitamos de servidores de boa vontade, leais ao espírito da fé. Não serão admitidos os que não desejarem conhecer a glória oculta da cruz do testemunho, nem atendem aqui os que se aproximem com objetivos diferentes... “Aqui estamos todos, companheiros da Comunicação, endividados com o mundo, mas esperançosos de êxito em nossa tarefa permanente. Levantemos o olhar. O Senhor renova diariamente nossas benditas oportunidades de trabalho, mas, para atingirmos os resultados precisos, é imprescindível sejamos seguidores da renúncia ao inferior. Nenhum de nós, dos que aqui nos encontramos, está livre do ciclo de reencarnações na Crosta. Todos, portanto, somos sequiosos de Vida Eterna. Não olvidemos, desse modo, o Calvário de Nosso Senhor, convictos de que toda saída dos planos mais baixos deve ser uma subida para a esfera superior. E ninguém espere subir, espiritualmente, sem esforço, sem suor e sem lágrimas!...” Nesse momento, cessou a preleção de Telésforo, que abençoou a assembleia, mostrando o olhar infinitamente brilhante e aceitando, em seguida, o braço de Aniceto, para afastar-se. Debaixo de profunda impressão, em face das incisivas declarações do instrutor, observei que numerosos circunstantes choravam em silêncio. Ao meu olhar interrogativo, Vicente explicou: – São servidores fracassados.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 6)

“A conceituação de Belarmino era profunda, irrefutável. Aliás, nunca ouvira tão belas apreciações, relativamente à missão educativa. Após ligeiro intervalo, continuou sempre grave: – Há de estranhar, certamente, tenha eu fracassado, sabendo tanto. Minha tragédia angustiosa, porém, é a de todos os que conhecem o bem, esquecendo-lhe a prática. Calou-se de novo,

pensou, pensou, e prosseguiu: – “Faz muitos anos, saí de “Nosso Lar” com tarefa de doutrinação no campo do Espiritismo evangélico. Minhas promessas, aqui, foram enormes. Minha abnegada Elisa dispôs-se a acompanhar-me no serviço laborioso. Ser-me-ia companhia desvelada, abençoada amiga de sempre. Minha tarefa constaria de trabalho assíduo no Evangelho do Senhor, de modo a doutrinar, primeiramente com o exemplo, e, em seguida, com a palavra. “Duas colônias importantes, que nos convizinham, enviaram muitos servos para a mediunidade e pediram ao nosso Governador cooperasse com a remessa de missionários competentes para o ensino e a orientação. “Não obstante meu passado culposo, candidatei-me ao serviço com endosso do Ministro Gedeão, que não vacilou em auxiliar-me. Deveria desempenhar atividades concernentes ao meu resgate pessoal e atender à tarefa honrosa, veiculando luzes a irmãos nossos nos planos visível e invisível. Impunha-se-me, sobretudo, o dever de amparar as organizações mediúnicas, estimulando companheiros de luta, postos na Terra a serviço da ideia imortalista. Entretanto, meu amigo, não consegui escapar à rede envolvente das tentações. “Desde criança, meus pais socorreram-me com as noções consoladoras e edificantes do Espiritismo cristão. Circunstâncias várias, que me pareceram casuais, situaram-me o esforço na presidência de um grande grupo espiritista. Os serviços eram promissores, as atividades nobres e construtivas, mas enchi-me de exigências, levado pelo excessivo apego à posição de comando do barco doutrinário. Oito médiuns, extremamente dedicados ao esforço evangélico, ofereciam-me colaboração ativa; contudo, procurei colocar acima de tudo o preceito científico das provas insofismáveis. Cerrei os olhos à lei do merecimento individual, olvidei os imperativos do esforço próprio e, envaidecido com os meus conhecimentos do assunto, comecei por atrair amigos de mentalidade inferior ao nosso círculo, tão somente em virtude da falsa posição que usufruíam na cultura filosófica e na pesquisa científica. “Insensivelmente, vicejaram-me na personalidade estranhos propósitos egoísticos. Meus novos amigos queriam demonstrações de toda a sorte e, ansioso por colher colaboradores na esfera da autoridade científica, eu exigia dos pobres médiuns longas e porfiadas perquirições nos planos invisíveis. O resultado era sempre negativo, porque cada homem receberá, agora e no futuro, de acordo com as próprias obras. Isso me irritava. Instalou-se a dúvida em meu coração, devagarzinho. Perdi a serenidade doutro tempo. Comecei a ver nos médiuns, que se retraíam aos meus caprichos, companheiros de má vontade e má fé. Prosseguiam nossas reuniões, mas da dúvida passei à descrença destruidora. “Não estávamos num grupo de intercâmbio entre o visível e o invisível? Não eram os médiuns simples aparelhos dos

defuntos comunicantes? Por que não viriam aqueles que pudessem atender aos nossos interesses materiais, imediatos? Não seria melhor estabelecer um processo mecânico e rápido para as comunicações? Por que a negação do invisível aos meus propósitos de demonstrar positivamente o valor da nova doutrina? “Debalde, Elisa me chamava para a esfera religiosa e edificante, onde poderia aliviar o espírito atormentado. “O Evangelho, todavia, é livro divino e, enquanto permanecemos na cegueira da vaidade e da ignorância, não nos expõe seus tesouros sagrados. Por isso mesmo, taxava-o de velharia. E, de desastre a desastre, antes que me firmasse na missão de ensinar, os amigos brilhantes do campo de cogitações inferiores da Terra arrastaram-me ao negativismo completo. “Do nosso agrupamento cristão, onde poderia edificar construções eternas, transferi-me para o movimento, não da política que eleva, mas da politicalha inferior, que impede o progresso comum e estabelece a confusão nos Espíritos encarnados. Por aí, estacionei muito tempo, desviado dos meus objetivos fundamentais, porque a escravidão ao dinheiro me transformara os sentimentos. “E assim foi, até que acabei meus dias com uma bela situação financeira no mundo e... um corpo crivado de enfermidades; com um palácio confortável de pedra e um deserto no coração. A revivescência da minha inferioridade antiga religou-me a companheiros menos dignos no plano dos encarnados e desencarnados, e o resto o meu amigo poderá avaliar: tormentos, remorsos, expiações...” Concluindo, asseverou: – Mas, como não ser assim? Como aprender sem a escola, sem retomar o bem e corrigir o mal? – Sim, Belarmino – disse, abraçando-o –, você tem razão. Tenho a certeza de que não vim tão só ao Centro de Mensageiros, mas também ao centro de grandes lições.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 11)

“**A palavra de Monteiro.** – Os ensinamentos aqui são variados. Fora o amigo de Belarmino quem tomara a palavra. Mostrando agradável maneira de dizer, continuou: – Há três anos sucessivos, venho diariamente ao Centro de Mensageiros e as lições são sempre novas. Tenho a impressão de que as bênçãos do Espiritismo chegaram prematuramente ao caminho dos homens. Se minha confiança no Pai fosse menos segura, admitiria essa conclusão. Belarmino, que observava atento os gestos do amigo, interveio, explicando: – O nosso Monteiro tem grande experiência do assunto. – Sim – confirmou ele –, experiência não me falta. Também andei às tontas nas sementeiras terrestres. Como sabem, é muito difícil escapar à influência do meio, quando em luta na carne. São tantas e tantas as exigências dos sentidos, em relação com o mundo externo, que não escapei, igualmente, a doloroso desastre. – Mas, como? – indaguei interessado em consolidar conhecimentos. – É que a multiplicidade

de fenômenos e as singularidades mediúnicas reservam surpresas de vulto a qualquer doutrinador que possua mais raciocínios na cabeça que sentimentos no coração. Em todos os tempos, o vício intelectual pode desviar qualquer trabalhador mais entusiasta que sincero, e foi o que me aconteceu. Depois de ligeira pausa, prosseguiu: – “Não preciso esclarecer que também parti de “Nosso Lar”, noutro tempo, em missão de Entendimento Espiritual. Não ia para estimular fenômenos, mas para colaborar na iluminação de companheiros encarnados e desencarnados. O serviço era imenso. Nosso amigo Ferreira pode dar testemunho, porquanto partimos quase juntos. Recebi todo o auxílio para iniciar minha grande tarefa e intraduzível alegria me dominava o espírito no desdobramento dos primeiros serviços. Minha mãe, que se convertera em minha devotada orientadora, não cabia em si de contente. Enorme entusiasmo instalara-se-me no espírito. “Sob meu controle direto estavam alguns médiuns de efeitos físicos, além de outros consagrados à psicografia e à incorporação; e tamanho era o fascínio que o comércio com o invisível exercia sobre mim, que me distrai completamente quanto à essência moral da doutrina. “Tínhamos quatro reuniões semanais, às quais comparecia com assiduidade absoluta. Confesso que experimentava certa volúpia na doutrinação aos desencarnados de condição inferior. Para todos eles, tinha longas exortações decoradas, na ponta da língua. Aos sofrendores, fazia ver que padeciam por culpa própria. Aos embusteiros, recomendava, enfaticamente, a abstenção da mentira criminosa. Os casos de obsessão mereciam-me ardor apaixonado. Estimava enfrentar obsessores cruéis para reduzi-los a zero, no campo da argumentação pesada. “Outra característica que me assinalava a ação firme era a dominação que pretendia exercer sobre alguns pobres sacerdotes católicos-romanos desencarnados, em situação de ignorância das verdades divinas. Chegava ao cúmulo de estudar, pacientemente, longos trechos das Escrituras, não para meditá-los com o entendimento, mas por mastigá-los a meu bel prazer, bolçando-os depois aos Espíritos perturbados, em plena sessão, com a ideia criminosa de falsa superioridade espiritual. O apego às manifestações exteriores desorientou-me por completo. Acendia luzes para os outros, preferindo, porém, os caminhos escuros e esquecendo a mim mesmo. Somente aqui, de volta, pude verificar a extensão da minha cegueira. “Por vezes, após longa doutrinação sobre a paciência, impondo pesadíssimas obrigações aos desencarnados, abria as janelas do grupo de nossas atividades doutrinárias para descompor as crianças que brincavam inocentemente na rua. Concitava os perturbados invisíveis a conservarem serenidade para, daí a instantes, repreender senhoras humildes, presentes à reunião, quando não podiam conter o pranto de algum

pequenininho enfermo. Isso, quanto a coisas mínimas, porque, no meu estabelecimento comercial, minhas atitudes eram inflexíveis. Raro o mês que não mandasse promissórias a protesto público. Lembro-me de alguns varejistas menos felizes, que me rogavam prazo, desculpas, proteção. Nada me demovia, porém. Os advogados conheciam minhas deliberações implacáveis. Passava os dias no escritório estudando a melhor maneira de perseguir os clientes em atraso, entre preocupações e observações nem sempre muito retas e, à noite, ia ensinar o amor aos semelhantes, a paciência e a doçura, exaltando o sofrimento e a luta como estradas benditas de preparação para Deus. “Andava cego. Não conseguia perceber que a existência terrestre, por si só, é uma sessão permanente. Talhava o Espiritismo a meu modo. Toda a proteção e garantia para mim, e valiosos conselhos ao próximo. Ao demais disso, não conseguia retirar a mente dos espetáculos exteriores. Fora das sessões práticas, minha atividade doutrinária consistia em vastíssimos comentários dos fenômenos observados, duelos palavrosos, narrações de acontecimentos insólitos, crítica rigorosa dos médiuns.” Monteiro deteve-se um pouco, sorriu e continuou: – “De desvio em desvio, a angina encontrou-me absolutamente distraído da realidade essencial. Passei para cá qual demente necessitado de hospício. Tarde reconhecia que abusara das sublimes faculdades do verbo. Como ensinar sem exemplo, dirigir sem amor? Entidades perigosas e revoltadas aguardaram-me à saída do plano físico. Sentia, porém, comigo, singular fenômeno. Meu raciocínio pedia socorro divino, mas meu sentimento agarrava-se a objetivos inferiores. Minha cabeça dirigia-se ao Céu, em súplica, mas o coração colava-se à Terra. Nesse estado triste, vi-me rodeado de seres malévolos que me repetiam longas frases de nossas sessões. Com atitude irônica, recomendavam-me serenidade, paciência e perdão às alheias faltas; perguntavam-me, igualmente, porque não me desgarrava do mundo, estando já desencarnado. Vociferei, roguei, gritei, mas tive de suportar esse tormento por muito tempo. “Quando os sentimentos de apego à esfera física se atenuaram, a comisseração de alguns bons amigos me trouxe até aqui. E imagine o irmão que meu Espírito infeliz ainda estava revoltado. Sentia-me descontente. Não havia fomentado as sessões de intercâmbio entre os dois planos? Não me consagrara ao esclarecimento dos desencarnados? “Percebendo-me a irritação ridícula, amigos generosos submeteram-me a tratamento. Não fiquei satisfeito. Pedi à Ministra Veneranda uma audiência, visto ter sido ela a intercessora da minha oportunidade. Queria explicações que pudessem atender ao meu capricho individual. A Ministra é sempre muito ocupada, mas sempre atenciosa. Não marcou a audiência, dada a insensatez da solicitação; no entanto, por demasia de gentileza, visitou-me em

ocasião que reservara a descanso. Crivei-lhe os ouvidos de lamentações, chorei amargamente e, durante duas horas, ouviu-me a benfeitora por um prodígio de paciência evangélica. Em silêncio expressivo, deixou que me cansasse na exposição longa e inútil. “Quando me calei, à espera de palavras que alimentassem o monstro da minha incompreensão, Veneranda sorriu e respondeu: – Monteiro, meu amigo, a causa da sua derrota não é complexa, nem difícil de explicar. Entregou-se, você, excessivamente ao Espiritismo prático, junto dos homens, nossos irmãos, mas nunca se interessou pela verdadeira prática do Espiritismo junto de Jesus, nosso Mestre.” Nesse instante, Monteiro fez longa pausa, pensou uns momentos e falou, comovido: – Desde então, minha atitude mudou muitíssimo, entendeu? Aturdido com a lição profunda, respondi, mastigando palavras, como quem pensa mais, para falar menos: – Sim, sim, estou procurando compreender.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 12)

IV.3. Requisitos para a nobre tarefa: exemplificação educadora

“Reparando-me a estupefação, Alexandre veio em meu socorro, esclarecendo: – Estamos aqui numa escola espiritual. O doutrinador humano encarrega-se de transmitir as lições. Você pode registrar, porém, que, para ensinar com êxito, não basta conhecer as matérias do aprendizado e ministrá-las. Antes de tudo, é preciso senti-las e viver-lhes a substancialidade no coração. O homem que apregoa o bem deve praticá-lo, se não deseja que as suas palavras sejam carregadas pelo vento, como simples eco dum tambor vazio. O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe as grandezas em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã. Vendo o quadro expressivo, analisado pelos esclarecimentos do instrutor, compreendi que o contágio pelo exemplo não constitui fenômeno puramente ideológico, mas, sim, que é um fato científico nas manifestações magnético-mentais.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“– O trabalho de esclarecimento espiritual, depois da morte, entre as criaturas, exige de nós outros muita atenção e carinho. É preciso saber semear na “terra abandonada” dos corações desiludidos, que se afastam da Crosta sob tempestades de ódio e angústia desconhecida. Diz o Livro Sagrado que no princípio era o Verbo... Também aqui, diante do caos desolado dos Espíritos infelizes, é necessário utilizar o verbo no princípio da verdadeira iluminação. Não podemos criar sem amor, e somente quando nos preparamos devidamente, edificaremos com êxito para a vida eterna. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“Eu e Elói tínhamos lágrimas ardentes, diante daquela doutrinação emocionante e inesperada. Saldanha enxugou os olhos, fixou-os, humilde, no interlocutor bondoso e asseverou, comovendo-nos: – Ninguém me falou ainda como tu... Tuas palavras são consagradas por uma força divina que eu não conheço, porque chegam aos meus ouvidos, quando já me encontro confundido pelos teus atos convincentes. Faze de mim o que desejares. [...]” (AL, *Libertação*, Capítulo 14)

“Enquanto buscávamos a intimidade de Clara, descia o luar em prateados jorros sobre a paisagem que se tapizava de flores. Com o cérebro preso às preocupações resultantes do trabalho que nos exigia a atenção, algo indaguei de Clarêncio quanto à cooperação que pretendíamos solicitar. Por que motivo rogaria ele o concurso de outrem, quando se dirigira com tanto êxito à mente de Esteves e Armando, reencarnados? Não lhes favorecera o retrocesso da memória, até os recuados dias da luta no Paraguai? Porque não conseguiria doutrinar também a desditosa irmã enferma? O Ministro ouviu-me, tolerante e redarguiu: – Iludes-te. Nem sempre doutrinar será transformar. Efetivamente, guardo alguma força magnética suficientemente desenvolvida, capaz de operar sobre a mente de nossos companheiros em recuperação; no entanto, ainda não disponho de sentimento sublimado, suscetível de garantir a renovação da alma. Sem dúvida, dentro de minhas limitações, estou habilitado a falar à inteligência, mas não me sinto à altura de redimir corações. Para esse fim, para decifrar os complicados labirintos do sofrimento moral, é imprescindível haver atingido mais elevados degraus na humana compreensão.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 22)

“Socorro espiritual. Sob a influência de Clementino, que o envolvia inteiramente, Silva levantara-se e dirigia-se ao comunicante com bondade: – Meu amigo, tenhamos calma e roguemos o amparo divino! – Estou doente, desesperado... – Sim, todos somos enfermos, mas não nos cabe perder a confiança. Somos filhos de Nosso Pai Celestial que é sempre pródigo de amor. – É padre? – Não. Sou seu irmão. – Mentira. Nem o conheço... – Somos uma só família, à frente de Deus. O interlocutor conturbado riu-se irônico e acentuou: – Deve ser algum sacerdote fanatizado para conversar nestes termos!.. A paciência do doutrinador sensibilizava-nos. Não recebia Libório, qual se fora defrontado por um habitante das sombras, suscetível de acordar-lhe qualquer impulso de curiosidade menos digna. Ainda mesmo descontando o valioso concurso do mentor que o acompanhava, Raul emitia de si mesmo sincera compaixão de mistura com inequívoco interesse paternal. Acolhia o hóspede sem estranheza ou irritação, como se o fizesse a um familiar que regressasse demente ao santuário doméstico. Talvez por essa razão o obsessivo a seu turno se revelava menos agastado. Tão logo

passou a entender-se, de algum modo, com o dirigente da casa, observamos que Eugênia se revigorava no esforço assistencial que lhe competia. – Não sou um ministro religioso – continuava Raul, imperturbável –, mas desejo me aceite como seu amigo. – Que irrisão! Não existem amigos quando a miséria está conosco... Dos companheiros que conheci, todos me abandonaram. Resta-me apenas Sara! Sara, que não deixarei... Fixou a expressão de quem se detinha na lembrança da pessoa a quem se referira e acrescentou com recalcada indignação: Ignoro por que me entravam agora os passos. É inútil. Aliás, não sei a razão pela qual me contendo. Um homem provocado, qual me vejo, de certo deveria esbofeteá-los a todos... Afinal, que fazem aqui estes cavalheiros silenciosos e estas mulheres mudas? Que pretendem de mim? – Estamos em prece por sua paz – falou Silva, com inflexão de bondade e carinho. – Grande novidade! Que há de comum entre nós? Devo-lhes algo? – Pelo contrário – exclamou o interlocutor, convicto –, nós somos quem lhe deve atenção e assistência. Estamos numa instituição de serviço fraterno e é fora de dúvida que, num hospital, a ninguém será lícito inquirir da luta particular daqueles que lhe batem à porta, porque, antes de tudo, é dever da medicina e da enfermagem a prestação de socorro às feridas que sangram. Ante o argumento enunciado com sinceridade e simpleza, o renitente sofredor pareceu apaziguar-se ainda mais. Jactos de energia mental, partidos de Silva, alcançavam-no agora em cheio, no tórax, como a lhe buscarem o coração. Libério tentou falar, contudo, à maneira de um viajante que já não pode resistir à aridez do deserto, comoveu-se diante da ternura daquele inesperado acolhimento, a surgir-lhe por abençoada fonte de água fresca. Surpreendido, notou que a palavra lhe falecia embargada na garganta. Sob o sábio comando de Clementino, falou o doutrinador com afetividade ardente: – Libério, meu irmão! Essas três palavras foram pronunciadas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o hóspede não pôde sopitar o pranto que lhe subia do âmago. Raul avançou para ele, impondo-lhe as mãos, das quais jorrava luminoso fluxo magnético, e convidou: – Vamos orar! [...] O visitante chorava. Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convencia, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 7)

“No domingo imediato, quando da reunião pública de exposição doutrinária na União Espírita Baiana, verificamos mais uma vez as artimanhas de que se fazem objeto os Espíritos trevosos. Petitinga assomara à tribuna doutrinária e pregava. A sua palavra harmoniosa vibrava em tons de consolo, reportando-se ao estudo de «O Evangelho segundo o Espiritismo», no Capítulo 10, *Instruções dos Espíritos*: PERDÃO DAS OFENSAS, a

excelente mensagem de Simeão, ditada em Bordéus, em 1862. O recinto estava saturado de emoções superiores e algumas pessoas tinham os olhos coroados de lágrimas. Num intervalo natural da explicação, conhecido senhor de respeitável família local, obcecado contumaz, adentrou-se pela sala pública da sessão e, com o semblante fortemente congestionado, avançou na direção da tribuna, ruidosamente, e bradou, referindo-se a Petitinga: — Hipócrita! Quem és para pregar? Imperfeito como tu, como te atreves a falar da verdade e ensinar pureza, possuindo largas faixas de desequilíbrio íntimo, que ocultas dos que te escutam? Dize! Todos fomos dominados por estranho constrangimento e um silêncio tumular se abateu sobre o auditório. Petitinga, empalidecendo, levantou os olhos claros e transparentes, fitou o arrogante obsessivo que tomara a boca do atormentado cavalheiro, e respondeu, humilde: — Tens toda a razão e eu o reconheço. O tema em pauta, hoje, que o caro irmão não ouviu, se refere exatamente ao «*Perdão das ofensas*»... — Não te evadas covardemente — descarregou o infeliz opositor. — Refiro-me às condições morais de que se devem revestir os que ensinam o que chamas a verdade, e que te faltam... Desafio-te a que abandones a tribuna religiosa ou abandones a vida que levas... O assombro colocava-nos em estupor. Indubitavelmente, a entidade loquaz e enferma desejava criar condições de suspeição quanto à conduta ilibada, transparente e nobre do Evangelizador, e o desafiava a um duelo verbal negativo e pernicioso. De fé inquebrantável, no entanto, e sereno, o lecionador da Doutrina Espírita, sem trair na voz as emoções que o visitavam, esclareceu, com tocante sentimento da mais pura humildade: — Irmãos: o amigo espiritual tem toda a razão e não me posso furtar ao dever de necessários quão inadiáveis esclarecimentos. Ensinou o Mestre que nos confessássemos uns aos outros, prática essa vigente entre os primeiros cristãos e que o tempo esmaeceu e deturpou dolosamente. Nunca me atrevi, nunca experimentei coragem para dizer aos companheiros sobre as minhas próprias dificuldades. Agora, utilizando-me do auxílio do irmão que me faculta ensejo, digo da luta intensa que travo n'alma para servir melhor ao Senhor, tentando, cada dia, aprimorar-me intimamente, lapidando grossas arestas e duras angulações negativas da minha personalidade enferma. Depois de ter conhecido Jesus, minha alma luta denodadamente contra o passado sombrio, nem sempre logrando êxito na ferrenha batalha de superação dos velhos padrões de ociosidade e crime em que viveu, na imensa noite dos tempos. Abandonar, todavia, o arado, porque tenho as mãos impróprias, quando a erva má grossa e escasseiam obreiros, não o farei nunca! «Elegi, desde há muito, a desencarnação no grabato da aflição superlativa e do abandono total; fiel, no entanto, à luta redentora que me facultava a

Doutrina de Jesus, à partida para o Mundo da Consciência Livre, cercado de carinho e conforto, ternura e compreensão, longe, porém, do serviço libertador... Prefiro a condição de enfermo ajudando doentes, a ser ocioso buscando a saúde para poder ajudar com eficiência, enquanto se desgastam corpos e almas ao relento da indiferença de muitos, que as minhas mãos calejadas podem socorrer. Miserabilidade socorrendo misérias maiores, à posição falsa daquele que recebeu o talento e o sepultou, conforme nos fala a Parábola do Senhor. Embora imperfeito, deixo luzir minha alma quando contemplo a Grande Luz; vasilhame imundo, aromatizo-me ao leve rocio do perfume da fé; espírito infeliz, mas não infelicitador, banho-me na água lustral da esperança cristã... Perdoa-me, Senhor, na imperfeição em que me demoro e ajuda-me na redenção que persigo... O auditório, compungido e emocionado, atendido por vibrações superiores, chorava comovido, e lágrimas transparentes adornavam a face do servidor do Cristo, rutilando singularmente naquela manhã de sol. Inesperadamente, o perturbador espiritual arrojou ao assoalho o seu instrumento, e, dominado por crua emotividade, bradou: — Perdoa-me, tu! A tua humildade vence-me a braveza, velhinho bom! Deus, meu! Deus, meu! Blasfemo! O ódio gratuito cega-me. Perdoa-me, velhinho bom, e ajuda-me com a tua humildade a encontrar-me a mim mesmo. Infeliz que sou. Tudo mentira, mendacidade inditosa, a que me amarga os lábios. Ajuda-me, velhinho bom, na minha infelicidade... Petitinga desceu os degraus da tribuna, aproximou-se do sofredor e, falando-lhe bondosamente, envolveu o médium com gesto de carinho, convidando-o a sentar-se. — Perdoe-nos o Senhor de nossas vidas! — Falou em discreto pranto. E levantando a voz, rogou: — Oremos todos a Jesus, pelo nosso irmão sofredor, por todos nós, os sofredores. Raras vezes na vida física presenciara cena mais comovedora. Era como se o Mundo Excelso baixasse à Terra e os homens pudessemos transitar no rumo daquele mundo onde reside a felicidade... Retornando à calma, o médium, ignorando o que se passara, teve um gesto de espanto por encontrar-se ali. Esclarecido em poucas palavras pelo pregador, este retornou à tribuna, e como se nada houvera ocorrido deu curso à preleção. À hora regulamentar, os trabalhos foram encerrados, enquanto a cidade, lá fora, cheia de sons e músicas do dia e da faina dos homens, se deixava inundar da luz do sol.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 11)

“Desobsessão e responsabilidade. [...] Depois de breves instantes de expressivo silêncio, prosseguiu: — Enquanto se dispõe em definitivo à renovação espiritual — já que não nos cabe constrangê-lo sob qualquer pretexto ou circunstância, a fim de ser recambiado para recinto próprio em nossa Esfera, onde se deverá preparar para as lutas da sublimação futura,

observa as tarefas que aqui se desdobram, a atuação dos cristãos novos, a conduta real que se deriva da fé raciocinada, o nível de amor inspirado no amor do Cristo... Acompanha as operações socorristas dirigidas aos sofredores de ambos os planos da vida, que aqui vêm trazidos, e, sobretudo, com a nossa assistência afetuosa, segue os lidadores da fé, servidores da semente evangélica e os médiuns trabalhadores para sentir se os ensinamentos nesta Casa ministrados são aplicados na conduta diária pelos que os administram... Verifica a forma pela qual se comportam os espíritos sob a constrição do testemunho e da prova, da perturbação e da dor, confirmando pelos atos a sua identificação com o Cristo. Temos-lhe ensinado o conhecimento do ministério da fraternidade desenvolvido pelo nosso Templo, de modo a facultar-lhe o conhecimento do vero Cristianismo, em face das ideias que cultivou e nutriu em torno da Religião de que foi vítima no passado. Embora conhecedor dos objetivos do Espiritismo, habituado como se encontrava às restrições que mantinha quanto à dignidade humana, conhecedor das fraquezas do caráter das criaturas, deixou-se arrastar pelos próprios conceitos, enveredando nos meandros das suspeitas e das desconsiderações às mais nobres florações da fé sob qualquer designação. Apesar disso, a débil chama da fé natural, da necessidade de uma sua religação com a Verdade, realizava o seu mister, deixando-o, não poucas vezes, receoso quanto ao futuro, ansioso sobre o porvir... Vivendo a esfera imortal, de cujas realidades não podia duvidar nem fugir, acompanhando processos diários de reencarnação e desencarnação, temia ser colhido pelas teias da Lei Superior, desarmado para a consciência de si mesmo, emaranhado quanto se encontrava na trama do desgoverno íntimo pelo ódio. Novamente, o Amigo Espiritual, desejoso de resumir um destino numa narração breve, deixando traduzir à comiseração de que se via possuído, ante o inditoso espírito, aduziu: — Teofrastus, nosso irmão, necessitado de nosso auxílio, auxílio que nos vem do Alto é, também, lição viva para todos. Nenhum de nós está isento de ser vítima de circunstâncias que tais, derrapando nos abismos do desespero e da alucinação, através de cuja queda poderemos retardar em demasia o nosso progresso, a nossa dita. Muito justo que vejamos nele o nosso passado ou o que poderia ser o nosso presente, caso não tivéssemos, aquinhoados como fomos sabidos receber e aceitar o convite de Jesus, nosso Amigo e Mestre. Desse modo, a nossa, particularmente a vossa responsabilidade é muito grande, em face da conduta que devemos viver, de forma a que a nossa mensagem lhe fale ao espírito atormentado com a excelente linguagem do amor do Cristo aplicado aos nossos atos. Testemunha da nossa vivência evangélica, incorporará as lições ouvidas e vistas ao patrimônio íntimo,

consoante lhas ofereçamos, adquirindo forças ou não para doar-se Àquele que nos levanta e ampara, podendo, pelo amor, levantá-lo e ampará-lo, também. Não é inútil que o Apóstolo dos Gentios nos adverte, através da epístola aos Hebreus, no capítulo 12, versículos 1 e 2: «Portanto, também nós, visto que temos ao redor de nós tão grande número de testemunhas, pondo de lado todo o impedimento, e o pecado que se nos apegas, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, fitando os olhos em Jesus, autor e consumador da fé, o qual pelo gozo que lhe foi proposto suportou a cruz, desprezando a ignomínia...». Indubitavelmente «temos testemunhas ao redor de nós» e são muitas, em número superior ao que se pensa, estas, que são os homens, e aquelas que, do Mundo Espiritual, acompanham o que pensamos, dizemos e fazemos... E reflexionando, com maior ênfase acrescentou: — Em todo problema de desobsessão há que considerar o espírito sofredor que provoca sofrimento e levar em conta os recursos éticos do doutrinador, ao lado da sua conduta espírita, isto é, sua responsabilidade moral. Conduta e responsabilidade, essas que são essenciais na tarefa de doutrinar, porquanto a instrução que não se faz acompanhar do exemplo não possui a tônica da verdade. Sem dúvida, o mérito do próprio obsidiado, as possibilidades que se lhe podem oferecer com o retorno da saúde, no sentido de libertar-se da obsessão, constituem também pontos favoráveis para desatar o enfermo das amarras com o delito passado, de cuja cobrança o desencarnado se faz infeliz intermediário. Todavia, nas atuais realizações dos Templos Espíritas que se transformam em Hospitais-Escolas na Terra para encarnados e desencarnados, a densa população dos ali residentes, do *lado de cá*, acompanha a lealdade do ensino quando incorporado ou não ao «*modus vivendi*» ou «*modus-operandi*» dos médiuns, dos doutrinadores, dos diretores das Casas. Palavras belas e sonantes, conceitos elevados são de fácil aquisição em muitos lugares. A excelência, porém, de uma ideia, de uma convicção, da Religião se constata pelo número daqueles que foram modificados, que se transformaram e que se deram à sua realidade.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 12)

“A sessão mediúnica, propriamente dita, ia ter início. O médium Jonas, por psicofonia inconsciente, transmitiu as instruções do Diretor, enquanto os demais companheiros entregaram-se, no plano físico, em sintonia conosco, ao ministério do esclarecimento espiritual. O doutrinador da Casa, que se encarregava de dirigir a reunião, por sua vez Presidente da Sociedade Espírita, era um estudioso honesto, autodidata, que aprendera a Doutrina e a vivia, unindo a lucidez do conhecimento à limpidez do caráter diamantino. Respeitado pelos cooperadores em razão da conduta moral e doutrinária, inspirava confiança. Em palavras

francas: o irmão Arnaldo era espírita, no sentido correto da expressão, lutando para superar as imperfeições e cada dia mais se esforçando por viver conforme as recomendações de Jesus e de Allan Kardec. Portador de uma alta sensibilidade, muito embora permanecesse lúcido nas reuniões, sabia distinguir a verdade da impostura, recusando a mentira de que se utilizam os mistificadores de ambos os lados da vida. Da mesma forma, não se permitia afetar pelos elogios destituídos de finalidade ou pelas críticas improcedentes. Respeitava os outros e, mantendo-se em atitude humilde, sem deixar-se surpreender em falsas composturas de simplicidade desnecessária, fazia-se respeitar, inspirando confiança.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 25)

“Novamente detivemo-nos a confabular com a Diretora da Casa, a respeito do recurso da doutrinação indireta, usando a esposa em renovação, mais facilmente aceita pelo oponente, do que alguém que se lhe não vinculasse afetuosamente. — “A doutrinação, amigo Miranda — elucidou-me —, é uma terapia de amor e somente com essa força, em nosso campo de ação espiritual, logramos o resultado a que ela se propõe. A informação lógica rompe as barreiras mentais e auxilia a razão, todavia, só o amor bem vivido arrebenta as algemas do ódio, da indiferença e proporciona o perdão. “Longos discursos e debates mediúnicos em muitos Núcleos espíritas às vezes servem apenas para a exibição de cultura e habilidade verbal; raramente para esclarecer e libertar os que se sentem lesados e estão sofredos, buscando entendimento, mesmo sem que se deem conta disso, e socorro. Não será, por acaso, essa a técnica de que a Vida se utiliza para conosco? Mais lição silenciosa no tempo, do que verbalismo apressado na hora da ocorrência. Sorriu, benévola, no que todos a acompanhamos bem – humorados. E porque outros misteres ali tivessem curso, permanecemos observando e aprendendo, a fim de aproveitarmos o milagre bonançoso do tempo.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 16)

“O tratamento das alienações mentais, incluindo-se a obsessão, é muito desgastante, por motivos óbvios, exigindo moralidade, paciência, fé e títulos de enobrecimento por parte daqueles que se lhe dedicam ao mister. O terapeuta comum, quando portador desses requisitos, exterioriza a força curadora que passa a envolver o paciente, dando-lhe ou aumentando-lhe as resistências. Ao mesmo tempo, uma conduta exemplar confere méritos àquele que a possui, atraindo a consideração e complacência dos Bons Espíritos que passam a auxiliá-lo, dele se utilizando na ação do Bem. No que tange ao labor terapêutico para as obsessões, tais requisitos são fundamentais, porquanto, não os identificando naqueles que os aconselham, e lhas apontam o bom caminho, os Espíritos doentes

rechaçam-lhes as palavras, ante a evidência de que elas são expressas sem conteúdo de verdade, pois que não são vividas. O doutrinador espírita, naturalmente, deve verbalizar e viver o ensino, constituindo o exemplo que demonstra a qualidade do que apresenta, pelas realizações íntimas e externas que produz. Como efeito, o paciente sintoniza com os bons conselhos do seu doutrinador, nele encontrando apoio emocional, como outros enfermos no seu médico, para vencer ou contornar as dificuldades que lhe surgem durante o tratamento.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 17)

“Terapia desobsessiva. [...] Havia tanta ternura e honesto interesse na transformação do calceta, que este foi envolvido pelas ondas de simpatia e bondade dos irmãos Almiro e Vicente, deixando-se anestesiar. — Agora durma — concluiu o amigo — a fim de despertar em outro estado de emoção. Esqueça, por enquanto, os ressentimentos e abra-se ao amor de Deus, à possibilidade de ser feliz. Durma em paz, meu irmão. O comunicante diminuiu a tensão emocional e adormeceu no médium. Desenovelando-o do instrumento delicado, os cooperadores o desligaram e removeram para outro lado da sala, de modo a recambiá-lo, logo depois, ao hospital de refazimento, onde iria despertar e recomeçar as experiências de iluminação. Percebendo-me a surpresa em face do desfecho do diálogo entre o obsessor e o dirigente, o Dr. Carneiro, que cooperava nas atividades, aproximou-se e disse-me: — O amor é a força motriz do universo: a única energia a que ninguém opõe resistência; o refrigerio para todas as ardências da alma: o apoio à fragilidade e o mais poderoso antídoto ao ódio. “Mais do que palavras, a vibração amorosa do nosso Almiro confirmou-lhe os conceitos de paz e renovação propostos ao sofredor. A lógica e a razão constituem pilotis para o discernimento, mas é o amor que luz soberano, conferindo segurança e harmonia a quem vai dirigido. “Quando vivenciarmos no cotidiano, em pensamentos, palavras e atos, os postulados do amor, facilmente atingiremos a meta que a evolução nos propõe: a sintonia com o Pai. “Até esse momento, lapidemos os sentimentos, corrijamos a mente, direcionemos a vontade no rumo do Bem, e lograremos a harmonia que nada perturba, assim como o conhecimento que tudo discerne e explica.” Nesse ínterim, indigitado obsessor tomou o médium Francisco e indagou feroz: — Quem me chamou? Você me chamou? (Dirigindo-se ao Sr. Almiro.) Eu vim porque quis. Sou livre e poderoso. Governo parte das Furnas, onde me acolho. Sou obedecido e temido. Que quer de mim? Que me recorde, não nos conhecemos. Ante o inusitado, vi Fernando acercar-se

do médium em transe e aplicar-lhe energias amorteecedoras, de modo que o furor do comunicante não lhe afetasse a sensibilidade. O amigo Fernando havia-se afastado de nós, dias antes, a serviço, levado por interesses que não me cumpria indagar. Agora chegava e se fazia presente no instante do atendimento ao rebelde espiritual. Quando o doutrinador se aproximou para o diálogo, foi Fernando quem o inspirou mais diretamente. De alto significado, em reuniões desta natureza, é a sintonia mental, moral e espiritual entre aquele que a dirige no plano físico e os responsáveis espirituais pela tarefa, porquanto a identificação dos comunicantes e o diálogo com eles muito depende dessa afinidade. Qualquer tentativa precipitada, sem uma clara percepção de propósitos, põe a perder grandes esforços empenhados até o momento, que é a parte final de dias e até meses, para ser conseguida a remoção da Entidade do seu lugar e trazida ao intercâmbio libertador. O Sr. Almiro era o protótipo do médium-doutrinador, porque unia ao conhecimento espírita os dotes morais de que era investido, e muito sensível à inspiração dos mentores. Com esses requisitos a sua palavra se impregnava de força esclarecedora, capaz de conquistar os oponentes naturais com os quais trabalhava. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Terapia desobsessiva)

IV.4. Utilização da palavra como fonte de forças transformadoras⁴

“O doutrinador encarnado, companheiro de grande e bela sinceridade, era o centro dum quadro singular. Seu tórax convertera-se num foco irradiante e cada palavra que lhe saía dos lábios semelhava-se a um jato de luz alcançando diretamente o alvo, fosse ele os ouvidos perturbados dos enfermos ou o coração dos perseguidores cruéis. Suas palavras eram, com efeito, de uma simplicidade encantadora, mas a substância sentimental de cada uma assombrava pela sublimidade, elevação e beleza.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“Na véspera da partida, o Assistente Jerônimo conduziu-nos ao Santuário da Bênção, situado na zona dedicada aos serviços de auxílio, onde, segundo nos esclareceu, receberíamos a palavra de mentores iluminados, habitantes de regiões mais puras e mais felizes que a nossa. [...] O Instrutor Cornélio, diretor da instituição, atendido por um assessor, palestrava conosco, demonstrando-nos simplicidade e fidalguia, magnanimidade e entendimento. – Logo de início, em nossa administração – explicava-nos – procuramos

⁴ Vide Subcapítulo III.2 (“Prece e emanção de forças”), Capítulo III (“Prece e oração”), Sexta Parte (“Medicina Espiritual – Terapias Espíritas”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

estabelecer o aproveitamento máximo do tempo com o mínimo de oportunidade. Para concretizar a providência, desde muito não recebemos indiscriminadamente os grupos socorristas. Reunimos os conjuntos de serviço, de acordo com as situações a que se destinam. Em dia de recepção aos que vão prestar serviços na Crosta, não atendemos a colaboradores incumbidos de operar exclusivamente nas zonas de desencarnados, como sejam as estações purgatorias e as que se classificam como francamente tenebrosas. Há que ordenar as palavras e seleccioná-las, criando-se campo favorável aos nossos propósitos de serviço. A conversação cria o ambiente e coopera em definitivo para o êxito ou para a negação. Além disso, como esta casa é consagrada ao auxílio sublime dos nossos governantes que habitam planos mais altos, não seria justo distrair a atenção e, sim, consolidar bases espirituais, com todas as energias ao nosso alcance, em que possam aqueles governantes lançar os recursos que buscamos. Compreendendo a extensão das tarefas por fazer e o respeito que devemos àqueles que nos ajudam, somos de parecer que precisamos sanar os velhos desequilíbrios das intromissões verbais desnecessárias e, muitas vezes, perturbadoras e dissolventes. Enquanto lhe ouvíamos as ponderações, encantados, imprimiu ligeiro intervalo às sentenças esclarecedoras e continuou: – Aliás, o profeta enunciou, há muitos séculos, que a palavra dita a seu tempo é maçã de ouro em cesto de prata. Se estamos, portanto, verdadeiramente interessados na elevação, constitui-nos inalienável dever o conhecimento exato do valor “tempo”, estimando-lhe a preciosidade e definindo cada coisa e situação em lugar próprio, para que o verbo, potência divina, seja em nossas ações o colaborador do Pai. Sorrimos, satisfeitos. – Nada mais razoável e construtivo – opinou Semprônia, a destacada orientadora que dirigiria pela primeira vez a expedição de socorro aos orfãozinhos encarnados. O dirigente do Santuário, reconhecendo, talvez, como nos sentíamos necessitados de esclarecimento quanto ao uso da palavra, prosseguiu: – É lamentável se dê tão escassa atenção, na Crosta da Terra, ao poder do verbo, atualmente tão desmoralizado entre os homens. Nas mais respeitáveis instituições do mundo carnal, segundo informes fidedignos das autoridades que nos regem, a metade do tempo é despendida inutilmente, através de conversações ociosas e inoportunas. Isso, referindo-nos somente às “mais respeitáveis”. Não se precatam nossos irmãos em Humanidade de que o verbo está criando imagens vivas, que se desenvolvem no terreno mental a que são projetadas, produzindo consequências boas ou más, segundo a sua origem. Essas formas naturalmente vivem e proliferam e, considerando-se a inferioridade dos desejos e aspirações das criaturas humanas, semelhantes criações temporárias não se destinam senão

a serviços destruidores, através de atritos formidáveis, se bem que invisíveis. Notava-se, claramente, o interesse que suas definições despertavam nos ouvintes. Em seguida a uma pausa mais longa, tornou, cuidadoso: – Toda conversação prepara acontecimentos de conformidade com a sua natureza. Dentro das leis vibratórias que nos circundam por todos os lados, é uma força indireta de estranho e vigoroso poder, induzindo sempre aos objetivos velados de quem lhe assume a direção intencional. Encarregados de assumir a chefia desta casa, trouxemos instruções de nossos Maiores para suprimir todos os comentários tendentes à criação de elementos adversos aos júbilos da bênção divina. É por isso que, graças ao amor providencial de Jesus, temos conseguido a manutenção de um instituto em que os nossos mentores de Mais Alto se fazem sentir. A ausência de qualquer palavra menos digna e a presença contínua de fatores verbais edificantes facilitam a elaboração de forças sutis, nas quais os orientadores divinos encontram acessórios para se adaptarem, de algum modo, às nossas necessidades na edificação comum. Fez um gesto do narrador que se recorda de minudência importante e informou: – Encetando nosso trabalho modesto, experimentamos reações apreciáveis. Procurava-se, então, o santuário, sem qualquer preparação íntima. Nossos amigos prosseguiram repetindo o cenário da Crosta, em que os devotos procuram os templos, como os negociantes buscam mercados. Devemos administrar dons espirituais, como quem dirige um armazém de vantagens fáceis ao personalismo inferior. Desde o primeiro dia, porém, amparados na delegação de competência que nos foi concedida, golpeamos, fundo, o velho hábito. Durante alguns dias, gastamos tempo ensinando a reverência devida ao Senhor, a necessidade da limpeza interna do pensamento e a abolição do feio costume de tentar o suborno da Divindade com falaciosas promessas. E quando sentimos conscienciosamente que as lições estavam findas, iniciamos a aplicação de medidas retificadoras. Registros vibratórios foram instalados, assinalando a natureza das palavras em movimento. Desde aí foi muito fácil identificar os infratores e barrar-lhes a entrada na câmara de iluminação, onde realizamos nossas preces... Observando, talvez, que alguns de nós faziam certas considerações mentais, observou, sorridente: – Creamos desnecessária qualquer alusão ao imperativo dos pensamentos limpos. Quem busca uma casa especializada em abençoar, não pode hospedar ideias de ódio ou maldição. Compreendemos prontamente a finalidade do ensino indireto e delicado e calamo-nos, prevenidos quanto à necessidade de resguardar a mente contra as velhas sugestões do mal.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“Nosso orientador rogou escusas, pela nossa interferência no trabalho. – Não se incomodem – acentuou

a interlocutora, encantadoramente natural –, achamo-nos num curso rápido, acerca da importância da voz a serviço da palavra. Podem partilhá-lo conosco. Nossa aula é uma simples conversaço... Fitando bondosamente o Ministro, rematou: – Sentem-se. Sou eu quem pede perdão por fazê-los esperar mais um pouco. Em breves instantes, todavia, entraremos em nosso entendimento mais íntimo. E, voltando à poltrona que nada tinha de cátedra, sem qualquer atitude professoral, tão grande era o doce ambiente de maternidade que sabia irradiar de si, começou a dizer para os aprendizes: – Conforme estudamos na noite de hoje, a palavra, qualquer que ela seja, surge invariavelmente dotada de energias elétricas específicas, libertando raios de natureza dinâmica. A mente, como não ignoramos, é o incessante gerador de força, através dos fios positivos e negativos do sentimento e do pensamento, produzindo o verbo que é sempre uma descarga eletromagnética, regulada pela voz. Por isso mesmo, em todos os nossos campos de atividade, a voz nos tonaliza a exteriorização, reclamando apuro de vida interior, de vez que a palavra, depois do impulso mental, vive na base da criação; é por ela que os homens se aproximam e se ajustam para o serviço que lhes compete e, pela voz, o trabalho pode ser favorecido ou retardado, no espaço e no tempo. [...] Em torno de nós, quem simpatiza conosco geralmente faz aquilo que nos vê fazer. Precisamos, assim, de muita cautela com a palavra, nos momentos de tensão alta do nosso mundo emotivo, a fim de que a nossa voz não se desmande em gritos selvagens ou em considerações cruéis que não passam de choques mortíferos que infligimos aos outros, semeando espinheiros de antipatia e revolta que nos prejudicarão a própria tarefa.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 22)

“Hilário, que recebia, surpreso, semelhantes informes, perguntou, curioso: – Que ocorre, porém, quando os encarnados não prestam atenção aos ensinamentos ouvidos? – Sem dúvida, passam pelos santuários da fé na condição de urnas cerradas. Impermeáveis ao bom aviso, continuam inacessíveis à mudança necessária. – Mas este mesmo fenômeno se repete nas igrejas de outras confissões religiosas? – Sim. A palavra desempenha significativo papel nas construções do espírito. Sermões e conferências de sacerdotes e doutrinadores, em variados setores da fé, sempre que inspirados no Infinito Bem, guardam o objetivo da elevação moral. O Assistente meditou um instante e acrescentou: – Entre os homens, porém, se não é fácil cultivar a vida digna, é muito difícil habilitar-se a criatura à morte libertadora. Comumente, desencarna-se a alma, sem que se lhe desagarrem os pensamentos, enovelados em situações, pessoas e coisas da Terra. A mente, por isso, continua encarcerada nos interesses quase sempre inferiores do mundo, cristalizada e enfermiça em paisagens

inquietantes, criadas por ela mesma. Daí o valor do culto religioso respeitável, formando ambiente propício à ascensão espiritual, com indiscutíveis vantagens, não só para os Espíritos encarnados que a ele assistem, com sinceridade e fervor, mas também para os desencarnados, que aspiram à própria transformação. Todos os santuários, em seus atos públicos, estão repletos de almas necessitadas que a eles comparecem, sem o veículo denso, sequiosas de reconforto. Os expositores da boa palavra podem ser comparados a técnicos eletricitistas, desligando “tomadas mentais”, através dos princípios libertadores que distribuem na esfera do pensamento. Sorriu bem-humorado e prosseguiu: – Em razão disso, as entidades vampirizantes operam contra eles, muitas vezes envolvendo-lhes os ouvintes em fluidos entorpecentes, conduzindo esses últimos ao sono provocado, para que se lhes adie a renovação.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 4)

“Raul, sob o controle do mentor da casa, tentava sossegar o agitado comunicante, recordando-lhe as vantagens do perdão e incutindo-lhe a conveniência da humildade e da prece. Aflito, como não querendo perder o fio da lição, meu colega abeirou-se de nosso orientador e alegou: – Todavia, para colaborar em favor desses irmãos em desespero, será suficiente o concurso verbalista? – Não lhes estendemos simplesmente palavras, mas acima de tudo o nosso sentimento. Toda frase articulada com amor é uma projeção de nós mesmos. Portanto, se é incontestável a nossa impossibilidade de oferecer-lhes a libertação prematura, estamos doando, em favor deles, a nossa boa-vontade, através do verbo nascido de nossos corações, igualmente necessitados de plena redenção com o Cristo.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 23)

“Moreira, que assumira apaixonadamente a defesa da menina, perdeu a calma. Retomou a insolência de que desertara e clamou para mim, em voz alta, que, apesar de possuir seis meses de Evangelho, sentia muita dificuldade para não reunir a turma dos companheiros de outro tempo a fim de punir o velho Dom Juan, com o rigor de meirinho implacável. Apreensivo, roguei a ele se calasse por amor ao bem que nos propúnhamos realizar. Moreira assustou-se ao me ouvir a recomendação incisiva. Expliquei-lhe que, nas imediações, irmãos infelizes teriam ouvido a intenção que ele formulara e quantos simpatizassem com a ideia, com toda a certeza, demandariam a residência dos Torres, sondando brechas. Vali-me do ensejo para transmitir-lhe avisos que me foram extremamente úteis, nas minhas primeiras experiências de homem desencarnado em processo reeducativo. Disse-lhe que aprendera de vários benfeitores que o mal não merece qualquer consideração além daquela que se reporte à corrigenda. Entretanto, se ainda não conseguimos impedir-lhe o acesso ao coração, na forma de sentimento, é

forçoso não se pense nele; contudo, se não contamos com recursos para arredá-lo imediatamente da cabeça, é imperioso evitá-lo na palavra, a fim de que a ideia infeliz, já articulada, não se faça agente vivo de destruição, agindo por nossa conta e independentemente de nós. Salientei que o ambiente ali jazia limpo de influências indesejáveis; no entanto, ele, Moreira, falara abertamente e companheiros não distantes, interessados em nosso regresso à crueldade mental, teriam assinalado a sugestão... Gilberto despedira-se. Moreira, nos apuros do aprendiz que reconhece a prova errada, perguntava o que fazer, mas não tive dúvida. Esclarecemos que habitávamos agora o plano espiritual, onde pensamento e verbo adquirem muito mais força de expressão e de ação que no plano físico, e que não nos restava outra alternativa senão seguir, ao lado de Torres filho, de maneira a observar até que ponto se alargara o perigo, a fim de remediá-lo. O amigo, inquieto, pela primeira vez, depois de muito tempo, deixou o lar dos Nogueiras e acompanhou-me.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 11)

“A palavra, vibração divina do Pensamento, o qual, por sua vez, será a essência do próprio Ser Supremo refletida na sua criatura, foi concedida ao homem pelas leis eternas da Natureza, para facilitação do seu progresso e engrandecimento, recurso precioso com que alindará a própria personalidade, para atingir finalidades gloriosas. Não obstante, há Espíritos que reenarnam padecendo a penalidade da mudez, porque dela se serviram, no Passado, para intrigas e calúnias, blasfêmias e insultos, discursando imprópriamente, ainda, diante de assembleias numerosas, para incentivarem o erro e o crime, a hostilidade e a revolta, a inquietação coletiva e o assassinio nas guerras e até mesmo o desrespeito à ideia de Deus!” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 1)

“Os doutrinadores usavam da terapia da bondade, evitando a discussão inoportuna e transmitindo, com a palavra serena, as vibrações de amor e interesse de renovação, que os pacientes assimilavam de imediato. Algumas Entidades calcetas, mais rebeldes, que insistiam em perturbar o trabalho tomando os preciosos minutos, eram *hipnotizadas* pelos diligentes trabalhadores do plano físico, no que se tornavam auxiliados com segurança por hábeis técnicos da nossa esfera de ação, ali operando. Notei que as induções hipnóticas do doutrinador, porque carregadas de energias emanadas do cérebro físico, faziam-se portadoras de mais alto teor vibratório que atingia os Espíritos, por sua vez recebendo a onda mental através da cerebração do intermediário. De imediato, cediam ao sono reparador, sendo transferidos para os leitos que lhes estavam reservados, como primeiro passo para providências mais expressivas depois.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 18)

“SOCORRO DE EMERGÊNCIA. [...] A reunião seria um pouco mais tarde. A necessidade do encontro antecipado tinha por objeto favorecer-nos o contato proveitoso com o dedicado Eurípedes, que iria conversar conosco, informalmente, conforme aconteceu. — Dentre as atividades mediúnicas a que me houvera afervorado na Terra — iniciou, o devotado amigo, a sua explicação — o tratamento com os obsessos sempre me significou ministério delicado e credor do maior empenho. Acompanhar a trajetória de um ser submetido pela mente desarvorada de outro, que se utiliza da situação espiritual para reivindicar valores que lhe não pertencem, porque tudo procede de Deus, ou para exigir pagamentos morais por danos sofridos, sempre se me expressava como uma forma de sofrimento pessoal. Isso, não somente por sentir a alucinação do hospedeiro, mas também por compreender a infelicidade do seu transitório hóspede. Sempre que enfrentava essa pertinaz enfermidade, procurava penetrar no âmago do vingador para despertá-lo para a felicidade que adiava apenas por capricho, ignorância ou rebeldia. Acostumado, no entanto, ao abandono que se permitira ou ao sofrimento a que se deixara arrastar, esse irmão do Calvário relutava em acreditar nos meus sentimentos, sempre supondo que eu guardava motivos subalternos, qual o de afastá-lo do encarnado e semelhantes, sem qualquer consideração pela sua dor. Evitando discussões estéreis, sempre busquei irradiar simpatia e compreensão pelo seu drama, conseguindo sensibilizar um expressivo número de equivocados. “Na trama da obsessão, portanto, não apenas se encontra em desalinho o que chora e se desespera, mas também aquele que aplica o látigo, o verdugo aparentemente insensível, que é sempre alguém que perdeu o rumo de si mesmo, por consequência, a identificação com a vida. Acercar-se da sua situação penosa, mediante sincera emoção, é de significado profundo, porque a irradiação mental é mais poderosa do que a verbalização que pode ser destituída da vibração de legitimidade. O amor, por consequência, é o mais poderoso recurso ao nosso alcance, expresso ou não, para ser utilizado, do que quaisquer argumentos bem urdidos, porém, escassos do recurso vitalizador que é necessário a todo aquele que se encontra em carência afetiva. E os perseguidores são, invariavelmente, Espíritos em grande carência, desconfiados e áridos, porque foram vítimas de enleios e traições relacionados com os seus sentimentos de nobreza e de sinceridade.” [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 18)

“O socorro prossegue. [...] Retornando à sala mediúnica, acompanhamos outras comunicações espirituais atormentadas, sempre aprendendo as técnicas da compaixão e da misericórdia que ali eram aplicadas, em detrimento dos debates inúteis, recheados de

palavras pomposas e vazias que não atendiam aos dramas e aos apelos dos sofredores. A terapia espírita oferecida aos desencarnados em desespero difere de tudo quanto se aplica aos enfermos encarnados. A situação de ambos é muito diversa, pois que todos os seus padecimentos estão impressos no perísprito que registra as ações e os seus efeitos, necessitando de vibrações generosas de amor e de caridade para serem diluídas mediante novas fixações emocionais. As palavras, naturalmente, auxiliam no despertar das aflições, no entanto, com mais eficiência quando carregadas de compaixão e de entendimento fraternal, sem reprimendas nem imposições pretensiosas de quem deseja doutrinar, convencer, modificar... O trabalho é de socorro e não de domínio das mentes e dos sentimentos dos enfermos espirituais. Quando, porém, se apresentam espíritos discutidores e recalcitrantes, nesse caso, ademais do sentimento de piedade em relação à sua ignorância, devem-se evitar as discussões infrutíferas que prejudicam a execução do trabalho, roubando o tempo da ação caritativa para os debates vazios da vaidade humana. Impedir-se, pois, essas tentativas de convencimento, encerrando a comunicação e deixando que os espíritos superiores se encarreguem de os atender, após o choque anímico resultante da comunicação, que é uma das finalidades básicas do recurso terapêutico. Nesse choque anímico, o espírito transfere ao médium pesada carga de fluidos deletérios que o dominam e infelicitam, enquanto se renovam por aqueles exteriorizados pelo sensitivo, beneficiando-se de imediato. E porque o médium pode eliminar essas energias enfermigas com facilidade, por meio da sudorese e de outros mecanismos orgânicos, em face da sua condição de paz e de equilíbrio emocional, o simples fato de ocorrer uma incorporação, mesmo que sem os esclarecimentos que, às vezes, tornam-se necessários, senão indispensáveis, o visitante desencarnado já consegue assimilar significativa quota de energia saudável. No confronto com obsessores perversos e conscientes dos males que executam, ainda aí, o objetivo é socorrê-los sem os censurar nem criar conflitos mais profundos nos desditosos perseguidores. Jesus é sempre o Modelo em todas as situações. Atendendo aos obsessos, compadecia-se dos seus perseguidores e, ao expulsá-los dos pacientes, contava com a ajuda dos Seus cooperadores espirituais que se encarregavam de esclarecê-los. À Sua época e nas circunstâncias em que se apresentavam as obsessões, o ato curativo teria que ser imediato e sem delongas, de modo a demonstrar àquela geração inculta em torno dos quesitos espirituais o poder de que Ele se encontrava investido,

diferindo, portanto, dos providenciais mecanismos utilizáveis, na atualidade, nos santuários mediúnicos edificados pelo Espiritismo.” (MPM, *Amanbecer de uma nova era*, Capítulo 6)

IV.5. Emprego do magnetismo humano (ectoplasma) na tarefa de doutrinação⁵

“– Por que a doutrinação em ambiente dos encarnados? – indaguei. – Semelhante medida é uma imposição no trabalho desse teor? – Não – explicou o instrutor –, não é um recurso imprescindível. Temos variados agrupamentos de servidores do nosso plano, dedicados exclusivamente a esse gênero de auxílio. As atividades de regeneração em nossa colônia estão repletas de institutos consagrados à caridade fraternal, no setor de iluminação dos transviados. Os postos de socorro e as organizações de emergência, nos diversos departamentos de nossas esferas de ação, contam com avançados núcleos de serviço da mesma ordem. Em determinados casos, porém, a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos necessitados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na crosta do Mundo. Mesmo aí, contudo, a colaboração dos amigos terrenos, embora seja apreciável, não constitui fator absoluto e imprescindível; mas, quando é possível e útil, valemo-nos do concurso de médiuns e doutrinadores humanos, não só para facilitar a solução desejada, senão também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 17)

“Um instrutor de elevada condição hierárquica substituiu Alexandre junto da médium, passando o meu orientador a inspirar diretamente o colaborador encarnado, que dirigia a reunião. Enquanto isto ocorria, vários ajudantes de serviço recolhiam as forças mentais emitidas pelos irmãos presentes, inclusive as que fluíam abundantemente do organismo mediúnico, o que, embora não fosse novidade, me surpreendeu pelas características diferentes com que o trabalho era levado a efeito. Não pude conter-me e interpelei um amigo em atividade nesse setor. – Esse material – explicou-me ele, bondosamente – representa vigorosos recursos plásticos para que os benfeitores de nossa esfera se façam visíveis aos irmãos perturbados e aflitos ou para que materializem provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes.

⁵ Vide Subcapítulo IV.7 (“Fluidoterapia para desligar obsessores e suas emanções tóxicas”), Capítulo IV (“Fluidoterapia – Passes magnéticos”), Sexta Parte (“Medicina Espiritual – Terapias Espíritas”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

Com os raios e energias, de variada expressão, emitida pelo homem encarnado, podemos formar certos serviços de importância para todos aqueles que se encontrem presos ao padrão vibratório do homem comum, não obstante permanecerem distantes do corpo físico. Compreendi a elucidação, reconhecendo que, se é possível efetuar uma sessão de materialização para os companheiros encarnados, noutro sentido a mesma tarefa poderia ser levada a efeito para os irmãos desencarnados, de condição inferior. Admirando a excelência e a amplitude das atividades dos nossos orientadores, fixei a minha atenção na palestra que se estabeleceu entre Marinho, incorporado em Otávia, e o doutrinador humano, orientado intuitivamente por Alexandre. A princípio, o sacerdote demonstrava imenso desespero e pronunciava palavras fortes que lhe denunciavam a rebeldia. O interlocutor, contudo, falava-lhe com serenidade cristã, revelando-lhe a superioridade do Evangelho vivido sobre o Evangelho interpretado. A certa altura da doutrinação, percebi que Alexandre chamava a si um dos diversos cooperadores que manipulavam os fluidos e forças recolhidas na sala e recomendou-lhe que ajudasse a genitora de Marinho a tornar-se visível para ele. Notei que a senhora desencarnada, com os préstimos de outros amigos, atendeu imediatamente, ao passo que Alexandre, abandonando por momentos o seu posto junto ao doutrinador, aplicou passes magnéticos na região visual do comunicante, compreendendo, então, que ali se encontravam em jogo interessantes princípios de cooperação. A genitora amorosa resignava-se ao envolvimento em vibrações mais grosseiras, por alguns minutos, enquanto o filho elevaria a percepção visual até o mais alto nível ao seu alcance, para que pudessem efetuar um reencontro temporário de benéficas consequências para ele. Voltou Alexandre a fixar-se ao lado do dirigente e, com surpresa, ouvi que o amigo encarnado desafiava o exasperado comunicante, agindo francamente por intuição com a sua voz quente de sinceridade no ministério do amor fraternal: – Observe em volta de si, meu irmão! Exclamava o doutrinador, comoventemente – reconhece quem se encontra ao seu lado? Foi então que o sacerdote lançou um grito terrível: – Minha mãe! – disse ele, alarmado de dor e vergonha – minha mãe!...” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 17)

“Outros grupos, procedentes de outras regiões, traziam seus tutelados para a doutrinação, de acordo com o programa de serviço estabelecido previamente. Foram quatro as entidades que receberam os benefícios diretos dessa natureza, através de Otávia e outro médium. Em todos os casos, o magnetismo foi empregado em larga escala pelos nossos instrutores, salientando-se o de um pobre negociante que ainda ignorava a própria morte. Demonstrando ele certa teimosia, em

face da verdade, um dos orientadores espirituais, da condição hierárquica de Alexandre, impondo-lhe sua vontade vigorosa, fê-lo ver, à distância, os despojos em decomposição. O infeliz, examinando o quadro, gritava lamentosamente, rendendo-se, por fim, à evidência dos fatos. Em todos os serviços, o material plástico recolhido das emanções dos colaboradores encarnados satisfazia eficientemente. Não era mobilizado apenas pelos amigos de mais nobre condição, que necessitavam fazer-se visíveis aos comunicantes; era empregado também na fabricação momentânea de quadros transitórios e de ideias-formas, que agiam benéficamente sobre o ânimo dos infelizes, em luta consigo mesmos. Um dos necessitados, que tomara o médium sob forte excitação, quis agredir os componentes da mesa em tarefa de auxílio fraternal. Antes, porém, que pusesse em prática o sinistro desígnio, vi que os técnicos de nosso plano trabalhavam ativos na composição de uma forma sem vida própria, que trouxeram imediatamente, encostando-a no provável agressor. Era um esqueleto de terrível aspecto, que ele contemplou de alto a baixo, pondo-se a tremer, humilhado, esquecendo o triste propósito de ferir benfeitores. Depois de trabalhos complexos da nossa esfera, terminou a sessão, com grandes benefícios para todos.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 17)

“– Aquele aparelho – informou Áulus, gentil – é um “condensador ectoplásmico”. Tem a propriedade de concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante, não só para a nossa observação, mas também para a análise do doutrinador, que as recebe em seu campo intuitivo, agora auxiliado pelas energias magnéticas do nosso plano.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 7)

“Na terceira noite de nossa permanência na casa, o Instrutor Druso convidou-nos para o círculo de oração. Silas explicava-nos, generoso, que tínhamos oportunidade para interessantes estudos. O serviço da prece em conjunto, duas vezes por semana, era realizado na Mansão em local próprio e, no decurso das atividades que lhe eram afetas, materializavam-se, habitualmente, um ou outro dos orientadores que, de esferas mais altas, superintendiam a instituição. Nessas ocasiões, Druso e os assessores mais responsáveis recolhiam ordens e instruções variadas, atinentes aos numerosos processos de serviço em movimento. Questões eram respondidas, providências de trabalho eram, com segurança, indicadas. [...] Vasta mesa, ladeada de poltronas modestas em que se acomodavam dez pessoas simpáticas, sete mulheres e três homens, apresentava cabeceira ampla, pondo em destaque a grande poltrona em que o diretor da casa se sentaria. Do outro lado, à nossa frente, surgia larga tela translúcida, medindo,

aproximadamente, seis metros quadrados. Fora do círculo de pessoas que evidentemente emprestariam cooperação mais ampla à tarefa em perspectiva, achavam-se três Assistentes, cinco Enfermeiros, duas senhoras de aspecto humilde, Silas e nós. Dispúnhamos, ainda, de tempo para a conversação edificante e discreta. Aproveitei o ensejo para indagar do prestimoso amigo quanto às funções dos dez companheiros que se formalizavam, em derredor do chefe da casa, como a lhe robustecerem o pensamento. Silas não se fez rogado e aclarou, de pronto: – São amigos nossos que aprimoraram condições mediúnicas favoráveis à realização dos serviços a se desdobrarem aqui. Colaboram com fluidos vitais e elementos radiantes, altamente sublimados, de que os nossos Instrutores se servem com eficiência para se manifestarem. [...] Certamente ajuizando quanto às faltas involuntárias em que poderíamos incorrer, pedi para que nós outros, os que partilhávamos a prece, ali, pela primeira vez, guardássemos plena abstenção de pensamentos menos dignos, abolindo quaisquer recordações desagradáveis, para que não se verificassem interferências na câmara cristalina, nome pelo qual designou o grande espelho à nossa frente, durante a manifestação do venerável mensageiro, cuja visita aguardava. Explicou que as forças associadas dos médiuns presentes se caracterizariam por extremo poder plástico e que uma simples ideia nossa, incompatível com a dignidade do recinto, poderia materializar-se, criando imagens impróprias, não obstante temporárias, na face do aparelho sob nossa vista. [...] Logo após avisou que, através de dispositivos especiais, todos os recursos dos medianeiros presentes seriam concentrados na câmara que, daquele minuto em diante, estaria sensibilizada para os misteres da hora em curso. Brando silêncio passou a reinar sobre nós. Em atitude respeitosa e expectante, o diretor da instituição ergueu-se e orou comovidamente: [...] Não tive tempo para estender qualquer consideração, porquanto, respondendo ao apelo ardente que ouvíramos, extensa massa de vaporosa neblina cobriu a face do espelho próximo. Fixei-a, admirado, e pareceu-me identificar largo floco de névoa primaveril a distender-se, alva e móvel. Extáticos e felizes, vimos emergir da leitosa nuvem a figura respeitável de um homem aparentemente envelhecido na forma, revelando, porém, a mais intensa juvenilidade no olhar. Vasta auréola de safirino esplendor coroava-lhe os cabelos brancos que nos infundiam inextinguível respeito, a derramar-se em sublimes cintilações na túnica simples e acolhedora que lhe velava o corpo esguio. No semblante nobre e calmo, bagava um sorriso que não chegava a fixar-se. Após um minuto de silenciosa contemplação, levantou a destra, que despediu grande jorro de luz sobre nós, e saudou; – A paz do Senhor seja conosco.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 6)

“Nesse cometimento da terapia desobsessiva, a contribuição dos amigos encarnados é sempre valiosa. Investidos das responsabilidades cristãs e sinceramente interessados no auxílio fraternal, emitem raios mentais de teor específico de que nos utilizamos para atingir os resultados superiores. Cada mente é um dínamo gerador de energias, cuja intensidade e procedência canalizam forças poderosas, conforme a direção que se lhes dá. Portadora de energias ainda desconhecidas para nós outros desencarnados, a onda mental agrega como desarticula as moléculas que compõem a matéria em suas múltiplas e complexas expressões. A criação, por isso mesmo, é decorrência da Mente Divina que tudo rege, em razão do que, em parte alguma, existe o vácuo, ocorrem mecanismos de inutilidade produzindo paradas ou caos. Este é apenas pobreza das percepções e primarismo da nossa ideia de conjunto. Na energia pura está a base de todas as coisas. A mente, por sua vez, constituída por energia especial, emitindo raios e ondas contínuos, quando dirigida com objetivos próprios e conhecidos, sincroniza com as vibrações que constituem o mecanismo geral, podendo alterar-lhe o conteúdo, o potencial dinâmico... O médium doutrinador, em face disso, é precioso colaborador nas tarefas desobsessivas, graças à sua perfeita identificação com o programa de libertação, por emitir e exteriorizar as vibrações especiais que são próprias à vida física, atuando em nosso plano de ação como recurso ideoplástico expressivo, bem assim funcionando na qualidade de força energética mais carregada de potencial humano resultante da filtragem pelo corpo físico. No conjunto dos cooperadores encarnados, o médium passista, disciplinado e vigilante, pode ser comparado a um interruptor que aciona a passagem de forças, através das suas próprias potencialidades, funcionando entre os desencarnados e os portadores de quaisquer distúrbios. Nesse ministério, ao filtrar as energias procedentes de nós outros, transmite-as carregadas das forças pessoais, mais facilmente assimiláveis pelos necessitados, em função do estágio na conjuntura fisiológica. Verdadeiro transreceptor, é-lhe indispensável gerar energias puras, salutares, de que nos utilizamos para os complexos misteres de restauração de perispíritos enfermos e organizações somáticas lesadas... Todavia, por mais alto potencial curador disponha o homem, se este não se vincula aos labores de santificação e não se engrandece interiormente, mediante a vivência do Cristianismo em sua pureza, torna-se detentor de graves recursos destrutivos, que são utilizados por mentes infelizes e impiedosas com as quais sintoniza por processos especiais de identificação de propósitos, de inconsciência e irresponsabilidade, que passam a comandá-lo em dominação pernicioso. Aliás, a ocorrência sucede com todo aquele que se permite licenças e desequilíbrios morais.

Os que portam expressivas forças de atuação energética mais facilmente se fazem presas daquelas mentes, por motivos óbvios. Cada criatura emite as vibrações que lhe são próprias, cabendo-lhe o dever inadiável de aprimorar tais energias, colocando-se a serviço do bem operante. E esse precioso meio de alterar providencialmente as próprias forças é o conhecimento e a vivência do Evangelho de Jesus em toda a sua eloquência. De essencial relevância, portanto, a ajuda dos companheiros na realização da caridade moral e espiritual, particularmente nos socorros aos obsidiados que pululam em agonia por toda parte, aguardando por nós...” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

V Reuniões espíritas de desobsessão^{6,7}

V.1. Interação entre encarnados e desencarnados: importância e magnitude

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. FACULDADE, QUE TÊM OS ESPÍRITOS, DE PENETRAR OS NOSSOS PENSAMENTOS. 456. Veem os Espíritos tudo o que fazemos? “Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente.” **457.** Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos? “Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular.” **a)** — Assim, mais fácil nos seria ocultar de uma pessoa viva qualquer coisa, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta? “Certamente. Quando vos julgais muito ocultos, é comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos observam.” **458.** Que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam? “Depende. Os levianos riem das pequenas partidas que vos pregam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios se condoem dos vossos reveses e procuram ajudar-vos.” **INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E ATOS. 459.** Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.” **460.** De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos? “Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, frequentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas ideias a se combaterem.” **461.** Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos? “Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Caso se decida pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.” **462.** É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas ideias? “Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação.” Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça. **463.** Diz-se comumente ser sempre bom o primeiro impulso. É exato? “Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações.” **464.** Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau? “Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.” **465.** Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal? “Para que sofraís como eles sofrem.” **a)** — E isso lhes diminui os sofrimentos? “Não; mas fazem-no por inveja, por não poderem suportar que haja seres felizes.” **b)** — De que natureza é o sofrimento que procuram infligir aos outros? “Os que resultam de ser de ordem inferior

6 Os complexos temas da “Mediunidade”, da “Obsessão” e da correspondente “Desobsessão” serão estudados, em toda a sua abrangência e complexidade, na Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”). Nesse capítulo, iremos abordá-los de forma sintética, atendo-nos aos requisitos necessários para o correto desenvolvimento das reuniões espíritas de desobsessão.

7 Vide Capítulos I (“Obsessão”) e II (“Desobsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”), do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

a criatura e de estar afastada de Deus.” **466.** Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal? “Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto, os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.” É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós. **467.** Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal? “Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.” **468.** Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele? “Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato.” **469.** Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos? “Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: “Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.” **470.** Os Espíritos, que ao mal procuram induzir-nos e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade? “A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz, fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às consequências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-vos, pois, repeli-lo.” **471.** Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física? “É quase sempre efeito das

comunicações em que inconscientemente entrais com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.” **472.** Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las? “Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IX)

V.2. Obsessão: definição, causas e tipos de obsessão

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] POSSESSOS. 473. Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo? “O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.” **474.** Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada? “Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos. Mas, é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos.” (O vocábulo possesso, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada. O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma

pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.)” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IX)

“**DA OBSESSÃO. 237.** Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a *obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhuns constrangimentos infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança. A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*. **238.** Dá-se a obsessão simples, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua. Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados. Podem incluir-se nesta categoria os casos de *obsessão física*, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos. Pelo que concerne a este fenômeno, consulte-se o capítulo *Das manifestações físicas espontâneas*. (Nº 82) **239.** A fascinação produz consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a

arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de fazê-lo achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem. Já dissemos que muito mais graves são as consequências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas. Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, preciso é que o Espírito seja destro, artiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos — caridade, humildade, amor de Deus — lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o *fascinado* é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que veem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre. **240.** A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*. A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes. Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais

ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era, porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horivelmente. **241.** Dava-se outrora o nome de *possessão* ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A *possessão* seria, para nós, sinônimo da *subjugação*. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo, há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo XXIII)

“**245.** As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do Espírito. É, às vezes, uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas da sua vida presente ou do tempo de outra existência. Muitas vezes, também, não há mais do que o desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, entende de fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de gozo em atormentá-los, em vexá-los, e a impaciência que por isso a vítima demonstra mais o exacerba, porque esse é o objetivo que colima, ao passo que a paciência o leva a cansar-se. Com o irritar-se e mostrar-se despeitado, o perseguido faz exatamente o que quer o seu perseguidor. Esses Espíritos agem, não raro por ódio e inveja do bem; daí o lançarem suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se apegou como “tinha” a uma honrada família do nosso conhecimento, à qual, aliás, não teve a satisfação de enganar. Interrogado acerca do motivo por que se agarrara a pessoas distintas, em vez de fazê-lo a homens maus como ele, respondeu: *estes não me causam inveja*. Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem. Um destes últimos, que subjugava um rapaz de inteligência muito apoucada, interrogado

sobre os motivos dessa escolha, respondeu: *Tenho grandíssima necessidade de atormentar alguém; uma pessoa criteriosa me repeliria; ligo-me a um idiota, que nenhuma força me opõe*. **246.** Há Espíritos obsessores sem maldade, que algumas coisas mesmo denotam de bom, mas dominados pelo orgulho do falso saber. Têm suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia, e querem fazer que suas opiniões prevaleçam. Para esse efeito, procuram médiuns bastante crédulos para os aceitar de olhos fechados e que eles fascinam, a fim de os impedir de discernirem o verdadeiro do falso. São os mais perigosos, porque os sofismas nada lhes custam e podem tornar cridas as mais ridículas utopias. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não escrupulizam em se adornarem com um daqueles diante dos quais todos se inclinam, e não recuam sequer ante o sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria, ou um santo venerado. Procuram deslumbrar por meio de uma linguagem empolada, mais pretensiosa do que profunda, erichada de termos técnicos e recheada das retumbantes palavras — caridade e moral. Cuidadosamente evitarão dar um mau conselho, porque bem sabem que seriam repelidos. Daí vem que os que são por eles enganados os defendem, dizendo: *Bem vedes que nada dizem de mau*. A moral, porém, para esses Espíritos é simples passaporte, é o que menos os preocupa. O que querem, acima de tudo, é impor suas ideias por mais disparatadas que sejam.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo XXIII)

“OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE.

10. Os falsos profetas não se encontram unicamente entre os encarnados. Há-os também, e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través seus sistemas absurdos, depois de terem feito que seus médiuns os aceitem. E, para melhor fascina-rem aqueles a quem desejam iludir, para darem mais peso às suas teorias, se apropriam sem escrúpulo de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam. São eles que espalham o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a isolarem-se uns dos outros e a olharem-se com prevenção. Isso por si só bastaria para os desmascarar, pois, procedendo assim, são os primeiros a dar o mais formal desmentido às suas pretensões. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair em tão grosseiro embuste. Mas, há muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da categoria em que eles dizem achar-se têm de ser não só muito bons, como também eminentemente racionais. Pois bem: passai-lhes os sistemas pelo crivo da razão e do bom-senso e vede o que restará. Convinde, pois, comigo, em que, todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males

da Humanidade ou como meio de conseguir-se a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da Ciência contradizem, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso. Por outro lado, crede que, se nem sempre os indivíduos apreciam a verdade, esta é apreciada sempre pelo bom-senso das massas, constituindo isso mais um critério. Se dois princípios se contradizem, achareis a medida do valor intrínseco de ambos, verificando qual dos dois encontra mais ecos e simpatias. *Fora, com efeito, ilógico admitir-se que uma doutrina cujo número de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que outra que veja o dos seus em contínuo aumento.* Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina num círculo acanhado: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda a parte a luz esteja ao lado das trevas. Repeli sem condescendência todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a separação e o insulamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes exagerados louvores, a fim de fasciná-los e de tê-los dominados. São, geralmente, Espíritos sequiosos de poder e que, déspotas públicos ou nos lares, quando vivos, ainda querem vítimas para tyrannizar depois de terem morrido. *Em geral, desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes.* Há sempre, nesses casos, motivo legítimo de suspeição. Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se está obsidiado; e há manifesta obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure colocar-se. Consequentemente, todo médium e todo grupo que considerem privilégio seu receber as comunicações que obtêm e que, por outro lado, se submetem a práticas que tendem para a superstição, indubitavelmente se acham presas de uma obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se pavoneia com um nome que todos, encarnados e desencarnados, devem honrar e respeitar e não permitir seja declinado a todo propósito. É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil se torna rejeitar a absurdidade e o erro. Pode um médium ser fascinado, e iludido um grupo; mas, a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns

recebam, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, justificarão rapidamente esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus. – *Erasto*, discípulo de São Paulo. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXI)

“OBSESSÕES E POSSESSÕES. 45. Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfeza desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter. Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade audiente e psicográfica, traduz-se pela obstinação de um Espírito em querer manifestar-se, com exclusão de qualquer outro. **46.** Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para garanti-la contra a obsessão, tem-se que fortalecer a alma; donde, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar por se melhorar a si próprio, o que as mais das vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de terceiros. Necessário se torna este socorro, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio. Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência. Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareis e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.* Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso se pos-sua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela. Mas,

ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de secundá-la, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII) Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor. (AK, *A gênese*, Capítulo XIV) **47.** Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18) De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia. **48.** Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo. Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo.

Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante *força moral para lhe resistir*. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já o atirando ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa. São numerosos os fatos deste gênero, em diferentes graus de intensidade, e não derivam de outra causa muitos casos de loucura. Amiúde, há também desordens patológicas, que são meras conseqüências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. Dando a conhecer essa fonte donde provém uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência (Casos de cura de obsessões e de possessões: *Revue Spirite*, dezembro de 1863, pág. 373; — janeiro de 1864, pág. 11; — junho de 1864, pág. 168; — janeiro de 1865, pág. 5; — junho de 1865, pág. 172; — fevereiro de 1868, pág. 38; — junho de 1867, pág. 174) **49.** São as mais das vezes individuais a obsessão e a possessão; mas, não raro são epidêmicas. Quando sobre uma localidade se lança uma revoada de maus Espíritos, é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Pode então ser muito considerável o número dos indivíduos atacados (Foi exatamente desse gênero a epidemia que, faz alguns anos, atacou a aldeia de Morzine na Sabóia. Veja-se o relato completo dessa epidemia na *Revue Spirite* de dezembro de 1862, pág. 353; — janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, págs. 1, 33, 101 e 133)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ VII — DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO. 56.

A obsessão consiste no domínio que os maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de escravizá-las e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal. Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. Se o Espírito é bom, sua atuação é suave, benfazeja, não impele o indivíduo senão à prática de atos bons; se é mau, força-o a ações más. Se é perverso e malfazejo, aperta-o como numa teia, paralisa-lhe até a vontade e mesmo o juízo, que ele abafa com o seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada d'água. Fá-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma,

lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade. À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de **possessão**. É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua. **57.** Pois que os Espíritos existiram em todos os tempos, também desde todos os tempos representaram o mesmo papel, porque esse papel é da natureza e a prova está no grande número que sempre houve de pessoas obsidiadas, ou possesas, se o preferirem, antes que se falasse de Espíritos, ou que, nos dias atuais, se ouvisse falar de Espiritismo, nem de médiuns. É, pois, espontânea a ação dos Espíritos, bons ou maus; a destes produz uma imensidade de perturbações na economia moral e mesmo física, perturbações que, por ignorância da verdadeira causa, atribuíam a causas errôneas. Os Espíritos maus são inimigos invisíveis, tanto mais perigosos, quanto da ação deles não se suspeitava. Desmascarando-os, o Espiritismo revela uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não mais se procurará combater o mal por meios que já se sabem inúteis; procurar-se-ão outros mais eficazes. Ora, que foi o que fez se descobrisse aquela causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram a sua presença; ela foi para eles o que o microscópio foi para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos: desvendou-os e forneceu os meios de se lhes paralisar a ação e, por conseguinte, de afastá-los. Não foi ele quem trouxe o mal, visto que o mal existe desde todos os tempos; ele, ao contrário, dá remédio ao mal, apontando-lhe a causa. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a explicação de um sem-número de fenômenos incompreendidos e a Ciência, enriquecida com o conhecimento dessa nova lei, verá abrir-se diante de si novos horizontes. **Quando chegará ela a isso? Quando deixar de professar o materialismo**, porquanto o materialismo lhe detém o voo, opondo-lhe intransponível barreira.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestação dos espíritos)

“**PROLUSÃO. [...] 2) O obsessor.** O Espírito perseguidor, genericamente denominado obsessor, em verdade é alguém colhido pela própria aflição. Extraneante do veículo somático, experimentou injunções que o tornaram revel, fazendo que guardasse nos recessos da alma as aflições acumuladas, de que não se conseguiu liberar sequer após o decesso celular. Sem dúvida, vítima de si mesmo, da própria incuria e invigilância, transferiu a responsabilidade do seu

insucesso a outra pessoa que, por circunstância qualquer, interferiu decerto negativamente na mecânica dos seus malogros, por ser mais fácil encontrar razões de desdita em mãos de algozes imaginários, a reconhecer a pesada canga da responsabilidade que deve repousar sobre os ombros pessoais, como consequência das atitudes infelizes a que cada um se faz solidário. Perdendo a indumentária fisiológica mas, não o uso da razão — embora normalmente deambulando na névoa da inconsciência, com os centros do discernimento superior anestesiados pelos vapores das dissipações e loucuras a que se entregou — imanta-se por processo de sintonia psíquica ao aparente verdugo, conservando no íntimo as matrizes da culpa, que constituem verdadeiros “plugs” para a sincronização perfeita entre a mente de quem se crê dilapidado e a consciência dilapidadora, gerando, então, os pródromos do que mais tarde se transformará em psicopatia obsessiva, a crescer na direção infamante de conjugação irreversível. Ocorrências há, de agressão violenta, pertinaz, dominadora, pela mesma mecânica psíquica, em que o enfermo tomba inerte sob a dominação mental e física do subjugador. Pacientemente atendidos, nos abençoados trabalhos de desobsessão, nos quais se lhes desperta a lucidez perturbada, concitando-os ao avanço no rumo da felicidade que supõem perdida, faculta-se-lhes entender os desígnios sublimes da Criação, convidando-os a entregarem os que se lhes fizeram razão de sofrimento à Consciência Universal, de que ninguém se evade, e tratando de reabilitar-se, eles mesmos, ante as oportunidades ditosas que fluem e refluem através do tempo, esse grandioso companheiro de todos. Em outros casos, — quando a fixação da ideia venenosa produziu dilacerações nos tecidos muito sutis do perispírito, comprometendo o reequilíbrio que se faria necessário para a libertação voluntária do processo obsessivo, o que ocorre com frequência, — os Instrutores Espirituais, durante o transe psicofônico, operam nos centros correspondentes da Entidade, produzindo estados de demorada hibernação pela sonoterapia ou utilizando-se de outros processos não menos eficientes, para ensejarem a recomposição dos centros lesados, após o que despertam para as cogitações enobrecedoras. Na maioria dos labores de elucidação, podem-se aplicar as técnicas de regressão da memória no paciente espiritual, fazendo-se que reveja os fatos a que se vincula, mostrando-lhe a legítima responsabilidade dele mesmo, nos acontecimentos de que se diz molesto, após o que percebe o erro em que moureja, complicando a atualidade espiritual que deve ser aproveitada para reparo e ascensão, jamais para repetições de sandices, pretextos de desídia, ensejos de desgraças... Obsessores, sim, os há, transitoriamente, que se entregam à fascinação da maldade, de que se fazem cultores, engeguecidos e

alucinados pelos tormentosos desesperos a que se permitiram, detendo-se nos eitos de demorada loucura, em que a consciência açulada pelos propósitos infelizes desvia o rumo das cogitações para reter-se, apenas, na angulação defeituosa do sicário — verdugo impiedoso de si mesmo — pois todo o mal sempre termina por infelicitar aquele que lhe presta culto de subserviência. Tais Entidades — que oportunamente são colhidas pelas sutis injunções da Lei Divina — governam redutos de sombra e viciação, com sede nas Regiões Tenebrosas da Erraticidade Inferior, donde se espraiam na direção de muitos antros de sofrimento e perturbação na Terra, atingindo, também, vezes muitas, as mentes ociosas, os espíritos calcetas, os renitentes, revoltados, cômodos e inúteis, por cujo comércio dão início a processos muito graves de obsessão de longo curso, que se estende em conúbio estreito, cada vez mais coercitivo, inclusive após a morte física dos tecidos orgânicos, quando o comensal terreno desencarna. Reunidos em magotes, momentaneamente ferozes, se disputam primazia como sói acontecer entre os homens de instintos primitivos da Terra, nos combates de extermínio, em que os próprios comparsas se encarregam de autodestruir-se, estimulados por ambições que culminam na vanglória da ilusão que se acaba, estando sempre atormentados pelas lucubrações de domínio impossível, face à carência de forças para se dominarem a si mesmos. Exibindo multiface de horror, com que aparvalham aqueles com os quais se homiziam moral e espiritualmente, acreditam-se, por vezes, tal a aberração a que se entregam, pequenos deuses em competição de força para assumirem o lugar de Deus. Trazendo no substrato da consciência as velhas lendas religiosas do Inferno eterno, das personificações demoníacas e diabólicas, creem-se tais deidades irremediavelmente caídas, estertorando, em teimosa crueldade, por assumir-lhes os lugares... Expressivo número deles, esses irmãos marginalizados por si mesmos do caminho redentor — que são, todavia, inconscientes instrumentos da Justiça Divina, que ignoram e pensam desrespeitar — obsidiam outros desencarnados que se convertem em obsessores, a seu turno, dos viajantes terrenos, em processo muito complexo de convivência e exploração fisiopsíquica. Todos, porém, todos eles, nossos irmãos da retaguarda espiritual, — onde possivelmente já estivemos também, — são necessitados de compaixão e misericórdia, de intercessão pela prece e oferta dos pensamentos salutareis de todos os que se encontram nas lídimas colmeias espiritistas de socorro desobsessivo, ofertando-lhes o pábulo da renovação e a rota luminescente para a nova marcha, como claro sol de discernimento íntimo para a libertação dos gravames sob os quais expungem os erros em que incidiram. **3)**

O obsidiado. Somente há obsidiados e obsessões

porque há endividados espirituais, facultando a urgência da reparação das dívidas. Todo problema, pois, de obsessão, redundando em problema de moralidade, em cuja realização o Espírito se permitiu enredar, por desrespeito ético, legal, espiritual. Como ninguém se libera da conjuntura da consciência culpada, já que onde esteja o devedor aí se encontram a dívida e, logo depois, o cobrador. É da lei! No fulcro de toda obsessão estão inerentes os impositivos do reajustamento entre devedor e cobrador. Indubitavelmente o Estatuto Divino dispõe de muitos meios para alcançar os que lhe estão incursos nos códigos soberanos. Não é, portanto, condição única de que o defraudador seja sempre defrontado pelo fraudado, que lhe aplicará o necessário corretivo. Se assim fora, inverter-se-ia a ordem natural, e o círculo repetitivo das injunções de dívida-cobrança-dívida culminaria pela desagregação do equilíbrio moral entre os Espíritos. Como todo atentado é sempre dirigido à ordem geral, embora através dos que estão mais próximos dos agressores, à ordem mesma são convocados os transgressores. Normalmente, porém, graças às condições que facultam ligações recíprocas entre os envolvidos na trama das dívidas, estes retornam ao mesmo sítio, reencontram-se, para que, através do perdão e do amor, refaçam a estrada interrompida, oferecendo-se reciprocamente recursos de reparação para a felicidade de ambos. Porque transitam nas emanções primitivas que lhes parecem mais agradáveis, facultam-se perturbar, enredando-se na ideia falsa de procurar aplicar a própria justiça, em face do que, infalivelmente, caem, necessitados, por sua vez, da Justiça Divina. Quando o Espírito é encaminhado à reencarnação traz, em forma de “matrizes” vigorosas no perispírito, o de que necessita para a evolução. Imprimem-se, então, tais fulcros nos tecidos em formação da estrutura material de que se utilizará para as provações e expiações necessárias. Ao se voltar para o bem e adquirir títulos de valor moral, desarticula os condicionamentos que lhe são impostos para o sofrimento e restabelece a harmonia nos centros psicossomáticos, que passam, então, a gerar novas vibrações aglutinantes de equilíbrio, a se fixarem no corpo físico em forma de saúde, de paz, de júbilo. Se, todavia, por indiferença ou por prazer, jornada na frivolidade ou se encontra adormecido na indolência, no momento próprio desperta automaticamente o mecanismo de advertência, desorganizando-lhe a saúde e surgindo, por sintonia psíquica, em consequência do desajustamento molecular no corpo físico, as condições favoráveis a que os germens-vacina que se encontram no organismo proliferem, dando lugar às enfermidades desta ou daquela natureza. Outras vezes, como os recursos trazidos para a reencarnação, em forma de energia vitalizadora, não foram renovados, ou, pelo contrário, foram gastos em exageros,

explodem as reservas e, pela queda vibratória que atira o invigilante noutra faixa de evolução, a sintonia com Entidades viciadas, perseguidoras e perversas se faz mais fácil, dando início aos demorados processos obsessivos. No caso de outras enfermidades mentais, a distonia que tem início desde os primórdios da reencarnação vai, a pouco e pouco, desgastando os depósitos de forças específicas e predispondo-o para a crise que dá início à neurose, à psicose ou às múltiplas formas de desequilíbrio que passa a sofrer, no corredor cruel e estreito da loucura. Através de experiências realizadas pelo dr. Ladislaus von Meduna, no Centro Interacadêmico de Pesquisas Psiquiátricas de Budapeste, foram constatadas diferenças fundamentais entre os cérebros dos epiléticos e dos esquizofrênicos, verificando-se que a presença de uma dessas enfermidades constitui impedimento à presença da outra. Assim, desde o berço, o espírito imprime no encéfalo as condições cármicas, para o resgate das dívidas perante a Consciência Cósmica, podendo, sem dúvida, a esforço de renovação interior — já que do interior procedem as condições boas e más da existência física e mental — recompor as paisagens celulares onde se manifestam os impositivos reabilitadores, exceção feita às problemáticas expiatórias... Quando a loucura se alastra em alguém, é que o próprio espírito possui os requisitos que lhe facultam a manifestação. A predisposição a este ou àquele estado é-lhe inerente e os fatores externos que a fazem irromper, tais os traumatismos morais de vária nomenclatura, os complexos bem como os recalques já se encontram em germen, na constituição fisiológica ou psicológica do indivíduo, a fim de que o cumprimento do dever, em toda a sua plenitude, se faça impostergável. Há, sem dúvida, outros e mais complexos fatores causais da loucura, todos, porém, englobados nas “leis de causa e efeito”. Daí a excelência dos ensinamentos cristãos consubstanciados na Doutrina dos Espíritos e vazados na mais eloquente psicoterapia preventiva, mediante os conceitos otimistas, valiosos, conclamando à harmonia e à cordialidade, do que decorrem, conseqüentemente, equilíbrio e renovação naquele que os vive, em cuja experiência realiza o objetivo essencial da reencarnação: produzir para a felicidade! No que diz respeito ao problema das obsessões espirituais, o paciente é, também, o agente da própria cura. É óbvio que, para lográ-la, necessita do concurso do Cireneu da caridade que o ajude sob a cruz do sofrimento, através da diretriz de segurança e esclarecimento que o desperte para maior e melhor visão das coisas e da vida, em cujo curso se encontra progredindo. Não se transfere, portanto, para os passistas, doutrinadores e médiuns a total responsabilidade dos resultados nos tratamentos das obsessões. É certo que ocorrem amiúde curas temporárias, recuperações imediatas sem o concurso do

enfermo. Sem dúvida são concessões de acréscimo da Divindade. O problema, porém, retomará mais tarde, quando o devedor menos o espere, já que, a esse tempo, deverá estar melhor preparado para fazer o seu reajustamento moral e espiritual com a Lei Divina. Esclareça-se, portanto, o portador das obsessões, mesmo aquele que se encontra no estágio mais grave da subjugação, através de mensagens esclarecedoras ao subconsciente, pela doutrinação eficaz, conclamando-o ao despertamento, do que dependerá sua renovação. Por outro lado, doutrine-se o invasor, o parasita espiritual; entrementes, elucide-se o hospedeiro, o suporte da invasão, de modo que ele ofereça valores compensadores, eleve-se moral e espiritualmente, a fim de alcançar maior círculo de vibração com que se erguerá acima e além das conjunturas, podendo, melhormente, ajudar-se e ajudar aqueles que deixou na estrada do sofrimento, marchando com eles na condição de irmão reconhecido e generoso, portador das bênçãos da saúde e da esperança.” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

V.3. Desobsessão: tratamento complexo e de longo curso que demanda o aperfeiçoamento ético-moral do obsidiado

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] POSSESSOS. [...] 475. Pode alguém por si mesmo afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles? “Sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.” **476.** Mas, não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa? “Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.” **477.** As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos? “Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério.” **478.** Pessoas há, animadas de boas intenções e que, nada obstante, não deixam de ser obsidiadas. Qual, então, o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores? “Cansar-lhes a paciência, nenhum valor lhes dar

às sugestões, mostrar-lhes que perdem o tempo. Em vendo que nada conseguem, afastam-se.” **479.** A prece é meio eficiente para a cura da obsessão? “A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, crede que não basta que alguém murmure algumas palavras, para que obtenha o que deseja. Deus assiste os que obram, não os que se limitam a pedir. É, pois, indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos.” **480.** Que se deve pensar da expulsão dos demônios, mencionada no Evangelho? “Depende da interpretação que se lhe dê. Se chamais demônio ao mau Espírito que subjuga um indivíduo, desde que se lhe destrua a influência, ele terá sido verdadeiramente expulso. Se ao demônio atribuídes a causa de uma enfermidade, quando a houverdes curado direis com acerto que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, conforme o sentido que empresteis às palavras. As maiores verdades estão sujeitas a parecer absurdos, uma vez que se atenda apenas à forma, ou que se considere como realidade a alegoria. Compreendi bem isto e não o esqueçais nunca, pois que se presta a uma aplicação geral.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IX)

“DA OBSESSÃO. [...] 249. Os meios de se combater a obsessão variam, de acordo com o caráter que ela reveste. Não existe realmente perigo para o médium que se ache bem convencido de que está a haver-se com um Espírito mentiroso, como sucede na obsessão simples; esta não passa então, para ele, de fato desagradável. Mas, precisamente porque lhe é desagradável constitui uma razão de mais para que o Espírito se encarnice em vexá-lo. Duas coisas essenciais se têm que fazer nesse caso: provar ao Espírito que não está iludido por ele e que lhe é *impossível* enganar; depois, cansar-lhe a paciência, mostrando-se mais paciente que ele. Desde que se convença de que está a perder o tempo, retirar-se-á, como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos. Isto, porém, nem sempre basta e pode levar muito tempo, porquanto Espíritos há tenazes, para os quais meses e anos nada são. Além disso, portanto, deve o médium dirigir um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o assistam. Quanto ao Espírito obsessivo, por mau que seja, deve tratá-lo com severidade, mas com benevolência e vencê-lo pelos bons processos, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por emendar-se. É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, mesmo desagradável, mas cujo mérito está na dificuldade que ofereça e que, se bem desempenhada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de ter-se reconduzido ao bom caminho uma alma

perdida. Convém igualmente se interrompa toda comunicação escrita, desde que se reconheça que procede de um Espírito mau, que a nenhuma razão quer atender, a fim de se lhe não dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode até convir que o médium deixe de escrever por algum tempo, regulando-se então pelas circunstâncias. Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas confabulações, outro tanto já não se dá com o médium audiente, que o Espírito obsessivo persegue às vezes a todo instante com as suas proposições grosseiras e obscenas e que nem sequer dispõe do recurso de tapar os ouvidos. Aliás, cumpre se reconheça que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, que os animam e provocam com o rirem de suas tolices, em vez de lhes imporem silêncio e de os moralizarem. Os nossos conselhos não podem servir a esses, que desejam afogar-se. **250.** Apenas aborrecimento há, pois, e não perigo, para todo médium que não se deixe ludibriar, porque não poderá ser enganado. Muito diverso é o que se dá com a *fascinação*, porque então não tem limites o domínio que o Espírito assume sobre o encarnado de quem se apoderou. A única coisa a fazer-se com a vítima é convencê-la de que está sendo ludibriada e reconduzir-lhe a obsessão ao caso da obsessão simples. Isto, porém, nem sempre é fácil, dado que algumas vezes não seja mesmo impossível. Pode ser tal o ascendente do Espírito, que torne o fascinado surdo a toda sorte de raciocínio, podendo chegar até, quando o Espírito comete alguma grossa heresia científica, a pô-lo em dúvida sobre se não é a ciência que se acha em erro. Como já dissemos, o fascinado, geralmente, acolhe mal os conselhos; a crítica o aborrece, irrita e o faz tomar quizila dos que não partilham da sua admiração. Suspeitar do Espírito que o acompanha é quase, aos seus olhos, uma profanação e outra coisa não quer o dito Espírito, pois tudo a que aspira é que todos se curvem diante da sua palavra. Um deles exercia, sobre pessoa do nosso conhecimento, uma fascinação extraordinária. Evocamo-lo e, depois de umas tantas fanfarrices, vendo que não lograva mistificar-nos quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era quem se dizia. Sendo-lhe perguntado por que ludibriava de tal modo aquela pessoa, respondeu com estas palavras, que pintam claramente o caráter desse gênero de Espírito: *Eu procurava um homem que me fosse possível manejar; encontrei-o, não o largo.* — Mas se lhe mostrais as coisas como são, ele vos soltará isto: — *É o que veremos!* Como não há cego pior do que aquele que não quer ver, reconhecida a inutilidade de toda tentativa para abrir os olhos ao fascinado, o que se tem de melhor a fazer é deixá-lo com as suas ilusões. Ninguém pode curar um doente que se obstina em conservar o seu mal e nele se compraz. **251.** A subjugação corporal

tira muitas vezes ao obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito. Daí o tornar-se precisa a intervenção de um terceiro, que atue, ou pelo magnetismo, ou pelo império da sua vontade. Em falta do concurso do obsidiado, essa terceira pessoa deve tomar ascendente sobre o Espírito; porém, como este ascendente só pode ser moral, só a um ser *moralmente superior* ao Espírito é dado assumi-lo e seu poder será tanto maior, quanto maior for a sua superioridade moral, porque, então, se impõe àquele, que se vê forçado a inclinar-se diante dele. Por isso é que Jesus tinha tão grande poder para expulsar o a que naquela época se chamava demônio, isto é, os maus Espíritos obsessores. Aqui, não podemos oferecer mais do que conselhos gerais, porquanto nenhum processo material existe, como, sobretudo, nenhuma fórmula, nenhuma palavra sacramental, com o poder de expelir os Espíritos obsessores. Às vezes, o que falta ao obsidiado é força fluidica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande proveito. Contudo, é sempre conveniente procurar, por um médium de confiança, os conselhos de um Espírito superior, ou do anjo guardião. **252.** As imperfeições morais do obsidiado constituem, frequentemente, um obstáculo à sua libertação. Aqui vai um exemplo notável, que pode servir para instrução de todos. Havia umas irmãs que se encontravam, desde alguns anos, vítimas de depredações muito desagradáveis. Suas roupas eram incessantemente espalhadas por todos os cantos da casa e até pelos telhados, cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras, vivendo numa pequena localidade de província, nunca tinham ouvido falar de Espiritismo. A primeira ideia que lhes veio foi, naturalmente, a de que estavam às voltas com brincalhões de mau gosto. Porém, a persistência e as precauções que tomavam lhes tiraram essa ideia. Só muito tempo depois, por algumas indicações, acharam que deviam procurar-nos, para saberem a causa de tais depredações e lhes darem remédio, se fosse possível. Sobre a causa não havia dúvida; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente malfazejo. Evocado, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. A prece, no entanto, pareceu exercer sobre ele uma influência salutar. Mas, após algum tempo de interrupção, recomeçaram as depredações. Eis o conselho que a propósito nos deu um Espírito superior: “O que essas senhoras têm de melhor a fazer é rogar aos Espíritos seus protetores que não as abandonem. Nenhum conselho melhor lhes posso dar do que o de dizer-lhes que desçam ao fundo de suas consciências, para se confessarem a si mesmas e verificarem se sempre praticaram o amor do próximo e a caridade. Não falo da caridade que

consiste em dar e distribuir, mas da caridade da língua; pois, infelizmente, elas não sabem conter as suas e não demonstram, por atos de piedade, o desejo que têm de se livrarem daquele que as atormenta. Gostam muito de maldizer do próximo e o Espírito que as obsidia toma sua desforra, porquanto, em vida, foi para elas um burro de carga. Pesquisem na memória e logo descobrirão quem ele é. “Entretanto, se, conseguirem melhorar-se, seus anjos guardiães se aproximarão e a simples presença deles bastará para afastar o mau Espírito, que não se agarrou a uma delas em particular, senão porque o seu anjo guardião teve que se afastar, por efeito de atos repreensíveis, ou maus pensamentos. O que precisam é fazer preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com a sua condição.” Como ponderássemos que essas palavras pareciam um tanto severas e que talvez fosse conveniente adoçá-las, para serem transmitidas, o Espírito acrescentou: “Devo dizer o que digo e como digo, porque as pessoas de quem se trata têm o hábito de supor que nenhuns males fazem com a língua, quando o fazem muitíssimo. Por isso, preciso é ferir-lhes o Espírito, de maneira que lhes sirva de advertência séria.” Ressalta do que fica dito um ensinamento de grande alcance: que as imperfeições morais dão azo à ação dos Espíritos obsessores e que o mais seguro meio de a pessoa se livrar deles é atrair os bons pela prática do bem. Sem dúvida, os bons Espíritos têm mais poder do que os maus, e a vontade deles basta para afastar estes últimos; eles, porém, só assistem os que os secundam pelos esforços que fazem por melhorar-se, sem o que se afastam e deixam o campo livre aos maus, que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, visto que os bons permitem que ajam para esse fim. **253.** Cumpre, todavia, se não atribuam à ação direta dos Espíritos todas as contrariedades que se possam experimentar, as quais, não raro, decorrem da incúria, ou da imprevidência. Um agricultor nos escreveu certo dia que, havia doze anos, toda sorte de infelicidades lhe acontecia, relativamente ao seu gado; ora eram as vacas que morriam, ou deixavam de dar leite, ora eram os cavalos, os carneiros, ou os porcos que sucumbiam. Fez muitas novenas, que em nada remediaram o mal, do mesmo modo que nada obteve com as missas que mandou celebrar, nem com os exorcismos que mandou praticar. Persuadiu-se, então, de acordo com o preconceito dos campos, de que lhe haviam enfeitiçado os animais. Supondo-nos, sem dúvida, dotados de um poder esconjurador maior do que o da cura da sua aldeia, pediu o nosso parecer. Foi a seguinte a resposta que obtivemos: “A mortalidade ou as enfermidades do gado desse homem provêm de que seus currais estão infetados e ele não os repara,

porque *custa dinheiro*.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo XXIII)

“RECONCILIAÇÃO COM OS ADVERSÁRIOS.

5. *Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metidos em prisão. – Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitil.* (S. MATEUS, 5:25 e 26) **6.** Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possessor são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Importa, conseqüentemente, do ponto de vista da tranquilidade futura, que cada um repare, quanto antes, os agravos que haja causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte lhe chegue, esteja apagado qualquer motivo de dissensão, toda causa fundada de ulterior animosidade. Por essa forma, de um inimigo encarnado neste mundo se pode fazer um amigo no outro; pelo menos, o que assim procede põe de seu lado o bom direito e Deus não consente que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, da prisão, enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, enquanto não houverdes satisfeito completamente a justiça de Deus.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo X)

“**V – PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS. [...] PELOS OBSIDIADOS. 81.** PREFÁCIO. A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação

completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas; traduz-se, na mediunidade escrevente, pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros. Os Espíritos maus pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja que eles desenvolvem faz parte dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, como as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve ser considerada prova ou expiação e como tal aceita. Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. A causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para isentá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessão, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio. Quase sempre, a obsessão exprime a vingança que um Espírito tira e que com frequência se radica nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência. (Veja-se: cap. X, nº 6; cap. XII, nºs 5 e 6) Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutaros e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, cumpre se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo. Esta a ação mecânica, mas que não basta; necessário, sobretudo, é *que se atue sobre o ser inteligente*, ao qual importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade. E não é tudo: para garantir-se a libertação, cumpre induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele desponham o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particulares, objetivando a sua educação moral. Pode-se então lograr a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. A tarefa se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, presta o concurso da sua vontade e da sua prece. O mesmo não se dá, quando, seduzido pelo Espírito embusteiro, ele se

ilude no tocante às qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este último o lança, visto que, então, longe de secundar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII) Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de quem haja de atuar sobre o Espírito obsessor. [...]

Observação. – A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto há os rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, nada se obtém, é isto um fato incontestável, pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é **a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais**. A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Veja-se: *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII – “Da obsessão”. – *Revue Spirite*, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“§ VII — DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO.

[...] **58.** Pois que há Espíritos maus que obsidiam e Espíritos bons que protegem, perguntam muitos se os primeiros são mais poderosos do que os segundos. Não é que o bom Espírito seja mais fraco; o médium é que não tem força bastante para alijar de si o manto que lhe atiraram em cima, para se desprender dos braços que o enlaçam e nos quais, cumpre dizê-lo, às vezes se compraz. Neste caso, compreende-se que o bom Espírito não possa levar vantagem, pois que o outro é preferido. Admitamos, porém, que a vítima deseje desembaraçar-se do envoltório fluídico que penetra o seu, como a umidade penetra as roupas. Esse desejo nem sempre bastará. A própria vontade nem sempre é suficiente. Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, aquele que dispõe de mais fortes músculos é que abate o outro. Com um Espírito tem-se de lutar, não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito e é ainda o mais forte que triunfa. Aqui, a força reside na autoridade que se possa exercer sobre o obsessor e essa autoridade está subordinada à superioridade moral. Esta é como o Sol que dissipa o nevoeiro pela

potencialidade dos seus raios. Esforçar-se por ser bom, por se tornar melhor se já é bom, por purificar-se de suas imperfeições, por, numa palavra, elevar-se moralmente o mais possível, tal o meio de o encarnado adquirir o poder de mandar sobre os Espíritos inferiores, para afastá-los. De outro modo estes zombarão das suas injunções. (*O Livro dos Médiuns*, nºs 252 e 279) Entretanto, objetar-se-á, por que os Espíritos protetores não lhes ordenam que se retirem? Sem dúvida, podem fazê-lo e algumas vezes o fazem. Mas, permitindo a luta, deixam ao atacado o mérito da vitória. Se consentem que se debatam criaturas que, sob certos aspectos, têm seus merecimentos, é para lhes experimentar a perseverança e para levá-las a adquirir **mais força** no campo do bem. A luta é uma espécie de **ginástica moral**. Muitas pessoas prefeririam, certamente, outra receita mais fácil para repelirem os maus Espíritos: por exemplo, algumas palavras que se proferissem, ou alguns sinais que se fizessem, o que seria mais simples do que corrigir-se alguém de seus defeitos. Sentimos muito; porém, nenhum meio eficaz conhecemos de **vencer-se um inimigo, senão o fazer-se mais forte que ele**. Quando estamos doentes, temos que resignar-nos a tomar um medicamento, por muito amargo que seja; mas, também, se tivermos tido a coragem de bebê-lo, como nos sentimos bem e fortes! Temos, pois, que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. De tudo isso riem-se os maus Espíritos e não raro se comprazem em indicar alguns, tendo sempre o cuidado de afirmá-los infalíveis, para melhormente captarem a confiança daqueles a quem querem iludir, porque, então, estes, confiantes nas virtudes do processo aconselhado, se entregam sem receio. Antes de pretender, quem quer que seja, domar um Espírito mau, precisa cuidar de domar-se a si mesmo. De todos os meios de adquirir-se força para chegar a isso, o mais eficiente é a vontade secundada pela prece, a prece do coração, entenda-se, e não a de palavras, das quais a boca participa mais do que o pensamento. Precisamos pedir ao nosso anjo guardião e aos bons Espíritos que nos assistam na luta; não basta, porém, lhes peçamos que afastem o Espírito mau; devemos lembrar-nos desta máxima: **ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará** e rogar-lhes, sobretudo, a força que nos falta para vencermos os nossos maus pendores, que são, para nós, piores que os maus Espíritos, porquanto são esses pendores que os atraem, como a podridão atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessor, retribuir-lhe-emos com o bem o mal que nos queira e nos mostraremos melhores do que ele, o que já é uma superioridade. Com perseverança, acaba-se as mais das vezes por induzi-lo à posse de

melhores sentimentos e a transformá-lo de perseguidor em amigo grato. Em resumo: a prece fervorosa e os esforços sérios que a criatura faça por melhorar-se constituem os únicos meios de ela afastar os maus Espíritos, que reconhecem como seus senhores aqueles que praticam o bem, enquanto que as fórmulas lhes provocam o riso, do mesmo modo que a cólera e a impaciência os excitam. Precisa o perseguido cansá-los, demonstrando-se mais paciente do que eles. Por vezes, acontece que a subjugação avulta até ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, do qual nenhum concurso sério se pode esperar. Aí, principalmente, é que a intervenção de terceiros se torna necessária, quer por meio da prece, quer pela ação magnética. Mas, também a força dessa intervenção depende do ascendente moral que os interventores possam ter sobre os Espíritos; se não valerem mais do que estes, improficua será a ação que desenvolvam. A ação magnética, no caso, tem por efeito introduzir no fluido do obsidiado um fluido melhor e eliminar o do mau Espírito. Ao operar, deve o magnetizador objetivar duplo fim: o de opor a uma força moral outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expelindo um fluido com o auxílio de outro fluido. Dessa forma, não só opera um desprendimento salutar, como igualmente fortalece os órgãos enfraquecidos por longa e vigorosa constrição. Compreende-se, em suma, que o poder da ação fluídica está na razão direta não somente da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, segundo o que deixamos dito, que essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um magnetizador ordinário, que atuasse maquinalmente, apenas por magnetizar, fraco ou nenhum efeito produziria. É de toda a necessidade um magnetizador **espírita**, que atue com conhecimento de causa, com a intenção de obter, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, porém, os resultados que vimos de descrever. É, além disso, evidente que uma ação magnética dirigida neste sentido não pode deixar de ser muito proveitosa nos casos de obsessão ordinária, porque, então, se o magnetizador tem a auxiliá-lo a vontade do obsidiado, o Espírito se vê combatido por dois adversários em lugar de um. Cumpre também dizer que amiúde se atribuem aos Espíritos maldades de que eles são inocentes. Alguns estados doentes e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com frequência, a atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessivo de si

mesmo. Acrescentemos, por fim, que algumas obsessões tenazes, sobretudo em pessoas de mérito, fazem às vezes parte das provações a que essas pessoas estão sujeitas. Acontece mesmo que a obsessão, quando simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, qual a de trabalhar pela regeneração do obsessivo, como um pai pela de um filho vicioso. (Para maiores particularidades, veja-se *O Livro dos Médiuns*) Em geral, a prece é poderoso meio auxiliar da libertação dos obsidiados; nunca, porém, a prece só de palavras, dita com indiferença e como uma fórmula banal, será eficaz em semelhante caso. Faz-se mister uma prece ardente, que seja ao mesmo tempo uma como magnetização mental. Pelo pensamento, pode-se encaminhar para o paciente uma corrente fluídica salutar, cuja potência guarda relação com a intenção. A prece, pois, não tem apenas por efeito invocar um auxílio estranho, mas exercer uma ação fluídica. O que uma pessoa, só, não pode fazer, podem-no, quase sempre, muitas pessoas unidas pela intenção numa prece coletiva e reiterada, visto que o número aumenta a potencialidade da ação. **59.** A experiência comprova a ineficácia do exorcismo, nos casos de possessão, e provado está que quase sempre aumenta o mal, em vez de atenuá-lo. A razão se encontra em que a influência está toda no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos e não num ato exterior, na virtude das palavras e dos gestos. O exorcismo consiste em cerimônias e fórmulas de que zombam os maus Espíritos que, entretanto, cedem à autoridade moral que se lhes impõe. Eles veem que os querem dominar por meios impotentes, que pensam intimidá-los por um vão aparato e, então, se empenham em mostrar-se os mais fortes e para isso redobram de esforços. São quais cavalos espantadiços que dão em terra com o cavaleiro inábil e que obedecem quando topam com um que os governa. Ora, aqui, quem realmente manda é o homem de coração mais puro, porque é a ele que os bons Espíritos de preferência atendem. **60.** O que pode um Espírito fazer com um indivíduo, podem-no muitos Espíritos com muitos indivíduos simultaneamente e dar à obsessão caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos invade uma localidade e aí se manifestam de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que se abateu sobre a Judéia ao tempo do Cristo. Ora, o Cristo, pela sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios ou maus Espíritos tal autoridade, que bastava lhes ordenasse que se retirassem para que eles o fizessem e, para isso, não empregava fórmulas nem gestos ou sinais. **61.** O Espiritismo se funda na observação dos fatos que resultam das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Estando na ordem dos da natureza, esses fatos se produziram em todas as épocas e abundam

principalmente nos livros sagrados de todas as religiões, pois que serviram de base à maioria das crenças. Por não os terem os homens compreendidos, é que a Bíblia e os Evangelhos apresentam tantas passagens obscuras e que foram interpretadas em sentidos diferentes. O Espiritismo traz a chave que lhes facilitará a inteligência.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestação dos espíritos)

V.4. Requisitos essenciais para reuniões de desobsessão sérias^{8,9}

“Um livro diferente. *“E perguntou-lhe Jesus, dizendo: “Qual é o teu nome?” E ele disse: “Legião”, porque tinham entrado nele muitos demônios.”* (LUCAS, versículo 8, capítulo 30) Atendendo ao trabalho da desobsessão nos arredores de Gádara, vemos Jesus a conversar fraternalmente com o obsesso que lhe era apresentado, ao mesmo tempo que se fazia ouvido pelos desencarnados infelizes. Importante verificar que ante a interrogativa do Mestre, a perguntar-lhe o nome, o médium, consciente da pressão que sofria por parte das Inteligências conturbadas e errantes, informa chamar-se “Legião”, e o evangelista acrescenta que o obsidiado assim procedia “porque tinham entrado nele muitos demônios”. Sabemos hoje com Allan Kardec, conforme palavras textuais do Codificador da Doutrina Espírita, no item 6 do capítulo 12º, “Amai os vossos inimigos”, de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, que “esses demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais”. No episódio, observamos o Cristo entendendo-se, de maneira simultânea, com o médium e com as entidades comunicantes, na benemérita empresa do esclarecimento coletivo, ensinando-nos que a desobsessão não é caça a fenômeno e sim trabalho paciente do amor conjugado ao conhecimento e do raciocínio associado à fé. Seja no caso de mera influência ou nas ocorrências da possessão profunda, a mente medianímica permanece jugulada por pensamentos estranhos a ela mesma, em processos de hipnose de que apenas gradativamente se livrará. Daí ressalta o imperativo de se vulgarizar a assistência sistemática aos desencarnados prisioneiros da insatisfação ou da angústia, por intermédio das equipes de companheiros consagrados aos serviços dessa ordem que, aliás, demandam paciência e compreensão

análogas às que caracterizam os enfermeiros dedicados ao socorro dos irmãos segregados nos meandros da psicose, portas a dentro dos estabelecimentos de cura mental. Sentindo de perto semelhante necessidade, o nosso amigo André Luiz organizou este livro diferente de quantos lhe constituem a coleção de estudioso dos temas da alma, no intuito de arregimentar novos grupos de seareiros do bem que se proponham reajustar os que se veem arredados da realidade fora do campo físico. Nada mais oportuno e mais justo, de vez que, se a ignorância reclama o devotamento de professores na escola e a psicopatologia espera pela abnegação dos médicos que usam a palavra equilibrante nos gabinetes de análise psicológica, a alienação mental dos Espíritos desencarnados exige o concurso fraterno de corações amigos, com bastante entendimento e bastante amor para auxiliar nos templos espíritas, atualmente dedicados à recuperação do Cristianismo, em sua feição clara e simples. Salientando, pois, neste volume, precioso esforço de síntese no alívio aos obsessos, através dos colaboradores de todas as condições, rogamos ao Senhor nos sustente a todos – tarefeiros encarnados e desencarnados – na obra a realizar, porquanto obsidiados e obsessores, consciente ou inconscientemente arrojados à desorientação, no mundo ou além do mundo, são irmãos que nos pedem arrimo, companheiros que nos integram a família terrestre, e o amparo à família não é ministério que devamos relegar para a esfera dos anjos e sim obrigação intransferível que nos compete abraçar por serviço nosso. *EMMANUEL*. Uberaba, 2 de janeiro de 1964. (Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)” (AL, *Desobsessão*, Um livro diferente)

“Desobsessão. Terapêuticas diversas merecem estudos para a supressão dos males que flagelam a Humanidade. Antibióticos atacam processos de infecção, institutos especializados examinam a patologia do câncer, a cirurgia atinge o coração para sanar o defeito cardíaco e a vacina constitui defesa para milhões. Ao lado, porém, das enfermidades que supliciam o corpo, encontramos, aqui e além, as calamidades da obsessão que desequilibram a mente. Para lá das teias fisiológicas que entretecem o carro orgânico de que se vale o Espírito para o estágio educativo no mundo, é possível identificar os quadros obscuros de semelhantes desastres, nos quais as forças magnéticas desajustadas pelo pensamento em desgoverno assimilam forças

8 Com o intuito de sintetizar os requisitos essenciais para o bom andamento de reuniões de desobsessão sérias, iremos transcrever abaixo os 73 capítulos da obra de André Luiz intitulada *Desobsessão* (passos a serem seguidos pelos colaboradores das sociedades espíritas), que “objetiva prestar valioso auxílio àqueles que se propõem a tratar, com a devida seriedade, em reuniões específicas da Casa Espírita, o grave problema da obsessão, que, como as mais diferentes e temíveis doenças do corpo físico, se constitui em flagelo da humanidade”.

9 Vide Capítulos I (“Obsessão”) e II (“Desobsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”), do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

magnéticas do mesmo teor, estabelecendo a alienação mental, que vai do tique à loucura, escalando por fobias e moléstias-fantasmas. Vemo-los instalados em todas as classes, desde aquelas em que se situam as pessoas providas de elevados recursos da inteligência àquelas outras onde respiram companheiros carecentes das primeiras noções do alfabeto, desbordando, muita vez, na tragédia passional que ocupa a atenção da imprensa ou na insânia conduzida ao hospício. Isso tudo, sem relacionarmos os problemas da depressão, os desvarios sexuais, as síndromes de angústias e as desarmonias domésticas. Espíritos desencarnados e encarnados de condição enfermiga sintonizam-se uns com os outros, criando prejuízos e perturbações naqueles que lhes sofrem a influência vampirizadora, lembrando vegetais nobres que parasitos arrasam, depois de solapar-lhes todas as resistências. Refletindo nisso e diligenciando cooperar na medicação a esses males de sintomatologia imprecisa, imaginamos a organização deste livro (O Espírito André Luiz convidou os médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier a psicografarem com ele o presente volume, responsabilizando-se ambos pelos capítulos de números ímpares e pares, respectivamente), dedicado a todos os companheiros que se interessam pelo socorro aos obsidiados – livro que se caracteriza por absoluta simplicidade na exposição dos assuntos indispensáveis à constituição e sustentação dos grupos espíritas devotados à obra libertadora e curativa da desobsessão. Livro que possa servir aos recintos consagrados a esse mister, estejam eles nos derradeiros recantos das zonas rurais ou nos edifícios das grandes cidades, cartilha de trabalho em que as imagens (As fotografias que ilustram este volume representam gentileza dos companheiros de ideal e pertencem aos arquivos da Exposição Espírita Permanente da CENTRO ESPÍRITA C., de Uberaba, Minas) auxiliem o entendimento da explicação escrita, a fim de que os obreiros da Doutrina Espírita atendam à desobsessão, consoante os princípios concatenados por Allan Kardec. Nenhuma instituição de Espiritismo pode, a rigor, desinteressar-se desse trabalho imprescindível à higiene, harmonia, amparo ou restauração da mente humana, traçando esclarecimento justo, seja aos desencarnados sofredores, seja aos encarnados desprovidos de educação íntima que lhes sofram a atuação deprimente, conquanto, às vezes, involuntária. Cada templo espírita deve e precisa possuir a sua equipe de servidores da desobsessão, quando não seja destinada a socorrer as vítimas da desorientação espiritual que lhes rondam as portas, para defesa e conservação de si mesma. Oferecemos, desse modo, estas páginas despretensiosas aos que sintam suficiente amor pelos que jazem transviados nas trevas das ilusões e paixões em que se consomem, circunscritos aos marcos estreitos da ignorância, na Terra e além da

Terra, nos tormentos e desvarios do “eu”. E entregando-as aos amigos que nos possam acolher o desejo de acertar e avaliar conosco a extensão e a gravidade do problema, recordemos, reconhecidamente, junto de todos eles, que o Espiritismo é o Cristianismo Restaurado e que o pioneiro número um da desobsessão, esclarecendo Espíritos infelizes e curando obsidiados de todas as condições, foi exatamente Jesus. ANDRÉ LUIZ. Uberaba, 2 de janeiro de 1964. (Página recebida pelo médium Waldo Vieira)” (AL, *Desobsessão*, Desobsessão)

“1. Preparo para a reunião: Despertar. No dia marcado para as tarefas de desobsessão, os integrantes da equipe precisam, a rigor, cultivar atitude mental digna, desde cedo. Ao despertar pela manhã, o dirigente, os assessores da orientação, os médiuns incorporadores, os companheiros da sustentação ou mesmo aqueles que serão visitas ocasionais no grupo, devem elevar o nível do pensamento, seja orando ou acolhendo ideias de natureza superior. Intenções e palavras puras, atitudes e ações limpas. Evitar deliberadamente rusgas e discussões, sustentando paciência e serenidade, acima de quaisquer transtornos que sobrevenham durante o dia. Trata-se de preparação adequada a assunto grave: a assistência a desencarnados menos felizes, com a supervisão de instrutores da Vida Espiritual. Imaginem-se os companheiros no lugar dos Espíritos necessitados de socorro e compreenderão a responsabilidade que assumem. Cada componente do conjunto é peça importante no mecanismo do serviço. Todo o grupo é instrumentação. **2. Preparo para a reunião: Alimentação.** A alimentação, durante as horas que precedem o serviço de intercâmbio espiritual, será leve. Nada de empanturrar-se o companheiro com viandas desnecessárias. Estômago cheio, cérebro inábil. A digestão laboriosa consome grande parcela de energia, impedindo a função mais clara e mais ampla do pensamento, que exige segurança e leveza para exprimir-se nas atividades da desobsessão. Aconselháveis os pratos ligeiros e as quantidades mínimas, crendo-nos dispensados de qualquer anotação em torno da impropriedade do álcool, acrescentando observar que os amigos ainda necessitados do uso do fumo e da carne, do café e dos temperos excitantes, estão convidados a lhes reduzirem o uso, durante o dia determinado para a reunião, quando não lhes seja possível a abstenção total, compreendendo-se que a posição ideal será sempre a do participante dos trabalhos que transpõe a porta do templo sem quaisquer problemas alusivos à digestão. **3. Preparo para a reunião: Repouso físico e mental.** Após o trabalho, seja ele profissional ou doméstico, braçal ou mental, faça o seareiro da desobsessão o horário possível de refazimento do corpo e da alma. Repouso externo e interno. Relaxe, com ideias edificantes. Abstenção de pensamentos

impróprios. Aspirações para cima. Distância de preocupações inferiores. Preparação íntima, podendo incluir leitura moralizadora e salutar. Formação de ambiente particular respeitável, de cujos agentes espirituais, enobrecidos e puros, se valham os instrutores para a composição dos recursos de alívio e esclarecimento aos irmãos que, desenfaixados da veste física, ainda sofrem. Os responsáveis pelas tarefas da desobsessão devem compreender que as comunicações reclamam espontaneidade e que o preparo a que nos referimos é de ordem geral, sem a fixação da mente em exigências ou gratificações de sentimento pessoal. **4. Preparo para a reunião: Prece e meditação.** Pelo menos durante alguns minutos, horas antes dos trabalhos, seja qual for a posição que ocupe no conjunto, dedique-se o companheiro de serviço à prece e à meditação em seu próprio lar. Ligue as tomadas do pensamento para o Alto. Retire-se, em espírito, das vulgaridades do terra-a-terra, e ore, buscando a inspiração da Vida Maior. Reflita que, em breve tempo, estará em contato, embora ligeiro, com os irmãos domiciliados no Mundo Espiritual, para onde irá igualmente, um dia, e antecipe o cultivo da simpatia e do respeito, da compaixão produtiva e da bondade operosa para com todos aqueles que perderam o corpo físico sem a desejada maturação espiritual. Dessa forma, estará caminhando para a colaboração digna com os benfeitores desencarnados que são os legítimos ministradores do bem. **5. Superação de impedimentos: Chuva.** Hora de sair para a reunião. Necessário vencer os percalços que o tempo é capaz de oferecer. Não raro, é a promessa de aguaceiro iminente ou a ventania forte, comparecendo por empecilhos habituais. Chuva ou frio... O integrante da equipe não se prenderá em casa por semelhantes obstáculos. Conservará, sempre à mão, o agasalho preciso e enfrentará quaisquer desafios naturais, consciente das obrigações que lhe competem. **6. Superação de impedimentos: Visitas.** Na lista dos impedimentos naturais, um existe dos mais frequentes: a visita inesperada. Compreende-se o constrangimento dos companheiros já prestes a sair de casa para o serviço espiritual. Em alguns casos, é um parente necessitando de palavras amigas; de outros, um companheiro reclamando atenção. Que isso não seja tomado à conta de óbice insuperável. O tarefeiro da desobsessão esclarecerá o assunto delicadamente, empregando franqueza e humildade, sem esconder o móvel da ausência a que se vê compelido, cumprindo, assim, não apenas o dever que lhe assiste, como também despertando simpatia nos circunstantes e assegurando a si mesmo o necessário apoio vibratório. **7. Superação de impedimentos: Contratempos.** Na série de obstáculos que, em muitas ocasiões, parecem inteligentemente determinados a lhe entravarem o passo, repontam os mais imprevistos contratempos à frente do servidor da

desobsessão. Uma criança cai, explodindo em choro... Desaparece a chave de uma porta... Um recado chega, de improviso, suscitando preocupações... Alguém chama para solicitar um favor... Certo familiar se queixa de dores súbitas... Colapso do sistema de condução... Dificuldades de trânsito... O colaborador do serviço de socorro aos desencarnados sofrendores não pode hesitar. Providencie, de imediato, as soluções razoáveis para esses pequeninos problemas e siga ao encontro das obrigações espirituais que o aguardam, lembrando-se de que mesmo as festas de natureza familiar, quais sejam as comemorações de aniversário ou os júbilos por determinados eventos domésticos, não devem ser categorizados à conta de obstrução. **8. Impedimento natural.** Circunstâncias existem que pesam na balança do trabalho por obstáculos naturais. Uma viagem inesperada, por exemplo. Pode acontecer que a obrigação profissional assim o exija. Noutros casos, a moléstia grave comparece em casa ou na pessoa do próprio cooperador, obstando-lhe o comparecimento à reunião. Temos ainda a considerar o impedimento por enfermidades epidêmicas, qual a gripe, e, em nossas irmãs, é razoável aceitar como motivos justos de ausência os cuidados decorrentes da gravidez e os embaraços periódicos característicos da organização feminina. Surgindo o impasse, é importante que o companheiro ou a companheira se comunique, rápido, com os responsáveis pela sessão, atentos a que se deve assegurar a harmonia do esforço de equipe tanto quanto possível.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 1 a 8)

“9. Templo espírita. À medida que se nos aclara o entendimento, nas realizações de caráter mediúnico, percebemos que as lides da desobsessão pedem o ambiente do templo espírita para se efetivarem com segurança. Para compreender isso, recordemos que, se muitos doentes conseguem recuperar a saúde no clima doméstico, muitos outros reclamam o hospital. Se no lar dispomos de agentes empíricos a benefício dos enfermos, numa casa de saúde encontramos toda uma coleção de instrumentos selecionados para a assistência pronta. No templo espírita, os instrutores desencarnados conseguem localizar recursos avançados do plano espiritual para o socorro a obsidiados e obsessores, razão por que, tanto quanto nos seja possível, é aí, entre as paredes respeitáveis da nossa escola de fé viva, que nos cabe situar o ministério da desobsessão. Razoável, ainda, observar que os servidores de semelhante realização não podem assumir, sem prejuízo, compromissos para outras atividades medianímicas, antes ou depois do trabalho em que se comprometem a benefício dos sofrendores desencarnados. **10. Recinto das reuniões.** O recinto das reuniões pede limpeza e simplicidade. A mesa, com alguns dos livros básicos da Doutrina Espírita, de preferência “O Livro dos Espíritos”, “O Evangelho segundo o Espiritismo” e um

volume que desenvolva o pensamento kardequiano, conjugado aos ensinamentos do Cristo, estará cercada pelas cadeiras devidas ao número exato dos componentes da reunião, apresentando-se despida de toalhas, ornamentos, recipientes de água e objetos outros. Em seguida à fila dos assentos, colocar-se-á pequena acomodação, seja um simples banco ou algumas cadeiras para visitas eventuais. Um relógio será colocado à vista ou à mão, seja numa parede, no bolso ou no pulso do dirigente, para que o horário e a disciplina estabelecida não sofram distorções, e o aparelho para a gravação de vozes, na hipótese de existir no aposento, não deverá perturbar o bom andamento das tarefas e será colocado em lugar designado pelo orientador dos trabalhos. **11. Chegada dos companheiros.** Os benfeitores espirituais de plantão, na obra assistencial aos irmãos desencarnados sofredores, esperam sempre que os integrantes da equipe alcancem o recinto de serviço em posição respeitosa. Nada de vozerio, tumulto, gritos, gargalhadas. Lembrem-se os companheiros encarnados de que se aproximam de enfermos reunidos, como num hospital, credores de atenção e carinho. A obra de socorro está prestes a começar. Necessário inclinar o sentimento ao silêncio e à compaixão, à bondade e à elevação de vistas, a fim de que o conjunto possa funcionar em harmonia na construção do bem. **12. Conversação anterior à reunião.** Há sempre margem a conversações no recinto para os que chegam mais cedo, cabendo aos seareiros do conjunto evitar a dispersão de forças em visitas, mesmo rápidas, mas impróprias, a locais vizinhos, sejam casas particulares ou restaurantes públicos. Compreensível rogar aos colaboradores da tarefa a total abstenção de temas contrários à dignidade do trabalho que vão desempenhar. Evitem-se os anedotários jocosos, as considerações injuriosas a quem quer que seja. Esqueçam-se críticas, comentários escandalosos, queixas, azedumes, apontamentos irônicos. Toda referência verbal é fator de indução. Se somos impelidos a conversar, durante os momentos que precedem a atividade assistencial, seja a nossa palestra algo de bom e edificante que auxilie e pacifique o clima do recinto, ao invés de conturbá-lo. **13. Dirigente.** O dirigente das tarefas de desobsessão não pode esquecer que a Espiritualidade Superior espera nele o apoio fundamental da obra. Direção e discernimento. Bondade e energia. Certo, não se lhe exigirão qualidades superiores à do homem comum; no entanto, o orientador da assistência aos desencarnados sofredores precisa compreender que as suas funções, diante dos médiuns e frequentadores do grupo, são semelhantes às de um pai de família, no instituto doméstico. Autoridade fundamentada no exemplo. Hábito de estudo e oração. Dignidade e respeito para com todos. Afeição sem privilégios. Brandura e firmeza. Sinceridade e entendimento. Conversação

construtiva. Para manter-se na altura moral necessária, o diretor dispensará a todos os componentes de conjunto a atenção e o carinho idênticos àqueles que um professor reto e nobre cultiva perante os alunos e, como se erguerá, perante os instrutores Espirituais, na posição de médium esclarecedor mais responsável, designará dois a três companheiros, sob a orientação dele próprio, a fim de que se lhe façam assessores em serviço e o substituam nos impedimentos justificados.

14. Pontualidade. Pontualidade – tema essencial no cotidiano, disciplina da vida. Administrações não respeitam funcionários relapsos. Em casa, estimamos nos familiares os compromissos em dia, os deveres executados com exatidão. Habitualmente não falhamos no horário marcado pelas personalidades importantes do mundo, a fim de corresponder-lhes ao apreço. A entrevista com um industrial... A fala com um Ministro de Estado... Nas lides da desobsessão, é forçoso entender que benfeitores espirituais e amigos outros desencarnados se deslocam de obrigações graves da Vida Superior, a fim de assistir-nos e socorrer-nos. Pontualidade é sempre dever, mas na desobsessão assume caráter solene. Não haja falha de serviço por nossa causa. Não se pode esquecer que o fracasso, na maioria das vezes, é o produto infeliz dos retardatários e dos ausentes. A hora de início das tarefas precisa mostrar-se austera, entendendo-se que o instante do encerramento é variável na pauta das circunstâncias. Aconselhável se feche, disciplinarmente, a porta de entrada, 15 minutos antes do horário marcado para a abertura da reunião, tempo esse que será empregado na leitura preparatória. **15. Mobiliário para os trabalhos.** O mobiliário no recinto dedicado à desobsessão não apenas necessita estar escoimado de objetos e apetrechos que recordem rituais e amuletos, símbolos e ídolos de qualquer espécie, mas também deve ser integrado por peças simples e resistentes. A mesa deve ser sólida e as cadeiras talhadas em madeira, lembrando, sem adornos desnecessários, a austeridade de uma família respeitável. Se tivermos de acrescentar algo, aditemos dois bancos, igualmente de madeira, para visitas casuais ou para o socorro magnético a esse ou àquele companheiro do grupo quando necessite de passe, a distância do círculo formado em comunhão de pensamento. Evitarmos tapetes, jarros, telas e enfeites outros, porquanto o recinto é consagrado, além de tudo, ao alívio de Espíritos sofredores ou alienados mentais autênticos, necessitados de ambiente limpo e simples, capaz de auxiliá-los a esquecer ilusões ou experiências menos felizes vividas na Terra. **16. Cadeiras.** As cadeiras para a reunião merecem apontamentos particulares. Evite-se o uso de poltronas que sugiram a sêsta, como também o emprego de móveis desprovidos de qualquer anteparo, à feição de tamboretas que imponham desconforto. Utilizemo-nos de cadeiras,

pesadas na constituição, para frustrar os impulsos de queda ou de agitação excessiva, habituais nos médiuns em transe, mas construídas em estilo singelo, com o espaldar amplo e alto que suporte com firmeza os seareiros empenhados no socorro espiritual aos irmãos perturbados, além do plano físico. Evitem-se as cadeiras desconjuntadas ou ragedoras que só ruídos desnecessários e perturbações outras provocam no ambiente. **17. Iluminação.** A iluminação no recinto será, sem dúvida, aquela de potencialidade normal, na fase preparatória das tarefas, favorecendo vistorias e leituras. Contudo, antes da prece inicial, o dirigente da reunião graduará a luz no recinto, fixando-a em uma ou duas lâmpadas, preferivelmente vermelhas, de capacidade fraca, 15 watts, por exemplo, de vez que a projeção de raios demasiado intensos sobre o conjunto prejudica a formação de medidas socorristas, mentalizadas e dirigidas pelos instrutores espirituais, diretamente responsáveis pelo serviço assistencial em andamento, com apoio nos recursos medianímicos da equipe. As lâmpadas devem ser situadas à distância da mesa dos trabalhos para se evitarem acidentes. Nas localidades não favorecidas pela energia elétrica, o orientador da reunião diminuirá no recinto o teor da luz empregada. **18. Isolamento hospitalar.** A desobsessão abrange em si obra hospitalar das mais sérias. Compreenda-se que o espaço a ela destinado, entre quatro paredes, guarda a importância de uma enfermaria, com recursos adjacentes da Espiritualidade Maior para tratamento e socorro das mentes desencarnadas, ainda conturbadas ou infelizes. Arrede-se da desobsessão qualquer sentido de curiosidade intempestiva ou de formação espetacular. Coloquemo-nos no lugar dos desencarnados em desequilíbrio e entenderemos, de pronto, a importância da presença de qualquer pessoa estranha a obra assistencial dessa natureza. O amparo e o esclarecimento aos Espíritos dementados ou sofrendores é serviço para quem possa compreendê-los e amá-los, respeitando-lhes a dor. Daí nasce o impositivo de absoluto isolamento hospitalar para o recinto dedicado a semelhantes serviços de socorro e esclarecimento, entendendo-se, desse modo, que a desobsessão, tanto quanto possível, deve ser praticada de preferência no templo espírita, ao invés de ambientes outros, de caráter particular. Nesse sentido, é importante que os obreiros da desobsessão, notadamente os médiuns psicofônicos e os médiuns esclarecedores, visitem os hospitais e casas destinadas à segregação de determinados enfermos, para compreenderem com segurança o imperativo de respeitosa cautela no trato com os Espíritos revoltados e desditosos. **19. Aparelhos elétricos.** Os aparelhos elétricos, no recinto, quando a desobsessão seja efetuada em lugar capaz de utilizá-los, devem ser restritos a uma lanterna elétrica, destinada a serventia eventual, e,

quando seja possível, a um aparelho para gravação de vozes das entidades, notadamente aquelas que se caracterizam por manifestações construtivas, para que se lhes fixem os ensinamentos ou experiências com objetivo de estudo. Repitamos que o grupo apenas usará o aparelho para gravação de vozes, quando semelhante medida esteja em suas possibilidades, sem que isso seja fator essencial e inadiável à realização do programa em pauta. O dirigente da reunião ou o companheiro indicado para o manejo desses engenhos precisa, porém, estar atento, verificando-lhes o estado e o funcionamento antes das atividades da equipe, prevenindo quaisquer necessidades, de maneira a evitar aborrecimentos e atropelos de última hora.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 9 a 19)

“20. Componentes da reunião. Os componentes da reunião, que nunca excederão o número de quatorze, conservem, acima de tudo, elevação de pensamentos e correção de atitudes, antes, durante e depois de cada tarefa. Nenhuma preocupação com paramentos ou vestes especiais. Compenetrem-se de que se acham no recinto exercendo fraternalmente um mandato de confiança. Na Doutrina Espírita não há lugar para fé cega. Evitem-se, no entanto, no ambiente da desobsessão, pesquisas ociosas e vãs indagações, críticas e expectativas insensatas. Todos os componentes da equipe assumirão funções específicas. Num grupo de 14 integrantes, por exemplo, trabalharão 2 a 4 médiuns esclarecedores; 2 a 4 médiuns passistas e 4 a 6 médiuns psicofônicos. Os médiuns esclarecedores e passistas, além dos deveres específicos que se lhes assinala, servirão, ainda, na condição de elementos positivos de proteção e segurança para os médiuns psicofônicos, sempre que estes forem mobilizados em serviço. Imprescindível reconhecer que todos os participantes do conjunto são equiparáveis a pilhas fluídicas ou lâmpadas, que estarão sensibilizadas ou não para os efeitos da energia ou da luz que se lhes pede em auxílio dos que jazem na sombra de espírito. Daí o imperativo do teor vibratório elevado nos componentes da reunião, a fim de que os doentes da alma se reaqueçam para o retorno ao equilíbrio e ao discernimento. Os componentes encarnados da reunião não se rendam ao sono nas tarefas dedicadas à desobsessão, para se evitarem desdobramentos desnecessários da personalidade, cabendo-nos salientar igualmente que nas realizações dessa natureza não devem comparecer quaisquer outras demonstrações ou experiências de mediunidade. **21. Visitantes.** O serviço de desobsessão não é um departamento de trabalho para cortesias sociais que, embora respeitáveis, não se compadecem com a enfermagem espiritual a ser desenvolvida, a benefício de irmãos desencarnados que amargas dificuldades atormentam. Ainda assim, há casos em que companheiros da construção espírita- cristã,

quando solicitem permissão para isso, podem ter acesso ao serviço, em caráter de observação construtiva; entretanto, é forçoso preservar o cuidado de não os acolher em grande número para que o clima vibratório da reunião não venha a sofrer mudanças inoportunas. Essas visitas, no entanto, devem ser recebidas apenas de raro em raro e em circunstâncias realmente aceitáveis no plano dos trabalhos de desobsessão, principalmente quando objetivem a fundação de atividades congêneres. E antes da admissão necessária é imperioso que os mentores espirituais do grupo sejam previamente consultados, por respeito justo às responsabilidades que abraçam, em favor da equipe, muito embora saibamos que a orientação das atividades espíritas vigora na própria Doutrina Espírita e não no arbítrio dos amigos desencarnados, mesmo aqueles que testemunhem elevada condição. Compreende-se que os visitantes não necessitem de comparecimento que exceda de 3 a 4 reuniões. **22. Ausência justificada.** Frequentemente, surge o caso da impossibilidade absoluta de comparecimento desse ou daquele companheiro às atividades predeterminadas. Uma viagem rigorosamente inadiável... Um problema caseiro de grave expressão... Exigência profissional inopinada... Enfermidade súbita... Que o amigo numa situação assim não olvide o compromisso em que se acha incurso na obra de desobsessão e expeça um aviso direto, sempre que possível com antecedência mesmo de horas ou minutos, ao dirigente da reunião, justificando a ausência, para evitar indisciplinas que ocorrerão fatalmente, no campo mental do grupo, através de apreensões e considerações descabidas. De qualquer modo, ainda mesmo com número reduzido de participantes, a reunião pode ser efetuada. **23. Chegada inesperada de doente.** Em algumas ocasiões aparece um problema súbito: a chegada de enfermos ou de obsidiados sem aviso prévio, sejam adultos ou crianças. Necessário que o discernimento do conjunto funcione, ativo. Na maioria dos acontecimentos dessa ordem, o doente e os acompanhantes podem ser admitidos por momentos rápidos, na fase preparatória dos serviços programados, recebendo passes e orientação para que se dirijam a órgãos de assistência ou doutrinação competentes, trabalho esse que será executado pelos componentes que o diretor da reunião designará. Findo o socorro breve, retirar-se-ão do recinto. Nesses casos se enquadram igualmente os obsessos apenas influenciados ou fixados em fase inicial de perturbação, para os quais o contato com os comunicantes, menos felizes ou francamente conturbados, sem a devida preparação, é sempre inconveniente ou prejudicial, pela suscetibilidade e pelas sugestões negativas que apresentam na semilucidez em que se encontram. Diante, porém,

dos processos da obsessão indiscutivelmente instalada, o grupo deve e pode acolher o obsidiado e seus acompanhantes, acomodando-os no banco ou nas cadeiras, colocados à retaguarda, onde receberão a assistência precisa. **24. Médiuns esclarecedores.**¹⁰ Na equipe em serviço, os médiuns esclarecedores, mantidos sob a condução e inspiração dos Benfeitores Espirituais, são os orientadores da enfermagem ou da assistência aos sofredores desencarnados. Constituídos pelo dirigente do grupo e seus assessores, são eles que os instrutores da Vida Maior utilizam em sentido direto para o ensinamento ou o socorro necessário. Naturalmente que a esses companheiros compete um dos setores mais importantes da reunião. Vejamos alguns dos itens do trabalho fundamental que se lhes assinala: 1. Guardarem atenção no campo intuitivo, a fim de registrarem, com segurança, as sugestões e os pensamentos dos benfeitores espirituais que comandam as reuniões; 2. Tocar no corpo do médium em transe somente quando necessário; 3. Estudar os casos de obsessão, surgidos na equipe de médiuns psicofônicos, que devam ser tratados na órbita da psiquiatria, a fim de que a assistência médica seja tomada na medida aconselhável; 4. Cultivar o tato psicológico, evitando atitudes ou palavras violentas, mas fugindo da doçura sistemática que anestesia a mente sem renová-la, na convicção de que é preciso aliar raciocínio e sentimento, compaixão e lógica, a fim de que a aplicação do socorro verbalista alcance o máximo rendimento; 5. Impedir a presença de crianças nas tarefas da desobsessão. Outros aspectos de suas funções são lembrados nos capítulos 13 e 32 a 37. **25. Equipe mediúnica: Psicofônicos.** Na obra da desobsessão, os médiuns psicofônicos são aqueles chamados a emprestar recursos fisiológicos aos sofredores desencarnados para que estes sejam socorridos. Deles se pede atitude de fé positiva, baseada na certeza de que a Espiritualidade Superior lhes acompanha o trabalho em moldes de zelo e supervisão. Compreendendo que ninguém é chamado por acaso a tarefa de tamanha envergadura moral, verificarão facilmente que, da passividade construtiva que demonstrem, depende o êxito da empreitada de luz e libertação em que foram admitidos. Atentos à função especial de colaboradores e medianeiros em que se acham situados, é justo se lhes rogue o cuidado para alguns pontos julgados essenciais ao êxito e à segurança da atividade que se lhes atribui: 1. Desenvolvimento da autocrítica; 2. Aceitação dos próprios erros, em trabalho medianímico, para que se lhes apure a capacidade de transmissão; 3. Reconhecimento de que o médium é o responsável pela comunicação que transmite; 4. Abstenção de melindres ante apontamentos dos esclarecedores ou dos companheiros,

10 Em outros capítulos da obra, os “médiuns esclarecedores” também são designados por “doutrinadores”.

aproveitando observações e avisos para melhorar-se em serviço; 5. Fixação num só grupo, evitando as inconveniências do compromisso de desobsessão em várias equipes ao mesmo tempo; 6. Domínio completo sobre si próprio, para aceitar ou não a influência dos Espíritos desencarnados, inclusive reprimir todas as expressões e palavras obscenas ou injuriosas, que essa ou aquela entidade queira pronunciar por seu intermediário; 7. Interesse real na melhoria das próprias condições de sentimento e cultura; 8. Defesa permanente contra bajulações e elogios, conquanto saiba agradecer o estímulo e a amizade de quantos lhes incentivem o coração ao cumprimento do dever; 9. Discernimento natural da qualidade dos Espíritos que lhes procurem as faculdades, seja pelas impressões de presença, linguagem, eflúvios magnéticos, seja pela conduta geral; 10. Uso do vestuário que lhes seja mais cômodo para a tarefa, alijando, porém, os objetos que costumem trazer jungidos ao corpo, como sejam relógios, canetas, óculos e joias. **26. Equipe mediúnica: Passistas.** Entre os seareiros do bem que integram o conjunto, destaca-se, como sendo de particular valimento, a colaboração dos médiuns passistas, que permanecerão atentos ao concurso eventual que se lhes peça, no transcurso da reunião. Diligência e devotamento. Vigilância e espontaneidade. Agora é um problema que irrompe entre os próprios colegas de atividade; em seguida, um que outro médium psicofônico possivelmente caído em exaustão; depois, o pedido de auxílio para esse ou aquele dos assistentes a lhes solicitarem concurso, e, por fim, a assistência de rotina, na fase terminal do trabalho. Os medianeiros do passe traçarão a si mesmos as disciplinas aconselháveis em matéria de alimentação e adestramento, a fim de corresponderem plenamente ao trabalho organizado para o grupo em sua edificação assistencial, entendendo-se que os médiuns esclarecedores, se necessário, acumularão também as funções de médiuns passistas, mas não a de psicofônicos, de modo a não se deixarem influenciar por Espíritos enfermos.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 20 a 26)

“27. Livros para leitura. Os livros para leitura preparatória no grupo serão, de preferência: 1. “O Evangelho segundo o Espiritismo”; 2. “O Livro dos Espíritos”; 3. Uma obra subsidiária que comente os princípios kardequianos à luz dos ensinamentos do Cristo. Bastarão esses recursos, porquanto neles sintonizar-se-ão os assistentes no mesmo padrão de pensamento, em torno dos temas vitais do Espiritismo Cristão, compondo clima vibratório adequado ao trabalho em mira. “O Livro dos Médiuns” e obras técnicas correlatas não devem ser lidos nas reuniões de desobsessão, mas sim em oportunidades adequadas, referidas nos capítulos 66 e 72. **28. Leitura preparatória.** A leitura preparatória, que não ultrapassará o tempo-limite

de 15 minutos, constituir-se-á, preferentemente, de um dos itens de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, seguindo-se-lhe uma das questões de “O Livro dos Espíritos”, com um trecho de um dos livros de comentários evangélicos, em torno da obra de Allan Kardec. Efetuada a leitura, o dirigente retirará os livros de sobre a mesa, situando-os em lugar próprio. O contato com o ensino espírita, antes do intercâmbio com os irmãos desencarnados, ainda sofredores, dispõe o ambiente à edificação moral, favorecendo a integração vibratória do grupo para o socorro fraterno a ser desenvolvido. O conjunto evitará entretecer comentários ao redor dos temas expostos, atento que precisa estar em uníssono, à recepção das entidades enfermas em expectativa, quase sempre aguardando alívio com angustiosa ansiedade. Repitamos, assim: o dirigente providenciará a leitura, aproximadamente quinze minutos antes do momento marcado para o início do intercâmbio, pronunciando a prece de abertura, depois de lida a página última, com o que se iniciarão, para logo, as tarefas programadas. **29. Prece inicial.** Sobrevindo o momento exato em que a reunião terá começo, o orientador diminuirá o teor da iluminação e tomará a palavra, formulando a prece inicial. Cogitará, porém, de ser preciso, não se alongando além de dois minutos. Há quem prefira a oração decorada; todavia, é aconselhável que o dirigente ore com suas próprias palavras, envolvendo a equipe nos sentimentos que lhe fluem da alma. A prece, nessas circunstâncias, pede o mínimo de tempo, de vez que há entidades em agoniada espera de socorro, à feição do doente desesperado, reclamando medicação substancial. Em diversas circunstâncias, acham-se ligadas desde muitas horas antes à mente do médium psicofônico, alterando-lhe o psiquismo e até mesmo a vida orgânica, motivo pelo qual o socorro direto não deve sofrer dilação.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 27 a 29)

“30. Manifestação inicial do mentor. Feita a oração inicial, o dirigente e a equipe mediúnica esperarão que o mentor espiritual do grupo se manifeste pelo médium psicofônico indicado. Essa medida é necessária, porquanto existem situações e problemas estritamente relacionados com a ordem doutrinária do serviço, apenas visíveis a ele; sendo assim, o amigo espiritual, na condição de condutor do agrupamento perante a Vida Maior precisará dirigir-se ao conjunto, lembrando minudências e respondendo a alguma consulta ocasional que o dirigente lhe queira fazer, transmitindo algum aviso ou propondo determinadas medidas. Esse entendimento, no limiar do programa de trabalho a executar-se, é indispensável à harmonização dos agentes e fatores de serviço, ainda mesmo que o mentor se utilize do medianeiro tão só para uma simples oração que, evidentemente, significará tranquilidade em todos os setores da instrumentação.

31. Consultas ao mentor. Começada a reunião, o dirigente, por vezes, tem necessidade de ouvir o mentor espiritual para o exame de assuntos determinados. Frequentemente, é um amigo que deseja acesso à reunião e que não pode ser acolhido sem a consulta necessária; de outras, é a localização mais aconselhável para as visitas que venham a ocorrer, é a ministração de socorro medicamentoso ou magnético a esse ou aquele companheiro que se mostre subitamente necessitado de assistência, é a pergunta inevitável e justa em derredor de problemas que sobrevenham no mecanismo da equipe, ou o pedido de cooperação em casos imprevisíveis. Nessas circunstâncias, o dirigente esperará que o mentor finalize a pequena instrução de início, através do médium responsável, e formulará as indagações que considere inevitáveis e oportunas. **32. Manifestação de enfermo espiritual (1).** As manifestações de enfermos espirituais irão até o limite de uma hora a uma hora e meia, na totalidade delas, para que a reunião perdure no máximo por duas horas, excluía a leitura inicial. O Espírito desencarnado em condição de desequilíbrio e sofrimento utiliza o médium psicofônico (ou mais propriamente, o médium de incorporação), com as deficiências e angústias de que é portador, exigindo a conjugação de bondade e segurança, humildade e vigilância no companheiro que lhe dirige a palavra. Natural venhamos a compreender no visitante dessa qualidade um doente, para quem cada frase precisa ser medicamento e bálsamo. Claro que não será possível concordar com todas as exigências que formule; no entanto, não é justo reclamar-lhe entendimento normal de que se acha ainda talvez longe de possuir. Entendamos cada Espírito sofredor qual se nos fosse um familiar extremamente querido, e acertaremos com a porta íntima, através da qual lhe falaremos ao coração. Neste e nos próximos capítulos são indicadas algumas atitudes naturais dos médiuns psicofônicos em transe. **33. Manifestação de enfermo espiritual (2).** Os médiuns esclarecedores, pelo que ouçam do manifestante necessitado, deduzam qual o sexo a que ele tenha pertencido, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal; analisem, sem espírito de censura ou de escândalo, os problemas de animismo ou mistificação inconsciente que porventura venham a surgir, realizando o possível para esclarecer, com paciência e caridade, os médiuns e os desencarnados envolvidos nesses processos de manifestações obscuras, agindo na equipe com o senso de quem retira criteriosamente um desajuste do corpo sem comprometer as demais peças orgânicas; anulem qualquer intento de discussão ou desafio com entidades comunicantes, dando mesmo razão, algumas vezes, aos Espíritos infelizes e obsessores, reconhecendo que nem sempre a desobsessão real consiste em desfazer o processo obsessivo, de

imediatos, de vez que, em casos diversos, a separação de obsidiado e obsessão deve ser praticada lentamente; e pratiquem a hipnose construtiva, quando necessário, no ânimo dos Espíritos sofredores comunicantes, quer usando a sonoterapia para entregá-los à direção e ao tratamento dos instrutores espirituais presentes, efetuando a projeção de quadros mentais proveitosos ao esclarecimento, improvisando ideias providenciais do ponto de vista de reeducação, quer sugerindo a produção e ministração de medicamentos ou recursos de contenção em favor dos desencarnados que se mostrem menos acessíveis à enfermagem do grupo.

34. Manifestação de enfermo espiritual (3). No curso do trabalho mediúnico, os esclarecedores não devem constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, repetindo ordens e sugestões nesse sentido, atentos ao preceito de espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio. Os esclarecedores permitirão aos Espíritos sofredores que se expressem pelos médiuns psicofônicos tanto quanto possível, em matéria de desinibição ou desabafo, desde que a integridade dos médiuns e a dignidade do recinto sejam respeitadas, considerando, porém, que as manifestações devem obedecer às disciplinas de tempo. Os médiuns, sejam eles esclarecedores ou psicofônicos, sustentarão o máximo cuidado para não prejudicarem as atividades espirituais que lhes competem. Alimentando dúvidas e atitudes suspeitosas, inconciliáveis com a obra de caridade que se dispõem a prestar, muitas vezes põem a perder excelentes serviços de desobsessão, por favorecerem a intromissão de Inteligências perversas. Os médiuns de qualquer grupo de desobsessão, como, aliás, acontece a todo espírito, são chamados a honrar sempre e cada vez mais as obrigações de família e profissão, abstenendo-se de todas as manifestações e atitudes suscetíveis de induzi-los a cair em profissionalismo religioso. Compreendam os dirigentes e seus assessores que o esclarecimento aos desencarnados sofredores é semelhante à psicoterapia e que a reunião é tratamento em grupo, cabendo-lhes, quando e quanto possível, a aplicação dos métodos evangélicos. Observando, ainda, que a parte essencial no entendimento é atingir o centro de interesse do Espírito preso a ideias fixas, para que se lhes descongestione o campo mental, devem abster-se, desse modo, de qualquer discurso ou divagação desnecessária. **5. Manifestação de enfermo espiritual (4).** Convém observar que há médiuns psicofônicos para quem os Amigos Espirituais designam determinados tipos de manifestantes que lhes correspondam às tendências, caracteres, formação moral e cultural, especializando-lhes as possibilidades mediúnicas. Urge não confundir esse imperativo do trabalho de intercâmbio com o chamado animismo ou supostas mistificações inconscientes. **36. Manifestação de enfermo espiritual**

(5). Os médiuns esclarecedores permanecerão atentos aos característicos dos manifestantes em desequilíbrio, de vez que entre estes se encontram, frequentemente, sofrendores que comparecem pela primeira vez, bem como os reincidentes sistemáticos, os companheiros infelizes do pretérito alusivo aos integrantes da reunião e recém desencarnados em desorientação franca, os suicidas e homicidas, os casos de zoantropia e de loucura, os malfeitores trazidos à desobsessão para corrigendas e os irmãos tocados de exotismos por terem desencarnado recentemente em terras estrangeiras, as inteligências detidas no sarcasmo e na galhofa, os vampirizadores conscientes e inconscientes interessados na ocultação da verdade, e toda uma extensa família de Espíritos necessitados, nos vários graus de sombra e sofrimento que assinalam a escala da ignorância e da crueldade. Imperioso observar que todos são carecedores de compreensão e tratamento adequados, cada qual na dor ou no problema em que se exprimem, exigindo paciência, entendimento, socorro e devotamento fraternais. Desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a que se propõe sem as fontes profundas do sentimento.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 30 a 36)

“37. Esclarecimento. O dirigente do grupo, que contará habitualmente com dois ou três assessores em exercício para o trabalho do esclarecimento e do amparo reeducativo aos sofrendores desencarnados, assumirá o comando da palavra, seja falando diretamente com os irmãos menos felizes, através dos médiuns psicofônicos, seja indicando para isso um dos auxiliares. A conversação será vazada em termos claros e lógicos, mas na base da edificação, sem qualquer toque de impaciência ou despreço ao comunicante, mesmo que haja motivos de indução ao azedume ou à hilaridade. O esclarecimento não será, todavia, longo em demasia, compreendendo-se que há determinações de horário e que outros casos requisitam atendimento. A palestra reeducativa, ressalvadas as situações excepcionais, não perdurará, assim, além de dez minutos. Se o comunicante perturbado procurar fixar-se no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o diretor ou o auxiliar em serviço solicitará a cooperação dos benfeitores espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência de organizações espirituais adequadas a isso. Nesse caso, a hipnose benéfica será utilizada, a fim de que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado, amparando-se-lhe o afastamento da cela mediúnica, à maneira do enfermo desesperado da Terra a quem se administra a dose calmante para que se ponha mais facilmente sob o tratamento preciso. **38. Cooperação mental.** Enquanto persista o esclarecimento endereçado ao sofrendor desencarnado, é imperioso que os assistentes se mantenham em

harmoniosa união de pensamentos, oferecendo base às afirmativas do dirigente ou do assessor que retenha eventualmente a palavra. Não lhes perpassasse qualquer ideia de censura ou de crueldade, ironia ou escândalo. Tanto o amigo que orienta o irmão infortunado quanto os companheiros que o escutam abrigarão na alma a simpatia e a solidariedade, como se estivessem socorrendo um parente dos mais queridos, para que o necessitado encontre apoio real no socorro que lhe seja ministrado. Forçoso compreender que, de outro modo, o serviço assistencial enfrentaria perturbações inevitáveis, pela ausência do concurso mental imprescindível. O dirigente assumirá a iniciativa de qualquer apelo à cooperação mental, no momento em que a providência se mostre precisa, e ativará o ânimo dos companheiros que, porventura, se revelem desatentos ou entorpecidos, desde que o conjunto em ação é comparável a um dínamo em cujas engrenagens a corrente mental do amparo fraterno necessita circular equilibradamente na prestação de serviço. **39. Manifestações simultâneas (1).** Os médiuns psicofônicos, muito embora por vezes se vejam pressionados por entidades em aflição, cujas dores ignoradas lhes percutem nas fibras mais íntimas, educar-se-ão, devidamente, para só oferecer passividade ou campo de manifestação aos desencarnados inquietos quando o clima da reunião lhes permita o concurso na equipe em atividade. Isso, porque, na reunião, é desaconselhável se verifique o esclarecimento simultâneo a mais de duas entidades carecentes de auxílio, para que a ordem seja naturalmente assegurada. Ainda quando o sensitivo tenha as suas faculdades assinaladas por avançado sonambulismo, deve e pode exercitar o autodomínio, afeiçoando-se à observação e ao estudo, a fim de colaborar na vigilância precisa, desincumbindo-se, com segurança, do encargo da enfermagem espiritual que lhe é atribuído. **40. Manifestações simultâneas (2).** Só se devem permitir, a cada médium, duas passividades por reunião, eliminando com isso maiores dispêndios de energia e manifestações sucessivas ou encadeadas, inconvenientes sob vários aspectos. Em todas as circunstâncias, o médium a serviço da desobsessão não se pode alhear da equipe em que funciona, conservando a convicção de que dentro dela assemelha-se a um órgão no corpo, e que precisa estar no lugar que lhe é próprio para que haja equilíbrio e produção no conjunto. **41. Interferência do benfeitor.** Em algumas ocasiões, tarefa em meio, aparece um ou outro desencarnado em condições de quase absoluto empedernimento. Tal desequilíbrio da entidade pode coincidir com algum momento infeliz da mente mediúnica, estabelecendo desarmonia maior. O fenômeno é suscetível de raiar na inconveniência. Assim sendo, o mentor espiritual, se considerar oportuno, ocupará espontaneamente o médium responsável e partilhará o serviço

do esclarecimento, dirigindo-se ao comunicante ou ao médium que o expõe, ficando, por outro lado, o dirigente com a possibilidade de recorrer à intervenção do orientador referido, se julgar necessário, rogando-lhe a manifestação pelo psicofônico indicado, a fim de sanar o contratempo. **42. Atitude dos médiuns (1).** O médium de incorporação, como também o médium esclarecedor, não podem esquecer, em circunstância alguma, que a entidade perturbada se encontra, para eles, na situação de um doente ante o enfermeiro. No socorro espiritual, os benfeitores e amigos das Esferas Superiores, tanto quanto os companheiros encarnados, quais o diretor da reunião e seus assessores que manejam o verbo educativo, funcionam lembrando autoridades competentes no trabalho curativo, mas o médium é o enfermeiro convocado a controlar o doente, quanto lhe seja possível, impedindo a este último manifestações tumultuárias e palavras obscenas. O médium psicofônico deve preparar-se dignamente para a função que exerce, reconhecendo que não se acha dentro dela à maneira de fantoche, manobrado integralmente ao sabor das Inteligências desencarnadas, mas sim na posição de intérprete e enfermeiro, capaz de auxiliar, até certo ponto, na contenção e na reeducação dos Espíritos rebeldes que recalcitram no mal, a fim de que o dirigente se sinta fortalecido em sua ação edificante e para que a equipe demonstre o máximo de rendimento no trabalho assistencial. **43. Atitude dos médiuns (2).** Ainda mesmo quando o médium é absolutamente sonâmbulo, incapaz de guardar lembranças posteriores ao socorro efetuado, semidesligado de seus implementos físicos dispõe de recursos para governar os sentidos corpóreos de que o Espírito comunicante se utiliza, capacitando-se, por isso, com o auxílio dos instrutores espirituais, a controlar devidamente as manifestações. Não se diga que isso é impossível. Desobsessão é obra de reequilíbrio, refazimento, nunca de agitação e teatralidade. Nesse sentido, vale recordar que há médium de incorporação normal e médium de incorporação ainda obsidiado. E sempre que o médium, dessa ou daquela espécie, se mostre obsidiado, necessita de socorro espiritual, através de esclarecimento, emparelhando-se com as entidades perturbadas carecentes de auxílio. Realmente, em casos determinados, o mediano da psicofonia não pode governar todos os impulsos destrambelhados da Inteligência desencarnada que se comunica na reunião, como nem sempre o enfermeiro logra impedir todas as extravagâncias da pessoa acamada; contudo, mesmo nessas ocasiões especiais, o médium integrado em suas responsabilidades dispõe de recursos para cooperar no socorro espiritual em andamento, reduzindo as inconveniências ao mínimo.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 37 a 43)

“44. Mal-estar imprevisto do médium. Todo serviço na Terra prevê a possibilidade de falhas compreensíveis. O automóvel, comumente, sofre perturbações em determinados implementos, a meio da viagem. Um tear interrompe a tecelagem pela exaustão de uma peça. Na desobsessão, o mal-estar é suscetível de sobrevir num médium ou num dos colaboradores em ação, principalmente no que tange a uma crise orgânica francamente imprevista. Verificado o incidente, o companheiro ou a irmã necessitada de assistência permanecerá fora do círculo em atividade, recolhendo o amparo espiritual do ambiente, quando o mal-estar não seja de molde a se lhe aconselhar o recolhimento imediato em casa. **45. Educação mediúnica (1).** Evite o médium as posições de desmazelo na acomodação entre os companheiros, quando se ache sob a influência ou presença dos desencarnados em desequilíbrio, e controle as expressões verbais, empenhando-se em cooperar na administração do benefício aos Espíritos sofredores, frustrando a produção de gritos e a enunciação de palavras torpes. Não olvidem os medianeiros que o recinto empregado nos serviços da desobsessão é comparável à intimidade respeitável de um hospital. **46. Educação mediúnica (2).** Os medianeiros psicofônicos nunca admitam tanto descontrole que cheguem ao ponto de derribar móveis ou quaisquer objetos, tumultuando o ambiente. Lembrem-se de que não se encontram à revelia das manifestações menos felizes que venham a ocorrer. Benfeitores desencarnados estão a postos, na reunião, sustentando a harmonia da casa, e resguardarão as forças de todos os médiuns em serviço para que se desincumbam com limpeza e dignidade das obrigações que lhes assistem. **47. Educação mediúnica (3).** Atitude positivamente desaconselhável é a de permitir que comunicantes enfermos ensaiem qualquer impulso de agressão. **48. Educação mediúnica (4).** Dever inadiável impedir que os manifestantes doentes subvertam a ordem com pancadas e ruídos que os médiuns psicofônicos conseguem facilmente frustrar. **49. Educação mediúnica (5).** Os médiuns psicofônicos evitem a todo custo, em qualquer período da reunião, vergar a cabeça sobre os braços. Essa atitude favorece o sono, desarticula a cooperação mental e propicia ensejo a fácil hipnose por parte de enfermos desencarnados. **50. Interferência de enfermo espiritual.** No curso da manifestação de determinado Espírito menos feliz, é possível a interferência de outra entidade desditosa ou perturbada que compareça, arrebatadamente, por intermédio desse ou daquele médium psicofônico ainda fracamente habilitado ao controle de si próprio. Em alguns lances da desobsessão, o Espírito que interfere chega mesmo a provocar elementos outros do conjunto, citando-os de forma nominal para que se estabeleçam conversações marginais sem nenhum

interesse para o esclarecimento. O dirigente tomará providências imediatas para que se evite desarmonia ou tumulto, designando sem delonga o assessor que se incumbirá da necessária solução ao problema, a fim de que a interferência não degenere em perturbação, comprometendo a ordem e a segurança do esforço geral.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 44 a 50)

“51. Radiações. Rogando aos companheiros reunidos vibrações de amor e tranquilidade para os que sofrem, o diretor do grupo, terminadas as tarefas da desobsessão propriamente ditas, suspenderá a palavra, pelo tempo aproximado de dois a quatro minutos, a fim de que ele mesmo e os integrantes do círculo formem correntes mentais com as melhores ideias que sejam capazes de articular, seja pela prece silenciosa, seja pela imaginação edificante. Todo pensamento é onda de força criativa e os pensamentos de paz e fraternidade, emitidos pelo grupo, constituirão adequado clima de radiações benfazejas, facultando aos amigos espirituais presentes os recursos precisos à formação de socorros diversos, em benefício dos companheiros que integram o círculo, dos desencarnados atendidos e de irmãos outros, necessitados de amparo espiritual a distância. Um dos componentes da equipe, nomeado pelo diretor do conjunto, pode articular uma prece em voz alta, lembrando, na oração, os enfermos espirituais que se comunicaram, os desencarnados que participaram silenciosamente da reunião, os doentes dos hospitais e os irmãos carecentes de socorro e de alívio, internados em casas assistenciais e instituições congêneres. **52. Passes.** Os médiuns passistas, logo que o conjunto entre no silêncio necessário às radiações, segundo as instruções traçadas pelo dirigente, se deslocarão dos lugares que lhes sejam habituais e, conquanto se mantenham no trabalho íntimo das ideias construtivas, para auxiliarem no apoio vibratório aos sofrendores, atenderão aos passes, ministrando-os a todos os componentes do grupo, sejam médiuns ou não. Semelhante prática deve ser observada regularmente, de vez que o serviço de desobsessão pede energias de todos os presentes e os instrutores espirituais estão prontos a repor os dispêndios de força havidos, através dos instrumentos do auxílio magnético que se dispõem a servi-los, sem ruídos desnecessários, de modo a não quebrarem a paz e a respeitabilidade do recinto. Fora dos momentos normais, os médiuns passistas atenderão aos companheiros necessitados de auxílio tão só nos casos de exceção, respeitando com austeridade disposições estabelecidas, de modo a não favorecerem caprichos e indisciplinas. **53. Imprevistos.** O grupo deve contar com imprevistos. Existem aqueles de natureza externa a que não se pode dar atenção, quais sejam chamamentos inoportunos de pessoas incapacitadas ainda para compreender a gravidade do trabalho socorrista que a desobsessão

desenvolve, batidas à porta já cerrada, por irmãos do círculo, iniciantes e retardatários, ainda não afeitos à disciplina, ruídos festivos da vizinhança e barulhos outros, produzidos vulgarmente por insetos, animais, viaturas, etc. Há, porém, os embaraços no campo interno da reunião, dentre os quais se destacam a luz apagada de chofre ou o mal-estar súbito de alguém. Nesses casos, o dirigente da casa tomará providências imediatas para que os problemas em curso se façam compreensivelmente atendidos. **54. Manifestação final do mentor.** Aproximando-se o horário de encerramento, o dirigente da reunião, depois de verificar que todos os assuntos estão em ordem, tomará a palavra, explicando que as atividades se acham na fase terminal, solicitando aos presentes pensamentos de paz e reconforto, notadamente a benefício dos sofrendores. Em seguida, recomendará aos médiuns passistas atenderem ao encargo que lhes compete e solicitará da assembleia a continuidade da atenção e do silêncio, para que o médium indicado observe se o orientador espiritual da reunião ou algum outro instrutor desencarnado deseja transmitir aviso ou anotação edificante para estudo e meditação do agrupamento. Se a casa dispõe de aparelho gravador, é importante que a máquina esteja convenientemente preparada e em condições de fixar a palavra provável do comunicante amigo. Na hipótese de verificar que o orientador desencarnado não deseja trazer nenhum aviso ou instrução, o médium indicado dará ciência disso ao dirigente, a fim de que ele profira a prece final e, em seguida, declare encerrada a reunião. **55. Gravação da mensagem.** O diretor da reunião, se existe no grupo a possibilidade de gravação da mensagem final, que possa servir na edificação comum, não se alheará do trabalho dessa natureza, conquanto designe esse ou aquele companheiro para auxiliá-lo. Responsabilizar-se-á diretamente pelo material de que os benfeitores espirituais se utilizarão, fazendo-se zelador atencioso do aparelho gravador e dos respectivos implementos, compreendendo que os serviços programados para cada reunião devem ser executados sem atropelos ou omissões. O grupo ouvirá atenciosamente a palavra do comunicante amigo, seja ele o orientador da casa ou algum benfeitor recomendado por ele. Frequentemente, o visitante encaminhado à reunião pelo mentor pode não ser um luminar da Espiritualidade Maior, e sim um companheiro recém-convertido à Verdade, disposto a relatar as próprias experiências, quase sempre esmalçadas de lembranças dolorosas, ocorrência essa que se verifica objetivando-se o conforto ou a edificação. De qualquer modo, a palavra do visitante espiritual, pelo médium, deve ser ouvida com o respeito máximo, procurando-se nela, acima de qualquer preceito gramatical, o sentido, a lógica, a significação e a diretriz. **56. Prece final.** A oração final, proferida pelo dirigente

da reunião, obedecerá à concisão e à simplicidade. **57. Encerramento.** Terminada a prece final, o diretor, com uma frase breve, dará a reunião por encerrada e fará no recinto a luz plena. Vale esclarecer que a reunião pode terminar antes do prazo de duas horas, a contar da prece inicial, evitando-se exceder esse limite de tempo.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 51 a 57)

“58. Conversação posterior à reunião. Claro que, terminada a reunião, se sintam os integrantes da equipe inclinados a entrelaçar pensamentos e palavras na conversação construtiva, porquanto, se a alegria da obrigação cumprida não lhes marca o íntimo, algo existe na equipe a ser necessariamente retificado. Euforia de confraternização, reconforto do dever nobremente atendido. Não raro, surge a oportunidade da prosa afetiva em torno de um café ou enquanto se espera condução. Falemos, cultivando bondade e otimismo. Importante que a palestra não descambe para qualquer expressão negativa. Se um dos desencarnados sofrendores emitiu conceitos menos felizes, ou se um dos médiuns em ação não conseguiu desincumbir-se corretamente das atribuições que lhe foram conferidas em serviço, evitem-se com empenho reprovações, críticas, motejos, sarcasmos. Compreendamos que uma equipe para a desobsessão se desenvolve e se aperfeiçoa com serviço e tempo, como qualquer outra empresa produtiva, e algum comentário desairoso, destacando deficiências e males, constitui prejuízo na obra do progresso e na consolidação do bem. **59. Reouvindo a mensagem.** Ainda no recinto ou nos dias subsequentes, é aconselhável que os lidadores da desobsessão, quando seja necessário, reouçam a mensagem educativa, obtida na fase terminal das tarefas, caso haja sido gravada. Procurar – repitamos – nas frases do comunicante a essência e a orientação. Por outro lado, abster-se do impulso da divulgação, sem estudo. Cabe refletir que as primeiras instruções para a criatura reencarnada se verificam no plano doméstico. A criatura humana recebe dos pais e dos instrutores do lar conselhos e indicações inesquecíveis, mas, por isso, nem todos podem ser encaminhados às tipografias para o trabalho publicitário. Ninguém se lembrará de enviar uma advertência maternal qualquer para a imprensa, conquanto um aviso de mãe seja sempre uma peça preciosa para os filhos a que se destine. O dirigente, na hipótese da recepção de mensagens destinadas à propagação, precisará joeirá-las em rigorosa triagem, solicitando, para esse fim, o concurso de companheiros habituados às lides culturais e doutrinárias, com autoridade bastante para emitir opiniões, verificando, igualmente, se as instruções obtidas não coincidem, na forma literal, com essa ou aquela página espírita, mediúnica ou não, já consagrada na leitura comum, embora o fundo moral seja respeitável. **60. Estudo construtivo das passividades.** É interessante

que dirigente, assessores, médiuns psicofônicos e integrantes da equipe, finda a reunião, analisem, sempre que possível, as comunicações havidas, indicando-se para exame proveitoso os pontos vulneráveis dessa ou daquela transmissão. As observações fraternas e desapaixonadas, nesse sentido, alertarão os companheiros da mediunidade quanto a senões que precisem evitar e recordarão aos encarregados do esclarecimento pequenas inconveniências de atitude ou palavra nas quais não devem reincidir. De semelhante providência, efetuada com o apreço recíproco que necessitamos sustentar uns para com os outros, resultará que todos os componentes da reunião se investirão, por si mesmos, na responsabilidade que nos cabe manter no estudo constante para a eficiência do grupo. Se os médiuns esclarecedores julgarem conveniente a atenção desse ou daquele médium psicofônico em determinado tema de serviço espiritual, chamá-lo-ão a entendimento particular, evitando-se a formação de suscetibilidades, salientando-se que os próprios médiuns psicofônicos, se libertos de teias obsessivas, são os primeiros a se regozijarem com o exame sincero do esforço que apresentam. **61. Saída dos companheiros.** A saída dos companheiros realizar-se-á nos moldes da discrição seguidos na entrada. Evitar-se-ão gritos, gargalhadas, referências maliciosas, anedotário picante. O serviço da desobsessão reclama a tranquilidade e o respeito que se deve a um sanatório de doenças mentais. Considerem os companheiros dessa sementeira de amor que estão sendo, muitas vezes, seguidos e observados por muitos enfermos desencarnados que lhes ouviram, com interesse, as exortações e os ensinamentos, no curso da reunião, e será contraproducente, além de indesejável, qualquer atitude ou comentário pelos quais os tarefeiros do socorro espiritual desmanchem, invigilantes, os valores morais que eles próprios construíram na consciência e no ânimo dos Espíritos beneficiados. **62. Comentários domésticos.** De volta a casa, convém que os servidores da desobsessão silenciem qualquer nota inconveniente acerca de transmissões, influências, fenômenos ou revelações havidas na reunião. Se os comunicantes se referirem a problemas infelizes, como sejam crimes, ofensas, mágoas ou faltas diversas, cabe-nos recordar que a obra da desobsessão, no fundo, é libertação das trevas de espírito e não existe libertação das sombras sem esquecimento do mal. Conversas acerca de quaisquer manifestações ou traços deprimentes do amparo espiritual efetuado estabelecem ímãs de atração, criando correntes mentais de ação e reação entre os comentaristas e os que se tornam objeto dos comentários em pauta, realidade essa que faz de todo desaconselháveis as referências sobre o mal, de vez que funcionam à maneira de bisturis visíveis, revolvendo inutilmente as chagas mentais dos enfermos desencarnados que

foram atendidos, arrancando-os do alívio em que estão mergulhados, para novas síndromes de angústia. Isto, porém, não impede que médiuns esclarecedores, médiuns psicofônicos e companheiros outros analisem determinadas passagens da palavra ou da presença das entidades sofredoras, em círculo íntimo, para estudo construtivo, com efeitos na edificação do bem, ao modo de especialistas num simpósio conduzido com discrição. **63. Assiduidade.** Assiduidade é lição que colhemos na escola da Natureza, todos os dias. Lavradores enriquecem os celeiros da Humanidade, confiando na pontualidade das estações. A desobsessão, para alcançar os objetivos libertadores e reconfortantes a que se propõe, solicita lealdade aos compromissos assumidos. Aprendamos, durante a semana, a remover os empecilhos que provavelmente nos visitarão no dia e na hora prefixados para o socorro espiritual aos desencarnados menos felizes. Observemos a folhinha, estejamos atentos às obrigações que os Benfeitores Espirituais depositam em nossas mãos e nas quais não devemos falhar. Muito natural que a ausência não justificada do companheiro a três reuniões consecutivas seja motivo para que se lhe promova a necessária substituição.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 58 a 63)

64. Benefícios da desobsessão. Erraríamos frontalmente se julgássemos que a desobsessão apenas auxilia os desencarnados que ainda pervagam nas sombras da mente. Semelhantes atividades beneficiam a eles, a nós, bem assim os que nos partilham a experiência quotidiana, seja em casa ou fora do reduto doméstico, e, ainda, os próprios lugares espaciais em que se desenvolve a nossa influência. Reuniões dedicadas à desobsessão constituem, bastas vezes, trabalho difícil, pois, em muitas circunstâncias, parece cair em monotonia desagradável, não só pela repetição frequente de manifestações análogas umas às outras, como também porque a elas comparecem, durante largo tempo, entidades cronicificadas em rebeldia e presunção. Isso, porém, não pode e não deve desencorajar os tarefeiros desse gênero de serviço, de vez que nenhum pesquisador encarnado na Terra está em condições de avaliar os benefícios resultantes da desobsessão quando está sendo corretamente praticada. Todos possuímos desafios de existências passadas, e, no estágio de evolução em que ainda respiramos, atraímos a presença de entidades menos evolucionadas, que se nos ajustam ao clima do pensamento, prejudicando, não raro, involuntariamente, as nossas disposições e possibilidades de aproveitamento da vida e do tempo. A desobsessão vive, desse modo, por remédio moral específico, arejando os caminhos mentais em que nos cabe agir, imunizando-nos contra os perigos da alienação e estabelecendo vantagens ocultas em nós, para nós e em torno de nós, numa extensão que, por enquanto, não somos capazes de calcular. Através dela,

desaparecem doenças-fantasmas, empecos obscuros, insucessos, além de obtermos com o seu apoio espiritual mais amplos horizontes ao entendimento da vida e recursos morais inapreciáveis para agir, diante do próximo, com desapego e compreensão. **65. Reuniões de médiuns esclarecedores.** Os médiuns esclarecedores não podem alhear-se do imperativo de entendimento recíproco e estudo constante em torno das atividades que lhes dizem respeito. Para isso, reunir-se-ão, periodicamente, ou quando lhes seja possível, para a troca de impressões, à luz da Doutrina Espírita, analisando tópicos do trabalho ou apresentando planos entre si com o objetivo de melhoria e aperfeiçoamento do grupo. Semelhantes reuniões são absolutamente necessárias para que se aparem determinadas arestas da máquina de ação e se ajustem providências a benefício das obras em andamento. Esses ajustes, à maneira de sodalícios doutrinários, constituem, ainda, meios de atuação segura e direta dos mentores espirituais do grupo para assumirem medidas ou plasmarem advertências, aconselháveis ao equilíbrio e ao rendimento do conjunto. Os médiuns esclarecedores não devem esquecer que, ao término de cada tarefa de desobsessão, quase sempre ficam indagações e temas de serviço que, com tempo e maturidade de raciocínio, merecem analisadas, a benefício geral. **66. Reuniões de estudos mediúnicos.** As reuniões de estudos mediúnicos, de ordem geral, no grupo, são necessárias. No curso delas, em dias e horários que não sejam os prefixados para a desobsessão, os esclarecedores e os companheiros ouvirão os mediúnicos da equipe, registrando-lhes as consultas e impressões, a fim de que os problemas suscitados pelas faculdades e indagações de cada um sejam solucionados à luz dos princípios espíritas conjugados ao Evangelho de Jesus. Aconselha-se-lhes o estudo metódico de “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, e todas as obras respeitáveis que se relacionem com a mediunidade. Os benfeitores desencarnados e os Espíritos familiares estudam sempre a fim de se tornarem mais úteis na obra da educação e do consolo junto da Humanidade Terrestre. É imprescindível que os lidadores encarnados estudem também. **67. Reuniões mediúnicas especiais.** Em determinadas circunstâncias, as reuniões mediúnicas podem surgir como sendo necessárias a fins determinados. Nessa hipótese, realizar-se-ão sem qualquer prejuízo para as reuniões habituais. Para que isso aconteça, porém, é claramente preciso que o mentor espiritual do agrupamento trace instruções especiais. Noutros casos, o próprio grupo, através do dirigente, proporá ao mentor espiritual a realização de reuniões dessa natureza para atender a equações de trabalho socorrista, consideradas de caráter urgente. **68. Visita a enfermo.** Algumas vezes, a equipe dedicada a desobsessões é chamada ao contato com

determinado enfermo, retido no próprio lar. Indiscutivelmente que a visita deve ser feita, havendo possibilidades para isso, aconselhando-se, porém, que o grupo se faça representar por uma comissão de companheiros junto ao doente. Essa comissão terá o cuidado de recolher o endereço do irmão necessitado, para que o grupo preste a ele a assistência possível. Na visita a qualquer doente, a equipe deve abster-se da ação mediúnica, diante dele, no que tange à doutrinação e ao socorro aos desencarnados sofredores, reservando-se semelhante tarefa para o recinto dedicado a esse mister. **69. Visita a hospital.** Um grupo dedicado ao trabalho da desobsessão é constantemente requestado à prestação de serviço. Em meio aos pedidos diversos de concurso e auxílio, aparecem as solicitações de visita a hospitais. Considerando a hipótese do atendimento, é importante que o conjunto de serviço se represente por irmãos do círculo habilitados a desincumbir-se da obrigação, de modo construtivo, isto é, mantendo no trato com o enfermo ou com os enfermos atitudes edificantes de reconforto, sem mostras de impressionabilidade doentia e sem manifestações mediúnicas extemporâneas, das quais, em tantos casos, se prevalecem os Espíritos conturbados para agravar sintomas e perturbações nos irmãos alienados ou doentes a que se vinculam em processos obsessivos. A comissão representativa do agrupamento anotará nomes e endereços dos visitados, para cooperação oportuna, dosando a ministração de conceitos em torno dos temas da obsessão, quando em conversa com os enfermos ainda desprovidos de conhecimento espírita, a fim de que a orientação curativa se lhes implante na mente, a pouco e pouco, de maneira segura. É imperioso observar que os médiuns psicofônicos auxiliarão com mais eficiência se puderem conhecer, de perto, os enfermos que lhes solicitam socorro, e os médiuns esclarecedores muito aproveitarão no trato com os estabelecimentos de cura mental, aprendendo a técnica de conversar com os Espíritos perturbados, no exemplo e na experiência dos enfermeiros dignos, junto aos doentes complexos. Urge também que o comando socorrista observe as normas vigentes na organização hospitalar visitada, comportando-se de tal modo que não lhe fira os princípios. **70. Culto do evangelho no lar.** Todo integrante de uma equipe de desobsessão precisa compreender a necessidade do culto do Evangelho no lar. Pelo menos, semanalmente, é aconselhável se reúna com os familiares ou com alguns parentes, capazes de entender a importância da iniciativa, em torno dos estudos da Doutrina Espírita, à luz do Evangelho do Cristo e sob a cobertura moral da oração. Além dos companheiros desencarnados que estacionam no lar ou nas adjacências dele, há outros irmãos já desenfaixados da veste física, principalmente os que remanescem das tarefas de enfermagem espiritual no

grupo, que recolhem amparo e ensinamento, consolação e alívio, da conversação espírita e da prece em casa. O culto do Evangelho no abrigo doméstico equivale a lâmpada acesa para todos os imperativos do apoio e do esclarecimento espiritual. **71. Culto da assistência.** Outro aspecto de serviço que os obreiros da desobsessão não podem olvidar, sem prejuízo, é a assistência aos necessitados. Entidades sofredoras ou transviadas, a quem se dirige a palavra instrutiva nas reuniões do agrupamento de socorro espiritual, acompanham, em muitos casos, aqueles mesmos que as exortam aos caminhos da paciência e da caridade, examinando-lhes os exemplos. A assistência aos necessitados, seja através do pão ou do agasalho, do auxílio financeiro ou do medicamento, do passe ou do ensinamento, em favor dos que atravessam provações mais difíceis que as nossas, não é somente um dever, mas também valioso curso de experiências e lições educativas para nós e para os outros. Nesse propósito, é impossível igualmente esquecer que os irmãos em revolta e desespero, que nos ouvem os apelos à regeneração e ao amor, não se transformam simplesmente à força de nossas palavras, mas, sobretudo, ao toque moral de nossas ações, quando as nossas ações se patenteariam de acordo com os nossos ensinamentos. **72. Estudos extras.** É forçoso que os seareiros da desobsessão não se circunscrevam, em matéria de atividade espírita, aos assuntos do grupo. A fim de enriquecerem o próprio grupo com valores necessários à educação coletiva e à renovação de cada companheiro, é imprescindível aceitem o estudo nobre, qualquer que ele seja, nos arraiais da Doutrina Espírita ou fora deles, para que progridam em discernimento e utilidade na obra de recuperação que lhes cabe, iluminando convicções e dissipando incertezas. Aprender sempre e saber mais é o lema de todo espírita que se consagra aos elevados princípios que abraça. E na faina da desobsessão é preciso entesouremos conhecimento e experiência, para que os instrutores Espirituais nos encontrem maleáveis e proveitosos na extensão do bem que nos propomos cultivar e desenvolver. **73. Formação de outras equipes.** O conjunto de colaboradores da desobsessão, por força do trabalho realizado, costuma dilatar-se, em número, gradativamente, mas não admitirá integrantes novos sem que esses integrantes demonstrem a preparação natural, a ser adquirida nas reuniões públicas de Doutrina Espírita. Baseado em “O Livro dos Médiuns” (item 332), ultrapassada a quota de quatorze partícipes do conjunto, o diretor da casa auxiliará os companheiros excedentes na formação de nova equipe que, temporariamente, pode agir e servir sob a orientação do agrupamento em que nasceu. O círculo novo contará, desse modo, com instruções sadias para consolidar-se, à maneira de aparelho consciente, cujas peças se ajustarão ao lugar

próprio, esparzindo frutos de fraternidade e esclarecimento no amparo efetivo aos que sofrem, porquanto o rendimento do serviço lhe é, em tudo, o fator básico. A obra redentora da desobsessão continuará, dessa forma, providencialmente garantida pelos corações decididos a trabalhar pelos companheiros mentalmente tombados em perturbação e conflitos, depois da morte, e pelos que, na Terra mesmo, padecem aflitivos processos de obsessão oculta ou declarada, para a supressão dos quais só o amor e a paciência dispõem de fortaleza e compreensão suficientes para sustentar a tarefa libertadora até ao fim. Isso porque a obsessão é flagelo geminado com a ignorância, e, se apenas a escola consegue dissipar as sombras da ignorância, somente a desobsessão poderá remover as trevas de espírito.” (AL, *Desobsessão*, Capítulos 64 a 73)

“**PROLUSÃO.** Tendo em vista o grave problema da obsessão, que aflige multidões e as infelicitas, o grupo que se afeiçoe a esse ministério de socorro a obsidiados e obsessores deve observar, pelo menos, os seguintes requisitos mínimos: **1) A equipe de trabalho.** Toda e qualquer tarefa, especialmente a que se destina ao socorro, exige equipe hábil, adredemente preparada para o ministério a que se dedica. O operário siderúrgico, a fim de poder executar o trabalho junto às fornalhas de alta temperatura, resguarda-se, objetivando a sobrevivência, e adentra-se, a benefício de resultados vantajosos. O tecelão preserva o aparelho respiratório com máscaras próprias e articula habilidades que desdobra, de modo a atender aos caprichos de padronagem, cor e confecção com os fios que lhe são entregues. O agricultor apreende os cuidados especiais de que necessitam o solo, a semente, a planta, a floração e o fruto, com o fito de recolher lucros no labor que enceta. O mestre, o cirurgião, o artista, o engenheiro, o expositor, o escrevente, todos os que exercem atividades, modestas ou não, se dedicam com carinho e especializam-se, adquirindo competência e distinção com o que se capacitam às compensações disso decorrentes. No que tange às tarefas da desobsessão, não menos relevantes são os valores e qualidades especiais exigíveis, para que se logre êxito. Nos primeiros casos, necessita-se de fatores materiais, intelectivos e artísticos, inerentes a cada indivíduo que se dedica ao mister, seguindo a linha vocacional que lhe é própria ou estimulado pelas vantagens imediatas, através das quais espera rendas e estipêndios materiais. No último caso, deve-se examinar a transcendência do material em uso — sutil, impalpável, incorpóreo — a começar desde a organização mediúnica até as expressões de caráter moral das Entidades comunicantes. A equipe que se dedica à desobsessão — e tal ministério somente é credor de fé, possuidor de valor, quando realizado em equipe, — que a seu turno se submete à orientação das Equipes Espirituais

Superiores — deve estribar-se numa série incontrovertida de itens, de cuja observância decorrem os resultados da tarefa a desenvolver. O “milagre” tão amplamente desejado é interpretação caótica e absurda de fatos coerentes, cuja mecânica escapa ao observador apressado. Não ocorre, portanto, uma vez que tudo transcorre sob a determinação de leis de superior textura e de sábia execução. Assim, faz-se imprescindível, na desobsessão, quando se pretende laborar em equipe: a) harmonia de conjunto, que se consegue pelo exercício da cordialidade entre os diversos membros que se conhecem e se ajudam na esfera do quotidiano; b) elevação de propósitos, sob cujo programa cada um se entrega, em regime de abnegação, às finalidades superiores da prática medianímica, do que decorrem os resultados de natureza espiritual, moral e física dos encarnados e dos desencarnados em socorro; c) conhecimento doutrinário, que capacita os médiuns e os doutrinadores, assistentes e participantes do grupo a uma perfeita identificação, mediante a qual se podem resolver os problemas e dificuldades que surgem, a cada instante, no exercício das tarefas desobsessivas; d) concentração, por meio de cujo comportamento se dilatam os registros dos instrumentos mediúnicos, facultando sintonia com os comunicantes, adredemente trazidos aos recintos próprios para a assistência espiritual; e) conduta moral sadia, em cujas bases estejam insculpidas as instruções evangélicas, de forma que as emanções psíquicas, sem miasmas infelizes, possam constituir plasma de sustentação daqueles que, em intercâmbio, necessitam dos valiosos recursos de vitalização para o êxito do tentame; f) equilíbrio interior dos médiuns e doutrinadores, uma vez que somente aqueles que se encontram com a saúde equilibrada estão capacitados para o trabalho em equipe. Pessoas nervosas, versáteis, susceptíveis, bem se depreende, são carecentes de auxílio, não se encontrando habilitadas para mais altas realizações, quais as que exigem recolhimento, paciência, afetividade, clima de prece, em esfera de lucidez mental. Não raro, em pleno serviço de socorro aos desencarnados, soam alarmes solicitando atendimento aos membros da esfera física, que se desequilibram facilmente, deixando-se anestesiarem pelos tóxicos do sono fisiológico ou pelas interferências da hipnose espiritual inferior, quando não derrapam pelos desvios mentais das conjecturas perniciosas a que se aclimataram e em que se comprazem. Alegam muitos colaboradores que experimentam dificuldades quando se dispõem à concentração. No entanto, fixam-se com facilidade surpreendente nos pensamentos depressivos, lascivos, vulgares, graças a uma natural acomodação a que se condicionam, como hábito irreversível e predisposição favorável. Parece-nos que, em tais casos, a dificuldade em concentrar-se se refere às ideias superiores, aos

pensamentos nobres, cujo tempo mental para estes reservado é constituído de pequenos períodos em que não conseguem criar um clima de adaptação e continuidade, suficientes para a elaboração de um estado natural de elevação espiritual; g) confiança, disposição física e moral, que são decorrentes da certeza de que os Espíritos, não obstante invisíveis para alguns, se encontram presentes, atuantes, a eles se vinculando, mentalmente, em intercâmbio psíquico eficiente, de cujos diálogos conseguem haurir estímulos e encorajamento para o trabalho em execução. Outrossim, as disposições físicas, mediante uma máquina orgânica sem sobrepeso de repastos de digestão difícil, relativamente repousada, pois não é possível manter-se uma equipe de trabalho dessa natureza, utilizando-se companheiros desgastados, sobre-carregados, em agitação; h) circunspeção, que não expressa catadura, mas responsabilidade, conscientização de labor, embora a face desanuviada, descontraída, cordial; i) médiuns adestrados, atenciosos, que não se facultem perturbar nem perturbem os demais membros do conjunto, o que significa adicionar, serem disciplinados, a fim de que a erupção de esgares, pancadas, gritarias não transforme o intercâmbio santificante em algaravia desconcertante e embaraçosa. Ter em mente que a psicofonia é sempre de ordem psíquica, mediante a concessão consciente* do médium (*Referimo-nos à lucidez da autodoação do médium para o intercâmbio e não à memória, velada ou não, durante o transe. Nota do Autor espiritual), através do seu perispírito, pelo qual o agente do além-túmulo consegue comunicar-se, o que oferece ao

sensitivo possibilidade de frear todo e qualquer abuso do paciente que o utiliza, especialmente quando este é portador de alucinações, desequilíbrios e descontroles de vária ordem, que devem, de logo, ser corrigidos ou pelo menos diminuídos, aplicando-se a terapêutica de reeducação; j) lucidez do preposto para os diálogos, cujo campo mental harmonizado deve oferecer possibilidades de fácil comunicação com os Instrutores Desencarnados, a fim de cooperar eficazmente com o programa em pauta, evitando discussão infrutífera, controvérsia irrelevante, debate dispensável ou informação precipitada e maléfica ao atormentado que ignora o transe grave de que é vítima, em cujas teias dormita semi-hebetado, apesar da ferocidade que demonstre ou da agressividade de que se revista; k) pontualidade, a fim de que todos os membros possam ler e comentar em esfera de conversação edificante, com que se desencharcam dos tóxicos físicos e psíquicos que carregam, em consequência das atividades normais; e procurarem todos, como leciona Allan Kardec, ser cada dia melhor do que no anterior, e de cujo esforço se credenciam a maior campo de sintonia elevada, com méritos para si próprios e para o trabalho no qual se empenham... Claro está que não exaramos aqui todas as cláusulas exigíveis a uma tarefa superior de desobsessão, todavia, a sincera e honesta observância destas dará qualidade ao esforço envidado, numa tentativa de cooperação com o Plano Espiritual interessado na libertação do homem, que ainda se demora atado às rédeas da retaguarda, em lento processo de renovação.” (MPM, *Gri-lhões partidos*, Prolusão)



Volume I

Religiosidade segundo o Espiritismo

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

Allan Kardec. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013a. 526 p.

Allan Kardec. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

André Luiz (Espírito). *Ação e reação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

André Luiz (Espírito). *Desobsessão*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

André Luiz (Espírito). *E a vida continua...* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1968.

André Luiz (Espírito). *Entre a terra e o céu*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

André Luiz (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

André Luiz (Espírito). *Libertação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

André Luiz (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1960.

André Luiz (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

André Luiz (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1947.

André Luiz (Espírito). *Nos domínios da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1955.

André Luiz (Espírito). *Nosso lar*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

André Luiz (Espírito). *Obreiros da vida eterna*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1946.

André Luiz (Espírito). *Os mensageiros*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

André Luiz (Espírito). *Sexo e destino*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

Bezerra de Menezes (Espírito). *Dramas da obsessão*. Psicografado por Yvonne do Amaral Pereira. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

Emmanuel (Espírito). *A caminho da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

Emmanuel (Espírito). *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

Emmanuel (Espírito). *O consolador*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1941.

Emmanuel (Espírito). *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

Joanna de Ângelis (Espírito). *Estudos espíritas*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

Joanna de Ângelis (Espírito). *O homem integral*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Amanhecer de uma nova era*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Entre os dois mundos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Grilhões partidos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1974.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Loucura e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Mediunidade: desafios e bênçãos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nas fronteiras da loucura*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1982.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nos bastidores da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1970.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Painéis da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1984.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Perturbações espirituais*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2015.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Reencontro com a vida*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Sexo e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2003.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Temas da vida e da morte*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tormentos da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2001.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tramas do destino*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transição planetária*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2010.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2009.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Trilhas de libertação*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996.